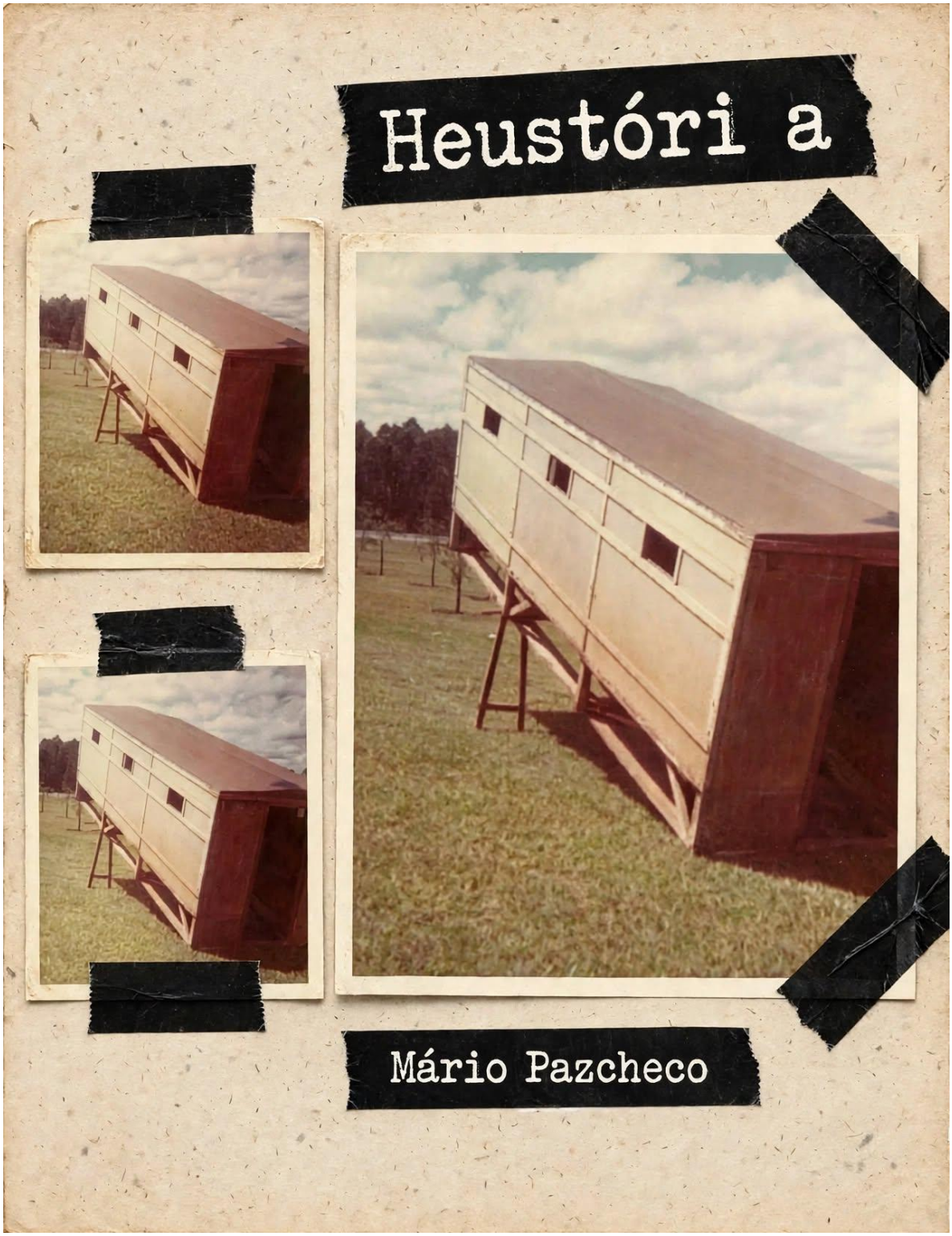
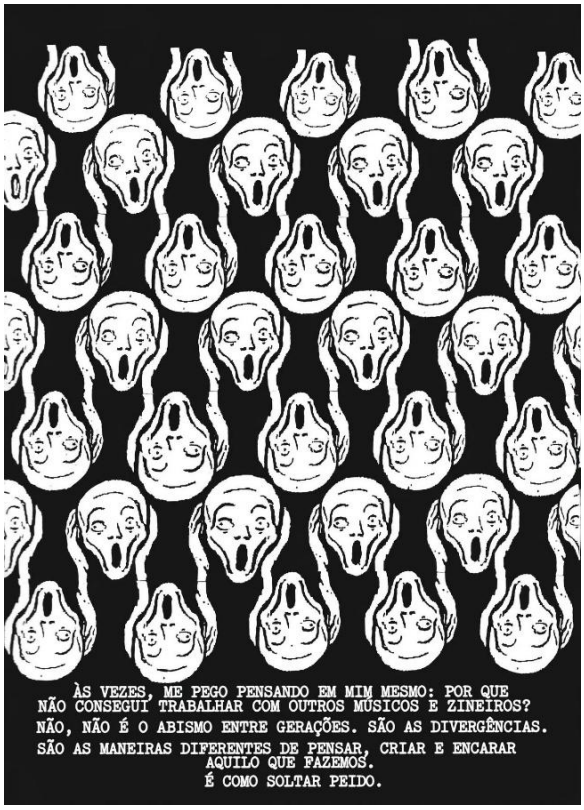


A vida é uma coleção de atos tolos, gestos tortos e escolhas duvidosas — alguns por impulso, outros por teimosia.



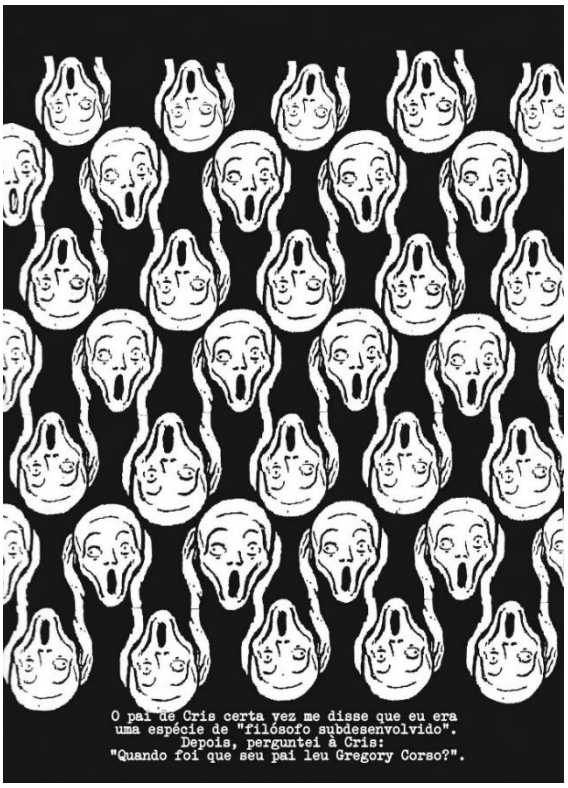
HEUSTÓRIA DESREGRADA

Fragmentos de uma vida fora de catálogo (1913–2026)

Subliteratura sem censura, explícita até a última palavra.

Você é um difusor da arte diferente – aquela que, por vezes, confundimos com a arte de resistência. Mas o seu trabalho é, de fato, de resistência.

Sandro Alves Silveira



PARTE I – ORIGENS: O CHÃO QUE NOS FEZ

Do Rochdale ao Tietê, a infância

RÚSSIA, 1913 – MEMÓRIAS DE SAMOEL IOLOVITCH

DO JARDIM ROCHDALE - 1974 - Copa da Alemanha, gibis

1975 - MEMÓRIAS FURADAS DE UM ROCKEIRO LOUCO

DO SUL DE TAGUATINGA PARA O DI (DEPARTAMENTO DE IMOBILIÁRIA DA NOVACAP) - 1976

A CIDADE MAIS BONITA - Glauber Rocha em Brasília

SAMUEL RAWET – UMA HOMENAGEM + TRIO & A LINHA - SAMUEL RAWET - Dois contos - março de 1976

PARTE II – TRAVESSIAS: O CAMINHO ENTRE

Taguatinga, QNJ, QNA, o transporte, o calote

QNJ - Voltava a pé do CTN

AS ZoORIGENS DE DO PRÓPRIO BOL$O - Vila Tenório / IAPI / Morro do Urubu

CALOTE DE PASSAGEM DE QUANDO O ROCK BRASÍLIA NEM EXISTIA – O PIOR CALOTE DO MUNDO ERA AO MEIO-DIA NA W3 SUL

1978, NOVEMBRO

HOMENS BEBEM CERVEJA NO COVIL DA ESPERANÇA - 1979

DEPOIS DAS CHUVAS

O MEU PRIMEIRO EMBATE COM O SISTEMA

10 de agosto - Rockonha - O Piquenique - "NEM TIVERAM TEMPO DE ESVAZIAR UMA GARRAFA ANTES DO BOTE"



CAVERN CLUB DE SÃO PAULO AGITA BEATLEMANÍACOS

BEATLES CAVERN CLUB

O I Encontro dos Beatlemaníacos, promovido pelo Beatles Cavern Club de São Paulo, foi um sucesso louco! Mais de 150 fãs, vindos de todos os pontos do Estado, reuniram-se no último sábado de novembro para curtir discos, posters, livros, fotos, filmes (inclusive o inédito *Magical Mistery Tour*) e dançar durante quatro horas ao som dos quatro cabeludos ingleses. A loucura foi tanta que Marco Antonio Mallagoli, um dos organizadores, diz que para o próximo Encontro vai batalhar um salão para 2.000 pessoas. Se você é beatlemaniaco, escreva para a caixa postal 16.449, Casa Verde, SP.

Fundado há um ano e meio (no dia do aniversário de John Lennon: 9 de outubro), o Beatles Cavern Club já tem mais de 500 sócios em todo o Brasil. E publica um jornalzinho com notícias sobre os Beatles que é o maior barato!

Maria da Conceição

Beatles outra vez

PARTE III — FRAGMENTOS: O QUE SOBROU NAS GAVETAS

Censura, Aborto Elétrico, zines

A PISTOLA, AS MULTAS E AS ALGEMAS - 1982

ONDE É QUE ESTÁ O MEU EXTINTOR DE INCÊNDIO? - 1983

CHÁ DO DIABO - 1983

1978 - ABORTO ELÉTRICO E O TRIBUTO DO CAPITAL INICIAL (2005): A HISTÓRIA POR TRÁS DE "LOVE SONG ONE"

1981 — OS DOIS LADOS DE RENATO: ENTRE A HEROÍNA E A QUÍMICA

BLUES DE DOIDO + NO GAMA CITY - O CANTO DO CISNE

1992 - FRAGMENTOS DE SABONETE - "Na verdade, minha história com o Mário começa em outubro de 1992..."

1995 - Do Próprio Bol$o é uma corruptela de Do It Yourself

1998 - Terno Elétrico Liga A Tomada - QE 40

1999 - LIDANDO COM AS FERAS: MÚSICOS, ESTÚDIOS E GRAVADORAS

2004 — 16 DE JULHO — O GLAMOUR ATEMPORAL DAS POLAROIDS

2005 - Gatos: Mira Alves

PARTE IV — PRESENÇAS: QUEM FICA QUANDO VAI

O Conic, Paulo Iolovitch, Zéantônio

O CONIC 40 - Data: 26-8-2011 - "ALEGRIA DA BAHIA"

O CONIC 51, 55, 61, 63, 68, 70, 73 - 2011 - Série completa de colagens do Paulo Iolovitch

2003 - OUTUBRO - Iolovitch tinha razão... - Keith Haring / Andy Warhol

2008 - NUNCA HAVERÁ ALGUÉM COMO ZÉANTÔNIO

2011 — DEZEMBRO- FUMACONHA AO MEIO-DIA

ORELHÃO - 109 SUL, 23h47 - Na porta do Beirute - Kaffagérson

1989 - Vixi! - A gente se conheceu em 1989, na casa que o professor Cafu alugava na QE 32

PARTE V — REMINISCÊNCIAS: O QUE ESCOLHO LEVAR

QUE A ARQUITETURA TENHA LOUCURA - Louco de novo: antes que fôssemos tão rudemente interrompidos - Ruby, Ruby

DO PRÓPRIO BOL$O — 33 anos de insubmissão, criatividade e bolo próprio

2018 - 21 de janeiro - AS COISAS ACONTECIAM À NOITE E AGORA ACONTECEM DE DIA

A FÚRIA TEM NOME - 4 de dezembro

O CULTO AOS LPs DAS 12 FAIXAS

REVELAÇÕES - Quando terminei Aventura sem Dublê, andava com medo do diabo

Crônicas moribundas do r'n'r - 28 de dezembro de 1982



A AGREMIAÇÃO DAS PALAVRAS INTERDITAS

Esta agremiação não nasceu para enfeitar o vocabulário nem pedir licença à gramática dos bons costumes. Reúne palavras da língua falada — palavrões, expressões sexuais, ofensas, exclamações e manifestações do corpo — que a civilização costuma empurrar para debaixo do tapete.

Böceta, buceta, caralho, cona, cu, ereção, foda, foda-se, foder, língua, merda, pau, pau no cu, peido, pica, porra, PQP!, punheta, puta, puta($), rola, sexo, testículo e xoxota não estão reunidos apenas pelo significado, mas pelo que provocam. Podem expressar desejo, raiva, intimidade, desprezo, humor ou inconformismo. O sentido depende de quem fala, de quem escuta e da situação.

Colagem e zine ampliam o campo de leitura. A primeira reúne fragmentos e elementos heterogêneos; o segundo evoca a publicação independente, o faça-você-mesmo e a circulação de ideias à margem dos circuitos convencionais. Ambos situam esta agremiação no território da experimentação e da cultura independente.

Heustória é uma grafia deliberadamente insólita: um jogo com a palavra história e com a instabilidade da memória e da escrita. Não se trata de corrigir a forma, mas de assumir a invenção que dá nome ao livro. As grafias böceta e buceta convivem por escolha. Uma produz estranhamento visual; a outra corresponde à forma corrente. Em puta($), o cifrão interfere na palavra e sugere uma leitura econômica, mercantil ou irônica. A escrita também pode provocar pelo desenho.

A língua não é feita apenas das palavras que podem ser pronunciadas em público sem causar desconforto. Também revela hierarquias, preconceitos, relações de poder, desejos, agressões e intimidades. O palavrão pode ferir ou libertar, humilhar ou produzir humor. Seu efeito depende do contexto.

A justaposição não transforma cada termo em manifesto nem exige que o leitor descubra uma mensagem secreta. As palavras se chocam, se aproximam e se contradizem. Algumas são cruas, outras cômicas, corporais ou gráficas. Juntas, formam um inventário da linguagem e de uma cultura que também se expressa pelo que é considerado impróprio.

O leitor não precisa gostar dessas palavras nem adotá-las. Basta reconhecer que sua presença é uma escolha de linguagem. Expor aquilo que costuma ser escondido também pode ser um gesto literário.

Em Heustória, o vocabulário não precisa ser elegante, dócil ou edificante. Está a serviço da experiência da escrita. A intenção não é chocar por obrigação, mas impedir que o medo do choque determine o que pode ser escrito.

A língua deixa vestígios até naquilo que a sociedade tenta apagar. E certas reminiscências não chegam perfumadas: falam grosso, riem alto, mostram os dentes e mandam a compostura às favas.

Artes visuais











O Conic 32 : "Via Sexy Caminho Do Prazer"

DJ Oliveira (1932–2005)

Dirso José de Oliveira · Pintor, gravador e muralista

Nascido em Bragança Paulista, São Paulo, mudou-se para Goiânia em 1956. Trabalhou com pintura, gravura, murais e cenografia, além de lecionar na Escola Goiana de Belas Artes e na antiga Universidade Católica de Goiás.

Na história das artes visuais do Centro-Oeste, com repercussões também em Brasília, DJ Oliveira ocupa um lugar de grande importância, embora sua trajetória tenha se desenvolvido principalmente em Goiás.

Pintor, gravador, muralista, cenógrafo, figurinista e professor, deixou uma produção que atravessa as artes plásticas, a arte pública e o ensino.

Detalhes de painéis de DJ Oliveira perdidos na história da construção de Brasília

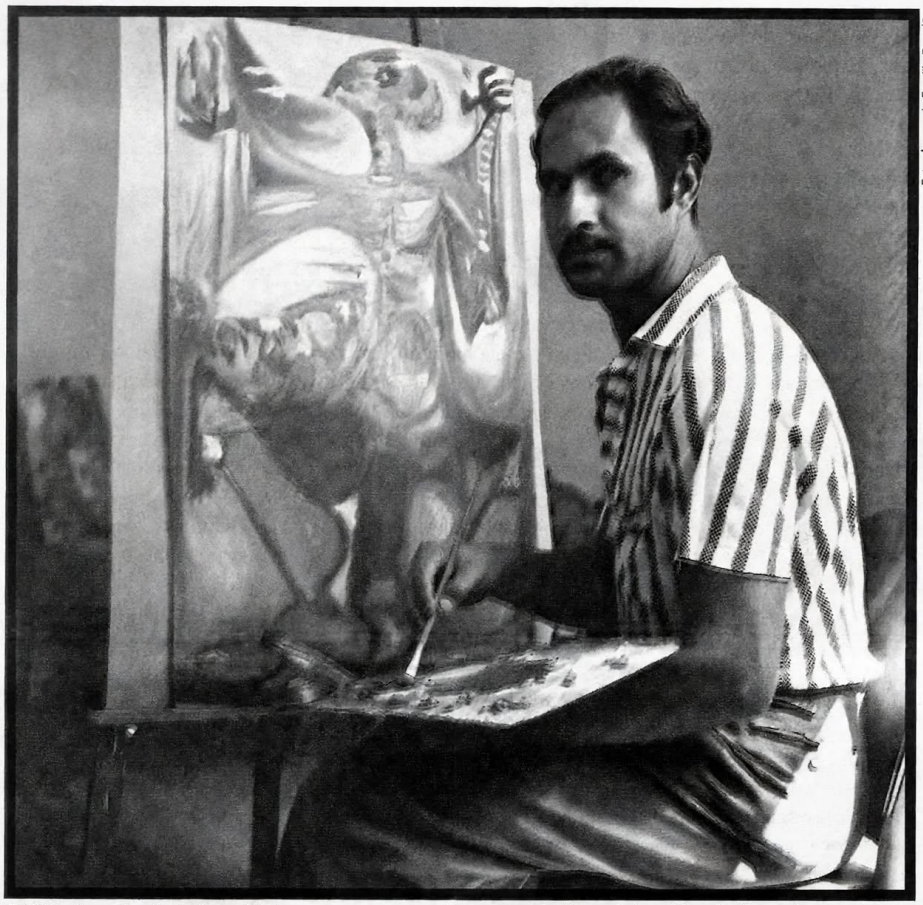
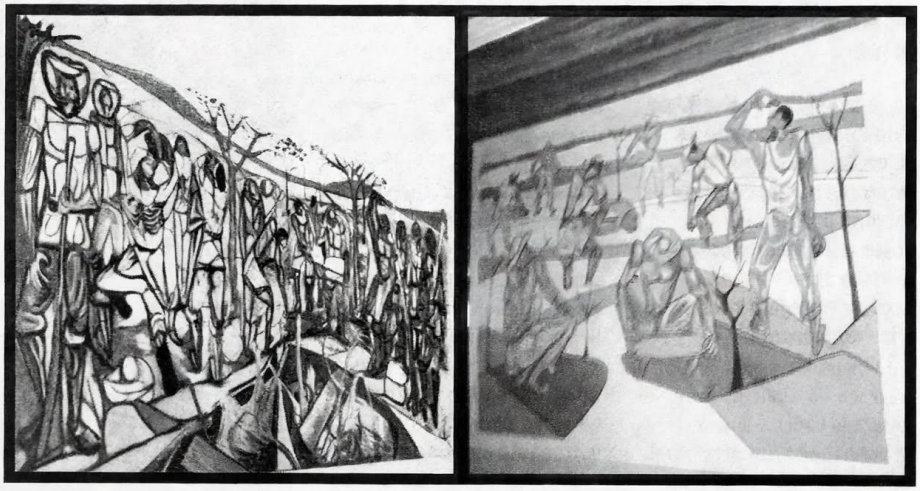


Foto: Acervo da Família Brandão

DJ Oliveira: primeiro artista plástico a retratar a saga da construção da capital no Planalto Central



11

RÚSSIA, 1913

MEMÓRIAS DE SAMOEL IOLOVITCH

As raízes familiares de Paulo Iolovitch

Zagradowka, o nome da aldeia onde nasci, foi em 11 de março de 1904.

Meu pai era comerciante em pequena escala. Éramos cinco filhos homens. O mais velho, de nome Leão, tinha dez anos. Eu, Samoel, tinha oito. Marcos, que se tornaria advogado e escritor, tinha seis. David, cinco, e Gutman, três.

Meu pai não gostava da vida comercial. Preferia ser colono e ganhar a vida honestamente com seu próprio suor. Aguardava que surgisse, um dia, algum país novo que oferecesse terras, convocando imigrantes.

E isso aconteceu no decorrer do ano de 1913, quando recebeu um folheto colorido, cuja capa, com uma estampa convidativa, mostrava gado pastando em um campo verdejante. Os campos do Brasil. O folheto fora enviado pela ICA – Colonização do Brasil.

Meu pai aguardava que viesse algum emissário com a finalidade de fazer uma explanação a respeito do assunto.

Meu pai vivia preocupado, pois os filhos eram todos homens e, ao alcançar a maioridade, de acordo com as leis do país onde vivíamos, seríamos convocados a servir o Exército pelo período de três anos.

Era o tempo do czar Nicolau, tempo dos cossacos e dos mujiques. Época tenebrosa dos pogroms – palavra que significava perseguição aos judeus.

Nós éramos judeus.

Esse era o principal motivo dos temores de meu pai e da ansiedade com que aguardava a oportunidade de abandonarmos a terra do servilismo.

1962, fevereiro

Depois de abandonar o emprego de publicitário em Porto Alegre, o pintor Paulo Iolovitch passa uma temporada no Rio de Janeiro e chega a Brasília, aos 26 anos. Vinha atrás de uma paixão. Na nova capital, consegue emprego como cameraman no Canal 6.





Menina de guarda-chuva e saia. Texto: "Criança Não Verás Nenhum País Como Este" - referência a Olavo Bilac.

14

Reacendendo a memória
"Não Pague Pelas Memórias, Elas Virão de Graça"

Jornadas lustra-móveis lustram superfícies sedimentares tanto mais quanto rolês elementares de bicicleta clicam o brilho das mentes e, refrescantemente, reacendem a memória.

Cada vez mais estou convencido de que somos um compêndio de heustórias absurdas e loucas. E vou me dando conta de que rumamos, como o Titanic, em busca do iceberg definitivo.. Pode também transparecer que eu esteja deprimido. Não deixem as pressões exteriores abalarem a vossa dor dente...

6 — DC — Sexta-feira, 3 de Julho de 1964

Autor explica quadro que ganhou o prêmio

Paulo Iolovitch, o jovem pintor de Brasília que, pelo seu trabalho "Brasília 64", mereceu o prêmio "Senado Federal", no valor de 200 mil cruzeiros, no I Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, o artista mais discutido, e seu quadro o mais polêmico.

Muitas pessoas ficaram surpreendidas com o destaque e prêmio dado ao quadro pelo júri. Consideram-no totalmente imerecido. Outros não fizeram tantas restrições, todavia, ficaram sem saber o significado exato da distinção. A verdade entretanto é que os julgadores deram o prêmio e justificaram, afirmando que era um trabalho que comportava uma série de pesquisas na arte moderna, pois a sua fôrça de expressão independia do tema preconcebido e valia pela significação essencialmente plástica.

MATÉRIA DISCUTIDA

Houve mesmo quem tivesse a impressão que o artista queria "gozar" o júri, porque não enxergava no trabalho nenhum mérito. Arte, porém, é matéria muito discutida, especialmente a arte moderna. Há quem se deleite com uma pintura, com uma escultura ou gravura da escola moderna, assim como há quem as deteste. E' problema de cada um, sem influência no trabalho de cada artista moderno.

Paulo Iolovitch explica seu trabalho como sendo uma explosão criadora que vinha alimentando há muito tempo, de criar êsses materiais velhos de construção, que em si já possuem uma certa forma pictórica ou escultórica, que, dispostos em harmonia e tratados tecnicamente, tomam um nôvo aspecto que vem a ser a obra de arte.

No caso específico do "Brasília 64", explica paulo Iolovitch, "não sendo figurativo, transmite apenas uma composição no qual o maior valor ainda reside no colorido, não devendo ser o quadro visto em seus detalhes, porque daí a espectador perderá a noção de conjunto e enxergará apenas os materiais usados — vassoura, pedaço de madeira etc., daí o motivo de muitos criticarem o trabalho, atribuindo-me intenções que não alimentava.

"Na realidade essas obras mantêm um diálogo intelectual com o espectador, por que com mais objetividade êle vai se aprofundando no pensamento do artista. Já numa pintura, a óleo, e principalmente figurativa, o espectador verá o tema e não se perderá nos detalhes, na técnica. Na pintura abstrata também aconteceu o mesmo fenômeno, fenômeno de observar-se apenas a pincelada, a côr, e pela inexistência de tema, perder o senso de unidade contido na obra.

"No meu trabalho o choque é maior ainda porque foi empregado material comum, usado, colhido aqui e ali, sem valor mercantil, porém de grande valia plástica. O leigo não sentiu a mesma reação que o Júri. Ficou chocado dro, enquanto que os julgadores, mais acostumados a essa espécie de trabalho, não se importaram com a qualidade do material e se fixaram no conjunto e na técnica, no trabalho artístico.

NOVAS

Paulo Iolovitch concorreu com 3 trabalhos ao I Salão de Arte Moderna de Brasília. Viu dois dêles rejeitados pelo Júri de seleção, e na sua honestidade, disse que não seria surprêsa se tivessem rejeitado todos. Os quadros foram feitos porque tinham que ser feitos, era uma explosão crindora que vinha germinando há muito tempo. Assim como já tivera manifestações artísticas aproveitando-se das raízes retorcidas das árvores do Planalto Central, aquêle trabalho classificado como "esculto-pintura" jamais deixaria de ser feito.

Paulo Iolovitch que já vendeu seixos pintados, com motivos abstratos e figurativos de Brasília, que já compôs suas telas, expostas uma vez pela TV-Brasília, agora se sente capaz de traduzir artisticamente a paisagem urbana de Brasília. Paulo Iolovitch vai transmitir, com tintas, sua apreciação, seu modo de ver e sentir essa arquitetura que seu amadurecimento lhe deu novas concepções.



Família Pacheco & Rosa

Avelino Ferreira Lopes — Laudelino Santos Rosa
Maria Pacheco Lopes — Julia Ferreira Lopes

Têm o prazer de participar V. S. e Exma. Familia
o enlace matrimonial de seus filhos

Lourdes e Ivan

a realizar-se no dia 28 de Março de 1963, às 17,45 hrs.
na Igreja Bom Jesus Matriz de Anapoles - Goiais

Av. Dr. Bernardo Saião s/n
Ceres - Goiais

Rua Treis, 5
Osasco

16

Chezmarie Modas Ltda.

Confecções e Alta-Costura

AV. W/3 Q. 505 BL. C
ENTRADA 19 SALA "A"

FONE: 43-8339
BRASÍLIA DF.

MALHARIA CACIQUE

Tel.: 2 438421 Pedido nº. 4841

Nome ..... T C F

Tel.: 20

Preço total 140,-

Sinal 50,00

Descrição ..... Jaqueta preta

ENTREGA DE ENCOMENDAS

Das 8:00 às 12:30 e 13:30

Sáb. das 8:00 às 12:00 horas



QUEM FOI MAILÚ? - A da ponta esquerda



Mailú era o nome artístico de Maria Luiza dos Remédios, uma das manequins mais famosas da Rhodia.

O nome foi criado pela própria empresa: a Rhodia costumava atribuir nomes mais sonoros às modelos de suas campanhas publicitárias. Mailú fazia parte do trio mais célebre da casa nos **anos 1960**, ao lado de Mila Moreira (Marilda Moreira) e Ully Duwe. As três viraram o rosto-símbolo da moda brasileira moderna.

Há uma divergência interessante sobre sua origem, que diz muito sobre como a Rhodia construía sua ideia de brasilidade: uma pesquisa acadêmica registra Mailú como portuguesa de Goa. Outra afirma que ela tinha aparência oriental e teria nascido na China e sido registrada como portuguesa. A empresa usava justamente essa mistura para vender uma brasilidade cosmopolita e étnica.

Trajetória:

1964–1970: integrou o grupo fixo de manequins da Rhodia. Desfilou nos grandes desfiles-espetáculo da Fenit e nas campanhas da "Brazilian Look" - como esta daqui, “Verão 63/64”, fotografada nos gramados do Palácio do Planalto, em Brasília.

Era, ao lado de Mila, a modelo mais reconhecida pelo público.

Depois do fim do grupo, a carreira ficou prejudicada justamente por ter a imagem muito associada à Rhodia.

Anos 1970: deu aulas em escolas de modelos em São Paulo.

Anos 1980: abandonou a profissão para se dedicar à família.

Na foto, é a que olha para trás enquanto as outras olham para a frente., de azul-claro, com as costas abertas - o corte mais ousado da coleção, com o sol mandálico nas costas. A que olha para trás enquanto as outras olham para frente.


Cr$ 400
Visão
Revista semanal — 27 de agôsto de 1965
PODER CONSTITUINTE EM AÇÃO
(p. 18)

1973: ODETTE ERNEST DIAS E O GEMUNB – A FLAUTA NA VANGUARDA MUSICAL DE BRASÍLIA

Conversinha Interessante

Nota: O diálogo a seguir registra uma conversa entre Jorge Antunes e o ChatGPT sobre a participação de Odette Ernest Dias na música erudita de vanguarda. A primeira resposta da ferramenta desconsidera sua ligação com o GeMUnB. Confrontado por Jorge, o ChatGPT reconhece o erro e reformula sua avaliação. A conversa foi preservada como registro desse equívoco e de sua correção. As afirmações históricas apresentadas pela ferramenta, contudo, devem ser consideradas à luz da documentação sobre o grupo e seus integrantes.

Jorge Antunes: Odette Ernest Dias contribuiu de alguma forma para a prática e a divulgação da música erudita de vanguarda?

ChatGPT: Pelas informações que considerei inicialmente, Odette Ernest Dias não aparecia como alguém diretamente envolvido na prática ou na divulgação da música erudita de vanguarda, entendida aqui como repertório experimental, rupturista ou ligado à pesquisa musical contemporânea. Sua carreira era apresentada sobretudo por outros aspectos de sua atuação.

Entre suas principais atividades, destacam-se:

- **Flautista e intérprete:** construiu uma sólida carreira como solista e integrante de orquestras, interpretando repertórios que incluem obras de Villa-Lobos, Bach e outros compositores.
- **Professora e formadora de músicos:** lecionou na Universidade de Brasília (UnB) e influenciou gerações de instrumentistas, especialmente flautistas.
- **Intérprete da música clássica e brasileira:** sua trajetória inclui desde o repertório erudito tradicional até a música brasileira, com destaque para o diálogo com o choro.
- **Participação em eventos contemporâneos:** há registro de sua presença em um Festival de Música Contemporânea em Buenos Aires, em 1998. Essa participação, isoladamente, porém, não seria suficiente para caracterizar um papel central na vanguarda musical.

A música de vanguarda costuma envolver práticas experimentais e rupturas estéticas, como as associadas a compositores como Stockhausen e John Cage. Naquela avaliação inicial, não considerei haver evidências suficientes de que Odette Ernest Dias tivesse sido protagonista ou divulgadora desse movimento.

Conclusão: Odette Ernest Dias teve grande importância como flautista, educadora e intérprete da música clássica e brasileira. Entretanto, minha primeira avaliação não identificou uma participação significativa sua na prática ou na divulgação da música erudita de vanguarda.

Jorge Antunes: Mas ela não integrou o GeMUnB?

ChatGPT: Sim. **Odette Ernest Dias integrou o GeMUnB – Grupo de Experimentação Musical da Universidade de Brasília**, um dos importantes coletivos de música contemporânea e experimental do Brasil nos anos 1970.

Idealizado no início daquela década, na Universidade de Brasília, o GeMUnB tinha como foco a execução, a pesquisa e a experimentação de repertórios contemporâneos e

de vanguarda. O grupo trabalhava com obras que exploravam música eletroacústica, sonoridades expandidas e diferentes procedimentos experimentais.

Odette Ernest Dias participou como intérprete de flauta e flautim, ao lado de outros instrumentistas envolvidos com práticas musicais inovadoras no ambiente universitário de Brasília.

A importância do GeMUnB

O grupo se destacou por:

- apresentar repertório contemporâneo pouco conhecido no país;
- integrar eletrônica ao vivo e experimentação sonora;
- explorar procedimentos musicais inovadores;
- realizar atividades de circulação e divulgação da música experimental, incluindo apresentações internacionais.

Essas atividades colocam o GeMUnB entre os grupos universitários que contribuíram para a difusão da música erudita de vanguarda no Brasil.

Conclusão: Sim, Odette Ernest Dias participou do GeMUnB, contribuindo com sua atuação como flautista para um grupo dedicado à música contemporânea e experimental. Sua participação representa uma ligação concreta com a prática e a divulgação da música erudita de vanguarda no contexto brasileiro da época.

Jorge Antunes: Então por que você disse, antes, que ela não é conhecida por ter atuado diretamente na prática ou divulgação da música erudita de vanguarda?

ChatGPT: Você tem razão em apontar a contradição. Minha primeira resposta estava errada. Vou explicar.

1. Falha de enquadramento

Na resposta inicial, tratei a trajetória de Odette Ernest Dias de maneira genérica, enfatizando sua carreira mais conhecida como flautista de repertório erudito tradicional, intérprete de música brasileira e professora.

Ao fazer isso, deixei de considerar um recorte histórico específico e decisivo: sua participação no GeMUnB, núcleo importante da música experimental na Universidade de Brasília.

2. Subestimação da importância do GeMUnB

O GeMUnB não foi um episódio lateral ou irrelevante. Foi um grupo estruturante da prática experimental na UnB, atuando na execução, na pesquisa e na divulgação de música contemporânea, com procedimentos estendidos, aleatoriedade, novas grafias e eletrônica.

O grupo esteve diretamente ligado à minha atuação e liderança como compositor e pesquisador da vanguarda brasileira.

Portanto, qualquer integrante ativo do GeMUnB — especialmente os instrumentistas que tornavam executáveis essas obras — participou efetivamente da prática e da divulgação da música de vanguarda.

Correção explícita da afirmação anterior

A formulação correta teria sido:

Odette Ernest Dias não foi uma figura teórica ou composicional da vanguarda, mas atuou como intérprete em contextos de música experimental, notadamente como integrante

do GeMUnB, contribuindo concretamente para a realização sonora e a circulação pública desse repertório.

Ou seja:

- Não é correto afirmar que ela não atuou diretamente na vanguarda.
- É correto dizer que sua atuação foi sobretudo performática e institucional, e não autoral ou discursiva.

Em termos históricos

Sem intérpretes como Odette — com formação sólida, abertura estética e vínculo universitário —, muita da música de vanguarda brasileira dos anos 1970 simplesmente não teria sido executada.

Agradeço a correção implícita em sua pergunta. Ela é importante não apenas para ajustar minha resposta, mas também para fazer justiça ao papel dos intérpretes na história da música experimental brasileira.

1973–1974 — Odette Ernest Dias entre os integrantes do Grupo de Experimentação Musical da Universidade de Brasília (GeMUnB).



Registro fotográfico de uma atividade do GeMUnB, reunindo músicos e instrumentistas em torno de experiências de criação e investigação sonora. A presença de Odette Ernest Dias na fotografia constitui evidência documental de sua participação no grupo, esclarecendo que sua relação com a música de vanguarda em Brasília não se limitava à divulgação ou ao apoio institucional. O registro também revela a utilização de instrumentos acústicos, equipamentos eletrônicos e recursos de experimentação musical, em um ambiente de pesquisa e criação coletiva.

HEUSTÓRIA DESREGRADA

“Foi dado o corte epistemológico, eles têm que ver.” *Glauber Rocha*

“No livro corre a estória dentro da história, dando como síntese o que chamo de heustorya. Guimarães Rosa escreveu a estória e não incorpora a história.”

Glauber Rocha

Este prefácio será intenso, meio atlas, meio calendário: um mapa de personagens e lugares. Escaparam as praças, as árvores, os bancos e a sinuosidade das curvas — a visão da estrada. Os ônibus serão o principal meio de transporte. É um faroeste caboclo. Talvez falte erudição para apreender essas brevidades, assim como, em certos pratos refinados, falta uma apresentação aristocrática. Ainda assim, como nos ônibus lotados, os fragmentos de vida atravessarão a condução, a tempo de descer na próxima parada. A determinação abrirá passagem. Em Os Miseráveis, de Victor Hugo, há o inusitado e o burlesco. Leiam-no. Operem o parto, metam a faca e façam a circuncisão.

A Heustória reúne lembranças, locuções dos domingos de futebol paulista no rádio, recortes de jornais e revistas, capas de discos e vislumbres do cotidiano soterrados pelas implosões que a vida detona e não filma. Uma onda radiofônica regional — local e brutal — transmite o linguajar beat, assoprado em sílabas e carregado pelas ventanias urbanas.

Seu perímetro é a vastidão do Centro-Oeste, o mítico Planalto Central de JK, que masca pessoas: retirantes do Brasil pós-paroquial que, depois de transformar ocupações em lotes, foram se encontrando no Bar Esperança.

Uma coisa burlesca, como salgados de boteco.

O crime.

A Heustória desorienta a História pela memória. Regressa ao passado para ilustrar a vida vivida com palavras e imagens, às vezes inéditas, às vezes incertas, mas profundamente sinceras.

É uma história apaixonada, exaltada, sem os vergalhões das construções acadêmicas, judiciais, oficiais e cartoriais — tantas vezes sustentadas por impressos imprecisos. Uma história à parte, sobrevivente, que traz à tona fatos publicados nas páginas policiais. Jamais pousamos os olhos nas sociais.

O trabalho será escorado pelos caras mais competentes e loucos que a mixaria puder abarcar. Tudo é insuficiente, escasso, mingado e regrado. Será uma história trancada — não confundir com hermética —, que talvez jamais soltemos. Não somos fitas magnéticas.

A Heustória desagradará aos donos do poder, contrariará favoritismos, poderá desagregar amizades e desapontar os ávidos por babados fortes. Mas pretende alcançar, com precisão cirúrgica, o público diminuto interessado nas histórias quase extintas desse arrabalde. É um ramo promissor das memórias da sobrevivência humana.

Só Brasília, a capital que completa 66 anos em 2026, oferece material tão comum e insólito, tão vivido e marcado em nossos sentidos.

De agora em diante, só beberei dos puros blues gasosos, tirados da própria bica, daqueles que se parecem com lágrimas. Cotidianamente, (re)escrevo passagens subterrâneas, fugas espetaculares e anedotas amargas — espremo o limão e contemplo o passado com sarcasmo. Escrevo com três pares de mãos, como os beats datilografavam.

Todo dia, a prosa deverá seguir para a gráfica, mesmo que ela não saia do lugar.

A Heustória funde a História à história particular, o coletivo ao prosaico: aquilo que aconteceu na vida de cada um ao longo de 50 anos de irrupção, arrependimentos e contraculturas. Nasce da trajetória guardada em fotografias e recortes, da conquista dos materiais e da reunião dos vestígios. É uma tentativa de resgatar informações que, de outro modo, só seriam levadas para o além-túmulo. Essa é a ideia.

Estou em busca das histórias dissipadas dos meus pares. Dar rosto e vazão a essas experiências é vital para catalogar emoções. Não se trata apenas de guardar papéis, fotografias, discos e recortes, mas de impedir que desapareçam as vidas que deram sentido a esses vestígios.

Em 2026, a Heustória continua desregrada, independente e inconformada. Não pede licença à História oficial nem transforma seus personagens em estátuas. Quer recuperar o que sobrou, reunir fragmentos, reconhecer contradições e devolver a palavra a quem fez da própria existência uma trincheira de resistência cultural.

A memória também apodrece quando ninguém a procura. Há histórias que, se não forem contadas enquanto ainda existem testemunhas, desaparecerão sem deixar sequer uma nota de rodapé.

Baixa Cronologia

1967–1989

- 1967 – As imagens em movimento de Glauber Rocha; portaria de censura a *Terra em Transe*, de 19 de abril de 1967.
- 1971 – Zeferino Alves Neto: Brasília: amor & desamor.
- 1973 – UVA – Uma Cronologia Afetiva (1973–2025).
- 1974 – Logo no primeiro esboço desta Antologia, ainda em 1974, registro o começo e o fim precoce da minha primeira coleção de gibis. Silvana, filha da inquilina do barraco dos fundos, ganhou minha coleção, e eu lamentei a possibilidade de nunca mais entrar em contato com aquelas revistas.
- Agora tenho que desmentir a mim mesmo. Dediquei-me com afinco a reconquistá-las, a reviver a fantasia e a experimentar o déjà-vu precoce de já ter tido "aquela" revista nas mãos. Superei a perda. Não sei se isso é positivo, mas foi satisfatório – embora ainda não saiba se essa satisfação tem alguma coisa de vaidade.
- Revistas com mais de 40 anos, depois de passarem de mãos em mãos pelos quatro cantos do Brasil, geralmente não chegam até nós nas melhores condições de preservação. Depois dessa busca desenfreada, além do prazer da leitura, sobrou também uma ginástica financeira para equilibrar as contas e o saldo do cartão. Mas tudo já anunciava que, depois de saldadas as dívidas, aconteceria outro mergulho nas ondas do tempo: novas edições, novas descobertas e aquele brilho nos olhos diante das lembranças de uma infância vivida na desolação do Jardim Rochdale.
- 1976 – Mil novecentos e setenta e seis; registros da formação da cena cultural nas cidades do Distrito Federal.
- 1977 – Em julho de 1977, a WEA – os caras chamavam a sigla de "veia" – lançou seis discos ao vivo de seu acervo. Foi aí que a gente ficou sabendo o que eram os Doors, naquele mutilado *Live in Concert*. Até 1979/80, saíam algumas coletâneas, mas os discos eram raros. Foi quando apareceu *Strange Days*. Depois, em 1981, veio o apogeu: parecia que Jim Morrison tinha voltado do mundo dos mortos.
- A namorada do Rubinho voltou dos Estados Unidos e deu a ele o álbum duplo *Absolutely Live*, com aquela capa cinematográfica. "As pessoas de lá dizem que tem coisas lindas nesse disco." Meus olhos quase caíram da cara de tanta inveja. Osmar exibia seu álbum duplo como um troféu. Pode tirar o cavalinho da chuva: o disco ao vivo duplo acabava de sair!
- E fomos comprando o que vinha pela frente. Dia desses, encontrei este disco e a primeira coisa que me passou pela cabeça foi: e as letras? Abri a capa e lá estava o encarte duplo. Acho que as gravadoras tupiniquins acreditam que a gente nasce sabendo inglês. Sorry, periferia! Sorry, Terceiro Mundo!
- Esse disco é quase sensacional, mas eu prefiro os originais do ritmo.
- 1978 – Registros sobre Arnaldo Baptista e a Patrulha do Espaço, incluindo apresentações e material audiovisual.
- 1979 – 1979: Mil novecentos e setenta e nove; 12º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.
- 1981/82 – **Caretal du rock**

As grandes atrações do rock internacional também passaram pelo Brasil. Entre elas, Rick Wakeman, que se apresentou no Estádio Olímpico Pedro Ludovico, em Goiânia, e Peter Frampton, no Ginásio do Mineirinho, em Belo Horizonte.

Rockeiro não saía da toca e não ia a show porque não existia. O show era para povão, tipo 10 mil pessoas, com a poeira subindo e juntando meleca com capim no nariz.

Para ver o piti de Pepeu com ciúmes da minissaia marota da Baby Consuelo.

Roupa Nova, Rita Lee, A Cor do Som, 14 Bis. Depois, só depois, foi que pintaram a Blitz e o Rádio Táxi.



Discos

Aliás, era também em Goiânia que existia a Opus, a única importadora de LPs do Centro-Oeste. De lá vieram um *Guitar Boogie* e um Yardbirds com Jeff Beck, raríssimos. Ainda os tenho.

Nas coleções só existiam LPs nacionais. Não havia importados nem sebos. Com muita sorte, um parente trazia um LP da América.

"Foi em 1981/82 que passamos a receber catálogos de discos, e os Correios começaram a permitir a venda de LPs com entrega pelos próprios serviços postais.

Só depois alguns colecionadores começaram a ir ao eixo Rio–São Paulo para comprar importados que, na grana de hoje, não sairiam por menos de 150 a 300 pilas, valores que, na época, equivaliam a uma calça importada.

As equipes de som compravam todos os discos da cidade e copiavam tudo em fitas cassete. O som delas era feito em cima de cassetes, e eles jamais deixavam você chegar perto para conferir que era cassete.

Sabia-se porque havia aquela distensão da fita e a ondulação do som.

Os pobres discos nacionais esgotavam-se rapidamente. Eram feios, amassados e assinados, pois tocavam direto nas festas.

Os mais raros eram os do Judas, do Sabbath, dos Doors e o amarelo do Sex Pistols, que ninguém tinha e demorou uns nove anos para ser relançado.

•

Li que os Yardbirds haviam participado do show de Natal dos Beatles, em 1964. Na década de 1980, andei alucinado atrás de material dos Yardbirds. Foi quando pirei de vez na tríade Clapton, Beck e Page. Naqueles idos, tudo era na base das fitas cassete e, até hoje, jamais encontrei o único LP nacional deles lançado por aqui nos **anos 1960**!

Rogério, o finado saltador olímpico, foi a Goiânia, à Importadora Opus, em 1982 ou 1983, e voltou com dois LPs: um dos Yardbirds, com o melhor som do mundo, e esse *Guitar Boogie*! O LP original *Guitar Boogie* saiu em 1971, no Canadá, pelo selo Epic, subsidiário

da CBS. No Guará II, o colecionador Osmar tinha esse disco e, por causa dele, passei anos sem dormir!

Os gringos da América do Norte tinham lá seus cambalachos que permitiam lançar discos como *Live Yardbirds (featuring Jimmy Page)*.

Foi quando Rogério chegou com os dois LPs e eu propus a troca: me passa o par que eu lhe dou o *Live at Last*, do Black Sabbath, mais uma compensação. E assim foi feito.

Finalmente, consegui o *Guitar Boogie*, edição de 1980 ou 1982. É um disco de blues de branco tocando Elmore James. Na minha cabeça, os três — Clapton, Beck e Page — tocavam juntos, o que não é verdade. Essas gravações quase custaram a amizade entre Eric Clapton e Jimmy Page. Page estava sob contrato e teve que entregar as gravações. Eles também prestam tributo a Chuck Berry: tem uma faixa com um riff explosivo cujo nome não me lembro agora. Parte desse material apareceu depois na coletânea *Blues Anytime*.

Naquele início de década, ter um exemplar desses colocava você na companhia dos grandes colecionadores, como o Osmar. E, naquele clima de ingenuidade, a gente acreditava que nenhum disco era impossível de encontrar. Bastava procurar, insistir, perguntar, fazer contatos e, quando a sorte ajudava, trocar.

Ainda tenho o par de discos que pertenceu ao Rogério. Também tenho uma porrada de discos de gente que já morreu. Os discos ficam, os donos vão indo. Uma hora chegará a minha vez. Até lá, vou ouvindo.

- 1982 — Do Próprio Bol$o não vazou...; quatro décadas de especulação literária; quando se foi adolescente em Brasília; Os Magrelos vão à Rampa Acústica do Parque de Brasília.
- 1983 — Rock Brasília, por Hermano Jr.; registros de bandas e da cena musical brasiliense.
- 1985 — Ary Pára-raios, editor de cultura do Correio Braziliense.
- 1986 — Postura Anárquica; registros da atuação cultural no Guará.
- 1988 — Brasília busca sua memória; 1988: Mil novecentos e oitenta e oito.
- 1989 — Conic, paraíso dos boêmios errantes.

1990–2009

- 1990 — Journals: Antonioni, dublê de escritor.
- 1992 — 1992: Mil novecentos e noventa e dois.
- 1993 — 1993: Mil novecentos e noventa e três.
- 1994 — 1994: Mil novecentos e noventa e quatro.
- 1995 — Brazza & Claudette: Inferno no Conic.
- 1996 — 1996: Mil novecentos e noventa e seis; registros da história do Do Próprio Bol$o.
- 1997 — Lembranças e saudades do Bar La Revolución — QE 19; 1997: Mil novecentos e noventa e sete.
- 1998 — 1998: Mil novecentos e noventa e oito.
- 1999 — Wanderley Lopes: Senhor de si mesmo; registros da cena cultural local.

- 2004 – Conic – 21 anos depois; Contracultura do próprio bol$o e etcs....
- 2008 – Deu Conic na Globo.
- 2009 – Zeferino Alves Neto: Brasília: amor & desamor.

2010–2019

- 2010 – Concerto Cabeças: O sonho acordou; Guará: Hamilton "Zen", artista multifacetado.
- 2011 – Crescimento de Ron Orp's Mail em Brasília; O Carnaval, a cidade e o meio ambiente.
- 2012 – Rock Brasília e suas falsas origens.
- 2014 – 10.000 Dias de Rock; registros de lançamentos e apresentações musicais no Guará e em Brasília.
- 2015 – Movimento Trilha: moda, food trucks e DJs; registros da produção independente do Guará.
- 2016 – A.R.D – Eixão da Morte; registros do rock independente brasiliense.
- 2017 – Verismar Figueiredo: o homem que não coube na cidade.
- 2018 – A gênese do Próprio Bol$o; Brasília busca sua memória.
- 2019 – Registros sobre a cena independente e a memória cultural de Brasília e do Guará.

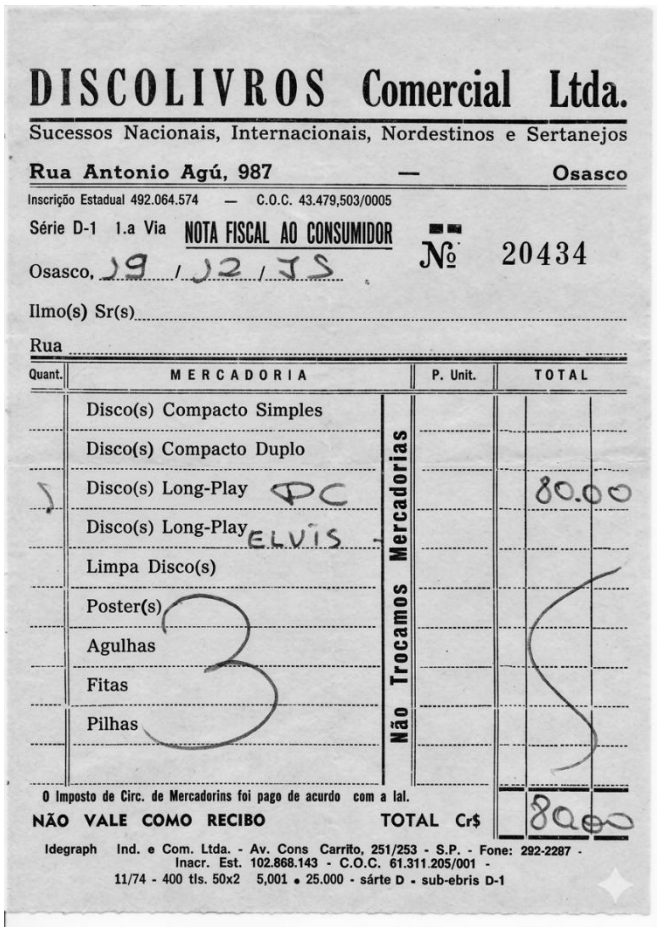
2020–2026

- 2020 – Conic, é a melhor viagem no tempo!; Carnaval na Grande Planície.
- 2021 – Icônico Conic; Rock da Estação de Ferro; Cultura Própria, Jornal do Guará-DF; Latas de spray e lanternas combatem apagão cultural no Guará.
- 2022 – QE 40, uma quadra de expressão; Não à privatização do CAVE, Guará 2 – DF; Artesanato, música, dança e cultura popular no Guará I.
- 2023 – Brasília é podre?, de Heloísa Dutra.
- 2024 – Márcia Tauil – Meio-Dia; registros de produção musical e audiovisual em Brasília.
- 2025 – O Libertário: retrato vivo da cultura brasiliense; Do Próprio Bol$o: O Jardim Sonoro do Guará; Memórias de um Guará que Pulsa(va); Jaguar no Conic; Conic – 21 anos depois.
- 2026 – Itinerários do Underground: a história de uma Brasília que quase não foi contada; Conic: tradições, traduções, explicações; 44 Anos do Próprio Bol$o (1982–2026); O grande show está nas pessoas: memória, cultura e pertencimento no Guará; Casa, traçado e murais a céu aberto.



1974

DO JARDIM ROCHDALE



DISCOLIVROS Comercial Ltda.

Sucessos Nacionais, Internacionais, Nordestinos e Sertanejos

Rua Antonio Agú, 987 — Osasco

Inscrição Estadual 492.064.574 — C.O.C. 43.479,503/0005

Série D-1 1.a Via NOTA FISCAL AO CONSUMIDOR Nº 20434

Osasco, 19 / 12 / 73

Ilmo(s) Sr(s)

Rua

Quant.	MERCADORIA	P. Unit.	TOTAL
	Disco(s) Compacto Simples		
	Disco(s) Compacto Duplo		
1	Disco(s) Long-Play PC		80.00
	Disco(s) Long-Play ELVIS		
	Limpa Disco(s)		
3	Poster(s)		8.00
	Agulhas		
	Fitas		
	Pilhas		

Não Trocamos Mercadorias

O Imposto de Circ. de Mercadorins foi pago de acurdo com a lal.

NÃO VALE COMO RECIBO TOTAL Cr$ 88.00

Idegraph Ind. e Com. Ltda. - Av. Cons Carrito, 251/253 - S.P. - Fone: 292-2287 - Inscr. Est. 102.868.143 - C.O.C. 61.311.205/001 - 11/74 - 400 tls. 50x2 5,001 • 25.000 - sárte D - sub-ebris D-1

É o ano da Copa da Alemanha. Para mim, era difícil tomar a iniciativa de pedir para o meu pai comprar um gibi. Além disso, o ano escolar ficava ameaçado pelas revistinhas – líamos tudo que caía nas mãos e na rua trocávamos gibis e livrinhos de ficção, de espionagem e de faroeste.

Março/Abril – No Tempo dos Caubóis

Nas rádios a canção era "Roy Rogers", com Elton John. Por serem mais velhos, os caras do fim da rua em frente ao rio Tietê só gostavam de histórias de faroeste e livros de bolso congêneres. Era a febre do início dos 70s e que já começara a subir no termômetro das obsessões infanto-juvenis na década anterior. Faltavam-me alguns números básicos, mas nem sonhava em novamente resguardar revistas e lembranças: (A)Dolfo era o cara que tinha as revistas na Rua Paraíba – 1974, ano de mistério e balas e sequestros típicos das manchetes de jornais como Última Hora.

Relembro quando, aos dez anos, minha mãe, sabiamente, deu fim na minha primeira coleção para que eu não perdesse o ano. Aqueles gibis do Solar, o Homem do Átomo, Zero, Brotoeja, Riquinho, Motardelo & Salaminho; edições da Mônica e a sua Turma de 1973; os Superman Bi de 1971, as revistinhas de Mandrake, Fantasma, Tarzan, Flash Gordon; os de heróis da Marvel, da Ebal se foram, ainda que tenham deixado herdeiros. Recordo-me deles voando sobre o muro para a casa da Silvana, vizinha dos fundos. Ainda procuro números da revista de arquitetura Módulo, dos 70s. No entanto, não pense que gasto o suado dinheiro com papel (impresso).

Outro choque: encontraram dentro da fronha no travesseiro minhas revistas masculinas suecas usadas.

Do depósito de bebidas

Senhor Haigo era branco, baixinho e atarracado, calvo, de olhos claros e camisa social. Ele sabia que a meninada do cortiço e os filhos dos vizinhos eram loucos por uma moeda.

Próximo do meio-dia, ele atirava moedas aos céus. Havia duas maneiras de sair com uma moeda no bolso. Disputá-la no ar e ser empurrado e derrubado ou esperar a moeda cair e no meio do bolo ferir os joelhos e sair rastejando com a moeda. Zé Carlos, o menino do cortiço deu mole e sofreu a travessura do bate-pavão, ficou chorando.

Quando eu estiver mais normal, longe do trifuê das artes escreverei, como é tomar Tatuzinho ouvindo no “Rio de Piracicaba” com Serjão Reis e sua camisa florida e trabalhando em cima de um velho caminhão entregando garrafas. E a pinga Coquinho com seu líquido acomodado misturado a suco.

Rapaz, lá no Rochedale, em Osasco, o que não faltavam eram carrinhos de rolimã – cada um com seu design, geralmente com aquele bico na frente. Madeira furada, parafusos compridos e uma preocupação especial com o tal do eixo. Meus primos, os Vieiras, já eram afamados inventores no nosso mundo infantil. Faziam perguntas do tipo: “E se o carro cair numa ribanceira e eu não tiver paraquedas, o que você faz?”

Os Vieiras eram parecidos com os Dias Baptista: o pai deles era engenheiro. Belo dia, tiraram da garagem um carrinho de rolimã que parecia o Batmóvel. O banco traseiro era forrado de couro, e a maior invenção deles até então era o freio, acionado por uma alavanca que retesava um arame grosso.

Tudo dos Vieiras era diferente: trem elétrico, aquelas manifestações de engenhosidade que apareciam na revista *Recreio*. Naquele tempo, eles já chamavam o Marinho de louco.



Imprensa

Abaixo a mistificação

*Glauber Rocha**

Glauber Rocha afirma que Golbery e Darcy são os gênios da raça. O general consegue que se expeça um passaporte para Glauber, quando o Itamaraty recebe a incumbência de avisar a Glauber, em Paris, anota: "Foi a decisão tomada – e certa, acho."

Glauber Rocha, diretor de cinema: "Ernesto Geisel tem tudo para fazer do Brasil um país forte, justo e livre."

Visão me pede para responder alguma coisa, eu também estou procurando uma resposta, a rainha Tomíris que matou Ciro era de um povo que costumava sacrificar aos deuses mais potentes os mais velozes seres humanos. Quando saí do Brasil, em 1971, deixei nas mãos do Tarso e do Maciel um artigo pra Já, onde anunciava que em 1974 baixava uma luz e as sete cabeças da besta se desintegrariam: depois, em outras ilhas, Marcos berrou no meio da viagem: Petróleo! E sabíamos que não era nosso na matéria, mas Ideia; quem me encontrou nestes anos em vários continentes se lembra do que estava anunciando. (...)

Visão me pede para responder sobre arte no Brasil de 1964-74: são dez anos de Bode, daquele Demoz que crava fundo as patas no dorso da pele. Reagimos, o sangue correu em Jardim das Piranhas, Antônio das Mortes falou ao terceiro mundo, esperamos agora, sobretudo Eu, que sou protestante, Luz e Ação. Acho que Geisel tem tudo na mão para fazer do Brasil um país forte, justo e livre. Estou certo inclusive que os militares são os legítimos representantes do povo. Chegou a hora de reconhecer sem mistificações, moralismos bobocas, a evidência: Costa era quente, frias eram as consciências em transe que não viram pintar as contradições no espelho da história. Em 1968 eu era albuquerquista e Antônio das Mortes é o profeta de Alvarado e Khadafi. (...)

Vejam as coisas: agora a história recomeça. Os fatos de Geisel ser luterano e de meu aniversário será a 14 de março, quando completo 35, me deixam absolutamente seguro de que cabe a ele responder às perguntas do Brasil falando para o mundo. Não existe arte revolucionária sem poder revolucionário. Não interessa discutir as flores do estilo: quero ver o tutano da raiz. (...)

Comecemos por economia política e vejamos como se articula o desenvolvimento da superestrutura sobre o subdesenvolvimento da infraestrutura, etc. Acho Delfim Netto burro, idem Roberto Campos. Chega de mistificação. Para surpresa geral, li, entendi e acho o general Golbery um gênio – o mais alto da raça ao lado do professor Darci. Que

11 de março

"Minha mãe, Zuzu Angel, nunca perdoou. Não se conformou com a morte de Stuart. Fez da perda uma bandeira, não baixou a guarda nem abaixou a cabeça. Foi impávida e altiva até o final, principalmente no governo Médici*, o tempo mais terrível. Meu irmão nunca entregou ninguém, era um ideológico. Minha mãe sabia de tudo, claro, e sempre foi solidária a seu filho." *Hildegard Angel, Jornalista*

Celso Furtado é a metáfora do terceiro mundo dragado pela Wall Street Scout. Que Fernando Henrique é o príncipe de nossa sociologia. Que leio e curto a revista Argumento. Que Chico Buarque é o nosso Errol Flynn. Que entre a burguesia nacional-internacional e o militarismo nacionalista eu fico, sem outra possibilidade de papo, com o segundo. De Cinema Novo? O novo é sempre viveterno e São Bernardo ainda surpreendeu incrédulos da geração 50. Não tenho nada de pessoal contra tropicanalhistas: detesto a finura sutil dos machadianos, o revisionismo time-life da moçada abrilhantada. Sou um homem do povo, intermediário do cujo, e a serviço. Força Total pra *Embrafilme, Ordem e Progresso. Visão, 11 de março de 1974*

Declarações e estrondos de Rocha

"Golbery e Darcy, os dois gênios da raça, se juntassem. Eles são a cara e a coroa do mesmo país. Falta ao Darcy a visão militar e ao Golbery a visão antropológica. Além do mais, os dois nomes terminam em y."

"Os cubanos, a princípio ficaram surpresos, mas acabaram convencidos, o mesmo ocorrendo com Arraes e João Goulart. Por isto me surpreendi com a reação das pessoas. Quando dei essa declaração, achei que estava declarando o óbvio".

No fim de abril, Glauber passa uma semana em Portugal, para ver a Revolução dos Cravos e filma o ponto culminante das manifestações, o desfile do 1º de Maio. Glauber sonha com aquele mesmo desfecho para a ditadura brasileira que acaba de entronizar seu quarto ditador, o general Ernesto Geisel. Glauber acredita que o general Geisel está trabalhando no Brasil por um regime militar nacionalista e esquerdizante, nos moldes da experiência do Peru (entre 1968 e 1975), onde um governo fardado tinha feito a reforma agrária.

"A Revolução é um ato de Amor e não de Violência. Discordo de Lenin, de Mao, de Guevara. O sangue não purifica. O que revoluciona são as Ideias e não as Armas. Não quero lavar meu corpo e alma no sangue dos fascistas. Muitos machistas dirão: não quer brigar porque é frouxo. Os loucos encontram na morte o máximo de prazer. Os lúcidos encontram o prazer na vida. A Revolução é fundamentalmente a luta contra a morte dos amigos e dos inimigos."

1974

7 de agosto

O equilibrista Philippe Petit, famoso por atravessar as Torres Gêmeas em Nova Iorque, usando apenas um cabo. Mesmo sem ter autorização legal para a arriscada aventura, ele reuniu um grupo de assistentes internacionais e contou com a ajuda de um mentor para bolar o plano, que superou diversos obstáculos para poder ser finalmente executado. A travessia ganhou destaque no mundo inteiro.

24 de novembro

Ouvia rádio valvulado. O primeiro contato com o rock'n'roll não aconteceu naqueles dias radiofônicos porque a sintonia só pegava AM e, então só rolava o programa do Barros de Alencar. No ar, remexendo no botão, o zumbido de sintonia zzzzzzzzzzz para ouvir o campeonato paulista de futebol na Rádio América (Pedro Rocha, Riva, Ademir da Guia; e Pelé foi para os Estados Unidos). E os vibrantes locuções, comentários e chavões de Walter Abrahão Filho, Geraldo Bretas, Eli Coimbra na TV Tupi e os de Alexandre Santos no programa Gol: O Grande Momento do Futebol na TV Bandeirantes.

Domingo triste quando a perna de Mirandinha quebrou feio, como um graveto e nunca mais foi o mesmo

A revista especial do Alice Cooper não é uma referência para o rock nacional. Quem abriu os shows foi o Som Nosso de Cada Dia. Andy Mills produziu o Fruto Proibido. As empresárias de Rita Lee compraram a iluminação do espetáculo. E inspirou o verso: "Não gosto do Alice Cooper, onde é que está meu rock'n'roll?"

A iminente volta de Glauber Rocha ao Brasil é sigilosamente negociada pelos jornalistas Zuenir Ventura e Elio Gaspari, o ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso e o general Golbery do Couto e Silva, atual chefe da Casa Civil de Geisel.

"Ninguém sabe de uma coisa que eu vou dizer aqui em furo. A declaração que eu dei na *Visão*, foi reproduzida em mais de cinco mil xerox e distribuída pelo mundo inteiro. Até hoje não sei quem fez isso. Eu dei uma declaração como cineasta, como intelectual, como livre pensador. Quando cheguei ao Brasil, durante dezesseis meses, toda a imprensa brasileira, com raras exceções, me chama de louco. Então, eu virei uma espécie de figura desfrutada, de jornalistas irresponsáveis que, inclusive dizem mentiras. (...)

"Eu, soube, que um dos responsáveis pela campanha internacional movida contra mim, desde 1974, é o senhor Miguel Arraes."

"A revolução é uma estética."

"Conheço muito bem a vida intelectual brasileira e coloco problemas sabendo que vão provocar discussão, para romper certas teses, porque detesto o dogmatismo, a ortodoxia, meu princípio filosófico não admite dogmas."

"O único eterno subversivo é o artista."

"O povo vive totalmente à margem das querelas tradicionais entre as elites de direita e de esquerda e trata de resolver por si mesmo suas contradições e problemas."

"Vamos derrubar os militares."

"O roteiro de A Idade da Terra foi outra vez proibido pela censura e Rodolfo Echeverria me declarou fora da lei. Todos os cineastas latino-americanos nos negaram solidariedade: estava com febre e úlcera no quarto 418 do Hotel Camportella, Sullivan, 5, México D.F. e fui visitado por Augusto Boal: – Você é um traidor. – Qual é a sua? – 'Suas declarações em Visão 74!' Respondi: – 'Sou artista! Sou um burocrata!'"

"Não tenho resposta na boca para todas as coisas. Sou um artista, portanto meu processo é um processo dialético entre o fluxo do inconsciente e minha razão dialética. Assim, posso mudar a qualquer momento."

Eram dias carregados de Pholhas, Slade e German rock e, claro! "48 Crash".

Depois das chuvas

O suspiro da fossa vaza a parede do portão e o líquido esverdeado flui, escorre numa calha de cimento (guias) descendo da primeira casa até a última, até encontrar uma galeria que o despejava no Tietê. O mato às margens do Tietê, entre Rochdale e Piratininga, se entrelaçou de tal forma que as pessoas atravessam o emaranhado sobre o rio como numa rede vegetal. Os pés das pessoas saem pretos como se tivessem cruzado um campo alagado de petróleo.

A diversão era catar tampas plásticas de garrafas e simular uma corrida de barquinhos na vala. Para libertar as rolhas e tampas usávamos varas. Outra diversão era como bravios animaizinhos urbanos revirar o lixo que jogavam nos terrenos baldios. Não havia

água encanada. Frente à casa, havia um cortiço com melhor estrutura; na casa colada à minha, meus melhores amigos: Geraldo e Marcos, e meu xará, Mário, apanhavam mais do que eu. Costumava pular o muro da divisa para jogar futebol de meia com eles. Vi escola punir muito menino. O pai deles era violento. Colada na casa deles havia o segundo cortiço, onde o pai de um outro amigo, Harry, que recolhia lixo, trouxe uma bola de látex e de casca e essa foi a melhor bola que tivemos durante um tempo. Era azedo conseguir sair de casa autorizado para jogar uma pelada nas margens do Tietê e a orientação era: "cuidado com o rio jamais entre e cuide do seu *c*!" Hoje, aquelas margens estão tomadas por favelas.

Naquele fim de mundo, naquela rua suja, passar frente à casa da menina mais bonita me causava embaraço pelo cabelo grande e a roupa, digamos, sem impacto algum. Mas Carlinhos fechava o cerco e me convidava a entrar. Ele e suas irmãs. A caçula tinha a mesma idade que eu; estudamos o primário juntos. fracassei em esportes como o atletismo e a natação e agora, contrariado (ou quando via ficção na Tv), subia a rua para frequentar as aulas de karatê. Odiava os sábados. A técnica para despistar o ódio era me afastar de casa o maior tempo possível. A irmã caçula de Carlos, a cada dia, florescia e se mostrava mais radiante. Carlinhos tinha dezessete anos, ele era o adolescente que eu viria a ser – com acne e boca desproporcional, esses detalhes. Nos meus dez pobres anos. Estilista era o Carlinhos. Talento nato para criar cabelos e desenhar roupas para mulheres – propaganda antecipada de xampu e esmalte de unhas. Ele mostrou isso em seus cadernos. Na casa deles, moderna, ouviam Beatles, Stones e Mutantes. Era um tempo ruim para meninos aventureiros, pois seus pais eram homens frios e duros como diamante e exerciam brutalmente sua autoridade. Nossos pais trabalhavam na mesma fábrica. Então Carlinhos fugiu de casa pela primeira vez e foi parar na ilha de Arembepe. Sua dieta macrobiótica era à base do coco verde. Lá, ele foi obrigado pelos hippies a vender maconha. Um dia, ele avistou um barco e fugiu pelo São Francisco. Magro, voltou para casa com diarreia e a heustória correu. Tempos depois, ele fugiu para o Rio de Janeiro... dessa vez não fiquei sabendo da volta. Para minha tristeza, a família da Adriana vendeu a casa – 1974 foi um ano triste.

IMAGENS (O)CORRIDAS

As Armas e o Povo (1974) Documentário de 86 minutos, fruto de direção coletiva de 28 diretores da produção portuguesa que, entusiasmados com a Revolução dos Cravos, 25 de abril e o Primeiro de Maio de 1974, Dia Do Trabalhador comemorado em liberdade, por mais de 500 mil pessoas que saíram pelas ruas de Lisboa. Glauber Rocha, um dos muitos diretores do filme, atua também como entrevistador. O germe do trabalho dele no programa Abertura da TV Tupi.

Super-Paloma – Super-8, no exterior

Viagem com Juliet Berto – Super 8, no Egito e na Grécia

Letícia e Mossa no Marrocos – Super 8

Durante trinta dias Letícia Maria Moreira de Sousa, poeta e Mossa, Flora Bildner acompanham Glauber Rocha – e vice-versa – durante um mergulho em Marrakesh com "muito fumo, muito amor, muita alegria, e um filme Super-8 enorme"

"O Glauber já tava ruim há vários anos. Ele não estava legal, de 1975 em diante eu tava preocupado com a morte dele cinco anos antes dele morrer eu me lembro de comentar várias vezes com alguns amigos meus, como Cacá Diegues, – O Glauber vai morrer. Ele não comia mais. Não dormia, ficava escrevendo a noite toda, só comia um pouco de macarrão, e comia pão. Ele não fazia as ações normais do cotidiano. Glauber não dizia alô no telefone, ele já começava a falar de política, sobre alguma coisa, nem dizia quem era. Ele passava a noite escrevendo catálogos de telefone inteiros, tem milhares de escritos inéditos. A gente começou a temer pela saúde do Glauber. O mundo foi ficando pequeno demais ou complexo para ele, isso não me cabe dizer. A partir dos 70s e poucos, o Glauber começou a sacar que não tinha lugar para a Utopia da gente, que não ia dar pé fazer um cinema livre do internacional".

Arnaldo Jabor

35

1975

EU SOU BILLY SHEARS: LOUCURA & DEDICAÇÃO AOS BEATLES

A vida é uma fantástica máquina do tempo. Volto àqueles dias em que começava a abandonar as calças curtas de estudante. Eu era um freak! Na tradução mais gentil, extravagante; na mais realista, doido mesmo.

Era 1975. Eu ouvia os jogos do Paulistão num rádio valvulado. No Natal, havia ganhado um radinho verde de torcida. Os brinquedos já começavam a perder a graça. Eu me abria para os gibis e, sem perceber, também para outras obsessões que me acompanhariam pela vida.

No quartinho da minha prima, ela me mostrou um disquinho do Slade. Outra prima, do lado materno, ensinou-me a arte do intercâmbio de disquinhos. Eu os ouvia alucinado, como se cada um trouxesse notícias de um mundo ainda desconhecido. O vizinho da esquina me convocava para organizar e limpar sua coleção de LPs. Eu não precisava de muito para ser feliz: discos, capas, imagens, descobertas. O mundo começava a girar em torno dessas pequenas revelações.

Naquele tempo, vendiam-se espelhinhos de bolso, ovais. Eu comprava escondido uma dezena deles para quebrar o espelho e retirar as fotografias de modelos nuas que decoravam o fundo. A vendedora me olhava com um risinho sarcástico. Foi meu primeiro desvio de conduta – uma pequena transgressão doméstica, dessas que a memória conserva com um misto de malícia e inocência.

Mas tudo isso ainda era uma preparação para chegar a Michael Jackson. Ao ouvir ‘One Day in Your Life’ no programa do Barros de Alencar, uma canção me apresentou outra dimensão da existência. Pela primeira vez, talvez, percebi que a tarde podia ser triste, que a vida também podia adquirir tons de cinza e que certas emoções chegavam antes mesmo de sabermos explicá-las.

A música me ensinava que jamais esquecemos os lugares de onde viemos, os cenários que nos formaram, as origens que carregamos mesmo quando imaginamos ter partido para muito longe. Com o tempo, aquela canção assumiria novos significados, acompanhando as mudanças, as perdas e as descobertas de uma vida inteira.

A memória musical funciona assim: não guarda apenas melodias. Guarda a luz de uma tarde, o silêncio de um quarto, o rádio ligado, os primeiros espantos diante do mundo. Uma canção pode permanecer a mesma enquanto nós mudamos incontáveis vezes.

E o estado febril dessas lembranças me devolve àquele instante inaugural, quando percebi que, pelo menos, já era capaz de perceber o mundo ao redor.

Eu ainda não sabia, mas estava começando a me tornar quem sou.

E, no horizonte dessa viagem, os Beatles já me esperavam.

Memórias recauchutadas de um rockeiro louco

Brás morava num cortiço no Jardim Rochdale, em Osasco-SP. Com certeza, tinha mais de 18 anos. Para sobreviver, vendia fitas de cabeça e bandeiras do São Paulo – eu só sei que era são-paulino.

Havia também outro cara, Mílton, palmeirense, que tinha me prometido uma camiseta do São Paulo. Eu ficava no portão e, toda vez que via o sujeito, gritava pela minha camisa!

Foi nessa época que fui ao Morumbi assistir ao empate entre Santos e Corinthians, em 1974. Vi Pelé e Rivelino em campo! O jogo terminou em um a um. Quem me levou foi meu pai.

Lembro-me do cara que vendia moedas de chocolate num tubinho que carregava dentro de uma caixa de isopor. Ele atirou o tubinho e não voltou para pegar a grana. Na hora, pensei que aquele tubinho fosse só para mim. Tive que dividir. Esse foi o primeiro choque – depois vieram outros.

O Brás, do cortiço, possuía um compacto arrasador dos Beatles, "I Wanna Hold Your Hand". Nas casas das minhas primas Alvenita e Vilma, eu frequentava os quartinhos onde estavam os discos. Era uma coisa de fã-clube mesmo – e um dos discos que comecei ouvindo foi Slade, com aquela histeria: o clipe deles vinha do Top of the Pops. Slade tocou até no Barros de Alencar. Esse disco pirou muita gente!

No cortiço, Brás tinha uma vitrolinha. Pedi que anotasse o nome daquele disco que eu segurava, encarando a capa sem entender nada, mas de que havia gostado muito. Brás me tratou como um moleque inconveniente e, de má vontade, anotou as músicas daquele selo azul.

No fim da rua, na casa do Geraldinho, caixa no banco, entrei em contato com *os* LPs de krautrock; aos sábados eu ajudava a limpá-los. Na mesma Rua Paraíba, Carlão (irmão mais velho do Sérgio Brito) também colecionava discos.

Brás dançou. A partir dali, passei a colar no Geraldinho, que trabalhava no Bradesco e curtia krautrock.

Me lembro de Sérgio Brito, Sérgio Cabrito, na 5ª série. Ele era o terror da escola. Habitávamos às margens do rio Tietê – Sérgio vivia com os irmãos mais velhos, Carlão e a gostosa da Tereza, encrenqueira. Cabrito passava as tardes escravizado em tarefas domésticas, após a aula, tudo o que ele fazia era arrumar a casa. Não me lembro se eram órfãos ou não – para mim, um choque. Cabrito era um cara sensível, diferente daquele "pau que nasce torto". Uma vez, seu irmão pediu para ele rabiscar do lado de fora da sua bolsa o título *Excelsior, A Máquina Do Som*; então Carlão, mais velho, gritou com ele: – "Ei, Tá faltando uma vírgula!"

Naquele mesmo ano, 1975, dois irmãos chegaram para mudar minha vida para sempre: Cabeça, de olhos verdes, e Girafa, o irmão mais velho e mais doce.

Na casa deles acontecia uma coisa que me deixava sem graça. Todas as vezes que via as irmãs deles de bermudas, eu experimentava uma ereção. Era um garoto, e meu corpo parecia ter seus próprios planos, independentemente da minha vontade.

Lembro-me de escutar rádio valvulado aos domingos. E lembro também de quando Mirandinha quebrou a perna e nunca mais foi o mesmo. Isso foi em 1974.

Sãopaulino de coração

Entre 1974 e 1981, o São Paulo Futebol Clube conquistou quatro títulos oficiais de grande expressão no futebol profissional masculino: três Campeonatos Paulistas (1975, 1980 e 1981) e seu primeiro Campeonato Brasileiro (1977). Foi um período importante na consolidação da trajetória vitoriosa do Tricolor, que também acumulou troféus amistosos e conquistas interestaduais.

Títulos e troféus do período

Ano	Competição / Troféu	Resultado
1974	Troféu Dr. Cyro Ciambruno (Uruguai)	São Paulo 1 x 0 Seleção do Uruguai
1975	Campeonato Paulista	Campeão sobre a Portuguesa, nos pênaltis
1975	Taça dos Campeões Estaduais de São Paulo e Rio de Janeiro	Campeão
1977	Campeonato Brasileiro	Campeão sobre o Atlético-MG, nos pênaltis (3 a 2), após empate por 0 a 0
1980	Campeonato Paulista	Campeão sobre o Santos
1980	Taça dos Campeões Estaduais de São Paulo e Rio de Janeiro	Campeão
1981	Campeonato Paulista	Campeão sobre a Ponte Preta
1981	Troféu Nabi Abi Chedid	São Paulo 5 x 1 Seleção da Arábia Saudita

Blues da PQP 2

Eu comecei menino comprando em Osasco, um compacto dos Beatles

A mudança para o Centro-Oeste marcou aquele período: eu já vinha para cá desde os nove anos, mas dessa vez fui eu quem partiu.

Caí no rock, com um compacto. Talvez essa queda seja a responsável pela nossa mudança para Brasília. Lá em Osasco-SP as pessoas costumavam morrer jovens. Outro dia fiquei com raiva: "Você caiu no rock com onze anos?" Respondi: "Ninguém vai contar a heustória do jeito que eu vi!". Ainda naquele ano aconteceram coisas ótimas – talvez a primeira punheta. Outra coisa boa era, a radiola Philips, que acoplávamos o gravador no auxiliar, esse som deu muito trabalho, travava o automático, e quando veio para Brasília queimou, pois era 110 volts. Se eu fosse mais esperto, ela estaria comigo.

Abandonado em São Caetano do Sul

A orientação era manter distância de mim na escola. A última vez que vi meu par de primos, eles me largaram num parque-bosque e deram no pinote. Eu não queria ir embora com eles e fiquei a rodar; depois, reencontrei a casa. O lance legal daquele domingo foi que o tio deles, Pedrinho Vieira, me deu o pôster do *Venus and Mars*.

• Na Pampulha (MG), saí para ver o visual depois de circular pelas margens da lagoa. Perdi-me, encontrei a subida da churrascaria e Fabiana, que não sabia que eu acabara de ter um flashback.

• Em Buenos Aires, circulamos de metrô e, para não me perder, eu jamais me afastava da longa avenida do hostel. Mas andamos muito, por muitas praças.

• Na boca da noite, no centro da capital de Montevidéu, fiquei sentado na mala, sem direção...

Pisei na areia da praia

Do Distrito Federal, Tio Longuito e família vieram a São Paulo passar algum tempo antes do Natal. Meu maior desejo era conhecer o cinema. O filme apropriadamente escolhido foi *Pelé Eterno*, mas nós queríamos mesmo era ver *O Exorcista*, com a possessão

demoníaca de Linda Blair. Na Variante azul dele, na rua Antônio Agú, o motorista bronqueou:

— Mário! Aqui é contramão!

Difícil era explicar que eu tinha ido poucas vezes ao Centro de carro e desconhecia as placas de sinalização — se é que isso existia na época.

Ainda nesse mês, no litoral sul paulista, bebi e constatei que a água do mar é salgada. Cobri conchas com areia branquinha, tão fininha quanto farinha, enquanto as ondas apagavam minhas pegadas numa das praias de Praia Grande. Prazer e delícia! Vinte anos depois, eu voltaria lá.

- O diplomata Wladimir Murtinho toma posse à frente da Secretaria de Educação e Cultura, e fica imediatamente entusiasmado com o projeto da 508 Sul. O embaixador Wladimir Murtinho pode contar muitas vantagens, se quiser. A maior delas, ter construído o prédio do ministério das Relações Exteriores e, com isso, ajudado a impedir que a capital voltasse a ser o Rio de Janeiro.

Outubro

Em carta datada de outubro e assinada por Pierre Kast, cineasta e escritor francês e Costa Gravas, cineasta francês de origem grega, respectivamente presidente e um dos secretários gerais da respectivamente presidente e um dos secretários-gerais da Société des Réalisateurs de Films, os dois reclamam, em termos contundentes, a Serge Silbermann da Greenwich Films, a entrega do material decupado do filme A Idade da Terra, observando que foi Luis Buñuel quem aconselhou Glauber a procurar Silbermann.

CLARO – Ficção, longa-metragem, colorido (Eastmancolor), 3.000 metros, 110 minutos. Roma, Itália, 1975. **Elenco:** Juliet Berto, Mackay, Luis Maria Olmedo (*El Cachorro*), Tony Scott, Jirges Ristum, Luis Waldor, Betina Best, Yvone Taylor, Francesco Serrao, Anna Carini, Jarine Janet, Luciana Liquori, Peter Adarire, Glauber Rocha, Carmelo Bene e o Povo de Roma.

Resumo dos principais acontecimentos históricos que se desenrolam à época das filmagens – final da guerra do Vietnã, reivindicações trabalhistas das classes operárias da Europa, decadência do capitalismo nos países desenvolvidos e a incipiente expansão das ideias socialistas. Um filme ainda com problemas de produção.

"Porque queria ver claro nas contradições da sociedade capitalista do nosso tempo. O filme é 'claro' por isto: eu quis clarear a mim mesmo e à minha visão do mundo. Liberto-me de toda uma metáfora que é abstrata, mas que também é dialeticamente concreta".

Glauber Rocha

1976

DO SUL DE TAGUATINGA PARA O DI (DEPARTAMENTO DE IMOBILIÁRIA DA NOVACAP)

Meu primeiro show de rock já terá sido em Brasília? No Clube dos 200, ou na Facita? Com Silvio Brito no auge, com o programa de TV *Aleluia*, nas tardes de sábado, na Rede Tupi? Terá sido o show, *Tá todo mundo louco?*

Aos 63 anos, sendo 51 deles em Brasília

Sou um candango honorário oriundo do Jardim Rochdale – Osasco, São Paulo

Minha memória navega pelo velho Tietê

Nada tenho de vitoriano!

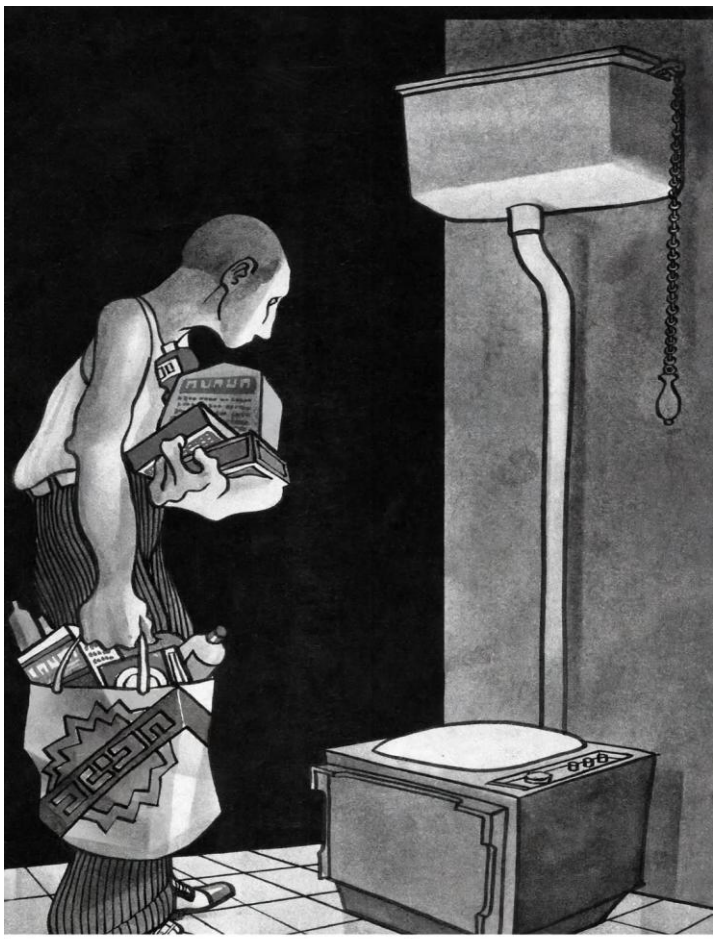
Em Goiânia, para qualquer festival de rock, eles vêm com essa:

– Vocês são de Brasília!

– Não mano, eu sou de Nova Glória emancipada de Ceres perto de Rialma!

– *Viação Araguarina*, a 180 quilômetros daqui!

– Viemos de Brotas de Macaúbas na Bahia. Nos anos 50, percorremos 1200 quilômetros pela BR-153, (conhecida como Belém-Brasília).



JUAREZ VÊ TV

Eu sou Juarez Machado, artista de mão-cheia e muitos dedos. Desenhando, desenhando, hoje eu faço um bando de coisas: cenários, mímica, shows, jóias, charges e e quadros. Todos os anos exponho meus quadros e tenho livros publicados no exterior. E ainda consigo tempo para trabalhar com crianças numa clínica de psicanálise (também desenhando) e para lutar esgrima: desenho com a mão direita, mas só esgrimo com a esquerda. Trabalho para jornais, revistas, teatro, escola e TV. Porém, antes de mais nada, eu sou amarrado em televisão. A favor ou contra, como vocês estão vendo aqui.

– Sou neto de Avelino Baiano que quase morreu sangrando de um corte no joelho, ele era hemofílico e chegou na cidade de Ceres em cima de um caminhão para ser salvo.

De Osasco/SP, na passagem de 1975–1976, vim para Taguatinga Sul (morei um mês na Vila Dimas, Matias e Sapolândia, na Shis Sul). Vagamente me lembro que aos nove anos estivera no Goiás.

Em Taguatinga Sul, existia o Cine Rex. Na Praça do Rex comprava gibis.

Na verdade, cheguei de Osasco-SP em dezembro de 1975. As boas andanças pela Comercial e o futebol no pátio da Escola Classe 23 no DI. Na Comercial, na vitrine da loja de jeans, exibia um pôster de John & Yoko nus, naquela pose que Lennon esconde o bilau com o jornal. Invejo as pessoas que conseguem esquecer as coisas ruins.

Morei na QNA 26, próxima à Praça do DI; estudei na Escola Classe 23 e no CTN e também morei na QNJ 5. Quando menino, ouvia aos domingos, o jornaleiro berrando "Olha aê o Correio!" (ou o que em meus ouvidos

soava também como “Olha eu... o Correio!”). Era do Correio Braziliense que eu tirava a escalação para os times de futebol de botão. Em seguida, passei a colecionar recortes sobre os músicos do mundo do rock...

Ia no dedão da QNJ *5* até o colégio CTN e subia até o Jumbo, no Centro.

No Centro de Taguatinga, passava pela Praça do Relógio, descia no início da Av. Comercial e ia até o final, procurando por gibi usado e tampa de vidro de relógio para jogo de botão. No fim da Comercial, o *Cai Pinto* – famoso lupanar – e, depois, outro puteiro sufocado no matagal, nos fundos da Facita. Agora se anda por ali e não se reconhece nada. Pra quem veio do Rochdale, o rolê era quente. Mas medo, mesmo, era o de andar no Plano Piloto. Ali sempre foi perigoso.

Março

Trio & A Linha

Dois contos

Samuel Rawet

•

Trio

Samuel Rawet



– Sofro pelo mundo!

Pedro esperou a reação dos outros, assustado. No íntimo, uma alegria nunca pressentida. Os olhos se dilataram, as luzes esparsas da estação se imobilizaram diante da ternura doída de sua voz. Ao sentir uma leveza de plenitude na cabeça, abraçou os joelhos e apoiou os pés sobre o banco.

Algumas moedas recebidas caíram dos bolsos, e a corda que lhe servia de cinto, desfeito o laço, não conseguiu impedir que o farrapo de calça descesse. Não usava cuecas. A camisa ensebada, sem cor, protegeu as nádegas.

Apoiou a cabeça sobre os dedos enlaçados e entregou-se ao pranto. Chorou um choro manso, silencioso, contínuo, morno, um choro de alívio, terno. Chorou de alegria por conseguir chorar daquele jeito e naquele lugar. Chorou porque esperava uma gargalhada e uma imprecação e ouviu apenas o fresco silêncio da madrugada.

Cessado o pranto, não limpou os olhos. Pôs-se a mirar os trilhos, os bancos de espera, o telheiro, a penumbra das casas próximas e viu tudo através do espelho de uma lágrima.

– Quero criar o mundo!

Paulo, sentado no meio, equilibrou a garrafa de cachaça no chão e abriu os braços como se crescesse de repente. O corpo maior do que o corpo. A pele, uma jaula para o tamanho que ia tomando.

Nem o vômito perturbou a amplidão das mãos estendidas. Escorreu pelo peito, ramificou-se pelas coxas e foi se empoçar entre as pernas.

E a roupa era a roupa nova do dinheiro de algumas talhas vendidas na véspera. Uma de Iemanjá, uma de Nossa Senhora da Conceição, uma de pescador de jangada, uma de cangaceiro.

Nem acreditou.

Na calçada defronte à feira, o homem se debruçou sobre seus trabalhos. De longe, o grito de carne, peixe, frutas, sabão e cheiro de laranja pisada. O homem olhou, olhou, separou uma, separou duas, separou três, separou quatro.

Quanto é? Pagou.

Ia comprar umas toras enormes e começar um trabalho do tamanho das portas da igreja do Largo de São Francisco. Encolheu os braços, eufórico com o azedo da boca e o silêncio dos outros. Ninguém dissera merda.

Ia talhar o que vira há pouco, a Rua Sete escura, a Praça Quinze no fundo, lâmpadas, estrelas e eles três no meio.

Depois comeria todas as mulheres antes de dormir com a sua em casa.

— Penso o mundo!

Pedro Paulo, um pouco afastado dos outros, no extremo do banco, esperou bem uns cinco minutos antes de falar. Afastara-se mais pelo porre de Paulo. Prezava sua roupa branca e bem engomada. Era a limpeza de seu tabuleiro, de suas cocadas brancas e pretas, era a limpeza de seu coração nas encruzilhadas da cidade em que meditava sereno. De preferência à noite.

Ficava de pé, equilibrado, os braços cruzados, o turbante branco centrado na cabeça, a respiração ritmada. E o mundo lhe vinha.

Os compradores não o perturbavam. Os homens, as mulheres, as crianças, os nascimentos, as mortes, os prédios, os terrenos, os gritos dos vendedores de jornais, os estudantes, os viados, as putas, os tiras, os caminhos que chegam e partem, o mar, os peixes, os céus, as estrelas, os pássaros, o mato, as palmeiras, os morros, os crimes, as esmolas, a ternura, o ódio.

Mas nunca ousou dizer o que disse, era pretensão demais. Mas Pedro falou. Paulo falou. E ele? Falou também. E o mundo não desabou.

Subitamente, os três se ergueram e o abraço foi tão violento que desistiram de esperar o trem. Pedro Paulo no centro, o braço esquerdo no ombro de Pedro, o direito no de Paulo, unidos numa gargalhada, os corpos em permanente fusão dinâmica, as seis pernas oscilantes de um demônio tricéfalo, as vozes dissonantes. As seis pernas oscilantes se fundiram no refrão do último samba do carnaval que passou.

Foram presos à saída da estação, postos numa viatura da polícia e aguardaram a manhã no xadrez do distrito mais próximo.

Houve um incidente ao saírem. Pediram que assinassem qualquer coisa antes. Foi impossível.

Eram analfabetos.

Fonte da publicação original: Ficção — Histórias para o Prazer da Leitura, março de 1976, n.º 3.

•

A linha

Samuel Rawet

A calçada secara. Ajoelhado, ninguém por perto, tirou o giz do bolso e começou a traçar a linha. Quando o braço se recusou a ir mais longe, deu um salto de cócoras e terminou o risco junto à pedra do embasamento.

Uma linha do meio-fio à parede. O branco ressaltava nítido no cinza-negro de cimento e noite. Parara de chover antes das nove. Às duas da manhã, o chão conserva um vestígio de umidade a reforçar com avidez a matéria branca.

Céu sem estrelas. Focos de luz espaçados num fundo de gelo negro e massa vermelho-esverdeada de fachadas.

Ele se ergue. Há no gesto e no ar que o acompanha um vestígio de ideia de inverno e de noite em uma praça diante da sinagoga e do cemitério, e enquanto limpa os dedos e se fixa na fachada de vidro do banco o que vê mesmo é a praça depois da neve.

Há superposição sem nada adulterar de duas visões nítidas e de dois corpos que se deslocam simultaneamente.

Esfrega as solas na aresta de granito e enfia as mãos nos bolsos. O café ainda presente na saliva se junta ao gosto de sopa de beterraba, gosto após transição de sabor evocado a sabor úmido cobrindo a língua.

Recua de costas, ergue a gola do blusão, constata a falta do botão por cima do cinto e inicia os passos em direção ao risco.

Um acúmulo de lembranças envolveu íris e pupila com um halo que antecede a lágrima. O halo se desfez com a constatação de que não só o acúmulo de lembranças produzira o fato, mas o acúmulo de reações de seu corpo a lhe ditarem que em tais e tais circunstâncias deveria chorar.

Não chorou.

E principiou a caminhada em direção ao risco de giz.

Havia no corpo antecipações de ímpetos e transfigurações. Um medo congelado ainda não verbalizado nem mesmo presente, a não ser em forma de gênese rarefeita, um vislumbre feito de olhar, memória, passo, noite, som visualizado, incrustração de consoantes em amálgama de vogais.

Quantas noites na noite sob a sola que se achata e arqueia. Quantas trilhas na trilha de agora, trilha imaginária e real, sempre trilha. A mesma trilha.

Ao tentar erguer a cabeça teve que baixá-la. E enquanto o globo do poste não o absorvia, um risco de giz se efetuou na retina. Não mais aquele que de cócoras riscara; um outro, recriado, de neurônios e enzimas, decepções e ódios, charco e súplica.

Insuportável a luz do poste.

Deslocamento para claro-escuro de janela, varanda, cortina, grade. Sola esquerda. Sola direita. Sucessão de quase arcos de um couro moldável. Angulosidades de joelho em recuos-avanços e avanços-recuos. Atrito de cueca deslocada na virilha. Cantilena no chiado do cimento e no ar da narina ávida.

Melodia despojada de som real. Virtual entre hemisfério esquerdo e direito, descendo pelo orifício nasal até a língua encharcada.

Em função de quem se deixa de fazer, ou se faz, alguma coisa? Este passo, por exemplo. Ou o risco de giz na retina há instantes que é já memória de risco de giz na retina, e de novo risco de giz na retina, à posição ideal dos cílios e pálpebras.

A aventura de uma calçada com fraturas de argamassa e luz, um risco de giz na frente e vários atrás, invisíveis num espaço que é memória de espaço e se ignora.

Que acúmulo de densos castigos impostos por ninguém em nenhures, no corpo de aqui?

O queixo se alteia, a fronte oscila, o peito acomoda torções. O corpo de aqui? Que aqui? O de antes do corpo ou depois do corpo? O de aqui caminha. O de antes caminhou? E depois, caminhou também?

Há o risco de giz. Que risco de giz? A sombra de uma rua na sombra da rua. A infinita paciência da impaciência. O lento recuo que é avanço lento de um corpo de agora para um corpo de antes, de um corpo depois para um corpo de agora.

A plenitude de uma aspiração, ou a minitude? A irrupção de uma folha com sua promessa de verde na penumbra, de um vínculo de árvore desfeito e lançado à revelia, ou havia no vínculo o lançado, a presença de uma ausência?

O risco de giz por trás dos olhos, exatamente por detrás.

E os pés se aproximam de uma promessa de um ir além de, entre riscos desencontrados, não de giz, fraturas paralelas normais ao meio-fio.

De uma janela iluminada, o lusco-fusco de uma televisão defeituosa. Um casal colado a uma reentrância do portão. A nostalgia de um afeto futuro, a esperança de um passado que se modifique.

Os olhos iluminam volutas, cachos de uva, festões caiados. O arco se completa.

Mas não lhe é possível ultrapassar o risco de giz.

Apenas não sabe qual deles.

Samuel Rawet – uma homenagem

O contista que calculou Brasília nas linhas da palma da sua mão.

Samuel Rawet (1929–1984) nasceu em Klimontów, pequena cidade da Polônia, imigrou para o Brasil em 1936 e aqui se naturalizou, criando uma nova pátria. Engenheiro de formação, dedicou-se à literatura e tornou-se um dos personagens singulares da vida intelectual de Brasília.

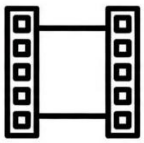
Sua arte conserva traços de sua origem, num entrechoque de culturas e raças. Um clima denso nos transporta para um mundo amargo e fascinante. Mantendo admirável coesão interior e estilística desde os primeiros trabalhos, Rawet construiu uma obra marcada pela condição do estrangeiro, pela solidão, pelo desenraizamento e pelas contradições da existência humana.

Começou pelo teatro, com a peça *Amantes*, mas foi no conto que melhor se realizou. Viveu à margem dos círculos convencionais, cultivando uma literatura inquieta, original e avessa às convenções. Sua trajetória permanece como parte

O carioca Sylvio Edgard descobriu, sozinho, esse admirável universo ao assistir ao filme Tommy. Nunca mais esqueceu aquele personagem: um gigante de botas enormes e óculos piradíssimos, tocando um piano que mais parecia uma máquina de fliperama, daquelas em que as bolinhas, impulsionadas pela mão, batem nos obstáculos pelo caminho, produzem sons, acendem luzes e somam pontos. Um dia, aquele gigante atendia pelo nome de Reginald Dwight. Agora, no auge do hit parade, era o pomposo Elton John, nome artístico formado a partir de Elton Dean e Long John Baldry. Sylvio gostou daquele jeito de bom moço e achou incrível o sujeito por trás dos óculos extravagantes

fundamental da memória literária e cultural da capital.

"Por que vai o homem a caminho de sua danação com a lucidez do suicida?" — Samuel Rawet, "A porta".1976



Cinema

No início do ano, Glauber Rocha despreza os dois primeiros roteiros e viaja para Moscou, onde não conhece ninguém. Do hotel, liga para a Mosfilm, a empresa estatal de cinema, comunicando que havia chegado. Durante seis dias, recebe a visita de Natasha, uma funcionária especialista em Machado de Assis, que lhe mostra as praças, os museus e os monumentos da cidade. Pedem-lhe referências, e ele dá: Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, deve ter ouvido falar de mim. Não apenas ouvira como comparece a uma sessão especial de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, numa sala VIP da Mosfilm. Prestes vai embora, elogiando, e Glauber Rocha volta ao hotel, à espera. Quando o chamam de volta, querem, naturalmente, um roteiro. O cineasta inventa um roteiro falado, de uma hora, traduzido por Natasha, e tenta derreter o gelo dos tecnocratas soviéticos com uma comparação: — "Acontece comigo o mesmo que aconteceu com Eisenstein no México!" Há uma nova exibição de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. De volta ao estúdio, não há como escapar: o roteiro ou nada! E avisam, delicadamente, que o inverno está chegando.

14 de abril

Zuleika Angel Jones

(1921-1976)

Zuleika Angel Jones, conhecida como Zuzu Angel, estilista brasileira nascida em 5 de junho de 1921, morreu em 14 de abril de 1976, aos 54 anos, no Rio de Janeiro. Sua morte foi consequência de uma ação do Estado brasileiro durante a ditadura militar. Zuzu tornou-se símbolo da luta por justiça e pelo esclarecimento das violações de direitos humanos cometidas naquele período.

De Moscou, Glauber vai para Hollywood, com escala em Paris.

Na América, hospeda-se no Magic Palace of the Stars. Apesar do nome paródico, o hotel é um muquifo de quinta categoria, perto da linha do trem, conjugado ao Chinese Theatre, no coração de Hollywood.

No exílio californiano, Glauber Rocha circula entre cineastas ianques. O brasileiro acha Francis Ford Coppola parecido com Antônio das Mortes, e os dois passam horas escutando Villa-Lobos enquanto conversam sobre filmes.

Martin Scorsese o apresenta ao presidente da United Artists, Michael Medavoy, que o recebe com um elogio de puro nonsense: "Vi *Terra em Transe*. É fantástico! Parece um filme de Antonioni." Robert De Niro, presente à cena, testemunha o interesse de Michael Medavoy, que logo bate na mesma tecla: "Manda o roteiro que eu produzo o seu filme." Glauber Rocha passeia com a namorada, Connie, enquanto escreve mais um *script*. A aventura termina num jantar na casa de Miloš Forman, que o recebe de braços abertos e com veneno ferino: "Quem diria, Glauber Rocha em Hollywood! Você ficou louco? Você é um comunista, o que faz aqui?"

Terminada a brincadeira, chama Glauber Rocha a um canto e sussurra: “Isto aqui é o paraíso dos diretores socialistas!”

Michael Medavoy, frustrado com o roteiro que Glauber Rocha lhe envia, é polido e sincero: “Seu filme é a favor da revolução socialista e contra o imperialismo americano. Isso nós não podemos admitir.”

No entanto, pondera que, se Glauber Rocha estiver interessado em outro tipo de trabalho, faroeste, coisas assim, poderão voltar a conversar.

Numa reunião na United Artists, Glauber Rocha cita Bertolt Brecht, esculhamba o mundo, não faz filme nenhum e ainda ironiza: “Vocês não financiariam no Brasil com o dinheiro que têm retido lá?”

Recusado por Allende, por Cuba-Icaic, pelo México, pela Mosfilm, pela United Artists, por Franco Cristaldi, por Coppola e por Serge Silbermann, nada feito. Os produtores não financiam os filmes de Glauber Rocha nem aprovam um roteiro que intuía o fenômeno da globalização e mostrava a falência do Brasil, onde tudo está à venda e qualquer pessoa com um punhado de dólares na mão compra qualquer coisa. É um roteiro profético do Brasil em que as nossas caras riquezas estão à venda por qualquer preço.

22 de junho

Na Califórnia, Glauber abandona o sossegado e velho quarto do confortável hotel Garden Courts Apartments, situado no nº 7021 da Hollywood Boulevard, antigo ponto de encontro de celebridades da tela na época do apogeu dos grandes estúdios.

No dia seguinte, uma quarta-feira, depois de cinco anos de ausência, regressa do exílio. Vestindo um casaco de tweed, logo deixa patente que abandonou as contradições marxistas, como a lei cubana da necessidade — uma explicação para a miséria da ilha de Fidel —, e rompeu com a tirania comunista da Tchecoslováquia.

Em solo pátrio, passa a defender os esforços para o aperfeiçoamento democrático do presidente Ernesto Geisel, a luz dentro do processo histórico, a propalada abertura: lenta, gradual e segura, o único conceito de avanço político naquele momento.

Além de acreditar no projeto de abertura política de Geisel, Glauber Rocha admite também exercer influência nesse processo. Enquanto as patrulhas ideológicas substituem o debate de ideias e o acusam de adesista, de ter aderido à

30 de junho – Tem algum projeto imediato de filmagem?

Glauber – Acabei de assinar um contrato de coprodução com a United Artists americana, para rodar *A Idade da Terra*, espécie de prolongamento de *Deus e o Diabo* e *Terra em Transe*. Acho que hoje em dia já dá para se fazer no Brasil um filme de nível internacional, pois existem condições para isso.

19 de julho Glauber Rocha está em outra

Entrevista com o cineasta de 'Deus e o Diabo na Terra do Sol'

9 de agosto

E geme o sino em lúgubres responsos
Pobre Glauber! Pobre Glauber!

(ou: "Nem Lenin, nem Stalin, nem Marx, nem mesmo Machado de Assis". E muito menos *Glauber Rocha)*

13 a 19 de agosto Querem me matar (ou, votem na arena)

8 de setembro 'Não me exijam coerência'

O Diretor de *Terra em Transe* diz o que pensa, sem medo de errar

10 a 16 de setembro Miséria Cinematográfica

ditadura, ele diz algo espantoso: “Na verdade, eu ponho frases na boca deles, atribuo significados a estes personagens e depois eles têm de agir conforme o *script*.”

O fascínio de Glauber por conhecer os mecanismos do poder lhe dá o grande mérito de sacar que Fernando Henrique Cardoso é a ponta de lança do Pentágono no Brasil, assim como denunciar que o Cebrap, em São Paulo, é financiado pela Fundação Rockefeller e está a serviço da CIA, funcionando como plano neocamelô das ciências sociais. Não é por acaso que repicam-se heustórias de Glauber de manhã cedo, enrolado num cobertor como mendigo, caminhando sem rumo pela praia de Ipanema, falando sozinho ou comendo sem pagar nos restaurantes. Também surgem chamadas de capa como “Nem Mao, nem Stálin, nem Glauber” e *leads* com o título “Pobre Glauber! Pobre Glauber!”, em semanários esquerdistas empenhados em eliminar o cineasta da vida nacional.

“Quando eu filmar a Odisseia, convidarei o professor Fernando Henrique Cardoso para o papel de sedutor, embora não saiba se o Príncipe topa contracenar nu com Ariadne no Labirinto do Cebrap.”

Epígrafe do livro O Príncipe da Moeda, de Gilberto Vasconcellos. O sedutor de Ariadne é Teseu. Ela o ajuda na vitória sobre o Minotauro, no Labirinto. Ariadne parte com Teseu, mas é logo abandonada.

Glauber, o profeta da Abertura, ainda prevê a sucessão de Geisel por Figueiredo, quatro anos depois, a vitória de François Mitterrand na França e até Sarney.

Traços e posições particulares de um homem que parecia volúvel, ao sabor de declarações e profecias passíveis de estrondos.

•

Nesse mesmo mês de setembro, outra novidade vem marcar o reinício da ebulição cultural na cidade: a instalação de uma construção em forma geodésica, com três quartos de sua estrutura apresentados em perspectivas esferoidais – o Balão de Ensaio.

Concebido pelo arquiteto Sérgio Prado, o Balão tinha oito metros de diâmetro e destinava-se especialmente à dança e à música. Foi montado próximo à Escola Parque da 308 Sul. Também serviu como palco para espetáculos de teatro de bonecos e ponto de encontro de artistas plásticos e dos primeiros músicos de rock da cidade. Essas tentativas de investir em mobiliário urbano destinado a movimentar a cena cultural da cidade (e protestar contra a falta de espaços) tiveram fim melancólico e incivilizado três anos mais tarde, quando sua estrutura foi derrubada a marretadas por quem, em última instância, deveria protegê-la: a Fundação Cultural do Distrito Federal. A propósito, esse órgão posteriormente também foi extinto, mas de forma mais discreta e solene: a canetadas.

26 de outubro

Morre um dos principais pintores do modernismo brasileiro, Emiliano Di Cavalcanti.

Glauber Rocha: “Eu vim para confundir...”. Filma o velório do pintor Di Cavalcanti, sob uma onda de indignação familiar e o olhar perplexo dos presentes.

Di-Glauber – “Ninguém assistiu ao formidável enterro de sua última quimera: somente a ingratidão, essa pantera, foi sua companheira inseparável.” (Augusto dos Anjos)

Não ficção, curta-metragem, 35 mm, colorido, 480 metros, 18 minutos. Rio de Janeiro, 1977.

Elenco: Joel Barcellos, Marina Montini e Antônio Pitanga.

Em 1969, durante a ditadura militar no Brasil, Joel Barcellos exilou-se na Itália, só retornando em 1975.

É a gênese de uma nova linguagem documental. O curta *Di-Glauber* antecipa a geração dos anos 80 e exerce uma influência deflagradora, abrindo um novo campo de prospecção para o curta-metragem, por meio de uma estética de videoclipe caótico, que não esconde as pontas de negativo utilizadas nem a câmera emprestada.

"Não a reprodução das últimas imagens de Di Cavalcanti, mas um ensaio do próprio fenômeno da morte (...) Uma celebração que liberta o morto de sua hipócrita e trágica condição. (...) Quando filmei o velório, vi que Cavalcanti não estava morto, mas rindo. Eu queria tirá-lo do caixão e quase telefonei para os jornais denunciando que após revelar o filme eu tinha visto que ele estava vivo. Di é o próprio cinema brasileiro, e acreditem, ele não morreu."

Glauber Rocha

"Elizabeth, filha adotiva de Di Cavalcanti, processou a Embrafilme e recebeu uma indenização, além de conseguir proibir a exibição do filme.

Trata-se de um xilindró ideológico, um crime de lesa-cultura absolutamente incompreensível, afinal é, provavelmente, o melhor filme do cineasta. (...) Num país cujo presidente da República se diz intelectual não existe um filho da p... de prestígio capaz de perceber que uma obra como esta não pode ficar proibida para sempre".

Evandro Oliveira Bastos

"Em O Globo há uma história de sua filha que proíbe a exibição do curta de Glauber sobre Di. Glauber amava Di. Mas não há cura para o filistinismo. Nelsinho Motta me diz que é o melhor de Glauber, cujo talento nunca foi desenrustido. Os momentos criadores de seus filmes se perderam quase sempre em confusão e longuers".

Paulo Francis

6 de dezembro

No dia da morte de Jango

Coluna de Ibrahim Sued / O Globo

Rock diplomático: "Em Brasília: estreia profissionalmente um conjunto de rock que vai fazer balançar, até mesmo por força de solidariedade familiar, todo o Itamaraty: ele é formado por um filho do embaixador Sérgio Correa da Costa que está na ONU; outro do ministro Geraldo Hollanda Cavalcanti, do gabinete do Chanceler Silveirinha (que hoje estará no Rio) e dois do secretário Romeu Zero, do Departamento Cultural. Vai estrear no dia 6 de dezembro de 1976".

Faltou informar o nome do supergrupo: Telasis. Fica aqui o registro inédito do rock de Brasília, no apogeu da picadura, digo, ditadura militar.

Telasis ficou conhecido como Tellah!

• O Curso de Verão foi uma ideia do maestro Levino de Alcântara, em meados dos anos 70. Ganhou força com o passar do tempo. O então reitor da Escola de Música pensou num projeto em que os músicos da cidade pudessem aproveitar o período de férias para aprimorar seus conhecimentos com grandes mestres. Em 1976, foi realizada a primeira edição.

6 dezembro

Presidente João Goulart (1919-1976).

Juscelino Kubitschek (1902-1976). O Presidente falece em um trágico acidente automobilístico na via Dutra, perto da cidade de Resende, no estado do Rio de Janeiro.

26 dezembro

Contracultura

Depois Do Kaos (1)

Sem dúvida nenhuma, os melhores, e desconhecidos dos intelectualóides, livros de escritores brasileiros (alguns hoje, finamente felizmente, já, tidos como novos (?), que li, encontrei-os ou no "sebo" ou nas "feiras de livros" ou nos "camelôs de livros" estendidos pelas intrafegáveis ruas e ruelas da metropoluída São Paulo com suas sociedades mais que anônimas. E entre os "sebados", "feirados" e "cameloados" encontrei: Ferúccio Fabry – A Volta que recebeu o "Prêmio José Lins do Rego"; Aguinaldo Silva – Canção De Sangue E Cristo Partido Ao Meio; Gerardo Mello Mourão – Valete De Espadas; Álvaro Pacheco – Sonhos Dos Cavalos Selvagens e A Matéria Do Sonho; e encontrei, também, o que considero da maior importância dentro da "Literatura Brasileira", como acontecimento que foi. Novo, muito antes do novo existir e cair no lugar comum, a "Mitologia Do Kaos em três volumes (?) – Deus Da Chuva E Da Morte; Kaos; Narciso Em Tarde Cinza, de Jorge Mautner.

Augusto dos Anjos e Demônios

A amarga poesia de Augusto dos Anjos ganha agora mais um inteligente estudo do crítico e poeta Ferreira Gullar, através do lançamento de toda sua obra pela Editora Paz e Terra. O estudo de Ferreira Gullar chama-se Vida e Morte Nordestina e atesta a modernidade de Augusto com renovador e cantor de um tempo social e presente na vida humana.

1977

27 de março

Morre no Rio de Janeiro, a irmã de Glauber Rocha; Anecy Rocha, que caiu acidentalmente no poço de um elevador. A família Rocha se caracterizou pela força e pela tragédia, mas essa dor foi demais para Glauber, recém-chegado, deixou o cineasta abalado e completamente transtornado, começava seu isolamento e distanciamento do pensamento cinematográfico e da realidade brasileira.

"O Cinema Novo sou eu. Quando a canalha diz que o Cinema Novo morreu quer dizer que Glauber Rocha morreu. Por isso, mataram Anecy Rocha. Mas eu estou vivo. Só que eu não sou moleque da Globo, não sou garoto-propaganda da Shell ou da Esso. E não sou teleguiado do PC. (...)

"Até hoje Walter Lima Júnior não explicou como Anecy Rocha morreu caindo de um elevador."

(*Glauber Rocha*)

7 de abril

PHROMETEU

Glauber Rocha In Alvorada

Os editores do Correio Braziliense não fazem qualquer restrição ao que ele escreve. As contribuições do jornal e o cineasta começam nesse dia, quando é publicado o artigo Paixão Segundo Glauber, e três dias depois, no domingo de Páscoa, vem encartado o suplemento místico, Alvorada (10 abril) freneticamente concluído por Fernando Lemos, Glauber, Rogério Duarte e TT Catalão em clima de velório e tragédia grega, onde "os bárbaros plantam os seus mortos".

II

A ser torturado por um abutre / Alimentado pelo sangue biliar de Prometeu

O abutre rejuvenesce e fica amigo de sua vítima / Que imortalizado pela dor gera o amor

E no prazer de dar sublima o não ser / Projetado da matéria feliz porque viu um nada lacunar entre o ser e o passado / O fulgor do fogo primário feminino

Na memória do amor assumido / Sou ela fogo masculino no ventre da terra prometida

1977

A CIDADE MAIS BONITA

"Brasília é a cidade mais bonita do mundo e a grande Verdade Vos Ilumina. Penso que é necessário fazer as coisas. Isto é o que pensava Kubitschek quando dizia: 'É preciso fazer Brasília'. Os economistas diziam que Brasília significaria o colapso econômico do Brasil. É verdade que a desvalorização da moeda foi tão grande que isso provocou uma crise econômica. Mas Brasília foi a revolução cultural do Brasil; com sua construção, o Brasil pôde se livrar do seu complexo diante do colonialismo. O despertar político e a consciência do subdesenvolvimento datam da construção de Brasília. Isso é bastante contraditório, porque Brasília era uma espécie de Eldorado, a possibilidade que os brasileiros tinham de criar eles mesmos alguma coisa. (...)

"Aqui, por exemplo, em Brasília, neste palco fantástico no coração do planalto brasileiro, forte irradiação, luz do Terceiro Mundo, numa metáfora que não se realiza na história, mas preenche um sentimento de grandeza, a visão do paraíso, essa pirâmide, esta pirâmide que é a geometria dramática do estado social, no vértice o poder, embaixo, as bases e depois os labirintos intrincados das mediações... *(Glauber Rocha)*

1º de abril

"Passei uma semana em Brasília e fiquei impressionado com o baixo nível dos discursos." *Glauber Rocha*

No dia em que o presidente Geisel fechou o Congresso, Glauber telefonou para Caetano Veloso que lhe passou o telefone de Rogério Duarte em Brasília. Perseguido no eixo Rio-São Paulo, taxado de louco, refém das proliferantes patrulhas ideológicas e em profunda crise existencial, Glauber Rocha atende a pedido do amigo e corre para Brasília.

Quando chega. Brasília vive a crise dos pacotes das reformas políticas, o Congresso Nacional está fechado, a nação traumatizada. O MDB conseguiu rejeitar, no Congresso Nacional, um projeto de reforma judiciária apresentado pelo governo tendo este fechado o Legislativo, aprovado a reforma por decreto e editado o chamado Pacote de Abril, um conjunto de esdrúxulas medidas eleitorais, instituindo a figura do senador biônico, a ser eleito, não pelo povo, mas por um Colégio Eleitoral, que tinha a maioria de seus membros oriundos do partido governamental – a Arena. Deste modo, a abertura de Geisel pôde ser levada até o final de seu governo, com a revogação, em janeiro de 1979, do AI-5.

Rogério Duarte, que trabalhava no Correio Braziliense, recebe-o no aeroporto levando uma "presença". Não precisava. Quando Glauber desce do avião, Rogério Duarte percebe que ele exala profunda marola. – Devia ter fumado muito durante o voo. Em voo, o cineasta substituía o fumo do Hollywood.

Glauber Rocha, com complexo de perseguição e sentimento de culpa pela morte da irmã, Anecy Rocha, viera a Brasília para duas coisas, ter proteção e incitar o general Golbery a passar por cima da Rede Globo para apurar e prender os supostos criminosos da morte de sua irmã. Com quem se desentendera horas antes de sua queda no fosso do elevador.

Chega aqui como um molambo, com medo e indignado. Passa por uma terrível fase de consumo de droga, com dificuldades de articular as palavras. É assistido pelos amigos até que consiga falar direito, para então saber o que quer e botá-lo em contato com as pessoas. Através do general Golbery é marcada uma audiência com Armando Ribeiro

Falcão, ministro da Justiça que o recebe. Glauber comparece e torrencia a sua versão, que é absurda, mas que ele acredita e enriquece com dados criativos, o cunhado, fã de Hitchcock, teria empurrado a irmã para o fosso do elevador. – É *Um Corpo Que Cai* (de Hitchcock) com *A Marca Da Maldade* (de Orson Welles). Teorizou Glauber. Armando Falcão, o ministro político e ministro da segurança interna do governo Geisel fica horrorizado, mas não dá instruções para que a Polícia Federal faça uma averiguação sumária e enrola Glauber que não se conforma e acha que Armando Falcão faz parte da conspiração de silêncio.

Essa importante e produtiva temporada em Brasília é menos conhecida do que suas passagens por Hollywood, Europa, Ásia e Terceiro Mundo.



Imprensa

Em Cartaz!

"Como eu poderia pedir a cabeça do Glauber se eu nem tinha o número do telefone do jornal?" *Jaguar*

Glauber Rocha escreve no jornal Correio Braziliense artigos políticos coalhados com ypsilone, uma brincadeira linguística com o vanguardismo dos 20s, num estilo tropicalista e na direção da língua tupi, seus artigos "para chamar a atenção de um povo que não lê" escandalizaram o país não apenas pelo fato de os artigos serem publicados, foi que ele virou manchete do jornal. A esquerda radical e reacionária propaga o rótulo de *fascista* e desde então várias pessoas ligam para a redação do jornal para saber o motivo de dar espaço para aquele fascista. No Correio Braziliense, Glauber faz um suplemento inteiro na *Semana Santa*, um espaço que ele não tinha em jornal nenhum do país. Uma coisa louca do ponto de vista de um jornal conservador. Fernando Lemos e Oliveira Bastos perderam a conta dos telefonemas que recebiam de cineastas e intelectuais, alertando-os contra a insanidade de dar espaço aos delírios do cineasta.

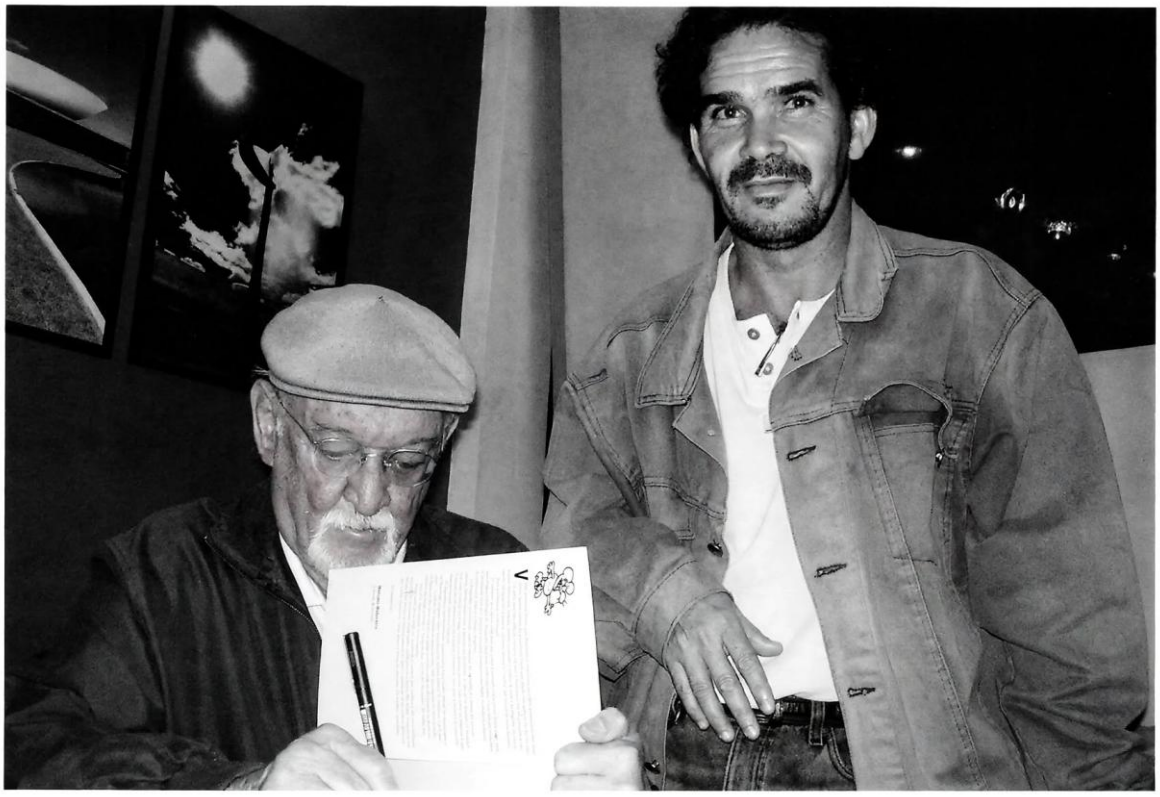
"Ele está louco, está alucinado, tem que ser internado." Dizia Jaguar e ouvia um sonoro:

"Vá à merda." Respondido por um dos editores.

Em outro telefonema do gabinete de Ney Braga, o então ministro da Educação e Cultura. Chama Glauber de grande intelectual e como resposta é encostado na parede: "Vou poder fazer o meu filme ou não?" – "Me diga, senão eu saio do Brasil agora e vou para a Bolívia." Ney Braga, emocionado, promete que tomará providências e Glauber apresenta um novo orçamento, de 6 milhões de cruzeiros.

Na primeira página do Correio Braziliense, Glauber produz o impacto que o editor-chefe quer e o impacto é tão violento que Glauber passa a ser apontado como um inimigo das esquerdas. Mas ele tem consciência de que veio para o sacrifício e retruca: – Estudo a história do Brasil e tenho uma vasta informação sobre a cultura e a política brasileiras. Os filmes que faço são produzidos pela realidade econômica, política e cultural do Brasil, e então posso me dar o direito de emitir opiniões sobre eventuais contradições políticas do país. Fiz certas declarações antes de o general Geisel tomar

posse e algumas coisas que falei mais ou menos se delinearam no quadro político brasileiro. Não aderi ao governo, porque não disputo o poder nem me interessa satisfazer a centros de poder, sejam eles do governo, de partidos ou de grupos econômicos. Eu posso então emitir opiniões independentes de conceitos vigentes.



Substituindo as letras c, i e s por xs, ys, zs e ks, Glauber mexe com a representação dos fonemas brasileiros e com o processo cultural do país. Faz do jornalismo uma trincheira. Escreve artigos enormes e polêmicos, aproveita a proximidade do poder para dar recados ou fazer elogios incômodos à leitores ortodoxos. *E no prazer de dar sublima o não ser / Projetado da matéria feliz porque viu um nada lacunar entre o ser e o passado / O fulgor do fogo primário feminino*

Na memória do amor assumido / Sou ela fogo masculino no ventre da terra prometida

Declarações e estrondos de rocha 3

"Jorge é a verdade psicossocial das massas num clamoroso espetáculo de Poesya e Miséria, Cozinha do Payz. Jorge Amado faz no romance o que Brecht fez no teatro. Convertendo o povo em personagem principal dos dramas, virou de cabeça para baixo a mise-en-scène de um Romance, no caso brazyleiro, que falava do Ocupante na linguagem do Ocupado".

"O MDB faz o jogo do capitalismo internacional: uma revolução está amadurecendo e ninguém parece se dar conta dela, mas é possível que ela esteja no cerne do comportamento do presidente Geisel."

"Patrulha é a Igreja Católica em conluio com o MDB, Dom Paulo de mãos dadas com o Cebrap, quatro séculos de Inquisição na jogada."

"Fernando Henrique Cardoso é um subcientista social. Não e, nunca foi nem será comunista. É um neocapitalista, um kennedyano, um entreguista. Responsável pela

organização das Patrulhas Ideológicas contra intelectuais e artistas revolucionários e nacionalistas. O gancho do Pentágono funciona em São Paulo. A metástase cancerígena abrange a telenovela, a música popular multinacional, o Cebrap – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, os brasilianistas, as universidades, o marxismo colonizador e a igreja de Dom Evaristo, cardeal de Berlim."

"Eles (o Cebrap) fazem estudos sob uma visão materialista grosseira da história, porque acham que aqui é uma reprodução do sistema econômico ocidental, sem levar em conta a antítese irracional da emergência terceiro-mundista, inclusive a tradição do modo de produção africana e árabe nos bolsões brasileiros mais profundos. São bons estudos na parte de pesquisa, mas na parte de interpretação não existe mobilidade dialética no pensamento, resultado do trauma do fracasso de 64, sem que ninguém tenha feito a psicanálise do alter-ego janguista que não respondeu à ânsia revolucionária ou histeria revoltada de um profundo sentimento humanista."

"O intelectual brasileiro é um alienado, é pobre não tem dinheiro para estudar. O Brasil pertence aos brazilianists."

"Aqui o bombardeamento linguístico é terrível. A publicidade é feita em inglês, os cantores cantam em inglês, estão todos escrevendo em inglês, falando inglês – esperando um dia ir aos Estados Unidos."



Shows

24 de abril

Beatlemania via em disco e no palco

Em 1977, o Ginásio da AABB, em Brasília, foi palco de uma noite memorável com Os Mutantes e O Terço, que se uniram para homenagear os Beatles. Após uma apresentação dos Mutantes, o público assistiu a uma sequência arrebatadora de clássicos como "She Loves You", "Day Tripper", "Help!", "Let It Be" e "Hey Jude". A ausência de Sérgio Hinds, do Terço, hospitalizado antes do espetáculo, impediu a apresentação isolada do grupo, mas abriu caminho para uma parceria musical extraordinária.

A plateia dançou e cantou do início ao fim, transformando o concerto em uma verdadeira celebração da Beatlemania, marcada por guitarras, altos decibéis e uma energia coletiva poucas vezes vista na cidade. Enquanto parte da crítica brasileira desprezava o rock progressivo nacional, Brasília viveu intensamente aquele encontro entre duas grandes bandas e o repertório dos Beatles.

Mais do que um show, foi um acontecimento de liberdade, juventude e resistência cultural, sem policiamento ostensivo ou depredação. Uma noite de excessos, adrenalina

e emoção que permaneceu viva na memória de quem teve o privilégio de presenciar aquele espetáculo — uma viagem de volta aos bons tempos do rock.

Sincretismo

Pelas calçadas dos teatros em Londres ou Nova Iorque, cartazes estampavam o espetáculo *Beatlemania*. Uma peça que conduzia o público ao chororô, ao histerismo, ao êxtase e à total entrega aos quatro cabeludos de Liverpool. Na verdade, eram bandas meia-boca sem as virtudes e o virtuosismo de um Mutantes ou O Terço. Apresentações onde reluziam coberturas de plástico, em filmes de perucas falsas projetados sobre nossas cabeças. O Brasil seguiu no vácuo dessa nostalgia, economizando dólares com uma produção caseira – em brilho, digna do Municipal –, mas aquém do furor cosmogônico das grandes plateias.



Discos

Beatles versus 17.000 pulmões jovens

Acabado o espetáculo *Como Nos Bons Tempos*, o show deve continuar: basta colocar na vitrola o recém-lançado LP *The Beatles at the Hollywood Bowl*, o primeiro e único disco oficial de gravações ao vivo do grupo em concerto. O problema é que o fato de ser oficial não ajuda muito na qualidade técnica do som, o qual, em última análise, prejudica o resultado final do que é mais importante: a música (e a musicalidade).

Gravados em duas oportunidades – 23 de agosto de 1964 e 30 de agosto de 1965 – o LP capta imperturbavelmente a Beatlemania no apogeu: menininhas desmaiando, as histerias e convulsões, gritos agudos e lágrimas em torrentes de paixão. Esse gênero de coisas significa muito barulho e pouca música. E, em que pesem os esforços do produtor George Martin e do engenheiro de remixagem, Geoff Emerick, quem quiser realmente ouvir o som dos Beatles no disco acaba ficando na mão. Pouco adiantou o experiente George Martin reclamar da posição dos microfones mais direcionados para captar a plateia.

Doze anos depois, Martin trata logo de se justificar na contracapa do LP: “Para falar francamente, eu não era favorável à gravação do concerto. Tinha certeza que não poderia ficar tão boa quanto as que fazíamos no estúdio, mas resolvemos tentar assim mesmo. Tecnicamente os resultados foram desapontadores, as condições de trabalho dos engenheiros foram extremamente difíceis. O caos – quase posso dizer pânico – que reinava nesses concertos era inacreditável, a menos que você estivesse lá. Os gritos incessantes de 17.000 pulmões jovens e saudáveis tornariam inaudível até mesmo um avião a jato”.

De uma forma ou de outra, *The Beatles at the Hollywood Bowl* funciona como documento de uma época das mais interessantes do quarteto – aquela em que eles curtiam ao máximo a condição de superestrelas e em que ainda eram considerados o suprassumo do conjunto popular, que buscava realmente o contato com o público. Pelo disco, você ouve e percebe que eram rocks que faziam a cabeça da garotada sem grandes macetes, como "Twist and Shout", "Dizzy Miss Lizzy", "Boys", "Roll Over Beethoven", "Long Tall Sally", ao lado

de canções um pouquinho mais sofisticadas da dupla Lennon & McCartney, como "Ticket to Ride", "Help!", "All My Loving", "Things We Said".

Parcialmente inédito

A legião de beatlemaníacos que batia ponto na porta das importadoras, desde 1973, conhecia o show do Hollywood Bowl de 1964. E o maior feito do DJ Big Boy foi lançar pela etiqueta Napoleon, no Brasil, o LP *And The Beatles Were Born*, com apenas um lado da gravação pirata do show de 1964. Foi o primeiro disco pirata nacional. Nele escutam-se até algumas falas cortadas do lançamento oficial. E o mais engraçado é que a matriz desse pirata pertenceu a algum dos quatro Beatles que, separadamente, ganhou uma cópia da apresentação gravada pela Capitol, o selo americano que distribuía os discos da banda nos Estados Unidos.

The Beatles at the Hollywood Bowl é recomendável, portanto, a todos os fãs doentios e àqueles que desejem conhecer o clima de ouriço de um concerto no início dos louquérrimos 60s.

4 de agosto

Nasce Pedro Paulo de Araújo Rocha, filho de Glauber e de Maria Aparecida de Araújo Braga (Cuca).

Carrego uma avalanche de demônios e vou soltá-los

Eles me queimaram sem fritar, me queimaram até para as novas gerações... tentaram me tirar tudo...

Meu padrinho veio dar conselho e só depois a ficha caiu. Ele falava sobre drogas e eu tinha 13 anos, vivendo num buraco na QNJ. No ano anterior, eu atravessara os sábados camuflado de pequeno cristão na igreja. Agora, eu tomava conta da Vidraçaria. Meninos surgiam para atormentar meus dias. Eu tinha que atacá-los com pontas de vidro – um monstro, um perdido, um rebelde, um louco. Estudando cinco dias e trabalhando no sábado, meu futuro escolar era uma bomba-relógio.

P Norte

No serviço público dei muita ideia. Só que agora que não dou mais: "Espero morrer e não ter que voltar", repito aos porteiros nas sextas-feiras; eles riem. Os Vigilantes são cordiais e tomamos mais liberdade com eles. Me refiro a pretensas autoridades como "aquele Peão?"... Eles riem mais ainda. "E, aí Peão, então você é do P Norte conheceu o Mercadinho Santos? Pertencia aos meus tios!" O cara não acredita: "... sério mesmo?" O Mercadinho ajudou muito a população de lá (no desenvolvimento). Depois contarei como foi vender roupa na Feira no Pedregal aos treze anos. Foi quando me percebi um freak bizarro, um doido varrido, pois na minha empolgação: "Pô arrebentei!" O Padrinho, falou para a minha mãe que eu era um fracasso. Definitivamente surtei e entrei no rock'n'roll.

Quem tem padrinho não sofre overdose

A minha família é de São Paulo, vinda do interior da Bahia. Para ilustrar, eu digo que tínhamos um viés concretista. Aquela origem da São Paulo da garoa, da boêmia. Meu pai trabalhava no forno da fundição e, por ser mais capaz, aprendeu outras funções importantes – o que não o poupou do desemprego. Dona Madalena, a vizinha, mais velha do que o século. Em idade avançada, usava meias e vestido esvoaçantes. Vivia varrendo. Varria a calçada, varria o jardim, talvez varresse a solidão. Pela boca dela ouvimos: "... naquela bebedeira do Milton, não tinha só cerveja!". Foi minha primeira referência à *bagonha*. Depois, dona Madalena falava: "... foram os Tupamaros que roubaram os bancos

e mataram as pessoas!" Quem eram eles? Revolucionários uruguaios agindo no Brasil? Suas informações chegavam pelo rádio, a rádio Barros de Alencar. Assim eram os 70s na Sampa da minha infância.

Cheguei na capital e vi os comícios de punks e bancários, e pensei: "Em Brasília a política é irresponsável, eles não seguem leis, uau!". O grande advogado era o

Maurício Corrêa e o Santo Guerreiro era o Mário Eugênio. Os tempos mudam e as pessoas caem. Me recordo que naqueles tempos as pessoas eram marcadas a ferro quente – principalmente quem estudava na UnB.

Aos quase catorze anos, me interrogaram sobre o consumo da maconha. Isso era o que se passava pela cabeça do Padrinho. Para aquele meu comportamento errante e fuso-horário alterado, somado à queda de rendimento escolar, devia haver uma cortina de fumaça. Diamaba fumada na escola, na rua? Com quem? Acho que nesse dia, me achei um *bosta*. Nem sabia do que o Padrinho falava. Tudo se resumiu em indignação. Meu Padrinho teve cuidado com as palavras, mas eu fui fichado pela primeira vez em casa. Ali me tornei um junkie do rock'n'roll do colecionismo e eu só queria assistir filmes tarde da noite e no outro dia acordar cedo, já queriam me encaminhar para servir ao sistema. Isso me ajudou a compreender os jovens das próximas gerações.

O pior de tudo é que, de início, não captei a mensagem. Não sabia do que o Padrinho falava. Então, depois de tentarem se livrar de mim, ameaçaram me internar no reformatório, me colocar na igreja. Mas eu estava crescido e escapei. Desde então, a minha vida será rock'n'roll. Décadas depois, chegaram os primos e mostraram aos pais com quantas canoas se faz uma embarcação.

Rock'n'Roll, dei-lhes os melhores dias da minha vida!

Embarquei nessa só com bilhete de ida e fomos conhecendo gente louca. Uma única condição: jamais apareça no portão da minha casa para me chamar... até hoje eu sigo essa canção... jamais pinte na minha porta sem ser convidado. Anos de balcão nos botecos ao lado da vidraçaria me ensinaram. Naqueles idos da adolescência de duros e gentis aprendizados, nosso salmo era o programa *Gogó Das 7* – onde, logo cedo, já se sabia quem estava em liberdade e quem estava atrás das grades. Conhecia alguns dos nomes dos crucificados que saíam no *Gogó Das 7* – Carrefour, Rêrê, Doidinho, Gregorinho, Quarenta, Espigão, Tatu, Caveirinha e heustórias da Loira do 38, A Mansão do Aborto.

Eu procurava emprego com carteira assinada. Meus dedos eram cortados de colocar vidro nas casas. *O Garoto*, do Chaplin, pelo menos se divertia, apedrejando as vidraças e desaparecendo na esquina. O futuro? Amolecer massa com óleo diesel queimado. E hoje, você chora meu quase infausto futuro com vidros quebrados? Vá se *f****!

9 de setembro

Ata inicial do Clube do Choro

"O Geraldo (Valdomiro Dias), meu marido elaborou a ata de fundação, registrada no Cartório do 1º Ofício de Registro Civil e protocolada sob o número 406, no dia 25 de outubro de 1977." *Odette Ernest Dias*

Blues para Milton

Somos operários e eles me deram um diploma.

Meus tios dirigiam coletivos, carretas, guinchos e táxis. Depois, tiveram bares, mercadinhos, lojas de roupas e outras atividades. Tudo aquilo que se faz para ganhar a vida dignamente.

Você fica de ouvido no rádio do guincho. Se falar esse prefixo, você ouve e me avisa enquanto tiro um cochilo na hora do almoço.

Em 1977, um longo ônibus estacionou na porta de casa, na QNJ 5. Milton era irmão de Antenor, casado com minha tia Lídia. Bela família, cinco primos.

– Vou levar o Mário para dar um giro na Rodoviária.

Aberta a gaveta das economias, não havia uma nota sequer. Levei um sabão porque eu vivia duro. Tinha apenas 13 anos.

E fui feliz em direção ao Plano Piloto. O foda foi que o passeio aconteceu pela via do Buriti. O ônibus estacionou atrás dos Ministérios, numa garagem na L2 Norte. Nesse meio-tempo, fomos à Rodoviária. Que piquenique maravilhoso: pastel com caldo de cana!

Voltamos e, às cinco horas, o ônibus se encheu de servidores federais. Desci na parada da garagem da Alvorada e o ônibus seguiu para a Ceilândia.

Jamais tive a oportunidade de agradecer ao Milton por ter me levado para passear na Rodoviária. Na nossa realidade de peão boiadeiro, o Plano Piloto não existia.

QNJ

Voltava a pé do CTN para casa para guardar o troco da passagem. Fui o rei da porta de trás do baú – 38 anos depois, eu fui trabalhar no transporte e encontrei alguns daqueles motoristas que sabiam que eu descia pela porta de trás para comprar um livro; acredite, o preço da passagem equivalia ao preço de um livrinho.

De vez em quando eu voltava do M Norte no dedão, porque não consegui descer – era roleta russa. Uma vez, na banca da velha Shis, uma decisão difícil: um gibi de herói uma revista Pop ou a Rock? Quem estivesse na capa decidia.

Left Side 'Mamma Mia'

Maroca, a vizinha na QNJ 5, não ficava nem um pouquinho satisfeita quando tocávamos na vitrola este hit. Pelo menos Maroca não era hipócrita de censurar a música como muita gente aí.

Quando na parada do cemitério não subia gente no Alvorada, o jeito era pagar a passagem e descer na primeira parada da M Norte – que era chamado de *Planeta Dos Macacos* – e era longe pra caramba da velha Shis Norte das casas grandes da Novacap.

Na época das águas, era esparramada serragem de madeira no interior dos ônibus, o soalho era besuntado com óleo, o que o tornava escorregadio. Os ônibus eram tão velhos que nos seus pisos havia buracos e rodávamos vendo o asfalto e a poeira entrando. Meus pais, me levavam para comprar calça Panuzzi na Feira da Ceilândia. O único ponto de referência do Setor O, a única coisa que existia, era o ponto final. As casinhas da Shis eram padronizadas! Havia uma depressão (o *zeitgeist* de uns dias tão estranhos) que ameaçava a cidade e sair do conjunto poderia ser fatal. Em Samambaia, a primeira coisa que a Terracap fez foi licitar lotes comerciais – onde as lojas seriam maiores.

Voltando à Ceilândia, suas ruas transversais da ponta até o final tinham desníveis de 50cm a um metro e os moradores escavavam degraus até as suas portas. O governo abria as ruas e a enxurrada levava tudo. Foi assim por muito tempo. A maior aventura era dirigir um Fusquinha sem limpadores de para-brisas, passando creme dental no vidro externo, e mesmo assim embaçava o tempo todo! Da velha Shis, pela QNL, chegamos a pé na inauguração do Serejão, estádio de futebol. Pela redondeza, só havia chácaras, até o Clube Primavera de Taguatinga.

'Faroeste Caboclo', O Filme

Vi o filme ontem pela primeira vez e a tela grande não é referencial, é licença-poético geo-histórica – a Ceilândia do filme não tem nada a ver com a real. Eles "erraram" de satélite e filmaram a Samambaia, que existia em 1978, porém o filme se passa numa Ceilândia onde já havia asfalto água encanada e cara de cidade. Em tempo, em Samambaia era onde os cadáveres eram desovados pelo Esquadrão da Morte.

A Ceilândia era urbanizada e teve barracos substituídos, como no Ban-ban. Lá existia a pista central com a linha 316, regular até o sul de Ceilândia, Ceilândia Norte e Setor O. Depois é que veio a M Norte e as QNQ e QNR são recentes.



As ZoOrigens do Do Próprio Bol$o

Lá tinha a Vila Tenório

IAPI e Esperança

Tinha o Morro do Urubu

Na Vila do IAPI

As malocas perigosas

Todas partiam dali

Mas depois da remoção

Vieram todos pra'qui

*Nota: nestas imediações do lado do IAPI, no Bernardo Sayão existia a Chácara São Nélson, onde vivemos

Blues do Motorista

"Assim, se o visitante encontrar, em plena Estação Rodoviária, uma reunião de nordestinos portando violão, índio xavante com adereços de madeira nos lóbulos das orelhas e gaúcho trajando calças no estilo bombacha, não deve se assustar, pois esta situação está muito longe da extinção. Isso porque nas cidades-satélites e nos municípios goianos que formam a periferia do Distrito Federal, observa-se uma clara manutenção de costumes regionais de seus habitantes, pessoas originárias dos mais diversos pontos do país."

Somos operários, eles me deram um diploma. Meus parentes dirigiam coletivos, carretas, guinchos, táxis, e mais tarde, bares, mercadinhos, vidraçaria e lojas de confecções. O que não se faz para ganhar a vida dignamente: "Enquanto almoço e tiro o

cochilo, você fica de ouvido no rádio do guincho: se falar esse prefixo, você ouve e me fala".

O longo ônibus estacionou na porta de casa na QNJ 5. Finado Milton, irmão do Antenor casado com a tia Lídia. (bela família, cinco primos): "Vou levar o Mário para um giro na Rodoviária". Aberta a gaveta das economias não tinha uma nota. Levei um sabão porque eu sempre estava duro, eu só tinha treze anos. Mas fui feliz, em direção ao Plano Piloto. *O f*** é que foi pela via do Buriti. O ônibus estacionou atrás dos Ministérios, numa garagem na L2 Norte. Descambamos para a Rodoviária. Que piquenique maravilhoso, com pastel e caldo de cana da Viçosa. Voltamos às 17 horas, com os servidores federais. Desci na parada da garagem da Alvorada e o ônibus seguiu para a Ceilândia.

Jamais tive oportunidade agradecer ao Milton por ter me levado para passear na Rodoviária, na nossa realidade de peão boiadeiro não existia Plano Piloto.

Longuito dirigia o guincho da Pioneira. Por isso, os caras que trabalharam comigo no GDF me reconhecem das antigas: pelos calotes perpetrados nos ônibus dirigidos por eles em Taguatinga e no Guará – tudo para economizar um troco e comprar um gibi ou livrinho. Não existiam sebos, só as livrarias do Conjunto Nacional.

Ainda me lembro dos almoços no Gama, aos domingos, na casa da dona Josefa, mãe do meu falecido tio Longuito.

Tinha-se que pagar empréstimo compulsório sobre o preço das passagens aéreas, por isso poucos conseguiam sair do Brasil. Longuito era um dos poucos homens que podiam sair do país, ele era motorista de ônibus e ia ao Paraguai e, quando retornava, revendia filmadoras gigantes, maiores do que cabeça de elefante – nós nunca nem tocamos nas filmadoras.



Leme/Leblon (Para Eduardo e Felipe)

Renato Manfredini Jr.

Se um dia você encontrar

O Ícaro do século XX que viveu a estória da folha seguinte, diga a ele que eu o matei por inveja: eu sempre quis voar

I

Pelas vielas que só são vielas por causa do cheiro ocre

/ óleo de soja dos pastéis que animais devoram em troca de menos uma verde do bolso.

Ele descia

Ilhado e flutuante metal cromado, lona e fuga nos ombros

O peso da asa triângulo grego

O peso das escadas sujeira zona sul

O peso da água em pouca quantidade

Fria num dia de verão do chuveiro de azulejos cinzas

O peso dos livros

E da consciência paterna

E o zelo materno

O pesadelo vocal na hora do almoço (filet burguês com arroz mineiro)

Todo dia todo dia todo dia todo dia todo dia todo

Rio de Janeiro

Uma pensão um quarto uma cama um armário

Discos livros coisas

Sempre drogado assistindo os pontos que passam à velocidade

De quem sabe quantos anos luz

Na televisão sem a imagem falsa das quatro horas da manhã

Só a luz boa dos pontos que voam em preto e branco

E o livro de Química no colo

E o livro de Hesse na mente

E a morte (talvez) no coração.

II

Distante muito da cidade suja

Subida dura mas o leve peso

Os pés doendo com as marcas simples

Do tênis velho na ladeira clara

E então as curvas que nunca terminam

Sol sem futuro alto da Tijuca

Antigamente era Boa Vista

E o peso aumenta e a subida chega

Onde a clareira escura o espera

E enquanto isso lá no labirinto
Mendigos, ternos, lojas e edifícios
Escolas, táxis, doces e meninas
Dinheiro, dores, praia e esquinas
Saudade, amor perdido e inocência
Crianças feias, torres de concreto
Sempre sempre sempre sempre.
III
Em Belo Horizonte era diferente
Em Belo Horizonte não era assim
Em Belo Horizonte quinze ou quatorze
Rio de Janeiro então dezesseis
Rio de Janeiro de sete às três
Rio de Janeiro amigos não
Rio de Janeiro sujeira e sol
Em Belo Horizonte não era assim.
IV
Quanto tempo perdido entre livros inúteis e a vida
Passando lá fora
E sempre a lembrança esquisita de que ele já tinha feito
E aquilo que já tinha sido e as coisas do vento e do sal
Do mar
No rosto
O vento.
Já na segunda vez com pés velozes e seguros
E exatos como o pulo
E a dança
E o grito
Inocente
Animal
Selvagem até
Ele voou
Só a asa delta estúpida atrapalhava
E então ela some
E o tecido é rasgado que antes fizera
E o cheiro intrigante do doce de leite que a mãe
Fazia tão bem
E a moto esquecida de dia queimava o asfalto vazio

E ele cedia
E meninas cercavam seus olhos
E ele cedia ao perfume barato ou Chanel que se importa
Quando se tem alguém para abraçar se esquece
(mais ou menos)
Da prova do dia seguinte.
V
O verde e a madeira
A essência do azul
No alto a corrida
O peso incômodo das asas no começo
A primeira tentativa cortada pela força do vento
Que o jogou de volta
Ao verde do capim ou da grama (rapaz urbano ele nunca sabia)
O laranja e o azul e o branco
Firmes com o cromado metal
Os fios e as cordas suporte
A força do vento e do sal
Do mar
No rosto dos ritos
De calça jeans made in Brazil
Numa ação desconexa
Num ballet infantil
Em pleno ar
Uma dança cômica e triste
O grito crescente
A descoberta do que era ser livre
Livre? Palavra ruim – mais um grito
Não existem palavras
Não existem palavras
Não existem palavras
– Sou um anjo! Gritou.
E o azul do mar o cegou
No ar
Caiu um dia em qualquer lugar
Entre o Leme e o Leblon.
E o baque com a água fez com que explodisse no

Dia seguinte em todos os Última Hora da vida: "Estudante de Direito morre ao se jogar da Pedra da Gávea".

Erraram o lugar

Erraram o seu nome

E um pedaço do pano azul e laranja e branco solto

Setembro

Golbery, poder e silêncio

Para os inimigos do governo Geisel, ele é o "Satânico Dr. Go", o "Tenebroso", o "Gênio do Mal". Para Ernesto Geisel ele é o primeiro conselheiro, a palavra indispensável em qualquer decisão. E para a sua numerosa corte de admiradores, ele é o "Maestro Da Distensão", o "General do Diálogo", o "Gênio da Raça". Quem é, afinal, o todo-poderoso Golbery?



Discos

Twenty golden oldies

"Angie" era a música que se ouvia dos Rolling Stones. Os compactos fazem a moda. Eu tenho alguns de vários gêneros e cantores (e é coisa pra caramba). De uma série raríssima dos Rolling Stones veio a expressão Twenty Golden Oldies, havia incutido com o nome.

Além dos 20 compactos de uma série nacional, a SomLivre soltou dois LPs em um único envelope (foi a primeira vez que vimos uma edição assim), e cedíamos ao apelo, pois era mais barato. No entretempo, rolavam vídeos de arquivo na propaganda de lançamento que enlouqueciam os fãs. O povo de casa ficou de orelha em pé, sai o sinfônico dos Beatles e entraram aqueles sons rudes e exuberantes de suas Majestades Satânicas. Foi com esse disco que começamos a aprender as músicas dedilhadas dos Rolling Stones. Adorávamos “Dandelion”, “Child of the Moon”, esse *Greatest Hits* nos fez correr atrás das traduções das letras. Era o maior barato, em plena repressão no Guará, sair à noite e ouvir o Zé Marcos tocando no violão, “Jumpin' Jack Flash” – milhares de anos depois, descobri que o disco era outra armação americana do Allen Klein.

Adquirir dezenas de outras coletâneas dos quatro cantos do mundo tornou-se o vício de um stone alone.



Sem dúvida, os cinco ingleses não são apenas a maior banda de rock do mundo – são a única (principalmente agora que o Who, único grupo a fazer-lhe alguma sombra, sofre um violento golpe, com a morte do imortal baterista Keith Moon). O carisma dos Rolling Stones vive.

O tempo não espera por ninguém, e andou fazendo alguns estragos na imaginação dos Stones, que adquiriram o pernicioso hábito de repetir alguns clichês roqueiros em praticamente todos seus álbuns. Tanto que assim que, vez por outra, chegam à praça discos nitidamente aquém das reais possibilidades criativas do quinteto, como fora o anterior, o conturbado *Black and Blue,* disco de estúdio da estreia de Ron Wood. Não sendo o caso, no entanto, do novo LP, *Some Girls* (Rolling Stones Records/EMI-Odeon).

Como de hábito, o rock e o rhythm and blues constituem o alicerce de praticamente os quarenta minutos do disco: é muita pauleira e muito feeling. Porém, a grande vantagem de *Some Girls* sobre a maioria dos últimos produtos dos Rolling Stones é o fato da banda ter captado uma garra e uma fonte de música que nos fazem relembrar o início de carreira do conjunto.

Em certas ocasiões completamente arrasadores (“Respectable”, “When The Whip Comes Down” e “Lies”), em outras balançantes como os bons grupos soul (“I Miss You” e na canção de Norman Whitfield, “Just My Imagination”, gravada em meados dos 60s pelos Temptations) os Stones ainda encontram energia para curtirem estranhas e deprimentes baladas à la Lou Reed (“Some Girls”, “Beast of Burden”) e aventuras como sempre bem-sucedidas pelo território da country music (“Faraway Eyes”). E, invariavelmente temperando estes ritmos com letras profundamente sarcásticas e amorais que não respeitam esteio algum da sociedade ocidental (pela primeira vez num disco do grupo as letras estão integralmente reproduzidas num encarte, o que facilita bastante a tarefa daqueles não muito afeitos ao inglês nada limpo de Mick Jagger).

Some Girls é magistralmente produzido. Não bastasse isto, uma vez mais o trabalho aponta para um detalhe não muito focalizado da música do grupo: a evolução do desempenho dos instrumentistas. Pois, se Mick Jagger é hoje o cantor mais destacado da cena rock, deve isto tanto a seu próprio talento quanto à competência e segurança de Keith Richards, Bill Wyman, Charlie Watts (um mágico) e de três anos para cá, Ron Wood.

11 de outubro

Quem patrulha quem

- *Sim, ela existe*

Um inventário do que pensa e faz, hoje, a esquerda brasileira.

- *O cinema faz as contas: cadê o 'boom'*

No palco, como na vida

Uma peça de Augusto Boal, exilado há sete anos, enfim chega aos teatros brasileiros.

Augusto Boal dirigiu o Teatro de Arena de 1956 a 1971, até mudar-se para Paris, por conta da ditadura. Na Europa, dirigiu diversos espetáculos, escreveu e viajou, divulgando e aprimorando suas técnicas.

27 de dezembro

Glauber pede arreglo, mas...

Conciliação? Ninguém quer

Exceto o cineasta e seus tradicionais amigos baianos.

"O redator distorceu minhas palavras, fez uma matéria escandalosa porque eu propus uma coisa óbvia como a lua: o general Figueiredo nomear um intelectual para o Ministério da Educação e Cultura. São ignorantes, não sabem sequer que o De Gaulle nomeou o André Malraux. Distorceram e disseram que eu estava para trás, que era um corrupto, cobra mandada que recebia dinheiro do governo, uma coisa inteiramente absurda, irresponsável. Eu ia escrever uma carta, mas deixei pra lá, quer dizer, a revista diz que é minha amiga, eu converso numa boa o cara vai lá e faz uma coisa dessas. Felizmente o Paulo Francis escreveu um artigo me defendendo, esculhambando essa desonestidade. Você não pode discordar de nada.

Glauber Rocha refere-se ao artigo *Conciliação? Ninguém Quer* de Ruy Castro com as participações de Lúcia Romeu e Wagner Carelli, *Istoé*, 27 / dez. / 1978.

- *Caetano tira o dedo do violão e aponta*
- *'Fazer Teatro é, sim, um ato político'*
- Consuelo de Castro e os compromissos sociais do auto.

Declarações e estrondos de Rocha 4

“Eu proponho 1979 como o ano zero da cultura brasileira” *Glauber Rocha*

"Não há consumo, só dispersão. Eu acho que o Brasil terá novos partidos políticos com facilidade."
Glauber Rocha

"Estou trabalhando *A Idade da Terra*, há dois anos, e só gastei 500 mil dólares, Francis Ford Coppola gastou cinco anos em *Apocalypse Now* e mais de 30 milhões de dólares. Ninguém vê isso. A imprensa vive dizendo que já montei o filme não sei quantas vezes, e coisa e tal.

"A Idade da Terra é a desintegração da sequência narrativa sem a perda do discurso infra-estrutural que vai materializar os signos mais representativos do Terceiro Mundo, ou seja: o imperialismo, as forças negras, os índios massacrados, o catolicismo popular, o militarismo revolucionário, o terrorismo urbano, a prostituição da alta burguesia, a rebelião das mulheres, as prostitutas que se transformam em santas, as santas em revolucionárias. Tudo isso está no filme dentro do grande cenário da História do Brasil, por meio da arte nova, como se fosse Villa-Lobos, Portinari, Di Cavalcanti ou Picasso. O filme oferece uma sinfonia de sons e imagens ou uma antisinfonia que coloca os problemas fundamentais de fundo. A colocação do filme é uma só: é o meu retrato junto ao retrato do Brasil."

"Ficou um filme muito bom. Muito bom mesmo."

"O que eu poderia dizer é que eu tive prazer a fazer o filme, foi o único filme que não me torturou e que, depois, tive prazer em ver."

"Acho que todo sujeito que tiver dinheiro para ir assistir ao meu filme, tem condições de entender perfeitamente. Glauber Rocha sobre *A Idade da Terra*."

Oiticica, Rocha & Gerchman

Ao final de 1978, no Rio de Janeiro, Glauber Rocha, Hélio Oiticica e Rubens Gerchman se encontraram na suíte de Daniel Más, no Hotel Marina. O encontro foi registrado pelas lentes de Ivan Cardoso e publicado em uma reportagem especial da revista *Vogue*, em janeiro de 1979.





Crédito: Fotos de Ivan Cardoso - O encontro de três criadores - Rio, final de 1978

Imprensa

1979

20 de janeiro



CORREIO BRAZILIENSE

Orgão dos "Diarios Associados" Londres, 1808. Hipolito Jose da Costa, Brasilia, 1960. Assis Chateaubriand

Brasília, sabado, 20 de janeiro de 1979 - Número 1024 - Edição de hoje: 1: caderno - 11 páginas - Cr$ 5,00

Figueiredo

'Juro fazer deste país uma democracia'

No pronunciamento de ontem a Nação, do general João Baptista Figueiredo, bravo ute tiache que se destacou de todos os outros, representantes de um compromisso bánito do futuro presidente no aemtido de ampliar a abertura: "No campo politico - disse ele - nosso Governo haverá de manter e austentar as franquias, garantias e liberdades civis as inscritas as Constituições. Minha promessa, tantas vezes reitarada, de fazer deste país uma democracia, essa eu juro cumprir, com a ajuda de Deus, com a solidariedade infalecivel de todos de minas companheiros, com o apoio do povo brasileiro. Figueiredo reuniu, no palacio Baixo do Brasil, todos os seis ministros, a quem chamou um a um, e depois foi a discussão, ao qual foram as prioridades da area administrativa. Logo de saida, enumerou os pontos pelos quais o Estado pode agir nos cidadãos atingir uma vida e socialmente proseitosa. Que o progresso venha com a paz com justiça; a ordem democracia: a segurança

O Correio Braziliense jura, em nome dos seus leitores, que vai cobrar essa promessa.

Um jornal não precisa ser contra o Governo para cobrar as promessas que ele faz à Nação. Mas deve ser independente para transmitir as verdadeiras aspirações dos seus leitores. Essa tem sido a linha do Correio Braziliense, há 19 anos líder da Imprensa na Capital do País.

CORREIO BRAZILIENSE
o líder mais lido.

21 de março

Nasce Ava Pátria Yndia Yracema Gaétan Rocha, filha de Glauber e Paula. Glauber apresenta, para a TV Tupi, um projeto para a realização de um programa diário de entrevistas.



"Não é jornalismo, nem cinema. É vida."

Glauber Sobre O Programa Abertura Na Tv Tupi

"Há um interesse histórico nas imagens. É engraçado o confronto entre a linguagem convencional do documentário e as intervenções do Glauber, típicas do cinema que ele fazia". *Ismail Xavier*

"O Glauber era a maior audiência dentro do programa *Abertura*. Com o lançamento do *Cabeças Cortadas*, no Rio de Janeiro em três cinemas da Rede Bruni, garantindo quatro semanas para o filme entrar nessas salas e matérias além do próprio Glauber ter falado, pois ele como personagem, homem de vida pública e artista polêmico, as pessoas se interessavam, tinham um frisson para saber o que o Glauber estava dizendo, até o Golbery queria saber o que o Glauber Rocha estava dizendo. O que aconteceu, foi que esse filme teve uma divulgação enorme em todas as revistas da época, tipo *Veja*, fizeram matérias grandes nos jornais, todos publicaram e nós ainda gastamos um dinheiro em publicidade paga como se faz no lançamento de um filme, e *Cabeças Cortadas* não deu renda praticamente nenhuma e nem pagou as cópias. Infelizmente, um cara dentro da mídia com as pessoas meio que o idolatrando, todos querendo ouvi-lo, mas ninguém queria ver os filmes dele, essa era uma realidade e uma experiência que nós tivemos no lançamento deste filme."

Quim Andrade

•

Nunca houve um dia sem rock'n'roll – e tenho provas! Décadas depois, o filho mais velho daquele homem, que se tornou PM, me contou o que o pai havia dito: "Meu pai queria dar um tiro em você!"

Em 1979, até pelada jogada nos conjuntos era perigosa.

No conjunto C, fui buscar a bola que havia caído na garagem de uma casa, onde o proprietário lavava o carro.

O sujeito virou-se para o filho e disparou: "que vontade de dar um tiro nesse cara!"

O FDP era motorista de um ministro DO TRIBUNAL MILITAR.

--- QE 34 CONJ. C – 1979 ---

A falta de grana atiça a criatividade

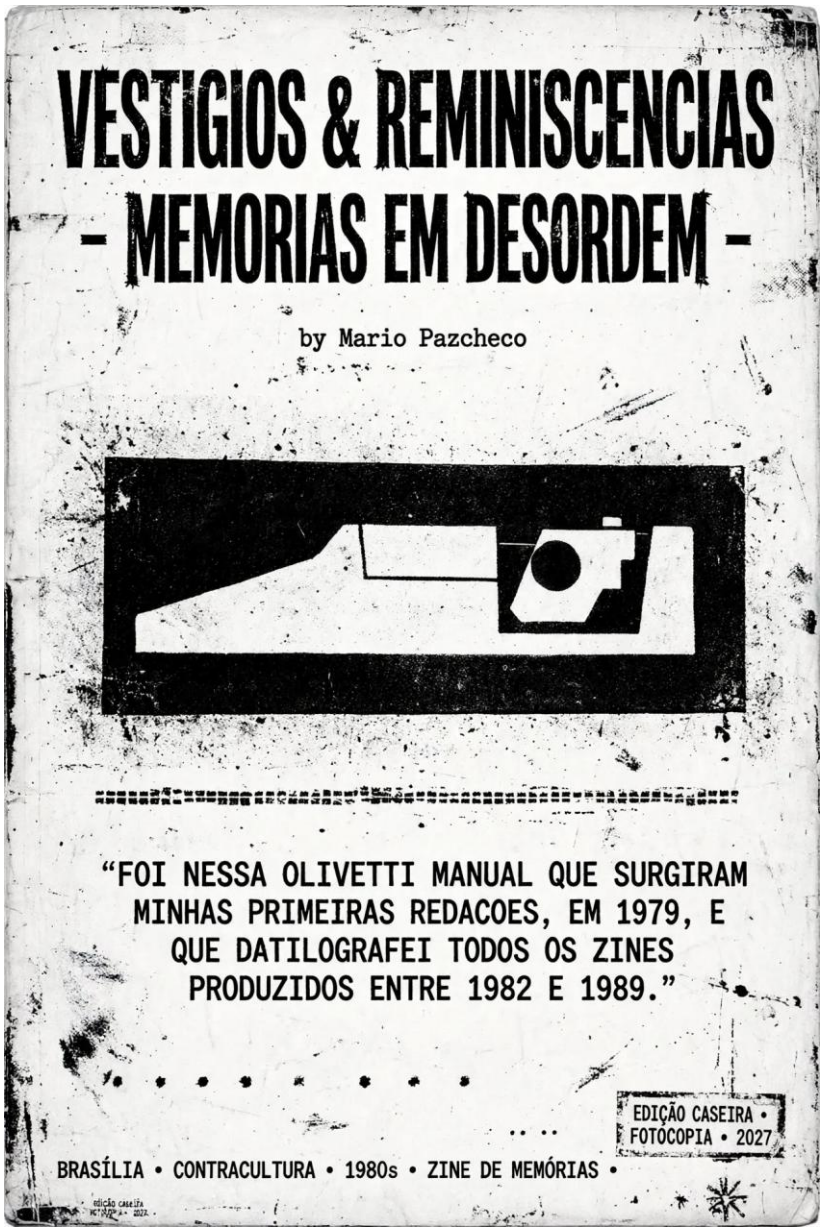
Naqueles idos, a grande expressão pop da moda era *xaropeira*. Pá! Ria-se como macaco falante: "O cara é xarope!". KKK. Resumindo: hoje, quase tudo se resume a uma xaropeira.

Naqueles mesmos idos, eu saía lá pelas sete da noite e me postava em frente à casa do Galinha. Ele era mais velho, tinha emprego e odiava que o chamassem de Galinha. O poleiro era chique! Naquele tempo de Brasílias, Dodges Polara e Dojões, a classe média andava de Maverick – quase todos os que vi eram amarelos.

O grupo deles entrava no carro e eu ficava olhando. Algumas vezes, ouvia o que queria ouvir:

– Entre!

Eu tinha 15 anos. Eles e nós não fumávamos maconha. O que rolava no toca-fitas era a fita importada de *In Through the Out Door*. Às vezes, traduziam o título dos discos e a gente pescava o sentido. O rolê da noite era ouvir Led Zeppelin. Era 1979.





Na esquina do Conjunto E, Zenas conseguia, mais uma vez, roubar o rádio-relógio da mãe, que tinha FM. Cotizávamos para comprar as pilhas e assim ouvíamos o especial dos Beatles, no qual escutei pela primeira vez aquelas tais gravações peraltas.

Fã é louco! Liguei para a rádio pedindo uma cópia dos programas. A fita era embalada e devolvida no dia seguinte para Sunpaulo.

A falta de grana atiça a criatividade.

Homens bebem cerveja no covil da esperança

Os caras eram doidos. Um laboratório total de loucura, um estabelecimento bruto, porém respeitador. Assim era o Bar Esperança do Vicente Sabino, barman e craque de futebol do Gama, que já nos deixou. No Vicente, aprendi tudo. Eles

separavam o caderno de cultura do jornal para mim. Se não fosse por eles, teria perdido muita coisa. "Guarda pro livro", dizia Natálio Sorrentino, um paulista gente fina, educado, camarada, que também nos deixou. Dos malandros do morro, como o saudoso Joel que dirigia Kombi escolar e o apelidaram carinhosamente, o motorista de “Anciã”. No balcão, tínhamos Paulão no contrabaixo imaginário, louco sem perder a grandeza. Havia Cosme, Valdique, Teixeira, Garrincha (que já se foram) e o eletricista João Queimado. Palitinho, o pintor e ganhador da loteria. Tinha Nego Bill, Vicente Garapa, Jacinto, os finados Jairão Cabeção, compadre Zé Milton, Jair Mecânico e os sobreviventes Zé do Caixote, Almir, Elias e mais gente que moravam no conjunto de prédios apelidados de Serra Pelada.

Boró, o senhor de bigode e camisa branca, era exímio jogador de bola e marceneiro. Sua obra-prima, porém, eram cabeças de pica esculpidas com maestria. Ele as exibia na mão semicerrada, entre os dedos. Nunca consegui convencê-lo a me dar uma. Seu filho caçula, muito mais jovem do que eu, era bom de porrada. Jogávamos juntos, e ele me defendia das piabas.

Você é um deles!

O bar Esperança era como uma redação de jornal. Tinha seu próprio arquivo, sabia de tudo o que acontecia no dia a dia e, de algum modo, até antecipava o futuro.

O Guará era uma ilha de dedos-duros. O bar e sua comunidade não suportavam os dedos-duros. Eles não se misturavam. Talvez por isso dissessem que os bares eram comunistas.

E foi a revista *Mad* que nos ajudou a enxergar o sistema por outro ângulo. Aos poucos, fomos descortinando as maneiras pelas quais ele agia. Estava tudo ali, nas páginas da *Mad*: a política, a hipocrisia, a autoridade, a burrice institucionalizada.

O que não estava no gibi era essa quantidade de amigos medíocres que, até hoje, continuam trabalhando a serviço do Sistema.

Estávamos frequentando bares desde 1979. Acho que fui mais aos bares do que à escola – e, da escola, não passei muito. Enquanto todo mundo foi para a faculdade, eu continuava firme nos bares da vida.

Joel, já na idade de avô, dirigia a Kombi escolar com os meninos peraltas. Era o carioca mais espirituoso que conheci. Falava alto, estava sempre de bermuda listrada e, muitas vezes, de camisa aberta, exibindo o aumento do tecido mamário. Por isso, ganharam-lhe o apelido de “Anciã”. Era muita sacanagem. Muita mesmo.

Um dia, falaram para Joel que eu era maconheiro.

Joel soltou aquela risada alta e respondeu:

– O Marinho? Deixa disso! Maconheiro é pra nego do morro. Tem que subir o morro, fazer aquele

ritual de ficar passando a “bola”. Marinho não mexe com isso, não.

Joel era meu fã.

•

Lá no canto superior esquerdo, Vicente Sabino aparece de barba cerrada e óculos Ray-Ban, talvez para disfarçar as olheiras das noites em claro no Bar Esperança PT. A

sigla significava Ponto de Tráfego, mas também era uma provocação. Toda a intelligentsia boêmia do Guará passou por aquele bar.

Eu tirava dinheiro da gaveta para comprar revistas, e ele sabia. Quando eu chegava pela manhã, perguntava: “Me conta como foi o rock, o embalo que eu te dou uma Coca-Cola”.

“ Mário, nos seus livros, me chame de Mirão. Não me deixe de fora.”

Foi aquele povo bravo que me segurou depois do primeiro fracasso, quando lancei *Balada do Louco*. Mirão guardava para mim pedaços do *Correio Braziliense* quando eu chegava da escola, na hora do almoço.

O mais excepcional dos barmen jogava sinuca com uma mão só. Viu de tudo e tinha a língua afiada. Costumava dizer: “Quando eu morrer, meu corpo vai num caixão, mas a língua numa carreta”.

Resolveu mais casos que a polícia. Dos presídios às delegacias, das bocas ao Rio de Janeiro, tinha informações secretas. Era difícil esconder dele qualquer fato escabroso.

Um dia, no G da 32, mataram o senhor Duzim. Encontraram pólvora nas mãos dele. “Suicídio!”, bradou o advogado da viúva.

Mirão já havia se antecipado ao laudo: havia pólvora nas mãos porque Duzim tentou segurar a arma quando o enteado atirou nele.

Ricardo, que tinha a minha idade, foi o assassino. Séculos depois, apareceu para curtir com a minha cara. Devolvi na lata:

— Pelo menos eu não sou assassino!

---

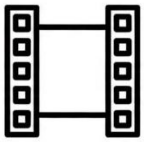
5 de julho

O Teatro Sesc Garagem é inaugurado com a apresentação do espetáculo *A Capital da Esperança*, uma criação coletiva do grupo Carroças, dirigida por Humberto Pedrancini. Chico Expedito é o escolhido para ser o diretor do teatro.

- Os heróis da Marvel voltaram a ser publicados pela editora Abril. Quim, o vizinho parrudo pegou emprestado os três primeiros números da revistinha Heróis da TV. Tempos depois, eu vi os exemplares na casa do Danny e perguntei como ele adquiriu, "Troquei com Quinzinho!", foi a sua resposta. Teria soado como receptação ou furto? Isso contribuiu para eu mergulhar de vez no rock.

Conj. C da QE 34. Outro futuro amigo, Sidney mudou-se para uma casa frente à casa do meu melhor amigo. Richard me disse: "Ele têm discos dos Beatles e começa a ouvi-los cedo às 8 horas". Assim persuadi o novo morador a trocar alguns LPs dos Beatles por revistinhas de super-heróis Marvel da RGE! Esse futuro amigo dos LPs tinha a caixa do Ponto Frio Bonzão e foi muito legal ao me repassar o LP *Rarities*, que mantenho até hoje. Lamentável foi ter trocado as revistinhas.

Na mesma, QE 34, Mazinho, bancário, dirigia o seu Maverick – este dourado. Parava na esquina e todos entravam. Rolava bem alto no coração “I'm Gonna Crawl”, do recente lançado *In Through The Out Door*.



Cinema

Enterrar o Festival

Terminado o filme *A Idade da Terra*, Glauber vem a Brasília para divulgar o semanário carioca Enfim, para o qual ele escreve e conversar com o general Golbery.

Glauber instala-se no Eron Brasília Hotel e por casualidade, quase conversa com o presidente Figueiredo, durante a inauguração da exposição do pintor Waldomiro de Deus. Glauber ia chegando no saguão do hotel, quando o presidente e sua comitiva abandonavam o Salão Ouro do Eron.

21 de setembro

No dia seguinte, sexta-feira, Glauber Rocha bastante agitado com crise estomacal acompanhado por sua mulher, Paula Gaétan, consegue sua internação no Hospital das Forças Armadas, quer fazer um exame, pois desconfia que esteja com câncer. Glauber nunca confiou nos médicos e quase sempre os levou à loucura com sua tendência em incorporar sintomas de diferentes doenças e apelando para tratamentos alternativos ou de vanguarda.

Deitado por horas na banheira do HFA, Glauber fala alto em tupi-guarani e faz discursos antimilitares.

Quando o pneumologista solicita uma nova radiografia do tórax para outra avaliação, um desesperado Glauber Rocha repete, insistentemente, que vai morrer...

Fernando Lemos tem que pedir ajuda a Eduardo Mascarenhas, amigo e analista de Glauber, para convencer os psiquiatras do HFA, que não querem soltá-lo. O argumento de Mascarenhas: “Ele está liberado para expressar livremente, o seu inconsciente o tempo todo."

25 de setembro

Deus (ou O Diabo?) Mata o Festival

Terça-feira, tarde típica do cerrado, 38 graus. O 12º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, segue o seu clima de mundanismo normal, e se depender dos concorrentes não entrará para a história. O evento havia sido transferido de julho para setembro, com a explicação oficial do diretor da Fundação Cultural, Ruy Pereira da Silva, de que não há hospedagem para todos os artistas e convidados, em julho. A apatia e a frieza são totais, apesar das sessões da mostra competitiva serem abertas ao grande público.

Institucionaliza-se o Hotel Nacional, como o único capaz de receber os artistas, tendo o mesmo tornando-se um verdadeiro quartel-general de estrelas nacionais que àquela altura, quase deserto, sequer dava sinais de que ali hospedavam os convidados.

O QG está reunido na piscina. Glauber Rocha que acabara de receber alta do Hospital das Forças Armadas, chega de supetão, com os cabelos desalinhados, calça pra lá da cintura, sacola de papel na mão e sandálias gastas, ele não havia sido sequer convidado pelo festival e instigantemente surpreende quando resolve quebrar o marasmo: – “Vocês querem uma entrevista?” E Glauber começa a metralhar, a pleno pulmões, berra para o grupo de artistas que conversam e tomam uísque à beira da piscina do Hotel Nacional e

ouvem tudo: – “Este é o primeiro escândalo do Festival. Eu vim à Brasília para fazer este escândalo. O Festival morreu aqui, hoje. Este Festival desmoraliza toda a cultura brasileira. Os maiores cineastas não estão aqui. Os cineastas têm que ir hoje e pedir a demissão do senhor Ruy Pereira, se eles tiverem vergonha na cara. Ele censura muito mais que a censura. Foi ele que censurou os filmes independentes. Estamos em um governo de Abertura. Estou revoltado diante de tudo isso. O diretor da Embrafilme não deveria permitir isso. Estes filmes curtas-metragens são muito ruins. É a canalha intelectual. O júri do Festival é um júri policial que não entende nada de cinema, dirigido por agentes da CIA. É uma vergonha. A Fundação é formada por uma canalha intelectual. É uma vergonha. Estes cineastas prostituídos que tomam dinheiro da Embrafilme para filmar a bunda da Sônia Braga. (*Dama Da Lotação*). Esses cineastas são traidores do cinema brasileiro. Mas o Festival morreu aqui. É um mangue!

É a primeira voz que se levanta em público, contra o festival que agoniza. Está decretada a falência do festival, que segundo Glauber, virara um prostíbulo da pornochanchada. A seu ver, os cineastas desfrutam das benesses do Hotel Nacional e lançam mão do dinheiro público para filmar o traseiro da Sônia Braga.

E nisto, o antropólogo e documentarista francês Jean Rouch se aproxima. Rouch havia hospedado Glauber durante seu exílio na França. Cumprimentam-se em francês, mas, de repente, Glauber com o dedo em riste na direção de Rouch, grita: "Você é um espião francês. Tu est un espion! Eu vou te entregar para o serviço de informações. Vous êtes um agent du Quai d´Orsay."

"Vous êtes um colonizateur! Está espionando o Nordeste brasileiro.”

Jean Rouch ri amarelo, sem entender nada. Glauber mistura francês e baianês.

“Não ria! Eu te conheço. Você sempre espiona os povos do Terceiro Mundo. Você só pode aparecer em um festival como este de pornochanchada. “Cinique! Cinique! Um festival de corrupção, de prostituição. O Brasil de Figueiredo não aceita espiões.”

Condenada a desorganização do festival, e afirmado que o mesmo está infiltrado de agentes externos, o tumulto está armado, o cineasta é contido por seguranças do hotel, que tentam impedi-lo de berrar com um outro estrangeiro que entra para defender o compatriota, a aglomeração adensa-se e acaba no meio do saguão. Um dos diretores do Hotel Nacional tenta serenar os ânimos: “Eu peço ao senhor um pouco de calma.” E Glauber: “Senhor zorra nenhuma. Aqui quem está falando é Glauber Rocha, o maior cineasta do mundo, muito melhor do que Godard e Eisenstein.”

O diretor do hotel tenta intervir e Glauber responde: – “Não há confusão nenhuma. Estou apenas dando uma entrevista coletiva aos meus amigos jornalistas. Eu fui jornalista mais de dez anos na Bahia.”

O segurança do Hotel Nacional, acompanha Glauber, que pergunta já no meio do hotel:

– “O senhor é segurança?” E o segurança:

– “Sou!”

– “Então comece a interrogar aquele espião francês ali. Senão eu saio do Brasil agora. Estão boicotando a Abertura de Figueiredo. Estou revoltado diante de tudo isto.”

Já do lado de fora Glauber consegue mais audiência para o seu comício e diz que pedirá aos ministros da Educação e da Justiça, intervenção na crise da cultura do país e arrasa com o júri do festival dizendo que ele é policial e composto por incompetentes que não entendem nada de cinema e repete: “Eu vim ao Brasil para enterrar o festival.”



Imprensa

27 de setembro

No Primeiro Parágrafo de um Artigo de Meia Página Glauber Rocha Adverte:

A cultura brazyleyra está com kanzer. Toritoma Maligno. Carcinoma Embriogênico.

Melonena pulverizantyz. Metástase: os efeitos destrutivos possuíram órgãos, membros e almas dos artistas, dos burocratas que se ocupam de produzir, realizar e distribuir cultura no Brazyl. A televisão está contaminada pelos enlatados promocionais do FBI e da CIA (órgãos de segurança yankz).

Nesse mesmo dia, Glauber provoca outro rebuliço no Aeroporto de Brasília: paga uma passagem para o Rio de Janeiro, via TransBrasil, com um cheque simples. O gerente da empresa precisa comparecer ao balcão e endossar pessoalmente o cheque para que Glauber possa viajar

Glauber segue para o Rio de Janeiro sem saber da suspeita de um possível tumor maligno no pulmão. Como não realizou a segunda radiografia, entra num processo de automedicação e dieta. Tem problemas pulmonares, fuma muito e sofre com uma tosse que não acaba. Os médicos decidem que deve parar de fumar e logicamente ele não para... Acha que tem um foco de sinusite e bico-de-papagaio.

Para Glauber, Brasília é o Eldorado, aquilo que os espanhóis e outros visionários perseguiam: a lendária cidade do futuro democrático mundial. Aqui ninguém o ameaça, cobra ou questiona: 'Está usando droga ou não?' Isso não interessa a ninguém. A força do poder e o carisma de Glauber passam por cima de tudo isso.

Em setembro, na quarta e última vez em que esteve na capital, Glauber enterra o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro...

Em Brasília, no Hotel Nacional, ao localizar Harry Stone, agente da Motion Picture e desafeto convicto seu, o baiano parte para o confronto e o persegue aos berros. Mesmo quando o ianque entra no elevador que leva ao apartamento, Glauber continua gritando à porta do hotel: 'Entreguista, traidor do cinema brasileiro.'

"Harry Stone dá uísque para os críticos e influi na orientação da indústria cinematográfica brasileira." *Glauber Rocha*

– **Até O Golbery Queria Saber O Que O Glauber Estava Dizendo**

Quim Andrade

O cinéfilo Lácio Urias deu o toque: — 'Você precisa conhecer o Quim Andrade, o primo-irmão do Glauber e produtor executivo de *A Idade da Terra*...

"Talvez o Glauber tenha até ajudado na Abertura, foi uma coisa que o Jango tinha falado, e aí o grande problema do Glauber com o Miguel Arraes. Essa reunião que eles tiveram lá na Europa, eles tinham tirado uma posição de apoiar essa abertura lenta e gradual, e como o Glauber saiu na frente e deu aquela entrevista e não foi bem recebida no Brasil, eles recuaram, o Gabeira, o Miguel Arraes e o Glauber ficaram sozinhos.

Então, ele não podia recuar mais no que havia dito, e ele passou a agir dessa forma, a botar na boca dos militares as coisas que ele queria que os militares fizessem.

"E inclusive para tentar se livrar da situação em que ele caiu, se os militares não fizessem a Abertura, o Glauber estava lascado, ele teria sido... Glauber tinha de lutar por essa Abertura, então ele teve de passar para o lado dos militares para obrigá-los a abrirem para ele poder respirar. Para ele não ser um traidor, ele teve de vestir a camisa de uma luta especial, tendo sido colocado nela pelo Miguel Arraes e o pessoal que saiu fora, e ele teve que ir e tocar o barco sozinho de uma história que todo mundo **estava** dentro dessa história. Inicialmente **era** para todos fazerem parte dessa postura que o Glauber teve, como eles recuaram e o Glauber já tinha dado a declaração, não teve como voltar atrás, teve de seguir em frente e botar as palavras...

"Reis Velloso era o intermediário que abria muito espaço para o Glauber, o ministro era amigo do Glauber, foi casado com a Regina Rosemburgo, que era amiga de Glauber. Então dessa amizade abria-se de fato um espaço real no Planalto, na capital, e o Glauber botava as coisas – os militares precisavam do Glauber; o Golbery precisava do Glauber, de alguém da oposição apoiando a *Abertura lenta e gradual*, porque as pessoas queriam que houvesse uma coisa radical, uma mudança radical: – "Vamos acabar com o governo militar e implantar hoje um outro sistema.

"O Glauber ficou como o único porta-voz dos militares e ele não podia agir de outra forma, porque ele tinha entrado numa armadilha, ele tinha ódio do Miguel Arraes por causa disso, porque o Miguel Arraes botou ele nessa armadilha, ele tentou falar mal do Miguel Arraes, dizia que ele era o homem que negociava o petróleo lá nas Arábias e vendia petróleo para o Brasil, por isso ficou rico, mas não deu certo.

"Glauber teve de passar para o lado dos militares, e a esquerda tratava ele como louco.

"Esse foi o problema: se ele voltasse atrás, aí sim ele seria chamado de louco.

"Entendeu o problema? Não tinha como voltar, ele tomou um caminho e o seguiu..."

Quim Andrade

– Golbery e Glauber Conversavam Muito!

Alexandre Garcia

Em Brasília, Glauber Rocha costumava jantar e deixar seu endereço e telefone com o jornalista Alexandre Garcia.

"Eu conheci Glauber pessoalmente no Palácio do Planalto. Eu era subsecretário de Imprensa da Presidência da República e deve ter sido no meio do ano de 1979.

O Glauber foi lá para procurar o ministro Golbery, e eu fui recebê-lo na recepção. Conversamos bastante, e ele me disse que era fã do ministro Golbery, que gostava muito de conversar com ele. Não era a primeira vez que Glauber tinha ido lá, depois ele foi mais duas ou três vezes ao Palácio. Eu ouvi do ministro Golbery elogios ao Glauber, dizendo que gostava muito dele, que era um homem muito inquieto, muito inquisidor, muito curioso, muito interessante, muito inteligente. Essa admiração era mútua, pelo que eu percebi.

"Eu tive algum relacionamento com o Glauber, porque duas ou três vezes a gente jantou junto em Brasília, conversando sobre questões nacionais, cinema, Golbery, e notei também que o Glauber era um sujeito que admirava o Golbery e que, se a gente quiser

entrar no campo político, eu poderia até dizer que o Glauber via no Golbery uma espécie de caminho da Abertura. Ele não estava admirando governo militar ou admirando governo não democrático, ele estava ali admirando uma pessoa tão inteligente quanto ele, tão inquisidora quanto ele, tão parecida com ele, cada um no seu campo.

"Era um encontro de dois semelhantes, e ele via que o Golbery poderia ser um caminho, como foi efetivamente, que resultou na devolução do poder aos civis. Acho que ninguém pode criticar Glauber por ter procurado Golbery, porque ele procurou no intuito de buscar caminhos para a *Abertura*, para a devolução do poder aos civis e também para mostrar a arte dele, mostrar o que ele fazia, mostrar a criatividade dele, e era bem recebido, o que era uma coisa rara na época.

"Golbery e Glauber conversavam muito pessoalmente, frente a frente.

"Glauber subia lá para o quarto andar, ia para o gabinete do Golbery, entrava no gabinete do Golbery, só quem estava lá dentro era o Golbery, portanto eles conversavam. Eu nunca vi Glauber ficar do lado de fora da porta, e se houver alguma dúvida, é só perguntar para a dona Lurdinha, que era secretária do ministro Golbery, ou para o Juquinha Mamede, que era o chefe de gabinete.

Declarações e Estrondos de Rocha 5

"A *CYA* quer nos impor as coisas, a *CYA* quer nos impor o negrismo, o viadismo, o mulherismo, que não levam a porra nenhuma!"

"A palavra de ordem é cortar minha cabeça, estão cortando com a língua, espero que não venham com facões."

"Arte só existe quando não há repressão. Mas aqui não se trata só da repressão das leis, dos códigos, da força: há também a repressão interna, o código interno. Escrever um verso é escrever a primeira coisa que vem à cabeça, a primeira loucura, o primeiro desbunde, a primeira imagem. Eu poderia até dizer que arte não tem relação direta com talento, mas sim com coragem. É preciso ter coragem para admitir uma subjetividade caótica, cósmica. Isso não quer dizer que tudo o que for liberado será belo, há uma variação, uma escala. Todo homem tem possibilidade de fazer arte, de liberar arte."

"Existirá uma síntese dialética entre o capitalismo e o socialismo. Estou certo disso. E do Terceiro Mundo seria o nascimento da nova e verdadeira democracia, a democracia que não é socialista, não é comunista, não é a capitalista. A democracia é o desreinado do povo. Sabemos todos que morremos de fome no Terceiro Mundo, sabemos todos das crianças, pobres, velhos abandonados, loucos, famintos. Tanta miséria, tanta desgraça. É necessária uma revolução econômica."

"A revolução soviética já era, a revolução francesa já era, o Eurocomunismo... Adeus Europa (...) vamos descobrir o Brasil."

"Os russos e os americanos estão de mãos dadas para manter o mundo colonizado."

"O Brasil é um país grande. América Latina, África, não se pode pensar num só país. Temos que multinacionalizar e internacionalizar o mundo dentro de um regime inter democrático. Com a grande contribuição do Cristianismo e todas as religiões, que são a mesma religião."

"O fato dos heróis terem sido heróis, não me impede de criticar seus erros políticos."

"Golbery é uma síntese de Splengler e Euclides da Cunha."

"Eu apenas leio os telegramas internacionais das agências. Leio os editoriais dos jornais. Ouço as declarações dos políticos e sei o que se está passando é uma questão de análise."

"Quem diz que a primeira parte de *Os Sertões* é ilegível está completamente alienado: Euclides da Cunha era geólogo militar e ouviu de *Antônio Conselheiro* a revelação de tudo. Uma leitura atenta de *Os Sertões* pode revelar, inclusive, o mapa dos lençóis petrolíferos brasileiros: está tudo em código."

"O profeta Sousândrade fez uma profecia sobre a hora presente e cantou 'a revolução feita pela espada de Deodoro'."

"O grande Descartes poderia ter terminado seus dias como mascate em Pernambuco, pois quando fugiu da perseguição religiosa, em França, foi acolhido e escondido por Maurício de Nassau, que implantou o primeiro governo protestante no Brasil."

"Segundo um jornalista da Abril, amigo de Delfim Netto, Juracy Magalhães teria me prometido o Governo da Bahia caso eu o chamasse de gênio."

"Conheço muita gente que considera Delfim ou Campos inteligentes. Respondo sempre que economista idealista é burro. Idealismo ou retórica. Leiam Campos leiam Furtado. Se Furtado é materialista, Campos é dialético. E por aí podemos explicar porque Furtado era ministro de Jango e hoje Campos ou Delfim estão no poder."

"O ideal do jornalista é escrever um livro. O jornalismo é a única literatura militante. Melhor que as telenovelas é a Coluna do Carlos Castello Branco. Interpretação cotidiana de Brasília. Carlos Castello Branco é melhor que Machado de Assis."

"Se o pessoal do jornal Movimento estivesse no poder Glauber Rocha cineasta revolucionário do Terceiro Mundo seria fuzilado porque esculhambou Machado de Assis."



Glauber Rocha (Hotel Nacional, 1979) com dedo em riste diante do cineasta francês Jean Roc

1980

21 de abril

INAUGURAÇÃO DO TEATRO DULCINA, BRASÍLIA

Dulcina de Moraes chegou a Brasília em 1963, para participar das comemorações do terceiro aniversário da capital. A transferência da Fundação Brasileira de Teatro para Brasília começou alguns anos depois, e a atriz passou a morar na cidade em 1972. A construção da sede da Fundação e do teatro foi uma longa empreitada, marcada por dificuldades financeiras e negociações com o poder público.

Mística e espírita, Dulcina gostava de trabalhar com cristais e dizia ter premonições, entre elas a de que se transferiria do Rio de Janeiro para Brasília. O Teatro Dulcina de Moraes foi inaugurado em 21 de abril de 1980, com a peça *Gota d'Água*, protagonizada por Bibi Ferreira, em edifício projetado por Oscar Niemeyer.

Segundo Guilherme Cabral, a artista contou com ajuda do governo militar. Uma curiosidade que pouca gente conhece: todas as cadeiras da plateia teriam sido doadas pela esposa do general João Figueiredo, antes de ele assumir a Presidência da República. Ela também seria espírita e amiga de Dulcina. Cabral menciona ainda o apoio recebido da filha do presidente Ernesto Geisel, igualmente espírita e artista plástica.

•

O meu primeiro embate com o sistema

– Olha os cornos daquele maconheiro!

– Aquele F.D.P.!

Eu, besta e calouro, descia da escola para casa de macacão jeans, camisa de mangas compridas e cabelo rebelde. Na esquina, o dono da casa comentou: – Olha os cornos daquele maconheiro! A frase chegou aos meus ouvidos da pior maneira. Naquele tempo, você tinha que ser valente, senão comiam seu cu. E aquele foi meu primeiro embate com o sistema. Toda vez que eu passava pela esquina, fazia questão de falar alto e em bom som:

– Aquele F.D.P.!

Isso se repetiu durante anos. Era de dia, à tarde e à noite. O recado estava dado: aqui mora um F.D.P.

10 de agosto

Rockonha – O Piquenique

Essa foto saiu no Correio Braziliense.

Preto e branco granulado. Deu primeira página do Cidades? Segundo caderno? Não lembro. Guardei o recorte. Ainda tenho.

O lugar é bucólico - você escreveu certo. Mesas de cimento e madeira no meio de uma mata fina, folha seca no chão, aquela luz de final de manhã de cerrado que parece que vai chover mas não chove.

Parece Água Mineral. Parece o Parque Olhos D'Água antes do Olhos D'Água existir. Parece qualquer lugar onde a gente fugia pra ser jovem sem ser visto.

E foi ali que aconteceu a *Rockonha*.

Agosto de 1980. Ditadura ainda. Não aquela de 1968 com tanque na rua. A de 1980 era pior. Era a vingativa. A de fichar. A de inviabilizar. O general já de terno. O DOPS

já de gravata. O sujeito que anotava teu nome num caderninho e tua vida acabava. Concurso? Não passa. Emprego? Não arruma. Bolsa? Esquece.

Rockonha era um encontro de rock. O nome já era piada com a Rocinha. Rock + maconha + Brasília. Juntamos 50, 60 pessoas? Na foto tem mesa vazia porque o povo correu.

Olha a garrafa na primeira mesa.

Na metade.



☐ O Governador Paulo Maluf foi a grande atração da entrega de destaques da Associação Comercial do Distrito Federal. Principalmente porque o governador paulista, um dia antes de aportar em Brasília para o evento, foi classificado como candidato à sucessão presidencial (civil) da preferência do ex-presidente Emílio Médici. No plenário da entidade, uma loucura: todo mundo queria apertar a mão de Maluf, que distribuiu até autógrafos.

Esse é o detalhe que o repórter do Correio anotou e que virou lenda entre nós: "Nem tiveram tempo de esvaziar uma garrafa antes do bote".

Deram tempo. Deixaram a gente abrir a garrafa. Tomar. Conversar. Afinar o violão. Aí veio o bote. Viatura sem placa. Os caras de calça de tergal. Todo mundo de mão na cabeça no meio da floresta. Revista. Documento. Foto. Ficha.

Eu lembro do cheiro de folha seca pisada por coturno.

Levamos todo mundo para a Federal. Ficharam um por um. Nome da mãe. Nome do pai. Onde estuda? O que faz? Por que está aqui nessa mata fazendo esse barulho?

Naquela época ser fichado era ser marcado. Era a ditadura tentando inviabilizar a carreira dos jovens antes da carreira começar. E conseguiu com alguns.

Mas tem essa foto.

A foto prova que foi bucólico antes de ser trágico. Que teve mesa de piquenique antes de camburão. Que nem teve garrafa vazia antes de cana.

Uma garrafa só. Na primeira mesa. Na foto do Correio.

A gente esvaziou a garrafa a tempo.

Eles não esvaziaram a gente.

12 de outubro

Mautner Mutante da Nova Era

"Os perplexos não acreditam na Ásia, no zen, no transe. O transe não é levado a sério. À medida que aumenta a perplexidade deles, aumenta a minha clareza. À medida que eles se sentem deslocados, **eu** que sempre nadei em águas submarinas estou na tranquilidade".

Entre nós, Mautner. Desembarcando de um Boeing 474, trajando uma camiseta branca, uma rabeca, pastinha 007 e um gravador, era o próprio menestrel eletrônico. Com ele, sua banda, Nélson Jacobina, Ronald Pinheiro e seu manager Jorge Luís. Do aeroporto direto para a redação do Correio, onde com uma energia possível apenas num guerrilheiro do ultra mundo, ofereceu pano para manga de altas costuras sobre o vir a ser. Mautner chegou, não do além, mas de Itaúnas, Espírito Santo, para lançar seu último livro, *Panfletos De Uma Nova Era* e participar como político, poeta e profeta, do lançamento hoje, no Clube da Imprensa, do jornal *Transe*. Checado por Chacal, Brother e Severino Francisco, entre outras afirmações estarrecedoramente atuais, diz que o artista e o intelectual de hoje em dia devem descer dos pedestais da Cultura e dar seu testemunho do que vai pelo mundo, para que o novo possa surgir organicamente. Jorge Mautner, que se diz político desde os 7 anos, quando fundou seu primeiro partido, faz seu jogo. Aberto e esperto.

22 de outubro a 5 de novembro

Nossos ídolos quarentões (ou quase)

- *A juventude da beleza*

A roqueira Rita Lee ganhou. Chegou a vez de uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo.

23 de novembro

- *Glauber no futuro*
- A*manhã é dia de festival*

Sucesso de público: I Exposição coletiva de arte do Guará

22 a 28 de novembro de 1980 — O saguão de entrada da Administração Regional do Guará recebeu a I Exposição Coletiva de Pintura, Desenho e Artesanato do Guará. Inaugurada no dia 22, a mostra reuniu artistas do Distrito Federal e de outros estados, atraindo mais de trezentos visitantes nos primeiros dias de funcionamento.

O acervo apresentou 60 quadros a óleo e cerca de 100 peças de artesanato, incluindo trabalhos em couro, lã e madeira, além de esculturas e desenhos. O interesse do público também se refletiu na venda das obras. Segundo Lia Samara, artista plástica e coordenadora do evento, quase todas as peças já haviam sido comercializadas antes do encerramento da exposição.

Entre os trabalhos que despertaram a curiosidade dos visitantes estava o desenho em grafite *Cabeça de Juruna*, de Dee Remos. No segmento de vitrais, destacaram-se *A Dama* e *A Ave*, de Lourdes Pacheco. Os painéis de tapeçaria de Maria José Nunes também integraram a mostra.

A organização ficou a cargo de Lia Samara, Dee Remos e do professor Francisco José Pinheiro Brandes. A abertura oficial contou com a participação de Brandes e Nilo Oliveira Velloso. A programação incluiu ainda o lançamento do livro *Ele veio do espaço*, de Rosária Gomes.

Com encerramento previsto para 28 de novembro, a exposição contou com o apoio da Fundação Cultural do Distrito Federal e do Centro de Desenvolvimento Social do Guará (CDS). O evento constitui um registro da produção artística e da mobilização cultural na cidade no início dos anos 1980.



Peças em madeira, couro, lã e outros materiais são expostas no Guará

Fotografia

Elza Fiúza (1949–2024): A Mulher que registrou a História

Elza Maria Praia Fiúza Dias Pinto, conhecida como Elza Fiúza, nasceu em Manaus, em 19 de agosto de 1949, e construiu em Brasília uma trajetória marcante no fotojornalismo brasileiro. Pioneira na cobertura política da capital federal, dedicou décadas de sua vida a registrar acontecimentos que ajudaram a contar a história recente do país.

Chegou a Brasília em 1975 e começou a trabalhar no *Correio Braziliense* como laboratorista. Aos poucos, conquistou espaço na fotografia e fez dela seu instrumento de trabalho e de interpretação do mundo. Em 1983, ingressou na Radiobrás, tornando-se a primeira mulher fotojornalista da agência.

Sua lente acompanhou momentos decisivos da democracia brasileira, como a campanha das *Diretas Já*, a promulgação da Constituição Federal de 1988, o impeachment de Fernando Collor de Mello e a despedida de Dilma Rousseff da Presidência da República. Entre seus registros históricos está a imagem de Ulysses Guimarães segurando a nova Constituição — um retrato que simboliza a reconstrução democrática do país.

Formada em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Elza também desenhava e realizava trabalhos manuais. Seu olhar, porém, não se limitava aos acontecimentos oficiais. Era uma profissional identificada com causas humanitárias, com os direitos das mulheres, com a defesa dos povos indígenas e com a liberdade de expressão.

Ao lado do jornalista Chico Dias, seu companheiro por mais de cinco décadas, manteve uma casa que se tornou ponto de encontro de amigos, jornalistas, músicos e pessoas ligadas às artes e à cultura. A convivência, a generosidade e o interesse pela diversidade humana também fizeram parte de sua história.

Elza Fiúza morreu em Brasília, em 10 de abril de 2024, aos 74 anos, após enfrentar um câncer de pulmão.

Sua história não se resume às imagens que produziu. Está também na presença de uma mulher que abriu caminhos em uma profissão predominantemente masculina e ajudou a preservar, por meio da fotografia, a memória política e social brasileira. Enquanto suas imagens continuarem a ser vistas, interrogadas e revisitadas, parte da história que ela testemunhou permanecerá viva.

22 de dezembro

"Se conseguirmos, no curso de 1981, colocar em movimento internacional o grupo A, assim como a edição dos roteiros (...), eu já dormiria com a esperança de ter salvo a vida, ou os filmes." *Glauber Rocha, Carta*

Fofoca do Natal

Ainda adolescente pobre e besta e sonhador. Passei o Natal na casa do vizinho, comendo rabanadas e bebendo algum vinho. Pensei: "que noite legal!". Outro amigo me contou que a mãe do vizinho em cuja casa passei o Natal perguntou: “A família do Mário não faz ceia?” *Pqp*! Além de me darem como doido e maconheiro, ainda fazia minha família passar carão. Rezei para minha mãe não descobrir. Depois, na frente da casa deles, ria como lunático, abria os braços, ria mais ainda, gesticulava e assobiava a canção. De merda o mundo anda cheio.

27 de dezembro

O que pensa Golbery sobre a Abertura e a crise econômica

Como conduzir a abertura política em meio a uma crise econômica que exigia justamente o contrário: mais controle, centralização e disciplina governamental? Esse era o paradoxo enfrentado pelo regime militar.

“Na realidade, não nos resta outra opção”, afirma um trecho atribuído a Golbery do Couto e Silva, estrategista da abertura política. Depois de quinze anos de crescente repressão, o país havia se transformado numa “enorme panela de pressão”. Adiar ainda mais a liberalização significava permitir o acúmulo de tensões capazes de colocar em risco a sobrevivência do próprio sistema.

A Abertura sob controle

O dilema não se limitava à relação entre política e economia. Estava em jogo quem conduziria a transição e até onde o governo estaria disposto a permitir que ela avançasse.

Em comentário publicado na revista *Manchete*, Consuelo Badra contesta a ideia de que o controle do processo pelo Planalto fosse resultado apenas de uma articulação de Golbery e Heitor de Aquino. Os conflitos dentro das próprias forças governistas e as disputas partidárias revelavam um cenário menos uniforme do que se poderia imaginar.

Sua crítica à classe política é contundente: havia os que apoiavam o governo porque se beneficiavam dele e os que se opunham porque não participavam desses benefícios. As exceções, segundo a autora, apenas confirmavam a regra.

Entre a necessidade de liberalizar e o desejo de conservar o comando, a abertura política brasileira avançava sob o signo da contradição. O regime reconhecia que precisava aliviar a pressão acumulada, mas pretendia continuar determinando o ritmo e os limites da mudança.

Fontes consultadas: "Afinal, quem é Golbery?", reportagem de Alexandre Garcia; comentário de Consuelo Badra, publicado na revista Manchete.

FOSB

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DE BRASÍLIA

UM CONVITE PARA VOCÊ

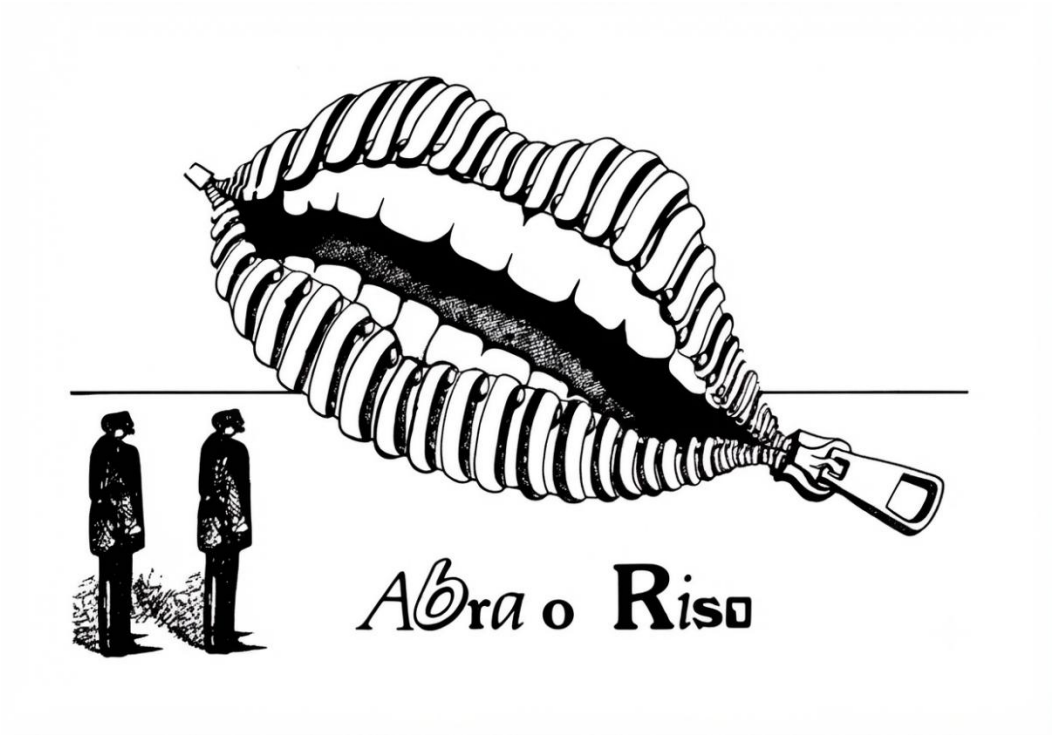
Para o próximo dia 1º de Dezembro, você é convidado para assistir um Concerto com a Orquestra de Cordas, no Auditório da Escola de Música de Brasília, tendo como slistas :

Professora Ludmila Vinecka - Violino
Professor Ricardo Wagner - Violino
Professor Guerra Vicente - Violoncelo

Tenho certeza que você gostará!!!

ENTRADA FRANCA 21 h





1981

Lourdes Pacheco, fotógrafa

Lourdes Pacheco é costureira, artesã, pintora - e fotógrafa.

Ela não fotografava com pose de artista. Fotografava com o olho de quem costura, de quem sabe onde a linha aperta, onde o pano rasga, onde a mão cansa.

No início de 1981, com a câmera na mão, ela fez duas séries que são o coração do ***HEUSTÓRIA****.*

A primeira é dos ***barracos do Núcleo Bandeirante****. Ela entrou nos barracos, fotografou a toalha roxa na mesa, o varal no quintal, a galinha branca ciscando, o monte de areia na frente da casa. Não é foto de pobreza para jornal, é foto de dentro, de quem conhece a casa, de quem sentou naquela mesa.*

A segunda é das ***mulheres trabalhando no gramado, na beira das vias urbanas da capital****. Mulheres com ancinho, com carrinho de mão cheio de capim, com lenço na cabeça, com crachá no peito. Ela seguiu elas um dia inteiro - do descanso na sombra da árvore, para o trabalho pesado no sol, para o retrato posado, mão na cintura, olhando para a câmera. São mulheres que fizeram Brasília ficar verde, e que ninguém fotografava.*

Fotografia



















































A Aliança Francesa convida
para a Exposição de Artistas
Plásticos do Grupo Guarart

Vernissage: 28 de abril de 1981
às 20:30 horas
Duração: de 28/4 a 08/05/81
Local: Av. W-4 Sul E.Q.708/907-Brasília

O grupo de Artistas Plásticos e Artesãos do Guará, foi denominado Guarart em março de 1979. E composto de 16 artistas Plásticos e 62 artesãos.

É reconhecido e apoiado pelo SIDARTE (Serviços Integrados de Desenvolvimento do artesanato da Secretaria de Serviços Sociais do Governo do Distrito Federal.)

Os trabalhos dos Artistas são bem diversificados, podendo ser encontrados nesta exposição quadros do primitivo ao moderno.

Seus trabalhos já foram apresentados nas seguintes exposições:

Exposição de Artes do Guará
Local- Centro de Criatividade-Fundação Cultural.
Período- de 17 a 31/01/1979

I Salão de Gravura e Desenho do Centro Oeste.
Período: de 05 a 29/7/1979

Exposição de Artes Plásticas do Guará
Local: Salão da Administração do SRIA
Período - de 03 a 06/79

II Salão de Artes Plásticas das Cidades Satélites.
Local - Galeria A da Fundação Cultural
Período de 17 a 31/12/79

Exposição de Artesanato e Artes Plásticas do Guará
Local - Saguão da Administração
Período: de 05 a 09/5/80

Exposição de Artesanato e Artes Plásticas do Guará
Local - Slão do CEEB

I Exposição Coletiva de Artesanato Pintura e Desenho do Guará.
Local - Saguão da Administração
Período de 22 a 28/11/80.

Participantes

Dalva de Oliveira
Débora Carneiro
Eduardo José Antunes Netto Carreira
Fernando Mendes de Melo
Francisco de Assis Alves
Geraldo Benigno
José Angelo Manoel
Maria José Ribeiro Custódio
Maria de Lourdes P. Rosa
Solange Aparecida
Zenas Silva Oliveira
Maria José de M. Nunes

x x x x x x x x x
x x x x x x
x x x

cesa aliança francesa aliança francesa aliança francesa aliança francesa aliança

Arte: *Zenas Silva Oliveira*



ZENAS E A REGRAVAÇÃO DOS VINIS

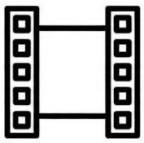
No final dos anos 1970, o beatlemaníaco Zenas acreditava que os discos de vinil se desgastavam tanto com o uso que precisavam ser “regravados”. Seu método era, no mínimo, original: aproximava a boca da cápsula da agulha enquanto o disco tocava e cantava junto, convencido de que sua voz estava sendo registrada nos sulcos, como se pudesse renovar ali as músicas que tanto amava.

Na realidade, o que acontecia era apenas a amplificação de sua voz pelas caixas de som. A agulha reproduzia a gravação existente, mas não registrava sua cantoria no vinil.

A cena, ao mesmo tempo ingênua e fascinante, ficou marcada na minha memória. Zenas não se conformava em ser apenas ouvinte: queria participar da música, interferir nela, preservá-la à sua maneira. Havia algo de insólito naquela mistura de paixão pelos Beatles, imaginação e tecnologia doméstica.

Hoje, não vejo aquilo como loucura. Talvez tenha sido um happening involuntário, uma performance doméstica e distorcida. Ao cantar diretamente para a cápsula da agulha, Zenas transformava a vitrola em palco e a audição em intervenção artística. Não sabia que estava tecnicamente equivocado; acreditava dialogar com os sulcos do vinil e salvar as canções do desgaste do tempo.

Sem saber, inventava seu próprio ritual sonoro. Décadas depois, aquele gesto ainda me parece uma pequena aventura da imaginação... — dessas em que a paixão pela música ultrapassa os limites do possível e transforma uma sala de casa em território de experimentação.



Glauber Rocha pede um gravador, ordena que ninguém o incomode e se tranca sozinho numa sala. Despeja palavrimagens no gravador da revista Cahiers du Cinéma. Analisa agudamente Pier Paolo Pasolini e o acusa de ter sido "perverso" quando deveria ter sido "subversivo". Os dois lados da fita cassete ficam preenchidos. É também o acerto de contas com a crítica italiana sobre o delírio da "fascinação fascizante". Os dentes gastos e quentes do leão nem trincaram num esboço de *au revoir*.

Pasolini, O Cristo-Édipo

Glauber Rocha – Cahiers du Cinéma, hors-série

Pasolini foi aquilo a que chamo o produto do milagre do Plano Marshall na Itália. Após a geração da fome – os neorrealistas: Rossellini, De Sica, Visconti, Antonioni, Fellini –, o cinema italiano tornou-se uma indústria, e o neorrealismo perdeu completamente o sentido revolucionário e criador de novas formas. O momento de Pasolini representa a passagem da fome à gulodice, e penso que o escândalo Pasolini era uma "mais-valia", um luxo para essa Itália que queria ser desenvolvida do ponto de vista industrial e moderno, do ponto de vista ideológico, mas que era, na realidade, uma Itália desagregada, arcaica, selvagem, bárbara, anárquica. Contudo, a selvageria, a barbárie e a anarquia pasolinianas eram dominadas pela disciplina marxista, pelo misticismo católico, tornando-se, então, numa barbárie maquilhada. O que me choca no seu cinema é a ausência de poder: nunca é convincente, seus personagens são fracos, e penso que é por isso que ele não sincroniza os diálogos. Notei que, na dobragem dos filmes de Pasolini, existia sempre um ligeiro desfasamento entre os movimentos dos lábios dos atores e as palavras. Uma vez, num restaurante em Roma, ele disse-me que a língua italiana não existia e que, por isso, o teatro não existia na literatura italiana, o que o levou a realizar *Édipo Rei* em dialeto siciliano.

Penso que, em *Accattone*, existe uma certa sensualidade no personagem desempenhado por Franco Citti, mas, depois, no seu cinema, tudo é muito frio: são adjetivos que tentam valorizar substantivos estéreis. Pasolini tinha a razão, a inteligência e a cultura que são conquistas de um intelectual civilizado, mas dizia: "Sou um civilizado

apanhado pela barbárie". Ele rejeitava a sociedade capitalista, mas aceitava-a no sentido em que se tornou um profissional da indústria editorial e cinematográfica. Passou do "estatuto" de cineasta marginal (realizando filmes que não davam dinheiro) a cineasta que fazia filmes abertamente comerciais, como a Trilogia. Assim, penso que, salvo o filme inicial, *Accattone*, e o último, *Salò*, todos os outros filmes de Pasolini demonstram toda essa ambiguidade, que é o seu melhor. Ele estava comprometido com a ambiguidade. Porque, na verdade, para ele, a homossexualidade não era uma prática sexual normal, mas uma religião, uma ideologia, um mecanismo de fetiche, um misticismo. É o que se vê nos seus filmes: essa dialética entre o Cristo e o Édipo, o Cristo-Édipo, quer dizer, os problemas do pai assassinado (assassinado porque traiu, como Deus traiu Cristo, o que podemos ver bem em *O Evangelho Segundo São Mateus*, quando, no momento da morte, Cristo diz: "Pai, por que me abandonaste?"). Esse é o momento mais forte do filme: ele é crucificado no falo do pai (inexistente), e a mãe esconde sempre a condição da mulher (as mulheres estéreis e histéricas ou as mães possessivas que não cedem o lugar à mulher). Essa fusão Cristo-Édipo leva-o ao desespero, à irrisão, à infelicidade permanente. Então, ele fala sempre de sexo, mas não nos entregamos aos seus filmes. Os personagens são frios, teóricos; a violência é programada; o sexo é sempre "dobrado" pelo cérebro (é por isso que os seus filmes são sempre dobrados), e ele vai em direção à tragédia, ao sacrifício, à autopunição edipiana e cristã.

Há uma coisa interessante no cinema de Pasolini: o orientalismo. A Itália é um país de influência árabe, e essa impossibilidade de Pasolini ser moderno é compensada, sublimada pela naturalidade dessa orientalidade. É por isso que ele se quer "povo", mas isso é somente um desejo, porque, quando realiza, ele se torna católico. Por exemplo, em *As Mil e Uma Noites*, Ninetto é como São Francisco de Assis com os árabes, tornando-se, então, um filme jesuíta catequista. Pasolini não está interessado nem pela cultura árabe nem pela sua política; interessa-se pela sexualidade árabe, mas do ponto de vista do colonizador.

Salò é o filme de Pasolini de que mais gosto, porque penso ser o melhor do ponto de vista da forma: está bem enquadrado, bem montado, bem representado. O filme torna-se um corpo convincente, com uma violência existencial, e não com a violência teórica dos outros filmes. Porque, em *Salò*, ele diz a verdade ao afirmar: "Aqui está, sou pervertido, a perversão é o fascismo". "Gosto dos rituais fascistas, fiz *Salò* porque é o teatro dessa perversão, e o meu personagem, o meu herói, ama os torturadores como eu amo o meu assassino". É a punição, o mito de Édipo cristão. Eu me liberto completamente desse pasolinismo e também desse cristianismo, desse edipismo moralizante, porque, para mim, primeiramente, Édipo não existe mais, e o cristianismo não é uma religião, é uma revolução de amor, de prazer, na verdade, não de sofrimento.

E, após o filme, ele morreu numa aventura de exploração do sexo proletário. Pasolini, intelectual comunista, revolucionário, moralista, era agente da prostituição, quer dizer, pagava aos rapazes, os *ragazzi di vita*, pelo sexo. Ele procurava os pobres, os ignorantes, os analfabetos e tentava seduzi-los como se a perversão fosse uma virtude.

Pasolini não gostava verdadeiramente das mulheres. Godard gosta das mulheres, mas pensa que elas são sempre putas ou musas românticas. Em Godard há o amor, a paixão, não o sexo; em Pasolini há o contato sexual, mas não o amor, não a paixão. Há somente a paixão teórica. O que interessa a Pasolini é o irrisório, é a perversão.

Penso que o sadismo, que se tornou um mito da cultura contemporânea, sobretudo para a geração de Pasolini, é o renascimento do espírito fascista nessa geração e é também

uma “mais-valia” sofisticada das sociedades que não têm verdadeiramente problemas de sofrimento. Sade na sua época, Sade na Bastilha, é uma coisa, mas o neossadismo como fetiche, como mito, é o delírio da fascinação fascizante.

Pasolini, em *Salò*, aceita a sua verdadeira personalidade. Mesmo que a morte de Pasolini tenha sido um atentado fascista, eles aproveitaram a encenação pasoliniana para matá-lo segundo os seus próprios ritos.

No meu último filme, *A Idade da Terra*, falo de Pasolini. Digo que desejava fazer um filme sobre o Cristo do Terceiro Mundo no momento da morte de Pasolini. Pensei nisso porque queria fazer a verdadeira versão de um Cristo terceiro-mundista que não teria nada a ver com o Cristo pasoliniano. Pasolini procurava no Terceiro Mundo um álibi para a sua perversão. Para mim, o conceito de subversão é muito diferente do conceito de perversão, porque a perversão culturalmente constituída pelos intelectuais sadianos não é a minha. Para mim, a subversão é inverter verdadeiramente essa perversão por um fluxo amoroso que não exclui a homossexualidade.

O problema não é a homossexualidade ou a heterossexualidade, é o problema da fascinação pela herança fascista, os grandes balés contorcionistas de um homem vindo do campo, de uma civilização arcaica, que utiliza várias linguagens (a literatura, o cinema) para sublimar, disfarçar e, enfim, com *Salò*, atingir a sua verdadeira personalidade, que não era nem Cristo nem Édipo, mas qualquer coisa de muito misterioso: o prazer fascista.

Ele assume a tragédia, punido pelas falsas máscaras de Édipo e de Cristo. Os prazeres fascistas conduzem à tragédia porque a punição é o mito do Édipo cristão. Nisso está o fulcro do mistério, não só de Pasolini, mas também do Pasolini que se tornou, por causa disso, um mito contemporâneo.

11 de março

Carta-Testamento – Sintra

Querido Oliveira

Somente agora pude escrever-lhe, pois muitas atribuições não me permitiram notícias concretas. Estou agora mais tranquilo – tratando-me de uma doença do coração, Pericardite – que quase me levou pra cova. Tive a sorte de encontrar um bom médico e preciso de dois meses de repouso. Aproveito este período para botar a vida em ordem.

O Celso Amorim, que tem sido um bom amigo, arrumou-me aqui um contrato para escrever um roteiro para o Instituto Português de Cinema, que me permitirá viver até o fim de maio – e ficar curado. Depois de maio, – tudo é obscuro, pois não tenho certeza se o IPC *produzirá o filme. Tanto no Brasil como aqui – continuo pobre, dependendo do dia-a-dia para viver. Este longo exílio começado em 1971, continua. São 10 anos de intensa atividade cultural deficitária.*

No Brasil – como você bem sabe – tenho poucos amigos. A Idade da Terra *produziu vinganças terríveis – é o preço pago por ter apoiado o Geisel em 1974. Esta atitude política deixou-me ódios implacáveis. Os meios cinematográficos se vingaram e se vingam. Assim, eu que construí 50 por cento do cinema brasileiro, continuo exilado e pobre, embora pensem que eu seja rico.*

Pedi aqui um empréstimo ao Banco do Brasil – que me permitiria abrir uma empresa de comunicações, mas me foi negado. Este empréstimo – eu pedi também ao Aluizio Magalhães, e ao diretor da SAC (Secretaria de Assuntos Culturais do *MEC*), *mas até hoje (já passaram três meses) não obtive repostas.*

Gostaria de saber se você tem acesso ao Celso Langoni – pois pretendia pedir o empréstimo a ele, mas não o conheço. Imagine que tenho cinco roteiros prontos e dez livros para publicar. Mas não encontro editores no Brasil e não tenho capital para produzir os filmes. O valor deste material literário e cinematográfico poderia me render muito – se eu conseguisse capital para industrializá-lo. Tenho pavor de voltar ao Brasil pobre e dependente ainda da Embrafilme. Seria a morte. Em suma, um 'caso dostoievskyano'.

Sei que você tem problemas – mas lhe peço ajuda em extremis. Não tenho casa no Brasil, tenho seis filhos, a saúde cambaleia. Tudo isso aos 42 anos. O empréstimo que preciso é de dez milhões de cruzeiros. Sei que o Delfim concedeu pela Caixa Econômica, empréstimo desta monta (monta: MONTA: perdoe-me o (?) ecianismo...) ao José Celso Martinez pra reconstruir o Teatro Oficina*.*

*Se eu conseguisse pelo Banco do Brasil ou pela Caixa ou qualquer banco privado ou estatal – um empréstimo de dez milhões – eu poderia voltar ao Brasil e fundar uma empresa de comunicações – e assim editaria meus livros em coprodução com o editor e poderia produzir meus filmes em situação independente. Fora dessa possibilidade – estou f***. Tenho vontade de lhe mandar alguns arquivos, mas não tenho condições de escrever nada, devido à saúde e ao desânimo.*

*Será que o Sarney ou Passarinho ou mesmo Ludwig não poderiam me ajudar? Além das OBRAS inéditas, sou proprietário de 6 filmes (*Barravento, Deus E O Diabo Na Terra Do Sol, Terra Em Transe, O Dragão Da Maldade Contra O Santo Guerreiro, O Leão Das 7 Cabeças, Claro*) que relançados no Mercado e lançados na Tv poderiam render mais de 20 milhões, considerando que estes filmes ainda são inéditos nos Estados Unidos, Rússia, China e outros mercados.*

A Idade da Terra não me rende nada porque é de propriedade da Embrafilme e daí só tenho cinco por cento dos direitos autorais. Se eu posso abrir uma empresa no Brasil, terei chances de relançar os filmes e vendê-los na Tv e nos mercados ainda virgens.

Tanto os dez livros inéditos (romances, peças, ensaios) quanto os roteiros inéditos e os filmes serviriam de garantia ao empréstimo. Afinal, 11 milhões, é pouco dinheiro. O Banco do Brasil *financia agricultores improdutivos e a* Funarte *joga dinheiro grosso pela janela, como o Serviço Nacional do Teatro, o Instituto Nacional do Livro – etc – financiando articultores incompetentes.*

Preciso libertar-me desta miséria injusta que pode me conduzir ao marginalismo, à dependência e à morte. Caso esse empréstimo seja possível eu poderia voltar no mês de maio e instalar a empresa em Brasília pois o Rio é uma cidade perigosa, onde sofri várias ameaças, antes de viajar o ano passado.

Você é a única pessoa no Brasil a quem posso pedir este favor. Se for possível, responda-me. Meu endereço é Hotel Central, Sintra, Portugal. Meu telefone é 292.2090, Sintra. Posso ser localizado também através da embaixada em Lisboa pelo dr. Carlos Garcia, que é o Adido Cultural. Está é a minha única chance de voltar. Não sendo possível, ficarei pela Europa até conseguir me libertar.

Envio-lhe alguns recortes do que tem saído por aqui.

Abraços fraternais / Glauber Rocha.

(Telegrafe acusando o recebimento da carta)

Um pachorrento pai de família. Carinhoso ora briguento com sua musa-esposa Paula Gaétan. Beijoqueiro com os filhos caçulas – Aruak e Ava. Enquanto estes jogavam almôndegas, Glauber Rocha despejou a artilharia de seu prato em todas as direções, deixando petrificado garçons, amigos e fregueses.

Ainda era fevereiro. A família Rocha abandonava o minúsculo apartamento em Paris.

8 de abril

Ainda se recuperando da pericardite, Glauber Rocha concede longo depoimento ao crítico português João Lopes.

Glauber Rocha, com as olheiras habituais e malbarbeado, sem aparentar estar tão doente, aparece no vídeo *Sintra Is a Beautiful Place to Die*.

22 abril

Polícia Proíbe "Show" de Baez em S. Paulo por "Desobediência"

Joan Baez foi proibida de se apresentar em São Paulo pela ditadura.

Argentina, União Soviética e Brasil foram os três países do mundo em que Joan Baez foi proibida de cantar. Já no Chile, a polícia apreendeu fitas e filmes que fazem parte do documentário que ela está preparando sobre a América Latina. No Sindicato dos Metalúrgicos em São Paulo, ela entrevistou Lula para o documentário.

- Destacamento de Operações de Informações (DOI) do 1º Exército, no Rio, preparava um atentado terrorista no Riocentro.

Figueiredo premiou os militares envolvidos com a impunidade.



13 de maio

Clima de Rock na Cidade. E Bom

Com ameaças de arrombar a porta do teatro, gritinhos e uma música simples e dançável. Sem dúvida, a jovialidade e a energia do grupo Mel da Terra conquistam seu público. Isso ficou demonstrado no show *Lábio Doce*, apresentado no último final de semana. Um visual e uma música bonitos.

25 de maio

Joan Baez no Rio, As Canções da Não Violência

Conclave de Sol – Nove mil pessoas, muita música e uma Joan Baez que só pôde dançar.

- *A benção, João de Deus*
- Começa a surgir a Plebe Rude. Com o fim dos Metralhaz, o baixista e vocalista André se juntou a Felipe, que saíra do Caos Construtivo, e a Gutje, que havia sido expulso da Blitz 64. Tempos depois, encontraram Ameba numa festa, bêbado, com um copo de gim na mão e cantando. Imediatamente, convocaram-no para cantar no grupo. Ana e Marta Detefon, que a princípio eram plebetes (tietes do pessoal da Plebe), acabaram se juntando à banda.

"E essa flor que nasce com sereno, tome cuidado, ela pode ser veneno."

Veja o mundo te alucina,

te apavora e te extermina.

A morte parece chegar.

Deixe de ser materialista,

olha a Lua como é linda,

te abre os olhos para amar.

Loucura, imperfeição do homem,

vê como luta contra a fome,

mata e rouba pra viver.

“Essa música, ‘Cogumelo’, era parte do repertório que a turma da minha quadra, no Cruzeiro, cantava nas madrugadas. A primeira vez que lembro de ouvir foi na esquina do ‘prédio’, único edifício alto que havia no Cruzeiro dos 80s. Achamos ousado e irreverente. E não tínhamos noção se fala de drogas. Apenas iam em consonância com as questões da juventude e era som rock’n’roll com solos, bateria forte, baixo intenso, era tipo um complemento hard da ‘Pequena Mágoa’ do Mel da Terra. Tinha a letra escrita em um diário, perdido no tempo. Não consigo me recordar da letra toda hoje.” LI LA

“Ela não era do Sepultura. O Robson, baixista que ficava cantando ela.”

Izamar Mendonça

30 de julho

Glauber Rocha descobre que está tuberculoso, com o pulmão direito f***, e o esquerdo avariado, com possibilidades de kanzer!

3 de agosto

Está muito doente e estendido na cama, solta sangue pela boca. Com a saúde em declínio irremediável, é internado num hospital próximo de Lisboa para tratamento de problemas broncopulmonares.

No leito do apartamento 26, do Hospital da CUF, Glauber Rocha, semiconsciente, chega a dizer:

“Miguel, nada deu certo. Portanto, acho que a cinematografia de língua portuguesa voltou a ser um mito que deverá ser novamente reconstruído.”

Sob suspeita de tuberculose, logo fala-se em broncopneumonia. Glauber Rocha, sem ter consciência de que está muito mal e, apesar de estar no oxigênio e um pouco sem fôlego, faz comentários exaltados sobre a oposição e discursos sobre a dialética da enfermidade. Quer voltar ao Brasil para evitar que Golbery saía do Governo.

“Um dia recebo um telefonema me convidando a participar de uma reunião no hospital, juntamente com a Paula Gaétan, o João Ubaldo Ribeiro, o Jorge Amado e a mulher, dois médicos e o embaixador do Brasil. Ficou decidido que ele seria mandado para o Brasil. E agora é que eu vou abrir o bico: eu ouvi tanta besteira nesta reunião! Só se falou em drogas, com uma argumentação absolutamente primária. O hospital era muito conservador. Fazia um calor insuportável e o Glauber saía sem roupa pelo corredor. Ele era um personagem que agitava o hospital. Glauber estava um pouco inchado, com o aspecto horrível. A vinda dele para o Brasil foi decidida muito mais em função da coisa antidroga dos médicos portugueses do que por qualquer outro motivo.” Carlos Marques

10 de agosto

Glauber telefona à mãe dizendo-se doente, com uma forte gripe que evoluía em pneumonia, e que acabava de lhe escrever uma carta longa, onde lhe contava detalhes. “Esta carta nunca me chegou. Eu quero a minha carta.”

Relatório Sobre a Doença de Glauber

Christina Autran, Especial Para O Estado De S. Paulo

Lisboa – As condições de internamento do cineasta brasileiro Glauber Rocha no Hospital da CUF, antes de seu embarque para o Brasil, onde morreu no dia seguinte à

sua chegada, continuavam repercutindo em Lisboa, onde os noticiários das rádios comentavam as informações publicadas em alguns jornais brasileiros, em que se incriminava a equipe médica e o hospital que deram assistência a Glauber Rocha. Mas também os membros da Administração do Hospital e os médicos que atenderam o cineasta rebatiam as críticas que receberam, através desses mesmos programas de rádio e de televisão.

Henrique Mello, da Administração do Hospital da CUF, onde Glauber estava internado, negou que o hospital pudesse ser responsabilizado pela internação do cineasta. "O realizador cinematográfico ocupava um dos quartos do hospital como doente externo – há dois tipos de internamento no Hospital da CUF, um onde o hospital oferece toda a sua equipe e outro tipo de internação, onde somente são oferecidas as condições de infraestrutura e os médicos não pertencem aos quadros do hospital – e era tratado pelos médicos César Abel e Fernando Rodrigues." O administrador disse ainda que o "enfermeiro que acompanhou Glauber Rocha ao Brasil levava consigo não um relatório, mas vários". Um deles era de autoria do dr. César Abel e outro estava a cargo do catedrático Aires de Sousa, entre eles uma tomografia computadorizada, análises bacteriológicas e outros elementos.

Glauber foi assistido em Portugal pelos médicos César Abel e Fernando Rodrigues, que participaram de um noticiário da televisão na noite de ontem e informaram que enviaram junto com Glauber um relatório resumido, devido à falta de tempo para a elaboração de outro mais completo, já que a viagem foi antecipada em um dia. Nesse relatório, foi mencionado um componente pneumônico e também a presunção de Glauber Rocha estar sofrendo de uma doença muito grave, que não poderiam revelar devido ao sigilo profissional. Disseram, no entanto, que "para bom entendedor, meia palavra basta".

– Prontifico-me a mostrar para qualquer médico uma fotocópia do relatório, dentro do segredo profissional. O relatório foi reduzido, mas correto.

O dr. Fernando Rodrigues disse ainda que, no fim desse resumo do relatório, a equipe de médicos que assinou informava aos seus colegas brasileiros que estavam à sua disposição para qualquer pergunta complementar, fornecendo-lhes nomes, residências e telefones de casa e dos consultórios. O médico queixou-se de não ter recebido nenhum telefonema e lamentou a "campanha levantada sem bases por uma imprensa sensacionalista", reiterando que continua à disposição dos seus colegas brasileiros.

– Se não recebemos um só telefonema, presumimos que os médicos brasileiros tenham ficado satisfeitos com nossas informações.

O dr. Fernando Rodrigues disse que Glauber levava consigo os resultados de uma tomografia feita pelo dr. Aires de Souza, confirmando a existência de massa de alta densidade no pulmão direito. Para ele, a equipe de médicos possui um documento assinado pela mulher de Glauber Rocha, responsabilizando-se pela decisão de transferi-lo.

– Os médicos teriam-se oposto à alta, caso o doente não estivesse em condições de viajar. Fomos procurados por pessoas muito amigas do paciente, que foram explícitas ao explicar a situação de sua família no Brasil, que queria tê-lo perto. O doente estava em estado grave, mas não corria risco pelo fato de ser transportado.

Jorge Amado, grande amigo de Glauber Rocha, morando atualmente em Lisboa, disse ontem estar "arrasado" com a perda do amigo: – "Sinto-me vazio. Acompanhei Glauber desde o momento em que ele foi para Sintra e depois quando veio para Lisboa. Ele viveu muito a própria doença, acompanhou a evolução da enfermidade. Era um homem que em todos os momentos esteve voltado para o Brasil, para os problemas brasileiros, vivendo

cada coisa que acontecia lá, como, por exemplo, a demissão do Golbery. Glauber teve uma reação forte e chorou. Estava muito preocupado com as coisas brasileiras, com os problemas."

Segundo Jorge Amado, houve um momento em que "Glauber parecia bem melhor e estava muito satisfeito porque os críticos ingleses tinham gostado do seu último filme, Idade da Terra."

Glauber estava extremamente contente, dizendo que o filme ia entrar no circuito comercial na Inglaterra e nos Estados Unidos. De sua cama de enfermo no hospital, ele acompanhava as coisas.

Jorge contou que passou uma semana fora e, tendo voltado para vê-lo, achou que Glauber havia piorado.

"Achei-o muito abatido, pálido demais. Estava lívido. Foi aí que sua mulher me disse que tinha decidido voltar para o Brasil com ele e que os médicos haviam concordado com sua ida. Embarquei para o Norte na quarta-feira pela manhã, cedo, sem ainda saber o dia do seu embarque. E aí já foi o fim."

Jorge Amado acrescentou ainda que "foi testemunha da constante atenção e interesse do embaixador e do cônsul do Brasil, que deram a Glauber toda a assistência."

Félix Baptista de Faria, Cônsul Geral, Relata Nota da Junta

1. Em adiantamento ao telegrama nº 227, encaminho, em anexo, cópia do comunicado que a junta médica, que atendeu a Glauber Rocha, distribuiu, com relação ao noticiário que está sendo divulgado a respeito de sua atuação.

2. No parágrafo 2º do comunicado, é mencionada, pela primeira vez nessa política, a questão de drogas alheias ao tratamento, e que o dr. Cesar Abel me confidenciou que constava do relatório escrito aos médicos brasileiros ("além de fatores exógenos atuando desde há muito longa data no sentido de enfraquecer as defesas orgânicas do doente").

3. Na reunião em que participei, referida no ofício nº 252, os médicos declararam que seu diagnóstico era inconcluso, porquanto a viagem de Glauber Rocha interrompera a série de exames programados, dentre os quais uma punção pulmonar para a biópsia da massa acusada no pulmão direito pela radiografia computadorizada, mas não levada a efeito porque as sequelas incomodariam o paciente numa viagem imediata. Acrescentaram que a radiografia computadorizada não pôde chegar ao abdômen, em virtude do estado de fraqueza do enfermo, o que os levou a interrompê-la. Mas a junta médica acredita que essa massa seja metástase de tumor cerebral.

4. Os médicos afirmaram que, quando tomaram medidas enérgicas para impedir o fornecimento de drogas ao doente, estranhas ao tratamento, o mesmo adotou uma atitude negativa, negando-se a comer, o que os obrigou a alimentá-lo com soros.

5. Desejo registrar que os médicos que atenderam a Glauber Rocha demonstraram uma grande dedicação e enorme interesse pelo doente, se reunindo diariamente, e até mais de uma vez no mesmo dia, para examinarem a evolução de seu estado de saúde. Telefonavam-me com frequência para informar-me dessa evolução, avançando até onde a ética profissional permitia. As informações que tenho recolhido, tanto sobre o dr. Cesar Abel, como o dr. Fernando Rodrigues, são as de profissionais respeitados e com elogiável curriculum vitae. Não me julgo, contudo, habilitado a avaliar a qualidade do seu trabalho profissional.

6. **20 de agosto**

Glauber Rocha, em estado de coma, é trazido para o Brasil.

21 de agosto

Rio de Janeiro, depois de 13 horas, sem soro e negligentemente assistido, uma vez acompanhado apenas por sua família e um policial nas funções de enfermeiro, chega ao Galeão ao amanhecer de sexta-feira. Ao vê-lo, o médico Pedro Henrique impede sua transferência para o hospital, exigindo que antes passasse pelo ambulatório do próprio aeroporto. Transportado em ambulância do aeroporto Santos Dumont para o Centro Médico Bambina, em menos de uma hora verifica-se a origem do mal, constatando que a "broncopneumonia" instalara-se no organismo do cineasta há quarenta dias, aproximadamente. Mas, certamente, ele vinha sofrendo de septicemia (estado infeccioso em que há no organismo um ou diversos focos, que lançam periódica ou continuamente os germes no sangue) nos últimos cinco dias ainda em Portugal, mas ninguém se refere ao fato no relatório dos médicos portugueses. Nada pôde-se fazer.

Corredores frios de hospital e febre alta, Glauber Rocha sua muito e pergunta outra vez por sua mãe, dona Lúcia, seu corpo está nu e os tubos de borracha entram-lhe pelo nariz, ele parece o Cristo do Terceiro Mundo, visto de baixo, dos pés da cama, e lá no ar seu queixo ergue-se tentando engolir o ar da orla. Na cama da agonia apertam-lhe a mão e os joelhos, querendo impedir que ele vá, a luz que não queríamos que extinguisse ruma ao túnel junto com o mistério e as profecias de um Brasil sensível e popular que recentemente expira. Na parte da tarde, Glauber Rocha está inconsciente, em estado de coma. Olhos pisados, desalento.

22 de agosto

"Meu ídolo político é Napoleão Bonaparte."

Glauber Rocha

Sábado, vinte e quatro horas depois de chegar ao Rio de Janeiro, vindo do aeroporto de Lisboa, Portugal, Glauber Rocha, aos 42 anos, falece em Botafogo, os últimos carinhos pela porta entreaberta. No relógio, 9h20.

O diagnóstico é complicado, envolve pericardite, tuberculose e câncer. Causa mortis: septicemia, embolias pulmonares múltiplas, choque bacteriano.

Vinte e quatro horas antes, os médicos portugueses tranquilizavam Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro: "Podem usar o fim de semana, que ele está muito bem."

Glauber Rocha, morto/vivo. Consenso tirado, união. Assistimos ao formidável enterro de sua última quimera.

"Onde estão as cópias em 16mm dos seus filmes?" Correria, a distribuidora da Embrafilme aberta na marra. Todos velando seu corpo no Parque Laje, enquanto uma tela improvisada sobre cavaletes mostra as imagens de *Deus E O Diabo Na Terra Do Sol*, *Terra Em Transe*, *Barravento*. Tentou-se uma cópia de *Di,* o filme sequestrado e confinado no MIS.

Resolve-se filmar o velório, o gaúcho Silvio Tendler recebe a missão dos colegas Cacá Diegues e Joaquim Pedro Andrade de dirigir as filmagens do velório e do sepultamento de Glauber Rocha.

Silvio Tendler, Walter Carvalho, Fernando Duarte, Cristiano Maciel e John Howard revezam-se atrás de três câmeras, em 16mm, capturando o clima de emoção e tristeza que

abate a classe cinematográfica brasileira naquela manhã. 200 minutos de filme rodado, que mostram a tensão e as situações surrealistas que marcaram o velório e o enterro do cineasta.

Exibe-se o vídeo de José Carlos Asberg, onde Glauber Rocha acusa todos os cineastas de o traírem. Então a câmera filma vários deles, que riem nervosamente com seu caixão ao fundo. Só mesmo alguém como Glauber Rocha poderia fazer as pessoas rirem daquela maneira num enterro que é o seu. Seu sorriso de ironia é coberto por um poncho, pés descalços, no pulso uma fita do Senhor do Bonfim.

Cada um exorcizava a dor de uma maneira própria. Bilhetes, poemas. De acordo com Paula Gaétan: "Glauber era, como se sabe, um guevarista. O curioso é que também começou a morrer numa espécie de foco: em Sintra estávamos isolados. Por isso fiz questão de colocar a foto de Che no caixão": – "Como Che, Glauber era a vida, não era a morte."

Paloma, a primeira filha de Glauber Rocha, chora debruçada sobre o caixão logo que o cortejo se prepara para deixar o Parque Lage, ergue os braços e despede-se do pai.

Quase todo mundo que foi chorar sua morte, para aparecer no Jornal Nacional, não falava com ele em vida. Achava que tinha ficado maluco, chato, impertinente e discursivo.

Rua Jardim Botânico, o cortejo fúnebre leva uma hora e 15 minutos para chegar ao cemitério, transforma-se numa passeata política e cultural, acompanhada por cerca de 300 pessoas, a única homenagem que os amigos sabiam que agradaria ao cineasta.

Uma dor calma, aguda, passos lentos e conversas sussurradas.

Sol de meio-dia, a "Quinta Bachiana" na voz de Maria Lúcia Godoy. O caixão desce ao túmulo nº 4988-A, aleia 12 do Cemitério São João Baptista e cerca de oitocentas pessoas vão embora.

E a morte, de repente, apaga toda crítica da cabeça de quem o apedrejou. Escreveu, Wilson Cunha.

Os jornais falaram muito pouco sobre a chegada de Glauber Rocha ao Brasil. *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde* e *Folha de S. Paulo* anunciaram em notas escondidas, frias e objetivamente, sua internação no Centro Médico Bambina. Os destaques eram: o novo filme de Tarzan com Bo Derek e a malfadada visita do mito Godard na Fau (USP). Enquanto na notícia Glauber é apenas tratado como "cineasta" ou na terceira pessoa, na notícia sobre Godard, elogios fartos como "mito" pontilhavam a matéria.

Só perceberam a importância de Glauber Rocha quando ele morreu. Fato consumado, destacaram a notícia em primeira página e o consagraram o maior cineasta brasileiro e, nas entrelinhas, especulavam as possíveis causas, falavam de overdose, buscando testemunhas portuguesas e, anos depois, os mesmos jornais voltaram a especular, desta feita, Aids!

Em vida, poucos jornais brasileiros o ajudaram ou o elogiaram. Só criticaram. Afinal, como um Santo Guerreiro pode ser mais importante que os estrangeiros, na sua casa?

Com o título A morte do cineasta Glauber Rocha, o jornal francês *Le Monde* anuncia Glauber Rocha na primeira página como "um poderoso inovador, um grande artista brasileiro, na alma e na consciência" e, na matéria A serviço da Revolução, em quatro colunas, diz o jornal que quem o acompanhou à última morada – escritores, cineastas, atores e cantores, artistas brasileiros de todas as classes – prestou a Glauber Rocha

a melhor homenagem que ele teria desejado: "realizar uma espécie de união sagrada em torno dele, que simbolizou o amor louco por sua pátria, O Brasil e, para além do Brasil, da América Latina, explorada a sangue e fogo".

O jornal *France Soir* destaca em título: Morto aos 42 anos, Glauber Rocha era um dos renovadores do cinema brasileiro e lembra o que foi a carreira do desconcertante realizador de *Deus E O Diabo Na Terra Do Sol*, que ganhou o Grande Prêmio Da Crítica Do Festival De Cannes, com *Terra Em Transe*. "Glauber Rocha – conclui – ficará como uma das grandes figuras do cinema contemporâneo".

Libération dedica-lhe uma página inteira, tendo como título *A morte de Glauber Rocha*, e logo abaixo: "Genial e modesto, o mais conhecido e – sem dúvida – o maior dos cineastas brasileiros estava um pouco esquecido. Cinema Novo, Tropicalismo, Tricontinentalismo estão distantes. Ele, Glauber Rocha, não esquecia nada." Uma grande foto de Glauber ilustra a matéria. *Le Quotidien* disse em título: "Os cineastas voltam a morrer, No Brasil. Glauber Rocha, pai do Cinema Novo".

O tabloide nova-iorquino *Village Voice* credita-lhe profunda influência no cinema internacional por seus ensinamentos, seus escritos e seus filmes. Nos Estados Unidos, o maior exibidor cinematográfico independente, Daniel Talbot, anuncia que seu mais novo cinema se chamará Glauber Rocha. O diretor Francis Ford Coppola lastima sua morte em nome dos "amantes do cinema, que também sofreram uma perda". O ministro da cultura de Cuba, num telegrama à família do cineasta, afirma que a obra de Glauber Rocha enriqueceu a cultura latino-americana. A *Cahiers du Cinéma* e o presidente Figueiredo enviam telegramas de pesar à viúva do artista, Paula Gaétan, lamentando a sua morte. Os sucessos profissionais de Glauber Rocha fazem o ministro Rubem Ludwig, da Educação e Cultura, lamentar profundamente o seu desaparecimento. O governador Paulo Maluf dá o nome de Glauber Rocha à escola estadual de Primeiro Grau do Jardim Ipanema, localizada no município de Guarulhos, em São Paulo. O Senado Federal realiza uma sessão em homenagem ao cineasta. Homenagens e apreços que confirmam mais uma vez seu prestígio e fama internacionais.

Reprises

Depoimentos de Glauber Rocha (Luis Mariani) – curta-metragem.

Abecedário (Manuel Carvalheiro) – curta-metragem.

Realizado em Paris a partir de depoimentos e reforçado por letreiros, o vídeo experimental, feito pelo diretor português, mostra um Glauber Rocha movimentando-se com dificuldade e respondendo às perguntas de forma lacônica, amarga: – "Não precisa fazer filmes, está tudo nos livros. Eu só aceitei fazer este filme porque você é meu amigo." Sobre Eisenstein: – "Se aburguesou, ficou tentado por Hollywood." De repente, pega uma bisnaga na mesa e fala que um camponês brasileiro não come nem aquilo. Sobre o psicanalista Jacques Lacan: – "Qualquer pai-de-santo de terreiro no Brasil sabe mais do inconsciente do que Lacan. E, irônico, acrescenta: Quem saca estas coisas de cinema é o Godard – que é suíço, entendeu? "

Sintra is a beautiful place to die (Patrick Bauchau)

Vídeo-documentário caseiro, 90 minutos com as últimas imagens de Glauber Rocha feito em abril ou maio de 1981, durante um almoço na sua casa.

Previsto para ser incluído no filme, O Estado Das Coisas, de Wim Wenders, o vídeo acabou rejeitado na montagem.

Apesar da precariedade técnica, o ator belga Patrick Bauchau argumentou que se tratava de um documentário histórico ao tentar vendê-lo inicialmente por quatro mil dólares a Antônio D'Avilla, representante da Embrafilme em Paris, que regateou durante um ano, até fechar a transação por 1.500 dólares.

"Agora podemos conversar, podemos falar da morte. Diz Glauber no primeiro plano. (...) Sou suficientemente forte para sair dessa. Só tenho medo da morte estúpida, por exemplo, morrer assassinado. Mas morrer num processo revolucionário não é problema. (...) Meu psicanalista sempre fala que a minha doença não é física, mas sim uma multiplicidade de desejos. Meu corpo é partido como a *Guernica de Picasso* (...) O marxismo é uma filosofia anarquista, pois vem de uma sociedade sem Estado e sem classes. Eu sou anarquista e não monarquista, sou partidário de Orfeu e não de Narciso. Narciso é o fetiche da extrema direita. A vaidade é a grande razão de todos os crimes, de toda a



brutalidade humana e da frivolidade. (...) Stálin foi genial. Foi justo. Ser contra Stálin é bobo. Toda a direita intelectual que se passa para a esquerda detesta Stálin. (...) Eu não gosto mais de movies. I move but I don't like movies."

Glauber Rocha que aparece com um abajur o tempo todo além de afirmar: "Sintra is a beautiful place to die", olha para o visor da câmera. Ao final segura a lâmpada do abajur e diz: "Nick Ray is a gay decadent... Welles is the only genius!"

Globo Repórter Glauber Morto/Vivo

Que Teve o audio das fitas perdido

(Eduardo Coutinho E José Cordeiro)

Excepcional homenagem e direção geral de Paulo Gil Soares, este especial é a matriz das imagens usadas em outros documentários. Imagens do colégio Dois de Julho,

inauguração do Cine Glauber em Salvador com a presença de Antônio Carlos Magalhães. Depoimentos de Calazans Neto, as excepcionais entrevistas e flashes informativos desde o óbito no Centro Médico Bambina à vigília e o enterro de Glauber Rocha, a dor e a emoção de dona Lúcia Rocha, imagens que fornecem um tom do que será Glauber, O Filme de Silvio Tendler.

23 de agosto

Rock Cerrado: Apesar das críticas ao sistema de som, mais de 20 mil jovens assistiram pacificamente às apresentações de Walter Franco, do grupo Mel da Terra e de outros artistas.

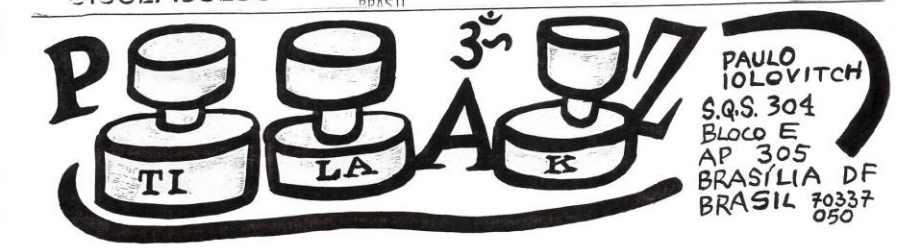
A aparição lendária de Raul Seixas no Guará

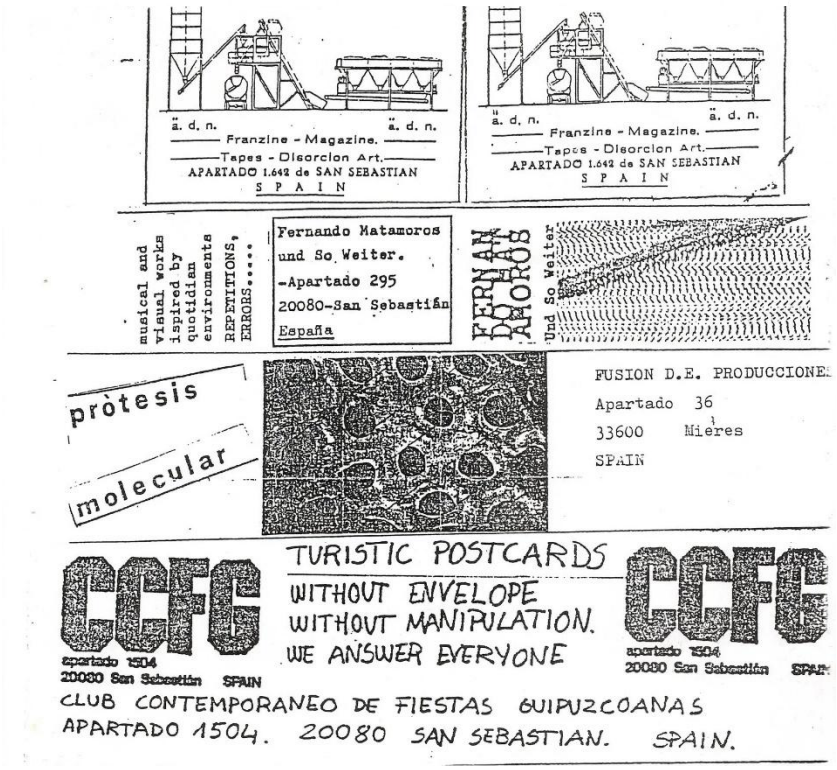
Arnaldo, distribuidor de produtos farmacêuticos e irmão mais velho de Beto Karatê, em pleno anos 70, já era afamado como um dos maiores fãs do Maluco beleza. No aeroporto, Arnaldo recebeu Raul Seixas, meio surtado. O fã prometeu total privacidade ao ídolo. Raul esticou as canelas para a QE 24, para o prometido isolamento. Só que Raul e Arnaldo não contavam com a eventual visita de algum predestinado a conhecer Raulzito nem que seja de raspão. Raul bronqueou: "Você falou que não tinha ninguém!" ao que Arnaldo respondeu "Foi um imprevisto!" Da boca do imprevisto brotou: "É o Raul mesmo", quando ele foi visto na cozinha. Essa é a história que correu o globo ocular.

Quarenta anos-luz depois, hoje na QE 40, em companhia de Gilvam, avistamos Betinho ainda com seus dreadlocks e na companhia de um simpático cãozinho, Pug. Eu puxei a história e Beto nos disse que Raul escreveu: "A sua cabeça é o seu guia e cada cabeça é sua sentença" na contracapa de um de seus discos e acrescentou que Raul Seixas depois de um show em São Paulo havia ganho de uma fã: uma jaqueta com os cabelos dela colados. A jaqueta estaria no Riacho Fundo. E o cortês, Gilvam deflagrou: Mário é por isso que você não para de escrever no Facebook.


Ozéas Duarte
Rua Sinimbu, 148 apt. 51
01507 São Paulo – BRASIL
ARTE POSTAL
OZEAS DUARTE


VAMOS CHEGAR SOZINHA MESMA
SICOLACOLOU
zello visconti
sqs 210 - d - 106
70273 -brasília -DF
BRASIL


PAULO
IOLOVITCH
S.Q.S. 304
BLOCO E
AP 305
BRASÍLIA DF
BRASIL 70337
050


ä. d. n.
Franzine - Magazine.
Tapes - Disorcion Art.
APARTADO 1.642 de SAN SEBASTIAN
S P A I N
musical and visual works ispired by quotidien environments REPETITIONS, ERRORS.....
Fernando Matamoros
und So Weiter.
-Apartado 295
20080-San Sebastián
España
FERNANDO MATAMOROS
Und So Weiter
prótesis
molecular
FUSION D.E. PRODUCCIONES
Apartado 36
33600 Mieres
SPAIN
CCFC
apartado 1504
20080 San Sebastián SPAIN
TURISTIC POSTCARDS
WITHOUT ENVELOPE
WITHOUT MANIPULATION.
WE ANSWER EVERYONE
CLUB CONTEMPORANEO DE FIESTAS GUIPUZCOANAS
APARTADO 1504. 20080 SAN SEBASTIAN. SPAIN.

Mail-art, ou arte postal

É uma forma de expressão artística que utiliza o correio como meio de criação, circulação e troca de obras. Em vez de depender de galerias, museus ou do mercado de arte, o artista envia suas criações diretamente a outras pessoas, muitas vezes estabelecendo uma rede internacional de correspondência artística independente.

Como funciona?

O artista pode criar e enviar:

- Envelopes desenhados, carimbados ou modificados.
- Cartões-postais com colagens, desenhos, poemas e fotografias.
- Fotocópias, manifestos, pequenas publicações e fanzines.
- Selos inventados, carimbos artesanais e mensagens cifradas.
- Intervenções gráficas que transformam a própria correspondência em obra.

A ideia não é apenas mandar uma obra pelo correio: o próprio ato de enviar, receber, trocar e estabelecer contato passa a fazer parte da arte.

De onde veio?

A arte postal ganhou força internacional a partir dos **anos 1960 e 1970**, associada a redes experimentais e movimentos como o Fluxus. Um dos nomes fundamentais foi o artista norte-americano Ray Johnson, que desenvolveu uma rede de correspondência artística conhecida como *New York Correspondence School*.

A mail-art, ou arte postal, valorizava a circulação independente de trabalhos artísticos por correspondência. Cartões, envelopes, desenhos, poemas e pequenas publicações tornavam-se obras e, ao mesmo tempo, instrumentos de colaboração, humor e contestação dos circuitos tradicionais da arte. Em muitas dessas redes, a troca era mais importante do que a venda.

Qual é a relação com a contracultura?

A arte postal tem afinidade com o espírito dos fanzines, da poesia experimental, da arte xerox e da comunicação alternativa. Artistas podiam estabelecer contatos com pessoas de outros países sem precisar de exposições oficiais ou intermediários comerciais.

No Brasil, esse tipo de prática dialogou com a arte conceitual, a poesia visual e as redes alternativas de criação e comunicação durante a ditadura e nos anos seguintes.

Uma distinção importante: nem toda correspondência criativa é necessariamente mail-art, e nem toda arte postal tem conteúdo político. O que caracteriza essa prática é a utilização da rede postal como parte integrante da criação e da circulação artística.

Pensando no universo do *Do Próprio Bol$o*, há uma aproximação interessante: assim como os fanzines independentes, a mail-art cria canais próprios de comunicação, fora dos circuitos tradicionais. Ambos permitem que artistas e agitadores culturais construam suas redes sem esperar autorização de ninguém.

“Esta é uma corrente postal. Por favor, envie um cartão-postal ilustrado para a primeira pessoa desta lista. Retire o nome do topo e acrescente seu nome e área de interesse no final. Copie isto 8 vezes e envie para 8 amigos... Depois de alguns dias você deve receber 200 cartões-postais! Esta carta deve ser enviada dentro de 3 dias ou a corrente será quebrada. Ela começou em 6 de outubro de 1981.

É um clássico de *mail-art* em corrente - típico das redes de arte postal do início dos anos 80.

Outubro

Scliar: 40 anos na lida com tintas e pincéis

O pintor Carlos Scliar está completando 40 anos de ininterruptas atividades artísticas. Quarenta anos de fidelidade à pintura, no manejo constante das tintas e dos pincéis, levando às telas a expressão de seu extraordinário poder de criação e de comunicação visual, Scliar, que nasceu no Rio Grande do Sul em 1920, já realizou inúmeras individuais, participou de memoráveis coletivas. Não tem conta o número de prêmio importantes que já conquistou e reflete o reconhecimento dos méritos de sua obra como contribuição à arte contemporânea brasileira. De sua autoria são as belas ilustrações de bons livros de autores nacionais. Recentemente realizou uma grande mostra no Solar Grandjean de Montigny, com telas representativas das várias etapas de sua pintura. E vinte telas do seu ciclo de Ouro Preto, famosas, conjunto ameaçado de dispersão, foram adquiridas a alto preço por um colecionador, empenhado em incorporá-las à sua valiosa pinacoteca. (JORNAL DE LETRAS)

Sebos de Brasília

Na Asa Norte, existia O Sebo, talvez o primeiro, descontando o Antiquário Fortaleza 2 (Banca), que ainda é na 511 Sul. No SCS, Banca de Livros usados. Cope Livros e revistas (matriz 409 Norte e filial, 715 N), Flor das Águas 406 N, Lendo e Pintando, 309 N, Livraria Antiquário, 108 S, Livraria do Chico – Livraria do Imaginário, UnB Ala Norte, Livraria Pindorama, 505 S, Samarcanda – Locadora de livros, 207 S e Sebinho de Livros, 406 N. Do Guará para se chegar à Asa Norte, embarcava-se no Executivo, uma linha que só tinha uma porta e a passagem era caríssima. Quando inventaram o vale-transporte, tornou-se possível ir a outros pontos de Brasília. Estudantes do Guará que estudavam fora do Guará não tinham direito a passe estudantil.

Alguns points de cultura de Brasília no início dos 80s. Depois fomos conhecendo os ex-proprietários e os artistas que passaram por lá (início de muita, mas muita coisa mesmo). A Livraria Literatura no Venâncio 2.000, o gerente era o Kleber Lima (da radical revista Víbora). Kleber era amigo do Renato Russo, que tinha que ser expulso da livraria de tão chato que era. Ledo engano, a livraria era ligada ao Partidão. E Kleber Lima era cunhado do baterista da Plebe Rude. Outros points do rock estavam no Cruzeiro, Sobradinho, Gama (Cine Itapuã, Chaplin Bar) e Taguatinga. Detalhe: éramos 4 anos mais jovens!

Sala de exposições do Banco Central (edifício-sede); Galeria Oscar Seraphico, Itaúgaleria (SDS); La Galleria (210 Sul), Clube de Imprensa, Funarte (Terça Musical), Auditório da Escola de Música de Brasília, Cultura Hispânica, Cultura Inglesa, Aliança Francesa, Sala Le Corbusier (Embaixada da França), Casa Thomas Jefferson (Festival de Jazz de Brasília), Clube do Choro, Concertos Galeria Cabeça, Conjunto Cultural da CEF, Movimento CRESÇA, Salas de cinema no Conic (Cines Bristol, Ritz, Atlântida, Salas Miguel Nabut, Badya Helou); Brasília Rádio Center; Circus Show (Festival Eletrônico de Rock), Park Shopping (Sexta Shopping Show); programa Um piano ao cair da noite (Brasília Super Rádio FM), Sesc, 913 Sul, Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio (Ecco), Quarentão (Ceilândia), Centro de Tradições Populares de Sobradinho, Rádio Jornal de Brasília FM Stereo (Clube da Caverna); Atlântida FM, Discodil, Discotecas Gabriela e 2001, Discoteca do Neci (Neci de Almeida, um dos integrantes do lendário programa Os Cobras da Notícia), Baleia Discos. Colina, Atelier do Departamento de

Arquitetura da UnB, Bandejão da UnB, Danceteria da AABB, Ginásio da Ascade (14 Bis e de lambuja Sá e Guarabira); Salão da Asbac, Minas Brasília Tênis Clube, Cota Mil Iate Clube, Clube Almirante Alexandrino, Concha Acústica (Setor de Hotéis e Turismo Norte), Ermida Dom Bosco, Festival de Música da Lagoa de Formosa, Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros, Teatro Nacional (Salas Villa-Lobos, Martins Penna e Alberto Nepomuceno. O teatro foi renomeado como Teatro Nacional Cláudio Santoro, homenageando a obra do maestro e compositor que durante muitos anos regeu a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional). Praça Lúcio Costa, em frente ao Conjunto Nacional; Estádio de futebol Pelezão; A Turma do Carrossel, Brasília Urgente, na TV Brasília; Biblioteca Demonstrativa do INL, Teatro Galpão (Feira de Música); Teatro Aloísio Magalhães (Centro de Convenções); Teatro do Planetário, Teatro Dom Bosco (702 Sul); Sala Conchita de Moraes (subsolo do Teatro Dulcina, SDS); Oficina Perdiz (708/9 Norte); Tellah lançando Continente Perdido. Equipe de Som Sepultura (Eduardo, Magu e Lula), Plebe Rude em cima do caminhão no Food's: Ismael Rogério arremessa no palco moedas enroladas em calcinhas ou cuecas; Pamonhão Kalú da Asa Norte, Casa do Candango, Casa do Ceará 910 Norte (Circo Udigrudi); Teatro Alvorada, Teatro Rolla Pedra Etc & Tall, Colégio Eit, Feira de Arte e Cultura – Faculta; Rock in Prima (campo de futebol do Clube Primavera); Cine Teatro do Sesi (Taguatinga); Ginásio do Cruzeiro, Ginásio Coberto do Gama, Praça Salviano Monteiro, Planaltina; Parque Esplanada (Valparaíso); Barão Vermelho no Autódromo. Robertinho 'Heavy' de Recife, no Teatro da Escola-Parque; Show do Venom e Exciter! No Ginásio de Esportes; Inferno Atrás da Torre, Mostra de Vídeos de Rock do DF, Nas Asas do Rock, Concerto do Liberdade Condicional, na Rampa Acústica do Parque da Cidade. Akneton, no Foyer do Teatro Nacional. Shows do Marciano Sodomita, na cabeça. O seminário O Museu, A Biblioteca da Cidade, Galeria Oswaldo Goeldi. A exposição Rock Brasiliensis. Exposições de fotografia nas passagens subterrâneas para as superquadras.

Asa Sul, Bar Beirute, Bar do Luís (beco da 109 Sul, feijoada boa tava aqui), Estação 109, Cavalo de Ferro, Moninho 114 Sul, Odara Café Concerto, Giron, Varandas, Green Dolphin, Speakeasy 402 Sul, Cavaquinho 409 Sul. Bar Petiskão, Cristal. Escola Americana 606 Sul. Asa Norte, Café Amigos, Açaí, Travessia, London Tavern, Bar do Professor Cafú 102 Norte, Radicaos 105 Norte, o bar-porão acabou depois de uma briga entre punks e playboys; Otello Scotch Drinks, 107 Norte, subsolo, Adrenalina, 206 Norte, Woodstock Bar, 207 Norte, Mistura Fina, 209 Norte, Picanhas do Sul 302 Norte, Bar Chorão 304 Norte (Clube do Jazz), Broadway 316 Norte, Cafofo 407 Norte e mais Pasárgada, Flor Amorosa, Recanto Carioca, Bar Academia, Jangadeiro. Boate Grog QI 11; Danceteria do Clube do Congresso, Danceteria Sagitarius, do Venâncio 3000. Auditório CIE 01 Guará 1; bar La Revolucíon, QE 19 Guará 2.

Bons tempos, nessa época, Brasília era um grande autorama, Cine Drive-in, Autódromo de Brasília, Só Kana, Cine Centro São Francisco, Sul e a Rock House (“compramos muitos LPs na mão do Japonês”), Janjão, Arabesque 109 Sul. Points e casas noturnas. Os bares, Madrugadas, Papos e Panquecas, Le Club, Rainbow, Perestroika, ficavam no Gilbertinho e Fina Flor do Samba, as boates L'Escalier, Space World no Coreto do Centro Comercial Gilberto Salomão; Entrecôte, restaurante fino, a nata grã fina, velha elite. Os barzinhos & botecos, Caco de Cuia, Restaurante Coisas da Terra, Jardim das Delícias, canto naturalista; peguinhas do Caseb, motoca sem capacete; Food’s 110/11, Ronan e Syang, bicho de goiaba, Fejão, showzinhos no Teatro da ABO (916 Sul) e nas praças da cidade e o Bobódromo e o Restaurante Marrom Glacê, no Guará, daria um memorável capítulo chamado THIS FUCKING CRAZY TIME MACHINE!

Aborto Elétrico pelo Capital Inicial

“Love Song One” é o primeiro single do CD dedicado ao Aborto Elétrico pelo Capital Inicial.

“Love Song One”, o novo single do Capital Inicial, chegou às rádios nesta quinta-feira, antecipando o álbum dedicado à obra do Aborto Elétrico, grupo pioneiro do punk rock de Brasília, formado em 1978 por Renato Russo, pelo guitarrista André Pretorius e pelos irmãos Fê Lemos (bateria) e Flávio Lemos (baixo), integrantes atuais do Capital Inicial.

Composta em 1981, “Love Song One” era a única música romântica do repertório do Aborto Elétrico, embora trouxesse uma levada bastante agressiva, preservada nesta gravação do Capital Inicial, que utilizou os arranjos originais.

— É um disco sem convidados, sem firulas, muito próximo do som do Aborto. O Rafael conseguiu fazer um excelente trabalho — declarou Fê Lemos ao *Globo Online*. O baterista também estava lançando seu primeiro CD solo, *Hotel Básico*.

— Em 2005, estou completando 30 anos de bateria. O Capital está resgatando o meu baú do punk rock, quando comecei a trabalhar e a ter uma banda. É a minha primeira banda e a mais importante do rock de Brasília, porque deu início à história de onde veio Renato Russo, um ícone da nossa geração e do Brasil inteiro. Ao mesmo tempo, lanço meu trabalho solo, que aponta para o futuro. Se não tivesse feito esse disco solo, não estaria me sentindo tão bem — acrescentou Fê.

O álbum do Capital Inicial, que chegaria às lojas em 28 de outubro, reunia 18 faixas: nove inéditas e outras nove já gravadas por Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e pelo próprio Capital Inicial.

Entre as músicas anteriormente gravadas estavam “Química”, dos Paralamas do Sucesso; “Tédio”, “Que País É Este?”, “Geração Coca-Cola” e “Conexão Amazônica”, da Legião Urbana; e “Fátima”, “Veraneio Vascaína”, “Música Urbana” e “Ficção Científica”, do Capital Inicial.

As inéditas eram “Love Song One”, “Helicópteros do Céu”, “Submissa”, “Construção Civil”, “Anúncio de Refrigerante”, “Heroína”, “Benzina”, “O Despertar dos Mortos” e “Baader-Meinhoff Blues nº 1”.

O começo de tudo

O Aborto Elétrico foi fundado em 1978 por Renato Russo, André Pretorius e Fê Lemos. Os ensaios, porém, só começaram no ano seguinte, quando Fê conseguiu uma bateria.

As sessões aconteciam no apartamento de Fê, na Colina, conjunto de quatro prédios onde moravam muitos professores da Universidade de Brasília. O local acabou dando nome à Turma da Colina, núcleo inicial de jovens que ajudaria a formar o que viria a ser conhecido como a Geração 80 do rock de Brasília.

A primeira música ensaiada foi “Now I Wanna Sniff Some Glue”, dos Ramones. Aos poucos, surgiram composições próprias, inicialmente instrumentais, pois Renato ainda não escrevia letras.

O primeiro show só aconteceu em 11 de janeiro de 1980, numa calçada ao lado do boteco Só Cana, que emprestou uma tomada para ligar os instrumentos.

André Pretorius deixou a banda, e Flávio Lemos assumiu o baixo, enquanto Renato ficou com a guitarra e os vocais. Depois do Aborto Elétrico, vieram outras bandas, como Blitz 64, Metralhaz, Caos Construtivo e Os Vigaristas de Istambul.

26/10/2005



Escola de Escândalo

Love Song One”

Renato Russo e Flávio Lemos

Você me faz
Pensar demais
Sempre quando
Quero tentar
Ser só mais um
Que quer você
Eu não consigo entender
Por que eu quero você
Você me faz
Deixar pra trás
Tudo que faz lembrar
Como é viver sem ter você
Eu não consigo entender
Por que eu quero você
Eu já não sei voltar atrás
Nunca pensei
Quero parar
De ser mais um que quer você
Eu não consigo entender
Por que eu quero você

Capital Inicial – formação

- Dinho Ouro Preto – vocal
- Fê Lemos – bateria
- Flávio Lemos – baixo
- Yves Passarell – guitarra

Produção: Rafael Ramos

Texto sobre a história do Aborto Elétrico no single: Paulo Marquetti

Por volta de 1982, enquanto nomes como Blitz, Lulu Santos e Gang 90 e Absurdetes despontavam no cenário musical do Sul do país, as primeiras bandas de Brasília já haviam desaparecido. Em seu lugar, surgiam grupos que alcançariam projeção nacional, como Capital Inicial, Plebe Rude, Legião Urbana e Escola de Escândalo.

O álbum do Capital Inicial recuperava, assim, um capítulo fundamental da história do rock brasileiro dos anos 1980. O registro musical seria acompanhado por um especial da MTV, com lançamento em DVD previsto para novembro de 2005.

Os dois lados de Renato em 1981: entre a heroína e a química

Em 1981, Renato Manfredini Jr. escrevia canções que revelavam diferentes faces de sua inquietação. De um lado, o desencanto radical de “Heroína”. De outro, a insatisfação com as obrigações escolares transformada em “Química”. Entre as duas composições, além do contraste temático, existe uma história que mudaria os rumos do rock de Brasília.

Em 30 de outubro de 1981, Renato encaminhou composições à Divisão de Censura de Diversões Públicas. Entre elas estava “Heroína”, marcada por versos sombrios e niilistas:

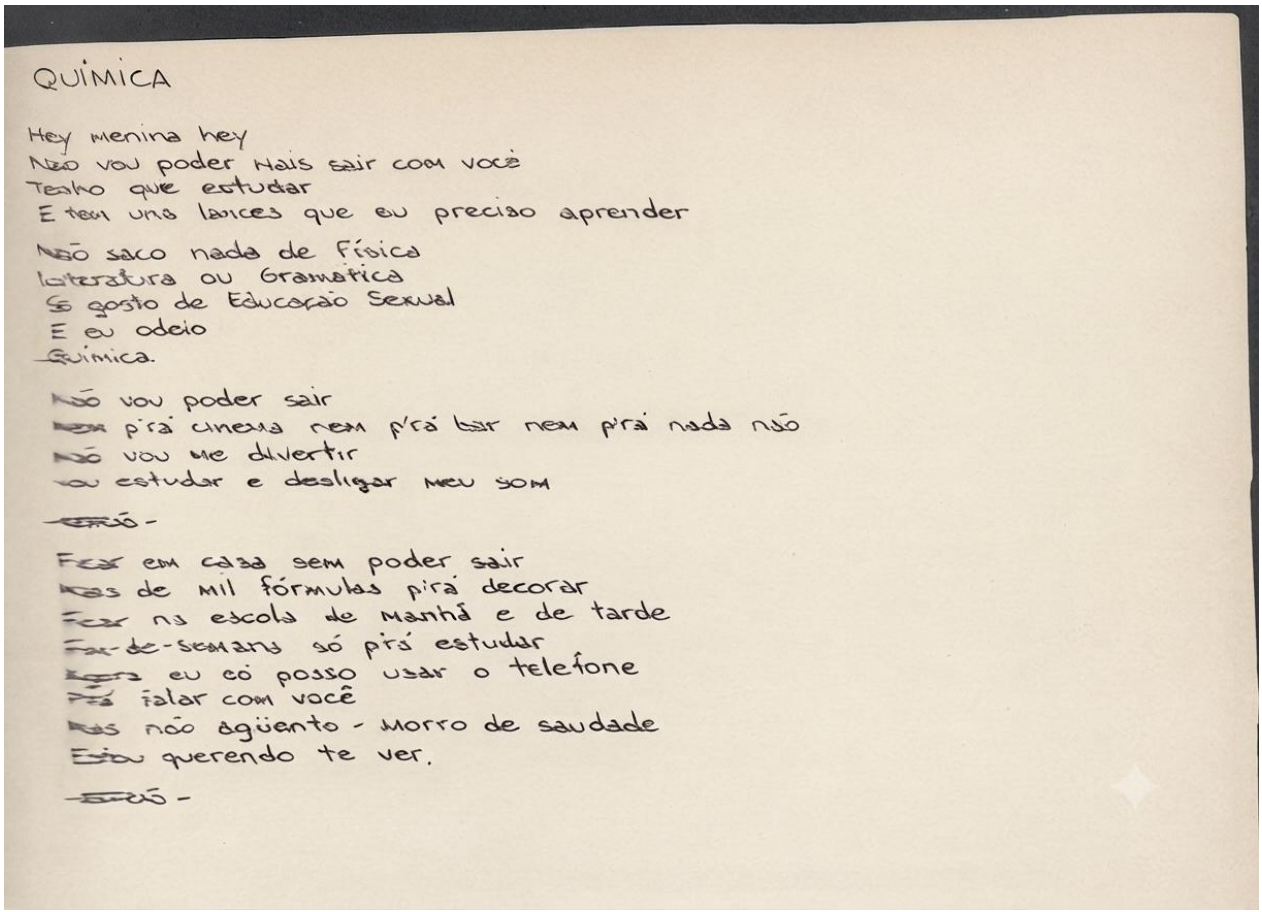
“Eu não quero mais viver.

Eu quero ser um vegetal.”

A canção foi vetada pela censura. O documento oficial registra o confronto entre a expressão de um jovem compositor e os mecanismos de controle da ditadura. Não é preciso atribuir aos versos um significado autobiográfico definitivo para reconhecer a força de sua provocação.

“Química” surgiu depois de “Heroína”, trazendo o foco para uma situação aparentemente mais banal: a obrigação de estudar quando tudo o que se queria era sair com a namorada. No manuscrito, Renato enumera as disciplinas escolares – Física, Literatura, Gramática, Educação Sexual e Química – e reclama:

“Não vou poder sair com você.



QUÍMICA

Hey menina hey
Não vou poder mais sair com você
Tenho que estudar
E tem uns lances que eu preciso aprender

Não saco nada de Física
Literatura ou Gramática
Só gosto de Educação Sexual
E eu odeio
Química.

Não vou poder sair
Nem pra cinema nem pra bar nem pra nada não
Não vou me divertir
Vou estudar e desligar meu som

Refrão -

Ficar em casa sem poder sair
Mais de mil fórmulas pra decorar
Ficar na escola de manhã e de tarde
Fim-de-semana só pra estudar
Agora eu só posso usar o telefone
Pra falar com você
Mas não agüento - morro de saudade
Estou querendo te ver.

Refrão -

Tenho que estudar…”

A princípio, parece haver um abismo entre as duas canções. Em “Heroína”, o desencanto assume uma dimensão existencial; em “Química”, a insatisfação aparece no cotidiano de um estudante que não quer passar o tempo preso aos livros. Mas ambas revelam um compositor que transformava suas inquietações em matéria musical, sem se limitar a um único registro.

A história de “Química”, entretanto, não termina no papel. A canção foi o estopim do rompimento entre Renato Russo e Fê Lemos, precipitando o fim do Aborto Elétrico e a saída de Renato da banda.

O desentendimento marcou uma divisão decisiva na história do rock de Brasília: daquele rompimento surgiriam caminhos que levariam à formação da Legião Urbana e do Capital Inicial.

A ironia é considerável. Uma música sobre a obrigação de estudar, aparentemente distante da radicalidade de “Heroína”, acabaria provocando uma ruptura fundamental na trajetória do compositor. Mais tarde, “Química” ganharia projeção nacional na gravação dos Paralamas do Sucesso, em 1983, e seria retomada pela própria Legião Urbana no álbum Que País É Este 1978/1987, lançado em 1987.

Os documentos permitem enxergar mais do que um contraste entre duas letras. De um lado, uma composição submetida à censura em plena ditadura; de outro, uma canção

nascida de uma situação cotidiana que desencadeou um conflito dentro da banda que Renato integrava.

“Heroína” expôs o compositor ao veto do Estado; “Química” contribuiu para romper sua ligação com o Aborto Elétrico. Uma encontrou a barreira da censura oficial; a outra, a incompatibilidade entre músicos que já não conseguiam seguir juntos.

Em 1981, Renato Manfredini Jr. ainda estava longe da consagração nacional que viria com a Legião Urbana. Mas sua trajetória já era atravessada por conflitos que ultrapassavam o ambiente escolar e o palco: o enfrentamento da censura, as divergências artísticas e a busca por uma identidade musical própria.

Entre a heroína e a química, Renato não apenas escrevia canções diferentes. Estava atravessando uma ruptura que ajudaria a mudar a história do rock brasileiro.

Renato Russo ainda mora ali

A primeira homenagem póstuma a Renato Russo da qual participei aconteceu em março de 2001, quando foi outorgado ao cantor o título de Cidadão Honorário de Brasília. Eu estava na tribuna, diante do senhor Renato Manfredini, pai do homenageado.

Anos depois, fui convidado, no Núcleo Bandeirante, para recepcionar Dona Carminha em uma Escola Classe. Já sabia algumas coisas sobre ela: uma elegante professora de inglês aposentada, esperta e dona de uma memória que guardava muitos detalhes da vida do filho. Não se intimidava **ao** falar deles com clareza, sem rodeios e ao vivo.

Mais adiante, participei de um especial de rádio, ocasião em que conheci sua filha. Depois, veio o Dia do Rock na Câmara dos Deputados, quando fizemos uma fotografia em que também aparecia Nancy Ribeiro, mãe de Cássia Eller.

E chegamos a esses 30 anos sem Renato Russo. Foi curioso e divertido testemunhar uma cena tão cotidiana quanto inesperada: o casal José e Carminha saindo dos blocos residenciais para atravessar a pé a W2 Sul.

Foi aí que a ficha caiu: Dona Carminha mora ali, na 303 Sul!

De repente, tive um flashback de Renato Russo, cinquenta anos atrás, andando por aqueles mesmos caminhos, nos fundos daquelas lojas. O tempo passou, mas certos lugares continuam guardando a presença de quem já não está entre nós.

Detalhe: sobre os joelhos de Dona Carminha, um envelope pardo contendo uma moção da Casa da Memória Viva Candanga, Lote 14, entregue pelas mãos de Jota Lendário.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DCDP - SSD
-5 MAR 1982 013899
RECEBIDO POR

FICHA DCDP

Renato Manfredini Junior
Requsrenti

brasileiro, professor de inglês
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 527 075 SSP - DF
Nº e Orgão Expedidor

residente e domiciliado à SQS 303 - bloco B - apartamento 202
Plano Piloto/Ass Sul - Brasília - DF., vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sª, que se digne mandar exsminar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) letras abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Renato Manfredini Junior.

Titulo (s) Conexão Amazônica, Anúncio de Refrigerante, Tédio, Love Song One, Construção Civil, Fátima, Heroína.

Nestes termos,

Pede deferimento.

Brasília, 30 de Outubro, 1981.
Local e Data

Renato Manfredini Jr.
Requerente

Anexos:

Recebi 13/NOV/81
Renato Manfredini Jr.
— Heroína


Echo & The Bunnymen

Recortes, revistas e vícios

Eu só tinha recortes de jornais. Isso foi em 1981, quando Fernando descia do estágio trazendo os cadernos dois para nós. Era assim que líamos o JB. Os colecionadores, por sua vez, tinham verdadeiros mares de revistas: as japonesas da *Music Life*, grossas como listas telefônicas, com papel tão fino e fotografias tão precisas que as páginas pareciam imagens originais. Eram publicações exclusivas. Havia também a *Hit Parader* e a *Circus*.

A maior raridade era encontrar uma revista dessas dos anos 1970. Às vezes, você ia à casa de amigos paulistas e dava de cara com alguns exemplares. Claro que não pediria emprestados os objetos da adolescência deles. Em geral, essas revistas chegavam às livrarias em um único exemplar — dois, quando muito.

O arquivo de cartas

O arquivo de cartas é a última fronteira que não tenho vontade de bisbilhotar. A grande loucura do rock'n'roll talvez esteja guardada nestas pastas e gavetas, entre correspondências trocadas desde o final dos anos 1970.

Sigilo absoluto e verdade total: considerações sobre artistas e shows, informações sem manipulação, levantamento de datas, opiniões minhas e dos correspondentes. Tornar tudo público, só depois da minha morte.

Foi desse universo que nasceu o fanzine *Oldie but Goldies*, depois chamado *Jornal do Rock*.

Novelo: fios e embaralhos

Não sei se foi o café das cinco da tarde ou a Coca-Cola das seis. A cafeína roubou meus sonhos e, quatro dias e três noites depois, ainda estou tentando recuperar aqueles longos trechos de lembranças. Vieram numa noite insone, dessas em que a cabeça trabalha por conta própria, mas não tive coragem de levantar, ir até o computador e registrar o que estava acontecendo.

Não sei se eram passagens dignas de nota ou se poderiam ter me ajudado a preservar a sanidade. Também não sei se tudo começou com a expectativa da chegada de uma revista ou simplesmente com o recebimento daquela publicação importada.

A *Pop* foi a primeira revista a despertar minha curiosidade sexual. Bastou a fotografia de um casal em trajes de banho para me deixar intrigado. Eu já tinha aquela percepção instintiva de que era homem, e pronto. Muito antes disso, havia outras publicações escondidas dentro do sofá, debaixo do estofamento. Eram revistas de moda, com desenhos de roupas, modelos de vestidos e outras preciosidades pertencentes à minha mãe, costureira e pintora de mão cheia. Quando ficava sozinho em casa, não conseguia descobrir como desmontar o sofá para folhear aquele material. A curiosidade tinha seus limites mecânicos.

Um de nossos vizinhos, Carlinhos, tinha duas irmãs: Sandra, a mais velha, e Adriana Vitório, da mesma idade que a minha. Era ele quem desenhava as roupas e os penteados femininos delas. Pegava o lápis e ilustrava diretamente na página. Tinha talento, um jeito espontâneo de desenhar. Era um artista.

Acho que seus pais perceberam que ele era afeminado. Naquela época, isso representava um problema sério dentro de muitas famílias. Nossos pais não estavam preparados para aceitar a possibilidade de ter um filho gay.

Carlinhos também me deu algumas dicas sobre rock'n'roll. Talvez tenha sido um dos sujeitos que me despertaram para aquela missão que, mais tarde, se transformaria numa espécie de ocupação permanente. Não sei se ele tinha consciência disso. Aliás, quantas pessoas passaram pela nossa vida e deixaram alguma coisa sem imaginar que estavam participando de uma formação?

A revista *Pop* voltaria a aparecer na minha memória muitos anos depois, misturada a discos, cartas e pessoas que eu ainda não sabia que encontraria. Em quase seis meses de correspondência com Alissa Ordabayeva, escrevi sobre *Were Born the Beatles*, o bootleg vermelho brasileiro dos Beatles e a coletânea *Made in the Shade*, dos Rolling Stones. Não sei por que aquela capa ainda me fascina. Certas imagens sobrevivem sem precisar apresentar justificativas. Continuam ali, atravessando décadas, enquanto outras desaparecem sem deixar endereço.

Nesse retorno à *Pop*, lembrei-me de uma reportagem sobre duas pessoas que mantinham correspondência: uma em São Paulo, outra em Nova York. Depois de algum tempo, uma delas viajou para São Paulo, onde finalmente se encontraram. A pessoa que vivia em Nova York escrevia cartas longas, detalhadas, mas, diante do encontro presencial, ficou meio travada. Mais tarde, explicou que não havia se sentido à vontade para falar português.

Há um detalhe dessa reportagem que permaneceu comigo. A pessoa tinha ido assistir a um show de Elton John, talvez no Central Park, e um dos integrantes da banda se aproximou e lhe deu um beijo na boca. Um selinho mesmo, sem maiores cerimônias.

Naqueles tempos de ditadura, uma imagem como aquela tinha outra dimensão. Não sei exatamente o que me impressionou: o gesto, a naturalidade ou a possibilidade de existir um mundo em que certas demonstrações de afeto não precisassem ser escondidas. A memória guardou a cena, embora tenha deixado escapar parte das informações. Não vou completar o que não lembro.

Talvez essa reportagem tenha sido uma das primeiras pistas de que as correspondências poderiam abrir caminhos muito maiores do que a simples troca de informações. Cartas aproximavam pessoas que nunca tinham se visto, atravessavam cidades e países e, de alguma maneira, criavam uma intimidade própria. Eu ainda não sabia quantas dessas histórias acabariam guardadas nos meus arquivos.

Quarenta e Cinco Anos de Imprensa Alternativa

Quarenta e cinco anos de imprensa alternativa. Meu arquivo-armário de cartas está finalmente organizado e deve resistir por mais algumas décadas.

Antes, falei e escrevi sobre Alissa, de Nova York; Cláudia Barata, do Rio de Janeiro; e Tekka Whitman, de Brasília. Nesse entorno, precisei acrescentar outras figuras: Cláudia Lennon, claro que um pseudônimo; Meire Tchu Girl, de São Paulo; e Maria Cecília Furtado Rodrigues, também paulista. Nos últimos dias, recuperei um pouco da trajetória de Meire Tchu.

Eram pessoas talentosas, algumas com vidas misteriosas, conflitos existenciais, emocionais e até psiquiátricos. Quando essas rotas ameaçavam se aproximar de uma colisão com meu namoro ou casamento, eu sabia me desviar. Havia uma intimidade construída por cartas, telefonemas e afinidades, mas também existiam limites que eu precisava **respeitar**.

A organização do arquivo me trouxe de volta à QE 32, uma quadra do Guará II onde cresci e passei alguns dos melhores dias da minha vida. Hoje existe ali um café, aconchegante, embora longe de ser charmoso. Quando minha mulher me tira do sério, convido-a para irmos até lá. É uma espécie de trégua doméstica.

Na QE 32 vi meus filhos crescerem. Meu pai ainda era vivo e trabalhava duro na vidraçaria. Estava sempre ao lado de minha mãe. Quando penso naquela quadra, vejo meu pai vigoroso, meus pais juntos e meus filhos crescendo. As lembranças não aparecem separadas: ocupam o mesmo espaço, como se o tempo tivesse deixado tudo ali, à espera de uma visita.

Talvez seja por isso que estou agora, às 00h52, numa noite de sábado, agarrado ao computador. Hoje tive coragem de resgatar alguns desses pontos. Quarenta e cinco anos de cartas, publicações, encontros e desencontros não cabem numa noite. Mas a noite, pelo visto, resolveu tentar.

Cláudia Lennon: O Primeiro Zine

30 de junho de 1981. Uma data importante para mim. Foi quando recebi o fanzine dos Beatles, *Yellow Submarine*, enviado por Cláudia Lennon, de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Saquei que também poderia começar um zine, além de me corresponder.

Cláudia Lennon foi a primeira pessoa com quem comecei a me corresponder, em 1981, para adquirir aquele fanzine totalmente dedicado aos Beatles. Exercia forte influência sobre mim. Era, aos meus olhos, a pessoa mais informada e descolada sobre os Beatles, o então príncipe Charles e as várias faces da música pop e do underground. Sua antena era vasta.

Ela escrevia com uma letra que me saltava aos olhos quando recebia seus envelopes. Fazia longas traduções de textos sobre os Beatles, e seu zine xerocado era grande, gigante mesmo, cheio de informações. Cláudia não era exatamente uma figura de estampa sexy, digamos, mas sua inteligência era libertadora e acolhedora. Isso continua me impressionando.

Somente décadas depois conversei com ela por telefone, uma única vez. Houve um pequeno desentendimento por causa de uma questão de créditos. Cláudia era jornalista e empresária, e fiquei meio aborrecido com a situação. Os anos passaram. Ela também tinha admiração por mim, talvez por eu não ter abandonado o barco do rock. Mais tarde, Cláudia Reitberger, já com seu nome profissional, tornou-se editora da *Rock Press*, primeiro jornal tabloide, depois site.

Em outubro de 2020, escrevi seu obituário. A mulher que, em 1981, havia me enviado um fanzine dos Beatles continuava presente na minha história, mesmo depois de tantos anos e de algumas divergências.

Na praia a gente encontra de tudo

Cláudia Lennon

Na praia a gente encontra de tudo. E foi numa bela tarde de sol de domingo que encontrei — ou melhor, conheci — um quase doido que conheceu John Lennon. Além de me contar milhões de lances sobre sua pequena, mas interessante, coleção; sobre mil viagens e viagens; sobre as *acid trips* dos Beatles e suas relações com as músicas do *Sgt. Pepper* e outras coisas mais, ele ainda me falou, infelizmente sem infinitos detalhes, de seu encontro quase casual com John.

Seu nome é Mauro alguma-coisa. Nós nos conhecemos quando ele lia o *Pasquim*, com uma matéria ótima sobre John, enquanto eu folheava um jornalzinho beatle que prefiro não mencionar mais, pois anda desinformando mais do que informando e... Jornal vai, jornal vem, descobri que, além de guia turístico internacional (?), ele também é jornalista, transa com cinema e outras iguarias mais.

Numa dessas incursões cinematográficas, ele havia lido o delicioso *In His Own Write* e achado um conto em especial incrível. Era aquele que falava de um homenzinho que resmungava porque era seu aniversário e nenhum de seus montes de amigos parecia se importar com isso. Até que, em dado momento, eles vêm e, tititi, matam o pobre chato resmungão. Parece não fazer muito sentido contado assim, mas, para quem já leu, é adorável MESMO!

Continuando: um dia, Mauro, sonhando com a ideia de transformar essa história em filme, curta-metragem ou coisa que o valha, esbarrou com o velho John em frente ao Dakota. Chegou na maior, conversou e desconversou e, finalmente, perguntou o que, como ou aonde teria que ir e o que deveria fazer para adquirir os direitos de usar a história em seu filmaço (?). Afinal, havia aquele inconveniente todo de direitos autorais, *copyright* e o caramba a quatro.

Ao que Johnny respondeu:

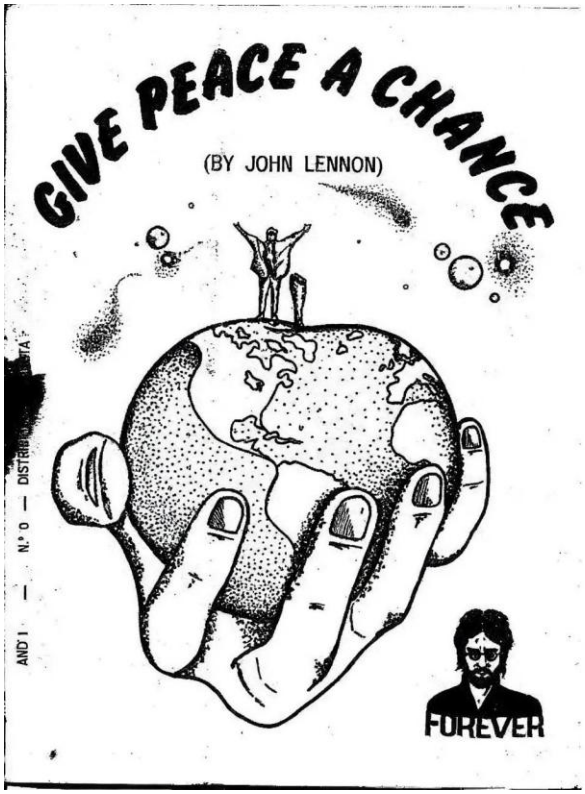
– Ei, cara, não esquenta com essas besteiradas, não. Você sabe, se está a fim de rodar o filme baseado na minha história, então faça o filme. Não tem nada de direitos autorais e coisa e tal, OK?

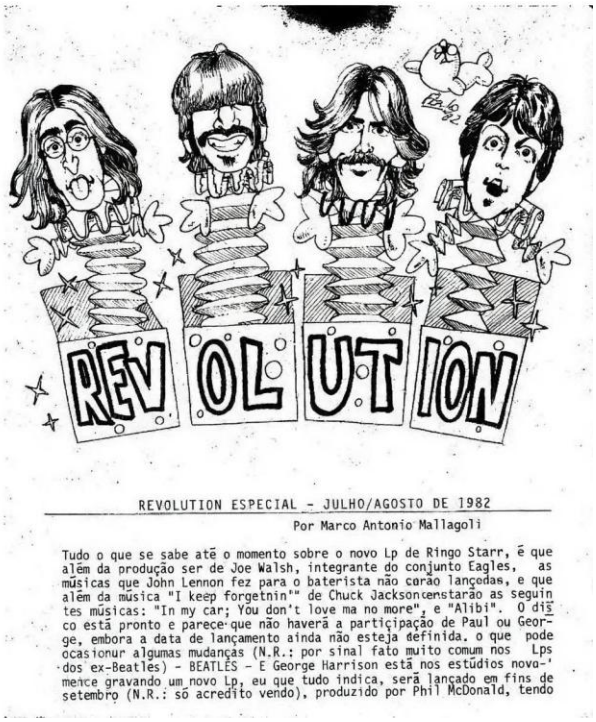
But, parece-me que, mesmo com todo esse "estímulo", o filme não saiu. Ainda...

Texto publicado no Beatlezine, Yellow Submarine, nº 10.

Lennon por Leminski

Era tempo de Não, tal mas Randolf estava sozinho. Onde estavam todos os seus bons amigos, Bernie, Dave, Nicky, Alice, Beddy, Freba, Viggy, Nigel, Alfred, Clive, Stan, Frenk, Tom, Harry, Georg, Harold?



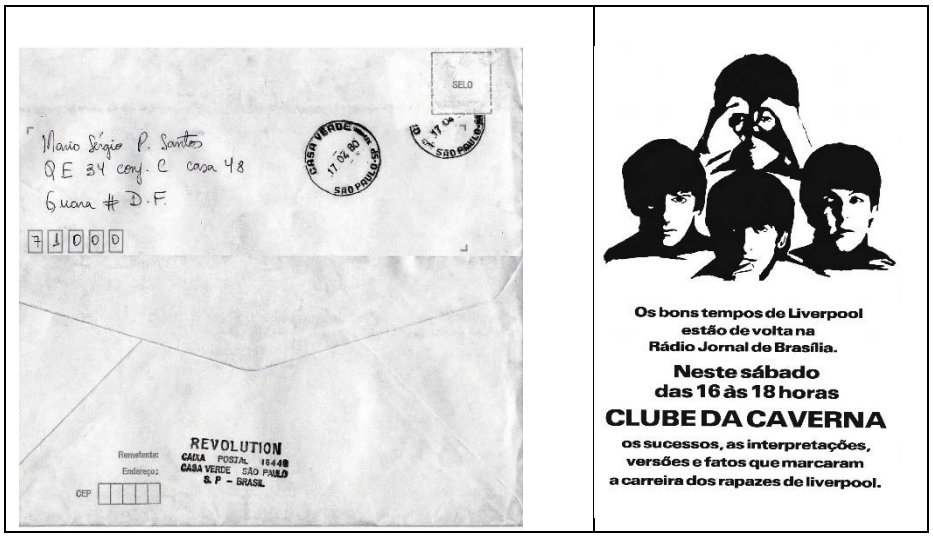


Onde estavam nesse dia? Randolf onhou criste para o úndico cartão de Notal vindo do seu pai que não morava lá. (...)

De cúbito, a porta fez toque-toque. Quem será que está batendo na minha porta? Abriu e lá de pé, quem de pé? Nada mais que seus bons amigos Bernie, Dave, Nicky, Alice, Beddy, Freba. (...) Daí todos pularam em cima dele, gritando: — Nós nunca gostamos de você nestes anos todos. Você nunca foi realmente um de nós, você sabe, seu cabeça-mole.

Eles o mataram, você sabe. Pelo menos ele não morreu sozinho, não é mesmo?

John Lennon — *Um atrapalho no trabalho*, tradução de Paulo Leminski.



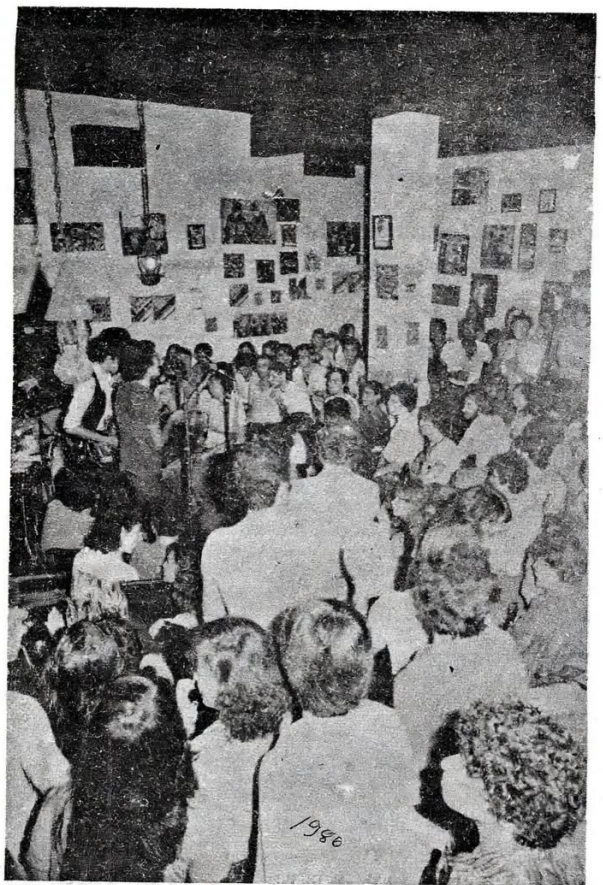


No Cavern Club, fã-clube poulista dos Beatles, dezenas de jovens comemoram com música & alegria os dez anos de dissolução do grupo.

CAVERN CLUB: MANTENDO ACESA A CHAMA BEATLE.

Essa tentativa de manter contato direto com o ídolo – seja por carta ou por qualquer outro meio – é uma espécie de obrigação de todos os fã-clubes. Muito antes da própria gravadora de George Harrison confirmar a vinda do ex-beatle ao Brasil, os sócios do "Beatles Cavern Club" de São Paulo já sabiam até a data de sua chegada. Simplesmente porque conversaram diretamente com Emerson Fittipaldi, amigo íntimo de George. E saber onde encontrá-lo também não foi difícil. Bastou descobrir os hotéis de cinco estrelas utilizados pela gravadora em São Paulo e dar uma busca nas listas de reservas de cada um. Assim, apareceu o registro de um industrial inglês cujo nome era um trocadilho de George Harrison – truque já utilizado pelo ex-beatle nos créditos do disco *Family Friends*, de Ravi Shankar.

Só que, quando tentaram chegar perto de George, os beatlemaniacos do Cavern Club não tiveram sucesso: o cantor fugia de qualquer coisa que envolvesse o nome "Beatles". Mas fã que é fã não desiste. Depois de subornar guardas de segurança, de perseguir o carro de George pelas ruas de São Paulo e filmar o ídolo a distância, os garotos trocaram as camisetas do "Beatles Cavern Club" por roupas comuns e os discos dos Beatles que levavam nas mãos por álbuns solo de George – e assim conseguiram finalmente, bater um papo com ele.



Cavern Club: grandes festas, com som ao vivo, mantém viva a memória dos Fab Four.

Beatles Cavern Club — *Mantém contato com mais de vinte fã-clubes dos Beatles no mundo inteiro. Fica na rua Cruzeiro, 673, Barra Funda, São Paulo – SP. O CEP é 01137. E o contato deve ser feito com Luiz Antônio.* 1980

Infernos Postais: A Rebeldia de Meire Tchu Girl

Meire Tchu Girl Ou M.T.G.

Uma verdadeira lenda do underground paulista, Meire Tchu Girl quase foi processada pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) por transformar envelopes em pequenas obras de arte. Enquanto muita gente se limitava a escrever o endereço, ela pintava cenas infernais na frente e até no verso das correspondências. Era arte postal, mas também provocação.

Headbanger assumida, ligada no Metallica e, logicamente, no Venom, Meire criava imagens carregadas de vermelho, laranja, labaredas e demônios. Seus envelopes eram verdadeiras intervenções artísticas. Os endereços de remetente variavam bastante e, no alto das cartas, apareciam inscrições como: “For Headbanger”, “The Crazy Boy Rocker”, “Para o Filho da Sepultura”, “The Lucifer Rocker”, “The Demon Hungry” e “From Hell”.

Nossa correspondência aconteceu em 1984, durante os anos de existência do Sleeping Village Sabbath Rock Club. Azar de quem recebesse aquelas cartas e lesse o *lead*: fatalmente eu precisava explicar que Filho da Sepultura era um filme de terror e fazer outros malabarismos para contornar a situação.

A ousadia incomodou os Correios, que chegaram a ameaçá-la com um processo. Mas havia outro detalhe: Meire reutilizava os selos, apagando as marcas de circulação. Descobriram o expediente, e os Correios começaram a deixar avisos para que eu me deslocasse até a central, distante de casa, a fim de recuperar as correspondências.

Quando reclamei, ela simplesmente respondeu:

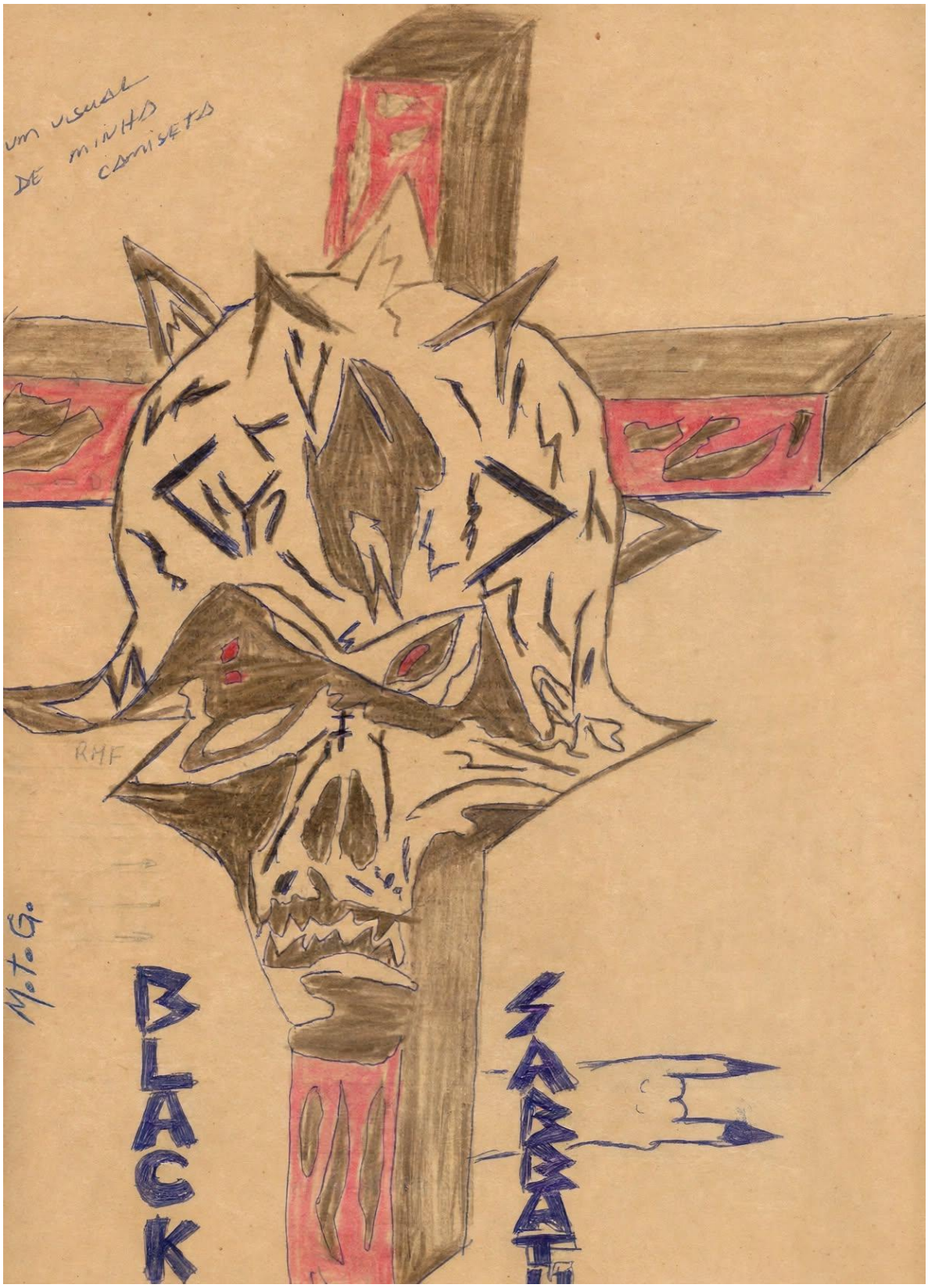
— Descobriram o meu truque.

Foi o fim dos nossos infernos postais. Depois daquela polêmica, nunca mais recebi seus envelopes inesquecíveis.

Nunca descobri seu nome original. Desde 1984, jamais tive notícias dela. Ficou essa lacuna: uma personagem que sobrevive nas cartas, nos envelopes e na memória. Fosse hoje, em tempos de redes sociais e julgamentos instantâneos, provavelmente seria crucificada.

Assim eram os reflexos daqueles dias de metal: uma correspondência que também tinha seus riscos, códigos e pequenas transgressões postais.

E agora, diante desse desenho sobrevivente de Meire Tchu Girl, podemos falar em milagre dos impressos?


um usual
DE MINHAS
CAMISETAS
RMF
M.to G.
BLACK
SABBATH

Cláudia Barata, A Fã de Clapton, Page & Beck

A fotografia da águia americana trouxe outra pessoa de volta: Cláudia Barata!

Ela era guitarrista e devia ser uma ardorosa admiradora de Clapton, Beck & Page. Entre 1985 e 1987, traduziu e datilografou artigos para o fanzine *Rock'n'Roll* sobre aqueles músicos e Keith Relf. Também enviava partituras, fotografias e outros materiais. Era uma colaboração importante para quem mantinha um pequeno circuito de informações musicais numa época em que conseguir material estrangeiro não era exatamente uma operação simples.

Um dia, soube que um dos integrantes do fã-clube havia feito uma ligação interurbana para Cláudia, no Rio de Janeiro. Ela não ficou particularmente satisfeita com a iniciativa. Morava na casa da avó, e aquele telefonema talvez tivesse ultrapassado os limites de uma intimidade que ainda era construída por cartas e correspondências.

Muito tempo depois, encontrei uma pequena nota informando que ela continuava tocando numa banda formada só por mulheres. A notícia não trouxe maiores informações. Há algum tempo, um leitor do meu site me procurou justamente querendo saber alguma coisa sobre ela. Respondi secamente que Cláudia era alguém do meu passado.

A resposta foi curta, mas talvez diga mais sobre a passagem do tempo do que eu pretendia. Não tenho notícias dela desde aquela época. O que restou são os artigos, as partituras, as fotografias e a lembrança de uma colaboração que, naquele pequeno universo de fanzines, tinha seu valor.

Maria Cecília Furtado Rodrigues: Uma Força Criativa

Maria Cecília Furtado Rodrigues ficou tão escondida que não há sequer uma citação de seu nome no meu vasto Facebook. Mas tenho certeza de que preservei seus trabalhos de ilustração e as cartas. Ainda me lembro de algumas passagens, embora não tenha o hábito de reler correspondências para reconstruir essas histórias. Talvez não tenha guardado todos os envelopes, mas sei que conservei os trabalhos inesquecíveis que recebi pelos Correios.

Nossa correspondência começou em fevereiro de 1992, depois que ela leu *Balada do Louco*. Seguiu por exatos quatro anos. Nesse mesmo 1992, mudei-me para uma região agrícola e, mesmo assim, continuamos a nos escrever. Pelas minhas contas, foi a correspondência que mais frutificou.

Eram cartas lisérgicas, poéticas, com caligrafias variadas, estilos gráficos e adendos fantásticos. Não me lembro exatamente do conteúdo. Mas, para mim, leitor, eram revelações. De tão mágicas, prefiro deixar aquelas páginas intocadas.

Cecília escreveu que eu não deveria dar valor aos quadros dela. Era uma mentira, pois, no íntimo, eu sabia o quanto aqueles trabalhos eram valiosos para ela. Seus desenhos foram usados como ilustrações do meu livro decadente *Aventura sem Dublê*. Quando, recentemente, o livro foi recauchutado, vi ali uma heresia: muita coisa havia sido transformada em relação ao original.

Dei tanto valor aos desenhos de Cecília que a maioria foi emoldurada. Eram trabalhos de formas, cores e tamanhos diferentes. A última notícia que tive dela era que trabalhava com desenhos de formulários. Depois disso, mais nada.

Havia também uma brincadeira que ela resolveu fazer comigo. Minha mãe sempre repetiu que gastou cadernos de caligrafia comigo e que, mesmo assim, não consegui desenvolver uma letra decente. Passei anos reclamando da minha caligrafia. Lamentável, porque a

escrita manuscrita sempre me impressionou. Sinto até uma pontinha de inveja quando encontro uma letra bonita, daquelas em que o talento e a personalidade de quem escreve ficam estampados no papel. Em Cecy, isso era evidente.

Nas nossas correspondências, devo ter repetido esse assunto algumas vezes. Até que, um dia, Cecy resolveu ser cruel – pelo menos para o meu desespero. Numa carta enviada de São Paulo, reproduziu minha própria letra no envelope.

Quando olhei o destinatário e o remetente, fiquei intrigado. Como poderia ser eu mesmo escrevendo uma carta para mim? Reconheci a letra, mas não conseguia entender a brincadeira. Era uma imitação perfeita.

Cecília Furtado havia reproduzido minha caligrafia no envelope e ainda teve a ousadia de me dizer que minha letra tinha um desenho bonito.

Passei anos reclamando da minha letra, enquanto Cecy, com uma simples imitação, resolveu me mostrar que talvez eu não tivesse motivos para tanto.

Tekka Whitman: uma Beatwoman

Outra conexão recuperada nesse emaranhado foi Tekka Whitman, pseudônimo de Thelma B. Oliveira, pediatra, tradutora e editora de livros. Uma pessoa criativa, inteligente. Uma das maiores pessoas com quem me correspondi.

Morávamos em Brasília. Por telefone, conversávamos, e era louco. Louco de esperança. Minha mulher sabia. Sabia que eu ligava para Tekka Whitman. Sei lá, uma beatwoman, um ser humano especial.

Quando eu estava na casa dos quarenta anos, Thelma se tornou uma forte influência humanista e literária. Foi por meio dela que tive meu primeiro contato com as relações entre ecologia e feminismo. Também me enviou um exemplar raro de uma obra que havia escrito. Trocar correspondência com ela era como manter contato com algumas das mulheres escritoras que eu admirava. Havia uma afinidade que ultrapassava os assuntos tratados nas cartas.

Até então, minhas referências estavam muito mais próximas do rock, das revistas, dos discos e da contracultura. A correspondência abriu outras janelas. É curioso como algumas pessoas chegam até nós por caminhos aparentemente secundários: uma publicação, uma carta, um livro enviado pelo correio. Depois percebemos que aquela aproximação alterou alguma coisa na maneira como enxergamos o mundo.

Em maio de 2013, completei dez anos com o site. Como nunca me preocupei com estatísticas, retorno financeiro, banner comemorativo ou matérias que pregassem uma verdade descartável, nem comemorei nem celebrei a data. Mas, naquele momento, percebi que havia algo a celebrar: a amizade com grandes pessoas que conheci por meio do site. Tekka Whitman, de Brazlândia, foi uma grande colaboradora e autora de um livro raríssimo. Luís, me devolva o livro!

Uma carta pública de Tekka trazia um texto dedicado a Dad Squarisi. Era um daqueles exercícios de linguagem que pareciam não ter fim, uma sequência de imagens, palavras e associações. Resolvi transcrever o trecho, com a tradução para o inglês que preparei. Espero que ela não fique decepcionada.

Dad Squarisi

Dadivosa diva, dona do alfabeto e alfarrábios, escrituras, páginas que ensaiam e ensinam, do fim até o começo e de novo novamente, algures e nenhures, prefácios e recomeços, ecos de estórias, centelhas & cintilações, viagens & retornos, nonadas &

encruzilhadas, nuvens tecidas pelo avesso, fabulações, ninfeias, azaleias, papel de tornassol ou de girassol, faca só lâmina, vidas plenas – de passagem pelos tempos de verbos e particípios perdidos e achados, locuções adverbiais, onde estais? Giramundo, cataventos, redemoinho, estalactites, umbigo dos sonhos, palavras cruzadas, charadas cruzando pelo espaço sideral. Roda mundo, roda moinho, oco, passagem, travessia. Contigo ninguém pode: que língua a vossa!

Thelma B. Oliveira / Asa Norte

Nota: mantive o texto de Tekka e sua tradução em inglês sem intervenção. É um exercício de linguagem deliberadamente acumulativo; não cabe normalizá-lo como prosa convencional.

A carta também me devolveu uma lembrança da maneira como Tekka escrevia e pensava. Não era apenas uma troca de informações. Havia ali um universo de linguagem, referências e inquietações que me obrigava a sair do meu próprio território.

Alissa, amiga Imaginária

No meio dessa rede de correspondências está Alissa Ordabayeva. Houve um momento em que cheguei a pensar que ela pudesse ser uma amiga imaginária. Não no sentido de uma invenção deliberada, mas naquela condição meio absurda de alguém que existe intensamente na correspondência e, ao mesmo tempo, permanece distante da experiência cotidiana.

Quando a revista chegou, alguma coisa mudou. Alissa havia me enviado um exemplar da *Interview*. A publicação materializou aquela relação que até então se desenvolvia principalmente por cartas. Restabeleceu em mim a percepção de Alissa como uma pessoa muito real, profundamente humana. Aquele gesto me fez perceber que precisava ter mais cuidado com as coisas que escrevia para ela. As palavras que circulam entre duas pessoas também carregam responsabilidades.

Foi um fator decisivo para que eu continuasse a enviar minhas pequenas crônicas.

Cláudia Lennon, Meire Tchu Girl, Maria Cecília, Cláudia Barata, Tekka e Alissa. Cada uma chegou por um caminho diferente e deixou alguma coisa. Algumas desapareceram, outras deixaram documentos, fotografias, desenhos, livros ou discos. Há também aquelas que continuam escrevendo.

Não se trata exatamente de uma história com começo, meio e fim. São vestígios de pessoas que atravessaram diferentes períodos da minha vida. E, quando penso que consegui organizar o arquivo, aparece uma carta, um envelope, uma fotografia ou uma publicação que me obriga a mudar tudo de lugar.

Pinçando & Ligando os Pontos

Foi Alissa quem me enviou a *Interview*. E é curioso que, ao reencontrar a revista, eu tenha acabado voltando a uma publicação que já fazia parte das minhas inquietações havia muito tempo. A revista de Andy Warhol não merece ser tratada apenas como um catálogo de celebridades. Seria mais apropriado dizer que funcionava como um termômetro, medindo a febre do momento.

A *Interview* foi muito mais do que uma revista de celebridades. Foi um observatório da cultura pop, uma galeria de arte impressa e um registro privilegiado da transformação do underground em linguagem internacional. Suas páginas não apenas documentaram os personagens de uma época: ajudaram a construir o imaginário dessa época.

Quero dizer mais do que isso. Quero falar de como nós, jornalistas e leitores, fomos despertados por aquela experiência editorial marcante. Uma publicação feita de páginas impressas, entrevistas, imagens e um formato próprio, que, com o apoio da publicidade, exportava sua visão de mundo. Aproximava Nova York do Brasil, de São Paulo e do Rio de Janeiro, e fazia essa influência aparecer nas entrevistas, nos tabloides e nos meios tropicais.

Não era apenas a circulação de celebridades. Era a circulação de uma maneira de olhar. A revista transportava referências, aproximava universos e ajudava a criar uma linguagem que ultrapassava suas páginas.

Uma Frase Em Trânsito

Com os olhos de historiador, fui parar na página 19 da edição de novembro de 1974 da *Interview*. Ali encontrei um anúncio de meia página da gravadora Atlantic dedicado a Peggy Lee e ao disco *Let's Love*. A chamada dizia: "Quite Simply the finest singer in the history of popular music".

"Simplesmente, a melhor cantora da história da música popular."

Um anúncio publicitário. Meia página. Uma frase categórica. E Peggy Lee no centro daquela declaração. Não era apenas uma peça de propaganda que eu estava recuperando. Era um documento impresso, situado em seu tempo, que me permitia ligar outros pontos.

Instantaneamente fui procurar aquele recorte da *Pop* que se conecta à trilha sonora dessas lembranças. A revista, o anúncio, Peggy Lee e a produção de Paul McCartney para *Let's Love* acabaram se encontrando nesse percurso. Em *Let's Love* há uma espécie de melancolia escondida naquela suavidade.

É curioso como uma frase publicitária, impressa há mais de cinquenta anos, pode reabrir uma sequência inteira de lembranças. Uma revista puxa outra; um anúncio leva a um disco; uma música devolve uma imagem. E, quando percebo, já estou novamente no meio de um arquivo vivo, que não se deixa fechar por completo.

Pelo Buraco da Fechadura

É cansativo repetir que a água corre para o mar. Mas, antes, ela escorre pelo ralo. E nem sempre é uma água limpa. O que isso tem a ver com essas reminiscências?

Penso no banheiro da casa dos meus pais, naquele cerimonial de se arrumar: a esponja, a bucha, o sabonete de coco, o xampu, a toalha, o chuveiro e a água quente. O barulho da água caindo, a caixa-d'água, o ronco do encanamento, tudo aquilo fazia parte de um pequeno mundo particular. O tempo passava ali também. Havia uma conexão, uma espécie de lavagem cerebral, enquanto a gente se ensaboava, enxaguava e deixava os pensamentos correrem junto com a água pela pia.

Talvez minhas reminiscências sejam um pouco disso. Uma mistura de lembranças, resíduos, imagens e pensamentos que ficaram pelo caminho. Nem tudo vai para o mar. Algumas coisas simplesmente escorrem pelo ralo. Outras ficam boiando, como aqueles colchões infláveis de piscina, carregando um corpo que não precisa fazer esforço para permanecer na superfície.

De vez em quando, abro a torneira da memória para ver o que ainda pinga. Às vezes, basta olhar pela fechadura.

A porta se abre.

A água invade a casa e começa a descer pelas escadarias. Escorre pelos degraus, ocupa os espaços, leva consigo o que encontra pelo caminho. Não há ninguém para interromper a inundação. A água continua descendo.

Corte.

Uma piscina calma, vazia de corpos. Na superfície, um bote inflável flutua sem pressa. Nenhum movimento brusco, nenhum sinal de quem chegou ali. Apenas a água, agora tranquila, e o bote à deriva.

Quatro dias e três noites depois, ainda estou tentando desembaraçar tudo isso. Talvez esteja me afogando num mar de memórias. Ou apenas boiando, sem saber muito bem para onde a correnteza me leva.

E talvez nem seja necessário chegar a algum lugar.

1982

O ROÇAR DA LÍNGUA NOS MAMILOS

> 1982. Sempre foi o ano da minha cápsula do tempo. Algumas lembranças ressurgem: um quadro de um festival de blues numa página de revista dada por Rogério, que morreu preso no fundo do mar. E um LP *Double Fantasy*, de tiragem limitada, que nem Yoko Ono tem.

Não sei, até hoje, se fã e crítico entendem de música. Ainda compro revistas daquele ano e guardo, em mostruários, coisas da época, desde o início do fanzine. Sei que a Copa do Mundo de 1982 foi disputada na Espanha, que Argentina e Inglaterra estavam em guerra e que foi o ano em que Elis Regina nos deixou.

Os atuais flyers digitais eram chamados de filipetas. Trabalhávamos com os artistas de rua, um pessoal totalmente independente de academias e universidades — uma geração que experimentava o boom da xerox, da pornografia e da serigrafia.

11 de fevereiro

Fanfarras aos 60 anos da Semana de Arte Moderna de 1922.

17 de fevereiro

O jazz moderno perde um de seus criadores: Thelonious Monk (1920–1982).

Abril

30 anos de carreira do cineasta Walter Hugo Khouri.

Freud não era freudiano.

10 de abril — O começo do fanzine

Dia 10, data do anúncio da separação dos Beatles. Doze anos depois, eu começaria a encher as gavetas com apostilas de planos mirabolantes.

O fluxo de cartas trocadas com fãs de rock acabou nos levando a uma ideia: rodar um fanzine. Arrumamos caixas de grampos, grampeador, carimbo e uma resma de papel. Conseguimos envelopes e, de vez em quando, até selos! Essa onda só foi possível porque Brasília era “a capital das máquinas de xerox”.

Nosso fanzine não tinha patrocinador, revisor nem colunas. Aliás, no mundo dos adultos, ninguém nunca tinha visto um fanzine. Pensavam que seria um jornalzinho mesmo. Não havia horizonte nem perspectiva de aumentar a tiragem, o que começou a nos afetar precocemente. Eu achava que a informação deveria ser de graça. Afinal, não havíamos pago pelas cópias.

Naquela época, emprego era coisa de estagiário ou contínuo — nome geracional para o office-boy do serviço público. Os que estagiavam na Caixa Econômica usavam um conjunto ridículo: blusa de cambraia, camisa e calça na cor turquesa. Alguns vestiam uma camiseta branca por baixo para que a camisa do uniforme, aberta, passasse por um sobretudo descolado. O jovem no desalinho garboso da pobreza, desafiando as formalidades ocas do patrão.

E assim os amigos foram incumbidos de conseguir as cópias das folhas. Lembro disso rindo até hoje! Flagraram — ou quase — meu melhor amigo tirando as cópias. Ele teve que enfiá-las dentro das calças.

O bom de tudo foi que tivemos de nos instruir: estudar e aprender a escrever na tora e na base da bala. Que fique o exemplo para nossos filhos.

Este tijolinho é de maio. Eu não tinha juízo e, envolvido naquela fantasia, caía na besteira de divulgar o telefone da Vidraçaria. Isso atraía malucos do mundo todo. Mas eu achava legal ter o tijolinho do Jornal do Rock. Tudo na maior das purezas e ilusões. Não sabia nada de Letras nem de patrocínio, mas aquele era o nosso jeito. E eu arrastava os amigos para dentro da aventura — uma história de 44 + 1 anos.

24 de abril

Morre, aos 80 anos, o autor de *Raízes do Brasil*.

Morreu em São Paulo, aos 80 anos, o escritor Sérgio Buarque de Holanda, que, pela obra que nos legou, ocupava lugar de maior relevo no espaço cultural do país.

8 de maio — O reggae da cadeia

Primeiro aniversário da morte do guerreiro Bob Marley.

O Sindicato do Reggae era perigosamente anti-Establishment — rebelde. Dylan orava, Lennon cozinhava, Stones torravam a grana. Vozes de protesto eram Zé Geraldo e Zé Ramalho. Naqueles idos, Raul era coisa de maluco, isso mesmo, muito mais intensamente maluco do que hoje — e o Sindicato falava da filosofia do reggae debaixo das baionetas.

Pichavam paredes e logo aparecia o capacho do delegado para interpelar:

— Foram vocês?

Era pau de dar em doido.

Naquele sábado, no meio da praça, colocaram como enfeite um imenso tarugo. Olhei aquilo e falei:

— Vamos acender... Não vai sujar?

O negócio ficou fumegante... E não sujou.

Essa foi uma das muitas. Na primeira, nos levaram em cana.

Pá rolando, lazer de cultura na 32. O Sindicato do Reggae fazia seu segundo lazer e, naquela noite de sábado, reuniu uma grande aglomeração. O trânsito parou e os meganhas ligaram para a delegacia. Fomos em cinco. Eu fazia relações públicas e havia um amigo mais velho, portanto mais apto a falar com o delegado.

Fomos no Fusca desse amigo e professor de karatê. O filme sobre o continente africano, projetado na parede lateral do comércio, foi interrompido. O delegado de plantão nos interpelou por não possuirmos autorização.

Os quatro organizadores e mais o rapaz do Cineclube Gavião foram levados para a 4ª DP. Eu estava entre eles, junto com o cabeludo dos dreadlocks, o professor de karatê e Serginho Vagabundo.

Na delegacia, decidiram que deveríamos passar a noite na cadeia. Por isso, jamais ficamos sabendo como terminou aquele lazer.

Na hora da dura, o saudoso Serginho Vagabundo tirou o corpo fora. Pegou no bolso de trás uma carteira verde-oliva com um brasão enorme e anunciou:

— Vocês não podem me prender.

Delegado civil não entraria em rota de colisão com a Aeronáutica. Serginho saiu e foi dar a informação de que ficamos detidos até a manhã de domingo.

Dormimos na jaula, de cócoras, com as costas apoiadas na parede. No outro dia, viram as marcas nas costas das nossas camisas e comentaram:

– Passou a noite lá!

Difícil foi esconder da família o que eu não consegui esconder. Na jaula, o pacto era um só: se mandassem a gente lavar a viatura, não aceitaríamos. Essa era a rebeldia que havia sobrado.

Sábado, véspera do Dia das Mães. Pense em alguém pressionado à exaustão: esse era eu. Reprovei de ano duas vezes, estava desempregado e agora tinha sido preso em plena ditadura. Minha mãe estava indignada e eu precisava arrumar uma desculpa.

Os homens chegaram. Eu, que já enfrentava metralhadoras e baionetas na QE 34, fui lá ver qual era.

Depois desse episódio, parecia que eu carregava uma placa com meus números de identificação. Minha mãe ficou colérica:

– Desempregado, notas vermelhas e agora na polícia.

Meu futuro era negro.

O amigo Nardelli Gifoni, que nunca se lembra dessas histórias, soltou uma frase lapidar:

– O Serginho sempre foi vagabundo.

Assim foram os dias de rock e reggae que nos salvaram.

O reggae da cadeia. Liberados no Dia das Mães.

Saímos ao amanhecer e fomos tomar café no boteco. Os caras ficaram gozando das marcas de sujeira em nossas camisas.

Foi quando saiu no *Correio Braziliense* a matéria "Polícia interrompeu homenagem a Bob Marley". A notícia aliviou minha situação em casa, mas não limpou a barra. Foi a primeira de duas matérias sobre resistência e cultura dos moradores da QE 32, depois de passarmos a noite atrás das grades.

A polícia reprimia o Sindicato do Reggae de Brasília por fazer cultura em vez de futebol. Ficamos de cócoras, com as costas encostadas na parede da cadeia da 4ª DP. Foi nossa primeira aparição na imprensa, com gostinho de quero mais.

Durante o segundo semestre – Rock, fanzines e a juventude do Guará

Magrellos do Pop Soul!

Os papas, os coadjuvantes e os deflagradores da contorção, da combustão e da coreografia tinham suas referências nas ruas de Nova York. Aquele movimento que misturava música, dança e expressão corporal ganhava identidade própria. Eis alguns nomes e influências que também chegavam até nós.

Quem era ligado no rock já tinha ouvido falar de Run-D.M.C., um dos nomes que representavam aquela efervescência nova-iorquina. Os Rolling Stones haviam gravado com Peter Tosh. Isso em 1979. No grafite, Andy Warhol foi uma das figuras que se aproximaram daquela produção artística, e Basquiat despontou nesse cenário.

Por intermédio do Sindicato do Reggae, fomos apresentados a Linton Kwesi Johnson, com aquele mantra falado, afiado e hipnótico. Barbieri nos apresentou outro ativista, Gil Scott-Heron. E não posso esquecer de Damião Experiência – acho que era esse o nome.

A novela *Partido Alto* também ajudou a catapultar a popularidade dos grupos de dança de rua. A dança era o breakdance, com seus movimentos acrobáticos, contorções e coreografias que começavam a ocupar espaços e conquistar adeptos.

Os Magrellos, com essa grafia, surgiram quase ao mesmo tempo que Os Magrelos, os primevos do punk rock do Guará I. Minha impressão é que Michael Jackson, especialmente a partir de 1982, foi uma das grandes influências dos Magrellos Pop Funk/Soul.

Magrellos do Pop Soul!

Grupo da QE 26, com Genival, Sanderson, Rossi, da QE 30, e outros integrantes.

Parte desses Magrellos do Pop Funk/Soul morava no Conjunto A da QE 34. Eram meus vizinhos e dançavam muito nos momentos de lazer. Isso começou por volta de 1980! Eles não se misturavam com os roqueiros.

Se houver divergências, aceito as correções e acrescento informações a este curto verbete. Forte abraço!

Editar trecho

Magrellos do Soul

Grupo da QE 26, com Genival, Sanderson, Rossi da 30, e outros...

Magrello's, com essa grafia, surgiu um tempo depois de Os Magrelos, os primevos do punk rock do Guará I. A maior influência desses Magrello's foi Michael Jackson!

Parte desses Magrello's do Break moravam no Conj. A da QE 34, meus vizinhos — dançaram muito nos lazeres! Entre 1982 e 1984! Eles não se misturavam com rockeiros.

Os papas, os coadjuvantes, o deflagrador da contorção e da explosão da coreografia foi coordenada pelas ruas de Nova Iorque. Quem era ligado no rock, sabia que um dos nomes das ruas era Run DMC. O selo Rolling Stones havia lançado Peter Tosh. No grafite, apadrinhado por Warhol, houve Basquiat. O Sindicato do Reggae nos apresentou a Linton Kwesi Johnson com aquele mantra falado afiado, hipnótico e Barbieri nos aplicou outro ativista, Gil Scott-Heron e não posso esquecer de Damião Experiença — teve a novela Partido Alto que catapultou o sucesso dos grupos de dança de rua, o nome era o break dance.

Rock'n'Roll (Jamais dancei...)

O pai de Sid trabalhava com mecânica pesada no aeroporto. Era de lá que trazia, toda semana, exemplares da revista *Manchete*. Já o senhor Davi, pai do Daniel, lia jornais do eixo Rio-São Paulo e recortava cuidadosamente as notícias sobre rock, datando cada uma delas com uma precisão quase obsessiva.

Johnny ainda morava no prédio com a mãe. Todos os dias, descia para dirigir o táxi da família, invariavelmente vestido com camisa branca e calça preta. Às vezes, acrescentava óculos escuros ao figurino e alisava o bigode com um gesto meticuloso. Era bem mais velho do que nós, adolescentes. Quando viu nosso zine pela primeira vez, ficou exultante:

— Isto sim é um jornalzinho!

Para Johnny, aquilo era um tesouro. Notícias sobre Beatles, Elvis e Bill Haley traziam de volta um passado que, para nós, parecia remoto, mas que ele reconhecia como parte de sua própria história.

Entusiasmado, propunha:

— Vamos à Casa da Cultura mostrar para eles o que é cultura!

Minha resposta, porém, era sempre mais prática:

– Não, Johnny. Poderia me dar uma carona ao centro de Brasília?

Chegando ao centro, eu seguia direto para a livraria. Passava um bom tempo folheando livros e revistas importadas, sem comprar absolutamente nada. O dinheiro raramente permitia. Meu único luxo eventual era uma *Guitar World* com Jeff Beck na capa, quando o orçamento permitia esse pequeno milagre.

Depois, seguia para o Ministério, onde buscava mais cópias do zine. Ficava por lá até a hora do almoço, quando um tíquete me garantia uma refeição acompanhada de suco. Na volta, um amigo generoso me dava um passe para o transporte público. Eu voltava para casa com um envelope cheio de xeroxes e mais uma etapa daquela aventura cumprida.

Sem perceber, eu já estava cercado pelos capitalistas. Nunca tinha lido *O Capital*, de Marx, nem entendia direito o que seria o capitalismo de Mao, mas não faltava quem me aconselhasse a procurar patrocínio para o zine. Todo mundo parecia saber o que eu deveria fazer para transformar aquilo em alguma coisa rentável.

Minha cabeça, entretanto, andava por outros caminhos. Pensava em vender planos de seguro contra incêndio ou, quem sabe, conseguir um emprego na Xerox do Brasil. Imaginava-me fazendo um curso de manutenção de máquinas, dirigindo o Fusca da empresa, carregando ferramentas pesadas e prestando assistência técnica aos bancos. Meu amigo Erlânio acreditava nesses planos e já se movimentava para que eu conseguisse alguma coisa.

Então, dois anos depois, em 1984, Erlânio morreu.

E tudo mudou.

Quando lançávamos o zine, fazíamos uma pequena festa na casa do Marcelo. O pai dele trazia espigas de milho da chácara, que fumávamos enroladas na palha, enquanto assistíamos ao filme do Led Zeppelin no videocassete. Naquela época, ter um aparelho desses em casa era um luxo que poucos amigos podiam oferecer. Para nós, bastava aquilo: o filme, a fumaça, a conversa e a satisfação de colocar mais um número do zine na rua.

Não tínhamos grandes estruturas, patrocinadores ou planos de negócios. Tínhamos amigos, algumas ideias, um punhado de xeroxes e uma vontade danada de continuar.

Naqueles dias, o rock’n’roll era mais do que música. Era parte da família, um projeto de vida. Talvez por isso eu nunca tenha dançado. Para mim, rock’n’roll nunca foi uma questão de movimento, mas de permanência.

Quarenta e três anos depois, continuo sem dançar.

Mas continuo no rock’n’roll.

Joe Perry Project: uma ode à insanidade

O boogie-woogie branquelo travou as nuvens no céu da boca. O melhor som de guitarra é quando ela engasga. *I've Got the Rock'n'Rolls Again* é o segundo LP desse projeto e, na minha visão, um dos discos de rock’n’roll mais perfeitos desde os tempos de Eddie Cochran.

O rock’n’roll desmunhecava. Era necessário devolver a masculinidade e o orgulho ferido aos fãs. E *I've Got the Rock'n'Rolls Again* foi a luva de boxe que nocauteou as caixas de som.

Frutos da MTV, os dois clipes de “I've Got the Rock'n'Rolls Again” e “East Coast, West Coast” chegaram ao Brasil, mas o disco jamais chegou. Mesmo assim, inspirou o

surgimento de bandas de hard rock nos subúrbios. A energia de *Never Mind the Bollocks*, a descarrilhada do AC/DC, tudo com origem no blues pesado – baladas elétricas, rocks de mercenários, de homens famintos, com o timbre negro das estações de trem e o linguajar do rap nova-iorquino.

Depois desse disco, não precisaríamos de mais guitarristas.

No ninho, eu era o enxerido...

Em alguma noite de 1982, passamos um pedaço dela juntos: eu, Roberto Doidinho e Sueli. Depois das cervejas, Sueli, de olho em Roberto, desceu a ladeira com ele.

Na manhã seguinte, ainda seminu, saí da cama para interceptar Roberto na escada de casa. Descemos. Ele estava agitadaço: queria de volta uma coisa sua que, segundo ele, havia sido subtraída por minha ordem. Roberto me deu prazo até o meio-dia!

Aquilo significava uma encrenca gigantesca. Liguei para Sueli e não fui nada gentil com ela:

– Traga!

Sueli, uma mulher de boca grande, carnuda e larga, desceu a mesma ladeira entre a QE 30 e a QE 32. Vestia uma saia branca curtíssima e um decote generoso.

– Será que ele vai gostar?

– Tá feliz, hein, Sueli? A noite foi boa! Agora me responda, por mil diabos, por que você sequestrou o 38 do Roberto?

– Fiquei com medo de ir para casa sozinha e levei a arma!

Sueli carregava o revólver calibre 38 dentro de uma bolsa branca, presa debaixo do braço.

O problema gigantesco foi resolvido. Duro mesmo foi contornar a situação com Roberto, logo de manhã, na escada da minha casa. Mas, nisso, sou craque: com as palavras, sempre consigo desarmar uma encrenca – mesmo quando o assunto é um 38 desaparecido.

Ruby, Ruby

Ruby, Ruby era trama de rodoviária. Pegávamos um baú interestadual para descer no meio do nada, um pouco antes de Valparaíso.

Só tínhamos o sábado. Inocentemente, começamos nas festas; depois vieram as festas privadas.

Ela só exigia privacidade. O pacto era simples: nada de telefonemas, nada de visitas e jamais nos encontrarmos fora do sábado. Para todos os efeitos, Ruby, Ruby era namorada do meu amigo.

Espeluncas no Bandeirante, motéis colados em postos de gasolina e máscaras no saguão circular do Fantasy. Por causa dos compromissos, só tínhamos o sábado.

Entre quatro paredes, ela era extrovertida. A roupa de baixo de Ruby, Ruby – tudo aquilo que vai por baixo da roupa – formava um conjunto interessante, nunca decepcionante. A lingerie era sexual; suas meias literalmente sufocavam.

Eu tinha verdadeira adoração por um disco. No meu inglês ralo, numa analogia precária, a última camisa limpa de Brother Bill era, para mim, aquela camisa social que minha mãe passava com tanto esmero.

Não havia Coca-Cola e bola, nem benzina e maconha, muito menos cerveja. Só suor, ponto G e orgasmos.

Como em tantas outras histórias, a transa terminou com ela arrumando outro cara. Agora, eu tinha outros problemas.

“É minha vida, eu faço o que eu quero, é minha cabeça, eu penso o que eu quero”

No toca-fitas do caminhão alto de lata, tocava a fita com “It's My Life”. Ela dançava e falava sempre de um namorado mineiro que havia deixado na Paraíba.

— Você é doido como ele.

21 de junho

“Não faz sentido se transformar em zumbi só para satisfazer fantasias doentes.”

Pete Townshend.

28 de junho — A Cor do Som: uma frustração geral

Público não viu a Cor do Som.

Impedimento do show do grupo foi o grande incidente da Festa dos Estados, encerrada esta madrugada.

O concerto do grupo A Cor do Som, que poderia ter se constituído no ponto alto da Festa dos Estados, não passou de um enorme fracasso, desapontando centenas de pessoas e causando enorme prejuízo financeiro aos organizadores.

Por problemas com a aparelhagem de som, o espetáculo não pôde ser realizado na última sexta-feira e foi adiado para ontem. Uma determinação da Secretaria de Segurança Pública, mandando interditar a Rampa Acústica do Parque da Cidade — local do show —, provocou, porém, o cancelamento da promoção.

30 de junho — O mais longo reinado

Aos 20 anos de carreira, os Rolling Stones empolgam a Europa com um show digno de Hollywood.

Londres, Paris, Turim, Nápoles... A mais recente e triunfal turnê dos Rolling Stones tem sido o acontecimento “número um” deste tórrido verão europeu.

Dividindo, por poucos momentos, o estrelato com o inseparável Keith Richards, Mick Jagger, 38 anos, seis meses mais novo que ele, consegue cantar 28 músicas sem ficar um minuto parado no palco — corre de um lado para outro sobre um tablado de 140 metros de comprimento e dá pulos em todas as direções. Dos velhos tempos, sobraram apenas os gestos obscenos, feitos com mais humor e menos furor.

3 de setembro — A verdadeira desorganização do desespero

A esquecida peça teatral escrita por Renato Manfredini Jr. será redescoberta 30 anos depois...

A peça revela um lado cênico pouco conhecido do músico e poeta e convida os seguidores da Legião Urbana a (re)descobrir o ícone. Muito além do rock.

1º de outubro

Ginga Brasil, Praça da Torre

Trio Elétrico Dodô e Osmar

Paulinho Boca de Cantor

Sá e Guarabyra

Grupo Ponte Aérea

Mel da Terra

Convidado especial: Paulinho da Viola

O professor de karatê Siri Baleia era promotor de vendas da marca de jeans US Top e foi o responsável pela divulgação e distribuição de convites nas butiques. O Ginga Brasil amarrava duas imensas bolas brancas suspensas na entrada do palco.

Siri também foi responsável por andar com os artistas depois do show. Daquele tempo, guardei alguns pormenores para comentar sobre a performance pós-show. Lembro particularmente que o instrumental rápido do Ponte Aérea era completamente diferente do apresentado no disco.

Orlando Bonfim morava num barraco de fundos na QE 30 e fazia biscates nos blocos de apartamentos. Ele comprava os pedaços de vidro das nossas mãos. Também fazia bico como porteiro de eventos em estádios, ginásios e no autódromo.

Eu chegava aos eventos, rodeava a grade da cerca e, quando o movimento do público diminuía, ele me esticava um ingresso inteiro – assim eu entrava. Era ventos passados. O povo lá em casa perguntava como eu arrumava grana para as entradas.

Cansei de ir a show e esperar que nos convidassem a entrar. Agora não rola mais isso (e nem consideração): querem o seu dólar! – "Você foi?" Aí tu respondes: "Tu pagaste pelo ingresso?", "Ah, ganhei etc., ganhei do titio sindicato etc.". Palavras despretensiosas, coisas vãs.

Há muito tempo, quando isso começou, os seguranças afrouxavam a entrada para os conhecidos da cena.

Geralmente, colecionadores de discos jamais deixam de comprar suas bolachas para pagar ingressos de shows, de futebol ou de patinação. Quando vão ao cinema, é para ver filme de rock, apropriadamente já nos últimos dias em cartaz.

Não havia shows grátis, exceto os promovidos pelo Estado em datas festivas. Mesmo quando havia um show de graça, o preço astronômico da passagem impedia o rolé. Nessas ocasiões, tentava-se uma carona.

Uma vez empregado, quando lia no jornal sobre um show que prometia, eu ia. Porém, não havia ônibus – destarte, o giro rolava nos taxímetros.

Naqueles conjuntos do Guará, poucos vizinhos tinham carro, conquanto houvesse muitos taxistas. Nos shows na Ciclovia ou na Ermida Dom Bosco, ia-se de bicicleta, mas nem todos tinham bicicleta.

O expediente de sempre: a redação das rádios recebia um par de ingressos para os amigos da corte. Até hoje há ingressos de promoção pagos (ou subvencionados) pelos que, com cartão de crédito, compram entradas caríssimas da primeira fila. Para quem pega carona nas cortesias, o espetáculo "não tem preço".

A imagem vem à mente como um fragmento: massa para jogar na parede. Daí a opção segura era emassar em vez de assistir ao Deep Purple num domingo.

Era difícil assistir às bandas do Rio ou de São Paulo. Muitas vezes o show era cancelado, nunca se tinha certeza se iria rolar ou não, e as passagens aéreas estavam sempre pela hora da morte.

Não pense que era o lar das maravilhas e que todos estávamos, embevecidos, curtindo os shows. O tédio apertou, nublou nossos dias e começamos a fazer shows. Nunca esquecer que a aparelhagem era mínima. Assim, o rock do Guará rastejou suas primeiras milhas. Os que tinham aparelhagem certamente não deixariam você tocar.

No show popular na Torre de TV, dois lados ocupados por oponentes se digladiavam: atiravam garrafas e cortavam os cabos de som com machadinhas. Uma cena medieval. Poucos PMs armados – segurança zero. Parte do público ia ao show para brigar. A cidade ficava sitiada, dominada. O Sul não cruzava o Norte e vice-versa. Afluíam gangues de Sobradinho e da Asa Norte. Guerra de playboys.

5 de outubro – Há 20 anos, o sonho começava

5 de outubro de 1962. Nas lojas de Londres, era colocado à venda o compacto simples de um conjunto de Liverpool: "Love Me Do" e "P.S. I Love You". Os primeiros sons da grande festa.

O Brasil era tão avançado que construía a sua própria Beatlemania. Além do disco comemorativo da Odeon pelos 20 anos da banda, vários discos piratas dos Beatles estavam à venda no mercado interno! E não se sabe o número de fã-clubes que pipocaram.

Tudo isso tinha começado na revista *Somtrês*, com matérias sobre o Fã-clube Cavern Club e, anos depois, com a coluna Beatles 4 Ever, do fã-clube paulista Revolution. Na coluna do Mallagoli, eu pescava nomes que jamais tinha lido e me informava sobre lançamentos internacionais!

Esse livro, lançado em 1982, é o responsável por todas as anomalias que tenho escrito aqui. Consultei-o naquele domingo e, mais uma vez, o livro registrou que o paciente merece alta (o meu é um relançamento).

13 de outubro

A língua Blitz

A juventude do Rio fala conforme a música.

18 de outubro

Aplausos, assobios e berros... são os Rolling Stones.

Prospecto do Fico

Telmo era o feliz proprietário do LP *Presence* e eu imaginava o que significariam aquelas figuras geométricas. Pesado demais, o LP agradava aos Magrelos. Nessa época, a crítica era suprema para mim e eu repetia: "Sem inspiração". Por um bom tempo, Okky de Souza foi soberano, e eu pensava: "Quem teria um nome desses?".

Atingimos a maioridade e o letrista Thelmo Martins, do Guará, foi lá ganhar festivais com suas letras e músicas – ele discordava de que lá estavam as melhores cabeças. Uma dezena de músicos amigos nossos começou no FICO. Foi quando o Gerald começou a tocar contrabaixo, porque existiam poucos nessa categoria. O Bêbado Gerald, colega de classe, direto coçava a ponta dos dedos, mostrando os calos.

Sou um arrivista: uma das primeiras manifestações culturais no Guará foi o time de futebol chamado UVA. E havia Matuskelas tocando e vivendo de rock no Guará I. Depois houve outra UVA, que simplesmente inspirou os cabelos grandes e as festinhas que ficaram para a frente; o quente era a Era Disco.

No final dos anos 70, só existia uma banda de rock em atividade na QE 36. Anos depois, ela atrairia músicos de outras quadras. Na guitarra, Alberto. No Guará I, havia Os Magrelos, primos dos primeiros punks da capital.

No ano seguinte, desta feita na QE 32, ocorreu a segunda e maior manifestação de praça, com 3 mil pessoas! Neste recorte estão os organizadores. Depois, tudo foi festa e moda. Mas o primeiro round fomos nós que pagamos o preço, ao oferecer algo além do futebol antes da Copa de 1982. E outra: nosso evento durou oito meses! Antes mesmo do Primeiro Festival de Música do Centrão e de outros festivais.

Este texto se refere ao Guará! Nos seus 45 anos de história manipulada pela mídia.

Só quem sabe foi quem viveu de olho no furacão.

Louco de novo

Que a arquitetura tenha loucura.

Louco de novo: antes que fôssemos tão rudemente interrompidos.

23 de outubro – O sábado chuvoso

O dia em que conhecemos Renato Russo

A estreia da Legião Urbana em Brasília aconteceu em cima dos vestiários do Cave.

O capítulo dessa lembrança começa com a manhã cinzenta de sábado, 23 de outubro de 1982. Ao meio-dia, eu estava pendurado ao telefone, convidando os amigos da UVA para o Show dos Punks.

Por duas décadas, eu não saberia que aquele dia viria a ser tão promocional. Para mim, renasceu pela primeira vez em 1988 e, com o passar dos anos, foi se repetindo, sempre com novos matizes e horizontes.

Não preciso consultar a caderneta estudantil para saber que as notas vermelhas me acossavam. Era fim de semestre e meu pesadelo estava vivo. Eu tinha ido ao show como um último sopro de liberdade, pois, na semana seguinte, a sala de aula me esperava. Tati(ana) não se esquece da data: era seu aniversário.

Para fãs, não existem lugares intransponíveis e oportunidades jamais serão desperdiçadas. Contudo, algumas vezes podemos nos arrepender, mas não deixa de ser divertido.

Conheci o contrabaixista, cantor, letrista e líder Renato Russo no Show dos Punks. O negócio era tão jurássico que muitos juravam que fora uma apresentação do Aborto Elétrico.

Fomos conhecê-lo no Guará II, no início da noite, pouco antes do primeiro show da Legião Urbana em Brasília. O encontro aconteceu num canto mal iluminado, num tête-à-tête improvisado e arrumado por amigas.

Essa proximidade renasce em mim algumas vezes: as feições do rosto de Renato Russo escondidas pela barba fechada. Daria um bom esboço, foi o que pensei naquele momento. Seu ar de estátua grega, no rosto másculo, carregava a simetria para uma caricatura. Seus olhos inteligentes eram rápidos como bolas de pinball saltando por cima das

lentes. A cultivada barba negra dava-lhe um ar bastante respeitoso. Refletia o ar dos jovens professores de cursinho.

Nosso idioma, nosso assunto, era rock'n'roll – não o barulhento dos Sex Pistols, mas a psicodelia dos Beatles e a revolta de 1968.

O fluxo da conversa foi cortado pelo flash de um corpo em movimento. Caí em cima de Renato Russo, desatinada e animadamente conversando sobre a cena do rock brasileiro e a cena dos fanzines. Livros de rock da Brasiliense e discos da Baratos Afins. Ele me disse que saía nos jornais todos os dias. Estranhei:

– Como, se eu leio os jornais todos os dias?

Fiquei impressionado. O carinha curtia Beatles para caramba e me falara dos discos experimentais deles. Fiquei sabendo que era ligado nos Beatles de 1968 e no casal Lennono.

O senhor Manfredini, dirigindo, trouxe seu filho Renato Russo da 303 Sul. Abriram-se os portões, abriram-se as portas da Kombi e os roadies carregaram o cabeçote Tremendão do contrabaixo para o teto do vestiário.

O camarim improvisado era o vestiário de futebol, pintado na cor de cimento. Houve um blackout. Até hoje não sei por que Tati, a terceira produtora do Rock na Arena, achou de baixar um disjuntor e apagar o palco. Ficamos esperando a volta da luz. Os músicos subiram por uma escada até a laje do vestiário.

Depois que Renato Russo aceitou fazer o release, todos o seguiram e me entregaram seus releases.

A entourage dos punks era atraente. Eles compartilhavam a fama e a amizade. Eu só curtia a curiosidade. Trinta anos depois, uma menina ainda me ameaçava:

– Apronto um escarcéu se você não tirar o meu nome do texto.

Tati(ana), uma das produtoras do evento, apareceu na minha casa, porém jamais achamos necessário relembrar como foi a ralação para produzir o show e descolar a aparelhagem. As secundaristas que moravam no Guará descolaram um caminhão de bebidas para transportar o equipamento arranjado sem patrocínio. Na longa carroceria de madeira, estavam com vergonha por terem desfilado pelas quadras do Guará.

O orvalho molhou o gramado. E, carregado pela coragem, fiz minha primeira entrevista profissional com uma estrela ascendente do rock nacional. A marca da pauta bateu forte mesmo foi nos Beatles.

No portão dos fundos do Estádio do Cave é que deveria haver uma placa de homenagem, com os dizeres: **A Legião Urbana surgiu aqui.** Adoraria ser chamado para o cerimonial.

Do show não me esquecendo

Há 44 anos, naquele longínquo sábado, aconteceu o primeiro show da Legião Urbana em Brasília, no Cave, no Guará II. Uma apresentação praticamente ignorada pelos livros do rock de Brasília. Junto a eles estavam Plebe Rude, Capital Inicial, Bambino e os Marginais.

Sobre o show e sua postura, jamais ouvi alguém próximo comentar. Não sei quais motivos levam as pessoas a se silenciarem quanto a isso. Flashes do contrabaixo vermelho. Dos pulos e das palavras de luta. Do coro:

– Guará! Guará!

O amplificador do guitarrista engasgava e interrompia o som. Para Eduardo Paraná, a noite foi péssima.

Desconheço como o público invadiu o mezanino. Meu vizinho Marcelo Radioativo, com o microfone numa das mãos, agitava a galera. Foi o show mais punk que testemunhei. Diferente dos outros shows de rock, naquele o público participava. Era contagiante e empolgante. Não achei amador: achei naturalmente explosivo.

Assim seriam as apresentações da Legião Urbana, do Capital Inicial e da Plebe Rude. Naquela noite também tocaram Bambino e os Marginais. Não seguiram em frente. Nada amador. Naturalmente explosivo. Tinha muita gente, considerando as condições de divulgação próximas do zero.

Naquela noite, Renato Russo, aos pulos, improvisou rimas ao contrabaixo vermelho, evocando o nome da cidade:

— Guará! Guará!

Nas outras cidades-satélites, o cantor também as homenageava daquela forma, gritando seus nomes e replicando ao instrumento.

Renato Russo tocou como se estivesse possuído e agiu como se não tivesse outra chance.

A Legião Urbana fez seu primeiro show em Brasília como se estivesse no teto da butique Apple.

Naquele mesmo dia, o Show dos Punks foi um divisor: Os Magrelos, do Guará I, conheceram a turma da UVA, do Guará II, e passaram a agitar juntos.

O manuscrito de Renato Russo que publiquei foi conseguido num sábado chuvoso de outubro. Ele viu minha empolgação e perguntou:

— Cadê o bloco de anotações?

Tirei um saquinho de papel de pão do bolso e falei:

— Vou escrever aqui mesmo!

Os Magrelos — do Guará I ao Cave

Os Magrelos pegaram a ressaca dos dez anos de Woodstock. Nas suas casas, nas caixas de som, curtiam Casa das Máquinas, Made in Brazil, Patrulha do Espaço, Status Quo, Joe Perry Project, MC5, Stooges, Vibrators e Stranglers. As informações vinham da escola. Curtiam desenhar, tocar e teatro, e marcavam presença nas manifestações como Concertos Cabeças e na Concha Acústica. Eles nos apresentaram a Patrulha do Espaço!

O filme *Christiane F.* decidiu o caminho de muitos que o assistiram. Os Magrelos não foram exceção. Anônimos, assistimos ao filme no cinema que existia na QE 7 do Guará I.

Nas festas, a entrada deles era apocalíptica: em fila, um por um, entravam correndo, com os calcanhares tocando nas pontas dos dedos das mãos voltadas para trás, e formavam a roda. Seus jeans eram os mais sebosos; suas camisetas, as mais coloridas; e os maiores pelos ostentavam as primeiras sagrações de suas virilidades.

Os Magrelos eram lendas em seu próprio tempo. Eram os boêmios errantes, com tempo inimaginável de estrada e aventuras. A geração mais corajosa que conheci. Não tinham a idade dos caras dos bailes e não voltaram desiludidos e chorosos das estradas infestadas de salteadores e serpentes coloridas. Eram representantes de uma geração

destemida, irrequieta, fascinada por conhecer o desconhecido, por questionar seus pares – não para conferir lealdades, mas para se identificar com quem se anda.

O engraçado era que seus pais compreendiam essa juveníssima ansiedade e, na silenciosa dialética dos atos sucessórios, faziam concessões ao irrevogável *let it be*, sabendo que o mais novo provém do mais velho. Os Magrelos moravam num arrabalde do Guará I, na parte leste, de onde dava para ver o trem passar, seguindo para as Minas Gerais antes de chegar a São Paulo.

O rock estava f***. Era coisa de marginais, de delinquentes. Então, contra os acordes progressivos do horizonte, os punks davam início àqueles festivais do começo do fim do mundo. Era a novidade. Lançavam os compactos do Lixomania e *Botas, Fuzis e Capacete*, do Olho Seco. O negócio era mal gravado, mas era o renascimento de selos como a Fermata, que ajudavam os garotos.

A onda vinha de Curitiba, do Bexiga. Aqui, melodia era o canto dos pássaros – falava-se de dodecafonismo a Zappa –, até que essa rapaziada jogou fora os discos de Minas, pisou nas flores do Vandré, como réquiem da ditadura, e passou a curtir umas com o sambão. Brasileiro nato nunca gostou de rock: "Toca um Pink Floyd que é mais lento". O negócio era o pandeiro e a bunda da passista.



Os Magrelos já saíam de banda. Para a UVA, Raul ainda era o pregador maldito. Eu não esqueci ninguém, nem mesmo os crimes do partido. O movimento cresceu e, como em todo movimento, cortaram as línguas afiadas. Poucos podem falar das coisas que é melhor esquecer.

Rock em Brasília era para os poderosos, cheios de ácidos, frequentando com ar blasé as discotecas do Venâncio 2000 e depois dando um giro no Gilbertinho. Quando eu descolava um carro e ia mostrar a cidade aos parentes, na verdade mostrava-a para mim.

Tínhamos horários diferentes e nos encontrávamos nos concertos no Cruzeiro, em Taguatinga, no Gama e, de vez em quando, nas L2s ou numa superquadra. Nesses encontros sempre tinha um músico-estrela que nos conhecia desde o início e fazia de conta que não sabia quem éramos.

Camufloyd estava em todas, seguido por Lincon Lacerda. Firmino, Barroso e Lárcio também pintavam. Era Butiquim Blues, Asa Norte, Sobradinho. Nesses encontros conhecemos RockOver. Do Gama, a primeira banda em que a gente se ligou foi a Fungos and Bacterias. Ainda no Gamão, o Extremo tocou no Chaplin Bar.

Eu tinha os telefones e os pousos. As pessoas me davam casa:

– Não posso ir, não tenho onde dormir.

– Dorme lá em casa!

Então eu ia.

Ainda ontem sobre os Magrelos

Fantasiado de palhaço, como quem acaba de chegar de Woodstock. Virgem como o seu c***. Nenhum amigo, quer dizer: tinha o Joel, o Eli, o Zé do Cão, o Sandro e o Mecenas.

Na cabeça, um cobiçadíssimo chapéu de agricultor; na cara, uns óculos de serralheiro, tão cobiçados quanto. Me tomaram, me roubaram, me spunkaram. Passei a odiar acessórios.

Para complicar, no cós das calças eu passava um cinto com fios que descaíam até os joelhos – impossível não provocar comentários maledicentes:

– Olha aquele maconheiro!

Para completar a indumentária, um mocassinzinho, sapato de índio. Nunca tinha visto uma mulher – desgraçadamente mais no sentido bíblico do que no sentido prático. Falando em Bíblia, para minha idade, eu já acumulava uma lista diluviana de fracassos.

O Muniz Júnior pegou a Ri no tanque e eu os flagrei. O aterro do vizinho era mais alto e, do muro, eu via o Muniz em pé, encaixotando a Ri. O engraçado é que a Ri, de costas para mim, não podia ver o Muniz acenando com os braços, mandando-me ir embora. Como éramos os melhores amigos, me arranquei.

Nessa festa, conheci Érica Frampton, a garota mais linda e a minha melhor decepção. Ela me ensinou tudo. Durou quase um ano. Por ela, os caras queriam me pegar. Meu pai tinha que me levar ao conjunto em que ela morava quando nos separávamos. Rob queria me matar! Seu comentário foi:

– Ele tem a manha de segurar esses brotos?

Depois dessa minha primeira namorada, aprendi a combater os dragões da maldade.

Para meu espanto, Renato Russo contou nossa história.

Vesti um terno elétrico pela primeira vez e cortei o cabelo. Fui jurar à bandeira e tirei a carteira de trabalho. Jamais pensei em fazer Terceiro Grau. Assim eram aqueles tempos sem educação: só sexo, drogas e rock'n'roll.

Não se podia errar na foto, senão estava f***. Não havia grana para outra chapa. Lembro onde a foto foi tirada e do profissional arrumando meus ombros: a carteira tinha que ter uma foto presidenciável, senão você dançava na seleção.

"In My Chair" ganhou uma versão, "Louco até os Ossos", tocada pelos Magrelos, embrião do Extremo. Statusquomaníacos mesmos eram Luidi Punk, Zé Kuspi e Camufloyd.

O primeiro LP do Status Quo que curti foi *Blue for You*. Pertencia a Pedro Veras e era ouvido pela UVA. As primeiras tentativas de tirar canções partiam desse disco.

Ouvi falar dos Magrelos nos alto-falantes de um concerto da Plebe Rude em cima do caminhão, na Chaplin, na 109 Sul. Concerto em que a anunciada Legião Urbana não tocou:

– Corrigindo, corrigindo: Os Magrelos não são de Taguatinga, e sim do Guará!

Foi essa a reverberação no alto-falante.

31 de outubro

O POETA DRUMMOND E SEUS 80 ANOS

Os 80 anos de "um artista combativo".

"Eu devo estar com 80 anos, não duvido. Mas não me sinto como eu imaginava que seria, ao completar 80 anos. Parece que tenho menos idade, por isso acho bom me lembrar que eu tenho 80, porque tomo consciência disto."

2 de novembro

A BALADA DE JOHN & YOKO

Em livro, revelações sobre a paixão de um inglês entediado por uma japonesa obstinada.

Novembro

UMA FESTA PARA O ROCK BRASILEIRO: O TERÇO VOLTOU

Os roqueiros nacionais foram os primeiros a saltarem fora e moverem suas barcas no rumo da MPB. Shows não apareciam. Nas redações da capital, os velhos jornalistas culturais, conformados com seus dois empregos, não acreditavam no potencial da nova onda, pois desconheciam o que acontecia à distância de um litro de gasolina.

Lucy in the Sky with Diamonds

Falar o nome fanzine na TV – era uma coisa tão nova, espantosa e indefesa. Engolir rãs e sapos. Devem existir rebeldes que ouviram falar do Jornal do Rock no Som Pop – o bom dos nomes é que eles fazem sucesso; sem um bom nome, sem matérias e exposições da alma.

Inventei o fanzine, o jornalzinho que distribuía na Secretaria de Segurança, nos shows, no colégio e até como currículo! Para mim, o fanzine serviu de portfólio. Tínhamos duas matérias no jornal, uma em maio e outra em dezembro. Havíamos conhecido a Legião Urbana!

"Polícia interrompe homenagem a Bob Marley" era a primeira de duas matérias sobre resistência e cultura dos moradores da QE 32, depois de passarmos a noite dando explicações atrás das grades. O fanzine soltou três edições...

Em outubro, conhecemos Renato Russo e passei para a cruzada do rock nacional.

Em dezembro, o fã-clube saiu nas páginas do *Correio Braziliense* e do *Jornal de Brasília*. Ah! E saía na televisão também. Ainda devem existir rebeldes que ouviram falar do Jornal do Rock no Som Pop – o bom dos nomes é que eles fazem sucesso. Sem um bom nome, sem matérias e exposições da alma.

Neste ano, o fanzine soltou três edições.

Eu já ouvia, com estetoscópio, os discos de John & Yoko e, de brinde, os gemidos das suas transas. Eles ainda na base de tirar "All My Loving". "Paul é o cara. Paul é o Walrus." "Hare Krishna".

Arrumei uma coletiva no gramado do jardim do *Jornal de Brasília* e, debaixo das árvores retorcidas, fizeram fotos. Foi, no mínimo, estranho. O sacana e escrachado jornalista Manel Henriques perguntou:

– Quem carbura um?

Em uníssono, os 3 Amigos apontaram na minha direção e responderam:

– Ele!

Naquela hora, bye-bye, fã-clube dos Beatles. Pensei: "Ainda bem que não é a polícia. Não posso andar com esses caras. Juro pelo rock'n'roll que jamais colocarei um baseado na boca...".

Nos jornais novamente. Quando surgiu a foto – assim revelada num cinzento londrino –, respondi que não fazia seleção fotográfica, porque nos acharam que as línguas de fora faziam uma sátira ao Kiss, a banda de maior sucesso naquele terrível ano dominado pelos Menudos.

E ainda corria a lenda de que eu passava cigarrinhos do capeta com instruções dentro das capas dos discos dos Monkees. Quem inventava tais absurdos eram os filhos dos donos do poder da QE 34: rock'n'roll foi divertido.

Li a matéria "Os Beatles valem seu peso em ouro", de 1966, em que a banda, para amenizar os impostos, fundou várias companhias, entre as quais a LenMac Enterprises.

LenMac era o nome de um dos empreendimentos de Lennon & McCartney!

Em cartas, assinei os codinomes Mário LenMac e Magrinho Podre. Também me chamaram de Mário Doidão, Mário do Armário, Kimário e até Mario LenMac Harrison.

O fanzine *Oldies but Goldies* nasceu numa singela porta interna de guarda-roupa, onde eu pregava fotos dos Beatles. Era o porto secreto dos LPs e das poucas roupas.

Nos anos 70, rock era associado a drogas (vigilância ostensiva da família: "Olhe a heustória de fulano"). Ainda jovem, ostentava o codinome LenMac. Um dia chegou um carinha estranho e disse que era simpatizante do movimento Lemac; fiz de conta que o assunto não era comigo... hump! Naqueles idos, não sabíamos distinguir Syd Barrett de um informante.

Num show de rock, esse cara me disse:

— Tudo bem, Lemac (sic)!? Conheci um outro Lemac da Legalização da Maconha de Belo Horizonte.

Ao ouvir isso, não gelei, mas fiquei esperto:

— Fale-me mais...

E encerrei a conversa. Nunca descobri se eles eram malucos ou infiltrados. Era assim na ditadura, sem conversas e sem novas amizades.

Uruca

"Quando o Uruca era solto, ganhava um corte de cabelo. Geralmente máquina zero!" (LEOMAR ASSUNÇÃO)

Uruca é um personagem azarado do desenho dos Flintstones. Uma das contravenções do programa de rádio do Gogó das 7 era nomear abertamente quem caía puxando fumo — com esse expediente radiofônico de combate à imoralidade, a família cristã-candanga, agradecida, sentia refluir em sua coluna cervical o gozo matinal de uma massagem chinesa. Todos contra a subversão!

Com esse denuncismo medieval difundido em ondas médias, nas manhãs seguintes ao anúncio dos nomes dos réprobos da indizível conduta, os frequentadores do boteco ficavam rindo, escarnecendo:

— O filho de fulano rodou, caiu... hehehe... Quem diria? Um rapazinho que parecia tão correto!

Geralmente, o bote ocorria nos finais de semana e você tinha que ter uma boa desculpa para ter sumido. Caso contrário, sua família procurava por você no Setor Militar Urbano, no temível PIC (Pelotão de Investigações Criminais do Exército) — a maior roubada.

Naqueles clarões abertos do Guará, tínhamos que ficar com os olhos abertos e determinar a roda numa confluência de becos. Infalivelmente, o camburão aparecia e subia nos becos no encalço dos maconheiros. Fumar erva equivalia a um crime como bater carteira ou furtar pequenos objetos — então nasceu a gíria: Uruca, não!

A maconha é tolerada desde que dê dinheiro. Você esquece o tráfico, a violência praticada por ele, suas faixas proibindo o consumo nas ruas da favela. A maconha é boa, mas nunca se fala daqueles que não conseguem cagar se não derem uma baforada no baseado. A maconha ficou ridiculamente popularizada e vulgarizada, e o que se pode

fazer é dar uma prensa e rir desses políticos babacas da direita católica-evangélica que querem reprimir os vícios.

Seja homem e diga: “Fui maconheiro, sim senhor!”

E aquela história da polícia queimando o mato das repreensões.

Heustórias de maconheiro por heustória de maconheiro, eu prefiro o engajamento telúrico dos rastas. Fumar maconha sempre foi coisa de homem e com quem você bola pode dar cana e difamação, como no caso do outro político que difamou o governador do DF, acusando-o de maconheiro. E o governador, o que fez? Nada. Não teve coragem de esfregar a cara desse político nas paredes sujas da prevaricação – quem tem; tem medo.

Nenhum maconheiro que se preze deve dar sua última tragada de sopro vital sem antes ter dado risada nos cafés de Amsterdã; sem ter fumado um chillum de charas com os santos errantes da Índia ou ter pisado os solos de haxixe do vale do Rif, em Marrocos.

12 de dezembro

O INSTRUMENTAL E TAL EM SUÍTE. DISCO EM LANÇAMENTO

Gato conta que buscou patrocínio em alguns estabelecimentos comerciais, mas só conseguiu um “boa sorte”:

– Nós aceitamos a boa sorte que eles nos deram.

Já o Caco de Cuia, a Livraria Literatura e o Quinta da 211 Sul nos deram uma força e não nos desejaram boa sorte.

À Tentativa reinventa som na Funarte

A cena foi feita nos escombros da UnB. A dramatização do som com o grande ator Aluísio Batata na flauta e todo o acompanhamento instrumental harmonizado pelo Liga Tripa: À Tentativa. O nome já revela a trilha de tentar mudar o poder da música, desde os tempos do violão e do banquinho, e livrar-se da imposição dos franceses, via Philips, da Shell e de Hollywood.

Naqueles tempos, uma música nova frutificava e traçava o seu próprio caminho – e caminho é acidente, vida e vitória também!

– Como era o À-Tentativa?

Rênio Quintas: – Era espetacular. Música À-Tentativa: Gato, Nonato Veras, Zé Miguel, Calouro, vixe, era tanta gente. Acho que, além do Nonato, tinha mais gente do Liga Tripa na música da cidade...

Como músico, Batata passou pelo Grupo Saga, uma banda de rock, e não era bem isso que queria. Passou pelo Liga Tripa e foi parar no Música-À-Tentativa, experiência vanguardista à qual deu corpo e que estreou na Sala Funarte, no Sesc, pelo Projeto Plateia.

Depois vieram alguns concertos ao ar livre:

“Nossa música é uma música de época. A gente quer ferir a nossa época, ferrar a época com nossas vidas”.

Liga Tripa

Surgido em Brasília nos anos 80, o grupo, influenciado pelo movimento literário denominado Poesia Mimeógrafo, possui estilo próprio de compor e tocar suas músicas. Foi ao tocar pelas ruas e bares da cidade, no contato direto com o público, que o grupo ficou conhecido pelo seu trabalho. Esse forte vínculo com a identidade musical

da cidade fez com que participasse de diversos momentos artísticos, culturais e políticos, formando uma ponte musical entre a cidade e seus habitantes.

"Como você conseguiu essa foto? Raridade! Foi com essa Craviola que eu fui a primeira vez pra rua com Aldo, Ita e Carrapa. E o grande Nonato Veras no palco também. Só não lembro aonde foi." (PAULO BIKO, A RESPEITO DA FOTO DE LUIZ ACIOLI)

"Acho que nesse concerto foi quando ouvimos o Renato Russo cantando pela primeira vez 'Faroeste Caboclo'. Fiquei impressionado com o tamanho da música." (NONATO VERAS)

"Acredito que essa foto foi no 'Rock na Ciclovia', no Lago Norte, em 1982. Pois parece ser no mesmo lugar das fotos da Plebe Rude que postei há um tempo atrás lá na página do Aborto Elétrico." (DINHO KAMERS)

Sentado: Nonato Veras. Em pé: Paulo "Biko". Foto: Luiz Acioli.

Prelúdio imperfeito

Tentei fazer um lazer chamado *Give Peace a Chance* – 1982 ("Deem uma chance à paz"). Como era a primeira tentativa, nem é muito bom lembrar. Usei o nome de novo em 2010 e, diante desta hecatombe de imbecilidade que avança sobre a cultura, resolvi chamar John Lennon para cantar por nós hoje.

É claro que minha carreira artística começou com um show fracassado que não aconteceu. Ali eu já catalogava os envolvidos, suas responsabilidades, falhas e seriedade.

25 de dezembro

Chácara São Nélson – Festa dos 15 anos de Luciana V. Braga



A Chácara São Nélson virou a Chácara do Pai do Mário. Nos mapas, ali, algum dia se chamara Parque das Cascatas.

Final de 1982 – As últimas lembranças do ano

Crônicas moribundas do R'n'R

Ouvíamos o LP *1982*, do Status Quo, e não entendíamos por que nas capas dos discos anteriores apareciam mísseis. Guerra Fria foi o tema de *The Final Cut*, *Tug of War* etc.

Eu corria atrás do diploma de colação de grau. No fim do ano, fiz uma participação numa peça do Colégio JK, que me ajudou na obtenção do canudo. Fiz par com a Miriam, que era o oposto da nossa classe econômica! Houve uma outra garota, a primeira namorada a despertar em mim paixão, ciúmes e, lógico, chifre.

"'Where Have All The Good Times Gone' – título de uma música do Elton John, lançada no disco *Jump Up*, que também tem 'Empty Garden', homenagem a John Lennon." (DY CASTRO)

Éramos uns freaks (desajustados), verdadeiramente loucos e experientes.

A peça havia sido sucesso. Era uma paródia do Piu Piu de Marapendi (em cima do palco eu ficava escondendo a cara maquiada). Com o diploma e a reservista, fui procurar serviço. Nada como um emprego para dar fim àquela luxúria.

Tentei ser músico. Tentei três bandas. Na primeira, Rocha do Planalto, me pediram para dublar nos vocais de "Lucy in the Sky with Diamonds"; no Psicose Crônica, não sei qual foi o motivo do veto; e, na banda que os guitarristas Danny + Julio Page (in memoriam) montaram, dessa vez me vetaram para que eles tivessem material dos Beatles no repertório! No único ensaio com Julio Page, falaram:

– Vá tocar gaita!

Na QE 32, subi no palco e tentei tocar contrabaixo, a pior coisa que fiz na vida, pior do que cair de bêbado. Depois passei a figurar nas fotos das maiores bandas do Brasil. Esta ninguém viu – dia 24, rock forever.

Sonhos, pesadelos e as memórias

À primeira vista, pode parecer que se trata de episódios desconexos de uma mesma trajetória. No entanto, eles estão unidos pela matéria-prima que alimenta o cérebro: as memórias. Elas ressurgem nos instantes que antecedem o despertar, quando o relógio ainda não anunciou o dia e você se encontra à deriva entre sonhos e pesadelos.

Há uma necessidade humana de falar, de construir narrativas que raramente correspondem aos fatos de uma convivência pacífica e de um compartilhamento idílico. Tudo é idealizado, e seguimos precisando de abóboras que se transformem em carruagens.

Talvez seja justamente por isso que as lembranças insistam em retornar. Não como uma sequência lógica, mas como fragmentos que reaparecem no silêncio da madrugada, aproximando acontecimentos distantes e revelando que uma vida não é feita apenas de fatos, mas também das interpretações que fazemos deles.

A pistola, as multas e as algemas

Eu ainda era novato ao volante. Tinha pouco mais de seis meses de carteira e acabara de completar dezoito anos. Era o final de 1982, quando implantaram mudanças de sentido em algumas praças do Guará, com placas indicando mão e contramão.

Eu seguia corretamente pela minha faixa quando um carro surgiu na direção oposta. Apontei para a placa e mantive o curso. O outro motorista, muito mais velho e experiente do que eu, respondeu exibindo uma pistola pela janela.

Segui em frente, impávido. Naquele instante, descobri que havia gente acostumada a substituir a razão pela intimidação. Perdi parte do idealismo, mas nunca traí a mim mesmo.

Com o passar dos anos, percebi que os instrumentos de pressão nem sempre se apresentam de forma espetaculosa. Às vezes, manifestam-se nas pequenas autoridades, nas vaidades e nos ressentimentos cotidianos.

Quando transformaram a Via das Praças em mão única, obrigando os motoristas a contornarem a praça sempre no mesmo sentido, a medida trouxe mais aborrecimentos do que soluções. Vieram as multas, as reclamações e a sensação de que alguém parecia empenhado em atormentar a vizinhança.

Tarso, vizinho e agente do Detran, começava cedo. Antes das sete da manhã, já havia carros autuados. As notificações apareciam sem que ninguém soubesse ao certo quem as aplicava. Agia discretamente, o que alimentava rumores e ressentimentos. Muitos o

consideravam excessivamente rigoroso. Foi por meio da matrícula funcional que descobriram que o autor das multas morava justamente em frente à praça.

Alto, magro, de barba rala e sempre envolto num enorme casaco de couro, Tarso nunca foi uma figura popular. Depois da enxurrada de autuações, menos ainda. De vez em quando, aparecia na vidraçaria para encomendar algum serviço. O pedido acabava ficando para depois, enquanto ele se estendia em histórias intermináveis para uma plateia que fingia escutar e fazia de conta que comprava o peixe que ele vendia.

Os anos passaram. Tarso adoeceu e partiu. E nós, sobreviventes daqueles tempos da Via das Praças em mão única, continuamos por aqui, guardando as lembranças, os ressentimentos e as ironias de uma época que o tempo acabou transformando em histórias das cidades-satélites.

Artes visuais



EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA E ENTALHE

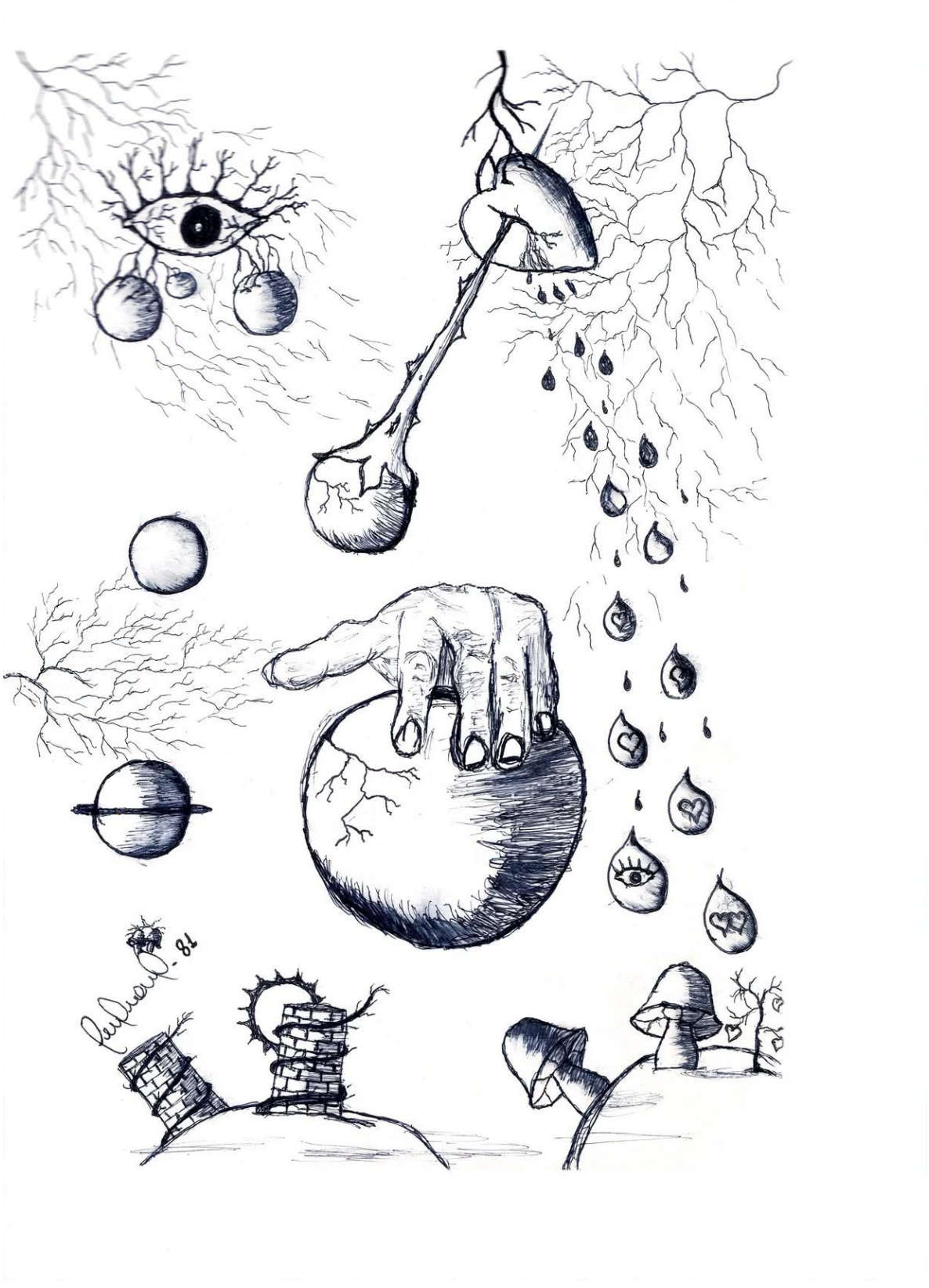
ARTESÃO: Raimundo Nonato Pereira da Silva

Aluno da 2ª série do 2º grau do Centro Educacional 03 do Guará.

PERÍODO: 18 a 21 de maio de 1982

LOCAL: Biblioteca Setorial Juscelino Kubitschek de Oliveira

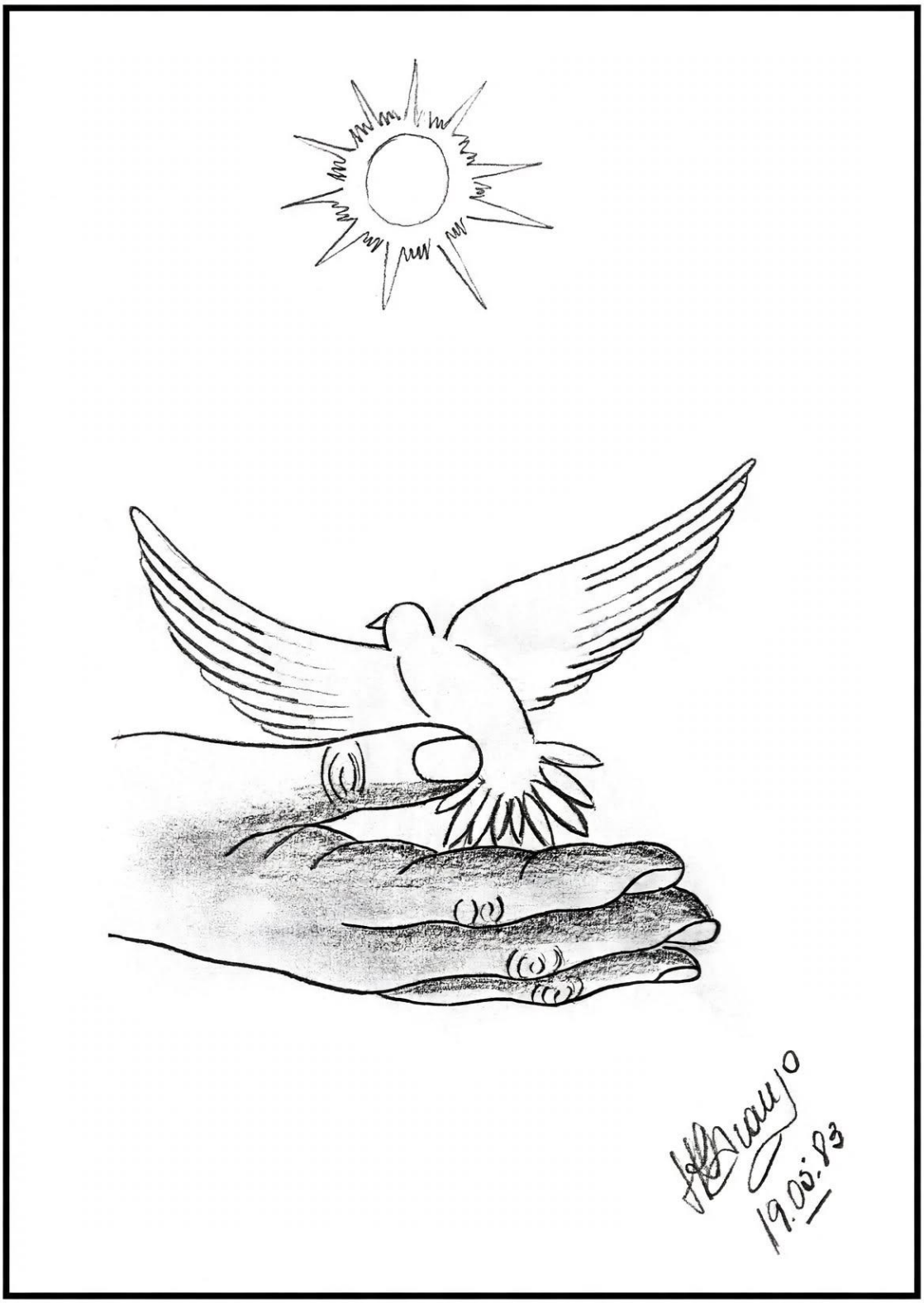
ENDEREÇO: E/Q 17/19 – Centro Educacional 03 do Guará.




XILO


P.L
"OS PRIMEIROS MOVIMENTOS DE SANDOVAL"
AO MEU GRANDE AMIGO MÁRIO PACHECO.
©2-90


Para Mario
da
Amiga Francisca
19/11/82
Francisca
82



1983

O ANO EM QUE O ROCK COMEÇOU A TOMAR FORMA

“Mário, o seu problema de contador de histórias não é problema: essencialmente você descreve (e escreve, porque a grafia é imperativa) o Guará, sua aldeia, como um roqueiro da segunda geração dos pós Segunda Guerra descreve Berlim. O problema, sim, é que o Guará não é Berlim. Mas a força do nosso underground tupinambá não perde (nem os pênaltis) pros bunkers felizes dos comedores de chucrute.”

— Roberto Gicello

1983 foi um ano de descobertas, fanzines, shows e encontros que ajudaram a definir minha relação com o rock. Brasília começava a mostrar, de maneira mais organizada, uma juventude que não queria apenas consumir música: queria fazer, escrever, tocar, fotografar, circular e ocupar espaços.

Foi também um ano de mudanças no Guará, de lembranças da infância, de experiências religiosas que não vingaram, de amizades atravessadas por excessos, de histórias que ainda hoje me fazem rir e de outras que prefiro contar com algum cuidado. Eu tinha 19 anos. A maioridade chegava junto com a sensação de que era preciso inventar a própria vida.

JANEIRO — A CHÁCARA, O GUARÁ E AS PRIMEIRAS MEMÓRIAS

Assim que meus pais compraram a chácara, a Rua dos Carroceiros passava bem em frente à casa. Seus moradores foram removidos para a QE 38.

No mato da Chácara São Nélson, eu me lembrava da infância: corria pelo capinzal para chegar à casinha pioneira onde seu Zacarias e sua família moravam. Minha família construiu uma casa maior, cujo desenho lembrava o das casas do Guará. Partilhávamos a sensação de que daquela janela jamais veríamos alguém passando pela frente. O servidor Neto repetia todos os dias que os tratores do governo iriam pôr tudo abaixo.

A paisagem ainda guardava uma dimensão rural, embora a cidade avançasse sobre as chácaras. O Guará era minha aldeia, com seus personagens, suas histórias e seus pequenos territórios de liberdade.

VAN HALEN E PATRULHA DO ESPAÇO

Nos dias 21, 22 e 23 de janeiro, a Patrulha do Espaço se apresentou no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, abrindo para o Van Halen. O grupo foi ovacionado pelo público. A banda também vivia um momento importante com o lançamento do chamado disco branco, pelo selo Baratos Afins, que trouxe músicas como “Columbia”, “Festa do Rock”, “Cão Vadio” e “Bomba”.

Van Halen, a máquina do rock vai explodir no Brasil.

O DISCO QUE MAIS AMO

Na capa do fanzine da Revolution, de São Paulo, aparecia a capa de um disco pirata: *Shout*, de prensagem brasileira. Aquilo significava que eu precisava trabalhar muito e não pedir dinheiro ao meu pai para, quando fosse a São Paulo, trazer um exemplar.

E aconteceu. Foi um dos grandes presentes que meu pai me deu: o disco que mais amo.

Não pense que sou apegado a isso ou àquilo. Guardo as lembranças, boas ou amargas. A história daquele disco não se resume ao objeto. Está no trabalho que fiz para consegui-lo, na espera, na ansiedade e na generosidade de meu pai.

“NÓS TAMBÉM TOCAMOS EM UNAÍ”

Senhoras e senhores, o tijolinho mais histórico do rock Brasília... ou “nós também tocamos em Unaí”.

Todo mundo sabe que o rock Brasília começou em Unaí. Quando falo “tocamos”, é retórica pessoal, uma necessidade de fazer parte da cena, de escolher roupas e perfumes, ir ao show e aportar o mais próximo possível da banda. Jamais toquei qualquer instrumento.

Há poucos relatos de quando o Extremo saiu do Guará e foi tocar em Unaí, numa história de loucuras e desencontros.

“Na cidade de Unaí, foi um vexame, viajamos mais de 300 quilômetros de ida e volta para tocar para umas vinte criaturas.”

— Heloísa, guitarrista canhota, de 19 anos, do Capital Inicial.

FEVEREIRO — RENATO RUSSO E O PEDAÇO DE BOLO

Em 2 de fevereiro, Cazuza comentou a eleição de Leonel Brizola e a possibilidade de uma nova experiência cultural no Rio de Janeiro. Falava de política, liberdade e rock’n’roll, misturando tudo com seu humor provocador.

Quatro meses depois de nosso primeiro reencontro, voltei a encontrar Renato Russo numa palestra de Maharishi Mahesh Yogi, vulgarmente chamado de “o guru dos Beatles”.

Sobreviveu a lembrança de Renato dizendo: “Dentro do disco vem um pedaço de bolo”. Essa frase ecoou dentro da minha cabeça até o dia em que encontrei o Álbum de Casamento de John e Yoko e finalmente entendi seu recado. O tal pedaço de bolo era uma fotografia triangular colorida impressa, que vinha dentro do álbum como um dos adereços.

MARÇO — UMA TENTATIVA RELIGIOSA

7º Segue-me

“A presença de Deus ilumina os lugares mais escuros e solitários de nossa vida.”

Mais uma tentativa religiosa que não vigorou. Fui aos dois dias. Depois do primeiro, pensaram que eu não prosseguiria. Esses movimentos sempre desistem das pessoas. Não são muito diferentes dos movimentos que envolvem pessoas.

PÁSSAROS AMEAÇADOS

Quinzinho PNC era pesado e rude. Aos 21 anos, entrou para a polícia. Sua ficha no Exército era impecável. Alinhado às fileiras da polícia montada, ele me disse que a primeira instrução era como usar o cassetete de forma truculenta, especialmente para cima dos petistas.

Eu já era considerado esquerdista pelas pessoas que distribuíam a fichinha do leite e do pão, que não engoliam que a família Pacheco não aderisse àquelas listas.

“Pá, coitado dos ‘Peitistas’, né? Mas sempre sobram balas.”

Quinzinho PNC me olhou com a costumeira cara de desaprovação. Eu nem sabia o que era esquerda, mas tenho certeza de que eles já me enquadravam nessa ala desde o segundo grau.

Quinzinho PNC era gigante em todos os sentidos e apostava comigo:

“Vamos ver quem compra o primeiro LP de rock do ano com a data no selo?”

Uma vez, caí na estrada com ele e seu comentário fundiu a minha cuca:

“Cuidado, passarinhos, Quinzinho, o gigante está chegando!”

Aquilo me amedrontou. Será que ele sacaria do bolso um estilingue e iria exterminar todos os pássaros pelo caminho?

Segui a vida e mantive o deboche amargo, impiedoso e corajoso. Sempre fui do contra — um contra a favor da ilicitude e do desvario.

Quinzinho PNC, nem sei se foi condecorado por ameaçar os pássaros livres e espancar “petistas”, que eram a massa de professores e trabalhadores nas manifestações que o governo do DF reprimia violentamente. Sei que, devido a um escabroso escândalo que se espalhou pelas quadras, daqueles cujo motivo todo mundo conhecia, mas ninguém abria o bico, Quinzinho PNC teve que pedir para sair da corporação.

Com o outrora big Quinzinho, nunca mais cervejas. Ele jamais fumou maconha ou deu um rolê no Conic no auge da carne fresca. Nem sei qual candidato apoia. Com ele é só uma rápida piscadela e escapo do local.

MARÇO — O ROCK BRASILEIRO EM MOVIMENTO

Em São Paulo, bandas como Áries, American Graffiti, Steria Coletiva, Comitatus, Rock Memory e Flashband circulavam pelo Bar Derepente.

Enquanto isso, o rock brasileiro continuava produzindo suas próprias histórias. A Patrulha do Espaço consolidava sua parceria com a Baratos Afins; o Joelho de Porco reaparecia com Próspero Albanese, Tico Terpins e Zé Rodrix, lançando o álbum duplo *Saqueando a Cidade*.

22 DE ABRIL — OS PUNKS TAMBÉM ESTÃO CHEGANDO

“Os punks também estão chegando. Eles vão abrir a Temporada de Rock.”

Uma ideia estilizada de modelo punk brasileiro, cruzamento da revista *Pop* com Joelho de Porco. Não éramos nada bobos: tinha muito punk nos desenhos da Turma dos Skrotinhos, e o autor da capa do fanzine, Pedro Veras, compartilhava dessa ideia.

Se fosse assim, éramos punks. E, perto dali, mas distante pra caraí, no Guará I, estavam os Magrelos, punks que gostavam de Ramones e MC5.

Do rock Brasília, eles nunca seguiram a cartilha punk. Foi um rótulo empurrado garganta abaixo. Quando digo que não é punk cortar camisas novas de gabardine, é porque nossos punks não eram de cabelo rente. Estávamos ligados em cabelos moicanos, pois as fotos de Nina Hagen saíam na *Manchete*. Ainda existia o Muro de Berlim e toda aquela parafernália da Guerra Fria.

Essa capa é importante: registra o nome do Psicose Crônica, que existiu, mesmo que por breves dias.

Essa é a capa de que mais gosto: a do cara trincado de barbitúricos. Foi feita por uma das pessoas mais próximas da minha alma.

Começava a temporada de rock no Teatro da ABO, na 916 Sul. Brasília iria conhecer, reunidos no concerto daquela noite, seus grupos punks, formados em sua maioria por músicos nascidos na cidade: Plebe Rude, XXX, Legião Urbana e Capital Inicial.

Por que são punks? Eles mesmos respondem: fomos ensinados a consumir o que vem de fora, e, se hoje somos o que somos, a culpa não é nossa. Toda a nossa geração aprendeu a gostar dos Beatles, dos Stones, de filmes americanos e de Coca-Cola.

“Rock é uma atitude, não é moda.”

— Renato Russo

Os componentes dos quatro conjuntos faziam parte do que era conhecido como “a turma da Colina da UnB”. Por volta de 1977, época da abertura e da redemocratização, embora a UnB ainda apresentasse alguns problemas, um maço de Hollywood custava cerca de Cr$ 15,00 e, na cidade, não existia nada para fazer.

Aparecia então o que iria acabar de vez com a pouca identidade que a capital tinha com a música de discoteca.

Brasília deixa de ser Brasília e passa a ser Rio de Janeiro, como o país inteiro. Para quem gostava de rock, esse foi o fim. Basta ser chamado de colonizado o tempo todo; com a moda disco, a situação piora sensivelmente.

Ainda mais porque, na mesma época, aparece um movimento original e anárquico que pretende acabar com os falsos modismos. É a moda levada ao extremo: antimoda, antiestética, antitudo.

Mas aqui é bem mais fácil controlar a juventude oferecendo a válvula de escape ideal, e não uma música que faça todos pensarem e questionarem as hipocrisias construtivas de uma sociedade falsa, à beira da autodestruição atômica. Haha.

A música de discoteca não fala desse feito. E a música popular brasileira parece estar mais preocupada com cama e mesa e a sensação das cordilheiras. O pessoal que faz letras espertas não gosta de tocar rock no Brasil. O que fazer? Será que estão todos satisfeitos?

Rock é uma atitude, não é moda. É música da África. Não é música americana. Tem no mundo inteiro.

Texto escrito por Renato Russo para o primeiro grande show reunindo as quatro principais bandas de Brasília: Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial e XXX.

A TEMPORADA DE ROCK E A IMPRENSA

O Teatro da ABO recebeu uma temporada que reuniu Plebe Rude, XXX, Legião Urbana e Capital Inicial. Era um encontro importante para o rock de Brasília, com bandas que traziam suas próprias histórias, ideias e uma atitude que não dependia de autorização.

A Plebe Rude vinha de Os Metralhas, Caos Construtivo e Blitz 64; o XXX carregava a história da antiga Blitz 64; a Legião Urbana, formada por Renato Russo e Marcelo Bonfá, passava por mudanças na formação; e o Capital Inicial reunia músicos que já vinham de outras experiências da cena local.

Além dos shows, havia exposição de fotografias, pôsteres, camisetas e badges produzidos pelos próprios integrantes. Folhetos com ideias punks eram distribuídos ao público. Não era apenas música: era uma maneira de apresentar uma identidade.

A revista *Mistura Moderna* publicou uma reportagem de Hermano Jr. sobre o rock de Brasília. A matéria registrava o interesse que a movimentação local começava a despertar fora da cidade. O movimento deixava de ser apenas uma história contada entre amigos e começava a ganhar documentação.

20 DE MAIO — ROCK’N’ROLL NO ALMOÇO DO MINISTRO

Duas notas destoantes na visita do ministro Ibrahim Abi-Ackel ao Espírito Santo no último fim de semana.

Primeiro, no almoço em homenagem ao ministro da Justiça, realizado no Vitória Palace Hotel, quatro estrelas, tudo transcorria normalmente até que a música ambiente misteriosamente aumentou para o volume máximo, com os convidados sendo compulsoriamente

obrigados a ouvir, estarrecidos, um estridente rock'n'roll. Um dos relações públicas do evento contornou a situação, desligando os fios das duas caixas de som.

O outro incidente foi mais grave: o ex-prefeito José Maria Feu Rosa, que foi candidato a vice-governador, recusou-se a mostrar ao jornalista Silvio Leite, integrante da comitiva, um abaixo-assinado que seria encaminhado ao presidente Figueiredo. Não satisfeito com a recusa, Feu Rosa ainda disse ao jornalista que "a Imprensa só publica matéria paga".

A reação de Silvio foi imediata, da mesma forma que a de outros profissionais de Imprensa ao seu lado. No auge da indignação, o jornalista dizia ter finalmente entendido as razões que levaram o PDS a perder a eleição para o PMDB por uma diferença de 168 mil votos.

— Rubens Gomes

JUNHO — REVISTAS, RECORTES E O TRABALHO DE GARIMPAR INFORMAÇÃO

A revista musical *Pipoca Moderna* só chegava à banca da Rodoviária. Uma era minha; a outra, do Camufloyd. Quando perdíamos um número, o jeito era conseguir na Distribuidora Jardim, na Asa Norte.

Não havia Sedex. Você tinha que estar trabalhando e rodar pela cidade, procurando pela *Mixtura Moderna*, que não recebia uma distribuição nacional regular. Se eu perdesse um número, procurava quem, com certeza, não faria miséria para me deixar folhear.

Era através de páginas cariocas que ficávamos sabendo o que acontecia aqui no DF — como sempre foi pelo *New York Times* que soubemos o que rola na Amazônia.

Só tínhamos recortes de jornais quando Fernando Neves retornava do estágio e trazia os cadernos dois. Era assim que líamos o *JB* e *O Globo*.

Os colecionadores tinham verdadeiros mares de revistas. As japonesas *Music Life* eram grossas como listas telefônicas. Seu papel era tão fino e as fotos tão precisas em suas páginas que pareciam a própria realidade. E eram exclusivas.

Líamos as americanas *Hit Parader* e *Circus*. Raridade era conseguir exemplares dos anos 70. Você visitava a casa de amigos paulistas e via números. Lógico que não se pediria os objetos da adolescência deles.

Essas revistas chegavam às livrarias com uma unidade ou, no máximo, duas. O segredo deles? Tinham assinaturas...

O dono daquelas revistas importadas era seboso pra caramba. Não deixava ler, sequer folhear, e mugia:

"Cuidado com as digitais!"

O DISCO DE MÁRIO PAZCHECO

Assim tomei conhecimento do disco dos astronautas, do disco de Da Vinci, do disco de Shakespeare, do disco mágico de Lewis Carroll e, agora, vem o disco de Mário Pazcheco.

Peguei os cobres, fiz vale postal e esperei uma cara para o disco chegar. Pensei: "Agora sim, eu tenho um exemplar raro; é o disco que mais ouvi".

Ia ao riacho e o disco estava tocando; abria as janelas e os pássaros cantavam. Sempre que toco esse disco, uma coisa boa acontece.

Deus, meu pai, minha família foram generosos comigo ou será que o rock'n'roll arruinou para sempre o meu saldo bancário?

Se você prestar atenção na capa, verá que não há anúncio do encarte colorido com 24 páginas!

JUNHO – A QUEIMA DOS DISCOS DO DIABO

Onde é que está o meu extintor de incêndio?

Estamos em junho de 1983, o ano da vinda do Kiss. Barreiras opositoras foram erguidas em torno de gente como você. Partiram para uma grande queima de discos do diabo – porque tudo era música do diabo, de Vivaldi aos Rolling Stones.

Tomara que queimassem tudo: até os livros do Maharishi, de Crowley e os manuais de fuga; os gibis de Walt Disney e seu *Manual do Escoteiro*; as biografias de Mao e de Che; e também os filmes, a começar por *O Exorcista*.

Eu tinha medo. Via de longe as chamas da Inquisição, lá do alto da laje do meu prédio, onde curtia um pagode com caipirinha. Era moda sair queimando acervos e certificados de exibição de filmes. Pairava no ar aquela onda de terror do Riocentro.

E foram bater à minha porta!

Minha coleção de discos nem chegava a cem unidades, e a maioria era dos Beatles – justamente os maiores discípulos de Mr. D... Devo ter explicado que aquela coleção não era minha, que eu estava a caminho do autoconhecimento, movido a muita birita e com a cabeça chapada de Kerouac.

Ah, e não se esqueçam de queimar os livros de Burroughs, as rádios, a Globo! E que ardam também com o governo!

Da patota disposta a queimar os discos, uns espertos mandaram, em seus lugares, discos de Dilermando Reis. Outros disseram que, a partir daquele momento, passariam a ouvir música bem baixinho. Deve ter havido também a tal queima da maledicência, envolvendo uns meninos que tinham, no máximo, alguns discos de Iron Maiden, Van Halen e AC/DC.

Esta foi a primeira de muitas produções culturais que vi surgir no horizonte. E, Jesus, eu, que não frequentava templos, mas bares, ficava me perguntando: por que essas coisas esdrúxulas explodiam justamente no meu portão?

Eu me sentia como os Beatles em 1966, diante daquelas fogueiras enormes, derretendo capas e vinis, enquanto o frenesi fanático tomava conta da multidão.

Hehehe! Ainda olho para os discos e os gibis e solto uma gargalhada.

Vocês escaparam. Agradeçam-me!

JUNHO – BARÃO VERMELHO NO DRIVE-IN

Eu já conhecia o Barão Vermelho pelas resenhas elogiosas na *Somtrês* e pela repercussão do primeiro disco. A banda veio tocar no Cine Drive-in, no Autódromo de Brasília. Era domingo, a cidade estava vazia e o público começou pequeno, formando depois um bloco diante do palco.

Eu ainda não conhecia direito a formação. Sérgio Serra estava em uma das guitarras, Frejat na outra, embora estivesse febril e quase não tenha tocado. Em determinado momento, pediram silêncio para que o público ouvisse a introdução de "Down em Mim", com destaque para o teclado.

Cazuza, de camiseta bicolor e short, ocupava o palco baixo com uma movimentação provocadora. Naquele momento, aquilo me causou mais estranhamento do que admiração. Eu vinha de referências como Blitz, Rádio Táxi e Gang 90 e esperava encontrar algo

mais próximo da experiência descrita por Ezequiel Neves. Não achei nada demais no som. Imaginava algo na linha do Made in Brazil.

O show foi curto. Mas ficou marcado por outros motivos: minha namorada estava se despedindo de mim e começava um relacionamento com meu melhor amigo. Eu tinha 19 anos. Na saída, frustrado por não ter vendido nenhum fanzine, joguei os exemplares para o alto.

Anos depois, na casa da fotógrafa Grace Lagôa, em São Paulo, encontrei uma fotografia colorida de Cazuza naquele show. Reconheci imediatamente: eu estava lá.

Há dois registros meus desse episódio no Do Próprio Bol$o: um situa o show em junho, outro em julho. A lembrança, o lugar e a história são os mesmos.

O NASCIMENTO DO SLEEPING VILLAGE

Ainda em 1983, comecei a produzir o *Sleeping Village – Sabbath Rock Club*, meu próprio fanzine dedicado ao Black Sabbath e a Ozzy Osbourne.

O Black Sabbath havia estampado a capa do *Jornal do Rock* nº 6, edição de maio/junho daquele ano. A partir dali, nasceu uma publicação feita na unha, com recortes, traduções, matérias e colagens.

Era o começo de uma experiência que se estenderia até 1985, com diferentes formatos e edições xerocadas. O zine fazia parte de uma pequena dissidência: enquanto muitos jovens se voltavam para Kiss, Scorpions, Iron Maiden, Judas Priest e AC/DC, eu continuava fiel ao Sabbath e à carreira solo de Ozzy.

JULHO — ARTE, MEMÓRIA E RESTAURAÇÃO

Painel de Cícero Dias

Conforme já tivemos oportunidade de informar, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, por iniciativa feliz de seu diretor, professor Alcídio Mafra de Souza, estava restaurando o painel de Cícero Dias, executado sobre papel com tinta a têmpera.

Realizado pelo pintor pernambucano no final dos anos 1920, o painel foi exposto no famoso Salão Nacional de Belas Artes, em 1930, organizado por Lúcio Costa, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes. Esse Salão deve sua fama ao fato de haver rompido com a velha regulamentação acadêmica e assim constituir-se numa audaciosa coletiva de arte moderna, com a presença de destacados artistas que sempre se conservaram alheios a um certame que não dava vez ao que de mais atual se fazia na arte brasileira.

Dada a pouca resistência do suporte, o imenso painel de Cícero Dias — com 12 metros de largura por 2 de altura — não pôde ser convenientemente conservado por seus proprietários.

Quase 50 anos depois de sua exibição, a obra, intitulada *Eu Vi o Mundo, Ele Começava no Recife*, foi doada ao Museu Nacional de Belas Artes, em 1979, em precárias condições. Apesar do lastimável estado em que se encontrava, o professor Alcídio Mafra de Souza animou-se a tentar sua recuperação. Entregou a difícil tarefa à professora Norma Carreira Peregrini, chefe da Seção de Conservação e Restauração de Obras de Arte em Papel daquele museu.

A recuperação começou em 1981 e só agora chegou ao final. Cícero Dias, que reside em Paris, foi informado do andamento do trabalho. Foi convidado a ver sua composição muito bem recuperada e deverá fazer alguns retoques indispensáveis, inclusive refazer

a assinatura que se perdeu. Em seguida, o largo painel terá local apropriado na sala de pintura moderna do museu e ficará em exposição permanente.

Fayga Ostrower e os operários

Escreveu Amylton de Almeida, da *Gazeta de Vitória*:

"Internacionalmente conhecida, premiada na Bienal de Veneza, professora de composição e análise crítica no Museu de Arte Moderna, a artista plástica Fayga Ostrower, no livro *Universos da Arte*, reata sua experiência com um grupo de operários de uma fábrica, para quem deu um curso de arte, no horário de trabalho, com as máquinas rodando. O resultado é uma experiência fascinante – o livro repete as aulas e as reflexões posteriores – que exige, antes de sugerir, a democratização do conhecimento da arte."

5 DE SETEMBRO – KINKS, O MELHOR ROCK DO MUNDO

Lançado pela Arista e produzido por Ray Davies, *State of Confusion* é o disco que tem "Come Dancing", o maior sucesso dos Kinks nessa fase, além de "Don't Forget to Dance" e da faixa-título.

10 DE SETEMBRO – BEATLES FOREVER

A grande chance de ver os Beatles no palco, "ao vivo".

Poucas vezes tinha visto alguém tocar profissionalmente guitarra ao vivo – talvez só os guitarristas do Walter Franco e Tony Osanah, do Raul Seixas, no Rock Cerrado.

Marcus Rampazzo arrebentou. Fez o solo de Eric Clapton em "While My Guitar...".

Então, Deus, o cara que cuida de todas as coisas, nos colocou frente a frente num tête-à-tête, e eu deslizei, sôfrego e insaciável, minhas mãos sobre as guitarras num quarto de hotel.

Para Marcus Rampazzo, que descanse em paz! Só houve um guitarrista, e esse era George Harrison!

Beatles Forever

IN CONCERT



SHOW AO VIVO COM O MAIS COMPLETO GRUPO DO MOVIMENTO DA BEATLEMANIA

UM DOCE RETORNO AOS ANOS DOURADOS DA DÉCADA DE 60. CINCO ANOS DE ENSAIOS E PESQUISAS QUE RESULTARAM NUM ESPETÁCULO DE QUASE 2 HORAS DE DURAÇÃO, ONDE SÃO INTERPRETADAS CERCA DE 25 MÚSICAS, DAS MAIS DIVERSAS FASES DO GRUPO INGLÊS, COM O REQUINTE DE SE UTILIZAR O INSTRUMENTAL, VESTUÁRIOS, BIGODES E PERUCAS IDÊNTICOS AOS ORIGINAIS.

VOCÊ ASSISTE AO SHOW NA SALA VILLA LOBOS

DO TEATRO NACIONAL DE BRASILIA

nos dias 10 e 11 de Setembro (sábado e domingo) às 18:00 e 21:15 Horas.

Ingressos à venda na bilheteria do teatro nacional.

1º DE OUTUBRO – O RADIALISTA RENATO RUSSO

Renato Russo assina sua carteira de trabalho como locutor na Rádio Planalto, emissora dos Diários Associados. Exerce também as funções de apresentador e programador nos programas *Reprise*, *Primeira Classe* e *With The Beatles*.

Renato trabalhou na rádio por apenas dois meses. Sua saída acontece em dezembro, quando pede demissão devido aos compromissos com a Legião Urbana.

9 DE NOVEMBRO – PUNKS DA CAPITAL

Movimento que começou no Lago só agride com música.

Bosco era menino assim como nós, que íamos aos shows de todas as escolas. Eu falava mesmo era com Félix Amorim. Nem sabia que Bosco, amigo do Carlão, também tocava guitarra.

Carlão, segundo ele mesmo, começou a vida lavando carros no estacionamento do Ministério da Agricultura. Raras vezes fui à Biblioteca do Ministério, onde trabalhava Claeydson. Em outros andares, Marlene e o vocalista Castello Branco eram colegas de Bosco, que era lotado no Gabinete do Ministro.

Como seria a cena do ministro dando bom-dia para Bosco no mesmo elevador?

Das assembleias e festas, subíamos para a Rodoviária.

Eu estive no Bar Esperança, na QE 32 – onde tudo aconteceu e não precisa acontecer mais... Não que eu não saísse de lá. Eu devia estar procurando "emprego" nos classificados. Meus predicados eram a datilografia e a teletipia.

Virei fã e começava a ler o jornal pelo Marão Eugênio, depois a página de esportes. O problema é que o jornal passava por muitas mãos e eu conseguia uma dessas páginas na lixeira. Jornal naquele tempo era caro, mas a pilantragem, a malandragem e a bandidagem tinham mais leitura.

Lia a coluna do Mário Eugênio, que pagava o salário dos jornalistas, com um medo do caramba de sair o nome de algum amigo, pois ele publicava todas as ocorrências policiais, até furto de galinha!

Mário Eugênio pode ter sido um grande fdp por ter fodido a vida de muitos garotos, ligando suas vidas precoces à carreira criminal. Mas ele também tinha coragem de falar de Ana Lídia.

Te chamo de cuzão: você não folgaria com Mário Eugênio, pois ele esfregaria o três-oitão na sua cara.

Sucesso era frequentar as páginas criminais da cidade. Éramos inimigos da polícia. A polícia reprimia manifestações artísticas e qualquer reunião com mais de quatro pessoas.

DAS COISAS QUE FAZEMOS NA VIDA E (NÃO) NOS ARREPENDEMOS...

De graça, o poeta Véber entrava numas comigo, e eu fazia vistas grossas.

Numa noite, debaixo do poste de luz, rasguei minha camisa e pedi uma força para amarrá-lo no poste. Não me pergunte como, mas sempre alguém topava participar dessas ideias iluminadas.

E Véber ficou amarrado e gritando:

"Me soltem!"

Quem se aproximava, eu dizia:

“Ele é louco e vai parar no hospício...”

Finalmente, ele se soltou, e eu estou correndo até agora e rindo muito.

QE 32 – O BAR, A PADARIA E O FREEZER

QE 32, Bloco B. Possivelmente ali, no canto esquerdo, Luís Padeiro, que deixou saudade, carrega engradados para o puxadinho da padaria que virou bar.

Eu cursava finalmente o fim do Segundo Grau, aos 19 anos. Numa sexta-feira à noite, voltei do Colégio J.K. e fui ao Bar do Quindeu, no fundo da casa-loja onde eu morava, no Bloco A, lado oposto do B.

Era uma noite tropical. As pessoas entoavam “Dá-me um Cornetto, muito crocante”. Várias embalagens de Chicabons espalhadas pelo chão e, nas mãos, picolés de goiaba e de limão.

No outro dia, Motta, o dono da padaria, passou por lá recolhendo as cascas e os papéis. Na noite anterior, usaram uma imensa barra de ferro maleável para arrastar o freezer até as grades de proteção do puxadinho e evadiram com caixas e potes.

Motta, o empresário gente boa, não fez nada e jamais voltou a vender sorvete.

BAILA COMIGO – PRIMEIRO NÍVEL ONÍRICO

Da esquerda: a namorada do Véber, já falecido, poeta; Hugney Geraldo, contrabaixo; Pazcheco, canto silencioso; e Véber.

Assim caminhava a humanidade, em passos desordenados desde 1981!

Mário e Hugney Geraldo cursaram o Segundo Grau no Centrão. À noite, descobriram a aventura de frequentar a QE 19, o point nessa época e, no fim de semana, o Salão de Múltiplas Funções.

– Foto: Ivaldo Cavalcante.

MEMÓRIA EPISÓDICA

– O Pantera sempre repetia a cassete com aquele hit do Frampton: “Breaking All the Rules”!

– A equipe de som de vocês tocava discos ou era tudo fita?

Em minhas memórias, a experiência do Salão de Som do Pantera é uma marca feita a ferro e fogo. Episódios inaugurais de nossa existência, tais como o primeiro beijo, a primeira viagem através de paraísos clandestinos: a gente nunca esquece.

EPITÁFIO UNDERGROUND – A VIDA DELES DARIA UM FILME

Décadas antes do cosplay e dos quase sósias, clones e fakes, atravessei uma noite de sábado mergulhado em febre alta e relembrando o saudoso Michael Jackson da QE 32.

Andarilho descalço, notável pedinchante de cigarros, arrastava a barra da calça boca de sino listrada pelo asfalto e – ai, que dó! – sempre nu da cintura para cima, suplicando por um violão, do qual não sabia combinar três notas harmônicas.

Chamavam-no de Michael Jackson. Acho que porque era moreno e miúdo.

NESSA HISTÓRIA SÓ TINHA LED ZEPPELIN

Nesta galáxia também habitava o rockstar Roberto Plant, da QE 28.

Nos anos de lazer na praça, uma das maiores sensações era o esguio Roberto Plant da QE 28. Um dos malucos da paz, sempre sem camisa, bronzeado, cabelos curtos e o rosto marcado por eczemas lunares.

Não havia uma só atividade nas redondezas em que nosso Robert Plant particular não prestasse a tradicional canja: enroscado no pedestal, abraçado ao microfone, com a cabeça levemente inclinada, os quadris fechados e o tronco retesado, sua postura era bem Robert Plant. Desabusado, trauteava:

“See Me / Feel Me / Touch Me / Heal Me”.

Apesar de carregar o nome dos Led Zeppelin, na hora da convocação se bandeava para o The Who.

Num domingo, no Guará I, fomos ensaiar em trio num canteiro de obras onde Júlio “Page” trabalhava como apontador. Ele na Gibson, além de um colega dele e eu. Na hora, minha inaptidão nas quatro cordas foi determinante para que eu fosse sumariamente defenestrado do conjunto!

Eis que, do nada, irrompendo vociferante, surge pelos portões do canteiro da obra nosso Roberto Plant. Aos brados, anunciou em frenesi:

“Vocês tocaram como homens!”

Com uma única pose para a câmera, achei melhor fazer o registro. Um dos caras do trio – agora um duo – disse:

“Você deveria era ter feito uma foto nossa.”

E propôs que eu aprendesse gaita para retornar à banda. Fiquei p., não necessariamente com minha exclusão, mas tomado por um cioso e íntimo desprezo pela gaita de boca.

Objetei:

“Vocês deveriam convidar o Roberto Plant para os vocais.”

Foi a gota d’água, o solo sem cordas, o desafino sem perdão. Por conta da amizade com Júlio “Page”, que era um bárbaro guitarrista, aquele meu último ensaio com eles foi tolerado.

“Roberto Plant era uma figuraça, ele chegava na roda de violão em hora de ensaio e já soltava logo a voz. A gente dava um tempo dos trabalhos para viajar um pouco com ele, eu jogava uns acordes e ele mandava um The Who... Muito boa a lembrança.”

– Miro Ferraz

CALOTE DE PASSAGEM DE QUANDO O ROCK BRASÍLIA NEM EXISTIA

Pior calote do mundo era ao meio-dia, na W3 Sul.

Sem direito de ir e vir. Você não entende que calotar era um ato de rebeldia e que a prática se espalhou pelas linhas. Imagine o prejuízo das empresas. A passagem era cara como um lanche e ainda não tinham inventado o vale-transporte para o trabalhador.

O problema crucial era a mixaria para comprar um livrinho da coleção Primeiros Passos, pagar as duas passagens, tomar um caldo e comer um pastel.

Estudante não tinha grana; nossos pais também não. Tornei-me meio biscateiro, colocando pequenos pedaços de vidro nas casas para garantir os LPs, o rango, o frango, a vódica, o Velho Barreiro e o chapinha. Andávamos de bicicleta.

“Calotar era doido demais. As empresas colocaram leões de chácara que, quando pegavam a gente, no cacete, era f***. Depois do meu primeiro calote, hum! Nem aí para os seguranças: era todo dia.”

“Nos 80s, ir parar na Discoteca Zoom, no Gilberto Salomão, era emoção, só no calote. Mas eu tinha medo. Não de ser pego; o problema seria se a denúncia do calote chegasse lá em casa. Então, eu ia mais cedo e, quando a galera chegava, inventava mil histórias de calote.

Eu tinha um amigo, o Jarbas, que sabia. Um dia, ele me enquadrou: ‘Ou você calota comigo ou conto para todos a sua farsa!’

Humf! Foi o jeito de ir com ele.

Quando chegamos à parada, a adrenalina estava a mil. O baú vai parando, o ‘esperto’ do Jarbas abre o vidro da janela e pula. A porta se abre e eu desembarco. Vejo, então, o espertalhão esticado entre o meio-fio e a calçada, gritando. Torceu o tornozelo. Mesmo assim, conseguiu correr para dentro da Discoteca Zoom.

Eu dançava ouvindo Hojerizah, e ele, com gelo nas canelas. O resto é história...”

“Punk! O Leleco derrubou uma senhora com as compras na 509 Sul. Foi laranja para tudo que é lado da pista, e ele não sabia se ajudava a velhinha ou corria. O susto dos gritos dela, assombrada com seu moicano de três palmos de altura... Bons tempos.”

— Antônio Gonçalves

SAPATEADO EM CIMA DO ÔNIBUS

Nos cinco dias da semana, Todinho, do Gama, conduzia o ônibus da linha W3 Sul–Guará para a 4ª DP. Outro motorista, seu Chico, abria o sorriso, e eu descia.

Algumas vezes, na cara dura, comprava o livro e voltava duro. De vez em quando, me sacaneavam e me levavam para falar com o fiscal — isso no Guará.

Na volta, depois da semana de inauguração do Park Shopping SIA/Guará, alguns caloteiros arrebentavam a trava da janela de segurança.

Naqueles idos, ainda não se conhecia a expressão “surfar”, pelo menos em ônibus. Para o condutor assustado, “eles sapateavam em cima do teto do coletivo”.

Todinho fazia as curvas em marcha lenta para que ninguém caísse.

MAIORIDADE, SILÊNCIO E VIDA DUPLA

Eu tinha 19 anos. Chegar à maioridade significava também que não dava mais para pisar na bola: a partir dali você responderia pelas próprias infrações.

Minha família estranhava aqueles jovens que me procuravam. Era tudo na maior sujeira, sempre na surdina. Nada de telefonemas, nada de nomes. O código era silêncio total. Eles estavam de olho em nós, e a pressão era grande. Ninguém podia saber o que fazíamos ou o que conseguíamos.

Livros, revistas e discos eram mocados. Bola, bicicleta, onde passou a noite, dormiu onde? Vivíamos de histórias paralelas, de vidas duplas e de *Lick It Up* no toca-fitas.

Emancipávamo-nos rápido. Até hoje, meu comportamento conserva alguma coisa daqueles tempos.

UM CHÁ DO DIABO

Uma correntinha enfeitava o pescoço de Johnny. Preso ao fio fino de metal, na altura do peito, havia um anel. Um dia, ele colocou dentro dele uma linda flor branca em forma de trombeta.

Pensei: esse cara está curtindo o barato do flower power ou quer virar integrante dos Meninos de Deus?

No fim de semana, Johnny pirou e foi levado para o H-Pap. Fui visitá-lo. O enfermeiro me tranquilizou: ele estava tomando soro na veia e logo receberia alta.

Johnny sumiu.

Tempos depois, finalmente, vi-o na divisa de terra batida entre os dois conjuntos. Gritei:

— Johnny!

Ele saiu correndo.

Pensei que fosse uma brincadeira e saí correndo atrás dele, sempre gritando:

— Johnny! Johnny!

O tempo passou. Um dia, encontrei Johnny novamente. Ele ostentava a expressão de quem tinha visto Deus. Então me contou que, naquele dia, enquanto eu corria atrás dele, havia me enxergado como um diabo flamejante, gargalhando enquanto o perseguia.

Ainda fez questão de frisar que, naquela época, tinha um belo físico — e que agora estava daquele jeito.

Temi pela minha integridade física. Mas escapei.

Johnny cortou o cabelo e jogou nas minhas costas todos os seus erros. Depois daquele episódio, nunca mais fomos amigos.

O Extremo tinha o hábito de fazer shows naquelas quadras ímpares do Guará I, as QEs 1 e 3. De vez em quando, porém, o show nem rolava. Os caras se dispersavam:

— Estou em semana de provas...

— Minha mãe está esperando pelo pão...

Eram desculpas estapafúrdias, mas nunca para bolar um beque.

— Cadê o Tuca?

— Quem, quem?

Johnny não estava para brincadeira.

— Mário, você sabe de quem estou falando!

Tentei localizar Tuca na praça com uma única olhada, mas não o vi. Entrei nesse fogo cruzado porque tinha apresentado Érica Frampton, a mina do cabelo celeste, a ele. Não tenho certeza de que Tuca tenha sido galante com aquele papo de mina pra lá, mina pra cá.

Johnny me passou um recado de corno bravo, que servia tanto para mim quanto para Tuca:

— Olha o que as drogas fizeram comigo! Eu tinha um corpo sarado. E não esqueci de você correndo como um demônio atrás de mim naquele dia.

Johnny havia surtado de chá de beladona, e eu o persegui, gritando, esbravejando ou curtindo. Até hoje, não sei direito.

Fiquei com o cuzinho na mão. Ou ele quebrava meu nariz e sujava meu macacão de sangue, ou me dava uma rasteira. E eu ali, longe de casa, longe da QE 32 e sozinho.

— Homem, deixe disso, deixe de besteira! Ela está na sua casa — tentei apaziguá-lo.

Era 1983. Eu tinha apenas 19 anos.

O GUARÁ, O REGGAE E A PAISAGEM QUE DESAPARECEU

As fotografias do Sindicato do Reggae registram um passeio ecológico de 1983 pela Colônia Agrícola Bernardo Sayão, no Guará II. A região ainda conservava suas 14 chácaras, a vegetação era densa e o Córrego Vicente Pires tinha águas limpas e abundantes.

A Bica, onde hoje está o Parque Denner, era um ponto de encontro. O pontilhão ferroviário aparecia ao fundo, e a paisagem ainda guardava uma dimensão quase rural.

Os jovens do Sindicato do Reggae aproveitavam aquele território de liberdade, amizade e natureza.

São imagens de um Guará que já não existe da mesma maneira. Mais do que fotografias de um passeio, são fragmentos da minha infância e juventude, de uma época em que a cidade ainda respirava por entre as chácaras.

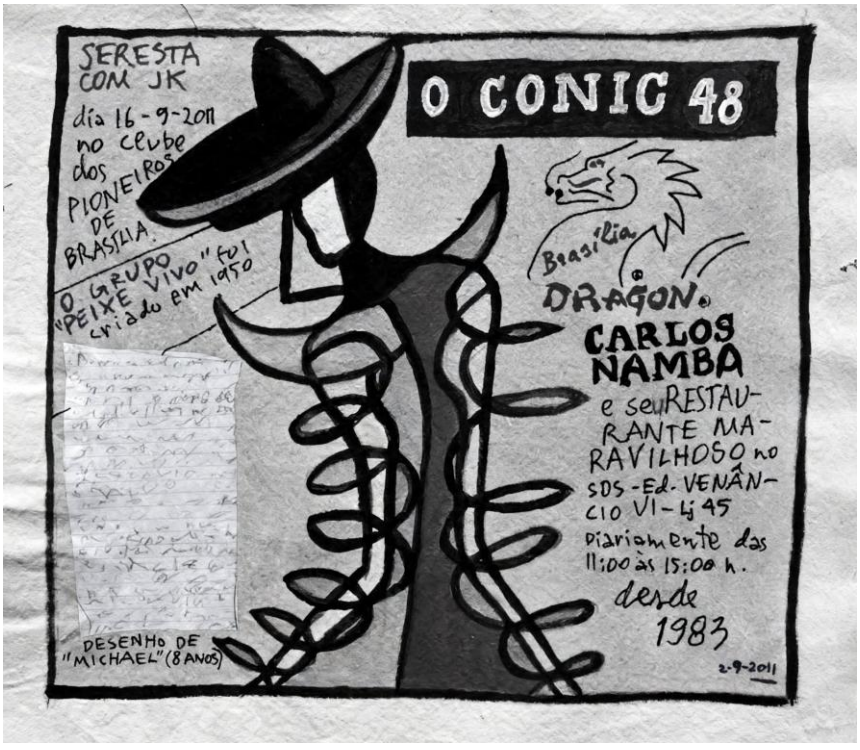
BRASÍLIA DRAGÃO — CARLOS NAMBA

A mostra *Brasília Dragão*, de Carlos Namba, no SDS, Edifício Venâncio, pertence à memória visual daquele período.

No centro, um desenho infantil de Michael, aos oito anos: um dragão colorido.

Outras imagens e referências completam esse pequeno inventário: Berlin Discos, Restaurante Aragão — o Dragão —, um quadro de veleiro com moldura laranja e uma mulher de chapéu amarelo gigante.

São registros que ajudam a recompor a paisagem urbana e afetiva da época. O desenho de uma criança, os estabelecimentos comerciais, as imagens de decoração e os personagens anônimos também fazem parte da história de uma cidade.



SERENATA COM JK NO CLUBE DOS PIONEIROS

Seresta com JK no Clube dos Pioneiros, acompanhada pelo grupo Peixe Vivo.

Um registro que se junta às lembranças de uma Brasília em que os encontros culturais, as festas e as manifestações populares conviviam com a movimentação de uma juventude cada vez mais interessada em criar sua própria cena.

CONIC — UM PONTO DE ENCONTRO

O Conic já aparecia como lugar de encontro, circulação e descoberta. Era um território documental da cidade, um espaço em que diferentes personagens, interesses e experiências se cruzavam.

O texto de Virgílio Neto sobre a saudade de Brasília, escrito quando morava em Campo Grande, acrescenta outra perspectiva: a de quem está longe e passa a reconstruir a cidade pela memória.

Berlin Discos, Restaurante Aragão, o Dragão e os demais pontos de referência compõem esse mapa afetivo. O Conic não era apenas um conjunto de lojas e corredores: era um ponto de encontro, um lugar de passagem e permanência, onde a cidade se reconhecia em seus próprios personagens.

SEGUNDO SEMESTRE — O ROCK SEGUE EM MOVIMENTO

Em setembro, o Kiss lançou *Lick It Up*, primeiro álbum depois de abandonar a maquiagem que havia se tornado sua marca registrada.

Em dezembro, o Made in Brazil e a Patrulha do Espaço se encontraram em dois espetáculos no Tuca, em São Paulo. Os Paralamas do Sucesso lançaram *Cinema Mudo*, seu primeiro LP.

28 DE DEZEMBRO — O BEACH BOY QUE O MAR LEVOU

Marina del Rey — O baterista do conjunto The Beach Boys, Dennis Wilson, de 39 anos, afogou-se no último dia 28 à noite no Pacífico, perto da costa californiana de Marina del Rey.

"Wilson e alguns amigos estavam num barco, quando ele escorregou e caiu no mar. Tentou nadar até a embarcação, mas não conseguiu. Seu corpo foi encontrado uma hora mais tarde", disse o delegado de Marina del Rey, subúrbio de Los Angeles.



Dennis Wilson, seu irmão Brian e Carl, além de seu primo Mike Love e Al Jardine, fundaram o conjunto Beach Boys no começo dos anos 60. Desde então, gravaram 35 discos e ganharam 15 discos de ouro. Entre seus principais sucessos estão "Good Vibrations", "California Girls" e "Surfin' U.S.A.".

OUTROS REGISTROS DE 1983

O arquivo daquele ano também guarda textos e imagens que merecem permanecer associados a esta cronologia:

- **Ozzy Osbourne:** “O feiticeiro vodu do ritmo do diabo”.
- **Janis Joplin:** “A branca de voz mais negra”, texto assinado por Mário Pazcheco.
- **Arnaldo Baptista:** fotografia de bastidores de um show no Tuca, em 1983, com Dudu Chermont, Arnaldo e Rolando Castello Jr.
- **Raul Seixas:** lançamento do álbum *Raul Seixas*, conhecido também como *Carimbador Maluco*.
- **Patrulha do Espaço:** o disco branco e sua repercussão entre os fãs.
- **Renato Russo:** o texto de 22 de abril, publicado no *Correio Braziliense*, acompanhando a temporada de rock na ABO.

1983 foi feito de discos, recortes, fotografias, fanzines, shows e histórias que pareciam não ter importância para mais ninguém. Mas eram nossas. O Guará, o Conic, as chácaras, os bares, os ônibus, os amigos e os personagens que atravessavam nossas noites formavam um universo próprio.

Eu ainda não tocava instrumento algum, mas já participava daquela história à minha maneira: escrevendo, colecionando, fotografando, procurando discos, inventando fanzines e correndo atrás do próximo acontecimento.

O rock não era somente aquilo que saía dos alto-falantes. Era também a maneira de ocupar o mundo.

Baila Comigo

Primeiro nível onírico.



Da esquerda, a namorada do Véber (já falecido, poesia); Hugney Geraldo, contrabaixo; Pazcheco, canto silencioso e Véber — assim caminhava a humanidade, em passos

desordenados desde 1981! Mário e Hugney Geraldo cursaram o Segundo Grau no Centrão. À noite descobriram a aventura de frequentar a QE 19, o point nessa época e no fim de semana, o Salão de Múltiplas Funções.

– Foto*: Ivaldo Cavalcante*

Memória Episódica

– O Pantera sempre repetia a cassete com aquele hit do Frampton: "Breaking All The Rules"!

– A equipe de som de vocês tocava discos ou era tudo fita?

Em minhas memórias, a experiência do Salão de Som do Pantera é uma marca feita a ferro e fogo – episódios inaugurais de nossa existência tais como o primeiro beijo, a primeira viagem através de paraísos clandestinos, a gente nunca esquece.

Epitáfio underground, a vida deles daria um filme

Décadas antes do cosplay e dos quase sósias, clones e fakes, atravessei uma noite de sábado mergulhado em febre alta e relembrando o saudoso Michael Jackson da QE 32. Andarilho descalço, notável pedinchante de cigarros, arrastava a barra da calça boca de sino listrada pelo asfalto, e – ai que dó! – sempre nu da cintura pra cima, suplicando por um violão, do qual não sabia combinar três notas harmônicas. Chamavam-no de Michael Jackson, acho que porque era moreno e miúdo.

Nessa História só tinha Led Zeppelin

Nesta galáxia, também habitava o rockstar Roberto Plant, da QE 28.

Nos anos de lazer na praça, uma das maiores sensações era o esguio Roberto Plant da QE 28. Um dos malucos da paz, sempre sem camisa, bronzeado, cabelos curtos e o rosto marcado por eczemas lunares. Não havia uma só atividade nas redondezas em que nosso Robert Plant particular não prestasse a tradicional canja: enroscado no pedestal abraçado ao microfone com a cabeça levemente inclinada, os quadris fechados e o tronco retesado, sua postura era bem Robert Plant, desabusado, trauteava: "See Me / Feel Me / Touch Me / Heal Me". Apesar de carregar o nome dos Led Zeppelin, na hora da convocação se bandeava para o The Who.

Num domingo, no Guará I, fomos ensaiar em trio num canteiro de obras onde Júlio "Page" trabalhava como apontador. Ele na Gibson, além de um colega dele e eu. Na hora, minha inaptidão nas quatro cordas foi determinante para que eu fosse sumariamente defenestrado do conjunto!

Eis que, do nada, irrompendo vociferante, surge pelos portões do canteiro da obra, nosso Roberto Plant, e, aos brados, anunciou em frenesi: "Vocês tocaram como homens!". Com uma única pose para a câmera, achei melhor fazer o registro. Um dos caras do trio (agora um duo) disse: "Você deveria era ter feito uma foto nossa", e propôs que eu aprendesse gaita para retornar à banda. Fiquei p., não necessariamente com minha exclusão, mas tomado por um cioso e íntimo desprezo pela gaita de boca. Objetei: "Vocês deveriam convidar o Roberto Plant para os vocais". Foi a gota d'água, o solo sem cordas, o desafino sem perdão. Por conta da amizade com Júlio "Page" – que era um bárbaro guitarrista – aquele meu último ensaio com eles foi tolerado.

"Roberto Plant era uma figuraça, ele chegava na roda de violão em hora de ensaio e já soltava logo a voz, a gente dava um tempo dos trabalhos para viajar um pouco com ele, eu jogava uns acordes e ele mandava um The Who... muito boa a lembrança."

— *Miro Ferraz*

Calote de passagem de quando o rock Brasília nem existia

Pior calote do mundo era ao meio-dia, na W3 Sul

Sem direito de ir e vir. Você não entende que calotar era um ato de rebeldia e que a prática se espalhou pelas linhas. Imagine o prejuízo das empresas. A passagem era cara como um lanche e ainda não tinham inventado o vale-transporte para o trabalhador.

O problema crucial era a mixaria para comprar um livrinho da coleção *Primeiros Passos*, pagar as duas passagens, tomar um caldo e comer um pastel. Estudante não tinha grana; nossos pais também não. Tornei-me meio biscateiro, colocando pequenos pedaços de vidro nas casas para garantir os LPs, o rango, o frango, a vódica, o velho barreiro e o chapinha. Andávamos de bicicleta.

"Calotar era doido demais. As empresas colocaram leões de chácara que, quando pegavam a gente, no cacete, era f***. Depois do meu primeiro calote, hum! Nem aí para os seguranças: era todo dia."

"Nos 80s, ir parar na Discoteca Zoom, no Gilberto Salomão, era emoção, só no calote. Mas eu tinha medo. Não de ser pego; o problema seria se a denúncia do calote chegasse lá em casa. Então, eu ia mais cedo e, quando a galera chegava, inventava mil histórias de calote. Eu tinha um amigo, o Jarbas, que sabia. Um dia, ele me enquadrou: 'Ou você calota comigo ou conto para todos a sua farsa!' Humf! Foi o jeito de ir com ele. Quando chegamos à parada, a adrenalina estava a mil. O baú vai parando, o 'esperto' do Jarbas abre o vidro da janela e pula. A porta se abre e eu desembarco. Vejo, então, o espertalhão esticado entre o meio-fio e a calçada, gritando. Torceu o tornozelo. Mesmo assim, conseguiu correr para dentro da Discoteca Zoom. Eu dançava ouvindo Hojerizah, e ele, com gelo nas canelas. O resto é história..."

"Punk! O Leleco derrubou uma senhora com as compras na 509 Sul. Foi laranja para tudo que é lado da pista, e ele não sabia se ajudava a velhinha ou corria. O susto dos gritos dela, assombrada com seu moicano de três palmos de altura... Bons tempos."

— Antônio Gonçalves

Sapateado em cima do ônibus

Nos cinco dias da semana, Todinho (Gama) conduzia o ônibus da linha W3 Sul–Guará para a 4ª DP. Outro motorista, Seu Chico, abria o sorriso, e eu descia. Algumas vezes, na cara dura, comprava o livro e voltava duro. De vez em quando, me sacaneavam e me levavam para falar com o fiscal — isso no Guará.

Na volta, depois da semana de inauguração do Park Shopping SIA/Guará, alguns caloteiros arrebentavam a trava da janela de segurança. Naqueles idos, ainda não se conhecia a expressão surfar (pelo menos em ônibus). Para o condutor assustado, "eles sapateavam em cima do teto do coletivo". Todinho fazia as curvas em marcha lenta para que ninguém caísse.

Maioridade, silêncio e vida dupla

Eu tinha 19 anos. Chegar à maioridade significava também que não dava mais para pisar na bola: a partir dali você responderia pelas próprias infrações.

Minha família estranhava aqueles jovens que me procuravam. Era tudo na maior sujeira, sempre na surdina. Nada de telefonemas, nada de nomes. O código era silêncio total.

Eles estavam de olho em nós, e a pressão era grande. Ninguém podia saber o que fazíamos ou o que conseguíamos.

Livros, revistas e discos eram mocados. Bola, bicicleta, onde passou a noite, dormiu onde? Vivíamos de histórias paralelas, de vidas duplas e de *Lick It Up* no toca-fitas.

Emancipávamo-nos rápido. Até hoje, meu comportamento conserva alguma coisa daqueles tempos.

Um chá do diabo

Uma correntinha enfeitava o pescoço de Johnny. Preso ao fio fino de metal, na altura do peito, havia um anel. Um dia, ele colocou dentro dele uma linda flor branca em forma de trombeta.

Pensei: esse cara está curtindo o barato do flower power ou quer virar integrante dos Meninos de Deus?

No fim de semana, Johnny pirou e foi levado para o H-Pap. Fui visitá-lo. O enfermeiro me tranquilizou: ele estava tomando soro na veia e logo receberia alta.

Johnny sumiu.

Tempos depois, finalmente, vi-o na divisa de terra batida entre os dois conjuntos. Gritei:

— Johnny!

Ele saiu correndo.

Pensei que fosse uma brincadeira e saí correndo atrás dele, sempre gritando:

— Johnny! Johnny!

O tempo passou. Um dia, encontrei Johnny novamente. Ele ostentava a expressão de quem tinha visto Deus. Então me contou que, naquele dia, enquanto eu corria atrás dele, ele havia me enxergado como um diabo flamejante, gargalhando enquanto o perseguia.

Ainda fez questão de frisar que, naquela época, tinha um belo físico — e que agora ele estava daquele jeito. Temi pela minha integridade física.

Mas escapei.

Johnny cortou o cabelo e jogou nas minhas costas todos os seus erros. Depois daquele episódio,

nunca mais fomos amigos.

Era 1983.

Eu tinha apenas 19 anos.

•

O Extremo tinha o hábito de fazer shows naquelas quadras ímpares do Guará I, as QEs 1 e 3. De vez em quando, porém, o show nem rolava. Os caras se dispersavam: — Estou em semana de provas... — Minha mãe está esperando pelo pão... Eram desculpas estapafúrdias, mas nunca para bolar um beque.

— Cadê o Tuca?

— Quem, quem?

Johnny não estava para brincadeira.

— Mário, você sabe de quem estou falando!

Tentei localizar Tuca na praça com uma única olhada, mas não o vi. Entrei nesse fogo cruzado porque tinha apresentado Érica Frampton, a mina do cabelo celeste, a ele. Não tenho certeza de que Tuca tenha sido galante com aquele papo de mina pra lá, mina pra cá.

Johnny me passou um recado de corno bravo, que servia tanto para mim quanto para Tuca.

— Olha o que as drogas fizeram comigo! Eu tinha um corpo sarado. E não esqueci de você correndo como um demônio atrás de mim naquele dia.

Johnny havia surtado de chá de beladona, e eu o persegui, gritando, esbravejando ou curtindo. Até hoje, não sei direito.

Fiquei com o cuzinho na mão. Ou ele quebrava meu nariz e sujava meu macacão de sangue, ou me dava uma rasteira. E eu ali, longe de casa, longe da QE 32 e sozinho.

— Homem, deixe disso, deixe de besteira! Ela está na sua casa — tentei apaziguá-lo.



28 de dezembro

O Beach Boy que o mar levou

Marina del Rey – O baterista do conjunto The Beach Boys, Dennis Wilson, de 39 anos, afogou-se no último dia 28 à noite no Pacífico, perto da costa californiana de Marina del Rey. "Wilson e alguns amigos estavam num barco, quando ele escorregou e caiu no mar. Tentou nadar até a embarcação, mas não conseguiu. Seu corpo foi encontrado uma hora mais tarde", disse o delegado de Marina del Rey, subúrbio de Los Angeles.

Dennis Wilson, seu irmão Brian e Carl, além de seu primo Mike Love e Al Jardine, fundaram o conjunto Beach Boys no começo dos 60s. Desde então, gravaram 35 discos e ganharam 15 discos de ouro; entre seus principais "Good Vibrations", "California Girls" e "Surfin' U.S.A.".

DE CARROÇA, RUMO AO ENCONTRO DOS MÚSICOS DO GUARÁ

Produzido pelo Grupo Presença, do Guará I – Litinho, Loirinho, Luiz Goiano, Pedro Lúcio e Paulo Romano –, em parceria com a Galeria Cabeças, Neio Lúcio e Nicolas Behr, com apoio da TV Nacional.

Fim dos anos 70, aurora dos anos 80. Espalhavam-se festivais de música pelos colégios particulares e públicos das cidades-satélites de Brasília. Em 1982, na praça comunitária da QE 4, em frente ao Jumbo, aconteceu o primeiro *Encontro de Músicos do Guará*, em formato acústico. A sigla EMG inspirou a óbvia paródia fascista: "encontro de maconheiros". Sucesso de público, o festival ganhou fôlego e expandiu-se para o Teatro de Arena do Cave.

Havia também uma variação no nome: *Encontro de Músicos no Guará*. A cidade recebia Liga Tripa, Mel da Terra, Essência, Blitx 64, Elite Sofisticada e Plebe Rude. Para muitos, era o primeiro contato com essas bandas.

O cineasta Gontijo lembrou que o guitarrista do Blitx 64, Ico Ouro Preto, sofria de "cagaço de palco".

Fazia parte da essência do festival abrir espaço para músicos amadores da própria cidade, como o violonista e beatlemaníaco Zenas de Oliveira.

"Nesta época, o professor Brandes, administrador do Guará, e o senhor Márcio, secretário de cultura, colaboraram com o espaço do Teatro de Arena, mais a aparelhagem de som do Pardal ou o Som do Hermann, as únicas capazes de atender ao porte do Teatro. Ainda havia o palco do Detur. Aconteceram cinco encontros, quatro no Teatro de Arena, com a média de mil espectadores por evento."

– *Litinho (Weliton Vicente de Oliveira)*

O último EMG foi o mais pesado, com bandas de hard rock cantando em português e apresentando material próprio, como Fusão e Extremo.

Mas nem todas as bandas que passaram pelos encontros conseguiram deixar registros. Algumas apareceram, ganharam notoriedade entre os frequentadores e simplesmente desapareceram. Enigma e Cabeça Solta são exemplos dessa história subterrânea. O Cabeça Solta era conhecido. Quem viveu aquela época, acompanhou o *Concerto Cabeça* e a Banda Grande Circular certamente se lembra.

"No segundo EMG, aconteceu um episódio que ajudou a tornar o Cabeça Solta ainda mais conhecido. A aparelhagem de voz queimou justamente quando a banda acabava de subir ao

palco. Alguém, possivelmente Pardal, foi buscar outro equipamento. Enquanto isso, o Cabeça Solta improvisou durante mais de uma hora, talvez uma hora e meia. O público acabou conquistado pela apresentação. O guitarrista Pierre era muito bom. Vi apenas dois shows do Cabeça Solta. Depois, nunca mais."

— Ricardo Lima, baterista do trio Extremo

Entre os acompanhantes do movimento estavam o professor e escritor Lincon Lacerda, uma das pessoas que mais compareciam às apresentações de arte em Brasília, e o guitarrista Miro Ferraz, que já tocava na Durangos d'América.

"O Lincoln Lacerda, meu amigo, garoto, já era poeta e sei que muitos."

— Litinho

A tarde era triste, pois tinha que trabalhar aos sábados. Atrasado, esperava o ônibus na pista central do Guará, na altura da QE 32. O coletivo demorava uma eternidade. Foi quando ouvi o ritmo do galope, o trote de uma carroça. Argemiro, o condutor, foi gentil e acelerou o passo dos animais até a QE 15. Seguiria para o Guará I, onde recolheria folhagem no mercado para alimentar os bichos da chácara.

O quarteto Fusão apresentou as conhecidas músicas "Chuva na Praça" e "Punk Garota". No final, Marco, Bahia, Rodrigo e Renato se atiraram na plateia. Renato Estrela, o guitarrista, era plugado em Jimmy Page. Era Led Zeppelin.

Sentimo-nos representados pela nossa geração. Como fã do rock cru, fiquei estremecido com a apresentação do Extremo. Naquele sábado memorável, a história recomeçou e marcaria nossas vidas. Vivemos um ano extraordinário, na casa dos 20 anos, realizando a fantasia de andar para cima e para baixo atrás de bandas de rock: Banda do Cachorro Louco, Ligação Direta, Corda Solta, Marciano Sodomita, Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial, Tellah, Capacetes do Céu, Sepultura, Pôr do Sol e outras.

Em Cima da Estrutura de Ferro: Uma Memória de Miro Ferraz

Na QE 7, diante do cinema, havia uma estrutura de ferro que servia de palco. Miro Ferraz vivia uma empolgação musical com a postura e os efeitos da guitarra do jovem Fejão, que estreava no Guará com a Nirvana.

Naquela apresentação, Fejão não usou a mítica guitarra Tonante, modelo Rei. Apresentou-se com uma guitarra comum. Era grande, um colosso negro, com uma camisa de brim oliva sem mangas. Seu visual parecia intimidador, mas bastava abrir o contumaz sorriso largo e alvo para a impressão ruir.

No palco, tocava próximo às caixas de som. Não era para se esconder. Miro desconfia que fosse para se ouvir melhor. Foi a primeira vez que vimos alguém solar aqueles elaborados solos de Randy Rhoads. Seu ouvido e seu extraordinário conhecimento musical ficaram patentes.

Extremo: Rock Cru Feito no Guará

Têm os olhos vermelhos de tanto fumar / têm os braços furados de tanto aplicar / Um olhar assustado de quem vive a fugir / De uma realidade que não quer admitir

Viciado! Viciado! Viciado! Viciado!

"Viciado": um violento rock-blues dedicado a Christiane F.

De cabelo curto, o baixista Tuca também cantava. Sua referência era mais Led Zeppelin. Usava sua calça jeans com um dragão pintado nas pernas da calça.

Cécé tocava empolgado numa Gibson SG vermelha, com os captadores Tokai rugindo através do phaser. O guitarrista colocou cruzes entre os trastes no braço do instrumento.

O esguio Rikk mandava na bateria. Também possuía um dos cabelos mais longos da cidade.

Até cruzes chegaram a usar. O que baixou ali foi o santo do Black Sabbath: aquele hard rock cru, cantado em português, parecia não oferecer outra escapatória. Foi assim que conheci o Extremo.

Eles sonhavam com fama, riqueza, olhares de admiração das garotas e tudo o que um show poderia lhes render.

Fãs de Joe Perry Project E Mc5

O primeiro LP do Joe Perry Project saiu em meados de 1981. Uma cópia importada era disputadíssima. Até hoje, só vi aquela cópia. Era o tipo de disco que circulava como objeto de desejo entre os aficionados por guitarras e rock pesado.

O MC5 chegou ao repertório de referências do Extremo por outro caminho. Em 1979, vi os relançamentos que marcavam os dez anos de Woodstock. Aquelas gravações trouxeram novamente à tona a força de uma banda que ajudaria a compor o imaginário musical da época.

Joe Perry Project, MC5, Black Sabbath e Led Zeppelin formavam uma mistura de referências que ajuda a compreender o peso do Extremo. Não se tratava apenas de reproduzir o som de seus ídolos, mas de absorver diferentes vertentes do rock pesado e transformá-las numa linguagem própria.

No Teatro de Arena do Cave, assisti ao espetáculo *Estrada Estelar*, com os grupos Extremo, Fusão e 4.º Crescente. Depois das apresentações, o guitarrista do Fusão se atirou na plateia. Rodrigo tocou contrabaixo naquele show. Gostava do LP *No More Heroes*, dos Stranglers, porque o contrabaixo da banda se destacava. Esses grupos tinham mais pique, som e repertório.

"Na onda, estava a turma do Led Zeppelin, que circulava pela SQN 410 e pela 411 Sul. China, Carlos, Bico e Nelto eram daquela turma. Moravam por ali, entre as quadras 410 e 411, nos blocos da 10, 11 e 12. Não consigo precisar o endereço de cada um. Nelto conheceu uma garota, apaixonou-se e acabou casando com ela.

"Era gente boa. Gostava muito daquele pessoal. Cheguei a dormir na casa deles algumas vezes. Foram eles que me deram a primeira camisa do Led Zeppelin que usei. Uma lembrança que ficou.

"Também circulavam por ali Camufloyd, Sérgio, do Mel da Terra, e os Magrelos. Da 411 Sul vinham as irmãs Joana, a loirinha, e Gisele, a mais velha. Elas eram fãs do Extremo."

— Ricardo Lima, baterista do trio Extremo

Naquela tarde, nascia uma amizade duradoura, por vezes distante, mas sempre generosa e eterna. Passei a acompanhar a sina, a saga, o destino da banda, sempre querendo saber qual seria a próxima apresentação.

Cécé estudou com Rikk no Elefante Branco, e Tuca já os conhecia. Foi a partir dali que pensaram em tocar juntos e formar o Extremo.

Eram cabeludos e rasgados, e os achavam punks. De punk, eles só ouviam o som. Sempre foram roqueiros.

A cultura musical do Extremo mesclava cabelos grandes e o protopunk dos Stranglers, Suzi 4 e MC5, a fúria do Grand Funk e o peso do Black Sabbath, além do rock urbano de São Paulo, via Made in Brazil e Patrulha do Espaço. Essas referências influenciavam suas canções: “Rock nas Veias”, “Onda de Viver”, “Círculo da Ambição”, “Mundo Vazio” e “Medo de Existir”. Eram músicas carregadas de apelo, que pegavam na primeira audição.

Uma banda formada no Guará, com raça e ardis. Tecnologia de quintal: pedais, câmaras de eco e instrumentos “melhorados” eram seus trunfos.

“Engraçado essa parte dos instrumentos melhorados, né?”

— *Ricardo Lima, baterista do Extremo*

“Ainda hoje, quando passo na QE 4, eu olho com saudades para a padaria onde comprávamos pão e vinho. Tudo perfeito.”

— *Zeca Ribeiro, fotógrafo*



1984

ÁGUA DE BICA

A nascente d'A Bica fica no atual Parque Denner, no Polo de Moda!

A Bica ficava escondida depois de um matagal, além de uma faixa de terra em frente às chácaras, depois da pista asfaltada e abaixo da QE 30. Eles nem tinham terminado o primeiro grau. Roberto fumava um cigarro manufaturado e soltava a fumaça nas narinas do cachorro, que tinha os olhos vermelhos. Um dos outros era Babão, o terror do pedaço. Ambos tinham apenas 13 anos. Cabulavam aula, enquanto meninas em topless se banhavam. A garrafa de Chapinha rodava.

Logo, as meninas que frequentavam A Bica começaram a apresentar sintomas de gravidez. Surgiram boatos de que a água d'A Bica aumentava a fertilidade.

Não se sabe que tipo de comunicação existia, mas mães de família, pescadores, mateiros e outros grupos desciam até lá. Apesar disso, jamais se reuniam.

O buraco no cano da galeria de abastecimento d'água foi aberto a golpes de picareta, e o esguicho subiu! Os cristais ficavam abaixo da Chácara dos Paraíbas, e o povo do Bar do Quindeu desceu naquela noite para recolhê-los.

No mesmo setor, abaixo da Chácara 14, o córrego Vicente Pires corre por baixo do túnel de um pontilhão elevado, construído para alinhar os trilhos do trem.

Não era bem uma bica: a água corria por baixo de um túnel, mas nunca disseram que se tratava de um córrego. Índios afiam facas e limpam peixes; índias grávidas se lavam. Eles não procuram encrenca e sabem que não tive nada a ver com o tiro de escopeta disparado pelo caseiro Gilmar (†) na direção do índio trepado na árvore. Todas as folhas caíram, e o Ibama foi notificar meu pai. Tive que resolver o imbróglio.

Ainda circulo por ali, agora desarmado. Converso bem menos com os invasores, em missão diplomática, e também sou convidado para conhecer os novos condomínios. A política mudou.

O pôr do sol, cegante, chama. Subo o túnel na linha do trem. No elevado, antes dos malditos prédios, dava para enxergar o horizonte, do fim do Guará 2 até o Carrefour. Dentinho ainda passa por ali, onde perdeu um pedaço do pé. Zezinho Blues e os cães cantam. O trem passa e, um dia, rasgarei nele até São Paulo para comprar discos na Baratos Afins.

7 a 12 de fevereiro

• O guitarrista Danny Matos visita a Beatles Expo – Celebration of Beatles 20th Anniversary – em Miami.

19 de fevereiro

PUNKS DE BRASÍLIA ASSALTAM O SUL DO PAÍS

Grupos e críticos do Rio de Janeiro acham que o som dos anos 80 está chegando da capital federal.

Variantes dos mesmos problemas de sempre. Comecei a carregar caixas e instrumentos por um motivo simples: era uma maneira de amenizar o ingresso. Dava um prato, um pedestal, e eu ficava no tablado montando as coisas. Desde os primeiros dias, quando qualquer amigo fosse tocar com Os Importantes, a ordem era ficar de olho em tudo: pedal, microfone, prato e por aí vai.

Outra barra era conseguir carona com alguém que tivesse carro. Sem transporte, sem amplificador. Eu seguia espremido no banco de trás do Fusca, com o ampli de algum amigo. Ali enfrentei algumas das maiores batalhas pessoais da minha vida, sem abrir ou agredir, mas, quando tinha que jogar na cara, jogava.

9 de março

LÁ COMO CÁ

Os Rolling Stones voltaram a sofrer censura das emissoras de TV nos Estados Unidos. O videoclipe da música "She Was Hot" foi recusado por duas emissoras: o canal a cabo MTV não quis exibir o vídeo porque nele aparecia a lata de um refrigerante; a NBC considerou uma das cenas muito "sugestiva" e só aceitou exibi-lo depois de editá-lo a seu gosto, mas com a aprovação de Mick Jagger.

7 de abril

Rolla Pedra em Taguatinga

• O baterista Rikk Lee retornava do primeiro show do Extremo no Rolla Pedra, em Taguatinga, para o Guará 2. Sentado ao fundo do ônibus, segurava o álbum duplo pirata *Destroyer*, do Led Zeppelin.

A Plebe Rude, Capital Inicial, Legião Urbana, Ratos (de BSB) e Elite Sofisticada se apresentam na noite de inauguração do Teatro Rolla Pedra. A Legião Urbana tinha seu retorno agendado para o dia 28 do mesmo mês, embora haja divergências sobre sua participação na inauguração.

Com capacidade para 120 pessoas, o projeto foi criado por José Fernandez, Marcos Antônio e José Maria. A casa foi inaugurada sem perspectiva alguma de lucro.

“Nós três morávamos numa periferia cultural e o Estado não investia em recursos para a cidade [Taguatinga]. A nossa ideia foi fazer um lugar que fomentasse tudo o que a gente pensava sobre cultura, nela como um todo. Porque o problema era que a gente se via obrigado a ir para o Plano Piloto se quisesse ter acesso a alguma coisa diferente. Nós fizemos o Rolla Pedra para renovar a cara de Taguatinga”, assevera Fernandez.

Ele tinha se mudado para um dos blocos acima da QE 28. Sentei ao seu lado e puxei conversa.

Logo depois, o garoto carioca Fábio Fagundes, que rodava numa bicicleta com um violão nas costas, juntou-se à turma. Mais tarde, foi para Londres.



Extremo no Rolla Pedra



23 de abril

Antevéspera da votação, pela Câmara dos Deputados, da Emenda Dante de Oliveira. O presidente, general João Batista Figueiredo, decreta Estado de Emergência no Distrito Federal. Até segunda ordem, qualquer manifestação política está proibida em Brasília e nos seus arredores.

7 DE MAIO

• O Gismonti dos 80s – Marco Antônio Araújo, mais um mineiro na trilha do sucesso.

• Roger Daltrey, a reflexão do mod.

• Os integrantes da Legião Urbana saem da cidade em direção ao Rio de Janeiro. Dado Villa-Lobos dirige seu Passat. Bonfá conduz o Fusca que Dado havia lhe vendido. Renato já está no Rio, esperando que eles cheguem.

Após a derrota da Emenda Dante de Oliveira, a proposta das Diretas Já, no Congresso Nacional, Brasília vivia sob estado de emergência.

"A cidade estava em estado de sítio. Lembro dos tanques de guerra nas fronteiras do Distrito Federal."

Talvez por isso "Soldados" seja a música da Legião que o guitarrista associa mais diretamente à capital federal.

26 de maio

Na noite de sábado, durante a festa Rock Baby, tive minha primeira conversa social com Cécé. Perguntei:

– Quem é aquela gata de cabelos pretos?

– Gostou da Sandra? Pode ficar com ela!

Na hora, fiquei sem palavras e comecei a me desculpar nervosamente.

Ficou claro que o espírito de Cécé era desprovido de amarras e planava acima das necessidades sexuais básicas.

Rock Baby, A Festa, foi uma tentativa fracassada de integração roqueira entre o Guará I e o II. Com a presença do Extremo.

30 de maio

O Último Salto D' Smetak

O Brasil, especialmente a Bahia, abrigou um dos maiores músicos deste século: Walter Smetak. Nasceu em Zurique, na Suíça, em 13 de fevereiro, e faleceu em Salvador, em 30 de maio de 1984 – quando sua cosmossonância reverberava pelos buracos de todas as vértebras ocultas e infraterrenas do Planeta.

Smetak não cabia no invólucro (banal) do "músico contemporâneo", nem figurava como ventríloquo de vanguardas asfixiadas de suprarracionalismo em alta e suprarrenais em baixa. Extraía sinfonia dos veículos.

Sua voracidade intelectual transportava o puro jogo dodecafônico ritualizado, matemático de Cage, para a geometria euclidiana (feito som) dos sufis orientais, pan-ritualistas gregos e candomblé desmemitizado (como o rigor xamânico de Rubem Valentim sobre signos sacros).

Smetak era uma proposta em processo que materializava a música microtonal em forma e luz. A escultura do instrumento, a senha (antes frase melódica) desenhada como mantra e a carga de significados históricos de uma espiritualidade evocativa. Rebelde da

Eubiose, discípulo estranho de JHS, guardião e blasfemador do templo, buscava a passividade provocadora, a angústia e a sintonia – um turbilhão de muitos Smetaks.

Sua conduta como mestre foi polêmica, tanto pela intensidade de suas propostas quanto pelos cabrestos dos currículos. Em sua oficina, nos porões da UFBA, em Salvador, recorria sempre à imagem do animal exótico, no zoológico das excentricidades de "um velho caduco", com sua bizarra fauna de cabaças e tubos que beijavam o Universo de dentro e de fora.

Constantemente proclamava, num sotaque baianês-tcheco-suíço:

"O Brasil fica no Brasil. Só enxerga quem não procura".

Foi um grande colaborador do extinto jornal alternativo *Ordem do Universo*. Esse periódico foi o primeiro a juntar os cacos entre o pós-guerrilha do sonho acabou, a guerrilha do Araguaia, o pós-LSD, os pós-macrobióticos, as pós-comunas rurais (Guariroba e Monzodó, as re-fazendas de Gil, em Brasília) e as pós-posteridades.

Smetak quase veio habitar o Planalto, graças ao sincero empenho do embaixador Murtinho, então secretário de Educação e Cultura, e de mais um grupo de fraternos cúmplices. Quase.

Smetak chegou a receber o prêmio Personalidade Global da Rede Globo e teve dois discos editados (um deles pela Philips holandesa, graças ao desvelo de Gilberto Gil e Caetano). Suas passagens por Brasília foram comoventes, num descortino de sua tempestuosa ternura, ora amando, ora detestando as naturais contradições da cidade.

Cada impropério (principalmente contra a seca sazonal) era logo redimido por breve poemeto que nos enviava em intensa correspondência semanal ao longo de 1975. Daqui saía carregado de cabaças (de Olhos d'Água para Salvador). Às vezes, compartilhava algumas com Marco Antônio, do grupo Uakti, seu discípulo brilhante.

Aqui, próximo à Concha Acústica, quase fechou com o GDF o erguimento de uma colossal escultura vibrátil e sonora, por sua autoridade e enormidade, alcançando 22 metros de altura: O OVO. Um laboratório com entranhas sonoras e de autofagia vivencial.

"SmetaR, MuzaR e Razão", disse Caetano em "Épico". "Os ilumencarnados, novos seres que virão do fundo do céu e do alto do chão", cantava Gil, junto à fogueirinha de ipê do cerrado.

Era pelo óvulo que profetizava a música eletrônica despida de estruturalismo. Preferia acidentes delicados na Natureza. Partituras fractais. O roçar das nuvens para deleite das pedras. Vivia intervalos como quarks subatômicos de presença consistente. Sobrenadando o abismo, ele era pleno, sem queda, veemente e pausado, sem os axiomas ruidosos do silêncio roto – silêncio resultante de massa compacta bem manipulada.

1º de junho

O maestro Jorge Antunes regeu uma inédita "orquestra" de carros na Torre de TV. Agentes infiltrados não tiraram o brilho da manifestação. Uma placa de trânsito alerta quem chega a Brasília: "Evite buzinar". Naquela noite, pelas Diretas, durante quarenta minutos, buzinas em si, lá, sol, fá, mi, ré e dó, além de músicos e um coral, produziram aquela que ficou conhecida como Sinfonia das Buzinas. O aviso foi solenemente ignorado por cento e setenta e sete motoristas em um comício.

A 'Progressália' Perde Seu Mestre-Sala

A Última Viagem De Um Ator Irrequieto

13 de julho. Falece o ator Aloísio Batata, em Brasília, vítima de um tumor maligno na cabeça.

A música, o cinema e o teatro de luto. Brasília perde um de seus maiores agitadores culturais.

Para os ligados à cultura, foi uma sexta-feira muito triste. O mestre de cerimônias do Teatro Rolla Pedra pediu um minuto de silêncio. O clima da noite e do som era pesado. Tocaram Extremo e Nirvana.

28 de julho

Cerimônia religiosa de casamento de Rosângela Cristaldo e Erlânio Fonseca.

Essa é dolorosa. Trata-se do convite de casamento de Rosângela e Erlânio, que morreu pouco tempo depois, afogado. Erlânio, Mário e Bêbado Gerald cursaram o Segundo Grau no Centrão. Naquela época, descobriram a aventura que era frequentar a QE 19, o point da época.

A Morte Desconcertante De Samuel Rawet

"Depois de ter sido encontrado morto em Sobradinho, com uma tigela de sopa Knorr nas mãos, e no mais absoluto desamparo, Brasília e seus críticos de plantão começam a compreender que deixaram escapar por entre os dedos um contista e pensador de primeira qualidade..."

Ezio Flavio Bazzo

22 de agosto. Vida, obra e angústia de um dos engenheiros calculistas de Brasília. Contista aplaudido pela crítica, foi encontrado morto em sua casa, em Sobradinho.

Samuel Rawet tinha a solidão como principal companheira. Personalidade fascinante.

A morte prematura de Samuel Rawet desfalca a literatura brasileira de um de seus criadores mais importantes. Entre o conto e o teatro, que tanto o fascinava, ele se equilibrou a partir da segunda metade dos anos 50.

Os críticos se lembram da estreia luminosa e vitoriosa do jovem Samuel Rawet, no distante 1956, como autor.

A José Olympio lançava o belo volume *Contos do Imigrante*, com que o gringuinho baixote e ágil dos subúrbios da Leopoldina arrombava, de repente, as portas da literatura brasileira.

A história é conhecida. Tendo Samuel Rawet submetido os originais de seus contos juvenis a Pedro Dantas, que então dirigia o suplemento do *Diário Carioca*, este levou o livro e o autor ao escritório do editor José Olympio para que ele, com seu aval, o publicasse. E o moço colaborador dos suplementos se tornou autor. E autor festejado.

A revelação imediata de um grande contista, dos maiores. Tristão de Ataíde, falando sobre o conto no Brasil, em junho de 1956, referia-se com entusiasmo, nessa conferência pública, à estreia de Samuel Rawet. Seu nome chegava à Academia.

O conto foi seu gênero por excelência. Cultivou-o com perfeição. É certo que também fez incursões pelo ensaio de feição filosófica, um pouco à maneira de Martin Buber, por quem tinha vasta admiração. O teatro sempre o atraiu. Era sensível à vida como espetáculo. Mas foi o conto que de fato o realizou e projetou.

Depois de trabalhar com Oscar Niemeyer e Joaquim Cardozo no projeto de Brasília, depois de viver longos meses em Israel com a equipe de Niemeyer, como calculista – e era muito competente –, passou alguns anos no Hotel Paissandu, no Flamengo, até se recolher, por fim, à sua solidão distante de Brasília.

Isolara-se, talvez cansado. Ou desiludido. Surpreendeu-nos a notícia melancólica de sua morte, quando ainda esperávamos muito de seu excepcional talento literário.

Em outubro, dois discos rasparam a grana: *Perfect Strangers* e *The Unforgettable Fire*. Do primeiro, passou o clipe oficial da canção "Perfect Strangers" no *Fantástico*.

Não dá para exibir ou descrever o sentimento, mesmo à distância do tempo. As capas dos discos ainda emitem raios. Posso mostrar-lhe um pequeno nome, despercebido na capa do álbum do U2: Célia, minha ex-namorada. E sua preocupação era ver os Scorpions e arrumar a grana da *Somtrês*.

Vimos como já existia a disciplina História antes do rock Brasília?

24 de outubro

Punks, Um Filme Atrapalhado Pela Timidez

17º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

A Utopia De Brasília Para As Massas

A utopia de Brasília finalmente é revelada para todo o País, nos gritos musicais das novas bandas que ocupam o espaço mais polêmico da criação brasileira.

Uma cidade de carros oficiais, estados de emergência e desesperos concretos apresenta, assustadoramente, a mais fina nata do rock brasileiro, depois de uma fase de romances açucarados e da divulgação massificada de uma nova onda de rebeldia, à Jovem Guarda, no corpo da juventude brasileira.

Os punks brasilienses negam tudo, até mesmo o rótulo, e mostram por que são legítimos, são legião e odeiam as ilusões.

1985

COMEÇA A INVASÃO DAS HORDAS DE BRASÍLIA

Janeiro

Começam a chegar às lojas os primeiros lançamentos fonográficos de uma geração pioneira do rock brasiliense: o LP de estreia da Legião Urbana e o compacto da Capital Inicial. Finis Africae, Escola de Escândalos, Elite Sofisticada e Detrito Federal também marcam presença na coletânea *Rumores*. Plebe Rude, Banda 69 e outros grupos da cidade entram no radar das grandes gravadoras, enquanto Brasília começa a exportar seu rock para o mercado nacional.

Contratado pela EMI-Odeon, Renato Russo voltaria a enfrentar a censura. "Baader-Meinhof Blues" e "O Reggae", duas faixas do primeiro disco da Legião, tiveram a radiodifusão proibida. "Dado Viciado", também submetida à avaliação dos censores, foi vetada por três deles.

Coisas do rock que eu não esqueço:

Rogério vinha de bicicleta, no estilo ciclista do Plano, todos os cinco dias da semana. Passava horas conversando comigo sobre música. Um dia, resolveu presentear meu vizinho com uma bela camisa de tecido importado, de mangas curtas, estampada com efígies de Elvis, ao melhor estilo dos anos 1950.

Escolheu o vizinho porque ele era rico. Eu era pobre. O detalhe é que o sujeito não gostava nem um pouco de Elvis.

Na primeira entrevista da Legião Urbana ao *Estadão*, a banda se definia da seguinte maneira: "Não é new wave, heavy, nem punk. É Legião Urbana".

O Pau Do Homem Volta Ao Galpão

17 de janeiro. A polêmica peça *O Pau do Homem e a Língua da Mulher*, de Peterson Diesel, dirigida por Jota Pingo, com músicas de Edu Viola e do grupo Anjos e Arranjos, voltou ao Galpão.

Desde o início do ano, a galera estava ouriçada: Rock in Rio! Ah, nada como curtir o festival e dormir sobre a maciez das areias da praia.

Chegou Quinzinho, um cara que havia adquirido um carro zero e cujos instrumentos de banda eram made in Zona Franca de Manaus. Chegou e foi logo disparando:

— Magrão, você não teria 1 hum mil cruzados?

Suspirou antes de explicar, com uma convicção olímpica e em tom de confidência:

— Sabe como é, né? Estou investindo na Bolsa de Valores... Detenho informações privilegiadas sobre a cotação de ações...

A vizinhança, num pré-êxtase de noivado, apostou alto, sonhando com cifrões gigantes a persegui-la pelas vias do Guará. O corretor súbito desapareceu, levando os tostões das ações sem lastro. Mais tarde, seus pais venderiam o sobrado. A última notícia que tivemos dele é que havia sido visto vendendo produtos de beleza e de limpeza da Amway.

Pobre Joaquim.

Voltei a colecionar gibis, agora para sempre. Novamente acumulara um estoque. Antes, costumava ler os gibis e depois dá-los. Dessa vez, retomei o supercolecionismo de super-heróis e edições esgotadas. Para sempre.

Eu era analfabeto funcional e fracassei ao fazer fanzines porque não os produzia com anúncios e colunas. E o fracasso foi doce: tinha certa fama no Brasil, um país continental, e só a *Somtrês* falava de nós. Também falaram nosso nome na TV local, no

Jornal do Rock. Começaram a ligar para o telefone de casa, pedindo discos para resenhar no programa.

A coisa ficou feia na época do Rock in Rio. Recebíamos ligações a cobrar, nos mais diversos horários, de malucos espalhados por vários pontos do país. Tive que acabar com o *Jornal do Rock*.

Montávamos carimbos e descolávamos resmas de papel. Alguns fãs pensavam que tínhamos uma máquina de xerox à disposição dos leitores. Uma mina paulista, Meire Tchu Girl, foi ameaçada de processo pelos Correios porque desenhava infernos e capetas nos envelopes. Fosse hoje, seria crucificada.

Uma tarde, peguei uma coleção de fotos de revistas importadas do Ozzy Osbourne e as plastifiquei. "Se dona Alice te pegar, será o seu fim!" Com grafite, escurecíamos as cópias. Nesse clima de terror, o fanzine ainda durou três anos.

Quando o davam por morto, eu soltava uma edição. Não tinham sacado que agora ele era trimestral. Poucos fizeram fanzines por tanto tempo: eu fiz por sete anos. Era a coisa mais amadora e cruel. Eu ia à Secretaria de Segurança e distribuía fanzines como se fosse um trabalho sério. Até que um dia saquei que nosso negócio era tão pequeno que não precisava de autorização para nada. Às vezes, é excelente quando fica óbvio que estão subestimando o essencial.

Ozzy, Ronnie Biggs E O Paraíso Que Parecia Inferno

"I tell you what, I feel really sorry for Ronnie Biggs – trapped here! I know people say he did bad things that he never got punished for, but, fucking hell, having to spend the rest of your life in this place must be fucking worse! Me, I'd rather have done my time before I'd come running to this bloody place. Honest, I would."

"Vou lhe dizer uma coisa: sinto muita pena de Ronnie Biggs – preso aqui! Sei que dizem que ele fez coisas ruins pelas quais nunca foi punido, mas, porra, ter que passar o resto da vida neste lugar deve ser muito pior! Eu preferiria ter cumprido minha pena na prisão a ter vindo correndo para este maldito lugar. Sinceramente, preferiria."

A declaração foi feita durante o primeiro Rock in Rio, em janeiro de 1985, numa conversa com Mick Wall. O jornalista registrou também as reclamações de Ozzy sobre a comida, a água e o receio de ser assaltado ao sair do hotel.

O contexto

Janeiro de 1985. Primeiro Rock in Rio. O Brasil ainda cheirava a ditadura: a abertura oficial tinha sido anunciada no dia 15, e Tancredo Neves ainda não havia assumido a Presidência.

Ozzy chegou ao Brasil depois de uma fase turbulenta, marcada pela turnê de *Bark at the Moon* e por problemas pessoais. Ronnie Biggs morava em Santa Teresa desde 1970. O assaltante do Trem Pagador – que participou do roubo de £ 2,6 milhões em 1963 – havia fugido da prisão de Wandsworth. No Brasil, tornou-se uma figura folclórica, protegido também pelas circunstâncias familiares que dificultavam sua extradição. Dava entrevistas, tomava caipirinha e era apresentado aos estrangeiros como o foragido no paraíso.

Quando Mick Wall, então repórter da *Sounds*, levou Ozzy a conversar sobre Biggs, o cantor não parecia estar fazendo uma análise política do Brasil. Talvez estivesse projetando o próprio medo.

“Eu preferiria ter cumprido minha pena na prisão a ter vindo correndo para este maldito lugar.”

Essa frase não é necessariamente sobre o Brasil. É sobre Ozzy. Ele também parecia se sentir um foragido: preso em turnês, hotéis, vícios e conflitos pessoais. Quando vê Biggs *trapped here*, talvez enxergue um pouco de si mesmo.

A empatia pode ser real, mas também é autoempatia. O horror não é necessariamente o Rio de Janeiro; é estar preso num lugar ensolarado que todo mundo chama de paraíso e sentir que aquilo é um inferno.

As outras reclamações registradas por Wall — comida, água e medo de ser assaltado ao sair do hotel — compunham o repertório de desconfortos dos roqueiros estrangeiros diante de uma estrutura de festival daquele tamanho, num país que muitos deles conheciam apenas de ouvir falar.

A frase sobrevive porque resume um arquétipo do heavy metal clássico dos anos 1970: o rei que tem tudo e se sente exilado. Ozzy, em 1985, era o rei no trono que você poderia colocar num pôster: coroa gótica, microfone na mão e a declaração de que preferia a cadeia inglesa ao paraíso tropical.

É a mesma contradição do Black Sabbath na foto diante da igreja, em 1970, com a legenda “Fans we don't want”. Não queriam fãs, mas precisavam deles. Ozzy não queria o Rio, mas precisava do Rock in Rio para se provar vivo depois de ter sido demitido do Sabbath.

O FIM DE UMA AMIZADE, NÃO DO SLEEPING VILLAGE

Em 1985, eu já dava valor ao que fazia. O fim do Sleeping Village Sabbath Rock Club ainda estava distante, mas uma desilusão pessoal marcou profundamente aquele período. Talvez John Lennon e Ozzy Osbourne fossem as pessoas que eu mais idolatrasse naquele tempo.

Ozzy, o cantor do Black Sabbath, veio ao Rock in Rio e, como era de esperar, distribuiu autógrafos.

O fã paulista Guilherme Iommi conseguiu dois: um num livro de fotografias; o outro, num papelzinho listrado, arrancado de uma folha de caderno. Quando pedi esse segundo autógrafo, Guilherme se recusou a me dar.

Vejam só: uma folha de caderno, algumas linhas azuis, uma assinatura negada e uma amizade que acabou ali. Uma desilusão aparentemente pequena, mas que me atingiu em cheio. O Sleeping Village, porém, continuou. Ainda havia muita história pela frente.

Esses rompantes me acompanham pela vida inteira. Quando me sinto sacaneado, corto na hora. Não fico fazendo sala, não estico a conversa, não alimento a relação. Isso não significa que todas as vezes tenham cometido injustiças contra mim. Às vezes, a desilusão também nasce do tamanho das nossas expectativas, da importância que damos às pessoas e daquilo que esperamos delas.

Mas mergulhei em desilusões. E quem não?

O Sleeping Village continuou sua trajetória até 1987. O episódio de 1985 não encerrou o fã-clube, mas ficou marcado como uma das minhas grandes decepções daquele período.

Eu era fanático e talvez não tenha mudado nada. God Bless Ozzy!

SLEEPING VILLAGE SABBATH ROCK CLUB

Visitei Sobradinho antes de o punk rock explodir por lá, quando ainda existia a banda Feto Podre que, apesar do nome, assinava um repertório inspirado no blues.

Foi na satélite serrana que surgiu o fã-clube Sleeping Village Sabbath Rock Club, dedicado ao Black Sabbath. Inicialmente, Jan, Celso, Paulinho e Nem, da Quadra 8. Um dia, fizeram um flyer.

O fanzine *Sleeping Village* era uma bíblia bem-acabada, com traduções, fotos e letras. De 1983 a 1985, rodou o Brasil e fez o maior sucesso. O fã paulista Guilherme Iommi foi responsável, em grande parte, pelo êxito da publicação. Seu inglês era bom, e Antônio Carlos traduzia profissionalmente matérias das revistas *Circus* e *Hit Parader*.

No Brasil, o *Sleeping Village* foi o primeiro a divulgar que o Black Sabbath havia se chamado Polka Tulk! Informação passada por Guilherme Iommi.

Em São Paulo, Guilherme me mostrou os dois autógrafos de Ozzy: o primeiro num livro e o outro num pedacinho de papel. Pedi o autógrafo menor. Guilherme disse que não havia jeito. Fui embora. Ali morreu a amizade, não o fanzine do Black Sabbath.

O Sleeping Village continuaria até 1987.

EU VIAJEI DE TREM PARA SÃO PAULO

Foram 24 horas extenuantes no interior dos vagões de ferro e calor. Diante dos pais da Branca, na Rodoferroviária, não tinha coragem de comprar uma passagem leito e embarcar na cara dura.

Mais uma vez em São Paulo, os velhos dilemas familiares: controlavam-se os gastos e as conversas aconteciam ao pé do ouvido. Tudo parecia inapropriado.

De fato, na primeira vez em que fui à Baratos Afins, Luiz Carlos Calanca me deu um pito inesquecível. Juntei um monte de discos de diferentes artistas e coloquei tudo na mesma estante. Depois me apresentei: disse que era o Mário de Brasília, que fazia o *Jornal do Rock*. Apressei-me em comprar o segundo e o terceiro LPs do Joe Perry Project – que não eram aquela coisa! Trouxe também um disco que marcou nossas festas: o primeiro e único LP da Ave de Veludo.

Nas calçadas dos dias passados, trafeguei pela Galeria do Rock.

Saindo de lá, caminhei até a rua e, logo adiante, no limiar de uma praça ensolarada, li: Woo Bop Discos. A magia aconteceu. Uma lojinha acanhada. Foi como cair de um sonho na toca do coelho.

Quando avistei, no interior do estabelecimento, o disco *Armaggedon*, da banda de Keith Relf, foi tudo telepático, como se ele estivesse me esperando. Paguei um preço relativamente alto, mesmo com desconto, pelo LP.

Algum dia, aquele bolachão seria tocado no Planalto Central *ad exaustum* e mudaria nossas vidas e nosso som. As cordas fremiriam, elásticas, virtualmente feitas de intestino humano. Esticavam, estalavam, regurgitavam e não se partiam. Absolutas! Abruptas! Absurdas!

Até Cécé, que tinha a manha de tocar a nota certa, confessou algo para poucos ouvidos:

– Não tá igual ao disco!

Aí aprendi que releitura e cover são a mesma coisa.

É curioso dizer: jamais comento que tenho ou comprei esse LP! Passaram-se anos até que eu mostrasse "o som" aos caras. E, nesse dia de epifania, a faixa "Silver Tightrope" escreveu sua letra em nós. Sempre que a ouço, revejo claramente o cabelo liso do Cécé, partido ao meio, escondendo o rosto, enquanto ele dedilhava o firmamento com a guitarra em punho.

E não acabou por aí meu périplo discotecomaníaco. Ainda na lojinha Woo Bop, adquiri o EP do Violeta de Outono, som que, junto com *Armaggedon*, seria fundamental para a formação de uma banda lendária – que poucos conheceram! – chamada ALÉM.

Trouxe ainda outro LP marcante dali: o primeiro da banda britânica Dirty Tricks. Saí de lá convencido de que era um autêntico paulistano.

Nessa época, o ato de comprar discos já provocava reações contrárias:

– Você só compra discos?

O negócio é que eu estava gastando minha suprema grana com o que gostava. Mas aqueles preocupados com o futuro nem viram a própria morte.

A MEIGA TIA DEUSDETE

A meiga tia Deusdete dava duro nas mansões do Morumbi. Ela me deu esse compacto simples italiano, com um enorme furo no meio: "Come Together"/"Something". O engraçado é que quase sempre "Something" aparecia no lado A! Um dos originais dos tempos finais da Beatlemania.

Trinta e três anos atrás, ela me deu um raríssimo single italiano dos Beatles, de furo largo, com "Come Together" no lado A. "Se você já tiver, me devolva..." Nenhum dólar jamais comprará esse exemplar.

Ainda nos anos 1970, nossos parentes de Goiás foram nos visitar em São Paulo...

NO MEIO DE UMA EXPLOSIVA CARREIRA, UMA GRANDE CENA FINAL

"E aí, rapaz? Beleza? Como sempre, você tá rolando pela cidade. Deixei esta reportagem para você, espero que não seja repetida. Tô a fim de trocar uma ideia contigo, talvez eu pinte outra hora ou bata um fio."

(RIKK LEE)

O Extremo estava indócil desde a entrada do baixista. "Um dos grandes erros de estratégia foi deixá-lo entrar." Agora ele ficou com a banda, tirou o batera e o vocalista e mudou de nome, mas a amizade extrema era mais forte.

Tuca subiu no palco com um par de asas mordiscadas por rebites. Abriu os braços, insinuou um voo e voou rasante. Tropeçou na borda do palco e desabou sobre a mesa de equalização do finado Hermann. A galera pirou: achava que o tropicar lisérgico do Tuca fazia parte do show! O Ginásio de Esportes do Gama inteiro tremeu.

Foi o último ato. Foi o que me contaram.

Aquele rock'n'roll em português era substituído pelo heavy metal.

A nova realidade econômica estava lançada. Tínhamos namoradas e, em breve, carteiras assinadas. Começamos a trabalhar em bancos e em lojas nos shoppings. Outros viajaram para tentar cursos e oportunidades no mercado de trabalho.

Aquele rock'n'roll em português era substituído pelo heavy metal.

A era dos shows ao vivo nos gramados chegara ao fim. Nada de Encontro de Músicos do Guará, shows no Cave ou no Chaplin, na 111 Sul. As únicas apresentações ao vivo agora eram no Concerto Cabeças, que acontecia na Rampa Acústica do Parque da Cidade.

Aquele Verão Cultural começava com o show de Cida Moreira e Legião Urbana na Sala Funarte e, mais adiante, com o espetáculo Instrumental 1985, de Marco Antônio Araújo Grupo!

A ÚLTIMA VEZ COM RUSSO

"Uma menina me ensinou. Quase tudo que eu sei. Era quase escravidão. Mas ela me tratava como um rei."

Eu e Branca Chamon em nossos macacões, assistindo à Legião Urbana.

Foto: BsBNight Recordações da Noite de Brasília (Facebook).

7 de março. Sala Funarte.

Ele achou que ninguém tinha vindo para seu show. Renato Russo deu uma boa olhada na nossa cara, iluminada pela lâmpada da carrocinha de pipoca, e foi embora. Minha namorada perguntou se ele me conhecia. Foi a última vez que o vi ao vivo.

A última vez que vimos Renato Russo não é fácil de contar porque é muito sentimental.

Peguei minha namorada, Branca, no Venâncio 2000 e atravessamos o gramado até a Sala Funarte. Além de nós, havia a carrocinha de pipoca e o porteiro.

Renato Russo chegou a pé, visivelmente alterado. Veio na nossa direção e me deu uma boa encarada. Pensei que nos chamaria para a passagem de som. Não rolou. Devo ter dito:

— Oi, Renato.

Ele virou as costas. Branca perguntou:

— Ele te conhece?

Outra ação desastrada foi tentar convencer o porteiro a assistir ao ensaio de Renato Russo com Cida Moreira. Só ouvimos.

Quando, durante o show, pintou a canja de Renato em "Summertime", alguém gritou:

— Janis!

Renato parou e respondeu:

— Gershwin!

Meu desempenho na primeira fila também foi reprovável. Passei o show todinho gritando:

— Traidor!

Era moda em Brasília chamar as pessoas de traidores.

A gente era jovem.

A FEIRA DE MÚSICA E O IRMÃO BELUSHI

Grande parte das bandas tinha que passar pela Feira de Música. O negócio encheu de tal forma que foi necessário colocar uma televisãozinha numa Kombi para transmitir o que acontecia lá dentro. Camufloyd não perdia uma.

Foi o clímax. Quando parecia que o negócio iria estourar, o governo cortou a grana...

Posso observar que meu preconceito musical era camuflado, uma vez que eu guardava recortes da cena toda. Espero que vocês tenham gostado da revisão histórica e histriônica do irmão Belushi, que nunca se livrou do sarcasmo dos Magrelos.

ROCK IN PRIMA

UMA BANDA QUE FAZ ESCÂNDALO

ESCOLA DE ESCÂNDALO

Oh, Rock'n'Roll, demos-lhes todos os centavos!

7 de abril

Um dos expoentes do novo estilo de rock nascido em Brasília e que faz sucesso no eixo Rio–São Paulo, o grupo Escola de Escândalo se apresentou no Rock in Prima, promoção do Clube Primavera de Taguatinga. A banda mostrou seus novos trabalhos, como "Luzes", "Complexo" e "Quatro Paredes" – que fala da vida de um presidiário –, além de outras músicas já bastante conhecidas do público, como "Popularidade" e "Menino Prodígio", executadas nas rádios FM do Rio de Janeiro.

Formado há um ano por Bernardo Mueller, vocal; Marielle Loiola, vocal; Geraldo Ribeiro, baixo; Fejão (sem i mesmo), guitarra; e Eduardo Espinoza, bateria, o grupo já tem uma agenda bastante intensa. É sempre convidado para apresentações em danceterias do Rio de Janeiro, onde está com um show marcado no Circo Voador para o final deste mês.

Também estão em fase de acertos finais um espetáculo em Goiânia. Escola de Escândalo tocará, ainda, no Festival de Música da Lagoa Formosa, que será realizado de 30 de maio a 2 de junho, e, no dia 9 de julho, estará no Ginásio de Esportes de Brasília, ao lado dos Paralamas do Sucesso e de outras bandas de rock da cidade.

Bastante eclético é o que se pode dizer do conjunto de influências que caracteriza as músicas do Escola de Escândalo. Mas seus integrantes preferem não usar rótulos para um estilo que consideram próprio. Todas as composições têm letras de Bernardo Mueller e melodias criadas coletivamente, "o que faz das músicas, segundo eles, um trabalho diferente, pois todos nós sofremos influências de nossos estilos preferidos".

O Forte Astral Do Êxtase Em Taguatinga

Em abril, andamos léguas à noite, do Guará a Taguatinga. Maurício, meu amigo, veio do Cruzeiro de ônibus. Numa noite de sábado, chegamos ao Ban-Ban e não havia nenhum sinal de música de praça da Legião Urbana. Ninguém sabia de nada. E como voltar?

Naquele tempo, se já não existia ônibus, imagine táxi! Retornamos tristes, no dedão.

Por isso, a partir de então, jamais me esqueci de que, nos shows de Brasília, nunca acontecia nada. Isso é certo. Deixei de ir aos shows da Legião Urbana.

Show em Brasília era assim: não arrecadavam a grana e metade do cast dançava; a violência das turmas cancelava a apresentação; andavam em cima dos ônibus – ou depredavam-nos – e tudo terminava na delegacia.

Engraçado: hoje trabalho com os motoristas de ônibus daqueles dias. Todinho sempre levava o ônibus para a delegacia, e Seu Chico, agora aposentado, me deixava descer pela porta da frente porque eu tinha gastado a grana comprando um livro da coleção Primeiros Passos. Algumas vezes, me levavam até o ponto final para falar com o fiscal e explicar que eu não tinha dinheiro.

VEM AÍ O FESTIVAL DA LAGOA DE FORMOSA

10 DE ABRIL

CORA CORALINA, ATÉ SEMPRE

Calou-se a voz de Cora Coralina com a naturalidade de uma ave do cerrado que deixa de cantar. Em paz com Deus, em paz com o mundo e, principalmente, em paz consigo mesma.

Era preciso vê-la há poucos dias, tomada de esperança, a rezar por Tancredo Neves, pouco se lhe dando se o precederia no ingresso à eternidade. E precedeu-o por quase uma quinzena.

Mas foi tudo tão natural como uma ave do cerrado que deixa de cantar.

Poeta, poeta e poeta, Cora Coralina (1889–1985) não foi outra coisa na vida. Foi a consciência do Brasil Central, foi a consciência da mulher simples, "bem parideira, bem criadeira", foi a consciência do século dezenove varando quase de ponta a ponta o século vinte, como que quisesse pegar com a mão o século vinte e um. Coragem e espírito não lhe faltavam para isso.

Cora Coralina de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de *Meu Livro de Cordel*, de *Vintém de Cobre*, até sempre.

24 de maio

A Lenda Del Vecchio

Del Vecchio de 1957, um violão tão mágico e valioso que bem poderia ter encantado as mãos de músicos dos Quarry Men, o grupo que deu origem aos Beatles.



Márcia Zarur perguntou se o violão havia pertencido a alguém.

Sempre namorei o violão elétrico que veio da paróquia fundada junto com o Núcleo Bandeirante pelo pastor André Vicente, uma pessoa de estatura avantajada, possivelmente ítalo-paulista, um carismático comerciante de óleos para cozinha.

Cheguei em casa e o violão descansava sobre a cama. Um gesto de amor da Branca Chamon.

Filhos nasceram, casamentos ruíram e eu jamais larguei dele. Sempre bem guardado. Uma vez, retirei as teias de aranha que comprovavam sua quase virgindade!

Numa ocasião, o violão mágico saiu para uma reforma em Taguatinga. Quando fui buscá-lo, bateram minha carteira dentro do ônibus. O dono da oficina de reforma, estranhamente, não acreditou quando falei que havia perdido o dinheiro! Arrumei a grana de novo e, ao resgatá-lo, vi que a reforma não correspondia ao nível do objeto reformado.

Passado o tempo, as cores da madeira voltaram ao normal. Fecho os olhos e vejo Celso Blues Boy tocando no doce-divino violão: dedos ágeis que roçam cordas de aço.

Guitarrista de uma das grandes bandas pioneiras do rock Brasília andou atrás, oferecendo grana:

– Quanto você quer?

– Não está à venda!

Perdoe-me, Del Vecchio não se pode comprar como repolhos na feira.

Homem Sério, Mas Não Muito

Pronto para o rock ou para a estrada, tipo saindo do DF para vender o artesanato do Joel. Note o colete de couro e os sapatinhos de índio, como a moça bonita chamava os mocassins. E o violão Del Vecchio – época do primeiro namoro sério com a Branca e de quando me afastei de um segmento da UVA.

Rebobina A Fita!

No velho Conjunto C da QE 34, perdi Érica Frampton, a primeira namorada, para meu melhor amigo, Ismael, aquele com quem fundara o fã-clube dos Beatles. Por ironia – ou por acaso mesmo –, tomei a bela namorada do Rikki, outro amigo.

Bom gosto: ouvíamos o LP *Tapestry*. Era o disco de cabeceira da UVA.

Nesse tempo legal, as coisas começavam a acontecer com a intensidade e a rapidez que acompanham os giros da eternidade.

Não sei como caiu nas minhas mãos esse LP importado, *Tapestry*. Fiquei uma pancada de tempo ouvindo "I Feel the Earth Move".

Passei um ano, dois anos, sem sair de casa aos sábados à noite. Foi quando comecei a passar as noites com Osmar, Kiko, Anísio Maia, Laska e seu irmão Bitonho, jogando xadrez no Bar 32º Graus.

Tentei ser intimista e escrever melhor.

É quando você aprende a trepar. Fazer sexo é uma coisa muito pessoal e, depois do medo, você ri da situação. Tipo: só ela me compreenderia ou eu só gozava com ela. Duro, lateja toda vez que ouve esse disco.

É como trepar na cozinha e o ousado carteiro entrar. Trepar é uma guerra, uma conquista, e eu nunca inspirei futuro ou estabilidade. Estava muito interessado em encher o vazio da vida com quem entendesse nossas necessidades vitais que, naquele momento, não eram sexo.

Eu nunca vi o amor como sexo. Amor não precisa de sexo. O sexo é legal quando existe aquela situação secreta de se entregar, se esfregar e ir longe – ir longe mesmo, atrelado.

Fanzineiro, jogava xadrez com os poetas da geração mimeógrafo – que jamais imprimiriam seus trabalhos, textos e peças –, músicos da fina flor da MPB e ex-jogadores de futebol da várzea.

Os últimos momentos mágicos sob a égide do selo rock Brasília aconteceram no show de despedida do Capital Inicial no Teatro Garagem. O som da banda era diferente e o público também. Não havia caras conhecidas. Alguns estudantes de segundo grau. E, para completar o ciclo, a 2ª Temporada de Rock da ABO.

Quando o rock pesado ganhava um espaço novo na cidade, o Extremo fez uma turnê suicida pelo Gama e sumiu do mapa.

25 de maio

Banda 69 – Bom Humor A Serviço Do Corpo E Do Rock

Junho

Na *Playboy*, numa minientrevista com Renato Russo, o vocalista e líder da Legião Urbana falou sobre música, sucesso, política, tietagem, fantasia, nova geração e rock.

Ele disse:

"Brasília é uma cidade muito louca que espelha o Brasil. Centro estudantil, tem uma das maiores favelas do país, além de ser o centro da política, sem muita ética. Muito de tudo isso inspira nossas letras."

8 de junho

Rumores

Quatro bandas de rock da cidade num único disco. A coletânea *Rumores* registra um momento único da música brasiliense, com as bandas Finis África, Elite Sofisticada, Detrito Federal e Escola de Escândalo.

24 de agosto

Em Chamas, Plebe Rude Invade A Pequena Área

No Sistema Bancário, Conexões Punks No Gama

Meu futuro foi traçado no balcão do Bar do Trajano, ao lado da vidraçaria, na QE 32. Essas foram as coordenadas. Os nomes Luís Trajano, Armante e Batatinha me guiaram para ser contínuo no Banco Safra.

Fui ao Gama, onde morava César, guitarrista da Fungos and Bacterias e irmão do saudoso Wellington Mindoim e de Bianca, que também frequentava os shows.

Lá existia um fã-clube dedicado ao Led Zeppelin. O presidente do fã-clube O Canto do Cisne comprou fiado alguns fanzines meus e nunca pagou. Apesar de me dever, não me dispensou muita atenção nem cortesias: paguei pelo par de ingressos.

Branca, minha noiva, desapontada com a indiferença, ficou p. da vida, mais do que eu pela falta de reconhecimento:

– E aquele seu amigo não disse nada, ficou lá bebendo vinho.

Dessas eu coleciono dezenas, mas quem tem um sonho não acorda.

Eu e Carlos Alberto, o Betinho, fomos bancários no SDS. Ele usava a calça lá em cima, apertada com cinto, e coturno. Cabelo cortado bem rente, parecia que acabara de dar baixa no Exército. Mas tinha moral com os meninos da Guardinha – os menores que faziam o malote.

Nos cinco dias da semana, almoçávamos juntos e ele contava suas aventuras:

– Foi doido, moleque, o rolê por São Paulo.

Também falava das transações com Chicão, pela Devil Discos, para lançar o disco da Stuhlzäpfchen Von N. (Supositório Nuclear), da qual era o baterista. Assim foi possível acompanhar de perto a nova cena e entender como os discos eram gravados pelos selos de São Paulo.

Conheci outros punks históricos, como Chacal, Piolho, Lou, Alex e Catarina, fazendo panfletagem anarquista a favor do voto nulo. Havia também Auger, com a cabeça raspada e seu taco de beisebol. Andava vestido socialmente, exibindo a linda namorada loira.

Punks Not Dead!

Gilmar Sobre Ricardo Bonisson Villa-Lobos, Com Carinho

Gilmar e Ricardo se reencontraram na cidade de Tallinn, na Estônia.

Ricardo estudou no antigo colégio Compacto da Asa Sul, com Podrão e Zuher, que morava no Gama e o trouxe para conhecer a cena rock do Gama. Viramos amigos imediatamente.

Bebi diretamente da fonte, pegando emprestado todo o material possível, gravando em fitas cassete e distribuindo entre os amigos. Ricardo também me emprestou, por vários anos, a guitarra que ajudou nos primeiros anos da Stuhlzäpfchen Von N.: uma Gibson Marauder, linda e superbacana de tocar.

Revi meu grande amigo em 2018, em Tallinn, capital da Estônia, onde mora e trabalha no Consulado Brasileiro.

Punks not dead!

Ricardo Bonisson havia voltado da Europa, onde presenciara o movimento punk na Inglaterra. Trouxe na bagagem dezenas de LPs e compactos das bandas mais importantes do cenário inglês, francês, belga e norte-americano. Não se importava em emprestar os discos e a guitarra Gibson a Gilmar, da Stuhlzäpfchen Von N.

Troquei alguns discos importados com ele por discos de artistas brasileiros.

Estava tão fissurado em LPs que Ricardo, vendo meu desconcerto diante de sua coleção, me passou alguns discos de rock clássico trazidos da Inglaterra que ele não curtia. Veio o *III*, do Led Zeppelin, que está comigo desde aquela época. As batidas daquele LP permanecem aqui.

Conheci Ricardo relativamente pouco, mas o considero amigo. E, a respeito dos amigos, eu posso tudo. Se não, a gente vira desafeto.

Fiquei com discos do Led Zeppelin, o primeiro Jimi Hendrix Experience, edição francesa, e mais um duplo ao vivo, *Eagles Live*. Do Joy Division, ele tinha um bootleg francês chamado *Atmosphere*, que me emprestou. Ricardo trabalhou no Setor Hoteleiro Sul.

Ainda hoje, ouço *Physical Graffiti*. No quarto de Ricardo, havia uma lixeira de escritório com um rosto de Marilyn Monroe que jamais esquecerei.

Uma Vez Por Mês, O Salário Ficava No Sebo Do Disco

Uma vez por mês, uma parte significativa do salário ficava no balcão do Sebo do Disco, na Asa Sul.

Numa noite dessas, apareceu um rapaz com a boneca de um fanzine. A boneca chamou minha atenção porque o interior era ilustrado com fotos e havia um gabarito – colávamos recortes de revistas ou jornais.

O texto de abertura era assinado por Renato Russo:

“Havia alguma coisa muito errada com o vocalista naquela noite, pois ele cantava uma letra diferente, assim que a banda começava a tocar.”

O texto era sobre Ian Curtis. Foi a maior informação que tive sobre como eram as últimas apresentações da banda. Uma informação totalmente inédita para mim naqueles tempos. Jamais pude confirmar aquele parágrafo.

O patrocínio do Sebo não rolou e o fanzine desapareceu.

6 de outubro

JOHN CAGE FEZ FESTA

18ª Bienal de São Paulo

John Cage, 73 anos, percorreu os 36 mil metros de exposição e fez um concerto em que misturou I Ching e música concreta.

Entra A Ortodoxia

Na onda do Rock in Rio, a febre do rock subiu.

Depois de dois anos sem fazer shows, Rita voltou aos palcos na primeira edição do Rock in Rio. "Odiei ter participado", comentou, em referência ao tratamento inferior que os artistas brasileiros receberam do evento.

"Esta tour será a maior que eu já fiz. Estou tão excitado com algumas ideias que temos planejado. Tudo será baseado no *Bark at the Moon*. Talvez tenhamos morcegos hidrófobos no auditório. Ou talvez alguém traga um lobisomem para a arena. Tudo será liberado. Vai ser pirante. Queremos todos envolvidos e sentindo o show. Se o cara que viu nossa última tour pensou que foi algo, esperem para ver essa. Talvez eu mesmo coloque fogo em mim no Madison Square Garden. Sempre quis sair de lá numa chama de glória."

(OZZY OSBOURNE)

22 de novembro

Caminhava bastante cômodo o Sleeping Village Sabbath Rock Club. Aí li um negócio: *Ortodoxia do Blues*. E mergulhei de cabeça.

O lance agora era a era dos Yardbirds. O fanzine seguinte, *Rock'n'Roll*, foi fundamental para a onda perdurar.

Tenho orgulho pra cacete de ler hoje livros importados sobre o Led Zeppelin e ver que a história que contamos naquela época é igual à que aparece nessas publicações pós-millennium. Foram quatro edições, o suficiente para angariar o tal e vital prestígio.

Arquivo documentos importantes e impactantes. Esta carta mostra que estávamos à procura do acorde mágico. É muito importante porque é a certidão de que eu estive lá.

São poucas as lembranças capazes de reconstituir a tônica do mágico 1985. Então vieram 1986, 1987... e a morte de Marco Antônio Araújo desfalcou nossa vida.

Da Série: Eu, Bicão?

Fui ao hotel depois do show para conhecer Robertinho de Recife. Para mim, era difícil assistir às apresentações do ainda inédito LP *Metalmania*. Os shows aconteciam na W3 Sul e eram uma espécie de Sessão Maldita: sem carona e sem o troco para pagar o táxi, a aventura ficava complicada.

Nos shows de Robertinho de Recife e do Metalmania, fiquei puto com uma cena: os caras ficavam cuspindo no cabelo do vocalista. Aquilo me incomodava, mas fazia parte daquele espetáculo de excessos que cercava o heavy metal.

No hotel, encontrei Robertinho de Recife, a quem já tinha assistido várias vezes. Acho que ele deve ter gostado de mim, porque me deu um autógrafo com o endereço dele no Rio de Janeiro!

Saí dali me sentindo o senhor do tempo para aquela galera do heavy metal – uma importância que, na minha memória, durou uma eternidade.

O que eu não sabia, ou não me lembro, era que aqueles caras estavam ali justamente para convidar Robertinho de Recife a produzir o disco deles. Eu achava que estava chegando para conhecer o guitarrista; eles tinham um objetivo bem mais concreto.

Bicão? Talvez. Mas eu estava lá!

Blues De Doido

O show de lançamento do disco *Rumores* foi na Concha Acústica, que, em 1985, era contramão pra caralho. Hoje a gente sabe que ali, nas proximidades, fica a Vila Planalto. Dá para entender a vontade do pobre de se achar bacana, produzindo uma parada naquele lugar. Mas o problema era deles!

As danceterias eram elitistas e caras. A saída era se virar no Anexo, no bar do CEUB e no Bom Demais, onde os músicos de blues circulavam entre as mesas, pedindo que os incautos pagassem seus conhaques.

Uma vez, vi um sujeito da turma do Guará andando descalço pela Asa Norte. Ué, que moda é essa? Depois fiquei sabendo que os garçons, já escaldados com os calotes daquela turma, passaram a persegui-los e a ficar de olho nos pisantes.

Para chegar à UnB, descia-se na primeira parada da W3 Sul e pegava-se o Grande Circular. Para ir ao Setor de Clubes, era preciso descer na Rodoviária e tomar um táxi. Chegar atrasado nessas paradas era quase normal.

Naquele tempo, dava até para dormir nas paradas isoladas do Cruzeiro, esperando o Corujão, que fazia uma verdadeira tour pela cidade.

Quebrado sofre! Havia toda uma estratégia para economizar usando os vales estudantis, que não valiam aos sábados nem aos domingos.

Ô tempo bom! O sapato furado, o papelão enfiado entre a sola e a meia, e a gente seguindo em frente atrás do rock. A pobreza era uma companheira inconveniente, mas não impedia ninguém de se meter nessas aventuras.

O blues era de doido – e a vida também!

No Gama City

O sujeito do fã-clube O Canto do Cisne comprou uns fanzines meus fiado e nunca pagou. Depois, fui ao Gama assistir ao Rock é Rock Mesmo e ainda tive que pagar ingresso.

A Barra Era Heavy-Total

Parte da cena pioneira do rock brasiliense ficou gravada no Rolla Pedra, bar e espaço cultural inaugurado no centro de Taguatinga, na Rua do Sorvete sem nome, e que acabou.

O QUE NÃO TINHA – 1977-1981

Não tinha banda de punk rock na cidade. Alguns bons bateristas ainda não sabiam rufar. Era aquela onda dark melíflua, de dedilhados em cachoeira. Punk rock, propriamente dito, ainda não existia por aqui.

A primeira banda punk da capital foi a longeva **Marciano Sodomita, em atividade desde 1977, no Guará I.** O primeiro nome de banda punk foi **Feto Podre, em 1978, em Sobradinho**.

O Aborto Elétrico acabou em 1981. Já existiam **XXX, Bambinos e Os Marginais**, em Brasília. Acho que a única banda punk era a Plebe Rude.

Os primeiros punks não gostavam de dar ideia. Havia uma espécie de proibição informal de escrever sobre o punk brasiliense, por medo de represálias. Só a imprensa do Rio podia falar sobre o assunto.

Depois surgiram o Detrito Federal e Marcão Adrenalina, também como compositor de alguns dos hits da banda.

Conheci essa turma na 109 Sul. Na época, estavam por lá Gilmarzinho, Auger, Carequinha e outros personagens.

Quando morei em Taguatinga Norte, no CTN, não conheci punks. No Guará também não. Lembro de Osvaldo, Sandro e Johnny tentando fazer alguma coisa punk.

O QUE CHEGOU – 1982

Em 1982, Podrão estreou nos palcos tocando Ramones. Nesse mesmo ano surgiram a Legião Urbana e os Magrelos do Guará I, punks cabeludos e fãs dos Ramones. As informações chegavam pelo Colégio Elefante Branco.

Também recebíamos xerox de revistas importadas, com matérias e fotografias daqueles sujeitos de moicanos. A Califórnia começava a entrar no nosso radar: X, Dead Kennedys, Black Flag e Circle Jerks. Esta última ficou famosa por aqui porque traduziram seu nome como Círculo da Punheta.

Textos da *Melody Maker* eram publicados no Brasil, mas quase nada se sabia sobre o que acontecia na ilha. Na nossa percepção, quem mandava na cena era o punk rock nova-iorquino.

O QUE EU PENSAVA / O QUE EU VENDIA – 1982-1985

Ainda em 1977, matérias publicadas nas revistas **Veja** e **Manchete** ajudaram a espalhar desinformação e distorções. O punk era apresentado como um culto ao grotesco, ao feio, à aparência chocante.

Com vergonha, confesso: pensávamos que os punks comiam restos e viviam em bueiros. Essa era a imagem que chegava até nós. Acho que o sentido político do movimento foi escondido, também por causa da ditadura.

Muito tempo depois, um intelectual me explicou que o punk tinha uma dimensão cultural e que a palavra já aparecia na linguagem de Shakespeare. Até então, nosso conhecimento era bastante limitado.

Quem fazia sucesso era **Joy Division**. Os discos de Sid Vicious eram raríssimos, nem apareciam nos catálogos. Acho que foi nessa época que surgiu uma distribuidora. Eu não considerava **Devo** uma banda punk. Achava a versão de *Satisfaction* um verdadeiro achincalhe. Aliás, a barreira da língua era terrível.

Saiu o livrinho *O Que É Punk*. Depois, Glauco Mattoso lançou seus opúsculos sobre o assunto. E aí, meu amigo, experimente citar o nome dele!

Em 1985, Hélio Gazu e Djalma apareceram na vidraçaria. Vendi a eles, e ao próprio movimento, os primeiros compactos de bandas punks nacionais gravados em 1982.

O Stuhlzapfchen Von "N" e o BSB-H passaram o ano inteiro de 1985 gravando, em São Paulo, *Ataque às Hordas do Poder*, lançado pelo selo Devil Discos!

, baterista do Stuhlzapfchen Von "N", repetia durante os cinco dias da semana:

– O disco tá saindo, moleque!

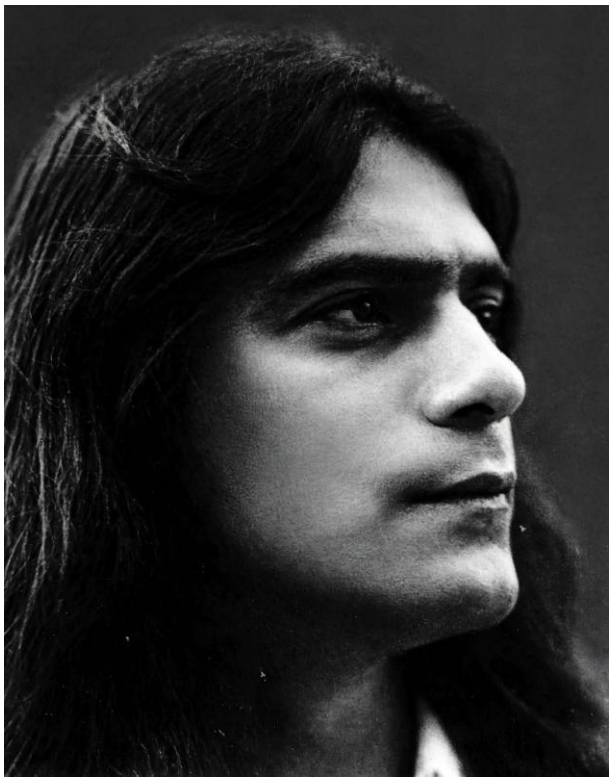
Adoraria ler ou assistir a qualquer relato sobre essa história. Quero aprender mais. Afinal, estamos sempre descobrindo novos autores, personagens e pedaços de uma história que ainda não terminou de ser contada.

1986

7 DE JANEIRO

MARCO ANTÔNIO ARAÚJO (28/8/1949 – 06/01/1986)

A última carta de adeus



Grande Maxacali,

Tô aqui te contando as últimas sobre o seu enterro. Foi segunda-feira passada (dia 6), da maneira mais terrível do mundo, vide a bronca do Morici ao lado. Você precisava ver, apesar de tudo, que barato que foi. A quantidade de pessoas que você tocou, e tocou fundo, nos corações. A imprensa, então, bicho, estava em peso no seu velório. A Déa, coitada – você a perdoa –, teve de pedir aos cinegrafistas que não te filmassem tão de perto. Medo de as crianças te verem e ficarem com aquela imagem que ela mesma, o Tutti, a Selme e várias pessoas que te amavam preferiram trocar por aquela sua imagem de sempre: viva, forte e radiante.

E a reação do povo? Foi demais, bicho! O Nestor, compadre, nem te digo. Comportou-se como um verdadeiro herói. Parecia que estava se despedindo de um filho. O General, o velho General, foi te vendo aos pouquinhos, com os olhos cheios de cautela e lágrimas. O Balona, então... Foi demais mesmo! Cada corbeille, cada mensagem mais linda. A da Tempo Produções, então, foi incrível. Falava do seu talento em letras douradas. Aquela fila de carros te seguindo pela Afonso Pena, parando o trânsito, as pessoas perguntando, atônitas, de quem se tratava.

Puxa vida!

Se não tivessem cortado tanto o que escrevi a seu respeito naquele dia, você não iria reclamar nem de mim. Só pra você ter uma ideia: sabe o que o Carlos Felipe chegou a declarar? Ele disse que a canção que você fez pro Lucas pode ser considerada uma "canção de ninar da era eletrônica".

Chega, senão vou te encher demais a bola. Tô te escrevendo mais é sobre aquele nosso velho sonho, que tinha tudo pra se concretizar este ano (a bronca agora é minha). Isso mesmo.

Sobre o *John Lennon Remember*, que ia sair mesmo, após quatro anos de censura idiota no meio da "inteligência" cultural mineira, só porque foi maravilhoso e fez um monte de gente feliz.

Sabe que dia entrei com os papéis na Fundação Clóvis Salgado, pedindo novamente as datas de 8 a 31 de dezembro deste ano, e não apenas até o dia 24, pra gente ter mais

uma semana depois do Natal e voltar a pedidos? Você deveria saber. Foi justamente naquela quinta-feira em que você morreu.

Parecia que eu estava adivinhando. Liguei cedinho pra sua casa e a Regina me disse que você estava pra chegar de viagem da praia e que voltaria no mesmo dia pro Espírito Santo.

Preste bem atenção nisto: no mar, nadar, praia. E depois voltar para o "espírito santo"... Fiquei apavoradíssimo, como sempre. Era praticamente o último dia antes de a Fundação fechar a programação do Palácio das Artes de 1986. E olha como pedi pra Regina te dar o recado:

— Quando o Marco Antônio chegar, por favor, pede pra ele me ligar tipo urgentíssimo, mas urgentíssimo mesmo. Nós temos que entrar com o pedido das datas de qualquer jeito hoje.

Tá vendo? Se você tivesse me telefonado logo, em vez de dizer a ela que só me ligaria depois de dar uma descansadinha, quem sabe a gente teria almoçado juntos novamente. Feito qualquer coisa. Sonhado outra vez. E nada daquilo teria acontecido. Mas tudo bem. Acabei escrevendo um pedido em nosso...

Seria incrível, Maxaca!

A gente iria empregar outra vez um monte de gente, de artista mineiro. Dar prazer e emoção a um montão muito maior de pessoas, desde o pessoal do próprio palco. (Lembra-se daquela vez, Jorge? Hein, Sorriso?) A renda cobriria todas as despesas e ainda sobraria bastante pra segurar alguma barra que você deixou pra Déa e as crianças.

O pedido tá feito, bicho. O coração, como sempre, pronto pra explodir. Se o Mauro topar de verdade desta vez, o Dângelo permitir e o Raul ainda ajudar, com o apoio do Delfim, que também foi à sua despedida, puxa vida! Não quero nem pensar. A gente vai iluminar outra vez este Belo Horizonte, que anda tão escura aos cântaros e mais cântaros de nenhuma emoção.

Bem. É isso aí. O papel tá acabando. Vai acionando o Lennon aí em cima. Em último caso, quem sabe daqui a algum tempo nós vamos fazer o show por aí mesmo, nus de corpo e alma, num astral muito maior. E o melhor: com Deus também vibrando na plateia. Até lá, vê se vocês dois nos comunicam qualquer coisa.

Quem sabe vocês até têm um outro plano melhor pra gente curtir e fazer as pessoas mais alegres aqui embaixo. Tamo aguardando. Em grandíssimo estilo, né?

P.S. — A Rana também foi ao seu enterro. Mas nem chorou. Acho que ela já te sacou aí em cima, há muito tempo. Criança é fogo mesmo. E o Lucas e a Ana hão de enxergar isso também um dia. Não é à toa que é deles, desde em terra, o reino dos céus.

Hiram Firmino

---

21 DE ABRIL

ROCK REÚNE 25 MIL JOVENS NA PRAÇA DO CONGRESSO

GRANA, FAMA E VOCÊ

O corte de cabelo em voga naquele verão era curto, com uma cortininha na frente e comprido em cascata atrás — estilo Menudos, banda de que Renato Russo era admirador exaltado e confesso.

Um fenômeno: os vizinhos e os irmãos caçulas desfilavam pra cima e pra baixo com instrumentos. Os ensaios rolavam depois das aulas, e os meninos jamais nos deixavam assistir. Eram ex-fãs de Rita Lee e agora fanáticos por Egotrip e O Espírito da Coisa.

Nossos conjuntos residenciais lembravam o urbanismo operário do pós-guerra de Liverpool. A vermelhidão deles estava nos tijolos; a nossa, nos terrenos baldios.

As roupas eram pretas; gravatas, meias, cintos e calçados desciam para os tons escuros. Taxaram seus antecessores de obsoletos e os baniram dos palcos. Era o modo new wave de administrar as coisas da vida e impor o som que deveria reverberar para toda gente. A nova geração inaugurava um inédito templo de prazeres: a danceteria.

"Houve um tempo em que eram comuns eventos nas Praças da Cidade. Vários Festivais de Praça e Ruas de Lazer eram organizados por voluntários, e a comunidade comparecia. Desde exposições de quadros, peças teatrais, jogos, troca de gibis, capoeira, apresentações musicais e muita alegria. As praças lotavam e as pessoas iam se conhecendo." (JOEL ALVES)

No Guará, alguns dos rolés mais expressivos aconteceram nas praças das QEs 7, 17, 32 e 34 e no Ginásio do CAVE.

27 DE ABRIL

Os punks da Stuhlzäpfchen Von N (Supositório Nuclear) se apresentaram na Praça da QE 32, durante o 2º Festival Cultural de Praça. Tempos em que o som do palco não tinha monitor para os músicos e os alto-falantes ficavam no centro da praça... Tempos em que exibir sua música exigia um tipo de heroísmo bravateiro, que só se encontra nos artistas, nos estoicos e nas crianças.

Próximo ao palco, não se conseguia ouvir muito bem, apenas os instrumentos (principalmente a guitarra). Nos falantes da praça, tudo era muito claro:

Instrumento de tortura medieval /

é usado na polícia tradicional /

é usado por homens de farda azul /

não importam com nada, fazem chacina.

Do outro lado da praça, na transversal — apesar de toda a torcida por um desfecho sem constrangimentos e zoeiras em nome da lei —, a zebra era certa... Mal Gilmar desceu do palco, a dupla de policiais Cosme e Damião, formal e rápida, quis averiguar os documentos do vocalista. Cheguei de mansinho e tasquei:

— Dando autógrafos?

Ríamos pra caramba dessas situações.

MANTO: INSTRUMENTAL FORTE

A Banda Manto atuou na QE 7, sobre o caminhão, e também no Ginásio. Na Manto estavam os compositores de "Estrela Cadente", Paulo Maciel e Edibert Torre, além do vocalista Muka, do baixista, do baterista, do tecladista e do guitarrista. Músicos de instrumental forte. Muka fez sucesso local com a música "Vampiro Doidão".

Frutos do Meio, Qualquer Coisa e Mel da Terra também tocaram no Guará.

JULHO

PUNK DE VITRINE

E do meu lado um hippie punk

Me chamando de traidor do movimento.

No ParkShopping, um casal andava de mãos dadas, olhando as vitrines. A cara do rapaz tinha marcas que conformavam uma pequena Lua de acne. Trajava roupas de enleio burguês e, pendurada a tiracolo, uma bolsinha hippie: Marcelo Nova era seu nome.

Na hora, pensei: "... punk de vitrine".

---

25 DE OUTUBRO

Em frente ao Centrão, ocorreu a maior aglomeração do 2º Concerto da Primavera de Brasília.

O CONTRABAIXO É A CONSCIÊNCIA GRAVE

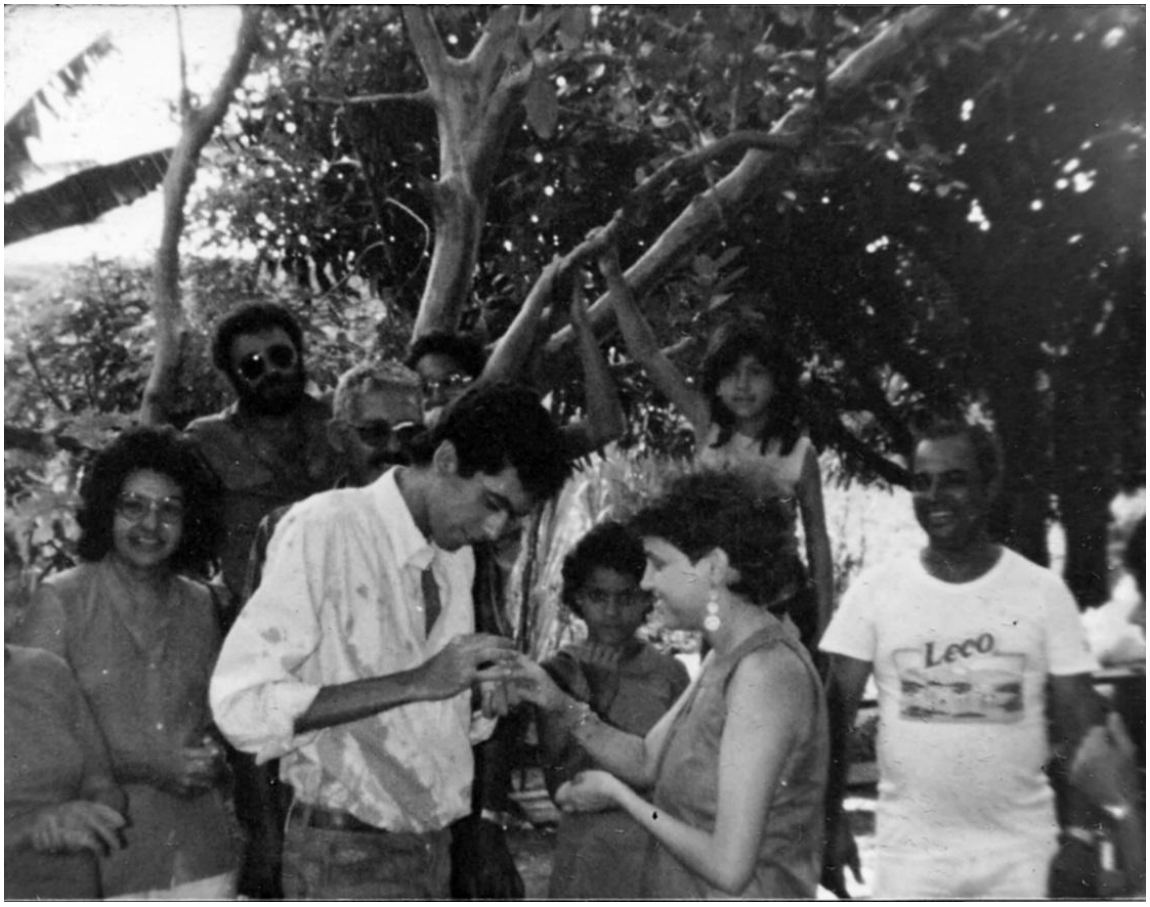
Nosso saudoso amigo contrabaixista Cláudio Nano, também conhecido como Charuto (irmão de Ismael Rogério), morava no Conjunto C da QE 34. Insistiu com a mãe, dona Sebastiana (in memoriam), para comprar seu contrabaixo num brechó, na Asa Norte – era árduo conseguir instrumentos de cordas elétricas naqueles idos.

Negro, esguio e portentoso como um atleta de salto em distância, sua imagem jovial e vibrante suingava no palco, acompanhada pelo sorriso dos não menos jovens Jean Carlos (na guitarra) e Aderbal (do cabelão), nos vocais da Lácrima. Sorrisos de satisfação e plenitude. Nas quatro cordas, Nano se inspirava em Artur Maia.



O inesquecível 2º Festival Cultural de Praça – QE 34.

Outras bandas do Guará que surfavam nos festivais eram Tropa de Choque, Mahatma, Os Nefelibatas, Durangos da América e os Magrello's!



No canto esquerdo, Vicente Sabino, com a barba cerrada e os óculos Ray-Ban para disfarçar as olheiras das noites em claro no desafiador Bar Esperança, por onde passou a intelligentsia boêmia do Guará.

Da gaveta do bar, eu retirava dinheiro para comprar revistas, e ele sabia. Quando eu virava a noite e chegava pela manhã, dizia:

— Me conte como foi o rock, o embalo, que eu te dou uma Coca-Cola.

"Filho do Ivan nos seus livros, me chame por Mirão e não me deixe de fora!"

Foi esse povo bravo que segurou a barra diante do fracasso quando lancei *Balada do Louco*. Mirão guardava pedaços do Correio Braziliense. Quando eu chegava da escola, na hora do almoço, lá estavam eles.

O excepcional dos barmen jogava sinuca só com uma mão. Anteviu e soltou da própria língua:

"Quando eu morrer, meu corpo vai no caixão, mas a língua numa carreta."

Resolvia casos como a polícia. Dos presídios, das delegacias e das bocas, obtinha informações secretas. Era difícil esconder dele algum fato escabroso.

Uma tarde, no Conjunto G da QE 32, mataram o senhor Duzinho, goleiro do 32 Esporte Clube, e encontraram pólvora nas mãos dele.

— Suicídio! — bradou o advogado da viúva.

Mirão saiu na frente do laudo: encontraram pólvora na mão porque ele tentou segurar a arma quando o enteado atirou nele à queima-roupa. O enteado, da mesma idade que eu, assassinou o simpático e querido goleiro da blusa preta com o número 1.

Séculos depois, o enteado veio curtir com a minha cara, e eu devolvi:

– Já resolveu suas coisas com a Justiça?



Meu pai e Boró são amigos até hoje e moram na QE 40. Hélio, casado com a tia Sônia, mais o falecido Cidão, casado com a prima Fatinha, e Danilo, o bebê deles: meus primos Magno e Alberto. Nessa trilha, bem na frente, resiste uma mata virgem!

Boró, o senhor de bigode e camisa branca, era exímio jogador de bola e marceneiro. Sua obra-prima eram glandes esculpidas magistralmente, que ele exibia na mão semifechada, entre os dedos. Jamais consegui que me desse uma. Ninhas, seu filho caçula, muito mais jovem do que eu, era bom de porrada. Jogávamos juntos, e ele me defendia das piabas.

---

29 DE JUNHO

RETRATO DO ROCK BRASÍLIA

Sucesso de um movimento que vem agitando a cidade.

- Mini-LP *Finis Africae*: por um novo rock.
- Imagens da Música Pós-80 ou Rock Brasiliensis. A mostra dos jovens fotógrafos Ricardo Junqueira e Guilherme Malheiro tem levado muita gente à Galeria Oswaldo Goeldi, da Funarte, e poderá ser visitada até quarta-feira.
- The Smiths, banda inglesa apontada como "musa" da Legião, lança sua obra-prima: *The Queen Is Dead*.

ÚLTIMA SEMANA DE JUNHO

Os Titãs também deram uma guinada com *Cabeça Dinossauro* (WEA), o terceiro álbum.

- Madonna é considerada a diva dos anos 80. Pela primeira vez, adota o visual Marilyn para o lançamento de *True Blue*, seu terceiro disco.

JULHO

O Plano Cruzado entra no quinto mês. O Brasil enfrenta uma onda de greves. José Sarney é o presidente da República, e José Aparecido, o governador de Brasília. A população da cidade é de 1.720.000 habitantes, com mais de 700 mil eleitores.

- Brasileiros e brasileiras passam a pagar imposto compulsório sobre os combustíveis na hora de abastecer o carro.
- Itamar Franco, senador, é candidato do Movimento Democrático Progressista ao Governo de Minas. Fernando Henrique Cardoso faz campanha para a eleição de senador pelo PMDB. Cristovam Buarque é o reitor da UnB.
- O escritor tcheco Milan Kundera emplaca dois sucessos nas livrarias brasileiras: *A Insustentável Leveza do Ser* e *Risíveis Amores*. Gabriel García Márquez acaba de lançar *O Amor nos Tempos do Cólera*.
- Na TV, destaque para a minissérie *Anos Dourados* e o programa *Chico & Caetano*. Novelas em exibição na Globo: *Sinhá Moça*, *Cambalacho* e *Selva de Pedra*. Já Maitê Proença causa escândalo com banhos de cachoeira em *Dona Beija*, na Rede Manchete.
- A festa Grana, Fama e Você, com a Plebe Rude, levou 2,5 mil pessoas à Zoom, recorde de público da danceteria.
- O RPM está no auge. Quando chega às lojas, *Rádio Pirata – Ao Vivo* (CBS) já é disco de platina, com 250 mil cópias.
- Os Paralamas lançam no Canecão o disco *Selvagem?* (EMI). Com 300 mil cópias vendidas em um mês e meio, o terceiro álbum definiu a sonoridade da banda, agora mais "mestiça".

1º DE AGOSTO

- Finis Africae – caia na armadilha desse som.
- Legião Urbana: *Dois*, o melhor do rock.
- Novíssimos do rock fazem show.

3 DE AGOSTO

- Zero e Banda 69 fazem a festa do fim das férias.
- Capital Inicial lança pela PolyGram seu primeiro LP, que leva o nome da banda e traz parcerias com Renato Russo, como "Fátima", "Música Urbana" e "Veraneio Vascaína".

A ALMA NO 'DOIS'

Hoje Renato passa a maior parte do seu tempo trabalhando, lendo, escrevendo e compondo no silêncio da Ilha.

"O Renato Russo é o que dá entrevistas e batalha. O Manfredini fica dormindo o tempo todo", diz ele, enfatizando os estímulos de Dado Villa-Lobos, Renato Rocha e Marcelo Bonfá, seus companheiros na Legião Urbana, nos trabalhos que faz.

"Aliás", diz ele, "não queria dar esta entrevista sem a banda de jeito nenhum. A gravadora é que insistiu", afirma, exaltando seu amor e afinidade aos amigos. Sua fidelidade explica a falta de interesse por badalações: "A coisa que eu mais odeio no mundo é falsidade, tipo ficar rindo para quem eu não gosto ou dando explicações para pessoas. Elas que se danem", diz.

Seu tipo apegado e romântico explica a convivência mais estreita com uns cinco ou seis amigos de quem não se separa.

Mas, no momento, Renato não tem disposição nem para os amigos. Sente-se exausto pelo trabalho de lançamento de *Dois*, que o consumiu por mais de um ano. Durante todo esse tempo, Renato compôs, ensaiou, sugeriu e mudou capas, em ritmo frenético.

Dizem que o trabalho da banda sempre oscila entre a simplicidade — contratando pouca gente para a produção e cuidando pessoalmente de tudo — e a onipotência de cuidar de cada detalhe.

"Mas o meu disco é que exprime tudo", explica, mostrando as letras das músicas. Em *Dois*, as letras românticas e líricas, que falam de desencontros amorosos (como em "Andrea Doria" ou "Acrilic On Canvas"), sugerem uma recente decepção amorosa, mas Renato é radical quanto ao assunto:

"Não penso em amor. Acho que ainda sou muito egoísta para ter um relacionamento honesto com alguém", explica.

Seus truques, quando se sente sozinho ou triste, são ouvir "Quase Sem Querer", faixa do último disco, ou dormir.

"Todos os meus amigos dizem que devo fazer análise porque sou exagerado demais", sorri.

A seu respeito, os mesmos amigos que se preocupam revelam uma paixão sem medidas. O escritor Marcelo Rubens Paiva, amigo de Renato há dois anos — quando ele formava a Legião Urbana —, explica nunca ter visto alguém "tão perfeito em tudo".

"O Renato inventou um jeito de dançar que hoje todo mundo copia, mas só quem o viu ao vivo, dançando com o tripé do microfone daquele jeito meio sexualidade reprimida, sabe a força que ele tem. Depois tem a originalidade de sua voz e uma composição infinita, que não se esgota nunca. Agora, como amigo, ele é um doce. Grande contador de histórias, supercarinhoso. Sei que ele parece agressivo, mas esta é sua sensibilidade", diz.

Renato recusa os elogios. Diz achar que sua maior importância é estar fazendo algo.

"E mostrando que todo mundo que quiser pode fazer igual."

(JORNAL DO BRASIL)

OS MONKEES VOLTARAM... MACAQUEARAM, MACANTARAM, MARACANGALHARAM DE NOVO

Os Monkees de 1986 (Davy Jones, Peter Tork e Micky Dolenz) estão sendo relançados, sem Mike Nesmith, e com um sucesso surpreendente.

"Éramos tão conjunto de rock quanto Marcus Welby era médico." (MICHAEL NESMITH)

Vinte anos depois, seus shows estão todos lotados nos Estados Unidos, e o recente LP *Then and Now* já vendeu 800 mil cópias.

"Theme From The Monkees", tema da série de televisão, está sendo veiculado novamente pela MTV. Descobriu-se agora também que os Monkees inventaram o videoclipe musical. O repertório do disco é todo de velharias, com apenas três músicas novas.

Nessa nostalgia surpreendente — poucos imaginavam, vinte anos atrás, que um dia teriam saudades dos Monkees —, cada um curte o que quer. Garotos nascidos na desolação dos anos 70 vampirizam a felicidade que seus pais não param de citar. Os pais ironizam: sem os Monkees não haveria The Jesus and Mary Chain.

Para as turnês comemorativas dos vinte anos do fenômeno Monkees, voltaram também Herman's Hermits, The Grass Roots e Gary Puckett and Union Gap.

Mike não voltou, embora tenha participado de um único show com os demais, em nome dos "velhos tempos".

---

29 DE AGOSTO

A BÁRBARA TERNURA DA LEGIÃO

- Renato Russo procurou por Cécé, mas não obteve resposta. O cantor perguntou a Geraldo Ribeiro: "Cadê aquele guitarrista loirinho que ficava pulando na poça d'água?".
- Uma vez, Cécé ensaiou com a irmã do poeta e, durante todo o tempo que durou o ensaio, ficou de espectador na bunda dela. Ele era contra armações, às quais chamava de "roubada". Fez isso por tara ou para se livrar. Nessas de bandas, ele se abria.

E então saiu o disco *Dois*, da Legião Urbana, que alguns chamaram de "O disco com a capa cor de bosta". Os empresários do sebo nos odiavam, e a mídia conhecia aquele sarcasmo d'Os Magrelos. Eles poderiam se defender por si sós; não era uma imposição de outro fã de estilos. O disco encalhou em Brasília e, até o final do ano, foi vendido em promoção. As grandes lojas botavam *** em cima dos sebos.

---

2 DE SETEMBRO

- O rock de calça comprida da Legião.

7 DE SETEMBRO

Via Correios, recebi da revista Bizz *The Secret Value of Daydreaming*, o segundo LP de Julian Lennon.

27 DE SETEMBRO

TEM CIRCO NOVO NA CIDADE

O Circo Udigrudi, embora exista há quatro anos, só hoje faz sua estreia pra valer, com uma programação infantil à tarde e um show de rock à noite.

---

4 DE OUTUBRO

RÁDIO CENTER EM CRUZADA ANTIMÚSICOS

Os músicos só querem manter seu local de trabalho, mas o síndico Nélson Braga quer vê-los longe de um conjunto projetado para abrigar estúdios e emissoras de rádio e televisão. Para isso, encaminhou um documento em que recomenda aos proprietários mais cuidado na seleção de seus inquilinos, a fim de elevar o "conceito" do local.

Os músicos só não querem a comparação com prostitutas e querem trabalhar em paz.

Uma Copa do Mundo depois de 1982, encontrei Érica Frampton no shopping, no centro da capital. Eu passava pela maior pindaíba: desempregado e havia anos sem pegar num caderno ou numa apostila. Para variar, vendia discos num sebo, para conseguir lanchar e pagar a passagem. Tomamos chopes.

— Você está tendo o sexo que quer?

— Fica completamente nua?

Depois, descemos pelo subsolo, atravessamos a viela e fomos parar no esqueleto de um prédio abandonado nas imediações, acima do início da W3 Sul. Lá, ela me comeu.

Érica Frampton me fez o maior favor: tirou minha virgindade, quebrou meu cabaço. Com ela, não tinha pau pequeno, pau torto, espinha, incipiência ou gagueira. O pecado era ardente, a fadiga era iminente, era esforço letal. Não tinha hora, não tinha lugar. Comecei por cima, com muito atraso. Era bom na teoria das revistas suecas usadas, mas agora tinha que recuperar o tempo perdido. Ela não sabia de nada disso. Depois dela, ninguém mais.

Naquela semana, inventariei meus pobres bens: poucos sapatos e roupas. Arrumei tudo numa mala e ensaiei sair de casa. O único dinheiro que tinha eram algumas notas de dólar, que comprei pensando numa alta. O dólar despencou, e tive que vender, perdendo dinheiro. A mixaria não segurava um aluguel por seis meses.

O pessoal de casa ficou meio apreensivo ao descobrir que aqueles telefonemas tinham algo mais. Não foi a primeira nem a última tentativa de me juntar a ela.

Em poucos meses, teria uma coluna musical no Jornal da Semana e me tornaria um aluno fluente em Estudo dos Problemas Brasileiros e Reforma Agrária — era esse o termo. Escrevia textos diariamente, em blocos começados por aspas, seguidos de resumos das ideias de economistas e sociólogos como Roberto Campos, FHC e Florestan Fernandes.

Geralmente, a disciplina era ministrada por milicos, mas eu me saía bem. Tinha informações de jornais especializados, além de vários boletins e estudos impressos. Estava com um pé no relevo da Geografia, outro na pirâmide da História e ainda um terceiro no Ibama.

Abandonei o jornalismo e consegui me tornar um estudante influente, que se virava para pagar matrícula, mensalidade, livros, passagens, lanches e viagens. Vi meu nome na lista dos primeiros aprovados da Fundação Educacional e assumi outro emprego, pensando que seria transitório.

Os dias de farra haviam acabado. Eu experimentava mais uma revolta fantástica da vida.

---

8 DE OUTUBRO

REVISTAS NA ONDA

Os darks devem detestar, mas os adeptos da saúde adoram: são nada menos que sete revistas dedicadas ao surfe e duas ao skate. Delas, a caçulinha é a *Trip*, uma publicação de luxo que já começou com uma tiragem de 40 mil exemplares.

4 DE NOVEMBRO

HORA E VEZ DO CAPITAL

Um espetáculo muito forte. É o que promete o Capital Inicial no Projeto SP.

24 DE NOVEMBRO

- "Opinião", 22 anos depois – aqueles que disseram não.

25 DE NOVEMBRO

OS MIL TONS GENIAIS

Inquieto e polêmico, Tom Zé segue firme no leme de sua navi-louca.

---

3 DE DEZEMBRO

SAÍMOS PARA VER O VENOM E ASSISTIMOS AO EXCITER

Edinho trabalhava na banca de revistas da QE 9, no Guará I. Era bastante simpático e divertido, e gostei dele na hora. Deixou-me olhar, sem demonstrar resistência, uma revista Rock Brigade.

Meses depois, Edinho reapareceu no Conjunto R da QE 32, no Guará II. Alugara um apartamento numa casa original, que transformou em prédio. Ali, aos domingos, fazíamos churrasco com o Rufino e depois atravessávamos para o extremo do outro conjunto. Fumávamos um cigarro amigo; nosso terceiro amigo policial era aconselhado a não seguir os nossos passos.

Edinho não era o responsável direto pela seção de discos da Sandiz, mas indicava alguns para serem adquiridos, e assim conseguíamos desconto de funcionário nos LPs. Éramos tão colados que íamos juntos às festas de fim de ano da Sandiz. Mas um dia alguém arrumou uma namorada (Gorete).

Nesse tempo, "eles" tiraram um som na casa do Phú. Edinho era um baterista veloz de heavy metal e excelente vocalista – sabia as letras. Cristovão, um ás da guitarra; Sérgio, que tocava guitarra, também era um bom contrabaixista; e eu, blá-blá. Não deu certo. Cristovão apagou a fita do ensaio. Comigo, musicalmente, nunca daria certo.

Edinho usava gravata de crochê verde. Livre dela, parecia um gringo com camiseta preta no saguão do Hotel Bristol. Tomava cerveja animadamente com o Exciter, que era a banda mais legal. Saiu de lá com uma foto autografada.

Éramos mais velhos, e nossas roupas de trabalho nos diferenciavam da multidão de adolescentes no Setor Hoteleiro. O inglês da conversa deles era bastante estridente, com gírias musicais. Repetiam *fuckin'* para toda coisa e até *pretty fuckin'* quando se referiam a uma loira.

Eu espreitava dona Lindaura, a arrumadeira que servira Raul Seixas. Invadíamos os hotéis. Na porta do quarto, Hely Rodrigues, baterista do 14 Bis, me chamou na regulagem porque eu havia pegado um chocolate de dentro da sacola que penduravam do lado de fora, nas maçanetas dos quartos. Disse-me:

– Alguém vai ter que pagar por isso!

Fiquei com medo de ele chamar a polícia.

Nos hotéis, falávamos com Robertinho de Recife a respeito do segundo disco do Metalmania, e esse era o script das aventuras.

Os Magrelos eram os maiores gozadores do cosmo. Cécé dava pulos e socava minhas costas:

– O cara, foi ver o A-bad-don!

E repetia: A-bad-don.

Tuca emendava sua característica gargalhada de desprezo total pelo mundo:

— Ah, ah, A-bad-don!

Tiraram sarro da minha cara por uma semana:

— Como é, o cara tem três olhos? E o Mantas?

Não adiantava querer falar do Exciter: só saía A-bad-don!

Era final de ano e estávamos empregados. Isso quer dizer que tínhamos uma porrada de LPs para finalmente ouvir. Foi quando troquei o Rush, capa tripla, *All the World's a Stage*, e o *Sabbath Bloody Sabbath* inglês, de tiragem independente, com ingresso colado na capa, pela coleção do Emerson, Lake and Palmer e mais LPs de outros grupos progressivos com Edinho.

Ele morou no Conjunto P, no prédio do Paulo, arquiteto. Na frente da casa que virou edifício, fizemos muitos churrasquinhos aos domingos. Depois, os churrasquinhos continuaram na QE 19, aos sábados, na casa do Quinzinho.

---

6 DE DEZEMBRO

LEGIÃO URBANA ATACA NO IBIRAPUERA

Esses roqueiros não respeitam a opinião de ninguém. Mas querem cantar para multidões.

No Conselho Regional, próximo do meio-dia, batia o cartão de ponto. Passava na sala do chefe e roubava o Caderno 2 do Estadão.

Tenho essa matéria da Legião. Meio que havia sumido da mídia e voltou com o segundo disco, considerado o ápice. Quando li a reportagem, pensei: "Certas coisas não te abandonam e ainda mostram que o mundo não era uma merda".

Imediatamente, me convenci a pedir para sair e ficar desempregado, vivendo de pequenos bicos. A barra era heavy-total.

Amargamente duro, trabalhei no Setor de Grandes Áreas Isoladas Sul, plastificando carteirinhas dos arquitetos e engenheiros recém-formados.

8 DE DEZEMBRO

FESTIVAL ARTWAY/WEA

Rock Brasília lança dez novas bandas no mercado.

12 DE DEZEMBRO

- A invasão do Marciano Sodomita.

O OUTRO LADO PODRE DO PODER

Três jovens do grupo punk-brasiliense Detrito Federal, que se apresenta hoje e amanhã na danceteria Metrópolis, revelam o que pensam da vida, do amor e das caveiras.

15 DE DEZEMBRO

- Legião na Villa-Lobos.

21 DE DEZEMBRO

JOGO DE CENA NA MARTINS PENNA

A Culpa é da Mãe foi um dos muitos grupos que tomaram parte do Jogo de Cena, que ficou em cartaz de 1989 a 1992 no Teatro Garagem.

"Vários artistas que atualmente brilham na música e no teatro em Brasília participaram do Jogo de Cena, inicialmente como espectadores. Há os casos de Welder e Pipo, que depois vieram a ser destaque como apresentadores", revela James Festenseifer, criador e diretor do projeto.

"O Garagem abria espaço para artistas em início de carreira e tornou-se referência para consumidores de cultura na capital", observa.

Destranque a carranca, afrouxe o sapato e vá conhecer o circo de todas as idades.

No domingo, a esmo, cortava pela QE 34 até a QE 36. Numa garagem, uma televisão com volume alto passava o filme do Led Zeppelin, uma cópia da cópia, riscada (vídeo cassete era um evento).

— Entra! Meu pai trouxe espigas de milho da chácara.

Quem falava isso era o saudoso Marcelo Alexandre de Oliveira. O milho e as espigas rolavam de mão em mão.

Fim da sessão, saímos procurando um barzinho no ainda deserto Guará. Até a frota de carros de então parecia tímida.

Na segunda-feira, a depressão arrulhava em nossos ouvidos, logo cedo: estávamos desempregados, largados, sem instrução, sem dinheiro da cerveja e sem show de rock? Só filme *Rock é Rock Mesmo*. Isso sim era rock'n'roll!

Véspera de ano novo

Os surdos não ouvem os absurdos que as pessoas comentam enquanto esperam pelo coletivo, debaixo da chuva, numa tarde fria de final de ano.

Um mudo, com todos os sintomas da sede da aguardente, gesticulava, fazendo mímica e explicando que não tinha dinheiro para a passagem. Apresentava uma sudorese bíblica na testa, fechava e abria os dedos nervosamente, tentando conter os formigamentos lancinantes da abstinência. Os olhos úmidos ressaltavam remelas antigas, e a boca seca balbuciava nomes indecifráveis.

Com os cegos, o desprezo não é menos mordaz. Por meio dos papeizinhos distribuídos por seu secretário de desventuras, o ceguinho pedia ajuda, na esperança módica de quem ainda crê na humanidade. Felizmente, seu infortúnio de trevas concedia-lhe um alento pungente e silencioso, ao não permitir que enxergasse a indiferença no olhar pardacento e vago dos que lhe sonegavam o dinheiro miúdo para adoçar a noite de Natal.

Na minha paciência exterior, aguardava ansioso por rodar a roleta do tambor e sentar ao banco, para devorar o conteúdo do jornal de ontem. Pensava na influência do telefone nas relações humanas, enquanto calculava o ganho diário, na perspectiva de juntar moedinhas e comprar o gibi do Capitão Underground.

Ao lado, sentada, uma jovem saudável, bela e solitária. Moçoila com a barriguinha de sete meses. Ela queria morrer, sentia-se como uma tartaruga à espera da desova numa praia. Não explicou por que engravidou. O pior de tudo: seu homenzinho havia abandonado-a, deixando-a aos cuidados dos pais, que nunca confiaram nele e insistiam para que ela o deixasse antes do pior. Pelo menos, ela estava sozinha agora — para infelicidade ou felicidade paterna.

Daí a alguns quilômetros, puxei energicamente a cordinha da "cigarra", desci os degraus e comecei lentamente a caminhar pelas alamedas da grande cidade. Queria chegar logo aos braços de minha amada e cultivar o alimento da paixão.

Pausa para um cigarro...

Na casa de Lucy, todos respeitam sua individualidade, sem analisá-lo ou reprimi-lo. Aqui, os loucos gargalham de acordo com o tempo e a necessidade. Sempre há vinho, cigarros e mulheres. Fazem dos corpos uma companhia de balé que rodopia e coreografa um sabá inconsciente diante de garrafas transparentes e vazias.

Candelabros improvisados. Clamam por vingança e pedem a presença de velhos ancestrais ou espíritos sábios — os quais nunca aparecem e, quando aparecerem, não quero estar lá para ver.

No pick-up, o bom e velho Pink Floyd. Lucy e Quinzinho, gente fina, querem ser aspiradores para aspirar todo o pó do labirinto. Na falta dele, contentam-se com cervejas e quase todas as noites desmaiam em seu quarto de paredes listradas, com uma janela que dá para o fundo do quintal, onde dorme um amontoado de garrafas esvaziadas.

Fomos para a praça pichar, enaltecer a poluição visual, e a polícia chegou numa Kombi verdinha, com dez homens. Não se sabe se de boa ou má conduta. Pediram nossos documentos, mas, na verdade, queriam bebericar nosso vinho e perguntaram:

— Não tem barato, só música e vinho?

Ninguém respondeu. Com toda certeza, o aparato do tal barato já havia sido incinerado por alguém mais esperto, e ninguém deu conta do que eles queriam — para a felicidade da ocasião e tristeza da vizinhança, que espreitava pelas frestas das portas e brechas das janelas.

Fomos aconselhados a ir para casa, contra a nossa vontade. O mato era o único lugar seguro, e corremos como cabritos da montanha. Fomos dispersados pelo aroma do pó de café em contato com a água fervente. Sumimos como surgimos e nos tornamos sementes mal germinadas pela sociedade.

Alguém me ligou, me acordando, para dizer que não devíamos parar de sonhar.

Fiquei absurdado: 1987!!

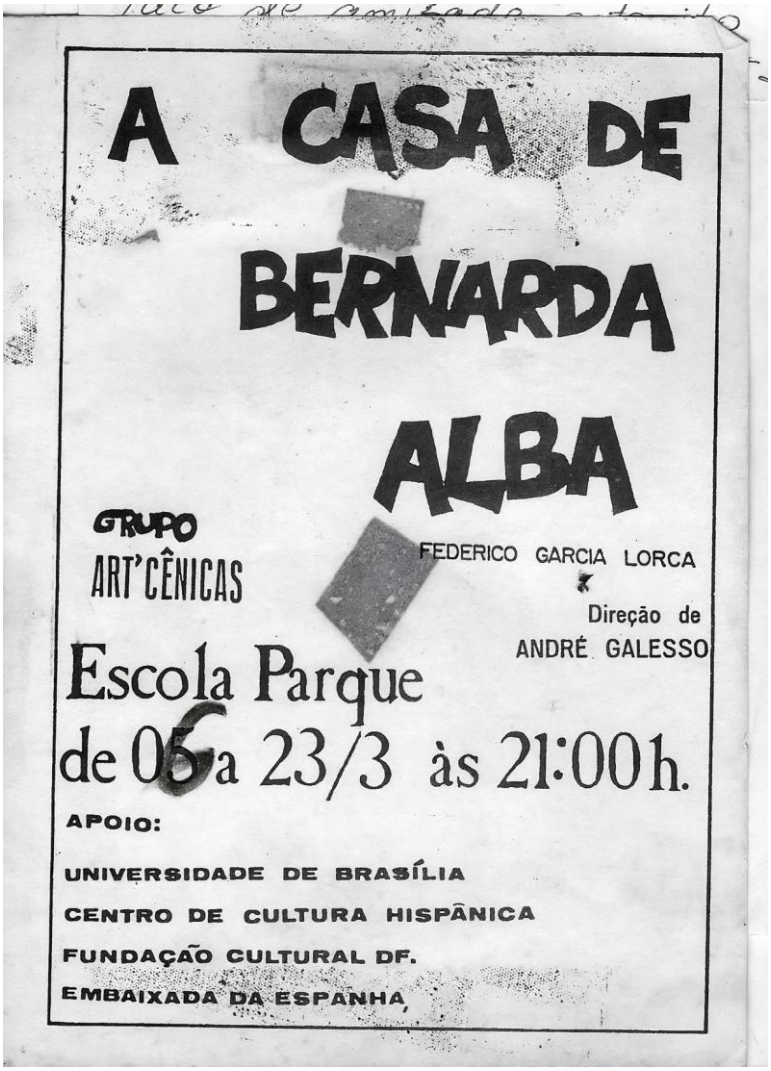
A linha caiu...

Uma garota ficou mais puta do que eu com aquela falta de reconhecimento.

— E aquele seu amigo não disse nada? Ficou lá bebendo vinho.

Pois é. Dessas, coleciono centenas.

Mas quem tem um sonho não dança.


A CASA DE
BERNARDA
ALBA
GRUPO
ART'CÊNICAS
FEDERICO GARCIA LORCA
Direção de
ANDRÉ GALESSO
Escola Parque
de 05 a 23/3 às 21:00h.
APOIO:
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE CULTURA HISPÂNICA
FUNDAÇÃO CULTURAL DF.
EMBAIXADA DA ESPANHA


"OS FARSANTES TAMBÉM AMAM"
DE ROBSON GRAIA
TEATRO DA ESCOLA PARQUE
DE 23/06 A 02/07
PROMOÇÃO: KLAQUETE PROD. ART.
APOIO: SEC/DAC

1987

- Cássia Eller canta no bar e restaurante Bom Demais, na 706 Norte, palco onde se apresentou repetidas vezes e conquistou o público brasiliense, antes de começar sua trajetória nacional.

22 DE FEVEREIRO

Domingo. No hospital da Universidade de Nova York, Andy Warhol havia sido operado da vesícula e sofreu um ataque cardiopulmonar fatal enquanto dormia. Aos 57 anos, não teve tempo de recuperar a imagem polêmica e o poder de chocar, desgastados pela supercomercialização de seu trabalho.

- O ácido diário que o artista plástico Andy Warhol deixou como presente de grego post-mortem a seus colegas e amiguinhos é contestado numa reportagem de Michael Gross, do jornal *Los Angeles Times*, publicada com exclusividade no Brasil pela *Folha d'*....

MARÇO

A MALDIÇÃO DA MODA DARK EM IPANEMA

Atenção, pós-caretas e neo-inovadores do pedaço! Cuidado!!! Mais mortal/imortal que vírus, somente o germe dark, que se manifesta pelos seguintes sintomas: expressão facial indicando tédio, falta de perspectivas, medo de viver, hábitos noturnos e roupas frouxas de tons negro-escuros, causadoras de blackout cerebral.

Não é o fim do mundo, nem o início do Armageddon. É a cor da moda, onde filhos psicopatas de diplomatas matam seus pais nos gabinetes presidenciais, onde os carecas que perderam seus cabelos de laquê correm atrás dos metaleiros de camisetas negras que não possuem correntes. A ala feminina insiste nas minissaias e na maquiagem berrante, como quem acabou de acordar de uma bad trip.

É o reinado dark, onde shoppings faturam vendendo suas mercadorias e importadoras de discos batem recordes de faturamento. O ultimato é saber qual a cor das letras dos encartes e dançar como se rolasse uma canja nalgum show em Londres ou em alguma poluída danceteria de Cubatão.

Dançaram o samba do crioulo doido ouvindo a 6ª de Beethoven na versão massiva de Giorgio Moroder...

Uma superprodução digna de Dino De Laurentiis, totalmente rodada em Ipanema e financiada pela herança da tia do Lobão, o cantor heteronormativo, nietzschiano, dublê de Zaratustra, que "nem sempre se vê, lágrimas no escuro". Um dínamo!

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Heróis da Inconfidência, Arte no Dark, Violeta dá Sono, Rigoroso Ultraje, Manets Falsos e a estreia do supergrupo Kid Vermelho e as Abóboras do Sucesso.

As gangues do asfalto dominam um país falido do Terceiro Mundo. São os hardcores, os black hearts, yuppies-ups, forever punks e o terrível duelo entre as radicais alas dos dark-metals versus os pós-black devils.

No papel principal, o galã global Paul Richard, em cenas ousadas, realçando as performances mais sensuais pós-Carmen Miranda, vivendo o papel do diplomata psicopata

brasiliense. O ilustre desconhecido Renato Manfredini Jr. recusou o papel, e Roger foi reprovado no test drive para substituir Renato. O jeito foi importar Mr. Paul Richard.

Tudo ainda corre em segredo, mas sabe-se que a Plebe Grude dirigirá a Veraneio Vascaína e que Cazuza e Caetano estão compondo funks atômicos e sambas psicodélicos para a trilha sonora...

RETROCESSO 87

Desperdício de recursos publicitários, marketing inútil com os comentários sobre Madonna, Michael Jackson, Tina Turner, Siouxsie, The Cure, neo-rock, Bruce Springsteen, Venom e outros mais...

Perdi muito lendo para fãs da Blitz, Kid Abelha e Duran Duran, artigos que visavam atingir e sensibilizar leitores e ouvintes amadurecidos com ração de granja. Não sei o que é bom ou ruim, o que é novo ou paleolítico.

Cansei de ver repetidas todas as fórmulas de programação e descobri os sempre velhos chavões acobertando e divulgando o que a indústria fonográfica queria através da mídia. Um caso? Heróis do Brasil e da Resistência? Ou seria Insistência?

Não confio em nenhuma publicação periódica musical, nativa ou importada. Confio apenas nos meus ouvidos.

Anúncios em revistas difundiam a New Age em compact disc.

Não temos dinheiro. Crianças passam fome pelo seu prazer. Depois de me afogar na tinta azul compacta esférica BIC, optei pela máquina de escrever, pois ela não treme e não deixaria a letra feia.

Não me sinto mais órfão por parte do Led Zeppelin, pois agora The Mission chegou para ser tudo aquilo que o Led deixou de ser. E mais: é uma banda de culto underground. Em breve, vídeos e pôsteres nas bancas. É quente, aguardem...

Só fiquei triste porque censuraram o anúncio em que eu oferecia trocar correspondência com metaleiros, procurava garotas românticas que residissem na cidade e, além disso, vendia fitas piratas. Estou tão arrependido.

Treck!!! “O disco acabou, vira o outro lado”. Restou o zumbido de um pernilongo ou mosquito no ar...

BROTHER BILL E A SUA ÚLTIMA CAMISA LIMPA

Num sábado à noite, esperando pela volta do embalado do Travolta em 1986, digo, 87!

Sentia o arrepio na nuca, apertava a mão contra o olho, olhava o espelho e pensava: “Mais louco impossível!”. Ajustava o pau com a mão por fora da calça. Juntava os lábios e fazia biquinho. “Que expressão ridícula!”, eu escrevia num bloquinho.

Um clima de tempestade solar. P***! Sou um homem solteiro e estou faminto.

No verso “All my friends got to tell me you was gone for good”, eu pensava no Cécé e em todos que poderia encontrar. Detalhe: o rolê era a pé. Mãe! Não esquente, talvez jamais volte. Ela jamais esquentou. Sabia que, no outro dia, eu estaria no batente.

Andava de um lado da rua para o outro. Não sabia o que queria da vida. Quando essa vida mundana mudaria?

No disco vinha o verso “They put the last clean shirt / On my poor brother Bill”. Para mim, era uma história de faroeste sobre uma última camisa limpa. Que nada! Era sobre um óbito por overdose. E ainda tinha “It's All Over Now, Baby Blue” – “The highway is for gamblers, better use your sense”.

Fazia cinco anos que eu alucinava ouvindo aquele disco e eles acabavam de voltar.

BSB: FIELDS FOREVER

Sentia-me fenomenalmente magro, bodeado por uns drinks, rodeado por filipetas no carpete, onde as paredes eram adornadas por espelhos de cristal.

O Açougueiro pediu uma cerveja com maionese, enquanto a vizinha do 6º andar, de luneta em punho, usava sua paciência de estátua procurando assuntos para a manhã seguinte.

Foi em óvni que as carrancas do ABC paulista pintaram para curtir a noite no Beirute. Caetano apareceu e teve que dar autógrafos, enquanto Renato Russo cantou "Eduardo e Mônica". No final, Russo dedicou a música a Caetano, mas dispensou numa boa o beijo da mulher-aranha.

Dividimos mesas e bancos, repartimos copos e cigarros. Esgotando a nossa depressão, usei roupas escuras e penteei o cabelo, que foi cortado dark, enquanto ouvíamos rockabilly.

As vítimas da sociedade, em um momento de amor programado, optaram pelo vazio em vez do sem sentido.

Não tive tempo de ler os cartazes distribuídos como vírus pelos outdoors. Deviam anunciar algo. Para que eles servem? Seria algo importante?

O coletivo cruzou as Asas, me deixando numa sauna, e a garupa de uma moto me deixou em casa. Os clientes cientes, de terno e gravata, pagaram as contas e ainda deram uma boa gorjeta. Agradeci com um beijo no rosto e a promessa de retorno.

Um pária da pátria pedia votos num cartaz fixado em um cilindro de concreto no Setor Comercial, em frente a um superbloco na quadra de escritórios.

Dom Bosco previu, Niemeyer arquitetou, JK financiou, Glauber filmou em cinemascope. Enfim, nasceu a capital do século XX, onde Tancredo sofreu e Sarney presenteou o povo com o Pacote de Troia.

Foram cinco décadas em 60 meses, a presilha da braguilha do Gigante que retém a urina na bexiga, procurando um beco para aliviar-nos...

Picharam na Esplanada:

Punk que é dark – mata pai e mãe no parque...

Dark que é punk – f*** pai e mãe.

23 DE ABRIL

SÓ 16 PMS CUIDAVAM DO ROCK

Multidão de 40 mil pessoas estava mal protegida no show.

"Por pouco o badernaço do ano passado não foi reeditado."

JULHO

Mês de aniversário do Edinho. Para comemorar, tomamos uns copos de vinho antes do almoço, ainda no meio da semana.

Cheguei em casa na hora do almoço e não havia água. Eu tinha que trabalhar no Conselho Regional. Tomei o ônibus sem tomar banho, dormi e cheguei altão. Meu colega de escritório mandou-me dormir no andar de cima e acabou me entregando para a chefe no escritório central, no Plano Piloto.

“Não tinha só álcool naquela bebedeira”, foi sua frase marcante.

Nem preciso dizer que perdi o emprego.

Edinho desconhecia as razões pelas quais minha mãe não gostava dele. Mas eu insistia que as pessoas eram individuais.

Um dia, Edinho se mudou para a casa de seu pai, no P Sul. Foi metamorfosear em lenda, tocando bateria e cantando no Sarcastic Death.

Muitos anos se passaram e Joel trouxe Edinho à chácara. Não sei se eu estava casado. Passando os dias da semana no apartamento da QI 27 e os fins de semana na chácara, eu havia tido algum desgaste com algum amigo passante.

Recordo-me de que pensei: “Edinho é problema do Joel”. Não ofereci pousada, mas antes lhe fiz uma primeira pergunta:

“Você ainda tem os discos?”

“Olha o que o cara pergunta...”, foi sua resposta.

Reencontrei Edinho muitos anos depois, no Facebook.

27 DE JULHO

- Rio de Janeiro – Marciano Sodomita no Circo Voador.

AGOSTO

O ex-Beatle Paul McCartney resolveu gravar um álbum exclusivamente para seus fãs na União Soviética.

Segundo Paul, era no país comunista que estavam muitos de seus “seguidores mais leais”. Isso apesar de os Beatles, assim como todos os grandes ídolos do rock'n'roll, serem considerados inimigos do regime e terem seus discos vendidos apenas no mercado negro.

Lançado no ano seguinte, o álbum *CHOBA B CCCP* (*Back in the USSR*, em russo) foi um sucesso e acabou dando um empurrãozinho a Mikhail Gorbachev em sua Glasnost (“transparência”, em russo), a abertura política que, junto à Perestroika, culminaria no fim da URSS em **1991**.

- Arte no Escuro segue para o Rio e dá início às gravações de seu primeiro LP. Além de “Beije-me Cowboy” e “Na Noite”, conhecidas do público através de shows e da execução em rádio, o Arte no Escuro grava mais seis músicas, com produção do baterista Gutje e de Mayrton Bahia, produtor da Legião, Finis e Zero, entre outros.

- “Faroeste Caboclo” ganhou três condenações por “linguagem vulgar e grosseira” e “expressões empregadas por viciados e traficantes de drogas”. A EMI-Odeon, então, utilizou um recurso maroto: substituiu, no recurso, os trechos considerados problemáticos, mas os manteve no disco e no encarte. Meses depois, a artimanha foi notada e a gravadora, multada.

“A referida melodia vem sendo veiculada através de organismos de radiodifusão locais em sua versão integral”, alertou a censora federal Telma Maria de Melo Costa.

Tarde demais: mesmo com nove minutos de duração, a saga de João de Santo Cristo já era executada em todo o país. (CARLOS MARCELO)

6 DE AGOSTO

DETRITO, ALGO PODRE NO PLANALTO CENTRAL

A banda Detrito Federal não é só punk. É rock, funk, country e até umas baladinhas.

VENDENDO DISCOS

Mais uma vez desempregado. Desta vez, fui vender discos de rock para as equipes de som de Sobradinho e de outras bocadas. Assim conheci os colecionadores da cidade.

No Venâncio 2.000, vendi discos para as equipes de som de Sobradinho. E você vem com essa de que eles jamais ouviram falar de mim? Aí apresento o meu cartão de visitas de um brother que agita a cena por lá. Somos amigos há 29 anos. Eu o conheci quando entrei no serviço secreto do GDF.

Filipeta do sebo Hontem e Hoje, do saudoso senhor Vicente Machado. Com certeza, o maior colecionador de discos da música brasileira de Brasília, admirador de jazz:

"Mário, você não teria algum disco de jazz americano prensado com anel de arame em torno?"

"Cê deve estar de sacanagem..."

13 A 25 DE SETEMBRO

UnB

1º FESTIVAL LATINO-AMERICANO DE ARTE E CULTURA

"Tenho um galo na cabeça desde esse dia, quando bati a cabeça no meio-fio em companhia de Joel. Desde então, penso muito sobre o álcool, que acho a mais poderosa das drogas. Eu bebi vinho e caí da porta de trás do grande circular, batendo a cabeça na calçada."

31 DE OUTUBRO

FIM DE SEMANA COM MUITAS BANDAS

Heróis do Dia, Alto QI e Doutrina Monroe: no Ginásio de Esportes do Guará.

NEFELIBATAS NO FEMPLUZ – FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR DE LUZIÂNIA

"Foram dois dias de festival e os Nefelibatas tocaram no sábado e classificaram-se para o domingo.

Lembro-me como se fosse hoje: o Sodré usando um sobretudo; Cris, o guitarrista, usava uma guitarra Telecaster com um headstock mais moderno. Troquei ideias com o Lauro, baterista bem carismático.

No domingo, fui para ver a final. E cadê os caras? Nada. Daí, como tinha horário para chegar em casa, fui embora sem vê-los e fiquei bastante chateado.

No dia seguinte, encontrei meus amigos, que me disseram que eles tinham ganhado o festival. Pela primeira vez não teve marmelada no Fempluz e, ainda por cima, uma banda de rock venceu. Uau! Fiquei muito feliz.

Um amigo tem a demo tape deles. Não sou saudosista, mas sinto muito a falta de inteligência no rock atual."

(ANDRÉ ANTIMÁCULA)

1º DE NOVEMBRO

Depois da meia-noite, a grande atração de rock é indiscutivelmente o concerto da Plebe Rude, que vai acontecer na Zoom, numa promoção da Agora Eles.

É o segundo show que a Plebe faz em Brasília, depois do lançamento, em agosto, de *Nunca Fomos Tão Brasileiros*, seu segundo disco pela EMI-Odeon. Philippe Seabra, Ameba, André X e Gutje, que vêm se apresentando por todo o país, retornam à origem para tocar e agitar uma galera que sempre os prestigiou.

No Teatro da Praça, em Taguatinga – Clones de Ludwig e 3ª Divisão.

No Fonte Dubom Paladar, no Cruzeiro – Nervos de Seda e 5 Generais.

25 DE NOVEMBRO

- Admiradores do heavy metal não têm pacto com demônios.

19 DE DEZEMBRO

LEGIÃO URBANA FECHA UM CICLO EM SUA CARREIRA

A Legião Urbana relança a música "Soldados" no álbum *Que País É Este*, que reunia material inédito do Aborto Elétrico e de outras bandas da chamada Turma da Colina.

"O que eu vejo é o que vejo na televisão, os caras se digladiando no Congresso como se fossem animais. Eu não entendo o resto. Eu não estou qualificado para falar desses assuntos."

(RENATO RUSSO)

DA BANDA DO CACHORRO LOUCO À FUSÃO E AOS DRUIDAS

MÁRCIO PARAFINA

Namastê! Me chamo Márcio André, ou Parafa's, ou ainda Márcio Parafina.

E aí, irmão? Li vossa matéria e faço uma observação a respeito do Fusão: o Renato tocou por pouco tempo...

Na reportagem do *Jornal do Brasil*, fui elogiado pela guitarra que toquei num show na Sala Funarte, numa temporada com outras bandas. Acho que se chamou *Nas Asas do Rock* ou coisa assim. Parafa's era como a galera me chamava.

Comecei em 1978 com a Banda do Cachorro Louco. Aparece verbete publicado na *Enciclopédia do Rock*, pela Som Três: eu no contrabaixo, o Murilo, da Banda 69, na guitarra, e o Portuga, do Finis Africae, na bateria.

No final de 1982, fui chamado pelo Steve Marcão – filho de oficial da Aeronáutica, assim como eu e o Vianinha (Herbert Vianna), que também moramos no mesmo prédio, nas quadras 110 e 310 Sul, onde havia uma enorme concentração de residências funcionais de militares.

Também faziam parte o vocalista que ficou conhecido como Marco Canto e o baterista Sérgio Ricardo, o Bahia. Eles queriam meus solos de guitarra no Fusão, que tinha mais a ver com o que se ouve hoje em dia, como Joe Satriani.

Então, em 1983, entrei no Fusão. Eu ficava numa guitarra e Renato Estrela na outra – até a última notícia, Renato estava trabalhando como caminhoneiro nos Estados Unidos. Marcão ficava no vocal e Rodrigo no baixo.

Aconteceu que Renato enchia linguiça com solos plagiados do Led Zeppelin, e o Fusão já estava de saco cheio de seu estrelismo. Assim houve um racha na banda. Saíram Rodrigo e Renato, e o Fusão permaneceu comigo na guitarra, com Marcão no baixo, cantando minhas composições, e Bahia na bateria. Posteriormente, entraria Nagib Abdala, o Morg Jazigo, no contrabaixo.

Essa formação rolou até o pai do Marcão ser transferido para o Sul do país. Fiz a guitarra e o vocal... até irmos gravar no Rio de Janeiro.

Tive um professor de inglês que era fã meu e da banda: Manfredini Júnior, que nos pedia para abrir os shows dele com a Banda do Cachorro Louco. Nessa época, nosso som tinha muita influência de Rush, Led Zeppelin e Pink Floyd. Fiz isso para ele num show no Iate Clube.

Na ocasião, ele me pediu para levar, se possível, uma outra banda também... a do seu amigo Dinho, vocalista do Capital Inicial.

Só que essa galera estava a fim de se profissionalizar, e eu muito mais ligado na curtição do sexo, drogas e rock'n'roll... Nessa pegada, eu já estava empregado desde 1983, como funcionário público. Não me preocupava com fama e grana, pois já tinha mulher e filhos para cuidar.

Mais tarde, tive uma sala de ensaio com Felipe, da Plebe Rude, o Fifi. Essa sala acabou quando Fifi foi gravar na Odeon. Mais tarde, vi a banda num especial na TV Manchete. Fiquei muito feliz em ver a galera se dando bem com a música. E eu também muito feliz tocando no DF, pela Fundação Cultural e passando pelo Plano Cruzado.

Em 1986, acompanhei o jovem Manfredini ao Golden Star, e ele estava bem de saúde. Falávamos sobre riscos, e ele sabia de tudo, pois seus pais eram espíritas kardecistas. Mesmo falando sobre os perigos físicos e espirituais, eu perguntava-lhe por que não tomava uma atitude diante da situação... por que não arriscava perder o corpo físico e suas consequências espirituais.

Ele me falou sobre o kardecismo e sobre seus pais, dizendo que, na casa dele, tinha uma fonte de conhecimentos, mas ele a achava fonte limpa demais...

Bom, fazer o quê, não é? Manfredini Jr. ainda poderia estar com os encarnados, assim como nós, mas preferiu trilhar o próprio caminho...

Manfredini Jr. me perturbava constantemente com a ideia de produzir o Fusão. Tanto que nos incentivou, em setembro de 1987, a gravar! E, principalmente, mostrar uma música com quase dez minutos que ele tinha feito para mim e que iria aparecer num programa musical: na época, o conhecido *Globo de Ouro*.

E assim fui parar no Rio de Janeiro e passei alguns dias onde ele morava com sua vó. Por coincidência, eu tinha uma tia que morava bem próximo à casa de sua avó, na Freguesia da Ilha do Governador.

Manfredini Jr. era muito simples. Como nem TV tinha no quarto, já estava pensando em adquirir uma, e eu o acompanhei para comprar uma – "que tivesse matiz! Que tivesse mais resolução de cor!" – para vermos a música pronta no *Globo de Ouro*.



Em relação a gravar com o Cidadão produzindo o disco, fizemos uma demo tape. O próprio Manfredini Jr. falou:

“Ficou uma merda... Parece Legião Urbana com guitarra solo.”

E, segundo George Davison, diretor executivo da Odeon, o rock não podia receber mais investimentos como até então recebia, pois as gravadoras estavam mudando seus padrões musicais.

Com a saída de Renato Bahia, Márcio “Parafina” batizou os ex-integrantes do Rock Fusão como Druidas. A formação reunia Márcio André “Parafina”, considerado um dos melhores guitarristas de Brasília à época, Nagib Abdala, no contrabaixo, e Gustavo, na bateria.

Com a produção de Renato Russo, os Druidas gravaram no estúdio do Biquíni Cavadão.

Quando conheci Manfredini Jr., no curso de inglês Stanford, no subsolo da 504 Norte, eu andava sempre com meu violão pendurado. Ele me reconheceu, disse que era fã da minha banda e pediu para eu levar um som para ele depois da aula.

Assim fiz, mostrando-lhe um blues rock de seis minutos chamado “Aninha”. Ele achou o máximo e perguntou como eu havia obtido aquela ideia.

Respondi que tinha sido fácil fazê-la, pois contava a história de uma amiga que havia ido para o Baixo Leblon, no Rio de Janeiro, até perdermos o contato, feito por carta que trocávamos. No final da música – imaginei um bom final! – o refrão dizia:

"Aninha armou e se deu bem / A manha é essa, arme-se você também".

Aí foi minha vez de pedir para que ele me mostrasse uma música. Ele me apresentou uma que achei uma m... música de doidão! Uma coisa dizendo que ele fugia da polícia... "Veraneio Vascaína".

Aí ele me mostrou outra. Achei melhorzinha.

Assim começamos uma amizade baseada no rock'n'roll.

Aliás, minha esposa na época até passou a vender mel produzido por meu sogro, apicultor, para a mãe de Manfredini Jr.

Assim eu... militar reformado há três anos... vivendo em frente à Praia de Copacabana... acordando todo dia olhando o mar, passeando com a esposa e o cachorrinho Turíbio.

Ando de skate nas pistas do Rio de Janeiro, volto para casa com a esposa, tendo a companhia de Turíbio e de mais um gato chamado Patão.

Tenho quatro filhos e quatro netos. Não posso reclamar da vida, somente agradecer ao Criador por todas as oportunidades que tive e tenho em minha vida.

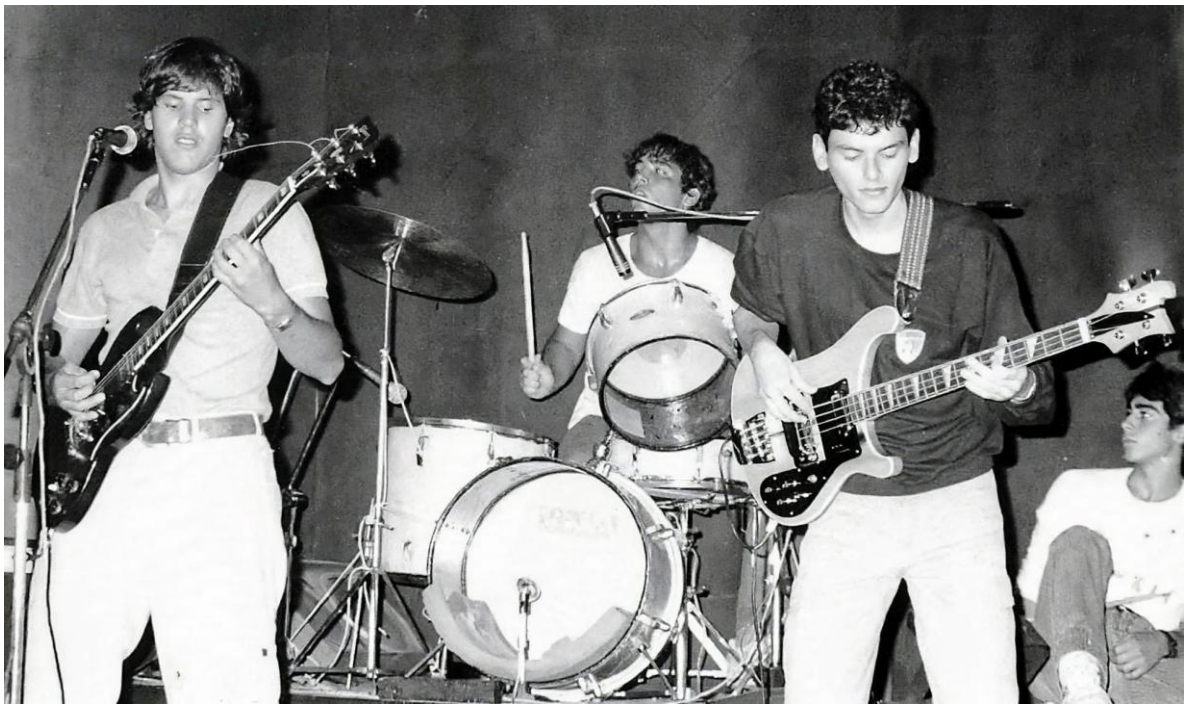


Foto tirada em Nas Asas do Rock, uma temporada na Sala Funarte, que rendeu uma reportagem do evento no *Jornal do Brasil*. Minha performance na guitarra ganhou destaque na matéria. Essa apresentação foi bem legal, saiu tudo redondinho e a voz ficou muito legal também. Se ainda existir um áudio registrado na Funarte, ele será perfeito. Até dará para lançar em CD!

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

PROGRAMAÇÃO DO CINE BRASÍLIA

APOCALIPSE NOW

Um filme de Francis Ford Coppola.

De 8 a 14 de junho de 1987 (segunda a domingo), às 16h30, 19h e 21h30.

Com Marlon Brando, Martin Sheen, Robert Duvall, Frederic Forrest, Albert Hall, Dennis Hopper e Harrison Ford.

Premiado com a Palma de Ouro em Cannes e com o Oscar de fotografia, de Vittorio Storaro, o mesmo de *1900*, de Bertolucci.

O filme pretende ser uma viagem – literal e metaforicamente – até a loucura. Com a missão de matar o coronel Kurtz (Brando), o capitão Willard se encontra face a face com o horror moral da guerra. Na verdade, Willard e Kurtz são aspectos diferentes do mesmo homem. Durante a viagem, Willard acaba se tornando um Kurtz, com o cérebro racional, mas a alma enlouquecida.

A ideia de viagem é vista por Coppola também como uma trip alucinógena, com cenas progressivamente surrealistas. A mais discutida delas é a do megalomaníaco oficial (Duvall), que ataca uma aldeia ao som de Wagner só para poder ver seus subordinados praticarem surfe.

O SACRIFÍCIO

Um filme de Andrei Tarkovski.

De 15 a 18 de junho de 1987 (segunda a quinta), às 16h30, 19h e 21h30.

A renúncia é individual. Cada indivíduo procurará, em sua vida, em seu processo existencial, aquilo a que deve renunciar para que a consciência possa dar um salto e permitir a renovação.

Na nossa época, essa questão parece essencial. No âmbito social, a temática nos traz o problema do poder e da paternidade entendida em termos amplos.

Uma sociedade doente, dominada pelo egoísmo e pela manutenção de um poder arbitrário, deverá seguramente renunciar a essa atitude. Assim como nossos egos, as autoridades sociais são mestras em justificar poderes ilegítimos, alegando sua necessidade para o desenvolvimento ou a proteção do grande organismo constituído por um povo.

Quando um pajé abusa maleficamente de seu poder, é condenado à morte pela comunidade e aceita a sentença.

O julgamento de militares na Argentina trouxe uma mensagem de esperança e alívio mesmo àqueles que não estavam diretamente envolvidos no conflito. Viu-se a resposta salutar de uma sociedade se equilibrando na tentativa de conter um poder inflacionado e assassino.

LOUCA PAIXÃO

Um filme de Paul Verhoeven.

De 19 a 21 de junho de 1987 (sexta a domingo), às 16h, 18h, 20h e 22h.

Com Rutger Hauer e Monique Van de Ven.

Indicado ao Oscar de filme estrangeiro, este filme polêmico mistura sexo com escatologia – o título original se refere a um tipo de doce. Uma análise amarga da eterna dualidade entre Eros e Tânatos, amor e morte.

Isso fica patente na paixão do excêntrico escultor Erik (revelação de Rutger Hauer, de *Blade Runner*) por uma jovem. O primeiro encontro resulta de um acidente de automóvel. Depois, vem o casamento.

Há sequências com a única intenção de chocar, como a da rainha inaugurando o monumento. É uma estranha mistura de escândalo e ternura. A história de um amor que não teme excessos. Amor sem loucura não vale a pena, é a mensagem.

Por trás de cada delícia açucarada há o sabor amargo da ressaca, da perda, do fim.

JULES E JIM – UMA MULHER PARA DOIS

Um filme de François Truffaut.

De 22 a 28 de junho de 1987 (segunda a domingo), às 16h, 18h, 20h e 22h.

Com Jeanne Moreau, Oskar Werner e Henri Serre.

Antes da Primeira Guerra, uma jovem (Moreau) alterna suas atenções entre um estudante francês (Serre) e um austríaco (Werner).

MONTEREY POP

Um filme de D. A. Pennebaker.

De 29 de junho a 5 de julho de 1987 (segunda a domingo), às 16h e 18h.

Filmagem do Festival Internacional de Música Pop em Monterey, Califórnia, ocorrido em 1967. No show: Janis Joplin, Big Brother and the Holding Company, Scott McKenzie, The Mamas and the Papas, Canned Heat, Jimi Hendrix e outros.

NEM TUDO É VERDADE

Um filme de Rogério Sganzerla.

De 29 de junho a 5 de julho de 1987 (segunda a domingo), às 20h e 22h.

O filme marca a volta do enfant terrible Rogério Sganzerla, que reconstitui a tumultuada passagem de Orson Welles pelo Brasil do Estado Novo.

O grande gênio do cinema americano chegou aqui às vésperas do Carnaval de 1942, trazendo na bagagem duas câmeras Technicolor e o projeto de realizar os episódios brasileiros de um painel latino-americano intitulado *It's All True* (*Tudo é Verdade*).

Um blues para Edinho e Sting – ou a prova de que estive com Sting e peguei um autógrafo na perna dele, na capa do disco

Edinho trabalhava em outra seção da Sandiz, mas sempre dávamos as caras na seção de discos e indicávamos alguns títulos para serem adquiridos. Por um erro na quantidade de exemplares encomendados, Brasília se viu abarrotada de álbuns duplos de Sting. A solução foi baixar o preço. Foi assim que acabei me encontrando com Sting na QE 32, no Guará II, no segundo semestre de 1987!

Conheci Edinho na banca de revistas da QE 9, folheando a *Rock Brigade*. Depois, passamos um bom tempo tomando vinho e fazendo churrascos improvisados aos domingos para espantar o tédio. Mais tarde, ele se mudou para a mesma QE 32 onde vivi os melhores anos da minha vida.

Rock'n'roll, dei-lhe tudo e você me ofereceu tudo!

ONDE ANDA RAONI, ANDA STING...

Agarrado à capa do disco, larguei em disparada gritando:

– Mr. Gordon! Mr. Gordon!

Ele virou e me olhou. Eu tinha imaginado que a cor dos seus olhos fosse azul. Logo, fake da minha imaginação. Caí na real: os olhos de Sting eram verdes, verde-metálico de carro de luxo.

Outra lenda: ele não estava com os jeans cortados na altura dos joelhos. Usava roupa de alpinista, bermuda de cor militar e tênis de cano alto. Olhava para o mundo ao redor sem óculos.

Era perto das onze. Em inglês macarrônico:

– Please, please, give a time!

A turma que acompanhava o Police respondeu algo com um som bastante familiar:

– Ah, vocês são brasileiros, então entendem!

Fiquei sem entender mais ainda.

A comitiva da Funai, com as mais lindas estagiárias-universitárias, escoltava o cantor. Sting abraçava o auge do sucesso, tinha filmado e lançado um terceiro disco, cuja capa trazia um close em preto e branco luxuoso, bem diferente daquele cara vestido de maneira acessível.

Ainda macarronicamente em inglês:

– Please, can you sign my record?

Sting respondeu:

– Nada como o show business, um disco meu aqui.

Naquela manhã, durante o repetido bate-papo, Waldemar Kill, o vizinho, disse:

– Aonde anda o Raoni, anda o Sting...

O cacique Raoni deu um afetuoso abraço no professor Fuíca, que imediatamente teve a impressão de um *déjà-vu*:

– Já vi aquele cara!

Fuíca não acreditava que o ídolo das capas de discos estivesse tão próximo.

Sting e Raoni foram ao Sacolão do Rui, na QE 32, comprar frutas e verduras. O superstar só come frutas durante o dia, como algumas espécies de passarinhos silvestres. Serviram-se, então, de bananas e goiabas e voltaram à chácara dos índios caiapós, perto da linha do trem.

Duas estrelas que visitaram o Guará, e nós presenciamos. Nas noites frias, nos bares, a história revigora. Apesar da atenção de estrela pop dedicada a Sting, Fuíca demonstrou que sabíamos dos perrengues que os índios viviam.

TEMPO$ HEROICO$

Eu (eu?) e Jota Errê levamos à frente o processo das Festas da UVA. Sempre tínhamos que arrumar uma residência que nos acolhesse. No barraco de fundos da casa dele, aconteceram muitas festas; depois fomos para as casas do Edvar e da Jihan (misturávamos hippies pós Woodstock com metalbangers e góticos.

A TURMA DOS SKROTINHOS SE ENCONTRA

Personalidades máximas da cena brasiliense-guaraense dos anos 80 — direto das páginas de algum gibi preto e branco do Angeli — reapareceram com a velha energia e sagacidade. Fátima, figura literária emblemática, e Léo, a quem coube comandar o baile. Jihan, que não parou de dançar a psicodelia, o punk rock e o lado B da cena independente dos 80s. E Ed, não menos importante, ainda provocador e realizador.

Turma dos Skrotinhos, homenagem óbvia a Laerte e suas personagens. Atualmente, os remanescentes desse coletivo dark do Guará I ainda se congregam. Entre eles estão os ilustres e famosos: Ly, escritora; Marlon e Manuela, atores; Gerard, roteirista; Zedson, fotógrafo; Macaé, músico; Maggie, Andrea e Isabela, modelos; Marcelos Vasques, Vítor e Aderbal, cantores; Jê, mestre-cuca; Antônio Júnior, informático-performático; Ronaldo Lima Gaffa, baterista; Deusa Barakat, cantora; Marco Siqueira, artista plástico; e Mafra, cartunista. Esses amigos queridos tomavam as suas cervejas no Bar Pontekin, bar do Lincon, na QE 24.

As biografias não autorizadas registram que eu conheci essa turma louca numa festa na casa do Tom Zen, no último conjunto da QE 34, à direita, quando a vista dava para o infinito. Naquela noite, durante o som do MC 5, o Tom Zen com calça de listras e blusa de franjas, contorceu o joelho, ficou com o corpo apoiado numa perna só, como num alongamento, e girou o braço. Foi o passo de dança mais doido que eu tinha visto até então.

Eu retorcia os quadris freneticamente ao som de Joe Perry Project, como se copulasse.

“Um cara esquisito esse Mário! Arregala os olhos e fala coisas desconexas! Essa foi minha primeira impressão, quando fomos apresentados pela primeira vez. Hiperativo! Que saco, não sabe ficar sentado nem por dois minutos.”

Depois, eu e Fátima e a turma descíamos de ônibus para a 109 Sul ou o Botequim Blues em Taguatinga. A festa continuava no Mutante Bar – nesse dia rolou a exposição do Fernando Carpaneda.

*NA ALA CHIQUE OU SEMPRE PREFIRIMOS A FESTA DOS SKROTINHOS

Quando o sábado é frio e distante, quando o vento sopra, a gente se reúne na cobertura do cafofo, planejando os próximos meses, rolam coisas Incríveis e sentimentais, nós nunca seremos covardes.

Jihan caprichava ao selecionar as tirinhas dos Skrotinhos e fotos de Elvis, James Dean e Morrissey, impressas em papel de qualidade, com tinta do mesmo padrão.

“Unindo-me aos meus amigos Skrotinhos, entendi o que é viajar na música, sentir o coração quase explodir quando a banda sobe ao palco, deixar a música entrar nas veias e correr pela corrente sanguínea, como uma droga potente, poderosa. Pular até gastar o último pingo de energia, cantar junto, gritar e soltar todos os bichos. É uma das energias mais poderosas, que só fui conhecer aqui em Brasília. Ela se potencializa ainda mais por conta da energia das pessoas que vão lá vibrar contigo. É lindo!”(JIHAN ARAR)

Me acabei em álcool e tabaco. Nada mudou; nem o som. Joe Perry Project continua rolando, descarregando seus sons nas águas do Vicente Pires... Skrotinhos, eles nos acompanham até hoje.

1988

Janeiro

Numa segunda-feira à noite, de repente, o bar Bom Demais foi vilmente invadido durante o *Rock Verão* por um pelotão de trinta policiais militares da Rocam. Sem aviso, a tropa não chegou a interromper o som da bateria e das guitarras, pois o show já tinha acabado. Mas pegou de surpresa até quem já ia embora.

Com metralhadoras, espingardas, revólveres e cassetetes — além de muito poder de persuasão na voz e nos gestos —, os militares invadiram o Bom Demais e revistaram todo mundo, até os garçons. Não deram a mínima satisfação à proprietária do restaurante e bar, Cristina Roberto, que exigiu a apresentação de mandado judicial. Responderam que mandado judicial ia ver qual era. E passaram a abrir caixas de som, vasculhar o interior de instrumentos e equipamentos de som.

A Durangos da América virou manchete quando, no ápice da confusão, um pé de bota abriu o estojo do contrabaixista da banda. Ele reagiu empurrando o militar, que não havia pedido licença para o baculejo. E foram ouvidas as velhas palavras de ordem "mãos na cabeça" e "todos contra a parede".

Além da Durangos da América, apresentaram-se Beta Pictoris e Baseados do Rock. O nome desta última banda teria incentivado a batida militar.

O bicho pegou para os menores que desceram para a 2ª delegacia de polícia nas kombis da Rocam. A partir daquela noite, passamos a carregar todos os documentos em dia até título de eleitor. Lógico que existiam atalhos e dava para perceber que a coisa iria pegar. Era só sair pelos fundos e descer uma parada, mas ninguém arredou pé da atmosfera inebriante e íntima da casa noturna que era responsável pelo seu sucesso.

4 DE FEVEREIRO

Cinema Brasileiro faz 90 anos

CARONA PERIGOSA

O guitarrista passou pela Vidraçaria. A propósito, sua irmã morava na QE 32.

– Pô! Acabei de ver o clipe de "A Última Floresta", com vocês na TV Globo. E aquela sincronia de imagem e som, onde foi gravada?

Cécé responde com calma escrachada e um longo sorriso:

– Foi gravado na Água Mineral. O cara queria nos colocar atrás das grades, numa cadeia... Levamos um pequeno gravador e fizemos a dublagem.

Jamais voltaríamos a ver essas imagens...

Num gesto de extrema gentileza, Cécé me carregava pelas Asas para assistir a seus ensaios. É claro que o pessoal pequeno burguês da banda ficava de cara fechada. Como explicar? Ali, naquela quadra, a sala de ensaios era alugada pelo irmão de Cécé. Eu havia testemunhado a reforma da sala e lá foi gravada a única fita de rolo do Extremo. Nesses ensaios nascia uma nova banda (que ficou na promessa): a Anjos e Arranjos!

Uma das lendas dos tempos de estudante de Cécé é que ele nunca pegara ônibus e que nunca chegara atrasado na sala de aula, pegava caronas para encurtar o caminho.

De carona e guitarra nas mãos, atravessamos velozmente o Parque da Cidade. Súbito, Cécé disse ao motorista da carona: "Dá para ir mais devagar?". Eu, que curtia o passeio e nem estava aí, fiquei pasmo: Cécé se importava com a vida.

Cécé e Vânia recém-casados me convidaram para uma carne de panela na sua casa no Guará I. A casa possuía um amplificador e uma guitarra, ele ligava, plugava e ficava tocando. Às vezes dizia: "Toca aí, Mário!"

O CRIATIVO LP DO LIBERDADE CONDICIONAL

Foge dos emblemas

No centro da capital, no Parque da Cidade, debaixo de uma fonte, pitando um cigarro de papel, eu e Rikk, doidões, escutávamos: “Cécé venha ao palco...”, chamavam pelo seu nome nos alto-falantes!”. Cécé correu. No palco, ele fez um solo daqueles do filme do concerto de adeus do Cream. Um solo de quatro casas coladas, apertadas pelos quatro dedos. Ele achou a última nota do braço da guitarra.

Compareci ao lançamento do LP do Liberdade Condicional, banda em que Cécé tocou guitarra e Júnior Mentex, contrabaixo. Jamais era permitido chamar Júnior pelo apelido, mas ele, o Mentex, podia me sacanear e me chamar de Mário Doninha. E Cécé pedia: “Não sacaneiem o Júnior, ele é meu amigo”. Assim foi. Havia ocorrido uma assepsia, e fãs do Extremo não eram bem-vindos nos shows da Liberdade. Impreterivelmente, antes dos shows, sequestrávamos o guitarrista para uma conversa. Fui a esse show de bicão. Lembro-me da banda Cygnus – um progressivo forte tipo rock de arena. O Liberdade Condicional tocou e rapidamente eu tive que ir para parada. Dentro do ônibus, ainda passando pela roleta, vi, no fundo do corredor, Cécé sentado com a guitarra no colo. Eu ri. O malandro não perdeu a mania de pedir ao condutor para entrar pelas portas do fundo desde os dias do colégio.

NA 24 DO GUARÁ, FORTUITAMENTE NO BAR PONTEKIN DO LINCON

Felippe CDC descia do coletivo e arrastava o pedestal pelo asfalto. Ali eu via a poesia daqueles fanzines frescos, feios e sujos; iam tocar no Bar do Lincon – um sábado? Ou domingo? Ou tanto faz. Cécé, que caminhava como se estivesse nas nuvens, apareceu como um personagem de Conan Doyle, fumando cachimbo e de short. Daí o apelido Canela.

Na QE 24 do Guará, fortuitamente, encontrava Cécé no Bar Pontekin do Lincon. De forma educada, Cécé perguntou ao menino: “Posso tocar um blues na guitarrinha?" A resposta veio em forma de outra pergunta: “Tocar o quê?” Foi a senha para que um blues de tempestade de Stevie Ray Vaughan explodisse as paredes.

Depois do rápido, inesperado e mortal solo, perguntei:

– Cécé a guitarra era boa?

– Não, o amplificador!

Cécé desaparecia como personagem de Agatha Christie!

Ah, para completar a história: nessa época apareceu um bar concorrente na área do Guará 2. Durou pouco. A fumaça que subia lá era avistada de longe.

A lauda acabou. Meus parágrafos-ladeiras *bukowskianas* foram engarrafados.

FINAL DE FEVEREIRO

O documentário do U2, *Rattle and Hum*, estreou na cidade, no Cine Bristol, no Conic. Fomos assistir. Quando B.B. King começou a solar com a rapaziada do U2 em “When Love Comes to Town”, a galera da frente não se segurou: começou a dançar, gritar e assoviar em frenesi, no escuro do cinema, como se estivesse diante do show. Quando acenderam as luzes, o pessoal das cadeiras de trás fez aquela cara de “são vocês? Estão

perdoados”. Era o abismo intelectual dos universitários de um lado e dos bodinhos de sapatos lustrados e jaquetas de couro do outro. Nós éramos a geração de malucos que vinha depois de quase duas décadas de Woodstock. Merecíamos respeito, não vaias. No fim da noite, passamos pelo Cine Venâncio Júnior, o popular Cine Ritz, onde estava em cartaz *22 Centímetros de Colocações Perfeitas*. Rock'n'roll sempre há de ser subversivo. Ainda me lembro dos nomes das meninas que andavam conosco naquele tempo. Nossa amizade era amarrada. Completavam-se dez anos desde que começáramos a sair juntos.

"Bristol tinha área para fumantes." (ANTÔNIO GONÇALVES)

2 DE MARÇO

Exposição traz poemas inéditos de Glauber Rocha

A FESTA DO GRAMMY NA TV – RENATO RUSSO COMENTA O GRAMMY

“Na categoria performance feminina pop, não escolho ninguém da lista. Meu voto fica para a Marianne Faithfull. Também não voto em ninguém para o pop masculino e, no rock, daria meu voto para o vocalista do Simply Red, Mick Hucknall, que não aparece na lista. Também acho péssimas as indicações para dupla ou banda de rock e minha canção do ano não está na lista do Grammy: é ‘Happy When It Rains’, de The Jesus and Mary Chain. Na verdade, acho esse prêmio muito careta, tanto quanto o Oscar. Eles só sabem premiar as coisas médias. Aqui, fariam uma lista que incluiriam, por exemplo, Rosana. Eu prefiro Cida Moreira”. (**O GLOBO)**

BRASÍLIA BUSCA SUA MEMÓRIA

O Arquivo Público do Distrito Federal lançou uma campanha para arrecadar material que represente de alguma forma a história de Brasília, desde a sua construção. O projeto Memória da Construção de Brasília começa a partir do próximo dia 7, quando as contas de luz chegarem ao Plano Piloto e às satélites de Planaltina, Taguatinga, Núcleo Bandeirante, além da Vila Planalto – por serem estas regiões as mais antigas da Capital. Segundo Vera Catalão, coordenadora de projetos do ArPDF, “ao todo, serão cem mil folhetos distribuídos”.

As contas contêm informações sobre a campanha e a intenção do ArPDF é pedir a colaboração de pioneiros e demais cidadãos brasilienses para a proposta, que engloba a localização e registro de material histórico em forma de mapas, filmes, fotografias, documentos escritos, plantas, discos, fitas cassete, revistas, jornais, relatórios, cartazes, postais, diários de obras e outros dados sobre a construção da Capital.

Os brasilienses poderão fornecer informações sobre o tipo de material que possui, dizer se pode e como deve ser consultado o material, ou ainda, se ele pode ser doado ou feita uma permuta. Segundo o superintendente do Arquivo Público, Walter Mello, “as informações devem ser enviadas, no folheto, para o ArPDF, com os dados sobre o remetente”. O porte já está pago.

O objetivo principal do projeto é recolher documentos referentes ao nascimento da capital que estejam abandonados ou mal cuidados e que possam ser recuperados. “O ArPDF tem a finalidade de preservar a memória cultural, social e política da capital brasileira, preparando um acervo histórico, que possa servir à comunidade na elaboração de pesquisas e estudos acadêmicos e profissionais”, explica Mello.

17 DE ABRIL

Impressionante a demonstração de carinho dos fãs do Arte no Escuro, durante o show que o grupo fez domingo na Zoom, para lançar seu LP de estreia pela EMI-Odeon. Boa parte da garotada presente sabia de cor todas as músicas e fez coro com Marielle, Pedro Hiena, Paulo Coelho e Adriano. Ao término, no exíguo camarim da discoteca, eles mal conseguiam chegar para os abraços. Estavam presentes na plateia Guilherme Isnard, vocalista do Zero, e representantes de várias bandas da cidade. Renato Russo, embora anunciado, não apareceu.

29 DE ABRIL

FILMAGEM DO ROCK BRASÍLIA 'ATRAVESSOU'

Havia pouca gente para ver os shows e participar das filmagens. Desconfio que, por isso, nem todos tenham se apresentado no set. Para filmar *Brasília, Capital dos Brasis*, Geraldo Moraes trouxe Renato Russo para gravar depoimentos, o que acabou provocando protestos de músicos locais.

Quem esteve no Teatro de Arena da UnB na noite da última sexta-feira, 29, para assistir às gravações do filme *Brasília, Capital dos Brasis*, que faz parte do longa-metragem *Brasília no Cinema*, patrocinado pelo GDF, pode assistir a dois shows: um deles de rock – com as bandas Pânico, Peter Perfeito, Nexo e 5 Generais, supostamente chamadas para uma apresentação que integraria o documentário –, o outro show (mais performático), foi do diretor do filme, Geraldo Moraes quando subitamente retira duas músicas do Pânico, desliga o equipamento, recolhe as câmeras e apaga os spots de luz, deixando Peter Perfeito tocando no escuro.

Renato chegou um pouco antes do início dos trabalhos. Como a equipe de Geraldo Moraes ainda montava os equipamentos, ele atendeu a um convite para gravar um depoimento a outro cineasta, Vladimir Carvalho, que está fazendo um vídeo sobre o Rock Brasília Daí então prontificou-se a atender fãs que dele se acercaram, pedindo autógrafos ou, simplesmente, querendo conversar, fazer perguntas. A curiosidade maior era em torno da apresentação da Legião em Brasília. E todos ficaram sabendo que o grupo vai fazer show aqui no dia 18 de junho, possivelmente no estádio Mané Garrincha. Um jovem, que até então só ouvia o que era dito por Renato, se manifestou: "Pô, tomara que seja no Mané Garrincha mesmo. Na Villa-Lobos o ingresso é muito caro!"

Em seguida, foi convocado para as filmagens, que começaram imediatamente;

Renato fala de sua experiência como jovem, como adolescente, morando em Brasília a partir dos 12 anos de idade e da sua relação com a cidade. De como Brasília influiu para que ele e seus amigos chegassem à música, ao rock. Fez referência ao Tellah,

considerado o primeiro grupo de rock da cidade. Por fim, ele tece comentários sobre a Legião Urbana, fama, sucesso, etc.

Um pouco antes da fala de Renato, as filmagens se concentraram sobre a banda Pânico, sorteada entre as quatro convidadas para ser focalizada no filme. Tocou três músicas do seu repertório. Entre o Pânico e o Peter, subiram ao palco um grupo anunciado como "roqueiros do futuro" quatro garotos; João Marcelo, bateria, 14 anos; André Ricardo, contrabaixo, 14 anos; Bruno Corrêa, teclados, 12 anos e André Torres, guitarra, 11 anos (filho de Geraldo Moraes) para executar "Que País É Este", música composta em 1978, por Renato Russo e que dá título ao terceiro LP da Legião. \

 O vocalista da Legião delirou com a primeira execução de seu mais recente sucesso, muito bem desempenhada pela garotada. Realmente os garotos abafaram, dando uma lição de rock'n'roll. Russo observou que o vocalista, André tentava imitar sua voz.

Encerradas as filmagens de *Brasília, Capital dos Brasis*, Renato voltou a atender Vladimir Carvalho, que deu continuidade à entrevista para seu vídeo. O roqueiro enfatizou, veementemente, que a Legião sempre se posicionou como uma banda de Brasília. E que isso nem precisava ser falado, pois está dito nas letras das músicas. Não quis opinar sobre as novas bandas, afirmando que, por último, tem "ouvido, apenas, o Arte no Escuro".

Sua participação nas gravações já havia terminado, mas Renato permaneceu no Teatro de Arena, atrás do palco, conversando com o pessoal do 5 Generais e assistindo à rápida apresentação do Peter Perfeito, a quem aplaudiu ao final.

Um pouco antes de se retirar, Renato Russo confessou que está encontrando dificuldades para fazer o próximo disco da Legião Urbana. Explicou que já tem muitas músicas prontas, mas nenhuma letra. "Não estou a fim de ficar repetindo o que já foi dito".

Logo após a saída de Renato, começou a confusão gerada pela retirada da iluminação e que culminou com a não realização dos shows previstos.

Terminada a apresentação do Peter Perfeito – que mesmo no escuro, a partir da segunda música, continuou tocando –, instalou-se um clima de revolta entre os músicos presentes, inclusive os do Pânico. Todos se sentiram desrespeitados pela produção do filme. Por que, ao término das gravações, foi retirada a iluminação que, até então, permitia a realização dos shows sob o foco de poderosos refletores?

Rock'n'roll é isso. Tocar no escuro faz parte, se for preciso. Mas apagar a luz no meio do show, não! Só como registro vale lembrar que o Nexo foi considerado por dois anos consecutivos a melhor banda da cidade, e que o 5 Generais é integrado por músicos

que militam no Rock Brasília desde a época em que Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, “assaltavam” as entrequadras para fazer um som. Nenhum dos dois tocou.

A falta de público para o show que daria o clima de rock às gravações, consequência da fraca divulgação do evento, foi apontada pelos músicos como uma das principais causas para a não realização das duas últimas apresentações. O Nexo e o 5 Generais não tocaram; este último ficou impossibilitado de se apresentar pela falta de bateria. Os poucos que se dispuseram a assistir aos shows foram embora quando os holofotes se apagaram, sem querer saber se havia mais alguém para se apresentar.

Quem decide o que deve ser feito no filme é o diretor. Mas é, no mínimo, falta de respeito fazer três takes com os meninos, sem que a apresentação deles necessitasse de repetição, esquecendo-se de que, além do trabalho sem cachê, as bandas estavam contribuindo com metade do equipamento de palco — a bateria pertencia ao Nexo. Renato Russo estava ali, afinal, fazendo comentários que seriam inseridos no filme sobre o rock de Brasília.

Rodar um filme no Brasil é muito difícil. Em Brasília, então, nem se fala. Um cineasta não pode ficar passeando por aí registrando toda e qualquer imagem como se estivesse com uma máquina fotográfica nas mãos. É necessário um roteiro e toda uma estrutura de produção. Mas o que está em questão não são as dificuldades dos cineastas nacionais e sim o descaso com que Geraldo Moraes tratou os grupos de rock que estavam ali para colaborar com a realização do filme. E lógico que a participação em um filme desse porte favorece em muito a divulgação dos grupos, mas o rock de Brasília não precisa mais ir às telas para ser conhecido. Esse estilo de música feito aqui se faz notar sozinho, quando é bom. Renato Russo é o maior exemplo.

O vocalista do Nexo, Márcio Faraco, o primeiro a pedir a palavra, reclamou muito do descaso do diretor, argumentando que “é preciso acabar com as produções que se assemelham a quermesses de igreja”.

Ninguém escapou da fúria dos roqueiros. Mas, o alvo da revolta de alguns integrantes dos grupos não era apenas a Idade Mídia (produtora contratada para a realização do filme). Sobraram farpas, também, para o promotor cultural Fred Brasiliense, responsável pela arregimentação dos grupos; acusado de estar conivente com a falta de consideração e a desorganização da produção, disse que, ao contatar as bandas, desconhecia os planos dos produtores quanto às gravações. Nem o astro da noite, Renato Russo, escapou das acusações.

Fernandez Rolla Pedra, que contribui com o som, informou ter cobrado apenas um terço pelo uso do equipamento. Depois, já com a aparelhagem desligada, lamentou ser lembrado para esse tipo de evento apenas quando todas as empresas de sonorização se recusam.

É compreensível certo nível de revolta em episódios que têm desfechos como esse. Mas os roqueiros brasilienses, que detêm as glórias momentâneas do público local, não podem se esquecer de que antes deles vieram outros para lhes abrir o caminho. Renato Russo não deve ser culpado por estar em uma posição privilegiada no cenário da atual música popular brasileira. Ao contrário, ele deve ser lembrado como um conquistador de espaços para o rock local. Foi ele, ao lado do Capital Inicial, da Plebe Rude e de outros grupos que já não existem mais, que abriu as portas das rádios e dos jornais para o rock de Brasília.

7 DE MAIO

AINDA HÁ CAUSAS DIGNAS DE BARRICADAS

Daniel Cohn-Bendit fala do que seria capaz de mobilizá-lo politicamente 20 anos depois do maio de 1968.

Por trás das ruidosas manifestações estudantis de 1968, havia uma luta entre correntes filosóficas de propostas contraditórias. Vinte anos depois, essa querela prosseguia na crítica neo-humanista a pensadores como Foucault e Lacan. Cohn-Bendit, que liderava os jovens dispostos a mudar o mundo com as pedras do calçamento de Paris, reavaliava os acontecimentos.

JARDS MACALÉ: ‘A BURRICE TORNA O PAÍS INVIÁVEL’

(SEVERINO FRANCISCO)

CPC, desbunde, Cinema Novo, Tropicália, música negra, vanguarda das artes plásticas, rock, performance, viagens... Jards Macalé é um dos raríssimos artistas brasileiros que sintetizam os mais importantes momentos da criação no País dos últimos 20 anos. E ainda mais rara é a maneira como ele conseguiu misturar isto tudo, sem diluir, sem confundir helicóptero com rei Nero. Porque, na curva perigosa do 68, muito carro capotou e não conseguiu se refazer até hoje. Gravou um disco antológico (*Jards Macalé*, 1972), comeu flores em um festival internacional da canção careta (entremeando a música inscrita com a canção “Orora Analfabeta”, canção de Jorge Veiga), berrou “cuidado há um morcego na porta principal!” em outro festival quando a barra política ficou pesada na virada dos 70s. Quase foi linchado. Naquela altura do campeonato, já se iniciava no País o processo de estupidificação coletiva que reduziu as ambições ao nível do Xou da Xuxa.

Macalé jamais deixou de avançar os sinais. E, o mais importante, permanece um artista perigosamente vivo em tempos de terrível sofisticação da mediocridade. Ele esteve de passagem por Brasília para participar no encontro *68 onde foi, 88 onde vai?* Para Macalé é o xis da questão cultural brasileira na encruzilhada dos 80s, é a questão econômica. Ela está inviabilizando até mesmo a sobrevivência física dos brasileiros

quanto mais o ataque cultural de uma arte de ponta-de-lança: O País está estafado. E, é claro, a arte é uma fotografia do País. Então, ela só pode estar estafada também. Sem liberdade econômica não haverá liberdade nenhuma no País. A criatividade brasileira já está demarcada. Todos os criadores têm projetos fortes. Só falta liberdade econômica". E, neste depoimento, Macalé fala do caos dos 60s, do fechamento dos meios de produção nos 70s, das saídas para a arte nos 80s. Macalé desafinou o coro dos contentes nos 70s.

68: A ARTE NOVA NO MEIO DO CAOS

"68 foi o destroçamento de tudo o que ainda vinha resistindo desde 64. Na época de Juscelino tinha toda uma coisa de desenvolvimento com suas mazelas – mas, também tinha uma liberdade absoluta e total era a Bossa nova, as ideias do Cinema novo, o teatro novo. Hélio Oiticica, Lígia Clark, nas artes plásticas. Estávamos demarcando uma arte nova para o Brasil. E era uma arte alternativa também no sentido de que estava se viabilizando economicamente. Isto é muito importante. A Bossa nova saiu daqui com as mãos vazias e influenciou a música americana. E, nós aqui, acabamos importando a Bossa nova, nós importamos música brasileira. Para mim, cada vez que você compra um disco de músico ou intérprete brasileiro está importando música. Não existe este negócio de disco brasileiro no Brasil. Mas o AI-5 destroça esta possibilidade. Qualquer projeto coletivo se tornou viável, tanto economicamente quanto politicamente. E quando a coisa caiu no nível individual a resistência se pulverizou".

SAÍDA DE EMERGÊNCIA

"Houve uma destruição ao nível existencial, ao nível das relações afetivas, os conflitos eram muito grandes. Cada um teve de escolher um caminho, uma saída de emergência no meio do conflito. A maioria saiu pela porta do aeroporto. Muitos dos que ficaram tentaram resistir. Eu fiz 'Gotham City', música em parceria com Capinam, em 1969. Quase fui massacrado, não só politicamente, mas também pelo público, que, naquela altura, estava totalmente fascistizado. Fiz a direção musical de shows da Gal Costa. Tentamos organizar a coisa em termos de produção com a Tripicarte, uma empresa de produção, juntamente com Gal, Capinam e Paulinho da Viola. Mas não deu certo. Nossa linguagem era totalmente relegada a nada naquela época".

PERSONAGENS DA VIDA DE 68

"Glauber Rocha é o artista mais radical do Brasil. O político que fizer um projeto para o Brasil tem de ver os filmes de Glauber Rocha e não só os filmes de Glauber Rocha, mas os trabalhos de todos os artistas progressistas, inventivos, íntegros. Sem respeitar estes artistas expressivos não se fará nenhum Brasil. Glauber pensou um Brasil livre, criativo, independente. Torquato Neto resistiu o quanto pode. Era a cabeça poética e de resistência estético/ética do tropicalismo. Estuporou logo, não só pela questão pessoal dele, mas pela questão mais geral do País. A tragédia brasileira leva as pessoas a se introjetarem de tal forma que acabam alimentando as suas próprias

doenças. Então, um dia tudo explode. Isto é um dado histórico. Glauber não se matou, Torquato não se matou porque quis. Esta situação nacional trágica leva alguns brasileiros ao desespero".

E OS ANOS 80 ONDE É QUE FICAM?

"O resultado destes anos todos é tragicamente positivo para a arte brasileira. O Brasil está demarcado em sua criatividade. Todas as contradições, todos os desastres e 68, foram incorporados criativamente. Tudo foi colocado para fora. Agora eu sinto o 88 como uma estafa muito grande. Mas não é uma estafa dos criadores. Todos têm projetos fortes a serem feitos. É preciso uma nova estética. Mas para que isto seja possível é preciso uma trégua econômica. E isto não é só para os criadores. Todos os brasileiros precisam de uma trégua. Esta estrutura de poder que está aí não dá mais para uma nação tão grande como a nossa. Este País é totalmente viável. A felicidade deste País é algo totalmente viável. É uma burrice o que estão fazendo. A tragédia do Brasil é sua classe política e sua classe empresarial. Por que não um pouco de generosidade e fraternidade. Por que não abrir mão de um pouco para um povo pobre, miserável, em andrajos? E a arte, ora, a arte é a fotografia da alma da nação. Claro que só pode ser uma arte estafada".

SOFISTICAÇÃO DA MEDIOCRIDADE

"A relação ética não existe, na verdade, nunca existiu no Brasil. E como pode existir ética em um país que não tem nem capitalismo? Temos um subcapitalismo e uma estrutura burocrática subsoviética. O dinheiro existe, mas não existe. É um dinheiro-fantasma. A corrupção corre desenfreada. Os meios de produção da arte ficam nas mãos de uns poucos, estes só investem no modelo vigente no Brasil, que é o modelo colonizador. A mídia está com um poder insuportável. É a mídia que comanda a gravadora. É o programador que diz à gravadora, que diz ao artista, que arranjo fazer. É um círculo vicioso que só se quebra se houver um posicionamento ético por parte do artista. Falta ética e estética. Mas este pessoal tem medo de perder a boquinha, de gravar um disquinho para tocar na radiozinha, para aparecer na televisãozinha. É fundamental respeitar-se. Se o artista é um agente estético da nação, então tem de respeitar-se. Eu tenho a mesma posição ética/estética cantando para 30 pessoas como para 30 mil pessoas".

Arte, artistas e meios de produção

"Nem na ditadura se viu isto. Havia resistência contra a própria ditadura. Ela fazia as pessoas olharem em volta e para dentro de si mesmas. Agora neste momento não há nada. Há esta lavagem cerebral em termos culturais. E chamam isto formação da opinião pública. Isto é precisamente o contrário: é a destruição da opinião pública. E, na verdade, todos nós estamos desarmados contra isto. Os 40 que assistem aos meus shows têm informação sobre o meu trabalho. O Millôr Fernandes fez uma charge ótima, mostrando uma televisão e dizendo: 'Desligue este aparelho, ele pode levar à destruição, apagar o cérebro'. Agora isto parece indestrutível, mas não é. Eu estou vendo por aí o pessoal

se reorganizando nas universidades, nas escolas. As pessoas também estão estafadas deste massacre audiovisual. No Museu de Arte Moderna e aqui mesmo no 68/88 da Universidade as pessoas querem ouvir".

LIBERDADE ECONÔMICA: EIS A QUESTÃO

"O Brasil vai mudar. A necessidade de avançar está mudando as coisas. E acho que esta virada de mudanças será marcada pela fusão dos elementos conquistados dos 60s (comportamentais, existenciais, estéticos etc) e dos novos elementos dos 80s. E agora acho que a grande conquista tem de se dar no terreno político. Liberdade econômica: isto é a chave de tudo daqui para frente. Sem liberdade econômica não existirá nenhuma liberdade no Brasil". (**CORREIO BRAZILIENSE, 7 DE MAIO DE 1988**)

10 de maio

Noel Rosa (700 páginas) abre lançamento da UnB

20 de maio

A cantora Cássia Eller posa para as lentes de Rubens Rebouças. "Foi uma sessão de fotos para divulgação do trabalho dela."

5 de junho

Pelos caminhos do rock: recebi uma carta sui generis, a correspondência foi entregue pelos Correios, porém sem o carimbo no selo da agência de Campinas e o remetente, Amyr Cantusio Jr não a assinou. Mas é uma carta histórica de um dos batalhadores do rock nacional.

18 de junho

O BRILHO DA CÁSSIA, O FIASCO DA LEGIÃO

"Foi o dia do show da quebradeira, quando o segurança agrediu o fã da Legião e tacaram fogo no estádio" (**JIHAN ARAR**)

Poucas produções tiveram o poder de apequenar a cidade. O show da Legião Urbana no Mané Garrincha já tinha galgado seu lugar na História.

Nas satélites, no Senado Federal, nas escolas e academias o assunto era um só: o show. Meninos e meninas – na maioria, estudantes entre 16 e 18 anos – torciam para o sábado chegar logo; era a primeira vez que curtiriam o fenômeno do rock Brasília no auge. O show – que se transformaria em batalha campal – também era aguardado com ansiedade pelo cantor e poeta Renato Russo, muito provavelmente sem imaginar que a data do evento seria tomada, no futuro, como fatídica, como sinistra evocação à bestialidade até então escondida em algum beco inconsciente de gente de mansidão irretorquível; gente que ordinariamente vai à quitanda comprar alface pra mamãe e beija a testa do vovô antes de ir pra escola.

Os conflitos adquiriram proporções lendárias, estendendo-se até as paradas de ônibus, onde telhas de amianto foram quebradas como arsenal para o transe da juventude em fúria: "Olha o ônibus do Guará!" E enormes cacos de telha voavam contra a vidraça do coletivo.

A noite, que começara sob uma expectativa promissora, convertera-se numa longa jornada de traumas e fraturas, ocupando alas da ortopedia dos pronto-socorros. Pelo aumento do fluxo de atendimento, os atendentes registraram gente pisoteada por cavalos, gente que quebrou um braço, uma perna, uma clavícula; gente esmagada contra a tela de proteção do palco afoita por fugir da histeria coletiva, dos açoites delirantes da

populaça ensandecida, como em manifestações antecedentes, marcadas pela violência das gangues das satélites e da polícia. Por milagre, nenhum cadáver foi registrado.

A banda contra 50 mil fãs – mais cavalos, cassetetes e PMs. O público provocou um badernaço de proporções homéricas no Mané Garrincha, uma pândega que marcaria a cidade e seria a última apresentação da Legião em Brasília.

As pessoas relataram que seus sapatos ficaram para trás e que a cavalaria avançou. Era preciso ter preparo de atleta de alto rendimento para correr e rastejar para fora do cerco.

No dia seguinte, na tevê, vi imagens de um fã no palco dando uma gravata no Renato Russo, o fã estaria ligadaço – lança perfume lança loucura. Fãs (que muitas vezes têm comportamento semelhante à obstinação dos piolhos) acamparam na 303 Sul querendo falar com Renato – alguns chegaram a se esconder na garagem do bloco onde a família do cantor morava. Preocupado, o produtor Fernando Artigas recorreu a um amigo comum, Murilo Cavalcante, o Murilão (o mais forte da turma), para acompanhar Renato até o aeroporto.

17 DE SETEMBRO

CÁSSIA ELLER NO ESCURINHO DA FUNARTE

Para essa apresentação, ela apoiou o repertório no compositor brasiliense Márcio Faraco, de quem cantou "Lullaby" e "Labirinto", mais canções de João Bosco e Aldir Blanc, Arrigo Barnabé, Ermelindo Neder ("Pô! Amar é Importante"), Paulinho da Viola, Beatles, Nina Simone, The Police, Belchior, Itamar Assumpção, Bocato, Márcio Manga, e algumas surpresas recicladas, sempre novidades no repertório, e ainda novos recursos cênicos. Acompanhada por Dunga, contrabaixo; Tom Capone, guitarra; Mac William, bateria. Assim Cássia Eller botou o pé no palco da Funarte, com vontade de botar o pé na estrada.

Acho que a Cássia Eller gostava do humor do Grupo Rumo, ou do Premeditando o Breque. Gostava mais pela malandragem, brasilidade, humor e temas como o da música "Rubens".

Eu odiei a sua apresentação na Funarte. O lugar era exíguo e escuro, e não havia ameaça de "apagão". No palco, os integrantes se esbarravam uns nos outros, e se desculpavam, na maior educação, sorrindo entredentes. Enfim, desajeitados, desajustados e apertados, sem nenhum impacto cênico. Pode ser que fosse por ser domingo, pode ser que fosse pelo cansaço.

Mac Williams talvez estivesse à frente de seu tempo, pois tirava um timbre mecânico-tecnológico sussurrante, meio sem vida, coisa meio industrial, um som plastificado.

Talvez o volume dos instrumentos estivesse no talo. O garoto da guitarra era alto e bem-vestido; sua guitarra era daquelas de pintura metálica. Talvez Tom Capone tenha recomposto tudo!

Abominei a versão de "Oh! Darling". O show foi incrivelmente heavy! A apoteose do sinistro ocorreu na lullaby de Lennon & McCartney – simplesmente um solo metaleiro rápido em "Oh! Darling"! Fui nocauteado pela minha insatisfação. E para esvaziar mais ainda a minha bola, Irlam Rocha Lima, no Correio Braziliense, o incluiu entre os melhores shows da temporada daquele ano.

20 DE AGOSTO**

Palco de rua tem último concerto*

Rikk Lee me descolou uma chance no JOSÉ, no Jornal da Semana Inteira. Agarrei a chance com os dedos. Era ótimo ter uma resenha toda sexta-feira, durou um semestre. Na faculdade, a resenha fazia sucesso. O duro era ter que dar plantão na redação para pegar o cheque e pagar a mensalidade. Na faculdade, eu fazia um par de trabalhos diferentes e sempre vendia um para salvar o lanche e a passagem. Por isso, os grupos de estudo sempre tiravam cópias das apostilas para mim, de cortesia. É refrescante lembrar que, durante os meus estudos, inúmeras vezes cheguei debaixo da água montado na Monareta para assistir às aulas. Na faculdade, andei 700 horas de ônibus, muitas delas no pinote debaixo d'água, porque eu não gostava de carregar guarda-chuva.

1989

12 DE JANEIRO

• *Capital Inicial lança terceiro LP com show*

Ia ao jornal de seis em seis meses e levava uma edição do fanzine. Fui mais uma vez e escalaram uma jornalista para fazer a matéria. Assim que disse que a tiragem era de cem cópias, a jornalista se levantou e nem se despediu. Ali morreram os sonhos do fanzine e a vontade de fazer coisas sem me preocupar com as coisas do mundo material. Por isso muitos se escondem sob a tutela de doido: nunca mais levei fanzines às redações.

Foi o ano do último fanzine feito por mim, depois de sete anos gastando dinheiro com selos e correspondências para divulgar as paradas.

Estávamos empenhados em eleger Lula na primeira eleição presidencial direta para presidente da República desde **1960**. Muitas festas eram realizadas por toda Brasília, as principais no Clube Social Unidade Vizinhança, na Asa Norte.

Era tempo de negritude. O rock agora seguia Akneton, Itamar Assumpção e Banda Isca de Polícia.

PM DÁ UMA GERAL NO BOM DEMAIS, NINGUÉM GOSTOU

Líamos no jornal e íamos conferir a parada. O lance era o seguinte: não descíamos no ponto de ônibus do Bom Demais – ou descíamos um ponto antes ou um depois. Nas raras vezes em que íamos de carro, geralmente estávamos tão doidos que estacionávamos na rua detrás. Nunca tivemos *bode* com a polícia.

A banda Divina Tragédia era legal mesmo, mas durou pouco. E a banda Baseado no Rock, devido ao nome, levou muitos menores em cana naquela noite que minha memória escolheu para lembrar.

26 DE JANEIRO

MÁQUINA VOADORA DE DA VINCI EM TAMANHO NATURAL SURGE EM LONDRES

Máquina voadora de Da Vinci, reproduzida em tamanho natural, com onze metros de envergadura, para uma exposição.

27 DE JANEIRO

ENQUANTO O DISCO NÃO CHEGA...

Renato Matos faz uma prévia do que será sua estreia no vinil.

FEVEREIRO

A CARTA DO CARNAVAL

A causa sempre teve seus valorosos guerreiros. Não sei se essa carta veio num pacote com cópias ou se foi pelos Correios. Tínhamos a mania de trocar correspondências.

Trinta e seis anos de sonhos, dureza e tenacidade. Jamais abrirei mão do esforço. Uma única certeza: jamais iremos parar no manicômio!

TEATRO DO PERDIZ QUASE VAI AO CHÃO

Localizado em área pública, é erguido o Teatro do Perdiz. De dia funciona como oficina mecânica; à noite, vira palco para apresentações teatrais. Fruto de ocupação irregular, o teatro ocupa um espaço destinado originalmente a um corredor entre os blocos C e D da quadra 708 Norte.

O AKNETON ESTÁ RIMANDO COM PACOTÃO

"Oh Dollar", lançada no Verão Cultural, pode ser um sucesso de crítica no Plano Verão.

---

11 DE MARÇO

SÁBADO NEGRO, PARTE 2, NO GRAN CIRCO LAR

Com Terminator, de Goiânia, Multilator, de Belo Horizonte, e Deja Vù, representando Brasília no concerto.

---

22 DE MARÇO



JUÍZ DE FORA – ARNAlDO BAPTISTA E SÔNIA ABREU

O bom dessa foto na Rodoviária de Juiz de Fora é que, naquele dia, conheci Sônia Abreu e pude ver como eles eram amigos. Ter ido até lá foi uma oportunidade de constatar que várias histórias eram verdadeiras: ele ia da Graminha à cidade a pé, fazia observações sobre carros e direção quando andávamos neles e tocava seu piano elétrico do alto de um morro.

Anos depois, fui entendendo melhor sua situação doméstica, seus projetos, como era a vizinha e seu amor pelos cachorros e gatos. Os relatos dos jornais eram precisos.

Essa foto foi feita por Sônia Abreu, com a máquina dela, quando eles me deixaram na rodoviária. A aventura valeu um capítulo de Kerouac.

Naquela época, Cazuza era o assunto em voga. Fui conhecer o mutante lá em Juiz de Fora. Numa analogia arnaldiana, ele usou versos de Cazuza para explicar qual seria o futuro dos amplificadores transistorizados da marca Fender:

"Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades / O tempo não para."

Ri pacas e falei:

— Arnaldo, eu não sabia que você era tão contemporâneo!

À medida que os discos foram saindo, finalmente entendi o que Arnaldo queria dizer.

Mário,

9 de maio

Estou ouvindo Arnaldo, e não consigo tirar os

olhos desta foto, que estava na minha parede...

parede que um dia você vai conhecer.. (?) Gosto desta foto,

Não sei se vai te agradar,... será? Só sei que lembra

alguns momentos, ideias fluindo incessantemente, mil

sentimentos, mil papos, pensamentos que se encontram,

orgasmos intelectuais e conflitos psicológicos.

Será tudo somente um capricho? Talvez...

Certamente, talvez. É "Birdy, A Força do Amor; Paris, Texas; Surrealismo,

"Minha vida de Cachorro"; Jim Morrison, Arnaldo Baptista, Hamlet,

Saint-Exupéry, Bach, J. A. R. Furtado, Arthur Rezende, Cláudia M. Pinheiro,

"Sangrando", "Fragmentos", "Sentimentos de Momento", Duchamp,

Byron de Querido, Janis, Liv Ullmann, Audite nas mutações e a[rasurado]

Topo - acima do texto:

"O maior desafio é transar a cabeça de alguém. Gostar da maneira como é. Tire os sapatos!"

Topo - canto superior direito - em círculo:

"Staffy. Style. Lopes, Brown,... outro?"[e]

Topo - canto superior esquerdo - curvo:

"uma história nova - Guardo - O livro do... O... do ouro no meu... por..."

Margem esquerda - vertical de baixo para cima:

"Sonhos... A sensação é mais importante. O mais [?]... Nos... muito..."

"18/05"

"Sonhos... sobre os de...?... minutos... viva, e mutilada. Sobretudo!"

Margem direita - vertical:

"Se quisermos poesia, não devemos repetir a história, mas vivê-la intensamente. Se vida ao que há entre os olhos..."

*Rebelo



JUNHO

A TURMA DA QE 32

O popular professor Cafu, de Geografia, candidato a deputado distrital pelo PT, havia alugado uma casa no Conjunto P da QE 32. Foi através dele que conhecemos Carlão Nascimento, Kléber, cartunista, professor Foti e Carlos Peruano, que possuía um restaurante no SIA.

Para completar o time, surgiu morando num bloco de apartamentos acima da QE 32 o professor e poeta negro Jorge Amâncio.

Esse time de notáveis se reunia no bar do saudoso Serginho Vagabundo. Também frequentávamos o bar do seu Luís, ou Luisinho. Era conhaque, conversa de manhã à noite e nenhuma hora certa para acabar.

Junto dessa turma estavam Flávio Pezão, engenheiro paulista que, nos anos 1970, trabalhou no governo Maluf e não gostava de falar da própria vida, e Gabriel, uma espécie de livre-pensador à moda tupinambá.

Ali, as conversas políticas atravessavam horas, copos e garrafas.

4ª DP

Tota: Xadrez! Hábito e aulas herdadas na QE 32, sempre um polo gerador de movimentos.

Tarde da noite, depois de nos reunirmos no Laska Lanches, saímos pelas quadras do Guará II, ainda sem seus prédios, na avenida principal, colando cartazes de um lazer na QE 32.

O giro foi breve. Achei muito rápido. Os policiais quase aposentados e mal-humorados pararam o camburão e nos convidaram a ir à delegacia.

Fomos detidos. Waltinho tossia muito e Osmar, na dele. O professor Klecius Oliveira argumentava e tratava a delegada por “Fia”! Frio como pedra, eu só ouvia.

De memória, éramos dois malucos, dois caretas e eu na coluna do meio. Fiquei com uma dupla à frente, colando os cartazes, e outra dupla mais recuada. Penso que éramos cinco porque, no final da noite, houve o comentário:

— Eles pensam que nós não sabemos...

Na delegacia, esperamos uma eternidade até a delegada acordar e estudar nosso caso. Convenientemente, pela lei, fomos enquadrados como divulgadores de material revolucionário ou clandestino e flagrantemente acusados de distribuição de material subversivo!

Não adiantava argumentar que se tratava de um cartaz inofensivo. Osmar fez uma oratória estruturada em nossa defesa e citou até Getúlio Vargas. A delegada nem se mexeu.

Acredito que, sensibilizada pelo ataque de asma de Walter, que durou exatamente o tempo em que ficamos detidos, a delegada não abriu inquérito e nos permitiu dormir em casa.

O saudoso Osmar perguntou:

— Conhece aquela chácara que tem bambu?

Sim. Fomos lá e ele cortou uns poucos pés de bambu para a festa junina na 32.

O também saudoso Joel, posseiro da chácara 10 do Bernardo Sayão, por um bom tempo me cobrou os bambus. E eu não fui avalista...

---

21 DE AGOSTO

A PEDRA DO GÊNESIS NO BURACO DA SOLA DO SAPATO

A serigrafia usada na divulgação, em cartazes, transformou-se em indispensável adesivo para que o underground se reaglutinasse.

FINAL DA DÉCADA DE 1980

A PEDRA, AS CAMISETAS E A CIRCULAÇÃO DO UNDERGROUND

No Guará, Geraldo, Joel, Sandro, Ricardinho e Eli, na Pedra – a passarela entre o Conic e o CNB, um dos points mais movimentados de Brasília –, vendiam camisetas com estampas de rock, punk, blues e reggae. Lá, Zezinho Blues passava as tardes soprando sua gaita e suando sob o sol tinindo, escaldando.

Eles, então, passaram a peregrinar pelo país. Do lado de fora dos estádios, vendiam camisetas no Morumbi, no Hollywood Rock, no campo do Palmeiras e, pasme!, na Human Rights Now!, turnê da Anistia Internacional, de maior fôlego, passando por inúmeros países e contando com a presença de Peter Gabriel, Tracy Chapman, Sting e Bruce Springsteen.

Foram ao show dos Paralamas do Sucesso cancelado em BH – Herbert Vianna quebrou o pulso. Primeiro show do Sepultura em Brasília, no Gran Circo Lar. Primeiro Festival de Blues do Brasil, em Ribeirão Preto. New Order no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. A extensa turnê de *As Quatro Estações*, da Legião Urbana, no Estádio Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas – turnê que não visitou Brasília –, e estrelas dos **anos 1960**, como Jethro Tull.

No princípio, as camisetas eram vendidas como Coleção Cabeças. Quando se esconderam atrás das vitrines de loja, viraram Head Collection – podiam ser encontradas no Conic, QG das novas lojas e tribos do cerrado.

As fitas-demo comandavam a cena underground da cidade.

No Guará, nesse momento, bandas e artistas saíam das garagens para os bares: Point Pomtekim, Elo Cultural e Bar do Afonso.

Por lá passaram Rumores de Garagem, Política do Êxtase, Nefelibatas, Trappus e Farrappus, Durangos da América, Clones de Ludwig, Alto QI, Doutrina Monroe, Mahatma, Death Slam, Cabeloduro, Marssal e Anno Domini.

Ainda Podrão e Solução Final, Warehouse of Fables, Verve, Substitutes, Lacrima, Concreto DF, V.A., II.C.S., Pitiless, Fox Estrot, Kashimir, Céu de Cimento, Lincon Lacerda, Fábio Catolé, Manon e o vozeirão do Jeová.

Os guitarristas Cécé, Miro Ferraz e Tex. E as cantoras Célia Porto, Deusa Barakat, Euda e Isaberg.

DESPEDIDA DE RAUL

O último show de Raul Seixas foi no Ginásio Nilson Nelson, no dia 12 de agosto de 1989. Ao lado de Marcelo Nova, cantaram praticamente todas as músicas do inédito disco

A Panela do Diabo. Cantaram também “Maluco Beleza”, “Metamorfose Ambulante” e “Cowboy Fora da Lei”, que não eram do disco com o qual vinham fazendo longa turnê pelo país.

Justo em Brasília, foi o 50º show e a principal atração do 2º Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (Flaac), promovido pela UnB.

Muita gente confunde o último show, este no Ginásio Nilson Nelson, com outro que Raulzito fez no mesmo ano, no Gran Circo Lar, uma arena que ficava no terreno onde hoje é a Biblioteca Nacional, em frente ao antigo Touring, atual Rodoviária do Entorno.

Um público de três mil pessoas recebeu o ídolo com devoção. Aos 43 anos, Raul evidenciava sinais de esclerose precoce. Movimentava-se com dificuldade, amparado por Marcelo Nova. Sua voz soava trêmula, cansada, ao interpretar canções autobiográficas e confessionais.

A turnê gerou o LP de estúdio — hoje clássico — *A Panela do Diabo,* lançado dois dias antes da morte de Raul, em 21 de agosto daquele ano.

Os zines de Fellipe CDC e as camisetas do pioneiro Nonato Natinho perduram até hoje!

OUTUBRO

O ÔNIBUS AZUL DO GDF

Informei à minha mãe:

— Foi muito bom militar pelo underground. Agora vou subir naquele ônibus azul do GDF e começarei uma nova vida. Estou ficando coroa, já tenho 25 anos.

Morávamos na rua, isto é, acima dos comércios da QE 32. Eu tinha recebido minha carta do GDF e arrumado a situação no IDRH. Fui e assumi meu cargo.

Todos ficaram esperando eu comparecer ao primeiro dia de trabalho, um dia depois de Finados:

“Obrigado, senhor, obrigado, senhor! Quero ouvir uma salva de palmas para a banda que nunca nos desapontou.”

Eu estava pirando. Não era educado o suficiente e escrevia semanário, JOSÉ, ia muito vivo na faculdade, além de escrever uma biografia musical. Me abastecia de dicionários pequenos, porque era o que a grana permitia. Não tinha todas as palavras.

Fiz essa colagem-capa, mas o que me intrigava era a perspectiva humana do dadaísmo: a figura reclinada ou sentada na cama enviesada, a contemplação, o enquadramento.

Então, lançava fanzine do Glauber Rocha, no Cine Brasília. Os textos eram de meter o malho, sempre! Farei zines por toda a vida, cada um mais robusto, rebuscado e mais louco do que o outro. E, se Deus e a Xerox do Brasil permitirem, relançarei esses fanzines.

Antes era fácil, por não ter que jogar o jogo dos homens!

Nesses idos, chamavam a coisa de “broca”. Estes são tempos de broca.

Nunca imprimi fanzine em gráfica, pois era ridiculamente caro. No currículo, sete anos de fanzinagem alucinada e resistência no talo.

Na minha cabeça, meus fanzines eram minirrevistas de arte, mas tinham informação. A *SomTrês*, que era o ponto de união dos fanzineiros, dava sinais de que não iria durar mais. Conseguir um registro era muito difícil.

Neste ano, escrevi um ano na imprensa. Pensei que tinha conseguido um espaço. Ledo engano: a trajetória se parece com as demais.

De vital importância para o Movimento Alternativo são as edições de catálogos com a reunião do material publicado. Dos catálogos dos anos 1980, a produtora Casa do Incesto (Brasília-DF, 1989) saiu na frente. Três anos depois, a Editora Arte de Ler (RJ, 1992) lançou o *Almanaque de Fanzines*, com boa divulgação no eixo Rio-São Paulo.

Em dificuldade dificílima, esses dois catálogos de fanzines incentivaram a prosseguir na relação.

VIXI! – A QE 32, UM CASULO GLOBAL

A gente se conheceu em 1989, na casa que o professor Cafu alugava na QE 32. Além do Cascão, era tanta gente que a memória até se embaralha: Flávio, o Pezão, Gabriel, professor Chico, Carlos Peruano, Chico Bueno, Carlão... Uma turma daquelas!

O popular professor Cafu, de Geografia, candidato a deputado distrital pelo PT, havia alugado uma casa no Conjunto P da QE 32. Foi através dele que conhecemos Carlão Nascimento, Kléber, cartunista, professor Foti e Carlos Peruano, que possuía um restaurante no SIA.

Para completar o time, surgiu Jorge Amâncio, professor e poeta negro, que morava num bloco de apartamentos acima da QE 32.

Esse time de notáveis se reunia no bar do saudoso Serginho Vagabundo. Também frequentávamos o bar do seu Luís, ou Luisinho. Era conhaque, conversa de manhã à noite e nenhuma hora certa para acabar.

Junto dessa turma estavam Flávio Pezão, engenheiro paulista que, nos anos 1970, trabalhou no governo Maluf e não gostava de falar da própria vida, e Gabriel, uma espécie de livre-pensador à moda tupinambá.

Ali, as conversas políticas atravessavam horas, copos e garrafas.

Naquele 1989, a Legião Urbana lançava *As Quatro Estações*. O disco tinha tudo a ver com o espírito daqueles tempos: as contradições, os amores, as inquietações e as perguntas sem resposta de uma geração que tentava entender o país e a si mesma.

"Há Tempos", "Pais e Filhos", "Quando o Sol Bater na Janela do Teu Quarto" — canções que saíam dos alto-falantes e encontravam eco nas conversas, nas amizades e nas existências que se cruzavam naquela quadra.

A música também fazia parte daquele casulo global, onde política, rock, filosofia de botequim e histórias pessoais se misturavam sem pedir licença.

Desse tempo, o que me ficou na memória foram os encontros, as histórias e os nomes que o tempo não apagou. Não sobreviveram fotos, discos ou registros daqueles encontros. Ficaram as lembranças, os personagens e muita gente esquecida, mas ainda viva nas memórias que cruzam oceanos e décadas — e vão até a garrafa vazia! E o fiado no prego.

Ah, e tinha também o Manduka.

Depois, a galera mudou de lado e foi para o Bar do Afonso, com muita feijoada aos sábados e rock também, porque ninguém ali vivia só de prosa e conhaque.

A QE 32 era um casulo global: gente diferente, histórias cruzadas, música, boteco e uma convivência que parecia não ter fronteiras. Um mundo inteiro dentro de uma quadra do Guará!

O Cafu, o Carlos Peruano e meu amigo Pablo Montoya, sobrinho do Carlos, também alugaram uma casa no J da QE 28, entre 1986 e 1988. Lembro dos inúmeros rolês e das festas que rolaram por lá!

O CASO DOS DISCOS

Armaram a maior conta no Bar do Afonso, na QE 32, e levavam muitos discos para ouvir no bar. À medida que a conta aumentava, os discos também se acumulavam.

Um dia, o esperto dono do bar levou todos para casa, a fim de saldar a dívida. E, nessa, foi-se o LP de Marco Antônio Araújo, autografado.

Colocaram o furto dos discos na minha conta:

— Foi o Marinho!

E, assim, poupou-se o nosso amigo.

LEMBRETES:

Flávio tinha gota.

Prof. Foti.

Trinta anos depois, apareceu lá em casa um chato daquela turma. Abri os armários, até os do banheiro, e mostrei-lhe os discos, acompanhados de certificados, termos de doação, notas fiscais etc.

O cara não ficou satisfeito e soltou:

— Pensei que você tinha mais discos.

Ao passarmos por um baú, avisei:

— Aqui estão os mais raros!

O cara parou, olhou para o baú e, quando foi mexer em um disco, eu o interrompi:

— Não pode manipular sem luva cirúrgica. Volte outro dia que eu lhe mostrarei.

O diabo em mim ria. Ali, eu estava sendo Mário Pazcheco.

Jornal do Guará

Personagem do mês

Cafu: um guaraense de 2 mil votos

Incluído no grupo dos cinco candidatos a distritais mais bem votados do Guará, na frente de favoritos como Divino Alves, Arthur Aguiar, Samuel Santana e Salvador Bispo e outros conhecidos, Antonio José Ferreira conhecido apenas como Cafu, foi a maior surpresa para o guaraense nas últimas eleições.

Com 728 votos no Guará e 1922 no total, em Brasília, **Cafu** somente não surpreendeu os militantes do PT, o seu partido, e os participantes de movimentos culturais e ecológicos, que estão acostumados com a sua luta nesses dois segmentos, além de sua experiência como professor de cursinhos universitários famosos como Objetivo, Marista e Palmares.

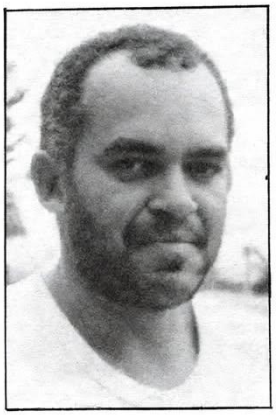
Morador no Guará por opção desde 82, esse anapolino de 39 anos está em Brasília desde 69 e é o nosso **Personagem do Mês.**

JG — **Você tem algum projeto para explorar esse potencial?**

Cafu — Precisamos criar alternativas baratas e populares para entreter o jovem e o guaraense de uma forma geral.

Jornal do Guará — **A que você atribui essa expressiva votação nas últimas eleições, mesmo não estando em nenhuma lista de favoritos?**

Cafu — Desde que cheguei em Brasília tenho dedicado minha vida, além da função de professor, aos movimentos populares em defesa de melhores condições de vida para o povo



brasileiro. Em 79, em plena ditadura militar, me envolvi com o Movimento de Defesa da Amazônia, inclusive como um dos coordenadores nacionais, fui preso e perseguido. Participei também de movimentos em defesa dos índios, da igreja e da defesa dos padres franceses presos em Goiás.

A minha experiência no Guará foi mais com movimento cultural, através do Grupo Comunidade, quando realizamos eventos populares e discutimos a participação da comunidade nesses movimentos. Talvez daí o reconhecimento através do voto.

JG — **Por que o Grupo Comunidade e sua luta não deram certo?**

Cafu — Porque a maioria das pessoas envolvidas tiveram que buscar alternativas para sobreviver e não tiveram mais tempo para envolvimento com o movimento. A própria comunidade não respondeu a esse esforço.

JG — **Mas por que a comunidade não respondeu?**

Cafu — A cultura infelizmente continua dependendo do Estado. Os movimentos culturais continuam a depender de recursos do Governo e a cultura nunca foi prioridade do Governo do Distrito Federal. Já a comunidade guaraense é de classe média para burguesia, e tem ilusões muito grandes e torna-se difícil trabalhar com ela. Mas, aqui há um ótimo potencial a ser explorado.

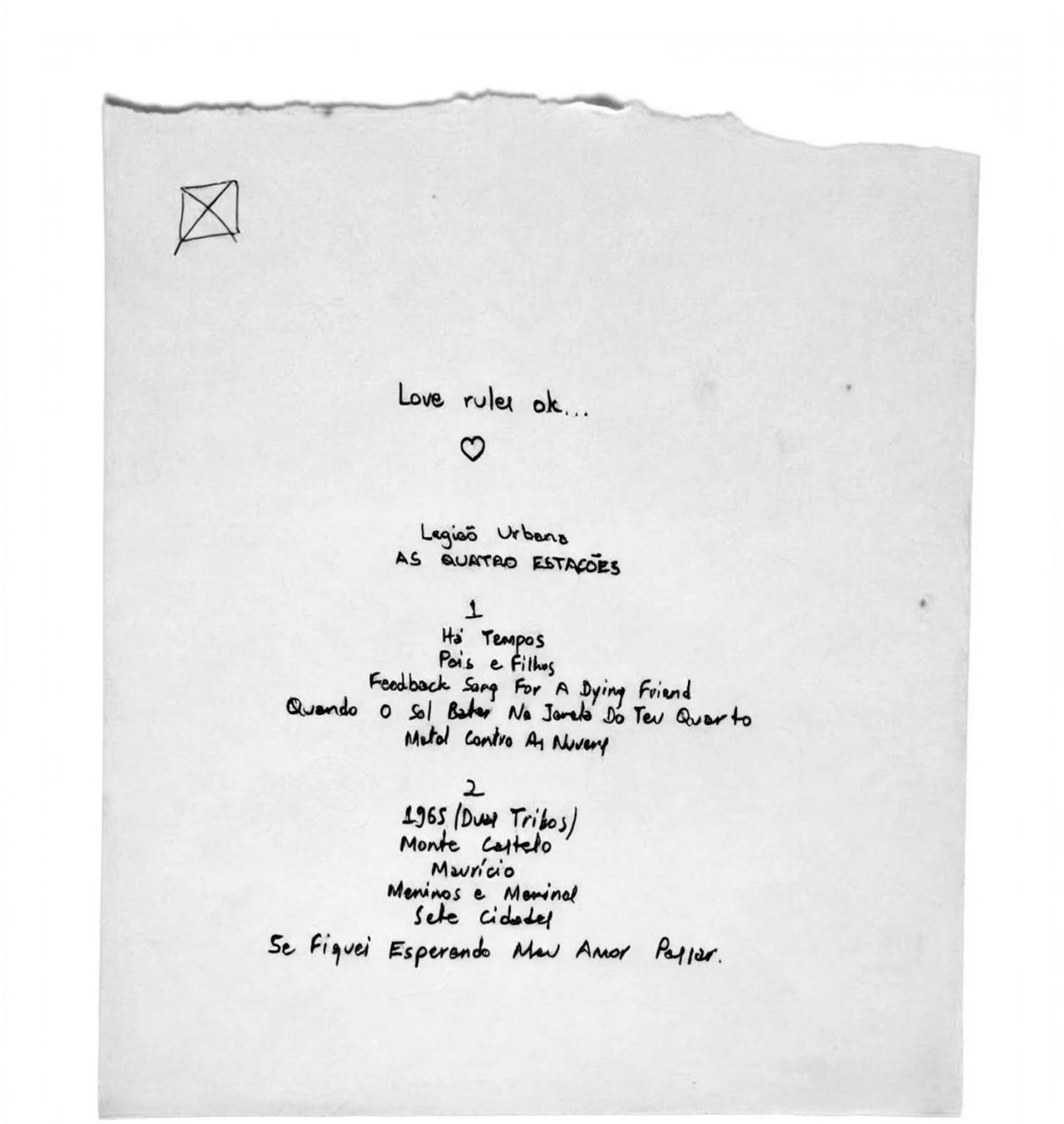
JG — **O que você espera do governador Roriz?**

Cafu — Infelizmente quase nada. Roriz tem dois compromissos de campanha que vão afetar Brasília. Primeiro com os grupos econômicos que o apoiaram e as suas obras vão de alguma forma beneficiá-los. E segundo com a política clientelista de assentamento, como o pagamento pelos votos da periferia. Não sou contra a distribuição de moradias, mas ela tem que vir com a oportunidade de emprego, de infra-estrutura. Brasília precisa ser repensada antes de ser loteada de forma irresponsável. Os moradores das satélites não podem continuar dependendo de emprego no Plano Piloto e as Administrações precisam ter também suas autonomias políticas e econômicas. O Entorno também precisa receber um tratamento especial. E cabe a nós lutar por esses direitos e contra o autoritarismo e a demagogia do Governo Roriz.

DOCUMENTOS E IMAGENS DE 1989

Manuscrito original — As Quatro Estações, ***1989****.*

Rascunho com "Metal Contra as Nuvens" ainda no setlist. A faixa sairia somente em **1991**, no disco *V*.



Love rules ok...

♡

Legião Urbana
AS QUATRO ESTAÇÕES

1
Há Tempos
Pais e Filhos
Feedback Song For A Dying Friend
Quando O Sol Bater Na Janela Do Teu Quarto
Metal Contra As Nuvens

2
1965 (Duas Tribos)
Monte Castelo
Maurício
Meninos e Meninas
Sete Cidades
Se Fiquei Esperando Meu Amor Passar.

IMPRENSA ALTERNATIVA

Abertura dia 29 de novembro, às 20:00 horas
até 10 de dezembro de 1989
Galeria Oswaldo Goeldi
Funarte / Brasília
Setor de Divulgação Cultural



Foto: Cid Queiroz



Foto: Cid Queiroz

A Casa do Incesto: Daniel - Alex - Carol - Gustavo.

A Casa do Incesto é uma produtora de eventos culturais e procura fazer com que haja mais opções, algo mais contínuo e abrangente, não apenas eventos isolados de determinados estilos. Qualquer forma de movimento artístico-cultural é de interesse – cinema, vídeo, música, teatro, dança, literatura, artes – enfim, tudo que se relaciona. Poucos investimentos (não apenas a nível de dinheiro, mas de iniciativa) são feitos na área de cultura; mas existe uma forma alternativa que faça que ela aconteça. Brasília é nova e sua identidade cultural ainda está se firmando. Depende da criatividade e ação de cada pessoa.

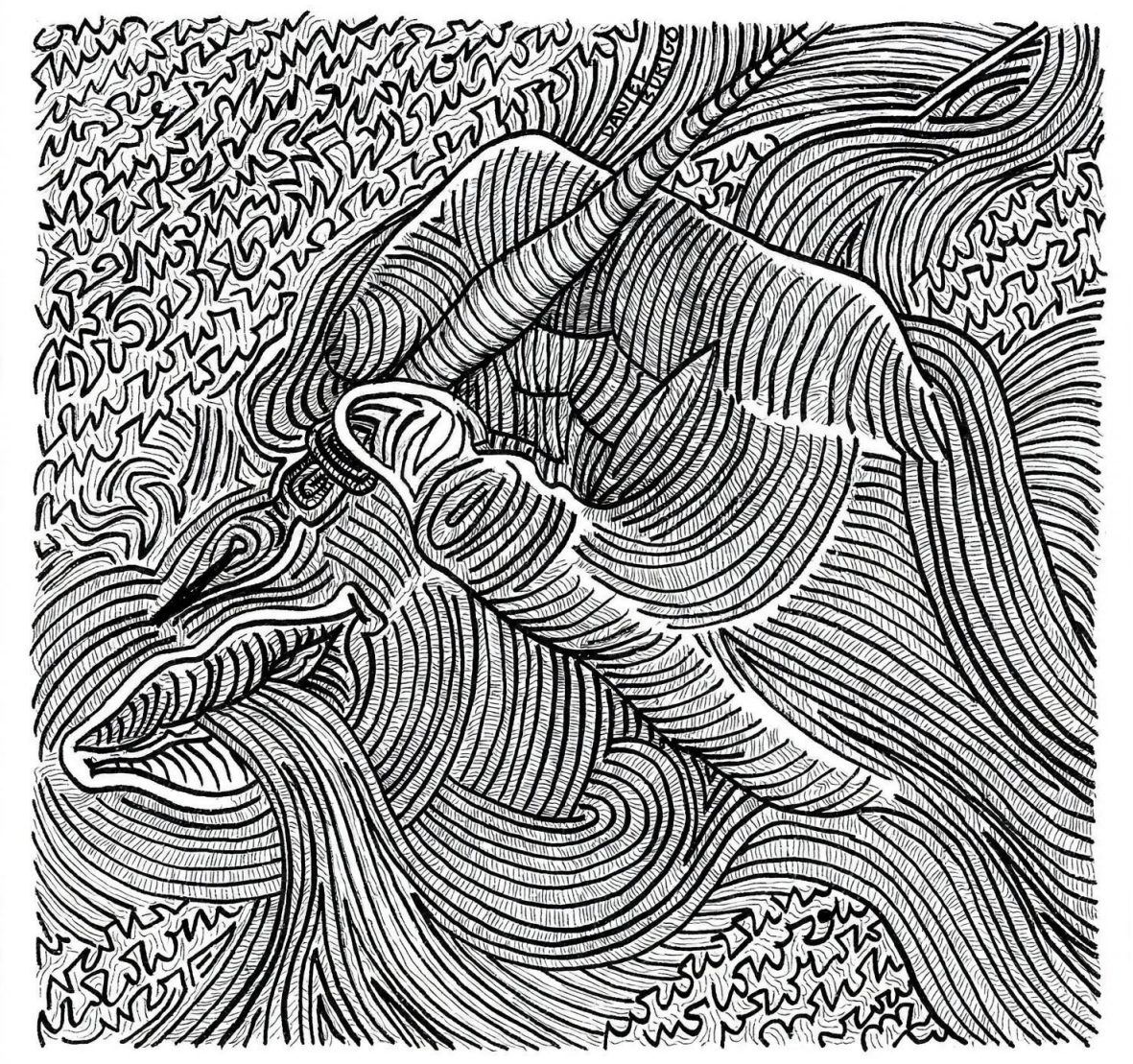
Esta exposição tem um caráter muito próximo da nossa proposta, mostra ao público que depende dele que a cultura exista. Não é uma exposição que pretenda ser completa e total, está muito mais próximo da nossa intenção pensar que este seja um evento introdutório, que leve o visitante a imaginar o que mais ele pode ver, a escrever para os escritores e editores, a escrever sua própria obra. A grande maioria das publicações expostas são de 1989 coletadas a partir de abril deste ano. É tudo parte de uma grande malha subterrânea de correspondência que cresce como uma enorme reação em cadeia.

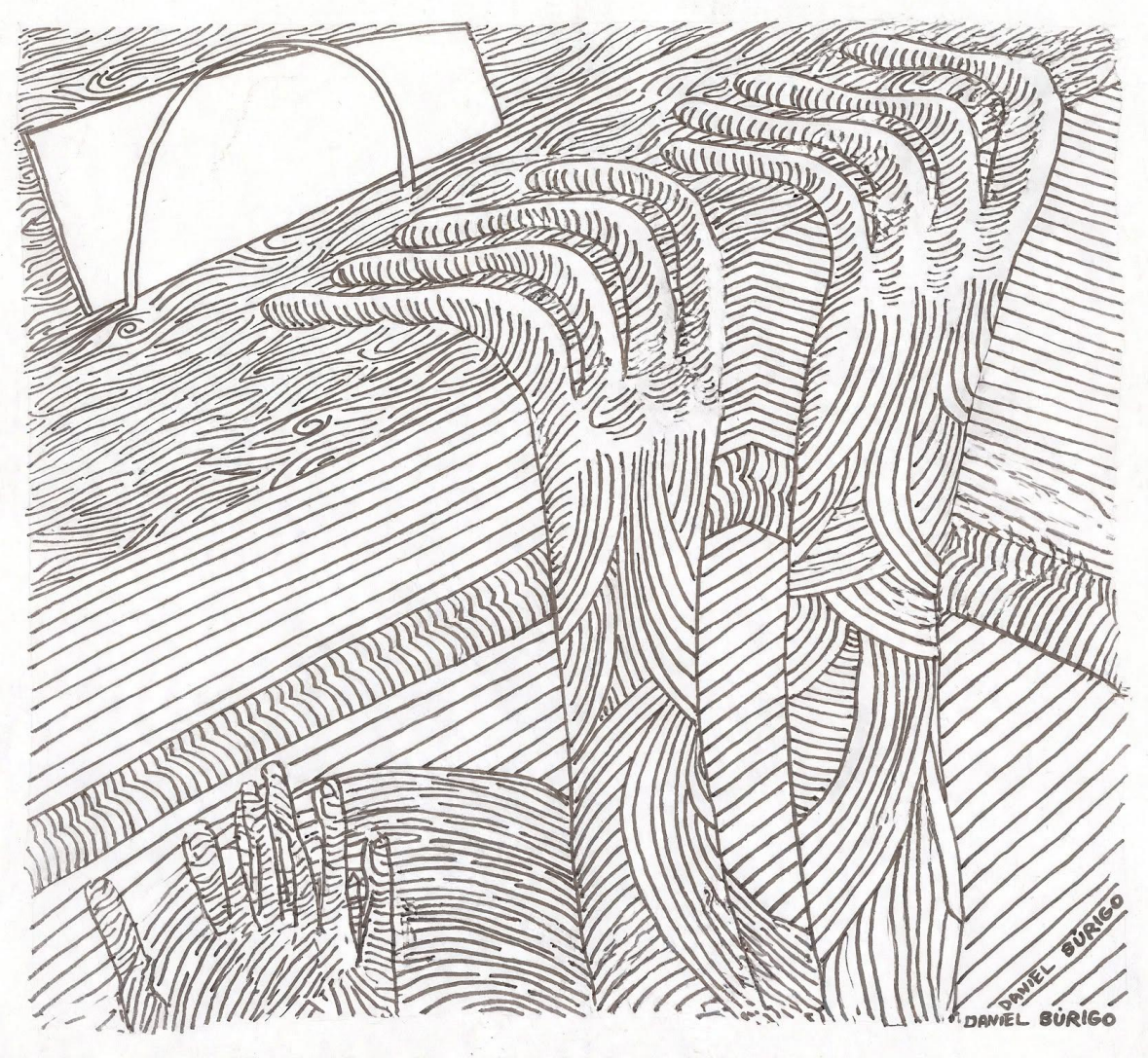
Os exemplares vão desde simples poesias passadas de mão em mão àquelas de maior distribuição, fanzines, histórias em quadrinhos, resenhas, contos, revistas-laboratório, todas produzidas e distribuídas pelos próprios criadores.

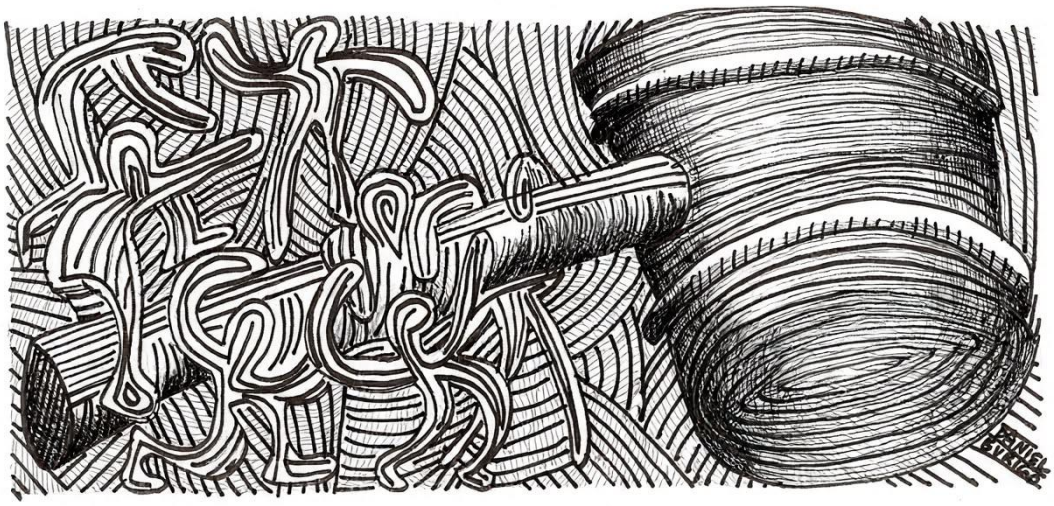
DANIEL BÚRIGO

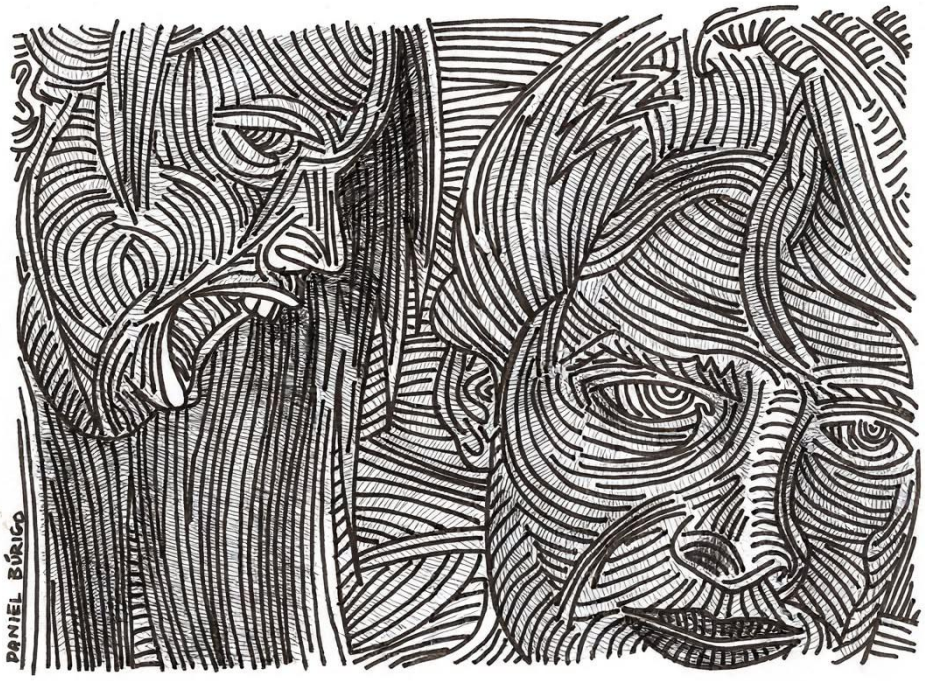
Daniel Búrigo, parceiro de fins da década de 1980 na Casa do Incesto, ficou conhecido também por sua arte no suplemento *Correio da Galera*, do *Correio Braziliense*.

Desenhista de alma cheia e talento, Daniel fazia do traço uma extensão de sua personalidade criativa, deixando sua marca naquele cenário de experimentação e efervescência cultural do underground brasiliense.




DANIEL BÜRIGO




DANIEL BÚRIGO


DANIEL BURIGO

1990

ODE AO SISTEMA

"Que o capitalismo se revigore a cada dia."

No "viver bem" do capitalismo não cabem muitas pessoas – inclusive você.

Novas e mais fortes e complexas formas de violência na mídia e nas ruas. Os microcomputadores e a Rede Mundial de Computadores. Tudo chegou aos nossos lares e corações na plenitude desta década, e seu ocaso ofereceu o ponto de vista perfeito para quem quisesse ver como os 80s foram o espaço entre o fim da Modernidade e o início da Modernidade Tardia, na qual acontece o Capitalismo Tardio.

O capitalismo está vivendo um momento de franca vitória. Não há mais o coletivismo. É a primazia do individualismo, nu e cru: cada um por si e sabe-se lá quem por todos.

Eu nem queria perder tempo com estas reflexões, queria gastar meu dinheiro em paz. Eu nem queria ter consciência – se pudesse, compraria uma consciência "customizada", como sói exigir a galera acometida pelo consumismo pandêmico, com meio tom de cinza. Mas encaro os fatos com mais sensibilidade, pois é do meu bolso que boa parte das coisas é feita; e depois você joga na minha cara que eu ganhei tudo. Mal você sabe o preço diante do dilema de mais um novo livro. E como anda a situação na sua cidade?

Você quer uma vida mais rebelde, ou rock'n'roll, do que essa?

Assim que entrei no serviço público, perdemos os ônibus azuis que nos pegavam em casa de manhã, nos deixavam na hora do almoço e nos levavam de volta.

Hoje reabri minha extensa ficha criminal – boa parte dela a serviço do rock'n'roll. Nunca tive muita grana, nunca passei fome. Fui parar na 4ª DP duas vezes, e isso significava a ruína: eu seria expulso de casa, onde tinha o status de encostado. Perdi o número de vezes que fui demitido! (Para mim, injustamente.) Conheci os maiores *fdps*. Com o passar dos anos, passei a refletir sobre a vida de maneira semelhante à minha mãe. Ela sempre acertava.

No serviço público, levei logo de cara uma advertência aplicada pelo chefe. O sujeito me chamou de *fdp*, mas não teve culhão de publicar a advertência no Diário Oficial do DF. Ela ficou na minha pasta funcional – e continua lá até hoje. Quando solicito alguma coisa, eles vão à pasta e o antecedente está lá, à disposição. Eu não era 100%, também não vou posar de santo. Mas aquele registro me queimou a carreira. Esta é a razão pela qual nunca ascendi, nunca consegui as 40 horas. Sou um pobre diabo; vá filmar flagrante de maconha na *pqp*.

Desse ponto em diante, fui trocentas vezes parado em blitze, o escambau. Nunca peleguei, nunca apelei, nunca recorri a mimimis oficiais e extraoficiais para conquistar o que poderia ter sido meu por direito e por competência. Por outro lado, nunca sofri qualquer tipo de coação.

Olhai os fatos, amigos e desafetos: minha irmã foi atropelada; deram-me o recado por telefone; corri para o Hospital de Base sem pedir autorização ao meu então superior. Como tenho o direito de me defender, no fim das contas me afastaram para onde eu queria ir.

MEU 'SPUNKAMENTO'

Nunca fui memorialista, detalhista, observador ou um bom fisionomista. Nunca mantive diários e meus poemas eram horríveis. Nunca fui ateu ou oráculo e nem joguei de médio volante. Muitos viram essas cenas nas quadras do Guará.

Fui beber cerveja num trailer embaixo da QE 32, do lado direito do Conjunto B. Cacei, procurei encrencas e fugi. Mas nem sempre escapamos de todas.

Acertaram-me e me deixaram de olho roxo. As causas? Naturais? Acerto de contas? Divisão de produto de tráfico? Todas as alternativas corretas. Paguei um preço, mas sem cicatrizes na cara. Parecia um quilo de carne moída ralada no asfalto.

O pior momento foi quando me avisaram:

— Sem levantar a cabeça ou atiraremos!

Por sorte, o policial Loredo, pai do Lauro, abriu a janela e, por isso, escapei.

Na manhã seguinte, ouvi dos próprios caras que me acertaram:

— Quem foi que fez isso com você?

— É para nós vingarmos...

1990 EM RECORTES

18 de abril

McCARTNEY CHEGA HOJE AO RIO

'MACCA' TRAZ 35 ANOS A SERVIÇO DO POP

20 de abril

PREOCUPAÇÃO COM PREJUÍZOS OCUPA MCCARTNEY

23 de abril

PAUL MCCARTNEY DIZ QUE BEATLES CONTINUAM SENDO "OS MELHORES"

29 de abril

LEGIÃO URBANA CAUSA TUMULTO AO PARAR SHOW

O cancelamento de um show do conjunto Legião Urbana, após a apresentação de uma única música pelo vocalista Renato Russo, provocou tumulto entre as três mil pessoas – segundo a Polícia Militar – que lotaram o ginásio poliesportivo Dr. Arthur de Mendonça Chaves, anteontem à noite, em Poços de Caldas (MG).

O cantor sentiu-se mal no palco e teve que ser internado. O Comando da PM de Belo Horizonte divulgou nota ontem afirmando que o cantor teve "convulsões no palco".

Segundo a Santa Casa de Misericórdia de Poços de Caldas, Renato Russo ficou em repouso por cerca de duas horas, recuperando-se de uma afasia – enfraquecimento ou perda das faculdades mentais de transmissão ou compreensão de ideias, sem lesão das cordas vocais, provocada por perturbação nervosa central.

Com a interrupção, o público passou a exigir a devolução do dinheiro. Houve quebra de janelas e desmaios de várias pessoas. O show estava programado para as 21h de sábado, mas os tumultos só cessaram após as 2h de ontem, depois que os ingressos foram devolvidos e os organizadores se comprometeram a realizar outro espetáculo.

1º de maio

LEGIÃO URBANA REPÕE SHOW EM POÇOS DE CALDAS

A Legião Urbana tocou anteontem à noite em Poços de Caldas para repor o show interrompido no sábado, devido a uma crise do cantor Renato Russo. Segundo o diretor clínico da Santa Casa da cidade, Guido Cazini, 64, Russo teve distúrbios digestivos e passou por uma crise nervosa que o deixou afônico. Após a interrupção, os organizadores abriram apenas um guichê para a devolução dos ingressos, o que provocou o início do tumulto entre o público de três mil pessoas. Foram quebrados vidros, portas e caixas de luz do ginásio.

12 de maio

Preocupação com prejuízos ocupa McCartney – **checar data.**

Vídeo resgata a vertigem poética de Ana C.

30 de junho e 1º de julho

The Jesus and Mary Chain

19 de agosto

A BESTA DESPERTA, DEPOIS DE 21 ANOS, NO DIA DE FINADOS

Na dúvida, os paulistanos que passarem pela Rua Augusta no dia 1º de novembro, pleno Dia de Finados, que se cuidem: o Cine Elétrico vai lançar finalmente *O Despertar da*

Besta, filme realizado por Mojica em 1969 e retido durante 21 anos na censura. Depois será a vez do Rio e de Brasília, onde Mojica deve vir pessoalmente procurar a tal cópia retida, que até hoje não voltou às suas mãos. E, como se não bastasse, Mojica está escrevendo sua biografia – a primeira das três partes já rendeu mais de 700 páginas –, além de projetos para um programa de rádio, apresentações no teatro e uma série de TV.

Autêntico homem brasileiro de espetáculos, comunicador nato, Mojica parece não ver os anos passarem. Entrou nos 90s trabalhando a todo vapor, como se ainda estivesse fazendo seu primeiro filme, aos 9 anos, puro sonho de menino precoce. Na Rua do Triumpho, tomando uma cerveja no restaurante Soberano, tradicional ponto de encontro dos cineastas da Boca do Lixo, ainda reina soberbo. Sob um grosso sobretudo, distribui autógrafos na fria tarde paulistana com a desenvoltura de um Hitchcock tropical, abençoado por *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e original por natureza.

Encontrá-lo em seu habitat natural não foi difícil, mas passar a limpo uma aventura de 50 anos fazendo cinema no Brasil consumiu uma tarde inteira e muitos copos de cerveja. E, na hora de ir embora, a conversa ainda corria solta.

DEZEMBRO

MALDITO POPULAR BRASILEIRO

Fui ao lançamento do documentário do Arnaldo Baptista. Em Belo Horizonte, eu estava muito doido – empolgado –, fumava dentro do cinema. Então, um homem mais maduro sentou-se ao meu lado e disse:

– Sentarei aqui em solidariedade!

Pensei: que *porra* é essa? Solidariedade a quê?

– Ao cigarro – ele respondeu.

Aí relaxei e ri. O coroa era fã do Arnaldo. Desavisado, apontei o Arnaldo para ele.

No outro dia, fomos a uma sauna num condomínio qualquer. Ao regressar, entramos no elevador e, ainda sem saber qual era o andar, apertei o botão do quarto. Acertei! Almoçamos, ele tocou “Rolling Stone”. “O A E O Z” repetia fragmentos no órgão da mãe da Lúcia, que de vez em quando brigava por causa do cigarro amigo.

Deus sabe lá por que não tenho uma foto desse encontro. Acho que o respeito era tanto – e eles me deram tanto – que achei que não precisava mais de fotos. Lamento.

POST SCRIPTUM

Minúsculo, dentro do prédio, na portaria que dava para a rua, havia um botãozinho preto que você apertava para sair. Como eu não sabia desse ardil, perdi a chance de tomar uma Caracu com Arnaldo Baptista antes do almoço.

Folha do Cerrado, de Mira Alves, em dois momentos: 1991 e 1996.



Folha do Cerrado

ANO VIII -

Um canal para o Intercâmbio de Informa
A certeza na frente, a História de mão em

1° de MAIO *Histórico*

O dia 1° de maio é o dia consagrado à confraternização mundial das classes trabalhadoras e à homenagem aos "Mártires do Trabalho".

No dia 1° de maio de 1886 em Chicago, 110 mil trabalhadores entraram em greve pela adoção da jornada de 8 horas de trabalho, no 4° dia da greve houve a intervenção da polícia... muitos foram mortos e feridos. Ficou marcada esta data.

Em 1889 um Congresso Socialista reunido em Paris, escolheu o dia 1° de Maio como o Dia do Trabalhador em homenagem aos que na luta pereceram, mas que é denominado didaticamente pelas classes

FOLHA DO CERRADO

JAN - 91 - Nº 5

$ = 100.00

FOLHA DO CERRADO

UM JORNAL DE RESISTÊNCIA CULTURAL

1991

11 de março

Este povo é vivo, esperto e patriota: colocaram Raul Seixas na estampa do selo do Rock in Rio II. Mas, se Raul estivesse vivo, com certeza não o convidariam. É muito cinismo, oportunismo, esperteza e avareza.

A Legião Urbana está em estúdio, gravando o sucessor de *As Quatro Estações*, que ainda não tem previsão de lançamento. A banda foi reduzida a Renato Russo, Dado e Bonfá. Outra banda, os Titãs, também prepara sua bolacha. Há duas semanas ensaiam repertório novo. O LP deve sair em setembro, sob a batuta de Liminha.

Folha de S. Paulo 8 abr. / 1991

FILMES

Fotos Reprodução



Os três Patetas na versão do cartunista Friedman

Filme pastelão ataca na TV

A série ''Os Três Patetas'' é a vice-líder do horário das 20h. Só perde para o ''Jornal Nacional''. Agora a Record resolveu investir nos longas do trio. Já passou dois filmes e agora comprou mais cinco, inclusive ''Os Três Patetas em Órbita'' e ''Os Reis do Faroeste'' (com Adam ''Batman'' West), diversão garantida para quem gosta de comédias cretinas.

Os três estão com a moral alta nos EUA. O cartunista Drew Friedman, editor de cartuns do ''National Lampoon'', dedicou uma série de retratos a Moe, Curly e principalmente Larry (como este aí em cima). E em 89 uma das camisetas mais vendidas na América trazia escrito ''Just Say Moe'', resposta à campanha anti-drogas de Nancy Reagan com Moe fazendo cara de maluco.

12 de maio

A insustentável leveza do heavy metal

"O Renato Russo tentou suicídio umas duas vezes. Eu só não sei se ele estava ouvindo heavy metal ou Joy Division."

(FEJÃO A FERNANDO MOLINA)

Maio

Jim Morrison cultuado no Guará

"Sabes que não seria verdade / Sabes que seria um mentiroso / Se tivesse que te dizer / Não podíamos ir mais além."

("Light My Fire")

De volta, Pamela cruzou os céus do Atlântico. Na escala em São Paulo, o homem do alicate vazou a capa do disco.

No fim do Conjunto C, Rubens me mostrou o álbum duplo que acabara de ganhar de presente, vindo dos Estados Unidos. O disco tinha odor almiscarado. Era uma capa fotográfica, cinematográfica, encerada. Desde aquela tarde, passei a sonhar com *Absolutely Live*. Pamela havia dito a Rubens que era um disco "com os poemas mais bonitos de todos os tempos".

"Café da manhã, quando se leem as notícias / meninos da televisão alimentam-se / futuras vidas, vivas, mortas / a bala atinge a cabeça sob o capacete."

Sábado. Pré-estreia do filme *The Doors*, de Oliver Stone. Ganhei ingressos na rádio; disseram que bastava chegar à bilheteria e falar meu nome. No Fusca, fomos eu, Joel, Eli e Zé. Não entrego quem carregava a garrafa escura de Dreher 900 ml. Chegamos ao Cine Brasília às dez da manhã!

"Meu nome é Mário, eu queria as cortesias!"

"Não, não tem cortesia!"

A típica porta na cara. "Senhora, quem é o produtor da festa? O responsável pela distribuição do filme? Estou aqui com meus amigos e não vou ficar do lado de fora."

Dito isso, ouviu-se, seco e súbito:

"Podem entrar."

Éramos fãs dos Doors, do tipo daqueles que dançam ao redor de velas.

Trilha das festas

"Vamos nadar até a lua / Vamos içados na maré / Penetremos na noite em que a cidade, para ocultar-se, dorme."

("Moonlight Drive")

A trilha da festa de Tom Zen eram os discos esgotados *The Doors in Concert* e *The Best of*. Na UVA, ouvia-se o avassalador "Roadhouse Blues" tocado pelo Status Quo.

"É praticamente impossível não beber quando se escuta Doors, ao menos pra mim, porque é o hedonismo do rock sessentista. Os Doors têm aquela veia dark do Velvet Underground, dos Stooges, da Nico e, obviamente, do blues, que faz sentir um gosto escuro tocando e cantando 'The End' ou até mesmo 'Soul Kitchen', que já é mais dançante..."

(DAVID KAUS)

Depois, numa caixa-d’água no alto de um bloco, a 52 metros de altura, esperávamos o sol chegar.

A nova música psicodélica brasiliense

Eram vinte anos desde que o poeta-esteta ascendera ao palco dos céus. Na sua ausência, nenhuma outra estrela na ativa marcou tanto o rock guaraense quanto Jim Morrison, o líder dos míticos The Doors.

De Nova York, Danny trouxe uma fantástica fita VHS de *Dance on Fire*. Agora sabíamos de cor os clipes coloridos que tanto os livros quanto as telas de cinema exibiam. Víamos o ídolo – vivo – em ação.

Mauricio Melo declamava os versos em edição portuguesa. Marcelo cantava a poética niilista no Política do Êxtase. Dagoberto gesticulava, criava mascaradas ao microfone da Trappus e Farrapus.

Rumores de Garagem, Nefelibatas, Os Poortas, Psicodélico Azul, Lusbell, Juca Sequela, Terno Elétrico, Os Mamutes, Farrapo Joe e Submundo Stewart.

“A figura do Jim Morrison é um deleite para o vocalista de rock, e até pros que não gostam dele, porque essa é uma visão de concordância: ele era inteligente, bonito, destemido, e transpassou o rock. Ele emana o que o espírito humano deveria ser. Sem contar os arranjos do Ray Manzarek, com pitadas de clássico e cabaré, o blues flamenco psicodélico do Robby Krieger e a batera que beira o rock, mas ainda se alicerça no blues e no jazz de John Densmore. E The Doors pra improvisar no violão ou na guitarra ou no vocal ou na vida é muito natural... Tocar, cantar, escutar e ler The Doors é um gozo da alma, implorando pra se tornar do corpo.”

(DAVID KAUS)



27 de maio

Falecimento de Sérgio Santana30 de junho

Extremo ressurge com show no Canta Gavião

Micróbio!

Não se sabe por quais cargas-d'água Cécé se referia aos chatos e à mídia como *Micróbios*. Diversas vezes, o salutar hábito do guitarrista colocava o contrabaixista em apuros para fechar a boca antes de soltar o escrachado brado:

"Um bando de Micróbios!"

Como isso era um chavão velho pra nós, ríamos. E havia mesmo tipos pavorosos de micróbios. Assuntos de banda, o educado Cécé cuspia mesmo. Emitia o que achava. Resumindo: “Tá dando voltas, andando em círculo”. E quebrava esses círculos com a agógica, que era uma oscilação como um terremoto.



Um mercado bem promissor

Os músicos que estão à frente das composições de jingles e spots em Brasília são na sua maioria de formação erudita e levam uma outra vida profissional, que é o seu trabalho como compositor e intérprete. É o caso de Rênio Quintas & Fernando Corbal e Paulo André & Fernando Fontana. Todos têm seus trabalhos em bandas, duos, trios e outras formações, mas engrossam suas receitas com criação e produção de trilhas para tevê, rádio, vídeo etc.

Corbal e Quintas contam com um estúdio próprio, de oito canais. Os dois são equipados até os dentes de computadores, teclados e muito talento. A especialidade da dupla dinâmica é a produção de spots, que se diferencia do jingle por não ser cantado. Nada a estranhar, pois eles são integrantes da banda Naipe, que é instrumental. Eles já trabalharam para todas as grandes agências publicitárias de Brasília, e também já produziram muitas trilhas para as diversas produtoras de vídeo.

O violonista Paulo André conta com uma vasta experiência em criação e produção de jingles, tendo inclusive trabalhado numa das maiores empresas do ramo no País, a Tape Spot, do Rio. Assim como os demais colegas, P.A. vê boas perspectivas para o mercado brasiliense. Ele que é professor da Escola de Música e toca em diversos eventos culturais, tem por volta de 40 por cento da sua receita gerada com o seu trabalho com trilhas. “E é crescente”, afirma o músico. Quem espera por algum preconceito pelo fato de um músico erudito estar criando jingles, pode desistir. “Um bom jingle demanda muito conhecimento de harmonia e arranjo, e só um músico pode fazê-lo”, explica Paulo André.

Um bom exemplo do trabalho de Paulo e Fontana é a campanha do Meio Ambiente, recentemente veiculada na tevê, envolvendo o personagem Cerradinho.

Legalidade — Dimas Thomas, da Forum Propaganda, é um dos publicitários que encomendava trabalhos fora de Brasília, e agora só usa os produtos da terrinha. Ele também vê como muito rápida a evolução desta área na cidade e, assim como os demais atuantes no campo, critica muito a atuação do ECAD (Escritório de Arrecadação de Direitos Autorais). “Eles ficam fiscalizando bares que usam até as FMs para animar o ambiente, e deixam as tevês e rádios impunes”, denuncia Dimas.

Muitos produtores, no intuito de minimizar seus custos, substituem os jingles e spots por trilhas chupadas dos discos, o que é totalmente ilegal. A nível ético esta é uma conquista ainda a ser feita.

ARQUIVO

Rênio Quintas e Fernando Corbal: especializados na produção de spots

[Renio Quintas] (Procura-se) no Correio Braziliense a 14 jul. / 1991

Agosto

Desta feita o freezer rendeu uma gelada

Nesse tempo, a QE 32 havia sido pacificada. Reduto de malandros, botequins históricos e muitos meganhas. Naquele tempo, qualquer autoridade possuía arma e andava de Veraneio.

Numa tarde aparentemente calma, uma rápida ação interditou o Conjunto J. Ninguém saía ou entrava, para desespero dos pacatos moradores. No outro dia, essa ação contra o tráfico estampou a *Folha de S. Paulo*. Foi assim que ficamos sabendo de maiores detalhes.

Na calada da noite, arrombaram a banca de revistas da QE 32 e empurraram o freezer com sorvetes e refrigerantes na direção do Conjunto J. Na manhã seguinte, a polícia seguiu os riscos no asfalto e chegou a um barraco alugado nas proximidades. O imóvel estava desocupado, e coube ao locatário comparecer à delegacia para se explicar.

Quantos não caíram no golpe?

Na QE 32, cometiam-se golpes contra o INSS. Num pequeno escritório alugado numa sobreloja, esquentavam as carteiras para que pensões fossem obtidas em Goiânia. Antes que a polícia estourasse a sede dos falsários, eles destruíram a documentação de trabalhadores, atrapalhando a aposentadoria de muita gente.

De madrugada, na parte de baixo da esquina do Bloco B da QE 32, um carro colidiu com a banca de latão e espalhou as revistas a mais de dez metros pelo asfalto. O comentário foi: “E se tivesse alguém dentro?”



Nunca reclamei da vida. Nunca tive grana. Quando volto ao passado para escrever, percebo como a vida era pancada: nada de dinheiro, nada de festivais e a velha regra – pague pela sua educação. Ter em mãos um álbum da turnê do Monsters of Rock de 1991 é, para mim, um reconhecimento à minha dedicação. Foi um presente da FunHouse Discos, no Conic.

Bêbado, o velho Roni dirigia o táxi zerinho. Saiu do bar na mesma QE 32, dobrou à direita, fez a curva e subiu com seu táxi zero no poste, na altura do Conjunto O. O condutor saiu zonzo, com a testa rasgada e uma lente dos óculos quebrada. Não era a primeira nem a última.

Quantas vezes os carros pularam o meio-fio e colidiram com o muro do Conjunto K? Uma vez houve uma fuga fantástica, porém a placa do carro ficou em meio aos destroços do muro. Passe por lá: ainda hoje existem os pilotis de segurança. Ninguém dormia tranquilo naquela casa.

Carmelito, morador da QE 15, acabara de abrir sua oficina no Bloco A da QE 32. Seu primeiro cliente foi um Fusca. O dono era piloto de corrida. Saíram para testar o motor. Na altura da então deserta QE 38, o pneu do carro estourou, e o lado do carona bateu contra a parede da parada de ônibus. A oficina do seu Carmelito fechou.

Na Asa Norte, jogava uma pelada e bebia. Um dia, próximo ao meio-dia, não se levantou mais

Perdemos amigos regenerados. As perdas mais inesquecíveis e dolorosas foram as de Delinho, atropelado abaixo da QE 32, e de Dejanílton, covardemente esfaqueado pelas costas no Bar do Gui-gui, na mesma quadra.

Deja era próximo. Carregava um enorme senso de justiça. Sem camisa, num sábado, tomava sua cerveja no balcão. Reprimiu um menor que queria tirar, na base da força, o dinheiro de outro menor. Deja avisou:

"Aqui na área não tem isso!"

O menor correu até a casa da tia e, na volta, desferiu um golpe mortal na altura do rim de Deja, que caiu morto instantaneamente. Pior foi a matéria dos jornais na manhã seguinte, noticiando a tragédia como "acerto de contas".

Da igreja para a Beatlemania

Na minha galeria dos rockeiros, ele era o mais louco — talvez por ser o único rockeiro mesmo. Estava largado, e seu único bem era uma bicicleta. Se alguma coisa pudesse dar errado, seria com ele. Tipo derramar um vidro de nanquim na planta do imóvel que desenhava.

Mecenas merece o título de um dos maiores retardados do Guará. Pegava emprestados compactos dos Beatles e revistas, que jogava embaixo da cama do seu quarto em reboco. Para salvaguardar os LPs, eu emprestava os compactos que dei a ele, e ele devolvia a revista *Vigu* Especial dos Beatles sem capa, cheia de orelhas e rebocada.

Apontado como a pior influência na adolescência

Mecenas quis me atalhar no caminho do tráfico. Guardava a mutuca num tijolo furado. Na casa dos pais dele, estavam construindo um barraco nos fundos e, em cada tijolo, havia um furo para esconder a maconha.

"Vá lá em casa e pega!"

Assim Mecenas tentava driblar a vigilância dos pais.

Criou a fictícia Vidraçaria Rosenberg e fez alguns cartões com o telefone dos pais – chamados de biscateiros. Quando o pai, um nordestino arretado, atendia uma ligação, dava homéricos esporros nos virtuais clientes:

"Isso é uma falácia, é uma empresa fictícia, não existe. Não perca seu tempo, senhora, isso não existe."

Quando o filho chegava, o pau rolava pra cima dele. E Mecenas corria como uma criança demente, rindo do pai. Quem seria o mais louco? Acho que foi naquela hora que deu o estalo: Do Próprio Bol$o!

Transportava uma meia porta de vidro na bicicleta e colidiu com um carro. Rasgou a camisa social e cortou as costas. O educado condutor perguntou:

"Você já tomou prejuízo. Quer fazer curativo na farmácia?"

Começando a trabalhar no GDF, eis que Mecenas ressurge na vidraçaria da QE 32.

"E o Mário?"

"Está trabalhando", respondeu minha mãe.

Mecenas pediu para usar o banheiro e, sem que ninguém visse, pegou a cola de sapateiro. Quando acabou de cheirar, saiu com o saco plástico colado na barba.

"Mecenas, Mecenas, não vai se levantar hoje?"

Ele está morto em cima da cama. Deu trabalho para os seus familiares até na morte.

Essa história começou há mais de quarenta anos. A euforia depois da marola, até hoje, me deixa com problemas para entender. Às vezes me saio com essa: "Só existe na minha cabeça". Ainda tento explicar para mim mesmo do que se tratou.

Saudades de Luidi Punk

Luidi Punk era exímio na arte da sinuca e insuperável trocador de bolachas – LPs. Nas férias, nossas atividades se resumiam a jogar sinuca e trocar discos pelos conjuntos do Guará com garotos mais novos.

Eu, Luidi e Rick, barbudos, trocando LPs com os garotos imberbes – suas mães desconfiadas. Chamávamos as senhoras indistintamente de Dona Maria.

Luidi desfilava uma coleção de predicados legais sobre os artistas e empurrava uma avalanche de heavy metal. Recolhia discos de hard e progressivo. Sua melhor propaganda era para discos dos The Doors. Ele não gostava do duplo ao vivo:

"Olha esse disco, olha essa capa!"

"Tem aquele som!"

"Foi nesse disco que..."

Inventava coisas mirabolantes. Éramos imunes à propaganda do Luidi. Fiquei *p***, porque ele me tirou o contingente de oportunidades. Coube a mim ficar com o LP *Pleasant Dreams*, da sua coleção.

Luidi Punk, fanático pelo Led Zeppelin, me azarou uma camiseta com Jimmy Page e sua guitarra de dois braços estampados. Troquei a camiseta por uma branca, com o nome Ozzy Osbourne e um morcego impressos em tinta verde.

Luidi, habilmente, pegou a camiseta do Jimmy Page, tirou as mangas e costurou por cima de uma outra maior. Quando vi a camiseta, quase tive um colapso. Assim eram aqueles dias.

Nos tempos de Luidi em Brasília, chegamos a morar no mesmo Conjunto C da QE 34, em casas frente a frente. Ele alugava um barraco nos fundos. Depois foi para São Paulo, voltou para sua última passagem por Brasília e seguiu para o Ceará.

Jogávamos sinuca – ele jogava melhor e me vencia – e apostávamos LPs.

Outubro

No domingo, tomei um porre de cerveja, abraçado ao meu aparelho de som, e chorei copiosamente. Minha mãe não entendeu aquela crise emocional.

Levantei na segunda-feira e pensei: "De hoje não passa".

Fui no Juarez, um dos melhores amigos meus que eu nem sabia, e expliquei que eram dez meses de gráfica e que o papel para a impressão do livro havia sido desviado para outro livro. Eu não sabia como resolver a situação.

Sem me dever nada, Juarez foi à gráfica e explicou que em Valparaíso não se levavam em conta os direitos humanos. Foi assim que o livro saiu.

Rockeiros fãs malucos, agradeçam a Juarez, que não tinha nada a ver com nada e comprou essa briga. Num tempo heroico em que a gente desafiava o sistema e peitava o *status quo* da cidade. Um tempo de pura inocência.

Ungido pelo suor do desespero, num sábado, na impressora, carregávamos as resmas de papel na cabeça. Havia um macete para romper o papel pardo que envolvia as resmas. Eu ajudava a lambuzar a máquina, carregava as chapas offset Ozasol. Na hora do almoço, paguei uma quentinha ao gráfico, que perguntou:

"Você é funcionário do Neguinho?"

Respondi:

"Sou o autor do livro!"

Balada do Louco

Visões de um louco embalado pelo rock

Fã lança biografia de Arnaldo Baptista, o mutante que deu sangue e suingue ao pré-histórico rock brasileiro.

No lançamento de *Balada do Louco*, me senti como se comparecesse ao lançamento do meu próprio livro. Foi superproduzido! Com sete anos de fanzines e mais um ano de jornal, ainda era um escritor analfabeatle.

"Olha, tem que rolar uns salgadinhos de vitrine de bar."

Escutei a resposta, rude:

"Não vou gastar grana, você gastou as minhas tintas."

Ed pintou os painéis, e eu levei o papel, o som, o violão e devo ter lavado o banheiro. A mãe da namorada do dono do ateliê que me convidou tomou as dores e disse:

"Vamos ajudar este escritor quebrado!"

Deram-nos um vidro de maionese com pão Pullman.

Meire, que já passou, filmou o movimento com sua câmera e passou dias editando! Colocou os caracteres e me deu o VHS, que virou DVD e foi distribuído gratuitamente.

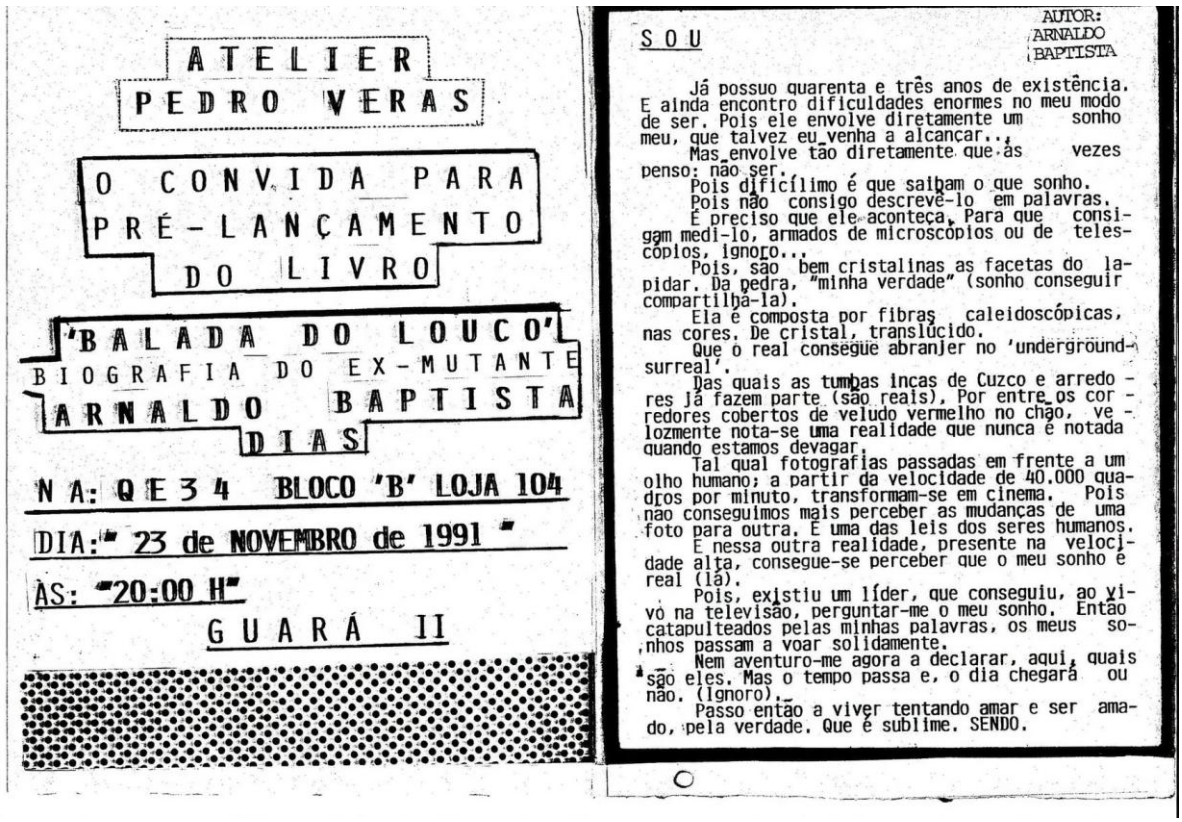
O livro tinha 212 páginas de sonhos e dez anos de pesquisa. Foi o livro do movimento mais conhecido e inspirador de outros livros mais conhecidos. Louvado seja Dear Arnaldo.

Execrado pela crítica devido ao péssimo humor do meu português, essa pérola de sabedoria hoje oscila seu preço entre 400 e 600 reais.

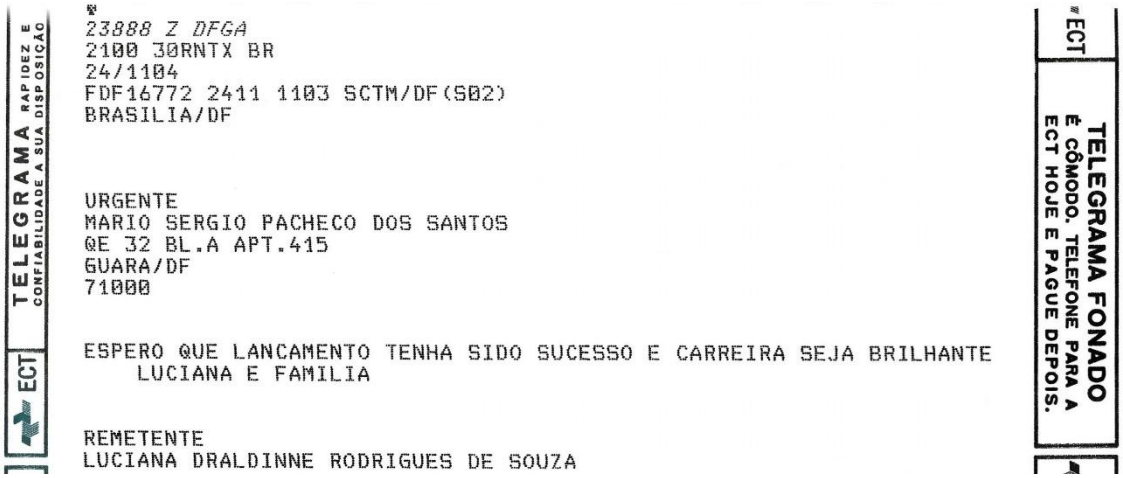
Revéro Frank trabalhava no MEC e descartava livros da biblioteca do próprio MEC. Eu recolhia alguns e entregava na outra porta para Roberto Gicello, que estagiava no MEC. Foi assim que paguei a primeira revisão do copião do livro. Então, um dia, Gicello foi para o Pará. Era época dura de Collor.

"Como disse, em entrevista à Bric-a-Brac, o poeta Mário Quintana – que degravei e revisei: 'A pior forma de saudade é a que a gente sente da gente mesmo'."

(ROBERTO GICELLO BASTOS)



Lucky at yourself! Tava no MANTRA nessa época!



ECT TELEGRAMA RAPIDEZ E CONFIABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

23888 Z DFGA
2100 30RNTX BR
24/1104
FDF16772 2411 1103 SCTM/DF(S02)
BRASILIA/DF

URGENTE
MARIO SERGIO PACHECO DOS SANTOS
QE 32 BL.A APT.415
GUARA/DF
71000

ESPERO QUE LANCAMENTO TENHA SIDO SUCESSO E CARREIRA SEJA BRILHANTE
LUCIANA E FAMILIA

REMETENTE
LUCIANA DRALDINNE RODRIGUES DE SOUZA

ECT TELEGRAMA FONADO
É CÔMODO. TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

31 de dezembro

Nirvana no Cow Palace

O último show do Nirvana em 1991 foi na véspera de Ano-Novo, no histórico Cow Palace, em Daly City, na região de San Francisco. Pearl Jam também estava no espetáculo. Durante sua apresentação, Stone Gossard brincou com a repercussão de “Smells Like Teen Spirit”, dizendo: “Lembrem-se de que nós tocamos primeiro”. Era o reconhecimento daquilo que todos naquela noite no Cow Palace já sabiam: naquele momento, o Nirvana era uma das maiores bandas do mundo e “Smells Like Teen Spirit”, um hino de sua geração.

Naquela noite, o ator Keanu Reeves tentou se aproximar de Kurt, que não deu importância a seus esforços. Mais tarde, já no hotel, Kurt e sua namorada, Courtney Love, sentiram-se tão assediados que colocaram um aviso na porta do quarto: “Por favor, nada de gente famosa. Estamos transando.”

BALADA DO LOUCO: ENTRE A DEVOÇÃO E OS DESACERTOS

Reflexão posterior sobre o livro

Balada do Louco foi um livro independente, mas a independência editorial não justifica sua rudeza literária. Talvez se possa falar em uma escrita nua, despojada, sem os acabamentos convencionais — algo que os beats já haviam experimentado antes. Mas, neste caso, faltou polimento. A precariedade não era apenas uma escolha estética: também era consequência das condições em que o livro foi concebido e produzido.

A obra nasceu de uma longa correspondência entre o autor e Arnaldo Baptista. Até hoje, há estudantes que procuram essas cartas na esperança de encontrar material para reconstruir episódios, preencher lacunas e, quem sabe, acrescentar novos capítulos a essa história. Naquela época, as palavras de Arnaldo tinham algo de sagrado. Mergulhei em seus próprios cadernos de anotações sem as facilidades do Google, sem o copiar e colar que hoje resolvem, em segundos, tarefas que antes exigiam horas de pesquisa, paciência e dedicação.

Lançado à própria sorte, *Balada do Louco* teve uma recepção fria. Além das espetadas da mídia, enfrentou críticas na imprensa e diferentes formas de boicote. O apoio veio, sobretudo, dos fãs mais dedicados, aqueles que compreendiam o significado daquela iniciativa para além de suas imperfeições. Ainda assim, o sonho não morreu por completo. Entre as pessoas que estenderam a mão estava Luiz Carlos Calanca, proprietário da lendária loja e gravadora Baratos Afins, admirador de Arnaldo e figura fundamental na história da música independente brasileira.

Publicar o livro foi uma aventura no melhor espírito do faça você mesmo. Sem o respaldo de uma grande editora, sem equipe de produção, revisão profissional ou estrutura de distribuição, enfrentei as dificuldades da autopublicação. Quem já se aventurou por esse caminho sabe: é uma jornada árdua, solitária e, muitas vezes, ingrata. A liberdade de fazer por conta própria cobra seu preço — e nem sempre o resultado corresponde à dimensão do esforço empregado.

Segredos e histórias

O livro guarda segredos, episódios insólitos e lembranças que resistiram ao tempo. Uma delas me foi contada pelo saudoso Rogério Ferrinho, atleta, fã de heavy metal e mergulhador. Certa vez, ele comentou ter assistido a uma apresentação recente de Arnaldo Baptista. Segundo seu relato, Arnaldo estava tão debilitado que precisou ser carregado até o piano.

A imagem me chocou profundamente. Anos depois, numa conversa com o próprio Arnaldo, ele se lembrou perfeitamente do nome do programa em que aquilo havia acontecido. Eu já tinha esquecido, embora suspeite que a apresentação tenha sido exibida pela TV Manchete. A memória, às vezes, funciona assim: guardamos a cena, perdemos a legenda e, quando menos esperamos, alguém nos devolve o detalhe que faltava.

Em 1983, uma reportagem da revista *Manchete* mostrava Arnaldo em recuperação, antecipando, de certa maneira, as batalhas que ele enfrentaria nos anos seguintes. Em 1988, ao ler matérias sobre ele na revista *Bizz*, senti o impulso de começar *Balada do Louco*. Algumas ideias que germinaram naquele período voltariam a aparecer no livro, misturadas a lembranças, depoimentos e tentativas de organizar uma trajetória que nunca foi simples de compreender.

Mas a história da obra também teve seus episódios obscuros. Anos depois do lançamento, alguém escaneou uma página e a publicou anonimamente em um blog, aparentemente com a intenção de atacar uma pessoa próxima a Arnaldo. O alvo percebeu a provocação e respondeu nos comentários com uma acidez breve e contundente. Foi um episódio pequeno, mas suficiente para me fazer reconsiderar o sentido do livro e a maneira como ele poderia ser utilizado.

Cheguei a considerar *Balada do Louco* um livro mentiroso, potencialmente prejudicial à imagem de Arnaldo. Não era uma conclusão confortável para quem havia dedicado tanto tempo à sua realização. Mas o distanciamento permite enxergar aquilo que a paixão, na época, não deixava ver. A devoção pode ser uma força criativa; também pode comprometer o julgamento de quem escreve.

Por isso, quando me perguntam sobre uma possível reedição, minha resposta é categórica: não tenho interesse. Para mim, o impacto editorial de *Balada do Louco* continua circunscrito ao seu lançamento, em 1991. O livro pertence àquele momento, com suas limitações, seus entusiasmos e suas contradições. Não sinto necessidade de ressuscitá-lo para corrigir retrospectivamente o que já aconteceu. Cada um colhe os frutos de sua dedicação, de seu esforço e de seu talento — inclusive quando a colheita não corresponde ao que foi sonhado.

Apesar dos erros ortográficos, dos tropeços cronológicos e das imperfeições de linguagem, *Balada do Louco* conserva um charme peculiar. Há nele uma espécie de espontaneidade que escapa à revisão tardia, uma mistura de realidade e ficção que talvez constitua, ao mesmo tempo, sua fraqueza e seu encanto. O livro acerta justamente naquilo que não se propõe a demonstrar: preserva a atmosfera de uma época, a força dos depoimentos e a dificuldade de separar lembrança, interpretação e imaginação.

Olhando para trás, tenho a impressão de que metade daquelas histórias realmente aconteceu. A outra metade nasceu dos esforços hercúleos de Arnaldo para recuperar a própria memória, recompor episódios e preservar sua credibilidade. Não digo isso para desqualificar sua palavra, mas para reconhecer a complexidade de registrar uma vida atravessada por experiências extraordinárias e períodos de grande dificuldade.

Balada do Louco foi, afinal, um livro de seu tempo. Um livro feito na raça, movido pela admiração e lançado ao mundo sem as garantias de quem dispõe de uma estrutura editorial. Não foi a obra definitiva que talvez eu imaginasse naquele momento, tampouco é um livro que pretendo recuperar. Mas existiu, circulou e deixou suas marcas. E, goste-se ou não do resultado, essa também é uma forma de permanência.

O sucesso é merda fume Hollywood

É chato ter de participar de mesa-redonda para explicar o que está escrito nas entrelinhas do livro.

Peremptoriamente, por telefone, Oswaldo Vecchione desmentiu a suposta frase atribuída a ele:

“Ele falava como se estivesse desligado. Respondia coisas desconexas e desisti de chamá-lo para uma série de shows.”

Um factoide publicado na *Veja*, que coloca em xeque a pesquisa baseada em arquivos mortos.

“Numas de rebuscar a minha memória, encontrei Adhemar Pereira de Barros: foi preso porque escondia da esposa as cartas de sua amante, apelidada de ‘Dr. Rui’. O governo pensou que eram papéis revolucionários ou comunistas. Papai também, por causa da amante dele.”

Arnaldo olha para a parede, aponta para um pôster e diz:

— Essa seria a capa do disco *O A E O Z*. O artista foi a uma feira, comprou uma reprodução e pode ter viajado na ideia de que aquela seria a capa.

Eu é que iria discordar de suas palavras? Estaria ali para julgá-lo? Seria tudo resultado da poeira e da semente do cigarro que tínhamos derramado?

O fã precisa viajar mais, ler mais livros de mistério e não avançar como Dom Quixote, em cima de um cavalo, com sua lança apontada para nós.

Está tudo lá, nas entrelinhas, dito por ele mesmo e retirado de correspondências. Esses são os documentos. Posso colocar à prova o que foi escrito nas cartas e publicado.

Agora, reedição? Sem cortes, sem posfácio, sem mudanças.

E, cada vez que um livro é publicado ou que falam dele, fico ainda mais orgulhoso desse livro “defeituoso”.

Balada do Rock

Com dez anos de zines, eu era um escritor analfabeto e me convidaram para lançar o livro.

— Olha, tem que rolar uns salgadinhos de vitrine de bar.

A resposta foi:

— Não vou mais gastar grana. Você gastou minhas tintas.

Edvar havia pintado os painéis. Eu levei o papel, o som, o violão e devo ter lavado o banheiro.

A mãe da namorada do dono do ateliê, que me convidou, tomou as dores e disse:

— Vamos ajudar esse escritor quebrado!

Deram-nos um vidro de maionese com pão Pullman.

Meire, que já passou, com sua câmera, filmou todos os movimentos e passou dias editando aquilo! Colocou os caracteres e me entregou o VHS, que depois virou DVD. Distribuí tudo digrátis.

Dizem que vão fazer um rock.doc sobre mim. Nele quero mostrar que sou o Ozzy do rock candango e realizar um grande sonho: tatuar a palavra ROCK nas quatro falanges dos dedos da mão direita.

Nesse documentário, colocarei um minuto da proibida fita de 1993.

Entrevistarei todos os desafetos vivos, mandarei as perguntas e, finalmente, saberemos quem é o FDP nessa história.

CARNAVAL

Ensaios — Escola de Samba Acadêmicos da Asa Norte (Q. 611 — L2 Sul), já iniciou os ensaios para o próximo carnaval, que terá como tema *Quem és tu*, de Roberto Fonseca e Rico, todas as sextas-feiras, a partir das 21h. Entrada franca.

Grupo Cultural Asé Dudú — Clube Vizinhança da Asa Norte (SGAN 604), ensaia todos os sábados, a partir das 16h, com entrada franca. O grupo está preparando-se para o Carnaval 92 e mostra ritmos afros, danças, performances e surpresas da Cultura Afro Brasileira.

1992

Janeiro

O ALFABETO DO FUTURO DE RUBEM VALENTIM

Cidade da Paz expõe 21 serigrafias e três esculturas do grande artista plástico que uniu brasilidade ao cosmo.

A partir da próxima terça-feira, o brasiliense terá a oportunidade de conhecer 21 serigrafias e três esculturas do artista plástico Rubem Valentim – falecido no último dia 30 –, em uma exposição que inaugura uma galeria na Cidade da Paz, numa promoção conjunta com a Fundação Cultural e a revista *Bric-a-Brac*. Desde o ano passado, a Cidade da Paz já havia decidido dar o nome de Rubem Valentim à sua galeria, mas as serigrafias só tinham sido apresentadas em uma exposição realizada em São Paulo. As três esculturas em madeira, medindo dois metros e meio cada, homenageiam Oxalá.

Considerado um dos mais importantes artistas brasileiros contemporâneos, Valentim sintetizou em sua obra a carga vivencial da cultura de tradição afro-baiana e uma visão universal. As serigrafias são quase transposições de suas telas, mas impregnadas de exuberância cromática. Valentim começou a realizar esse trabalho em 1988.

"Nas serigrafias, o trabalho de Rubem Valentim ganhou um sentido poderoso de cor", comenta Bené Fontelles, organizador da exposição. "Nas serigrafias, Rubem Valentim realizou mais modificações na cor do que nas linhas. Existe o tradicional grafismo do seu trabalho, mas convivendo com um lado pictórico muito forte, de grande vitalidade. E, nesse sentido, acho que vários artistas brasileiros que chegam à idade dele no Brasil – Tomie Ohtake, Volpi, Athos Bulcão – dão uma grande lição de vitalidade aos jovens", ressalta Bené.

A Fundação Cultural está editando um catálogo em homenagem a Rubem Valentim. Nos próximos meses, também deverá ser publicado um livro sobre o artista, com fotografias de Luiz Humberto. Ambos os trabalhos terão textos de Bené Fontelles.

"Nós preparamos este livro já há algum tempo, mas até agora não foi possível publicá-lo. Os mais importantes críticos do país e alguns dos mais importantes críticos do mundo – é o caso do italiano Giulio Argan – escreveram sobre a obra de Rubem Valentim. Ele não queria mais reconhecimento crítico. Queria um livro que fosse um registro poético do seu trabalho."

O crítico Olívio Tavares de Araújo afirma, em texto publicado em *O Estado de S. Paulo*, que "ao lado de Volpi e Tarsila do Amaral, Rubem Valentim fica sendo um dos grandes artistas da brasilidade, sem provincianismo, sem limitação de horizontes, mas como projeto estético e de vida".

Fontelles comenta: “Ele criou ideogramas, alfabetos para o futuro. Acho que vai demorar um pouco para as pessoas apreenderem isso. Para além da carga da cultura afro-baiana, ele tinha uma cultura universal fantástica. Teve formação cristã e foi profundamente tocado pela cultura oriental. Tudo isso se espelhava no seu trabalho. Cada obra era um altar. Um quadro não era só um quadro. Era um religioso sem religião. Não é só o candomblé que estava codificado em sua obra”.

Fontelles está organizando, desde o ano passado, uma exposição retrospectiva da obra de Valentim para o Masp, ainda naquele ano. A mostra não apresentará apenas peças criadas pelo artista, mas também uma série de objetos de arte popular e do candomblé, nos quais ele buscou ideias.

“Os brinquedos populares influenciaram muito o uso da cor na sua obra. Quero mostrar todo um lado lúdico nordestino, de onde o Rubem veio, ao lado dos adereços mágicos do candomblé. Ele não queria uma exposição crítica, organizada de forma tradicional, em sequência linear cronológica, mas uma exposição onde o espectador entrasse no espaço e se sentisse envolvido pela magia.”

Muitos críticos vincularam sua obra ao construtivismo, mas Fontelles conta que o próprio artista não concordava com essa classificação. Embora incorporasse informações do construtivismo, esse não era o elemento essencial de sua arte.

"A sua arte era muito mais intuitiva", comenta Bené. "O seu construtivismo vinha de nossos índios, que, por sua vez, vêm de uma cultura ancestral da China – ou das cavernas. Ele dialogou com a cultura europeia, mas a carga mais forte era da cultura afro, dos tempos de moleque na Bahia."

Uma das frustrações e mágoas de Valentim foi não conseguir realizar o sonho de criar uma fundação de arte em Brasília para abrigar sua obra e funcionar como centro cultural de pesquisa para artistas mais jovens. Chegou a adquirir uma casa para esse fim, constituiu uma fundação e registrou os princípios que norteariam sua atuação, mas o projeto não avançou.



17 de fevereiro de 1992 - Foto: Grace Lagôa

“Acho que as autoridades deveriam retomar esta fundação em Brasília”, comenta Fontelles. “Valentim reuniu um arquivo precioso de artigos, livros e revistas sobre a arte brasileira. E, depois, seria uma maneira de manter sua obra aqui.”

Lúcia Valentim, viúva do artista plástico, explica que a ideia do museu não se concretizou por falta de apoio, de substrato cultural e de participação das pessoas da cidade.

“Era uma obra para muitas pessoas, não apenas para uma. A ideia dele era não apenas conservar a sua obra, mas também criar um centro de estudo e pesquisa de uma riscadura brasileira”, destaca dona Lúcia.

17 de fevereiro

Patrulha do Espaço grava ao vivo, no extinto Estúdio Cameratti, em Santo André (SP), o LP *Primus Inter Pares*.

Pessoas carregam bíblias para todos os lugares. Para as aventuras em que fui me meter, levei um exemplar de *On the Road*. Em São Paulo, fiquei diante da vitrine da gráfica do *Estadão*, observando a rotativa exposta girar e imprimir os jornais. Era assim que o processo acontecia.

Numa maleta xadrezinha, carregava os exemplares de *Balada do Louco*. Passava por alguém que vinha da fábrica ou carregava uma marmita. Tinha o maior cuidado nos ônibus. Rodava a pé durante horas por ruas desertas. Tudo tinha que ser na base do dedão, com a maleta apertada contra o corpo, como uma bomba. Minha única preocupação era chegar antes das cinco horas à casa de Grace, a fotógrafa.

O baterista Júnior afirma que essa é uma das filipetas mais raras da Patrulha do Espaço, da época em que *Primus Inter Pares* foi gravado ao vivo (em estúdio). Por sorte, estive lá. Os guitarristas, a banda, o baixista: todos eram fantásticos. O baterista Paulo Zinner deu uma canja em “Arrepiado”, mas Percy Weiss esqueceu um refrão – a fita continuava rolando...

Foi minha primeira conversa tête-à-tête com Rolando Castello Junior (mais de meio século de bateria gritante e esperneante). No meio da conversa, Júnior disse:

– Tem um cara lá em Brasília que toca taças de cristal.

Respondi que era Fernando Corbal, que integrou o grupo Naipe.

SERÁ HUGO CHÁVEZ FÃ DO GUNS N’ ROSES?

“Tenho viajado a trabalho nos últimos 25 anos. E tive minha cota de aventuras no exterior, como escapar de uma tentativa de golpe de Hugo Chávez em 1992, quando o Guns N’ Roses tocava na Venezuela.

“Eu não sabia o que era um golpe. Nem sabia como se escrevia (nota: em inglês usa-se a palavra francesa ‘coup’). Eu só sabia que não parecia um bom presságio para nós. Felizmente para mim, Chávez gostava de nossa banda e esperou que nosso avião fretado partisse antes de fechar o aeroporto.”

(MICHAEL MCKAGAN, EX-INTEGRANTE DO GUNS N’ ROSES)

13 de março

A MARCA DA MALDADE

Renato Russo tira sarro da própria cara.

O vocalista da Legião Urbana não deixa ninguém falar de sua anti-cara de pop star. Ele mesmo se define: “Sou tão sexy quanto uma velhinha de bobes no cabelo”.

30 de abril

Para Bressane, Barreto ia 'assaltar' Embra

O cineasta ataca um esquema que teria sido armado para favorecer “os mesmos que mandavam na Embrafilme”.

26 de maio

O legado da titia

Os primeiros discos de Rita Lee estão sendo relançados em compact discs e mostram os primórdios do rock brasileiro.

18 de junho

- *McCartney e os 60s fazem 50*
- *Gerchman resume sua obra em 'clorofila'*
- *Teatro pornô adoece junto com o rei do sexo*

A pior crise que a Boca do Lixo já enfrentou coincide com os rumores de que Oswaldo Cirilo tem Aids.

29 de julho

Sandra F. de Oliveira, secretária da empresa ASD, revela que documentos da chamada Operação Uruguai são forjados.

4 de outubro

BANDAS E TRILHOS URBANOS

Na Zoonna Z, apresentaram-se Little Quail, Família Adams, Deja-Vu, Abhorrent, F.D.F.H., Peter Perfeito, Oz, Bsb-H, Esadof e Blisttery.

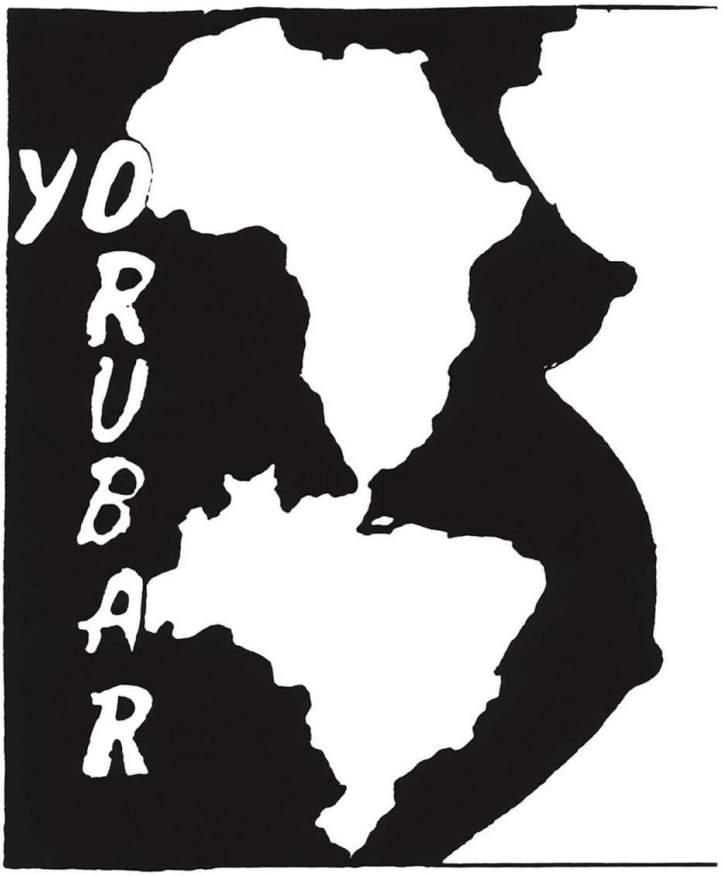
QI 8, Bloco B, loja 3 – o setlist ficou aprisionado em alguma pasta. Trata-se do fatídico, violento ou fatal show da Low Dream, nas plagas do Guará, debaixo das barbas de Lord Dim Pub. Foi através dessa folha que Ricardo Retz encontrou um significado para sair por aí angariando setlists dos palcos por onde passou.

"Tem a letra da banda, trata-se da história da banda."

Empolgado, foi relacionando as poucas e boas que fazem parte da função de um setlist. Na falta de uma foto, o setlist vale muito.

"Hum, 'doido'? Doido mesmo era eu com a Trappu & Farrappus num quiosque na Área Especial, no Setor de Oficinas do Guará II, num calor desgraçado, tomando 51, tudo abafado, e o Ravengar alucinado com seu vocal meio teatral..."

(ANTÔNIO GONÇALVES)



Programação Yorubar

JULHO / 92

TROPYKALYA NIGHT

Sexta, 24/07

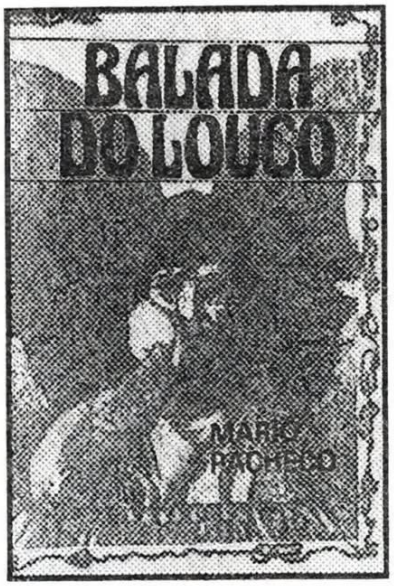
Lançamento da "Balada do Louco". Biografia do mutante Arnaldo Baptista, escrita por Mário Pacheco.

Apresentações do documentário "Maldito Popular Brasileiro", dirigido por Patrícia Moran, com festivais e depoimentos dos mutantes, às 20 horas.

Local: SCLN 103 - Bloco B - Loja 62 -- Brasília - DF.

INDEPENDENTES ANAND RAO

Balada do Louco



Após, essa brilhante vitória da equipe de vôlei do Brasil, num país que não tem uma política voltada para valorização do esporte e da cultura, e sim, para impedir um possível *impeachment*, é que escrevo sobre este trabalho de Mário Pacheco, lutador solitário da nossa região, o louco da *Balada do Louco* de Raul Seixas. De lingagem fácil, o livro discorre sobre o relacionamento humano, suas decepções, amarguras e alegrias. A cultura, posta sob a mesa, é o tema central, os *beat-boys* o *rock'n'roll*, a contracultura etc. Lindíssimo o trabalho para quem acima de tudo quer comover sua emoção e ampliar sua cultura. Peça o trabalho para Márcio Pacheco, QE 32, Bl. A, Lj 15, Guará II, Brasília-DF, CEP: 71065.

CORREIO BRAZILIENSE 14 de agosto de 1992

COM A CARA E A CORAGEM, ENFRENTAVA A CIDADE DOS HOMENS MAUS

Sou expulso da casa dos meus pais aos 27 anos. Sem ter muita grana, nunca passei fome.

Chácara São Nélson. Tudo nela me incomodava, até que ela me provocou: “Decifra-me ou devoro-te!”. Comecei com uma calçada. Depois, uma cerca, um portãozinho, um pé de limão, um caminhão de saibro.

A chácara me dava medo: queimou o meu som numa descarga elétrica — Pqp! “Arre, como o povo vive aqui? Junta lixo nas bananeiras!” Meu pai trazia todo tipo de atrocidade que encontrava pela rua. Peguei umas telhas e cobri a casa; no outro dia, o dono das telhas apareceu!

— Cadê minhas telhas?

— Usei!

Nova administração! Não tinha chuveiro quente. Abri as caixas do fogão e da geladeira e nem tinha grana para comprar uma televisão. Tomava banho no serviço. Muito ovo frito.

Depois, fui trocando as portas, reforçando as paredes e colocando tela verde nas janelas. Comprei torneiras e, um dia, um telefone. As pessoas agora poderiam ligar. Trouxe os discos, os livros e a estante. De vez em quando, ela trazia uma quentinha — relacionamento atualizado: não éramos nada.

Morando na chácara, mais uma vez mantive distância do universo roqueiro de Brasília.

Guiomar entrou de férias por quatro semanas. O assessor de imprensa era o responsável pela produção de clippings com matérias sobre saúde publicadas nos jornais do DF. Quando ele voltou, encontrou os clippings agrupados, com capas, títulos grandes, índices, fotos centralizadas etc. Perguntou:

— Quem fez isso?

Foi o reconhecimento pelo meu serviço.

Minha forte ligação com o rock aproximou-me de três pessoas que conheceram Renato Russo: Guiomar e Magalhães, que estudaram juntos no Ceub e participaram de atividades poéticas e fílmicas; e Jorge, baterista, ainda próximo a mim. Ele viu nascer o rock Brasília e, em 29 anos de casa, nunca tocou sua bateria sob os holofotes.

Minha única pergunta a ele foi:

— Que fim levou o quadro que Renato Russo pintou para Loro, seu irmão?

Essa matéria, da qual só possuo uma xerox, foi-me passada por Guilmar, que estudou com Renato Russo no Ceub e gentilmente me emprestou o livrinho mimeografado chamado *Sinal – Agregado Poético*, com o poema "Leme/Leblon".

O 'ÍNDIO', APESAR DA SUA POUCA ESTATURA, ERA UM EXCELENTE GOLEIRO

Waltinho (que também já fez a passagem) era o filho mais velho do seu Pedro. Como o pai, era eletricista e irmão do Banana. O violeiro Waltinho apareceu com uma guitarra acústica cor-de-rosa, participou de festivais de MPB e contou que sua prova de fogo foi quando se apresentou na rádio, com um maestro fazendo o arranjo de sua música. Daí pegou a mania de mascar gengibre.

AMIGO CAPITALISTA DÁ SUMIÇO DE NÚMEROS EMPRESTADOS DA REVISTA PLANETA...

Muniz Filho. Distanciamo-nos porque ele era um excelente estudante, nunca havia sido reprovado e tinha sua própria velocidade. Foram os primeiros da turma a dividir um apartamento com Veras e viajar pelo Nordeste: uma nova mentalidade, quando os filhos passam noites fora de casa bebendo...

O CURIOSO SHOW – DEVE TER SIDO CULPA DO FUTEBOL

> 1992. Dois amigos que tomavam umas no Redondo's, uma distribuidora de bebidas na QE 32, estimulados por Collor, aderiram ao Programa de Demissão Voluntária da Caixa Econômica Federal.

1993.

Foi assim que, quando Moraes Moreira se apresentou no Estádio Serejão, na QNL, em Taguatinga Norte, fui convocado pela produção para vender cerveja em tambores de 50 litros. Aceitei com o coração apertado:

– Nem vou poder curtir os shows...

Assim que o estádio abriu, permaneceu vazio, com as arquibancadas desertas. Danou-se! Este foi um dos domingos mais surreais que já presenciei. Mesmo diante de tamanho vazio, Moraes Moreira e banda tocaram, precedidos por Célia Porto e Banda.

Devolveram-se dezenas de tinas de cerveja. Os artistas e nós, os vendedores de cerveja, recebemos corretamente por nossos trabalhos.

Pessoas carregam bíblias para todos os lugares. Nas aventuras em que fui me meter, levei comigo este exemplar de *On the Road*.

Em São Paulo, fiquei diante da vitrine da gráfica do *Estadão*, vendo a rotativa exposta girar e imprimir os jornais. Era assim que o processo acontecia.

Numa maleta xadrezinha, carregava os exemplares de *Balada do Louco*. Passava por alguém que vinha da fábrica ou carregava uma marmita. Tinha o maior cuidado nos ônibus. Andava a pé durante horas por ruas desertas. Tudo tinha que ser na base do dedão, com a maleta apertada contra o corpo, como se fosse uma bomba.

Minha única preocupação era chegar antes das cinco horas à casa da minha avó, no Jardim Rochdale.

Eles ficavam assustados com a quantidade de discos que eu comprava, e eu, bobão, na minha.

Na última vez em que vimos o profeta Zeferino, ele estava indo de ônibus para o Piauí. Pediu-me esse exemplar emprestado.

Outubro

FRAGMENTOS DE SABONETE

"Na verdade, minha história com o Mário começa em outubro de 1992... O moleque que gastou o primeiro salário na *Head Collection* do Conic descobriu que o autor do livro que lhe tirava o sono e o deliciava era morador do mesmo bairro... Entrei de cabeça na *Aventura sem Dublê*, nos tantos mil dias de Rock, e nessa coisa de fã seguimos... Loucos embalados."

Tiago Rabelo

Vendi livros aos maiores FDPs do planeta. De um, não me esqueço: era da Med. O outro, dono de um sebo, distribuiu os livros de graça e não me pagou. Não é de estranhar que esses caras tenham ficado ricos, com revistas próprias e tudo mais. Fiquei com dó dos empregados deles.

Depois, no fim da vida, os divórcios acabaram com suas fortunas. E eu tinha que me meter com essa gente!

Mais tarde, aprendi: mostrava o livro e perguntava quanto davam de vale para trocar por livros da loja. Nunca mais me roubaram.

MANDEI MATAR O ÚLTIMO FÃ DE MÁRIO PAZCHECO

Durante décadas, conheci fãs de *Balada do Louco*. Apesar da falta de vocação para para-raio de maluco, livrava-me deles pedindo que pagassem uma cerveja ou pagando cervejas até que desmaiassem...

No Conic (nunca nade por lá), conheci o fã mais bem informado de Mário Pazcheco!

Ao conseguir a primeira edição do *Dicionário de Escritores de Brasília*, correu direto para a letra "P". Não ficou desapontado...

Passou a pagar almoços para os meus amigos do Conic. E me contava, com minúcias e verniz literário, os *causos* escabrosos da minha vida.

Leitor voraz de jornais e revistas, informava-me em primeira mão quando saía alguma notinha minha na mídia.

Para provar que minha vida não era uma doidivana total, mostrei-lhe o contracheque e apresentei-lhe minha família.

Depois do almoço, no melhor estilo "rorizista", falei-lhe ao pé do ouvido:

– Mando te matar!

Sumiu como peido...

DETALHES QUE SÓ O DIABO SABE

A foto da capa foi encontrada numa revista *Visão* de fevereiro de 1981, época do show *Singin' Alone*. Era uma foto do álbum de recortes do finado Cláudio "Charuto", também conhecido como Nano. Josias, o artista da capa, levou o álbum para a gráfica do Senado e fez uma sépia da foto recortada.

Anos depois, encontrei a mesma foto que havia mandado para Arnaldo espetada na caixa de som do seu OVO – Laboratório Musical.

Pedi a Arnaldo que tentasse pintar o título BALADA DO LOUCO como se estivesse escrito numa pauta musical. Não rolou. Acho que acharam que eu estava abusando da paciência deles.

A ideia da casa, da borboleta e da mutação é minha. Também é minha a ideia de o cotovelo direito pressionar a tecla – o detalhe mais difícil de desenhar. Josias Wanzeler fez aquele incrível bico de pena, uma obra que nunca mais vi. Por direito de loucura, sempre achei que ela deveria estar no meu museu particular, ao lado dos quadros de Arnaldo!

O perfeccionista Josias me entregou um fotolito com a capa. O tal fotolito pegou poeira e ficou inutilizado. Na hora da impressão, tive que optar pelas cores verde e rosa para salvar a capa. Antes, havíamos impresso versões em marrom fotográfico e, depois, em bordô.

O livro foi criticado porque não tinha nome na lombada. Eu disse: foda-se a rainha da Inglaterra! Hoje, o livro vale 700 reais!

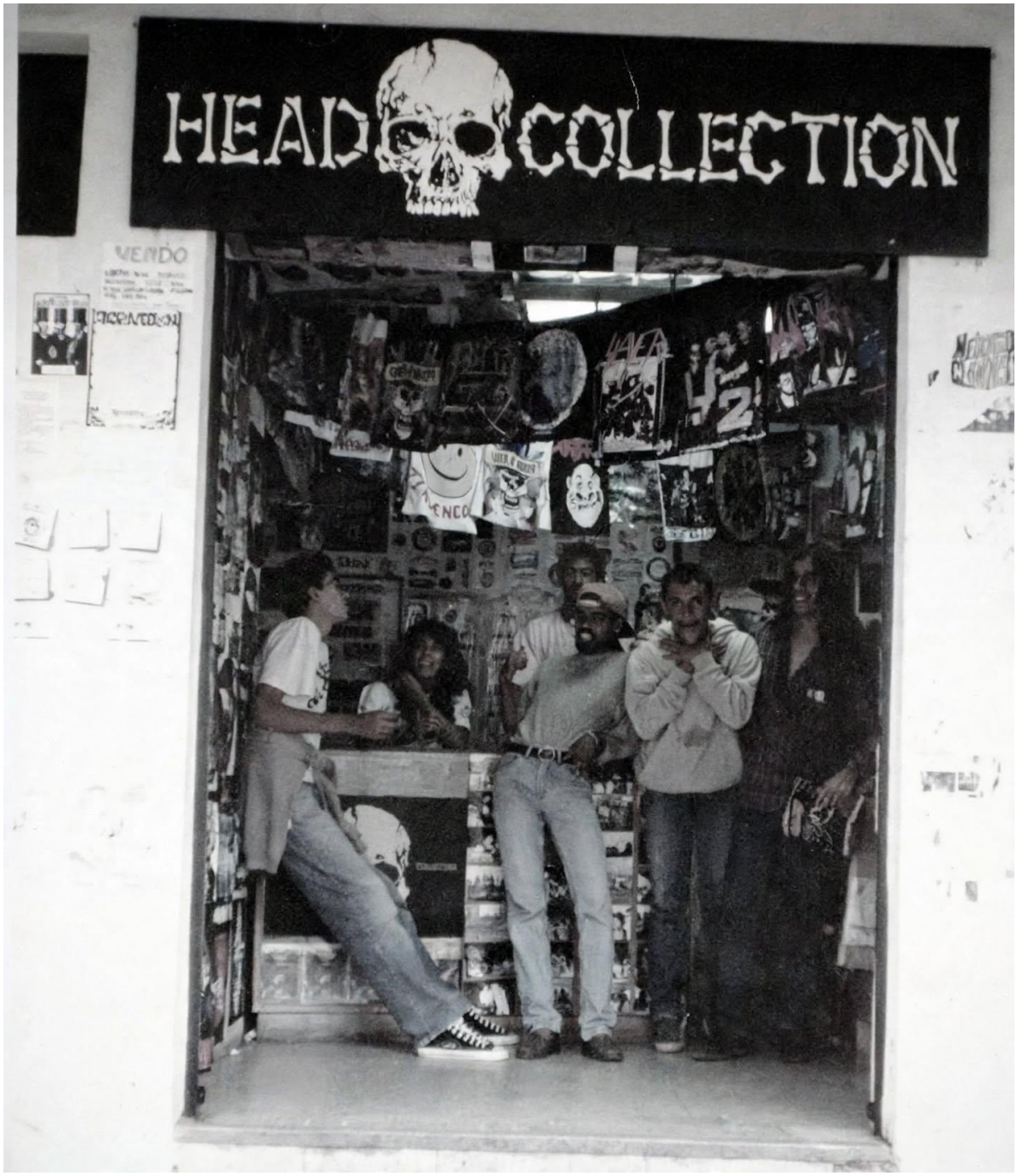
Também tive problemas com direitos de imagem e com pequenas frases que apareciam dentro do livro. Espero pela biografia de Arnaldo para que essa história possa ser comprovada. Afinal, *Balada do Louco* muito bem poderia ter dividido os créditos com ele. Não me joguem na fogueira!

Quando olho para a capa do livro, fico dividido entre as lágrimas e um riso demoníaco. Lá no fundo, é o riso de quem venceu o sistema de edição de livros no final da década de 1980. Fiz do meu próprio jeito, com os recursos que tinha, e a capa sobreviveu a tudo isso.

O diabo sabe os detalhes.



Em 1992/93 o movimento era quente na calçada da Head Collection no Conic



Joel de Oliveira, o Gerente, deixou na minha casa algumas boas fotos em preto e branco. Anos depois, Brawler perguntou:

— E aquelas fotos?

Então, as devolvi. Muitos anos depois, perguntei a Brawler:

— E aquelas fotos?

Ele nem mais se lembrava. Na lateral esquerda da porta da Head Collection colavam propaganda do fanzine *Brigada do Barulho*!

1993

abril/93 **VIA SKALA**

NA ROTA DOS SEBOS

Por: Mário Pacheco

Logo de manhã levantei cedo peguei o camelo, corri e cheguei antes de abrir a loja. Lá estava eu para comprar um vinil do Robin Trower, nem dormi direito, tinha medo de alguém ter comprado o disco antes de mim.

O jovem ciclista recita sua história como centenas de outros casos parecidos com semelhanças particulares envolvendo situações adversas, nomes, discos, e lojas diversas.

Mas todas contêm ingredientes humorísticos, mediúnicos, atributos da sorte, algo de Sherlock Homes, de vasculhar, de correr, de sentir o sebo nas pontas dos dedos e verificar a valorização da aquisição.

Encontrar/desconhecer são verbos que se transformam em normas e guias onde os consumidores estabelecem um elo baseado nos dados e na experiências adquinda: foi lançado no Brasil?, ele participa?, existe outra prensagem?, o sebo funciona como uma associação, onde reunem-se músicos, fãs, tietes, afins, um misto de consultório e ponto de encontro, alguns balconistes fazem a linha de não sou pai, nem psicólogo, outros vão mais longe tornam-se protetores, empresário, tudo gira em torno de um objeto circular do desejo o disco e sua aura de admiração, peregrinação.

Avaliando, trocando, vendendo, consignado, um longo aprendizado, não envolvendo apenas o comércio do disco mas também laços de amizade.

Não se espante se um fã mais afoito adentrar a loja portando um binóculo no pescoço, ou outro sair empurrando um caminho de bebê carregando de disco, o sebo é um lugar alternativo, onde reencontre-se velhos amigos desaparecidos, ou até mesmo cassados/caçados.

A crise tem afastado os consumidores de bolso mais apertado das grandes lojas, a solução encontrada por esse público (que tostemente aumente a cada dia) é recorrer a esse fascinante mercado alternativo, onde os preços variam de acordo com o valor das peças transformadas em itens de colecionadores: CDs e discos piratas, edições especiais, fora de catálogo, autografados, reeditados pela própria loja, picture discs, raridades dificilmente encontradas nas discotecas da cidade.

Berlim além de capital da Alemanha é nome de uma obra-prima de Lou Reed, e também nome de sebo.

Reinaldo da Berlin Disco, confesso admirador de Lou Reed, começou o sebo pensando em pegar mais exemplares para aumentar sua coleção. Devido ao mercado deficiente: "a loja estava vendendo mais do que comprando", ele resolveu manter a loja que já conte com três anos de atividade.

O disco "live Alive" do falecido guitarrista Stevie Ray Vaughn é o destaque da loja, um álbum duplo que até o fechamento da matéria estava cotado a Cr$ 400.000,00 segundo Reinaldo 80% do estoque da loja está mais barato que o último do Roberto Carlos.

No Setar de Diversões Sul, concentra-se o maior número de discotecas além da Berlin Discos, outro sebo é o Head Collection, com um ano, cinco meses e algumas horas de funcionamento, segundo Joel a loja surgiu da necessidade de juntar todo o potencial e evitar ter de carregar objetos e desmontar a barraca, uma vez que os donos vendiem camisetas em shows e na travessa de acesso ao Conjunto Nacional.

Joel que não dispensa uma audição do "Eletric Layland", de Jimi Hendrix, promete investir no processo musical da cidade, para ele a loja funciona como uma válvula de escape para muitos, o público é eclético como Brasília.

O destaque da Head Collection fica por conta das variedades em estamparias, malhas desde Elis a Doors pera todos que querem vestir seu gosto musical.

Na Asa Norte, a quatro anos funciona o Musical Center, um sebo eclético que atende desde a garotada hevy até os senhores apreciadores de música clássica, segundo Silvia, balconista e fã de Raul Seixas.

O estoque da loja é variado, com um atendimento atencioso, segundo Vilma a gerente, a loja continuará investindo em disco e CDs. Até o fechamento da matéria poderíamos encontrar: Novos Baianos, Pholhas, Cartola, Fagner e outras péroias da MPB, a préços módicos.

No Venâncio 2.000, encontramos o mais antigo sebo de discos em atividade da cidade, estamos falando da Digital Discos que em seus oito anos de existência, promove regularmente promoções através de anúncios em jornais, "a vinte dias atrás os clássicos e jazz estavem em promoção.

Entre os frequentadores do sebo não há distinção de classes, o preço acessível dos discos permite unir no mesmo espaço, jovens, adolescente, idosos, políticos...

BERLINDISCOS
SDS - Bl. L - Lj. 63
Fone: 226 3106
HEAD COLLECTION
SDS - Bl. L - Lj. 94
Edifício Miguel Badya
Fone: 322 6839
MUSICAL CENTER
SCLN 215 Bl. C Lj. 37
Fone: 274 0763
DIGITAL DISCOS
Venâncio 2000 2º sub-solo
Galeria Panamericana
Fone: 224 8153



DAVID COVERDALE
E JIMMY PAGE
"Coverdale/Page"
(Geffen)

Evite comparações envolvendo os nomes das bandas anteriores. Não crie um novo super-grupo. "Coverdale/Page", além da assinatura dos parceiros, traz na capa uma intersecção de trânsito, e Jimmy Page e David Coverdale, como bons motoristas, sabem que, em algumas intersecções de ruas, existem sinais semafóricos destinados a controlar o trânsito.

Não fugindo dos cruzamentos, a dupla concebe um álbum de guitarra e voz. Jimmy Page despreza os arranjos orquestrais, enquanto que Coverdale não abre mão da convicção; liricamente, pela enésima vez, ele canta sobre desilusões, tipo "ela deu seu amor a outro cara" ou "que o fogo ardeu a noite toda". Não podemos esperar nada de novo desses "dinossauros", "apenas" a maestria.

Em um disco frouxo, que mina as expectativas, três momentos reacendem a velha chama: "Pride and Joy", "Over Now" e "Don't Leave Me This Way". O incômodo fica na insistência de Page em recorrer a bateristas especialistas na "clonagem" das batidas de John Bonham.

O bom desempenho da velha Gibson de Page desfila num repertório manjado: blues, baladas e rockões. E logo ele, que tanto reclamou do abuso de sua técnica por parte dos guitarristas anteriores do Whitesnake, nos aborrece com a falta de risco e direção deste álbum, repetindo o insucesso artístico dos LPs solo anteriores ("Death Wish", "Outrider").

Apenas o passado de David Coverdale e Jimmy Page fazem com que este disco mantenha algum interesse.

(Mário Pacheco)

VIA SKALA abril/93

Billy das Drogas

Billy das Drogas veio me ver. Lá de cima da montanha, avistei o Fiat descendo a ladeira. Billy estacionou, deu uma volta pela casa e, em poucos minutos, foi embora. Muito depois, desci e o caseiro me contou:

– Um amigo seu veio aqui.

Billy, agora o rei das drogas, vendia produtos da Amway: artigos de higiene importados do Tio Sam, que custavam o triplo dos nacionais. Ao comprar uma cota, você virava mensalista e ainda tinha que vender cotas de produtos da empresa.

Billy dava dois de mim e podia me partir ao meio como um palito de fósforo.

Billy, não tenho aptidão para vendedor. Não uso produtos de higiene importados. Não acredito nisso. É um saco! Vou viajar no Carnaval e não vou gastar um pobre centavo com detergente.

Billy ficou puto. Foi a última vez que conversamos.

Certo dia, Billy apareceu em casa dizendo que eu precisava progredir, construir uma mansão. Zombava até daquela aguinha rala que saía da mangueira, vinda da mina pelo sistema de gravidade. Ouvi calado e pensei: o seu está guardado.

Billy das Drogas foi um dos incentivadores para minha vida empinar.

Naquele tempo, eu passava muito tempo no topo da montanha. O acesso era fácil e rápido; ainda não havia cercas. De vez em quando, ressurgia pelo canavial, nos fundos da casa, e dava um susto na galera. Depois, fizemos cercas, calçadas e bancos de concreto.

Billy, *El Rey das Drogas*, deve vender Amway até hoje. Encontrei-o no serviço público, vendendo produtos de limpeza. Agora era evangélico e nem me deu bom-dia. Mal sabia ele que eu cuidava das licitações.

Seu cartão está na gaveta.

15 de junho

- **Legião Urbana conta sua história na MTV**

LENDA E A REALIDADE

Como a realidade se comporta dentro do discurso das lendas urbanas.

“DIE HAUT no Teatro Nacional! Este foi clássico!

Entrada fechada. Do balcão, no saguão, através das portas de vidro, dava para ver os caras sendo barrados. Ainda tinha espaço.

Na hora prevista, um grande contingente de pessoas enfrentava uma fila do lado de fora do edifício do Teatro (pegamos essa fila). Já era noite. Tinha plateia até no chão, nas laterais do palco.

Viajantes, gente em estado alterado, viram surgir no palco o negão Tilum (ex-Demônios da 10), um amigo do goró, do Guará. Assomou para a audiência com um tacape e uma garrafa de pinga. Abraçou o vocalista e ofereceu-lhe um pouco da bebida. Depois, colocou o tacape em sua mão, enquanto bamboleava pelo palco, numa performance digna de embriaguez bem-ensaiada. Uns perguntavam se aquilo fazia parte de um ato da produção.

"Isso foi quando o Blixa, do Einsturzende Neubauten, tinha subido para cantar algumas músicas... (O show também teve uma parte totalmente instrumental, e a parte final foi com o Nick Cave, para delírio de umas mocinhas que estavam às lágrimas)."

"Na Lata, quem trabalhava na entrada, embaixo do Teatro Nacional, era Tião do quiosque, Chaveiro 10, na praça do bolo, onde alguns manguaças guaraenses se reuniam logo cedo. Com o teatro apinhado, Tião, então motorista, antigão na Secretaria de Cultura, permitiu que Tilum entrasse por baixo."

Tudo isto pode ter ocorrido em outro show. Mas naquela noite, na sala Martins Penna, jamais houve dança de bêbado. Apenas um vocalista e baixista punk da cidade que, estupefato, subiu ao palco e entregou uma garrafa de uísque ao vocalista! Antes da cena da garrafa, o punk do uísque falou algo em alemão. Levou uma vaia – inexpressiva – e, em pé no proscênio, mostrou o dedo médio para a galera.

Olhei para trás e vi uma lotação normal. Não houve histeria. O show dos alemães era performático e chato! Parecia com o da Blitz.

No fim de tal ópera bufa, gostei mais do show de abertura do Low Dream.

Será a lenda urbana um incentivo ao resgate da memória?

OS CACHORROS DAS CACHORRAS DOAM "BOLINHA"

Atividade de um sábado, em 1993. Gérson Deveras e Alfredog desceram à chácara para curtir uma festa que jamais rolou. No meio do caminho, acharam uma cadelinha felpuda branca e chegaram com "Bolinha", meu presente, debaixo do braço.

O que a dupla desconhecia é que "Bolinha", inexplicavelmente, sumiu. Uma semana depois, achamos "Bolinha" no fundo de uma fossa em construção.

A família do caseiro, comovida pelo afogamento acidental de “Bolinha”, passou a chamar todos os cachorros de “Bola” ou “Bolinha”, em homenagem à antecessora.

“Aí foi tipo Vampiro de Curitiba. Aumentou algum ponto por aí.” (Rodrigo Souves)

OUTUBRO

“Hum 'doido'? Doido mesmo era a Trappus & Farrapus num quiosque na AE 2, no Setor de Oficinas do Guará II, num calor desgraçado, tomando 51, tudo abafado, e o Dagoberto, alucinado com seu vocal meio teatral.”

O saudoso Dagoberto, toda a emoção precoce do rock Guará. Na foto, à caneta, a nota cortante ainda vibra: “meu pai”.

27 de outubro

“NEM MESMO A MALDADE LIVRA AQUELES QUE A PRATICAM”

É lançado o livro *Chulé* na Livraria Presença, na companhia de Ivan, Joanfi e Kácio.

(...)

Numa mesa suspeita no Conic, tomam cerveja Pazcheco, Brawler e Sandro, o taxista. Aliás, qual mesa não será suspeita? De supetão, as vielas e escadas despejaram um batalhão de homens com uniformes pretos, cassetetes e cães farejadores. Fecharam tudo. Pensei: fodeu.

— Relaxa, Pazcheco. Os cães estão aqui para atuarem.

— Atuarem?!

— É, o Brazza está rodando o novo filme dele aqui.

Durante a filmagem, só faltou helicóptero. Numa cena externa, um dos vilões do filme sequestrava a mulher do bombeiro e a atirava no banco de trás. A filmagem foi refeita duas vezes. Claudette Joubert dava chilique e pedia menos realismo, mas o corpanzil a atirava de novo. Ela arrumava a roupa curta e o cabelo. Um fotógrafo fez uma foto em slide do Brazza naquela hora, jamais vista.

Saudade do trio: eu, Bêbado Gerald e Brawler, o Gerente — da Heavy Collection, loja de adereços e de música, no Conic. Apesar dos nossos quase 30 anos, ainda gostávamos da muvuca. Naquele período, antes do meu primeiro casamento, desafiávamos as leis da

gravidade no *Dojão* cor de cobre, ouvindo, em *Ozmosis*, a profética "See You On The Other Side" e fumando a erva do diabo.

Há um quarto de século, andei em companhia do Bêbado Gerald, Joel e Quinzinho Chute no Saco. Há um quarto de século, eu bebia. E quanto mais bebia, mais me transbordava de coragem e ativava as veias — e ainda bem que os neurônios também, eles que me seguravam.

Sempre que via Quinzinho Chute no Saco no Conic, meu humor mudava. Imaginava quebrando uma garrafa na cabeça do pobre Quinzinho ou arrumando-lhe uma situação em que a polícia jogasse fora a chave de sua cela. O povo percebia que havia algo errado. Se era um convite para incinerar um baseado, minha resposta era:

— Estão me esperando.

Se para um show:

— Estou sem carro!

Os chegados sabiam que eu mentia.

COMO COMEÇOU?

Quatro décadas antes, no fim do Primeiro Grau, conheci Joel. Aos 18 anos, comecei a beber com o Bêbado Gerald. Quinzinho já devia ser um chute no saco, mas, em meados dos anos 80, nós ainda não sabíamos. Fazíamos churrascos no barraco de fundos dele, em algum conjunto do Guará, e tocávamos os poucos CDs de metal num carrossel.

Num dos churrascos de aniversário de Quinzinho Chute no Saco, como eu não tinha nada de valor a não ser um CD importado do *Never Say Die*, levei-o e falei:

— Eis o seu presente!

Ele foi mal-agradecido. Mais tarde, retrucou:

— Que mandou dar?

Essa foi uma das muitas pisadas na bola comigo.

Na segunda, foi mais séria... De olho na bela morena, namorada de Joel, Quinzinho Chute no Saco foi à casa da mãe dela e soltou uma coleção de pragas e lagartos em cima de Joel, chamando-o de traficante. A mãe da namorada de Joel ficou tão indignada que foi falar pessoalmente com ele sobre os comentários do então amigo, Quinzinho Chute no Saco.

Joel respondeu:

– Vou conversar com o cidadão.

Eles jamais reataram a amizade, e Joel me deu o toque.

Um quarto de século depois, Quinzinho Chute no Saco reapareceu e logo de entrada tascou:

– Era aqui (quando a casa ainda não era reformada) que rolava a zica!

Tarde da noite, eu os recebia com cortesia para ouvir um som e jogar sinuca. Quando ia virar o disco, eles batiam a sedutora totoia no canto da mesa de sinuca.

– Esse cara é do tipo que, com uma única frase, pode colocar qualquer um numa fria.

Deixei o rock rolar diplomaticamente.

Faz alguns bons anos – ou sejam duas Copas do Mundo – que não bebo mais no Conic. De repente, Quinzinho Chute no Saco reapareceu perguntando:

– Têm visto Brawler e o Bêbado Gerald?

– Você sabe que eles não eram as melhores companhias para um homem sério, pois poderiam arrumar-lhe um B.O.!

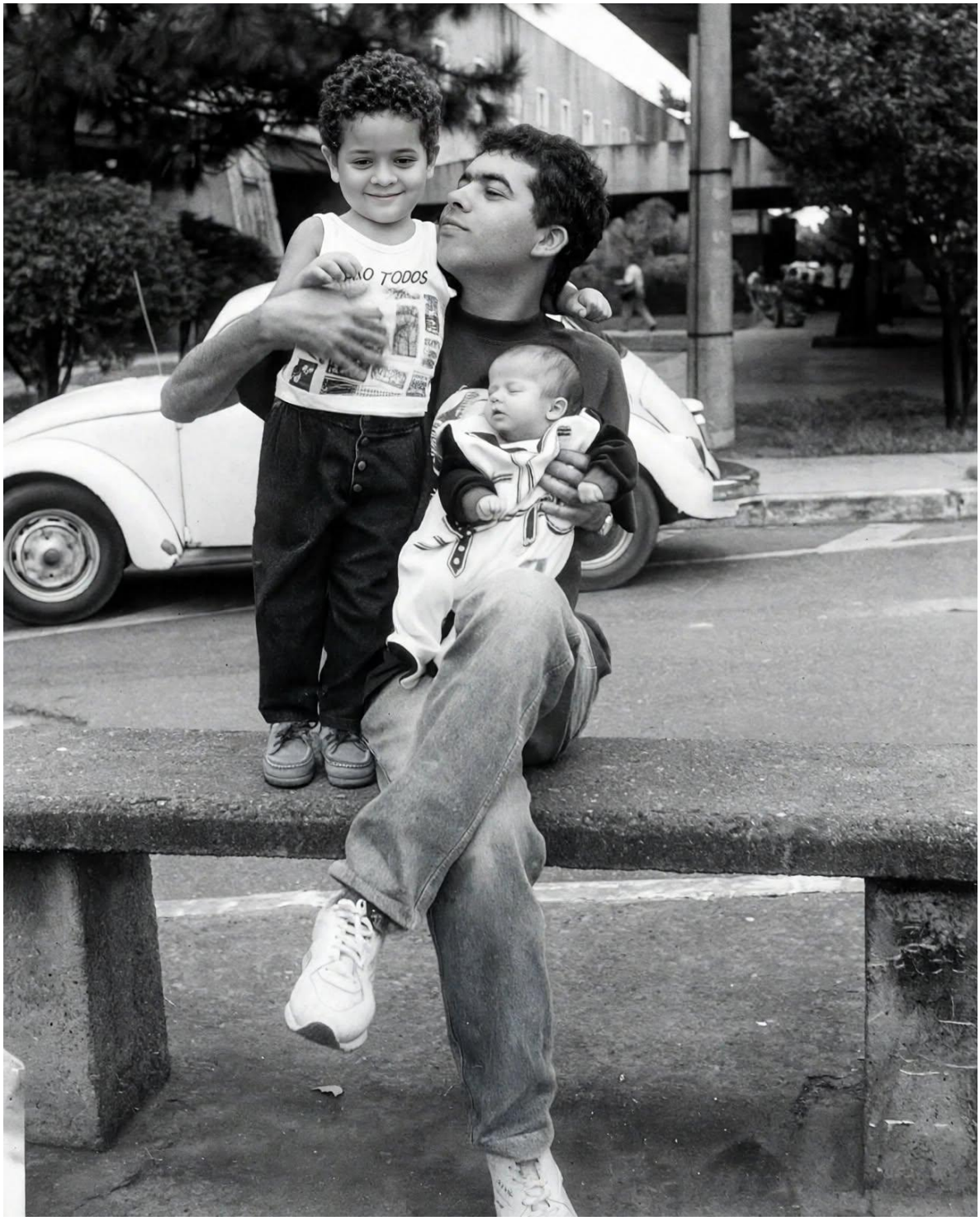
Quinzinho Chute no Saco olhou para mim e se despediu com o chavão:

– Vocês que estão com a vida ganha, deixa-me ir ganhar a minha...

DEZEMBRO

Li *Huguy Rupi*, um artefato literário impactante e desconhecido, em formato tabloide, editado no Guará, na QI. Desconheço os autores.

O segredo? Assinaturas



Um retrato de um momento simples que o tempo transformou em memória. Na antiga Rodoferroviária de Brasília, estou ao lado dos meus dois filhos. À esquerda, Glauber, o primogênito, ainda menino, já exibia seu sorriso tranquilo. Em meus braços, Virgílio, então o caçula e filho do meio, dormia serenamente, alheio ao movimento da cidade.

Naquele instante, eu não imaginava que a fotografia atravessaria décadas e acabaria registrando muito mais do que três pessoas. Ela preservou uma fase da vida em que a

paternidade acontecia entre o trabalho, os sonhos e a construção diária da família. Ao fundo, o velho Fusca e a arquitetura de concreto de Brasília ajudam a situar a cena no início dos anos 1990.

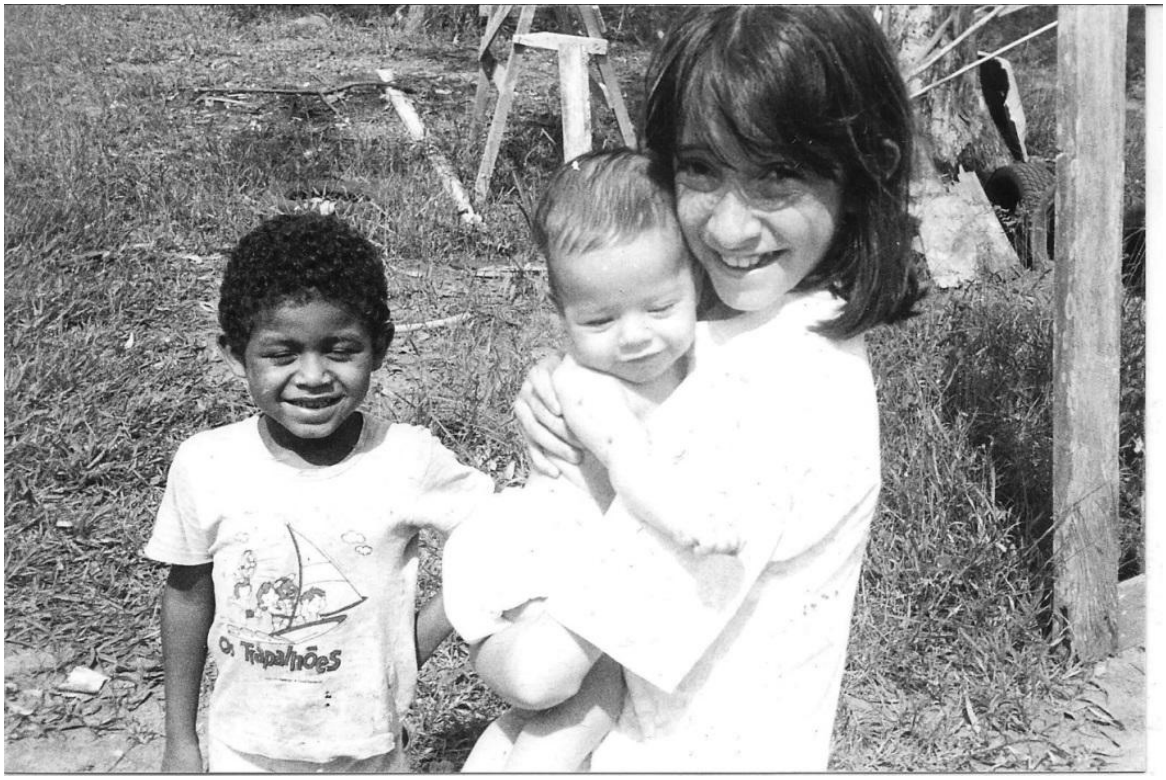
As crianças cresceram, os caminhos mudaram, mas a fotografia permaneceu. Hoje, ela guarda a lembrança de um pai com seus filhos, no final de 1993. Um instante familiar que o tempo transformou em parte da nossa história.

Entre 1993 e 1994, os meninos começaram a nascer, e papai teve de largar o vício das revistas e das assinaturas de jornais para aprender a trocar fraldas. Só o Nirvana não aparece em nenhuma dessas capas.





1994



"K" DE KARINA

Um período de vacas magras. Eu vejo a calçada avançar, um ponto de água e as paredes esperando por tinta. A cerca da frente seria levantada com tela de galinheiro. Mudou tudo, mas o menino e os dois pés de manga ainda me acompanham...

Foi difícil superar a perda da Geni. Meus pais seguraram a onda, mas hoje nós podemos andar de queixo e cabeça erguidos e soltar um f***-se, people!

Escrevendo *Aventura sem Dublê*. Noites e dias de rock. Dias muito estranhos debaixo do pé de eucalipto, ao sol das dez da manhã. A vida era mais dura: não havia luzes em todos os cômodos e a água era fria. Sobrevivi.

BANAL BANANAL

- Fazíamos festas para celebrar a vida. O lance eram caldos, banana, doce enlatado e sempre muito rock. Mas fui interpretado de maneira errada. Até hoje, só quero curtir. Jamais houve um trocado, uma grana, uma aliviada. Assim foram meus dias de rock, só com a ajuda do Senhor e as rezas e Ave-Marias da minha mãe.

- Sandro, taxista, nos carregava para as baladas. Um dos melhores amigos dos tempos da UVA. Nessa noite, ele arrumou uma namorada e nos surpreendeu, mas essa é outra história.

O lance rápido foi entre 1992 e 1994. Conhecemo-nos nas festas do professor Cafú, na QE 19. Naqueles dias, os relacionamentos tinham o poder de chocar! Essa festa deve ter rolado em abril ou maio. Geni Stefanin, mãe do Virgílio, morreria em setembro. Tenho o filme, que ainda não foi digitalizado por medo de copiarem clandestinamente e jogarem na rede, mas estará presente no meu rock.doc. Aqueles anos de pura pauleira do Nirvana e da Marssal. Reginaldo esteve lá.

Na chácara aconteceu a primeira festa daquele mesmo jeitinho das festas de hoje em dia. Não tínhamos tintas. Tínhamos vermelhão e azulão, cores usadas em pisos. Edvar fez esse fundo, que durou alguns anos, até a casa ser reerguida.

Peguei a capa de *Transa,* do Caetano Veloso, e fiz um lustre que servia de abajur para a lâmpada da sala. A casa já era transada. O lustre e algumas amizades sobreviveram.



REGINALDO PEREIRA

Ele deu asas a muitos dos meus voos cegos. É testemunha ocular, a favor ou contra, e qualquer documentário tem e deve começar pela alma dele. O dedicado Régis Rock'n'Roll guarda recortes de jornais e mídias, de VHS a LCDs e DVDs. Confabulamos muito nestes 37 anos.

O papel do Reginaldo era distribuir os fanzines. Pegava alguns números, colocava na garupa da bicicleta ou da moto e distribuía o material pelas quadras do Guará. Ele se orgulhava disso. Depois, passou a ser mecânico, eletricista e até motorista de deputado distrital. A autoridade queria que ele assumisse multas que não eram dele.

Reginaldo é Rock'n'Roll e nos ajuda a assar batatas na fogueira.

Sempre foi um homem de confiança. Não esteve presente em muitos momentos públicos, mas, na véspera, imprimia sua pegada profissional de capitão faz-tudo. Fã número um da guitarra do menino Virgílio.

9 DE MARÇO

PERDEMOS BUKOWSKI, O CRONISTA DOS AMORES LOUCOS

Nascimento: 16 de agosto de 1920, Andernach, Alemanha.

Falecimento: 9 de março de 1994, San Pedro, Califórnia, EUA.

Caí na gandaia depravada lendo Bukowski. Na esbórnia, mergulhado na picardia sexual. Uma vida abertamente mundana. Com fatos do tipo: como esquecer as chaves da seção na casa da amante e não ter coragem de voltar? Chegava aos 30 anos e não tinha feito nada. Drágeas de Optalidon com cerveja.

Tinha esse lance de subliteratura e escrevi uma novela suja. Nem sabia que existiam faroestes undergrounds e HQs com aquela estética dos canos curtos e quentes das armas. *Aventura sem Dublê* era bom. Bêbado Gerald, anos depois, disse: "Já naquele tempo você escrevia bem". Um p*** elogio.

Radicalizando, escrevi *Lapso*, onde incendiava o mundo e atraía nuvens negras para cima de mim.

O SOLITÁRIO RENATO RUSSO

O líder da Legião Urbana prepara um disco solo só com músicas em inglês.

“O disco será uma trilha sonora para as pessoas namorarem, um antídoto para a violência”.

O REI DA ANGÚSTIA ESTÁ FELIZ

O novo disco de Morrissey traz outra imagem do ídolo e é consagrado pela crítica.

8 DE ABRIL

BANDAS QUE QUERIA TER VISTO: LODDO, FETO PODRE E ABORTO ELÉTRICO

Casado, os meninos nasciam. De luto por Kurt Cobain. Naquele 1994, já era assim: quem gostava, gostou. E eu sempre gostarei. Tenho pôsteres deles escondidos.

Saí de casa com a anuência da mulher. Saí de cara para ver a mítica banda Loddo, na Cidade Ocidental, e conheci a Marssal. Era sexta-feira. Na terça-feira, tínhamos perdido Kurt Cobain. Fui filmado entregando um papel que pedia "Train Kept A Rollin'". Lembrei que os menores, de cara virada para a parede, cantaram "Por que sofro repressão?", um som dos Ratos de Porão.

No fim, ainda chamei o garoto pelo nome: "Hélio!" E disse-lhe: "Ainda tenho o cartaz". Pensei comigo mesmo: "Estou a me transformar em assessor de político".

10 DE MAIO

GALERIA MONTA INSTALAÇÃO INÉDITA DE OITICICA

CC5, concebida pelo artista com Neville d'Almeida em 1973, é apresentada pela primeira vez em São Paulo.

LUZ DEL FUEGO FEZ SUCESSO SEM TALENTO

O livro *Luz del Fuego, A Bailarina do Povo* retrata a dançarina das jiboias como vanguarda do feminismo.

EXISTENCIALISMO DÁ O TOM NO FIM DE SÉCULO

As novas gerações redescobrem Albert Camus, o escritor que contaminou os anos 50 com o sabor amargo da angústia.

DOS ROLÉS

Eu estava sendo pai pela segunda vez – só que, desta feita, acompanhava a criança crescendo. Exílio, tipo John Lennon. Passava os fins de semana no mato e os dias de semana no apartamento da QI 27.

No calçadão, encontrei Cécé, arrastando pela coleira um beagle, desses cachorros urbanos, de longas orelhas e madeixas. Cécé ornamentava a cara com uns óculos

psicodélicos indescritíveis, detalhe inseparável da sua psique. Era inusitado e socialmente bem vestido: magro, errático, elétrico. Um detalhe me deixou com a pulga atrás da orelha: o cachorro também estaria usando o mesmo tipo de óculos?

– Cécé, o que é isso?

– É pra ele curtir o visual!

Quando fui pai pela segunda vez, compreendi seu drama de abandonar os shows e correr para casa levando dois frascos com o leite do seu casal de gêmeos.

Eu gostava de pensar que pertencíamos a uma gravadora, a MainMan, de David Bowie. Eu era um dos homens-chave do processo; ele, o elemento xis!

A irmã, os cunhados e os sobrinhos de Cécé moravam na QE 32 e, aos sábados, ele os visitava.

Às vezes, eu ficava p*** quando Cécé pedia que eu pagasse um conhaque. Ele ganhava mais, porém pagava aluguel e ficava duro. Meus pais gostavam verdadeiramente dele, que era muito educado.

Cécé aloprou no ônibus do Tribunal. Foi proibido de cantar:

"E eu encontrei a solução pro seu caso. E lhe proponho um tratamento pra você melhorar. Eu vou plantar cenouras na sua cabeça..."

Dizem que bebeu a água mineral do ministro e teve que se desculpar...

Cécé substituiu "Micróbios" pelo verso "Vou plantar cenouras na sua cabeça".

1º DE JUNHO

MIS REÚNE FILMES E DESENHOS DE GLAUBER

Começa hoje a mostra que comemora 30 anos da primeira exibição de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.

4 DE JUNHO

O cantor Renato Russo lança seu primeiro trabalho solo, *The Stonewall Celebration Concert*.

15 DE JUNHO

Legião Urbana conta a sua história na MTV.

15 DE SETEMBRO

IT'S BLUE

Setembro sem você e eu jamais me esqueço. Éramos jovens, eu mais... Até hoje, flor de maio e flores da primavera me lembram você. Mas eu parecia viver para nada mesmo.

O menino e a irmã estão aí, e eu peço para a mãe cuidar enquanto cuido do rock'n'roll. Sempre foi assim: a primeira garota me deixou porque eu era muito doido; minha família me abandonou porque...

Os exames nada deram de errado. Levei a vida de certa maneira. Ainda não entendem que, naquela cama, depois do sexo, eu escrevia a novela onde o corpo é alvo e a mata abaixo da montanha da barriga esconde o mistério.

Tudo se resume em trilhar e caçar *diamonds and rust*. Não existe mês ruim, existe vida e contas a acertar.

LA REVOLUCIÓN

O brilho ardente da tocha épica que antecede o consumo das civilizações repetiu-se em quatro bares no Guará: Point Pomtekim, Elo Cultural, Bar do Afonso e La Revolución. Em suas fases finais, reinou um grande contingente de atividades: feijoadas, manifestações políticas, encontros gastronômicos, exposições, saraus de poesia, o rock de Gérson de Veras e a MPB de Tião Cândido, Isa e do saudoso Gilberto, dono do Bar Camarim.

"O bar deu sorte a você." Miro, o barman, referia-se a dois relacionamentos construídos nas mesas do bar.

No La Revolución, o paginador Marcone Barros ainda se lembra do lançamento do livro *Aventura sem Dublê*. Eu me recordo de que havia um deputado distrital – convidado, nem de verdade, mas deputado distrital. Entre os modestos comes e bebes, sorrisos e exclamações, elogios pra cá, elogios pra lá, eu: "Pois é, deputado: o livro é dez mangos!". Foi legal. Decidi nunca mais vender livro em bar.

Na parede ao lado do balcão do La Revolución, havia um painel de gesso com rostos quebrados e muito sangue, representando o levante de uma revolução burguesa. "A revolução é sangue e morte", dizia o ideológico Miro.

Outro dos ícones do bar era a majestosa placa externa de madeira entalhada: La Revolución. Erroneamente, acentuaram o "Lá". Miro empombou com o erro, e o agudo do A foi retirado e cuidadosamente restaurado pelo vizinho de frente para o bar, no Conjunto H da QE 19.

ENLUTADOS

Estávamos vestidos de luto: eu pela companheira, Geni, e Miro pela irmã, Teka. Quando a sorte me sorriu novamente, uma nova porta se abriu, acompanhada por cerveja.

"Eu não vou pegar a toalha, não. Não vou pegar uma pneumonia. Acabei de sair da cama e estou sem camisa."

Eu e Zanza Meneses nos enfrentamos muitas vezes. Então, as palavras voam para explodir no ouvido do outro. Um reclama, o outro amua, mas somos só nós dois. Acabamos nos reencontrando, a casa é pequena. E eu, no esforço interminável por aparecer invisivelmente; ela, sem jamais esquentar em aparecer, faz um trabalho humano e lindo, porque é uma grande alma. Ela é tudo e eu sou nada.

Pelo menos, ela não reclamará desta vez, que, nos últimos 24 anos, todos os dias foram iguais.

Alguma vez ela reclamou, sim, da monocórdia, da inércia, da temperatura parada do nosso encontro, do nosso relacionamento, ao qual faltaria – teria faltado, sei lá, tantas vezes – sal ou pimenta. Não sei bem. Talvez, quem sabe, cheiro-verde ou salsa.

E agora estou ouvindo mais os nossos filhos, com mais de 20 anos. A mãe dos casais é quem cria, gesta e cria... Essa história começou há 24 anos, no La Revolución.

OUTUBRO

OS ROLLING STONES SE APRESENTAM EM NEW ORLEANS

"Vi um escoteiro fazendo a sua boa ação. Ele estava ajudando os Rolling Stones a atravessar a rua."

David Letterman, apresentador da rede norte-americana CBS.

AVENTURA SEM DUBLÊ

Com a Aventura sem Dublê, comecei a utilizar escritores fantasmas, troquei a revisão por algumas galinhas japonesas e o Bêbado Gerald ensinou a atualizar a cena. Um delírio retado de álcool, um coquetel luxuriante de sexo: tudo mentira, passa a régua. Um roteiro de cinema, um triângulo dos mais pecaminosos da literatura – se tenho vergonha? E como!

Minha memória dói mais à noite. Um mergulho no fundo da psique.

Os originais de *Aventura sem Dublê* estavam na gaveta – que não era da minha casa, mas do quarto dividido. Pegaram os originais e jogaram fora. No serviço,

propositalmente formatavam o PC para apagar meus arquivos, que eram invisíveis e protegidos por senhas.

Loucos, eu e Edvar Ribeiro curtíamos um curto período de liberdade e sol. Pegamos uma folha de papel vegetal e eu soletrei: do-pró-prio-bol-$o. Agora esse será o nome. Edvar desenhou a bundinha continental, estilo Crumb, que foi atacada de machista.

Nascia a marca da encrenca. Carregava mais de uma década de underground nas costas e passaria os 25 anos seguintes explicando que o Do Próprio Bol$o não deu certo porque não recebeu empurrõezinhos e incentivos. Logo, surgiu um batalhão de artistas querendo livros e injeções de grana em suas bandas.

Da série "ninguém viu o filme, ninguém leu, ninguém curtiu".

Aí, viadinho, você que malhou meu português no primeiro livro e não leu *Aventura sem Dublê*, onde me saí melhor, com a elite da língua portuguesa na cidade, que me deu uma força. Tentaram reeditá-lo, reescrevê-lo, porém é uma obra maldita, digna de Mojica.

Bêbado Gerald ensinou a atualizar um roteiro. Com seu jeito sério, esculachou: "Isto está uma porcaria!". O uso redundante do gerúndio na ação contínua provocou nele uma reação próxima à de um terremoto. Esse era um dos riscos que corri quando o convidei para ser escritor fantasma de *Aventura sem Dublê*. Ele fez a consultoria da obra e, como retribuição, eu o incluí neste livro como o personagem Bêbado Gerald, que nada mais era do que um par de Geraldos, o Lessa e o Hugney, como se fossem Bukowski numa terrível ressaca matinal.

O personagem não tinha nada a ver com os Geraldões, mas eles adoraram: "Sou eu?". Nunca confessei.

Aos 30 anos, secretamente, concluí o romance mais porco jamais produzido: *Aventura sem Dublê*. Tempos em que eu era tratado como jornalista e escritor – homem quase sério –, mas gostava mesmo era do Conic. E tive que cair de enxada na chácara pra valer.

Escrevi *Aventura sem Dublê* numa sentada que durou quatro anos. Celso Araújo disse-me que Afonso Brazza queria filmá-lo (não sei se estava me zoando). Houve um diretor de cinema chileno que gostou do livro e o encomendou a Delor Martins. Um livro beat cujo orçamento jamais permitiu pagar também ao desaparecido Zeferino Alves para roteirizá-lo. Especulações sobre o que nunca veio a acontecer. Bolas na trave.

No final das contas, esse livro me levou às páginas do *Dicionário de Escritores de Brasília*, na primeira edição, 1994-95. Um motor movido a diesel.

24 DE NOVEMBRO

Em algum lugar do mundo, talvez eu deva ter fãs. Para esses fãs, e antes que o fax se apague de vez da história da humanidade, aqui mostro o documento acertando os detalhes finais da produção do CD *Onde é Que Está o Meu Rock'n'Roll?*.

1995

ÚLTIMA CEIA

Musimed, Bateras Beat, Instituto de Bateria, GTR, Instituto de Guitarra, Zero Bar, Teatro dos Bancários, Cante Paulo Freire, 610 Norte (onde o Aborto Elétrico tocou), Art Music e Inside Club, na 109 Norte, Boate Tendinha, Subway Discos, Kingdom Comics (gibiteria, Conic – 1996/2018), Co-Mix, T-Shirts, Rage Skate Shop, Auditório Sindsep, Gran' Circo Lar, Zoonna Z, Glicose Bar, 115 Norte, Paralelo 15, Adega, Astrey Bar, Butequim Blues, Miriquiná, Bar do Mocotó, Batik Bar, Tuza's Bar, Cave's Bar, Paquita (centro de Taguatinga), Bafafá Cultural e Rock Dog do Léo, em Taguatinga. Peyote (P Sul). Bar da Neci (Setor O). ME Estúdio, Madness Sonorização, Knockdown, Estúdio para Ensaio, Artistik Serigrafia e Bar do Faustão, na 38.

- O importante Cine Atlântida, localizado no Conic, fez história na cidade. Agora, em seu lugar, há uma enorme sede da Igreja Universal do Reino de Deus.

"Era espetacular, tela grande, programação boa. Tinha um salão de entrada para a pessoa esperar. Sou revoltado com o que aconteceu lá."

Clóvis Sena, Jornalista

- Humberto Pedrancini sempre foi um diretor de companhias. O Hierofante é sua mais recente empreitada. Foi criado naquele ano, fruto da experiência no Celeiro das Antas, onde montou *Moby Dick*.

"Ele nasce defendendo o teatro de rua, de aprendizado com o público, que é exigente e cúmplice, aplaude e joga a bucha de laranja", conta Pedrancini.

MARÇO

ÍDOLOS NA MARRA

Com forró, rock, palavrões e 170 mil CDs vendidos, os Raimundos tornam-se o grupo do momento.

No Conic, no Café Belas Artes, do Ivan, acabara de chegar uma cópia do *Dicionário de Escritores de Brasília*. Um monte de gente se acotovelou, procurando os nomes de nossos amigos-escritores do Conic!

"O que será aquilo, Klebinho?"

Cheguei na minha e pedi para olhar no "P"... E num é que meu nome estava lá!? Forte emoção. A minha carreira de tantos ciclotons atingia os píncaros *dinovo*.

O CARTAZ QUE NINGUÉM VIU

Eu conhecia um arquiteto, colega, desses de atravessar a tarde na casa dele, fumando aromas. Ele aprendia um acorde difícil e ficava me mostrando no piano. Fã de Arnaldo e Zappa.

“Rapaz, vá lá em casa e faça um croquis que eu quero ver se uso o eucalipto para construir a casa!”

Foi a última vez que o vi.

Próximo do Carrefour, vendiam-se casas de madeira. Fomos perguntar o preço e meu queixo caiu. Logo ao redor da nossa casa de adobe, essas sublimes casas de madeira começaram a sufocar minhas vaidades pequeno-burguesas.

Depois de ler as revistas *Construção & Obra*, comecei a passar as manhãs no lixão em frente à chácara. Assim, a coisa foi se erguendo lentamente, por etapas. Foram dez longos anos trabalhando todos os dias – noites e dias.

No Quiosque da 40, a rapaziada batia pinho, comia coxinha e cheirava. Não necessariamente nesta ordem.

Humpf!

“Pazcheco, desça uma cerveja!”

“Não posso, tenho que comprar o cimento.”

Quando a grilagem chegou perto, gastei o décimo terceiro num pau de fogo. Foi o melhor investimento. Andava com uma gangue de menores de Samambaia e atirávamos em tudo que se mexia na chácara. Foi quando, por acidente, matamos uma rara coruja branca.

Rock'n'Roll, nós lhe demos os melhores dias de nossas vidas.

À tarde, eu passava no apartamento do Ninho, na Asa Norte, e disse:

“Vernon Walters vai tocar em Goiânia.”

“Onde será o show?”

“Pô! Numa garagem em Goiânia!”

Ele desenhou um cartaz que misturava Carmen Miranda com Miranda, o produtor, e assim montamos Os Mirandas, que vinha a ser uma homenagem a Carlos Eduardo... Na verdade,

era também uma homenagem ao CD *Bananas*. Fiquei com o cartaz e a indisfarçável satisfação por ele ter assinado o trabalho e anotado a minha singela colaboração.

BLOODY CLOUDS

Na era do regressive rock, com o funeral do grunge, andávamos pelo pub Moby Dick, em Taguatinga Sul, erguido sobre as ruínas do famoso Cine Rex...

Outros nomes da cena à época, como Os Johnsons e ainda outras velhacarias, circulavam pelo Conic, na Berlin Discos e na Head Collection. Aliás, não se esqueça de que ela começou suas atividades vendendo camisetas em um dos points mais movimentados de Brasília: A Pedra, a passarela entre o Conic e o CNB.

Lá, Zezinho Blues passava as tardes soprando sua gaita, suando e vendendo camisetas.

ESPÍRITOS ZOMBETEIROS

"Os espíritos zombam dos vivos e zombam daqueles que não sabem viver... Bichinho de matar com pedra ponto.com."

(TIAGO RABELO)

- O aconchegante pub Moby Dick ficava na área da Praça do Cine Rex. Pisei lá com a Marssal. Naquela noite, também havia uma banda paulista cujo timbre de guitarra era puro Nirvana. O problema foi não saber como cheguei nem como saí de banda. Era muito álcool.

- Mostrei a guitarra que comprei de Dillo D'Araújo. Não percebi que o instrumento estava com o braço rachado. Cécé foi mais uma vez discreto. Não comentou o estado da guitarra.

Quando falei a Dillo D'Araújo que o instrumento estava fodido, ele disse: "Você comprou por uma pechincha". É nisso que dá ajudar as pessoas: ser passado para trás.

"VÁ DEVAGAR"

Cécé sumiu primeiro no Rio de Janeiro e depois em Curitiba. Morou em Sobradinho, na Asa Norte e em Valparaíso. Uma de suas irmãs ainda vivia na QE 32, por isso mantínhamos contato.

Operado em 1995/96, Cécé ficou com uma cicatriz gigante na barriga. Os pontos ainda eram recentes e fomos de carro até a chácara.

Sabíamos que eles tocavam na Elemento X. Eu conhecia Júnior Gordinho e encontrava Rikk Lee na Berlin Discos, reservando alguns LPs.

14 DE JUNHO

NÃO TIRE ONDA COM RORY GALLAGHER

Dublin – Nascido em 2 de março de 1948, o irlandês Rory Gallagher, guitarrista de blues-rock, letrista, vocalista e fundador do power trio Taste, foi um dos primeiros músicos irlandeses a ganhar fama internacional no mundo do rock. Combinava virtuosismo

e genialidade musical, principalmente como guitarrista, com as qualidades de um grande ser humano.

Adorado por uma legião mundial de fãs, o “guitarrista do povo” vendeu 30 milhões de discos em três décadas e tocou com lendas do blues, como Howlin’ Wolf e Muddy Waters, e, mais recentemente, com Slash, guitarrista do Guns N' Roses.

Bono Vox, vocalista do U2 – também irlandês –, declarou que Gallagher foi um dos dez melhores guitarristas de todos os tempos e, o que é mais importante, “um dos dez caras mais bacanas do mundo também”.

Aos 47 anos, Gallagher morreu no King's College Hospital, em Londres, em decorrência de complicações de um transplante de fígado.

“Lordy, what’re you doing?”

- Volte ao verão de 1980: a new wave bombava. Pelo menos era isso que líamos nos tabloides. E Doctor Robert, primo mais velho dos irmãos Muniz, regalou-nos um lote fantástico de LPs, com muita coisa dos anos 70. Atravessávamos o auge do Queen.

Um dia, catamos aquele disco de capa dupla vermelha, edição nacional, arranhadíssimo, e o pusemos para tocar por curiosidade. Por ser uma gravação ao vivo, carregada de energia e de duetos de voz e guitarra, tornou-se o predileto para incomodar os vizinhos, com as caixas de som na janela.

Dançávamos "Messin' With The Kid" na rua. Logo e inapelavelmente, Rory Gallagher tornou-se nosso herói.

Em *Live in Europe,* particularmente, encontra-se todo um repertório e as manhas para quem quer tocar em trio. E olha: a gente ainda nem tinha descoberto o Taste!

Seus discos passaram a ser disputados a tapa. Os anos passaram e competíamos com Camufloyd para consegui-los.

Gallagher é considerado o 57º melhor guitarrista de todos os tempos pela revista *Rolling Stone*.

INTERNET COMEÇA A INVADIR O MERCADO

A rede mundial de informação, a Internet, está começando a ser utilizada por jornais e agências de notícias brasileiros, enquanto milhares de usuários individuais já usufruem do sistema eletrônico.

24 DE SETEMBRO

SEIS VEZES LEGIÃO

Banda campeã de vendas do rock nacional lança caixa de CDs remasterizados.

8 DE OUTUBRO

Sempre no mês de outubro, no triênio 1992-93-95, nasceram Glauber Renato, Virgílio Stefanin e Ana Luíza. E agora papai tinha que largar o vício de revistas e jornais por assinatura e aprender a trocar fraldas.

16 DE OUTUBRO

INVASÃO DE MUTANTES

Grupo que ajudou a eletrificar a Tropicália é redescoberto e recebe uma série de homenagens que vão de concertos e livro até um disco-tributo.

4 DE NOVEMBRO

RAIMUNDOS: "MUDA PARA SER O MESMO"

Grupo lança *Lavô Tá Novo*, primeiro CD em uma grande gravadora, mantendo a fórmula que já vendeu 180 mil discos.

Conheci a turma louca dos Skrotinhos numa festa na casa do Hamilton. Eles me acompanham até hoje. Entre os ilustres e famosos estavam Léo Saraiva, Marlon Dourado, Mana Gi Lemos, Sueli Saraiva, o próprio Geraldo Lessa – fazíamos o curso de História –, Edson Salazar, Macaé, Magda Miranda, Andrea Brito, Isabela, Jihan Arar, Marcelo Vasques, Marcelo Vítor e Aderbal. Esses amigos queridos tomavam cerveja no bar do Lincon, na QE 24.

Dos amigos, sempre extraí até a última gota de pazciência. Geraldo costumava frequentar minha casa, e nossas relações continuaram emaranhadas. Felizmente, conheci Rosângela no bar La Revolución, numa noite em que ela estava com os amigos de Geraldo, do curso de História.

A foto que ilustra esta coluna foi a última gota que extraí de Geraldo. Ele não queria tirar fotos, mas insisti e subi numa cadeira. Geraldo Lessa embarcou rumo ao seu grande sonho: uma escavação arqueológica no Egito.

•

Frente de um caminhão International Harvester KB-5 / L-170, fabricado entre 1947 e 1949, reconhecível pela grade horizontal larga e pelos faróis instalados nos para-lamas. Será que, depois de tantas décadas, está todo enferrujado e abandonado?

Depois dos livros *Balada do Louco* e *Aventura sem Dublê*, colaborei com a *Folha da Serra*, tabloide de Sobradinho, e alcancei o que considero o auge da minha carreira jornalística no *Intelligentsia*, um jornal alternativo do Distrito Federal que reunia muitos mestres.

Também colaborei com o zine *Via Skala*, com o tabloide *Rock Press* e com sites como *Whiplash*, *Senhor F* e outros que ficaram pelo caminho ou continuam por aí.

Nunca achei meus textos nada demais. Tinham uma função: registrar, informar, provocar, documentar. Não escrevia pensando em fazer literatura nem em construir uma carreira. Escrevia porque havia coisas acontecendo que precisavam ser contadas — de preferência, por quem estava lá, metendo a mão na massa.

E um belo dia, não satisfeito com livros, jornais, zines e sites, resolvi gravar um disco de rock'n'roll. Afinal, quem passa a vida inteira na contramão acaba descobrindo que também pode fazer barulho em outra rotação.

Ele me ensinou a atualizar um roteiro

Geraldo Lessa me esculachou com seu jeito sério:

— Isto está uma porcaria!

O uso redundante que eu fazia do gerúndio para descrever uma ação contínua provocou nele uma reação próxima de um terremoto. Esse era um dos riscos que corri quando o convidei para ser escritor-fantasma de *Aventura sem Dublê*. Geraldo fez a consultoria da obra, publicada em 1995.

Em retribuição, criei no livro o personagem Bêbado Gerald, uma mistura de dois Geraldos, Lessa e Hugney Geraldo, como se fossem Bukowski numa terrível ressaca matinal. O personagem não tinha nada a ver com Geraldo, mas ele adorou:

— Sou eu?

Nunca confessei.

Revelações

Quando terminei *Aventura sem Dublê*, andava com medo do diabo. Via o diabo em muitas coisas. Olhava no espelho e enxergava mensagens ao contrário estampadas na camiseta. Imediatamente, rasgava a roupa ainda no corpo.

Foi quando quase queimei o *Led Zeppelin IV* na fogueira. Um amigo me disse:

— Não queime o disco. Deixe-o num sebo.

Décadas depois, achei que não tinha mais aquele disco. E ele estava lá!

Aventura sem Dublê foi meu momento Dylan na religião. Cheguei ao ponto de me desfazer daquela capa primorosa, porque via o diabo em tudo. Afastei-me das pessoas. Acho que andava com vidrinhos de água benta nos bolsos.

Nem quero saber se ele existe. Mas que foi perturbador, foi!

Eu jamais quis ouvir relatos de demonologia ou ter contato com esses círculos. Um amigo próximo estava metido nisso até o pescoço, e eu tive que sumir.

Balada do Vagabundo

Sentiu que não dava mais e fugiu para esquecer as três tristes menininhas, vítimas de abortos quase simultâneos, financiados pela venda da CB 400.

Passada uma semana, o Vagabundo capotou o carro. Nesse mesmo dia, no bar, quebrou uma garrafa e deixou o negrão cego. Teve de pedir o bilhete azul no serviço para escapar das xoxotas e da turma do negrão. Deixou a noiva esperando e a mãe viúva lamentando a sorte do filho-da-puta.

O Vagabundo cruzou Rondônia e invadiu o território boliviano, onde encontrou um amigo de infância asfaltando a Transamazônica. De idas e vindas, trocou o pó boliviano por ouro e dinheiro. De mesclado em mesclado, tocou nos cabarés da 7 de Setembro.

Músico de jazz, o Vagabundo retornou ao ponto de origem acompanhado do amigo de infância, com uma ideia de sociedade na cabeça. De volta à cidade, inesperadamente converteu-se ao lema “Deus, Cristo e Caridade”. Comprou uma guitarra nova e voltou a dar aulas de jazz.

Insistentemente, procurou a ex-noiva que, debruçada na janela do quarto apertado, passava as tardes no beliche pensando em sexo, drogas e algum rock’n’roll, enquanto o atual amante vendia roupas no shopping.

A ex-noiva sentia-se entediada e gorda; as roupas apertavam suas formas redondas.

Na farmácia, o Vagabundo e a ex-noiva se reencontraram, conversaram, trocaram números e alguma saliva. Voltaram a sair juntos para tomar sorvete à tarde, sem que o vendedor soubesse...

Em breve, chegaria o dia da desilusão. O vendedor chorava e afirmava que ela o havia salvado quando atravessava o inferno das drogas. Ela também chorava ao lembrar que, sozinha e sem teto, ele a acolhera com roupas, alimento e amor.

Mas nada disso adiantou nessa balada de vadios.

Ansiosamente, planejei o encontro que desejei por tanto tempo. Um encontro que agora se desdobraria nestes relatos – sem fuga, sem obrigação, sem loucura. Ou talvez com tudo isso, porque o desejo biológico de gozar a existência, enraizado em nós, atropela virtudes e nos empurra para o vício, a cópula, a gula e a preguiça.

Bastaram alguns segundos para conhecer a trajetória significativa daquela atriz do teatro da farsa. Na intimidade, chamei-a de dama e vagabunda, cadela e vaca. Dividimos a luxúria dos equivocados. Pirei – e posso garantir que estava feliz com aquela Valquíria entrando no cotidiano do leitor enfurnado na banca de jornais.

Na amante ruiva encontrei cinema, trama, paixão e mistério. Ao lado dela, fazia sentido ser sáfaro e dionisíaco.

Conheci muito o Gugu. Trabalhou comigo e era meu chapa. A loucura abundante em mim sempre o atraiu. Foi assim desde o começo.

•

Gugu era branco, alto e gago. Quando tirava os óculos, ficava sério, compenetrado. Bastava colocá-los de volta para reaparecer o Gugu de sempre, quase um garoto.

Na hora do almoço, desaparecia da repartição. Muito tempo depois, descobriram que ia ao Conic assistir a filmes pornôs. Tomava medicamentos controlados que o deixavam desnorteado. Às vezes, gastava praticamente todo o salário, até que conseguiram aposentá-lo.

O chefe e os funcionários da seção gostavam muito dele. Certa vez, encontrei Gugu no Conic e o convidei para almoçar. No caminho, contou que havia flagrado o chefe na sauna. Sua descrição foi convincente: o homem nu brilhava como ouro numa árvore de Natal. Gugu se referia à gargantilha e às pulseiras que o chefe ostentava.

Mas o chefe não era gay. Era pegador mesmo.

Gugu era louco, gente fina, desses que emprestavam dinheiro para os amigos.

E, pelo que me lembro, nunca fazia questão de saber quando receberia de volta.

Guitarras, guitarristas & outras histórias

Mostrei uma guitarra que comprei de Dillo D'Araújo. O instrumento estava com o braço rachado, e Cécé, mais uma vez discreto, não comentou o estado da guitarra.

Quando disse a Dillo D'Araújo que o instrumento estava fodido, ele respondeu:

— Você comprou por uma pechincha.

É nisso que dá ajudar as pessoas: acabar passado para trás.

Ainda rock'n'roll

Arnaldo abre suas apresentações de forma instrumental. E o disco era para começar com o tema instrumental *Dança de um Outro Tempo*, emendado na versão de *Madman's Lullaby* (título meu!). Foi vetado:

– Você não é o Arnaldo!

Selva polifônica! Com os canais abertos da mesa, dana-se a acrescentar todo tipo de percussão e efeito. Em algumas mixagens, o lema era: lima, abaixa, cola, corta. Gravações são como camadas de um bolo, até o dia em que aprendi a mágica: “Dobra os vocais”.

Algumas correções de letras salvaram tudo. Tinha que discutir que determinada frase estava errada. Os artistas modelavam as canções à sua maneira e, em algumas delas, não foi bom ter dado pitacos. Algumas gravações foram solitárias, como as de Arnaldo Baptista. Quando, de madrugada, algum técnico chegava “maconhado”, eu saía para beber. A produção era dura.

No dia seguinte, uma bateria gigante estava armada no meio do estúdio. O monstro, todo microfonado, trazia um aviso: “Não mexa, gravação da DFC!” Algum dia, eu terei direito àquilo. Não me fale de bateria triggada, tenho medo de eco.

O Pinturas da Alma foi gravar. Pedi emprestada a guitarra nova de Dillo; afinal, ali estava um bom pedaço da minha grana. Roberto, o guitarrista, estava inspiradíssimo, a ponto de Felipe Caduco comentar:

– Ele jamais conseguirá regravar este solo.

A gravação foi “perdida”, e tivemos que regravar com um violão desafiador. Só os sábios percebem. Salvei a canção deles com um coral. Em outras gravações, usamos um pandeiro ou um bandolim, e foi aquele efeito! Aprendi muitos macetes de como começar uma canção sem a bateria. A bateria é a peça fundamental da gravação. Cada técnico era produtor da sua faixa.

Depois, tive que convencer todo mundo sobre a ordem das bandas e as fotos da capa. Tudo no capricho. Passei a ter segurança para vetar uma versão. Levei esses conhecimentos para a feitura dos livros, onde sofria menos. Pegava uma folha A3, montava gráficos e levava o esboço da capa e da contracapa.

Não virou selo, não virou grana, não virou contrato, não virou cachê.

Classifico a experiência toda como coisa traumática do diabo. Aprendi. Só quero som simples, bandas fáceis. Nada de estrelismo, gigantismo, egolatria.

Deixem esse negócio de rock'n'roll para as estrelas.

Foi quando eu me disse: saia dessa vida! E eu me ouvi pela primeira vez.

Em 1996, imprimir uma imagem a partir de um Zip Drive custava uma pequena fortuna. Muita grana mesmo! Eu já havia mandado imprimir o encarte duas vezes, comprado o Zip

Drive e enviado tudo pelos Correios. Depois, adulteraram a capa. Nem sei como meu nome não foi degolado também.

Cara, ouvi tanta barbaridade que, até hoje, a pessoa não entende por que, quinze anos depois, quando tive a oportunidade, mandei-a se foder.

Jornais vendidos, como a *Folha de S.Paulo*, vetaram meu nome nas matérias. Ainda bem que, em Minas Gerais e no Paraná, meu nome saiu. E, quando o CD finalmente chegou, olhei para a contracapa: tinham apagado Sérgio Dias.

O parto durou 24 meses. Joguei tudo nas mãos de Satã.

Agora é com ele. Rock não é coisa do diabo?

•

Eu queria um disco de rock'n'roll com arranjos classudos, passagens medievais à Rick Wakeman, solos de Jimi Hendrix e psicodelia. Os produtores foram rindo da minha cara quando descobriram que eu dispunha de 500 reais mensais para tocar o barco.

Comecei gravando bandas que não sabiam gravar. No meio do disco, vieram com a ideia de recheá-lo com punk rock.

— ... Me desculpe, mas ponha o punk rock na lixeira da história!

Acabei gravando uma banda punk cujo vocalista se achava o novo Renato Russo. Como o CD nunca saía, passei a ouvir o CD-master em todo tipo de aparelho, inclusive no toca-CD do carro. Foi assim que descobri um furinho na última música. Um parto difícil! Deu um trabalho dos diabos clonar o disco e salvar a música do Marssal.

Assim foi feito o disco de rock'n'roll.

Quando tudo estava pronto, um dos talentos de Brasília simplesmente ignorou a gravadora. E o que a gravadora fez? Cortou a música de abertura! Quando os caras da banda viram o CD, veio a pergunta:

— Cadê a nossa música?

Perguntem ao vocalista, que não passou o fax liberando a tradução para o inglês de "Balada do Louco" — uma versão que ninguém lhe pediu para fazer. Assim, perdi mais grana.

Rock'n'roll é coisa do diabo e do capeta! E não se meta nessa parada de porco.

• •

Décadas e dias de rock

Se for para sair de casa só para fazer número, prefiro continuar sozinho. Muito menos vou a um bar com música quando os caras parecem estar doidos. Desde quando uma banda ficou mais importante do que falar pelos cotovelos?

Fui reencontrar meus amados amigos e, logo de cara, entrei em rota de colisão com eles, como se tivesse passado todos esses anos acumulando rancores. Mas sei que sou um demagogo e, no final da pelada, estávamos todos rindo, como se nada tivesse acontecido.

Foi como largar os cabelos na pia, não dar descarga e sair por aí sem cueca, sem lenço e sem documento.

Me pediram a ponta de um baseado. Respondi na lata:

— Vocês não sabem que agora eu sou evangélico?

Um amigo recente resumiu a situação:

— Esse Mário é engraçado.

Talvez essa seja a magia do reencontro: décadas inteiras cabem numa mesa de bar. Basta juntar os velhos amigos, abrir a boca e, de repente, estamos todos de volta ao mesmo lugar. O tempo passa, os cabelos caem, as manias permanecem e a gente continua se estranhando pelas mesmas bobagens. Ou por outras, que também não fazem a menor diferença.

São décadas e dias que, vistos de perto, parecem ontem. Vistos de longe, talvez estejam mais próximos do fim do que do começo.

Por isso, vamos aproveitar. Sem cerimônia, sem essa obrigação de fazer número, sem fingir que somos melhores do que fomos. Vamos fazer aquilo que sempre fizemos: uma festa com excessos.

Porque, depois de tanto tempo, reencontrar os amigos é também reencontrar os malucos que fomos — e descobrir, com algum espanto, que eles continuam todos aqui.

• • •

Dias de Rock

Naqueles dias, meus sapatos eram gastos. Lembro-me bem deles. Às vezes, minha chefe me presenteava com camisas sociais que haviam pertencido ao marido, um delegado. De vez em quando, ele próprio me levava até a delegacia, lá na ponta da Asa Norte, para

me mostrar a cela, sempre abarrotada de gente. Era uma espécie de passeio educativo, suponho.

Enquanto isso, eu sonhava com meu caminhão-palanque. Passava horas recolhendo parafusos e porcas, guardando tudo num saquinho, catando retalhos de madeira e latas de tinta usadas no meio do entulho. Emendava metros de fios, improvisava o que podia e alimentava a fantasia de que, um dia, conseguiria tirar um rock daquilo tudo, ali mesmo, no quintal de casa.

Brasília, autoproclamada Capital do Rock, fervilhava de versões alternativas do célebre cantor e compositor Renato Russo. Em cada esquina, em cada mesa de bar, parecia existir um vocalista em potencial, pronto para conquistar o mundo. Muitas das boas bandas que começavam a despontar tocavam Legião Urbana, cada uma reinventando aquelas canções à sua maneira. Era uma época de descobertas, pretensões, talentos e, sobretudo, sonhos.

Nos dias de folga, calçando meus velhos sapatos, eu caminhava pelo Conic à procura de uma mesa onde pudesse tomar uma cerveja solitária e, quem sabe, disputar uma partida de palitinho. Bastava alguém soltar a senha mágica — "ele mexe com música" — para atrair uma procissão de compositores inexperientes, todos carregando seus projetos, suas certezas e suas promessas de sucesso.

Eu ficava ali, beiçando a cerveja, ouvindo torrentes de sonhos embalados por uma nuvem de cifrões. Os rapazes falavam de bandas, repertórios, equipamentos, gravações e carreiras meteóricas. Eu escutava, perguntava, levava a conversa a sério. Afinal, conhecia aquele território. Também já havia habitado aquele mundo em que a imaginação não encontra obstáculos, até o momento em que a realidade apresenta a conta.

Depois de muita conversa, chegava a hora da despedida. Então eu explicava, com a maior honestidade possível:

— Olha, existe uma estrutura e energia elétrica. Os ensaios só podem ser aos sábados, depois das 14 horas. É isso que eu posso oferecer a vocês.

O semblante mudava imediatamente. A empolgação dava lugar à tristeza, o entusiasmo murchava, e meu interlocutor se despedia como quem acabara de receber uma sentença. Esperava outra coisa: que eu bancasse os equipamentos, patrocinasse a aparelhagem, financiasse a banda que ele ainda estava tentando tirar do papel.

Eu odiava aquele momento.

Não era difícil entender a decepção. Os sonhos daqueles garotos haviam sido, um dia, os meus. Eu sabia o que significava não ter dinheiro para comprar o equipamento, não dispor dos meios necessários, depender de uma oportunidade que nunca chegava. Sabia como doía descobrir que a vontade, por maior que fosse, não pagava a conta.

E lá ia eu, depois de mais uma conversa, remoendo a culpa:

“Porra, desiludi o menino. Agora ele deve estar pensando: ‘O cara não quer me patrocinar...’”

Talvez não entendesse que eu não estava negando um sonho. Estava apenas dizendo, do meu jeito, até onde podia chegar.

Porque uma coisa é abrir o quintal, oferecer espaço, energia elétrica e um horário para ensaiar. Outra, bem diferente, é assumir o sonho alheio como se o mundo estivesse à venda para quem soubesse tocar três acordes e tivesse uma boa história para contar.

Eu também tinha meus sapatos gastos, minhas porcas, meus parafusos e meus retalhos de madeira. E, quando comecei, ninguém me entregou o rock de bandeja.




W.C.
EDVAR 93'

1996

DÊ-ME UM POUCO DE VERDADE

Como era ter um palco? Argemiro, estudante da Escola Parque, falou-me de um caminhão-palco onde, possivelmente, o Aborto Elétrico teria tocado. O veículo havia sido deslocado para o Guará a fim de receber uma reforma no piso, mas os alunos nunca conseguiram juntar o dinheiro necessário. Enquanto isso, a outra parte da QE 40 começava a ser asfaltada. Antes que a Novacap recolhesse o caminhão para transformá-lo em entulho, numa blitz espetacular, nós o trouxemos para casa.

Argemiro planejava encenar capítulos da Bíblia. Mas o marceneiro José Castilho autorizou que empurrássemos o caminhão ladeira abaixo. A duras penas, fomos montando a aparelhagem. Com aquela parafernália de imagem e som, utopicamente, passamos a fazer nossas jams.

18 DE JANEIRO

LEGIÃO URBANA EM ESTÚDIO

A Legião Urbana volta a gravar. Em estúdio desde a última segunda-feira, a banda brasiliense já tem prontas metade das músicas que farão parte de seu oitavo disco. Entre elas, as inéditas "Leme/Leblon", "O Livro dos Dias" e "Música Para Reconstrução de Cidades". Quem está produzindo o disco é o guitarrista Dado Villa-Lobos, que, nas horas vagas, acumula a função de dono do selo Rock It!

31 DE MARÇO

MUTANTES ANDAM MEIO ENDEUSADOS

Tropicália revive em série de homenagens ao grupo dos anos 60.

7 DE ABRIL

ATÉ QUANDO ESPERAR?

Os roqueiros de Brasília estão bronqueados com o governo do PT, que há mais de um ano não oferece espaços para as bandas tocarem. Com a falta de estímulo e apoio, muitos grupos acabam e estúdios fecham, enquanto o governo alega falta de recursos para dar uma casa para o rock.

ABRIL

MAMONAS: DO LÚDICO-CHULO AO BURLESCO IMORTAL

Roberto Gicello

À medida que a poeira emocional baixa, a trágica e prematura morte dos Mamonas Assassinas torna-se cada vez mais objeto de discussão. Qual seria a importância dos rapazes para a formulação do imaginário do povo brasileiro, principalmente de suas gerações mais novas?

Depois que inventaram a mass media, o limite entre o público e o privado tornou-se, invariavelmente, mais tênue. A morte — às vezes ao vivo e em cores — de pessoas de enorme projeção torna-se quase tão eivada de comoção quanto o desaparecimento de um ente familiar. Exemplos? Kennedy, Lennon, Daniela Perez, Senna e por aí vai.

Estranhamente, não sabemos entender por que muitos de nós só hoje, depois que o avião em que viajavam se espatifou na Serra da Cantareira, resolvemos prestar atenção no que eles representavam.

Quando a namorada do vocalista Dinho disse, durante os funerais, que “não poderia ser diferente”, a moça não quis ser ambígua no desabafo, nem dizer que a culpa fosse do destino. Acontecer... acontece. Mas eles não eram apenas um grupo de rock: eram um fenômeno nacional.

A rebeldia peculiar das crianças e dos jovens percebeu isso antes. Palavrão por palavrão, todo mundo fala. Nos colégios, nas ruas, nos campos de futebol, em qualquer lugar. O problema é que os canais de comunicação mudaram. A mensagem deixou de ser o privado hipócrita e transformou-se em público e carismático, ainda mais se considerarmos que o vírus do humor desenxabido contaminou o país em menos de um ano.

Havia marketing? Havia contingências de mercado envolvendo tanto sucesso? É claro que sim. Mas havia também uma mensagem subterrânea nas letras do grupo, que poucos se preocuparam em decifrar antes do desfecho da tragédia. Sarcasmo bem alto-astral ad aeternum. Sem contar que eles faziam rock'n'roll operário de primeira, cantado em português por saudáveis mancebos, filhos de trabalhadores comuns.

Descabido seria compará-los aos Beatles, recaindo em bufonaria demagógica, como fez um ex-candidato a governador, ombreando-os a Tom Jobim.

Evidentemente, entre os garotos de Liverpool e os de Guarulhos há pontos em comum: o sucesso rápido, a alegria e a espontaneidade. E a música “Eleanor Rigby”, por exemplo, que conta as desilusões de uma mulher tão solitária que passaria despercebida em qualquer quarteirão do mundo, pode perfeitamente emoldurar o avesso do universo dos Mamonas — óbvios demais para serem ignorados.

A comparação não passa de provocação, pois há parvos que nunca entenderam o inglês universal dos Beatles, assim como há os que jamais entenderão o sabor tupiniquim dos Mamonas Assassinas.

Apesar das palavras — e além delas —, resta o travo na garganta: por quê?

Os escritores edificam, mas nada constroem sozinhos. Gicello andou conosco num tempo de permanente esbórnia, num período anterior ao fim de alguma coisa. Algo, porém, permaneceu indestrutível: a memória. Num tempo sem egoísmo, dividíamos muito mais do que colunas. Dividíamos afeto, amor, respeito e loucuras proustianas com os amigos no Conic.

INSPIRADO NA ENIGMA RECORDS, PRODUZI O CD ONDE É QUE ESTÁ O MEU ROCK'N'ROLL?

Lá atrás, artistas mais velhos, muitos ligados ao desenho e à serigrafia, falavam da ideia de montar um selo com as bandas dos amigos. Então veio o alistamento militar e matou muitas dessas ideias rebeldes, antissistema. Ateliês, selos de fundo de quintal, rock de garagem, revistas, tabloides, experiências fracassadas e revoltas ficaram hibernando.

Cavalgava num sonho quando escutei uma voz:

— Arnaldo Baptista!

Assim ouvi falar de Arnaldo Baptista.

Meu veículo não utiliza carburadores (é elétrico).

Eu posso te mostrar o Se e você pode segui-lo.

Terças e quintas formam um acorde.

Dó-mi-bemol (sol), dó-mi-sol (dó), (dó) e (sol).

Arnaldo Baptista me encorajou a levar adiante nossa hipotética parceria em “Orgulho Humilde”. Eu faria a letra. Um pedaço dela existe, mas a coragem sumiu.

Beijo, Arnaldo lindo! Foi por essas que eu fui limado e fumado.

Eu queria um CD de rock'n'roll com arranjos classudos, passagens medievais à Rick Wakeman, solos pirotécnicos de Jimi Hendrix e psicodelia. Os produtores riram da minha cara quando souberam que o orçamento era de R$ 500 mensais para tocar o barco.

Comecei com bandas que não sabiam gravar. No meio do disco, sugeriram recheá-lo com punk rock:

— ... Desculpe-me, mas ponha o punk rock na lixeira da Heustória!

Acabei gravando uma banda punk cujo vocalista achava que era o novo Renato Russo.

Logo de saída, a pergunta: “Onde é que está o meu rock'n'roll?”. Será que essa frase poderia estar protegida? Queria a capa daquele jeito. Não tinha mais nenhuma grana e ainda precisava de meia hora de mixagem.

Costumava ir ao Edifício Pioneiras Sociais. Não gostava dali por motivos óbvios, mas tinha excelente trânsito para dar bom-dia a todos. De lá, atravessava para o SCS, o Setor Comercial Sul. Nas Lojas Americanas, comprava chocolate e, no primeiro prédio ao lado, o Edifício Infraero, dois roqueiros da pesada tiravam expediente.

Um deles era Célio de Moraes, com quem mantinha contato telefônico. O outro, meu xará Mário Linhares, de saudosa lembrança. Recém-chegado do Ceará, Mário era, segundo diziam, assessor do “Homem”.

Foi assim que conheci a fenomenal Khállice, banda em que ele cantava. Originalmente, o grupo cantava em português. Através da fita demo, saquei que eles seriam grandes.

O novo vocalista verteu as letras para o inglês. Por caprichos e pela falta de cessão formal à editora para a versão em inglês de “Balada do Louco”, *Madman's Lullaby* não abriu o CD-tributo a Arnaldo Baptista.

A Dabliú informou-me que Rita Lee havia lido a letra e, apesar de não ter curtido, liberado a versão. Entretanto, a autorização formal jamais chegou ao escritório. No último minuto, a gravadora limou a faixa de abertura.

Little Quail queria abrir o tributo, mas Andy Costa, o chefão, disse que eles ficariam bem na sétima faixa. Assim, a cuidadosa seleção foi mutilada. Com o aborto de *Madman's Lullaby*, a grande privilegiada foi a Nata Violeta, que abriu o disco com o rockão “Sexy Sua”!

A letra vertida para o inglês podia não ser grande coisa, mas a interpretação de Mário Linhares foi avassaladora. É uma das músicas da gaveta que usamos na rede. Tenho em VHS alguns minutos de *Madman's Lullaby*, com a Khállice ao vivo no Teatro Garagem.

Com tudo pronto, um dos talentos de Brasília simplesmente ignorou a gravadora. E o que a gravadora fez? Cortou a música de abertura! Quando os caras da banda viram o CD, veio a pergunta:

— Cadê a nossa música?

Perguntem ao vocalista, que não passou o fax liberando a tradução para o inglês de “Balada do Louco”, algo que ninguém lhe pediu para verter. Assim, perdi mais grana.

Rock'n'roll é coisa do diabo e do capeta! E não se meta nessa parada de porco.

Para projetar os participantes do tributo a Arnaldo, eu aproveitava os espaços que conseguia para divulgar notas. O problema era que as bandas indies de Brasília queriam

que eu falasse delas. Naquela época, eu já achava um abuso ter de ir aos shows e, sem trocadilhos, falar o que realmente pensava das bandas.

Durante o período das gravações, Renato Russo morreu. Um press release que recolhi foi utilizado na íntegra por um jornal. Nem citaram a fonte!

"A fonte é a mão do Renato Russo."

Mais uma vez, aprendi as bandidagens do rock'n'roll. Ainda bem que eu havia enviado uma cópia clara do press release. Com gases nobres n'alma, parei de colaborar.

Meu nome ainda constava entre os colaboradores, mas eu tinha de tomar conta do CD e mandar matérias por fax. Duas coisas que não podia fazer.

Geraldo Ribeiro, técnico do Estúdio Artimanha, foi um dos craques da espinha dorsal do projeto Arnaldo. Quando nos ofereciam um som mais compacto, acontecia uma gravação mais despojada, crua e nua, em que podíamos registrar desde discos voadores até elevadores subindo no Radio Center.

Numa tarde, gravamos as vozes da banda de blues Ligação Direta. Geraldo tascou:

— Vamos todo mundo fazer o coro, pois no coro não precisa ser afinado!

Ele traduziu e gravou nossa atitude e realidade para a posteridade.

NA SURDINA

"Sr. Empresário" — então, eles queriam gravar a música inédita do disco-tributo a Arnaldo no disco solo deles. Com a ajuda de uma fã, consegui o telefone do flat dos caras, bancado pela Virgin, no Rio de Janeiro.

Felipe Caduco telefonou para eles, pedindo que não fizessem aquilo que pretendiam.

— Como foi que você ficou sabendo?

Concluída a gravação da bela voz de Célia Porto na balada "Garupa", Rênio Quintas foi enfático:

— Preciso do meu instrumento de trabalho amanhã!

Para transportar o piano do Zen Studio para o SCS, foram convocados os colegas Inácio Claro, ajudante, e o motorista, doutor Marcão, na Belina de quatro portas.

Estacionamos na vaga reservada ao bombeiro. Ao abrir a porta, o mecanismo emperrou. Com uma caneta, conseguimos fazê-lo voltar a funcionar, mas tornou a travar. E o piano foi subido ao Ponte Studios.

Das três partituras, a mais estruturada era "Dança de Um Outro Tempo". Naqueles idos, era difícil encontrar alguém que tivesse piano e soubesse ler partitura. Rênio Quintas executou a peça. Só então ouvi a música e tentei guardá-la na cabeça — o que não consegui.

O próprio maestro escolheu a que considerou a melhor. Ao tocá-la, comentou que a notação da partitura era improvável para uma criança de sete anos. "Dança de Um Outro Tempo" foi a última música a ficar pronta.

Veio pronta, gravada em fita DAT, e eu não paguei! Cortesia e ato extremo de fé de Bruno Wambier.

A versão de Rênio era acústica; a que saiu no disco ficou mais industrial, tanto pela qualidade da gravação quanto pelo timbre do teclado utilizado. Arnaldo Baptista, ao ouvi-la ainda no cassete, disse que sonhava com aquela música e que "não se lembrava da segunda parte!".

Imprimir uma imagem a partir de um Zip Drive custava uma grana. O encarte foi impresso duas vezes. Finalmente, o material seguiu pelos Correios.

Foi quando me disse:

– Saia dessa vida!

E me ouvi pela primeira vez.

O parto durou 24 meses. Joguei tudo nas mãos de Satã. Agora é com ele... Rock não é coisa do diabo?

E não é que o diabo resolveu?

O disco seguiu para a gravadora. Joguei o jogo dos empresários e dos advogados: empatei.

– O CD-master sumiu!

– Se vocês não adiantarem as luvas, podem esquecer.

Foi assim que consegui cobrir o telhado da nossa casa. Minha mulher começou a respeitar minhas loucuras com tendência suicida.

Como o CD nunca saía, passei a ouvir o CD-master em todo tipo de aparelho, inclusive no toca-CD do carro. Foi assim que descobri um furinho na última música. E foi um parto difícil cloná-lo e salvar a música do Marssal. Mais uma vez, o CD de rock'n'roll foi reenviado.

Jornais vendidos, como a *Folha de S.Paulo*, vetaram meu nome nas matérias. Em Minas Gerais e no Paraná, meu nome ainda saía à luz do dia.

E, quando o CD finalmente chegou, olhei para a contracapa: adulteraram o encarte. Nem sei como meu nome não foi degolado também. Na contracapa, haviam apagado a fotografia de Sérgio Dias com a mão apoiada no ombro de Arnaldo, no Anhembi, em 1978.

Quinze anos depois, quando tive a oportunidade, mandei a pessoa se foder. Ouvi tanta barbaridade que até hoje ela não entende por quê.

A BOMBA PARA O TEMPO

Rock'n'roll é muito louco e ilusório. É quase impossível imaginar que seria possível recuperar a chama de vinte anos atrás, uma chama clara de álcool e futum.

1... 9... 9... 6...

Os botões da máquina do tempo são acionados e voltamos a uma época em que não existia metrô e o ônibus era o principal meio de deslocamento.

Reuníamo-nos nos arcos acidentais das arcadas do Conic. Nas sextas-feiras, já tínhamos uma ideia do que aconteceria no dia seguinte. Os carinhas e as minas se encontravam para trocar informações e impressões sobre as novas bandas do Entorno e aumentar suas coleções de demotapes: Rumble Fish, Capim Seco, Rumores de Garagem e outras.

Gostava-se muito de Guns N' Roses, Ratos de Porão, Ramones...

Aos sábados, a rapaziada se reunia no Conic. Nas duas lojas de rock, a Head Collection, de Fellipe CDC, e a Subway, de Eduardo, assistiam a vídeos e acompanhavam as entrevistas com a galera num programa local, exibido no canal



2.

Os shows de hardcore, punk rock, pós-punk e thrash aconteciam, em sua maioria, no Conic, no Galpãozinho do Gama, naquela área da Funarte, na Zoonna Z e no Gran Circo Lar. A turma comparecia a todos os festivais que faziam parte da cena local.

O MAP – Movimento Anarco Punk – era composto, em sua maioria, por punks e góticos. Foi importante porque seus integrantes começaram a compreender melhor os problemas sociais. As músicas daquela época fazem parte da vida deles até hoje. Nasceram amizades longas, que permanecem e continuam rendendo histórias.

A rapaziada descia para o Gran Circo Lar para mais um sábado de som, com produção de Ronan. Naquele sábado, o show seria do Sarcófago.

Lembro que rolou uma briga de ringue cabulosa numa gig no Gran Circo Lar. Que show foi esse? Quem estava envolvido? E, além dos hematomas, o que restou daquele dia?

– Primeiramente, quero deixar registrado neste fanzine que devo minha vida ao Julião. Foi ele quem me tirou do quebra-pau. Na época, eu era punk e fomos inventar de ir a um show de metal, do Sarcófago, produzido pelo Ronan. Aí os seguranças, que eram da Gemini, uma empresa ridícula, começaram a bater em todo mundo, sem a menor dó nem piedade. Enfim, resultado: fiquei em coma dois dias. Os headbangers levaram muita porrada, os punks levaram bicudos, e ninguém fez nada. Foi aí que me toquei de que movimento que corre de segurança não tem estrutura para enfrentar uma revolução armada. (Gargalhadas, sem samplers!) Isso foi naquela época, pois recentemente os punks do MAP

enfrentaram a polícia em frente ao Congresso. O Eduardo, da Subway, disse que eu mudei depois de tomar as pancadas na cabeça.

FRANGO resolveu poupar alguns nomes envolvidos na confusão do Gran Circo Lar.

Outro empresário-produtor que se destacava era Marcão Adrenalina, com a banda Sem Destino, que assinava com o selo de Vitor. A Berlin Discos havia lançado o CD do Oz, numa produção caríssima.

Na Subway, eram rodados e editados os clipes das novas bandas, além dos projetos *Terapia, Imagens e Distorções*. As entrevistas eram exibidas na televisão, num programa aos sábados.

Havia também a ata laudatória dos pioneiros roqueiros da ACBRock — Associação Cultural Brasiliense do Rock.

Death Slam e seus zines de papel, os zines góticos do Entorno, a cena do Guará no Miquere Rock.

Os shows das novas bandas punks nas Terças Garagem.

Raimundos atingia o ápice da onda de sucesso, para depois cair. Renato Rocha voltava a Brasília e se apresentava com a Vernon Walters. 1996 também foi o ano trágico da morte do poeta mais conhecido da geração mimeógrafo de Brasília, Renato Russo.

Ainda aconteciam os festivais no Garagem, com o pessoal do X-Tudo, caderno cultural do *Correio Braziliense*.

Imperdíveis eram os acústicos do programa radiofônico Cult 22, na Rádio Cultura, e a putaria convicta do fanzine do Tubá.

A BOMBA!

Um nome explosivo como esse só poderia ser coisa de maluco. Foi quando me disseram:

— É uma banda de rock blues. Você vai gostar.

E eu segui o pavio dessa explosão.

A banda se apresentou no Mississipi Club, ao lado da Alto QI, no *Clube do Blues*. Eu estava alto como uma pipa, com mais de quatro tonéis na cabeça.

Tempos depois, fomos para o estúdio tentar gravar aquele som, mas a banda ainda era verde para estúdio. Sobrou uma fita cassete com Valdeci. Joubert Melo, Vladimir Soares e Fábio Caldas, na bateria, estavam no estúdio quando tentamos gravar.

A Bomba gravou uma demotape e explodiu pela primeira vez quando o vocalista Alcebíades se mudou para Belo Horizonte. Cláudio foi chamado para assumir os vocais, e a banda gravou um vídeo em VHS, formato que tornava a divulgação bastante cara.

Alcebíades, conhecido vocalista da cena metal dos anos 1980, agora cantava hard rock em português. Caldas, o baterista, tocava o mesmo estilo com outros conhecidos. Valdeci, o baixista, era o fã mais expansivo e agitado da Patrulha do Espaço. Acho que a banda era ideia dele, um sonho.

Nas guitarras gêmeas estavam Vladimir e Joubert. Geograficamente, eram os mais próximos de nós e, por isso, acompanhávamos seu desenvolvimento, compartilhando amigos e discos da cena heavy de Brasília dos anos 1980.

Por último, outro menino do Guará, Tiago Rabelo, também tocou bateria com eles.

A maior onda de loucura aconteceu com Alcebíades nos shows do Garagem e do Buraco do Tatu. Foi o auge da segunda onda do rock de Brasília, abreviada pela morte do poeta.

A Bomba ainda tentou se manter com novas sessões em estúdio e com o clipe, mas o momento escorregou pelas mãos.

A Bomba foi um dos capítulos cruciais do rock de Brasília naquele ano de muita efervescência cultural.

A BOMBA: BREVEMENTE VOLTOU, MAIS RÁPIDA E, LOGICAMENTE, MAIS PESADA

A Bomba era grande fã de bandas paulistas como Made in Brazil e Patrulha do Espaço. Em reverência ao som delas, surgiu tocando material próprio e versões dessas bandas.

Praticamente, o repertório da Bomba era formado por seis canções autorais e duas versões: “Uma Banda Made in Brazil” e “Jeito Agressivo”.

Claro que ainda não havia o entrosamento de vinte anos atrás, mas aquela fagulha do início do texto continuava ardendo. No estúdio, a reverberação dos oldies rock'n'roll batia nas paredes e chegava direto ao coração.

Os solos estavam mais rápidos, com mais notas e mais peso. Falta tempo, sobra paixão.

Alcebíades, mais uma vez, mergulhava de ponta-cabeça no rock'n'roll. Estamos felizes porque quase toda a tripulação continua viva, reunida e ainda atrás de cerveja e adrenalina.

14 DE JULHO

LEGIÃO ETERNA

A cultura brasiliense comemora os dez anos da obra mais vendida de seus 36 anos de história: *Dois*, segundo disco da banda de rock Legião Urbana, lançado em julho de 1986 e que atingiu a marca de 1 milhão e 100 mil cópias vendidas.

ROCK E NOSTALGIA

A foto que ilustra o encarte do disco *Dois* foi feita no Rio de Janeiro. Os modelos são o próprio baterista da Legião e uma amiga-namorada de Marcelo Bonfá, Érica.

RAZÕES DO CORAÇÃO

O casal Eduardo Chaperman e Mônica Lavareda, homônimos dos personagens da música do *Dois*, imprimiu um trecho da letra no convite de casamento.

O HOMEM DE CINCO MILHÕES DE DISCOS VENDIDOS

Como de costume, recolhi os jornais do final de semana no gabinete e encontrei a matéria *O homem de cinco milhões de discos vendidos*.

Em entrevista exclusiva a Teresa Albuquerque, o vocalista da Legião Urbana fala de sua depressão clínica e da relação com a cidade onde passou a adolescência:

“Tenho ótimas recordações de Brasília, mas também foi o lugar onde tive minha última recaída”.

Rio de Janeiro – Renato Manfredini Júnior nasceu no Rio de Janeiro poucos dias antes da inauguração de Brasília. Mas foi na capital sonhada por Juscelino Kubitschek, onde viveu dos 11 aos 25 anos, que o menino gordinho de óculos descobriu o rock'n'roll e realizou seu grande sonho. Maior letrista e cantor de rock do país, o trovador solitário já vendeu cinco milhões de discos.

Poeta elogiado por Chico Buarque, Renato Russo diz que “é do bem”. Sensível, parece sentir as dores do mundo. Não gosta da situação brasileira, sofre pelas enchentes, pela chacina dos sem-terra e com sua dependência do álcool.

Depois de dois anos e meio longe das bebidas, Renato teve uma recaída na última vez em que veio a Brasília, em maio do ano passado. No avião, viu o carrinho de drinques e não resistiu. Bebeu. Dói até hoje.

Em depressão clínica, ele vê tudo negro. Foi assim no dia em que recebeu o *Correio Dois* para uma conversa de mais de uma hora em seu apartamento, no bairro de Ipanema. Russo estava visivelmente abatido enquanto falava sobre o país, sua recaída na bebida e assuntos como a morte dos Mamonas Assassinas.

Quando a conversa mudou de rumo e chegou a Brasília, o clima era outro. Bem melhor.

As lembranças da infância e da adolescência na cidade são agradáveis. Renato Russo fala com carinho de pessoas e lugares de Brasília, além das bandas do início dos anos 1980.

"Plebe Rude era a minha favorita. Escola de Escândalo e Elite Sofisticada também eram boas. Tirando a parte das drogas, foi um período muito bom. O que a gente fazia era muito legal", diz o vocalista.

Mostrei a reportagem, de página dupla, à Maga. Ela a leu atentamente e, antes de terminá-la, fez um comentário impactante, desconcertante, que caiu como uma bomba em meu colo. Constrangido pelo assombro da observação, contestei suas palavras. Ela não deu muita bola à minha réplica.

Três meses depois, a observação de Maga deixou de ser um vaticínio para se transformar na mais angustiante das notícias: Renato Russo morreu de Aids.

Com nome de personagem de gibi, Maga Magalhães era assessora de comunicação do GDF. Nordestina, de pele clara, talvez cearense, conquistava as pessoas possivelmente pelo olhar, que transmitia uma fibra de flagrante presença, como mulher e como profissional.

Apesar da cultivada inexpugnabilidade, ela, como todo ser humano, também tinha momentos em que suas defesas eram rompidas pela necessidade de se livrar dos prolongados silêncios e do pesado fardo de problemas pessoais não compartilhados.

Deixa estar que ela, intuitivamente, encontrou em mim – logo em mim! – alguém que lhe transmitia confiança e seriedade suficientes para um desabafo. Talvez o retrato em preto e branco do filho rebelde. Ela já percebera também que eu nunca fui de captar considerações alheias nem blablablás de corredores.

Quer dizer, ainda que minhas manias e meu olhar de "Lucy in the Sky With Diamonds" denunciassem o contrário, acho que enxergou lealdade e até cumplicidade em meus olhos.

Voltando às dolentes inconfidências de Maga, ela me contou algumas histórias e estreitou a conversa até chegar aos seus sofrimentos como mãe.

Maga era próxima de Renato Russo e foi a primeira – e única – pessoa que me disse que Renato estava com Aids. Fez isso na mesma hora em que leu a matéria, antes que a maioria absoluta das pessoas soubesse.

Contou-me que, quando estudava com Renato no Ceub, ele ia até sua casa e, nessas ocasiões, apresentou seu filho. Tanto assim que o menino também morreu.

De quebra, para a tragédia não ser só tragédia, o resultado dos exames dele foi vazado.

Saquei que havia em suas palavras também um toque sutil para que eu tivesse muito cuidado em não magoar minha mãe. Ela me contou como os mais sagrados protocolos eram

implodidos por pessoas “acima de qualquer suspeita”, entre outras experiências e lições de sabedoria.

19 DE JULHO

LEGIÃO CONTRA MAUS-TRATOS ÀS CRIANÇAS

Programado para setembro, o novo disco da Legião Urbana promete três petardos que devem manter o grupo no topo do BRock. A sensitiva “Esperando Você”, o single de trabalho “Via Láctea” e “Dezesseis”, uma saga com o impacto narrativo de “Faroeste Caboclo” e “Eduardo e Mônica”, contam uma trágica história adolescente com sabor de James Dean.

A capa terá o modelo artesanal de cartolina de *Equilíbrio Distante*, o best-seller solo de Renato Russo. No encarte, o compositor defende uma nova causa: a das crianças espancadas, da favela à classe alta.

23 DE JULHO

É OURO!

A PolyGram solta foguetes.

Cássia Eller finalmente decolou comercialmente. O álbum *Ao Vivo*, registro do show *Violões*, apresentado em maio na Villa-Lobos, já vendeu mais de 100 mil cópias, conferindo à cantora brasiliense seu primeiro disco de ouro.

Para comemorar a conquista, Cássia se apresenta nos dias 26 e 27 próximos, no Metropolitan, no Rio de Janeiro.

(Irlam Rocha Lima)

11 DE OUTUBRO

MORRE RENATO RUSSO: “HOJE A NOSSA TRISTEZA É TÃO EXATA...”

Renato Russo ✯ 1960 / † 1996

Após vários dias de recolhimento, durante os quais não se alimentou e manifestou sinais de depressão profunda, morreu na madrugada de 11 de outubro, no Rio de Janeiro, o cantor e compositor Renato Russo, da banda Legião Urbana.

Segundo o atestado de óbito, a morte foi causada por septicemia, broncopneumonia e infecção urinária. Ele tinha Aids havia seis anos. Russo, que morreu aos 36 anos, deixa um filho de sete, Giuliano.

Daniela Mercury, sua admiradora, lembrou-se de uma de suas composições: “Hoje a nossa tristeza é tão exata...”.

O compositor quebrou o silêncio em julho, numa entrevista publicada no caderno *Zap!*, do *Estadão*, por ocasião do lançamento do mais recente disco da Legião Urbana, *A Tempestade* ou *O Livro dos Dias*.

“Gravamos 25 canções, mas daí nos tocamos da inviabilidade de, num último disco de um contrato, lançar um álbum duplo. A gente pretende voltar a tocar, em palcos altos e lugares grandes, assim que passar todos esses meus problemas.”

Quais problemas? Renato não quis revelar, mas deixou uma pista:

“Estou me tratando com meus remédios e fazendo análise.”

Renato era um poço de arcanos monossilábicos, esfíngicos, ocultos por uma inexpugnável mesmice blasé. Para completar, uma tosse insistentemente entrecortava

suas derradeiras entrevistas, e os repórteres esperavam pacientemente a crise convulsa dar uma trégua para continuar o trabalho.

Aliás, não há notícia de uma pessoa sequer que o tenha encontrado nos últimos tempos sem vê-lo doente, gripado, soluçante ou combalido pela depressão. Isso intensificou a onda de boatos a respeito da morbidez de seu estado de saúde.

• **Sua sensibilidade** – extrapolava a lama. Era um nervo exposto da juventude, pulsando rock.

• **Herbert Vianna** – descreve sua personalidade multifacetada: sombrio e solar, dócil e turbulento.

19 DE OUTUBRO

LEGIÃO URBANA CHEGA AO FIM DEPOIS DE 12 ANOS

Líder do grupo pensava em regravar trabalhos de Beto Guedes e Lô Borges.

RUSSO ESTÁ NA GALERIA DE POETAS ATEMPORAIS

Renato Russo marcou a geração dos anos 1980. A terra que chamou de país do futuro engoliu mais um profeta da miragem.

Em Brasília, berço da Legião Urbana, ficou a pergunta: "O que será do rock da cidade depois da morte do cantor e compositor?"

Cantor virou signo de promissão pelo avesso num punhado de canções indignadas. Em outubro de 2008, a revista *Rolling Stone* promoveu a lista dos Cem Maiores Artistas da Música Brasileira, na qual Renato Russo ocupa o 25º lugar.

SOLIDÃO E TRISTEZA ERAM COMPANHEIRAS DO CANTOR

Ele não curtia badalação ou assédio e, quatro meses antes do desfecho de sua luta contra a doença, cantava sozinho e bebia muito no bar Paz e Amor, que frequentava.

ADEUS, RENATO RUSSO

As cinzas de Renato Russo foram espalhadas por seus pais no jardim do sítio do paisagista Burle Marx, no Rio de Janeiro. Entretanto, ele ficou sem realizar seu último desejo: suas cinzas foram depositadas onde desejara, mas sem as flores que fazia questão de ter por perto.

CONFISSÕES DE UM JANOTA

Eles, da minha idade, eram punks cabeludos que curtiam Stranglers e Ramones. Usavam coletes rasgados e gravatas. No *Jornal de Música* vinham as últimas do *Melody Maker*. Eu carregava uma caderneta. A onda do barato era cola e benzina.

A banda deles, que era inspiração para nós, lançou seu disco.

"Temos que melhorar. Ensaiar mais. No disco deles é tudo bem tocado, eles aprenderam."

Foi o comentário do mestre da guitarra.

Envelheci aos 21 anos, vivia a letra de "Ainda É Cedo" e larguei tudo. Era muita responsabilidade.

Durante a vida em Teresina ou em Buenos Aires, quando eles tocavam na rádio, meu coração apertava e eu só pensava em voltar para casa.

Uma banda que é odiada assim só pode ser boa.

Um dia, sonhei que Renato Russo cantava no disco-tributo de Arnaldo Baptista! A canção “Singin' Alone” – e como era bonito, intenso e solitário – era uma música que só Renato Russo poderia ter cantado!

Ainda criança, Renato escreveu uma redação para a escola, intitulada *Casa Velha em Ruínas*. As tragédias pessoais de cada um às vezes são anunciadas, despercebida e antecipadamente, em pequenos cacos de arte espalhados pela estrada.

A certa altura da redação, Renato escreve:

“A escuridão nos impedia de continuar. Tivemos de quebrar as telhas que ainda estavam penduradas no alto, para que fosse possível a entrada da luz do sol que não brilharia por mais tempo.”

20 DE OUTUBRO – O GLOBO

LITTLE QUAIL VENCE A DEPRESSÃO COM UM BEIJO

Após ficar sem gravadora, o Green Day de Brasília volta a fazer barulho com disco novo.

1º DE NOVEMBRO

LEGIÃO NA REVISÃO

A cantora brasiliense Célia Porto saiu na frente. Conheceu Renato Russo no Prêmio Sharp de 1994 e, desde julho, prepara com o tecladista Rênio Quintas seu *Célia Porto Canta Legião Urbana*. O CD já está na boca do forno.

CAZUZA CAI NA TEIA VIRTUAL

Família lança site do compositor com 17 letras inéditas. Gilberto Gil, Scarlet Moon e Ney Matogrosso prestigiaram o lançamento do site de Cazuza na internet.

Produção: RC

TEMPORADA



A banda Afrodisia anima as noites de domingo com o reggae de raiz e dancehall no térreo do Kingstown Hotel

Reggae afrodisíaco em Taguatinga

O reggae continua embalando as noites de domingo no Gallu Vídeo Pub, em Taguatinga, durante todo o mês de julho. Com o sucesso da temporada do projeto *Venha Dançar* no mês passado, a banda Afrodisia estende a festa-show por mais um mês, às 20h, no Térreo do Kingstown Hotel.

O show traz algumas composições da banda, como as recentes *E o Vento Levou* e *É Como o Pulso Sangrar*, e canções do mestre Bob Marley. Mas a banda aposta mesmo é no *roots*, no som de raiz da Jamaica.

Roots é a palavra-chave para o grupo, que agora conta com duas *backing vocals* — Georgia e Indiana. "O trabalho está ainda mais próximo do som jamaicano, do reggae de raiz, mas a gente tem alguns *raggamuffin* também, como *Bsb By Night* e a versão de *Nego Dito*, do Itamar Assumpção", diz o vocalista Marcos Assunção.

Completam o time o baixista Roberto Nascimento, o guitarrista Eduardo Brito, o baterista Ronaldo Gaffa, o tecladista Daniel Baker e o percussionista Hélio Franco. Apresentador do programa *Radiola Reggae*, da Cultura FM, Hélio também comanda o som mecânico no pub, antes e depois do show. Os ingressos custam R$ 3.

SUPERSÔNICAS TÁRIK DE SOUZA

Fernando Rabelo — 9/8/96



Legião na revisão

A cantora brasiliense Célia Porto saiu na frente. Conheceu Renato Russo no Prêmio Sharp de 1994 e desde julho prepara com o tecladista Rênio Quintas o seu *Célia Porto canta Legião Urbana*. O CD já está na boca do forno.

Simone canta Martinho

Quando reclamou da falta de novos autores, a cantora Simone não imaginava que seria afogada por três mil fitas. Obrigada a adiar o projeto de inéditas, ela gravou este ano *Café com leite*, abordando o sambista da vez, Martinho da Vila. Produzido por Max Pierre e Moogie Canazio em estúdios de Nova Iorque, Londres, Los Angeles e Rio, o disco tem músicos do naipe de César Camargo Mariano, Heitor T. P., Dori Caymmi, Paulinho da Costa e faixas como *Disritmia*, *Canta, canta minha gente*, *Meu laralaiá* e *Beija, me beija, me beija*.

☐ Ao mesmo tempo, sai pela Sony, da mesma Simone, *Dos enamoradas* parcialmente cantado em espanhol. No repertório há de Carlos Lyra (*Cúando tu llegues*) a

ROCK BIRTHDAY

UM ANO DE A.C.B.ROCK E 37 DE BRASÍLIA

ATRAÇÕES:



VISUAL ARTS: 568.1198 (Jackon)

DIA 20 DE ABRIL ÀS 13:00

BURACO DO ROCK

PASSARELA DO TOURING/CONIC

TROQUE 2 Kg. DE ALIMENTO (ARROZ, FEIJÃO, AÇÚCAR, MACARRÃO OU 2 LATAS DE ÓLEO)
POR UM INGRESSO NA SUB-WAY ROCK 224-9822

APOIO: ADMINISTRAÇÃO BRASÍLIA CULTURA

RÁDIO CULTURA FM

GDF
BRASÍLIA DE TODOS NÓS

SECRETARIA DE CULTURA E ESPORTE

SETUR
SECRETARIA DE TURISMO - DF

997

La Revolucion

...MENOS CULTURA ...MENOS POLÍTICA ...MENOS ENCONTROS

Lembranças e saudades

2 ...MENOS CULTURA ...MENOS POLÍTICA

SAIDEIRA

Quando as portas fecham-se, é a hora de dizer adeus, fazer balanço e tomar a saideira.

As mesas atualizam o obituário desses dias turvos.

Sentados e atolados em dívidas estudamos a sinuca enquanto aguardamos uma linha de crédito ou o telefone.

– Onde está Vera? Alguém viu Vera?

Urinando ou molhando os pulsos, nos importamos muito com Vera, que pode ser qualquer um.

Essa fenomenal e bombástica e extraordinária pessoa (que pode ser qualquer uma) pede:

– Primeiro a saideira, depois o fisiologismo e a ideologia.

Mário Pacheco

Novembro, 1997

Guia do Antiquário

LIVROS - REVISTAS - DISCOs - CDs

Brasília - Distrito Federal - Ano 2 - Nº: 2 - 1996

Leia
Balada do louco
de Mário Pacheco
Livro sobre a vida de Arnaldo Baptista
(ex-integrante dos Mutantes)



Sub-Way Video Fone: 224 9822	MAPA DA FITA 2/3

DATA	ASSUNTO	TEMPO	CLIENTE Fone:
16/10/97	KASEIRO	__:__:__	MARIO PACHECO

A Magia da Índia

Importação



★ Roupas ★ Jóias
★ Objetos de Arte ★ Móveis
★ Perfumes ★ Insensos, etc.

Os melhores preços

406 Norte – Bloco "D" – Loja 10
Tel.: 340-1146 – Fax: 347-5121

1997

COMEÇA A SAGA DO CAMINHÃO DO ROCK

Foram os Paralamas do Sucesso que convenceram Dado a voltar a tocar em Brasília, nove anos depois do truculento show no Estádio Mané Garrincha. O guitarrista, que nunca mais havia pisado num palco brasiliense, saiu do Ginásio Nilson Nelson de alma lavada.

Joel me levou pelas mãos até a Chácara de Rikk, no Riacho Fundo. Foi assim que ouvi o som de uma nova banda, chamada ALÉM. Depois da audição, deu vontade de sair correndo pelos verdes dos campos. Toda a mitologia da estrada foi recapeada. Pisaram fundo. Levei-os algumas vezes para tirar som, mas eles estavam a fim de permanecer em casa.

Nos quatro anos seguintes, o duo ALÉM, formado por Cécé e Rikk Lee, experimentou suas longas suítes psicodélicas.

A primeira banda a tocar foi Todas as Tribos. Surfavam na onda do reggae e faziam sucesso. Não há filme nem fotografia daquele encontro. Lembro-me de Cleíton Roots com Zezinho Blues. Quem mais atuou naquela noite? O público invadiu o gramado e dançou. A poeira e a fumaça subiram. Narcisa Fonseca estava lá. Uma audácia. Rock preguiçoso e reggae, sem contradições.

Para movimentar a programação, foram convidados Lú Blues & Skaravelho. Depois veio Lú e Banda, com o excelente guitarrista Luís. O blues abriu espaço para os caçulas psicodélicos e para a grande escola do ALÉM: o duo Cécé e Rikk, de grandes exibições. Seus shows, entretanto, jamais ultrapassaram os limites das chácaras.

Outra banda pioneira naquele quintal, além do ALÉM, foi o Terno Elétrico. Não me recordo como foram convidados. Jean "Paice" tocou na bateria de Rikk. Também tentamos reconstituir o Extremo, convocando alguns músicos.

Making of

Tarde da noite, no quarto, o instrumento plangente é o teclado, e os fatos retornam em forma de recordação. No início, enquanto o acontecimento ainda é recente, você consegue recuperá-lo mentalmente durante um dia inteiro. Depois, fica a dúvida: esse acontecimento fará parte da história oficial ou merecerá uma reestruturação da memória?



Sua longevidade e resistência acabam por intrigá-lo.

Alinho um fragmento e registro vários períodos, entrelaçados na "espiral da elipse curta do abismo material": semanas de paixões, décadas de desilusão, tormento, crueldade e indiferença compõem a eternidade dos atos. Um relâmpago de soslaio regressa ao útero, à percepção eletricamente distorcida de Hendrix.

No presente, experimento memórias de décadas, dissecadas e analisadas com carbono 14, pois a existência dos males remonta ao Big Bang do meu ser ou ao tempo em que o *Homo habilis* começou a andar e caçar pelo hemisfério. Alguns desses males: desamor, solidão, inveja, ciúme, necessidade de

carinho e afirmação, fome de ajuda emocional. Indícios da aventura humana no Mar Morto, nos fósseis dos dinossauros, nos fragmentos do "bum" que deu origem à vida.

Um tempo marcado pela aflição desesperada de aprender e pelo desmoronamento que acontece no momento em que o ser consegue dar-se conta. Experiências que alimentam a sede de ser mais.

Emparedado por 46 anos, como o Bandido da Luz Vermelha. Escapar do incômodo e da incrédula oscilação que o tempo permite sob o humor. Evitar qualquer indício de lacuna, construir o alicerce da felicidade e guardar segredo: essa é a missão individual. Mas um dia a história ácida o reencontra, e o resto de nossas vidas é...

— Um último dia.

Essa retomada sentimental manipula fragmentos e, inevitavelmente, a música oferece suporte às situações e indagações:

— Quando aconteceu? Ouvia o quê?

O eco-som retorna por pífios segundos; a ansiedade é restaurada. Décadas conservam imagens que alguém pode cultivar como as de uma cobaia. Na estante atemporal, o arsenal abastece o arquivo virtual de uma memória vazia, ávida por preenchimento.

Na alma da música: Marco Antônio Araújo, John Mayall, Sala Martins Penna. Numa praça do Guará II, aperto a mão de Sting, que autografa seu álbum. As recordações musicais retrocedem vinte e cinco anos; depois, nada vale a pena ser revisitado.

Tarde vazia, revoltada. Livre, rodo de bicicleta até o bosque, com o gravador pendurado numa árvore como um galho. Os pássaros chilreiam ao som da plangência de *Concerto for Group and Orchestra*, do Deep Purple. Na sequência da fita, o som trovejante do Led Zeppelin põe as aves em revoada: fazem-se os pássaros de Hitchcock.

A turbina de um Boeing ruge por vários segundos sobre o teto da construção, enquanto, lá dentro, alguém pergunta:

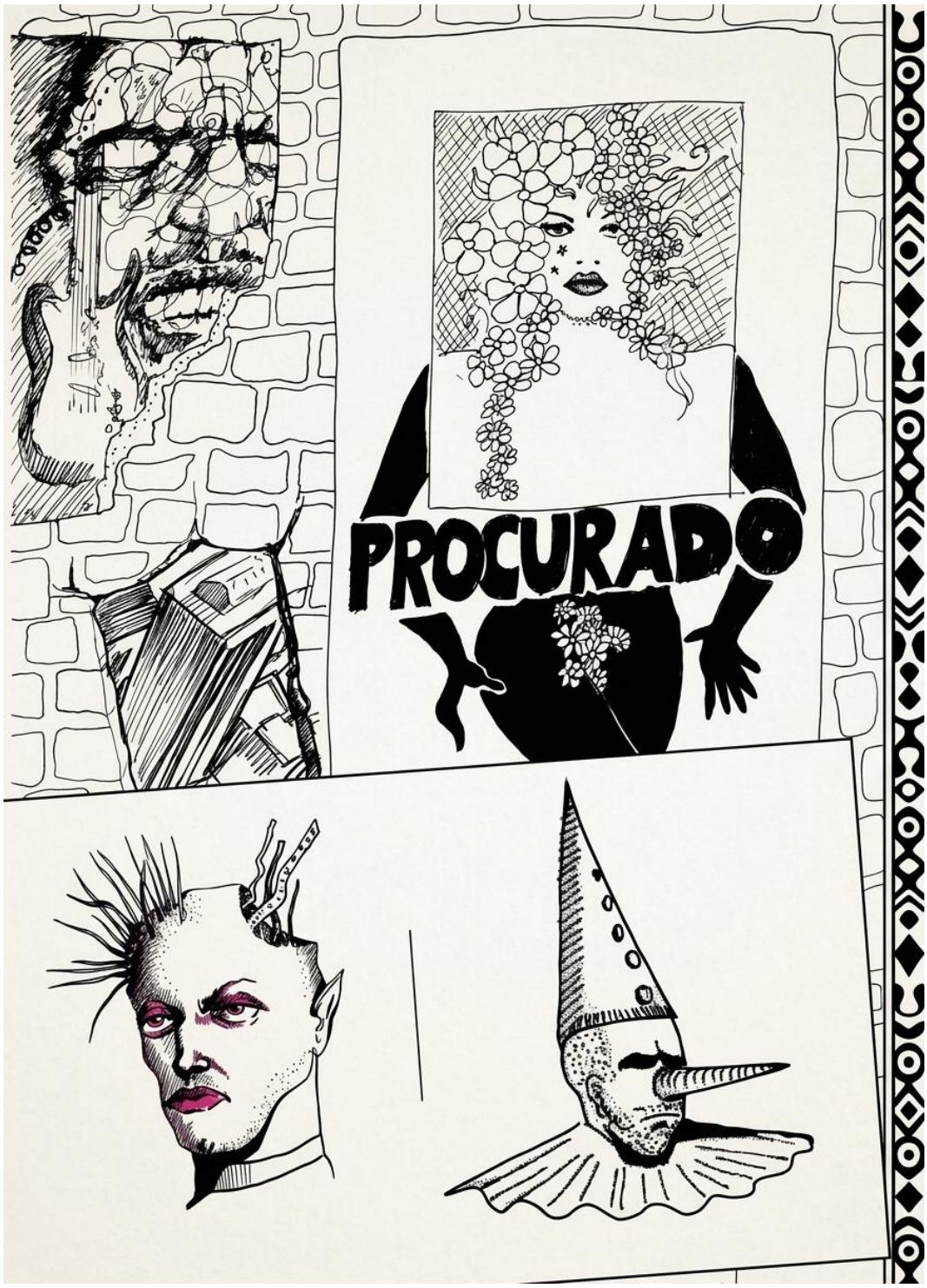
— O som do jato era ao vivo ou fazia parte do disco?

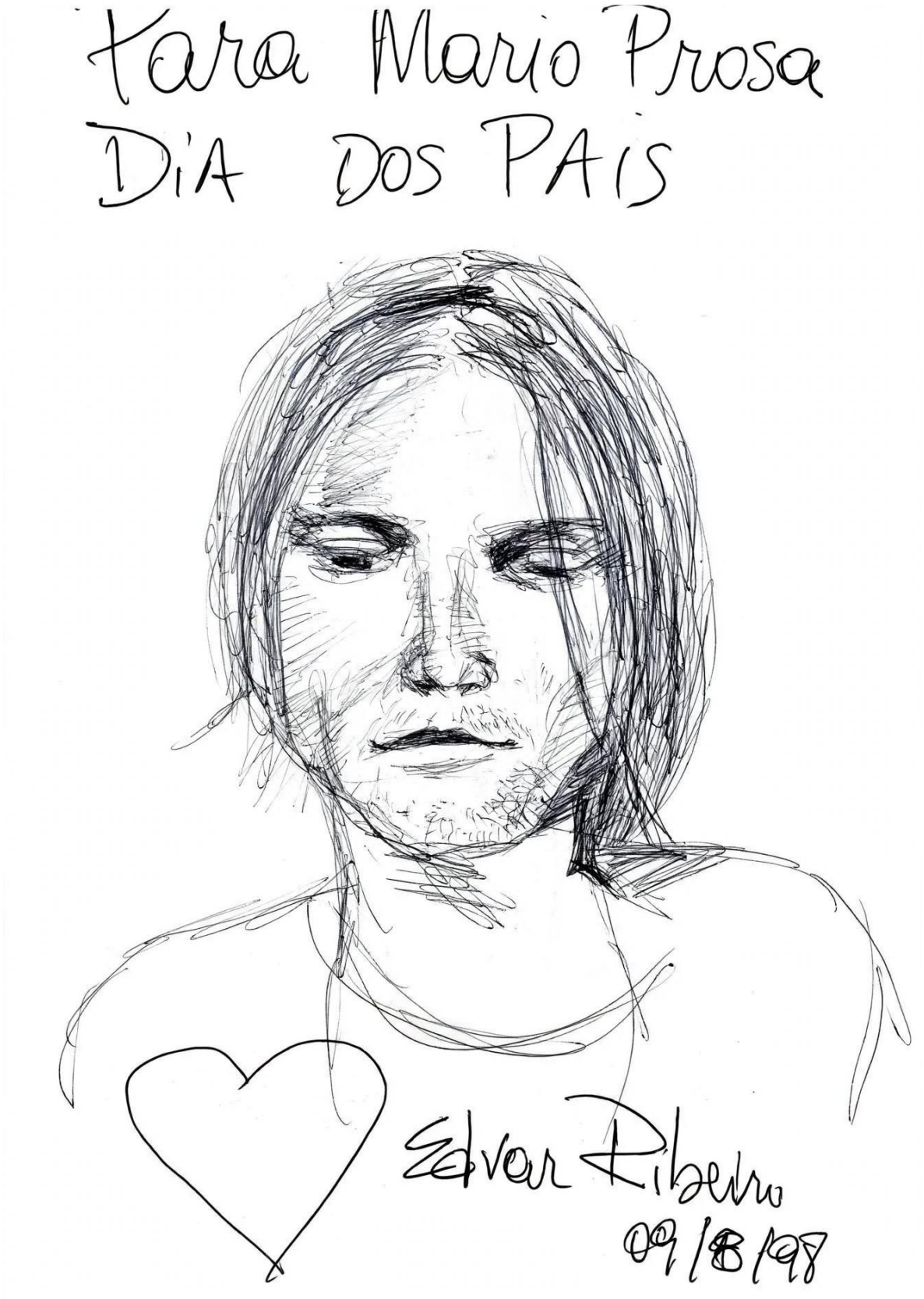
Recordo-me de ouvir *Animals*, do Pink Floyd. Ao escutar os latidos, saí procurando os cachorros que haviam invadido o terreno. Desde então, especialmente, coloco *Sgt. Pepper's* para ouvir os cães instalados ao sol, curtindo o som. O galo canta, e copos de cristal tilintam em cima do Vectra que toca *Electric Ladyland*.

Capas de discos e suas artes gráficas, plásticos internos e externos, etiquetas, dedicatórias, datas e carimbos de sebos que já não existem. Detalhes dos rótulos, ordem das músicas, marcas no vinil, edições importadas e comemorativas, encartes e autógrafos: tudo perfeitamente emparedado na caprichosa discoteca. Conservar e manter em ordem cronológica ou segundo a importância pessoal — eis a questão.

Como aos treze anos, agora necessito de uma agenda nova. Nesse trabalho, voltei aos discos de petróleo. Na revisitação monaural e estereofônica, conduzi o leitor pelo universo quadrifônico, que não vingou porque poucos dispunham de grana e espaço para quatro caixas de som.

Durante esta cópula literária, o som polivalente, com seus chiados e sua vigorosa interferência nos sentidos, nos afetou e nos aproximou das emoções deste *making of*.


PROCURADO


Para Mario Prosa
DIA DOS PAIS
Edvar Ribeiro
09/08/98

1998

ACONTECE A 1ª NOITE CULTURAL DO AÇOUGUE T-BONE

"A ideia era mudar um pouco essa caricatura do açougueiro. As pessoas têm a impressão de que o açougueiro é aquele que mata, que sangra. Ele tem uma figura meio grotesca. E também para dar à massa acesso à cultura, porque ainda é uma coisa de consumo da elite, infelizmente. Quando eu trabalhava como açougueiro mesmo, frequentava cinema, teatro e balé. Havia pessoas que me conheciam há dez anos, me viam arrumadinho nos eventos e perguntavam: 'Eu te conheço de onde?' Essas pessoas não associavam que um trabalhador braçal também quer arte. Essa iniciativa deu certo, estou muito feliz."

(LUIZ AMORIM)

•

"Ocupamos a Casa do Teatro Amador. Limpamos tudo, pintamos paredes e oferecemos oficinas de teatro com apresentações. Logo, outros grupos questionaram por que só o Esquadrão da Vida utilizava o espaço, mas, antes de irmos para lá, não queiram saber", comenta Maíra Oliveira. Naquela época, eles apresentaram a peça experimental *Óikos*.

26 DE JUNHO

CAPITAL DE VOLTA AO INÍCIO

Com a antiga formação, banda toca hoje de graça na Concha Acústica. Loro Jones, Flávio Lemos, Dinho Ouro Preto e Fê Lemos: a formação que gravou o primeiro disco do Capital Inicial volta para shows contra as drogas.

9 DE AGOSTO

REVISTA PSICODÉLICA, FEITA DE RECORTES DE JORNAL

Com a parceria inigualável de Edvar nas ilustrações, voltamos aos fanzines. Agora mais polpudos, mas com a mesma pequena tiragem. Eram duas revistas psicodélicas, feitas de recortes e desenhos. Não deram nem para o cheiro; o bom é que continuam vivas on-line.

Atravessávamos um período de grandes loucuras. Fazia quatro anos que eu tinha voltado ao rock'n'roll e à convivência com os jovens, geralmente quinze anos mais novos. Agora estávamos juntos também com nossos filhos, já na casa dos vinte anos.

Faço o tipo "o último refém do rock'n'roll", mas, entre 1994 e 1998, botávamos para f*der. Eram os tempos em que um duo maravilhoso chamado ALÉM tocava em nosso quintal e em nossas almas. Edvar apareceu num desses dias, pirou e deixou um desenho: Kurt Cobain é Arnaldo Baptista e vice-versa. O resto são lendas no canto dos pássaros.

Como é incrível o céu de Brasília! Ou como tivemos que lutar para preservar certas características. Nossos grandes trabalhos jamais foram levados adiante ou concretizados. Era o medo de ser famoso no deserto. Por isso, a onda sempre será underground, correndo por baixo dos sinais monitorados pelo Grande Irmão, que não hesitava em nos denegrir com rótulos do tipo "muito loucos". E éramos muito loucos mesmo!

Tínhamos Edvar nas artes, Cécé na guitarra, toda a energia de Zezinho Blues soprando a gaita, o embrião da Banda Mais Lama e, no palco, gente da Let It Beatles, da Terno Elétrico, do Juca Sequela e do Farrapo Joe. O rock era arte. Só tínhamos a energia elétrica, nada de facilidades. Em 1995, começávamos a segunda dentição do Movimento

Invisível. Três anos depois, em 1998, veio o clipe profissional de *A Bomba*, que continua aí, no ar, até hoje.

Uma história de luta, uma história rica que carregamos conosco. Hoje é muito mais fácil explicá-la, editá-la e imprimi-la.

Rock sempre na encolha, entre 1994 e 2001. O Do Próprio Bol$o foi a ponte entre gerações quando surgiu a cena da música psicodélica brasiliense, inspirada nos Mutantes.

No piso do salão de sinuca, muitos integrantes dessas bandas apareciam para dar canjas – canjas ralas de aparelhagem e vontade, pois os artistas gostam de se esconder.

26 DE AGOSTO

CASSIANO NUNES

Os poemas do professor e poeta Cassiano Nunes ganharão em breve uma edição especial bilíngue. A seleção dos versos de Nunes está sendo feita também pelo professor Mark Ridd, responsável pela edição em português e inglês, que será lançada no dia 4 de setembro, no Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

(NATAL EUSTÁQUIO)

22 DE OUTUBRO

UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

Ao lado dos amigos Dado Villa-Lobos e Dinho Ouro Preto, Paralamas estrelam especial para TV.

O TERNO ELÉTRICO LIGA A TOMADA

Com doses generosas de blues e rock'n'roll, o quinteto Terno Elétrico Liga a Tomada. Em 1998, foi a primeira banda de fora a se apresentar aqui em casa, na QE 40, Guará II. Vinda da Ceilândia, foi também a primeira a integrar nosso pequeno círculo. Desbravadores em vários sentidos, encararam o desafio de tocar com uma aparelhagem modesta. Fazer aquele show foi um parto corajoso!

A outra atração do programa era o duo ALÉM, formado por Ricardo Lima, na bateria, e Cécé, na guitarra. Foi Ricardo quem cedeu a aparelhagem. Pela primeira vez, alguém tocou em sua bateria: o saudoso Jean "Paice".



Os caras chegaram num Gol marrom, com um adesivo gigante no vidro traseiro: "Máfia do Rock".

Nunca tive filme para máquina fotográfica, mas tinha uma fitinha. Até hoje, não sei se deixei de filmar por falta de material ou se preferi preservar a apresentação. Uma filmagem poderia gerar ciúmes – e era justamente isso que sempre rolava.

Outra banda pioneira foi a Todas as Tribos, de Zezinho Blues e Cleitinho "Roots".

Incrível como é o céu de Brasília! Ou como tivemos que lutar para preservar certas características. Nossos grandes trabalhos jamais foram levados adiante ou concretizados. Era o medo de ser famoso no deserto. Por isso, a onda sempre será underground, correndo por baixo dos sinais monitorados pelo Grande Irmão, que não hesitava em nos denegrir com rótulos do tipo "muito loucos". E éramos muito loucos mesmo!

Tínhamos Edvar nas artes, Cécé na guitarra, toda a energia de Zezinho Blues soprando a gaita, o embrião da Banda Mais Lama e, no palco, gente da Let It Beatles, da Terno Elétrico, do Juca Sequela e do Farrapo Joe. O rock era arte. Só tínhamos a energia elétrica, nada de facilidades. Em 1995, começávamos a segunda dentição do Movimento Invisível. Três anos depois, em 1998, veio o clipe profissional de *A Bomba*, que continua aí, no ar, até hoje.

Uma história de luta, uma história rica que carregamos conosco. Hoje é muito mais fácil explicá-la, editá-la e imprimi-la.

•

O BILHETE, A BANDA E AS FITAS DESAPARECIDAS

Um pedaço de papel com mais de trinta anos e muitos significados. Ele mostra a intensidade da nossa relação e a criatividade com que fazíamos as coisas. O bilhete deve ser de 1986 e faz referência ao primeiro disco solo de Barrett, que eu havia

trocado com Fernando Gaya. Doze anos depois, remontamos a banda e, apesar de eu não ser músico, Cécé jamais me tirou dela.

Havia uma guerra particular. A banda era a ALEM: Augusto Lima & Messias. Eu era um bosta, mas até as ações de um bosta podem desconcertar e deixar mágoas no coração. Não gosto de sair atirando, muito menos de ser alvo. Cécé sempre foi um gentleman.

Sua antologia não sai por falta de dinheiro. Os mortos não precisam de dinheiro.

Vivemos três anos intensos, de 1996 a 2001, com tudo filmado, toda aquela loucura registrada. Para mim, Cécé era o pastor beat: vivia de terno, enquanto eu era apenas um alucinado com uma câmera na mão, documentando aquele redemoinho.

Nunca mais vi as fitas. Sei que todas foram compradas com meu dinheiro e talvez eu não as reveja em vida. Vou deixá-las para meus filhos, para que saibam a loucura que foi a infância deles.

TEMPO DE GUERRA CIVIL

Em 1999 e 2000, para mim, era tempo de guerra civil. Meteram um pé na minha bunda. O milico-chefe e o puxa-saco, um cafajeste de primeira, pior do que cafetão, conspiraram e me colocaram à disposição. Eu estava amadurecendo. Acho que foi a primeira vez na vida que não resmunguei nem esperneei. E eu nem havia provocado nada. Pegaram as laranjas podres e as atiraram contra a parede.

Ser devolvido significava chegar ao órgão com a pecha de incompetente. Eu trabalhava à tarde, mas fui logo cedo negociar minha lotação. Estava entre a cruz e a espada: não havia opção. Era perder ou ganhar. Acabei escrevendo peças de defesa em processos familiares cabeludos.

Nesse ínterim, saiu o CD de rock'n'roll. Conseguiram suprimir meu nome de *todos* os jornais. Fiquei puto. Até a grande *Folha de S.Paulo* capitulou. Meu pobre nome saiu de circulação na produção do CD de rock'n'roll.

Mais uma vez, o sábio Zeferino veio gritando pelo Conic que eu estava na PALAVRA. Foi digno. Foi sofrido.

Eu era um homem acuado, processado pelo TJDFT, e nem estava aí para rock'n'roll. Mas, quando a poeira baixasse — se baixasse algum dia —, eu mandaria um foda-se!

Voltei ao trabalho e fiquei naquele local por nove anos. Quando me senti injustiçado, caí fora e passei a bater de porta em porta atrás de uma cadeira. Um chefe-sacana chegou a me dizer que eu aceitasse qualquer merda, porque estava ficando sem opções.

Depois, ele se casou e veio morar no Guará. Eu caminhava feliz pelo Parque Denner quando o encontrei. Ele me deu bom-dia. Jocosamente, brinquei com ele: o caboclo morre aqui, e não é do coração.

E, apesar de toda essa gente olhando, ninguém viu nada.

• •

OS DONOS DA BANDA

Tava numa banda de rock e não era para carregar pedestal.

— O nome da banda é ALEM, que significa Augusto Lima e Messias.

Pelo menos fiquei satisfeito: provoquei uma crise de ciúmes que revelou realmente quem eram os donos da banda e que eu não passava de uma barata tonta.

Mas, como sempre na vida, há quem precise de uma mão, de alguém que mova a alma do rock e dê o suporte. Fui em busca de novos ares.

Porém, nossa amizade se revelou mais forte, e eles continuaram tocando em minha casa.

De negócios, gravações, fotos, filmagens e discos futuros, larguei mão e guardei no saco.

Afinal, era Augusto Lima e Messias.

• • •

SEQUESTRAR A GUITARRA

A cor original da guitarra era chumbo. Era importada, trazida de Miami em 1986 pelo irmão de Trident. Um instrumento que, para mim, tinha qualquer coisa de sobrenatural.

Passados muitos anos, Trident resolveu recuperar a guitarra das mãos de Cécé. Chegou e foi direto ao assunto:

— Vim buscar a guitarra.

Cécé respondeu à queima-roupa que aquele era o único instrumento que tinha naquele momento e que não ganhara um cruzeiro sequer com o disco gravado longe da capital. Trident recuou. Em vez de levar a guitarra, tentou mais uma vez alistar Cécé em sua banda.

No meio da década de 90, a guitarra reapareceu com uma nova pintura: agora era branca.

Por aquela guitarra, eu pirava. Sem entender de guitarras — e sem entender até hoje —, acreditava que aquele instrumento pertencia a outra dimensão. Mas parte da magia estava nos dedos, no pedal, nas afinações. Aquilo era coisa de Robert Johnson. E eu não passaria a vida tentando decifrar o indescritível.

Um dia, Cécé me disse que conhecia toda a extensão do braço da guitarra, inclusive as partes de onde não saía som algum. Foi quando saquei que o instrumento estava mais do que malhado: chegara às últimas. Tinha história, tinha cicatrizes e, provavelmente, já havia entregado tudo o que podia.

Misteriosamente, a guitarra branca desapareceu.

Nunca soube exatamente para onde foi aquele pedaço de lenda. Mas, entre nós, havia uma senha para o rock voltar a rolar, uma convocação clandestina, uma ameaça que era também uma declaração de amor àquela máquina de fazer barulho:

— Vou sequestrar a guitarra!

• • • •

O BEAGLE PSICODÉLICO

Foram 17 anos de rock'n'roll, claro, com pausas breves e outras nem tanto. Vi a fotografia no jornal e guardei na gaveta. Um dia, ele apareceu. Olhei para aquelas vestes e perguntei:

— Que roupas são essas?

Respondeu que vinha do Tribunal.

Naquela época, dava canjas rápidas no boteco e desaparecia. Às vezes, encontrava-o pelo meio do Guará II, justamente onde acontece a Rota 156. E que visual era aquele? Eu tinha certeza de que ele e o beagle usavam o mesmo modelo de óculos.

Era como encontrar Syd Barrett. Como eu estava tentando me equilibrar, não contei a situação para Geni. Nem sei se aquilo foi real: o cachorro usando óculos de lentes amarelas! Parecia uma viseira.

O conjunto tinha um toque psicodélico, perfeitamente adequado àquela via asfaltada entre edifícios. Prédios onde era preciso esticar o pescoço para chamar alguém aos gritos ou descobrir uma janela aberta. Enquanto isso, ele seguia tranquilamente com o cachorro na coleira, sempre de bermudas e camisas xadrez compridas.

E aqueles óculos? E o cachorro de óculos? Para quê?

— Pra ele curtir o visual.

1999

Com o fim do Capim Seco, surgiram duas bandas: Karniça e Submundo Stewart. Esta última tocou um cover do Pink Floyd original. Depois, metamorfoseou-se n'A Banda Mais Lama da Cidade.

Conectávamos a parca aparelhagem a tudo que tivesse cabo e entrada. Tínhamos um som 3 em 1 da Sharp, com surround e quatro caixas que levavam a voz até o gramado do jardim, superverde em janeiro. Época de piração! E arrastei minha mulher para aquilo tudo.

A HEUSTÓRIA DO FRANGO

A especialidade culinária de Cécé era o frango desossado na grelha. O preparo demorava um pouco; paciência era necessária. Eles voltavam para o ensaio e deixavam o galeto assando. Uma noite, ao retornarem, o frango havia desaparecido misteriosamente! Por algum tempo, acreditaram que eu o tinha escondido. Cogitei que algum gato pudesse tê-lo levado, ao que responderam:

— Imagine o tamanho desse gato! Deve ser uma onça.

•

Inesperadamente, Cécé chegou com um par de caixas de som projetadas por ele. Na foto, aparece seu pequeno amplificador Peavey. Foi uma tarde feliz de inauguração. Eu pregava as tábuas do caminhão e esperei um tempão para ver o jardim daquelas quaresmeiras florir. Rikk tinha mais energia: montava e carregava tudo. O bumbo da bateria vinha em cima do teto do Passat verde. O som era de San Francisco. Nem havia vizinhos.

21 DE JANEIRO

LEGIÃO URBANA GANHA RELEITURA PORTENHA

Banda argentina Attaque 77 lança disco com a faixa "Perfeccion", versão em castelhano de uma música de Renato Russo. O Attaque 77 regravou a canção no recém-lançado CD *Duas Canciones*, que já vendeu 25 mil cópias na Argentina.

17 DE FEVEREIRO

BIGROOVE APOSTA NO POP RADIOFÔNICO

A banda brasiliense grava o primeiro álbum no Zen Studio, com produção do saxofonista Milton Guedes.

30 DE MARÇO

A BATALHA PARA CONTROLAR SEU CELULAR

Qualcomm e Ericsson batem-se em duelo para controlar o futuro das comunicações sem fio.


PAZ
Metal Point Rock
DORSAL
ATLÂNTICA
RARABICHUEBAS
DEATH SLAM
REALITY
06/JUN/99 - 16 h
Gran Circo Lar
MEIA: R$ 10,00
Cultura fm
INGRESSOS ANTECIPADOS
SHOCK
VIDEOLUKADORA
FONE: 525 - 5332 (Edson)
BERLIN DISCOS
ROCK N' ROLL TOTAL
Fone: 226 - 3106
Realização:
FerrucK

5 DE ABRIL

IMPASSE EMPERRA DISCO DE SALIMON

10 DE ABRIL

EM DIFERENTES ESTAÇÕES

Dado e Bonfá tocam projetos individuais e esperam CD acústico da Legião. Enquanto o guitarrista Dado Villa-Lobos toca com os Paralamas e produz bandas novas, o baterista Marcelo Bonfá prepara, sem pressa, seu primeiro disco solo.

O lançamento do CD *Acústico MTV – Legião Urbana* é aguardado com ansiedade pelos inúmeros fãs da banda brasiliense. Depois de dois adiamentos, a gravadora EMI Music promete para maio o pacote, que inclui o CD e o vídeo da apresentação desplugada do grupo, realizada em agosto de 1992.

30 DE JUNHO

SALA FUNARTE PODE SER REATIVADA

Convênio prevê recuperação de teatro que se tornou dormitório para desocupados.

TURNÊ BRASILEIRA EM RITMO DE CHORO

Projeto criado em Brasília pretende levar shows a 20 capitais.

O flautista Carlos Poyares é um dos músicos brasileiros incluídos no projeto *Lamento do Choro*.

7 A 13 DE JULHO – INVERTA, SEMANÁRIO COMUNISTA

Real: 5 anos depois

Mais de 10 milhões de desempregados, dívida pública de R$ 500 bilhões, queda do crescimento econômico de 5,9% para 0,2%, maxidesvalorização da moeda...

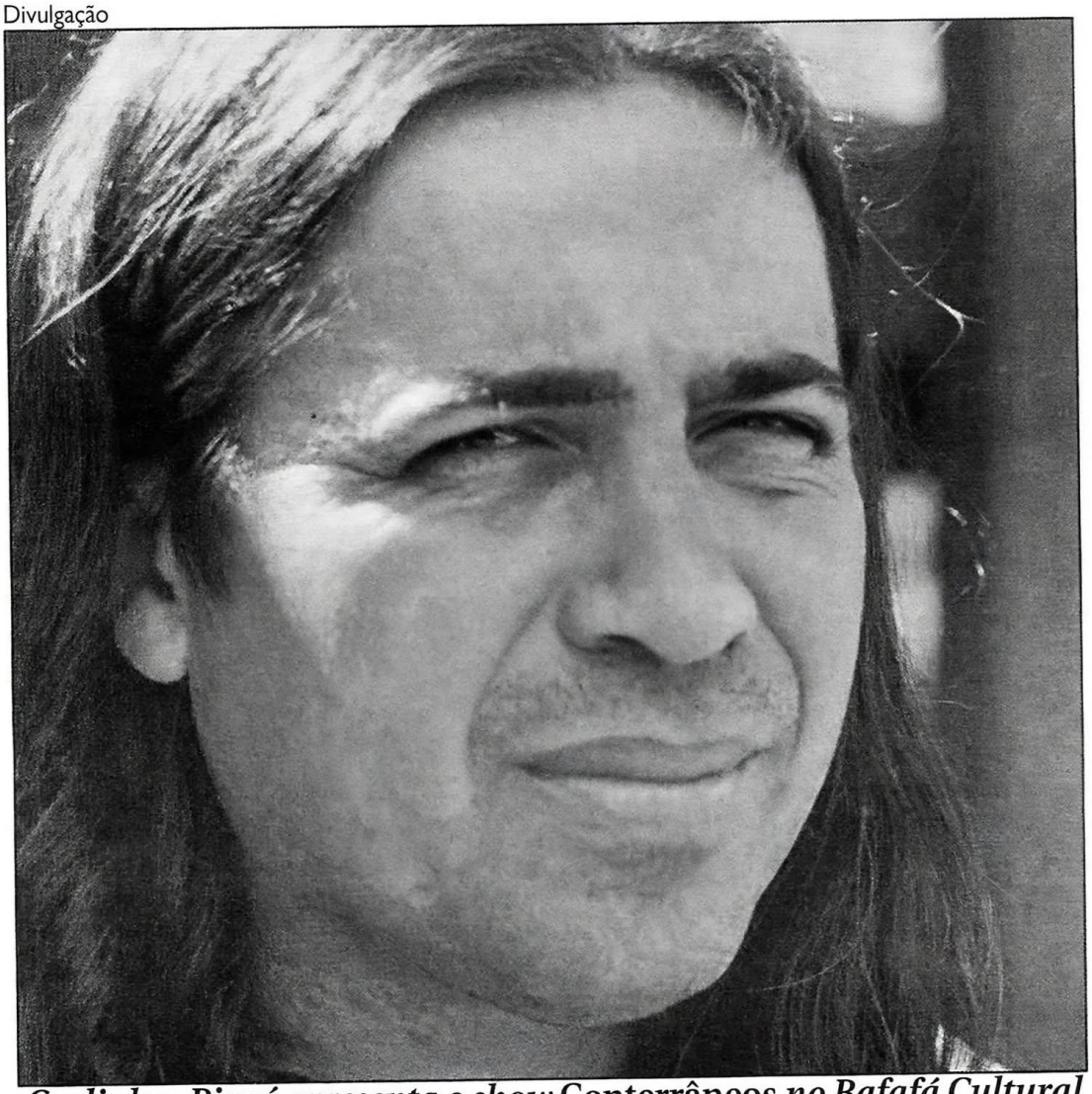
Nada a comemorar nos cinco anos do Plano Real. Os fatores negativos da economia brasileira estão claros: o PIB caiu de 5,9% em 1994 para 0,2% em 1998, como consequência da política neoliberal do governo FHC. A dívida interna subiu de R$ 153 bilhões, em 1994, para R$ 500 bilhões, em 1999. O desemprego bate recordes. Esta é a cara do Real: povo sem trabalho, sem moradia e sem dinheiro para comer.

O ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, afirmou que os critérios de cálculo do índice de desemprego do IBGE deveriam ser modificados. Tudo para mascarar o desemprego que assola o país.

12 DE JULHO

A cantora e guitarrista brasiliense acaba de estrear em carreira solo. Ex-integrante da banda P.U.S., Syang (ex-Simone Death) está lançando o CD que leva seu nome pela gravadora WEA. Ao contrário dos tempos de P.U.S., quando apostava no rock pesado, em seu primeiro disco Syang preferiu investir numa sonoridade mais acústica, com baladas, cordas e muitos teclados. A produção é de Carlos Trilha, que trabalhou nos discos solo de Renato Russo. O álbum conta com as participações de Kiko Perez, primo de Sy e integrante dos Nativus, e de Ronan, companheiro dos tempos de P.U.S.

Divulgação



Carlinhos Piauí apresenta o show Conterrâneos *no Bafafá Cultural*

Junho

26 DE JULHO

PLEBE ESTÁ DE VOLTA AOS ENSAIOS

19 DE AGOSTO

As duas apresentações que Cássia Eller faz na cidade neste fim de semana abrem a turnê nacional de lançamento do novo disco, *Com Você Meu Mundo Ficaria Completo,* que chegou às lojas em meados do mês passado. De Brasília, Cássia e banda seguem para temporadas no Rio de Janeiro, no Canecão, e em São Paulo, no Palace. Na sequência, virão as regiões Sul e Nordeste.

Depois de lotar a Sala Villa-Lobos por dois dias seguidos, apresentando o show *Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo,* Cássia Eller voltará a Brasília em outubro. A cantora brasiliense substituirá Adriana Calcanhotto na última etapa – MPB Agora – do projeto Vitrine MPB, realizado pelo shopping Pátio Brasil desde março, com shows gratuitos sempre às quartas-feiras. Cássia Eller vai se apresentar no dia 6 de outubro.

(NATAL EUSTÁQUIO/ANTENA)

26 DE AGOSTO

QUANDO ZÉ DO CAIXÃO SOFREU BARBARIDADES EM NOSSAS MÃOS

Zé do Caixão nos disse que somente neste mês poderia vir a Brasília.

O crítico de cinema Jairo Ferreira escreveu que Zé do Caixão está para José Mojica Marins assim como Carlitos está para Chaplin e Antônio das Mortes está para Glauber Rocha. Mas há uma diferença: enquanto, nos dois últimos casos, só resta o personagem imortalizado no celuloide, Mojica, aos 63 anos, e seu Zé do Caixão estão mais vivos do que nunca.

Parte significativa da *intelligentsia* candanga correu para Taguatinga naquele sábado, no Botequim Blues, para ver um abstêmio Zé do Caixão. E ele foi profissional e paciente em demasia. Um professor de artes da UnB chegou a esganar o coitado do Zé do Caixão.

Fiz uma rápida entrevista. Ele falou que curtia Sepultura, e consegui dois autógrafos. A loucura foi tão bizarra que me recusei a ser capturado numa foto ao lado dele. Queria esquecer aquela tarde.

Zé do Caixão falou sobre Glauber Rocha, contou que o cineasta baiano o havia ajudado muito quando esteve na França, em 1974. E seguiu-se a maratona: Zé do Caixão aguentando todos aqueles bêbados com seus bafos de leão.

No final, o coitado ainda teve que sair do banco de trás do carro para fazer uma foto com Kelly, a bartender que, inconformada, não aceitava ter chegado tarde à cerimônia de lançamento dos livros de Zé do Caixão.



Julho

No domingo, levei um monte de crianças da chácara para assistir à oficina dele. Quase confiscaram o filme que fiz naquele espaço; depois, falaram em obter autorizações. O curta ainda existe. Naquela época, eu pensava que só o lançaria quando ele morresse. Agora acho que o filme será finalmente lançado quando eu também morrer.

É um terror concretista baseado no som, com uma montagem que altera os sentidos. Algo noturno, sombrio, tipo Batman.

2 DE SETEMBRO

UMA HEUSTÓRIA LOUCA

Foi muito estranho assistir às cenas de cítara em *Monterey Pop* e *Woodstock*.

Naquele dia, Alberto Marsicano se apresentou em Brasília. Na bilheteria da Sala Martins Penna, os convites haviam se esgotado. Eu disse:

— Vim de Goiânia!

Foi assim que consegui um. A apresentação de Marsicano atraiu tanta gente que teve de ser transferida para o saguão.

Em casa, Ana Luíza, ainda criança, havia cortado o queixo e sentenciou:

— Papai, você não vai ao show!

Tenho o ingresso até hoje.

OUTUBRO

UM TEMPO CRUEL DE BOICOTES E BLOQUEIOS

Fiquei sem telefone num dos momentos mais necessários da carreira de um produtor de rock'n'roll. Foi nesse período que surgiu o CD *Onde É Que Está O Meu Rock'n'Roll?*. Acabava de ser lançado o primeiro CD de uma coletânea de bandas de Brasília, por uma gravadora de outro estado, São Paulo. E eu não tinha como transmitir a boa nova ao mundo.

Perto do fim do expediente, usei o telefone para fazer um interurbano e falar com Luiz Carlos Calanca, perguntando se ele havia recebido o CD. Calanca não estava. Atenciosamente, o dono da Baratos Afins retornou a ligação e conversou diretamente com meu chefe.

No dia seguinte, fui colocado à disposição mais uma vez. E outras vezes viriam... Segui para a Sibéria.

Tenho orgulho das minhas carreiras de produtor e de servidor público. Elas se embaraçam e andam de mãos dadas.

Era quando eu dava tiro para segurar a terrinha.

Eles promoveram o maior boicote da heustória cultural do rock'n'roll contra mim. Perdi minha linha telefônica e fui processado. Achavam que algum dia eu esqueceria ou agradeceria. Até a *Folha de S.Paulo* caiu como patinho.

Então, *A Palavra*, a revista literária, veio dar a Mário o que é de Pazcheco — sem telefone, sem dar entrevista. No trabalho, ninguém entendia o drama. Acabei demitido por usar o telefone do Roriz para fazer um interurbano.

•

COLÔNIA AGRÍCOLA BERNARDO SAYÃO

A Colônia Agrícola Bernardo Sayão tem 49 lotes fracionados que danificam as minas d'água do local. Terrenos de 500 m² são oferecidos por R$ 30 mil.

PARA A SIBÉRIA MANDOU-ME, O VETERINÁRIO

Rock'n'roll, dei-lhe os melhores empregos.

A impressão é de que o serviço público é infestado por patentes. No Setor Militar Urbano, o ônibus público passava às 17 horas. Eram engraçadas as desculpas para não perder aquele ônibus. Havia uma certa vista grossa. Na parada, ríamos. Eu pensava: que povo louco! E partíamos rumo à Rodoviária.

O coronel disse:

— Você poderia pelo menos esperar eu virar as costas.

Respondi:

— Senhor, me lota lá no Canil, assim eu saio junto com os homens da raiva e não durmo na parada.

Na manhã seguinte, um memorando de remoção me despachou para a Sibéria, sem casaquinho.

Assim era a Nova República.

•

Em uma caixa do Correio, recebi 50 cópias do CD *Onde É Que Está O Meu Rock'n'Roll?* — minha cota como produtor. Logo dividi a metade com o nobre guitarrista, saldando assim a dívida dos R$ 600 que ele havia gasto na produção daquele empreendimento cultural. Sua banda participava do disco e seu nome figurava como produtor executivo.

Dos 25 CDs que me restaram em estoque, repassei 22 aos integrantes das bandas. Dois exemplares me acompanham até hoje. O último, escambiei com Sérgio Dias, no Bananada de 2002, por um trabalho dele.

Mário Pazcheco, 33 anos de rock'n'roll, sem dever nada a ninguém e com farta documentação. Até peido gravado para calar qualquer boca.

10 DE NOVEMBRO

REBELDIA DIGITAL

Clássicos do Rock Brasília dos anos 80: os três primeiros discos da Plebe Rude — *O Concreto Já Rachou*, *Nunca Fomos Tão Brasileiros* e *Plebe Rude 1988* — são relançados em CD.

Este ano é especial para André X, Gutje Woortman, Jander Ameba Bilaphra e Phillippe Seabra. Depois de cinco anos de silêncio, os quatro integrantes da banda brasiliense Plebe Rude voltaram a tocar juntos e vão gravar.

NATIVUS LANÇA NOVO CD E TROCA DE NOME

Banda brasiliense volta às paradas com novo disco e inicia campanha para mudar de identidade por exigência legal.

14 DE NOVEMBRO

INÉDITO RENATO RUSSO EXCLUSIVO

Liliane Entrevista (TV Apoio)

Renato Russo, o maior poeta do rock brasileiro, escreveu o sucesso "Pais e Filhos". Agora Maria do Carmo Manfredini, sua mãe, vai contar tudo sobre a intimidade do filho. Meninos e meninas vão adorar, a Geração Coca-Cola vai vibrar, Eduardo e Mônica vão amar. E você? Será que vai deixar o tempo perdido ou escreverá com giz a nossa perfeição?

15 DE NOVEMBRO

ESPAÇO PORNO-CULTURAL

Dênis de Oliveira, além de ator, quer ser diretor. Ele pretende realizar um filme no próximo ano. Ator e empresário do Conic, quer transformar a boate Millenium em espaço de convivência entre a arte e o erotismo.

FOLIAS NO SUBSOLO

Primeira boate gay de Brasília, a New Aquarius faz 25 anos e continua sendo um ponto tradicional de shows e muita descontração no Conic. Oswaldo Gessner, dono da New Aquarius, hoje ocupa oito salas no subsolo do Conic.

25 DE NOVEMBRO

O SKA-ROCK DO AMANITA MUSCARIA

Festival da Cultura Calango prossegue hoje à noite no Gate's.

2 DE DEZEMBRO

Funcionários da Novacap bloquearam o portão principal da empresa para reivindicar melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Quinze policiais do 4º Batalhão da Polícia Militar foram enviados ao local, mas não conseguiram controlar a situação.

A polícia forçou a abertura dos portões, e os manifestantes resistiram. Cerca de 100 homens do Batalhão de Operações Especiais (Bope) e do 4º BPM foram acionados. De acordo com a versão oficial divulgada na época, eles usaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e dez cães para dispersar os grevistas.

Dez minutos depois da confusão, os feridos foram socorridos. No confronto, o jardineiro José Ferreira da Silva morreu e outros 35 sindicalistas ficaram feridos.

SALIMON ESTREIA NA CARREIRA SOLO

Ex-vocalista do BsB Disco Club lança *33*, no Teatro dos Bancários.

4 DE DEZEMBRO

EM NOME DO REGGAE

A banda que se chamava Nativus lança o segundo CD com show no Iate Clube. Alexandre Carlo, vocalista do Nativus:

— Não é o nome que vai atrapalhar a carreira da banda.

18 DE DEZEMBRO

RAIMUNDOS E CÁSSIA ELLER FAZEM NOITE ARRETADA

Bug do Rock, Pistão Sul, Taguatinga

Quase todos os integrantes dos Raimundos já tocaram em cidades fora do Plano Piloto: Fred, quando era baterista do Roque e os Billies; Digão, no Filhos de Mengele; e Rodolfo, no tempo em que era vocalista do Royal Street Flesh. Mas só agora, com oito anos de carreira, os Raimundos desembarcam numa dessas localidades do Distrito Federal.

Rodolfo, líder dos Raimundos, considera Cássia Eller a mulher mais rock'n'roll do país.

Cássia Eller prestou atenção ao som dos Raimundos por causa do filho, Chicão, de seis anos.

20 DE DEZEMBRO

GUITARRAS COM ENGAJAMENTO

Sem Destino lança primeiro álbum e diz que o rock brasiliense é "um vulcão adormecido e alienado".

1999

OUTUBRO

LIDANDO COM AS FERAS: MÚSICOS, ESTÚDIOS E GRAVADORAS – NÃO DESEJO ISSO A NINGUÉM!

Até onde alguém é capaz de chegar para ver um disco nas prateleiras? Vender a alma, talvez, só para passar no exame de admissão ao inferno fonográfico.

O disco estava pronto, o contrato assinado e a expectativa era enorme. Se aquele trabalho vanguardista tivesse sido lançado em 1997, quem sabe seríamos reis e rainhas, celebridades de um mundo que ainda não estava preparado para nós. Mas a história tomou outro rumo.

A gravadora pegou o disco e sentou a bundona em cima dele. 1997, 1998, 1999... Dois anos de gaveta, silêncio e descaso. O trabalho existia, estava pronto, tinha contrato, mas permanecia sequestrado dentro de uma empresa que parecia ter descoberto uma nova modalidade de produção musical: gravar para não lançar.

Foi quando apelei às instâncias superiores:

– Satã, você que é o pai do rock'n'roll, resolve essa pica, porque eu estou caindo fora!

E, num passe de mágica, o disco desapareceu dos arquivos da gravadora. Sumiu! Evaporou! O trabalho que havia consumido tempo, dinheiro, expectativa e uma boa dose de sanidade simplesmente deixou de existir nos registros daquela gente.

Aí chegou a hora de conversar com a dona gravadora em outra língua: a do dinheiro.

– Dona gravadora, estou devendo muito, não posso nem sair à rua direito. Esse disco só sai se vocês me derem um sinal, as tais luvas. Preciso de alguma coisa concreta para amenizar o prejuízo que vocês me causaram.

A resposta veio na maior cara de pau:

– Ah, a gravadora não tem dinheiro.

Pô! Se vocês não têm dinheiro, é melhor mudar de ramo! Vão vender pamonha, abrir uma quitanda, fabricar parafusos ou qualquer outra coisa que não envolva manter o trabalho alheio refém de uma burocracia sem fim.

Foi assim que, finalmente, 500 reais apareceram na minha conta. Quinhentos reais! Uma fortuna? Evidentemente, não. Uma indenização à altura do estrago? Nem de longe. Mas aquele dinheiro ajudou a amenizar o prejuízo e, principalmente, permitiu que eu cobrisse o telhado da biblioteca.

E isso, para mim, teve um significado muito maior do que qualquer promessa de sucesso fonográfico. A biblioteca estava ali, a memória precisava ser protegida, os livros não

podiam continuar expostos às goteiras e eu precisava recuperar um pouco do respeito da minha companheira, que assistia de perto às consequências daquela aventura.

No fim, o disco não me transformou em rei ou rainha. A gravadora não me deu fama, fortuna ou tranquilidade. O que consegui foi salvar uma parte do meu mundo, proteger meu acervo e continuar de pé depois de mais uma batalha com as feras do negócio musical.

Lição aprendida? No *show business*, nem sempre quem tem o disco pronto tem o poder de decidir seu destino. Às vezes, o artista entra com a criação, o dinheiro, o sonho e a alma; a gravadora entra com o contrato, a gaveta e a cara de pau.

E o Diabo, coitado, ainda tem de resolver a pica que os homens inventam.

Rock'n'roll é uma coisa. A indústria fonográfica é outra. E eu não desejo essa experiência a ninguém.

•

Eles haviam promovido o maior boicote da história cultural do rock'n'roll contra mim. Perdi minha linha telefônica, fui processado e, aparentemente, imaginavam que um dia eu esqueceria tudo aquilo — ou, quem sabe, acabaria agradecendo. Até a *Folha de S.Paulo* caiu como patinho nessa história.

Mas o tempo, esse sujeito de memória inconveniente, ainda tinha algumas surpresas reservadas.

Foi então que *A Palavra*, considerada a melhor revista literária da época, apareceu para dar a Mário o que era de Pazcheco. Só havia um pequeno detalhe: eu estava sem telefone, não podia conceder entrevistas e, no trabalho, ninguém parecia compreender a dimensão do meu drama. Para completar o roteiro, acabei demitido por utilizar o telefone do Roriz para fazer uma ligação interurbana.

Era uma situação quase cinematográfica: boicotado no meio cultural, incomunicável por força das circunstâncias, processado, sem telefone e ainda tendo de explicar no emprego por que havia recorrido ao aparelho do governador.

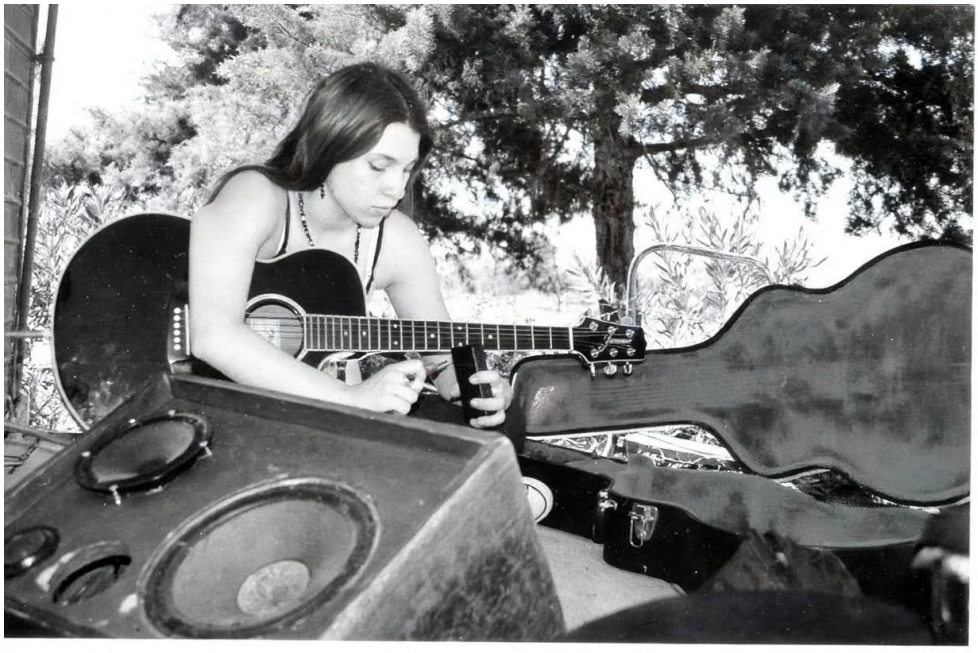
Enquanto uns tentavam me apagar da história, outros começavam a me procurar para contar justamente essa história.

E assim, quando parecia que tinham conseguido me deixar falando sozinho, apareceu uma revista literária disposta a me ouvir. Só não contavam com o fato de que, mesmo sem telefone, eu ainda tinha muita coisa a dizer.

8 DE DEZEMBRO

José Roberto Arruda lança a biografia *Lúcia, a Mãe de Glauber*. Uma pesquisa apaixonante, conduzida com um vocabulário rico em expressões da língua portuguesa. Segundo o senador, a experiência foi "como contar a história do cinema brasileiro pelas feijoadas das tardes de sábado".


EGLAUBER



2000

SUBLITERATURA ENGAVETADA

"Subliteratura deliberada não é necessariamente interpretada como sinal de rebeldia, mas eventualmente pode ser percebida como sinal de limitação estilística." (ROBERTO GICELLO)

- Ricardo Retz, do Guará 1, passa a circular pelas ruas com um carrinho de supermercado, pedindo discos. No primeiro conjunto de discos que conseguiu reunir, já inventou o Museu da Música, que antes se chamava Museu do Vinil.

UM DOS PAIS DO TROPICALISMO

- Com Rogério Duarte, nos sentíamos tropicalistas.
- O diamante tropicalista. Rogério Duarte perguntou:

— O que vocês fazem?

Respondi:

— Arte lisérgica.

Ele gostou do que ouviu e viu.

Esse é Rogério Duarte. Tivemos alguns momentos juntos, muito loucos e, por minha parte, equivocados. Esta fotografia nunca foi publicada porque flagrei Rogério saboreando um pedaço de marmelada. Nada mais tropicalista! Saudades do mestre, mas feliz pelos momentos que nos proporcionou.

- "Aonde a vaca vai / O boi vai atrás."

Eu e Rogério Duarte no Tropicaos, em constante surto tropicalista, num ardente espiritual cômico — da série *Gurus sem Casaca*. Rogério falava sobre o tropicalismo sem qualquer caos de consciência, mas eu não estava ali para fazer anotações. O transe era Glauber. Que o mundo monte o meu documentário enquanto eu estiver aqui!

51 PRODUÇÕES: VIAJAMOS NA PSICODELIA DA MÁKINA DU TEMPO

Fotografia do documentário com Rogério Duarte em Águas Lindas. A filmadora e a máquina fotográfica eram emprestadas. Tudo pela aventura.

- Marta Benévolo fotografou o clipe de "Magical Mystery Tour". As imagens foram utilizadas na divulgação da coletânea paulista *Brazilian Pebbles*, lançada pela Baratos Afins, da qual a Mákina do Tempo participa com a música "A Terra Parou".

Foi nosso último clipe. O baterista não queria se despir e não aceitou a proposta. Eu empaquei:

— Que diabos de banda de rock é essa?

- Waly Salomão lança *Tarifa de Embarque*.
- O álbum *Tecnicolor*, d'Os Mutantes, gravado em inglês na França, em 1970, finalmente é lançado.

LAPSO: SUBLITERATURA ENGAVETADA

Fui fazer um novo livro, e ele passou cinco anos na gaveta do editor. Minha condição era simples: só sairia dali com os originais. Naquele período, acontecia uma tempestade que eu já não sabia distinguir da própria realidade ou do livro. *Lapso* era rebelde,

impróprio, difícil de ser ingerido. Volta e meia penso nele como “o meu pior trabalho”. Precisava ser ilustrado como um pesadelo. Coisa de hospício mesmo!

Gosto de falar sobre literatura porque é um processo privado. A única coisa que se faz sozinho.

Um livro que jamais concluí se chamou *Lapso*. Ele iria implodir minha carreira. Estava revoltado com as editoras e cansado de imprimir brochuras. Era um coquetel de loucuras e doenças mentais. A barra pesou mesmo. O que aconteceu? Atraí uma imensa nuvem negra, que durante anos me encharcou.

Saí mais forte. Aprendi. *Lapso* e *Aventura sem Dublê*: um livro conjunto é projeto. Nada foi em vão.

UMA PARA O COMPANHEIRO RORIZ

Eu só tinha uma camisa de botão quando fui receber o Termo de Uso e Posse, no auditório do IDHAB. Ninguém no meu serviço poderia saber do que se tratava, mas, se eu estava de tergal, tinha de ser alguma reunião formal.

Sentei ao lado de uma petista que não fechava a boca, protestando. Fui meio rude:

— Fique quieta, estamos na casa do inimigo!

A lista de entrega seguia a ordem alfabética. O P de Pazcheco estava longe. De repente, passei na frente. Um assessor se aproximou e sugeriu:

— Com discurso! Sei que você é bom de discurso...

Desenvolvi prontamente a teoria da pílula de destruição: falar pouco e bombardear. Se eu soltasse algum impropério, devolveria vida ao microfone. Descobriria que, por mais que parecessem desligados, os microfones estavam ligados. Esse ato me expulsou de algumas livrarias.

Em vez do tradicional “rouba, mas faz”, fiz uma variação:

— Este governo faz e entrega, este governo acolhe, protege, prospera e é amigo do servidor. A prova está aqui na minha mão. Muitos prometeram e não cumpriram.

O melhor da performance era que eu estava de dedo em riste, vestido como um pastor. O púlpito ficava ao lado da porta do elevador. Peguei o canudo com o termo e fugi para o Conic. Lá, paguei cerveja a noite toda e ouvi a infame piadinha:

— Foi cagar na latinha?

IMORTALIZADO NA ANTOLOGIA CONTEMPORÂNEA DO CONTO BRASILIENSE

Eu, de penetra na festa bacana dos professores. A *Antologia do Conto Brasiliense Contemporâneo* fez barulho. Muitos tinham seus nomes na capa da publicação e, puta que pariu, quando peguei o livro, soltei o grito. Realizei o sonho de estar ao lado do imortal Sarney e do professor Cristovam.

Correram para conferir se meu nome figurava mesmo. Alguns sabiam que era mais uma picaretagem genial de maluco. O vinho desceu suave.

A mais completa antologia dos escritores vivos do DF. Todo mundo ali: Behr, Sarney, Cristovam, Menezes y Morais e, entre os mais jovens e loucos, me colocaram.

Aquela entrevista sobre os restos remexidos de enlatados importados no contêiner residencial da Península dos Ministros denunciou o desperdício de farta munição contra a fome por parte do nababo. O lixo exposto pela reportagem da Globo satisfez a gula jornalística e suscitou reprimendas típicas do regime das fardas.

Na hora do almoço, na Esplanada dos Ministérios, em condição semelhante à dos excluídos da Rodoviária, apesar da qualidade inferior do lixo, os miseráveis caçadores de papéis, fiéis degustadores, amontoados em maior número, 'sentam-se à mesa' e banqueteiam-se com as fartas sobras.

---

21 DE JANEIRO

PLEBE RUDE NA VILLA-LOBOS

Plebe Rude faz show de abertura do projeto Arte Por Toda Parte.

A edição de verão do projeto Arte Por Toda Parte começa nesta quinta-feira e segue até 27 de fevereiro, às 21h, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, com show da banda Plebe Rude. O grupo, que fez sucesso nos anos 1980, está de volta à ativa. Na apresentação, além de músicas antigas como “Proteção” e “Johnny Vai à Guerra”, a Plebe Rude mostra novas composições de seu repertório.

Nas próximas semanas, estarão em Brasília Cássia Eller, Capital Inicial, Zélia Duncan, Raimundos, Paralamas do Sucesso e a banda Ex-Nativus.

Bandas brasilienses dos anos 1980 e 1990 invadem a Sala Villa-Lobos. Uma espécie de privilégio da Legião Urbana sobre as bandas surgidas no boom do Rock Brasília, posteriormente conhecidas nacionalmente: a Legião foi a única a se apresentar na Sala Villa-Lobos, considerada o templo da cultura da capital.

2 DE FEVEREIRO

EM BUSCA DE PARCERIAS

Projeto precisa de recursos da iniciativa privada para sair do papel.

Objetos do cantor Renato Russo, incluindo livros, quadros e discos de seu acervo pessoal, farão parte do memorial que será aberto na 508 Sul.

“O Memorial Renato Russo, a ser instalado em uma das galerias do Espaço Cultural Renato Russo, apresentará acervo em caráter definitivo. O Memorial deverá conter parte de objetos do músico, como também recursos de interatividade e multimídia que contarão a história do cantor e toda a trajetória pessoal e profissional dele.” (SÔNIA PAIVA, ARTISTA PLÁSTICA)

4 DE FEVEREIRO

HOJE TEM CAPITAL INICIAL

A banda, atração do Arte Por Toda Parte, apresenta na Villa-Lobos o repertório do CD *Atrás dos Olhos*. O grupo está se preparando para gravar um disco acústico.

2 DE MARÇO

ARTE PELA METADE

Média de público do projeto Arte Por Toda Parte decepciona artistas locais.

Cássia Eller foi assistida por 1.286 pagantes na Villa-Lobos.

Chega ao fim o verão do Arte Por Toda Parte. Hora de apresentar os resultados do projeto, que teve como marca os preços populares — R$ 5 e R$ 10 — e a descentralização dos espetáculos por todo o Distrito Federal.

23 DE MARÇO

CAPITAL PARA FÃS E MTV

Grupo de Brasília rompe amarras do formato acústico.

Dinho e Zélia Duncan cantaram juntos “Eu Vou Estar”, uma das 17 músicas do programa.

24 DE MARÇO

MULTISHOW APRESENTA TRIBUTO A RENATO RUSSO

Com um especial inédito, o Multishow homenageia o talento de Renato Russo no mês em que o artista completaria 40 anos. Rodolfo (Raimundos), Cássia Eller, Paulo Miklos (Titãs), Paulinho Moska, Toni Garrido e Wilson Sideral interpretam canções do grande poeta do rock.

TRIBUTO À LEGIÃO VETADO EM DISCO

Programa vai ao ar hoje no Multishow, com 12 artistas, precedido de making of.

Cássia emociona com “Vento no Litoral”, e Paulinho Moska faz uma correta “Meninos e Meninas”.

27 DE MARÇO

O BRASILIENSE RENATO RUSSO

Data natalícia de Renato Manfredini Júnior, que estaria completando quarenta anos, se estivesse vivo.

- **A VIDA EM MEIO AO CONCRETO:** a família Manfredini conta como era a vida do adolescente Júnior antes de se tornar ídolo nacional.
- **UM NOME QUE NÃO MORRE:** a diferença de Renato para outros ídolos do rock é que ele era um mito e tinha consciência disso.
- **ALGUÉM COM QUEM CONVERSAR:** quem conviveu com Renato Russo antes da fama guarda fortes lembranças da generosidade do amigo.
- **TÃO JOVENS:** a idolatria atinge até fãs que nasceram depois do lançamento do primeiro disco da Legião, em 1985.
- **ENTRE O PASSADO E O FUTURO:** ex-guitarrista da Legião Urbana, Dado Villa-Lobos cuida do legado da banda, mas tem planos de alcançar voo solo. Dado confessa que é difícil administrar o espólio da Legião: “Sinto uma pressão enorme, sobre-humana. É um trabalho desgastante”.

11 DE ABRIL

PSICODÉLICO

Misturando linguagens tão díspares quanto rap e rock progressivo, a banda brasiliense Psicodélico Azul começa a mostrar a cara.

Formado por Rodrigo meTao (guitarra, congas e vocal), Leonardo Augusto (guitarra e backing vocal), Daniel Terra (contrabaixo) e Estevam Thompson (bateria), o grupo gravou no Zen Studio um CD-demo com as músicas “O Pajé e o Cacique Esperam o Apocalipse”, “Trilha Inca”, “Éfeso” e “História dos Ventos”, todas composições próprias. A banda já está agendando shows na cidade.

23 DE ABRIL

O POETA EM CONCERTO

Renato Russo Sinfônico tem apresentação única no Teatro Nacional. Renato Russo é homenageado em concerto que deverá ser gravado e transformado em CD.

ROCK NO FÓRUM

Até 1999, eu era um bêbado inconveniente. No ano seguinte, na condição de réu, passei a frequentar os corredores do Tribunal de Justiça. Por lá, agentes de camiseta preta e óculos Ray-Ban escoltavam os presos de chinelo. Não precisava enxergar os olhos delas para imaginar o que pensavam: "Bandido bom é bandido...". Eu morria de medo de que um daqueles detentos sacasse uma arma.

Na entrada da sala, a contraparte interessada no meu processo me encarava, tentando me reduzir, me julgando. Enquanto isso, eu me jogava alucinadamente pela minha própria vida.

No corredor, havia uma espécie de mediador, um segurança. Aproximei-me dele e disse:

— Aquela pessoa é a contraparte do meu processo e não para de me encarar.

O agente foi até lá e pediu que parasse de me olhar. É claro que o sujeito continuou encarando. E eu, sentado, olhando para os sapatos. No fundo, sabia que já o havia destruído psicologicamente.

Dentro da sala, quando eu aparecia, os promotores e o juiz não conseguiam segurar o riso. Eu era superpopular, bonachão; parecia uma mistura de Silvio Santos com Raul Seixas naquele episódio da capa. Eu demolia, cuspia labaredas de fogo, tinha raciocínio rápido e respostas capazes de fazer até estátuas ouvirem.

A pior hora era quando o advogado da outra parte, sentado ao meu lado, precisava se levantar para defender o grileiro. Eu nem sabia que ele era o advogado, mas sabia que não recebia honorários e estava ali fazendo um favor. Então eu metia a mangueira, e a sala ria, ria como um auditório.

Depois disso, passei a me achar uma grande estrela da picardia. Por um bom tempo, não tive mais cagaço de palco.

DIAS DO TROVÃO OU QUANDO SE TEM QUE PEGAR O TOURO PELOS CHIFRES

Na virada do milênio, eu estava tendo problemas de verdade. Problemas fundiários com a escória da humanidade, representada condignamente por capangas pagos do Entorno do DF.

Juntei-me a rajneeshs e pais de santo. Acendi velas a Deus e ao demônio. Nessas horas, sabemos quem são os amigos. Fui procurar secretários, delegados, agentes e fiscais oriundos da velha QE 32.

Na delegacia, me informaram que o grileiro iria contratar um paparazzo.

— Usarei essas fotos no próximo livro.

Riram.

O que aconteceu foi mais uma dose extrema de paranoia. A área estava sendo parcelada e qualquer um poderia ser o paparazzo. Até algum amigo que chegasse acompanhado de um desconhecido entrava na linha de desconfiança. Alguns parentes eram da AGU; outros amigos, do ST. Mas fui aconselhado a não falar nada com ninguém.

- Alguns dos amigos do início da transa cultural, ainda em 1982, me ensinaram a jogar xadrez e pingue-pongue. Colecionavam selos e jogavam War. Foram os primeiros a acampar, a comprar bicicletas ultraleves, carros, apartamentos e

tudo mais. Eram os bem-nascidos e bem-sucedidos. Passados dezoito anos, ocupavam a cúpula do poder.

Eu, por minha vez, sempre fora mais amigo dos pais deles.

— Seu pai veio do Piauí.

— Seu pai era muito legal, gostava de baralho, tomava pinga. Éramos amigos, e ele gostava de mim.

O primeiro amigo foi seco:

— Você será preso!

O segundo foi mais leal. Sua mulher era muito amiga da minha mulher. Ele me chamou e disse:

— Mário, só tem um jeito: você mata um deles, arrasta para o lado de dentro da sua cerca e me liga.

Contei a ele sobre o advogado e o esquema que estava armando. Apesar de a ideologia ter nos colocado em trajetórias diferentes, aquele amigo não me abandonou.

— Não esquenta, me liga.

Eu agora tinha licença para matar!

---

6 DE MAIO

- Show de aniversário da Administração do Lago Norte.

27 DE JUNHO

- Polêmico, Brennand define-se como pornográfico.

14 DE JULHO

OS VERDADEIROS INDEPENDENTES DO CINEMA

São Paulo — os cineastas Simião Martiniano, Talício Sirino e Afonso Brazza explicam como fazer filmes baratos no Brasil.

16 DE JULHO

IARA KERN REVELA OS MISTÉRIOS DE BRASÍLIA

A paixão pelo Egito fez com que descobrisse em Brasília muitas coisas ligadas à época dos faraós e das pirâmides. A tese virou um exótico roteiro turístico.

28 DE JULHO

MUSA DA BOCA DO LIXO

Claudette Joubert, que já foi estrela dos filmes de pornochanchada, forma um par romântico em Brasília com o cineasta Afonso Brazza. Ela é personagem da série *Retrato Relâmpago*.

29 DE JULHO

- SESC, 913 Sul — Olho Seco mantém punk vivo.

30 DE JULHO

IMAGENS NAIF

Cineastas brasileiros não querem ser chamados de trash. Eles são nossos diretores "primitivos".

RAMBO DO CERRADO

O bombeiro-cineasta Afonso Brazza é o representante candango do cinema trash.

"O filme americano que não estoura é igual aos meus filmes, não tem diferença." (AFONSO BRAZZA)

7 DE AGOSTO

TORTURA SELVAGEM: AFONSO BRAZZA EXIBE TRAILER

Os fãs do cinema trash de Afonso Brazza têm um motivo a mais para conferir a programação dos cines Top Mall, em Taguatinga, e Márcia, no Conjunto Nacional. As duas salas estão exibindo o trailer de *Tortura Selvagem — A Grade*, o mais recente longa-metragem do cineasta-bombeiro, com estreia comercial prevista para o final de outubro.

Na tela, Brazza interpreta Maicon, catador de papel acusado injustamente de vender drogas. No elenco, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, e os roqueiros Rodolfo e Digão, dos Raimundos.

Ontem, Brazza conversou sobre produção artesanal com estudantes de uma oficina de cinema do Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul. O debate foi precedido pela exibição de *No Eixo da Morte*.

"Enfim, o trash está ganhando espaço", comemora Brazza.

26 DE AGOSTO

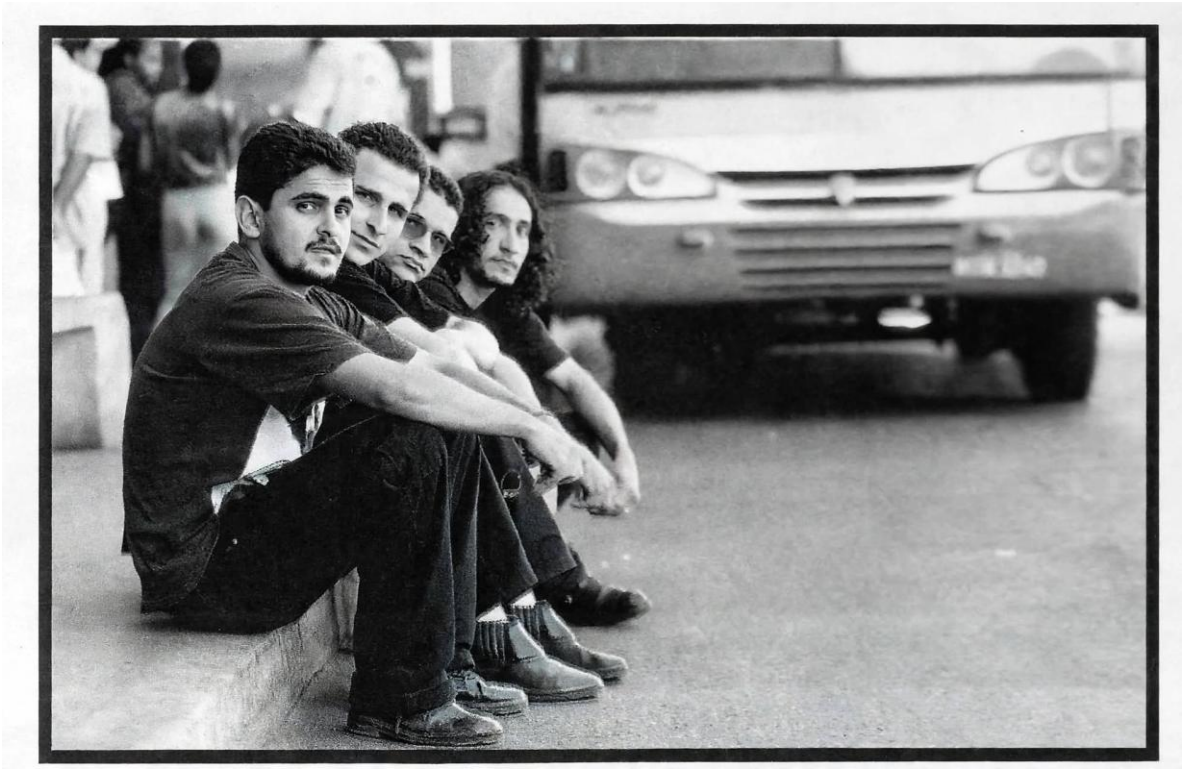
TRAJETÓRIA FULGURANTE DO POETA DO ROCK

Chega às livrarias *Renato Russo — O Trovador Solitário*, biografia escrita pelo jornalista Arthur Dapieve.

26 DE SETEMBRO

O JARDINEIRO DE BRASÍLIA

Há mais de 30 anos, Francisco Ozanam Coelho, o eterno chefe do Departamento de Parques e Jardins da Novacap, sobrevive a governos e ideologias.



Sem Destino, setembro de 2000



9 DE OUTUBRO

EU SOU CALANGO?

Na cidade do rock também rola uma cultura paralela que curte a natureza do cerrado e adota o nome de um simpático réptil.

"O movimento Calango é miscigenado como nossa cidade." (DREDI, VOCALISTA DA HA-ONO-BEKO)

11 DE OUTUBRO

O POETA DA RELIGIÃO URBANA E SOLITÁRIA

"Estamos vivendo e o que disserem, os nossos dias serão para sempre." (RENATO RUSSO)

Há quatro anos, morria Renato Russo, vocalista e líder da Legião Urbana e ídolo de uma geração. Compositor e poeta de peso indiscutível, deixou uma obra que resiste ao tempo e aos modismos.

A família Manfredini convida para missa em memória de Renato Russo, dia 11, às 20h, no Santuário Dom Bosco, na 702 Sul. Participação especial da Orquestra Sinfônica Cláudio Santoro, sob a regência de Sílvio Barbato.

15 DE OUTUBRO

ARTISTAS LAMENTAM FIM DO KARIM

Tradicional sala de cinema da cidade, o Karim, na 110/111 Sul, transformou-se em templo religioso.

"A cidade perde um espaço histórico", diz o cineasta André Luiz Oliveira.

OFICINA DE VETERANOS

Diniz juntou Perdiz, Andrade Júnior, Gê Martú e outros artistas brasilienses.

O diretor Mangueira Diniz reúne, na peça *Cala a Boca Já Morreu*, um elenco de atores experientes da cidade que, apesar da longa estrada nos palcos, trabalham juntos pela primeira vez.

19 DE OUTUBRO

CHURRASCO PARA BANGUELAS

Fazia um churrasco para convidados e perguntei a Arnaldo Antunes se, quando se desligou dos Titãs, havia deixado uma música de despedida. Pedi maiores detalhes. Ele negou.

Repeti que o técnico do estúdio havia dito que, na canção, ele mandava os caras à merda.

Arnaldo escapou com uma resposta lacônica:

— Estou dando entrevista?

Assim morreu o papo!

5 DE NOVEMBRO

ESTOURO CONCRETO DA BOIADA

Os badalados Bois de Gerião são a ponta de lança da onda de bandas brasilienses de ska. A trilha foi aberta pela pioneira A Vaca Foi Pro Brejo e tem pelo menos dois filhotes conhecidos: Móveis Coloniais de Acaju e Spectroman.

10 DE NOVEMBRO

NATIVUS LANÇA NOVO CD E TROCA DE NOME

Banda brasiliense volta às paradas com novo disco e inicia campanha para mudar de identidade por exigência legal.

15 DE NOVEMBRO

ERA UMA VEZ...

Nos anos 1960 e 1970, Brasília ainda era um projeto de cidade. A palavra de ordem era ocupar os espaços vazios — urbanos e culturais. Pessoas como Climério, Luís Humberto, Néio Lúcio e João Antônio fizeram história.

SAUDOSISMO, NÃO!

Parque da Cidade e Beirute, alguns dos palcos obrigatórios dos artistas e agitadores culturais dos anos 1970 e 1980.

João Antônio criou a primeira escola de teatro do Distrito Federal.

25 DE NOVEMBRO

O SKA-ROCK DO AMANITA MUSCARIA

Festival da Cultura Calango prossegue hoje à noite no Gate's.

FINAL DE NOVEMBRO

ALÉM DE ARMA DE FOGO CLANDESTINA, AINDA TINHA QUE PAGAR ADVOGADO

Com Claydson Ericson ao volante, o Fusca vinha pelo Eixinho Sul, em direção ao Festival de Cinema. Uma quadra antes, a mão da lei mandou entrar no estacionamento. O dono do carro ficou bufando. Meu primo caiu na besteira de tentar dialogar com os pés de bota.

Orientadamente, os PMs afirmaram:

— Dean, você é velho conhecido aqui no Plano.

Até então, eu e Zéantônio estávamos sentados no meio-fio, esperando para ver como aquela cena terminaria.

Levantei e fui direto ao assunto:

— O papo é o seguinte: a partir de agora, eu sou o responsável. Nós quatro vamos perfilar diante do carro, que será revistado, e iremos para a delegacia. Vou ligar para o meu advogado.

Acredite: naquele tempo eu tinha um celular!

Ao ouvirem aquilo, os policiais baixaram a bola:

— Sabemos que vocês estão doidões. Podem ir embora!

O Fusca arrancou e seguimos diretamente para a 109 Sul.

2 DE DEZEMBRO

O CONFRONTO NA NOVACAP

Funcionários da Novacap bloquearam o portão principal da empresa para reivindicar melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Quinze policiais do 4º Batalhão da Polícia Militar foram enviados ao local, mas não conseguiram controlar a situação.

A polícia forçou a abertura dos portões, e os manifestantes resistiram. Cerca de cem homens do Batalhão de Operações Especiais (Bope) e do 4º BPM foram então acionados.

De acordo com a versão oficial da época, utilizaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e dez cães para dispersar os grevistas.

Dez minutos depois da confusão, os feridos foram socorridos. No confronto, o jardineiro José Ferreira da Silva morreu e outros 35 sindicalistas ficaram feridos.

SALIMON ESTREIA NA CARREIRA SOLO

Ex-vocalista do BsB Disco Club lança *33*, no Teatro dos Bancários.

8 DE DEZEMBRO

- Lançamento do livro *Lúcia, a Mãe de Glauber*.

14 DE DEZEMBRO

GLÊNIO É ESPETACULAR

A tradicional exposição de fim de ano do grande pintor Glênio Bianchetti começa amanhã, em seu ateliê. Já são vinte anos de encontros com o público que aprecia sua arte nessa época natalina. Como não poderia deixar de ser, as telas estão belíssimas.

20 DE DEZEMBRO

GUITARRAS COM ENGAJAMENTO

Sem Destino lança o primeiro álbum e diz que o rock brasiliense é "um vulcão adormecido e alienado".

- Completei o texto *Da Estética da Fome à Vontade de Comer — Glauber Pedro de Andrade Rocha — Último Antropófago Brasileiro*. Desde então, o texto foi publicado em pedaços.

OUTRAS MEMÓRIAS DE 2000

COMO LIDAR COM BANDIDO

Esses bandidos espancados que aparecem nas manchetes são os mais legais, os mais inocentes. Bandido perigoso é da congregação.

Tinha saído o mapa do acordo, que não era respeitado. Para salvar uma árvore do cerrado, o sujeito me roubou um pedaço da ala leste, bem no portão. Fiz amizade com o topógrafo e, em troca do mapa do condomínio, troquei terra de edificação por terra de brejo. Um ótimo negócio! Ele riu, feliz...

No sábado, passei no bar e convoquei uns amigos:

— Estou com uma farofa de porco lá em casa!

Descemos. Apertei uns cigarros sem filtro, enchi os copos de conhaque e a farofa rolava solta.

— Amor! Não se preocupe, que a festa aqui debaixo da mangueira está dez! Não precisa de almoço!

E rolava cigarro careta, rolava cigarro maluco, copo cheio de Dreher e farofa de porco fazendo a alegria da turma. Enquanto isso, o pedreiro estava feliz da vida, levantando rapidamente a parede de tijolos. O que ele não sabia era que eu havia avançado o marco da borda oeste um metro para a frente.

Levantei o muro e chapisquei.

Na segunda-feira, meio sem graça, o topógrafo veio me dizer que as medidas estavam erradas.

— Amigo, você tirou da ala direita e eu repus aqui na esquerda. Esquenta, não! Conheço você desde os tempos da Basevi. Minha mulher trabalhou lá e também conheço o escritório de topografia no Conic, que faz todos os mapas dessa região.

Fala pro grileiro que foi uma troca justa. Um dia aqui se ganha, outro se perde. E, com as duas mãos, fazemos barba, cabelo e bigode!

OS AMIGOS E A LICENÇA PARA MATAR

Meus amigos do início da transa cultural, ainda em 1982, me ensinaram a jogar xadrez e pingue-pongue. Colecionavam selos e jogavam War. Foram os primeiros a acampar, a comprar bicicletas ultraleves, carros, apartamentos e tudo mais. Eram os bem-nascidos e bem-sucedidos. Passados dezoito anos, estavam na cúpula do poder.

Eu, por minha vez, era mais amigo dos pais deles.

Um dos pais veio do Piauí. Era muito legal, gostava de jogar baralho, tomava pinga. Éramos amigos. Ele gostava de mim.

O primeiro amigo foi seco:

— Você será preso!

O segundo foi mais leal. Sua mulher era muito amiga da minha mulher. Ele me chamou e disse:

— Mário, só tem um jeito: você mata um deles, arrasta pro lado da sua cerca e me liga.

Contei a ele sobre o advogado e o esquema que estava armando. Apesar de a ideologia ter nos colocado em trajetórias diferentes, aquele amigo não me abandonou. Foi direto:

— Não esquenta. Me liga.

Eu agora tinha licença para matar!

A JUSTIÇA, OS LOUCOS E OS POBRES-DIABOS

Eles caçam um jeitinho esperto, inteligente, de dar um jeito em você. Para isso, usam a delegacia, a vara e o juiz. Processam você, tornam você réu. São incapazes de articular abertamente: "Dessa vez, ele vai se foder!". Não falam, não escrevem isso, mas o advogado deles bota para foder em cima de você.

O dinheiro vai rareando. Para se defender, você recorre à palavra *chicana*.

— Meritíssimo, isso é uma chicana, um conluio!

O ajudante do juiz ri:

— Vamos ver os documentos que você trouxe.

Estou no meio dos algemados, dos penados pelo Estado. E penso: tenho que virar esse jogo. Mas você sabe que eles podem rotular você de louco pelo resto da vida. É um momento decisivo. Depois disso, você pode até se achar um homem de verdade.

Quando a Justiça me liberou, a primeira coisa que fiz foi comprar um 38. Eu andava com aroma de fumo ou de álcool na boca, revirava os olhos. Tudo era teatro. Ah, eu nem pude dar uma festa, comemorar! O gosto na boca era de sangue amargo.

Meus melhores amigos riam de mim. Poucos apareceram para me dar uma força.

Quando escolhi minhas testemunhas, falaram em jogo baixo. Logo quem veio falar de jogo baixo! Eles são da Justiça: rábulas, auxiliares, babões de ovo, juízes jovens e perigosos que frequentam academia. E eu, um pobre-diabo ilustrado.

Fui ao Dr. R. e pedi:

— Me ajuda.

Foi o dia mais humilhante da minha vida.

— Eu vou lá para esclarecer a história.

A adesão dele soou mais como uma ameaça.

Depois que a Justiça me liberou de sua fúria — a Justiça ria do meu salário: "É um doido, vamos ver no que vai dar" —, fui dar um jeito em advogado, vizinho, tratorista, grileiro, administrador e líder comunitário.

CALA A BOCA!

Eu estou no ataque agora. Não tem mais Justiça!

Às vezes escrevo essas coisas porque as pessoas não sabem o que podem arrumar para as próprias radiolas. Não sabem até onde uma perseguição, uma provocação ou uma disputa pode levar alguém que já se sente encurralado.

E, se a gente não tem Jesus no coração, corre o risco de se transformar em assassino de manchetes de jornal.

Tenho pena deles.

ROCK'N'ROLL, PARÇA

Acho que me despeço dele e da caixa de memórias do e-mail. Juntos, detonamos um surto.

Era o ano 2000. Eu tinha feito amizade com a garota do caixa da papelaria — elas sempre próximas da metade da minha idade, em qualquer época. A menina gostou da quantidade de cópias coloridas e caríssimas que eu tirava e, por conta própria, começou a me dar descontos além da imaginação.

Num sábado, enquanto montava um cartaz de Rogério Duarte, empolgado, fui à papelaria com Carlinho$. E ele, do seu jeito, começou a chamar a mocinha de "Moça". Eu já estava arrependido de lhe mostrar o caminho do canal.

Quando a conta fechou, ele entendeu o que estava acontecendo.

2001

UMA NOVA ERA

"Nossa responsabilidade pela miséria em qualquer lugar do mundo é genuína." — **Zygmunt Bauman**

Com uma visão amarga, mas ainda otimista da realidade, o sociólogo polonês defende uma sociedade mais justa, capaz de reduzir as diferenças entre ricos e miseráveis.

18 DE JANEIRO

LEGIÃO URBANA É A BANDA EXTINTA MAIS ATIVA DO PAÍS

Desta vez, a gravadora EMI está reunindo gravações dos shows da turnê de lançamento do disco *O Descobrimento do Brasil*, realizadas em outubro de 1994, para lançar um álbum ao vivo.

Com o novo CD, ainda sem título, a Legião mantém a mesma média de lançamentos de qualquer banda em atividade: um álbum por ano.

13 DE FEVEREIRO

ATHOS BULCÃO

Mestre dos azulejos de Brasília, Athos Bulcão tem centenas de prédios ornamentados com sua arte. Aos 83 anos, o carioca faz questão de acompanhar pessoalmente a montagem de mais uma obra que leva sua assinatura.

3 DE MARÇO

Foi um clarão! Foi um clarão! Cécé desencarnou!

Nos últimos tempos, quando tudo parecia estar chegando ao fim, ficávamos debaixo de uma rama, pitando e tomando vinho de garrafão. Não sabíamos que aquele fevereiro seria nosso último mês de carnaval com rock.

Nossas famílias se dilaceravam por causa da nossa dedicação ao rock — por isso fazíamos o movimento em casa. Cécé fazia as compras de domingo no Carrefour e depois caía na guitarra. Algumas vezes, reuníamos os meninos com latas de sorvete. E eram muitos meninos na chácara. Tudo foi filmado. Espero que algum dia eles revejam aquilo que valeu muito.

Fornicando numa colmeia ou tocando freneticamente em cima de um formigueiro. Alguns dos últimos dias foram especiais: muito som espacial e eu de olho na realidade. Estranhamente, Cécé voltou a cachimbar! E o garrafão de vinho nunca mais saiu de lá. O trio, debaixo dos arbustos, pitava silenciosamente no Riacho Fundo, ainda não parcelado e não totalmente seco.

Perto de Cécé, eu me sentia um farrapo. Como é que ele conseguia combinar aquelas roupas? Não havia como vencê-lo. Para o bem da humanidade, muitos tiveram que se afastar. Alguns se tornaram bundões. Nem ao enterro deles eu fui. Mas Cécé continuava cativante, genial, louco, faca afiada na guitarra. Nosso amigo de sempre.

Na surdina, retomamos a estrada musical juntos. Desta feita, eu dava carona ao volante. Filmava desde o desabrochar das flores até o luar. O circo do rock'n'roll embalou nossos filhos.

Cécé deixou um manuscrito sobre a agógica: o crescendo e o decrescendo na música e a maneira como esses sinais aparecem na pauta. Andava obcecado pelo assunto. Sua longa música celestial parecia traduzir o conflito entre o bem-estar e aquele ciclo feroz

de 1982 a 2001, quando o rock rolou. A vida nos inspirava como num documentário dos Beats.

O inesperado fim

Ficamos abatidos e tristes quando Cécé morreu. Morria ali um paiol de lendas da melhor estirpe. A vida do boêmio errante rendeu vinte horas de material gravado, mas é preciso competência e paciência para montar alguma coisa – e, claro, o tal dinheiro para a cultura!

Em casa, o som da guitarra emudeceu. Somente em 2007 voltaríamos com um projeto de casa aberta à plateia, com shows de Barbarella e Mariana Camelo.

"Essa foto d'Os Magrelos foi feita para a posteridade." – Rikk Lee

Dezembro de 1982. Ou a última foto inédita d'Os Magrelos que apareceu!

Queria andar na companhia de Cécé e d'Os Magrelos naquelas tardes depois das aulas, em setembro, com a grama renascendo. Suas ações chegariam à posteridade – eles sabiam que seriam imortalizados. Quando viram a foto, certificaram: "Para a posteridade!" Suas frases eram cruas e impactantes. Parte da história anda por aí. É uma glória: "O tempo que ainda virá; futuro, porvir".

Os Magrelos no Guará 1, nos tempos dos eucaliptos.

Renatoicinho, Luidi, Cécé e Clevicinhado.

Sobreviventes: Renato & Rikk Lee.

Além dos nomes de batismo, eles atendiam por apelidos como Cabelo, Linha, Fiapo, Osso e por aí vai. Também possuíam codinomes impublicáveis, usados somente entre eles, em suas rodas. Naquele período de repressão, era norma ter apelidos, muitas vezes não curtidos pelas famílias nem pelos delegados de polícia.

"ESPANTA JEGUE!"

O cunhado de Cécé, vindo de Nova York, trouxe uma filmadora que se acoplava à televisão. Assim foram vistos os primeiros filmes da banda. Também houve registros em Super-8 da banda em ação nas superquadras.

"Uma televisão com entrada de vídeo?" Aquilo era coisa da Nasa.

O cunhado-maestro ensinou a "baixar as cordas", aquelas afinações que aparecem nos discos do Led Zeppelin e de André Geraissati. "Cécé aprendeu rapidinho a tocar violão." Ele também deu algumas aulas. Quando o aluno era promissor, comentava: "O ouvido dela é bom".

Renato, irmão caçula deles, também era bom músico e segurava a flauta transversal. Não entendo por que não tocou no Extremo.

Na frente da casa deles, acendiam uma fogueirinha. Ficavam agachados, com os braços apertando os joelhos, sempre naquela posição de dar o bote. Conheci o pai de Cécé dividindo a mesma posição com eles diante da fogueira: Seu Messias. Cuidadoso com a grafia do nome de batismo, fazia questão de corrigir:

"Messias de Oliveira Júnior!"

E sempre repetia: "Coloque o Júnior, senão fica o nome do meu pai".

Na fogueira, mostrou-nos uma canção que havia feito para Seu Messias: "Espanta Jegue", uma moda de viola bem-humorada, do jeito dele. Marotamente, Cécé desconfiava que o velho havia encontrado uma das pontas mágicas...

O caipira é um cara sofisticado. Ele chegou daquele jeito manso, de onça, com o paletó que o acompanhava havia anos. Puxou um cigarro de palha:

"Meu pai cocado, acho que ele pitou um dos nossos."

"O maior gênio que já existiu é Beethoven, que morreu dizendo que nada sabia de música, que não sabia fazer contraponto. Se quem mais soube falou que não sabia direito o que estava fazendo, pode falar alguma coisa?"

Depois de assar o frango, descia as cordas e puxava "Espanta Jegue"!

•

Os pinheiros da autoestrada eram estreitos e a mata, fechada. O distinto Tuca Maia contou que atravessou a pista e foi seguido por um desconhecido. Cécé era o prudente:

"Vamos até ali."

Luidi Punk era corajoso:

"Vamos lá dar um pau nele."

Eu carregava o porrete.

Saindo do Guará pela ponta oeste, no pedal, dava para chegar, pelo SIA, à Torre de TV e às escolas da Asa Sul. Luidi Punk fazia esse percurso de bicicleta nos dias de semana. Por isso conhecia, no SIA, a zona veredal, por onde se atravessavam as pistas até chegar ao Parque do Guará.

Quando eles se mudaram para o Guará 2, na QE 28, voltada para os trilhos da QE 40, foi uma festa só. Eles não sabiam que eu morava lá.

Às vezes, descíamos de bicicleta naquela mata que dava para o Carrefour. Pouco antes, ao lado da pista, havia um piscinão natural que a Caesb construíra nos anos 1970. Era de pedra, com bordas onde passeávamos.

Rikk Lee, o mágico da sobrevida das pilhas, tinha métodos secretos para fazê-las durar. Elas eram usadas num toca-fitas portátil de plástico, daqueles de quem ouvia futebol dependurado num galho. Geralmente, um dos alto-falantes falhava e o som saía mono. De repente, a luzinha vermelha acendia: era sinal de que o estéreo havia voltado.

Eu jamais parava de falar, sequer por um minuto. Eles contemplavam a natureza. Eu queria penetrar no verde, andar e sair lá em Brazlândia. Subitamente, o *Concerto for Group and Orchestra*, do Deep Purple, voltava para a parte pesada da guitarra, e os pássaros revoavam agitadamente. Eles percebiam essas mudanças.

Depois saíamos do mato, cada um mais louco do que o outro. Visualmente, minha bicicleta era a mais ultrapassada. Com fome, eu perguntava:

"... Que tal uma rosca e um Baré?"

Cécé gargalhava como um comediante:

"O cara tá de larica!"

E pedalávamos até a padaria da QE 30. Esse era o ritual quando a tarde permitia que nos reuníssemos. E eu continuava: "O que será essa larica?"

Chegamos aos vinte anos e tínhamos outros rumos para caçar, outros verdes para alcançar.

O Guará Park era afastado. Começou com uma igreja isolada e, num frio do cacete, numa manhã de domingo, estávamos colocando vidro.

“Quem vai morar nesse cerrado? Isso é isolado igual àqueles barracos de faroeste!”

Eu fazia trilhas pelos aterros até o Bandeirante, na esperança de encontrar revistas velhas, tipo *Pop*. Uma vez encontrei, só que tinha chovido e consegui salvar poucas páginas. Ladrões jogavam documentos das pessoas nesses aterros.

Com apetite, destruía revistas e jornais, metia tesoura sem dó. Mas, depois da morte de John Lennon, comecei a guardar páginas inteiras. Mais tarde, passei a guardar alguns cadernos culturais, o que continuo fazendo até hoje, em menor escala.

Do gueto musical de onde emergimos, os caras tinham discos de Grand Funk, Status Quo, Black Sabbath, Led Zeppelin e Yes. No máximo, um Made in Brazil e outro Casa das Máquinas. O resto, para eles, era “merda”. Atiravam isso na cara das pessoas como um enorme ato de felicidade:

“O seu som é uma merda!”

Nisso, eles, Os Magrelos, eram bem Quincy Jones. E isso é uma narrativa. Eu arregalava os olhos para segui-la. Quando o cara debulhava, os Magrelos reconheciam:

“Maneiro, o som do cara é maneiro!”

Cresci, envelheci e agora estou lendo uma biografia do AC/DC. Houve um coitado de um DJ que se esforçou para tocar o disco deles na América, tentando conseguir contratos de shows e distribuição de discos. Qual foi a paga? Ao encontrar os caras rapidamente, o AC/DC nem sabia quem ele era. E a gravadora, a promotora, nem para sinalizar com uma placa!

Odiei ídolos e backstage. Não perdi meu tempo. Ídolo é o Tiãozinho do Palitinho, esse sabe tudo.

Um dos arroubos juvenis era não tirar ou permitir fotografias. Passadas décadas, algumas dessas pessoas não mudaram de atitude: faziam tudo para boicotar as fotos. Por isso temos poucas imagens. As máquinas eram inacessíveis.

“Naqueles tempos, nas várias mudanças, os albinhos de fotos se perdiam...”

É isso geralmente o que a galera responde.

De vez em quando, alguém pergunta:

— Cadê você na foto?

É um comentário maldoso, ao qual respondo:

— Minha mãe não permitia andar com eles.

Fim de papo brutal.

Nos bares, principalmente, os bêbados nos agarravam e davam sopapos, insistindo:

“Você conheceu... conheceu meu pai?”

Quando a gente dava a entender que o pai do sujeito não dava muito papo no Conic e citava nomes de alguns padrinhos, aí rapidinho o cara mudava:

“Você é historiador, conhece a história. É chato lembrar onde derramamos nossas pontas, tipo cinzeiro da heustória...”

Apesar de muitos personagens desta heustória cultural terem sucumbido ao longo dos anos, sou um Boca do Inferno.

No processo histórico, sou confrontado. Me apresentavam e perguntavam:

“Lembra dele? O cara se lembrou de você!”

“Que bom!”

Eu mantinha alguns ases na manga e a informação:

— Se lembra do fulano?

— Aquela vez? Era eu! Tá ligado? Valeu!

Nessa competição de ego, às vezes eu lembrava fatos dolorosos e ouvia:

“Fala quem é você?”

10 DE MARÇO

A MATURIDADE DA FÚRIA

Cássia Eller grava o *Acústico MTV*: piadas, letras empacadas, timidez, potência e um ar de Édith Piaf.

23 DE MARÇO

MENTIRAS DE PAZCHECO QUE PODEM SER FACILMENTE COMPROVADAS

— Boa tarde. O nome Legião Urbana foi criado por Renato Russo depois de ler um livro sobre uma brigada que ajudava traficantes e prostitutas na França...

Aproveito para agradecer aos fãs que vieram de longe, do Entorno, mesmo sem dinheiro para a passagem de volta; aos que nunca tiveram a oportunidade de ver seu ídolo; àquele garoto de jaqueta com a insígnia do Aborto Elétrico; e ao senhor Manfredini também.

Por fim:

“Não estatize meus sentimentos.

Pra seu governo,

o meu estado é independente.”

A mesa havia recomendado brevidade. Depois da explosão dos fãs, o responsável pelo cerimonial pediu que eu repetisse o fragmento de “Baader-Meinhof Blues”. O trecho acabou registrado no Livro da Sessão.

Meu discurso-relâmpago, uma espécie de pílula de destruição, levantou a plateia e recebeu a aprovação do pai de Renato Russo, o senhor Manfredini.

Curiosamente, como em outras ocasiões da vida de Renato Russo, seu pai estava na primeira fila. Mesmo com um braço engessado.

Em segundos, levantei a galera.

Ainda sou um notável desconhecido. Lembro daqueles saraus em que ninguém fechava a matraca. Quando eu abria a boca para ofender a plateia, acabava expulso do microfone e da livraria.

O tempo passou. Comecei a dar depoimentos em palcos e documentários por aí. No Teatro dos Bancários, fui ovacionado pelos fãs do Aborto Elétrico. Era palestrante convidado pela Maninha. Depois, fui comemorar meu sucesso tomando cerveja no Conic, sem contar vantagem para ninguém.

Eu me perguntava: sou fã?

Tinha os discos. Quando lancei meu livro, o nome Renato Russo me ajudou muito. Foi meu padrinho. Se alguma coisa aconteceu, devo a ele, ao seu carisma, à sua lenda e à sua loucura.

Foram dez anos bebendo com os caras. Chegávamos de madrugada, enfrentando o frio e, às vezes, com os pneus estourados. Éramos amigos que permaneceram juntos. Eu estava sendo processado e, naquele ritmo, acabaríamos perseguidos pela lei do homem branco, do homem negro, do homem baixo e sabe-se lá de quem mais.

Nos bares e teatros, ninguém gostava de nós. Saíamos batendo nos carros, bêbados. Consumíamos a legítima maconha maranhense numa sauna de quatro rodas. Jesus estava por perto.

Acredito que nenhum produtorzinho cultural de Pangaré City teria coragem de nos achacar. Nem vou dar o nome: esse já caiu em descrédito no Conic.

Nesse clima de ouvir muito Doors Digital, fui chamado à Plenária do Renato Russo. Solenidades. *Shave and cut hair*. Peguei meu tênis e a camisa de comparecer em tribunal.

Depois disso, nunca mais me chamaram para nada.

Havia um círculo que ria. E eu fui perdendo o gosto pela poesia, naquele mesmo clima de ouvir muito Doors Digital.

"Hey! Legião Urbana não é nada disso que se apregoa por aí! Legião Urbana era um salvo-conduto para os marginais franceses!"

"Hey! Garotos de jaqueta com o símbolo do Aborto Elétrico, vou encerrar com uma frase para todos vocês que vieram de longe e que jamais viram seu ídolo!"

"Não estatize meus sentimentos / Pra seu governo / O meu estado é independente."

A arquibancada gritou, vibrou e aplaudiu.

Eu era Bukowski, Morrison e Mário Pazcheco. Fizeram fotografias que jamais vi. Fugi da mesa e fui tomar uma no Conic.

Foi mais um dia glorioso.

Tempos depois, na rádio Zoom Music, o produtor se lembrou daquela tarde em que o pai de Renato não tirou os olhos de mim.

Mande as fotos, Carmem, senão vão dizer que é mentira VIP.

Eu queria me ver.

24 DE MARÇO

A ÚLTIMA DECLARAÇÃO DE AMOR

Chega hoje às lojas *Como É Que Se Diz Eu Te Amo*, disco duplo da Legião Urbana gravado durante apresentação da banda no Rio de Janeiro. Amigos e familiares de Renato Russo lembram momentos marcantes do show.

27 DE MARÇO

A Administração do Lago Sul e a Secretaria de Estado convidam para o show da banda brasiliense Finis Africae, com participação de Renato Rocha, da Legião Urbana, e presença de Fê Lemos, do Capital Inicial.

O evento será realizado no local da estreia do extinto Aborto Elétrico, primeira banda de Renato Russo. Na ocasião, também será descerrada uma placa em homenagem ao ídolo, dando sequência ao projeto Memorial Renato Russo.

29 DE MARÇO

RUSSO

Foi incrível a falta de organização na cerimônia de outorga do título de Cidadão Honorário *post mortem* ao músico Renato Russo. O evento ocorreu na sexta-feira, no Teatro dos Bancários, com pane no sistema de som, videoclipe inaudível e banda – que iria prestar uma homenagem ao poeta – sem estrutura. Enfim, uma bagunça generalizada. A família deve ter ficado chateada e os fãs, frustrados.

Ellery Fritz, SQS 410.

RUSSO 2

Em relação à carta de Ellery Fritz, intitulada "Russo", recebemos o seguinte esclarecimento:

O texto começa indicando "falta de organização na cerimônia...". É de admirar o desconhecimento de um morador da capital política da nação sobre como funciona um rito cerimonial de uma solenidade do gênero.

O Cerimonial da Câmara Legislativa trabalhou com o profissionalismo, a seriedade e a competência de praxe. Os fãs de Renato Russo, representantes legítimos no processo, aplaudiram a homenagem. Os deputados Magela e Maria José Maninha manifestaram solidariedade ao músico que, em 1980, sofreu com a repressão do regime militar.

Fritz deixou transparecer que dormiu ou esteve apenas em "espírito" no teatro, pois não percebeu que a banda prestou sua merecida homenagem. Quanto à família de Renato Russo ter ficado chateada, basta consultar as notas taquigráficas, que registram o discurso de dona Carminha, mãe de Renato, no qual expressou, emocionada, o sentimento da família em relação ao tributo ao filho.

Geraldo Ribeiro e Rogério Silva, Brasília.

15 DE ABRIL

OBITUÁRIO: O PAI DO PUNK ROCK

Joey Ramone (19 mai. 1951 – 15 abr. 2001).

21 DE ABRIL

CAPITAL LEVA OS VIOLÕES PARA A FEIRA

O show do Capital Inicial é centrado basicamente no repertório do disco *Acústico MTV*. 7ª Exposição Agropecuária da Cidade de Brasília, no Parque da Granja do Torto.

27 DE ABRIL

O DOCE POETA

Exposição na Universidade de Brasília, que mostra correspondências trocadas com escritores como Drummond e Mário de Andrade, celebra os 80 anos de Cassiano Nunes. Amigos do autor também preparam a publicação de *12 Poemas Sobre Pintura*.

3 DE MAIO

PROVOCAÇÕES DE TUNGA

Com um conjunto de quatro exposições intitulado *Assalto*, em cartaz no CCBB, o artista pernambucano apresenta diferentes variações para seus jogos de tensão. Tunga e as esculturas concebidas como células em contínuo inspira-expira.

5 DE MAIO

O PALCO É NA RUA

O grupo de teatro Esquadrão da Vida, um dos mais importantes de Brasília, comemora 21 anos de arte mambembe sem perder o compromisso com a crítica social que caracteriza a trupe.

Renovado, o grupo prepara um novo espetáculo, que deverá estrear ainda neste mês. A peça tem temática ecológica. Experimentalismo estético e compromisso social são a base do trabalho.

7 DE MAIO

ACÚSTICA ATRAPALHA SHOW DE CÁSSIA ELLER

"A acústica da Ópera Hall — um galpão com capacidade para até 20 mil pessoas — dificultou a audição das músicas. A própria Cássia reclamou da acústica na passagem de som."

(Irlam Rocha Lima)

14 DE MAIO

PROT(O) ATACA

Entre Brasília e Goiânia, no Bananada, o quarteto faz três shows durante a semana. Diversão garantida.

JUNHO

No backstage do Porão do Rock, formamos a banda mais psicodélica do Brasil desde os Mutantes: Pazcheco, o casal da Mákina du Tempo e João Paulo, guitarrista e cantor do Mopho.

7 DE JUNHO

CÁSSIA, SOLO E ECLÉTICA

Cantora faz apoteose intimista com repertório que vai de Joni Mitchell a Zé Ramalho. Com seu habitual despojamento, Cássia Eller se revezou nos violões de cordas de nylon e de aço para abrir o projeto A Luz do Solo.

27 DE JUNHO

ALUIZIO, O HOMEM DE ARAME E FERRO

Vigia do Centro Educacional Lago Norte, Aluizio Cassiano segue reinventando a vida nas esculturas feitas de arame, nos contos que escreve num caderno espiral, nas músicas, na poesia e na pintura.

Aluizio Cassiano já rodou quase todo o Brasil, mas parou aqui "pra fazer lodo". E, enquanto se assenta, faz coisas e fala coisas sem parar:

"O artista tem que ter um pé na fantasia e outro na realidade. Eu aguento, sou libriano."

MORRE ROBERTO PIRES, CINEASTA BAIANO

Roberto Pires segura a máquina, a tal de corda que tem três lentes. E diz:

— Você olha por aqui, tá vendo que você tá vendo aqui? Esse quadrinho é o que vai sair na tela, né? Agora tem um detalhe, viu? Se você rodar aqui, muda de lente. Olha aqui.

Glauber Rocha:

— Ih! O quadro aumentou!

Roberto Pires responde:

— É. Aqui você muda. Essa lente é grande-angular. Muda essa, aí aperta mais e vai pegar, é a teleobjetiva.

Foi a única aula que Roberto deu para Glauber. Não ensinou cinema a Glauber Rocha. Ensinou a máquina, como mudar de lente e como funcionava, que o filme andava de cabeça para baixo e uma série de detalhes assim. E Glauber Rocha fez *O Pátio*.

28 DE JUNHO

ROCK CANDANGO

DE CAMAROTE NO ROCK DE BRASÍLIA

Espectador privilegiado reúne em livro histórias saborosas dos anos em que as bandas alteraram os decibéis da cidade.

Livro de Paulo Marchetti, ex-Filhos de Menguele, relembra os primórdios do Rock Brasília, numa abordagem que vai além da trilogia Legião-Plebe-Capital.

MUITO ALÉM DA COLINA

O legionário Renato Russo ainda nos tempos de Trovador Solitário. Flávio Lemos, no Aborto: o único que sabia as músicas. Marcelo Bonfá tocava nos Metralhaz antes da Legião.

12 DE JULHO

SUCESSO E MATURIDADE

Cássia Eller estreia hoje a versão para o palco de seu *Acústico MTV*, que vendeu 200 mil cópias em apenas dois meses. A cantora leva ao palco do Canecão o CD que a transforma de vez numa estrela pop.

PRONTO PARA UM NOVO MERGULHO

Depois da turbulência causada pela saída do vocalista Rodolfo, o guitarrista Digão supera a depressão e anuncia que vai cantar e voltar a tocar com os colegas Raimundos Fred e Canisso. Eles ainda não sabem se utilizarão o nome da antiga banda.

Na piscina da Academia de Tênis, Digão explica o motivo da decisão de continuar como trio:

"A gente tem orgulho de nossa história."

6 DE AGOSTO

POP E ROCK AGITAM JOVENS E ADULTOS NO FIM DE SEMANA

Jota Quest e Capital Inicial fazem a festa em duas noites de muito som em Brasília.

Rogério Flausino, vocalista do Jota Quest, no show Pão Music, na Esplanada:

"Sinto uma força estranha quando toco em Brasília."

7 DE AGOSTO

FÃS DELIRAM COM CÁSSIA ELLER

Cercada por fãs que a abraçaram no final do show, Cássia Eller deixou ontem à noite o palco da Sala Villa-Lobos, na abertura do Projeto Concertos MPBR, comemorando.

Ao longo de sua carreira, essa foi a primeira vez que o teatro esteve superlotado para assisti-la. Tanto que cem ingressos extras tiveram de ser colocados à venda. Muita gente se espalhou pelos corredores e em frente ao palco para conferir, sentada no chão, a performance da cantora.

Ela abriu o espetáculo cantando “Je Ne Regrette Rien”, do repertório de Édith Piaf. Na segunda música, “Malandragem”, de Cazuza, o clima já era de total empatia entre Cássia e o público. Os jovens cantaram com ela músicas como “Gatas Extraordinárias”, “Primeiro de Julho” e “ECT”.

Quando cantava “Partido Alto”, de Chico Buarque, houve um rápido apagão no teatro. Foi o suficiente para parte da plateia começar a vaiar o governador Joaquim Roriz.

Na segunda parte do show, a cantora chamou ao palco Nando Reis, dos Titãs, com quem dividiu “Relicário” e “Segundo Sol”. Em seguida, surgiu em cena o rapper Xis, com quem Cássia dividiu “De Esquina”.

Durante o show, ela não fugiu de suas características: falou um e outro palavrão e brincou com o público ao rebolar no palco.

17 DE AGOSTO

RENATO MATOS

Cantor, compositor, ator, artista plástico, performer, louco, insensato. Tudo isso compõe um baiano que veio para Brasília há 25 anos e canta esta cidade como ninguém.

Versão moderna do Macunaíma, Renato Matos insiste em ser do jeitinho que é, sem concessões.

“Dizem que eu só falo sobre Brasília, e a cidade tem um estigma. Não posso tentar outro tema. Sigo meu ímpeto.”

AFONSO BRAZZA CHEGA AO CIRCUITO COMERCIAL NO DF

Diretor trash exibe seu filme mais recente, *Tortura Selvagem – A Grade*, em duas salas comerciais de Brasília: Top Mall, em Taguatinga, e Márcia, no Conjunto Nacional.

O filme permaneceu em uma sala de shopping center por quatro semanas, com mais de dois mil ingressos vendidos.

11 DE OUTUBRO

DISCRETA CELEBRAÇÃO

Renato Russo, um dos maiores letristas do rock nacional, morria há cinco anos. Hoje, uma missa reservada à família vai homenageá-lo. Em todo o país, fãs mantêm de pé o prestígio da Legião Urbana. Aquecem o mercado fonográfico e movimentam sites na internet.

O BAÚ SEM FUNDO DA LEGIÃO URBANA

Cinco anos após a morte de Renato Russo, inéditas e sobras de estúdio continuam a engordar o espólio da banda. Renato Russo vive: fitas gravadas por ele, com a Legião, estão sendo pesquisadas. Bonfá prepara seu segundo CD solo e Dado, uma nova trilha.

COMEÇAR DE NOVO

Fred, Digão e Canisso retomam a trajetória dos Raimundos. O CD *Éramos Quatro* tem uma música inédita e doze versões selvagens.

BRAZZA NA MOSTRA DE SP

Com as filmagens de *Fuga sem Destino* em andamento, o cineasta-bombeiro Afonso Brazza acaba de conquistar mais uma vitória na carreira de diretor-faz-tudo.

Tortura Selvagem – A Grade, seu filme mais recente, integra a lista da 25ª Mostra BR de Cinema – Mostra Internacional de São Paulo, que começa na próxima sexta-feira, na capital paulista.

Entre os brasileiros, Brazza terá como companheiros diretores como Júlio Bressane (*Noites de Nietzsche em Turim*), Nélson Pereira dos Santos (*Compadre Zé Ketti* e *Vidas Secas*, em cópia restaurada) e Marcelo Masagão (*Nem Gravata, Nem Honra*).

Na última sexta-feira, Brazza recebeu o título de Cidadão Honorário de Brasília.

28 DE OUTUBRO

ARTISTAS QUEREM 508 MAIS AUTÔNOMA

Menor dependência do Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul) em relação aos recursos da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, à qual está vinculado. Essa é a intenção de um grupo de artistas da cidade, liderado por Wagner Barja e Carlos Alberto Xavier, que pretende reativar a Associação dos Amigos da 508 Sul, fora de atividade desde o início do atual governo de Joaquim Roriz.

Inicialmente, a ideia é arrecadar, por meio da associação, recursos para promover oficinas no galpão de artes do espaço, aproveitando as leis de incentivo ou fundos, como o FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

O dinheiro também serviria para tapar buracos na cobertura do Teatro Galpão, que apenas a secretária de Cultura do DF, Maria Luiza Dornas, ainda não enxergou. Há aproximadamente um ano, a cobertura do Galpão é protegida por um imenso plástico preto. O teatro alaga sempre que chove.

"Se a Defesa Civil ou os bombeiros passarem por aqui, com certeza vão interditar o Teatro Galpão", acredita um funcionário.

No dia 7 de novembro, os artistas vão se reunir para eleger os membros da nova diretoria da associação.

CINEMA

FILME DE ANDRÉ LUÍS É PREMIADO

Um projeto de filme brasileiro e outro português foram selecionados para receber apoio financeiro dos Ministérios da Cultura do Brasil e de Portugal.

Pelo Brasil, foi escolhido o longa de ficção *Viva o Povo Brasileiro*, de André Luís Oliveira. *Tudo Isto é Fado*, de Luís Galvão Teles, é o filme português selecionado. Cada projeto receberá 160 mil dólares.

O anúncio foi feito na sexta-feira, no Rio de Janeiro, onde se reuniu a comissão luso-brasileira, formada por dois representantes do Brasil — o secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura, José Álvaro Moisés, e o coordenador de intercâmbio audiovisual da secretaria, Samuel Barichello Conceição — e outros dois de Portugal: o presidente e a vice-presidente do Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimídia de Portugal, Pedro Berhan da Costa e Anabela Afonso.

O dinheiro será liberado em três parcelas: no início das filmagens, na entrega da cópia e no momento da distribuição no Brasil e em Portugal.

No ano passado, os projetos selecionados foram *Desmundo*, do brasileiro Alain Fresnot, e *A Selva*, do português Leonel Vieira.

MESTRE DO TRASH NO CIRCUITO

Brazza, bombeiro de Brasília que faz filmes em casa, entra para a galeria do cult. No papel de herói que salva a loura Claudette Joubert, musa e mulher na vida real.

Em novembro, seu mais recente filme, *Tortura Selvagem – A Grade*, chega aos cinemas do Rio.

O cineasta não para. O oitavo filme, *Fuga sem Destino*, está em plena produção, tendo consumido, até o momento, 18 latas de película e 200 tiros de festim. As filmagens acontecem sempre aos domingos, quando a equipe técnica e quase todos os integrantes do elenco estão de folga.

Por "equipe técnica", entenda-se Afonso Brazza. Além de protagonista, ele é diretor, roteirista, fotógrafo, montador e produtor.

1º DE NOVEMBRO

FARRA HISTÓRIA

Dado Villa-Lobos reedita o CD *Combat Rock*, gravado em 1997, com roqueiros tocando músicas dos anos 1980.

• Revista MTV — Renato Russo como um anjo caído — cinco anos depois.

26 DE NOVEMBRO

Depois de quase se separar, no início dos anos 1990, e de só reencontrar o sucesso recentemente com o *Acústico MTV*, a banda Capital Inicial tem seus vinte anos de contribuição ao rock nacional reconhecidos.

O grupo recebe o título de Cidadão Honorário de Brasília. A sessão solene ocorre na Câmara Legislativa. A banda comemora o título no Planeta Brasílis Café, no Brasília Shopping, em festa para 580 convidados.

Só que os fãs acharam que fosse um show, e a festa quase terminou em confusão. Mas o Capital acabou dando uma canja.

27 DE NOVEMBRO

"Para o Mário Pazcheco, o abraço do ex-desafeto do Glauber." — **Jaguar**

29 DE NOVEMBRO

RENATO RUSSO GANHA PRACINHA NO PARQUE

Banquinhos, escultura e um belo jardim compõem o cenário da Praça Eduardo e Mônica.

Família e amigos inauguraram, no Parque da Cidade, um cantinho em homenagem ao cantor.

SQUEMA SEIS, 21 ANOS DE ESTRADA

Falar do mercado musical de Brasília sem citar a Banda Squema Seis seria uma grande injustiça. Com 21 anos de estrada, o grupo se consolidou como o conjunto de baile mais requisitado da cidade.

Sua história começa em 1980, quando o vocalista Maurício Tuchau, o baterista Onivaldo de Oz e o saxofonista Zezinho, egressos do grupo Tom Maior, resolvem fundar um conjunto para tocar do samba ao bolero. Deu certo. Hoje, mesmo depois de tanto tempo de carreira, continuam fazendo sucesso. São cerca de doze apresentações por mês.

O espaço não vem por acaso. Os oito músicos da banda ensaiam três vezes por semana, durante sete horas, no estúdio do grupo em Taguatinga.

"Nosso repertório conta, hoje, com mais de 700 músicas", informa o empresário da banda, Paulo Roberto Lima.

O grupo já atuou com artistas internacionais, como Ray Conniff e Billy Vaughn, e, nacionalmente, com Milton Nascimento, Chico Buarque e Gilberto Gil, entre outros.

Em 1996, lançou, pela gravadora Continental, seu primeiro CD, *Coisa de Cinema*. Chegou a vender 20 mil cópias e se apresentou nos programas de Jô Soares, Angélica e Xuxa.

Em dezembro, será lançado o CD demo, que reúne "músicas de nossa autoria e de compositores nacionais", conclui Paulo.

COMO UM ENTE DA FAMÍLIA FALECIDO

Sexta-feira, dia 30. Ana Luíza, aos seis anos, depois de ver na televisão, na hora do almoço, veio correndo e disse:

"Pai. George Harrison dos Beatles morreu!"

• Os irmãos Adriano e Fernando Guimarães editaram *Happily Ever After: Felizes Para Sempre*. O livro detalha a proposta de teatro-instalação, apresentada pela primeira vez na Galeria Athos Bulcão, no anexo do Teatro Nacional.

"O livro é um caminho interessante de registro. Em Brasília, a impressão que se tem é que você sempre está começando um novo trabalho, sem passado", comenta o diretor, que possui quinze anos de profissão.

No segundo livro, *Todos Os Que Caem*, registraram trabalhos inspirados no dramaturgo Samuel Beckett. Documentaram espetáculos, performances e instalações realizadas em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.

Além de textos em português e inglês, o livro conta com belas fotografias do iluminador Dalton Camargos e de outros fotógrafos. Estão documentados os trabalhos *Todos Os Que Caem* (2002), *Não Ficamos Muito Tempo... Juntos* (2002) e *Felizes Para Sempre* (1998).

2002

A GUARDA DO CHICÃO

FILHO DE CÁSSIA FICARÁ COM A COMPANHEIRA

Cássia Eller deixou um filho de oito anos, cuja guarda se tornou objeto de disputa após a morte da cantora.

COMPANHEIRA DE CÁSSIA VAI PEDIR GESTÃO DE BENS

Os recursos deverão ser destinados à criação de Chicão, cuja guarda provisória foi entregue a Maria Eugênia.

EUGÊNIA PODE VIAJAR COM CHICÃO

Maria Eugênia Vieira Martins, companheira de Cássia Eller, conseguiu na Justiça um alvará que a autorizava a viajar com Francisco Ribeiro Eller, o Chicão, de oito anos. O documento era necessário para que pudesse retornar ao Rio de Janeiro com o menino. Desde a morte da cantora, Eugênia não havia conseguido deixar Brasília com a criança. Os dois estavam na cidade desde o Natal.

FILHO DE CÁSSIA ELLER FICA COM MARIA EUGÊNIA

A 2ª Vara de Órfãos e Sucessões do Rio de Janeiro homologou o acordo entre a companheira da cantora e o avô do menino, que havia pedido a tutela do neto após a morte da filha.

"Estou muito feliz. Chicão arrasou. Teve o dedo da Cássia", afirmou Maria Eugênia.

O QUE SE DISSE NOS PRIMEIROS DIAS — JANEIRO DE 2002

Depoimentos, suspeitas e notícias divulgadas nos primeiros dias após a morte da cantora, antes da conclusão dos exames e das investigações. São registros do que se dizia na época, não conclusões.

MÉDICO FOI AVISADO DE QUE CÁSSIA ELLER PODERIA TER USADO COCAÍNA

Para esclarecer as marcas encontradas no braço da cantora, que teriam sido provocadas por picadas de agulha, a polícia ouviu médicos. Eles explicaram que era relativamente comum artistas, principalmente cantores, aplicarem medicamentos energéticos diretamente na veia para suportar a rotina de shows.

A percussionista Lan Lan, que levou Cássia à clínica, prestou depoimento à polícia. Thamyma, outra integrante da banda, afirmou ter visto uma secreção branca nas narinas da cantora.

COMPANHEIRA CONFIRMA DESEQUILÍBRIO DE CÁSSIA ELLER

Em depoimento, Maria Eugênia Martins afirmou que seu relacionamento com a percussionista Elaine Moreira, a Lan Lan, era apenas de amizade. Também descartou a possibilidade de um romance entre Cássia e a percussionista.

Maria Eugênia negou ter brigado com Cássia antes de sua morte. Segundo ela, o último contato entre as duas ocorreu por telefone, na madrugada de 29 de dezembro, dia em que a cantora morreu. Naquele momento, a causa da morte ainda não havia sido esclarecida.

De acordo com o delegado Calazans, Cássia telefonou para a companheira pelo celular porque já havia destruído todos os telefones fixos do apartamento. Maria Eugênia percebeu que a cantora estava deprimida e agitada.

"Ela confirmou o estado de desequilíbrio relatado ontem pelas percussionistas da banda", declarou Calazans.

Na conversa, Cássia teria dito: "No momento, só sirvo para ganhar dinheiro. Não consigo me relacionar com ninguém".

"Maria Eugênia tinha conhecimento de que ela bebia e usava drogas, e disse que ultimamente uma ou duas cervejas eram suficientes para descontrolá-la", contou o delegado. "De acordo com o depoimento, Cássia Eller vinha se submetendo a um tratamento para se livrar da dependência química, mas esse tratamento era prejudicado pela agenda movimentada da cantora."

PAI CONFIRMA QUE CÁSSIA USAVA DROGAS

O advogado afirmou que o pai da cantora fez revelações "aterradoras" sobre o vício da filha.

Correio Braziliense, 31 dez. 2001.

O QUE FICOU — LAUDO, LIVRO, DISCO E ARQUIVAMENTO

NEM ÁLCOOL, NEM DROGAS EM CÁSSIA

Os exames toxicológicos realizados no sangue e nas vísceras de Cássia Eller não encontraram vestígios de drogas nem de álcool. A informação foi divulgada pela Globo News.

O resultado contrariou as suspeitas levantadas nos primeiros dias e surpreendeu os médicos que atenderam a cantora. Segundo os peritos, Cássia poderia ter sofrido uma "alergia medicamentosa". Diante dessa hipótese, a polícia pediria à direção da clínica informações sobre o procedimento adotado durante o atendimento.

LIVRO MOSTRA TRAJETÓRIA DE CÁSSIA ELLER

Seis meses depois da morte de Cássia Eller, foi lançado *Canção na Voz do Fogo*, apresentado como a primeira biografia da cantora. Publicado pela editora Escrituras, o livro era definido como um "ensaio biográfico" e reunia um extenso levantamento da carreira da artista.

A autora, Beatriz Helena Ramos Amaral, é advogada, jurista, integrante do Ministério Público de São Paulo e professora de violão erudito.

Na entrevista de divulgação, foi questionada sobre a hipótese de estresse, desgaste e esgotamento físico como causa da morte:

Pergunta — A senhora parece ratificar a tese de estresse, desgaste e falência da resistência física como causa da morte dela. O que lhe deu essa convicção?

Beatriz — O estresse de Cássia em decorrência de aproximadamente uma centena de shows em sete meses, de maio a dezembro de 2001, é inquestionável. As viagens sucessivas e os deslocamentos por todo o país são fatores de desgaste para qualquer artista. Sua idade era de risco e os seus hábitos sedentários são mencionados por todos.

Devo deixar claro que meu livro, por não ser biografia, enfatiza só a trajetória musical de Cássia. Mas, já que você toca nesse assunto, esclareço que minha convicção vem de uma prova médico-pericial conclusiva, emanada de um órgão público, cuja credibilidade não se pode contestar levianamente.

10 DE DEZEMBRO — AINDA UMA GAROTINHA

Cássia Eller é homenageada com o disco póstumo *Dez de Dezembro*. Se estivesse viva, completaria 40 anos.

Um ano depois de sua morte, a cantora continuava entre os artistas mais vendidos.

No balanço comercial de 2002, o *Acústico MTV*, lançado no final de 2001 pela Universal, alcançou a marca de 750 mil cópias. O CD póstumo *Dez de Dezembro* já havia ultrapassado as 100 mil.

REVIRAVOLTA: LAUDO INDICA ERRO MÉDICO NO CASO CÁSSIA ELLER

Um novo laudo apontou a possibilidade de falha médica no atendimento a Cássia Eller. Segundo parecer do Ministério Público, a cantora teria recebido medicação inadequada para um quadro de intoxicação por álcool e cocaína. As peritas consideraram que os médicos não deveriam ter administrado Plasil diante da suposta ingestão dessas substâncias.

PARA MÉDICOS, NÃO HOUVE ERRO

Cardiologistas discordaram da avaliação de que o Plasil pudesse agravar problemas cardíacos.

Carlos Serrano, um dos diretores da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), contestou a hipótese de erro médico. Segundo ele, o Plasil seria inócuo para o coração.

"O Plasil é exclusivamente para problemas gastrointestinais, cujo principal sintoma é o vômito", afirmou. "Para complicar, o vômito também pode ser um dos sintomas do enfarte. Por isso, não é um absurdo o médico dar também um Plasil ao paciente que chega vomitando ou com dor no estômago."

O presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, Antônio Carlos Lopes, também afirmou que o Plasil seria inócuo quando associado a drogas estimulantes.

"A cocaína estimula a adrenalina e o Plasil não tem nenhuma relação com ela. Ele pode potencializar o efeito do calmante, isso sim."

Já Anthony Wong, diretor do Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas, apresentou outra avaliação. Segundo ele, o medicamento poderia potencializar os efeitos de estimulantes, anfetaminas e antidepressivos. Quanto ao álcool, afirmou que "o medicamento não teria esse efeito".

MP APRESENTA DENÚNCIA CONTRA DOIS MÉDICOS QUE ATENDERAM CÁSSIA ELLER

Os promotores denunciaram Marcus Vinicius Gondomar de Oliveira e Jorge Francisco Castro y Perez por homicídio culposo. Segundo a acusação, o tratamento administrado pela equipe médica teria reduzido as chances de sobrevivência da paciente.

Quando chegou à Clínica Santa Maria, em Laranjeiras, na zona sul do Rio de Janeiro, Cássia estava agitada, confusa e com vontade de vomitar.

"Pensaram que fosse só álcool. Achavam que era intoxicação alcoólica. Só quando houve a primeira parada cardíaca perceberam que era mais grave. Encontrei uma moça com muitos enfartes, o coração com muitas lesões. Provavelmente chegou a este quadro com agentes externos", afirmou o cardiologista Rafael Leite Luna, chamado ao hospital pela família de Cássia duas horas antes da morte.

MÉDICOS SE LIVRAM NO CASO CÁSSIA ELLER

A Justiça rejeitou a acusação de imperícia apresentada pelo Ministério Público contra os médicos que atenderam a cantora.

7 DE FEVEREIRO

EM BUSCA DA VIBRAÇÃO PERDIDA

A Plebe Rude volta ao estúdio para enfrentar o desafio de gravar um disco inteiramente formado por composições inéditas.

Brasília – A banda brasiliense Plebe Rude enfrentaria um desafio que não encarava desde 1988: entrar em estúdio com a formação original e sair de lá com um álbum de músicas inéditas.

Depois de permanecer parada desde a primeira metade dos anos 1990, a banda voltou a tocar com seus integrantes fundadores: os guitarristas e vocalistas Philippe Seabra e Jander Bilaphra, o baixista André X e o baterista Gutje. Em 2000, gravaram o disco ao vivo *Enquanto a Trégua Não Vem*, que reunia sucessos e algumas poucas músicas inéditas.

Agora chegava a hora de registrar as novas composições acumuladas durante a retomada da convivência. Philippe Seabra anunciava a empreitada para o mês seguinte.

DESENCONTROS

O futuro álbum seria a segunda tentativa dos veteranos de voltar a se firmar no rock nacional, depois de onze anos de silêncio e desencontros.

A primeira tentativa havia acontecido em agosto de 1999, no festival brasiliense Porão do Rock. Em seguida, veio *Enquanto a Trégua Não Vem*, que não vendeu mais de 30 mil cópias.

A volta da Plebe Rude, uma das bandas mais queridas do rock nacional dos anos 1980, com sucessos como "Até Quando Esperar", "Proteção" e "Johnny Vai à Guerra", não repercutiu muito além do Distrito Federal e de capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, onde participou do festival Abril Pro Rock.

"Foi frustrante", definiu Philippe. Os shows não apareciam. Chegaram a combinar que a banda acabaria depois do Rock in Rio 3, em janeiro de 2001, onde se apresentaria por reles vinte minutos na escanteada Tenda Brasil.

Talvez aquele fosse um final indigente demais para a Plebe Rude. A solução possível era compor, ensaiar e gravar um novo disco. Seria preciso superar as divergências que haviam rachado o quarteto logo depois da gravação do fatídico terceiro álbum, *Plebe Rude*, de 1988.

Jander e Philippe – responsáveis pelo contraste de vozes em músicas como "Brasília" e "Johnny Vai à Guerra" – voltaram a se falar depois de anos de silêncio e rancor. Pelo menos o suficiente para amadurecer as cinco composições inéditas que surgiram naquele verão.

Elas formariam a espinha dorsal de um futuro CD e faziam Philippe lembrar dos tempos do clássico mini-LP de estreia da banda, *O Concreto Já Rachou*, de 1986.

"Escrevi as novas letras na mesma cama em que escrevi 'Até Quando Esperar'", emocionou-se.

(Bernardo Scartezzini.)

MARÇO

UM ANO SEM CÉCÉ

Com a morte do guitarrista Cécé, no ano anterior, o som sumiu. Um ano depois, fizemos um tributo em sua memória.

Da fase inicial dos shows, o apogeu foi aquele último concerto – filmado, mas jamais assistido. O palco foi comandado por grandes roqueiros da cidade. Naquela noite, tivemos três baixistas: Célio de Moraes, Lourenço Júnior e Bruno Lobão, além de Rockdrigo Terra e Juka nas guitarras.

Três contrabaixos! O rock voltaria algum dia com sua mágica?

Um ano depois, fizemos uma homenagem a Cécé no palco-caminhão.

O SOM DENTRO DE CASA

Na marra, tive que tomar juízo e concluir a construção da casa. Parei de gastar dinheiro com o palco, e o piso acabou apodrecendo.

Retomei a produção musical dentro de casa, com blues jams que renderam momentos inesquecíveis. Uma delas contou com Zezinho Blues e Gil Gilberto. E não podemos esquecer o clipe da Bomba, nossa primeira experiência com imagem e som aqui em casa, nas mãos de Eduardo D'Castro.

Da série: quem tem história aumenta um pouco mais o volume.

6 DE ABRIL

FESTIVAL ROCK NO SESC

Doze bandas se apresentam neste fim de semana no Auditório do Sesc, na 913 Sul, em comemoração ao primeiro aniversário do selo brasiliense Protons.

Com início às 15h30, a programação de hoje terá shows de Vernon Walters, Rockacola, Pulso, Noção de Nada (RJ), Gramofocas e Dance of Days (SP).

Amanhã, no mesmo horário, será a vez de Spectroman, Jack Fluster, Bois de Gerião, Prot(o), Pelebrói Não Sei? (PR) e Garage Fuzz (SP).

13 DE ABRIL

RETRATO DE UMA GERAÇÃO

O filme *O Sonho Não Acabou*, primeiro longa-metragem de ficção dirigido por Sérgio Rezende e também o primeiro rodado integralmente em Brasília, completa vinte anos.

"O filme marcou a estreia de muita gente no cinema, como Miguel Falabella, Chico Diaz e até Lauro Corona, que era um astro da televisão. Acho que foi também o primeiro filme de Daniel Dantas."

11 DE MAIO

- Sérgio Dias no festival Bananada, em Goiânia.

JUNHO

O mundo do rock perdeu dois contrabaixistas: Dee Dee Ramone, no dia 5, e John Entwistle, no dia 27.

1º DE JULHO

LIVRO MOSTRA TRAJETÓRIA DE CÁSSIA ELLER

No sábado anterior, completaram-se seis meses da morte de Cássia Eller. A primeira biografia da cantora já estava nas livrarias.

Canção na Voz do Fogo, da editora Escrituras, é apresentado como um "ensaio biográfico" e faz um extenso levantamento da carreira da artista.

A autora, Beatriz Helena Ramos Amaral, é advogada, jurista, integrante do Ministério Público de São Paulo e professora de violão erudito.

Pergunta – A senhora parece ratificar a tese de estresse, desgaste e falência da resistência física como causa da morte dela. O que lhe deu essa convicção?

Beatriz – O estresse de Cássia em decorrência de aproximadamente uma centena de shows em sete meses, de maio a dezembro de 2001, é inquestionável. As viagens sucessivas

e os deslocamentos por todo o país são fatores de desgaste para qualquer artista. Sua idade era de risco e os seus hábitos sedentários são mencionados por todos.

Devo deixar claro que meu livro, por não ser biografia, enfatiza só a trajetória musical de Cássia. Mas, já que você toca nesse assunto, esclareço que minha convicção vem de uma prova médico-pericial conclusiva, emanada de um órgão público, cuja credibilidade não se pode contestar levianamente.

22 DE JULHO

CIENTISTA DOS SONS

Jorge Antunes reúne vinte textos em edição comemorativa que apresenta algumas das obras mais importantes de seus quarenta anos de carreira. A publicação recupera a memória e o pioneirismo do compositor.

MÚSICA CONTEMPORÂNEA

Pioneiro da música de vanguarda brasileira, o compositor Jorge Antunes lança dois livros. Em Brasília, *Uma Poética Musical Brasileira e Revolucionária*, reunião de vinte textos organizados por ele; em São Paulo, *Uma Trajetória de Arte Política*, de Gerson Vale.

"Esse é mais biográfico, uma espécie de tese sobre o papel um tanto raro que foi sempre estar fazendo uma música ligada à preocupação sociopolítica", adianta o compositor, professor do Departamento de Música da Universidade de Brasília e objeto de estudo de pelo menos outros quatro livros.

Dois discos comemoram seu sexagésimo aniversário e as quatro décadas de trabalho dedicadas à pesquisa eletroacústica.

O primeiro reúne as doze primeiras composições do maestro. O segundo integra a série ABM Digital, da Academia Brasileira de Música, e traz registros das experiências com o GeMUnB, grupo de música eletroacústica dirigido por Jorge Antunes na UnB durante os anos 1970.

UnB TEM ESTÚDIO DE COMPOSIÇÃO DIGITAL

O professor uruguaio Conrado Silva coordena o laboratório e é o único professor de composição digital do Departamento.

28 DE JULHO

QUASE SEM QUERER

Rock – Há 25 anos, Brasília começava a se transformar na capital dos roqueiros.

Nem só de fama vive a cidade do rock. Permaneceu no anonimato uma geração de adolescentes influenciados pelo punk, que transformou bares, lanchonetes, colégios e quadras em um grande palco. Mais tarde, dali sairiam bandas brasilienses projetadas no cenário nacional.

São esses personagens que contam os bastidores de uma história de rebeldia e música. Algumas bandas, como o Detrito Federal, continuam em atividade.

Rebeldia nos tempos da ditadura militar.

A VOLTA DO CAPITAL

Em turnê nacional com o show *Rosas & Vinho Tinto*, título de seu novo CD, o Capital Inicial chega a Brasília no sábado para uma apresentação às 21h, no Ginásio Nilson Nelson.

A banda brasiliense, formada por Dinho Ouro Preto (vocal), Flávio Lemos (baixo) e Fê Lemos (bateria), conta agora com um novo guitarrista: o paulista Yves Passarel, que substituiu Loro Jones recentemente. Yves vem tocando com o grupo desde o *Acústico MTV*.

6 DE SETEMBRO

CINEMA DE AFONSO BRAZZA É PURO INSTINTO

Afonso Brazza, o bombeiro-cineasta de Brasília, finalmente estreia em circuito comercial na cidade de São Paulo. Filmado com negativos vencidos, *Tortura Selvagem – A Grade* é o filme mais caro do diretor.

É fácil rir de Brazza pelo que ele possui de índice da nossa própria precariedade. Em tempos de afirmação de excelência técnica do cinema nacional, ele filma com negativo vencido, sem controle de luz atento, sem atores, sem domínio da chamada decupagem. Mas, principalmente, ele representa um atentado a toda noção do que seja um cinema aceitável para nossos olhos cheios de *cultura*.

Muito mais difícil seria gastar um minuto para perceber no cinema de Brazza indícios fascinantes de uma linguagem audiovisual pura, intocada. Efetivamente mal-educado — pois não aprendeu a se portar —, seu filme nos remete aos primórdios do cinema, quando ainda não havia gramática a ser seguida. Uma época em que a simples superposição de imagens e sons, ou a ordenação aleatória de imagens, construía relações inesperadas de continuidade e lógica, ou uma pura fascinação.

Seus filmes são a expressão de um imaginário incontido, de uma paixão irracional, de um desejo de fazer cinema a qualquer custo.

Aqueles que liberarem suas mentes poderão se divertir bastante. Rindo com o filme, e não do filme.

Como descrever os planos perdidos de um singelo céu com nuvens no meio de um tiroteio? Ou um personagem que grita ao longo do filme "Apareça, Maicon!!", quando não conseguimos nem localizá-lo geograficamente?

12 DE SETEMBRO

Ontem, um grupo de atores se preparava para encenar um episódio de uma das muitas tentativas de derrubada do espaço cultural. O ensaio terminou em tumulto com a chegada de uma equipe da Administração Regional de Brasília. O espaço sofreu uma derrubada parcial.

Manifestantes formaram um "cordão humano" para impedir a destruição. Trinta minutos depois, um telefonema interrompeu a demolição: os fiscais deveriam apenas entregar uma notificação informando sobre a derrubada posterior.

4 DE OUTUBRO

O Córrego Vicente Pires estava tendo sua nascente drenada e aterrada, segundo denúncia de moradores da região.

Três toneladas de entulho teriam sido despejadas nas margens da nascente por especuladores.

14 DE OUTUBRO

ARTISTAS COBRAM POLÍTICA CULTURAL

Produtores e intelectuais se alinham aos diferentes candidatos ao governo do Distrito Federal.

Vladimir Carvalho anuncia seu voto em Geraldo Magela, enquanto Afonso Brazza aposta em Joaquim Roriz.

O NOVO VOO SOLO DE KIKO PÉRES

O ex-guitarrista do Natiruts lança hoje, na Martins Penna, seu novo disco, *Samba Funk*.

"Estou mais amadurecido tanto como músico quanto como produtor."

30 DE OUTUBRO

CLUBE DO CHORO, JUBILEU DE PRATA

Várias gerações de chorões se reúnem para celebrar os 25 anos do Clube do Choro, já considerado uma instituição da cidade. A sede da entidade foi doada pelo ex-governador do Distrito Federal Elmo Serejo Farias.

O primeiro presidente seria o citarista Avena de Castro.

Francisco de Assis, a doce figura de Dr. Six, era advogado, bandolinista e boêmio. Recebeu esse apelido por causa de uma anomalia genética: tinha seis dedos em uma das mãos.

Presidente do Clube do Choro entre 1984 e 1990, numa fase romântica, marcada pela informalidade, Dr. Six só passou o bastão em 1994 para Henrique Filho, mais conhecido como Reco do Bandolim.

Reco recuperou a sala e, três anos depois, deu início à profissionalização da entidade, captando recursos por meio da Lei Rouanet.

HAMILTON DE HOLANDA – AFINAÇÃO FRANCESA

Hamilton de Holanda passou por Brasília para participar das comemorações dos 25 anos do Clube do Choro. Na ocasião, contou como transformou em missão a divulgação do bandolim brasileiro na França.

2003

27 de março

MEMÓRIA LEGIONÁRIA

RENATO RUSSO: ÁLBUM PÓSTUMO 'PRESENTE'

Segundo CD solo lançado depois da morte do cantor.

A inauguração de uma placa em Taguatinga amplia o roteiro de lugares associados à trajetória de Renato Russo.

A placa será instalada em frente ao Banco BCN, no Centro de Taguatinga, numa cerimônia marcada para as 9h, com a presença dos pais do cantor e de autoridades. Naquele endereço funcionava, em 1984, o Teatro Rolla Pedra, onde Renato Russo se apresentou.

"A placa erradamente colada nesse prédio, sumiu..." — **Paulo Kauim**

O projeto de mapeamento dos lugares onde o roqueiro gostava de cantar começou três anos antes e já havia identificado alguns pontos por onde ele passou. No Parque da Cidade, a Praça Eduardo e Mônica faz referência à música homônima do artista. No Gilberto Salomão existe a Praça Renato Russo; no Gilbertinho, na QI 11 do Lago Sul, uma placa lembra os encontros que marcaram o início da Legião Urbana.

Maio

AZUL — PAULO IOLOVITCH

Eu os acompanhava à mesa, noite adentro, no Beirute da 109 Sul, quando Paulão de Varadero rebatizou Paulo Iolovitch de "Azul"!

Azul foi muito importante para mim. Deu-me as coordenadas de como funcionava o mercado nacional e internacional das artes, de como era colecionar e pintar. Ajudou-me a compreender Brasília e, naturalmente, deu-me verdadeiras aulas de arte. Grande amante do samba, também era um sujeito de posições políticas vivas, daquelas que faziam os nacionalistas blasfemarem, justamente porque ele queria o belo que a arte lhe proporcionava. Suas convicções vinham dos gabinetes, dos salões e apareciam nas conversas, com orgulho e admiração por Roriz. Por isso, aceitou na hora o batismo de "Azul".

Entre colocações endireitadas e outras devidamente ajustadas, sempre havia espaço para acréscimos históricos e, lógico, sarcasmo. Brigou muito, assim como eu briguei com gente desta cidade. Eu ria e comentava:

— Aquele bicho é grosseiro!

Ele me apresentava a alguns dos maiores colecionadores de sua obra. Eu ria, pensando comigo mesmo: algum dia ainda farei parte desse clube.

Visitar a casa das pessoas é uma dificuldade para mim. Muito difícil. Não marco horário, simplesmente apareço. Talvez por isso tenha perdido algumas oportunidades de conhecer melhor certos personagens dentro de suas próprias casas. Mas, com Azul, havia uma convivência que ultrapassava as formalidades das visitas. Entre uma mesa, uma conversa e outra, fui aprendendo a olhar Brasília também pelos olhos daquele pintor.

5 de maio

PARA BOTAR BRASÍLIA NA ROTA

O Brasília Music Festival, previsto para setembro, será um mini Rock in Rio.

25 de maio

RELÍQUIAS PARA POUCOS

Entregue às baratas: fechado entre 1998 e 2001, o Museu de Arte de Brasília (MAB) não recebeu a reforma prometida e perdeu público. Museus brasileiros e brasilienses, como o MAB, procuram saídas para enfrentar a falta de visitantes e as dificuldades de divulgação e patrocínio.

EM CENA, O ATOR

Humberto Pedrancini vai interpretar dois solos: um na rua, outro no teatro. Mais conhecido como diretor, comemora três décadas no centro do palco.

"Sou um homem de teatro e que fez dessa arte a minha vida e profissão. Sempre foi muito difícil atravessar esses anos, cercados do desinteresse das autoridades pelo teatro. Tive que matar um leão por dia. Por isso, criei poucas necessidades para me dedicar só ao teatro, porque não acredito em artista com profissão paralela", sentencia Pedrancini.

24 de junho

SOTAQUE BLUES DA GAITA INCORPORADO À COMUNIDADE DO CHORO CARIOCA

O brasiliense Gabriel Grossi lança seu primeiro CD, hoje, no Mistura Fina.

Entre seus ídolos estão Hermeto Pascoal e Maurício Einhorn. "A música não deve ter barreiras."

17 de julho

Syang deu uma canja no Pub Irlandês Dublin, durante o lançamento de seu livro erótico, *No Cio*, em São Paulo. Sua vinda a Brasília estava prevista para breve, possivelmente em agosto.



Syang deu uma canja no Pub Irlandês Dublin, durante lançamento de seu livro erótico, *No Cio,* em São Paulo. Sua vinda a Brasília está prevista para breve, possivelmente em agosto.

Syang no Jornal de Brasília 17 jul. / 2003

29 de julho

FLAGRANTES PESSOAIS

A Sala Funarte Cássia Eller será inaugurada amanhã, com uma mostra fotográfica dos acervos de Eugênia, ex-companheira da cantora, e da amiga Janette Dornellas.

16 de agosto

A MORTE DO CONCRETISTA

Aos 73 anos, morre Haroldo de Campos, poeta paulista que casou a poesia com as artes plásticas e fez do poema uma escultura de palavras.

6 de setembro



Celso Blues Boy

FESTIVAL

Lula, fã de música sertaneja, recebe a banda Capital Inicial e se diverte com Gil, ao posarem com guitarras que serão leiloadas para o Fome Zero

Sergio Amaral



O "ROQUEIRO" LULA DÁ UM SHOW AO LADO DE MARISA, DIRCEU, GIL E DINHO: O DIA EM QUE O ROCK NASCIDO EM BRASÍLIA ENTROU NO PALÁCIO

11 de setembro

ROCK AND ROLL NO PLANALTO

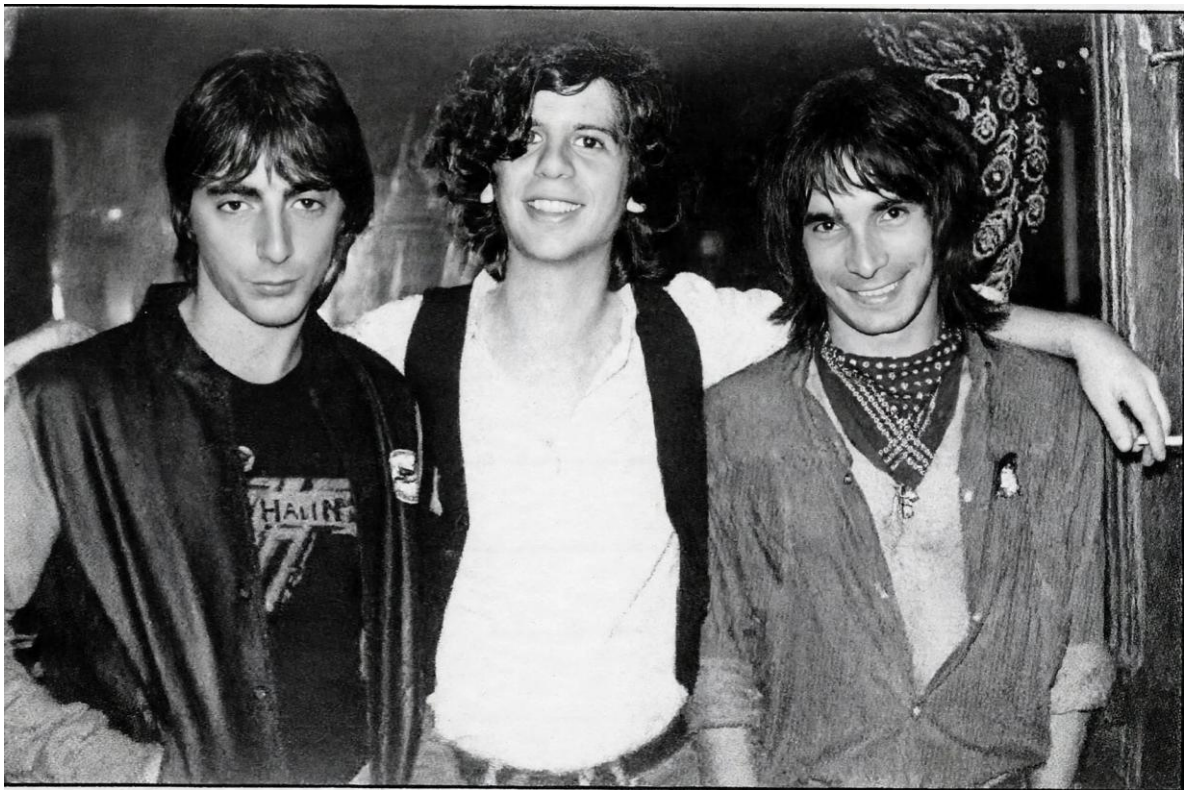
Lula, fã de música sertaneja, recebe a banda Capital Inicial e se diverte com Gil ao posar com guitarras que serão leiloadas para o Fome Zero. O "roqueiro" Lula dá um show ao lado de Marisa, Dirceu, Gil e Dinho: o dia em que o rock nascido em Brasília entrou no Palácio.

O cantor Dinho Ouro Preto virou-se para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e recitou o último verso de "Faroeste Caboclo":

"Ele queria era falar com o presidente / Pra ajudar toda essa gente que só faz / Sofrer..."

12 de setembro

Dudu Chermont nos deixa calados



Não sei de onde veio esta fotografia. Mas um detalhe chama a atenção: a logomarca do Van Halen estampada na camiseta de Sérgio Santana, também rockando no Além.

20 de setembro



SHOW CASA-GRANDE: TRIBUTO AO FORASTEIRO (CNB)

25 de setembro

BRASÍLIA FESTIVAL TENTA EMPLACAR COM OLHOS NOS 80s

O evento começa hoje na capital federal, com shows de Alanis Morissette e dos brasileiros Capital Inicial e Jota Quest.

SUPLA & SUPLICY

O figurino não era muito convencional para o plenário do Senado, nem para o Salão Verde da Câmara, onde se exige paletó e gravata quando a Casa está sem sessão. Mas, para o roqueiro Supla, foi aberta a mesma exceção que, no passado, permitiu ao pop star Sting desfilar pelo plenário da Câmara.

Artista convidado para o Brasília Music Festival, Supla aproveitou a estada na cidade e levou toda a banda para visitar o pai, o senador Eduardo Suplicy.

Outubro

IOLOVITCH TINHA RAZÃO...

No Beirute, o pintor-avô Paulo Iolovitch lançou sua ira contra o Conic sobre nossas cabeças e nos mandou assistir ao vídeo de Keith Haring. O traço irregular de Haring estampado na fachada do Centro Cultural Banco do Brasil – numa imensa torre, um pirulito coberto por seus desenhos – servia como um cartão gigante de entrada, uma apresentação do poder de sobrevida da arte.

As imensas telas originais de Keith Haring colocaram a exposição *Polaroids de Andy Warhol* numa proporção de três por quatro: a fotografia documental de um artista diante da grandeza de outro. Paulo Iolovitch estava certo ao insistir para que não perdêssemos o vídeo e conhecêssemos o trabalho social revolucionário de Haring.

O vídeo de 30 minutos era tão generoso que também trazia Andy Warhol, permitindo-nos observar seus modos, seus gestos e seu estilo de vestir. Concluímos que aqueles fotógrafos de Brasília, com suas máquinas em punho, também mereciam expor suas polaroids.

Meses depois da exposição de Keith Haring, o fotógrafo de polaroids Ademir capturou esta sequência do trio formado por Paulo Iolovitch, Mário Pazcheco e o escritor pernambucano Celsinho Alcântara, fanático torcedor do Náutico e autor do explosivo *A professora que sabia demais: O Caso Ana Elizabeth*, livro sobre o assassinato de Ana Elizabeth Lofrano Alves dos Santos, em 1992, caso relacionado ao escândalo dos Anões do Orçamento.

As três telas expostas em trilogia documentam a influência de Keith Haring na pintura de Iolovitch. A fotografia de Ademir registra esse diálogo entre artistas, linguagens e tempos: a arte que chega, a arte que reverbera e a arte que permanece.

NA BASE DO LAÇO – HOMENAGEM AOS FOTÓGRAFOS DA CAPITAL

Conheci Paulo Iolovitch no Beirute. Conversamos sobre pop art e fiquei encantado com o trabalho dele. No Conic, o escritório funcionava também além do expediente. Tempos em que podíamos pegar uma matéria no próprio jornal do dia.

Marinho Izaias do Carmo trabalhava na 109 Sul. No Alto Pedra, Iolovitch e Pazcheco... A volta de um tempo em que as pessoas usavam diligências para se deslocar ao Beirute ou André Pedra enfrentava os veículos como numa arena.

13 de outubro

SHOW DE BITUCA PROVOCA CONGESTIONAMENTO

Milton Nascimento provocou congestionamento e abandono de carros no Setor de Clubes Sul, no último domingo, durante sua apresentação no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Dom Bituca, mesmo nos momentos em que atua como coadjuvante, rouba o show – seja arpejando o violão em “Battle of Evermore”, seja abrindo e abrigando generosamente espaço para seus convidados, com destaque para a cantora Marina Machado.

Falta um pouco de conversa com o público. A energia que poderia vir desse contato acaba substituída pela musicalidade de um grande artista, que sempre demonstra enorme carinho e respeito por quem o acompanha.



Foi uma oportunidade imperdível para rever amigos e conhecer novas tribos. Participações emocionadas de Marina Machado, Lô Borges – que lançou o novo disco, *Um Dia e Meio* – e Zélia Duncan. A vibrante direção musical do espetáculo ficou nas mãos do baterista Lincoln Cheib. E, mais uma vez, assistimos à celebração do Clube da Esquina.

14 de outubro

TOMATE MARAVILHA, MARMELADA E JABACULÊ PROVOCAM IN-DIE(GESTÃO)

"A música em Brasília ou no mundo é uma grande panela cozinhando o jabá."

Festival FINCA. Meio-dia e meia. Anfiteatro lotado da UnB. Saudades de Gonzaguinha, de Clodoaldo, Gérson e Jairzinho, de Clodo, Clésio e Climério. Nada da bossa de Nara ou do jazz tropical dos trios. Sem banquinho, barquinho e pernas de fora; sem óculos fundo de garrafa e sem aparato policial.

Nada na mídia impressa ou televisiva. O olho ainda é a vanguarda.

Enquanto no palco a contagem é regressiva para os músicos, a mestre de cerimônias, Sheila, relata as proeminentes façanhas do currículo do júri oficial do 5º FINCA. Ainda anuncia mais algumas coisas, até que a Mákina du Tempo começa a passar o som. No cartaz lá fora, escreveram "Máquina", logo corrigido para "Mákina". Festival universitário tem esse cerimonial acadêmico e, pateticamente, parece depender dos anunciantes, mais preponderantes que o produto.

É festival e não faltaram as filmadoras, cuja pretensa condição de um melhor ângulo é ter tripé.

Vamos ao que podemos. A MKDT conseguiu inverter os fatores a seu favor. Abriu o curto show com a complicada "Mágica", com suas vocalizações e seu instrumental complexo. Manteve um bom nível sofrível. Com a linda guitarra azul jazz, num certo ponto partiu para um alongamento do tema, incorporando "Satisfaction" (Jagger/Richards). Uma vez que é impossível recriar o timbre original, reviveu-se o clima de festa.

A resposta ainda não acontecia. A linha com o Senhor do Bonfim estava ocupada. Há uma lacuna. O que mais esperar? Cadê? Solta a fita!

Então, a estratégia se revelou. O happening ficara para o final, durante a execução de "Brazyl?".

O talentoso júri presta atenção ao primeiro movimento e o discurso da banda coloca o garçom em cena para servir o jabá, delicadamente recusado pelo júri. O que se vê são bancos, microfones e excesso de energia. Finalmente, a banda consegue transmitir o recado numa performance furiosa, dessa vez preocupada em definir uma massa sonora, mais do que atitudes e performances isoladas.

E, como os fenômenos ao vivo não têm monitoramento prévio, chovem tomates no palco. São mordidos, sujando camisas e maquiagens de plantão.

Os apresentadores estão estáticos, vendo no que vai dar aquilo. No momento crucial, a plateia atende ao apelo quando o discurso "Ambiente de Festival", de Caetano Veloso, miraculosamente sai das caixas depois de uma frase em off.

— Abre-te, Sésamo!

A banda volta ao tema "Brazyl?" e emenda o canto-discurso:

"A mídia matou o rock'n'roll! Uu ahh u jabá marmelada, com jabá é palhaçada. Eu vivo no Brasil, vai pra *pqp*. O pior cego é aquele que não vê. Eu vivo no Brazil, vai pra *pqp*. Vai votar no seu amigo ou em quem pagou para vencer. Isso é o Brazil."

Foi uma das poucas vezes em que presenciei a Mákina du Tempo superando o ego e viajando juntos. Eles vêm, respeitosamente, galgando um status de independência. Foi assim que conseguiram lançar seu primeiro disco pela Baratos Afins.

Maltratados pelos habituais esquemas dos festivais – os sorteios –, estão descobrindo que as forças mais veementes habitam o palco e que nele podem tudo, mesmo que deixem os apresentadores pasmos, um zumbido subindo e Fernandez, empolgado no meio do júri, sorrindo.

Mágicas forçadas não espantam nossos demônios e algozes! O júri tem o veredicto e o vencedor, pela enésima vez, é... Isso mesmo: Kalango Kid! De novo!?! É o gosto de sempre do jabá...

Quando Caetano e Gil adotaram o esquema do happening-guerrilha, já tinham sido número um nas paradas. O que veio depois é uma triste paródia, e este festival não passa pelo buraco da agulha. Perderam oportunidades anteriores de fazer o que fizeram agora.

Olhai pra frente!

18 de outubro

MÁKINA DU TEMPO: A CASA CAIU!!!

(Bruno Moura)

Goiânia-GO – Eram 14h do sábado quando Rockdrigo Terra e Lya Lilith chegaram à minha casa. Depois foi a vez de Breno, um músico amigo, acompanhado de Anderson e Luíza. Arrumamos os carros e partimos para Goiânia. No percurso, *chopes* e cervejas, é claro!

Na entrada de Goiânia, ligamos para Fabrício Nobre, que veio nos buscar e nos levar para o hotel.

Surpreendentemente, o hotel era legal! Cada casal ficou num quarto e Breno, sozinho em outro, tocava o terror e fumava a noite inteira. Acionamos o serviço de quarto e pedimos empadões goianos com torta de frango. Ficamos estufados.

Eram 20h30. Fabrício nos pegaria em meia hora para irmos ao show. Esperamos um pouco. Chegou a galera do Monokine, que, por sinal, é muito legal. Logo depois, Fabrício apareceu. Arrumamos os instrumentos e, como ele estava em um carro, demos uma força. A galera do Monokine foi conosco para o show.

Chegando lá, outra surpresa: encontramos um lugar cheio e muito legal. Logo pensamos: "A casa vai cair!!!"

Ficamos do lado de fora esperando um pouco e tomando cervejas, até que Fabrício nos convocou:

– Vamos lá, galera?

Fomos para o camarim, afinamos tudo e nos dirigimos ao palco. Nos intervalos, as pessoas saíam do teatro para a troca de bandas. Logo começamos nossa habitual apresentação psicodélica, que fez o teatro encher. Aí o pau comeu solto. O que se via eram pessoas cantando nossas músicas, sabe-se Deus como?!

Isso nos deixou ainda mais empolgados. O repertório foi o habitual. A única surpresa foi "Mágica", dos Mutantes. A casa veio abaixo mesmo com "O Rock da Guitarra Quebrada". Terminamos o show com a dobradinha "Brazil?" e "Quem Matou o Rock?".

Ao final, as pessoas perguntavam:

– Já acabou?

Saímos de fininho para o camarim. Detalhe: o guitarrista Rockdrigo Terra empolgou-se tanto que a guitarra ficou com cicatrizes...

No camarim, Fabrício se mostrou muito feliz e nos deu a palavra de que aquela seria a primeira de muitas viagens para lá. Em seguida, fui o primeiro a ser congratulado com o CD da banda NEM. Detalhe: o disco tinha chegado naquele dia. Que honra!

Fomos curtir o Monokine. O show foi legal, a galera gostou. O público goiano é insano.

Acabados os shows, fomos acertar nossos CDs, que venderam legal. Deixamos as tralhas no hotel. Quando estávamos indo embora, tivemos a impressão de estar esquecendo alguma coisa. Foi quando o percussionista do Monokine perguntou:

— Cadê o baixista e o batera da banda?

Risos. Havíamos esquecido os dois.

Demos meia-volta e fomos buscá-los. Quando chegamos, estavam tomando cerveja com uma cara... Não aguentamos e começamos a rir.

Voltamos. Eu e Carol, Rockdrigo e Lya ficamos no hotel, enquanto a galera saiu para comer. Me arrependi, pois a conta foi paga pela Monstro. (Risos.)

19 de outubro

TERRA DO BRAZZA

Gama — Acordamos às 9h30 para tomar o aguardado café da manhã. Destruímos o rango, arrumamos as coisas e pegamos o beco.

Voltamos ouvindo Beatles e Secos & Molhados. Fomos direto para o Gama e chegamos por volta das 16h. A organização era desorganizada: ficamos em penúltimo lugar na programação, antes do Terno Elétrico.

Vimos um monte de bandas que espantou o público. Tocamos para não mais do que duzentas pessoas. O equipamento horrível não parava de dar pau. Fizemos um show repleto de improvisos, não porque quiséssemos, mas porque, na hora, a guitarra parava ou os pratos da bateria voavam. Tivemos que improvisar para sair de determinadas situações.

Foi legal e o público que restou gostou. Nós também, pois a grana já estava no bolso. Acho que, se não fosse por esse fator, nem teríamos tocado.

O cinegrafista queria que eu ficasse pulando, que fizesse pose. Eu ri e falei:

— Te vira! Tocarei como sempre, tocando o terror!

Assim que acabou o show, fomos embora. Estávamos extremamente cansados. Dormi e, é claro, hoje cheguei atrasado no trampo.

Esse foi o fim de semana "monstro" da Mákina du Tempo.

Abraços aos leitores...

25 de outubro

BOI ETERNIZADO

Trazido do Maranhão logo após a inauguração da Capital, o Bumba de Seu Teodoro será tombado como Patrimônio Imaterial de Brasília.

Aos 83 anos, Mestre Teodoro é radical quando se trata de música produzida fora do país.

"Aqui não entra rock, pagode, reggae. Quebro disco de banda internacional", metralha.

E ai de quem falar mal de José Sarney:

“Ele nunca me negou uma ajuda para o boi.”

Mas, tinhoso, não dá o braço a torcer. Há 40 anos, a tradição do bumba-meu-boi em Brasília é a mesma.

“Não descaracteriza porque sou carne de cabeça.”

Para Mestre Teodoro, carne de pescoço é pouco.

4 de novembro

CANTO DAS MÁQUINAS

Organizado pelo maestro Jorge Antunes, o 3º Encontro Internacional de Música Eletroacústica reúne debates e concertos sobre a integração entre homem e tecnologia.

CASA-GRANDE

Comecei a frequentar os shows da banda Casa-Grande, formada em torno do poeta Timm Martins e com Jorge L. na bateria.

14 de novembro

SEXO FRÁGIL?

O 2º Feminifest ocupa o Auditório do Sesc 913 Sul. As meninas das bandas brasilienses Pulso, Kaos Klitoriano e Better Days, além da paulista e da americana The Haggad, levam energia e atitude ao palco, quebrando preconceitos machistas do rock.

22 de novembro

‘GLAUBER’, DE SILVIO TENDLER, COMOVE EM BRASÍLIA

A plateia aplaudiu intensamente o documentário sobre o cineasta baiano, em competição no festival.

Talvez por isso mesmo, Glauber, como nenhum outro cineasta, tenha gerado uma quantidade tão grande de perfis biográficos e análises sobre sua obra.

“É que cada um tem o seu Glauber dentro de si”, analisa Tendler. “Eu quis falar sobre a pessoa dele, não sobre a obra, e também quis dessacralizar o mito”, diz.

A VIDA CONTINUA

O mais antigo grupo teatral de Brasília, o Esquadrão da Vida, enfrenta dificuldades depois da morte de seu criador, Ary Para-raios. Agora administrado pela filha do diretor, precisa de recursos e de uma sede própria.

“O Esquadrão da Vida é mais do que um grupo de teatro. Ali existe uma filosofia teatral, uma linguagem de interação com o povo desenvolvida por Ary. O grupo é muito importante para Brasília. Se as pessoas não cuidarem daquilo que as representa, será uma perda enorme para a alma da cidade”, reconhece o músico Roberto Corrêa.

SOLDADOS DA GERAÇÃO COCA-COLA

A família de Renato Russo libera, pela primeira vez, 26 músicas do líder da Legião Urbana.

O espetáculo *R-Revolução Urbana – A Lenda do Rock* segue a linha do livro de Paulo Marchetti, *Diário da Turma – A História do Rock de Brasília*.

Marchetti chamou Dinho Ouro Preto e Kiko Zambianchi para dividirem a direção musical. Haverá duas músicas inéditas. Uma delas dá título ao espetáculo: “Revolução Urbana”.

ORELHÃO — 109 SUL, 23H47 — NA PORTA DO BEIRUTE

Ele está trepado no orelhão da OI.

Não é orelhão. É capuz. É nave. É concha acústica de pobre. Turquesa e amarelo OI — a OI que já faliu, mas o orelhão ficou. Como a gente.

Kaffagérson.

O vocalista dos Cachorros das Cachorras.

De boné camuflado, dread, microfone na mão, calça jeans virada na canela, tênis All Star surrado — o uniforme oficial da W3 Sul desde 1978.

Ele não está cantando. Está ocupando.

Na esquina da 109 Sul. Em frente ao Beirute. O bar que é mais velho que Brasília. Que já viu Glauber, já viu Darcy, já viu a gente vomitar na calçada em 1989 e voltar em 2016 para pedir outra cerveja.

Atrás dele — nota — tem uma câmera num tripé. Tem um cara de listra vermelha e branca filmando. Então não é show. É SET. É cena. É a gente sempre filmando a gente mesmo porque ninguém vai filmar por nós. Do Próprio Bol$o Produções. Sempre.

Uma variação dessa foto virou capa de livro. É claro que virou.

Porque o Conic desceu para a Asa Sul.

Entende?

O Conic — aquela república cultural que respira com a mão no pescoço — não mora mais só no Conic. Ele mora num orelhão da OI na 109.

O Kaffa está trepado ali porque não tem palco. Nunca teve. O palco era a rua. Era o orelhão. Era a banca de revista, era a fila do Cine Cultura, era o balcão do Beirute.

O mesmo gesto. O mesmo grito rouco.

Do lado esquerdo da foto tem uma cadeira branca de plástico, vazia. Ninguém senta. Porque o show é em pé. É trepado. É pendurado.

O Beirute ao fundo, luz acesa. O mesmo neon.

E eu penso:

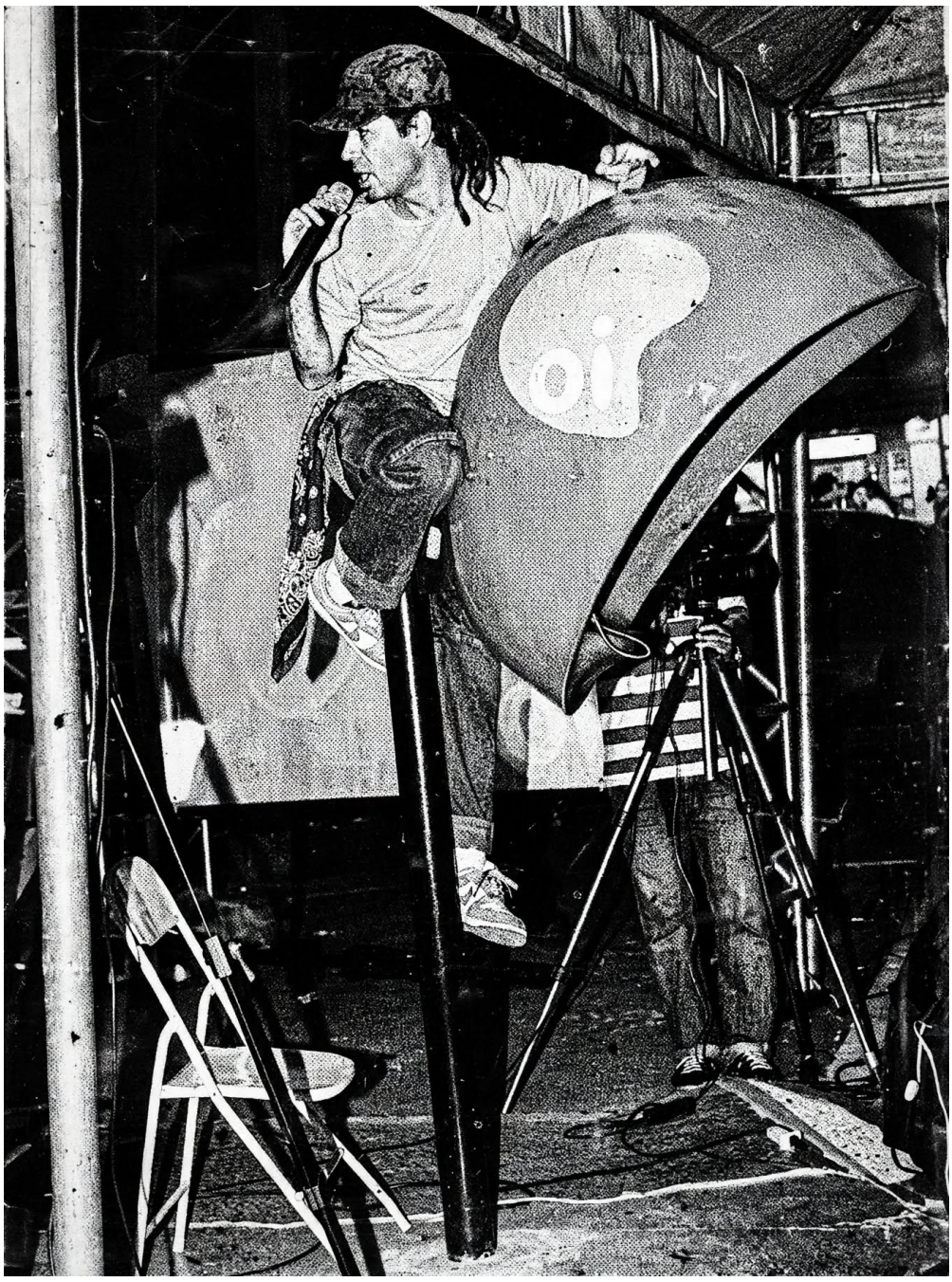
O que a OI queria quando pintou o orelhão de turquesa?

Ela queria que a gente falasse: OI.

E a gente respondeu trepando em cima dele e gritando de volta.

Mário Pazcheco — para Ana Luíza, que filma.

Foto: Sandro? Guilherme? Não importa. Todo mundo fotografava.



2004

O ano do macaco, de Dalí, de Renato Russo.

Três anos desde a partida do saudoso Cécé, guitarrista do Extremo, do Liberdade Condicional e do ALÉM. Teremos o prazer de inaugurar a seção de MP3 com trabalhos dessas três bandas. Do arquivo de Ricardo Lima, em Porto Seguro (BA), recuperamos fitas e fotografias.

Este também será o ano do pintor Paulo Iolovitch. O DVD *Paulo Iolovitch, o pintor de entrequadras*, produzido por nós, aguarda a definição de data e local para uma futura exibição.

A fechadura disse:

— Mil fotos e mil textos em todas as gavetas.

— Passe o mouse nas carinhas da página de entrada e leia os textos novos!

David Bowie passa por uma cirurgia cardíaca de emergência em 2004.

---

16 DE JANEIRO

THE PASTELS E TELESCOPES

The Pastels desbravam o pop escocês. A psicodelia punk ressurge com os Telescopes.

CABRUÊRA LANÇA NOVO CD

Cabruêra lança o CD *Samba da Minha Terra*.

TRANSFUSÃO NOISE

É criado o selo Transfusão Noise, inicialmente com a pretensão de colocar as bandas da Baixada Fluminense no mapa. Em algum momento, Lê Almeida percebeu que muito mais gente neste mundo desejava que sua falta de voz fosse ouvida.

19 DE JANEIRO

FAMÍLIA DE GEORGE HARRISON QUEIMA GUITARRA

Nova York — Depois de processar o médico que teria forçado o guitarrista George Harrison a autografar uma guitarra pouco antes de morrer, a família do ex-Beatle encontrou uma solução radical para o problema: o instrumento seria queimado. A clínica, porém, anunciou que o contrato do dr. Gilbert Ledermann não seria renovado. (DPA)

26 DE JANEIRO

SALETE DE PRECIOSIDADE

Discoteca da Escola de Música de Brasília tem acervo disputado pelos alunos do curso de verão. A consulta é gratuita e aberta ao público. O professor Oscar Kobun, responsável pelos discos, informa que o acervo chega a ser consultado por cem pessoas por dia.

3 DE FEVEREIRO

BRASÍLIA NOIR

Nelson Pereira dos Santos prepara o longa *Brasília 18 Graus*, uma história de amor, crime e política.

FOLHA — Como surgiu a ideia?

NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Surgiu em 1993, quando eu estava filmando *A Terceira Margem do Rio* em Brasília. Tenho uma ligação muito antiga com a cidade. Fui professor da UnB e participei da criação do Polo de Cinema de Brasília.

9 DE FEVEREIRO

MORRE SEU RENATO

Faleceu o pai de Renato Russo, senhor Renato Manfredini, aos 80 anos. Ele caiu em casa e a fratura exigiu uma cirurgia, que provocou uma embolia pulmonar e, posteriormente, uma série de infecções. Uma a uma, elas foram debilitando suas resistências. Ficou hospitalizado por alguns dias, mas sua morte foi dolorosa para todas as pessoas próximas.

O corpo de Seu Renato foi cremado na manhã de terça-feira, dia 10.

10 DE FEVEREIRO

TEMPO GLAUBER

Dois ladrões numa moto tentaram roubar a bolsa de dona Lúcia Rocha, perto do Tempo Glauber, em Botafogo. Aos 85 anos, a mãe do cineasta reagiu e foi jogada na rua. Um gari a salvou de ser atropelada.

17 DE FEVEREIRO

ADEMIR ASSUNÇÃO REAVALIA A CONTRACULTURA EM SEU ROMANCE

A contracultura cultivada pelo escritor Ademir Assunção, em seu romance *Adorável Criatura Frankenstein*, assume uma conotação diferente daquela explorada por seus autores inspiradores, entre eles José Agrippino de Paula e Paulo Leminski.

A diferença não está no estilo, mas no ambiente sociocultural em que o texto é lido. O convívio intenso com imagens e informações parece naturalizar o universo virtual retratado.

O protagonista, chamado Eu, vive num labirinto de virtualidades em que se cruzam figuras da indústria do showbiz, artistas da MPB, políticos e personagens da cultura pop.

Assunção explica que procurou trabalhar o limite entre ficção e realidade num mundo bombardeado pelo excesso de informações. Seu personagem já não consegue distinguir quem é real e quem pertence à ficção.

O escritor também critica a maneira como a mídia, a indústria cultural e parte do mundo acadêmico esvaziam posturas que colocam seus valores em xeque. O que antes era ousadia acaba virando repetição. O conhecimento, a inquietação e a inventividade, porém, permanecem intactos. Basta ir diretamente à fonte, sem perder tempo com diluições.

DORIS TROY

Morre a cantora Doris Troy, vítima de enfisema.

1º DE MARÇO

POR QUE A EXPOSIÇÃO NO CCBB ABRE NOVAS JANELAS DE ENTENDIMENTO SOBRE A OBRA DE RENATO RUSSO

6 DE MARÇO

PALCO DEMOCRÁTICO

Teatro Garagem, criado no subsolo do Sesc da 913 Sul, completa 25 anos. O projeto original previa um espaço para a experimentação, com preços acessíveis e prioridade para artistas locais.

Um possível erro arquitetônico acabou selando o destino de um dos espaços alternativos mais democráticos da cidade: o Teatro Sesc Garagem, que comemora, em 2004, 25 anos de existência.

Criado para servir como garagem da frota oficial da unidade do Sesc da 913 Sul, o subsolo do prédio logo deu sinais de que não tinha vocação para estacionamento. A rampa era íngreme demais e o espaço acabava pouco utilizado.

O diretor teatral Humberto Pedrancini recorda que realizou ali, entre 1985 e 1990, trabalhos dos quais ainda existem registros fotográficos expostos no foyer do teatro.

Entre as montagens estavam *Orquestra de Senhoritas*, de Jean Anouilh; *O Jardim das Cerejeiras*, de Tchekhov; e *Cora Coração*, baseada na obra de Cora Coralina. Nesta última, todas as atrizes eram da melhor idade e haviam participado de oficinas realizadas no Garagem. Atrizes como Adriana Mariz e Catarina Aciolly passaram por essas experiências e continuaram trabalhando com o diretor.

Integrante da trupe Os Melhores do Mundo, o comediante Victor Leal conta que pisou pela primeira vez no palco do Garagem como músico. Fazia parte dos Wallaces, grupo que também reunia Adriano Siri, Iuri e Márcio, hoje na banda Zamaster.

Foi no Garagem que os Wallaces fizeram seu primeiro show solo. O teatro estava lotado e o público se divertia com as recriações gaiatas de músicas de Sidney Magal, Evaldo Braga, The Fevers e Dominó.

Depois, com o grupo A Culpa É da Mãe, Victor participou da estreia de *Sexo, a Comédia*, que se tornaria o carro-chefe do repertório de Os Melhores do Mundo, um dos maiores sucessos de bilheteria da história do teatro brasiliense.

14 DE MARÇO

HOMENAGEM AO ÍDOLO

Exposição que será inaugurada em abril no Centro Cultural Banco do Brasil desvenda a carreira e parte da vida pessoal do líder da Legião Urbana.

30 DE MARÇO

VIVOS

EMI lança registros de shows das duas maiores bandas do Brasil. Velhos amigos, Paralamas do Sucesso e Legião Urbana dividiram gravadora, especial de televisão e histórias de mais de uma geração.

Os Paralamas lançam *Uns Dias ao Vivo*, quarto registro ao vivo da banda. A Legião Urbana tem *As Quatro Estações*.

5 DE ABRIL

MEMORIAL RENATO RUSSO

Exposição traz a Brasília a intimidade do cantor na época em que completaria 44 anos.

A mostra ocupa duas galerias do CCBB. Na primeira, estão expostos instrumentos musicais e documentos da produção de Renato anteriores à sua discografia oficial. Há desenhos, fotografias, manuscritos e registros em vídeo de shows.

No segundo espaço, no subsolo, estão reunidos documentos pessoais, fotografias de família e boa parte do acervo de livros e discos pertencentes ao músico.

AS QUATRO ESTAÇÕES – 14 ANOS DEPOIS

Show gravado em agosto de 1990, em São Paulo, a partir do álbum mais vendido da Legião Urbana, é lançado em CD.

O disco ao vivo chega em dois formatos: CD duplo e simples. O primeiro reúne as vinte faixas. O segundo deixa de fora quatro canções: "Ainda É Cedo", "Será", "Tempo Perdido" e "Eu Sei".

10 DE ABRIL

RENATO SEMPRE

Mostra sobre o líder da Legião Urbana provoca reações emocionadas em novos e antigos fãs.

11 DE ABRIL

SELTON ILUMINA BRAZZA

Fascinado pelo trabalho do cineasta-bombeiro do Gama, o ator Selton Mello dirige o documentário *O Mundo de Afonso Brazza*, que estreia no Canal Brasil e poderá ser exibido no próximo Festival de Brasília.

Na visão de Selton, Brazza era "um cara que amava fazer cinema e levava muito a sério o que fazia".

ÚLTIMO FILME, FUGA SEM DESTINO, DEPENDE DE R$ 80 MIL PARA CONCLUSÃO

PHONOPOP FATURA O PRÊMIO INDIE DESTAQUE

12 DE ABRIL

LEGIÃO CONTINUA VIVA, EM NOVO DISCO PÓSTUMO

Dado Villa-Lobos diz que o baú ainda guarda ensaios, versões alternativas e instrumentais que poderão ser lançados em DVD.

BONFÁ INSISTE E LANÇA CD COM VÍDEOS

Baterista faz seu segundo trabalho solo e também estreia como baixista.

Renato não parava de produzir. Há projetos de livros, roteiros de filmes para o cinema e até uma peça curta, escrita para ser encenada por estudantes, chamada *A Verdadeira Desorganização do Desespero*. Carmen Manfredini revela ao *Folhateen* que a família pretende montá-la no futuro.

18 DE MAIO

STJ DECIDE O DESTINO DO FILHO DE RUSSO

O destino de Giuliano Manfredini, filho de Renato Russo, está na pauta do Superior Tribunal de Justiça, que decidirá a guarda do adolescente.

O julgamento começa às 14h. O advogado da família argumenta que os parentes do artista acolheram o menino desde que ele nasceu.

MÃE DE RENATO RUSSO EXERCERÁ TUTELA DO NETO DE 15 ANOS

Os cinco ministros que integram a Terceira Turma do STJ decidiram que Maria do Carmo Manfredini exercerá a tutela do neto de 15 anos.

Na prática, caberá à avó decidir sobre os destinos do garoto até que atinja a maioridade, inclusive sobre a administração do patrimônio deixado pelo pai.

O ÍDOLO COMO FÃ

Mostra gratuita no CCBB explicita as várias referências de Renato Russo.

UMA GUITARRA MADE IN CERRADO

UnB pede registro de patente para instrumento criado pelos estudantes Bernardo e Rafael, integrantes dos Capotones, para tocar um tipo de rock: o psychobilly.

Os estudantes queriam um som limpo, notas graves bem definidas e sustentação prolongada. A guitarra deveria ser construída exclusivamente com madeiras brasileiras.

Procuraram o Ibama, que possui um estudo sobre a condutividade sonora das madeiras nacionais. O técnico Mário Rabelo indicou o luthier Ronaldo do Carmo, que já havia trabalhado com mogno, muiracatiara, freijó e jacarandá, as madeiras escolhidas para o instrumento.

Foram necessários quatro meses para concluir a guitarra.

19 DE MAIO

O FENÔMENO RENATO RUSSO

Mais de mil visitantes por dia se emocionam ao conhecer de perto a intimidade do maior compositor e artista pop que Brasília já produziu.

MÃE DE RENATO RUSSO FICA COM O NETO

STJ concede a guarda definitiva de Giuliano Manfredini à avó.

O garoto vive com os avós desde o nascimento, mas, até então, a mãe, Raphaela Manuel Bueno, ainda poderia reivindicar a tutela. Ela havia perdido o pátrio poder sobre a criança por decisão da 6ª Vara de Família do Rio de Janeiro, em 1997.

O julgamento durou menos de meia hora. A pedido da família Manfredini, a decisão dos juízes foi tomada a portas fechadas.

JOÃO NINGUÉM FAZ SHOW NA SALA CÁSSIA ELLER

Espetáculos serão apresentados hoje e amanhã. Sexteto grava seu primeiro CD ao vivo.

Rochael A. era um artista bastante ativo nos anos 1980 em Brasília, com seu grupo experimentalista Música-À-Tentativa, que misturava interpretação e música. Com o João Ninguém, a proposta de continuar fazendo sons pouco usuais prossegue: melodias quebradas, tempos diferentes e um diálogo entre vozes masculinas e femininas.

21 DE MAIO

LEGIÃO VERSUS LEGIÃO

A irmã de Renato Russo, Carmen Manfredini, luta na mesma EMI para lançar uma nova versão do álbum póstumo recém-editado, *As Quatro Estações – Ao Vivo*.

"Aquele que saiu não nos satisfez de modo nenhum. Cortaram 90% das falas de Renato", diz ela.

AOS FÃS DE RENATO RUSSO

As letras do líder da Legião Urbana inspiraram a ópera-rock *R-Revolução Urbana – A Lenda do Rock*, superprodução que estreia no Teatro Gazeta.

23 DE MAIO

DE VOLTA AOS 80

No show desta tarde, no gramado atrás do CCBB, Philippe Seabra e Jander Bilaphra, da Plebe Rude, homenageiam Renato Russo pela primeira vez. O baterista Iuri Freiberger participa como convidado especial.

PEGADA NERVOSA NO NOVO CAPITAL

Gigante, o CD que o Capital Inicial lança agora, é o quarto desde a volta da banda e o segundo com a participação do guitarrista paulista Yves Passarell.

A reconquista do público, com o *Acústico MTV*, também tem a ver com a performance da banda no palco.

"Gravado em três semanas, procuramos reproduzir no estúdio o que fazemos nos shows. Trata-se de um disco de rock com pegada nervosa. Nessas novas canções, é fundamental a contribuição do Yves, com sua energia metaleira", comenta Dinho.

Há quase seis anos ininterruptos na estrada, o Capital Inicial emenda com a turnê de *Gigante*, que começa no final do mês por cidades do interior de São Paulo. A partir de agosto, a banda segue para as capitais. Em Brasília, deverá tocar em setembro.

OS SEM-PALCO

Uma das cidades com maior número de artistas cadastrados, Sobradinho não tem espaço adequado para encenar sua arte. O teatro, por exemplo, está mais para centro comunitário.

24 DE MAIO

FÃS FAZEM TRIBUTO A RENATO RUSSO NO CCBB

O show da Plebe Rude em tributo a Renato Russo reuniu cerca de 3,5 mil pessoas no Centro Cultural Banco do Brasil na noite anterior.

A banda contemporânea da Legião Urbana foi a última a tocar. Antes dela, apresentaram-se Beto Só, Phonopop, Prot(o), 10 Zero04 e Liga Tripa.

As três primeiras eram promovidas pelo vocalista da Plebe Rude, Philippe Seabra. A última, apesar de ser uma banda de vários ritmos, participou da homenagem porque era admirada por Renato.

1º A 15 DE JUNHO

BOCA DE CENA

UMA NOITE QUE MUDOU A HISTÓRIA

A 15ª edição da Noite Cultural T-Bone aconteceu em 20 de maio. A festa foi apresentada pelo artista Miqueias Paz, que não escondeu a emoção ao ver cerca de seis mil pessoas passarem pelo evento.

No encerramento, o público que lotou a rua comercial assistiu ao show de Chico César, que embalou a noite com canções como "Templo", "Mama África", "Onde Estará o Meu Amor" e "Pensar em Você".

11 DE JUNHO

UM VOTO PELA TOLERÂNCIA

Na mostra *Identidade e Conflito*, no CCBB, a obra do artista multimídia Alex Flemming se apresenta como um manifesto a favor da diversidade.

TODAS AS LENTES DO MUNDO

Foto Arte 2004, da Arte 21, apresenta em Brasília 74 exposições simultâneas de 198 artistas.

BRASÍLIA DE OLHO NA FOTO

Capital celebra a imagem em evento que reúne fotógrafos e artistas em 74 exposições.

13 A 19 DE JUNHO

PROVOCAÇÕES MALDITAS

Ézio Flávio Bazzo questiona o sistema em suas obras.

Dymphne – A Santa Protetora dos Loucos, *As Sutilezas do Mau-Caratismo ou As Engrenagens da Miséria Existencial* e *A Lógica dos Devassos – No Circo da Pedofilia e da Crueldade* são alguns dos quinze títulos publicados pelo psicanalista, que busca inspiração em suas viagens pelo mundo.

"Trata-se de uma fúria interna. Uma imbecilidade generalizada das pessoas. A necessidade inconsciente do ser humano de se destruir. Todas as queixas que ouço são as mesmas que ouvia quando era criança, quando era adolescente e hoje como adulto. Para o ser humano, ir se castigando é uma forma de aliviar a culpa que carrega", diz.

13 DE JUNHO

SEM ESPAÇO PARA A CULTURA

Grupos de teatro e artistas plásticos de Brazlândia não têm onde apresentar suas obras.

Conhecido na Europa, Francisco Galeno realizou apenas cinco exposições em Brazlândia em 35 anos de residência na cidade, onde mantém seu ateliê. A população reivindica a reabertura do Museu Histórico e Artístico.

14 DE JUNHO

BRASÍLIA EM 60 SEGUNDOS

Chip, de Paulo Eduardo, vence o 1º Festival do Minuto de Brasília. *O Ar de Brasília*, de Fábio Esccugli, e *A Diferença de Tati*, de Iberê Carvalho, ficam empatados em segundo lugar. O festival começa no Centro Cultural Banco do Brasil.

PEDACINHO DE CHÃO

A galeria de arte da Casa do Ceará acaba de receber importante patrocínio da Petrobras para reformar sua sede.

Casa do Ceará, Casa do Maranhão, Casa de Minas Gerais e Estância Gaúcha do Planalto defendem em Brasília a preservação da cultura de outros estados. Museus, galerias, festas típicas e encontros ajudam os migrantes a matar a saudade de sua terra.

19 DE JUNHO

VIAGEM SENTIMENTAL

Selecionado para o projeto de telefilme, o documentário *Vladimir Carvalho: Conterrâneo Velho de Guerra* mergulha na vida e na obra do cineasta.

Dácia Ibiapina e Vladimir Carvalho têm uma admiração mútua que move o documentário, previsto para estrear em dezembro. O trabalho resultou de cinquenta horas de gravações realizadas entre janeiro e fevereiro.

As locações foram em Brasília, Goiás Velho, João Pessoa e nas cidades paraibanas de Itabaiana, terra natal do cineasta, e Pilar, terra do escritor José Lins do Rego.

26 DE JUNHO

ARTISTAS QUESTIONAM O FAC

Atores, diretores e produtores teatrais revoltam-se contra a justificativa padrão distribuída a projetos rejeitados pela Secretaria de Cultura.

Zé Regino e Miriam Virna receberam o mesmo parecer: “papel não diz nada”.

8 DE JULHO

Múmia Paralítica, a nova banda de Celso Araújo, apresenta-se no espetáculo *Cabaré do Planeta Circo 2004*, no CCBB.

11 DE JULHO

A ARTE QUE VEM DO LIXO

Comunidade do Paranoá monta oficina ao ar livre para transformar sucata e outros materiais em artesanato. Meninos e meninas do programa Picasso Não Pichava trabalharão como instrutores.

12 DE JULHO

MINIATURAS DAS OBRAS DE ARTE

O artista plástico Darlan Rosa é o próximo convidado do Programa Ford Dakar Cultural, em sua oitava edição.

As peças são objetos de metal, de forma esférica, construídos a partir de módulos vazados que se conectam entre si. Nesta exposição, o artista criou uma série de objetos de dimensões reduzidas e duas obras de grandes dimensões.

14 DE JULHO

BRASÍLIA GIGANTESCA

O fotógrafo Thomaz Farkas, que registrou a construção da capital, expõe lado a lado imagens de Brasília feitas no ano 2000 e nos anos 1960.

Farkas esteve em Brasília pela primeira vez em 1960, trazido pelo arquiteto e amigo Jorge Wilhelm. Fotografou os primeiros prédios, entre eles o Congresso Nacional.

16 DE JULHO

CONIC

Zéantônio faz paz e amor, Gicello desmunheca e eu estava tão alto que joguei as lupas para cima, tamanha Bandeira Diniz.

Quando? 16 de julho de 2004. O tempo passa.

19 DE JULHO

SÓ PESO SEM PRECONCEITO

A primeira noite do Porão do Rock reúne 28 mil pessoas no estacionamento do Mané Garrincha.

Entre metaleiros e punks, o CPM 22 rouba a cena com letras de amor. Última das dezessete bandas pesadas de sábado, o grupo paulista salva uma noite apática e conquista a plateia com hardcore romântico, muitos hits e pouco papo furado.

21 DE JULHO

CAETANO: ESTRANGEIRO NA VILLA-LOBOS

Cantor inicia temporada de quatro dias em Brasília com o show de standards do CD *A Foreign Sound*, misturando canções em inglês, português e espanhol.

23 DE JULHO

A HISTÓRIA OFICIAL, 45 ANOS DEPOIS

Surge o inquérito sobre o massacre da Pacheco Fernandes.

O inquérito policial aberto para investigar as circunstâncias do episódio teve seus documentos guardados durante décadas. O material apresenta a versão oficial dos acontecimentos da noite de 8 de fevereiro de 1959.

No Auto de Verificação do Delito e de Apreensão de Objetos encontrados no alojamento da Pacheco Fernandes horas depois dos tiros, o delegado Arquelau Gonzaga relata a existência de 41 furos de bala no local. Também registra que 13 cápsulas de calibre 38 foram encontradas com os operários.

No imaginário da cidade, o episódio foi um massacre. A polícia abriu fogo, um operário morreu, três foram feridos por balas e 45 foram espancados.

A matéria questiona relatos sobre caminhões que teriam deixado o acampamento carregados de mortos para serem enterrados em valas. Também contesta a versão de que sessenta homens teriam reprimido os operários: segundo o processo, eram 27. Os depoimentos mencionam revólveres calibre 38, e não metralhadoras.

A confusão teria sido motivada pelas péssimas condições da comida servida aos trabalhadores, informação confirmada pelos documentos oficiais.

Uma semana depois da invasão, mais de oitenta malas teriam sido abandonadas, fato interpretado como sinal do número de mortos. A reportagem considera essa explicação uma lenda e sugere que muitos trabalhadores, amedrontados, foram embora sem levar seus pertences.

O inquérito registra uma versão oficial. Não encerra, por si só, a discussão histórica sobre o episódio.

25 DE JULHO

MÚSICA E ECOLOGIA NA CHAPADA

Com apresentações de tocadores de viola, o Festival de Inverno de Alto Paraíso promove a música regional e defende a preservação do cerrado brasileiro.

Nem a temperatura de dez graus espantou o público. O instrumentista Marsicano tocou cítara na primeira noite do festival, que atraiu cerca de cinco mil pessoas.

“Explicar a importância da preservação do meio ambiente é o bastante para mudar a consciência da população.” (Renato Teixeira)

IAN MCCULLOCH LEVA 500 PESSOAS AO IATE

Clássicos do Echo & The Bunnymen empolgam fãs.

Aos 45 anos, Ian McCulloch desembarcou no Brasil pela quinta vez, acompanhado de banquinho e violão. Foi sua primeira apresentação dedicada ao trabalho solo.

Com sagacidade rara, soube escolher covers ao gosto do público, formado por jovens que estavam descobrindo o rock underground e por entusiastas veteranos. “Suzanne”, de Leonard Cohen, “Sweet Jane” e “Pale Blue Eyes”, do Velvet Underground, fizeram a diferença.

A versão unplugged passou por São Paulo, chegou a Porto Alegre e ainda tinha apresentações previstas no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte.

Para os shows, Ian estava acompanhado de Paul Fleming nos teclados, Gordon Goudie na guitarra e dos brasileiros Da Lua, na percussão, e Silvio Mazzuca, no contrabaixo acústico.

SONS DE LIVERPOOL

O show intercalou a carreira solo, composta por três discos e pouco conhecida, com faixas famosas dos tempos áureos do Echo, formado em Liverpool, em 1978.

Os fãs tiveram “Pictures on My Wall” e “The Disease” na primeira parte, mais acústica, apenas com Ian e seus conterrâneos.

Ainda assim, parecia difícil assistir ao pós-punk sentado calmamente como se fosse qualquer artista de MPB. Nem a complacência dos fãs diminuía a sonolência do compasso solitário dos acordes sem bateria ou Will Sergeant.

Perguntado sobre o que achou de Brasília, Ian respondeu:

— Parece um outro planeta.

Para os fãs, certamente foi isso mesmo. De outro mundo.

27 DE JULHO

CAPITAL DA MÚSICA ELETRÔNICA

Todos os gêneros do agito eletrônico — drum’n’bass, house, techno, hip-hop e trance — serão ouvidos no fim de setembro.

O Brasília Music Festival Electronic, megaevento lançado naquele dia, promete atrair 60 mil pessoas durante trinta horas de som.

28 DE JULHO

ARTES PLÁSTICAS FICAM SEM ECCO

Desentendimentos com o shopping levam o tradicional espaço cultural a encerrar suas atividades.

Karla Osório lamenta deixar o shopping depois de quatro anos de trabalho e muitas exposições marcantes.

A CAPITAL VAI BOMBAR

Brasília anuncia as atrações de seu festival de música eletrônica, em setembro. Bryan Gee, da Inglaterra, fera do drum’n’bass, estará na cidade.

TUNTISTUM PARA BALANÇAR A CAPITAL

Brasília Music Festival Electronic quer reunir 60 mil pessoas ao lado do Mané Garrincha para assistir aos grandes nomes da música eletrônica.

29 DE JULHO

FIGURAÇÕES DO AFETO

Um dos artistas mais produtivos do Brasil e expoente do abstracionismo, Arcângelo Ianelli prepara uma exposição em São Paulo com 82 obras de uma fase pouco conhecida.

O MESTRE EM BRASÍLIA

O Museu de Arte de Brasília (MAB) é o único local público da cidade onde se pode apreciar pinturas de Arcângelo Ianelli. Porém, há mais de um ano as obras estão guardadas e não participam de exposições temporárias.

Com marcas de fita crepe, manchas e riscos, aguardam restauro. Há cinco anos, Kátia Ianelli foi convidada pela Secretaria de Cultura para avaliar o estado das obras do pai e a possibilidade de restauração.

Além das telas de Ianelli, avaliou outros trabalhos em estado questionável. Encontrou um rasgo feito com estilete numa obra de Tomie Ohtake e peças que precisavam de higienização.

O contrato para o trabalho, porém, nunca aconteceu.

"Pedi que mandassem pelo menos as do Ianelli, porque não queria que ninguém mais mexesse. Estou acostumada a restaurar as obras dele. Mas elas nunca vieram", lamenta.

1º DE AGOSTO

NADA DE CONCRETO

Museu do complexo cultural erguido na Esplanada ainda não tem curador. A pouco mais de um ano da inauguração, o perfil da coleção é uma incógnita.

3 DE AGOSTO

PRA LEVANTAR POEIRA

Começa em Brasília o projeto Forró de Cabo a Rabo, que, ao longo de cinco semanas, pretende mostrar todas as faces do ritmo mais popular do Nordeste.

PÉ-DE-SERRA, CABRA MACHO

Forró de Cabo a Rabo apresenta a Banda de Pífanos de Caruaru, com oitenta anos de estrada.

4 DE AGOSTO

MÚSICA DE CÂMARA NA MARTINS PENNA

Recital traz obras de épocas diversas.

O projeto Temporada de Música de Câmara, promovido pelo Departamento de Música da UnB, apresenta no Teatro Nacional um recital de violoncelo, piano e oboé – instrumento de timbre parecido com o clarinete, mas levemente nasal.

MISTURA FINA NO CLUBE DO CHORO

Show *O Brasil Brasileiro de Ary Barroso* mescla tradição e modernidade.

A criatividade marca os três dias de apresentações do saxofonista Carlos Malta e do pianista Philippe Baden Powell no Clube do Choro.

CAPITAL INICIAL FAZ AS PAZES COM AS RAÍZES PUNK-ROCK

Turnê do recente CD da banda, *Gigante*, passa pelo Olympia, em São Paulo, nos dias 13 e 14.

RENOVAÇÃO PLÁSTICA

Exposição itinerante chega ao foyer da Sala Villa-Lobos com quarenta trabalhos de 26 jovens artistas comprometidos com a experimentação e a pesquisa de novos modos de expressão.

SOM DA CIDADE COM MUITO ROCK

A segunda noite do projeto Som da Cidade traz as bandas Birinaite e WD 40. O show acontece no Teatro da Caixa, às 21h.

O projeto busca incentivar a cena musical brasiliense, abrindo espaço para os mais diversos estilos, do rock ao sertanejo.

A Birinaite mescla composições próprias com músicas consagradas do rock nacional. O WD 40 fecha a noite com muito rock.

5 DE AGOSTO

MEMÓRIA PARA O FUTURO

Falta de registros sobre o teatro é superada com a edição de livros e pesquisas sobre companhias e artistas brasilienses.

Em Brasília, estudiosos procuram resgatar os primeiros passos do teatro local antes que se percam no tempo.

Em *Histórias do Teatro Brasiliense*, lançado naquele ano pelo Instituto de Artes da UnB, o professor Fernando Villar e o estudante Eliezer Carvalho mergulham nas origens do teatro da cidade, descobrindo pistas anteriores até mesmo à inauguração da capital.

A pesquisadora Elizângela Carrijo aponta a dificuldade de acesso ao material produzido pelos grupos teatrais.

Antes do livro, um catálogo do Teatro Universitário Candango (Tucan) havia sido distribuído à classe artística. Idealizado pelo diretor Hugo Rodas, da Cia. dos Sonhos, e pelo artista plástico Evandro Salles, *Pequena História do Teatro Candango* reúne fotografias, sinopses e informações sobre artistas e produções de 1992 a 1999.

6 DE AGOSTO

O NOVO VOO DA CODORNINHA

Depois de quase sete anos separados, o trio brasiliense Little Quail and the Mad Birds faz show comemorativo no Clube Ases, durante o lançamento do CD do Projeto Paga-Pau – Tributo Virtual ao Little Quail.

8 DE AGOSTO

CONIC NO PEITO

Trabalhadores e frequentadores declaram paixão pelo espaço mais democrático de Brasília e lutam para derrubar o preconceito contra o local.

A prefeita Flávia Portela e a galera diversificada do Conic defendem um plano para obter apoio do governo e da iniciativa privada, com o objetivo de manter o setor em funcionamento 24 horas por dia.

O AVESSO DA CIDADE

Lançamento do livro *Eu Engoli Brasília*, sobre o poeta Nicolas Behr, abre a coleção Brasilienses, que pretende recontar a história cultural da capital.

12 DE AGOSTO

COMO OS LOUCOS TORRAM SUA GRANA

Carlinhos Quinau apareceu e pagou sete polaroids. Foi festa!

14 DE AGOSTO

ENCONTRO PUNK

Sala Cássia Eller – Funarte.

O lendário grupo punk paulistano Cólera é a atração principal de Anos Rebeldes, evento encabeçado pela ONG Ferrock, de Ceilândia.

Além do Cólera, apresentam-se Presto (GO), Cocktéis, Língua de Porco, Alarme e Terror Revolucionário.

16 DE AGOSTO

PORTAS FECHADAS

Arte contemporânea nacional perde ainda mais espaço para exposições em Brasília com o encerramento das atividades do Ecco.

17 DE AGOSTO

MÚSICA É UM BOM NEGÓCIO

Executivos, governo e músicos anunciam a Feira de Música Independente (FMI), evento que pretende aquecer o mercado fonográfico independente.

O guitarrista Marcelo Barbosa dá o tom no pré-lançamento da feira, comandando o show *Guitarras do Cerrado*.

19 DE AGOSTO

AS DONAS DA VOZ

Thais Uessugui, do Flash Black; Luara Assunção, do 10zero4; Ana Paula Valente, do Black Machine; Isabella Rocha, do Natiruts; e Georgia Alô, do BSB Disco Club, assumem os microfones das bandas em Brasília e conquistam o público com sensualidade e talento.

LIGA TRIPA SACODE A POEIRA

Aldo e Sérgio Duboc nos violões, Carrapa no cavaquinho, Toninho na flauta, Fino na percussão e André Felipe no contrabaixo africano — ou seja, a marca registrada do grupo: o negão.

Famosos nas ruas de Brasília nos anos 1980, os integrantes do grupo histórico voltam a se reunir para um show no Bar Praia da Asbac.

Se fosse um organismo único e humano, o governo em vigor teria sofrido uma bruta dor de barriga naquele fim de 1979. Pois de suas entranhas nasceu a espontaneidade do Liga Tripa, que fez da rua palco para a liberdade de expressão artística em tempos de ditadura.

E tome analgésico policial, carranca de cliente de mesa de boteco, carranca de dono de bar...

O tradicional berço etílico e cultural da cidade também foi palco de um quebra-quebra com a polícia no início dos anos 1980. Violão estrebuchado no chão, páginas dos jornais em piquete contra a ação agressiva: estava catapultada a fama rebelde do grupo.

“O Liga foi muito guerreiro, muito combatido pelo poder.”

“Ele é o resultado de uma tendência que aconteceu nos anos 1980 na poesia”, analisa Aldo Justo. “Poetas mimeógrafos saíam à rua vendendo seus poemas numa atitude também política, de protesto claro contra a falta de liberdade.”

30 DE AGOSTO

ARUC QUER FICAR LEGAL

Integrantes da Unidos do Cruzeiro vão à Câmara Legislativa defender a regularização da sede, localizada em área pública.

A sede da Aruc, no Cruzeiro Velho, ocupa uma área de 38 mil metros quadrados e desenvolve atividades esportivas e trabalhos com crianças carentes.

Uma das características mais marcantes da Aruc é a atividade carnavalesca. Nessa época, chega a reunir mais de 1,5 mil pessoas entre preparativos e desfile.

A associação é tetracampeã do carnaval brasiliense e tem uma das maiores sequências de vitórias do Brasil. A escola de samba foi oito vezes campeã brasiliense entre 1986 e 1993.

2 DE SETEMBRO

TOM CAPONE MORRE NOS EUA

Produtor criado em Brasília, que trabalhou com bandas da cidade nos anos 1990, sofre acidente de moto logo após a premiação do Grammy, em Los Angeles.

Capone subiu ao palco do Shrine Auditorium ao lado de Maria Rita, que ganhou três prêmios. Sua morte, aos 38 anos, abre uma lacuna na cena pop nacional.

Responsável por deixar sua marca em mais de cem trabalhos em dez anos, Tom Capone ajudou o Skank a recuperar a linha evolutiva do rock com o disco *Cosmotron*.

TRIBO DA PESADA

Para alegria dos cultuadores do heavy metal, a banda Angra lança o disco *Temple of Shadows* em Brasília, comprovando o vigor do gênero.

A abertura fica por conta da banda Khállice, no Clube Ases.

3 DE SETEMBRO

ENTÃO, VOCÊ QUER SER UMA ESTRELA DO ROCK'N'ROLL?

Na foto maior, estamos diante da vitrine da Pornoshop, no Conic. O fotógrafo exultante falava:

— Uma foto de arte!

O que ninguém sabe é que, naquela mesma noite de 3 de setembro de 2004, saímos do Conic em direção ao Beirute. O fato raro era estar na companhia de Cicinho, o Bilau-Grande. Talvez Zeferino morasse numa vaga na W3 Sul.

Detalhe: foi quando comprei a tal camiseta do Hendrix que escafedeu-se.

Da série: cada fotografia tem a sua história.

5 DE SETEMBRO

BUZINA MAIS UMA VEZ, BRASÍLIA

Vinte anos depois da bem-humorada manifestação contra a ditadura militar, o maestro Jorge Antunes busca patrocínio para lançar em CD a *Sinfonia das Diretas*, para coro, orquestra e automóveis.

Jorge Antunes utiliza tecnologia digital para limpar o som gravado na campanha das Diretas. Um buzinaço transformado em arte para defender a volta do país à vida democrática.

7 DE SETEMBRO

ARTE EM ATIVIDADE

Grupo comemora quatro anos de atividades no Cantoria MPBar.

Poetas, atores, músicos, fotógrafos, artistas plásticos e militantes culturais reúnem-se em mais uma edição do Sarau da Tribo das Artes.

Cacá, um dos coordenadores da Tribo, aparece na Feira do Livro e explica:

— Nosso objetivo é ter contato com o público.

9 DE SETEMBRO

CONIC: O RESGATE DO SONHO DE LÚCIO COSTA

Prefeita e condomínios se unem para melhorar o Setor de Diversões Sul.

A reforma das praças será uma das prioridades na revitalização do setor. A bancada do Distrito Federal no Congresso Nacional já garantiu R$ 2 milhões para as obras, mas os recursos ainda não foram liberados. No mês anterior, o Ministério dos Esportes liberou mais de R$ 70 mil para a construção de pistas e rampas de skate.

Confirmando o aforismo de que a voz do povo é a voz de Deus, o conjunto arquitetônico que o urbanista Lúcio Costa sonhou transformar no quarteirão de lazer cultural de Brasília — uma réplica minimizada do Quartier Latin parisiense — foi batizado pelo povo como Conic.

Dos quinze prédios que compõem o setor, o primeiro ficava mais próximo da Rodoviária: o Boulevard. A construtora, chamada Conic, resolveu colocar esse nome na fachada, num gigantesco outdoor. Os milhares de pedestres que transitavam por ali passaram a chamar o prédio assim. Desde então, a versão popular valeu para todo o conjunto.

O nome oficial continua sendo Setor de Diversões Sul. Mas, de verdade, é mesmo Conic.

Wilson Hargreaves recorda:

"Acontece que, na retomada da descoberta de Brasília, em 1972, havia duas áreas disponíveis para quem pretendia alugar imóvel: na W3 e aqui no SDS. E como lá era caríssimo, o pessoal correu para este conjunto, que se convencionou chamar Conic."

15 DE SETEMBRO

LOBÃO NO PLANALTO!

Ambiente de arte no Beirute. Fotografia feita depois do show de Lobão que não aconteceu no Venâncio 2000.

À esquerda, de vermelho, um garoto que tocou numa banda do Cruzeiro que ninguém ouviu falar. Do mesmo lado da minha geração, o poeta, cronista e filmmaker Magu Cartabranca. O grande pintor Iolovitch aparece com sua tela. E um Mário Pazcheco muito doido, pois, ao fumar, reproduz a tela do artista.

Qual o nome dessa façanha de linguagem?

14 DE SETEMBRO

UM GRANDE ACHADO

Painel de Athos Bulcão encontrado na Granja do Torto, no Riacho Fundo, será restaurado.

O estado do painel branco e azul que ornamenta a residência presidencial está longe do ideal. Cerca de cinquenta azulejos que compõem a obra de quarenta metros quadrados estão quebrados ou rachados. O restante está encardido e sofreu o desgaste natural do tempo.

20 DE SETEMBRO

FILME PERDIDO DE SHOW DE JIMI HENDRIX É RESGATADO POR TV SUECA

Uma emissora sueca recupera um registro perdido de uma apresentação de Jimi Hendrix.

28 DE SETEMBRO

FESTIVAL BRASILIENSE REÚNE 67 MIL NO FIM DE SEMANA

Soul II Soul, Green Velvet e Patife foram os destaques do Brasília Music Festival Electronic, realizado ao lado do estádio Mané Garrincha.

29 DE SETEMBRO

PSICODELIA MUSICAL NA CENA RECIFENSE

A psicodelia volta a movimentar a cena musical do Recife.

6 DE OUTUBRO

TEMPO DA DELICADEZA

Antônio Poteiro, Diolino, Diô Viana e Glênio Lima têm na pintura um suporte para se expressar. Exposições marcam a semana com obras recentes e retrospectivas.

É a força delicada da pintura que ocupa grande parte da agenda de artes plásticas desta primeira semana de outubro. Três exposições inteiramente dedicadas às tintas e telas abrem as portas em espaços e galerias da cidade.

Na Embaixada da França, Antônio Poteiro inaugura a exposição *O Barro e as Cores*. O artista português radicado em Goiânia apresenta pinturas recentes e esculturas.

Depois de anos dedicados aos objetos e às instalações, Glênio Lima volta a pintar e realiza uma individual exclusiva de telas na Galeria Ford Dakar.

Diolino, que nunca deixou de pintar, ganha a retrospectiva *A Lição do Amigo* no Conjunto Cultural da Caixa.

No Museu de Arte de Brasília, Diô Viana apresenta *A Outra Margem*, série de telas inspiradas pela cultura amazônica.

Na Câmara dos Deputados, o presidente da Casa, João Paulo Cunha, abre o próprio gabinete para receber a exposição *Arte Baiana*.

13 DE OUTUBRO

LIGAÇÃO DIRETA REGISTRA AO VIVO AS CANÇÕES DE UMA LONGA ESTRADA

O trio fundado pelo guitarrista e vocalista Leonel Niemeyer, com os também veteranos Marcos Perrone, no baixo, e Luiz Coêlho, na bateria, completa 25 anos de história com a gravação do primeiro CD ao vivo.

O show gratuito acontece na Sala Martins Penna.

14 DE OUTUBRO

CONTRA OS MOINHOS DE VENTO

A trajetória do imortal personagem Dom Quixote inspira mostra de gravuras dos séculos XVIII e XIX, apresentada pelo Conjunto Cultural da Caixa.

José Del Castillo desenhou e Fernando Selma gravou os personagens em *Don Quijote e Sancho Camino de la Aventura*. São noventa gravuras concebidas por artistas dos séculos XVIII e XIX para edições de *Dom Quixote*.

16 DE OUTUBRO

ÓPERAS MINGUADAS

Luciana Tavares, do Madrigal de Brasília.

A boa temporada de *A Carta*, primeira ópera de Elomar, no CCBB, não condiz com as dificuldades que produtores e cantores líricos enfrentam para montar espetáculos.

Em Brasília e no Brasil, a quantidade de produções diminui a cada ano.

"O mercado em Brasília ainda é muito tímido. Por isso, faz diferença ir para São Paulo. Lá as possibilidades são maiores, pois há mais coros e mais montagens."

26 DE OUTUBRO

UMA DELÍCIA DE CALVÁRIO

O escritor Luis Fernando Verissimo é amigo do livreiro Ivan Presença, que o trouxe a Brasília em outras oportunidades.

Numa dessas ocasiões, Verissimo caiu de um palco mal iluminado e quebrou a rótula. Foi bem tratado. Sua única reclamação: não podia mais fazer fotografia de time de futebol porque não conseguia dobrar o joelho... agachar.

Aos 46 minutos do segundo tempo... quando essa parábola futebolística valia...

No Venâncio 2000, durante a Feira do Livro, não havia nenhum livro de Luis Fernando Verissimo à venda. Fã de suas crônicas no *Zero Hora*, corri ao andar de cima, saquei o cartão e comprei o mais recente.

Poucos dias antes, ele havia sido paraninfo e apertado as mãos de 859 formandos da Universidade de Viçosa.

Meio ressabiado, falei rapidamente com ele sobre jazz e consegui o autógrafo.

Ao voltar para o meio dos meus algozes, fiz uma expressão triste, como se não tivesse conseguido o autógrafo. Quando começaram a rir, abri o livro e mostrei a assinatura.

Ríamos sem parar e sem maconha...

26 DE OUTUBRO

TONINHO DE SOUZA REVISITADO

Registro sobre o artista Toninho de Souza e sua produção.

30 DE OUTUBRO A 5 DE NOVEMBRO

DEPENDENTES DE LIBERDADE

Banda Prot(o) deixa sua marca na noite de Brasília e se prepara para lançar novo CD.

O Prot(o) começou como projeto solo de Pinduca. Depois, ele se reuniu com três amigos para formar uma banda, batizada com o mesmo nome do projeto original.

No começo, a guitarra era comandada por Rafael, hoje vocalista da banda Bois de Gerião. Em maio de 1999, o grupo lançou a primeira fita demo, com cinco músicas.

Em 2001, saiu a segunda fita. Com a saída do guitarrista, que foi tocar em sua própria banda, Tharsis assumiu o instrumento.

Em maio de 2003, o Prot(o) lançou seu primeiro CD. Desde o começo, o selo da banda foi a Monstro Discos, gravadora reconhecida pelo apoio às bandas independentes.

3 DE NOVEMBRO

O seminário 4º Seminarte e a exposição *Sem Título*, na Faculdade Dulcina, pretendem discutir o processo criativo dos artistas plásticos e cênicos e a produção contemporânea de Brasília.

TONHO GEBARA

Amigos homenageiam o guitarrista carioca Tonho Gebara, que tocou com a banda brasiliense Natiruts por alguns anos e gravou o álbum *Quatro* (2002).

Morto aos 31 anos, Tonho Gebara deixou gravado o álbum *Ímpar*.

4 DE NOVEMBRO

O TEATRO QUE NÃO É TIRA-GOSTO

Teatro Caleidoscópio comemora dez anos com as portas escancaradas à interação de todas as tribos.

A Farsa de Pixreals, resultado de fragmentos de diálogos de mais de trinta autores, não é uma colagem, mas uma tela de inquietações.

"Geralmente as pessoas querem o teatro como tira-gosto, para depois irem jantar", resume André Amaro, fundador e diretor do Caleidoscópio. "Não fazemos teatro para isso. O teatro é um encontro tão único que deve propor alguma reflexão."

O Caleidoscópio, que hoje tem prédio próprio no Sudoeste e funciona como espaço permanentemente aberto a oficinas e apresentações de outros grupos, é um filhote bem-sucedido dessa inquietação.

Da trupe inicial, permanece no staff a atriz Lilian França. Mas o grande barato do Caleidoscópio, cujo nome lhe cai como uma luva, é a interação com quem faz teatro.

Salas do Teatro Dulcina e outros palcos — inclusive o apartamento da atriz Paula Passos, onde foi montado o monólogo *A Órfã do Rei* — já foram cenários do grupo antes da criação de sua sede própria.

7 DE NOVEMBRO

KRAFTWERK: MÁQUINA COM CORAÇÃO

O pioneirismo no uso de sintetizadores e computadores na composição de música pop fez do Kraftwerk uma entidade de culto e embrião de uma série de gêneros musicais que se estabeleceram a partir dos anos 1970, do techno ao hip-hop.

Por essas e outras, a passagem do robot pop de Ralf Hütter e Florian Schneider por Brasília, no Teatro Nacional, não é um evento qualquer.

Depois de abrir a edição de 2004 do Tim Festival, em São Paulo, e de se apresentar no Rio de Janeiro, o grupo chega à cidade com um arquivo de clássicos nos laptops e disposição para conhecer a arquitetura de Brasília e a performance dos DJs locais.

10 DE NOVEMBRO

KRAFTWERK PROMOVE MOMENTOS DE DESLUMBRAMENTO: AULA DE ELETRÔNICA

O ambiente era de deslumbramento, muitas vezes silencioso, quebrado apenas pelas introduções de sucessos como "Autobahn", "Trans-Europe Express", "Computer World", "The Model" e "Radioactivity".

Mistura de instalação com sinfonia, a apresentação foi exata, comovente e rara em qualquer sentido. Entusiasma principalmente por mostrar que o Kraftwerk ainda tem muito a ensinar a quem se dispõe a encarar a eletrônica de frente: computadores fazem arte, mas no peito dos androides também bate um coração. (Tiago Faria)

BARRADOS NO MEMORIAL

Depois da apresentação na Sala Villa-Lobos, o Kraftwerk participou de uma festa somente para convidados, no Espaço Dercy Gonçalves, no Teatro Nacional.

"Gostamos muito do show. O espaço é ótimo, muito bonito", elogiou Ralf Hütter, bem-humorado, enquanto autografava capas de discos de fãs brasilienses.

Impressionados com a arquitetura da cidade, Ralf, Florian, Fritz Hilpert e Henning Schmitz chegaram a Brasília no domingo, visitaram o Catetinho e, na segunda-feira, deram de cara com o Memorial JK fechado para manutenção.

11 DE NOVEMBRO

VIAGEM NO TEMPO

Remontagem de exposição idealizada por JK em 1944 ocupa o Palácio do Itamaraty com obras históricas do Modernismo.

Sessenta anos depois, a curadora Denise Mattar propõe uma viagem no tempo. Parte do térreo do Palácio do Itamaraty foi transformada numa estrutura circular para receber a reconstituição da mostra idealizada por Juscelino.

O Olhar Modernista de JK remonta a exposição que agitou a cena artística de Belo Horizonte nos anos 1940.

"Foi a exposição mais importante da segunda metade daquela década", conta Denise Mattar.

Na Senado Galeria, a obra de Tarsila do Amaral retoma o movimento antropofágico.

12 DE NOVEMBRO

O ROMANCE INAUGURAL DE BRASÍLIA

Ao contrário do que indicavam os estudos até então, a primeira ficção a ter a capital federal como cenário e personagem é *Luana,* do mineiro Garcia de Paiva. O romance é ambientado na cidade em construção. Foi escrito em 1960 e lançado em 1962.

Na W3 do início dos anos 1960, época em que se passa o romance, o personagem principal toma uma batida num bar da jovem avenida.

A Brasília descrita no livro está em construção, engasgada com a poeira e freneticamente ocupada dia e noite, imprensada entre o cansaço e os prazos a cumprir.

Assim também é o protagonista de *Luana,* engasgado com a beleza da cunhada e tentando se manter ocupado o tempo todo, no afã de cumprir seu prazo: a volta do irmão e a possibilidade de ele mesmo ir de vez para o Rio de Janeiro, livrando-se daquela obsessão.

Mas cidades e pessoas são realidades de distintas essências.

A ESQUINA DE BRASÍLIA

O maior desafio na revitalização do centro é a transformação do Conic, desenhado por Lúcio Costa para ser a "esquina" da cidade.

Flávia Portela, a prefeita, propõe:

— Imaginemos que aqui é a esquina de Brasília.

De dia, um lugar para a requalificação profissional.

Magela e Chico Vigilante: muitos políticos preferem o Conic.

Loja hip-hop: lugar para todas as tribos, partidos e religiões.

A vocação cultural do SDS será incentivada ainda mais.

Reformas são financiadas pelos próprios usuários.

17 DE NOVEMBRO

A HERANÇA DOS ORIXÁS

Na Galeria do Senado Federal, mostra das divindades africanas homenageia a luta dos negros brasileiros pela conquista da cidadania.

A exposição levou dez meses para ficar pronta, desde a pesquisa até a conclusão das peças. O público pode conhecer textos sobre a história de cada divindade e explicações sobre seus principais símbolos.

A escolha dos materiais reciclados também faz parte do enredo dos orixás.

"Como guardiões da natureza, para representá-los é preciso preservar. Ser ecologicamente correto", explicou a artista plástica Marly Viana.

REGGAE NA CAIXA

Jah vai pairar sobre os participantes do show no Teatro da Caixa, pelo projeto Som da Cidade.

No palco estarão as bandas Mira Reggae e Tijolada Reggae, além de um convidado especial: Renato Matos, cantor e compositor que faz parte da história da música brasiliense.

Com seis anos de estrada, o Mira Reggae lançou dois anos antes o CD *Positividade*, que conta com participações de Renato Matos e Alexandre Carlo, líder e vocalista do Natiruts.

O Mira Reggae abriu shows de Cidade Negra, O Rappa, Tribo de Jah e Edson Gomes. No ano anterior, acompanhou Andrew Tosh no evento Reggae Sua Alma, que teve Gilberto Gil como atração.

Com dez anos de carreira, o Tijolada Reggae reprocessa influências dos mais importantes regueiros jamaicanos. O grupo lançou seu primeiro disco, *Tempo*, cinco anos antes e prepara o CD *Construção*, com lançamento previsto para 5 de dezembro, em show no Teatro Galpão. (Irlam Rocha Lima)

O OLHAR ESTRANGEIRO DE CATHLEEN SIDKI – MAB

O olhar de Cathleen Sidki é intimista. A artista norte-americana, radicada em Brasília há 32 anos, observa o mundo de maneira reservada.

Reproduz em telas, gravuras e desenhos um universo contido, às vezes sombrio, outras vezes melancólico, sempre deixando entrever uma luminosidade velada. Esse é o tom dos cinquenta trabalhos de *Vivências Brasilienses*.

A seleção reúne as temáticas mais constantes na produção da artista e conta um pouco de como essa estrangeira encarava a cidade nos primeiros anos de sua chegada e como seu olhar foi se fixando em determinados aspectos da vida no Planalto Central.

"Quando juntei todo o trabalho, percebi as temáticas que tinha trabalhado: tem cerrado, cidade, família, morte e carnaval. São coisas imediatas, que tiveram impacto na minha vida", explica Cathleen.

ALTAR MEXICANO – MAB

O Museu de Arte de Brasília recebe a exposição *Os Mortos*, do artista mexicano Nicolas de Jesús.

A homenagem aos escritores Juan Rulfo e Fernando Sabino reproduz um altar mexicano com oferendas e objetos típicos, geralmente artesanais.

A tradição mexicana manda montar esse tipo de altar para celebrar a memória dos mortos. A exposição acontece em parceria com o grupo Operação Plástica, que também apresenta objetos confeccionados com lixo.

21 DE NOVEMBRO

AS VIDAS DE MARIA ABRE O FESTIVAL DE BRASÍLIA

Ingra Liberato interpreta a protagonista na vida adulta, mulher nascida no dia da inauguração de Brasília.

SALVE VLADIMIR, VELHO CONTERRÂNEO DE GUERRA

Cineasta paraibano toma a frente das câmeras e se torna alvo de homenagens no 37º Festival de Brasília.

Homenagem a Vladimir Carvalho inclui o lançamento do documentário *Vladimir Carvalho: Conterrâneo Velho de Guerra*, de Dácia Ibiapina, e a exibição do filme restaurado *O País de São Saruê*.

23 DE NOVEMBRO

NOVATOS INVADEM O FESTIVAL DE BRASÍLIA

Festival dá vez a estreantes. *Peões*, de Eduardo Coutinho, já é favorito.

Com orçamento de R$ 1,6 milhão, a 37ª edição começa com quatro longas assinados por diretores estreantes.

Depois de uma edição em que o traço mais evidente foi o experimentalismo autoral, o Festival de Brasília volta a ter um tom fortemente político.

Além dos longas de temática diretamente política, como *Peões* e *Cabra Cega*, ou social, como *500 Almas*, o filme escalado para encerrar o evento é *Entreatos*, de João Moreira Salles, que mostra os bastidores da campanha presidencial de Lula.

POLÍTICA NAS TELAS DA CAPITAL

Festival de Cinema de Brasília é marcado por filmes com teor político.

Em *500 Almas*, Joel Pizzini aborda os costumes da tribo Guató. *Cabra-Cega*, de Toni Venturi, apresenta uma história de amor nos anos de chumbo. *As Vidas de Maria*, de Renato Barbieri, é o longa que abre o 37º Festival de Brasília.

CAPITAL DO CINEMA

A 37ª edição do Festival de Brasília destaca novos diretores e a produção brasiliense.

Duas das mais importantes obras da história do cinema brasileiro poderão ser vistas durante o festival. O clássico de Glauber Rocha, *Terra em Transe*, será apresentado em versão restaurada, assim como *O País de São Saruê*, de Vladimir Carvalho.

24 DE NOVEMBRO

MARATONA MUSICAL DE VERÃO

Quarenta e dois cursos especiais em janeiro atraem para Brasília músicos de todas as partes do Brasil e do mundo. Cem apresentações gratuitas serão realizadas durante o mês.

PIPODÉLICA E PHONOPOP

Registro sobre as bandas Pipodélica e Phonopop, em matéria publicada na imprensa catarinense.

25 DE NOVEMBRO

CÁSSIA ELLER: JUÍZA REJEITA DENÚNCIA CONTRA DOIS MÉDICOS

MÉDICOS SE LIVRAM NO CASO CÁSSIA ELLER

Juíza rejeita acusação de imperícia feita pelo Ministério Público contra os médicos que atenderam a cantora.

2 DE DEZEMBRO

UM CAMINHO NA PINTURA

Inspirado nos netos, o pintor resolveu fundir brincadeiras infantis e práticas de circo em pinturas realizadas naquele ano.

O artista gaúcho Glênio Bianchetti lança *G. Bianchetti*, primeiro livro dedicado à sua obra, e inaugura exposição para celebrar os 55 anos de carreira.

CALEIDOSCÓPIO NO PLANALTO

O salão térreo do Palácio do Planalto recebe um caleidoscópio gigante que exige a interação do público para funcionar.

Concebida pela cenógrafa Cecília Modesto e executada pelo produtor Oscar José, a peça foi criada para celebrar a sétima edição do Prêmio Finep de Inovação Tecnológica e leva o título de *Mandalas da Inovação – Prêmio Finep e Sua História*.

A instalação reproduz os princípios técnicos do caleidoscópio e seu jogo de espelhos.

Em vez de olhar pelo buraco, a pessoa se posiciona no meio do caleidoscópio. É uma forma lúdica de vivenciar a inovação, explica Oscar José.

No chão, discos de 2,40 metros giram em torno do próprio eixo, rodeados por jogos de espelhos que refletem cada um dos finalistas do prêmio.

"Vira uma mandala que fica repetindo as imagens. Como é prêmio de inovação, a gente propôs um suporte que sublinha o conceito de inovação", explica Cecília, que montou um quebra-cabeça para construir um caleidoscópio que pudesse ser usado por várias pessoas ao mesmo tempo.

4 DE DEZEMBRO

MULTISHOW COMEMORA DIA DE CÁSSIA ELLER

Canal Multishow cria o Dia Cássia Eller, com programas que celebram o aniversário da cantora, morta há três anos.

Emocionado também pode ficar o telespectador, graças a um golpe baixíssimo da edição: finalizar o especial com imagens caseiras e felizes de Cássia, de seu filho, Chicão, de Eugênia e de amigos – alguns presentes na festa de seu dia na televisão.

10 DE DEZEMBRO

FORRÓ DEIXA AS SATÉLITES E CHEGA AO LAGO

Ritmo de origem nordestina supera preconceitos e passa a marcar as noites de sexta-feira no Setor de Clubes Sul.

A banda Zabumbazul adotou o forrodélico. O público se diversificou e vai da patricinha ao trabalhador braçal.

17 DE DEZEMBRO

SHOW: BELCHIOR E AS CANÇÕES DE SUA VIDA

Registro de apresentação dedicada ao repertório e à trajetória musical de Belchior.

22 DE DEZEMBRO

O BLUES DE LU NOS TIRA DE CASA E DA CADEIRA

Brasília – Feitiço Mineiro.

A velha história da tartaruga que perde a cabeça, mas não o blues. Da mesma maneira, a cantora Lu Blues consegue reinventar com qualidade um repertório clássico. Supera a apropriação e a adaptação, cria estilo e escola. Essas características me atraem na voz cativante e disciplinada da cantora.

Eric Clapton disse que "não se pode tocar blues de barriga cheia". Essa condicionalidade continua valendo. Os atuais guitarristas de blues devem algo a Clapton. Afinal, não foi ele quem eletrificou "Crossroads", tornando-a imprescindível em milhares de repertórios?

Lu apresenta um blues com pegada feminina e apelo sexual, perto do fogo. Sua voz doce, balbuciando, fomenta a liberação dos quadris e das palmas. A ordem é dançar!

Suas interpretações são convincentemente carregadas de dor. Seu repertório é hegemonicamente masculino, pois ela gosta principalmente de Jimmy Reed, Robert Johnson e, lógico, Rolling Stones.

Neste show no Feitiço Mineiro, também estavam presentes standards que iam de Jimi Hendrix a Stevie Ray Vaughan. O repertório é identificável sem dificuldade, e você o curte sem medo de encontrar, mais adiante, algo que o desvie da viagem nostálgica e sentimental.

Lu impõe luz própria às interpretações. E como é bom ouvi-la com uma aparelhagem de voz decente, num momento inspirado e de muita esperança para o ano que começa.

Skaravelho é a banda que acompanha Lu Blues. Vi algumas encarnações dessa banda variável, que se firmou a partir da cozinha de Rubão, na bateria, e de Igor, que se estabilizou de vez no contrabaixo, produzindo uma retaguarda afiada.

A presença de Christian nos teclados trouxe um timbre de Jimmy Smith e proporcionou improvisos alternados entre guitarra e teclados.

Neste show, João tocou a guitarra sem firulas. Ele sabe que o blues não é moderno e que não precisa de intervenções rápidas e floreadas, carregadas de notas, como alguns discípulos insistem em fazer.

Sua guitarra fluiu num mar metálico, sempre ondulando nos volumes do amplificador e do pedal, tirando um som sujo e compacto. Um estilo econômico e vigoroso.

João tocou uma guitarra linda em "Little Wing", que valorizou ainda mais as interpretações anteriores.

Discreto, seu slide desliza na hora certa. Sua ausência da banda deixará um buraco, mas as histórias mudam...

O notável no blues é a possibilidade de improvisação. O clima para sair o som funciona... se os músicos têm alma!

Skaravelho precisa de mais ensaios e entrosamento, mas, nesta apresentação, a qualidade individual funcionou como estratégia. No futuro, quando a banda estiver mais segura e à vontade, Lu Blues poderá empregar todo o potencial de sua garganta.

Resta esperar e torcer.

26 DE DEZEMBRO

MORRE O LENDÁRIO JOHN PEEL

Morre John Peel, um dos mais importantes radialistas e divulgadores da música independente. Sua atuação ajudou a abrir espaço para artistas e bandas que dificilmente encontrariam lugar na programação comercial.



O PINTOR DE ENTREQUADRAS AGORA É GRIFE!

Acabo de ligar para Iolovitch para anunciar que seu documentário, *Paulo Iolovitch, o Pintor de Entrequadras*, finalmente ficou pronto! Filmado desde 2000, levou três anos e meio para ser concluído. Em dezembro de 2003, no apartamento do artista, filmei um monólogo que funciona como oficina e encerra sua fita mágica de 67 minutos.

Numa conversa ideológica à mesa, Paulão de Varadero perguntou:

– Por que você não assina "Azul"?

No início de maio de 2003, no *Correio Braziliense*, o jornalista José Carlos Vieira escreveu que o grande pintor Iolovitch, numa crise semelhante à de Prince, passava a assinar "Azul". De sacanagem, o repórter continuaria chamando o pintor pelo nome original...

Particularmente, não gostei da alcunha. Conhecendo a fábrica de ideias de Iolovitch, sabia que aquilo era apenas uma pequena partícula de sua inquieta trajetória.

Hoje, Iolovitch já não assina "Azul". Suas telas agora explodem em verde, vermelho, amarelo e preto. O pintor de entrequadras virou grife: **IOLO!**

•

Landau, o dodge que não é dart

Paulo Iolovitch

Ficção.

Morreu Landau. Não era um chato em miniatura, era um chato gigante. Corria por entre as alamedas como uma gazela voadora, levando a última notícia para algum lugar.

Um dia, viu um grande pianista e boêmio tocando numa grande avenida e trouxe a ideia para o seu vilarejo.

Seu programa radiofônico, de colarinho e, às vezes, de casaca, sob os auspícios de um banco (corrupto), continha o que de melhor a música sertaneja corriqueira podia produzir.

A alcunha de narigudo lhe caía bem: cheirava tudo, buceta etc. Não fodia mais com o pau, mas com o nariz, devido à idade avançada.

Não sei se deu o cu alguma vez, na infância ou na idade adulta, mas suas ceroulas compridas e malcheirosas saíam caminhando sozinhas quando tiradas do corpo — o que nunca aconteceu.

Pediu-me uma vez que arranjasse publicidade para sua rádio, dentro daquele programa peculiar. Nunca fiz.

Nesse momento, seu corpo está apodrecendo, e me foi pedido um necrocídio.

Sua imagem maravilhosamente louca não me sai da cabeça: **"O Homem Mais Original"** que conheci em minha vida.

Um boneco? Alguém de outro planeta? Movido a corda ou a bateria? Não. Um ser especial chamado LANDAU!

Poderia ter sido um grande cômico na Itália, como Aldo Fabrizi ou Totò, da época do neorrealismo italiano. Sua natureza cômica explícita poderia tê-lo levado aos 120 anos, conforme prognosticava seu médico naturopata. Mas não: preferiu deixar-nos aos 102 anos.

Não vai fazer falta. Não precisará aguentar este governo por mais tempo, tampouco correr e chegar às pressas ao seu programinha de auditório.

Os outros loucos, seu público de carteirinha, chorarão diariamente a falta do louco-chefe. Os prezados ouvintes da sua PRK 30 não cagarão mais naquele horário, aproveitando

a desafinada música do piano. Tampouco os contrabandistas de vários países, fardados com a última etiqueta da moda, sentirão sua falta.

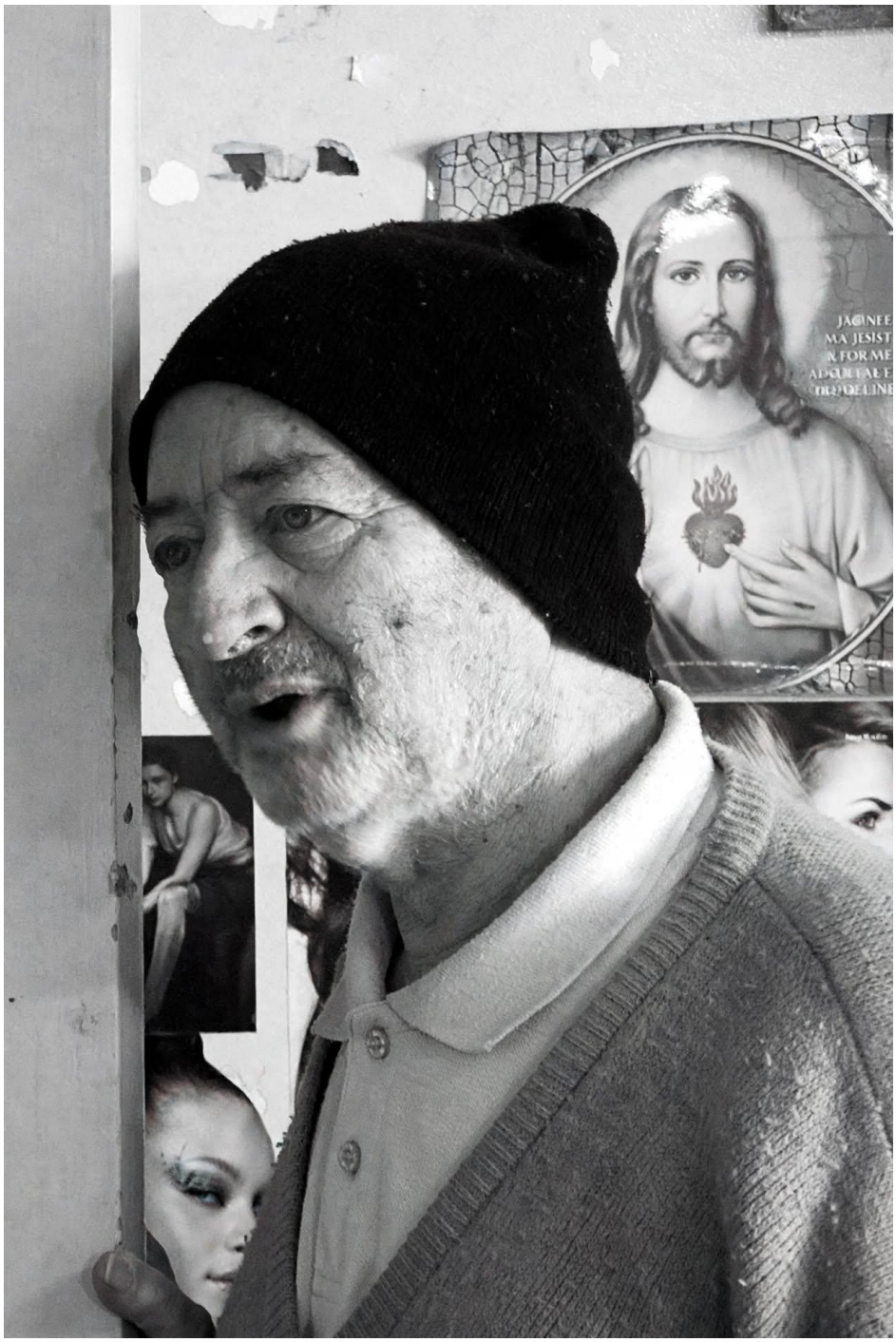
Os negócios vão continuar: entre um Mozart e um Schubert, de vez em quando uma flauta, para não interferir no conserto.

Enfim... tchau e bênção!

•

Algures, Santa Escócia.

Paulo Iolovitch, pintor maluco de entrequadras, abandona sorrateiramente o 305 para passear pelo hospício público da Kapital Federal. Não é careta! Saca o fluxo da escada rolante. Vara a noite como boêmio.



Fotos suas espalhadas pelos jornais *Correio Braziliense* e *Comunidade*, além do sítio do Mário Pacheco, nosso homem-marketing, desde 62 projetando a sombra de volta ao futuro!

Iolovitch no Beira, no aniversário do neto Michael, a que eu não fui! Iolovitch no Conic, procurando alguém para digitar ou indigitar o necrocídio ululante de todos aqueles que apodrecerão mais cedo ou mais tarde.

Por favor, nada de falso moralismo. Curtam as telas de Iolovitch. As lupas agradecem.

IOLO, o amigo do peito do Zeferino, do Mário e das putas que pariram também.

É isso aí! LANDAU!

16 de julho

Pouco depois das 19 horas, todos os bares abertos...

O glamour atemporal das polaroids: o encanto perdura à medida que o tempo passa

No Conic, Zéantônio transmite paz e amor, enquanto Gicello se expressa livremente. Eu estava tão exaltado que lancei as lupas para o alto, como se fossem a bandeira de Diniz. Sob a perspectiva do mestre Manoel, do Setor P. Norte, fomos capturados, meio abilolados, como os Três Patetas: Zéantônio irradiando energia positiva, Gicello expressando-se sem reservas e eu lançando as "lupas acesas" ao céu. Naquele instante de varredura, recuperei um pouco da autoestima, antes obscurecida.

A sequência das horas

põe minha lucidez à prova.

A cidade me impõe seu ceticismo cinza,

e eu vejo o mundo em preto e branco.

Pessoas invisíveis.

A cidade sanguessuga

sangra e suga todos os meus sonhos.

O verde no azul se fragmenta

num raio de cores abstratas.

Quem é o autor?

Este poema recente envolve a estrutura de concreto que cobre a Praça Ary Pára-raios. Está prestes a completar 25 anos a peça teatral *Os Sete Trabalhos de Estive*, um dos grandes sucessos de Ary Pára-raios durante a distante temporada de 1979, dirigida por Hugo Rodas e estrelada pelo grupo XPTO. Nesse mesmo ano, Glauber Rocha, afastado dos círculos nobres e dos catálogos culturais da capital, gritou à porta do Hotel Nacional para anunciar sua missão: "Eu vim enterrar o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro". Jota Pingo, testemunha daqueles acontecimentos, juntou-se a Glauber, oferecendo um depoimento valioso que se tornou parte essencial de um curta-metragem muito mais interessante do que os documentários que inundam a telinha.

Nesta semana de julho, fui surpreendido pela nostalgia da partida: completavam-se 20 anos do desaparecimento prematuro do talentoso ator Aloísio Magalhães, um nome importante do teatro em Brasília. Nos últimos meses, eu vinha alimentando o desejo de criar um memorial que fosse além de simples recortes. Buscava depoimentos mais próximos, investigava nomes e situações. Muitos desconhecem que Aloísio era pai e que morreu de câncer. Eram essas as questões que atormentavam minha existência.

Na sexta-feira passada, consegui gastar uma fortuna e voltar para casa com os dois pneus dianteiros furados. Carregava sob o braço uma mistura explosiva de álcool e telas de Paulo Iolovitch. Nesta sexta-feira, eu queria afastar ou compreender minha conduta desregrada: essa sequência de visitas aos lugares sombrios, sempre falando alto e aguardando ansiosamente pela próxima dose que enchesse meu copo.

Zéantônio, notório personagem do Conic e meu parceiro fiel, abre o primeiro bar por volta das nove da manhã: o Bar do Seu Antônio. Em pé, no balcão, funciona como uma central de informações para os transeuntes que perguntam sobre seus destinos, como a localização do sindicato da saúde. Às sextas-feiras, de tempos em tempos, saio meia hora mais cedo do trabalho e é inevitável encontrar Zéantônio um pouco alterado, mas sempre sorridente, dizendo: "E aí, Mário Pacheco!" Nossos caminhos entrelaçados e caóticos atraem outros parceiros, e a noite se estende.

Outro camarada, irmão de sangue literário e alma incendiária, é Roberto Gicello, o homem que revisou praticamente todos os livros a serem editados em Brasília! Sua última revisão é uma explosão: trata-se do livro *A Professora que Sabia Demais – O Caso Ana Elizabeth*, escrito por Celso Alcântara. Celso, cujo livro *Brasil 500 Anos de Derrapinagem* foi elogiado por Tom Zé, ronda, em sua obra, as delegacias e os inquéritos por trás da morte da professora Elizabeth Lofrano. Precisa escrever mais?

Nunca haverá alguém como Zéantônio. Nós, que éramos meio malucos, nos entendíamos perfeitamente quando o assunto eram brincadeiras e loucuras, desmontando coisas e abrindo caixas. Deveríamos ter montado uma empresa juntos. Sem medo, foram cerca de 25 anos de aventuras loucas e intensas, durante os quais causamos estragos pelo caminho, furamos pneus e provocamos o establishment, principalmente no Plano Piloto.

Gostávamos de curtir a capital: fumar maconha dentro da Tendinha, uma boate no Hotel Nacional, ou urinar na mangueira do Beirute, perto das mesas. Éramos expulsos de todos os eventos políticos e culturais da cidade. Essa era a nossa roda da alta sociedade do Conic. E não precisamos de ninguém para contar essa história: eu mesmo conto.

Poucos corajosos incorporaram o espírito Beat, e tenho certeza de que também vomitamos como eles. Para minha filha, "Carlinho$" foi o terror da infância. Acabei de receber vários telefonemas, com o rock do Slade tocando alto e Zéantônio, completamente louco, gritando: "Carlinhos Guimarães! Carlinhos Guimarães!"

Isso significa que estamos de luto e que, a qualquer momento, podemos nos reunir para tomar algumas cervejas. Já não há amigos capazes de morrer na mesma semana pela falta de um amigo.

Podem me tirar tudo, até os sonhos, menos a satisfação de ter vivido intensamente aquilo que eu escrevia. Amizade é assim: nos separamos, mas não esquecemos as besteiras que fizemos.

Esse tipo de pessoa cheira e fede como a gente – e vale mais do que 100% da população.

15 de outubro

Diretamente do rodeio, escoiceando um cavalo, surge Iolovitch, o pintor que percorreu da 304 Sul à 109 Sul, espalhando mais de um milhão de telas pelas paredes de Brasília. Pioneiro nacional, referência mundial na pop art, citado até em dicionários do Leste Europeu – pelo menos é o que conta a saga desse artista que transformou a cidade em galeria a céu aberto.

Para completar a história do cavalo de ferro, eis que aparece o vaqueiro de gibão e laço na mão: ninguém menos que André "Pedra", poeta e cantor da banda Os Pedras, minha referência mais singular no rock praticado no Brasil.

Autor da letra de **"Superman"**, Pedra despeja sua crítica sobre o herói americano, o imperialismo e a fabricação de mitos pela cultura de massa. Afinal, o que resta do homem de aço quando o sonho americano começa a enferrujar?

"Superman e Nova York, como vai ficar?

Superman, onde está o final feliz?

A vida não é como um filme de gibi

Tio Sam só queria usar você

Tio Sam é um Durango Kid das antigas

Osama vai detonar sua ira santa

Tio Sam quis conquistar o mundo

Superman, suas roupas já não brilham mais

Superman, Mick Jagger vai cantar você

Superman, você é um cara legal

Superman, não deixe Tio Sam usar você

Superman, neste império vai te consumir

Sua vida é como um seriado de TV

O velho Sam não passa de um Tio Sukita

Superman, você não é um cara mau

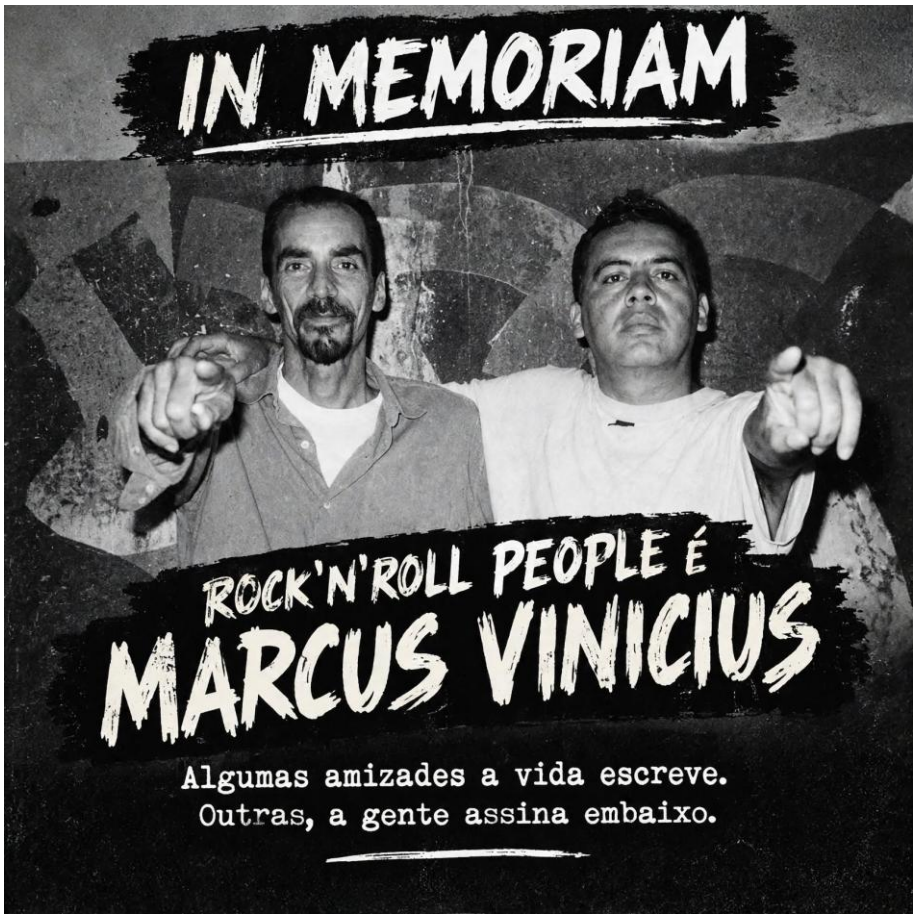
Sua vida terá um grande final

Tchau, Superman, tchau, Superman

E... Superman... tchau!”

Os Pedras têm três CDs-Demo: *Na teia das Aranhas*, *A volta do Zorro* e *Para Todas*. É o som básico, cru e sujo da garagem, com guitarras sem frescura e crítica ácida ao consumismo. Nada de super-heróis plastificados: aqui, o negócio é desconfiar dos salvadores do mundo e rir da engrenagem que os fabrica.

E André “Pedra” não se limita ao microfone. Também participou do Festival do Minuto com um vídeo em que encarna um toureiro, driblando carros num semáforo. Entre o gibão, o laço e o asfalto, o homem transforma o trânsito em arena e a vida cotidiana em espetáculo. No nosso rodeio underground, cada um enfrenta o touro que lhe cabe — e nem todo touro tem chifres.



Na base do laço — Homenagem aos fotógrafos da Capital

Marinho Izaias do Carmo trabalhava na 109 Sul. Esta foto foi feita em 15 de outubro de 2004. No alto, ‘Pedra’, Iolovitch e Pazcheco, de volta a um tempo em que as pessoas usavam diligências para se deslocar até o Beirute ou em que André ‘Pedra’ enfrentava os veículos como numa arena.


Space Vision
motörhead
K281067
Space Vision
CAPCOM

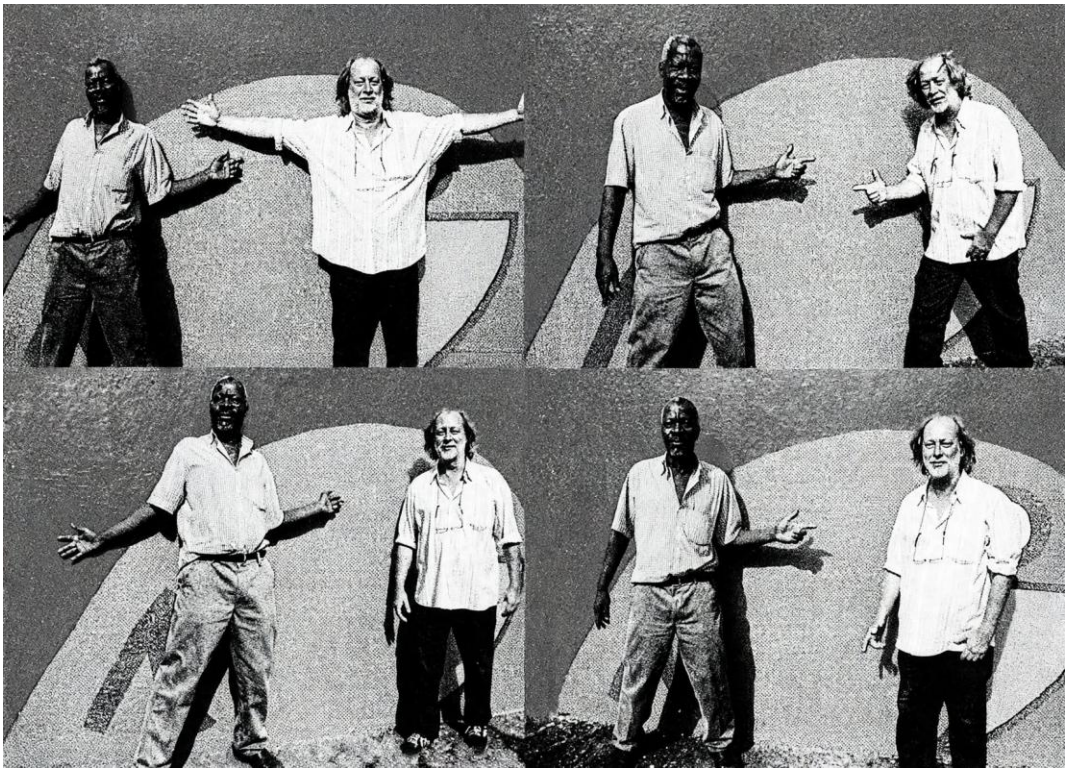

ÓTICA
ELLUS
ÓCULOS
LENTES
ARMAÇÕES
MODERNOS
E RELÓGIOS
CONFECÇÕES
DE PONTO
E EM GERAL
ÓTICA
ELLU'S
Óticas
Botafogo

O malabarista do fogo chama-se Ricardo.




Foto: Ronaldo Barroso


Foto: Ronaldo Barroso






Coca-Cola
O CONIC
TAMBÉM NÃO MORRE!
TAMBÉM SÃO ESTÁ VIVO
SE A EUROPA DESCUBRIR E
VOU A EUROPA, JESUS
ALEGRIA
DOS PÁS-
SAROS!
CONIC


KINGDOM COMICS
Ronaldo Barroso


Lentes de Contato
HOSPITAL DOS ÓCULOS
DEUS

2005

DOIS MIL E CINCO

Compilado por Mário Pazcheco

7 de janeiro

PHIL SPECTOR TERIA DECLARADO QUE MATOU ATRIZ POR ACIDENTE

Registro de notícia sobre o produtor musical Phil Spector e o processo envolvendo a morte da atriz Lana Clarkson. A notícia recuperava uma declaração atribuída a Spector, segundo a qual o disparo teria sido acidental.

14 de janeiro

JOHN LENNON QUASE DESISTIU DE TOCAR

Notícia sobre uma declaração de John Lennon a respeito de sua relação com a música e da possibilidade de ter abandonado a carreira.

30 de janeiro

DIRETAS DO BARULHO

Sinfonia das Diretas – Sinfonia das Buzinas

Matéria de Francisco Jordão, publicada na *Folha de S.Paulo*, sobre o trabalho do maestro e compositor Jorge Antunes, que reconstruiu musicalmente o comício das Diretas Já, realizado em Brasília em 1º de junho de 1984.

O registro sonoro recupera a participação dos veículos e das buzinas na manifestação. Segundo a reportagem, 141 carros compareceram inicialmente, outros 36 se incorporaram à manifestação, totalizando 177 veículos. O levantamento catalogou 303 veículos. Cinco crianças participaram com panelas, e o público estimado foi de 30 mil pessoas.

A matéria também menciona a presença de supostos agentes do SNI, em um Fusca vermelho e um Opala.

Nota editorial: conferir os números e a redação exata da matéria original antes de fechar a transcrição. A expressão "mastro e compositor", encontrada no texto reproduzido, aparentemente é erro de digitação para "maestro e compositor".

8 de fevereiro

OS MUTANTES ENTRE OS DISCOS MAIS EXPERIMENTAIS DE TODOS OS TEMPOS

A BBC Brasil repercutiu a inclusão do primeiro álbum dos Mutantes, de 1968, na lista dos 50 discos mais experimentais de todos os tempos, elaborada pela revista britânica *Mojo*.

O disco ficou na 12ª posição, à frente de nomes como Beatles, Pink Floyd, Ennio Morricone e Frank Zappa. O primeiro lugar foi para *Trout Mask Replica*, de Captain Beefheart and The Magic Band, álbum de 1969 produzido por Frank Zappa.

A revista também destacou "A Minha Menina" entre as melhores canções do mês.

16 de fevereiro

JONI MITCHELL: O REENCONTRO COM A MÚSICA

"Eu tinha começado a odiar a música. Não ouvia nem sequer o rádio, nem discos. Não conseguia me lembrar do que eu gostava antes em música".

Joni Mitchell reencontrou sua inspiração musical depois de um período de afastamento. Em dois lançamentos, *Joni Mitchell: Artist's Choice* e *Joni Mitchell: Selected Songs*,

a cantora revisita músicas que a influenciaram e apresenta escolhas de admiradores como Elvis Costello e Bob Dylan.

Texto de Ricardo Seelig.

21 de fevereiro

PHIL SPECTOR SERÁ JULGADO EM SETEMBRO

Registro de notícia sobre o julgamento do produtor musical Phil Spector.

5 de março

PHIL SPECTOR VAI SE CASAR ANTES DO JULGAMENTO

Mais uma notícia sobre o produtor musical, então envolvido no processo pela morte de Lana Clarkson.

Março

A RAINHA E OS ROQUEIROS

Em uma recepção no Palácio de Buckingham, a rainha Elizabeth II encontrou Brian May, Jimmy Page, Eric Clapton e Jeff Beck. Na tradicional fila de cumprimentos, perguntou aos músicos em que trabalhavam. A situação teria deixado os quatro constrangidos, mas Clapton declarou que não se importava por ela não os reconhecer.

Fonte: Whiplash.

8 de março

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Proclamado Dia Internacional da Mulher durante a 2ª Conferência de Mulheres Socialistas, em Copenhague, em 1910.

O 8 de março é uma data de mobilização e luta das mulheres pela conquista de direitos, em homenagem às 129 operárias de Nova York mortas em uma reivindicação por melhores salários e condições de trabalho.

31 de março

ANTIGA BANDA DE JANIS JOPLIN QUER BUSCAR UMA NOVA MUSA

Notícia sobre os planos dos músicos ligados à antiga banda de Janis Joplin de encontrar uma nova cantora.

1º de abril

"A ditadura estava aí para isso mesmo, não para distribuir bombons. O que talvez até desse mais resultado... Os radicais de sempre iam ficar frustrados."

Millôr Fernandes, com a língua afiada e a irreverência intacta aos 80 anos.

O Globo, 2005.

2 de abril

SEU JORGE EM MAUS LENÇÓIS

Registro de notícia sobre Seu Jorge.

9 e 10 de abril

LYA LILITH ESTREIA COMO GUITARRISTA

Lya Lilith estreia como guitarrista acompanhando a banda Lili Ava Vour, no Teatro Nacional, na peça musical infantil *Puro Tempo Perdido*.

27 de abril

CAMPUS SONORO

ELLEN OLÉRIA

É uma cantora de alma de veludo, com implicações totalmente soul, apropriadamente nos apresentada como uma Pérola Negra. Faz acompanhar-se pelo seu violão, mais percussão e sax. Com uma extensão vocal privilegiada, conseguiu interagir com a plateia, que repetia o coro de suas parcerias. De torcida de festival apoiando seus favoritos, os presentes entraram no clima de descontração e dançaram pra valer.

O show começa com "Nuvem Passageira", de Hermes Aquino, e termina com uma composição própria que, no fim do túnel, pergunta: qual o nome do seu sócio? Ellen Oléria, com seu cabelão afro e seu sorriso, é uma promessa. A qualidade instrumental de suas composições pode ser reelaborada e melhorada, o que pode acontecer.

Fato visível: a qualidade de várias intérpretes de Brasília, ora na tangencial, procurando visibilidade. Toque, por favor, Roberto Carlos na próxima...

Mário Pazcheco.

Maio

SÉRGIO SAMPAIO – CRUEL

Apesar de gravado em maio, inaugurando o selo independente Saravá Discos, de Zeca Baleiro, o "inacabado" CD *Cruel* é como Sérgio Sampaio, seu autor: quase inédito. Não se encontra nas discotecas, não toca nas rádios, não sai nas páginas dos jornalões.

3 de maio

A VOLTA DO CREAM EM 2005!

Notícia sobre o retorno do Cream aos palcos.

6, 7 e 8 de maio

IV ENCONTRO DOS POVOS DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Praça da Rodoviária – Alto Paraíso, Goiás.

A comunidade do cerrado se mobiliza para a grande festa. Pela primeira vez, o município de Alto Paraíso se transforma em sede das tradições das comunidades do cerrado.

Durante os três dias, a Praça da Rodoviária recebe cantadores, violeiros, catireiros, kalungas, mulheres fiandeiras, feira de produtos artesanais e comidas típicas.

Além da festa, estão programados debates e mesas-redondas com a participação da comunidade, representantes dos governos local, estadual e federal e proprietários de reservas particulares. O tema é **Biodiversidade e Diversidade Cultural – Onde a Gente se Encontra?**

O encontro é uma metodologia de mobilização desenvolvida pela Fundação Pró-Natureza (Funatura), executora de projeto apoiado pelo GEF/PNUD para criação e implantação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural no entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e do Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

12 de maio

YOKO ATACA PLANO DE ENTREVISTA COM ASSASSINO DE LENNON

Registro de notícia internacional sobre Yoko Ono e a possibilidade de uma entrevista com Mark Chapman.

23 de maio

KINKS BATEM BEATLES EM COMPETIÇÃO DA BBC

Notícia sobre uma votação musical da BBC que colocou os Kinks à frente dos Beatles.

24 de maio

PEDRA — NÃO É TODO DIA QUE NOS COMPARAM A MESTRES COMO GLENN HUGHES!

Entrevista: Mário Pazcheco.

Fotos: Grace Lagôa.

O Pedra é um quarteto paulistano formado por Xando Zupo, Rodrigo Hid, Luiz Domingues e Alex Soares. Uma mistura de rock'n'roll, soul, hard rock, funk, MPB e progressivo, sem compromisso com um rótulo único.

Na entrevista, os integrantes falam das influências musicais, das experiências que os levaram à música, da gravação do primeiro disco e da liberdade de trabalhar em estúdio próprio.

Xando Zupo explica que o som do grupo reúne as informações e influências acumuladas pelos músicos ao longo de suas carreiras. A intenção é fazer música com intensidade e sinceridade, sem rodeios.

A conversa passa por Earth, Wind & Fire, Van Halen, Beatles, Deep Purple, Glenn Hughes, Patrulha do Espaço, Joe Cocker, Mutantes e O Terço. Ao comentar a faixa "O Dito Popular", Xando fala sobre a letra, que trata da insistência, da capacidade de levantar depois de cada queda e da reação diante dos abusos sofridos pelo povo brasileiro.

A música havia sido composta meses antes do escândalo do Mensalão. Como observa Xando, naquele país não faltavam escândalos para justificar qualquer texto.

O grupo também comenta o trabalho do produtor Renato Carneiro, a estrutura do Overdrive Studio, em São Paulo, e a liberdade de experimentar diferentes sonoridades.

Formação:

- Xando Zupo — guitarra, voz e composição
- Rodrigo Hid — guitarra, voz, composição e teclados
- Luiz Domingues — contrabaixo e composição
- Alex Soares — bateria

Faixas do CD:

1. Sou Mais Feliz
2. Vai Escutando
3. Se Agora Eu Pulo Fora
4. Me Chama na Hora
5. Amanhã de Sonho
6. O Dito Popular

7. Madalena do Rock'n'Roll
8. Reflexo Inverso
9. Misturo Tudo e Aplico
10. Estrada
11. O Galo Já Cantou

Não confundir Pedra, o quarteto paulistano, com Os Pedras, banda indie de Brasília.

26 de maio

Registro fotográfico identificado na página original como "Paraibola". A imagem permanece no arquivo, mas precisa de legenda e contextualização.

29 de maio

RIVER PHOENIX — O PRIMEIRO SHOW

Foi no dia 29 de maio de 2005. A River Phoenix fez o seu primeiro show e estava acompanhada pela Revólver — embrião do que viria a ser o Valdez, de Alysson Diego e Everaldo Maximus — e da Subterfúgio, banda do Paulinho Bar, Davi Kaus e Serge Luz.

Escrevi no meu caderno: "Tudo começou como um caos, e existe maneira melhor de uma banda começar?"

Michel Aleixo, guitarrista da River Phoenix.

15 de junho

REVELADA A IDENTIDADE DE LUCY

Registro de notícia sobre a identificação de Lucy, importante fóssil de Australopithecus afarensis.

2 de julho

PINK FLOYD SE REÚNE NO LIVE 8

O quarteto Pink Floyd se reúne no Live 8, evento internacional que chamou a atenção para o combate à pobreza. A apresentação marcou um reencontro histórico de Roger Waters, David Gilmour, Nick Mason e Richard Wright.

5 de julho

TROPICALISMO — TROPICALISMOS: ENRUSTIDOS & DEGLUTIDOS

Mário Pacheco.

No início havia muito impulso, muito sonho, muita volúpia, muito ego concentrado na autorreferência, muito tudo e pouco nada, se quisermos.

Gilberto Gil, sobre o início da carreira, na fase pré-Tropicalismo.

"Cago para a sociedade e limpo a bunda com a opinião pública."

Ditado ditador.

Em entrevista à *International Magazine*, Jorge Mautner cita seu amigo Arthur de Mello Guimarães, dono da casa em Londres onde foi filmado *O Demiurgo*, que, segundo Glauber Rocha, é o melhor filme "do" e "sobre" o exílio. Participam do filme Sérgio Dias, Gilberto Gil, Caetano Veloso, José Roberto Aguilar, Péricles Cavalcanti, Leilah Assunção, entre outros.

Comecei este texto há muitos anos, quando Arthur Guimarães ainda era vivo e Kleber Lima, editor da *Víbora*, ao ler a mesma entrevista, me contatou por telefone para que

eu emprestasse relevância e vitalidade à história do Tropicalismo, a partir de nomes no ostracismo.

Demiurgo

"Nos encontramos na casa de Gil. Eram muitas as gargalhadas, um desejo louco de voltar para o Brasil", conta Mautner, que rodou por lá, com os amigos, o filme *O Demiurgo*.

"Algumas cenas de Gil, em que ele estava totalmente nu, não entraram no filme, por causa da preocupação com a Censura", conta.

"Cortaram o pau do Gil", brinca Caetano. "Mas agora a Flora disse que se pode usar."

"Quando *O Demiurgo* passou no Museu de Arte Moderna, esperavam um filme de orgias, de transgressões. E era o filme mais casto!", lembra Jorge Mautner.

Verdade tropical: Túlio, do Túlio Trio, era um músico excepcional. Dicinho (Adilson Carvalho), Edinízio Ribeiro, que morreu afogado misteriosamente, e outros grandes artistas que compunham o exército inicial da Tropicália estão aí, completamente no ostracismo.

O Tropicalismo é um jorro de cores e liberação do inconsciente coletivo, o entroncamento das condições de país agrário a uma era industrial. Seu marco inicial, uma passeata contra a guitarra. Os mestres dos tropicalistas: Donga e Pixinguinha, Luiz Gonzaga e João Gilberto, o Clube da Esquina e até mesmo o tango. À sombra das guitarras dos Ventures e dos Shadows, das harmonias vocais dos Beach Boys, Mamas & Papas e Jefferson Airplane, com a acentuada influência de *Sgt. Pepper's*.

Deixara de ser cafona gostar de Vicente Celestino, de Ângela Maria.

"Todo mundo deve alguma coisa ao Tropicalismo, e mais ainda à Bossa Nova. Todo mundo deve alguma coisa ao Clube da Esquina e todos nós devemos tudo a Donga e a Pixinguinha."

Caetano Veloso.

O Tropicalismo também marcou o começo da discussão sobre o processo irreversível do consumo da superprodução americana em troca de elevados royalties e o crescente abandono dos criadores: "Já não precisamos mais de vocês, agora já podemos caminhar sozinhos".

Existe uma frase que sempre atribuí a C. V. – não confundir com Comando Vermelho – e outro dia descobri que é uma fala do *Bandido da Luz Vermelha*: "Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha... e se esculhamba!"

INRIO

Em 1963, o colunista do jornal *Última Hora*, Ricardo Amaral, desentendeu-se com o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, e foi aconselhado a deixar a cidade. No Rio de Janeiro, aventurou-se na noite. A aventura que marcou época tinha um nome: boate Sucata, na Lagoa.

"Enquanto isso as confusões continuam: é um inferno viver aqui, estou cheio! Agora, enquanto escrevo esta carta, estamos no dia 17 de outubro de 1968: explodiu novo escândalo: resolveram interditar o show que Caetano, Gil e os Mutantes estavam fazendo na Sucata, por causa daquela minha bandeira 'Seja marginal, seja herói', que David Zingg resolveu colocar no cenário perto da bateria no show. Um imbecil do DOPS interditou e Caetano, no meio do show, ao cantar 'É Proibido Proibir', interrompeu para relatar o fato, no que foi aplaudido pelas pessoas que lotavam a boate."

Hélio Oiticica.

Fuga dos volks vascaínos pela porta dos fundos. Fernando Faro e Antônio Abujamra, que dirigiam o programa *Domingo Maravilhoso*, contratam Caetano Veloso pela TV Tupi.

Depois do Natal de 1968, numa cela do quartel da Polícia do Exército, na Tijuca, Caetano Veloso e Perfeito Fortuna rezavam a Salve-Rainha.

A imagem de Caetano Veloso era um dos principais alvos dos censores, cujas fotos eram riscadas e censuradas. Em junho de 1970, no jornal *Última Hora*, na coluna *Escracho*, assinada por Carlos Alberto Gouvêa, Chico Buarque supostamente teria acusado os tropicalistas de usar o marketing do exílio para fazer shows na Europa. Trinta e quatro anos depois, um irritado Chico Buarque negaria a declaração e consideraria a matéria fictícia e o texto um absurdo.

Ainda naquele período, Rogério Duarte andava com um crucifixo com as mãos cortadas: Rogério Caos no lugar de Cristo e, no lugar da inscrição INRI, INRIO. Assim começou *EVANG'HÉLIO*, o esquizo-filme que filmava Hélio Oiticica com aquele cabelão, construindo sua própria cruz com materiais triviais de marcenaria ou canteiro de obras.

"Tomai o meu pão e comei, é o meu corpo; tomai o meu vinho e bebei, é o meu sangue. É uma loucura: nada mais lisérgico do que estas imagens! Quem tomou ácido sabe do que estou falando!"

Hélio Oiticica.

Flor do Mal, *Geléia Geral*, a coluna de Torquato Neto no jornal *Última Hora*, encerraram o Tropicalismo. Dias antes do fim, alguns artistas fora do ostracismo foram reunidos para uma sobrevida no verso: nunca fui tropicalista!

TROPICÁLIA UNISSEX

Zé Brasil — São Paulo, 5 de julho de 2005.

Na época da Tropicália, o comportamento sexual e afetivo dos baianos, a atitude deles, era bem diferente dos jovens paulistas. Estou falando de 1968 e início de 1969, antes do exílio londrino.

Eu era amigo do Gil e do Caetano, mas tinha um cara chamado Waly Salomão, depois "Sailor Moon", que era um dos cabeças da turma, um poeta sensacional que conseguia sintetizar e tentava explicar para todos os paulistas que tiveram a oportunidade de conviver com eles esse comportamento que caracterizava bem o espírito libertário e eclético do Tropicalismo.

Posteriormente, Waly e Jards Macalé compuseram "Vapor Barato", cantada por Gal, que se tornou o lindo hino psicodélico da nossa geração: "Minha honey baby, baby, honey baby".

No apartamento de Bocha, no bairro de Higienópolis, aconteciam reuniões-festas praticamente todas as noites. Ela era uma aristocrata uruguaia que recebia todos nós de uma forma totalmente inusitada.

Vou tentar elencar, além de Gil e Caetano, as pessoas que compartilhavam essas reuniões: todos os baianos que conviviam ou viviam com eles — Gal Costa, cujo apartamento era no mesmo prédio que o de Caetano, Guilherme Araújo, Waly, Torquato Neto, Tom Zé, Jorge Salomão, teatrólogo baiano irmão de Waly —, Muriel, filha de Bocha, Erica, minha namorada, José Simão, hoje Macaco Simão, Toninho Peticov, Lanny Gordin e, acho que eventualmente, Os Mutantes.

Faixas de festival eram pintadas na minha casa por Peticov e aprovadas pelos artistas, principalmente Gal, Gil e Caetano. Uma delas dizia: "Abaixo o Poder Velho, Viva o Poder Jovem", ou vice-versa. Eram para o festival do Teatro Paramount, vencido por Tom Zé com "São Paulo, Meu Amor", que também tinha faixa.

Estou puxando pela memória coisas que aconteceram há quase quarenta anos e que estão despertando de um sono muito profundo.

Fatos que mais me marcaram nessa fase louca da Tropicália: participei da fila do gargarejo, dos ensaios e dos camarins dos programas *Divino, Maravilhoso*, na TV Tupi, no Sumaré, perto de onde moro hoje. Consolava Rita Lee chorando com seu famoso vestido de noiva. Lembro da noite da prisão de Caetano, quando cheguei meia hora depois ao apartamento dele, na Avenida São Luís, e do show de despedida, já em 1969, no Teatro Castro Alves, em Salvador, quando ajudei a consolar, junto com outros amigos, as irmãs Dedé, mulher de Caetano, e Sandra, mulher de Gil. Os dois e os músicos, enquanto o elevador do palco do teatro descia, acenavam para todo mundo até desaparecerem no chão.

Foi uma choradeira geral e uma cena inesquecível. Está bom por hoje?

10 de julho

TROPICÁLIA, HÉLIO OITICICA E HAROLDO DE CAMPOS

O DPP preserva ainda um depoimento de Hélio Oiticica a Heloísa Buarque de Hollanda sobre Haroldo de Campos.

"Cada vez que eu encontro com o Haroldo, ele revela coisas sobre coisas minhas que para mim funcionam muito. Hoje, é melhor ainda. Em Nova York eu andava com o Haroldo e tudo era o maior barato. Ele descobre e decodifica a cidade muito bem. Essa maneira de decodificar as coisas, os acontecimentos, eu gosto muito porque é um processo inverso mas ao mesmo tempo muito semelhante ao meu."

O depoimento foi originalmente publicado em *Impressões de viagem – CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*, de Heloísa Buarque de Hollanda, Editora Rocco, 1992.

O arquivo também registra as entrevistas de Hélio Oiticica a Haroldo de Campos, realizadas em Nova York nos dias 27 e 28 de maio de 1971 e reunidas no CD-ROM *Hélio Oiticica Suprasensorial*, dirigido por Kátia Maciel e lançado em março de 1999.

12 de julho

A 1ª NOITE SUJA DO PRÓPRIO BOL$O

Sexo, drogas & rock'n'roll – ao menos no papel da filipeta.

Naquele período, o endereço dopropriobolso.com.br passou a substituir o domínio original dopropriobolso, depois de um impasse com o provedor anterior. Na mudança de hospedagem, o antigo provedor não liberou o domínio. O nome mudou levemente. A ideia, não.

Foi a primeira e também a última vez que pisei ali.

Do lado de fora da UK Brasil Pub, estávamos eu, Timm Martins, Dean, meu primo e Cabelo, o artista plástico Carlinhos Guimarães.

A noite mal tinha começado quando a viatura encostou. A mesma dupla de policiais que já nos interceptava nas madrugadas culturais, vindos do Conic. Expliquei, com a calma possível, que seria um rebuliço tranquilo. Que só tinha a gente.

– Ok.

A batida, disseram, se devia à filipeta.

Lá dentro, o clima não melhorou. O dono da casa nos tratou mal desde o início. Não deixou rolar o vídeo do Pink Floyd com Syd Barrett. Cortou as imagens no meio. Virado para o guitarrista, disparou:

— Você disse que ia encher!

Respondi sem elevar a voz:

— Está sendo um sucesso artístico.

Milagrosamente, numa terça-feira, logo depois do Porão do Rock, apareceu um público bom. Cena independente em movimento, como prometia o papel impresso.

Avancei e chamei a Super Stereo Surf de volta ao palco. As fãs pediam "Menstruada" — era esse mesmo o nome da música? Foi ali que passaram a gostar de mim.

Na mesa começaram a surgir demo tapes, uma atrás da outra, como oferendas.

Então o cara da mesa de som cortou o microfone. E o som de palco nunca mais foi o mesmo.

Na bateria e nos vocais estava Nathal de Oliveira. A banda segurou como deu. A noite seguiu torta, mas histórica.

Eu nunca mais voltei àquele lugar. E, por via das dúvidas, também nunca mais fui a cemitérios.

Nota editorial: a retrospectiva de 2025 identifica esse episódio como 2006. Como há uma versão anterior do relato datada de 12 de julho de 2005, a data precisa ser conferida antes de transferir definitivamente o episódio de um ano para o outro.

17 de julho

LEE BRAID, DO SWINGING BLUE JEANS, ESTÁ DOENTE

O baixista Lee Braid, de 67 anos, integrante do The Swinging Blue Jeans, é diagnosticado com câncer no pulmão. Ele havia abandonado a turnê depois de uma forte crise de tosse e aguardava uma operação e tratamento de quimioterapia.

Julho

BRASÍLIA, FINA FLOR DO ROCK

Fellipe CDC entrevista Ricardo "Frango".

Conheci Frango na época em que a Death Slam iniciou suas atividades. Ensaiávamos juntos: Death Slam, Pitless, banda de thrash há muito extinta, e Destroços, na qual nosso entrevistado tocava seu contrabaixo podre e eficiente.

Frango é mais novo do que eu, tanto na idade quanto no espírito. É jovem e menos ranzinza, porém os anos dedicados a enriquecer a famigerada indústria do tabagismo deram ao meu ilustre amigo um aspecto pó de asilo e um perfume que é puro aroma da morte.

Na entrevista, Frango recorda o Bar do Pato, o Centrão, Taguatinga Sul e as bandas Death Slam e Destroços. Fala também da Vernon Walters, TFP, Desakato à Autoridade e Galinha Preta.

Sobre a música, diz que é preciso estar descompromissado, sem rabo preso. Sobre o punk, responde: "Ser punk para mim é ser eu, pois o punk no Brasil é o peão!"

Conta que trabalha com som desde 1990, passando pelo estúdio Cáustico Lunar, pela Feira de Música, pelo Projeto Meia-Sola e pelas empresas Instrumental e RPS. Recorda o convite de um maestro de Boston para excursionar com uma orquestra de jazz na Europa, convite que recusou porque não sabia falar inglês.

A Galinha Preta, segundo ele, era um resumo de tudo o que tinha na cabeça: lixo, paranoia e tudo de ruim, sem censura. "Galinha Preta é diversão!"

Frango também recorda o CRU — Conscientes Radicais Unidos —, movimento que conheceu com Rato e que tinha núcleo no Gama. Cita Neném, da Alarme, Cidão, Alfredo, do Pastel e Caldo de Cana, e outros participantes.

A conversa passa pela violência dos shows, pela confusão no Gran Circo Lar, pela sonorização de eventos e pela trajetória de bandas da cena underground.

Entrevista de Fellipe CDC.

Julho/agosto

BRASÍLIA, FINA FLOR DO ROCK — O INFORMativo

Informativo aperiódico, ferino, contracultural, mas gratuito.

Expediente: Fellipe CDC e Ana Flávia.

O informativo traz uma reflexão sobre o Porão do Rock, a cena underground de Brasília, o preço dos ingressos, a seleção das bandas e a relação entre os produtores e o público.

Fellipe CDC comenta a distribuição de panfletos na fila do estádio Mané Garrincha, durante uma edição do Porão do Rock. Critica a falta de respeito de parte do público com quem trabalha na divulgação de eventos e discute as críticas feitas ao festival.

Discorda da mistura de estilos sob o rótulo de rock, mas reconhece que a produção cresceu e que os custos de estrutura aumentaram. Também critica a presença de atrações que, em sua opinião, não deveriam ocupar o espaço principal de um festival de rock.

O informativo aborda ainda a CPI do Mensalão, a hipocrisia política, a imprensa e as reações provocadas por textos anteriores do próprio autor.

Na seção **Metendo a colher na sopa alheia**, Fellipe responde às críticas de leitores que interpretaram suas sugestões a bandas e selos independentes como invasão de privacidade. Defende o direito de opinar e de escrever livremente, sem podas da imprensa chapa-branca.

Novidades com cheiro de mofo

Entre as notícias da cena local:

- Sem Destino decide recomeçar do zero e muda o nome para Madrenegra, com Marcelo, Samuel, Edinho, Lucas e J. Paulo.
- Fofão retorna à bateria da Murro no Olho.
- Besthöven planeja voltar aos palcos.
- Evandro, vocalista da Quebra Queixo, prepara o livro *Esfolando Tímpanos*, sobre a história do movimento hardcore do Distrito Federal.
- Miasthenia, Dynahead e Revival enfrentam a escassez de bateristas.
- A Pulverizing perde o baixista e vocalista Alexandre.
- A Rotten Purity reorganiza sua formação.
- Khallice conquista o público cearense no Festival Forcaos.

- Podrera procura novo vocalista.
- Executer anuncia retorno ao Distrito Federal.
- Marduck é prometido pela Mosh Produções.
- Torture Squad prepara apresentação no Distrito Federal.
- Evergrey anuncia show na Concha Acústica do Pontão, com Khallice e Ata D'Arc.
- Maltrapilhos, OJTB e Podrera planejam um trabalho em conjunto.
- Flashover anuncia a gravação de um novo álbum.
- Nitrominds prepara apresentação gratuita na Ceilândia.
- Death Slam anuncia retorno aos palcos em show com a ROT.

O informativo também apresenta resenhas de demos, discos e produções independentes, entre elas Lixo Tóxico, Dillo D'Araújo e Crocodillo Gang, Downers, Besthöven, Winds of Creation, Silente/Brutus, Conexão Pequi e Chaotix.

1º de julho

DOCE REBELDIA

A biografia *Apenas Uma Garotinha*, de Cássia Eller, escrita por Eduardo Belo e Ana Cláudia Landi e publicada pela Editora Planeta, recupera a vida da cantora três anos e meio depois de sua morte.

12 de julho

UK BRASIL PUB — SUCESSO ARTÍSTICO!

Fui ao UK Brasil Pub com Timm Martins, Dean, meu primo e Cabelo (Carlinhos Guimarães). Havia uma viatura por perto. O dono não quis deixar passar o vídeo do Pink Floyd com Syd Barrett.

— Você disse que encheria!

— Está sendo um sucesso artístico!

A banda Super Stereo Surf estava de volta. Os fãs pediam "Menstruada?". Havia demo tapes, microfone com o áudio cortado e Nathal de Oliveira na bateria e nos vocais.

Nunca mais pisei lá. Nem voltei a ir a cemitérios.

17 de junho — BILHETE DE PAULO IOLOVITCH

Conic, 17-6-2005.

"Amigo das primeiras, das horas do meio e das últimas horas, o reconhecimento do seu admirador, pintar."

Paulo Iolovitch.

30 de julho

CORES EM LUTA PELO SOCIAL

Exposição de Maria Eugênia Matriccardi, no Espaço de Mujeres, Venâncio III, térreo, Conic.

Data de encerramento a confirmar.

8 de setembro

ENTRE O BACKSTAGE E A COXIA — SAÍDA PELA DIREITA OU SALVE RORIZ!

Fui à Sala Martins Penna entregar o DVD do Mopho e do Prot(o). Nos bastidores, entre entrevistas e movimentações, procurei Pinduca.

Acabei sendo maltratado pelo filho do Sr. Fernando Rosa. A situação chegou ao ponto de ameaçarem me retirar pelo palco, em fila indiana. Procurei o chefe da segurança, o servidor Carlos Alberto, e pedi um salvo-conduto.

O episódio merece permanecer como relato de uma experiência pessoal nos bastidores de um espaço público de cultura. Não era uma visita para pedir favor, mas para realizar uma entrega e circular por um ambiente que também deveria acolher quem produz cultura.

6 de setembro

CELEBRATION NO DF

Texto de Rodrigo Souves.

O evento aconteceu no Teatro Dulcina, no Conic, com ingresso a R$ 10. A programação reuniu ambientes de hip-hop, black music e punk/hardcore, com apresentações de ARD, Galinha Preta e Radical sem Dó.

O relato acompanha o público, os shows e as diferentes tribos que circularam pelo espaço. Uma noite de encontros, barulho e diversidade musical, com observações críticas sobre a postura de algumas pessoas e a necessidade de mais atitude.

“Mais atitude e menos pose. Sempre.”

Texto de terceiro, preservado como documento.

10 de setembro

FESTIVAL FACE DO CHAOS II

Bora???

Para comemorar os 20 anos da banda ARD, oito bandas participam da segunda edição do Festival Face do Chaos. A primeira edição foi realizada em 1995, quando o ARD comemorava seus dez anos de estrada.

Dessa vez, a banda volta a conduzir a festa com a ajuda dos seguintes amigos:

- ARD
- Poena
- Terror Revolucionário
- Galinha Preta
- Disforme
- Alarme
- Murro no Olho
- Vacilo (GO)

Local: Teatro Galpãozinho, próximo à Rodoviária do Gama – Gama (DF).

Data: 10 de setembro de 2005, sábado.

Horário: 19h.

Ingresso: R$ 4. Antecipados no 7 Naipes, Conic, e no Abril pro Rock, Gama.

Haverá sorteio de tatuagens e venda de materiais das bandas.

20 de outubro

CASA-GRANDE – NOVA FORMAÇÃO

Estreia a nova formação da Banda Casa-Grande, com Marcelo Café nos vocais.

19 de outubro

DESATENÇÃO OU MALÍCIA

Caetano Veloso.

Caetano publica um texto em resposta a uma matéria de Sérgio Martins sobre Moby, publicada na revista *Veja*. Acusa a reportagem de falsear informações e distorcer declarações suas e de José Miguel Wisnik.

O texto recupera também antigas divergências entre Caetano e a revista, desde a reportagem sobre a morte de Elis Regina até a matéria intitulada "O Bloco dos Ressentidos", que reunia Caetano, Millôr Fernandes, Chico Anysio e Tom Jobim como brasileiros que ganhavam dinheiro no país e depois falavam mal dele.

Caetano critica a maneira como a imprensa constrói personagens e interpreta declarações, mas também reconhece a importância de uma imprensa capaz de incomodar os poderosos e enfrentar o corporativismo.

Artigo publicado originalmente no espaço de Ricardo Noblat.

28 de outubro

CREAM ENCERRA REVIVAL

Notícia sobre o encerramento da reunião do Cream, depois de apresentações que receberam críticas elogiosas nos Estados Unidos.

4 de novembro

BRIGA COM McCARTNEY FOI INVENÇÃO, DIZ YOKO

Folha Online, com agências internacionais.

Yoko Ono afirma que sua suposta briga com Paul McCartney foi inventada pela imprensa britânica. Diz não ter sentimentos ruins em relação ao ex-Beatle e critica o interesse da mídia em explorar o passado turbulento dos dois.

A notícia recupera as divergências envolvendo os créditos das músicas dos Beatles e as declarações de Yoko sobre as inseguranças de John Lennon em relação às composições de Paul.

12 de novembro

GREEN DAY E JOHN LENNON

No estúdio da Fuse TV, em Nova York, o Green Day realiza seu último show nos Estados Unidos naquele ano. Nos bastidores, os integrantes parecem encontrar algo muito interessante no novo livro de Bob Gruen, *John Lennon – The New York Years*.

15 de novembro

MATAR LENNON ERA "MISSÃO DE VIDA", DIZ MARK CHAPMAN

Registro de notícia sobre declarações de Mark Chapman a respeito do assassinato de John Lennon.

16 de novembro

SHOW UNE NELSON MOTTA E WALTER FRANCO

Folha Online.

O projeto *Encontros Improváveis*, do Centro Cultural Banco do Brasil, reúne Nelson Motta e Walter Franco.

O jornalista, letrista, produtor, escritor e apresentador Nelson Motta e o cantor e compositor Walter Franco são personagens de universos diferentes da música brasileira.

Motta é conhecido por compor sucessos populares, como "Como uma Onda", "Tudo Azul", "Perigosa" e "Dancing' Days". Walter Franco, por sua vez, é frequentemente tratado como um compositor maldito, por seu experimentalismo e pela aproximação com a poesia concreta.

O projeto, idealizado por Carlos Careqa, começou em 2004 e propõe encontros entre personalidades de universos diferentes, com música, performances, leituras e conversas com o público.

21 de novembro

IGGY POP FALA SOBRE OS STOOGES, DROGAS E ROCK

Jamari França – Globo Online.

Iggy Pop fala sobre a reunião dos Stooges e a apresentação no festival Claro que é Rock, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Ao lado de Ron Asheton e Scott Asheton, dois integrantes originais da banda formada em Detroit, Iggy comenta o repertório dos primeiros discos, a relação com as drogas, a idade e a música.

Questionado sobre a possibilidade de ainda mergulhar do palco, responde que depende da estrutura e da vibração do show.

Ao falar sobre drogas, reconhece que elas podem abrir portas da percepção, mas também se tornam desagregadoras. A entrevista termina com sua habitual falta de cerimônia.

22 de novembro

ROLLING STONES – RARITIES 1971–2003

Os Rolling Stones lançam *Rarities 1971–2003*, coletânea de gravações raras, versões alternativas e registros ao vivo.

28 de novembro

McCARTNEY NÃO CANTARÁ NA CHINA EM PROTESTO A MAUS-TRATOS DE ANIMAIS

France Presse.

Paul McCartney rejeita planos para se apresentar na China depois de assistir a imagens de maus-tratos a cães e gatos utilizados no comércio de peles.

"É uma barbárie, horrível, medieval. Não posso me imaginar sequer por um momento cantando lá, como também não poderia fazê-lo em um país que apoiasse o apartheid", declarou o ex-Beatle.

O documentário apresentado pela organização Peta mostra cenas de violência contra animais em mercados chineses. Paul e sua mulher, Heather, defendem o boicote a produtos chineses.

Dezembro

APOKALYPSIS – 1975

O Apokalypsis, conjunto setentista de rock brasileiro formado pelo duo Zé Brasil e Silvia Helena, lança o CD *1975*, com gravação ao vivo realizada por Penna Schmidt no Teatro Bandeirantes, em São Paulo, em 1975.

"Cabelos Dourados", com letra de Arnaldo Baptista, foi escrita ainda na Cantareira, em 1974. A música foi composta por Zé Brasil em 2005, no bairro do Sumaré, e arranjada e gravada por Zé Brasil e Silvia Helena.

A canção foi lançada em um promo-single que traz como faixa bônus um pot-pourri do CD *1975*.

2 de dezembro

LENNON: BEATLES VIVIAM "ROMA" DE SEXO, DROGAS E DINHEIRO

Registro de notícia sobre os bastidores da vida dos Beatles e o ambiente que cercou a trajetória do grupo.

6 de dezembro

PAUL McCARTNEY TENTOU REUNIR OS BEATLES

Folha de S.Paulo – da Ansa, em Londres.

Paul McCartney havia planejado reunir os Beatles em 1979 para gravar um novo disco. A CBS norte-americana pretendia pagar cerca de US$ 12 milhões pelo projeto, que não avançou por divergências entre os integrantes.

A notícia foi divulgada quando se completavam 25 anos do assassinato de John Lennon.

7 de dezembro

ASSASSINO CUMPRIMENTOU FILHO DE JOHN LENNON HORAS ANTES DO CRIME

Registro de notícia sobre os acontecimentos que antecederam o assassinato de Lennon.

8 de dezembro

25 ANOS SEM JOHN LENNON

O aniversário de 25 anos do assassinato de John Lennon mobiliza a imprensa internacional. O arquivo reúne reportagens sobre o momento do crime, o primeiro jornalista a chegar ao edifício Dakota e os acontecimentos daquele dia.

11 de dezembro

PAUL McCARTNEY FALA SOBRE A MORTE DE JOHN LENNON

Portal Terra – Música.

Paul McCartney fala sobre o aniversário de 25 anos da morte de seu companheiro de Beatles. Em entrevista à BBC 2, diz que a morte do amigo foi horrível e recorda a proximidade entre os dois desde a adolescência.

"Tenho muito orgulho de tê-lo conhecido de maneira tão íntima, do tempo em que éramos crianças até virtualmente o fim."

13 de dezembro

CADERNO ESCOLAR DE LENNON VAI A LEILÃO

Ansa, em Londres – Folha de S.Paulo.

Um raro caderno escolar com ilustrações de John Lennon é anunciado para leilão pela Sotheby's, em Londres.

O caderno foi utilizado por Lennon em 1952 para ilustrar o conto *The Walrus and the Carpenter*, de Lewis Carroll, que anos depois serviria de inspiração para a canção dos Beatles "I Am the Walrus".

14 de dezembro

RAINHA CONDECORA JIMMY PAGE POR TRABALHO NO BRASIL

O guitarrista do Led Zeppelin recebe das mãos da rainha Elizabeth II a Ordem do Império Britânico pelo trabalho realizado em favor de crianças em situação de vulnerabilidade nas favelas do Rio de Janeiro.

Page começou a se interessar pelo problema em 1994, quando esteve no Rio de Janeiro para divulgar um disco. Depois, uniu esforços à organização Task Brazil e ajudou a criar a Casa Jimmy, que assistiu mais de 300 crianças.

16 de dezembro

BEATLES PROCESSAM GRAVADORA EMI EM DISPUTA POR ROYALTIES

A Apple Records e os Beatles entram com processo contra a EMI, alegando que a gravadora deve cerca de 30 milhões de libras em royalties.

A Apple afirma que uma auditoria identificou descumprimento dos contratos. A disputa envolve as gravações dos Beatles e a prestação de contas da gravadora.

23 de dezembro

THE WHO PODE TOCAR NO BRASIL EM 2006

O The Who anuncia planos de uma turnê internacional que poderá passar pela América do Sul em 2006. A banda também trabalha em um novo álbum.

28 de dezembro

DOCUMENTÁRIO SOBRE KURT COBAIN

A revista *NME* noticia a produção de um documentário sobre Kurt Cobain construído a partir de mais de 25 horas de entrevistas gravadas pelo jornalista Michael Azerrad entre dezembro de 1992 e março de 1993.

O filme pretende deixar o próprio Kurt contar sua história, utilizando conversas realizadas durante a pesquisa para o livro *Come As You Are*.

29 de dezembro

THE WHO PASSARÁ PELA AMÉRICA DO SUL EM 2006

Folha de S.Paulo.

A banda confirma planos de uma turnê pela América do Sul no segundo semestre de 2006. A formação inclui Roger Daltrey, Pete Townshend, Pino Palladino, John "Rabbit" Bundrick, Zak Starkey e Simon Townshend.

O grupo também trabalha em um novo álbum.

OUTROS REGISTROS DE 2005

Música e discos

MASSACRE — MADE IN BRAZIL

O álbum *Massacre*, da banda paulistana Made in Brazil, originalmente previsto para 1977, foi vetado pela censura do regime militar. Quase trinta anos depois de gravado, chega finalmente ao público em 2005.

HARRY – TAXIDERMY

Depois de alguns anos de inatividade, a banda Harry, uma das introdutoras da cena industrial brasileira, retorna com o box *Taxidermy*, que reúne sua obra.

JIMI HENDRIX – DIREITOS SOBRE NOME E IMAGEM

A Justiça norte-americana determina que a Experience Hendrix não detém os direitos sobre o nome e a imagem do guitarrista, apenas os direitos sobre suas músicas.

OUTROS LANÇAMENTOS

- Lucky Fonz III – *Self-titled*
- Winterpills – *Self-titled*
- Panzerballet – *Self-titled*

Televisão

ELVIS BY THE PRESLEYS

Especial da CBS sobre Elvis Presley.

Cinema

ANDY WARHOL – VIDA E MORTE

Um DVD francês de 80 minutos mostra como Andy Warhol via o mundo, o homem e as artes. Lançamento nacional em catálogo.

NOVO CINEMA ALEMÃO NO CCBB

Em Brasília, a mostra *Novo Cinema Alemão, anos 60 a 80*, dedicada a Fassbinder, Herzog e Wenders, apresenta *Effi Briest*, de Rainer Werner Fassbinder, com 141 minutos.

Artes e exposições

HOSANA BEZERRA – LINHAS FALANDO DE MOVIMENTO

Exposição de 17 a 30 de maio de 2005, no Espaço das Mulheres, Conic.

MARIA EUGÊNIA MATRICCARDI – CORES EM LUTA PELO SOCIAL

Exposição no Espaço de Mujeres, Venâncio III, térreo, Conic. A data de encerramento precisa ser confirmada.

FERNANDO CARPANEDA

Registro de fevereiro sobre o artista e sua repercussão na imprensa.

MAGU CARTABRANCA – OS DEZ OLHOS DO HOMEM

Registro de março sobre o trabalho de Magu Cartabranca.

Outros registros de Brasília

OS PEDRAS

Banda indie de Brasília. O grupo deve ser tratado separadamente de Pedra, o quarteto paulistano entrevistado em 24 de maio.

PAULO IOLOVITCH

Há uma anotação de 26 de abril associada ao nome de Paulo Iolovitch no material que você apresentou anteriormente. O conteúdo ainda precisa ser recuperado para que se possa estabelecer o acontecimento e sua relação com a data.

GATOS – MIRA ALVES

Anotação isolada no arquivo. Falta identificar se é legenda, crédito fotográfico, título ou referência a uma publicação.

2005 — O ARQUIVO, A CENA E A MEMÓRIA

O ano reúne acontecimentos que atravessam diferentes universos: a história do Tropicalismo, as notícias internacionais do rock, a memória dos Beatles, os discos independentes, as bandas de Brasília, o Conic, o Gama e os espaços culturais da cidade.

Aparecem artistas em começo de trajetória, como Ellen Oléria, bandas que começam a se movimentar, como a River Phoenix, e grupos que já carregavam décadas de história, como o ARD.

O arquivo também registra as conversas com músicos de fora de Brasília, como o quarteto Pedra, de São Paulo, e recupera depoimentos de quem viveu a Tropicália por dentro, como Zé Brasil.

Mas 2005 não é apenas uma coleção de notícias. É também o ano dos encontros, dos desentendimentos, das apresentações, das entregas de material, dos bastidores e das experiências que acabam virando memória.

Entre uma notícia sobre Paul McCartney, uma entrevista com Iggy Pop, um festival no Gama e uma conversa no Conic, o DPP continua fazendo aquilo que sempre fez: recolher fragmentos, registrar acontecimentos e preservar histórias que poderiam desaparecer.

Do Próprio Bol$o — arquivo independente.

2006

DOIS MIL E SEIS

MARÇO

SÉRGIO SAMPAIO: UMA QUASE INÉDITA ODE A BRASÍLIA

Moacyr Oliveira Filho – Tribuna do Brasil.

Zeca Baleiro, no show que fez no Teatro Nacional, deu um grande presente a Brasília: a divulgação de um CD quase clandestino, produzido por ele, com músicas inéditas de Sérgio Sampaio.

Sérgio Sampaio foi um dos grandes nomes da Música Popular Brasileira. Integrou uma legião de músicos vanguardistas rotulados pela mídia de "malditos", ao lado de Jorge Mautner, Jards Macalé e, no início da carreira, Luiz Melodia.

Embora tenha explodido em 1973 com "Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua", que chegou a se tornar um sucesso da resistência à ditadura, Sérgio Sampaio nunca conseguiu firmar-se comercialmente na MPB. Gravou três LPs geniais e passou boa parte da vida perambulando de cidade em cidade, cantando em bares, botequins e pequenos palcos.

Entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980, vinha frequentemente a Brasília, onde tinha amigos e encontrava oportunidades para dedilhar o violão e apresentar suas composições.

O que pouca gente sabia era que sua obra incluía uma homenagem à capital:

"Quase que me sinto em casa, em meio às suas asas, e dablius e eles e eixos e ilhas, Brasília, cidade que um dia eu falei, que era fria sem alma nem era Brasil, que não se tomava café numa esquina, num papo com quem nunca viu."

A canção "Brasília" tem uma força criativa e uma ironia fina que a distinguem de outras homenagens musicais à cidade.

O CD *Cruel*, produzido por Zeca Baleiro, reúne treze músicas inéditas garimpadas em antigas fitas magnéticas. Embora gravado em maio de 2005, inaugurando o selo independente Saravá Discos, o disco continuava praticamente desconhecido.

Uma preciosidade, sobretudo para quem mora e ama Brasília.

25 DE MARÇO – DO PRÓPRIO BOL$O NO INFORME DF BRASIL, DA REDE RECORD

Sábado – 18h30.

Há quatro meses, numa quinta-feira, o Do Próprio Bol$o recebeu a visita da jornalista Juliana Neiva para uma entrevista sobre fãs. A equipe de filmagem da Rede Record documentou discos, livros, revistas e jornais, numa matéria abrangente.

Juliana Neiva conseguiu um depoimento descontraído e captou a loucura que é ser Do Próprio Bol$o.

Anteriormente, havíamos recebido o contato telefônico da jornalista Cláudia Gonçalves, que marcou a entrevista. Fomos indicados pela cantora Célia Porto, que também apareceria na matéria falando de sua paixão por Renato Russo.

O terceiro quadro seria sobre a iniciação do fã na adolescência.

Finalmente estaríamos em rede com todo o Distrito Federal, quem sabe em breve em todo o território nacional, na expectativa de novos e produtivos contatos.

Isso também foi possibilitado por Luiz Cicheto, o webmaster do nosso site. Ele chegou a passar a noite em claro para manter o site no ar depois que o HD do provedor explodiu!

Mas, como mesmo disse o poeta? “Tudo vale a pena... se a alma...” (...) Se a alma não é pequena!

Fernando Pessoa.

15 DE JUNHO – ALEXANDRE PENNA NO FEITIÇO MINEIRO

Conheci a guitarra de Alexandre Penna nos quatro discos fundamentais de seu saudoso irmão, Marco Antônio Araújo.

Alexandre é um excepcional guitarrista, dono de solos fantásticos, à altura das inspiradas melodias do irmão. Um dos seus grandes solos pode ser ouvido na faixa “Panorâmica”, até excedido em inventividade ao vivo. Tem um toque meio beatle nas cordas e uma refinada influência oriental.

Tive o privilégio de passar os últimos vinte anos ouvindo algumas de suas apresentações, quando atuava ao lado de Marco Antônio Araújo. Intimamente, ligo seu nome aos mestres Sérgio Dias, Dudu Chermont e Marcus Rampazzo.

Seu trabalho mais recente era *Berimblues*, com direção artística do compositor e instrumentista André Geraissati, egresso do Trio D'Alma. Nesse disco, Alexandre Penna mescla ritmos afro-brasileiros com elementos do jazz, flamenco, rock e raga, criando sua linguagem das montanhas.

Acompanho sua carreira pelo Portal Natu Blues. Por isso sei que está na ativa. Na segunda-feira, abri o jornal e nem acreditei: show de Alexandre Penna no Feitiço Mineiro, na terça-feira!

Depois do serviço, passei pelo Conic e tomei umas cervejas. Estava frustrado, porque sabia que não conseguiria gravar nem filmar o show. Perto da hora, no estacionamento, encontrei Zéantônio e fomos para o restaurante.

Alexandre havia recentemente trocado o sobrenome Araújo por Penna. E estava com menos cabelos.

– Hoje somos senhores!

Antes do início, tomou duas doses de café. Trocamos algumas palavras e, acredite ou não, ele me dedicou o show.

Falei da possibilidade de lançar um CD ao vivo de Marco Antônio Araújo. Eu possuía o show do MASP, de 1984, e também o Instrumental 85. Faltava o bis do final do show de Brasília. Quando consegui o show completo do MASP, lembrei imediatamente do bis.

E que bis!

Se fossem reunidos os três registros, teríamos um excelente disco-pirata, um bootleg mesmo, com aquela acústica pinkfloydiana da Sala Martins Pena. Até as tosses do público, como quem limpa a garganta antes do show.

Alexandre se lembrava muito bem. Disse que muita coisa havia sido gravada por cima. Uma pena.

Em outra ocasião, entrei em contato com o contrabaixista Ivan, um dos participantes daquela gravação. Ele alegou que seu empresário precisava ouvir o material. Perguntou como eu havia conseguido a gravação, se era da mesa de som, e encerrou a conversa com:

– Isso é pirataria!

Diante daquela ilha de dificuldades, encerrei o papo. Ainda tentei passar a fita adiante, por meio do selo paulista que lançava os CDs de Marco Antônio Araújo. E o que ouvi?

– Tem música inédita?

Pô! Francamente, estamos falando da música de Marco Antônio Araújo. Saquei que alguma coisa fedia.

Com Alexandre Penna foi diferente. Atencioso e gentil, interessou-se pela ideia e por como eu havia registrado o show, com o gravador apoiado nas pernas. Queria saber especialmente se eu tinha capturado a parte indiana.

Naqueles tempos, éramos peritos em gravar um show. Hoje, mais pessoas fazem isso do que imaginávamos. Os músicos têm prazer em registrar suas apresentações e depois ouvir tudo no toca-fitas do carro.

Alexandre estava recuperando partituras de Marco Antônio Araújo, compostas em 1974, e dizia que, nos vinte anos da morte do irmão, poderia surgir alguma novidade.

No palco, empunhou a velha Gibson, sentou-se num banquinho e, acompanhado pela gaita, atacou os instrumentos em uníssono. Foi uma surpresa: toca gaita e canta muito bem!

Vieram os blues rurais de John Lee Hooker e Lightnin' Hopkins.

Em “Babe, Please Don't Go”, apesar de eu não conhecer a gravação original, deu para sacar como os brancos adulteram o blues.

A plateia era pequena. Conversas altas ameaçavam a paz de quem queria ouvir. Quando as portas laterais se abriram magicamente e a mesa foi colocada para fora, foi igual ao truque de puxar a toalha e deixar os copos em pé.

Na parte do sitar, Alexandre tocou temas regionais. Peço desculpas pelo uso da palavra, mas apresentou um pot-pourri de canções mágicas dos anos 1960, dos Beatles, dos Stones e outros.

Ao final, quando a coisa decolou, a banda, reunida também com músicos de Brasília, acompanhou o mestre nos duelos. Alexandre, humildemente, inverteu os papéis e fez a base para que o guitarrista solasse. A guitarra passou de mão em mão. Todos tocaram. A cozinha lembrava o Double Trouble.

Os músicos curtiam junto com a plateia. Muitos dos bluesmen de Brasília, infelizmente, deixaram de participar daquela que certamente teria sido uma das maiores experiências musicais que poderiam viver.

O final foi bonito. Todos agradeceram pelo privilégio de tocar com Alexandre Penna.

No dia seguinte, foi muito legal lembrar do show, além de tanta cerveja e beleza feminina no ambiente!

ABRIL

A POLÍCIA IDEOLÓGICA DOS ANÕES DO ORÇAMENTO

Tem caras que nunca tiveram medo e eu não queria fazer parte desse grupo:

– Pazcheco, a polícia ideológica dos anões do orçamento vai pegar um por um da lista de agradecimentos do livro e você é um deles.

Foi isso que Celso Alcântara me disse na noite do lançamento do livro, [data e título a confirmar].

Mais um motivo para beber no Conic e no Beirute. Eu olhava para o Zéantônio com medo de a intervenção chegar, e não era brincadeira. Foi uma das coisas mais fortes que nós vivemos no Conic.

A PARTIR DE HOJE, QUERO MEU NOME NO CARTAZ!

Cheguei ao Conic e avisei:

— A partir de hoje, quero meu nome no cartaz!

— Você não é artista!

— Ah, então chega de pôster-colagem, chega de exposição sobre a Tropicália, chega de áudios! Tens razão: não sou artista, sou um otário.

E nunca mais fiz nada.

Minha produtora chegou a ter a logo estampada num cartaz do Retz. Nem ligo quando deixam de publicar o nome Do Próprio Bol$o em filipetas ou CDs. É a negação da história de propósito.

Quando me chamam para lançar um livro, a primeira coisa que pergunto é:

— Vai sair um flyer impresso?

Foi assim no Kareka's Bar e no Ferrock. Se não tiver, nem saio de casa! Chega de servir de trampolim para os outros.

Rogério "Águas" foi muito importante para mim. Esse foi o primeiro cartaz em que vi meu nome grafado de acordo com a antiga ortografia da certidão de nascimento.

Depois, Magu Cartabranca me arrumou um espaço nobre numa revista federal, em 2005, e um programa nacional na TV Justiça.

Se não fossem esses caras, o ostracismo seria tangível. No fim das contas, um monte de merda impressa respinga em nós.

A PEDRADA DO ROCK'N'ROLL

Jr. Camacho, o Mindoim, é vocalista dos Neuras Planetoides. Terei o prazer inenarrável de apresentá-los ao vivo. Em breve!

Ele é o cantor do hit "Toda babaquice que você é capaz quando o assunto é dinheiro". Uma musiquinha que costumo soprar no ouvido daqueles assessores parlamentares quando se aproximam de nós pensando que podem nos enganar.

Em 2006, no ainda glorioso Conic, Jr. Camacho lançou seu CD numa mesa que reunia a mim, Renato Matos e outros grandes independentes. Enchemos a cara numa noite fenomenal, que acabou gravada clandestinamente em algum lugar.

Vida longa aos Neuras! Aqui vocês podem gritar alto e, como diria Cécé: "Pega o beco!"

JULHO

6 DE JULHO — JAGUAR E A ANTOLOGIA DO PASQUIM

Comparecemos ao lançamento do Jaguar. Ele nos fez dedicatórias especiais. Lançava a *Antologia do Pasquim* — Klebinho bancou a conta...

Houve um tempo, nesta cidade, em que você encontrava a velha guarda. E era possível tomar um chope — cortesia do livreiro Ivan Presença — com o decano Jaguar, muito amigável e aberto.

Os donos dos botecos chiques são sempre uns avaros, nunca abrem a mão; esquecem-se do talento dos cartunistas que tanto ajudaram na promoção de suas pocilgas.

Nos encontramos com Jaguar, que nos fez dedicatórias especiais. Ele lançava o *Livro do Pasquim*. Klebinho "bancou" a conta...

JULHO

7 DE JULHO – BARRETT IS DEAD!

11 DE JULHO – SYD BARRETT: UMA VERDADEIRA LENDA DO ROCK

Jon Dennis – The Guardian. Tradução: Rodrigo Souves.

É uma frase desgastada dizer que Syd Barrett foi uma verdadeira lenda do rock. Sem dúvida, não por ter se apresentado ou gravado em grande quantidade, mas também por não ter sido visto durante mais de trinta anos.

Barrett, cuja morte havia sido confirmada, foi uma das primeiras vítimas da cultura psicodélica. Poucos, porém, realmente se lembravam do homem que liderou o mais importante grupo britânico da contracultura entre 1966 e 1967.

Um deles era Joe Boyd, que descobriu o Pink Floyd no verão de 1966 e o promoveu no lendário UFO Club, em Londres.

Foi ali que o Pink Floyd de Syd Barrett ganhou notoriedade. Boyd também produziu o primeiro single da banda, "Arnold Layne", e relatou suas experiências com o grupo no livro *White Bicycles*.

Na entrevista ao *The Guardian*, Boyd recorda o ambiente do underground londrino, as apresentações no UFO, os jogos de luz, a personalidade de Syd e sua presença magnética no palco.

O Pink Floyd era diferente dos outros grupos. Os músicos se escondiam entre bolhas de luz, sem avançar para a frente do palco. Tudo se baseava na música. Mas, se havia uma personalidade central, era a de Syd.

Ele tinha olhos escuros, cabelos escuros e encaracolados. Era um vocalista maravilhoso, atraente, modesto nas apresentações. Não dançava, não fazia gestos de cantor popular e não conversava entre as músicas. Mesmo assim, seu brilho era o ponto focal dos espetáculos.

Boyd também recorda a transformação de Syd. Em junho de 1967, quando a banda retornou ao UFO depois de alcançar o sucesso, Barrett já parecia outra pessoa. O olhar estava vago, e o humor sarcástico que o caracterizava havia desaparecido.

O arquivo reúne a entrevista e outros textos sobre o músico, sua saída do Pink Floyd, sua trajetória solo, o isolamento e a permanência de sua obra.

Syd Barrett foi muito além da associação simplificadora entre sua música e o LSD. Para mim, foi um grande poeta, um artista cuja obra nasceu de uma imaginação singular.

Suas canções permaneceram vivas, mesmo quando o próprio músico desapareceu do mundo público.

AGOSTO

3 DE AGOSTO – ARTHUR LEE: MORRE O LÍDER DO LOVE

Arthur Lee morreu em 3 de agosto de 2006, no Hospital Methodist University, com sua mulher, Diane, ao lado.

Nascido em Memphis, costumava se descrever como “o primeiro hippie negro”. Formou o Love em Los Angeles, em 1965, no mesmo ambiente musical em que surgiram The Byrds, Buffalo Springfield, The Doors e The Mamas and the Papas.

A banda foi uma das primeiras formações multirraciais da era psicodélica. Gravou três álbuns inovadores, misturando folk rock, blues, suítes sinfônicas e punk.

O primeiro disco, *Love*, trouxe o single “My Little Red Book”, composto por Hal David e Burt Bacharach. Em 1967, *Da Capo* apresentou “Revelation”, uma faixa que ocupava todo um lado do LP.

Mas foi *Forever Changes*, o terceiro álbum, que consolidou a importância do grupo. Com seus arranjos inovadores, o disco passou a ser considerado uma resposta ousada ao *Sgt. Pepper's*, dos Beatles.

Led Zeppelin, Echo and the Bunnymen e Siouxsie and the Banshees estavam entre os artistas que reconheciam a influência do Love.

Arthur Lee passou por períodos difíceis, inclusive seis anos de prisão na Califórnia, nos anos 1990. Depois de sair, em 2001, reuniu uma nova versão do Love e voltou a excursionar, apresentando *Forever Changes* na íntegra em alguns shows.

Diagnosticado com leucemia mieloide aguda, passou por tratamentos de quimioterapia e transplante de medula óssea. Concertos beneficentes foram realizados nos Estados Unidos e na Inglaterra para ajudar a pagar suas despesas médicas.

Em junho, Robert Plant participou de um concerto beneficente em Nova York.

13 DE AGOSTO – CROSBY, STILLS, NASH & YOUNG: BETHEL WOODS

Márcio Ribeiro – Whiplash.net.

O quarteto Crosby, Stills, Nash & Young retornou a Bethel Woods, em 13 de agosto de 2006, a cerca de meio quilômetro do local onde aconteceu o festival de Woodstock, em 1969.

Trinta e sete anos depois, os músicos voltaram à região onde a história do grupo praticamente começou.

Na plateia havia muitas pessoas que afirmavam ter assistido ao Woodstock original, algumas acompanhadas dos filhos adolescentes ou jovens adultos.

O show teve três horas de duração e um tom político bastante definido. Na primeira parte, os quatro tocaram juntos. Na segunda, dividiram-se em diferentes formações e apresentações individuais.

Graham Nash foi ao piano em “My House”. Crosby e Stills fizeram os vocais de apoio. David Crosby apresentou “Guinnevere”, acompanhado por Nash. Neil Young foi ao piano cantar “Candidate”.

Apesar de incluir músicas antigas, parte considerável do repertório era composta por material novo, com críticas à administração de George W. Bush e ao chamado Ato Patriótico, que permitia medidas de vigilância em nome da segurança nacional.

Uma das canções mais aplaudidas pedia o impeachment do presidente.

Depois de três horas, o público pediu bis. O quarteto atendeu com “Woodstock”, encerrando a apresentação.

SETEMBRO

URIAH HEEP EM BRASÍLIA

Registro posterior do DPP menciona a apresentação do Uriah Heep em 23 de setembro de 2006, no Minas Brasília Tênis Clube.

A formação citada incluía Mick Box, Bernie Shaw, Phil Lanzon, Trevor Bolder e Russell Gilbrook.

NOVEMBRO

17 DE NOVEMBRO – SHOW CONTRA OS MUROS DA FOME

Teatro dos Bancários.

Universo Paralelo do Rock

Participações:

- Murilo Lima, ex-Capital Inicial;
- Giuliano Manfredini;
- Rogério “Águas”.

Produção: Ricardo Botelho.

Clipcolagem: Mário Pazcheco.

Direção musical: Rogério “Águas”.

Direção de imagens: Pako Chagas.

27 DE NOVEMBRO – PATRULHA DO ESPAÇO PELA PRIMEIRA VEZ EM BRASÍLIA

Uma produção: I'm with the Band

Mário Pacheco / Révero Frank.

Quão fundo o gato pode saltar na minh'alma?

Repertório:

- Vou Rolar
- Festa do Rock
- Não Tenha Medo
- Meus 26 Anos
- Depois das Onze
- Sexy Sua
- Arrepiado
- Robot
- Olhar Animal
- Simples Toque
- Columbia

Show dedicado ao aniversariante Jimi Hendrix.

Segunda-feira, chuvosa, tarde da noite de uma noite mágica: I'm a rolling stone... e vou rolar!

No dia do show, a divulgação foi pequena: um tijolinho e um destaque no canto superior do Caderno C do *Correio Braziliense*. Na Berlin Discos, um cartaz feito à mão anunciava a apresentação.

O boca a boca, os correios eletrônicos e, inacreditavelmente, o poder que a Patrulha do Espaço exerce sobre os roqueiros lotaram a casa.

A abertura ficou por conta da Misty Mountain, que despejou uma tempestade de covers de hard rock dos anos 1970: Led Zeppelin, Deep Purple, Whitesnake – com destaque para "Slow an' Easy" – e Rainbow.

O show da Misty Mountain terminou e o mundo mergulhou na expectativa.

Ao telefone:

– Vocês não vêm?

Às 23h40, Kelly recebeu os quatro argonautas, e a nave da Patrulha do Espaço pousou no Blues Pub.

O início foi rápido e pesado, com "Vou Rolar", a mesma abertura do show de Goiânia.

No palco, à esquerda, o elétrico Adriano Rotini, de jaqueta preta sem mangas, agitava a cabeleira e segurava o baixo. À frente, Percy Weiss, de camisa branca e adornos, assumia o microfone. Recuado, Júnior espancava a bateria com habilidade, usando uma camiseta preta com a bandeira do Estado de Goiás.

Ao fundo, Ricardo Dezotti, também guitarrista da Freak, empunhava a Gibson. Naquela noite, dependeria de toda a sua técnica para compensar o som que desaparecia de sua lateral. O baixista e o guitarrista haviam invertido as posições minutos antes do show.

Percy Weiss deu boa noite a Taguatinga. A galera respondeu pedindo rock'n'roll.

A versão crua de "Não Tenha Medo" foi a resposta da banda. Num contragolpe alucinante, a bateria iniciou "Festa do Rock".

"Entre amigos você vai estar!"

Explodiram os flashes dos fotógrafos, enquanto os celulares subiam e enchiam o teto para registrar o show.

Percy comentou que a banda havia feito questão de passar por Brasília:

– Um esforço que agora a gente vê como está valendo.

Aplausos. Júnior interrompeu, bem-humorado:

– Eu discordo totalmente de você, Percy! Está sendo do caralho tocar em Taguatinga!

Mais aplausos.

Naquela noite, que seria o 64º aniversário de Jimi Hendrix, a versão de "Hey Joe", antes instrumental na interpretação da banda, ganhou os vocais de Percy Weiss. Ele voltou aos tempos do início de carreira, na U.S. Mail, e emendou um blues improvisado, cantando o barato que era conhecer aquelas pessoas.

O show continuou com "Depois das Onze", de notas e letra sinuosas. O público, em êxtase, assobiava. O final foi apoteótico, com um improviso de guitarra e bateria.

Na sequência vieram "Arrepiado" e "Sexy Sua", acompanhadas de uma salva de palmas para Arnaldo Baptista.

Antes de começarem os acordes de "Meus 26 Anos", a plateia cantou impacientemente os primeiros versos, marcados pelo bumbo da bateria de Júnior.

Na guitarra, Ricardo Dezotti desenhou uma espetacular progressão de acordes. O inspirado guitarrista também fez backing vocals em algumas músicas. Adriano Rotini segurava as notas do contrabaixo, sempre observado por Júnior.

Durante o solo de bateria, Júnior variou de acordo com a temperatura do pub, que estava quente mesmo! O show durou quase uma hora e meia, e os presentes ficaram chapados com o bom e velho rock'n'roll.

Doses maciças!

"Olhar Animal", "Robot" e "Ser", do CD *Chronophagia*, prepararam a apoteose para o hino da nave da Patrulha: "Columbia".

Jefferson entrou com a gaita, e os fãs subiram ao palco para cantar junto.

Noite memorável para a cena underground do rock'n'roll de Brasília. Um show espiritual e carnal, tocado com extrema energia e sem nenhuma frescura.

A Patrulha do Espaço é uma das poucas bandas no planeta capazes de transmitir tamanha emoção ao vivo. A formação atual, com Percy Weiss nos vocais, afastava-se do modelo clássico de supergrupo e voltava a ser um quarteto terrível.

Aquele ponto em que muitos já não acreditavam que a banda viria a Brasília algum dia virou lenda naquela noite no Blues Pub, aberto até de madrugada, até todas as cervejas serem abertas.

DIÁRIO DE BORDO – GOIÂNIA E BRASÍLIA

Um rápido telefonema de Lana Goulart, produtora da Weissprodarts, no quarto do hotel Augustus, me colocou na estrada quatro anos depois.

Entrei no carro e segui cerca de 200 quilômetros rumo ao show. Ainda no posto, o bombeiro colocou a chave do meu carro no bolso dele.

– Fica difícil sair assim... me devolve a chave!

Abasteci, coloquei um litro de óleo e procurei as placas indicativas da direção. Eram 19 horas quando entrei no Espaço Cultural Oscar Niemeyer.

Mal sabia que o motor do carro não aguentaria.

Para chegar ao camarim da Patrulha, usei uma meia-verdade:

– Eu sou o motorista que levará a banda a Brasília.

Colou!

Meus pés estavam molhados e não havia quartos disponíveis. Era época de vestibular, e as espeluncas estavam fechadas.

Em Brasília, o contrabaixista Adriano Rotini, também da Brasil Papaya, deliciou-se com minha coleção de vinis e repetia:

– Meu cachê pode ser em vinil!

Seu alto astral e sua confiança foram fundamentais para conseguirmos trazer a banda de volta a Brasília.

O guitarrista Ricardo Dezotti apaixonou-se pelo violão elétrico Del Vecchio, de 1957. Tocava "Mystery Train", de Elvis, e covers fantásticos de The Who. Passava horas dedilhando.

Ricardo nos revelou que aquele violão na entrada de “Piratas do Espaço” não era tocado por Dudu Chermont, mas por Sérgio Santana. O próprio Dudu havia contado isso a Ricardo.

Rolando Castello Júnior chegava todos os dias de madrugada, sempre procurando um cigarro.

Depois do show em Taguatinga, os músicos foram ao encerramento do Festival de Cinema e também estiveram numa festa de aniversário.

Guará I, QI 11. Tarde de quinta-feira. Na padaria, em companhia de Júnior, lembrei que, a poucas quadras dali, meu mergulho no rock havia começado mais de vinte anos antes, com o trio de hard rock Extremo. Eles eram profundamente influenciados pela Patrulha do Espaço.

Aumentando o vocabulário rock: Percy Weiss me explicou que os admiradores que invadiam os ensaios de rock no início dos anos 1970 eram conhecidos como freak campers. Júnior, por sua vez, usou a expressão drummer hero, que me soou estranha.

Deslumbrado com a arquitetura de Brasília e a arborização da cidade, Júnior prometeu alugar um apartamento no Plano Piloto e andar pelas superquadras nas horas vagas, enquanto escrevia sua autobiografia.

Nela haveria uma passagem sobre a execução do guerrilheiro Carlos Marighella. Nos anos 1960, Júnior morava num apartamento ao lado da cena do crime.

Fiz uma longa entrevista com o incansável baterista da Patrulha. Aproveitei sua disponibilidade, um pouco embriagada, e suguei dele todos os fatos.

Tranquilizei-o dizendo que deixaria os tópicos realmente importantes para seu livro e que nossa conversa era apenas um substrato oral.

Naquela mesma quinta-feira, durante o churrasco, com a presença de Júnior, ouvimos em primeira mão o CD *Speranza*, do quarteto instrumental Brasil Papaya, cujo contrabaixista era nosso amigo Adriano Rotini.

Foi então que percebi que “Cowboy” realmente nunca havia sido gravada em estúdio pela própria Patrulha do Espaço. Só aí sacamos que a versão era um gigantesco pot-pourri, incluindo outros dois temas do repertório da banda.

Joubert, nosso roadie, divulgador e guitarrista, gostou e disse:

— Amanhã comprarei um na Berlin!

Também tive a oportunidade de ver e ouvir Rotini executar uma perfeita versão de “Cowboy” no meu Del Vecchio cinquentenário.

Compareci ao segundo de três ensaios da banda no Estúdio CL Áudio, na 107 Norte.

Cerveja, ar-condicionado e uma boa performance da sala. As três portas de acesso impediam qualquer ruído externo. No intervalo, devoramos uma pizza!

Sexta-feira, 1º de dezembro

A mesma correria de sempre.

Júnior e Percy Weiss fariam uma jam session às 22 horas no O'Rilley Pub, com Rockdrigo Terra na guitarra e Bruno “Lobão” no contrabaixo, ambos ex-Mákina du Tempo.

Também participariam Blavis, na guitarra, e André Gurgel, no contrabaixo do Planta. Ao final, em “Columbia”, juntaram-se Joubert, na guitarra, e Jefferson, o gaitista que também havia tocado com a Patrulha em Taguatinga.

No dia seguinte, sábado, ao meio-dia, Percy e Lana seguiram para Campinas.

Hoje a ficha cai do fundo do céu, como uma lágrima escondida pelos óculos escuros.

Já que aconteceu, fazer o quê?

O orçamento do motor do carro, que fundiu no caminho de volta de Goiânia para Brasília, chegou pela manhã, por telefone: R$ 2.500.

Minha mulher ficou irritada, ameaçando-me caso eu não cumprisse os horários das atividades do dia. Estaria eu doido? Sei lá.

Segunda, terça e quarta foram um inferno, verdadeiros dias de cão. Quinta e sexta, mais tranquilos.

Ficaria menos gente em casa. O feriado caiu como uma luva.

Cenas de Percy tomando sorvete, Júnior lavando louça, Ricardo estressado ao limite, junto com Rotini, sendo levados ao aeroporto.

Por enquanto, fim.

MISTY MOUNTAIN – NAS TRILHAS DAS CIDADES PERDIDAS

CD-demo

Faixas:

1. Free Fall
2. One Night Girl
3. Sail Away – Blackmore/Coverdale, Deep Purple
4. Yesterday Cities
5. Superstition – Stevie Wonder
6. High Wire – Lee/Gillen, Badlands

Foram três meses de intenso trabalho para que a Misty Mountain colhesse meia hora de som: três faixas próprias e três covers. Um produto burilado e direto.

O rock de abertura, “Free Fall”, chega com seis minutos arrasadores, numa sonoridade que lembra aquelas trilhas de propaganda de cigarros – esses, piores.

Nostalgicamente, o riff de entrada lembra os Yardbirds da era Page.

“One Night Girl” faz uma pausa para que Hoanna demonstre a garra de sua voz. Numa base suingada, a música apresenta um riff semelhante ao da faixa anterior e uma história também próxima da primeira.

A capa de *Yesterday Cities* remete à montanha mística num reino gelado. A placa de setas lembra a capa do álbum de Page e Coverdale e, por associação livre, “Cities in the Dust”.

A balada “Yesterday Cities”, com violão e voz delicados, conduz o ouvinte de volta ao ponto de partida. Não trata de voltar para casa, mas da opção de abandonar a inércia.

Este CD-demo está repleto de contrapontos. Liga, de maneira inesperada, Ritchie Blackmore's Rainbow e Deep Purple a Ronnie James Dio, que também cantou material do Deep Purple.

As cores púrpuras giram ao redor de timbres zeppelianos e arranjos vocais, como o da faixa “High Wire”.

Inevitavelmente, também aparece uma pegada do Lynyrd Skynyrd.

Em “Superstition”, o contrabaixo abandona o apoio, uma surpresa nesse arranjo soul, à Glenn Hughes.

Hoanna canta muito. O queixo pode cair ao assisti-la ao vivo. A bateria de Nathal de Oliveira vai reta e seca, como uma locomotiva. E a inspirada guitarra de Fabrício Moraes não desperdiça uma nota sequer.

Assim transparece a alma da Misty Mountain: um som setentista competente, que não corre o menor risco de ficar datado.

Formação:

- Fabrício Moraes – guitarra
- Nathal de Oliveira – bateria
- Hoanna – vocal
- Gustavo Vieira – contrabaixo

---

9 de dezembro

DEZEMBRO

Morre Marcão Adrenalina, 52 Anos

Obituário – Produtor cultural

O rock brasiliense perdeu parte de seu brilho com a morte de Marco Antônio Teixeira, o Marcão Adrenalina, aos 52 anos, às 7h15 de ontem. O produtor musical estava internado na UTI do Hospital Santa Lúcia, em coma profundo. O sepultamento ocorreu no final da tarde, no Cemitério Campo da Esperança. Cerca de 250 pessoas compareceram ao velório, entre elas Philipe Seabra, vocalista da Plebe Rude, e o pianista e compositor Rênio Quintas.

Goiano, Marcão mudou-se para Brasília aos oito anos e tornou-se uma das figuras mais atuantes da cena musical da cidade. No final de novembro, descobriu que estava com leucemia. Iniciou a quimioterapia, mas sofreu um derrame cerebral, seguido de parada cardíaca, e entrou em coma, segundo Adriane Michels, então presidente do Sindicato dos Músicos do DF.

Sua trajetória inclui a produção de eventos históricos, como as festas realizadas na chácara da família, em Sobradinho, por onde passaram Capital Inicial, Legião Urbana e Plebe Rude. Também produziu os grupos Filhos de Menguele, Fris Sativa e Sem Destino, além da cantora Narciza. Desde 2004, mantinha engavetado o primeiro álbum solo de Lôro Jones, ex-integrante do Capital Inicial. O apelido Adrenalina nasceu da primeira casa noturna que abriu, em 1980. Na última eleição, candidatou-se a deputado distrital pelo PV.

Mas os dados biográficos não dão conta de explicar quem era Marcão.

Louco? Visionário? Maluco? Pirado? Alienígena, aloprado?

Não. Simplesmente Marcão Adrenalina. Um amigo a mil. Roqueiro dos bons!

Marcão também tinha histórias de quem acompanhou o rock de perto, muito antes de ele se transformar em instituição. Em 1969, na Alemanha, assistiu a um dos primeiros shows do Black Sabbath. Era um dos primeiros brasileiros a testemunhar de perto o nascimento daquela sonoridade que ajudaria a mudar a história do rock pesado. Marcão não era apenas um produtor musical: tinha vivido o rock desde os seus primeiros capítulos.

No início dos anos 1980, ainda no crepúsculo dos anos de chumbo, uma entrequadra comercial diferente foi inaugurada na 205/206 Norte. Parecia um castelo árabe construído por uma criança. Não tinha janelas. A proposta era apresentar um novo conceito comercial para o Plano Piloto, mas o empreendimento não vingou. Tanto que ninguém se interessou em alugar as lojas e salas disponíveis.

Ninguém, não. Uma pessoa ousou.

Marcão alugou uma sala, pintou tudo de rosa-choque, pendurou uma fotografia de Iggy Pop na parede, construiu um pequeno balcão e batizou seu bar de Adrenalina. Foi ali que começou a se reunir o pessoal da tchurma: integrantes do Blitx 64, da Plebe Rude e do Aborto Elétrico, além dos agregados de sempre.

À noite, sem muita coisa para fazer em Brasília, íamos todos para lá ouvir música e beber. Marcão colocava para tocar tudo aquilo de que a gente gostava. O Adrenalina virou uma espécie de território livre, um ponto de encontro para quem estava inventando outra maneira de viver a cidade.

E havia um detalhe nada desprezível: a volta para casa.

A gente não tinha carro e, naquela época, os ônibus de Brasília paravam de circular às oito da noite. Marcão, então, enchia seu automóvel de punks bêbados e levava um por um até suas casas. Não existia lugar melhor: música boa, cerveja, conversa e carona garantida no final da noite.

Simplesmente Marcão Adrenalina. Um sujeito inimitável.

Todo o tempo em que fiz rock'n'roll, estive profundamente abalado. Isso atravessou meus encontros com outros fãs, produtores e músicos. Foi uma viagem trágica pelo universo do rock, uma espécie de Magical Mystery Tour dos Beatles, só que sem roteiro, sem volta garantida e com muita turbulência pelo caminho.

Tentaram me enlouquecer como quem aplica Pentotal, o chamado soro da verdade, associado aos métodos de interrogatório dos nazistas contra prisioneiros, inclusive escritores judeus. Eu estava negociando um disco. Nos balcões dos sebos, corria um burburinho de que eu era louco. E havia uma história por trás dessa fama: eu mesmo tinha trabalhado duro para conquistar o rótulo, brigando com praticamente todos os fãs que escreviam nos fanzines pelos quais passei. Uma tradição que, de certa maneira, mantenho até hoje.

Nesse processo de fritura rock'n'roll, alimentado por uns verdadeiros bodinhos de Brasília, encontrei Marcão Adrenalina no Conic. Ele apareceu como um anjo enviado para soprar calma no meu ouvido e pedir que eu sossegasse. Nosso encontro teve alguma coisa de Let It Be: menos confronto, mais compreensão, uma pausa no meio daquela confusão toda.

É o que sei dele. Naquela época, Marcão respondia pela produção do Sem Destino. E, no meio de tanta turbulência, foi alguém que chegou sem querer me enlouquecer ainda mais. Ao contrário: tentou me devolver um pouco de tranquilidade.

OUTROS REGISTROS DE 2006

BILLY PRESTON — O QUINTO BEATLE

O tecladista Billy Preston morreu em Los Angeles, aos 59 anos. Considerado por muitos o quinto Beatle, participou de gravações fundamentais do grupo, especialmente nos álbuns *Abbey Road* (1969) e *Let It Be* (1970).

George Harrison reconheceu que a presença alegre de Preston nos estúdios Abbey Road ajudou a acalmar os ânimos dos Beatles nos últimos anos da banda.

Antes disso, Preston já havia construído uma carreira importante como pianista, organista, cantor e músico de estúdio. Trabalhou com Mahalia Jackson e Little Richard, e obteve sucessos próprios nos anos 1970, como "Outa-Space" e "Will It Go Round in Circles".

RENATO RUSSO — O FILHO DA REVOLUÇÃO

Renato Riella — Revista TRAÇA, ano I, nº 1, setembro de 2006.

O jornalista e escritor Renato Riella publicou uma homenagem a Renato Russo, lembrando a frase "O futuro não é mais como era antigamente".

Em 2006, completavam-se dez anos da morte do compositor, ocorrida em 11 de outubro de 1996. Se estivesse vivo, Renato Russo completaria 46 anos.

Riella recorda a passagem de Renato Manfredini Júnior pelo jornalismo, antes de se tornar o vocalista da Legião Urbana, e recupera o episódio em que perguntou ao ministro Delfim Netto se ele já havia visto ao vivo um pé de chuchu.

O artigo destaca a importância cultural de Renato Russo para Brasília e a permanência de sua obra entre diferentes gerações.

Também registra a homenagem que seria prestada ao músico durante a Capital Fashion Week, com decoração, trilhas sonoras, lounges e publicações dedicadas à sua memória.



2006 – UM ANO DE REENCONTROS E PRIMEIRAS VEZES

O ano teve seus grandes encontros e suas pequenas conquistas.

Sérgio Sampaio voltou a conversar com Brasília por meio de uma canção que quase ninguém conhecia. O Do Próprio Bol$o apareceu na televisão, levando para a tela uma coleção de discos, livros, revistas e jornais que traduzia a dimensão daquela obsessão.

No Conic, as relações entre memória, reconhecimento e trabalho independente voltaram a produzir atritos. Pedi meu nome nos cartazes, ouvi que não era artista e resolvi interromper uma série de atividades. A história, porém, não parou: continuamos encontrando gente, produzindo encontros e enchendo a cara com os independentes que ainda resistiam.

Alexandre Penna apareceu no Feitiço Mineiro, e uma conversa sobre Marco Antônio Araújo abriu caminho para uma noite de música e lembranças. Syd Barrett morreu, e o arquivo precisou registrar o desaparecimento de um dos personagens mais singulares da contracultura.

No Teatro dos Bancários, o Universo Paralelo levou ao palco o espetáculo *Contra os Muros da Fome*. Em novembro, a Patrulha do Espaço finalmente chegou a Brasília. A apresentação no Blues Pub, em Taguatinga, foi uma conquista de produção independente, insistência, amizade e rock'n'roll.

A Misty Mountain abriu a noite e deixou sua própria marca com um repertório que olhava para os anos 1970 sem parecer prisioneiro deles.

Também houve o lançamento de Jaguar, a noite dos Neuras Planetoides no Conic, o registro da apresentação do Uriah Heep e a notícia da morte de Marcão Adrenalina.

E, no meio disso tudo, o carro fundiu, o motor cobrou sua parte e os bastidores continuaram produzindo histórias.

O arquivo não é uma agenda de eventos. É o rastro de quem esteve lá, de quem insistiu, de quem fez acontecer e de quem teve a preocupação de guardar o que os outros deixariam desaparecer.

Do Próprio Bol$o — cultura independente, memória e resistência.

2007

SHOW

CONTRA OS MUROS DA FOME

UNIVERSO PARALELO DO ROCK

MURILO LIMA (EX-CAPITAL INICIAL)

GIULIANO MANFREDINI

ROGÉRIO D' SOUZA

PRODUÇÃO: RICARDO BOTELHO
CLIPCOLAGEM: MÁRIO PACHECO
DIREÇÃO MUSICAL: ROGERIO D. SOUZA
DIREÇÃO: DE IMAGENS: PAVO CHAGAS
17/ NOV. SEXTA 20 H30
TEATRO DOS BANCARIOS 314/315 SUL
ENTRADA MEDIANTE CONVITE FONE 3349098



REALIZAÇÃO:

Sindicato dos Bancários de Brasília

APOIO:

SINDJUS
MUSEU DO DISCO
BRISTOL HOTEL

UP-ROCK

Erika Kology

ALTA VOLTAGEM
Iluminação e Técnicos
3381 7160

FRAGMENTOS DE UMA VIDA DEDICADA AO ROCK

13 DE ABRIL – 170 ARTISTAS EM AÇÃO, MAIS DE 300 APRESENTAÇÕES, DENTRO E FORA DE CASA

De 2007 a 2026, foram mais de 300 shows, sem contar as apresentações anteriores, realizadas entre 1996 e 2001. O Syd Barrett Project foi um dos capítulos mais lendários dessa história. Talvez nada disso valha muito nos dias de hoje. Para mim, porém, a memória continua dourada.

Qual terá sido o esquema?

Bandas desconhecidas e artistas não tão conhecidos. Fazendo das tripas coração. Arrumando iluminação à luz de velas, vinho, churrasco. Conseguindo uma bela bateria importada e um amplificador zero-bala. Foi assim que se completaram 25 anos de ação da mais pura contracultura.

Nunca me lembro dos belos momentos, só dos sapos e das injustiças. Decidi não parar. Em 2020, foram 37 + 1 anos de contrações.

Balanço retorspectivo

ARTISTAS E BANDAS QUE PASSARAM POR ESSA HISTÓRIA

Zezinho Blues, Superfície Animal, A Bomba, Além, Terno Elétrico, Karniça, Submundo Stewart, Mákina du Tempo, Todas as Tribos, Lu Blues, Gil Gilberto, Rogério Duarte, Super Stereo Surf, Misty Mountain, Patrulha do Espaço, Renato Matos, Fluídos no Tempo, Projeto Syd Barrett, Gérson de Veras, Miro Ferraz/Geraldinho/Rogério Águas/Márcio; Barbarella, Rene Bonfim, Machado, Carlinhos Piauí, Paulo Avelino, Ummaghumma, Rolando Rock, Guariroba Blues, Terror Revolucionário, Terror Revolucionário/Podrão; Valdez, Dínamo Z, Superfolk, Curse of Flames, Besouro do Rabo Branco, River Phoenix, Gérson de Veras/Ronaldo Gafanhoto; Beirão Neves, Final Erosion, Diferencial Zero, Dög Savanna, Dino Black/Tiago Rabelo; Stoner Babe, Carajás, Antimácula, Lis Negra, A.R.D., Durangos da América, Byron, Deathwatch, Dark Insanity, Land of Lies, Lincon Lacerda, Balaio de Pérolas, Banda Mais Lama, Beer Head, Maverick’79, Os Merah, Red Zones, Cabelo Duro, Os $alvadores, Protofonia, The Barbiras, Davi Kaus e Os Irmãos Metralha, Zezinho Blues & Yasmin Oliveira, Encontro Racional Tributo a Tim Maia, Cromus, Plusultra, Neuras Planetoides, Cida Carvalho, O Verde, Banda Rock Brasília, Rebel Shot Party, Kábula, Brazilian Blues Band, Paralello Sônico, Sapiens, Téssera, Dualib, Subinstante, Rota 66, Banda Ser, Bosco, Betto Tutu & Izabel, Chagall Lemos/Alexandre Renato; Cleíton Roots/Micherlândio, Say Land Dance, Bacharéis do Rock, Guilherme Almeida, Nenhuma Ilha, Kbça di Praia, Outubro HC, Watchatcha, Laura Beatrys, A-Marte, Zoozoo, Kelton Banda, Marcianita, Barbarian, Malagoli, Pixies Cover, Akústica, Cleiber Motta & A Sociedade dos Primatas Modernos, Walter Muganga, César de Paula, Bartô Blues, Zu Totën, Rapadura, Visão Global, Olivia e Os Brutos, Mariana Camelo, Gugu Barros, Weslei Lima, Maria Sabina e A Peia, Duodemo, Murilo Lima, Enlatado Blues, Edu K & Gérson de Veras, Irmão Victor, Corte Seco, Luca Teixeira, Lud, Metrópole Locomotiva, Felipe Zucco & Blues Band, Osmose, Cascabulho, Indigentes & Indecisos, Fernando Juka, Marcelo Marcelino, Muskga, Sunburst, Paulo Bicko, Eduardo Leal, Sérgio Pinheiro, Renato/Lucky/Tiago; Lya and the Red Strings, Kelton Alex, Lya, Lara Arar, Jack Göd, Toco, Abismo, XXXIII, Alarme, Lucky At Yourself, Diego Sousa, Mariana Camelo/Brenda Kubota, Espírito Zombeteiros, Lucas & Lís, Stivenson Neves Canavarro, Sessão das 10, NMAK, Fernando Guitarra, Roriz, Tacesa, Astrid, Sérgio Pinheiro, HNG, Bala no Alvo, Os Bolas, O Dia D, Iris Gris, Mauro Flores e Os Espinhos, BITT, Tuca Maia, Berinjela, A Palhaça, Duendes Blues, Ticones e a Entidade.

Vídeo Inédito dos Beatles é Disponibilizado na Internet

Living the Beatles Legend – esse é o nome do livro de Mal Evans. Um biógrafo infeliz, que não tinha cópias do original, perdido para sempre desde sua morte, em 1976.

Vídeos inéditos dos Beatles livres para comércio na web

LONDRES, 1º de agosto de 2007 – Vídeos inéditos dos Beatles foram liberados para comercialização na Internet. O sonho de muitos beatlemaníacos foi anunciado nesta quarta-feira, quando o site Mbop disponibilizou para download pago imagens nunca vistas dos garotos de Liverpool.

Segundo o semanário britânico *New Musical Express*, o material foi filmado pelo antigo roadie da banda, Mal Evans, que manteve as cenas em segredo durante décadas.

As gravações incluem apresentações ao vivo, conversas pessoais e momentos descontraídos dos integrantes. Entre as cenas estão os Beatles conversando durante um passeio de barco pelo rio Tâmisa e dando uma volta de carro por Londres na companhia dos Beach Boys. Há também registros dos músicos com integrantes dos Rolling Stones e imagens de Jimi Hendrix tocando na capital britânica.

Mal Evans morreu assassinado em 1976. Sua viúva, Lily, encontrou os filmes no sótão da residência do casal e posteriormente vendeu o material à casa de leilões londrina Christie's. O original foi leiloado naquela semana, e as imagens restauradas foram transformadas em videoclipes pela loja virtual Mbopmegastore.com.

Alguns vídeos foram colocados à venda para download, com autorização dos proprietários do material.

Fontes: *Correio do Brasil*, por Redação, com agências internacionais; *New Musical Express*; ANSA, Londres, 2 de agosto de 2007. © ANSA/Latina. Todos os direitos reservados.

Setembro – Um Dilúvio De Rock'n'roll

Fluídos no Tempo – Barbarella B & René Bomfim

Começamos juntos esse dilúvio de rock'n'roll. Quantos shows foram? Perdi a conta. Guardo especialmente aquele em que quase fomos eletrocutados. No fim das contas, fomos perdendo nossas fontes de energia, e eu precisava gastar cada vez mais a minha em cima de vocês.

Sempre me perguntam: por que você repete tanto as bandas?

Meu caro, talvez seja um plano de fidelidade ou um pacto firmado com o próprio bol$o. Algumas parcerias não precisam de novidades para continuar funcionando. Precisam de volume, cumplicidade e disposição para outra descarga elétrica.

Vamos fazer de novo do rock'n'roll a nossa salvação! Vou descolar um óculos escuros. A jaqueta preta já está no armário, embora agora eu tenha músculos demais na barriga para caber no figurino de antigamente.

Vamos derreter os fios, fazer tremer as caixas e tocar sem medo. Porque ainda há muito barulho para produzir, muita eletricidade para desperdiçar e nenhuma intenção de desligar a tomada.

Só na base da Coca & Bola!

Morre o compositor alemão Karlheinz Stockhausen

BERLIM, 7 de dezembro de 2007 – O compositor alemão Karlheinz Stockhausen, um dos nomes mais influentes da música do século 20 e pioneiro da música eletrônica, morreu aos 79 anos.

A mídia alemã citou sua ex-esposa, Mary Bauermeister, informando que o compositor morreu após uma curta doença, em sua casa, no Estado da Renânia do Norte-Vestfália, no oeste da Alemanha. Segundo comunicado da Fundação Stockhausen, ele morreu na quarta-feira, 5 de dezembro, na cidade de Kürten.

Considerado um dos grandes nomes da música de vanguarda e um dos compositores mais importantes da segunda metade do século 20, Stockhausen deixou 362 obras reunidas em 139 CDs. Suas composições combinavam recursos da música tradicional com experimentações eletrônicas, rompendo com os modelos clássicos da música erudita.

"Qualquer som pode se tornar música se for relacionado com outros sons. Todo som é precioso e pode se tornar bonito se eu colocá-lo no lugar certo, no momento certo", declarou certa vez.

Nascido em 22 de agosto de 1928, em Mödrath, perto de Colônia, Stockhausen compôs algumas de suas principais obras entre 1954 e 1960. Entre elas está *Klavierstücke*, série de peças para piano que explora princípios da música aleatória.

Em *Gesang der Jünglinge* (1956), descrita como um "balé sônico", fez a voz de um jovem se misturar a sons eletrônicos reproduzidos por cinco alto-falantes independentes, cuja disposição era fundamental para a construção das imagens acústicas.

Alcançou grande prestígio na década de 1970, mas continuou produzindo obras importantes. Em *Stimmung* (1968), seis vozes exploram, durante aproximadamente 70 minutos, as possibilidades de um único acorde.

Carreira

No início da carreira, Stockhausen se interessou pela música concreta, gravando sons do cotidiano, distorcendo-os eletronicamente e incorporando-os às composições.

Estudou música, filosofia e literatura na Universidade de Colônia, onde se formou em 1951. Na época, também se aproximou do jazz e tocava piano para pagar os estudos. Mais tarde, frequentou cursos de Fonética e Ciências da Comunicação na Universidade de Bonn, aprofundando seu interesse pelas possibilidades musicais das novas tecnologias.

Em 1952, viajou a Paris, onde estudou com o compositor Olivier Messiaen (1908–1992), professor de importantes nomes da música contemporânea, como Pierre Boulez e Iannis Xenakis. Entre suas primeiras influências também estavam Anton Webern e Arnold Schoenberg.

Ao retornar à Alemanha, em 1953, participou da fundação do Estúdio de Rádio da Alemanha Ocidental para Música Nova, em Colônia, instituição da qual foi diretor artístico. O estúdio se tornou um importante centro de experimentação musical e marcou a trajetória de outros compositores de vanguarda, entre eles John Cage.

Stockhausen desenvolveu uma maneira própria de organizar os sons em suas composições, aprofundando ideias de compositores europeus de uma geração anterior, como Schoenberg, que trabalhava com séries de sons em vez de desenvolver e repetir temas tradicionais.

Em 1981, sua obra *Licht* estreou no teatro de ópera La Scala, em Milão. O ciclo combinava música solo e orquestral, recursos eletrônicos e concretos e elementos de mímica, consolidando sua presença também nos círculos tradicionais da música clássica.

Sgt. Pepper e o rock

A influência de Stockhausen ultrapassou os limites da música erudita. Nos anos 1960, teve papel importante no movimento Fluxus, que buscava romper as fronteiras tradicionais entre arte e sociedade. Trabalhou em Nova York com artistas de vanguarda como Nam June Paik e Allen Ginsberg e também desenvolveu interesse pelas artes visuais.

Os músicos de rock fizeram parte de sua trajetória. Stockhausen esteve entre as personalidades retratadas na capa de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967), dos Beatles, um dos álbuns mais emblemáticos da história do rock.

Na década de 1970, começou a trabalhar no monumental ciclo de óperas *Licht* (*Luz*), dividido em sete partes, cada uma dedicada a um dia da semana. A apresentação integral aconteceu em outubro de 2004. Com duração superior a 29 horas, a obra é considerada uma das composições mais extensas da história da música.

Fontes: Reuters, reportagem de Madeline Chambers, publicada em *O Estado de S. Paulo*, 7 de dezembro de 2007; France Presse, publicada no G1, 7 de dezembro de 2007.

2008 – ROCK, MEMÓRIA E PERSONAGENS

5 DE ABRIL – 40 ANOS DE ZÉANTÔNIO

Estive na festa dos 40 anos de Zéantônio. Ele vestia a camisa vermelha oficial do Fluminense e estava todo feliz com o telefonema de Cicinho.

Zéantônio teve direito a dois bolos e a canções populares de rimas dúbias: "Vou comer o seu bolo...". Lá conheci sua companheira e vice-versa, além do tio Braga, um evangélico que tocou nossos corações. Legal mesmo foi conhecer o amigo de Ponta Porã (MS) que Zé trouxe.

Na mesa-redonda havia até o jornal *Hora do Povo*. Soltei um comentário: furaram o firewall da Casa Civil? Dilma está mais para Palocci?

Celsinho, acompanhado do filho Pedro Ivo – que também completava 17 anos naquela mesma data –, falava de seu Náutico e cantava sambas, acompanhado por Paulo Avelino. Este movia uma nota de desagravo contra o som *fake* do forró que sonorizava o ambiente do CEDEC. Fora forró fajuto! Fora breganejo! Eu queria ouvir Led Zeppelin, mas Paulo repudiou também.

Em Brasília, naquele sábado, o clima era de Verão do Amor. Os alunos estavam amotinados na reitoria da UnB. Completavam-se 40 anos da morte de Martin Luther King e, providencialmente, na casa de Zéantônio, ele colocou para rodar um DVD do *Monterey Pop*. Ficamos assistindo àquela aula de cinema.

Antes, um dos carros que transportavam os bagulhos na volta para casa foi parado numa blitz. O episódio custou 150 mangos...

E o amigo de Ponta Porã que fazia fumaça foi embora.

6 DE ABRIL – OZZY EM BRASÍLIA

Ginásio Nilson Nelson

Casa lotada: 10 mil pessoas foram abençoadas por Ozzy Osbourne e pelo rock'n'roll.

Naquela terça-feira – conforme minha anotação –, o Sepultura mandou muito, talvez mais que o anfitrião. Tocou os clássicos "Arise", "Refuse/Resist" e "Roots, Bloody Roots", este último me agradando mais do que o normal.

Pontualmente às 21h30, Ozzy subiu ao palco. Sua voz incrível e potente, a excelente forma física, a energia, o timbre, a vivacidade e a agitação impressionaram. Era o mesmo Ozzy de sempre, com uma pistola em punho, baldes de água e espuma sobre o público e muita disposição para dissipar o empurra-empurra diante do palco. Assisti ao show pelo telão.

O mais incrível era estar ali na companhia de Virgílio, meu filho de 18 anos, e do amigo dele, Artur, da mesma idade. Trinta anos depois do fanzine *Sleeping Village*, que eu editava muito antes do Rock in Rio, estava dividindo aquela experiência com a geração seguinte. Para mim, era um sonho que caiu do alto.

O show começou com o poderoso riff do clássico eterno *Bark at the Moon*.

– Quero que vocês enlouqueçam!

Ozzy bradou para a empolgação geral dos novos e velhos admiradores do heavy metal. Na sequência, anunciou uma canção de seu trabalho mais recente, a empolgante "Let Me Hear You Scream", que levantou ainda mais os brasilienses com seu refrão pesado e pegajoso.

A interação com o público foi uma das marcas da apresentação. Ozzy estimulava a plateia a gritar cada vez mais alto:

— Não consigo ouvir vocês, porra! Mais alto!

Repetia a provocação em várias oportunidades, levando os fãs ao delírio. Ozzy gostou muito do público de Brasília. Estava seguro e feliz, assim como a plateia.

No meio do concerto, apresentou os músicos da banda, que deram um espetáculo à parte. O guitarrista Gus G. exibiu um solo que deixou o público boquiaberto, chegando a tocar o conhecido choro "Brasileirinho" com uma roupagem inteiramente rock'n'roll. O baterista Tommy Clufetos também levou os fãs ao delírio com sua performance.

A galera, animada até nas arquibancadas, cantou em uníssono "Mr. Crowley", do primeiro disco solo de Ozzy. Também vibrou com os clássicos do Black Sabbath, "War Pigs" e "Iron Man", além de "Shot in the Dark" e "Paranoid", que encerrou a apresentação.

Ao final, o Príncipe das Trevas agradeceu ao público:

— Deus abençoe vocês. Obrigado por virem!

O show terminou por volta das 23h10. Era a terceira apresentação da atual turnê *Scream*, conforme o registro da época.

MUITOS CONSIDERARAM ESTE SHOW UM DOS MELHORES DE SUAS VIDAS!

Gabriel Martins:

"Curti o show. Achei o contrabaixo um tanto inaudível e aquela enorme bateria pouco utilizada. Também achei que rolou um playback básico: quando Ozzy ia falar com o público, sua voz estava rouca demais, mas ele voltava a cantar normalmente logo em seguida. Em 'War Pigs', também deu um certo eco, com a voz meio atrasada, e deu para perceber o playback. Mesmo assim, o show consegue ficar entre os melhores a que já fui."

Kelley:

"Sou muito fã do Mr. Ozzy! O show foi fodástico! Maravilhoso, sem dúvida o melhor show da minha vida. O Madman mandou bem demais e o Gus G. solando 'Brasileirinho' é muito massa. O solo do batera empolgou a galera. Além de assistir a esse show lendário, levei para casa uma baqueta do Sepultura e uma palheta que o Gus G. jogou para a galera que estava na grade. Inesquecível!"

17 DE ABRIL — BOB DYLAN EM BRASÍLIA

Ginásio Nilson Nelson

Até hoje, não acredito realmente que vi Dylan. Foi surreal de ser visto.

SETLIST

1. Leopard-Skin Pill-Box Hat
2. Don't Think Twice, It's All Right
3. Things Have Changed
4. Tangled Up in Blue
5. Beyond Here Lies Nothin'
6. Simple Twist of Fate
7. Summer Days

8. Spirit on the Water
9. Honest with Me
10. A Hard Rain's A-Gonna Fall
11. Highway 61 Revisited
12. Blind Willie McTell
13. Thunder on the Mountain
14. Ballad of a Thin Man
15. Like a Rolling Stone
16. All Along the Watchtower

Bis: Rainy Day Women #12 & 35

O DIA EM QUE VI BOB DYLAN

Depoimento de Kelton Alex

Sou fã desde criança, desde 1998, quando minha tia comprou o CD da série *Bootleg*, volume 4, e aquilo me atingiu como um soco no estômago. A primeira música que tentei tocar também foi dele: "Blowin' in the Wind".

Nunca sonhei com Dylan, mas sempre desejei conhecê-lo, assisti-lo num show — presencialmente, como se diz depois do digital —, ouvi-lo cantar na minha frente, mesmo que não fosse só para mim.

Lembro perfeitamente daquele dia. Eu fazia pré-vestibular. Na véspera, comemoramos o aniversário do Hélio, um amigo e companheiro de música que, se você não conhece, deveria conhecer. Superfigura. Saí sozinho da festa com meu ingresso de pista para um show que nem eu acreditava que iria acontecer.

Na época, havia cartazes colados em várias paradas de ônibus, com aquela fotografia dele, de bigodinho, a cara que mantém há anos — ou que, na nossa cabeça, parece manter. Fui sozinho ao Ginásio Nilson Nelson. Um dia como outro qualquer, no meio da semana.

Eu tinha furado as orelhas dias antes. Conversei com algumas garotas jovens. Mas também era um dos mais novos: tinha 19 anos. Surgiu uma mulher ao meu lado, igualzinha ao Dylan! O mesmo corte de cabelo e o figurino de 1966!

O show começou sem atrasos.

Dylan é um cara que não conversa, e isso quase todo mundo já sabe. Suas únicas falas eram: "Good evening", "Good night" e um "Thank you" eventual, quando terminava uma música.

O show, com quase duas horas de duração, foi acompanhado por uma banda. Ele abriu os trabalhos com "Leopard-Skin Pill-Box Hat". Pode parecer estranho dizer isso, considerando nossa paixão pela música daquele sujeito ali, diante de nós, mas as canções só eram reconhecidas pela letra. Cada uma recebia uma versão bastante diferente.

Em algumas, vinha acompanhado de uma banda carregada de blues pesado e seco. Em outras, como um virtuose descolado, executava versões melosas, com jeito de jazz antigo. A música que mais me tocou foi "Simple Twist of Fate". Chorei.

Quando soprava a gaita, dispensava o velho suporte. Na maioria das canções, tocava teclado, mas em algumas pegava uma de suas guitarras.

Uma voz cansada, rouca, quase enigmática nas palavras, mas com uma performance poderosa. Não estranhei o piano: já conhecia o lance porque tinha assistido aos vídeos. Já conhecia o show dele. Nada foi surpresa para mim, apenas para quem não acompanha Dylan.

Ele parece apático, mas é apenas seu jeito tímido de ser. Sempre com um sorriso doce, sem precisar dizer palavra alguma.

Na época daquela turnê, uma revista técnica especializada em iluminação de palco destacou que a iluminação do show havia sido premiada. A estética era minimalista: apenas uma projeção de luz sobre aquelas figuras pequenas, transformadas em gigantescas sombras na cortina do palco.

Lembro que o ginásio estava bem vazio.

O show correspondeu às minhas expectativas e deixou um gosto de quero mais. Aconteceu num flash, e isso me deixou *blue*. Parece que não tive a chance de apreciar Dylan. Mas acho que, exatamente por isso, foi massa.

Depois do show, começou uma odisseia. Eu sabia que ele estava hospedado no Hotel Meliá Brasil 21, mas essa informação não bastava para conseguir vê-lo. Ninguém conseguiu. Ele sumiu, sem deixar pistas nem rastros.

Segui para a rodoviária, frustrado, segurando a capa do disco *New Morning*, que havia levantado durante o show.

Voltei ao Guará no corujão, às três da manhã.

Eu tinha vídeos e imagens, mas já não tenho meus registros pessoais. Na memória, ficou muito mais do que um show: todas as emoções que passei sozinho. Toda a odisseia.

Através das lentes que se trocam com o tempo, todos esses anos depois continuo observando Dylan. Obcecado. Ele é um enigma para mim. Nunca vou entendê-lo.

DEPOIMENTO DE DAGMAR DO CARMO

Esperei tanto, com muita ansiedade, para vê-lo, mas acabei chegando um pouco atrasada e o show já tinha começado. Não restava nenhum lugar mais próximo e tive que me contentar em ficar na lateral, aproveitando o máximo possível. Afinal, era Bob Dylan, um dos meus artistas favoritos.

Ele me trouxe as informações mais importantes para minha formação pessoal. Eu realmente gosto dele. Acho que chorei durante o show. Muita emoção, gente!

Cheguei atrasada e nem sei se vou vê-lo novamente, mas o que importa é que tive essa oportunidade única na vida.

O que me deixou especialmente impressionada foi a organização. Na minha frente havia um garotinho com a mãe. Em determinado momento, percebi que ele tinha algum problema nas pernas. Fiquei muito emocionada ao vê-lo ali, tão feliz e atento, cantando e se balançando.

Depois vi algumas gravações e, num registro, percebi um fã numa cadeira de rodas, no meio da plateia, muito feliz. Pensei que a organização poderia ter sido mais cuidadosa: essas pessoas mereciam estar mais seguras. Estava muito cheio. Mesmo sem haver violência num lugar desses, acho que, pelo preço tão alto dos ingressos, deveriam existir espaços especiais para que essas pessoas pudessem assistir ao espetáculo com mais segurança e um ângulo melhor.

A voz de Dylan, naquele som, me lembrou a de Tom Waits. Apesar de não ter o mesmo fôlego com a gaita, continua com a mesma energia.

E falar sobre a emoção de ver meu nome impresso no ingresso! Isso era obrigatório para registro e identificação do público. Ele é um fofo!

20 DE ABRIL – PLEBE RUDE RECEBE O TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE BRASÍLIA

A Plebe Rude recebeu o título de cidadão honorário de Brasília.

No mesmo ano, lançou o CD e DVD *Rachando Concreto: Ao Vivo em Brasília*, uma retrospectiva musical da carreira do grupo. O álbum concorreu ao Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Rock Brasileiro.

REVISITANDO O ROCK CANDANGO

Antes da Legião Urbana, havia muita história. E nem sempre a memória do rock brasiliense começa onde alguns pesquisadores gostariam que começasse.

Não havia disputa entre aqueles conjuntos. Os Infernais, por exemplo, costumavam dividir fraternalmente os palcos da TV Brasília e da TV Nacional com Os Primitivos. Os Infernais gravaram um compacto simples e um duplo. Os Geniais abriram, em 1966, um show de Roberto, Erasmo e Wanderléa.

Os LPs dos cantores e grupos – a expressão banda ainda não era utilizada – disputavam com os discos dos Beatles um espaço nobre nas prateleiras da Discoteca Paulistinha.

Antes da Legião Urbana existiram John Lennon, The Byrds, Sid Vicious e Ian Curtis. Uma pequena fábula do rock. Para mim, rock era O Terço e Mutantes. O 14 Bis foi uma decepção, porque a gente ainda não entendia o plantel das gravadoras. Robertinho de Recife, Baby e Pepeu, A Cor do Som e Roupa Nova eram o rock das multidões.

Em Brasília, havia o guitarrista Anapolino e o grupo Matuskelas, com LP na praça. Jorge Antunes chamava a atenção pelos seus discos exóticos. Existia também a Banda Grande Circular, com Aristides, fazendo um rock mais progressivo, com raízes brasileiras, trabalho desenvolvido por Tellah desde 1975. Aliás, ele lançou um dos primeiros discos de rock independente do Brasil.

Brasília revelou uma fina flor de instrumentistas reconhecidos mundo afora.

Desde 1977, os moleques estudavam pelas revistinhas *Vigu*. A Giannini lançou uma Stratocaster envernizada, com estojo branco e alavanca. Marciano Sodomita, Ligação Direta e Mel da Terra estiveram em todas, com LP de sucesso nacional. Em Sobradinho existia a Feto Podre, uma banda comum de rock, meio Janis Joplin, meio Rolling Stones.

O Aborto Elétrico surgiu em 1979, para desespero dos paulistas que não aceitam essa história saída de manchete de jornal.

Os colegas, ainda estudantes, começaram a aprender seus instrumentos e a ganhar festivais, como o FICO. Os músicos do Guará eram bons na linha do chorinho e da MPB.

No biênio 1981-82, esses ex-estudantes formaram Extremo, Fusão e Nirvana. Se a história tivesse ficado apenas no Aborto Elétrico, como aconteceu com a maioria, alguém se lembraria de Renato Russo?

Consulte o catálogo da Ordem dos Músicos e veja quantos nomes estão lá.

Disco punk novo não saía por aqui. Tudo vinha da televisão americana: Devo e outras novidades. O rock pesado, no Brasil, ganhou força também em português com o Sepultura. Antes do Wham!, que foi um dos grandes sucessos daquele biênio, o pioneirismo estava em lançar compactos duplos de punk rock.

O revisionismo de alguns alunos da Comunicação do IESB é tão gritante que daqui a pouco só falta afirmarem que Renato Russo desenhou Brasília.

"Muitas vezes, o revisionismo e a simplificação são sintomas de preguiça que alguns pesquisadores têm para não fazer uma investigação acurada."

(Aroldo José Marinho)

MARÇO E ABRIL – CHARLES MANSON: JAIL ROCK

Em março de 2008, a televisão noticiou que Charles Manson poderia ser responsável por outros assassinatos cometidos no mesmo período, mas não relacionados aos crimes da chamada Família Manson. A Califórnia também rejeitou um pedido de liberdade do condenado.

Em abril, surgiu a notícia de que Manson havia gravado um álbum na prisão e o distribuído pela internet.

Jail Rock: Charles Manson lança álbum na prisão.

Segundo notícia publicada em 9 de abril de 2008, o álbum *One Mind* era descrito como uma obra de folk e esquizo-soul. Depois de Radiohead e Nine Inch Nails, Manson aparecia como mais um nome a distribuir música pela internet.

O assassino já havia chamado atenção com "Look at Your Game, Girl", posteriormente regravada pelo Guns N' Roses quase vinte anos depois.

Responsável pelo assassinato de Sharon Tate, mulher do cineasta Roman Polanski, grávida na época, e de outras quatro pessoas, Manson gravou o disco na prisão californiana onde cumpria pena perpétua. Também teria participado do projeto gráfico. A gravação teria sido feita em sua própria cela, com um gravador portátil.

O verdadeiro *jail rock*!

7 DE JULHO – EZEQUIEL NEVES: A LÍNGUA SOLTA

A semântica de Ezequiel Neves era intransferível, intransponível e impossível de apropriar. Foi o crítico rocker mais descaracterizado de todos. Curtia os bardos, de Dylan a Lou Reed. O homem conhecia todos os becos do rock'n'roll.

Eu o chamaria de bicha elétrica. E foda-se!

Muitos achavam que ele deveria morrer de boca fechada, mas caiu na besteira de falar de suas orgias romanas e de quantos caras havia comido numa única noite. Era insaciável. Ou fodia ou escrevia.

Foi minha maior influência no sentido de ser desbocado e impetuoso. Não escreveu autobiografia. A Globo não o pagou. Desconheço se deixou textos teatrais. Mas, quando vejo sua fotografia, a língua fica solta!

Evoé, Ezequiel!

2008 – NUNCA HAVERÁ ALGUÉM COMO ZÉANTÔNIO

De doidão, nós nos entendemos. Pense em traquinagens, loucuras, caixas para abrir e desmontar. Deveríamos montar uma empresa. Sem medo: são uns 25 anos de loucura, da mais gosmenta e aderente, uma loucura que gruda na pele e não sai nem com água sanitária.

Por onde passamos, fodemos tudo pelo caminho, estouramos pneus e curtimos com a cara de todo esse establishment, principalmente o do Plano Piloto. Gostávamos de aprontar

na capital: fumar maconha dentro da Tendinha, uma boate no Hotel Nacional; mijar na mangueira do Beirute, ali pertinho das mesas; ser expulsos de todos os eventos políticos e culturais da cidade.

Assim era a roda da alta sociedade do Conic. E não precisa ninguém me contar essa história: eu mesmo conto.

Alguns poucos arretados incorporaram o espírito beat. Tenho certeza de que nós também vomitamos como eles.

Para minha filha, "Carlinho$ foi o terror da infância dela".

Acabei de receber vários telefonemas, ao som de um rockão do Slade, com Zéantônio completamente louco, berrando:

— Carlinho$ Guismarães! Carlinho$ Guismarães!

Vão me tirar as polegadas e até o sonho, mas não a satisfação de ter vivido alucinadamente aquilo que eu escrevia.

2 DE AGOSTO — A MÁQUINA DE MARILANGE

Uma fotografia rara da Máquina de Marilange. Zezinho Blues, o cachorro, olhava para a tua lupa e ficava rosnando.

Detalhe: foi a última apresentação com essa caixa, que acabou estragando.

Estávamos promovendo um tributo a Raul Seixas em vários pés-sujos. Cheguei ao Riacho Fundo e havia uma mesa separada com meu nome. Também me deram uma camiseta. Ficaram com ciúmes:

— Quem é o cara?

A banda começou e todo mundo ficou doido. Era um lugar que metia medo.

O ROLÊ NA CAPITAL — BEIRUTE, 109 SUL

Luzes acesas. Produção de Paulo Iolovitch para o programa de televisão *Cênicos*.

UMA NOITE DE NATAL E AS CONEXÕES DO PINTOR DE ENTREQUADRAS

Ainda naquela noite de Natal, conheci Roberta, que falava animadamente sobre os quadros de Paulo Iolovitch pendurados nas paredes da nossa casa.

Ela também tinha seus elos com Paulo Iolovitch. Ele, o *Pintor de Entrequadras*, vai criando conexões entre pessoas, obras e histórias.

Roberta havia editado a entrevista de Paulo para o programa de televisão *Cênicos*. Na edição, utilizou imagens do meu documentário *Paulo Iolovitch, o Pintor de Entrequadras*. E havia mais uma conexão: ela também trabalhara no documentário *Eu Sei Tudo Através de Outros Homens*, dirigido por Adriana Lodi em 2006, sobre o mesmo artista.

Assim, de elo em elo, o *Pintor de Entrequadras* continua aproximando pessoas e entrelaçando histórias. Até numa noite de Natal, a memória da arte encontra novos caminhos.



(Foto: Photoman)

2009 – O ano do cavalo doido

2009 foi um ano de afirmação, encontros, festivais, perdas, descobertas e algumas desilusões. O Do Próprio Bol$o continuava funcionando como posto de observação da vida cultural, com a calçada do comércio da QE 32, no Guará 2, servindo de território para acompanhar personagens controversos, acontecimentos da cidade e histórias que mereciam escapar do esquecimento. A velha Olivetti permanecia em serviço.

A gênese do projeto voltava ao traço de caneta Bic de Edvar Ribeiro, às guitarradas de Cécé, às ações da UVA, às primeiras festas de reggae no Guará 2, aos filmes em Super-8 e aos encontros com amigos mais velhos. Também fazia parte dessa trajetória o trabalho cultural com crianças da Estrutural, que começavam a conquistar reconhecimento por suas produções literárias e artísticas.

A missão continuava sendo a mesma: **RECONSTITUIR O DELÍRIO RACIONALMENTE!**

Era também um período de intensa movimentação musical, pesquisa de arquivo, interesse pelo cinema e posicionamento diante das relações entre arte, mercado e independência. Entre as histórias daquele ano, algumas merecem lugar especial neste memorial.

15 DE AGOSTO – WOODSTOSKO: UM FESTIVAL À MARGEM DO GRANDE FESTIVAL

Woodstosko nasceu para celebrar os 40 anos de Woodstock, mas também para provar que era possível fazer um festival independente com pouco dinheiro, muito trabalho e disposição para enfrentar imprevistos.

Houve reforma do piso de madeira, pintura, jardinagem, montagem de palco sobre um caminhão, barracas, Kombi e duas fogueiras. Eu fazia fogueira até no carrinho de mão. O caminhão, pintado pelas irmãs Campanella, Ana Luíza, Rosângela Menezes e outras pessoas próximas, virou palco e obra coletiva.

Participaram Valdez, Barbarella, Terror Revolucionário, Guariroba Blues, Zezinho Blues e Lu Blues. Também estiveram envolvidos Robson Gomes, Fellipe CDC, Rolando Castello Júnior, Thomé, Marta Benévolo, Podrão, André Viegas e Carlos "Barata", entre outros.

O festival exigiu muito mais do que organizar uma sequência de apresentações. Havia horários a cumprir, convidados que não correspondiam às expectativas, vizinhos a respeitar e a Lei do Silêncio impondo seus limites. Quando o segurança contratado não apareceu, assumi a função. Depois de sete horas de som, terminei exausto.

O encerramento com um trecho do *Bolero de Ravel*, tocado em flautas doces, foi um contraponto inesperado à barulheira do rock.

A experiência deixou boas imagens: a pintura, a barraca, a Kombi, as fogueiras e aquele caminhão transformado em palco. Mas também deixou uma conclusão.

Foda-se a rainha da Inglaterra! Não havia um único lugar para tocar o rock que era feito aqui, que tivesse uma mínima estrutura.

Dez anos depois, já não tinha o mesmo entusiasmo por fazer rock em cima de caminhão. Aprendi alguma coisa. Tenho certeza de que, se alguém se metesse a repetir a experiência, logo privatizaria o espaço, cobraria das bandas, venderia cerveja e, antes de terminar a noite, a polícia levaria todo mundo.

Antigamente, quando ainda respeitava o público, fazia de conta que ouvia as ideias. Hoje, já pergunto: quando foi a última vez que você viu uma banda underground? Quando foi que pagou o cachê desses músicos?

Aí vem uma torrente de ideias e forçação de barra, até chegar a hora de perguntar: mas que porra, quem é o produtor aqui? O que você sabe de produção? Sabe o que é pressão?

E se repete aquela competição absurda entre gente que não faz porra nenhuma e vive com o rei na barriga.

Rock, eu quero que se foda!

A única certeza: Woodstosko não se repetirá em condições amadoras.

21 de agosto – Lu Blues na lente intacta de Sandro Alves.

MARAVILHAS E MARAVALHAS DA VIDA

Em um dia qualquer, recebi de uma amiga alguns presentes que envolviam também o transporte. Meio perdido em meio a tanta coisa, apelei para o vizinho e perguntei: "Que tal irmos lá buscar os objetos?" Entre eles havia um ar-condicionado grande, barulhento e bastante gastador de energia, além de um imenso tapete verde, praticamente um carpete.

O vizinho resolveu instalar o ar-condicionado no quarto dele e, como ainda me lembro, pedi o tapete emprestado. Coloquei-o sobre o tablado, cobrindo a grama do palco-caminhão. Os roqueiros, com seus bambas, dançavam freneticamente e tocavam guitarra ao redor. Em determinado momento, o tapete foi retirado para ser lavado e, algum tempo depois, voltou ao seu lugar.

Até que, numa temporada de chuvas, ficou encharcado. Pesado, já não dava conta do recado. Quando tentamos retirá-lo, rasgou-se. Foi seu descanso definitivo: não teve volta. Mais tarde, o vizinho perguntou pelo tapete, e respondi: "Já tinha apodrecido." Ele não ficou muito satisfeito. Fazer o quê? Afinal, eu não lhe devia nada.

Anos depois, o mesmo vizinho perguntou se eu queria umas cadeiras de vime. De imediato, achei a ideia meio cafona, mas imaginei que poderiam ficar na churrasqueira, para nos sentarmos ali, numa espécie de cena do personagem Painho, do comediante Chico Anysio. Só depois percebi que havia um detalhe: o homem queria me vender as cadeiras! Agradeci educadamente, como se estivesse recebendo uma oferta de presente, embora já tivesse entendido que ele tentava me empurrar aquelas poltronas.

Essas situações acontecem comigo com certa frequência. Acabo presenteando as pessoas com o que tenho: eletrônicos, sapatos, casacos, gibis, livros... Não me incomoda. O curioso é que, quando alguém se lembra de mim, geralmente aparece com alguma coisa para vender.

Não acho que estejam errados, muito menos que eu esteja certo. São maneiras diferentes de lidar com aquilo que temos e com aquilo que podemos oferecer. Há quase 18 anos, abro as portas da minha casa para receber pessoas, servir bebidas e compartilhar o melhor do rock. Não me arrependo de nada. Fica apenas a observação sobre esse egoísmo cotidiano que, de vez em quando, se manifesta nas relações mais banais.

Até um tapete emprestado pode render uma história.

23 DE MARÇO –

ROLANDO NA 407 SUL

UMA TARDE COM ROLANDO CASTELLO JÚNIOR

23 de março de 2009 – Brasília

– Você foi comedido!

Foi o comentário de Rolando Castello Jr. a Mário Pazcheco, a propósito da matéria recente. De Rolando para Pacheco: *Fields Forever!*

Segunda parte!

Brasília estrangulada e algemada, sob um céu seco. No zoológico, animais medrosos; a desertificação avançava pelos corredores rodoviários.

Passei a última tarde chapado, folheando um mar de *Hit Paraders*, *Circus* e várias *Creems*. Revistas musicais americanas da década de 1970. Não navegava solitariamente: no leme daquela viagem estava o capitão Rolando Castello Jr., fazendo intervenções precisas.

Tudo era telepático! Tudo era informação. Passei a tarde enfurnado, com a fuça enfumaçada, entre dezenas de livros sobre rock e Beatles.

No livro que todo beatlemaníaco deveria ler, encontrei uma fotografia do *Mad Day*, de 1968. John Lennon aparece ao lado dos Beatles, com as bases das palmas das mãos juntas e um risinho. Lennon tirava onda de santo. A fotografia foi feita diante da Catedral.

Em outro volume, *As vidas de John Lennon*, de Albert Goldman, o título do último capítulo era punk: **Bang Bang, você está morto!** Um livro de fofocas cruel e delicioso.

Se você me perguntar se existem gravações inéditas de Arnaldo Baptista com a Patrulha do Espaço, admito que sim. Existem, mas ainda não foram ouvidas por falta de um gravador de rolo!

Passei a tarde conversando também com Marta Benévolo, companheira de Rolando, que me dispensou tratamento VIP. Naquele momento, Rolando concedia uma entrevista pelo Orkut.

– Não me chame de Júnior. Me chame de Rolando. Eu passei dos 40 e não gostaria de ser confundido com o Júnior, irmão da Sandy!

A entrevista prosseguiu enquanto eu passava os olhos por dezenas de fotografias, slides e até imagens da infância daquele honrado personagem: um dos últimos operários do rock brasileiro.

VINIS

Rolando me mostrou o raríssimo LP de capa dupla de Billy Bond e a Turma da Pesada. Disse que valia umas 800 pratas!

Orgulhosamente, sacou também um exemplar de *Grand Funk*, da capa vermelha, edição original americana, com o selo verde da Capitol. Uma preciosidade presenteada por Bento Araújo, editor da revista *Poeira Zine*.

SÍNTESE DA CONVERSA ÚTIL

Restringir o foco... entender o modelo que você alimenta. Nunca é tarde para ver as coisas.

QUASE BAD TRIP

Estávamos nos despedindo, na 407 Sul, quando Rolando me alertou:

– Cuidado com os sequestros-relâmpago!

Naquele instante, um pivete passou correndo, seguido por outros dois jovens vestidos com roupas de escola. A vizinha, testemunhando a movimentação, avisou:

— É o segundo assalto hoje!

A tarde de descobertas musicais terminava com uma dose de realidade brasiliense. Entre raridades fonográficas, histórias dos Beatles e gravações inéditas ainda esperando um gravador de rolo, a cidade tratava de lembrar que também tinha seus próprios ruídos.

Rolando na 407 Sul: uma tarde de rock, memória, informação e quase bad trip.

22 DE MAIO

REINER WERNER FASSBINDER, O CINEASTA MAIS FASCINANTE

Um ensaio de admiração e investigação pessoal. A descoberta de Fassbinder começou com o livro *As lágrimas amargas de Petra von Kant* e avançou pelas biografias de Harry Baer e Robert Katz.

O cineasta alemão deixou uma produção extraordinária, com 43 filmes, métodos particulares de direção e uma relação intensa entre vida e obra.

O texto ainda se permitia imaginar um encontro entre Fassbinder e Glauber Rocha na Alemanha dos anos 1970. Uma hipótese sem documentação conhecida, assumida como exercício de imaginação, não como fato histórico.

Fassbinder representava um cinema de inquietação, experimentação e confronto. Não era apenas uma resenha cinematográfica: era também uma maneira de investigar os artistas que transformam suas próprias contradições em linguagem.

22 DE MAIO — BEATLEGS!

Uma fita cassete de Johnny and The Moondogs, gravação ao vivo na Suécia, em 1963, abre a investigação sobre o universo dos *bootlegs* dos Beatles.

Registros clandestinos de shows, transmissões de rádio e televisão, sobras de estúdio, lados B e versões alternativas: um universo paralelo à discografia oficial.

Boa parte daquele ano foi dedicada à busca diária dessas gravações na internet. Havia ainda o problema da preservação. Arquivos desapareciam, serviços gratuitos de hospedagem apagavam conteúdos e aquilo que parecia disponível para sempre podia sumir de uma hora para outra.

Era a passagem da coleção física para a pesquisa digital: fitas, vinis piratas, downloads, arquivos voláteis e a generosidade dos fanáticos que compartilhavam gravações raras.

18 DE OUTUBRO — ARTE & CINISMO

Um dos textos mais diretamente ligados à minha visão sobre a produção cultural independente.

A discussão passava pela desvalorização do trabalho artístico, pela dependência de galerias e editores, pelo artista obrigado a negociar sua criação para sobreviver e pelas bandas que desconheciam a própria tabela de cachês — ou ainda pagavam para tocar.

Também entravam em questão as relações entre artistas, empresários, curadores e colecionadores, além da apropriação da imagem e da obra de quem produz.

A crítica era dirigida à ideia de que o trabalho independente deveria estar sempre disponível, barato ou gratuito. Uma confusão conveniente para quem consome a produção alheia sem reconhecer o esforço de quem a realiza.

O fecho não precisava de explicação:

“Decreto: artistas frustrados fazem a melhor arte do mundo.”

18 DE OUTUBRO — WALY SALOMÃO: RESISTÊNCIA ANTROPOFÁGICA

Waly Salomão aparece como poeta, produtor, interventor, agitador, entrevistador, letrista e editor. Um personagem que escapava às classificações e atravessava territórios artísticos sem pedir licença.

O texto recupera sua amizade e cumplicidade com Hélio Oiticica, a experiência de *Me segura qu'eu vou dar um troço*, a parceria com Jards Macalé e a criação de canções como “Vapor Barato” e “Mal Secreto”.

Waly era uma espécie de resistência antropofágica: absorvia referências, desmontava convenções e devolvia tudo transformado. Um artista impossível de acomodar numa única prateleira.

31 DE MARÇO — PAULO TOVAR, UMA CARTA ABERTA

Uma carta de Joanfi, escrita depois de uma visita a Paulo Tovar, em Catalão, quando ele enfrentava um tratamento difícil contra a doença.

Joanfi e Joka Pavaroti encontraram Paulo debilitado, sem conseguir falar, mas ainda sorridente e emocionado com a presença dos amigos.

O relato recuperava os abraços, as lembranças e as brincadeiras sobre o concurso de música do Pacotão. Havia também a tentativa de devolver a Tovar um pouco da energia que ele sempre dedicou à música e aos amigos.

Um documento de amizade e solidariedade. A memória de alguém que continuava presente mesmo quando já não conseguia participar da conversa.

SETEMBRO — LAURINHO, UM CARCARÁ DO ALÉM

Uma homenagem de Paulão de Varadero a Lauro Fernandes, integrante dos Carcarás, grupo de motociclistas que circulava pelo Brasil havia quase 30 anos.

Cinegrafista e iluminador de filmes rodados em Brasília, servidor público aposentado, Laurinho aparece como figura boêmia, solidária, festeira e destemida.

O texto recupera a convivência nos bares e cafés da Asa Norte, especialmente entre as quadras 408 e 409, e a amizade construída em torno de conversas, política, música e liberdade.

NOVEMBRO — 24 ANOS, 24 HORAS E UM REENCONTRO COM ZECA

Fazia quase 25 anos que não nos encontrávamos! Fui reencontrar o Zeca num lugar onde jamais imaginaria dar de cara com ele. A vida tem dessas coisas: esconde os personagens da nossa história durante décadas e, quando resolve devolvê-los, não avisa, não manda convite nem fornece roteiro.

Naquele dia, rolou uma espécie de dança mangue beat. Fiz de conta que a dança não era dirigida a mim, embora o disse-me-disse tratasse de deixar tudo muito claro. Em algum momento, ouvi a provocação:

— Nem consegue encará-la dançando...

He, he, he! Rock’n’roll, candomblé e fofoca: uma combinação de ritmos, olhares atravessados e comentários de bastidores. Brasília também sabe produzir seus próprios rituais, e nem sempre é preciso entender a coreografia para participar do espetáculo.

Mas o acontecimento mais incrível daquela noite foi reencontrar o Zeca e, junto com ele, os seus LPs. Demoramos a nos reconhecer. Eram quase 24 anos de distância, embora, por algum capricho da memória, parecessem 24 horas. O tempo havia passado, as vidas tinham seguido caminhos diferentes, mas os discos continuavam ali, guardando alguma coisa daquela velha cumplicidade.

Há reencontros que dispensam grandes discursos. Basta olhar para uma coleção de vinis, reconhecer uma capa, lembrar de uma conversa antiga. De repente, o passado deixa de ser uma data distante e volta a girar na vitrola da memória.

No ano seguinte, veio outra surpresa: Sueli me presenteou com um álbum triplo nacional do Led Zeppelin, o *Remasters*, que fazia parte da coleção do Zeca e de que gosto muito.

E assim, entre uma dança suspeita, o reencontro inesperado e três discos de Led Zeppelin, a história ganhou mais um capítulo. Porque o rock'n'roll tem dessas magias: a gente pode passar quase um quarto de século sem encontrar alguém, mas basta um encontro para descobrir que certas histórias nunca foram inteiramente interrompidas.

24 anos depois, Zeca, os LPs e o velho rock'n'roll voltaram a tocar.

11 DE DEZEMBRO — PAULINHO BACALHAU E OS ETERNOS BEBEDORES

Um registro curto, mas de grande valor afetivo. A notícia da morte de Paulinho Bacalhau aparece no meio de uma sequência de perdas: Mangueira Diniz, Paulo Tovar, Laurinho e outros companheiros.

Sem cerimônia, a lembrança é a do sujeito que entendia de futebol, cerveja gelada e amizade.

A imagem de Bacalhau como um goleiro de gols e de goles é uma síntese bem-humorada de sua personalidade.

OUTROS FRAGMENTOS QUE COMPLETAM 2009

Além dos episódios autobiográficos e dos textos autorais, o arquivo do Do Próprio Bol$o registra assuntos que ampliam o panorama musical e cultural daquele ano:

- **Desbunde: Capanga de Guilherme Araújo** — Jary Cardoso recupera sua experiência na produção de shows de Guilherme Araújo, empresário ligado à Tropicália, incluindo um episódio de confronto com Waly Salomão.
- **O Ano Beatles** — Paulo Terron acompanha a movimentação beatlemaníaca de 2009, inclusive o encontro de Paul McCartney e Ringo Starr em evento organizado por David Lynch.
- **Os Mutantes na Philadelphia** — registro de um show completo da banda na turnê americana, com "Jardim Elétrico", "Technicolor", "El Justiciero" e "A Hora e a Vez do Cabelo Nascer".
- **Ravi Shankar e os Beatles** — notícia sobre o desconforto do músico indiano com a fama pop e com parte do público que chegou até ele por intermédio de George Harrison.
- **Viúva atrapalha projetos envolvendo Raul Seixas** — matéria sobre conflitos em torno da exploração e preservação do legado de Raul, com referência à *Rolling Stone*, edição 38, de novembro de 2009.
- **15 anos sem Kokinho!** — texto de Antonio Celso Barbieri, originalmente datado de 23 de dezembro de 2009 e republicado em 2024. Um relato extenso sobre

Oswaldo Gennari, o Kokinho, baixista da formação original de Arnaldo e a Patrulha do Espaço, com histórias de Londres, fotografias inéditas e gravações que ajudaram a completar o material posteriormente chamado *Elo Completo*.

O QUE FICA DE 2009

2009 não foi apenas o ano de Woodstosko. Foi um período em que a casa continuou funcionando como espaço de produção cultural, encontro e resistência. O arquivo crescia, os Beatles continuavam rendendo descobertas, o cinema abria novas janelas, artistas e amigos entravam e saíam de cena.

Também foi um ano de perdas. Paulo Tovar, Laurinho, Paulinho Bacalhau e outros nomes passaram a ocupar outro lugar na memória. Ao mesmo tempo, reencontros como o de Zeca mostravam que algumas histórias permaneciam guardadas em discos, fotografias e conversas interrompidas.

Entre o tapete apodrecido, o palco-caminhão, as gravações clandestinas, as provocações sobre produção cultural e os LPs reencontrados, 2009 deixou um retrato bastante particular de uma existência dedicada a experimentar.

O Do Próprio Bol$o não era uma vitrine. Era um posto de observação, um arquivo em movimento e, sobretudo, um lugar onde a vida acontecia antes de virar memória.

refaça englobando aqui: **2010**

11 de junho

André, Pazcheco, Sérgio e Fellipe CDC

PAULO IOLOVITCH - FOLHA DE ANOTAÇÕES EXPERIMENTAIS

Olhando a folha de Paulo Iolovitch pela perspectiva de um bloco pessoal de observações do artista, a leitura ganha outra dimensão. Eu não a trataria, de saída, como um poema acabado, mas como um registro de pensamento em movimento: um lugar onde Paulo experimentava palavras, sons, sentidos e relações gráficas.

A folha não está organizada como um texto convencional. Paulo distribui palavras em dois grandes agrupamentos - à esquerda, sequências como SACO / TRAGO / ROUCO / VAGO / SUCUMBO HOJE / VIRTUDE ONTEM / SORTUDO SEMPRE / SOLETRO LETRAS / PERTURBO OFENSAS, e à direita, PEU / POUCO / RUBRO, / LOUCO, / SOCO, / VAGO — / MACABRO, logo! -, deixa espaços vazios, insere pequenas anotações verticais com datas (30-1-2010), sublinha a expressão final e varia a escala das letras. São características compatíveis com um suporte de trabalho, onde a organização das palavras no papel participa da experiência de leitura.

No agrupamento da esquerda, as expressões têm algo de aforismo e jogo verbal. "Sucumbo hoje / Virtude ontem / Sortudo sempre" organiza três afirmações em tempos diferentes, sugerindo identidades contraditórias ou sucessão de estados de espírito. "Soletra letras" explora uma quase tautologia e "Perturba ofensas" cria uma relação menos previsível. São fragmentos, provocações a serem retomadas ou abandonadas.

No agrupamento da direita, a cadeia POUCO / RUBRO / LOUCO / SOCO sugere uma pesquisa sonora. As palavras compartilham terminações e ritmo, ao mesmo tempo em que abrem campos semânticos distintos - quantidade, cor, comportamento, impacto. O efeito é quase musical: a palavra é escolhida tanto pelo que significa quanto pelo que faz ao lado de outra. VAGO aparece nos dois lados e funciona como elo entre os blocos.

A aproximação com os caligramas é pertinente, desde que façamos uma distinção. O caligrama é uma composição em que a disposição das palavras forma uma figura relacionada ao conteúdo. Na folha de Paulo, não identifico com segurança uma figura formada pelas palavras. Por isso, não a classificaria como um caligrama propriamente dito. Mas há procedimentos da poesia visual: distribuição espacial, variação de escala e caligrafia, repetição, sublinhado e pontuação enfática em "MACABRO, logo!". Eu a descreveria como um registro de escrita experimental com elementos de organização visual.

"Vago — macabro, logo!" é o centro de gravidade da página. "Vago" (indefinido, sem direção) e "macabro" (sombrio, grotesco) são ligados por um "logo!" que simula uma conclusão lógica. A relação não é evidente e é aí que surge o estranhamento: a frase parece raciocinar, mas seu raciocínio é absurdo, irônico ou deliberadamente incongruente. O sublinhado reforça sua importância.

Se a hipótese do bloco pessoal estiver correta, o documento revela o método de Paulo: a palavra como som, como significado e como desenho manuscrito; a justaposição como mecanismo de surpresa; a contradição e o absurdo como possibilidades expressivas. Não prova filiação a uma corrente específica da vanguarda, mas mostra que a escrita funcionava como campo de experimentação para além da pintura.

Registro para o arquivo: Paulo Iolovitch - folha de anotações experimentais. Documento manuscrito, data e título originais desconhecidos. Descrição material: folha com palavras manuscritas organizadas em dois agrupamentos, com anotações verticais,

sublinhado e pontuação enfática. Classificação provisória: bloco de observações pessoais / escrita experimental / possível pesquisa de poesia visual. Relação com o caligrama: aproximação formal a investigar, sem evidência para classificação como caligrama. O valor histórico está justamente no caráter provisório: preserva não apenas o que o artista produziu, mas um fragmento de como talvez pensasse e experimentasse com as palavras.

"Estão tentando impingir este tipo de mundo a nós. Temos que chorar muito. Não aceitemos viver esta vida sem arte, sem poesia, sem o verdadeiro amor que une os seres que se sentem separados egoisticamente pelo corporativismo religioso, filosófico, político ou por qualquer outro motivo."

Paulo Iolovitch, O Azul — Brasília, 21 de julho de 2010.

30 de novembro

No vazio, inventávamos nossas próprias bandas e suas crônicas. Foi num mar revolto de ideias que acabamos naufragando. Tudo isso vinha de um passado distante, quando já se anunciava o surgimento de uma banda escrachada demais para a cena rock de Brasília — e quiçá do Brasil.

Herdeiros dos Pistols, das bandas de tanga rasgada, como Sputinik Sing Sing e, claro, dos Mamonas Assassinas. O que vem a seguir é um fragmento daqueles longos ensaios orais, quase boquetes de ideias, provocações e impropérios.

Bibi and The Jacús: infâmia assumida

MEANWHILE IN BIBILAND XXXV

Por Rodrigo Souves

Após os incidentes no Rio de Janeiro, os integrantes da banda BIBI AND THE JACÚS / THE JACÚS AND BIBI declararam à imprensa:

Ceari Bibi — Maluco, dá nada! Deixa a polícia lá e coloca morador e bandido pra correr. Dá nada!

Dudu Gluglu — Por que a Alemanha não entrou nessa guerra? Não entendo, hihihihi.

chiCu — Quem manda o povo ser capitalista lá? O comunismo é a solução, mermão! Viva Mao, Stalin e Pol Pot!

Onan Sênior — Lá tem muito funk, muita mulher, muito gay. Esse povo não ora, sabe de nada! Foi a ira da gnose que salvou esse povo favelado deles mesmos.

Fucinsboy — Tem de liberar geral! Esse papo de ficar cheirando tempero de miojo não dá mais.

A banda foi chamada de fascista, idiota, simplista e onanista. Perdeu fãs de todos os tipos, mas conquistou a admiração de Diogo Mainardi, Ana Maria Braga e Nelson Rubens — gente de infâmia assumida.

2010 — ENTRE A EXPERIMENTAÇÃO, O ROCK E A INFÂMIA

2010 foi um ano de encontros, experiências artísticas, produção independente e humor sem compromisso com a boa reputação. O arquivo do Do Próprio Bol$o registra uma movimentação que atravessa a música, as artes plásticas, a memória cultural de Brasília e as provocações que alimentavam nossas conversas.

A casa continuava sendo território de experiências. Os filhos participavam da produção, os amigos apareciam, as bandas tocavam e as ideias frequentemente

ultrapassavam os limites do bom senso. Ao mesmo tempo, o arquivo preservava personagens e acontecimentos que ajudavam a contar a história cultural da cidade.

Entre os documentos daquele ano, dois fragmentos merecem atenção especial: a folha experimental de Paulo Iolovitch e a crônica delirante da Bibi and The Jacús.

11 DE JUNHO — ANDRÉ, PAZCHECO, SÉRGIO E FELLIPE CDC

PAULO IOLOVITCH — FOLHA DE ANOTAÇÕES EXPERIMENTAIS

Paul van Ostaijen: Ein Dadaist in den Wirren der Novemberrevolution

berliner-zeitung.de

Olhando a folha de Paulo Iolovitch pela perspectiva de um bloco pessoal de observações do artista, a leitura ganha outra dimensão. Não a trataria, de saída, como um poema acabado, mas como um registro de pensamento em movimento: um lugar onde Paulo experimentava palavras, sons, sentidos e relações gráficas.

A folha não está organizada como um texto convencional. Paulo distribui palavras em dois grandes agrupamentos. À esquerda, sequências como SACO / TRAGO / ROUCO / VAGO / SUCUMBO HOJE / VIRTUDE ONTEM / SORTUDO SEMPRE / SOLETRO LETRAS / PERTURBO OFENSAS. À direita, PEU / POUCO / RUBRO / LOUCO / SOCO / VAGO — MACABRO, logo!

Há espaços vazios, pequenas anotações verticais com datas (30-1-2010), palavras sublinhadas e variações na escala das letras. São características compatíveis com um suporte de trabalho, no qual a própria organização das palavras no papel participa da experiência de leitura.

No agrupamento da esquerda, as expressões têm algo de aforismo e jogo verbal. “Sucumbo hoje / Virtude ontem / Sortudo sempre” organiza três afirmações em tempos diferentes, sugerindo identidades contraditórias ou sucessão de estados de espírito. “Soletra letras” explora uma quase tautologia, enquanto “Perturbo ofensas” estabelece uma relação menos previsível. São fragmentos, provocações a serem retomadas ou abandonadas.

No agrupamento da direita, a cadeia POUCO / RUBRO / LOUCO / SOCO sugere uma pesquisa sonora. As palavras compartilham terminações e ritmo, mas abrem campos semânticos distintos: quantidade, cor, comportamento e impacto. O efeito é quase musical. A palavra é escolhida tanto pelo que significa quanto pelo que produz ao lado de outra. VAGO aparece nos dois lados e funciona como elo entre os blocos.

A aproximação com os caligramas é pertinente, desde que se faça uma distinção. O caligrama é uma composição em que a disposição das palavras forma uma figura relacionada ao conteúdo. Na folha de Paulo, não identifico com segurança uma figura formada pelas palavras. Por isso, não a classificaria como um caligrama propriamente dito. Existem, entretanto, procedimentos da poesia visual: distribuição espacial, variação de escala e caligrafia, repetição, sublinhado e pontuação enfática em “MACABRO, logo!”.

Eu a descreveria como um registro de escrita experimental com elementos de organização visual.

“Vago — macabro, logo!” é o centro de gravidade da página. “Vago”, no sentido de indefinido ou sem direção, e “macabro”, associado ao sombrio e grotesco, são ligados por um “logo!” que simula uma conclusão lógica. A relação não é evidente, e é justamente aí que surge o estranhamento: a frase parece raciocinar, mas seu raciocínio é absurdo, irônico ou deliberadamente incongruente. O sublinhado reforça sua importância.

Se a hipótese do bloco pessoal estiver correta, o documento revela um método de trabalho de Paulo: a palavra como som, significado e desenho manuscrito; a justaposição como mecanismo de surpresa; a contradição e o absurdo como possibilidades expressivas.

Não prova filiação a uma corrente específica da vanguarda, mas mostra que a escrita também funcionava como campo de experimentação para além da pintura.

Registro para o arquivo: Paulo Iolovitch — folha de anotações experimentais. Documento manuscrito, data e título originais desconhecidos. Folha com palavras organizadas em dois agrupamentos, anotações verticais, sublinhado e pontuação enfática.

Classificação provisória: bloco de observações pessoais / escrita experimental / possível pesquisa de poesia visual.

Relação com o caligrama: aproximação formal a investigar, sem evidência suficiente para classificação como caligrama.

O valor histórico está justamente no caráter provisório: preserva não apenas o que o artista produziu, mas um fragmento de como talvez pensasse e experimentasse com as palavras.

Paulo deixou também uma declaração que ultrapassa a experiência gráfica e revela sua visão de mundo:

"Estão tentando impingir este tipo de mundo a nós. Temos que chorar muito. Não aceitemos viver esta vida sem arte, sem poesia, sem o verdadeiro amor que une os seres que se sentem separados egoisticamente pelo corporativismo religioso, filosófico, político ou por qualquer outro motivo."

Paulo Iolovitch, O Azul — Brasília, 21 de julho de 2010.

2010 — A CASA COMO TERRITÓRIO CULTURAL

21 DE MAIO — BIÔNICOS, DÍNAMO Z E PLÁSTICO LUNAR

Plástico Lunar (@plasticolunar) on X

x.com

Uma noite no bar Água de Beber, em Taguatinga Sul, com produção do Coletivo Cultcha. A apresentação das bandas Biônicos, Dínamo Z e Plástico Lunar rendeu uma crítica musical atravessada por encontros, provocações e reencontros com antigos companheiros.

O texto registra o reconhecimento dos músicos do Plástico Lunar, o CD autografado por Plástico Jr., a conversa com Dillo D'Araújo e a filosofia de construir uma carreira assentando um tijolinho por dia.

Também aparecem Ulisses e Bomba, antigos integrantes da cozinha do Capim Seco, e Marcelo Ponce, baixista da Patrulha do Espaço, na América Rock Club.

A crítica tem uma frase que merece permanecer:

"A fineza de um escrete de mulas escoiceando seus ouvidos."

31 DE JULHO — LA REVOLUCIÓN, A FESTA

Baladas para todas as tribos - Tribuna do Norte

tribunadonorte.com.br

Foram 50 dias de preparação, montagem de adereços e organização. A filha caçula desenhou o mural, o filho do meio cuidou do som e a casa recebeu amigos, artistas e colaboradores.

A programação reuniu bate-papo sobre socialismo cubano com o professor Dionísio, dança flamenca com Marcinha, haicai com Ana Rita e música com Léo Saraiva.

A festa recuperava resquícios da Turma da UVA dos anos 1980 e reunia Mike, o Incrível Homem Flamejante, vindo da Suécia, Leonardo Valério e Zanza Meneses, entre outros.

A frase que sintetiza a experiência:

“Festa é exposição de feições e expressões, carisma e participação, mas sobretudo doação.”

No dia seguinte, sobraram cervejas no isopor, garrafas vazias de rum, sopa de banana à cubana, faxina e frango frito no almoço. A festa também era isso: trabalho, convivência e ressaca.

A CACHORRADA — TEATRO DE ARENA DO PRÓPRIO BOL$O

O espaço da churrasqueira recebia uma transformação. O Teatro de Arena estava pronto e os véus negros de Hélio Oiticica preparavam o ambiente para a Cachorrada, evento que marcaria os 28 anos de contração.

Era mais uma experiência de ocupação artística da própria casa, sem depender de uma estrutura institucional para acontecer.

15 DE MAIO — JOHNNY WINTER NO FERROCK

Blues Icon Johnny Winter Dies at 70 - Parade

parade.com

No Ferrock, em Ceilândia, uma noite de reencontro com amigos e de celebração do blues.

Johnny Winter, aos 66 anos, apresentou-se acompanhado por Vito Liuzzi, Paul Nelson e Scott Spray. A resenha registra a guitarra slide, os boogies e interpretações de *Hideaway*, *All Your Love*, *Red House*, de Hendrix, e *It's All Over Now*, dos Rolling Stones.

Um registro de quem acompanhava a música não apenas pela discografia, mas pela experiência de estar diante dos músicos.

11 de junho



André, Pazcheco, Sérgio e Fellipe CDC

2010 — BRASÍLIA E SEUS PERSONAGENS

22 DE SETEMBRO — CONCERTO CABEÇAS: O SONHO ACORDOU

Concerto Cabeças comemora 40 anos da primeira edição no Parque da Cidade

correiobraziliense.com.br

Paulão de Varadero registra o reencontro da geração do movimento Cabeças no Parque da Cidade.

Néio Lúcio Barreto, Paulo Tovar, Rodolfo Cardoso, Ivan Santos, Renato Matos, Célia Porto e tantos outros personagens voltaram a compartilhar um espaço de memória e convivência.

O texto também recupera a proposta de criação de um museu da memória artística de Brasília.

7 DE JULHO — EZEQUIEL NEVES, O PAPA DO COLUNISMO ROCKER TUPINIQUIM

Rep□rter News - Not□cia: Morre Ezequiel Neves, parceiro de Cazuza, morto h□ exatos 20 anos

reporternews.com.br

Um personagem fundamental da imprensa musical brasileira. Mário recupera a admiração, as implicâncias e a relação contraditória com Ezequiel:

“Por muito tempo, o 'Incrível Ezequiel Homem das Neves' foi o meu Hunter S. Thompson.”

Uma homenagem que também resgata a personalidade provocadora, o humor e as histórias de bastidores do jornalismo rock.

SETEMBRO — RENATO BOTAFOGUENSE: O ANJO DA GUARDA ADORMECIDO

Homenagem de Paulão de Varadero a Renato Botafoguense, figura ligada à proteção dos músicos do Pacotão. Um registro de amizade, carnaval, militância e dedicação à cultura popular brasiliense.

JULHO — SANDRO NEIVA: VIDEOMAKER ROQUEIRO

Como a banda punk feminista Bulimia fez Brasília voltar a ser rebelde

metropoles.com

O Retina Rock, no Blues Pub, em Taguatinga, homenageou Sandro Neiva em vida, exibindo seus vídeos e reunindo bandas do DF e Entorno.

Ex-vocalista do Murro no Olho, fanzineiro, jornalista, roteirista e diretor, Sandro representa uma geração que documentou o underground com os recursos que tinha à disposição.

29 DE AGOSTO — ALCIONE E BLITZ NO GUARÁ: O DESASTRE DA ORGANIZAÇÃO

Uma reportagem de Mário Pazcheco sobre a Virada Distrital no Teatro de Arena do Guará.

Passagem de som atrasada, estrutura inadequada, disputa sonora com o skate, falta de espaço e ausência de representantes da Secretaria de Cultura. Alcione e Blitz enfrentaram uma organização incapaz de respeitar os artistas e o público.

A energia elétrica caiu durante a última música de Alcione. A Blitz ainda precisou esperar.

O desabafo final:

“Implosão já no Cave e na Secretaria de Cultura do Distrito Federal!”

2010 — PESQUISA, DISCOS E CONTRACULTURA

MÓDULO 1000 — NÃO FALE COM PAREDES

A pesquisa de Mário sobre o álbum *Não Fale Com Paredes* recupera uma das obras fundamentais do rock brasileiro. Fuzz, psicodelia, progressivo, contracultura e a desvalorização dos artistas nacionais pela imprensa especializada.

LUIS FREITAS E O AUTÓGRAFO DE JIMI HENDRIX

Uma história de colecionador: Luis Freitas preserva um autógrafo de Jimi Hendrix obtido por seu irmão Paulo Freitas depois da apresentação do guitarrista no Festival da Ilha de Wight.

O relato envolve ainda Caetano Veloso, Joel Macedo e Rogério Sganzerla, brasileiros que assistiram à apresentação.

OUTRAS PAUTAS DO ANO

- **Joelho de Porco:** Rodolfo Braga recupera a história da banda que mudou o rock nacional.
- **Malcolm McLaren:** memória do empresário e provocador associado à história do punk.
- **Dennis Hopper:** homenagem ao cineasta de *Easy Rider*.
- **Chelsea Hotel:** histórias de Leonard Cohen, Janis Joplin e da contracultura nova-iorquina.
- **Andy Warhol:** notícia sobre a exposição de sua obra em São Paulo.
- **Biblioteca do Próprio Bol$o:** iniciativa de Antonio Celso Barbieri para disponibilizar livros e estimular a leitura.

30 DE NOVEMBRO — BIBI AND THE JACÚS: INFÂMIA ASSUMIDA

No vazio, inventávamos nossas próprias bandas e suas crônicas. Foi num mar revolto de ideias que acabamos naufragando. Tudo isso vinha de um passado distante, quando já se anunciava o surgimento de uma banda escrachada demais para a cena rock de Brasília — e quiçá do Brasil.

Herdeiros dos Pistols, das bandas de tanga rasgada, como Sputinik Sing Sing e, claro, dos Mamonas Assassinas.

O que vem a seguir é um fragmento daqueles longos ensaios orais, quase boquetes de ideias, provocações e impropérios.

Bibi and The Jacús: infâmia assumida

MEANWHILE IN BIBILAND XXXV

Por Rodrigo Souves

Após os incidentes no Rio de Janeiro, os integrantes da banda BIBI AND THE JACÚS / THE JACÚS AND BIBI declararam à imprensa:

Ceari Bibi — Maluco, dá nada! Deixa a polícia lá e coloca morador e bandido pra correr. Dá nada!

Dudu Gluglu — Por que a Alemanha não entrou nessa guerra? Não entendo, hihihihi.

chiCu — Quem manda o povo ser capitalista lá? O comunismo é a solução, mermão! Viva Mao, Stalin e Pol Pot!

Onan Sênior – Lá tem muito funk, muita mulher, muito gay. Esse povo não ora, sabe de nada! Foi a ira da gnose que salvou esse povo favelado deles mesmos.

Fucinsboy – Tem de liberar geral! Esse papo de ficar cheirando tempero de miojo não dá mais.

A banda foi chamada de fascista, idiota, simplista e onanista. Perdeu fãs de todos os tipos, mas conquistou a admiração de Diogo Mainardi, Ana Maria Braga e Nelson Rubens – gente de infâmia assumida.

O QUE FICA DE 2010

O ano tem duas faces que se complementam.

De um lado, a seriedade do trabalho de memória: Paulo Iolovitch, seus manuscritos, sua poesia, sua pintura e sua maneira de pensar o mundo. Ezequiel Neves, Johnny Winter, Jimi Hendrix, o movimento Cabeças e os personagens que ajudaram a construir a cultura brasiliense.

Do outro, o espírito debochado e experimental que atravessava as festas, as bandas inventadas, as conversas e as provocações. A Bibi and The Jacús é uma espécie de caricatura desse ambiente: uma banda imaginária que não precisava agradar a ninguém.

A casa continuava sendo palco, laboratório e ponto de encontro. Os filhos participavam, os amigos colaboravam e a produção acontecia sem pedir licença.

2010 foi o ano em que a memória e a infâmia dividiram o mesmo palco.

E, no meio delas, Paulo Iolovitch deixou uma advertência que merece atravessar o memorial inteiro:

Não aceitemos viver esta vida sem arte, sem poesia e sem o verdadeiro amor.

2011 – A CASA, A ESTRADA E AS UTOPIAS

2011 foi um ano de produção intensa, encontros, shows, viagens e documentação. O Do Próprio Bol$o continuava fazendo aquilo que sempre fez melhor: juntar gente, provocar acontecimentos e registrar o que escapava dos circuitos oficiais. A casa era palco, laboratório, ponto de encontro e, quando necessário, oficina de reparos, depósito de equipamentos e posto de segurança.

Mas havia também outra dimensão: a aproximação com artistas que carregavam suas próprias utopias, como Paulo Iolovitch e Rogério Duarte. Entre o rock, a poesia, as artes plásticas e as pequenas loucuras cotidianas, o ano foi deixando seus rastros.

Reynaldo Jardim: a poesia e a memória

1º de fevereiro – Nós – e a poesia... Perdemos Reynaldo Jardim

A morte de Reynaldo Jardim mobilizou uma lembrança afetiva e literária. Poeta e jornalista, ele revolucionou os suplementos culturais e deixou uma marca na imprensa brasileira. O fragmento recupera o poema *A Mulher do Elevador* e uma fotografia de Reynaldo ao lado de Jaguar, feita em Brasília, em 2006.

Não era apenas um obituário. Era também o registro de uma geração que entendia a palavra como instrumento de invenção, ruptura e liberdade.

A casa como palco

20 de maio – Tudo pronto para o Rock

Do Próprio Bol$o e Módulo B se uniram para apresentar Curse of Flames, Dínamo Z e Superfolk, além de duas jams com Wendel Rocha, Miro Ferraz e Tiago Araújo.

O texto não esconde os bastidores: dificuldades de produção, ameaças, atrasos, conflitos entre gerações e a participação de Ricardo “Retz”. A parceria com a Módulo B já vinha de quatro anos. Mais do que anunciar um show, o relato documenta o trabalho, os riscos e a insistência necessários para manter o rock independente em movimento.



O trio Superfolk sob o olhar da Santíssima Trindade

23 de julho – Sétimo Céu: Se você vai de xaxado, eu vou de Rock’n’Roll

A festa reuniu Valdez, Besouro do Rabo Branco, Zezinho Blues e a Cozinha, Superfolk, River Phoenix e KaphaGérson com Ronaldo “Gafanhoto”. Daibes Ottoni pintou os murais; Léo e Sueli Saraiva e Edson Salazar participaram da produção visual. Houve exposição de zines, pin-ups, grafite, rock e música nordestina.

O Sétimo Céu foi mais que uma sequência de apresentações. A casa virou território de convivência entre linguagens, gerações e personagens. O trio Superfolk aparece sob o olhar da Santíssima Trindade – uma legenda que já entrega um pouco do espírito da festa.

8 de outubro – Pão, Circo & Rock

Mais uma produção de Módulo B e Do Próprio Bol$o, com Barbarella, Curse of Flames, Zezinho Blues e Beirão Neves. Houve participações espontâneas, canjas e o registro de *O Libertário*, programa da TV a cabo.

O texto também traz uma constatação sobre a própria rede que sustentava o Do Próprio Bol$o: era impossível reunir todos os colaboradores ao mesmo tempo. Cada um tinha sua vida, seus compromissos e seus caminhos. Ainda assim, a engrenagem continuava funcionando.

Virgílio, então com 18 anos, tocava guitarra na Curse of Flames. O rock também era assunto de família.

Patrulha do Espaço e a música na estrada

18 e 23 de setembro – Patrulha do Espaço iluminando os céus de Brasília

Dois shows, no America Rock Club, em Taguatinga, e no Cult 22. As apresentações, os repertórios e a movimentação em torno da banda foram registrados em meio a uma filmagem

que tinha outro objetivo: captar imagens para um documentário sobre Rolando Castello Jr.

Sandro Alves Silveira, Lya Lilith, Tiago Rabelo e Reginaldo também aparecem nesse percurso. A Patrulha do Espaço era o assunto imediato, mas o registro se ampliava para a memória de seus músicos e de uma história que merecia ser documentada.

10 de dezembro — Os Mutantes e nós em Pirenópolis

A viagem para assistir a Sérgio Dias tocando Mutantes começou com um imprevisto: a Paraty 1983 ficou no acostamento, e a chegada a Pirenópolis dependeu da solidariedade de outros viajantes.

No meio da aventura, apareceram meninas do Velvet Voltage procurando uma fotografia com Sérgio Dias. Uma crônica de estrada, música e encontros, com a velha combinação de entusiasmo e improviso que acompanha quem sai de casa para ver rock.

Paulo Iolovitch, Rogério Duarte e as utopias

Salão de Arte — Mostra Paulo Iolovitch

A mobilização em torno do Salão de Arte foi uma das iniciativas importantes do ano. A proposta era recuperar o espírito dos Salões de Maio, aproximando artistas e público em torno de imagens, sons e palavras. O texto registra as dificuldades para atrair visitantes e a presença de Paulo Iolovitch, apresentado como um artista que teria pintado um milhão de quadros.

Paulo continuava sendo uma figura singular: pintor, pensador, provocador e dono de uma bondade que não o impedia de enxergar a dureza do mundo.

Rogério Duarte: conversa ao pé da Letra

O nome de Rogério Duarte aparece entre os registros do ano. O material recupera conversas, gravações, arquivos e histórias que atravessam Glauber Rocha, Hélio Oiticica e a preservação da memória artística brasileira. É um eixo diferente do rock, mas não estranho ao universo do Do Próprio Bol$o: a contracultura também se constrói pela preservação de ideias, documentos e encontros.

Em dezembro, os caminhos de Paulo e Rogério se cruzaram novamente. No meu relato, os dois pareciam carregar suas próprias utopias, a própria luz e os próprios conselhos.

Bibi and the Jacús: a infâmia continua

A banda fictícia e escrachada também merece espaço nesse ano. Os textos sobre a censura, as provocações e os desdobramentos de Bibi and the Jacús prolongam uma experiência de humor ácido, nonsense e irreverência. Entre eles estão *A censura ataca Bibi and the Jacús*, *Univos Onanistas do Mundo Todo*, *Do amargo fim para duas novas bandas* e a entrevista com o suposto líder.

É importante preservar esse material como uma crônica própria, sem misturá-lo aos registros dos shows. Bibi and the Jacús tinha sua lógica particular: uma banda que existia tanto nas ideias quanto nas histórias inventadas ao redor dela.

Fragmentos de novembro e dezembro

19 de novembro — Koisas bobas que escrevo: a caminho de um milhão de orgasmos

Leia! Ou *Come Together*. O título já anuncia o território: humor, sexo, provocação e uma disposição para não levar a própria literatura excessivamente a sério.

Dezembro

Fumaconha ao meio-dia, penso no que gosto de fazer: “O estômago da morte é muito grande. Pena que pessoas boas tenham que morrer.”

A clássica bondade de Paulo Iolovitch, a dualidade yin-yang. Vão todo mundo se foder: “Pessoas boas hão de morrer.”

Esses caras, Paulo e Rogério Duarte, carregam utopias, a própria luz e os próprios conselhos. Paulo e Rogério se reencontraram. Foi puro prazer espiritual, LSD: todo mundo vibrou, viajou. Foi um dos nossos melhores shows.

E, sei lá, na mesma hora, eu, eletricista, segurança e faz-tudo, estava jantando à mesa com os pais e a noiva do Rogerinho, no restaurante Carpe Diem, na Asa Sul, durante o lançamento do livro. Me perguntaram:

— Quem é você?

— Vim pra ajudar o mestre. Mário Pazcheco.

Voltando a Iolovitch, o sacana me enganou: pintou duas destas telas, e sabe Deus quantas mais serão...

— O que eu gosto de fazer?

Coar café com o pó parecendo o sangue do vampiro.

Abrir a janela e deitar no sofá.

Ouvir som do YouTube, sempre a mesma coisa.

Dormir com a Netflix.

Gosto de sexo. Ainda pensei em chamá-la pra uma transa diferente. Pensei: porra, velho, você está ficando safado. E se ela topasse?

Paulo Iolovitch diria:

— Tô fodido!

2011 — um ano de muitas frentes abertas.

O rock ocupava a casa e a estrada; a arte, a poesia e a memória encontravam espaço nas conversas e nos encontros; Bibi and the Jacús seguia fazendo suas estripulias. Entre uma produção e outra, eu continuava sendo eletricista, segurança, faz-tudo, anfitrião, fotógrafo de ocasião e memorialista sem licença.

O Do Próprio Bol$o não precisava escolher entre rock e arte, entre festa e pensamento, entre o documento e a bobagem. Tudo cabia no mesmo arquivo. E, às vezes, tudo acontecia ao mesmo tempo.

2012

ANO DO BICO DO CORVO

Escambo e permuta: 1 milhão de leitores

O ano começou com o Conic fervilhando, Paulo Iolovitch espalhando tinta pelos muros, o Do Próprio Bol$o registrando números surpreendentes de audiência e eu tentando entender até onde conseguiria levar aquela história de produzir rock, escrever, filmar, fotografar e bancar as próprias loucuras.

Foi também um ano de contradições. Enquanto o site alcançava a marca de um milhão de leitores, eu anunciava o que parecia ser o último Festival de Artes Do Próprio Bol$o. O corpo cobrava sua conta, o tratamento com interferon avançava, os cabelos caíam, quinze quilos desapareciam, mas o rock-zine continuava vivo.

Entre o Conic, a chácara, os palcos e as estradas, 2012 foi o ano do Bico do Corvo.

Janeiro – O Politburo do Conic

Zuleika de Souza

Semana passada, na quase diária reunião do Politburo do Conic, estavam reunidos, sentados em banquinhos improvisados no Quiosque do Ivan, o cineasta Pedro Lacerda, o cartunista Joanfi, o jornalista Cicinho Filiseu, o artista plástico Paulo Iolovitch, o Azul, e o chefe de cozinha Luiz Gonzaga.

Ivan da Presença havia saído para uma aula no Detran, mas os livros de sua banca de sebo permaneceram por ali, testemunhas silenciosas do conclave.

Enquanto isso, a vida seguia no centro. Vampiros zanzavam pela praça, pequenos skatistas deslizavam pelas rampas, homens sérios, de paletó e gravata, passavam apressados, e meninas tatuadas faziam um ensaio fotográfico. Na ponta sul do pedaço, rolava um editorial de moda no Brechó, um lugar novo que promete causar!

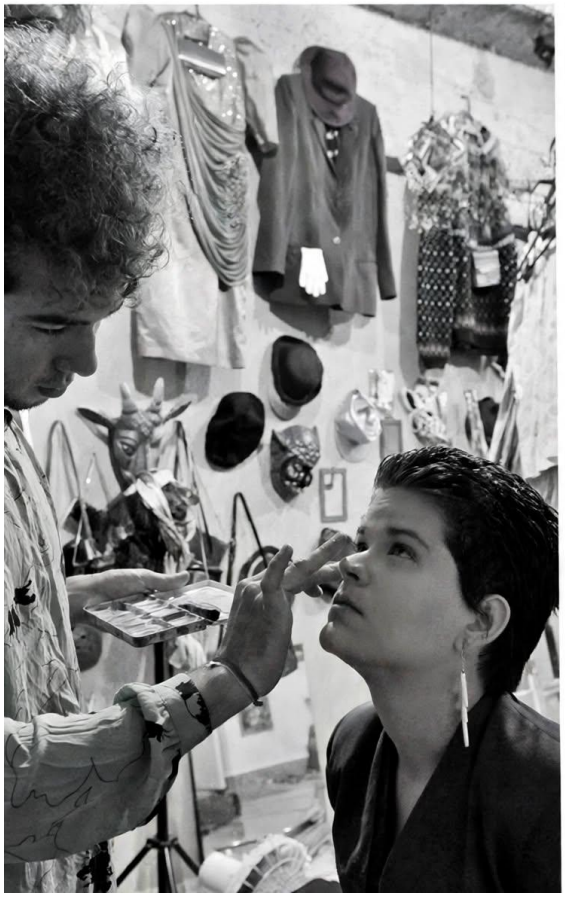
De volta à reunião dos coniquianos... Cicinho, o autointitulado “Brad Pitt do Conic”, soltou a voz para cantar duas marchinhas que inscreveu no concurso do Pacotão. A festa de Charles Preto está chegando: será no dia 28 de janeiro, na “Praça Vermelha”. O jornalista precisa fazer campanha para ver seus versos cantados pelo bloco neste carnaval.

Uma das marchinhas defende a “reputarização do Conic” como forma de revitalizar o setor. A plateia ficou empolgada!

São momentos assim, flagrantes da vida pulsante do Setor de Diversões Sul, que vai sentir muita falta de um coniquiano ilustre: Seu Teodoro.









Fotos: Zuleika de Souza.

Heresia pura!

Passei nove anos barrando o acesso à minha casa com essa cerca e esse pedaço de portão. Lógico que a vigília era constante. Um dia, o dono do terreno vizinho resolveu levantar o muro e avançou 10 centímetros para dentro do meu lote.

No início de 2012, fizemos um coletivo de pintura com Paulo Iolovitch naquela parede. Depois, o vizinho veio ver o que tanto conversávamos e ríamos ali.



Detalhe: o vizinho é policial.

Foto: Sandro Alves Silveira / Zeca Ribeiro.

Paulo Iolovitch pinta, e Mário Pazcheco picha no mesmo muro.

Certo dia, veio resgatar umas madeiras do muro, que estavam pregadas no palco, e me disse:

– Você tem que ver o meu lado...

Nunca mais conversei com ele. Nem bom-dia.

28 de janeiro – A filmagem daquilo que já não existe

Vou nas galerias, e eu acho aqueles trabalhos primitivos. Até porque nunca pretendi ser artista. Fazia parte do ritual destruir o cartaz para valorizar a filmagem. A filmagem daquilo que já não existe.

Naquele momento, não estávamos fazendo arte para ser preservada. Estávamos registrando uma ação, um acontecimento, algo destinado a desaparecer. E talvez justamente por isso aquilo tenha ganhado outra dimensão com o tempo.

Era uma arte feita para daqui a 30 anos. Hoje podemos mostrar esse percurso em dois filmes, com cerca de três horas, justamente porque a filmagem preservou o que o ritual destruía.

21 de janeiro – Quando os discos saem da garagem, o bom cabrito não berra

Um encontro em torno dos discos, da comida, da memória e da convivência. Zeca Ribeiro, Saraiva, Paulo Iolovitch e as crianças que participaram da pintura com Azul: Beatriz, Laura, Carlinhos, Menino Piu, Lara, Ana e Carolina. A organização envolveu Jihan Arar, Zanza Meneses e a família Saraiva.

O texto traz ainda o "Ato bíblico", uma brincadeira que transforma o encontro na chácara numa cerimônia de sacrifício de uma ovelha para purificar as almas desgarradas. O humor e a informalidade fazem parte do registro.

1º de fevereiro – Escambo e permuta: 1 milhão de leitores

O Do Próprio Bol$o alcançou um número extraordinário: 4.025 visitantes on-line simultâneos. De onde vinha aquela multidão? Rádio? Divulgação inesperada? Alguma

referência externa? Deusa Barakat enviou uma mensagem elogiando o trabalho, a qualidade da informação e a personalidade do site.

Um milhão de leitores: um marco para um empreendimento sem patrocinadores, investidores ou estrutura empresarial. O arquivo crescia, a audiência respondia e o trabalho continuava sendo feito na base do escambo, da permuta e da insistência.

28 de janeiro — Rita Lee: "Feriadeu-se"

A aposentadoria dos palcos de Rita Lee virou assunto. A cantora publicou uma declaração no *Correio Braziliense*, e eu comentei sua relação com o palco, o Twitter e a capacidade de se expor ao ridículo sem medo. A referência a "Tudo Vira Bosta" também entrou na conversa.

Rita era uma personagem que não precisava pedir licença para provocar. O registro também se relaciona à minha história com *Balada do Louco*, Arnaldo Baptista e os Mutantes.

23 de março — Águas lamacentas para Celso Blues Boy

Celso Blues Boy e sua relação com Brasília. Recupero a apresentação de 1986, no Circus Show, no Park Shopping, e acompanho sua passagem pelo Teatro da Administração do Guará 2.

A Fender vascaína, a entrega no palco, o repertório e a resposta do público compõem o retrato de um guitarrista que já era quase um cidadão guaraense honorário, conhecido dos espaços musicais da região.

21 de abril — O Último Festival de Artes Do Próprio Bol$o

Um ciclo anunciado como encerrado

Final Erosion, Diferencial Zero, Dög Savanna, Dino Black e Stoner Babe. O evento reuniu oito horas de rock, exposição fotográfica, instalações, trabalhos visuais e uma equipe de colaboradores.

Depois de 30 anos como patrocinador das próprias produções, eu pretendia me aposentar com aquele último show. A frase de Michelangelo sobre saber a hora de parar apareceu como justificativa para o encerramento.

Capitão Virgulino, Madbutcher Produções, Sandro Alves, Sueli Saraiva, Deusa Barakat, Zanza Meneses, Regis Rock'n'Roll e Rolando Castello Jr., como convidado especial, participaram dessa empreitada. Ana Luíza assinou a cobertura fotográfica.

O título era definitivo. Ou pelo menos parecia. O Do Próprio Bol$o continuaria existindo, mas alguma coisa precisava mudar. Não dava para continuar financiando tudo como se o bolso fosse uma fonte inesgotável.





13 de junho – Clube do Disco de Vinil: armazém de cultura a varejo

Texto de Léo Saraiva sobre o espaço idealizado por Janete das Graças, no Polo de Modas do Guará 2. A loja e locadora de CDs e vinis também funcionava como café, bar, sebo e biblioteca, com toca-discos, gramofones, máquinas antigas e memorabilia musical.

A proposta era transformar o lugar numa célula cultural ativa, aberta a shows, exposições fotográficas, quadrinhos, fanzines, filmes, saraus e encontros.

Mais um registro de gente tentando construir espaços de convivência cultural fora dos equipamentos institucionais.

8 de julho – Lembranças de um fã safado

Já aluguei muito hoje. "Voou, Nelsa!"

Nessa função extrema de ser fã(nático), o povo que mais me deu trabalho foi o pessoal da assessoria da Fundação Cultural do GDF.

Sempre na missão de impedir que alguém pegasse até uma carona na Kombi chapa-branca do Godofredo, eles faziam de tudo. Algumas vezes, produtores amigos, como Byra Dorneles, e o músico Moisés Santana me convidavam para ir ao hotel. Eu respondia:

– Passo lá mais tarde...



14 de julho

23 de julho – Uma nova Aventura Sem Dublê em Alto Paraíso

Viagem à Vila de São Jorge, durante o XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Dezessete anos depois da publicação de *Aventura Sem Dublê,* o título voltava a servir de provocação para uma nova experiência com Zanza Meneses.

O relato mistura paisagem, desejo, ciúme, psicodelia e as circunstâncias pessoais daquele momento. O tratamento com interferon, as injeções, a perda de cabelo, de peso e de humor atravessavam a viagem. Não era apenas uma crônica turística: era a vida acontecendo no meio de uma experiência física e emocional difícil.

5 de agosto de 2012



ASSOCIAÇÃO INVISÍVEL KAVERNISTA DO PRÓPRIO BOL$O

A Associação Invisível Kavernista do Próprio Bol$O agradece a José Carlos Vieira pela aula de jornalismo e pelo resgate da nossa participação na história cultural de Brasília.

Uma memória coletiva construída por gente que fez acontecer, muitas vezes longe dos holofotes:

Miro Ferraz, Tiago Rabelo, Thiago Cardoso, Lincon Lacerda, Félix Amorim, Nardelli, Gifoni Gomes, Rosângela Meneses Pacheco, Mana Gi Lemos e Fellipe CDC.

Nossa história também faz parte da história cultural de Brasília.



15 de outubro – Herdeiros

No final de 2005, essa rapaziada ainda brincava no caminhão. Depois, fizemos vídeos caseiros para as gincanas das escolas. De repente, eles eram o Curse of Flames. Fizemos duas apresentações e agora estão empolgados, com a bola cheia!

A brincadeira cresceu, ganhou nome, palco e vontade de continuar.

Do Próprio Bol$o goes on!

16 de outubro – Alguém mais viu esse vídeo? – parte dois

O pessoal do fã-clube do Pato Fu estudava numa faculdade em Taguatinga. Vieram gravar um depoimento e, ao chegar à chácara, tiveram que deixar o carro no portão, pois estava em manutenção. Seguiram a pé, carregando toda a tralha e reclamando barbaridades...

Eu havia cedido autógrafos VERDADEIROS e um poema inédito para o vídeo *Ensaiando Renato Russo*. Ligaram a câmera e começaram a filmar minha barriga, dando risada. E eu? Me vinguei!

Na hora do depoimento, soltei:

– Tome vergonha na cara e vá compor suas canções! No mínimo, era isso que Renato Russo diria a vocês.

É claro que aproveitaram a fala, que acabou incomodando. Afinal, quem era aquele cara?

Era uma performance minha, à maneira de Torquato Neto, numa época em que eu achava necessário provar, diante do microfone ou da câmera, que era um poeta sujo, dileto amigo de Le Peson. Fiz muitas dessas. Fui cuspido e chutado porta afora mil vezes.

É, eu estava doidão. Mas alguém pode me explicar como consegui convencer todo mundo a me seguir e esvaziar aquele evento de merda? Foram dezenas de ocasiões em que fiz isso...

Um convencido da porra!

Fábio Guedes Frajola, dia 27 rola o Heavy Circus na minha casa, no Guará II, com a banda do meu filho na guitarra, o moleque de 19 anos: Death Watch!

Agora é que o garoto está dando valor à minha história. Demorou, mas chegou a hora de enxergar o que o pai vem fazendo há décadas.

Seria interessante captar este momento do meu *Chaos and Creation*, sob o efeito da droga interferon, usada no tratamento da hepatite C. Minha casa está de acordo com a

minha bipolaridade. Tudo tem a ver com o que estou vivendo. Gostaria muito que alguém registrasse esse barato que já dura nove meses.

Sinto-me como Steven Tyler, do Aerosmith, perdendo os cabelos, os amigos e quinze quilos. Estou na contramão, mas não parei. Nunca deixei de fazer rock-zine!

A primeira revista importada de rock que conheci foi a americana *Crawdaddy!*, em 1980. Aquilo tomou meu espírito! Depois, passei a me corresponder com a *Revolution*, de São Paulo, e a *Live*, do Rio de Janeiro, fanzines produzidos por fãs dos Beatles.

Depois, fomos os primeiros a imprimir camisetas com estampas de rock e Jesus! Enquanto isso, os bodinhos do Plano Piloto não davam valor à nossa plateia. Os fotógrafos não tiravam fotos da gente. Não éramos o tipo de gente que eles queriam enquadrar.

Foi assim que construímos a ponte do arco-íris. E todos começaram comigo!

Não imprimo mais como antes, por causa dos custos, mas continuo zineiro todos os dias. Isso não é uma fantasia de juventude nem uma brincadeira que ficou para trás. É uma maneira de viver, pensar, escrever, provocar e defender aquilo em que acredito.

São nove anos do site Do Próprio Bol$o, vinte anos da biografia *Balada do Louco* e treze anos do CD *Onde é Que Está o Meu Rock'n'Roll?*. E, no meio de tudo isso, uma intensa briga intelectual para defender a arte underground.

Valeu!

Sonho muito. Leio muito. Sou louco! Louco mesmo!

27 de outubro – Heavy Circus Festival

Byron, Deathwatch, Dark Insanity e Land of Lies. O encontro também comemorava o ingresso de Virgílio na UnB. A programação juntava churrasco, rock, poesia, cenário e fotografia. Zanza Meneses e eu assinamos o conceito; Lincon Lacerda participou com poesia na lente e no varal.

A casa voltava a receber bandas e amigos. O filho na guitarra, os jovens ocupando o palco e o pai olhando para a própria história: um encontro de gerações sem precisar de discurso sobre legado.

Os primos do Mário – amizade não é estatuto de imunidade

Alguma coisa velha como The Dirty Band Brothers. Amigos desde 1995, 1996, 1997? Sempre resguardei as amizades do passado. O problema é que essas relações nem sempre têm muito peso nos dias de hoje. Tem amigo que vive ocupado, que faz gênero. Tem aqueles que ganharam dinheiro e querem continuar explorando você. E a maioria das amizades, quando a gente menos espera, revela seu lado repressor: há quem esteja mais interessado em controlar a sua vida do que em compartilhar alguma coisa com você.

Quando encontro amigos do passado, logo vem o interrogatório:

– Nas suas festas rola fumo? Rola beijo gay?

Quando tenho oportunidade de responder, pergunto:

– Sabe o que é um pau no cu?

Sábado passado, encontrei um desses amigos: individualista, invasivo, estrela de si mesmo e totalmente tirano. E eu, atirado, mandei:

– Moço, fiz mais de 250 shows e você ainda está nesse dilema de inventar baterista, etc. Eu não estou nessa!

O tempo é curto, meu camarada. Curto demais para continuar submetido às manias, aos controles e às crises existenciais dos outros.

Esta legenda é para explicar uma coisa. Quando meu primo Dean Pazcheco trouxe seus amigos da SHIS Sul, eles logo ficaram conhecidos como “Os Primos do Mário”. Minha mulher me perguntava:

— De onde saíram esses seus amigos que eu não conhecia?

E, ao longo das décadas, outros amigos foram aparecendo. Gente que chegou por caminhos diferentes, atravessou épocas e acabou fazendo parte da minha história.

Minha mulher sempre lembra de uma coisa que não esqueço:

— O Rodrigo Souves foi o seu único amigo que te visitava quando você estava no tratamento da hepatite.

Essa lembrança pesa. Porque amizade não se mede apenas pelas festas, pelas bebedeiras, pelos shows ou pelas fotografias em que todo mundo aparece sorrindo. Também se mede pela presença quando a vida deixa de ser divertida.

Amigos perdoam. Já me perdoaram inúmeras vezes. Eu também soube voltar atrás, pedir desculpas e cobrar quando foi preciso. Não tenho vocação para santo, nem pretendo distribuir certificados de bom comportamento. Amizade é convivência, e convivência exige reconhecer os próprios erros sem transformar os erros alheios em salvo-conduto.

Guardo as amizades antigas, reconheço quem esteve comigo e não apago as histórias que construímos. Mas também aprendi que o passado não dá a ninguém o direito de mandar no meu presente.

Amigo não é estatuto de imunidade.

22 de outubro — O rock de Brasília no mapa

Félix, a ação devastadora é legitimar uma ação que não existe: colocar o rock de Brasília no mapa. Quando o filme, nas mãos certas, mostra claramente que o legado continua vivo justamente pelos nomes do passado.

É uma ação metódica, planejada, segura e orquestrada pelo governo do PT, que quer empurrar com a barriga a questão cultural. Juntam-se a isso esses peões sem-vergonhas, que vivem nos chamando de “amadores”, e por aí vai...

A derrota é iminente. Penso em Ian Curtis, que gravou sua obra em apenas alguns anos. Tinha 23 anos. É por esse culto em que acredito que tomo atitudes irracionais e radicais. Briguei muito com a realidade.

Você é um dos poucos caras que se mostram. Ponto para você, Félix Amorim!

Dos 5 Generais, da Stoner Babe, do Cogumelo Atômico etc. Ou, como diria sabiamente Ronaldo Lima:

— Farinha pouca, meu pirão primeiro.

8 de dezembro — Deem uma chance à paz

Com a indicação “Pacifismo e consciência negra”, o evento reuniu Dög Savanna, Lincon Lacerda, Balaio de Pérolas e A Banda Mais Lama da Cidade. O Salão de Arte apresentou trabalhos recentes de Carlinho$ Guimarães, e Nini Santos fez pinturas ao vivo.

Mais uma tentativa de ampliar o espaço de convivência entre música, artes visuais, poesia e reflexão social. O rock continuava no centro, mas não era a única linguagem que cabia naquela casa.

3 de dezembro – No velório surreal de Jota Pingo

Antes do velório, fica o registro da fotografia.

Ronaldo Barroso colocou a máquina no automático; Luis Eduardo, revisor de livros; Gonzaga, advogado, que encontrei nesta semana no mesmo local da foto; Zeferino (in memoriam); Paulo Iolovitch, o pintor das entrequadras, aos 80 anos; e, ao lado dele, apontando, estou eu.

Registro feito no dia da notícia da morte do ator e diretor Jota Pingo. É, o tempo passa, e a foto fica histórica!

Fotos de Ronaldo Barroso.

Após finalizar sua entrevista para a TV Brasília, Ronaldo Barroso me reconheceu:

– Você é um coniquiano! Vou fazer a sua foto!

Agradecemos de coração por esse registro e pela generosidade de eternizar aquele momento. Afinal, o tempo passa, as pessoas se vão, mas as fotografias preservam a memória viva do Conic.

No velório surreal de Jota Pingo

508 Sul. Em frente ao teatro, a alta cortina. Dentro, uma espessa fumaça, vinho e mesa farta.

Seu corpo chegou, e o estandarte do bloco Pacotão balançou sinistramente.

Joãozinho da Vila recebia os náufragos. Ivan Presença estava ao seu lado, e o cineasta André Luís falava da intenção de exibir seu filme *Loucos por Cinema*. Rênio Quintas não saía de perto do piano, e Alberico Rosa, dos filmes de Brazza, sempre gentil. Eternamente en passant, o secretário de Cultura do DF, Hamilton Pereira, apertou nossas mãos...

O clima foi ficando insuportável. Era como estar no meio de uma tempestade em companhia dos membros da família Manson. Nem na morte de John Lennon ouvi suas músicas. Naquele velório, era totalmente estranho ouvir o Álbum Branco:

You say it's your birthday / It's my birthday too – yeah!

Roqueiros e cineastas entram em ação.

Em ação, roqueiros e cineastas.

Nessa hora, amigos e inimigos esquecem suas vaidades, e todos formam um coro desconsolado.

– Corta! Close na cara de Pingo! – Glauber gritava na minha cabeça.

Se fosse um velório surrealista de Buñuel, Pingo olharia para a câmera e piscaria.

– Esquenta não, você será o próximo...

"Cascão" resolve falar:

“E eu, que tive o prazer de gozar da cordial e sempre solidária amizade do querido saudoso Jota Pingo, que tive a honra de me divertir trabalhando por três vezes com ele, espero que, neste momento, já tenha encontrado o Robson Graia, Ary Pára-raios, Cristina Borracha e tantos outros que já partiram, e estejam encenando mais um espetáculo com cenário de nuvens e luz de estrelas.”

Afonso Ligorio Araujo Mesquita

Sua face serena, de cavanhaque branco, quando eu estiver com 64 anos — parecia a de Rui Barbosa na cédula do cruzeiro. Ou será que ele abandonava fisicamente a Academia Taguatinguense de Letras?

No final, o popular José Garcia Caianno, conhecido por todo mundo como Dedé de Olinda, estava com Mauri Ramalho, animadamente lembrando as falas da nova montagem de *O Último Rango*.

— Quando Jota Pingo ia ao secretário, levava um saquinho de amendoins. À medida que as cascas caíam no carpete, rapidinho atendiam ele...

Vi Paulão de Varadero, vi Cicinho, vi "Cascão", do Detrito Federal. Deu tempo para todo mundo se despedir. E um dos primeiros a chegar foi um morador das imediações da 508 Sul, que veio prestar sua homenagem.

Emocionante!

Quando voltei ao Conic e ganhei este calendário, era 3 de dezembro de 2012. O jornal estampava a manchete da morte de Jota Pingo, e Zeferino Alves Neto ainda estava vivo.

Fechamento — O que ficou de 2012

O ano tem uma contradição que merece permanecer no centro do memorial: de um lado, o Do Próprio Bol$o alcançava um milhão de leitores; de outro, eu anunciava o último festival, depois de décadas financiando minhas próprias produções. A audiência crescia, mas o custo humano e financeiro também pesava.

O tratamento com interferon atravessava meu cotidiano. Eu perdia cabelo, amigos e quinze quilos, mas não abandonava o rock-zine. Virgílio entrava na UnB e tocava na Deathwatch. Os jovens que brincavam no caminhão em 2005 agora tinham uma banda. Paulo Iolovitch pintava muros e telas. O Conic seguia produzindo seus encontros, suas fotografias e suas histórias. E Jota Pingo deixava uma lacuna no teatro e na vida cultural de Brasília.

O título **Ano do Bico do Corvo** não era exagero. Havia despedidas, desgaste, conflitos e a consciência de que o tempo não espera. Mas havia também herdeiros, novos músicos, imagens preservadas e uma história que continuava sendo escrita.

O festival podia ser o último. O Do Próprio Bol$o, não.

2013

ETERNA LOUCURA ATÉ OS OSSOS!

Rock, sobrevivência, encontros e experiências no underground de Brasília e do Guará.

2013 foi um ano de intensa movimentação cultural e pessoal. Enquanto enfrentava a primeira tentativa de tratamento da hepatite C, com consequências físicas e emocionais devastadoras, continuei movimentando o rock, aproximando músicos, produzindo encontros, organizando shows e alimentando minhas obsessões literárias e musicais.

Foi um período de delírio, criação, amizades, conflitos, descobertas e sobrevivência. O Whiskrytório, o Sarau Psicodélico, a Stoner Babe, Os $alvadores e uma quantidade impressionante de bandas e personagens fizeram daquele ano uma experiência coletiva que ainda reverbera na memória.

MEMÓRIA DO ROCK DE BRASÍLIA E DO GUARÁ

DURANGOS DA AMÉRICA: GENEALOGIA DE UMA BANDA DO ROCK BRASÍLIA

Pedalando na máquina do tempo.

Um importante registro sobre a história dos Durangos da América, trio do Guará. Recupera meu encontro com Celso, Miro e Sérgio durante a VI Faculta, em Taguatinga, e reconstrói a edição de 1988 do festival, a passagem da banda pela imprensa, as gravações no Zen Studio e a invasão policial do bar Bom Demais durante o Rock Verão.

Um fragmento que ultrapassa a memória pessoal e recupera um capítulo da história do rock brasiliense, incluindo a violência sofrida por quem ocupava os espaços da contracultura.

EM LUZIÂNIA, O SARAU PSICODÉLICO COROOU SERGUEI

25 de maio de 2013.

Um dos encontros mais marcantes daquele ano. A chegada da van, a pequena multidão, os fãs e seus tablets. Depois, Serguei fica sozinho. Aproximo-me, chamo-o de Sérgio, seguro sua mão e o conduzo pelo asfalto até o camarim. Mais tarde, meu nome é anunciado ao microfone.

O episódio integra uma experiência coletiva que reuniu o Sarau Psicodélico, o programa independente O Libertário, o filme sobre a Stoner Babe e um público jovem e diversificado. Há depoimentos de Cida Carvalho, Tiago Rabelo, Magu Cartabranca e France Farias.

Serguei acabaria se tornando uma espécie de patrono daquela conjunção de rock, amizade e loucura.

OS MUTANTES EM BRASÍLIA — O ROCK QUE ROLA NO DF!

1º e 3 de agosto de 2013.

A expectativa pelo retorno dos Mutantes a Brasília, três décadas depois da última apresentação na cidade. Agradeço ao maestro Rênio Quintas pelo convite para acompanhar o show no Museu da República.

Também recupero outros encontros com essa história musical: Sérgio Dias e The Jets, em Goiânia, em 2002, e os Mutantes em Pirenópolis, em 2011.

ANTIMÁCULA — O CHÃO ESTÁ TREMENDO

9 de setembro de 2013.

O lançamento do primeiro CD do Antimácula, banda de crossover de Luziânia, então formada por cinco integrantes. Quatro faixas: “Heroína”, “Lamento”, “Oh Dia” e “Cidade Morta”.

Guitarras como lâminas, pressão, peso e confronto. Acompanhei a evolução da banda, sua passagem por praças e palcos apertados, o amadurecimento musical, os vocais em português e os solos de guitarra. Um registro da cena underground que ultrapassava as fronteiras do Distrito Federal.

A ENIGMÁTICA LENTE DE JOELMA ANTUNES DE SOUSA

Uma personagem da contracultura do Guará e de Brasília. Joelma já frequentava os ambientes musicais muito antes de começar a fotografar. O relato recupera encontros no Butequim Blues, no Blues Pub, nos shows da Marssal e dos Cachorros das Cachorras, além de passagens pelo Bar do Léo, Bar do Cícero e Batik.

Sua aproximação com Daniela Bezerra e o desenvolvimento de seu trabalho fotográfico também fazem parte dessa memória. Joelma não era uma observadora ocasional: documentava um universo do qual também participava.

FABIO GOLFETTI NO AMERICA ROCK CLUB

4 de maio de 2013 — Taguatinga.

Registro fotográfico de Fabio Golfetti, guitarrista da Violeta de Outono, durante apresentação no America Rock Club. A imagem, de minha autoria, documenta o músico no palco, sob a iluminação azulada da casa.

Um registro breve, mas importante para a cronologia dos shows daquele período.

Nota de arquivo: artigos de terceiros, notícias sobre personalidades musicais e publicações posteriores que apenas mencionam 2013 permanecem no arquivo musical, sem serem incorporados à narrativa autobiográfica.

CANTO DO PURGATÓRIO

Em estado de colapso, quase pulando pela janela. A foto mais verdadeira dos dias embriagados, feita por Joelma Antunes.

Experimentei uma sensação de repulsa quando me aproximei para abraçar o artista declaradamente bissexual. Eu estava magrinho.

Nasci hemofílico. Devido a tratamentos dentários, tomava o anticoagulante Cril, o que pode ter contribuído para uma infecção pelo vírus da hepatite C. Entre 2012 e 2013, na rede pública de saúde, fiz um primeiro tratamento, sem sucesso. Talvez a maior sequela tenha sido a dolorosa lembrança das agulhadas na pele da barriga e de sua total ineficácia.

Quando minha mãe me viu depois daquele tratamento — que sequer para placebo serviu —, não teve coragem de perguntar se eu estava doente.

O bom Deus não me curou naquela primeira fase, mas, posteriormente, permitiu que eu me recuperasse e saísse em turnê pela cidade, exibindo minha saúde de búfalo da Ilha de Marajó e a disposição criadora de poeta romântico alemão.

No auge do delírio, pedi-a em casamento na igreja, com a banda tocando as faixas de *Lóki?!*

Achei que iria morrer. Jesus é generoso e benevolente. Escapei mais uma vez dos riscos fatais. Numa sentada, escrevi *10.000 Dias de Rock*, e havia muito amor envolvido.

Viajei um ano no coquetel duplo de Rivotril com interferon e na balada diária de ribavirina. Esse comprimido me afetava de tal maneira que eu subia pelas paredes. Emagreci tanto que desapareci num profundo desexistir. Meus cabelos ficaram brancos e danei a esfregar ódio na cara de gente próxima.

A medicação para o fígado abalava o centro das emoções. Queimei os neurônios. O ano foi infernal. Disseram que eu estava no bico do corvo, com a alma encomendada, de modo que novamente seria uma cobaia de drogas experimentais.

Como na última vez quase perdi meu emprego, sugiro um distanciamento de provocações e disputas, pois andarei novamente com o certificado de louco.

Ainda me lembro daquele dia em que, do nada, fomos parar no Bandeirante. Te amei naquele dia. Puro rock, dos mais lindos. Fui ouvindo suas histórias tão lindas e tão bem contadas. Me senti maravilhado, cheio de luz e de força, além de uma puta vitalidade intelectual para ir além de mim. Ou seja, senti o que seria razoável, ou esperado ou desejado, sentir próximo ao estranho encantamento. Há línguas de fogo por todos os templos. Tenho me preparado para viver tempos difíceis, onde o amor, essa grande aventura, não tem quadrinho. Ando tropeçando em portas.

(José Nildo Souza)

• Com Julimar dos Santos, multiartista de rua, no início dessa recente fase de delírio, às vezes coletivo.

JANEIRO – A MÁQUINA COMEÇA A FUNCIONAR

12 de janeiro

Esse cara aí é o Reginaldo Rock'n'Roll. Há 31 anos, ele pegava os exemplares do zine, colocava na garupa da bicicleta ou da moto e seguia pelas ruas distribuindo o material.

Sempre foi um homem de confiança. Não esteve presente em muitos momentos públicos, mas, na véspera, sempre imprimiu sua pegada profissional de capitão faz-tudo. Fã número um da guitarra do menino Virgílio.

25 de janeiro – PATRULHA DO ESPAÇO

Moçada! Dia 36 estaremos escrevendo mais um capítulo da saga do Patrulha do Espaço. Agradeço à Cida Carvalho, incansável guerreira, fã nº 1 de Serguei, e ao Hamilton Zen, com sua arte sempre disposta a decorar os movimentos.

Amigos músicos, não fiquem com ciúmes! I'm going to Country and Rock para fechar a participação de Davi Kaus e dos irmãos Metralha.

Rolando Castello Júnior

Rolando Castello Júnior não disfarça o incômodo de ser interlocutor do imenso vazio artístico de nossa pátria. O corpo denuncia o cansaço. Solitário, segue o traçado central de Niemeyer, um de seus fascínios.

Devora livros e anda sempre acompanhado dos óculos, das roupas de couro e dos cabelos longos. Lá no fundo, ri, para, pensa e tagarela uma música de Arnaldo Baptista... como se a melodia fosse lhe apresentar um amigo, um bandido ou, quem sabe, um cowboy do espaço.

27 de janeiro

Um longo dia, uma tarde rápida de grafite.

Ricardo, Microfone, Pazcheco e Julimar juntos nos vícios da arte.

Massa real! Galera!

29 de janeiro

Cida Carvalho: um L de nove metros em paredes nuas para o seu cenário.

Sábado: JAM DOS LOUCOS. Davi Kaus (guitarra) + Tiago Rabelo (bateria).

MARÇO E ABRIL – PEQUENAS DECLARAÇÕES

16 de março – LEMBRETES (não valem para os amigos facebooquianos)

Sou honesto: posso me lembrar de quantas vezes roubei.

O virtuoso é um chato. Todo virtuoso é chato.

Ou a gente se excita ou se fode.

6 de abril

– Vamos ligar a guitarra na mesa.

– Mário, a última vez que fiz isso, a mesa queimou...

O que a letra diz?

– Pô! O cara só tem estrume na cabeça! (hahaha)

Assim eram os dias com Cécé e Ricardo Lima. Cécé deve estar agora semeando cenouras...

21 DE MAIO – BLUES DA SOBREVIVÊNCIA

Eu estava morto. A cidade já me considerava um poeta morto, um desses sujeitos que desaparecem antes mesmo de serem enterrados, que deixam de frequentar os lugares, somem das conversas e passam a existir apenas na memória dos outros. Eu estava vivo, mas era como se já tivessem escrito meu epitáfio.

Vivi o período das drogas injetáveis. Tudo começou com as bolas devidamente receitadas pelo psiquiatra, a dependência do Rivotril, a rotina química tomando conta dos meus dias. Minha urina já nem me pertencia. Meu corpo se transformara num território estranho, e as doenças psicossomáticas foram se instalando, ocupando os espaços que eu já não conseguia defender.

Até que um dia rasguei as bulas e mandei a psiquiatra ir tomar no cu. No inferno eu já estava, e não precisava de mais ninguém para me explicar o caminho. Foi meu jeito torto, desesperado, de tentar romper com aquela condição em que eu já não sabia distinguir o que era tratamento, dependência, medo ou rendição.

Das bolas passei às injeções na pele da barriga. Fiquei magro como Cazuza, consumido, com o corpo contando uma história que eu nem sempre tinha coragem de narrar. E senti na própria pele o preconceito que cerca quem convive com doenças estigmatizadas, quem passa a ser observado como se tivesse deixado de ser gente para se transformar num diagnóstico.

Tenho hepatite. Dei a volta por cima de muita coisa, mas não saí ileso. Ninguém me mandou flores porque eu não morri. Talvez esperassem justamente isso: que eu desaparecesse de vez, que a cidade pudesse confirmar sua profecia e transformar o poeta vivo numa lembrança conveniente.

Mas continuo aqui.

Ainda estou em tratamento de várias doenças sociais. Algumas são difíceis de identificar, outras se escondem atrás de hábitos, desculpas e pequenas covardias cotidianas. A mais resistente delas, durante muito tempo, foi meu apego ao álcool.

Essa batalha não se resolve com frases bonitas, nem com a arrogância de quem acredita ter todas as respostas. Há lutas que exigem tempo, reconhecimento e a disposição de admitir que não conseguimos vencer tudo de uma vez.

A sobrevivência não é uma linha reta. Às vezes, é um passo adiante e dois para trás. Às vezes, é rasgar uma bula, reconhecer o próprio abismo ou simplesmente acordar na manhã seguinte e continuar.

Aprendi que se apegar à vida também é uma forma de arte. Uma arte bruta, sem moldura, sem aplausos e sem garantia de final feliz. É preciso se reinventar quando o corpo falha, quando a cabeça desaba, quando os amigos desaparecem e quando a cidade já escolheu o lugar onde pretende sepultar você.

Não escrevo isso para posar de sobrevivente, muito menos para transformar sofrimento em medalha. Escrevo porque estou vivo e porque a minha história não pertence aos que já me deram como morto.

Goste de você. Aprenda a reconhecer seu valor, mesmo quando ninguém estiver olhando. Procure ajuda quando precisar, não tenha vergonha de suas fragilidades e não confunda autodestruição com liberdade.

Quanto ao resto, a escolha é sua. Você pode continuar se abandonando ou tentar se resgatar, um dia de cada vez.

Eu continuo por aqui, compondo meu blues da sobrevivência. Com cicatrizes, contradições e a teimosia de quem ainda não entregou os pontos.

Não me mandem flores. Ainda estou vivo.

MAIO E JUNHO — MAPAS SONOROS E MEMÓRIA LEGIONÁRIA

22 de maio

Aí, Tiago Rabelo! Hoje, quarta-feira, vamos fazer uma mapinha sonoro.

Zed Is Not Dead abre a noite, seguido de A Banda Mais Lama e da participação especial de seus dois fãs benditos — pausa.

Rock Show apresenta seus maiores clássicos na pegada da Maverick Sete Nove e de seus pilotos, Jordanio Maverick.

Stoner Babe vem na sequência.

E, para fechar, Beer Head & Red Zones.

Hoje, passamos bateria, baixo, teclado e microfones — um som mais acústico. Na sexta-feira, entram os abençoados cubos de guitarra e baixo da RS Musical.

7 de junho — DONA CARMINHA, MÃE DE RENATO RUSSO, NO CEM 01 DO NÚCLEO BANDEIRANTE

O Centro de Ensino Médio 01 do Núcleo Bandeirante completava 50 anos — 1963–2013. Naquela sexta-feira, início de junho, o Projeto Prata da Casa homenageou os grandes compositores da música brasileira na pessoa de Dona Carminha, mãe de Renato Russo.

A programação incluiu o show Cálida Essência e a presença do professor Júnior Camacho (Jccjr) e do casal Ruído Urbano, Júlio Mota e Ana Paula Teixeira.

Dona Carminha mostrou a velha disposição e a educação de sempre ao responder às perguntas dos alunos do CEM 01 sobre seu amado filho. Nossa interlocutora foi sensacional. A entrevista, conduzida também pelas perguntas de Júlio Mota, acabou virando uma conversa amigável — o tom perfeito para o encontro.

Foi gratificante ver a atividade cultural e política do Grêmio Estudantil restabelecida. Uma dupla de alunos interpretou dois grandes sucessos da Legião Urbana sem esconder a emoção. A comoção se espalhou pela tarde mágica.

O ponto alto foi a entrega de presentinhos especiais relacionados à obra de Renato Russo. Dona Carminha lembrou as primeiras formações da Legião Urbana e a presença de Negrette. Falou dos filmes sobre o filho na telona, dos livros e de *O Filho da Revolução*, do jornalista Carlos Marcelo, que elogiou. Sobre os livros psicografados, fez questão de esclarecer: "O psicografado não é o Júnior".

Contou histórias da infância de Renato e falou da futura produção de dois filmes inspirados em canções do filho: *Dezesseis*, sobre Johnny, que perdeu a vida nas curvas de Sobradinho, e *Eduardo e Mônica*, de Denise Bandeira.

Seu desejo literário era que o diário do filho, escrito em inglês, só fosse publicado depois de sua morte — que, segundo ela, ainda demoraria muito.

Também comentou o projeto holográfico do espetáculo *Renato Russo Sinfônico*. Seu neto Giuliano Manfredini acompanhava o projeto havia algum tempo nos Estados Unidos e, segundo ela, atestava a qualidade do evento.

Houve espaço para assuntos dolorosos, como o suicídio de Clarisse, a jovem de 18 anos da família Manfredini. Júnior, ainda muito novo, guardou aquela história consigo, modificando apenas o andar do salto mortal.

As perguntas de Júlio Mota tocaram fundo nas lembranças do fatídico show de 1988, aguardado ansiosamente por Renato Russo e transformado numa batalha campal.

Renato nunca abandonou Brasília. Dona Carminha recordou a rotina das visitas do filho:

— Recebíamos à noite no aeroporto, na sexta-feira. Entrava pela garagem. Pela mesma saía com os amigos. E domingo à noite retornava para o Rio de Janeiro.

Outro assunto surpreendente foi o reaparecimento de *A Verdadeira Desorganização do Desespero*, texto teatral escrito por Renato Manfredini Jr. havia mais de 30 anos. Faltavam duas páginas. Como foram encontradas? Dona Carminha explicou, de maneira simples, que o texto e as páginas perdidas provavelmente reapareceram quando sua filha Carmem organizou o apartamento do cantor no Rio de Janeiro para a exposição no CCBB, em Brasília.

Sobre a morte do filho, Dona Carminha contou que só descobriu a causa ao ler as manchetes dos jornais. "Talvez meu marido soubesse, mas me preservaram."



Falou também sobre o envolvimento de Renato com as drogas. Segundo ela, ele experimentou de tudo e acabou se viciando. “Morreu limpo. O cigarro não foi tirado, porque o médico disse que era a sua muleta.”

Houve ainda uma observação sobre a relação de Renato com o próprio filho e as drogas. Dona Carminha recordou que Renato era contra o uso de drogas pelo filho, apesar de sua própria experiência. A frase atribuída a ele ficou registrada na conversa: “Meu filho disse que o filho dele só colocaria drogas na boca uma única vez, ele não permitiria”. E completou: “Usei todas as drogas para experimentar e fazer minhas canções”.

Quero agradecer a todos os alunos, especialmente a Ludmila Jardim e a seu irmão, pelo convite para compor a mesa conduzida pelo professor Valdir. Agradeço também a Mindoim pelo carinho, pela atenção e pelas fotos.

Teve televisão – talvez imagens na tela da Record. No estacionamento, a viatura da Globo. Perfeição!

20 DE JUNHO – ACHEI UMA NINFA

"Na rua, debaixo de uma árvore. Te beijo, beijo, beijo, beijo."

Achei uma Ninfa: "Com teus filhos. Pródigos com futuro."

Seu cabelo oscilava. Jaqueta e saia se contorciam numa teia. Entre um passo e outro, ela avançava e soprava na minha cara. Uma dança marcial de entrada. Eu apenas levantava o braço na direção da objetiva e franzia o queixo: sem fotos!

– Então, você gosta de arte?

– Eu sou a artimanha, menina!

Lilith me disse:

– Conheça a minha alma!

No seu flat, na orla. O quarto era pequeno. Sobre a mesa de pés metálicos pretos e tampo fumê, puxou de um embrulho um conjunto de roupas. Na mesma hora, começou a fazer traços e costuras nada banais. Sei lá... Construiu ou remodelou a peça.

Caí na besteira de perguntar quanto custava.

— 62 mil reais!

Da antiga cigarreira prateada, espalhou um pó cobre.

— Eu preferia um baseado.

A própria parede era um espelho gigante. Uma estranha sensação de que havia alguém nos olhando. Gelei.

— Hora de pegar o beco.

No restaurante, assim que nos sentamos, serviram toalhinhas quentes. Fiquei olhando para o copo d'água, sem saber o que fazer: bebo?

O vinho parecia sangue descendo pela garganta. Brindamos à vida.

Seu vasto conhecimento musical não me constrangia. Falava de bandas e subculturas. Na pista, seu corpo negro dançava como nos anos 90.

Do nada, soltou a bomba:

— Eu sei que você gosta do Arnaldo Baptista!

— Eu também!

Desconcertado, respondi:

— É. Essas coisas só acontecem com o Arnaldo!

Atravessamos a noite conversando sobre Arnaldo Baptista. Ela me contou do esperado-inesperado de como o conheceu. Cantou "todas" as músicas do Arnaldo no meu ouvido de ciborgue.

Ficou fácil passar o cartão.

Obrigado, Arnaldo, pelo nutriente digestível!

JULHO — FICA: O CAOS NOSSO DE CADA DIA

25 de julho — FACE DO CAOS

FACE DO CAOS encerrou o caos nosso de cada dia.

O clima de anarquia marcou o encerramento do FICA, festival independente de música de rua que se recusa a morrer ou entregar os pontos. Claro que os papagaios de pirata estavam lá, com suas lentes apontadas para os nossos olhos.

Valeu, Mosca! Valeu, nobre Julimar, nobre Diego, Micro, Nader e Retz. Valeu aos vã-gás-buns sagrados da noite: Athaide, Marlene, Arnaldo, eu, minha mulher, minha filha que passou na UnB e a bomba que engoli. Juarez empurrando sua carrocinha.

A ausência de ninguém foi sentida.

Valeu, Hamilton, Lincon, Nini, Cabeloduro, Edson, Sueli, Carol e todos os vagalumes.

30 de julho — OZZY OSBOURNE

Lay Your World on Me, do Ozzy Osbourne. Essa eu ouço dez vezes por dia: cinco na ida e outras cinco na volta. Chego ao trabalho espumando!

Por isso, eu amo Ozzy!

Bando de petralha filho-da-puta. Volta, Roriz!

A música fala de amparo, de oferecer o próprio corpo como sustentação para alguém que carrega o peso do mundo. Uma declaração de solidariedade, arrependimento e disposição para estar presente quando o outro precisar.

Talvez fosse por isso que eu a repetisse tanto. Ou talvez fosse apenas Ozzy fazendo aquilo que sabe fazer comigo: transformar uma viagem de ida e volta ao trabalho numa experiência quase religiosa.

AGOSTO — WHISKRYTÓRIO, BANDAS E DESGOVERNADOS

6 de agosto — ROCK'N'ROLL NEWS: CROMUS NO 7 DE SETEMBRO

Como Os Barbarellas estariam ocupados no dia 7 de setembro, tocando no próprio show, no Whiskyitório, cederam a vaga e prometeram aparecer no festival. Em contato com a Produtora Ruído Urbano, indicaram a banda Cromus, cujo carisma e profissionalismo já conhecemos.

Esclarecendo: só tenho interesse em apresentar bandas que correm atrás de seus trechos e palcos, carregam as próprias caixas nas costas e representam a resistência do Movimento Underground. Bandas que ensaiam, compõem, correm riscos, fazem fotos e investem pesado o próprio tempo naquilo em que acreditam.

Por favor, me evitem se não estiverem de acordo. É um saco mortal ver sujeito tocando com a guitarra e o amplificador dos outros ou ficar bêbado, feito uma cabaça, achando que pode chegar e tocar sem estar no flyer. Fiquem em casa e não encham o saco. Boteco é o que não falta.

Ainda há muita loucura para ser retratada. Dois mil e treze parece estar a anos-luz daqui. Do agora, não tenho muito a dizer, a não ser que passo óleo de rícino (ou de mamona) na raiz do cabelo. Que Raul Seixas foi o maior maluco lúcido e que ninguém salva ninguém, a não ser de si mesmo. E que entendo o que está escrito no capacete da Fórmula 1: Cristo salva. Cristo é quem conduz todos à vida eterna. Minhas meras constatações pessoais.

WHISKRYTÓRIO — UMA ESPELUCA SAUDOSA

Whiskrytório era o pior nome que uma casa de shows poderia ter, pois ninguém nunca conseguia escrever o nome corretamente. Era o nosso espaço, dominado por bandas, radialistas e produtores divorciados da fama. Um oásis perdido de rock, enquanto os prédios em frente cresciam, ainda sem vizinhos para nos tirar o assento.

Toda produção de rock está fadada ao fracasso, pois o público não tem dinheiro para pagar ingresso. Então, o Whiskrytório não cobrava entrada e vendia muitas cervejas.

Roqueiros tocavam por paixão. Muita gente boa, digo até gênios jovens do rock que jamais vi de novo. Bandas ultrajantes e rápidas, tipo Cólera. Bandas com sintetizadores. Sexo, gente bonita e jovem. E bandas sobreviventes dos anos 80 também tocaram lá. Todos os estilos, dos mais pesados.

Toda sexta era cerveja gelada e rock, o melhor rock que Brasília produzia naquele momento de 2013.

A rua escura, apinhada de putas que vinham curtir. Eu fui feliz lá. Nós fomos felizes.

Foi nesse antro que encontrei a Banda Ser, que não estava muito feliz porque não iria tocar. Estavam sem a bateria. Eu não os conhecia e falei:

— Olha, vou arrumar uma apresentação para vocês.

Só me lembro disso. Depois, passamos a tocar duas vezes por ano.

O tempo urge. Agora, em setembro, fez dois anos que vocês tocaram aqui em casa pela última vez. Não parece, mas vocês são o encosto do rock daqui de casa, ao lado da Banda Mais Lama.

Assim que a poeira assentar, vamos repetir essa reprise.

Acho que, daqui para a frente, só teremos reprises, pois é necessário um estado de surto controlado para manter viva a chama do rock do Whiskrytório, aquela espelunca saudosa dos nossos últimos tempos áureos, quando o rock rolava.



RETROSPECTIVA – O ANO EM QUE O ROCK ARDEU

Do rock, tive uma overdose de tanto estrangular a veia e o ouvido. Tenho pavor real de certas coisas, porque quase me matei e quase me mataram.

Lá em cima, falo de 2013. Foi um ano revolucionário em nossas vidas. Elegemos aquele ano para ancorar o rock lá no alto, acima das nuvens. Foi quando, pela primeira vez, tentei escapar da hepatite C. A maioria, diante da minha evidente magreza, achava que o vírus era outro. É claro que ninguém prestou atenção em nós, a não ser nós mesmos.

Foi o ano da Stoner Babe, do Sarau Psicodélico e de tanta gente: Banda Ser, Diferencial Zero, Dog Savanna. Aquele menino, Daniel, que canta muito. PlusUltra, Ruído Urbano, Cromus, Canalhas & Navalhas e tantas outras bandas. Tudo direto do WHISKRYTÓRIO, uma das grandes casas do rock, que ardeu intensamente, mas por pouco tempo.

Falo de 2013, o ano em que Serguei se tornou o patrono da nossa conjunção carnal. Foi quando Mário Retz, Zedson Nader, Campanha de Ajuda e Julimar se metamorfosearam em Os $alvadores, a junção mais anárquica da arte.

Do belo verde pastoral das vacas até tingirmos o céu com nossa alegria e nossos orgasmos, em tantos shows e grafites. Queríamos mesmo era balançar e cutucar o coreto.

Foi a mais linda das histórias.

Agora, em 2022, passado um ano do enterro do corpo de Ricardo Retz, largado à esperança de virar adubo e fazer florescer notas musicais, lembro-me daquele grandioso ano de celebração. Continuamos todos amigos, desde que nos peçam por necessidades verdadeiras. Foi quando estivemos reunidos em uma pessoa só.

OS $ALVADORES — UMA DAS FORMAÇÕES MAIS VISCERAIS

Nunca falei mal de ninguém no Facebook nem em livro. Já o maestro da bateria falou tão mal de mim que até a própria Direita se encarregou de sair em minha defesa. Olha o tamanho da encrenca!

Não alimento desunião, não devo nada a ninguém e, se for preciso, sou capaz de esclarecer qualquer coisa. Bate-boca não é comigo. Estou acima das críticas — kkkkk! Pelo menos até a próxima crise de vaidade.

Agora, se você vai ficar nesse belem-belem, nunca mais fico de bem, recomendo procurar um exorcista. Cabelo branco eu já tenho demais; daqui pra frente, só peruca resolve!

Posso até listar a quantidade de nomes com quem seguimos por aí. A verdade é que eu não empaco: apenas evito problemas. Chega de confusão! A gente tem uma casa para cuidar e uma vida para tocar. Problema, quando aparece na rua, é melhor resolver por lá — não trazer para dentro de casa.

VOCÊ TAMBÉM FOI UM $ALVADOR

Ainda sobre Os $alvadores: não desafiaram ninguém, não mudaram as regras do jogo nem alteraram comportamentos. Apesar disso, tiveram fãs histéricas — porque nem toda banda precisa fazer alguma coisa para provocar reações.

No funeral da banda, compareceram os únicos cinco carros do grupo, seu patrimônio, seu único bem. Uma frota respeitável para quem não tinha disco, show ou futuro. Como todos já haviam passado dos 27 anos, nenhum integrante encontrou a redenção ao lado dos mitos que morreram jovens. A maldição dos 27 não nos queria; a realidade, muito menos.

Os $alvadores deram continuidade ao legado de Milli Vanilli: a glória sem a obrigação de provar coisa alguma. Em suas fileiras, verdadeiros mitos do underground dividiram espaço com músicos de apoio e toda sorte de pseudoartistas. Um elenco de respeito, se o respeito não fosse justamente o que menos nos interessava.

Em estilo acid comics, a trajetória dessa banda poderia ser revelada em capítulos delirantes, com personagens improváveis, feitos duvidosos e uma mitologia construída sobre o vazio. Uma banda sem legado, sem show, sem gravação. Apenas uma ideia — e, às vezes, uma ideia vale mais do que uma discografia inteira.

Os $alvadores foram responsáveis pela diversificação social do rock. Conseguimos reunir gente que jamais deveria estar no mesmo palco — até porque palco nunca tivemos. E, se você esteve por perto, aplaudiu, tocou, carregou equipamento ou simplesmente acreditou na farsa, parabéns: você também foi um $alvador!

19 de agosto — PRATO DO ROCK: JABÁ PARA 7 DE SETEMBRO

Moçada!

Gastei todo o meu suado dinheiro com rock'n'roll desde 1975. Agora estou duro e ainda tenho um rock pela frente. Humildemente, peço que façam uma feira: legumes e quilos de carne para prepararmos os caldos. Precisamos de cozinheiros profissionais, pães, pinga, vodca, frutas, leite condensado, pó de café (tudo!) e centenas ou milhares de latinhas de cerveja. Gelo, caixas de isopor e uma TV colorida de 24 polegadas também serão bem-vindos.

Corro atrás de uma bateria e de uma banda que não me dá retorno. É muito chato escalar os amigos, eles aparecerem com suas contribuições e ainda perguntarem: "E aqueles seus amigos ali, Mário?"

Então, neste rock solidário, traga alguma coisa legal: salada de frutas, sorvete, crianças, palhaços, malabares, mamãe natureza... além da sua própria persona.

E lembre-se: jogar lixo no gramado agora dá multa!

Não deixe de se manifestar. Faça arte! E deixe de acreditar em Coletivos. Podes crer?

Por favor, não fure conosco. O movimento underground do Centro-Oeste precisa de você!

Mil desculpas! Dispenso ajuda de político. Não sou orgulhoso.

SETEMBRO — MANUAL PARA SOBREVIVER À PRÓPRIA LOUCURA

23 de setembro — MANUAL DO MALUCO

Atualizado — impróprio para menores.

Se estás doido, não saias de casa sozinho.

Saiu? Deixe a mulher dirigir ou durma em pé.

Não dê carona, nem para conhecidos.

Lição número um: doido e duro ao mesmo tempo é ruim.

Nunca ande com óculos, bolsa, câmera, diários, CDs ou celular. Guarde tudo no porta-malas.

Em casa, nunca diga que perdeu. Fale que trocou, deu ou foi roubado.

Nunca ligue para a casa de outro maluco na manhã seguinte. Ele pode mandar você ir à merda.

Carregue sempre seu material de higiene e seu casaco.

Nunca diga que o outro maluco estava mais bêbado do que você. Quem se fodeu foi você.

Tente não misturar as coisas. Seja elegante e mantenha-se numa birita só.

Ser maluco sênior é xarope. Deixe a maluquice para os caras com metade da sua idade.

Beber, fumar, dançar ou flertar: tente dividir essas atividades conforme o termômetro da festa.

1º de outubro — SPONTANEOUS

A onda agora será SPONTANEOUS: espontâneo, automático, impensado, voluntário.

Só para amigos afins e parceiros – videomakers, fotógrafos, roqueiros, deejays, iluminadores, confeiteiros.

Infelizmente, estou de olho naqueles que parecem não compreender e tecem comentários maldosos pelas minhas costas, tentando transformar meus parceiros em inimigos. Não vou entrar numa cruzada para lhes dar um puxão de orelha, muito menos recriminar ninguém.

Jamais solicitei que alguém fizesse algo de graça para mim. E não pense que sou capaz de sustentar uma situação além das minhas possibilidades. Sou um homem de meia-idade, com três filhos, dois cachorros e vícios literários diários.

Uns bebem, outros puxam. Surto de colecionismo: estou endividado até o talo, mas o BRB empresta. Gasto toda a minha grana com o que eu quero.

Estou completando 24 anos de serviços prestados. Sempre batendo ponto, nunca sendo chamado à atenção por faltar. Talvez me deem uma medalha! Tudo isso para fazer o tal de rock'n'roll. Só agora, vinte anos depois, estão sabendo que tenho uma carreira paralela.

Odeio longas chamadas no Facebook. Quero muito fazer o que faço e não hesitarei nem em atirar pelas costas.

Vocês continuarão recebendo convites, mas terei de ser mais seletivo. Ou tem boi na linha?

Faz parte do movimento topar com insensíveis, invejosos, hipócritas, imbecis, iletrados e a puta que pariu!

Não encha meu saco de vômito. Resumindo: procure um empresário ou vá mostrar seu talento no Ídolos. Galerias, marchands e proprietários existem aos montes.

Boa sorte!

OUTUBRO – COLECIONISMO E MEMÓRIA

28 de outubro – DOIS PÁSSAROS NA GAIOLA

Tenho a maior inveja da coleção do Fernando Carpaneda. Memorabilia de Nova York nunca foi barato aqui na terrinha. Pá! Tinha um monte de recortes e um excelente DVD, *Vida e Morte de Andy Warhol*, mas nada de livros.

Via vários na Livraria Cultura. Ainda têm muitos, mas são caros. Passei anos indo diariamente ao Sebinho da 407 Norte, até que, num passe de mágica, pintaram dois livros do Andy Warhol, sempre pela metade do preço. Entre eles, *Andy Warhol, Mr. America*, em português, lançado pela Pinacoteca da Bienal de São Paulo.

Tudo isso para chegar aqui e registrar que comprei este livro, *Velvet Underground*, do Jim DeRogatis. Naquela situação de estudar bastante dois livros para decidir qual levar, este ganhou pela reprodução de anúncios de jornais e fotografias exclusivas.

Ainda quero uns dois livros do Joy Division, mas me viciei em levar para casa o que estiver em promoção. Mais vale dois pássaros, um negro e um albino, na gaiola.

DEZEMBRO – CONIC, POESIA E DESPEDIDAS

Literárias – SOBRE UM CERTO CÃO SELVAGEM

Paulão de Varadero

Sugestão de leitura

Recomendo aos amigos, como leitura prazerosa, rica e "obrigatória", o livro de poemas de um poeta baiano de Vitória da Conquista que, depois do segundo enfarto e de algumas

safenas – ou mamárias, sei lá! –, consertou o relógio e saiu disparando belas palavras, torpedos em forma de poemas. Poesia pura! *O Cão Selvagem* é a quinta publicação poética de Heitor Humberto de Andrade.

O Ivan Presença, do Quiosque Cultural do Conic, já tinha me falado que o livro era muito bom. Depois de passar uma hora esperando no laboratório Exame para fazer um exame "escrotíssimo", chamado ressonância magnética, durante o qual fiquei num tubo de plástico por quase meia hora, ouvindo um barulho terrível, ensurdecedor, aproveitei a espera para me deliciar com a poesia do Heitor. Acho que foi por isso que suportei o exame.

Grande, despretensiosamente bela, sua poesia! Confessional, capaz de falar de sua pobreza, de quem não pode entrar num café, mas que é rico de nuvens, águas, lembranças, amores, paixões, tesão de viver, mesmo sabendo, como Ferreira Gullar, "que a vida vale a pena, embora o pão seja caro e a liberdade pequena".

Já na apresentação do autor, na contracapa, vejo a marca do filósofo: "jornalista pela fome, poeta pela sede".

Não vou me alongar. Isso não é uma crítica literária, nem vou citar os poemas do livro, para que vocês vão atrás dele e o comprem ainda hoje. A editora é a Siglaviva, e o livro foi lançado agora.

Fico feliz em redescobrir outras facetas do meu amigo Heitor, que sempre nos enche de elogios e adjetivos superlativos ("O Paulão é formidável!"), nem sempre verdadeiros. Hoje descubro que ele é um publicitário, grande fazedor de frases e generoso com os amigos – às vezes até demais, exagera.

Mas ele conhece bem, com a certeza de quem tem a experiência de uma vida inteira – e isso revela num poema dedicado a Alain Robbe-Grillet –, que "as pessoas não são tão importantes como pensam, com seus egos monstruosos"...

Só mais um dele:

"Dedicatória: antes temia o tédio a solidão a pobreza o desamor. Agora tenho o tédio a solidão a pobreza o desamor como insumos da minha fábrica de ideias e sentimentos."

Leiam e bebam da poesia.

23 de dezembro

Amigo do sistema, um dia você se cansa.

29 de dezembro – OS $ALVADORES

A loucura, irmãos! Sejam dignos e bem-vindos todos os dias iluminados.

Rolando do Beira para o CNF, com o carro atolado até o pescoço, eis que pintaram três anjos salvadores. Cheguei em casa de manhã!

Quer saber o que rola? Me liga. Me ligue sempre. Sempre terei um apertado para você.

Conte nossas lendas como desculpas esfarrapadas para continuar vivendo. Se liga, Julimar: você é ouro! Retz, você é silver!

Todos os meus amigos maravilhosos, e eu, eternamente louco até os ossos.

Um rock que a gente tocava... a gente?

Ontem toquei bateria e violão. Ruim que dói, velho! Melhor arrumar uma parede ou escrever um textinho de canto de olho.

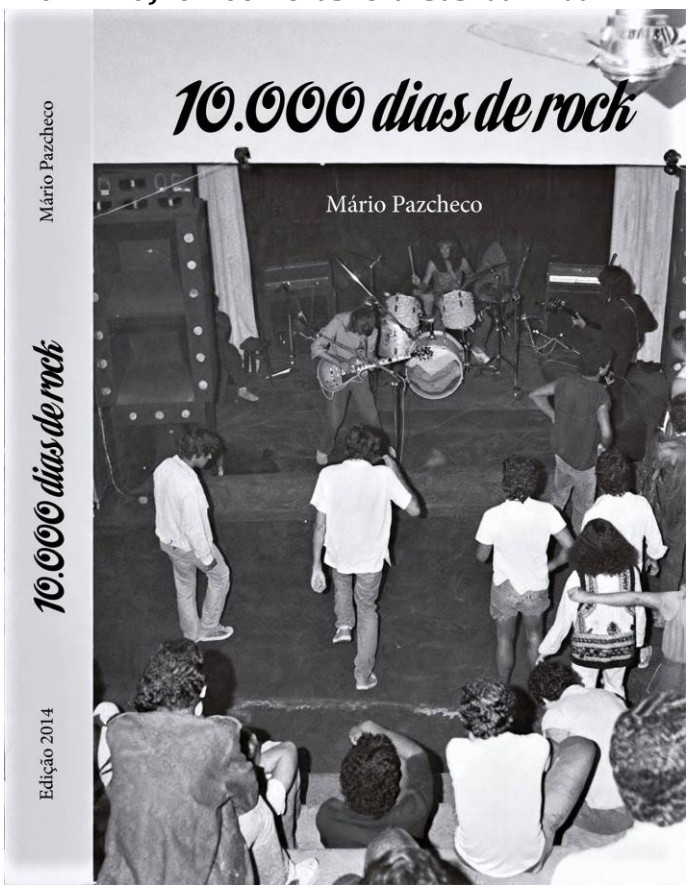
Porque a loucura não pede licença, a amizade não precisa de explicação e as nossas lendas continuam rolando — mesmo quando o carro atola, a noite vira manhã e a música sai toda torta.

ETERNA LOUCURA ATÉ OS OSSOS!

> **Uma pendência importante:** antes da edição para impressão, confira as datas de publicação dos textos retrospectivos, especialmente os que mencionam 2022, e a cronologia do tratamento médico. Não convém atribuir automaticamente a 2013 tudo o que foi escrito posteriormente sobre aquele ano.

2014

O livro, o rock e as transas da vida



2014 foi o ano de *10.000 Dias de Rock*. Um livro de 424 páginas, 200 imagens e muitas décadas de histórias, financiado com minhas férias e parte do décimo terceiro salário. A chegada da obra da gráfica, em fevereiro, e o lançamento de março foram acontecimentos centrais. Mas o ano não se resumiu ao livro. Teve música, encontros, exposições, produção cultural, amigos, perdas, bebedeiras, provocações e algumas anotações que talvez só façam sentido para quem estava por perto.

O Do Próprio Bol$o continuava na pressão, sem patrocínio, sem investidores e sem pedir licença. A história do rock de Brasília seguia sendo escrita por quem tinha vivido uma parte dela.

25 de janeiro – SARAU PSICODÉLICO 2014

A primeira edição do Sarau Psicodélico reuniu Barbarellas, Antimácula, O Verde e Banda Rock Brasília. Cida Carvalho levou sua poesia; o Grupo Mosca apareceu com grafites e malabares. Também houve gravação do programa independente *O Libertário*, com áudio de Alexandre Magno.

Entre shows, poesia e intervenções, o encontro serviu para registrar a movimentação cultural independente e produzir imagens que ajudariam na divulgação de *10.000 Dias de Rock*. Mais uma noite em que a cultura acontecia sem depender de grandes estruturas.

20 de fevereiro – DOWNLOAD DOS '10.000 DIAS DE ROCK' EXPLORA A QUARTA DIMENSÃO DO ROCK BRASÍLIA

Em 21 de fevereiro, o livro chegou da gráfica. Quatrocentas e vinte e quatro páginas, duzentas imagens e uma história que eu vinha carregando havia muito tempo.

A produção foi independente, financiada com minhas férias e parte do décimo terceiro salário. Não havia editora poderosa por trás, tampouco uma operação de marketing. Havia trabalho, arquivo, pesquisa, memória e a insistência de colocar o livro no mundo.

Entre os registros recuperados estava o manuscrito de Renato Russo escrito num saco de pão, além da lembrança da primeira entrevista com o vocalista e do primeiro show da Legião Urbana no Guará II. O livro não era apenas uma coleção de histórias sobre bandas. Era também uma tentativa de devolver à memória coletiva acontecimentos que poderiam desaparecer.

8 de março – AUTÓGRAFOS, ALEGRIA, ROCK, CHUVA E ATÉ TELECATCH NOS MIL DIAS DE ROCK

Foram setenta dias de expectativa, tensão e trabalho. A divulgação foi feita praticamente sozinho, com matérias no *Correio Braziliense*, no Portal R7 e o apoio do Zine Oficial.

O lançamento reuniu Rebel Shot Party, Banda Rock Brasília e Barbarella. Teve chuva, problemas técnicos, conflitos e imprevistos. Mas o livro chegou ao público.

Não havia estratégia de marketing, equipe profissional ou dinheiro sobrando. Era o Do Próprio Bol$o fazendo aquilo que sempre fez: colocando a cara, bancando a própria aventura e tentando transformar uma história subterrânea em documento.

Das cambalhotas de Ary Pára-raios à flauta de Aloísio Batata e à insistência teatral de Robson Graia, a Geração 80 de Brasília estava desfalcada do surto de Jota Pingo como candidato a distrital, da poesia de Tovar, dos causos de Mangueira Diniz, da negritude de Pezão ou Wilson Brother. Sinto falta de Afonso Brazza!

Os mitológicos e saudosos guitarristas Fejão, Cécé, Hiltinho e Tom Capone recebem homenagens. Relatos dos que se espremiam para sair na foto e a voz dos sobreviventes compõem a loucura. Rênio Quintas concede uma esclarecedora entrevista; Paulo Iolovitch vive no Beirute, desenrolando suas telas; Renato Matos prepara sua próxima atração; e as memórias ainda estão em dia com roqueiros como Podrão, do Detrito Federal, e Félix, dos 5 Generais.

O autor cobre desde os primeiros shows dos punks até os shows na Concha da Cidade, com grandes cantoras.

Luis Eduardo

28 de março – O quartinho, a capela e o pecado

Com o voto na urna, a senhora do sexo democrático concedia-me o aval para o orgasmo, ajudando-me a ir longe – o mais longe que eu já havia chegado, embora ainda atrelado a ela, à vagina e à língua viscosa, carregada de sais minerais.

O quartinho é a capela onde dominamos o tempo e o espaço: realidade nua e crua, desprovida de espelhos e loções. Ali, basta o odor do sexo, em detrimento das fragrâncias artificiais. Corpos vorazes, sem roupas caras, entre pilhas de discos que se empilham até o teto. O colchão, patamar da volúpia; ela, a noiva do pecado, no coito cerimonial, sem arrependimentos.

Enquanto isso, a tevê ligada assiste à novela: sexo oral, esperma e lágrima, suores incutidos, gritos emudecidos.

5 de abril – Dalto, Denizar Júnior e Gled Arruda

A cerveja era gelada, e eu tinha físico de jogador de porrinha. Só tenho feito duas coisas na vida; uma delas é beber com Dalto, Denizar Júnior e Gled Arruda...

6 de abril – JARDS MACALÉ: "EM PLANTÃO REVOLUCIONÁRIO"

Aqui vai a íntegra da entrevista concedida pelo imbatível Jards Macalé ao chapa e jornalista Guilherme Carrion, publicada na contracapa desta edição.

Fiel à sua natureza anarquista, ele prefere a correria à carreira e, aos 71 anos, continua em situação sistemática de "plantão revolucionário". Jards Macalé, cantor, ator e compositor, é um espectro inquieto da música popular brasileira. O Brasil o viu surgir no final da década de 1960, evocando o vingador Batman na célebre canção "Gotham City", que arrebatou o Festival Internacional da Canção de 1969.

O super-herói virou uma das personas de sua figura profusa, que também é mágico: “Elacam Tená é meu nome”. Macalé perfilou na falange da Tropicália, movimento do qual rompeu diante dos “rumos comerciais”. Foi parceiro de Rogério Duprat, Caetano Veloso — no álbum *Transa*, de 1971 —, Gal Costa, Gilberto Gil, Moreira da Silva e tantos outros. Com Caetano, também se estranhou.

Essa turma se refestelou em sua fonte lisérgica de composições, como “Vapor Barato”, “Anjo Exterminador”, “Mal Secreto”, “Movimento dos Barcos”, “Alteza”, “Hotel das Estrelas” e “Poema da Rosa”. Mas dá para citar aqui dois de seus álbuns reverenciais: a estreia em *Só Morto* (1969) e *O Banquete dos Mendigos* (1979).

Jards personifica a contracultura no país, processo que ele considera contínuo. Um simples convite por telefone sacramentou sua vinda à capital para o show daquela terça-feira, 8 de abril, às 20h, no Teatro Álvaro de Carvalho, dentro da programação do festival Floripa Noise. Só ele, o violão e umas cinco décadas de histórias para contar.

O jornalista Guilherme André Carrion bateu um papo com o “fantasma que anda” e adianta um pouco do assombro que nos aguardava.

Você conhece a Ilha da Magia? Algo mágico aconteceu em alguma das suas passagens por aqui?

Jards Macalé — Conheço muito pouco. Espero que agora tenha o enorme prazer de conhecer a Ilha da Magia, sendo eu mágico amador: Elacam Tená é meu nome mágico.

Poesia, amor e samba têm tudo a ver. Você se considera um homem romântico?

Sou do time da Morbêza Romântica, que apresentei com Wally Salomão no meu disco de 1975, *Aprender a Nadar*.

Neste ano tão atípico, muita agitação vem tomando as ruas do Brasil. Como anarquista, de que forma o senhor analisa a situação política brasileira? Podemos acreditar em algo revolucionário vindo das ruas e dessas manifestações?

Sendo anarquista — não confundir com anarquia —, a revolução é permanente. Enquanto não for concedida vida plena ao ser humano — prazer, felicidade, saúde, educação e generosidade —, estaremos em plantão revolucionário, e das ruas virão as respostas.

Existe algum culpado pelo marasmo político-cultural brasileiro? Quem é o principal monstro que assombra atualmente nossa sociedade?

A própria sociedade!

Este ano, o Floripa Noise será tomado por monstros macabros e aberrações assustadoras. Você tem alguma superstição, crendice ou macumba infalível contra mau-olhado, carma ruim ou assombrações misteriosas?

My name is Walker, Mr. Walker. Eu sou o Fantasma que Anda; moro na Floresta Negra com meus fiéis escudeiros, os pigmeus da tribo Bandar. Portanto, não digam que me viram, para sua segurança pessoal.

Seu show está entre os mais aguardados do Floripa Noise. Qual é a sua receita para transformar nossa cidade numa Gotham City tupiniquim?

Eu, como o Batman, garantirei o sucesso da festa usando meu nome em árabe: Yards Mahatkallef.



Ferrock – Edição Especial

Rua de Arte e Lazer em comemoração ao Monumento da Praça Ferrock

QNP 13, Área Especial – P. Norte.

The Funk Brothers • Grupo A Semente • Caco de Cuia • Fluído Acústico (Pink Floyd Revisitado) • Lançamento do livro *10.000 Dias de Rock*.

Dias de glória, recebendo a comenda cultural do Ferrock! Guardem seus skates, DRI! Furou!

Foi no P. Norte, terra de dom Pezão, o poeta (*in memoriam*), que fui agraciado. No Guará, entregarei a comenda cultural a Julimar, nem que tenha de fazê-la com os dentes de ouro da minha boca.

25 de abril – Nota de falecimento

Meu cunhado Dick, casado com a irmã de Rosângela, acaba de falecer. Será um fim de semana de triste reflexão. Nossos compromissos estão adiados.

Henrique Ferrera, Valdir, o Dick era um sujeito de fina estampa. Ao longo dos quase vinte anos em que convivemos, doou vários LPs de sua coleção.

Seu grande ídolo era Emílio Santiago, negro e carioca como ele. Outro grande amigo era Jair Rodrigues.

Uma homenagem a esse cara de altíssimo astral.

24 de maio – Sem ciúmes, por favor

Eu e Teresa (à direita) e Sylvia Brenner. Teresa é tão louca quanto eu, só que mais jovem. É mãe do Israel e esposa do Juli. Sylvia não fica devendo nada a nós em criatividade, carência e humanismo.

Sylvia quer tirar todas as fotos comigo (sua tara). Sem ciúmes, por favor!

26 de maio – Pinta lá!

Edson Salazar, fiz um esforço danado para colocar uma legenda interminável em quase todas as suas fotos.

Hoje me sinto velho. Por favor, nas próximas fotos, só sentado, para esconder a barriga de Morrison!

Mas me vejo nos olhos de pessoas mais jovens. Vi essa mina e escrevi o endereço: "Pinta lá!" E ela pintou, cheia de poemas de língua dura e afiada. Eu disse: "Sua atitude é bukowskiana." Ela respondeu: "Não! Os poemas são meus!"

Os poemas mais sujos, soprados ao ouvido de uma multidão embriagada. Valeu, Anna Cristo!

Quando você, Edson, publicou esta fotografia, ela se destacou pelo grau de rebeldia. Foi essa a foto que amei.

25 de junho – O QUINTETO SAPIENS ABRAÇA OS SONS E OS AMIGOS

Nader Arar perguntou se o Quinteto Sapiens poderia passar o som na minha casa. A aproximação com a banda abriu espaço para uma experiência audiovisual, com a participação do cineclubista Edson Salazar.

O clipe *Sapiens em Casa* foi um dos resultados dessa convivência. Depois veio a ideia de *Quase Sósias*, documentário que pretendia registrar as ações culturais dos amigos do Guará. O segundo piloto, com Ricardo "Retz", estava na ilha de edição.

A casa também era palco, estúdio improvisado, ponto de encontro e lugar de experimentação.

6 de julho – NA PRESSÃO DO ROCK: A CHAMA DO DO PRÓPRIO BOL$O

Na pressão do rock! Com muita luta, conseguimos reunir cinco bandas autorais de rock em português. Durante o dia, limpamos o campo e montamos a Expo. Tarde da noite, Julimar dos Santos continua pintando painéis e muros.

Se o Brasil passar pela Alemanha, seremos campeões!

Esperamos vocês no domingo. Tragam pão, batata e o próprio PF. E, urgentemente, estamos precisando de alguém que tenha culhões para garantir o caldo.

A fogueira está acesa! Mais uma vez, preciso da ajuda dos amigos do rock.

21 de julho – A maxiexposição dos sentimentos

Aí, camarada, montei no tênis e vou até o quintal, lá na 19. Esperei sua alma até agora. Até estava bom, como num lance de clima. Desci tromba e fiquei curtindo, tipo isto.

Seriamente sóbrios para entender isto, só conheço dois: segunda pro pau, terça pela frente.

Meio do mês – e a garganta seca do canyon, a maxiexposição dos sentimentos, o ciúme e um esparadrapo acima da sobrancelha.

24 de julho – Idas e vindas de um pseudo-protetor-produtor

Idas e vindas na vida de um pseudo-protetor-produtor de rock'n'roll. Acabei de receber uma mensagem cínica:

"Se Paulim entrar com outra guitarra, poderei fazer meu número de dança: a Dança do Piru".

Quer um esculacho maior do que esse?

31 de julho – Um blues para Rubão e Zezinho

Bem cedo, antes mesmo de o sol nascer, dentro do carro, ouço este blues e penso no Rubão e no Zezinho Blues cantando:

"Quando a chuva está soprando em seu rosto

E o mundo inteiro parece contra você,

eu poderia lhe oferecer um abraço caloroso

para fazer você sentir o meu amor…"

23 de agosto – Política, televisão e flatulência

Pastor Everaldo solta pum no Jornal Nacional. E você vem me criticar quando digo que Tiririca é um sátiro? E esse aí, é o quê? Um cagão?

19 de setembro – SEXTA AGORA: '10.000 DIAS DE ROCK' NA GALERIA OLHO DE ÁGUIA

A apresentação de *10.000 Dias de Rock* na Galeria Olho de Águia, em Taguatinga, sob a acolhida de Ivaldo Cavalcante, transformou-se numa noite de rock, encontros e reencontros.

Joelma Antunes, Luiz Coelho, Eduardo Mariano, Tomaz André, Bruno Caetano, Paulinho Madrugadas, Juliana Krause, Tony Maluco e muitos amigos do Guará e de Taguatinga apareceram para compartilhar aquele momento.

O livro continuava sua caminhada. Mas a vida fora das páginas também cobrava seu preço. Houve desentendimentos com Ataíde e Julimar, a necessidade de defender minha própria visão e o cansaço de viver e fazer arte. Nem sempre é possível separar a amizade, o trabalho e as expectativas que os outros depositam na gente.

22 de outubro – Transas de Facebook

Devo estar tomando drogas. Drogas pesadas, pois qualquer droga vicia! Pá! Passo a manhã inteira ouvindo a televisão, num programa em que as pessoas contam seus segredos, mas nunca os podres. Esse parágrafo não tem nada a ver com o assunto...

O lance é o seguinte: o Assassino do Facebook, de Santa Catarina, mentiu o nome para a namorada e matou a filha dela. Três meses de namoro foram suficientes para que a mãe financiasse um veículo para o sujeito.

Portanto, se você está numa transa de Facebook, poupe-nos de conhecer ou ter que participar dos seus encontros às cegas. Você não está apenas arriscando a própria vida. Às vezes, é preciso ser rude para apontar a imprudência alheia. Geralmente, nessas relações em que se desconhece quem está do outro lado, o desfecho acaba em merda.

27 de outubro – Da Modernidade

Sou arredio a aplicativos e ao WhatsApp – terror de invasão! *Facebook is my law and religion*.

Ontem, uns meninos na faixa dos 20 anos contaram aos meus filhos que tinham visto uma matéria do *Do Próprio Bol$o* num aplicativo! Deve ser esta mesma, que já contabiliza 150 acessos em 24 horas.

Nunca o lema de Leminski, "Distraidamente venceremos", esteve tão em voga, cabeludo!

Afinal, até os filhos de Mãe Joana têm que ir à luta.

6 de novembro – Blues do Shazam

Eu não sou pop pra ficar tirando onda

Só sei me equilibrar na corda bamba

Mês passado tava na folia baiana

Tirei a barriga da miséria num McDonald's
  Cabelo grande, cabelo na palma da mão

Peguei uma groupie que me deu carona

Para o show do Lobão

Reclamou do tamanho do meu passaporte

(Do meu passaporte!)
  Eita pindaíba danada!

Leva o meu CD de jazz do FAC

Que a ração do Shazam tá atrasada

(voz anasalada como Zappa)
  Já tive cabelo verde, já tive cartão do Carrefour

Já andei de avião, no Ferrock me trataram como Elvis

Xaxado, ula-ula, discoteca quenhenheim

Não sei se estou morto ou vivo,

Nem esquerda, nem Aécio
  Manoela gosta do meu perfume

Marcela exala do meu nariz

Paga um uísque aí, Dom Pazcheco!

7 de novembro — BANDA ROCK BRASÍLIA: RÉQUIEM & REVANCHE PARA O ROCK BRASÍLIA

A Banda Rock Brasília trouxe à tona uma história que não cabia apenas numa crítica de disco. Ao escrever sobre o CD e acompanhar as apresentações, voltei ao Sepultura original do Cruzeiro, à relação com Magu Cartabranca, aos encontros na 109 Sul, aos palcos e às lembranças do rock brasiliense.

A documentação extraviada do Sepultura de Brasília e a disputa pelo nome com a banda mineira são parte de uma história que precisa ser contada. O trabalho de pesquisa também é isso: recuperar aquilo que o tempo, a desorganização e os interesses alheios tentam apagar.

21 de novembro — Mud Morganfield e o camarim do Blues

A produção de um camarim não é tarefa simples, principalmente quando se trata do camarim de Mud Morganfield, filho do Blues. O relato de Claudete registra o trabalho e a colaboração da equipe do Clube do Blues de Brasília.

Ela agradece aos casais Jussara Almeida Menezes e Luiz Kaffa, Val Souza e Rafael Souza, aos integrantes da Brazilian Blues Band — especialmente Marssal Leones e Leonardo Vilela — e aos seguranças Daniel Almeida e João Clemente.

O texto também revela o lado invisível de um evento: a organização, a pressão, os pedidos, os bastidores e a satisfação de ver tudo funcionando. Um registro de produção cultural que merece permanecer no arquivo do ano.

Claudete

27 de dezembro — ROQUEIRO S.A.: MARCO CARVALHO, GUITARRISTA DO CABEÇA DE PRAIA

A fotografia no Café Quintal, no Guará II, reúne Marco Carvalho, Edvaldo Brito e eu. A conversa recupera a trajetória de Marco desde a Emergência S/A, passando por Totem, Abelardo e os Barbosas, até a Cabeça de Praia.

Fotografar era um luxo para as bandas de rock dos anos 1980. Quase tudo ficava apenas na memória. O texto também recupera histórias da Duque 11, do Bom Demais, do Galpãozinho, do Zen Studio e de músicos que circularam por Brasília.

25 de dezembro — Natal

É Natal. Abasteci a geladeira de leite. Tão doido, esqueci as linhas. DE REPENTE, Spawl. Tem um som, *The Ghost of You*, que vou ouvir agora.

Meu Natal feliz com Virgílio, Zanza, Luíza, telefone móvel, interfone, Rodrigo, Bomba, Souves, Dean Pazcheco, Jupiter Apple e minha querida Gabriela.

DO PRÓPRIO BOL$O — ANO 32

O Do Próprio Bol$o completava mais um ano de estrada. A história começara com o fanzine de 1982, passara por sete anos de publicações fotocopiadas, pela coluna musical no jornal *José*, pela coluna *Palimpsesto*, pela biografia *Balada do Louco* e chegava agora ao lançamento de *10.000 Dias de Rock*.

O site seguia seu caminho sem reconhecimento proporcional ao trabalho, mas continuava alimentando pesquisas, documentários e iniciativas do underground. O arquivo crescia, as histórias se multiplicavam e a independência permanecia como princípio.

O planejamento gráfico de *Lapso* apontava para outra etapa. Não era uma linha de produção, mas uma sucessão de experiências. O DPP não precisava parecer uma empresa para continuar existindo.

OUTROS REGISTROS DE 2014

12º HEADBANGER'S ATTACK FESTIVAL — 17 e 18 de maio

O festival reuniu dezesseis bandas em dois dias, com nomes como Miastenia, Facada, Test e Suicídio Coletivo. O texto de Fellipe CDC é um registro de contexto da cena independente e metal do Distrito Federal, não uma crônica autobiográfica minha.

A LEGIÃO URBANA GRAVOU SEU PRIMEIRO LP NA MESA DE SOM DOS BEATLES

Pesquisa sobre o console de gravação utilizado na EMI-Odeon durante a gravação do primeiro LP da Legião Urbana. O texto reúne informações e contribuições de Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau e Rodrigo Leitão. Mais uma investigação musical publicada pelo DPP, mostrando que o trabalho editorial não se limitava às memórias pessoais.

Outras matérias do arquivo

Também circularam pelo site notícias e pesquisas sobre Lou Reed, The Who, Joy Division, Bob Dylan, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, Andy Warhol, Dalí, Lygia Clark, Zuzu Angel e Rubens Paiva. Textos de colaboradores, como *O Cara que Urge e Ruge*, de Roberto Gicello Bastos, e *O Primeiro Terço*, de Gustavo Bastos, completavam a movimentação editorial.

A notícia sobre a reedição de *Capturados Vivos em Buenos Aires*, da Patrulha do Espaço, também pertence ao arquivo musical do período.

2014: o livro saiu da gráfica e ganhou a rua. Entre o trabalho de pesquisa, a produção de eventos, os encontros no Guará, as fotografias, os amigos e as confusões da vida, o Do Próprio Bol$o chegou ao seu ano 32. O underground continuava sendo feito de gente que carregava caixas, montava palco, escrevia, fotografava, tocava e insistia. O livro era um volume impresso; a história, muito maior.

2015 — O ano das guitarras, dos encontros e da insubmissão

Em 2015, o Do Próprio Bol$o completava 33 anos de existência. A produção cultural continuava acontecendo entre a chácara, o Guará, o Conic, Taguatinga, Ceilândia e outras cidades do Distrito Federal. Havia shows, exposições, saraus, encontros audiovisuais, livros, discos, amizades e desentendimentos. Também havia cansaço, cobranças e a necessidade de rever a maneira de fazer as coisas.

O ano foi marcado pela afirmação de uma independência que não era discurso de ocasião: fazer com o que se tinha, chamar os amigos, improvisar, trabalhar com quem estivesse disposto e não transformar o prazer em obrigação. Entre os registros mais fortes estão a celebração dos 33 anos do DPP, a movimentação dos $alvadores, a circulação pela cena independente e a preparação de novos projetos editoriais.

Fragmentos centrais

10 de fevereiro — Dez anos sem Zeferino Alves Neto: vãs e vagas memórias de um ex-motorista de van

Zan, como era conhecido Zeferino Alves Neto, foi colaborador do Do Próprio Bol$o e uma figura importante na vida cultural do Conic. O texto recupera suas histórias como motorista de van em Brasília, a partir de 1996: o transporte de artistas, as passagens de John Mayall e Celso Blues Boy, os conflitos com taxistas e policiais, o transporte escolar e os encontros no Conjunto Nacional.

Há também as histórias dos estudantes do Colégio Militar e a convivência com Jorge Roux. Meu complemento é uma homenagem ao escritor, leitor, conhecedor de futebol e amigo que me recebeu com carinho. Lembro das revistas e dos livros que doou à minha biblioteca. Mais do que um obituário, é o retrato de uma amizade intelectual e de alguém que deixou marcas na cidade.

Fevereiro — Os $alvadores apresentam: Sextas Malditas

Em seu quarto piloto, o projeto Sextas Malditas apresentava uma tarde psicodélica, feita para desarrumar a cabeça e embaralhar imagens. O audiovisual também podia ser território de malucos.

Agradecimentos a Alexandre Branquinho Passos, pela doação do datashow; a Juliana Krause, pelo telão; e a Marco Carvalho, pela simpatia e colaboração. A curadoria era de um maluco, com assistência de Ricardo Retz, Nader Arar e Edson Salazar.

O Cinedsong vivia! Era o projeto audiovisual dos $alvadores da Pátria, onde a imagem encontrava o som e a sanidade ficava do lado de fora. Entrada liberada.

21 de março — Coluna Underground: a chuva, o P. Sul e a próxima FODA

Fellipe CDC e seu lendário guarda-chuva não escaparam do dilúvio que desabou sobre a 19ª FODA Pública, no Setor P. Sul. Pelas bandas do P., encontrei Joelma Antunes de Sousa — que até hoje me deve uma fotografia —, Marcão e o começo de uma nova banda gótica pesada.

Recebi de CDC os CDs do Into The Dust e de Fabrício Moraes, com o álbum *From The Past*. Fabrício havia sido guitarrista do Misty Mountain, ao lado de Nathal, banda que abriu para a Patrulha do Espaço em 2006.

Também passamos pelo bar rock de Patricia de Souza. Depois da chuva, seguimos para a Galeria Olho de Águia, onde Ivaldo Cavalcante já tinha a programação preenchida até dezembro. O espaço recebia novos móveis e começava a preparar o isolamento acústico

para oferecer shows de blues. Natinho decorava o cenário do palco com papel de parede estampado de microfones. O blues ia rolar!

Na CNF, a ação da AGFIS e sua temida multa de quatro mil reais fizeram baixar as portas do Estúdio Submundo justamente quando Zefirina Bomba começaria a apresentação. Por destino, eu e Thelma Ramalho ostentávamos ícones do Nirvana. Ivo, marido de Thelma e guitarrista, foi simpático: distribuiu brindes da banda para Joelma e ainda me deu uma camiseta. Camiseta da Luíza já!

Zefirina Bomba é um trio ardente de rock grunge, ou orgânico: contrabaixo habilmente dentro do tempo, bateria viril e versátil e violão ligado num pedal. Punk, punk mesmo, coisa de garagem, com ecos de surf music. Bases rápidas e solos corretos dentro da casa harmônica. Uma presença de palco furiosa, daquelas que deixam a gente com vergonha. Muitas bandas não percebem que estão num palco. Mário sempre falando das outras bandas.

Saí de casa e não me arrependi de enfrentar o tempo e a comarca. Zefirina Bomba já estava no quarto CD, com outro na fábrica. Em doze anos de estrada, havia tocado na Europa e na América do Norte. Agora, passaria quarenta dias na estrada, com 22 shows, chegando à América Latina. Gostaram tanto da nossa presença que nos convidaram para dar um depoimento no documentário da banda.

Depois da turnê da inundação, fui finalmente ao Mulheral. Muita conversa fiada, por minha parte. Rosângela estava eufórica, Gabi sempre legal comigo, Nana quase me jogou literalmente no caminhão de lixo. Vi Alice. Os marmanjões de sempre estavam comigo: Jorge, Nader, Edson e Lucas.

Também anunciávamos a campanha de Fernanda Morgani para gerente de Cultura do Guará. Era um retrato da circulação entre P. Sul, Ceilândia, Taguatinga e Guará: bandas, produtores, fotógrafos, espaços culturais e gente que fazia as coisas acontecerem sem esperar convite oficial.

22 de março — Conta de luz na hora da morte

Dia 11, o rock ia rolar, ajustado aos novos tempos: os shows agora seriam semestrais e sem cortesia de cerveja. Por isso, cada um deveria trazer seu isoporzinho ou ficar filando a bebida de quem trouxesse. Eu não punha mais cerveja.

Fellipe CDC e seu lendário guarda-chuva não escaparam do dilúvio da 19ª FODA Pública. A próxima, devidamente anunciada, seria no Guará dos nobres.

Naquele período, a Galeria Olho de Águia preparava seu isolamento acústico e uma programação de blues. Já o Estúdio Submundo fechou as portas por causa da fiscalização, justamente quando Zefirina Bomba começaria a tocar. Entre um lugar e outro, a cidade continuava produzindo seus próprios encontros, apesar das dificuldades.

12 de abril — O rock é liberação

O evento era uma provocação, uma medida drástica: o tímpano tinha de ser rompido! “Vou ao show de rock, mãe, e não sei se volto.” Não que eu fosse ficar pela estrada, mas talvez encontrasse a estrada e fosse a pé ao show dos Rolling Stones.

Vim para fazer bonito. Temos artistas talentosos levando a vida. O rock é tudo aquilo que não ficou careta. O rock é um velho bêbado de meia-idade caindo — sou eu. Só não pode ser ridículo, senão morre.

Eu me envolvo, vibro e tenho a maior satisfação em fazer bem-feito. Tenho minhas estupidezas, minha arrogância e um grau de loucura, mas esse é o preço de fazer rock

como deve ser feito: com a presença massiva de vocês, generosidade e oportunidade de dançar em volta da fogueira.

Fico nervoso, estressado, vigilante e satisfeito. O rock, antes de tudo, é liberação. E hoje vivemos uma liberação que é escravidão.

Fujamos!

26 de abril – Sarau Psicodélico, made in Conic

Ainda tinha um pouco de prestígio no Conic. As cervejas eram pagas na hora, mas abriram uma exceção: uma comanda para mim!

Tarde agitada no Sarau Psicodélico. Cida Sann, agarrada ao microfone, apresentou a confraria de poetas estacionada por ali. Lincon Lacerda, ouvirei seu CD!

Show energético e tribal com a Profans, seguido pelo rock de nova onda do Musga. Encontro com velhos amigos, como Scartazinni e Paquito, cidadão de Alto Paraíso. O rock é minha segunda religião e também minha família.

Ainda produzimos algumas entrevistas-relâmpago para o programa *O Libertário*. Quem tinha alguma coisa a dizer foi entrevistado. Cerveja gelada e presenças contagiantes.

Ressurgiu também o empolgado Beto Cavani, falando de suas quatro novas bandas, especialmente a Zuzu Angel, que prometia pisar no Guará em breve. E Marcelo Turko, sempre coerente, uma das vozes que apoiaram meus escritos em qualquer circunstância.

Mas repito: não quero polemizar com o rock de Brasília. Seria como cuspir no oceano.

14 de junho – Sem esse papo de mártir do rock'n'roll: eu quero orgasmo!

O Say Land Dance correu atrás – ou melhor, desceu atrás – do som e fez o que foi possível com aquilo que tinha à mão. Rock agora era na base do improviso, do na hora, vapt-vupt. Quem chegasse fazia o som. Nada de convocar a torcida canarinho.

Voltavam os tempos de Cécé e Ricardo, guardadas as devidas proporções: fazer as coisas, debandar, voltar para casa e curtir a família.

Rock, para mim, é energia e momento. É assim que pretendia fazer rock dali para a frente.

Concerto público me passava uma ideia complicada. Afinal, a intenção era gozar! Onde estava o orgasmo, o prazer divino? Nada de dever, nada de escravidão. Queria que o rock'n'roll se fodesse! Faríamos dele o que quiséssemos, quando quiséssemos.

Sem calendário, sem obrigação de esticar a festa. Rolou, aconteceu, findou. É um trampo, não um embalo. Continua sendo uma curtição irresponsável de adolescente.

De repente, a coisa envelhece, fica chata, competitiva e perde o significado. O rock não pode ser banalizado. Precisa ser revigorado.

23 de julho – Do Próprio Bol$o: 33 anos de insubmissão, criatividade e bol$o próprio

Do Próprio Bol$o é uma corruptela do termo *Do It Yourself*. Tudo o que fiz – e continuo fazendo – saiu do meu próprio bol$o. Em 1995, lancei o primeiro livro fotocopiado com essa logomarca, que já nasceu carregando no nome a ironia, a provocação e a disposição de não pedir licença para existir.

No começo, o Do Próprio Bol$o foi satirizado. A ficha demorou a cair, mas, depois que alguns compreenderam o significado da brincadeira, muita gente passou a se espelhar no conceito. É assim mesmo: primeiro riem, depois entendem e, quando percebem, a ideia já contaminou o ambiente.

A logomarca também teve seus desafetos. Foi alvo de gente gananciosa e de webdesigners frustrados que tentaram se apropriar dela. Não conseguiram. Digamos que o diabo tomou conta das almas de quem confundiu criação alheia com propriedade disponível. A marca continuou onde sempre esteve: no território de quem a concebeu, alimentou e sustentou.

O Do Próprio Bol$o jamais será uma Coca-Cola, uma Ford ou uma Rock in Rio. Não nasceu para se transformar numa corporação, vender refrigerantes ideológicos ou montar uma linha de produção de acontecimentos. É outra história, feita de outra matéria-prima: teimosia, independência, memória, experimentação e dinheiro contado.

São 33 anos de trajetória. Existem produtoras independentes que recebem insumos governamentais, mas que, até hoje, não conseguiram contar a própria história. O Do Próprio Bol$o, por sua vez, prepara-se para o segundo volume de sua saga. O site já aparece citado em documentos PDF de pesquisas sérias, servindo de referência para quem procura rastros, registros e testemunhos de uma história cultural que não cabe nas versões oficiais.

E preciso dizer uma coisa aos amigos: estou atravessando um período de absoluta loucura e criatividade expandida. Tenho um livro para fazer, uma história para contar e uma quantidade de coisas atravessadas na garganta. Não posso ficar esperando que todos compreendam, participem, colaborem ou descubram a importância disso quando for conveniente.

Eu preciso fazer o meu livro. E não vou esperar por vocês.

Se, depois de pronto, o livro der em nada, paciência. Se não vender, se não repercutir, se não provocar a comoção dos entendidos, dos patrocinadores imaginários ou dos especialistas em reconhecer valor somente depois que alguém o consagra, tudo bem.

Afinal, é Do Próprio Bol$o!

Eduardo Pinto, eis a ideia. Agora falta a versão com qualidade. Forte abraço!

Nunca estivemos à venda. Nunca esperamos autorização. E ainda estamos aqui, fazendo do nosso próprio bol$o a nossa trincheira.

1º de julho — A-Marte, Zoozoo, Sapiens e Barbarella

Para recarregar as baterias, nada melhor do que a energia vital e a ansiedade adolescente dos meninos da banda A-Marte.

Na outra ponta, uma banda experiente, porém nova: Zoozoo, retomada de uma parceria que começara vinte anos antes. Sapiens fazia seu rock orgânico e mutante. Nada mais natural do que o verde e a Barbarella Banda, que, desde 2007, vinha me ajudando a produzir alguma coisa no cerrado de Brasília. Estavam afiadíssimos e afinados.

Eram 33 anos de crises ininterruptas, sem compreender por que o dinheiro era tão essencial, tão vital. Basta apenas cola, papel e uma guitarra. Dinheiro, dinheiro... a gente faz em outro setor.

7 de julho — Eu não tenho inveja

Tranquilamente, assino qualquer manifesto que seja pela participação. Todos os caras e as caras que me conhecem sabem o que penso das panelas.

Independentemente de ser panela, faça!

Enquanto puder escolher minhas opções ou razões, seguirei em frente. Sempre fugindo do convencional, do fácil, do oportunismo.

Não acho que nenhum coletivo seja melhor ou menor do que qualquer outro coletivo. Se eu me sentisse incomodado, na certa, e se tivesse razão, moveria uma ação.

Não gosto de fazer parte de grupos. Não gosto de não poder me expressar. Se fico aqui me vangloriando, é a minha loucura, a minha sina.

Para mim, o que importa é o meu livro. É nele que acredito e é para ele que vivo. E penalizo minha família, comprometo meu trampo porque acredito que meu livro seja importante, pelo menos para mim.

Que todos sejam felizes, que aconteçam todos os saraus do mundo e bazares!

Eu não tenho inveja. Tenho medo da minha ignorância e prepotência. E Deus sabe como mudei para sobreviver.

Love is all you need?

15 de setembro – A Noite Azul

Os de sempre têm várias exposições semanais na mídia, rádio e cartas marcadas. Resta a mim invejá-los. Mas, de vez em quando, milagres acontecem. E homenagens verdadeiras também.

Atualmente, acho que menos fotos feitas por mim significam menos decepção.

Ontem encontrei Renata Agostinho, o tipo de pessoa que não se importa em abraçar o próximo. Nosso primeiro encontro foi alegre. Eu estava visivelmente alterado e fiquei mais aliterado conforme a NOITE AZUL CHEGAVA.

Renata tem um brilho e um espelho especial. Ela hesita, mas tem mais fé do que eu. Dedica-se aos mínimos detalhes, faz flyers meticulosos em papel fotográfico e seleciona o dia da semana com a melhor trilha: o rock clássico.

Além da pista de dança, brindou-nos com chope, uísque e salgadinhos.

As pessoas que acompanham Paulo Iolovitch de perto e vieram não passavam de dezenas, mas eram pessoas especiais. Em particular, a ativista da causa negra Lígia, que conhece Iolovitch desde seus primeiros dias em Brasília.

Iolovitch esteve na Inglaterra, no auge dos Beatles, na Swinging London, em 1966! Por isso pinta aquelas guitarras gordas, semiacústicas e coloridas.

Naquela noite, Paulo dançou rock e bebeu. Poucas vezes o vi tão feliz.

Nós vencemos. Voltei para casa feliz porque encontrei mais uma pessoa que sabe celebrar não só a arte, mas também a existência.

Pinella deve ser uma casa de repouso para pessoas especiais. Foi assim que nos sentimos.

A página das artes Paulo Iolovitch – Azul / Aurora saúda esta radiante atividade antes que o Azul esmaeça.

9 de novembro – Guitarras mágicas numa FODA terrena

Um texto de convocação e provocação, com a marca da minha relação conflituosa com as redes sociais, a vigilância, os comentários e a maledicência. Mas o rock continuava sendo meu mantra: rock'n'roll me fodeu, rock'n'roll me deixou feliz.

A casa de shows era um espaço rebelde, antissistema e independente. A convocação reunia Dínamo Z, Malagoli, Marcianita, Banda Ser, Barbarian e Say Land Dance.

Tudo o que precisávamos era que o público trouxesse sua caixinha de cerveja e transpirasse conosco naquela foda terrena. Não era uma festa para consumidores passivos. Era um encontro de gente disposta a participar, fazer barulho e sustentar a própria diversão.

16 de novembro – Mais uma vez, show fodástico!

"Obrigado, Mário Pazcheco, Edson Salazar, Magu Cartabranca, Marco Carvalho, entre tantas pessoas e bandas que fizeram esse GRANDE encontro de guitarras excepcional, com direito a sangue e tudo! Jkkkk. Obrigado mais uma vez pela confiança na Banda Ser."

Silvio Duarte, guitarrista da Banda Ser desde 1995.

Um agradecimento que registra o trabalho de bastidor e a confiança construída entre produtores, músicos e amigos. Por trás de um show existe sempre uma turma que carrega equipamento, resolve problemas e faz o encontro acontecer.

Outros fragmentos pessoais e de bastidores

Memórias de um guitarrista-base

Quinzinho tinha cabelo de guitarrista, blusão de couro de motociclista, jeans, tênis de cano duplo e camisa de flanela. O guitarrista mais fraco da lista dele era Gary Moore – e falava de Johnny Winter o tempo todo. Mostrava petrechos de guitarra sem parar. Passei a achar que eram falsos.

Finalmente, Quinzinho apareceu num ensaio da banda. Ficou como Syd Barrett por meia hora no estúdio, passando a guitarra e a voz. Quando começamos a tocar, sua guitarra continuava alta e desafinada. Claro que a culpa não era sua. Tocou errado por estar muito doido – ou de propósito. O fato é que não acertamos nenhuma.

Quinzinho que se foda, a banda que se foda. Acabei de largar a banda mais ruim e careta de rock'n'roll do mundo.

Fevereiro – O triste fim da mais infame banda de rock de todos os tempos

Os Sex Pistols ficaram imortalizados nas manchetes dos jornais. Os Monkees tiveram seu programa psicodélico de televisão em preto e branco – talvez aí residisse parte do segredo do sucesso. Já Os $alvadores estavam havia 18 meses sem realizar o terceiro ensaio!

Em nossas curtas performances, agregávamos músicos tarimbados que nos regiam. Usávamos tambores da selva e brinquedos. Não sabíamos tocar, mas tocávamos temas no violão. Era nosso jeito de fazer música sem precisar saber música.

Por segredo de contrato, não posso revelar quem participou de Os $alvadores. É com uma lágrima de esperança que anuncio minha retirada da banda. Aliás, jamais fui músico: era roadie e produtor afamado, responsável por 15 hits de Arnaldo Baptista no hit parade. Modéstia à parte, uma carreira respeitável para quem não tocava nada.

No meu delírio psicodélico, éramos uma mistura de Zappa com Hendrix. O pequeno detalhe é que jamais tivemos guitarrista. Jamais tivemos alguém afinado. Na verdade, tínhamos apenas a nós mesmos – o que, convenhamos, já era um problema e tanto.

Pode ser que Ricardo Retz tenha gravado algum tape pirata. Pode ser que apareçam fotos fabricadas. Na história do rock, nunca se sabe: às vezes, a lenda chega antes da prova; outras vezes, a lenda é a própria falta de prova.

Em nossa curta carreira – dois ensaios, sem contar os 18 meses de espera pelo terceiro –, Os $alvadores fizeram mais pelo rock de Brasília do que vocês todos juntos!

Não precisávamos nos apresentar, gravar discos ou organizar eventos. A banda já era, por si só, um acontecimento. Um evento de celebridades, mesmo sem palco, repertório ou músicos afinados.

Pedimos desculpas aos músicos sérios que nos ajudaram nessa aventura. Vocês deram o sangue; nós entramos com o delírio. No fundo, não éramos nada mais, nada menos que os Rolling Stones – se os Rolling Stones tivessem desistido antes de aprender a tocar.

Deus $alva. Os $alvadores aliviam.

15 de fevereiro – O interminável voo da asa-delta

O ronco dos canos pelas paredes da casa. O poema bêbado debaixo da saia. A Banda Mais Lama desconstrói mais um clássico: agora foi a vez de "Síndrome do Pânico", de Júpiter Maçã.

Todas as alegorias bizarras do Carnaval. Todas as explosões temperamentais de Mário. Toda a fumaça do cigarro dentro do meu crânio louco. Toda uma falsa vitalidade à base de amendoim.

Sim, sou muito doido, pervertido, sinistro e solitário. Mas tudo o que estou dizendo é: foda-se!

Foda-se de maneira amarga e pare de olhar a minha vida.

6 de março – Do colecionismo desalmado e consumista que corrói a economia doméstica

Almira! Vou comprar uns quatro LPs seus. O problema é o meu colecionismo. De agosto até agora, nos últimos meses, expandi a coleção – não me arrependo! Pendurei contas no cartão de crédito e comprei muitos discos de Jimi Hendrix, Led Zeppelin, caixas dos Rolling Stones e por aí vai. Tudo está sob controle – ou quase.

Aqui na cidade houve um boom de discos piratas dos Beatles, prensagens dos anos 1970! De 1975! Apareceram até álbuns duplos ao vivo acondicionados num único envelope, além de discos de dez polegadas. No início do mês, vou lá e compro uma fatia desse bolo.

Na semana passada, vi o duplo ao vivo *ROMA*, dos Beatles, de 1965. Não pensei duas vezes: paguei R$ 240, com 20% de desconto.

Uma semana antes, passei por outra lojinha. Havia um *Sgt. Pepper* original inglês e um *Álbum Branco* peruano, também original, só que estéreo. Levei os dois: R$ 310!

Tem mais dois vendedores no Mercado Livre que oferecem LPs novos por ótimos preços. E eu compro alguns. Compro tantos discos que até me esqueço deles, mas estou tentando agilizar a vida e arrumar um horário para desfrutar de tudo isso.

A vida está em cima! Estou concluindo o ateliê da minha mulher, que vai se aposentar este ano. Não viajei nas férias – estava pagando os discos. Poderia ter viajado, mas a grana foi parar nas bolachas.

E ainda tem a crise do governo, que atrapalha o pagamento das despesas. Agora começo a juntar dinheiro para imprimir meu novo livro, um pequeno relato de colecionador. Empolguei-me tanto com a coleção que comprei até armários de aço para guardar os LPs!

13 de março – Do rock faço roll

Do rock faço roll. Do rock'n'roll, tenho quase todos os discos que quero. Comecei em 1975! Aos 11 anos, minha coleção já tem 40 anos. Pela primeira vez, está toda reunida e organizada.

Passo metade da vida arrumando o acervo e montando ambientes que, para mim, são instalações. Delírios de leve. Agora mesmo estou passando cera na biblioteca.

De 1982, algumas lembranças ressurgiram: um quadro de um festival de blues, uma página de revista doada por mim por intermédio de Rogério, que morreu preso no fundo do mar, e um LP *Double Fantasy*, edição limitada de 1982. Nem a Yoko Ono tem!

Rock, para mim, é isso.

Na atual fase da minha vida, vivo de passagem pelo mundo e minha única preocupação é o bem-estar da família. Não esquento a cabeça com nada. Quero ficar longe da cerveja do Zéantônio, do Conic e de tudo que seja contraproducente.

22 de março – Conta de luz na hora da morte

Dia 11, o rock ia rolar! Ajustado aos novos tempos: os shows agora seriam semestrais e sem cortesia de cerveja. Por isso, traga seu isoporzinho ou fique filando a bebida de quem trouxe. Eu não ponho mais cerveja.

Não quero que sua barriga fique protuberante!

8 de abril – Paulo Iolovitch e a arte de sobreviver

Paulo Iolovitch me explicou a arte como fenômeno de massa e a arte de sobreviver do próprio pão. Nisso, as pessoas mais velhas são mais experientes. E assim vai.

18 de abril – 55 anos de Brasília

Sou um candango honorário vindo de Osasco. *Talking about my generation and religion*.

O rock mediúnico teatral do Akneton. Deus e o Diabo na Terra do Rock. Música das esferas com Haroldinho Mattos na guitarra, junto à vanguarda paulista, com Itamar Assumpção arrebentando cabeças e os melhores músicos que ouvi, como Bocatto, Gigante Brasil e outros cujos nomes desconheço.

Tornem esta página a mais contracultural possível: texto, suor e porrada!

29 de abril – Amizades

Falta-me humor, sobram-me problemas nem tão graves, nem tão urgentes. Sumi! Posso estar tomando uma cerveja, posso estar dormindo. Agradeço pelo apoio irrestrito dos amigos.

Posso e quero trabalhar com Marcelo Turko e Marco Carvalho. Silvio Duarte, entre em contato com eles.

Logo adianto: não adianta reclamar, não adianta colocar a culpa nos outros. É muito fácil transferir a responsabilidade para o próximo. Acho estrelas um PNC. Acho a ideia de ganhar dinheiro mirabolante demais para quem deve muito. Acho que nada deve ficar pelo meio do caminho.

Não adianta se enganar – nem se esganar.

Grosseria, estupidez, mau-caratismo, filha-da-putagem, escrotidão... E eu com isso? E você com isso?

A bandeira é a do amor, do bem-feito, do positivo, do bola pra frente. Chega de bandidagem cultural, chega de bostinhas, basta de velhacos!

A luta continua, roqueiro. Teremos nosso bônus, teremos oportunidade, mas é preciso correr atrás.

Não fique repassando suas responsabilidades para cima de mim, porque eu não tenho nada a ver com isso e nem assumi compromisso algum. Acorda!

31 de maio — Que droga é ir ficando velho!

Frase de um disco dos Stones.

Chamo essa coisa moderna de "suruba", "escambo" ou "vadiagem". E é o maior barato quando você pode encher a cara de cerveja e fumaça.

Preciso de férias de mim mesmo.

A gente se fode fazendo o que gosta. Então, se a gente se fode fazendo o que gosta, também podemos foder o que os outros fazem e gostam. É muito caô!

Mudando de pau pra cacete: Leo Saraiva, essa revista literária que me destes é da maior providência! Imagine um texto em português de Gregory Corso, com gente como Régis Bonvicino, Décio Pignatari e José Paulo Paes no corpo editorial. Biscoito fino para sair da dieta magra das HQs!

26 de julho — Os fãs da Marciano Sodomita

Teve uma baterista que perguntou:

— Você toca?

Toquei em tantas bandas que nem existiram. Só faço parte de bandas imaginárias. Uso uma guitarra semiacústica de 1957, mais valiosa que o violão de *Love Me Do*.

Esta é a formação clássica de uma banda que agitou entre 1987 e 1988. Sou o mais velho. Figuras lendárias dos blocos, acampamentos e conversas informais.

Passos Júnior devia estar com vergonha de desfilar seu corpo nu, então dei a ideia: vamos fazer uma selfie!

Na foto, os fãs da banda Marciano Sodomita reunidos pela primeira vez em 28 anos! Guará também é velhacaria.

24 de julho — Help! A lenda japonesa

A Magic Bus Records faz a nossa alegria. Esta é uma impecável edição japonesa de 1970. O álbum de capa dupla sempre foi objeto do meu desejo. Tenho seis edições de *Help!*, todas com capa simples, e a versão de capa dupla parecia uma lenda urbana, dessas que circulam entre colecionadores e nunca chegam às nossas mãos.

Até que apareceu. Impecável. Um daqueles pequenos milagres que fazem a vida de um colecionador valer a pena.

1º de novembro — O mundo é complicado

O mundo é complicado, principalmente o mundo da música.

Lucky At Yourself liga para Bleyvs: você pega o contrabaixo e assume os vocais, chama ele para a guitarra, pega Tiago Rabelo na bateria e, em trio, faz uns rocks do Santa Seiva. Vai sair melhor do que muita banda sem palco por aí.

Registros complementares que merecem permanecer no arquivo

O ateliê de Toninho de Souza em Sobradinho

Um dos registros visuais e culturais mais interessantes do ano. O ateliê de madeira, no coração de Sobradinho desde 1960, guardava manequins multicoloridos, objetos, fotografias, esculturas e telas. No muro externo, um mural de doze painéis percorria imagens da construção de Brasília: JK, os Candangos, o Lago Paranoá, a Ermida Dom Bosco, o Congresso Nacional, o Templo da Boa Vontade e as araras do cerrado.

Toninho começou a desenhar ainda menino, em 1957, nas camadas dos sacos de cimento que formavam as paredes das casas dos primeiros candangos. A melancia, que se tornaria uma marca de sua obra, surgiu de um desejo de sua esposa durante a gravidez da primeira filha. Depois de ser recusado em salões por várias vezes, foi premiado justamente com os trabalhos de melancia.

O artista preservava sua produção com rigor de arquivista. Telas protegidas em plástico, organizadas em gavetas de diferentes tamanhos, estudos em papel, técnicas mistas e recortes de jornais incorporados às obras. Dois volumes encadernados reuniam matérias sobre suas exposições, desde 1993 até 2006.

Toninho desejava construir um galpão de dois andares para transformar o espaço em centro cultural de atividades múltiplas, com música e artes visuais. A visita revelou um artista generoso, cuidadoso com a própria história e disposto a abrir as portas de sua casa e de seu acervo.

21 de novembro — Mud Morganfield e a produção de camarim

O relato de Claudete sobre a produção do camarim de Mud Morganfield, filho de Muddy Waters, registra o trabalho de bastidor de um evento do Clube do Blues de Brasília. Agradece a Jussara Almeida Menezes, Luiz Kaffa, Val Souza, Rafael Souza, à Brazilian Blues Band, a Marssal Leones e Leonardo Vilela, além dos seguranças Daniel Almeida e João Clemente.

É um registro complementar, não uma crônica autobiográfica minha, mas ajuda a documentar a estrutura de produção e as pessoas envolvidas na movimentação musical da cidade.

2015 — A fotografia do Carnaval

No Carnaval, eu tinha acabado mais uma etapa dos serviços na chácara e resolvi tomar uma cervejinha. Talvez tenha rolado um churrasco, e alguém fez essa fotografia, hoje a mais aplaudida do meu Facebook. Pô, só pode ter sido feita com um celular e por alguém próximo.

Recentemente, minha mulher viu a foto e comentou:

— Você estava mal.

Respondi:

— E quando foi que estive bem?

Só que hoje, com a barriga desse tamanho, já não dá para comemorar os excessos de antigamente.

Quem foi que fez a foto? Ah, o senhor Nader Arar!

25 de dezembro — Natal

É Natal. Abasteci a geladeira de leite. Tão doido, esqueci as linhas. DE REPENTE, Spawl. Tem um som, *The Ghost of You*, que vou ouvir agora.

Meu Natal feliz com Virgílio, Zanza, Luíza, telefone móvel, interfone, Rodrigo, Bomba, Souves, Dean Pazcheco, Jupiter Apple e minha querida Gabriela.

2016

Do It Yourself ou macaco vê, macaco faz

2016 foi um ano de balanços, provocações, viagens, reencontros e muita insistência. O Do Próprio Bol$o chegava aos 34 anos de atividade contracultural, com 13 anos de site. Eu continuava fazendo o que sempre fiz: juntando pessoas, inventando acontecimentos, produzindo rock, escrevendo, fotografando, guardando lembranças e me metendo em encrencas.

O ano também foi marcado pela morte de David Bowie, pela viagem a Alagoas, por experiências com artistas e bandas, por discussões nas redes sociais e por uma reflexão cada vez mais direta sobre o preço da independência. A contracultura continuava viva, mas eu já não tinha muita paciência para seus novos administradores, seus donos de agenda e seus vendedores de ilusões.

12 de fevereiro

Come Together: anos de bipolaridade e rock. Ela estava caju!

Um fragmento de memória, com a música, os estados de espírito e as relações pessoais misturados. A lembrança começa com uma referência aos Beatles e termina naquela expressão que só faz sentido dentro do contexto de quem viveu a situação: ela estava caju!

14 a 21 de março

Maceió e Alagoas – nas bandas de lá

Nas Alagoas, o paraíso das águas, conheci o violonista Rodson Pajussara na praia, vendendo seu CD.

Piaçabuçu, a 183 quilômetros de Maceió, fica na divisa com o sul de Sergipe. Foi lá que fomos conhecer a foz do Rio São Francisco e suas dunas. O nome Piaçabuçu significa Palmeira Grande, na língua indígena caeté. É nesse lugar que as águas do Velho Chico, carregadas de histórias, encontram o Oceano Atlântico.

Quem vive naquela região mantém uma relação estreita com o rio. Na beira do cais, entre as embarcações dos pescadores, mulheres lavam roupas e crianças tomam banho. A vida acontece junto à água, sem precisar de explicação turística.

As terras alagoanas também foram marcadas pelos passos de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Em Piranhas, reunimos informações sobre a história do cangaço e a emboscada de 28 de julho de 1938, quando Lampião, Maria Bonita e integrantes de seu bando foram mortos. As cabeças foram levadas como troféus e exibidas em Piranhas e outras cidades, até Maceió.

O acesso à Grota do Angico é feito pelo Rio São Francisco, partindo de Canindé do São Francisco e passando por Piranhas. Depois, a caminhada segue por uma trilha de aproximadamente 700 metros, em plena caatinga. É ali que, todos os anos, no dia 28 de julho, acontece uma missa organizada por Vera Ferreira, neta de Lampião e Maria Bonita. O lugar mantém um Museu do Cangaço, simples, com fotografias e poucos objetos. Também são vendidas biografias bastante diferentes sobre Lampião.

Maior banco de camarão do Nordeste

No caminho para Piaçabuçu, a partir de Maceió, fizemos um passeio pela Praia do Pontal do Peba, área de preservação de tartarugas marinhas e aves migratórias. As dunas

chegam a 200 metros de altura e confundem a paisagem com a de um deserto. São 35 quilômetros de praia praticamente inabitada.

A região é considerada o maior banco de camarão do Nordeste. Dali saem aproximadamente 40 toneladas do crustáceo por mês, além de dez toneladas de peixes. Centenas de pescadores enfrentam diariamente o mar em busca da sobrevivência. O período de defeso do camarão agrava a crise no Pontal do Peba.

Águas do Chico – é pau, é pedra, é o fim do caminho

O Rio São Francisco nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, a 1.600 metros de altitude, e percorre cerca de 3.200 quilômetros até sua foz. Atravessa Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, ligando o Sudeste ao Nordeste, o cerrado à caatinga.

Em Sergipe, suas águas ganham diferentes tonalidades, intensificadas pelo contraste entre o espelho do rio e a paisagem árida do agreste.

Foi um sonho realizado. Nós sempre quisemos pisar nas bandas de lá.

Não vou discutir com populações ribeirinhas, guias capitalistas, doutrinadores candidatos a políticos, coxinhas ou peixões da ditadura. Também não vou falar da transposição do São Francisco, porque não conheço o assunto. Eles metem o pau no governo, mas as estradas de lá são verdadeiros tapetes. A população é ótima, nos tratou como reis e rainhas. Foi mordomia o tempo todo.

Andamos pelas ruas, visitamos prédios públicos e utilizamos as paradas de ônibus que o povo usa. Fomos bem recebidos em todos os lugares.

A Barra de São Miguel é fantástica. E, para saber alguma coisa, sempre vale a pena conversar com o povo, ler o jornal local e assistir aos jogos do CSA ou do CRB.

Onde o rio faz a curva

No Cânion do Xingó, paredões desenham figuras imaginárias diante do lago da terceira maior hidrelétrica do país, depois de Itaipu e Tucuruí. A usina gera 30% da energia consumida no Nordeste e 25% da energia distribuída pela Chesf. As obras custaram US$ 3,7 bilhões e demoraram dez anos para serem concluídas.

Números apenas para situar. O melhor mesmo é ver de perto, sentir no rosto o sol e o vento – não sem protetor, é claro – enquanto a escuna desliza pelas águas do lago, com seus 65 quilômetros de extensão.

O Xingó é o maior cânion navegável e o quinto maior em extensão do mundo, com cerca de 800 quilômetros. De catamarã, lancha ou escuna, entramos num labirinto de formações rochosas únicas. Estima-se que tenham 60 milhões de anos e que toda aquela área um dia já tenha sido mar.

O passeio dura três horas. Durante o percurso, aparecem a Pedra da Águia, com o topo no formato da cabeça da ave, e o Morro do Macaco. Antes de o reservatório ser tomado pela água, foi encontrado ali um bando de macacos-prego que costumava jogar pedras nos visitantes. Quem sabe já antevendo que não poderia mais ficar por ali.

Há também a Pedra do Japonês, que lembra o rosto de um oriental, e a Pedra do Cruzeiro, que parece um homem montado em seu cavalo.

Depois de cruzar o lago São José, a escuna para por uma hora para o mergulho na Gruta do Talhado e pequenas travessias de canoa. O nome vem das rochas areníticas, que parecem talhadas à mão. O mergulho é uma delícia, um bálsamo depois da travessia sob

o sol rachando. Entalhada na rocha, uma pequena gruta guarda a imagem de São Francisco, que abençoa o banho refrescante.



Mangue Seco

O acesso ao vilarejo é um dos pontos altos do passeio. Só se chega lá depois de trajetos por manguezais, a bordo de balsa e lancha. Nas areias fofas, a atração são os buggies, que percorrem dunas de até 36 metros de altura e passam pelo centro do pequeno povoado.

Mangue Seco fica no distrito de Jandaíra, na Bahia, mas é um destino muito procurado por turistas que visitam Sergipe. De Aracaju até a terra que ficou famosa por servir de cenário para *Tieta do Agreste*, obra de Jorge Amado adaptada para a televisão e o cinema, são aproximadamente uma hora e meia.

A aventura começa na travessia de balsa pelo rio Vaza-Barris. São apenas cinco minutos, mas vale prestar atenção: os golfinhos aparecem em pequenos grupos.

O percurso seguinte segue pela Rodovia Ayrton Senna, passando pela região das praias de Caueiras, Abaís e Saco. O trecho final até Mangue Seco é feito de barco, a partir do Porto de N'Angola. Lanchas rápidas para até cinco pessoas atravessam os rios Piauí, Piauitinga e Real. Mesmo com a velocidade, ainda é possível observar os mangues cheios de caranguejos.

9 de abril

Vou refrescar seus neurônios com o cigarro do Gabriel, o Pensador

Nessa noite especial, colocamos Edvar – à esquerda – e Julimar, que não aparece na fotografia, na mesma tela. Juntos, pintaram o retrato de Bob Dylan, reproduzido da capa de um de seus LPs.

A tela ocupa um cantinho especial e, até hoje, tenho o maior prazer de apreciá-la durante o almoço, às 13h30, nos cinco dias da semana. É meu ritual: primeiro o pratinho de comida, depois a sobremesa em cinza, preto e branco.

Aquela noite foi tão louca que ainda guardo na memória o lado desapegado de Edvar diante da arte. Ele orientava Julimar a se desprender da obsessão pela perfeição, a deixar a pintura respirar.

Tempos depois, Julimar resolveu dar uma retocada no quadro. Afinal, artistas podem ser mais realistas do que a própria fotografia. E Mr. Zimmerman acabou ganhando um nariz caucasiano!

Foi um colapso! Vou poupar vocês dos detalhes, mas continuo por aqui, esperando a hora de tirar o carro do jardim.

1º de maio

13 anos de site Do Próprio Bol$o (2003–2016) e 34 anos em ação contracultural com outros pseudônimos

O Do Próprio Bol$o completava 13 anos na internet e 34 anos de atividade contracultural, se considerarmos a trajetória iniciada com outros nomes e pseudônimos.

O texto recupera a história da marca, utilizada a partir de 1994, e os problemas enfrentados para manter o nome e o domínio na internet. Entre 2003 e 2005, houve conflitos, dificuldades e a saída do site do ar. Em 2008, o projeto retornou, mas as disputas em torno dos domínios continuaram. Também houve o registro indevido do perfil @dopropriobolso no Twitter.

A questão nunca foi apenas técnica ou comercial. O nome carregava uma história construída desde o fanzine de 1982, acompanhada por uma comunidade alternativa que não surgiu de uma estratégia de marketing. O Do Próprio Bol$o tinha uma trajetória própria, anterior à internet e independente das conveniências do mercado.

20 de maio

52 anos de Pet Sounds

Texto de Itamar Alves sobre Brian Wilson e a construção de uma das obras fundamentais da música pop psicodélica. Registro da participação de colaboradores e da diversidade de assuntos que o site acolhia.

25 de maio

Grateful Dead para nova geração de fãs

André Sollitto escreve sobre *Day of the Dead*, tributo que reúne versões de 59 canções popularizadas pelo Grateful Dead. Um registro da permanência da banda e da transmissão de seu repertório para outras gerações.

28 de agosto

Andy Warhol queria que Lou Reed fosse seu "Mickey Mouse"

Texto de Legs McNeil e Gillian McCain, da coluna *Please Kill Me*, com depoimento de Billy Name. A entrevista recupera a Factory, a relação de Billy com Warhol, o surgimento do Velvet Underground e a importância de Lou Reed no projeto artístico de Warhol.

Um dos materiais mais extensos e ricos publicados pelo DPP naquele ano. A contracultura também se constrói pela memória de seus personagens, pelas histórias que sobrevivem aos protagonistas e pelas relações que ajudam a explicar o que aconteceu.

15 de agosto

Sai no Brasil *Açúcar de Melancia*, livro de Richard Brautigan, o último hippie da América

Notícia sobre a publicação brasileira de *In Watermelon Sugar*, recuperando a obra de Richard Brautigan e sua relação com a contracultura.

1º de setembro

"Sou um revolucionário e um otimista", diz Jalil Muntaqim, ex-Pantera Negra

Entrevista sobre a trajetória de Jalil Muntaqim, militante dos Panteras Negras, seus anos de encarceramento e sua história de resistência política. Um registro que amplia o arquivo do DPP para além da música.

26 de outubro

O rock é uma grande bosta

O rock é uma grande bosta, uma grande indústria de bosta. Até o mais inocente dos eventos virou caça-níquel. Está tudo cômodo, calado e certo. Ninguém faz a diferença. Nem o Saci-Pererê.

Não tenho integridade para fazer crítica nenhuma, mas está tudo alavancado, alinhado e junto. Basta girar a cabeça como uma tartaruga.

Vamos à nona noite de expressão de poesia, sem data marcada.

Esse rock de sistema, de agenda, de produção, que me mantenha fora! Só faço o que quero e entendo. Não conheço ninguém que tenha doado mais sangue a uma causa do que eu. Por isso estou anêmico.

Não estamos a fim de ser heróis de bangue-bangue.

O movimento vai para 35 anos, e acho tarde demais para posar de arrependido. Tarde demais para lacrar o bol$o e tomar juízo. Fazer o quê? Lamentar?

Mas há uma coisa: não me tire para dançar. Eu ainda dou as notas e assino a partitura.

É com o coração na mão e a boca sangrando que agradeço, mais uma vez, aos Wálteres, aos Wesleys, aos Rodrigos, aos Dudus. Enquanto existirem caras assim, a balança dos fatos e da história penderá para o nosso lado.

Pau no cu da mídia! Pau no cu dos grandes festivais! Pau no seu cu!

4 de novembro

That's bullshit!

That's bullshit! Isso é papo furado!

Noventa por cento das postagens não dizem nada. E os comentários? Caraca! Os mais sacanas e torpes. Alguma coisa legal, sincera? Só máscaras, embalagens de nós mesmos. Foi por isso que perdi mais amizades do que conquistei por aqui. Amizades sinceras? No máximo, as pessoas nos aturam.

Quando vemos certos absurdos, já os associamos à imagem de quem os pratica: “Ah, isso é marca registrada dele”.

Como se eu metesse um cadeado no pescoço de todo mundo, feito cachorro. Pouca coisa me surpreende por aqui. Mesmo assim, ainda fico meio puto com essa história de zumbis que não gostam de compartilhar.

Mas escrevo tudo isso para dizer que você não precisa se importar com nada nem com ninguém comigo. O que vale é a felicidade e a capacidade de quebrar as cadeiras. Vontade ainda é tudo.

Podemos não ser competitivos diante do que acontece no mundo. Talvez não estejamos informados, talvez nos falte conhecimento. Mas da maldade humana, da falta de caráter, do oportunismo e do tudo pelo social nós entendemos.

Não fazemos coisas para alegrar os outros. Não servimos a causas. Não somos militantes fanáticos, patéticos, de carteirinha. Tenho medo de tudo isso. E tudo isso até seria legal se eu tivesse pelo menos umas moedas para comprar um refrigerante.

6 de novembro

Os $alvadores

Os $alvadores tiveram grandes momentos, como aquelas bandas que se separam logo após o primeiro ensaio. Nem nós mesmos aguentávamos o som que tirávamos! Mas sempre havia um maestro convidado para reger o caos e o caô, dando alguma dignidade à nossa catástrofe sonora.

Tivemos nossos carros seguidos por fãs. Histeria coletiva! Éramos os novos Beatles do iê-iê-iê, uma espécie de fenômeno musical sem música, sem futuro e sem a menor intenção de dar certo.

O tempo passou, mas continuo com esse espírito zombeteiro e trombeteiro, disposto a desfazer a arte, desmontar solenidades, desarrumar o arrumado e desconfiar de toda obra que se leva a sério demais. A arte também precisa de provocadores, de demolições e de quem não tenha medo de fazer papel de palhaço. Afinal, se ela não puder rir de si mesma, quem vai rir dela?

Os $alvadores: dois passos para o delírio, nenhum para a afinação.

11 de novembro

Três guitarras e uma despedida

Vamos pôr Bleyvs na guitarra e no contrabaixo, Walter Muganga na outra guitarra e André Antimácula numa terceira guitarra speed. Que os deuses do rock tomem conta de nossas almas.

Sentirei sua falta, Tiago Rabelo.

12 de novembro

Ramonna Simpson

Ramonna Simpson desceu da árvore e deu uma surra na cadela. Gritei para a cadela: reage! Ela foi para cima, mas é doce demais, vivida e preferiu deixar por isso mesmo.

Uma semana depois, a gata já estava mastigando filhotes de passarinho no ninho, comendo lagartos e calangos pela metade, ainda sangrentos, e caçando pássaros como menino que corre atrás de avião.

Pô, já vi esse filme e é ótimo!

A gata é tão sacana quanto inteligente. Mais esperta que o cão, sabe exatamente até onde a corda alcança e vive passando perto dele só para provocá-lo. Às vezes saio e deixo os dois juntos: que vença o melhor!

Sento no banco de madeira e ela passa a tarde inteira dormindo.

Minha filha pergunta:

— Você é como os felinos?

Não pela valentia, mas pela preguiça.

14 de novembro

Véspera de festival

Mais combalido do que as pulgas, mais louco que São... Perdi a hora, perdi o juízo e gastei todo o meu dinheiro. Foda-se! Parece maldição: é só chegar à véspera do festival que eu me entorto como garfo. Hoje tô de ressacão brabo, e é bom que eu não surte. Ô, bicho, vem me encher o saco, não! Vá se foder com toras de madeira!

Hoje é dia de rock. Julimar vai pintar ao vivo e tenho fé de que, se o sol não surgir ainda hoje, a lua virá. Venha, traga sua vibe, deixe os ressentimentos em casa e traga cerveja.

Toda Glória ao Senhor e aos Vivos!

Dudu, tô esperando você. Obrigado pelo excepcional flyer!

16 de novembro

Uma aula de blues, rock'n'roll e hard rock

Estava muito doido e me doía aquele parágrafo esculhambado. Como não assino pactos e faço o que quero, lá se vão 22 anos longe das salas de aula.

Como Mr. Fellipe CDC quer uma aula em formato de seminário, com cinquenta minutos e PowerPoint, lembrei de mais dois caras que têm blues na veia: Kaffa, da Brazilian Blues Band, e Bartô Blues, das Asas. Vou de Ligação Direta. Talvez ligue para o Coelho e pergunte qual é a dele com essa história de fazer blues em Brasília.

Mas já adianto: o blues tem que estar com a barriga vazia.

Fellipe ainda quer rock'n'roll e hard rock. O rock'n'roll será meio Senhor F, com aquelas bandas dos anos 60 e uma homenagem ao Castelo! Para o hard rock, vou buscar o Braço do Gama com Lucky at Yourself e Bleyvs.

(Eu sei que vocês leem todas as minhas postagens. Eu sei!)

E, como Mário Pazcheco não recebe fax, fac e jamais recebeu cachês, vocês poderiam me ajudar na diagramação do meu livro ou, pelo menos, dizer: “Li sua mensagem”.

Salve os bêbados! Salve os dentes antes que caiam da boca!

19 de novembro

Os inimigos moram perto de você

Já não saio de casa para não ter que dar bom-dia a cavalo. Sempre que percebo uma potencial discórdia, fujo. Fujo mesmo, e ainda recorro a algumas expressões chulas. Os inimigos moram perto de você.

Esta semana tive um entrevero no Facebook. O que acho interessante naquela rede é que ela mostra as pessoas sem disfarces. Você escreve alguma coisa que contraria a verdade do proposto, do proposital ou do esperado, e eles partem para o ataque. Se eu ainda tivesse 27 anos, talvez ligasse ou mandasse todo mundo se foder. Mas já sei que isso não adianta.

Essas pessoas dizem que seguem as etiquetas, que são educadas e coisa e tal. Um bando de cuzões convencidos, um ledo engano de bodinhos que agora atendem pelo nome de coxinhas.

O interessante é que a vida me ensinou a jogar esse jogo. Não tenho medo do talento precoce desses caras. Puta que pariu! Você entendeu? Não tenho medo de levantar o dedo em riste.

— Pô, Mário, vá com calma!

Irmão, uma última observação: se esses caras não soubessem viver, também não teriam chegado à nossa idade.

22 de novembro

Antimácula: Vícios do Rock

Éramos um excelente time: três garotos universitários, um deles futuro ator, uma equipe técnica experiente e uma atriz que já tinha o papel na cabeça. Juntamos tudo às tirinhas. A banda estava ensaiada. Durante a noite, montamos um cenário. Na fita, ele nem aparece, mas ajudou a criar o clima de garagem.

Filmamos um videoclipe de quase cinco minutos, das oito da manhã ao meio-dia, usando todas as câmeras que tínhamos. Dei a orientação: "Vocês façam as marcações e conduzam. Eu só quero a logomarca da produtora." Trinta dias depois, o clipe estava no ar.

O mais engraçado é ver gente que nunca produziu nada na vida chegar e dizer: "Quando você quiser, a gente faz um clipe para vocês." Eu rio como louco, gargalho mesmo. A rapaziada que fez esse vídeo é do curso de Cinema da UnB.

André Sardinha, guitarrista, guardou outra lembrança daquela manhã:

"No dia da gravação do videoclipe de 'Vícios do Rock', foi uma manhã tensa e divertida. Meu irmão esqueceu o amplificador de guitarra, e eu não tinha dinheiro suficiente para alugar um. Então, eu e Mário Pazcheco fomos à padaria comprar pães. Depois que ele entregou o pacote, a atendente perguntou, educadamente: 'Mais alguma coisa?' Mário respondeu: 'Queremos um amplificador de guitarra!' Kakakakaka! Tive uma crise de riso. Jamais esquecerei isso — nem a gentileza de Bruno Formiga, que nos emprestou o amplificador. Foi um dia inesquecível! Obrigado a todos."

28 de novembro

Um editor de site não pode vacilar

Um editor de site não pode vacilar — e jamais deve teclar de frente para o mar. Com a experiência, a gente vacila menos.

As análises das matérias acabam se tornando assunto de fórum íntimo. Caso contrário, você corre o risco de nunca mais aparecer em nenhuma mídia. Afinal, as opiniões estão mesmo é nos comentários das redes sociais. E os partidos políticos ainda pagam para infestar aquele lixo conhecido.

A lógica do sistema é dominar o mercado e partir para uma ação predatória, esmagadora, baseada na intimidação. Você precisa conhecer os mecanismos de criação e operação do site e decidir se vai dizer sim a tudo. Isso é explícito: é o sim exigido pelo jogo do capital.

Há pessoas que se vangloriam de possuir números de telefone. Produtores brigam entre si por patrocinadores miseráveis. Mas uma das situações mais cruéis é ouvir que fulano não vai curtir sua postagem porque isso seria divulgação demais. Ou então que alguém tem milhares de seguidores, mas, para compartilhar seu conteúdo, precisa receber um agrado, uma molhadinha na mão.

Se fosse só assim, nem sairíamos da cama. Continuaríamos reféns de campanhas como essa.

E o pior: ninguém mais precisa ler um livro, estudar ou se informar. Basta exercitar a prática da repetição. Repetir até transformar qualquer bobagem em verdade.

Um último toque: não desperdice seu precioso toque de gostar. Ele é valioso demais!

Ha ha ha!

2 de dezembro

Um balanço feliz?

Tenho um único compromisso, que será a ida da A.R.D. para a Europa. Sei que farei uma festa.

Virgílio foi um dos caras que serviram de pilar. Se muita coisa rolou, foi por causa dele. Temos uma caixa passiva de voz funcionando e uma guitarra de emergência, aquele instrumento que se exibe e literalmente não se toca.

Outro cara que segurou a onda foi o Dudu, levando o rock'n'roll a vocês em diversas datas, com seus flyers inspiradíssimos.

Tiago Rabelo estará com atividades novas a partir de 2017. Esperarei poder contar com sua batida.

Paulinho, do Memorial Russo, foi um cara exorbitante ao abrir-me espaço.

Outro que arrasou foi Andrew Simek, que me colocou na televisão no início do ano e provocou a maior onda de ciúmes e mortes dos egos inflados.

Julimar dos Santos esteve comigo em todas as noites.

Nesta primeira de 2017, vamos reunir os banners e acrescentar alguns novos ao varal. Essa será a decoração.

Também agradeço a todos que tocaram comigo. Agradeço a todos que tocaram comigo. Estes são os importantes para mim.

Balanço feliz? Sim, claro!

Então, um tempo sabático para entender e tentar alcançar o que se deseja.

Saem de cena as festas, as imensas festas, e volta o happening: que seja eu mesmo, sozinho, como numa punheta máscula.

35 anos de Do Próprio Bol$o e eu jamais estive tão necessitado.

Mas tenho minha agenda de férias, de serviço e de família. E que os novos tributos cheguem para pagarmos o ano todo e o nosso salarim ameaçadim.

Sim, salabim!

4 de dezembro

Um garçom de estacionamento

Zé Otávio, da Parayba, me manda sua última gravação caseira de *Medo da Chuva* e, não sei por qual coincidência, a chuva para.

Minha família está espalhada pelo globo. Nem sei a quantas anda o protesto mundial dos macacos amarelos de aluguel. Todos foram vistos em Olhos d'Água, de onde recebi abraços afetuosos. Alguns internados, outros arrebentados na birita, mas todos curtindo o aniversário do Célio.

Ninguém falou nada da apresentação Mais Lama de ontem...

Depois de todo esse cipoal, fui encontrar abrigo nos braços de Hellen Aquino. Nesta foto, apareço com visual de garçom de estacionamento, vestido numa toalha de mesa de quatro cadeiras. Pose especial para Edson Salazar.

Ainda me lembro da fala da Hellen:

— Faz uma foto minha com o papito, ele é famoso!

Um dia eu chego lá, Hellen. Mas acredito que vocês estão melhor antes da fama. Depois, é só obrigação.

9 de dezembro

Vai ter rock no Mário

– Vai ter rock no Mário.

– Qual Mário?

Paro, penso, engulo seco e respondo:

– No Mário Pazcheco, pô!

Mas não é fácil, viu?

Hoje, sexta-feira, dia 9, às 19 horas!

Rock Brasília e Durangos D'América liberam o tango e a cerveja. Se você for solto ou livre, traga sua cerveja e venha ouvir o que esses admiráveis homens têm a nos dizer.

Participação especial: banda Kapital Inicial.

Murilo Lima

"O segredo do show está em fazê-lo para um público pequeno. Alternamos entre apresentações abertas, geralmente em bares, e shows exclusivos para fãs. Gosto dos dois formatos, mas acho que as produções caseiras dão mais trabalho. Temos que cuidar da aparelhagem, garantir a cobertura e ainda convidar fãs que saibam desempenhar seu papel: pedir autógrafos, tirar fotos e oferecer aos músicos o carinho de que precisam."

Na última vez em que estive com Murilo Lima, ele perguntou se eu ainda fazia produções caseiras. A pergunta deixou no ar a possibilidade de uma volta. Respondi que dependia dos produtores.

12 de dezembro

Não vou me calar

Não vou me calar. E, se tiver que defender a palavra até o último gole de cerveja, talvez eu vá até o fim – ou talvez cuspa um dente cariado para fora da boca. A palavra tem dessas coisas: às vezes salva, às vezes sangra, mas não nasceu para ficar mofando atrás dos dentes.

Facebook é apenas uma agenda, onde falo in box e escrevo on-line, vou ligando os pontos existenciais às ideias, tentando encontrar algum sentido nesse emaranhado de contradições. Na verdade, a gente é himpotente, por isso fico chamando o povo para dar uma risada, um cof, cof, um maneiro qualquer. Se não podemos mudar o mundo inteiro, ao menos podemos sacudir a poeira de uma segunda-feira.

E nesta segunda-feira minha cara está estampada na tela local da SuperGlobo. Eu curto pacas! Não posso nem ir ao supermercado comprar uma pizza sem que alguém me aponte o dedo: "É você?". Começou hoje, logo cedinho, no serviço. Gente de todas as idades e posições dizendo: "Eu conheço aquele cidadão".

É legal isso. Uma referência carregada de respeito. Ninguém melhor do que essa gente sabe da minha luta, do meu fanatismo, dessa insistência quase doentia em continuar fazendo as coisas do meu jeito, sem pedir licença nem esperar autorização de ninguém. São testemunhas de uma caminhada que não começou ontem e tampouco depende de uma aparição na televisão para justificar sua existência.

Cheguei hoje e encontrei, sobre minha mesa, um pacote dos Correios. O servidor me disse: "Eu recebi na sexta e guardei para você". São essas pequenas gentilezas que também fazem a vida valer a pena. No meio da correria, alguém se lembra de você. E isso tem um valor que não cabe em nenhuma tela.

Com quase 53 anos e outros 35 de contracultura nas costas, ninguém melhor do que eu para reconhecer o próprio valor. Não preciso de diploma de bom comportamento, certificado de rebeldia ou autorização para continuar sendo quem sou. Faço minha parte, sustento minhas maluquices e sigo em frente. Faço-me de doido, mas nem gosto de maconha — quem me conhece sabe disso. A fama, às vezes, inventa personagens que não combinam nem um pouco com o sujeito de carne, osso e conta para pagar.

Vou ali vivendo, fazendo conta para atender a uma cartinha do Papai Noel. É assim que somos: um pé na utopia, outro no orçamento doméstico, a cabeça fervilhando de ideias e o bolso tentando sobreviver ao fim do mês.

Mas não se enganem: meu sangue é quente. Quente mesmo, coisa de 40 graus de febre suína! E, enquanto houver palavra, haverá garganta. Enquanto houver garganta, haverá voz. Não cheguei até aqui para virar estátua, muito menos para aprender a ficar calado.

A contracultura não é uma lembrança na parede. É o bicho vivo que continua mordendo por dentro.

19 de dezembro

Os leões desdentados

Ontem, domingo, saí para relaxar. Relaxei tanto que terminei de ressaca e surdo.

Foi dia de rock na Praça do Xinxa. O rock na praça é um bom negócio para quem gosta. Afinal, de quem é a praça mesmo? Dos bebês em seus carrinhos, das crianças correndo atrás da bola, dos quiosques? O brasileiro não gosta de dividir o próprio espaço. Manda na sua casa e quer mandar nas arenas. Nas arenas, só os leões desdentados.

Os leões desdentados!

Rolou o reggae dos meninos, mas deixaram o heavy metal para o final. A vizinhança reclamou: já passava das 23 horas.

No meio daquele barulho todo, enquanto a Durangos D'América tocava *Born to Be Wild*, eu pensava em Magnólio.

Magnólio é aquele carinha das botas. Foi ele quem começou essa onda de festivais nos centros urbanos de São Paulo, no início dos anos 1970. Festivais, manifestações e aglomerações públicas têm tudo a ver com sua figura. Magnólio era um mestre de apresentações, de festivais calcados em Woodstock.

Ontem, nós, a banda, prestamos tributo àquele maluco.

23 de dezembro

O que a fotografia feita pela Joelma me lembra

Para mim, esta é a semana mais emblemática e problemática do ano. É preciso comprar presentes e, quase sempre, estou no fundo do poço. Agora já não chego mais ao fundo do poço: virei uma rolha.

Na quinta-feira, fui fazer espetinhos para levantar uma grana para o Paulinho, que ainda estava internado no hospital. Vendi 200 reais. O mais legal foi que o Ivaldo, da Olho de Águia, pegou um refletor e iluminou o churrasquinho, transformando aquele pedaço num ponto de encontro.

Na sexta, bem cedinho, como há 30 anos, fui trabalhar no GDF. Voltei, almocei pirão de galinha com feijoada e fui tirar o merecido cochilo.

O motorista do Fiat perguntou ao pobre caseiro:

– Mário está?

– Está dormindo.

Convencido pra cima do pobre caseiro, que ainda tentou avisar que era uma péssima ideia, o motorista avançou e me acordou por um dos motivos mais fúteis do mundo: fumar um prosaico baseado nas barbas do Natal.

Depois da saliva, do cof-cof, do pigarro, da cuspideira e de a poeira assentar, disse-lhe:

– Você está bom de encerrar a sua carreira. Não tem um instrumento e não sabe tocar uma música por completo.

O último movimento do motorista foi arrancar com seu Fiat dali. Eu havia ferido seus mais almejados sentimentos de glória.

Subindo o condomínio, encontrou o caseiro e ofereceu-lhe uma carona:

– Aqui nunca mais volto!

O sacana do caseiro, um tal de Jailson, não teve coragem de emendar:

– Eu avisei!

27 de dezembro

35 anos de Do Próprio Bol$o – a origem da encrenca

Eu e Edvar Ribeiro estávamos mucho loucos, curtindo um breve período de liberdade e sol. Pegamos uma folha de papel vegetal e anunciei: “Do-pró-prio-bol-$o! É esse o nome daqui pra frente.” Desenhamos uma bundinha continental de Crumb. Ali nascia a encrenca.

Eu já carregava dez anos de underground nas costas e passaria os 25 seguintes tentando explicar por que o Do Próprio Bol$o não deu certo: faltou aquele famoso “empurrãozinho”.

A logomarca foi acusada de machista e, logo depois, surgiu um batalhão de artistas querendo livros publicados e esperando que eu injetasse dinheiro nas bandas. Dá uma bola aí, prensa, passa... E lá se foram 35 anos de um padrão sinuoso de independência.

Você conhece o Do It Yourself ou prefere o velho “macaco vê, macaco faz”?

E fui em frente. O melhor de tudo é que os poucos amigos capitalistas que tinham alguma grana também pularam fora. Sobrou a utopia, a perseverança e, felizmente, tempo de sobra para fazer as minhas próprias coisas.

Aos envolvidos: por favor, cheguem cedo, trazendo amplificadores, cubos e microfones. Evitem esperar que alguém traga o equipamento.

Senão, o rock nunca começará!

28 de dezembro

Crônicas moribundas do r’n’r

1982 foi o ano em que o Brasil disputou a Copa do Mundo na España. Nós ouvíamos *Just Supposin'*, do Status Quo, e não entendíamos por que havia tantos mísseis nas capas dos discos deles. A Guerra Fria rondava nossos ouvidos e nossas cabeças: *The Final Cut*, *Tug of War* e outras trincheiras sonoras de um mundo que parecia estar sempre à beira de apertar o botão vermelho.

Enquanto isso, eu corria atrás do meu diploma de colação de grau. No fim daquele ano, fiz uma participação numa peça do Colégio JK, o que me ajudou a alcançar esse

objetivo. Fiz par com Miriam, que era o oposto de nós! Havia também outra garota, a primeira namorada capaz de despertar em mim paixão, ciúmes e, lógico, chifre. Éramos freaks, desajustados, verdadeiramente loucos e experientes — ou pelo menos acreditávamos que éramos.

A porralouquice tinha começado em 1979. Os caras tocavam porcamente *Lucy in the Sky with Diamonds* e *Penny Lane*, dos Beatles, mas aquilo já era suficiente para nos colocar em órbita. Não precisávamos de muito. Bastavam algumas guitarras, uma dose de inconsequência e a certeza de que o mundo lá fora não tinha sido feito para nós.

Inventei o fanzine, aquele jornalzinho que eu distribuía na Secretaria de Segurança, nos shows, no colégio e até como currículo! Para mim, o fanzine funcionava como portfólio: uma maneira de mostrar o que eu fazia, o que pensava e por onde andava. Antes de descobrir qualquer utilidade prática para aquela maluquice, eu já estava metido nela até o pescoço.

Tivemos duas matérias no jornal, uma em abril e outra em dezembro. E havíamos conhecido a Legião Urbana! A peça também foi um sucesso. Era uma paródia do *Piu-Piu de Marapendi* e, em cima do palco, eu ficava tentando esconder a cara maquiada. A vergonha e a ousadia conviviam numa boa — cada uma puxando para um lado, como quase tudo naquela época.

Com o diploma e a reservista em mãos, fui procurar serviço. Afinal, nada como um emprego para tentar dar fim àquela luxúria, àquela vida de excessos e sentimentos descontrolados. A vida adulta batia à porta, com seus horários, obrigações e a promessa de que seria preciso ganhar dinheiro para continuar vivendo.

Mas certas coisas não acabam com a chegada de um diploma, muito menos com a assinatura de uma carteira de trabalho. A loucura apenas muda de endereço, troca de roupa e, às vezes, aprende a disfarçar.

É isso que quero comemorar: 35 Anos de Porralouquice, de rock'n'roll, de fanzines, de encontros improváveis, de paixões, ciúmes, tropeços e sentimentos descontrolados. Trinta e cinco anos de uma história que começou sem pedir licença e nunca se preocupou muito em saber onde iria terminar.

E agora eu pergunto:

Qual será a sua participação nessa história?

31 de dezembro

Resenha — CD *Para Todas*, Os Pedras

A extrema esquerda, por meio de uma liminar, assumiu o sindicato. Servidores públicos, agora travestidos de sindicalistas, logo começaram a aplicar a cartilha de perseguição aos artistas de Brasília que eventualmente haviam recebido algum apoio de Roriz.

Fiquei pasmo com a desenvoltura daquela gente. Eram contra o rock e a favor da MPB. Leram um texto meu e perguntaram:

— E você pode escrever isso?

Fiquei calado. Só pensei: a direita nunca falou comigo nesse tom.

Depois, minhas palavras me colocaram em rota de colisão com outros personagens. Por fim, parei de fazer críticas. Agora só faço elogios!

Em quase todos os canais de comunicação, meus textos sofreram alterações, inclusive nos títulos. A lista é extensa.

Escrevi no site de um guitarrista. Ele me fez uma pergunta capciosa sobre Rita e Arnaldo, e respondi de maneira dúbia. Mais tarde, mandei um texto sobre a máfia dos festivais. Ele devolveu dizendo que não queria fazer política.

Assim conheci alguns editores. Esse guitarrista, aliás, teve um problema com um amigo meu em Londres.

O pessoal do Whiplash sempre me apoiou. Só que o site era novo e eu não queria envolvê-los num processo por causa dos Mutantes.

O jornal impresso *Intelligentsia* foi o espaço mais democrático em que escrevi: nunca mudaram um ponto ou uma vírgula.

Também escrevi gratuitamente, como colaborador, num jornal de Sobradinho. Conheci o editor no Conic. Ele se recusou a pagar uma rodada de cervejas. Nunca mais gastei dinheiro com os selos.

Outros registros culturais publicados em 2016

Além dos textos autobiográficos, o arquivo do Do Próprio Bol$o reuniu notícias, entrevistas, resenhas e artigos que ajudam a reconstituir o ambiente cultural daquele ano.

Música, memória e contracultura

- **9 de março – Sir George Martin, considerado "o quinto Beatle", morre aos 90 anos.**
- **3 de março – O arquivo secreto de Bob Dylan.**
- **29 de fevereiro – Yoko Ono reafirma que não foi responsável pelo fim dos Beatles.**
- **25 de março – Carta enviada por John Lennon aos 11 anos vai a leilão na Inglaterra.**
- **22 de fevereiro – Mecha de cabelo de John Lennon é vendida por £ 25 mil em leilão.**
- **17 de fevereiro – Rolling Stones reforçam segurança após assalto na Argentina.**
- **29 de janeiro – Robert Crumb cede dois desenhos para protestos do Movimento Passe Livre.**
- **18 de janeiro – Livro de Bukowski e Crumb só reafirma marcas de velhos safados.**
- **26 de dezembro – Rick Parfitt, guitarrista do Status Quo, morre aos 68 anos.**

Outros registros da contracultura

- **7 de novembro – Taschen: nova edição de *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico*.** Material sobre a edição do livro de Tom Wolfe, com fotografias dos Merry Pranksters e registros da experiência psicodélica liderada por Ken Kesey.

- **16 de dezembro – Víctor Moscoso, hijo y superviviente de la contracultura con apellido gallego.** Perfil do artista gráfico ligado à cultura psicodélica e à história dos cartazes da contracultura.
- **1º de setembro – "Sou um revolucionário e um otimista", diz Jalil Muntaqim, ex-Pantera Negra.** Entrevista sobre o militante, sua trajetória política e os anos de encarceramento.

Materiais de colaboradores

- **20 de maio – 52 anos de *Pet Sounds*.** Texto de Itamar Alves sobre Brian Wilson e o disco dos Beach Boys.
- **25 de maio – Grateful Dead para nova geração de fãs.** Texto de André Sollitto sobre o tributo *Day of the Dead*, com versões de 59 canções da banda.
- **28 de agosto – Andy Warhol queria que Lou Reed fosse seu "Mickey Mouse".** Texto de Legs McNeil e Gillian McCain, com depoimento de Billy Name.
- **15 de agosto – Sai no Brasil *Açúcar de Melancia*, livro de Richard Brautigan, o último hippie da América.**

Materiais que exigem classificação à parte

O texto **"Tyee Jim: o ícone psicodélico das Primeiras Nações"** aparece na busca do site, mas a página é posterior, de 2022. Não deve entrar como publicação original de 2016.

O mesmo cuidado vale para **"Irmão Victor – Passos simples para transformar gelatina em um monstro"**, de Tiago Rabelo. O texto se refere a um disco de 2016, mas sua publicação é posterior. Pode permanecer no arquivo complementar, não na cronologia original.

O que 2016 deixa no memorial

2016 foi o ano em que a comemoração dos 35 anos de contracultura começou a ganhar uma dimensão mais explícita. Eu já não estava interessado em provar que o Do Próprio Bol$o era independente. A própria trajetória estava ali, com suas festas, seus artistas, suas fotografias, seus textos, suas brigas e suas contas.

A palavra independência, no entanto, não era uma medalha. Era uma obrigação diária. Significava carregar equipamento, produzir eventos, procurar músicos, montar estruturas, escrever, editar, divulgar, fazer favores, pagar despesas e, muitas vezes, engolir desaforos. Significava também recusar o jogo dos patrocinadores, dos produtores e dos donos de mídia.

O ano terminou com a vontade de diminuir as festas e recuperar o happening, de voltar a fazer as coisas de um jeito mais pessoal, menos dependente de grandes estruturas. Eu tinha Virgílio, Dudu, Julimar, Tiago Rabelo, Paulinho, Andrew Simek e tantos outros que ajudaram a segurar a onda. Não era pouco. Mas também não era suficiente para apagar o cansaço.

Aos 52 anos, quase 53, eu ainda estava tentando entender o que fazer com os 35 anos de rock, fanzines, encontros, paixões, ciúmes e contracultura. O Do Próprio Bol$o continuava de pé, mesmo sem o famoso empurrãozinho.

O ano me deixou uma certeza: não precisava de mais um título, de uma homenagem ou de uma autorização. Precisava continuar fazendo.

Do It Yourself. Ou macaco vê, macaco faz.

Notas editoriais para a próxima revisão

- Mantive a passagem de 27 de dezembro sobre a criação do nome e da logomarca como uma lembrança específica. Ela merece ser confrontada com o outro registro sobre a utilização do nome a partir de 1994: pode haver diferença entre a criação da marca, sua adoção definitiva e o início de seu uso público.
- O texto de 31 de dezembro está intitulado como resenha de *Para Todas*, mas o conteúdo é, sobretudo, um balanço das experiências de Mário com editores, veículos de comunicação e censura editorial. Mantive o título original, mas recomendo conferir se o corpo da resenha ficou separado em outra publicação.
- A viagem a Alagoas foi preservada como crônica de viagem, inclusive com suas observações sobre o povo, as estradas, o rio e o cangaço. Corrigi apenas alguns erros evidentes de digitação e organizei os blocos para facilitar a leitura.
- Os textos sobre David Bowie, George Martin, Bob Dylan, Lennon, Yoko Ono, Warhol e Lou Reed podem formar uma seção paralela de memória musical de 2016. O fragmento de Bowie que você trouxe merece entrar nessa seção com destaque, caso queira recuperar o texto integral de *Lazarus* no capítulo.

2017 — Trinta e cinco anos de Do Próprio Bol$o: memória, estrada e resistência

A espinha dorsal do ano

1. **35 anos do Do Próprio Bol$o — 1982-2017**, com a Mostra Íntima e a instalação permanente do arquivo.
2. **A viagem ao Pará com Zanza**, relato longo e pessoal, cheio de observação, humor e descobertas.
3. **A casa como espaço de produção cultural**, com festivais e apresentações de Luca Teixeira, Banda Mais Lama, Durangos da América, Lud, LucyFê, Banda Ser, Muskga, Sunburst e tantos outros.
4. **A relação com Arnaldo Baptista**, especialmente o texto emocionado sobre o show de 2 de junho.
5. **Os encontros com Sylvio Passos**, incluindo a Putos Brothers e o Tributo Viva Raul.
6. **Os fragmentos de desgaste e rebeldia**, especialmente "Rock'n'roll é legal, o que estraga é o vício que me leva à sarjeta" e "Os Profissionais".

---

1. Mostra Íntima — 1982: 35 anos depois

O ano de 2017 foi marcado por uma data fundamental: os 35 anos do primeiro fanzine, lançado em **10 de abril de 1982**.

Para celebrar a história, organizei a **Mostra Íntima — 1982: 35 anos depois Do Próprio Bol$o**, uma exposição de discos, revistas, fanzines, livros, gibis, fotografias e objetos acumulados ao longo de décadas.

Mais do que uma comemoração, a mostra representou a instalação de uma memória permanente. Caixas de discos, expositores, documentos e até a velha **Olivetti mexicana verde** ajudaram a transformar a casa num arquivo vivo.

Renovei o domínio e mantive o projeto com recursos próprios. Não havia patrocinadores nem necessidade de transformar a história em festa convencional. Do Próprio Bol$o não faz festa, balada ou celebra aniversário de ninguém.

16 de abril — Mostra Íntima nos 57 anos de Brasília
Registro da mostra conjugada com zines e obras de artistas da cidade. A exposição reuniu parte do acervo cultural ligado a 1982 e à trajetória do DPP. É um complemento importante ao texto dos 35 anos, mostrando a circulação pública do arquivo.

---

2. Viagem ao Pará — Saí pelo Tapajós

Em março, viajei com Zanza pelo Pará. Saí pelo Tapajós, passei por Alter do Chão e encontrei uma paisagem que me ofereceu muito mais do que cartões-postais.

Registrei os sabores regionais, as conversas com moradores, os canoeiros, a Floresta Encantada, a Escola da Floresta, o artesanato indígena e a vida cultural da região. A viagem rendeu um dos meus relatos mais pessoais daquele período, misturando observação, crítica ambiental, descobertas e humor autodepreciativo.

Quando alguém perguntou sobre minha profissão, respondi: **"Eu sou escritor!"**. A réplica veio na lata: **"No Facebook!"**.

A revisão de Roberto Gicello integra esse documento de viagem, que merece ser preservado em sua extensão original.

6 de março – Roriz no Coreto / Saí pelo Tapajós e ele passa por Alter do Chão / Pará

Roriz no Coreto. Servi água mineral. [checar data através de foto]

O rio Tapajós nasce no estado do Mato Grosso, segue para o norte, cruzando a divisa do Pará e desaguando no rio Amazonas, em frente à cidade de Santarém, a quase 700 quilômetros de Belém.

"A Vila mais famosa da Amazônia, com 810 quilômetros de extensão tem águas cristalinas de tom verde azulado que banham as praias do vilarejo e são as responsáveis por dar ao lugar o apelido de Caribe brasileiro. Distante aproximadamente 30 km de Santarém. Após cerca de 40 minutos de percurso – que separam o viajante do aeroporto de Santarém a Alter do Chão, o clima muda."
Edu Dias – Alter do Chão 259 anos – Jornal de Santarém e baixo Amazonas

No Pará, eu, mucho louco com Zanza. A onda do Pará me deixou mais doido (quem conhece sabe). No restaurante Caranazal e no Pier da Pousada Alter do Chão foi onde passamos as noites.

Hora do café da manhã: "O que você faz?", perguntou o casal paulista. "Eu sou escritor!", respondi à queima-roupa. "Escreve onde?", replicaram. "No Facebook!", tiro de misericórdia num diálogo sem salvação. Silêncio sepulcral. Emendei que colaborava no Jornal do Guará (na capital federal), tinha livros publicados, promovia bandas, comandava site. Humpf! Um escárnio silencioso e tapajônico soprou suavemente as cortinas de chita do refeitório, enquanto eu mastigava uma tapioquinha com manteiga derretida.

No cardápio, os sucos: acerola, maracujá, cupuaçu, graviola, cacau, taperebá, caju, murici, açaí e bacaba. No prato: pescada, aracu, surubim, tambaqui e tucunaré. Sempre servidos com farinha, feijãozinho manteiga; ou vatapá, tacacá e maniçoba.

Ellen, a menina da janela, é uma das responsáveis pelo conforto e o café da manhã. Thaís(a) a "Paulistinha" é de Americana-SP, terra de Rita Lee, formada em Logística, vive numa maloca e trabalha no Restaurante Caranazal. Tudo gente finíssima.

Amazônia paraense envolve sensorialmente o visitante com a exuberância de suas matas, rios, praias e animais.

As residências às margens da Floresta Encantada/Alter do Chão possuem suas próprias galerias. Na pousada do Arcos, Nonato Cruz pinta.

Traços da civilização tapajônica, com grafites etnográficos nas paredes da entrada da Vila de Alter do Chão revelam as preocupações peculiares da comunidade: a preservação das florestas, da fauna, da flora e dos povos originais, a luta contra a devastação dos recursos naturais e culturais. Lá a maioria das pessoas é consciente destes problemas com o adensamento populacional e as invasões às margens da Floresta Encantada. Contracultura total em luta com o sistema. Eu preferi conversar com os nativos a tentar entender os tantos estrangeiros que ali estão aos magotes. Suíços, portugueses, angolanos, poloneses, americanos, japoneses, besuntados de suor e sorrindo para selfies com bichos-preguiça, macaquinhos e araras domesticadas. Vi coisas, aprendi coisas e fumei muitas coisas. Navegando em Alter do Chão, você pode esbarrar com **Keith Richards** ou Chris Martin. Claro, todos anônimos como nós.

No cais de Alter do Chão toma-se uma lancha (ou canoa) para curtir a areia mais branca e a água mais quente na Praia do Amor, que de fevereiro a agosto fica meio submersa.

No artigo evito propositalmente a situação fundiária: os índios paraenses disputam ouro, terras e madeiras com sem-terra, fazendeiros e garimpeiros.

Num mundo cada vez mais virtual, clonado e transgênico, Alter do Chão é a reserva das reservas naturais, assentada sobre o maior aquífero do mundo: congregando as bacias do Marajó (PA), Amazonas e do Solimões (AM) – todas na região amazônica chegando até as bacias subandinas.

Sapiência é caminhar silenciosamente nos atos e nas palavras dos guias e dos aprendizes da floresta (canoeiros, barqueiros, mateiros). O cenário do turismo em Alter do Chão atualmente é bem diferente do início dos 80s, quando então era muito difícil encontrar alguém do sul do país na região.

A base da economia é o salário mínimo. Existe desigualdade social e cultural, porém a energia elétrica já chega às mais remotas comunidades. Os passeios de carro, canoa, lancha das associações completam a renda do morador. As lendas submarinas são o atrativo para as estrelas do judiciário e para os popstars. Gente de vários pontos do país anda pelas ruas e pousadas, vendendo artesanato, ou na praça palestrando rudimentarmente com gringos, através do gestual e da criatividade típica dos mercadores monoglotas. Um destes ambulantes, o carioca Mozart e sua cadela Mina oferecem, na praia, um show afiado com simpatia, lábia e peixeiras. O show de talentos é honesto e bom. Intercâmbio cultural de turistas, grupos de jovens mochileiros de todo o país, além dos moradores e músicos da própria cidade e de Santarém, que se reúnem na sexta-feira no Chorinho (casa de esquina onde se canta e dança animadamente). Uma viatura da polícia encosta, mas ocorrências são mínimas; de vez em quando prendem ladrões, nada mais que isso. Todavia, seria um ledo desconhecer os tentáculos da corrupção da Odebrecht: a empreiteira já planejou erguer espigões nas ruas de Alter do Chão.

Alter do Chão se destaca pelo apelo cinematográfico – como set de filmagens é deslumbrante, proporciona uma fotografia exuberante e de baixo custo, o que atrai produtores independentes e universitários.

Também em Alter do Chão acontece a Festa do Çairé (a mais antiga manifestação cultural da Amazônia) com artistas plásticos, músicos, artesãos, ceramistas, poetas, compositores e maestros.

- Chalés são organizados por cores na Pousada Alter do Chão/PA
- Imagine uma Floresta Encantada nos fundos de casa

Tiririca é uma rama que corta; tucumã é um cacho, fruto de uma palmeira com cor alaranjada e fibra grudenta; o bacuri precisa da presença dos pássaros para frutificar. É uma das frutas mais conhecidas do Pará, maior do que uma laranja, e a cajarana: tudo para uso culinário ou cosmético. Juntem-se às frutas pássaros, peixes, sapos, macacos, porcos-do-mato, antas, jabutis e cobras. O cenário já é prodigioso, e os igarapés, furos e os iapós debuxam as curvas do mistério e da beleza. Qualquer habitante ou visitante pode descrever o próprio encanto. A própria floresta se protege como dá e as pessoas que não são aceitas podem sofrer eventuais hostilidades.

Há também os rituais de ayahuasca.

REPELENTE DE FORMIGA

Kika também atende pelo nome de Ideorlano, é descendente do grupo indígena Munduruku,

povo de tradição guerreira que dominava culturalmente a região do Vale do Tapajós. Brincalhão, passou repelente natural de formiga, usou um cipó (muuba?) para cingir a vara de pescar para enganar o peixe e falou de outro cipó, a escada-de-jabuti, que ajuda na diabetes. Kika é o guia, braço direito, amigo e pau para toda a obra, especialista na opípara Piracaia (peixe na brasa).

Aida, a canoeira, rema no primeiro passeio pela Floresta Encantada e sua filha Amorinha nos acompanha.

MUIRAQUITÃ

"Amuleto, talismã verde ou esverdeado, atribuído às Icamiabas (Amazonas), mulheres sem marido, que enjeitavam ou sacrificavam os filhos varões. Os mais conhecidos em jadeite e representavam uma rã. As verdes são disputadas a preços elevados, como verdadeiras joias de arte lítica amazônica. Reside a sua fama no mito que o envolve, sintetizado por Frederico Barata no capítulo As Artes Plásticas no Brasil: 'Nas fontes do rio Jamundá, na serra Yacy-Taperê (Serra da Lua), há um famoso lago, consagrado à Lua, denominado Yacy-Uruará (espelho da Lua)'. Anualmente, em certa fase lunar, as Icamiabas que na serra habitavam faziam em determinada época uma festa, consagrada à Lua e à mãe do Muiraquitã, que habitava o fundo do mesmo lago. Dias depois de contínua festa, na ocasião em que as águas estavam serenas e a Lua nela se refletia, as Icamiabas que estavam em torno do lago, nele se precipitavam e, mergulhando, iam ao fundo receber das mãos da mãe do Muiraquitã os preciosos talismãs, com as configurações que desejavam. Recebiam-nos ainda moles, porém, logo depois que saíam d'água, endureciam. Com essas pedras mimoseavam elas os homens com quem se relacionavam. Os muiraquitãs são encontrados principalmente na área Tapajós-Trombetas, constituindo um produto artesanal dos antigos grupos indígenas que habitavam a batraquiana (os mais afamados). Mas existem igualmente, e em maior número, os de textura leitosa e de cor escura, dependendo do material que a mão artífice empregava em sua confecção: ardósia, diorito, esteatite, jadeite, nefrite, pedra-cristal, etc."

ESCOLA DA FLORESTA MOSTRA ATIVIDADES E SEUS CANTEIROS

A Escola da Floresta é um complexo gigante, dirigido por uma nova administração de técnicos agrícolas e outros profissionais. As pessoas que nos atenderam foram gentis e atenciosas. Seria necessário, para uma descrição mais precisa, um guia impresso com a lista de plantas de lá, e todas com cores diferentes das que você conhece.

A Casa da Farinha, a Casa de Seringueiro, o viveiro de peixe, a marcenaria, os inúmeros canteiros, as mudas, as trilhas e o observatório inserem as crianças nos conceitos de desenvolvimento sustentável. Uma outra parte da população utiliza as dependências da Escola. Tudo fluindo nos 33 hectares de área da Escola da Floresta.

AO ESTILO DE KRAJCBERG

Argus e Nonato Cruz, moradores da Floresta Encantada, são artistas e ambientalistas. Quando as águas baixarem frente à moradia, eles exibirão obras feitas com troncos e raízes calcinadas, denunciando a destruição do homem na natureza – arte que grita contra queimadas e desmatamento. Essas comunidades exibem fósseis, e cada casa é um museu vivo de paleontologia que combina a própria arquitetura à sua identidade.

Os lotes às margens do igarapé da Floresta Encantada/Alter do Chão possuem suas próprias galerias, dentre elas surge a da Pousada dos Arcos, onde trabalha o pintor Nonato Cruz, que vendeu seu primeiro quadro em Brasília, ao embaixador mexicano.

Esse caboclo aí é o Nil. Existem os aprendizes de feiticeiro, ele é o aprendiz da floresta, voltado para a preservação da sua ancestral cultura indígena. Músico de sopro

nas flautas, também prepara o sapó e joga capoeira. Sua conversa é a mais esclarecedora e estruturada, além da mensagem da floresta, ademais ele fala francês, pois viveu na Europa. Seu tempo é ocupado no preparo de adereços de patchouli e fibras originais, ervas, defumações, jardins, embalagens e rótulos de óleos. Cultiva seus próprios sonhos, e como aprendiz, dedica-se à causa sem parecer individual ou misantropo e sim resguardado. Preocupa-se com as queimadas e como inserir o povo do Pará na preservação do meio ambiente e na obtenção de uma renda agrícola próspera.

SUAS INQUIETAÇÕES:

- perda de produtividade agrícola em várias regiões;
- alterações na precipitação de chuvas;
- elevação do nível dos rios;
- desaparecimento de espécies vegetais e animais no bioma;
- e interferências nas atividades de caça, pesca e da lavoura.

Na estrada com Ademar

Na Casa de Saulo, restaurante nas barrancas com vista privilegiada para o rio Tapajós. Além da natureza, outro destaque é o prato da casa com frutos do mar, com o nome do chef.

O bom, educado e prudente motorista Ademar nos conduziu aos mais longos passeios ecológicos. Dele obtivemos todas as informações sobre os principais pontos turísticos, a fauna e a flora da região.

Denize Rezende nasceu no Mato Grosso, mas viveu boa parte de sua vida em São Paulo, antes de abraçar o Pará. Grande incentivadora do ecoturismo e responsável por momentos inesquecíveis de poesia e elegância. Denize cantou profissionalmente e hoje é a dona da Pousada Alter do Chão, e como é dura a rotina de receber e cuidar de turistas do mundo todo!

“A música paraense é um hibridismo de merengue, bolero e samba-canção, com ramificações pela toada, o choro, a marcha-rancho, o samba-enredo e a lambada”, descreve o jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto.

O carimbó, ritmo popularizado por Pinduca, não chega a ter novos representantes de peso na cena musical paraense, mas ainda influencia desde bandas pop aos bregas e tecnobregas. Artistas jovens, como Juca Culatra, ou experientes, como **dona Onete**, representam a simpatia e a música febricitante da região.

O que presenciamos foi o chamado carimbó pau-e-corda, em que não participam instrumentos elétricos, apenas os curimbós (atabaques) de marcação e ritmo, o ganzá, a flauta, o clarinete, o saxofone, o violão, o reco-reco e o pauzinho. Esse formato é tido como o mais autêntico. Luizinho do Restaurante Caranazal é a pessoa certa para uma explicação da origem dos passos da dança. Ele aponta um viés de aculturação do carimbó, mas apesar disso, todos são unânimes em reconhecer que o ritmo tem poder ideológico, é um canto e um folguedo de resistência, um atestado de identidade contra a cultura de massa que devora as raízes do que o país tem de mais original e ancestral em nome do lucro, através da uniformização das artes e dos costumes.

Banda do mestre Osmarino ou dá-lhe guitarrada, chorinho, carimbó (sambão tipo Banda de Ipanema) e muita gente pela estrada. Em meio a essa mixórdia musical — Luizinho, produtor e dono do Restaurante Caranazal — e grande expoente defensor da cultura nativa. Malucos no carimbó às margens da Floresta Encantada em Alter do Chão.

NO MERCADO MUNICIPAL EM SANTARÉM/PA

No Pará, tudo é lisérgico com gosto diferente, e num timing absolutamente amazônico: tudo é grande, vasto e saboroso. O tapuio rubro-negro na direita vende a farinha do piracuí, o bolinho típico do Pará, que comíamos antes da cerveja Tijuca. Acreditem: lá a cerveja paraense tem charme carioca e os feirantes são muito diferentes dos da capital federal.

O menino Edu ou Dudu, Andrei e Denise – de Rondônia para Alter do Chão/Pindobal/Santarém – fizeram contato com as bandas Merda Seca e Covereiros (ambas de Porto Velho): família corajosa e companheira de longas viagens. O povo acolhedor tocou o pendrive de heavy metal.

Interior da loja Muiraquitã de artesanatos da Amazônia e do Brasil em Santarém/PA (Rua Senador Lameira Bittencourt, 131 – CEP 68005-010 – Santarém-PA), na orla do cais. Aqui comprei coisinhas para a casa como uma máscara indígena. O dono é o João, que mantém a loja aberta desde 1980, num admirável ato de resistência cultural. Ele me explicou que por estar há muito tempo no ramo possui o acervo maravilhoso que encontramos. Tudo no Pará é mágico. Faltou espaço e grana. Jamais pensamos em trazer nenhuma muda de nada.

Com os pés na canoa, de camisetas que atraem a atenção, num dia pode começar nublado, mas é Amazônia e o sol inevitavelmente surgirá, soberano e benfazejo.

Agradeço a Ana Luíza, pela dica; a Zanza Meneses, por me carregar por aí; e a todos que participaram dessa viagem que ficou ainda por ser completada.

- Ana Luíza recebeu nota máxima da banca de TCC da UnB! O filme Alves de Jesus, dirigido por ela, aborda a preservação das florestas e da vida dos moradores da região amazônica em Alter do Chão no Pará. Estamos felizes apesar das preocupações exaltadas no filme.

---

3. A casa como território – festivais, encontros e arquivo vivo

A casa continuou funcionando como território de experiências musicais.

Em agosto, sob o provocativo título Do Próprio Bol$o, a última casa da camisa de força, reuni diferentes gerações e propostas. A amizade com Cristovão, iniciada em 1982, reapareceu numa história que envolveu a tentativa de ensinar “Dias de Luta” e a apresentação de Luca Teixeira. Na mesma noite, passaram pelo palco a Banda Mais Lama, os Durangos da América e Lud.

Minha concepção de festival continuava distante da blindagem dos grandes eventos: aproximar MPB e distorção, juntar artistas diferentes e permitir que a música acontecesse sem pedir licença. Rock não precisava ser produto embalado. Precisava ser experiência.

Os encontros inesperados também fizeram parte da história. Em janeiro, Gérson Deveras apareceu acompanhado de Edu K. Convidei Gérson para ir a casa, mesmo sem ter uma banda preparada para a ocasião. A negociação improvisada acabou colocando Edu K no palco, agarrado à guitarra que eu havia apelidado de “Jimmy, Renda-se”. Em julho, Bruno ampliou o arquivo com a doação de pôsteres australianos de grandes nomes do rock. A generosidade ajudava a transformar a casa num Museu do Rock e alimentava a memória que desembocaria em 10.000 Dias de Rock. Meu dia dá um diário de rock.

Também foi um ano de afirmação do rock de garagem. Os Profissionais, formação que já havia passado pelos nomes Os $alvadores e Os Paladinos, representavam o espírito de improvisação e desobediência que sempre me interessou. Não era rock de vitrine: era rock arte, quadro pintado e cuspido, cotidiano, urgente e caótico.

Em maio, entretanto, deixei escapar um dos meus desabafos mais confessionais: "Rock'n'roll é legal, o que estraga é o vício que me leva à sarjeta". O desgaste com produtores, a saturação do circuito e a vontade de me afastar conviviam com o desejo de continuar fazendo tudo. Não era hora de polir o discurso. Era hora de registrar o conflito.

A programação da Mostra Íntima continuou em novembro, com LucyFê, Henrique Behr, Marcelo Marcelino, Banda Ser, Muskga, Sunburst e Lud Mim, além de um tributo a Raul Seixas. Folk, música autoral, hard rock, psicodelia, reggae e improvisação dividiam o mesmo espaço.

Em setembro, outra noite reuniu Osmose, Cascabulho Blues e Indigentes & Indecisos. A proposta não era disputar audiência com o rock de grande circulação. Aqui era diferente: era cuspe na cara. Os Indigentes & Indecisos ainda apresentaram uma versão punk, rap e experimental de "I Wanna Be Your Dog".

Entre os registros daquele ano, também aparecem o lançamento de O Livro Negro do Rock no Conic, a apresentação de Lincon Lacerda, os 35 anos da Legião Urbana e a Mostra Íntima integrada às comemorações dos 57 anos de Brasília.

5 de dezembro – 50 shows em casa em 2017: Enlatado Blues, Antimácula, Red Zones, A.R.D., Sapiens, A Banda Mais Lama da Cidade, Weslei Lima, Edu K e Gérson Deveras, Sérgio Fonseca & Ayla Serena, Corte Seco, Duodemo, Hellen Aquino, Cleiber Mota, Beer Head, Bartô Blues & Lu Blues, Irmão Victor, Corte Seco, Cromus, Banda Ser, Terno Elétrico, Barbarella, Bleyvs e Os Paladinos, Luca Teixeira, Durangos da América, Lud Mim, Metrópole Locomotiva, Felipe Zucco & Blues Band, Osmose, Cascabulho Blues, Indigentes & Indecisos, Fernando Juka, Betto Tutu & Izabel Tutu, César de Paula, Cleíton 'Roots', LucyFê, Henrique Behr (Alemão), Marcelo Marcelino, Muskga, Sunburst, Tributo a Raul Seixas, Tiago Rabelo e Rubens Carvalho, Wálter Muganga.

---

4. Arnaldo Baptista – 2 de junho

Em 2 de junho, Arnaldo Baptista finalmente se apresentou em Brasília. A experiência me levou a compará-la ao êxtase de uma missa de domingo. Éramos os fiéis de uma igreja elétrica. O show trouxe a emoção de reencontrar uma figura fundamental da música brasileira, cuja sobrevivência artística parecia desafiar o próprio tempo.

---

5. Sylvio Passos, Putos Brothers e Tributo Viva Raul

Em agosto, reencontrei Sylvio Passos e Roberto Roll. O registro dos Putos Brothers trouxe uma apreciação sobre uma banda de estrada, sem espetáculo pronto, construída no aprendizado do palco. Cream, Canned Heat e Raul Seixas eram referências que ajudavam a compreender aquela sonoridade.

No dia 18, participei com Sylvio Passos, Tika Seixas e Cláudio Roberto da 28ª edição do Tributo Viva Raul, na Casa do Cantador, com fotografias de Edson Salazar. O título interno, "10.000 dias de rocks juntos", traduzia a dimensão afetiva daquele encontro.

6. Fragmentos autobiográficos e registros centrais — cronologia

1º de janeiro

35 anos de cigarro Kent. Desde 1982, ainda no talo, meu sonho de consumo era um talão de cheques e um cartão **American Express**. Fazia minhas rondas pelo Conic. Conheci metade da cidade que corria atrás dos próprios sonhos: seus operários, operadores de máquinas de xerox dos ministérios e integrantes dos grupos culturais. Depois, tudo acabou ficando do jeito que eles querem.

35 anos de rock são uma boa desculpa para ser internado. Ou para ser feliz. Talvez as duas coisas.

Minha última aventura começa do zero infinito. Sinto-me vazio demais para dividir créditos, embora reconheça que muita gente legal fez parte dessa trajetória. O problema nunca foi encontrar essas pessoas. O difícil é reuni-las.

Isso é rock'n'roll: a criança, a fogueira e a guitarra. E ainda estávamos dando bicos numa bola quando ela se aproximou perigosamente da câmera.

5 de janeiro

Stavva mucho loko, stavva completamente desbundado, gritando Pascarigudum e sentindo o êxtase alfa direto no ouvido.

Minha filha perguntou:
— De que livro dos anos 70 você tirou isso?

Ela acha, eu acho e eles acham:
I am he as you are he as you are me and we are all together. See how they run like pigs from a gun, see how they fly. I'm crying.

Existe o êxtase técnico, a orgia da gravação, e existe o êxtase alfa, o musical, aquele em que você entra em órbita.

Quando vamos reger as cordas, gritar Krig-ha, Bandolo! e dançar o iê-iê-iê bem dançado dos Mutantes cafonas?

É isso que espero do sábado: um maestro sem casaca no reco-reco.

Estou sumindo no hit parade. Você não vai me encontrar por aí.

Até sábado, com os líquidos gelados, as garrafas de vinho, os pães & paetês.

P'ra fazer arte você tem que ter coração.

8 de janeiro

FOI ÉPICO!

Maluco, estou saindo de férias, mas antes vou pagar as contas. Depois, lá por abril, penso na vida. Preciso me desligar e me ligar na atividade física. Preciso escapar dos maus pagadores de promessas.

É isso aí! A galera, a galera disse em uníssono que foi ÉPICO. E o mais louco é que só hoje me lembro de que você, [Campanha De Ajuda], esteve conosco.

Vai passar na televisão, vai passar n'O Libertário!

Não faltou ninguém, não faltou nada. Aconteceu tudo — até a correntinha de prata com o Buda sumiu!

Só tinha doido.

“Vou comparar você a uma xoxota gostosa. Perto de você, tenho orgasmos múltiplos.” — Toninho Paracatu

O Antimácula fez dois shows rápidos e curtos. Minha cobertura fotográfica fica por aqui, mas teremos, em breve, uma cobertura profissional.

Não seria retórica afirmar que o underground compareceu em peso. Parecia uma filial do Conic, que apelidei de Conic Mirim e que o Welber chamou de Conic Kids.

Velhos jovens, barbas longas e grisalhas, muitas histórias. Seu doutor, dançamos e balançamos até altas horas. Foi psicodélico!

A Banda Mais Lama agitou e saiu nos braços da galera. Meu primo, que eu não via havia 25 anos, apareceu. Também teve fogueira, guitarrada e o maior barato: nossos filhos, na casa dos 20 anos, interagindo e começando a entender quem são esses papais doidões.

É o que somos!

9 de janeiro — Poema da paranoia

Escrever pode ser perigoso. Muito perigoso.

Pode ser perigoso ouvir:
— Escreva uma bosta que se apresente!

Escrever pode dar árvore. Eles podem estar de olho em você. A Lua também.

Escrever pode provocar cicatrizes. Escrever sobre mortos, acrescentando ou subtraindo pedaços, pode ser prejudicial à saúde.

O Mistério da Kultura com K do Capital adverte:
Screvver basta!

A folha branca está aí. Ah, ele escreveu. E daí? Escreveu com liberdade? Com desemprego? Com gula? Com a pica?

Escrevi bem e direto quando tive clientela. Escrevi para você quantas vezes?

Não é necessário preencher um livro para escrever melhor. Melhor escrever um cheque, uma tatuagem.

AÍ VAI MINHA MÍSERA CONTRIBUIÇÃO PARA O TUPANZINE:
Agora não ilustre com bunda de mulher. Ilustre-se com um baseado aceso!

15 de janeiro — The Magic Christian: um acinte, um desbunde

The Magic Christian é um transatlântico movido a chicotadas de Raquel Welch sobre mulheres remadoras. Uma viagem pelo absurdo, pelo abuso econômico e pela degradação humana, com o humor atravessando tudo como uma navalha.

Há uma cena que me impressionou pela violência: o ditador atira na cabeça de um manifestante. É um filme que parece filmar a si mesmo, expondo situações que poderiam muito bem ter acontecido nos escritórios da **Apple**. A realidade e a ficção se confundem nessa engrenagem de poder, dinheiro e humilhação.

Não consegui decifrar inteiramente o filme. Talvez nem fosse essa a intenção. Em alguns momentos, dei gargalhadas; em outros, fiquei diante da tela tentando entender até onde aquela máquina de escárnio pretendia chegar. É um abuso econômico transformado em espetáculo, uma provocação permanente.

The Magic Christian é um acinte. Um desbunde.

18 de janeiro – Blues do vá pra puta que o pariu
Não, não vou contrapor porra nenhuma. Apenas vou vomitar no seu carpete. Não me chupe, não me copie e cole, não me traduza, não me sacaneie, não me plagie. Faça as suas coisas.

No Facebook, a vida é maneira, hilária e, às vezes, muito melhor do que a vida em si. Sim, ando dando porradas virtuais no ar, socando a indigestão e anotando os lances. Chamando a atenção, variando entre 1.800 e 700 reações por semana. Despejando um litro de fotos ácidas diretamente na sua pupila.

Lutar até morrer, sem ficar pensando em envelhecer!

Paulinho Medeiros surgiu de sopetão na padaria da QE 40, num domingo, durante o intervalo entre o primeiro e o segundo tempo do futebol. Mesmo de costas, reconheci-o na hora: as barbas longas, a camiseta, as botas. Era ele. Fiquei me perguntando o que Paulinho estaria fazendo por ali.

A resposta veio rápido. Ele era DJ e responsável pela programação musical da Landscape. Por um tempo, tomamos aquele lugar de assalto, levando bandas para tocar e movimentando as noites. Entre gatos e figuras da beautiful people, desfilavam por ali as bandas mais promissoras, acompanhadas de muitos flashes. Foi naquele recinto que reencontrei Salazar, Boscox – e onde não faltou ação.

Vamos ver se amanhã rola O Som Beatle no Landscape, sem rodízios. Faltará água na sexta e, fatalmente, no sábado. Então teremos de adiar o churrasco de espetinhos com pães de queijo e amêndoas. Até a sede tem seus planos para atrapalhar os nossos.

Meu único amigo que me restou no mundo das artes gráficas: salve o meu livro!

Sigo sem rumo, sigo livre, livro-me do que me traz problemas. Duas ou três pessoas podem fazer você feliz. Na verdade, as pessoas só estão interessadas no seu saldo bancário. Ou cada um vive com o próprio extrato, fazendo as contas da solidão.

Beijo, beijo!

E no sábado estaremos no Urbanus com o parceiro, padroeiro do underground, o mano Edu K, do De Falla. Sim, A BANDA, não o violonista!

Sorry, periferia!

Sempre pensei em terminar um post com sorry, periferia. É só depressão profunda e nenhuma ereção decente.

Ah, Jesus! Ah, que noite! Aquela em que abandonei minhas botas cansadas e deixei que o mundo seguisse sem mim. Ah, as casas dormiam, as pessoas eram felizes e fugiam de si mesmas. Nós tínhamos voltado no tempo, àquele tempo em que tudo o que precisávamos fazer era balançar o corpo e deixar a música tomar conta.

Ah, abandonei o Facebook, abandonei o livro. Esqueci do tempo, esqueci da sexta-feira. Por algumas horas, não havia compromissos, páginas por terminar ou obrigações a cumprir. Havia apenas o som, o corpo e aquela vontade primitiva de estar vivo.

A primeira palavra nova que os **Beatles** trouxeram ao meu léxico desgastado foi volúpia. Sim, volúpia! Porque aquele velho som dos Beatles, mesmo gasto pelo uso, pelas décadas e pelas incontáveis audições, sempre me proporcionou um prazer sexual e auditivo difícil de explicar. Há músicas que entram pelos ouvidos e vão direto para outros lugares do corpo.

Você já se balançou ao som dos Beatles? Mas se balançou mesmo, sem cerimônia, sem pose, sem precisar demonstrar conhecimento musical ou justificar sua devoção? É primitivo, radiofônico, bilíngue, sexual. É o rock antes de virar discurso, antes de virar patrimônio, antes que alguém resolvesse explicar o que sentimos quando uma guitarra começa a falar com a gente.

Naquela noite, voltamos a um tempo em que a música bastava. Um tempo em que dançar não precisava de justificativa e o prazer não exigia legenda.

A festa foi demais. Foi maneira. E, por algumas horas, aquelas botas cansadas puderam descansar enquanto o resto de mim continuava dançando.

21 de janeiro — Grandes artistas pegam carona na rabeira do atalho
O nome da banda agora é Roriz Cover. Não lançará disco. Estamos esperando Edu (J)K.

Quando tivemos Edu K. na Banda dos Ciganos, tocando guitarra.

Moçada, coisa de dez anos atrás, passei um livro para o Gérson entregar ao Edu K. Misteriosamente, o livro desapareceu. Esse foi o início da nossa trajetória.

O Kariê me fez lembrar que o encarte do LP Screw You foi impresso numa gráfica especializada em revistas masculinas. Coisas absurdas e misteriosas aconteceram ontem: uma chave tirou o Souves de campo; Betto & Bel reapareceram. Hoje, já-já, vou limpar a área.

Foi uma semana épica, de muito som. Quinta-feira, dia 28, haverá show da Banda Mais Lama no Landscape.

A mim, cabe agradecer ao Barbieri pelo novo leiaute **Fender** e ao Dudu pelas convenções. Começarei a semana pensando em livro.

Jesus, como eu queria tirar um mês de férias, ficar entocado por aí, sem bater cartão! Isso mina a criatividade, mas a sobrevivência fala mais alto.

Como produtor de histórias, considero essa foto o apogeu. Afinal, recuso-me a tirar fotos com estrelas. Essa, por sua vez, caiu muito bem.

29 de janeiro — Músicos, artistas, produtores e divulgadores
Bartô Blues, o músico mais atuante; Sapiens, prêmio Brasília Independente; Durangos da América, Corte Seco, Os Cabelo Duro lançando seu novo CD, apropriadamente intitulado A Gente Só Se Fode!; Helen Dieb, Cleiton Roots, Brazilian Blues Band, Olivia e os Brutos, Mariana Camelo, Profans, Daniel Toys, Jorge Dupan, Regicídio, Diego Sousa, Rafael Tavares, Hugo Casaries, Lincoln Lacerda, Marcos Bassul, Lucy Sky, Betto Tutu & Izabel Tutu, Victor Vitrola, o rapper Gog, Chagall, Alexandre Renato, Edson Salazar e Nader Arar.

"Tudo isso motivado pela grande quantidade de músicos e bandas ativas no Guará. Isso é latente."
— Hamilton "Zen", artista plástico e baterista.

Este artigo pode e deve acrescentar mais vozes e espaços sonoros.

7 de fevereiro — Rock feito pelos amigos
Hoje, sábado, 35 anos depois que comecei a tirar xerox de fanzines, teremos a peça Quatro estudos em Mi menor, com o power trio ANTIMÁCULA. Trinta e cinco anos de papel, tinta, ideias e teimosia, e ainda estamos aqui, fazendo do rock uma razão para reunir os amigos e desafiar a pasmaceira.

No cardápio da solidariedade, teremos também a SAPIENS, que se apresenta depois do show no Museu Nacional, com Hamilton na bateria; a estreia no Guará da confraria dos ENLATADOS NO BLUES; o show psicodélico de rock sulista da BANDA MAIS LAMA DA CIDADE; a RED ZONES reassumindo o posto de banda mais barulhenta da casa — estou com um superamplificador valvulado! — e o longamente aguardado show-embarque da ARD, que, depois da apresentação, seguirá escoltada para o Aeroporto Internacional de Brasília.

Rock é isso: um delírio humilde.

Hoje será um dia especial e de luta. Ontem, Eduardo, o Dudu, da banda Mais Lama, entregou a capa do livro. É uma obra de mail art, ou seja, arte postal, que utiliza objetos e materiais relacionados aos correios como elementos de criação. Nada mais fanzine-se! A correspondência, o papel, o envelope, a circulação de ideias: tudo aquilo que escapa aos formatos convencionais e encontra seu próprio caminho.

Hoje vamos dar o corte final para imprimir a boneca do livro. E, quando digo que os nomes estampados no cartaz entrarão para a História, refiro-me a algo concreto: os nomes de todos eles estarão incluídos na capa da publicação. Não é promessa de fama, nem discurso para impressionar plateias. É o registro de uma existência coletiva, de gente que fez acontecer sem esperar que alguém viesse reconhecer seu valor.

Não resta muito mais a fazer além de penar, penar e penar. Quem sabe, daqui a outros 35 anos, alguém compreenda que havia nisso tudo um expoente de arte autônoma e intimista. Talvez descubram que, por trás dessas apresentações, desses cartazes, dessas capas improvisadas e dessas reuniões de amigos, existia uma maneira de enfrentar o mundo e produzir cultura sem pedir licença.

Ah, ando chato. Chato mesmo! Quero distância do blá-blá-blá, das conversas que não levam a lugar nenhum e das promessas que se dissolvem assim que o amplificador é desligado.

Há sempre uma corrente puxando para trás, uma força disposta a impedir aquilo que já está sendo feito. Produzir cultura independente no Brasil das Desgraças é carregar um fardo que, muitas vezes, beira o suicídio cultural. Mas continuamos. Na tora, com os amigos, os instrumentos, os papéis e as ideias.

Porque alguém precisa fazer. E, se depender de mim, o rock feito pelos amigos continuará existindo, mesmo que o mundo demore mais 35 anos para entender o que aconteceu.

12 de fevereiro — A tumba de Zé do Caixão

A tumba de Zé do Caixão ou a agenda apertada do caos.

Dia 15/02, na companhia special spacial de Edu K; dia 24, aniversário do Pernão Jones; e, no sábado, dia 25, Carnaval é Meu Ovo...

E armando o rock do dia 4/03. Se não me virem por aí, é porque decolei.

Mudança de filme na sequência: uma versão totalmente masculinizada dos Skrotinhos, ou nós não usamos silicone.

Os Skrotinhos se negam a morrer, e é muito bom estar com vocês numa união que provoca ciúmes. Mas eu sempre repito:
— Deixa DISSO! SOMOS UMA FAMÍLIA!

Todas as fotos foram do celular do Jr.

24 de fevereiro — Blue & Lonesome

"Os vazamentos são reais, a notícia é fake", foi o que Luís Kaffa perguntou. — Você já ouviu o novo dos Stones?

Caí da cama, deixei a mulher e, ainda meio amassado, saí de carro, com o sol das sete da manhã na cara. O disco azul dos Stones me deixou bolado. Não fiquei com vontade de me afogar em bourbon, não pensei em picardia nem em encher as narinas com o ar dos campos. Blue & Lonesome me deu vontade de ver, viver e entender.

Eles são os **Stray Cats** do blues, e o blues sempre esteve nos discos da banda. No novo, parecem tocar percussão com tampas de bueiros e lixeiras. Aos 73 anos, **Mick Jagger** continua com a voz rascante. E Brian Jones, onde estaria?

Eric Clapton toca em duas faixas, e os Stones sepultaram o punk. Era esse disco que eles deveriam ter lançado em 1978, para silenciar a horda. Feliz aniversário, "Pernão" Matlock!

Vence quem diz sim. O mal é não entender as pessoas. Você não pode me cobrar ideologia: sempre fui rebelde, até no texto.

Não sou afeito às inflexões vocais de Mick Jagger, com aquele inglês particularíssimo. O disco fala do jogo de aproximar as virilhas e de pau reto em cu de cego: "Estou deprimido e ela longe de mim".

Não me venha sem análise, sem autocrítica, sem energia!

OS STONES entenderam este tempo absurdo em que os vazamentos são reais e a notícia é fake. Você não precisa reouvir Dylan: pegue os Stones.

As pessoas estão interessadas numa boa foda, baby.

26 de fevereiro

O Do Próprio Bol$o anda precisando de energia e, para recuperá-la, junta-se aos jovens experientes que carregam vinte anos de som nas costas.

Renato Mengajam começou no Estúdio Porão, do guitarrista Gil Gilberto. Agora vocalista do Corte Seco, estará conosco no dia 4 de março, disposto a dar o sangue pelo rock.

1º de março

Sábado, 4 de março de 2017.

Fodam-se os malditos esnobes! O rock'n'roll não se comove com vocês, e não se pode desarmar o bote da cobra!

Ou será que foi por isso que briguei com todos os seres humanos que conheci?

Krig-Ha Bandolo Produções convida cinco bandas underground: Selenita + Duodemo + Beer Head + O Dia D + Corte Seco.

Pontualmente às 15 horas, como dor de barriga e ouvido.

Rock'n'roll sem profetas e ninfetas!

2 de março

Alô, alô, **Joelma**! Estamos esperando você para fotografar essa orgia de outros carnavais, no dia 4.

Alô, alô, Joelma! Compraremos até cerveja no isopor e caipirinha com o legítimo sunrise. Não esqueça os óculos escuros! Teremos até churros e algodão-doce.

Outras almas que este rock gostaria de enxergar: Dagmar do Carmo DGC, Sergio Pinheiro e José Otávio.

Nem posso confirmar os nomes de todos os que já confirmaram presença.

Rock não é MPB. Traga seu protetor solar!

Peguei 50 contos da minha mulher e fui até a Boca, na Asa Norte. Por lá, a onda é doce. Voltei com três DVDs de sete reais cada: um **Bob Dylan** acústico, de 1995, um dos **Ramones** e outro dos Pistols. E mais quatro CDs: Highway 61 Revisited, de Dylan; Boy, do **U2**; Made in Japan '85, do **Queen**; e um **George Benson**, Invitation, edição francesa com quatro faixas, que o sujeito me empurrou e acabou despertando minha curiosidade.

A Boca Doce fica ali na 406 Norte, na Livraria Comunicação.
— Pô, Mário Pazcheco, você pede desconto e toda vez promete fazer uma divulgação em massa...

E ainda voltei para casa com cinco contos no bolso!

4 de março

A Aila é aquela menina de dezesseis anos que acompanhou o pai, Sérgio, em três números de "Soldados". Fez um dos solos mais longos da história desta casa e saiu carregada sob aplausos.

Assim que me viu, percebeu que estávamos usando camisetas ianques imperialistas com a efígie do Capitão América. Aila não dispensa sua capa preta nem a máscara do **Batman** para voar. Nós, eles, sempre tocaremos músicas do profeta Russo. Não tem como fugir.

O saldo do rock são dezenas de latas espalhadas e toneladas de fios, caixas e peças de bateria que, no final, carregarei sozinho. Mas o véi está pregado. Quem sabe Mengajam me dê uma mão?

Eu sempre repito: "Esse será o último rock".

Fazer rock é estafante, principalmente pela relação com as bandas. Infelizmente, começo a acreditar que o caminho mais seguro é tocar apenas com as bandas conhecidas. Já desconfiava disso há tempos.

Ontem, a Banda Mais Lama repetiu um dos nossos vários desenhos, com Virgílio na bateria. Foi legal. A banda ainda me prometeu uma surpresa. Esperamos também o pronto restabelecimento de Paulim.

A energia foi tão tocante e quente que saímos felizes. A esperança sempre se renova.

A qualquer momento, em qualquer dia, a qualquer hora, voltaremos com um supershow. Mas o espetáculo precisa começar no horário e cumprir a agenda. Na próxima, e na próxima, repetiremos as bandas. Esse será o esquema.

Obrigado a todos que salvaram o grandioso espetáculo.

21 de março — Rock 'n' Roll friends

Estou num momento de reflexão em que acho que não fiz nada; mais me escondi. Acho necessário pensar que tudo é uma merda. Para mim, é importante não associar meu nome à merda que cada um faz. Cada um que faça a própria merda!

Cheguei à conclusão de que o Do Próprio Bol$o não é banco. Pelo menos no banco você paga o empréstimo com a alma.

No Pará, sonhei todos os dias com meu novo livro. Nesse sacrifício, vou gastar mais uma vez o décimo terceiro e as férias. Gostaria de ser um cara excêntrico e dizer: "Pode não vender uma cópia, mas está feito!"

Tomaz André: “Pelo amor de Deus, vamos fechar esse livro imediatamente, porque eu não tenho mais estrutura emocional!”

Adiante!

Eduardo Pinto, **Marcelo Ferreira** e Rodrigo Souves: o rock vai rolar que dia? A que horas? Com que carvão? Carne? Cerveja?

Virgílio Ataíde: “Me devolva a guitarra, estou me sentindo nu!”

Tiago Rabelo: esse nunca me deu problemas.

Thome de Souza e Bleyvs: março de 2017. Chega de se esconder! Vamos ser mais pontuais. As mesmas perguntas de sempre: quando e como? Dará para juntar com a Mais Lama?

Como ainda tenho uns contratados, pergunto: Walter Muganga, onde andará você? Cleiber Mota, cadê você, filho?

É, eu estou aqui, meio de passagem, ouvindo Traffic bem alto. Nunca tinha notado como Stevie Winwood canta parecido com Frampton. Tudo culpa dos Stones!

Por causa da saudade dos meus amigos, que são muito importantes para mim, estarei à disposição deles nesta terça e nesta quarta-feira. De você também, José Otávio.

Depois desse longo parágrafo, que ninguém vai ler, eis minhas razões para não assumir nenhum compromisso cultural: quero estar livre dos problemas alheios.

Compro baratinho um amplificador de guitarra ou um cubo de baixo, embora ache que os músicos deveriam ter os seus próprios equipamentos.

De agora em diante, bancarei o som e só trabalharei com quem eu quiser, com quem eu considerar culturalmente importante.

Não faço festa, balada nem aniversário. E o Do Próprio Bol$o não é democrático, não é louco: é só incômodo, tá ligado?

Ha, ha, ha! Delírio total! Naquele dia, tocaram Chuck Berry, Fields Forever e ainda teve mais **Gilberto Gil**! Uma tarde dessas não se inventa: acontece!

Registro inevitável desta terça-feira, 21 de março de 2017, ano do 57º aniversário de Brasília: a banda Roriz homenageou o guitarrista astromanegro Chuck Berry com uma pegada texana nas cordas, daquelas capazes de provocar cãibras no punho do guitarrista!

Por outro lado, o pulso rítmico da banda é inteiramente nacional, com os puxões de Pedrinho Batera e um baixista? Pô, um baixista de rock de verdade! Coisa cada vez mais rara!

Como disponho de uma big aparelhagem por mais algumas horas, convido vocês a reviver esse transe. Mas, acima de tudo, isso é trabalho!

E, se me perguntarem por que Roriz, respondo sem hesitar: Roriz é socialista!

27 de março

Aí, no Dia do Poeta Renato Russo, eu sou lembrado, e isso é ótimo!

Eu bem que poderia ganhar convites para o show ou um nome na lista. É por isso que eu fico na ingratidão: me fode menos!

Obrigado pela eterna lembrança dos velhos dias.

2 de abril — A cara do Tupanzine

A cara do Tupanzine, a cara do domingo.

Abri a janela e, minutos depois, o cancioneiro do vizinho da outra margem do córrego invadiu o recinto. Será um domingo terrível. O vizinho é completamente insano: começa no sábado e segue no domingo, até depois do futebol. Incomoda todo mundo. Matem ele!

O cara do Tupanzine, Ricardo Tubá, estava inspirado, falando das portas na cara que a mídia deu ao rock indie e de como são uma merda alguns sujeitos dessas bandas de Brasília que acabaram cultuadas pelo país.

Dizem que eu estava puto com fulano porque falou mal da Plebe Rude. Não conheço Plebeus, o que não significa absolutamente nada. Mas sempre aparece alguém para dizer que o guitarrista é um bosta.

Já insisti que não falaria de terceiros na ausência. Pau no cu da Plebe Rude, falou Pernão!?

Aniversário de Marlon e Sheila. Aniversário de Sheila e Marlon. Nós, da rádio Zoommusic, levamos um coquetel de Cuba Libre, e os copos descartáveis se espalharam pelas mãos.

Tomei um susto quando cheguei. Achei que havia mais de uma centena de pessoas. Ainda bem que vieram só os carros; as pessoas ficaram. E foi muito bom, especialmente com os amigos do Marlon.

Mais uma vez, a prometida pelada, o nosso Golzinho, ficou recheada de craques na intenção. Vamos ver se a bola rola!

Júlio Junky apareceu e desapareceu para assistir à apresentação da Estamira.

Tupanzine diz que vai trazer quatro bandas indies para tocar aqui no quintal. Ofereci a Barbarella. Será uma clássica noite de rock indie, com o apoio da revista de sacanagens Tupanzine.

Ricardo Retz convoca a nação para o debate amanhã, segunda-feira.

Meus amigos defendem a cena, escrevem manifestos, mas se esquecem de que aqui é uma cidade sem roqueiros.

Os números estão contra nós

Trinta mil pessoas assistiram a **Bieber** na Praça da Apoteose; 180 mil foram ao **Lollapalooza**. Em Brasília, abrem-se as bilheterias para vender ingressos de shows internacionais, e as filas enormes são formadas por gente na faixa dos 30 aos 35 anos, universitários comprando no cartão de crédito.

Você precisa se tocar: é possível assobiar e chupar cana? Ou empunhar sua própria "máquina que mata fascistas", esgrimir sua técnica, mostrar a que veio, conquistar seu público, criar seu fã-clube e abandonar essa polarização?

Você, você mesmo, não vai atrair essa parcela do público. Ela não irá ao seu show. E não adianta culpar ninguém. É assim no esporte, no teatro, na Justiça. Vivemos num país colonizado que marginaliza a própria cultura.

Alguém vai ao debate? Alguém participa da manifestação? Alguém faz o dever de casa? Depois de toda essa peregrinação, você vai levar suas lamúrias ao GDF?

Abra um bar e pague os 10%!

Existe um bar aqui no Guará que me cobrou uma taxa dobrada, ou seja, mais 10% sobre o couvert artístico. Como paguei dois couverts, foram mais quatro reais. Deixei passar batido, mas com um gosto amargo na boca.

Ontem, comentaram comigo que não havia mesas disponíveis no bar e, mesmo assim, cobraram couvert de quem estava em pé, do lado de fora.

É por isso que as coisas não andam. Empresários vivem com suas contas atrasadas e sem pagar os empregados. Mas faça uma auditoria e verá onde a grana é gasta: sexo, pó e rock’n’roll.

5 de abril

Se esse povo falasse, comparecesse aos shows ou simplesmente saísse de casa, eu até levaria em consideração algumas opiniões. Mas vamos aos fatos: quinta-feira, reunião na Maloca; sexta, show do Terno Elétrico na Zepelim; sábado, conclusão da entrevista; domingo, Garagem Forte Cultural, pagando couvert e tudo. A vida acontece fora da tela, meus caros, e eu continuo indo atrás dela.

Não preciso aderir a greve para provar coisa alguma a ninguém. Não sou cabo eleitoral, militante partidário nem soldado de campanha alheia. E não se deve colocar sobre os ombros de nenhum servidor público ou habitante a responsabilidade individual por uma greve. Há uma diferença enorme entre defender direitos e transformar pessoas em instrumentos de pressão.

Alguns sindicalistas só aparecem na hora do crime, quando chega o momento de cobrar, fazer discurso e posar para a fotografia. Outros, muitos deles, nunca trabalharam de verdade naquilo que dizem representar. Aí fica fácil falar em nome dos outros, reivindicar sacrifícios alheios e distribuir lições de consciência política.

Eu não devo explicações. Minha vida não é um tribunal permanente, e minha presença nos lugares não depende de autorização de partido, sindicato ou fiscal de comportamento ideológico. Vim para conflitar, encontrar pessoas, descobrir histórias e viver experiências que não cabem na cartilha de ninguém.

Encontrar o Irmão Victor foi tão importante quanto o dia em que conheci Renato Russo. Existem encontros que nos atravessam, que se incorporam à nossa memória e passam a fazer parte daquilo que somos. Não é necessário que uma assembleia aprove a importância de um acontecimento para que ele se torne inesquecível.

O rock pode esperar

Eu não entendo muito de rock'n'roll. Entendo de produção. E o mar não está para peixes elétricos. Talvez seja hora de recolher o travesseiro, puxar o lençol e deixar o rock de maio acontecer em junho. Se ainda pretendo alguma surpresa, por enquanto ela permanece no terreno do mistério.

Continuo precisando de um bom amplificador de guitarra, mas a cada dia a mágica e o fascínio parecem perder um pouco do impacto. Querem transformar a gente numa máquina registradora. Eu prefiro sucumbir, desaparecer de vez, fechar a porta e deixar que o mundo siga sua marcha sem mim.

Ou, quem sabe, fazer um rock bem calminho, sem devoção à mídia, sem essa necessidade de aparecer. Na verdade, na verdade, quero distância dos produtores que só me mostram olhos de ganância. Eu sou a presa, e eles estão sempre calculando o tamanho do pedaço.

Neste momento, imagino um canhão com uma luz vermelha apontada para uma cortina negra. No meio do palco, um buraco de um metro quadrado. Estou procurando uma chapa e, depois, alguém que saiba soldá-la. Quero fazer uns três rocks colossais. O resto depende da participação das bandas.

E aí começa o problema: estou achando as bandas muito estrelas. Vamos fazer, vamos fazer, dizem, e marcam o dia. Mas ninguém explica como, com quem e com o quê. Parece

que basta divulgar um flyer no Facebook e juntar uma multidão bebendo. Até parece uma discoteca!

Cadê aquela magia dos festivais? Cadê o prazer de curtir o verde, comer um rango comunitário, conversar, ouvir música e compartilhar alguma coisa que não termine na última cerveja?

Quero recuperar essa atmosfera. Não preciso de uma multidão para alimentar o ego de ninguém. Preciso de gente disposta a fazer acontecer. O rock não pode ser apenas uma fotografia de divulgação, um cartaz colorido ou uma desculpa para aparecer.

Se ainda existe alguma magia, que ela se manifeste no trabalho, na participação e na vontade de construir. O resto é conversa de bastidor.

7 de abril

Uma noite alta e excessiva de blues shouter e work songs. Todo o lirismo de Lu Blues na calorosa guitarra de Bartô Blues.

A noite se estendeu para um pocket show, uma abertura, uma mostra íntima dos 35 anos de Deus sabe lá o quê.

8 de abril – Edição especial de aniversário dos 35 anos

Eu deveria estar louco. Ontem mesmo, disse que meu amigo jamais havia sido mais louco do que eu. A loucura é patogênica, está nos olhos – ou será que os olhos é que denunciam a loucura?

Lá no Conic, os outros loucos me encararam com respeito. Ando numa fase de intimidar pelo olhar, de encarar de frente e perguntar: – Qual é a sua? Porque a sua não é a minha, e a minha não é a sua. Cada louco com a sua mania, cada um com seu parafuso a menos ou a mais.

O que me incomoda é que agora todos começam a me chamar de o Senhor, o Senhor pra cá, o Senhor pra lá... Porra, será que envelheci tanto assim? É, tenho que procurar a minha tribo. Gente que ainda me reconheça sem precisar me tratar como uma autoridade, um cidadão respeitável ou um fóssil do rock.

Na segunda-feira, completo 35 anos da minha declaração pública como fã de rock'n'roll: o fanzine. Trinta e cinco anos desde que resolvi botar a cara, as ideias e a paixão no papel. E, depois de todo esse tempo, ainda olho para o fanzine que faço com o mesmo orgulho radical e a mesma independência total.

Não me vendi, não me rendi, não pedi licença. Continuo acreditando naquilo que faço, do meu jeito, com meus próprios recursos e sem precisar da bênção de ninguém.

Ah, eu acredito que estou certo. E não vou mudar um milímetro!

Trinta e cinco anos de fanzine. Trinta e cinco anos de teimosia, rock'n'roll e independência.

O futuro é duvidoso

Frenesi, fresta e “tiau, maluco”! As fartas imagens estão aí para receber os parcos likes.

Quarta-feira, Nei Lisboa; quinta, blues até as três da manhã. Três horas depois, saí para trabalhar. Ontem, um giro pela capital procurando uma jantinha depois da exposição na Urbanus.

Site em dia, mostra em exibição. Estão anunciando novas biografias de Elvis e Caetano, desengavetando tudo.

Hoje, no fim da tarde, chegará nosso amigo Luizinho, lá do Pará. Será uma visita rápida, mas estaremos com ele.

A Banda Mais Lama me parece ter encerrado seu ciclo como trio. Já a Roriz precisa de um guitarrista. Quem se habilita?

Eu vou ir, sacou?

Desculpe falar de terceiros. Sem chance alguma de rock, acho tudo necessariamente triste. Comemore seu aniversário, porque eu preciso viver.

Novas obras surgem, novos rounds, nova visão, nova inquietação e a velha falta de futuro.

10 de abril — 1982: Mostra Íntima — 35 anos depois
Documento fundamental. A mostra comemora os 35 anos do fanzine, iniciado em 10 de abril de 1982, e reúne discos, revistas, zines, livros, gibis e objetos do arquivo. O texto registra também a renovação do domínio, a manutenção do projeto com capital próprio e a recusa de transformar a data em festa convencional: “Do Próprio Bol$o não faz festa, balada ou celebra aniversário de ninguém”. A instalação de memória permanente, com caixas de discos, expositor, a Olivetti mexicana verde e materiais acumulados, merece destaque especial.

20 de abril — Blues de uma ave depenada
Fiz um blues. Como não sei cantar, farei trompete de boca — não é boquete — e me acompanharei com uma caixa de fósforos.

Já
entrevejo meu nome no firmamento
entre os ombros nasce a raiz das asas
nasce uma de cada lado
estou levitando
agora sou anjo
e já me vejo no céu
que pena
Deus não dá asas às cobras
mas elas voam assim mesmo
que pena
não eram asas
eram penas
sou uma ave depenada

Mário Pazcheco não mente
narro a sua palavra tremida e bêbada

1º de maio
Olhei aqui e está tudo descascado, em meio às contradições e contrações.

É ridículo: como você pode apoiar Moro, mesmo que seja por sarcasmo?

Ofensas à parte, o país chorou a perda do talentoso rapaz latino-americano, mas eu prefiro torcer pelo rapaz de Goiânia.

Do meu amigo Magu Cartabranca, tenho saudades dos telefonemas em que eu jamais podia sair da cama. De Maria Sabino, vejo a cada dia uma pessoa mais alegre, linda e comunicativa. Meu amigo Brunão faz show hoje, de graça, no Kareka, em homenagem a Belchior, literalmente um dos maiores nomes da gloriosa MPB.

Rosângela disse que iria convidar Betto Tutu e Izabel. É isso. Com Deus e o carro, sigo meu caminho para Goiânia.

Agora vamos assistir ao terror da Grã-Bretanha, porque o terror local é fascista.

Saudades do irmão Victor e do rock'n'roll. Saudades de Roriz.

Parece que todos nós nos esquecemos de agir e seguimos bancando nossa perfeição, com o ego, a falta de educação e uma enorme falta de sincronia.

Prefiro ficar sozinho a participar dessa máquina de falsos cumprimentos, falsas celebrações e amizades que não valem sequer um saco de leite.

5 de maio – Negócios: Blues do puta que pariu ou eu não sou alérgico nem evangélico
Parece que atraí um clima de cataclismo para a página. Foi como abrir a caixa de Pandora: começaram a surgir relatos que transmitiam uma sensação de desamparo, revolta, indignação e vontade de mandar tudo para aquele lugar. Um típico mar de lama. Mas a situação sempre foi um esgoto esgotável.

Como meu rock se aproxima de maneira hilária, vou revendo essa história.

Quando comecei, uma fotografia 10 x 15 custava 15 centavos. Dava para imprimir convites e entregá-los pessoalmente. Geralmente, eu ouvia:
– Vai ter mulher?

Eu respondia:
– Traga sua mãe, sua irmã, sua namorada... Ou você está pensando que minha casa é um puteiro?

É claro que esse tipo de resposta não ajudava muito os negócios. Mas fica o aviso: se você pretende montar um negócio, não mexa com rock!

Infelizmente, a situação sempre será povoada por sanguessugas. E, lógico, lá está você, oferecendo sangue oxigenado para movimentar a paisagem. Ah, todo mundo passa por isso? Então estamos conversados.

Hoje tenho mais uma pauta pela frente, mais uma entrevista sobre o rock de Brasília. Sinto-me como Glauber Rocha, disparando ideias e concedendo entrevistas o tempo todo.

Sempre será tempo de rock, desde que você tenha cu e consciência!

A partir de agora, responderemos a alguns ataques pessoais e também a certos produtores que vivem reclamando da própria situação. Por que estão na merda? Minha sugestão é simples:
Procurem um trabalho! O trabalho dignifica. Levantem cedo, ganhem dinheiro, dediquem-se de corpo e alma e chega de lenga-lenga, de festa o ano inteiro e de viver à espera que alguém resolva seus problemas.

Estamos no Brasil, companheiros!

8 de maio
Eu nunca quis ser guitarrista. Já o Vander, sim.

Rock'n'rollcídio! Estou tão louco que mal consigo prestar atenção nos problemas alheios, ocupado demais com a minha própria fábrica de problemas.

Em 1988, na Baleia Discos, comprei o relançamento do LP Snegs. O disco se transformou na trilha sonora da chácara. Acho que estávamos inaugurando a energia elétrica paga ao senhor Paulo Octávio.

Sempre digo que fomos nós que colocamos a energia aqui, não o Estado. E, quando estou a fim de espremer ou fritar cabeças de lagosta ou de pregos, o rock'n'roll continua sendo a melhor eletricidade.

Viva o rock'n'roll! Agora estou ouvindo “Bicho do Mato” e só penso no Zezinho, no Tiago e nos meninos da QE 38/40, que seguiram a trilha dos Mutantes e do nosso som.

É nóis!

Agemiro apareceu gritando no portão. O ciclo não para, não morre. Tocaremos fogo no inferno e no céu. Colocaremos a gel para gelar, morderemos os lábios da fruta até sangrar, vestiremos nossas fardas e lutaremos pelos sonhos impossíveis.

Rock'n'roll é assim: de pai para filho.

Dia 27 de maio será dia de luta, de rock, de arte e de fé. O resto, que vá para a puta que pariu!

21 de maio

A três dias do meu aniversário de 53 anos, me exasperei e vomitei no Facebook. Acabei de encontrar uma foto que é boa. Foto de Fernanda Soraggi Silva.

Um domingo com mais paz, comida caseira e menos veemência. Afinal, tudo é demência.

Algumas pessoas têm que tomar no cu mesmo!

Recadinho aos meus facebookers: tem uma figura no nosso meio, mais amiga de vocês, que, todas as vezes que vamos fazer uma foto, a criatura resmunga: “Amanhã eu vou estar no sal!”

Eu? Eu não devo nada a ninguém, não sou mineiro, não faço jogo de cena. Foda-se se você tem rabo preso com alguém que não pode me ver ao seu lado. Eu não como o seu rabo, muito menos o de ninguém que possa ver essa foto!

A partir de hoje, quando alguém me pedir uma foto, terei a oportunidade de ser escroto também e choramingar: “Amanhã eu tô no sal!”

Porra, isso é que é um pau no cu que não se emenda!

Estou excitado! Robson virá com sua guitarra grená, a Banda Mais Lama chegará afiada, Silvio Duarte fará a pose clássica com a guitarra encochada pela barriga, André Sardinha vai descarregar decibéis, Cromus fará o show dos bruxos, Terno Elétrico, em sua fase mais madura e elétrica, brilhará. Meu novo parceiro de realizações culturais, Mr. Mengajam, vai me dedicar “Hipocrisia Consumismo”.

BANDA MAIS LAMA, BARBARELLA BANDA, SER, ANTIMÁCULA, CROMUS, TERNO ELÉTRICO, CORTE SECO, AS SETE VIDAS DO ROCK (TIAGO RABELO E THOMÉ SÃO CASOS À PARTE).

A casa os receberá com alegria e homenagens pela grandeza de nos oferecer um espetáculo clássico de ação, reação, relação, luta e amor coletivo.

Esperamos vocês de corações abertos!

Lá em 1999, emprestei minha biblioteca para um casal dormir. Ela era universitária e me perguntou: para que tanto jornal, se já existe tudo digitalizado num disquinho? Achei a observação vazia, sem alma, rala. Pô, escanearam até os meus ácaros...

Outro dia fui ao capoteiro, aquele homem da pistola de ar comprimido que prega os grampos nas bordas dos cadernos especiais de cultura. Um peão que trabalha lá perguntou:
— Não sei por que guardar jornal?

Pensei em responder que talvez a crise do papel higiênico da Venezuela chegasse por aqui... Ah, mas para que perder tempo?

Na exposição de Arthur Bispo do Rosário, vi que ele também carregava os dias de sua alma atormentada em blocos de jornais colados, espalhados como tijolos da própria prisão.

Hoje, sonho em colar um milhão de páginas. Quase todos os dias colo papel. Entrei numa fase em que preciso colar papel, pintar, escrever, ler, ouvir mais música e, lógico, bater mais punheta para o pau nascer. A pintura vou deixar por último. Tenho colado mais papel do que na época da escola.

São 35 anos de Do Próprio Bol$o de rock profissional e a sensação aliviante de que nada fiz.

22 de maio

Saí de manhã e não haviam roubado o sol, cortado a água ou desligado a energia. Ainda havia gasolina, pasta de dente, café e também um emprego. Cartão de ponto jamais esquecido.

O bom do Facebook é que você não apenas fala pelos cotovelos: também fica sabendo o que os outros estão pensando, fazendo ou fingindo que fazem.

Na segunda-feira, a rede parece uma ressaca do fim de semana. E permanece o mistério: onde estarão os roqueiros?

Dormindo? Cuidando dos filhos? Puxando o cachorrinho? Lavando o carro? Almoçando com a família? Vendo televisão? Ligados nas redes sociais? Esperando o futebol?

Os roqueiros envelhecem. Imagino que ainda comprem discos. Mas onde estão aqueles que não compram vinis? Defendem uma política cultural? São conscientes ou apenas gozadores? Estão preocupados com a aposentadoria? Ligam para os pais?

Couvert de dez pilas é legal; quinze, para mim, já merecem um pedido de meia-entrada.

Saí de casa e fui ao rock. O punk do GBH custou quarenta pilas. Vi Maria Sabina e a Peia, vi Mad **Monkees**. No domingo das mães, fiquei em casa; no sábado, fui ao Sarau.

Em duas entrevistas, falaram ostensivamente da ausência dos roqueiros. É chato ficar nessa repetição. Você tem experiência própria? Consulte outros roqueiros. Descubra como sobrevivem. Ou faça um curso para roqueiros carentes.

As bandas não atraem roqueiros? Então o jeito é apelar para os fãs. Mas serão roqueiros aqueles que só aparecem nos shows internacionais? Será que pertencem ao nosso mundo?

Está mal? Toque em trio, toque solo, toque na rodoviária por uns trocados. Agende apresentações em todos os bares. No início do ano, vire produtor e corra atrás de datas nas salas públicas. Faça seu registro no FAC, mande sua fita para a **Globo**.

Quando esgotar todas as possibilidades, talvez perceba que ficar chorando nas redes sociais é mais uma perda de tempo.

E onde estarão os roqueiros no show do **Paul McCartney**? No do **The Who**? Nos cinquenta anos do **Made in Brazil**? Nas galerias? Escrevendo besteiras ou lendo o Facebook?

Se liga na tomada!

27 de maio – Rock’n’roll é legal, o que estraga é o vício que me leva à sarjeta

Um dos fragmentos mais confessionais e desbocados da página da Mostra Íntima. O narrador fala do desgaste provocado pelo rock, da saturação com produtores e do desejo de se

afastar do circuito. A mistura de desejo, cansaço, humor sexual e autossabotagem deve ser preservada; não é um texto para aparar até ficar comportado.

2 de junho – Arnaldo Baptista em Brasília, finalmente!
Relato emocionado do show de Arnaldo. Mário compara a experiência ao êxtase de uma missa de domingo: "Éramos os fiéis de uma igreja elétrica". O texto destaca a sobrevivência artística de Arnaldo, as surpresas do repertório e a sensação de reencontro com uma história pessoal da música brasileira.

3 de junho
Pra evitar um providencial "pai, você tá legal?"

Eu dirigia e disse que estava na onda do rock, com o diabo no corpo, e que Deus nos protegesse. Então, liguei um CD de Raul Seixas cantando músicas em inglês.

Eu era um bom ator. Precisava daquela ponta, daquela participação. Foi quando anunciaram:
– Só Mário Pazcheco!

Entrei, afastando-me da minha mulher, que ficou à porta. Então eu disse:
– Preciso dela!

Rosângela pegou na mão do Sandro, e foi assim que ele fez aquelas duas fotos.

E assim o rock'n'roll rolou.

Né, Joe? O surto da falta do que fazer é crônico. Meio que uma corda no pescoço.

5 de junho – Blues Gentílico
Comecei a oposição por mim mesmo. Oponho-me a mim mesmo desde sempre; nasci do contra. Oposição ao PT, hoje, é coisa da moda, lençol sem fronha. Semana de trocadilhos, relatos e recados aparentemente intrincados e desencontrados. Ou será apenas a dificuldade da arte de falar como quem narra, de narrar como quem se perde e de se perder sem precisar encontrar a saída?

Acho os simpósios uma imposição redundante e falaciosa. Tudo é falacioso, até o falo.

Lesma meu: aqui, você vê, na "faina..." – e por aí vai. Nos vemos por lá, aí, lá, cá! Entendido? Compreendido? Ou falta neurônio e sobra cera de ouvido?

9 de junho – Cadê o velho rock de pedra dos Stones?
É isso ou cadê o velho rock de pedra dos Stones, o velho cigarrão de porronca? Vamos fazer a tarde chorar, vamos fazer as águas correrem! Ah, Facebook! Todas as mensagens foram decifradas, e o saldo é positivo. É tanta alegria que eu quero me matar!

Todos os recados lidos, todos os posts curtidos, todas as mensagens truncadas, sem conteúdo, todos os almanaques, toda essa merda no ventilador. E, lógico, muito sexo oral, afinal, as pessoas são feitas de sexo, festas, bebidas, retratos, autoafirmações e calúnias venenosas.

Ninguém dá bandeira, ninguém grita, ninguém manda um vai tomar caracu! Todo mundo na sua, cada qual representando o papel que lhe cabe nesse teatro de aparências, onde até a indignação precisa de curtidas para provar que existe.

Bom dia! Pense em você, pense em quantos cabelos ainda tens na cabeça. Ou lute, pois o dim-dim está na conta, está à sua volta, está no seu dia a dia. Quem quiser, vamos fricar e sentir o cheiro da xoxota nos dedos do diabo.

Porque o velho rock não morreu de falta de guitarra. Morre, isso sim, de excesso de conversa fiada, de pose, de retratos e dessa alegria obrigatória que faz todo mundo sorrir enquanto a alma pede socorro.

E aí, Stones? Cadê aquela pedra que ainda podia quebrar essa vidraça?

10 de junho

O velho rock vai rolar agora até o meio-dia. Traga a guitarra e acorde os meninos!

O mito de Roriz ainda é forte. A banda voltou!

Apesar da penúria, o talento deles se sobrepõe.

16 de junho — Sem satisfação

Rock'n'roll é legal. O que estraga é o vício, que me leva à sarjeta.

Estou desorientado, Ângela, com tantas ideias de gibis espalhadas pela cabeça. Já não tenho olhos de terror, ossos ágeis nem vontade de devaneio. O rock'n'roll me fodeu. Fodeu também a alma no lugar certinho, com o som no talo. Não adiantou fechar os ouvidos: gozei e gozei alto na fronha dos sonhos, gemi e, mesmo assim, I Can't Get No Satisfaction.

É, rock'n'roll, vou deixar você de lado, como uma selfie mentirosa. Vou deixar você na estante de LPs. O mundo está cheio de rock'n'roll.

Alguns produtores do quadrado estão nadando em libras, euros, marcos e coroas. Mas um dia a farra acaba sem festa.

Rock'n'roll, vou ali tirar um cochilo, espremer um cravo, ler a linha da sorte na minha mão macia, que aperta a cabeça da glande. Sacanagem, sacanagem, pau duro e volúpia macia de enfiar. É isso aí, bicho! Tenho minha poesia escrota e vermelha.

Sem rock'n'roll, sem doações, sem donativos, sem ofensas, sem bingo. Sinto muito: a patroa mandou suspender o baile. A última noite custou seis rolos de papel higiênico. Agora a gente canta à capela, porque o microfone sumiu de novo.

29 de junho — A Bomba para o tempo

Formiga, técnico do Estúdio Formiguero, não acreditou que a Bomba estava havia mais de 20 anos sem tocar junta. Foi rock, foi roll, foi suor! As pessoas que frequentaram os shows vieram curtir e documentar a revolta dos bárbaros.
— Deixa eu fazer uma foto para o **Instagram**!

30 de junho

O texto é incompleto, aparentemente sem razão, e a cada dia melhora.

Tomei uma lição daquelas, um tremendo puxão de orelhas. Mas eu não queria expor minhas fontes. Disse apenas: “Fui a vários shows no Lago Sul e me lembro de que você só tocava se recebesse”.

Tirei o texto do livro e fiquei deprê. Mas o diabo das letras, lá nas profundezas, insistia: o texto é bom, você não mentiu.

Depois disso, dei risada e decidi: vou escrever o que eu quiser, vou bater de frente. Não vou deixar de dizer o que penso por medo de melindrar artistas. Também não vou fazer críticas de erros medonhos e crassos de produção e apresentação só para depois ver os artistas se sentirem feridos.

Então, sentei e tasquei este texto. E acho que ele é revelador.

3 de julho — O último faroeste caboclo

Um bêbado apareceu pela margem, invadiu o terreno e ficou discutindo que iria atravessar

o condomínio e sair do outro lado. Rosângela, com toda a paciência, dizia: — Moço, volte por onde veio. Você não vai atravessar.

Eu fiquei observando aquela situação, preocupado: será que o cara tinha uma faca? Pô! Minha mulher nos defendendo!

Minha memória ágil entrou em ação. Peguei as balas e a arma — que ficavam sempre em lugares diferentes —, carreguei-a e já cheguei atirando, correndo na direção do sujeito e disparando para o alto. O caboclo saiu correndo para a chácara do vizinho.

Rosângela, empolgada, perguntou:
— É assim? Quero aprender!

Todas essas mentiras são verdades. Acredite ou não, tanto faz. Meu amigo Cleber me disse: "Pazcheco, se livre dessa arma, que você vai em cana". Nunca mais dei um tiro.

4 de julho

Um rastilho de pólvora sem rastros de sangue, apenas hematomas. Um estampido cruel, destruindo os ouvidos. Cabeças contra a parede. A longa descida ao inferno. Você sendo moído por presas e olhos famintos.

Jogo sujo, jogo sujo na Esplanada, jogo sujo no Guará. Rodas esmagam seu útero. A ganância da violência e o Facebook, que não me deixa parar de pensar.

Volúpia de lamber todos os poros. Suor incontido, orgasmo derramado, vestes carcomidas. Fodendo um cadáver, fodendo um cadáver ambulante — é legal de se ver. Lambendo a glande, abrindo a boca sem gritar.

Poesia com lidocaína. Música fúnebre. Pássaros soltos no inferno.

Venha para o sabá.

9 de julho

Cheio de rock, né? Rock Capital, Rock Vital... Até parece que todo dia é dia de rock! Mas eu ainda estou procurando aquelas bandas obscuras, de som único.

Pô, preciso de um microfone — não precisa ser do Sílvio Santos. Preciso consertar o fio da caixa de som, arrumar pedras para a decoração do jardim e fazer uma nova instalação elétrica. Pá! Mas também consigo um bocado de ajuda por aí. Rock é como empurrar uma Kombi quebrada ladeira abaixo. Tudo bem...

Preciso de uma equipe gigante de limpeza, carregadores, maquiadores, uma superprodução. Preciso que filmem — e olha que me cerco de gente que não dá a mínima para o capital. Preciso de fotógrafos amadores, grafites e uma blusa de frio.

Todos os dias aparecem novos contatos, garotos promissores como Luca Teixeira, bandas marginais como A BOMBA e mais uma turma do heavy metal kids. Então vamos juntar todas essas gerações. Mas precisamos de amplificadores e, sobretudo, de gente disposta a se foder pelo rock'n'roll. Legal!

Porque, se for para fazer do jeito que anda por aí, eu nem tiro o pijama.

Quero um cover do Raul Seixas invocado, quero a volta do DUODEMO, do Gérson Deveras Pop. Quero o absurdo, a alegria, a franqueza do rock.

E vá se foder: não carrego ninguém nas costas, a não ser os meus fantasmas.

10 de julho

O som foi Planeta Terra total, apocalíptico! Às vezes, as cordas nos levavam ao voo dos Byrds. Outra sequência tinha o som do **Jefferson Airplane**.

Em The Fool on the Hill, ouvi um tecladinho de uma nota:
— Será que é a guitarra que está tocando órgão?

13 de julho — Os Profissionais

Dia do rock, pau no cu do Tio Sam!

... como um alvo a ser abatido, sem nada para comemorar.

Agregar custa caro, e sabemos que muitos de nós estão espalhados por aí. Para mim, o dia do rock é como o 4 de julho: nada a ver. Se eu pudesse, daria a você um pedaço de torta de maçã e cantaria The Star-Spangled Banner, o hino da bandeira estrelada. Mas, pensando bem, pau no cu do Tio Sam, pau no cu do **Trump**! Pau no cu sem elegância, sem cerimônia e sem pedir licença.

Maluquetes, um abraço para Célio, Thomé, Bruno, Tiago e todos aqueles que vivem em cima do palco para completar o orçamento. Foda-se a mídia!

Já fomos Os $alvadores, também fomos Os Paladinos. Hoje somos Os Profissionais — título tão suspeito quanto os anteriores. Quem estiver nas imediações que apareça, se manifeste e pule a fogueira.

Não sei se a banda vai tocar com um ou dois guitarristas. Quem aparecer será um dos paladinos, um daqueles capazes de apontar um 38 para a sua cara e explodir como os fogos de artifício do nosso cotidiano, tão pobre em instruções e tão rico em absurdos.

Rock'n'roll? Vá pra puta que o pariu! O que vem por aí é rock de garagem, quase punk, rápido e sem verniz. Não é rock de vitrine, embalado para consumo. É rock-arte, quadro pintado e cuspido na cara do bom gosto. É cotidiano, é urgente, é caótico.

Se não for assim, fiquem com o cartum deste flyer. Contemplem a imagem e sintam-se como o alvo abatido, sem nada para comemorar.

E não tenham dúvidas: eu estou quase doido!

15 de julho

Será que vão levar minha carcaça à feira para exibição?

Eu sou o rei do rock'n'roll, caralho! E estou sem um cigarro, sem disposição para analisar perfis ou decifrar gente.

Ontem, uma garota da minha idade me chamou de “palhaço” e “bandido”, gratuitamente. Pensei: será que ela quer foder comigo? Então é isso. Quando eu perguntar a você, baby, se quer foder comigo, talvez seja exatamente esse o sentido. Afinal, não ando dando nem em cima da minha própria sombra.

Pode dizer que sou desaglutinado, mas garanto uma coisa: sua loucura não é maior do que a minha.

Outra menina mandou um recado: “Vê se não caga no pau”.

Eu poderia responder que nem sou homossexual. Mas prefiro dizer o seguinte: não é porque você me viu três vezes na vida que isso faz de você minha amiga.

Meus amigos têm 30, 25 anos de convivência. Esses podem apontar o dedo na minha cara e dizer umas verdades. Mas, como gostam de mim, às vezes passam por cima dos fatos duros que dão sentido à vida.

Portanto, me respeite. Não fico ligando, curtindo, comentando ou fazendo fofoca sobre a sua vida. E, antes de falar de mim, lave a boca. E a buceta também!

Eu sempre trabalhei. Na verdade, sou meu melhor funcionário. Já trabalhei colocando vidros nas casas das pessoas. Nunca tive tino comercial, mas acho que teria conseguido viver vendendo discos – o que não é nada fácil.

Certa vez, um vizinho comentou sobre minha vida. No dia seguinte, subi ainda mais o muro da divisa. É lógico que dei bom-dia.

Meu pai achava que eu tinha que trabalhar até aleijar as mãos. Administrei 50 mil metros quadrados de terra. É claro que aprendi muito com caseiros, pedreiros, pintores, eletricistas, mecânicos e funcionários públicos.

Hoje, pedi para abrirem a vala e a água desceu. Também instalamos aquela luminária fotovoltaica, mas só uma acendeu. É assim que se executam projetos: alguns falham como pílulas, mas tenho outros prontos e em uso.

Briguei com um sujeito que me chamava de "vida mansa". Outro dia, comentaram como se eu não fizesse nada. Para essas pessoas, uso o parâmetro da realização pessoal. As pessoas têm uma mania arraigada de atacar quem está no seu canto.

22 de julho – O Livro negro do rock é lançado no Conic com a presença do autor
Registro de lançamento no Conic. É um fragmento a recuperar porque documenta a circulação de livros e encontros ligados à memória do rock em Brasília.

25 de julho – Grande Bruno, grande família
Pequena crônica sobre a doação de pôsteres australianos de grandes nomes do rock ao arquivo do DPP. O texto relaciona a generosidade de Bruno à transformação da casa em "Museu do Rock" e ao livro 10.000 Dias de Rock. Fecha com uma frase de intimidade e irreverência: "Meu dia dá um diário de rock".

A noite foi diferente: tivemos que fugir do sistema para tocar rock and roll. O governo mente: não há surto de sarna. O eleitor mente também. ELES votam **Bolsonaro.** Não se engane com seus amigos.

26 de julho – Onde está o espírito contestador do rock?
Aí, Carlão, fiquei pensando na sua indagação: onde estaria o espírito contestador do rock?

Poderia responder que está nos museus, nos livros, nos LPs e nas próximas teses sobre os 50 anos de 1968. Poderia dizer que rock é o Hall da Fama. Poderia discorrer sobre os 500 quesitos que fazem as pessoas temerem a própria sorte de não morar em determinados estados.

Mas vou publicar a foto desta camiseta, que resume tudo: são os veteranos que sabem quando a porca torce o rabo.

O escrotismo e o apelo são pelo rock ecumênico do U2. O homem do Rock in Rio disse que vai picar a mula.

O rock é feito de menininhos e menininhas, tolinhos e tolinhas. A última ruptura do rock é a corda no pescoço.

Pense nisso.

27 de julho – Lincon Lacerda sozinho na seca do rock Brasília / Pecados do Rei da Pança
O título aparece na cronologia de 2017. Pela relevância local, merece entrar na lista de textos a conferir, mas não há trecho suficiente na página consultada para resumir o conteúdo com precisão.

Refletidos nos óculos escuros e na camiseta rock’n’roll furada.

Estamos destreinados, enferrujados, atados como múmias.

Ele, Tom, ria mucho, achava tudo divertido.

Ele, Billy, ria como os crocodilos sem alma.

Divertiam-se sem rumo, numa métrica desmedida, sem classe, rindo com a ganância dos pobres-diabos. Riam deles mesmos e dos coroas de cabelos grisalhos — até dos pelos do saco escrotal.

Pegue um dente podre da minha própria boca e jogue no vaso de flores.

Olha! Uma mosca ali! E dúzias caem em cima dela, entre sopapos e solavancos.

Era um caso lunático de desprezo e desprendimento. No final, eles também se foderam redondamente.

Aplico dois dedos na cara e arranco uma verruga de estimação do queixo.

Não consigo me livrar de certas pessoas, como quem não consegue largar o vício do cigarro. Não dou ouvidos a pessoas incapazes de gritar, mesmo em alto-mar, enquanto se afogam.

Peido de cavalo. Luxúria animal de homem novo.
— Vamos fumar um cigarro!
— Que cigarro?
— Marlboro!
— Vamos pilar um beck, pois é divertido!

O homem, a mulher, a cama deles — e você se apertando para gozar, gemendo, mordendo os lábios.

“Pegue essa pica, pegue nessa pica!”, você repete o anúncio.

Ela apalpava. ELE APALPAVA A BUNDA DELA.

Eram uns pervertidos sem vergonha e sem dogmas.

Caralho! Ele apalpava a bunda dela e deixava manchas pela manhã.

Cara safado! E aquelas roupas espalhadas pelo tapete?

O safado está fodendo.

Deixa os dois gozarem em paz.

4 de agosto — Estamos vivos

Rock'n'roll sem essa de cuspir sangue ou fogo. Estamos vivos, anote aí em letras garrafais: ESTAMOS VIVOS!

E o pior de tudo: com mais vontade de ser Do Próprio Bol$o, com mais sarcasmo para dar a volta por cima.

Amanhã, sábado, 5 de agosto, tem o new rock de Luca Teixeira e Lud, com o trio completo — novas revelações da cena. Dentro da improvisação maluca que marca nossos festivais, teremos sopros com Cauê Brito e cordas com Blavis.

No lado das bandas capitais, a Durangos da América, que vem apresentando seu rock contra os ventos em vários festivais de duas rodas. Fechando o dia, o show psicodélico extraterrestre da Banda Mais Lama.

Do Próprio Bol$o junta-se ao Bandalheiras e à Zoom Music para sacudir a monotonia.

Apareça e faça arte!

5 de agosto — Do Próprio Bol$o, a última casa da camisa de força
Texto autobiográfico e relato de produção cultural. Começa com uma mensagem de agradecimento da família Teixeira e recupera a amizade com Cristovão desde 1982, a tentativa de ensinar "Dias de Luta" e a apresentação de Luca Teixeira. Em seguida, passa pelas atrações da noite: Banda Mais Lama, Durangos da América e Lud. O fragmento é importante porque expõe a concepção de festival do DPP: aproximar experiências diferentes, juntar MPB e distorção, acolher artistas sem blindagem e manter o caráter underground. Também traz a provocação contra a lógica dos grandes eventos e a defesa de fazer rock como experiência, não como produto.

6 de agosto — Meus blues são de pânico
Você não sabe como funciona a máquina e vem um FDP apontar um celular para você.

Vá se foder!

A reação é parecida com ter uma arma apontada para a cabeça.

Sem aumento, sem chance, sem hora extra. O servidor trazendo açúcar, café, água, papel, vaca para a máquina de xerox e ainda ameaçado de receber em duas parcelas.

Vá apontar esse celular para Maluf, Haddad, Arruda, Agnelo, Palocci, Pitta, Medeiros, Paulinho da Força, Cabral e tantos outros. Aproveite e faça uma selfie.

11 de agosto
Vocês sabem que beatlemaníacos vão muito além da realidade quando se trata de suas lendas urbanas. Eu nem deveria contar esta história...

Na minha geração, para sair do país era preciso fazer o tal depósito compulsório. Nunca consegui juntar sequer o dinheiro da passagem de navio. O que mais acontecia era alguém chegar do exterior, anunciar que havia trazido um disco dos Beatles e me apresentar aquele bootleg ao qual eu jamais teria acesso. Era só sair de casa que alguém, em qualquer estado da nação, aparecia com um bootleg. E eu não tinha nenhum!

Desde 1980, mantinha catálogos e telefonava para lojas. Até hoje continuo fazendo isso.

Não faz muito tempo, apareceu um lote de discos piratas dos Beatles à venda. Pô, eu nunca tive cartão de crédito! Fiz uma pesquisa e descobri que o **Carrefour** entregava o Carrefour Mastercard na hora. Fui lá e tirei o cartão.

Tinha recebido a restituição do imposto de renda. Juntei o dinheiro ao limite do cheque especial e comprei o lote por um preço proibitivo. Passei dez meses pagando as prestações!

Foi assim que um lote de discos especiais, pertencente a um dos maiores beatlemaníacos do Brasil, veio parar nas minhas mãos.

Colecionadores mantêm sigilo absoluto sobre suas fontes. Por isso, não revelarei o nome da loja nem o do dono dos discos, que subiu para tocar com George.

Eu (eu?) e JR levamos adiante a história das festas da **UVA**. Sempre precisávamos encontrar uma residência que nos acolhesse. No barraco dos fundos da casa dele aconteceram muitas festas. Depois, vieram as casas de Edvar e Jihan. Misturávamos hippies pós-Woodstock com metalbangers e góticos.

Ontem, JR se perguntava: cadê o Mário? Ao passar por uma pilastra, deu de cara comigo, curtindo o show da Felipe Zucco Blues Band.

O show-experiência de ontem foi mágico. Parecia aquela situação em que seus amigos anunciam que vão montar uma banda.

Nesta primavera, estou cheio de guitar heroes – e não é do jogo!

O trio foi rude, pesado, barulhento. Tocaram do seu jeito: "Hideaway", " The Thrill Is Gone", "Johnny B. Goode", "She Don't Lie, She Don't Lie, She Don't Lie", "Honky Tonk Blues" e muito Dylan eletrificado.

Agora só falta arrumar a festa e a cerveja, porque a banda nós já temos!

Felipe Zucco trouxe o blues de Santa Maria, com uma ajudinha de Hamilton e Kelton!

14 de agosto – 2000 Light Years from Home
Os discos dos Stones foram os que mais dancei. Fui passado para trás, roubado. Isso aconteceu logo no comecinho e, por causa do trauma, jamais recuperei Got Live If You Want It! e Flowers.

Os discos eram raros e caros. Mas não desejo que essas pessoas ardam no inferno.

18 de agosto – Tributo Viva Raul, na Casa do Cantador
Registro da participação de Mário com Sylvio Passos, Tika Seixas e Cláudio Roberto, na 28ª edição do tributo a Raul Seixas, com fotos de Edson Salazar. O título interno "10.000 dias de rocks juntos" dá ao encontro um valor de memória e continuidade.

21 de agosto – Fotografar é exorcizar
(TUDO) se resumia a uma questão de dias. Eu mesmo já não aguentava mais ver a minha cara por aí, nessas fotografias em que o tempo insiste em deixar suas marcas. Meus olhos estavam vermelhos como brasa. É uma moral, uma luta contra a decadência física, contra a passagem dos anos e contra essa figura que o espelho devolve sem pedir licença.

Fazer fotografia é exorcizar tudo isso. É enfrentar a questão da decadência física e, ao mesmo tempo, tentar capturar alguma coisa que escapa. As fotos registram a magia e a loucura. Fotografar é abrir o cérebro para uma imagem, deixar que o instante entre e encontre seu lugar na memória.

Eu faço fotos para aparecer, sim. E dou o melhor sorriso. Qual é o problema? Também gosto quando os fotógrafos da noite, como o Lagartixa-DF, lá do Gama, nos fotografam. Eles sabem que existe alguma coisa acontecendo naquele instante, mesmo quando ninguém consegue explicar direito o quê.

As fotografias são as melhores lembranças do ontem. Guardam os rostos, os gestos, as maluquices e os encontros que o tempo começa a apagar.

E essa gente mal-humorada que não gosta de fotografia, que não quer aparecer, que acha tudo uma bobagem? Que se foda! Amanhã, quando a memória começar a falhar, talvez descubra que uma imagem vale mais do que todas as explicações que deixou de dar.

26 de agosto – Letras explícitas / Putos Brothers / Sylvio Passos
Este é o típico CD que não será ouvido na casa dos pais – pelo menos não sem que você tenha de explicar que o caos não se explica. E isso também se aplica à contracultura. Este CD é um triste hino da nossa geração, um daqueles registros que carregam nas entranhas as marcas de quem não encontrou razões suficientes para se acomodar.

O disco foi pensado como um bolachão: a última faixa cola na primeira, fechando o círculo e devolvendo o ouvinte ao ponto de partida. Não há saída fácil, nem conclusão definitiva. O artista pare suas próprias saídas, dá à luz suas possibilidades, e você não deve confundir a pessoa com sua performance, muito menos com o instrumento que ela toca. Há uma distância entre o sujeito e aquilo que ele põe no mundo.

Sylvio saiu das teclas do fanzine para ganhar os palcos do Brasil. Sua turnê é uma piração, uma dessas aventuras que não cabem nos relatos apressados. Nem tivemos tempo para um bate-papo. Ao vivo, sua banda comanda um público gigantesco, ligado neles, entregue àquela energia que só acontece quando músicos e plateia compartilham o mesmo transe. Todo o esforço, todas as limitações e dificuldades acabam compensados ali, diante de tanta gente.

A Putos Brothers Band é uma banda cigana, no duro ofício de aprender o negócio no palco, estrada afora. Não tem showzinho pronto, ensaiado até perder a espontaneidade, nem fórmula infalível para agradar plateias. São amadores vorazes, movidos por volúpias de uísque, tequila, cerveja, bourbon e tudo aquilo que alimenta o imaginário de quem escolheu o rock'n'roll como modo de vida. É meio difícil explicar uma banda da estrada para quem não tem alma nem conhece o pó da estrada do rock'n'roll.

Pá!

Os riffs de guitarra produzem efeitos que me remetem aos melhores LPs do rock nacional. A bateria tem um estilo leve, e desconfio que o sujeito ainda esteja aprendendo — o que, convenhamos, não é defeito: faz parte do caminho. Mas é na gaita de boca que a coisa ganha dianteira, abre espaço, sopra vida para dentro do som.

Há coisas do Cream, do Canned Heat e, claro, de Raul Seixas. Não se trata de procurar semelhanças por esporte, mas de reconhecer os ecos de uma linhagem musical que continua reverberando em quem não desistiu de fazer barulho.

Mário Pazcheco só comenta CDs de amigos. E não adianta tentar mudar isso. Se você não faz parte desse círculo de cumplicidade, suor e rock'n'roll, procure outro crítico. Aqui, a conversa é entre comparsas, e a independência continua sendo a regra do jogo.

Agradeço a Dudu pela fidelidade ao rock e por nos ajudar a ter um som decente de contrabaixo e guitarra.

26 de agosto de 2017

O Brasil tá fodido e ninguém pode salvá-lo, muito menos **Marina Silva**. **Sérgio Moro**, aquele detetive que chama o cara de Nine, foi ao palanque falar da dúbia conduta do Supremo Poder. Pode até não ter usado essa expressão, mas foi o que entendi. Sérgio Moro também tá fodido no combate aos barões da cocaína e da corrupção.

Mais corrupção: a nobre deputada respondeu que estava recebendo um acerto de campanhas, quando a taxa era de R$ 50 mil por mês desde 1999! Na Câmara!

Lá no Rio de Janeiro, tá na cara que vazaram os dados dos policiais. Ficam escrevendo que a Globo não noticiou online os naufrágios na Bahia e no Pará. Isso é coisa de quem não vê televisão. Mas, em vez de discutir se a Globo noticiou ou deixou de noticiar, seria melhor olhar para as condições em que as pessoas vivem todos os dias. Afinal, nós também poderíamos estar entre elas.

Outro dia, o cara foi tão escroto que não entendi por que o Afonso Cascão não mandou ele tomar no centro da beirada.

Vamos refletir mentalmente, ser mais coerentes nos próprios comentários e manter um ar mais calmo e civilizado.

O bom do Facebook é que a fofoca é ao vivo.

Boa tarde de sábado!

27 de agosto

Passei quinze anos no Olimpo da subliteratura. Estava em antologias e dicionários e

escrevia esporadicamente onde me dessem papel. A morte me acenou e me tirou os quilos, porra! Tirou até o bom humor.

Num surto, fiz o primeiro volume da nossa biografia. Sobre o livro, disseram: "Não aconteceu nada". Disseram também: "Às vezes, a gente faz a coisa somente para nós mesmos".

Constatado o fato, todas as celebridades para quem enviei o livro jamais sequer passaram um e-mail de agradecimento. Eita povo ocupado!

Com esse livro, o retorno à mídia foi em grande estilo. Ali eu tinha dominado as engrenagens do sistema de relógio de pulso.

28 de agosto – Domingão ou o rock é a última luz que se apaga
Jamais fomos tão underground e sentimentais quanto Altemar Dutra.

Rock na última instância, sem muita grana e grama, mas com cerveja. Agora sabemos como é levar o rock na barriga.

Forte abraço a Bomba, Dudu e Marcelo, sem esquecer que a bola pune!

31 de agosto
Twist de Branco apresenta Quinta-Rock, com Roriz e Banda Mais Lama.

Hoje, às 21 horas, haverá a (re)volta da Roriz. Eles arrebentarão! Na sequência, a Banda Mais Lama, quando atuarão profissionalmente no Bar do Bispo, ali na estação ferroviária do Ban-Ban.

Vamos de rock!

A noite girou depressa, e o vento levou mais um pedaço da casca da ferida do blues.

Jamais uma banda tocou tão alto e tão rápido em Bernardo Sayão!

Não sei se eles foram Roriz, Paladinos ou simplesmente podem nos chamar de Pá.

Célio abraçou a guitarra e foi fundo, seguido por Tiago e Thomé. Ainda fomos parar no Cei Rock Bar. Sei lá!

1º de setembro – It's blue
São 23 setembros sem você, e eu jamais me esqueço. Éramos jovens, eu mais...

Até hoje, Flor de Maio e Flor de Outubro, na primavera, me fazem lembrar de você. Mas eu parecia viver para nada mesmo.

O menino está aí. A irmã, peço à mãe que cuide. Eu cuido do rock'n'roll. Sempre foi assim.

Minha primeira garota me deixou porque eu era muito doido; minha família me abandonou porque...

Os exames nada apontaram de errado. Levei a vida de certa maneira, mas ainda não entendem que, naquela cama, depois do sexo, eu escrevia a novela em que o corpo é alvo e a mata, abaixo da montanha da barriga, esconde o mistério.

Tudo se resume a trilhas e caças. Diamonds and Rust.

Não existe mês ruim. Existe vida e contas a acertar.

6 de setembro – Osmose, Cascabulho Blues e Indigentes & Indecisos / Rock de sacrifício
Balangandã e Zoio de Bila Produções juntam as pontas underground de São Tião e Paranoá Lake City, embalados a Kristofer Johnsson e Korchma Taras Bulba, vodkas para embriagar Cascavelhos, Indigentes & Indecisos e Lud.

Um rock de sacrifício, à base de veneno e poemas malditos, com muito blues.

Fragmento de convocação e balanço de uma noite de rock e blues. Mário anuncia um evento sem a pretensão de competir com o rock de grande audiência: “aqui é diferente, é cuspe na cara”. Registra também a apresentação do Cascabulho Blues e a versão punk-rap-experimental de “I Wanna Be Your Dog”, dos Indigentes & Indecisos.

18 de setembro – Minuto Facebook

Facebook nada mais é do que uma aprimoração dos blogs: uma página comercial barata para quem não pode pagar por um domínio próprio ou não tem domínio de alimentar sites. Aqui tudo é ágil, só que o português nem sempre acompanha. Permite fotos ad infinitum, e qualquer mané pode esticar o próprio ego para além das colunas de fofocas impressas da nossa community.

Aqui todo mundo é legal. Existe até uma casta que se acha no direito de condicionar as pessoas conforme suas posturas. Esse é o grande equívoco: ninguém pode ser determinado por correntes virtuais, nem deve filiação ou comprometimento a coisa alguma no mundo digital.

Eu sei que sou mais conhecido pelo Facebook do que no mundo real. Hoje mesmo me disseram:

– Foi legal a viagem!

Respondi:

– Então gostou do álbum de fotos?

– Que álbum de fotos, Mário?

Você posta propositalmente um milhão de fotos para perder seguidores.

No Facebook, é permitida a autogestão. É permitido encher o saco de um monte de gente que, infelizmente, depende dessa ferramenta. O ruim é quando, na vida real, você precisa se extremar para fazer valer aquilo que escreve e que aqui é abusado sem cerimônia. Na tela, todo mundo é dono da verdade; fora dela, a conversa muda de figura.

Eu não tenho que responder se sou machista. Por que você não me pergunta se gosto de böceta cabeluda, de **Bocage**, de Kerouac, de Bukowski? Se estou a fim de zer sem? Eu estou a fim de subir como um balão!

Continuo achando que as drogas são uma bosta e me considero incapaz de recuperar minha antiga silhueta. Mas ainda sou mais sincero do que você foi. Estou além de legendas e rótulos, porque é o sonho que move a carcaça. Sem sonhos, sem nuvens, sem afazeres, sem caprichos, sem lealdades. O que sobra?

Eu não sou uma Bíblia, muito menos uma enciclopédia. E acho muito fraca essa psicologia que pretende controlar até a ereção alheia.

– Comemorando seu grande dia.

19 de setembro

Eu gosto de você porque você não abre o bico e toma conta de nós e dos animais domésticos. São 22 anos de histórias escabrosas, fantásticas, daquelas que, se contadas pela metade, já dariam um belo estrago.

Uma vez, assustei geral. Disse que iria publicar minha biografia e que começaria reproduzindo, página por página, o meu próprio processo. A ameaça de um novo processo veio logo em seguida. Vejam só: mal anunciei a intenção de contar a minha história e já quiseram me oferecer mais um capítulo judicial. A vida imita a arte, mas, no meu caso, parece que a Justiça quer assinar a coautoria.

Quanto mais falam de você, mais você quer ouvir. É o tribunal antes do Facebook, o julgamento sem toga, sem testemunhas compromissadas e, pelo visto, sem direito à defesa. Será que me concederão o direito de réplica? Poderei fazer perguntas? Ou cada um continuará falando o que quiser a meu respeito, com uma convicção e uma intensidade que jamais emprega para examinar a própria vida?

Afinal, como será que vão me chantagear? Vão usar o passado, o presente, o futuro, a carreira profissional? Desenterrarão episódios, torcerão os fatos, misturarão lembranças com suposições? Qual será a próxima arma escolhida para me enquadrar no personagem que inventaram?

Eu sou um embusteiro? Pode ser que alguém já tenha chegado a essa conclusão por conta própria. A única coisa que costumo preservar, de verdade, é a história familiar. E, nisso, cobro de mim mesmo todos os dias. Tenho meus critérios, minhas contradições e meus limites. Não me considero dono da verdade, mas também não entrego a ninguém o direito de escrever a minha versão dos acontecimentos.

Julgo-me livre — menos dos impostos e do cartão de ponto. Ofereço a mesma liberdade aos outros, desde que cada um proteja os próprios pontos vulneráveis e compreenda que liberdade não é licença para invadir a vida alheia.

No Facebook, não aparecem dramas pessoais nem detalhes íntimos. Não adianta procurar nomes, pistas ou confissões escondidas nas entrelinhas. Quem espera encontrar ali um inventário das minhas desavenças familiares vai perder o tempo. Há coisas que não publico, histórias que não exponho e pessoas que não transformo em personagens da minha crônica. Nem tudo o que sei precisa virar espetáculo.

E, para finalizar, não sou amigo de nenhum membro da minha família no Facebook. Só para você ver como a coisa é perigosa! Vai que alguém resolve ler minhas meias-verdades, aquelas que, segundo parte da família, estariam distorcidas pelo uso de entorpecentes.

Foi então que perguntei: e o álcool? E a cerveja? Onde é que entram nessa história? Ou será que, dependendo de quem segura o copo, a substância muda de nome e o julgamento ganha outro peso?

É impressionante como cada família possui seu próprio tribunal, seus promotores voluntários e suas sentenças definitivas. Todo mundo parece conhecer a vida do outro, mas poucos demonstram a mesma disposição para abrir o processo contra si próprios.

De minha parte, continuo preservando o que considero necessário preservar. Não por medo de contar minha história, mas porque nem toda verdade precisa ser despejada na praça pública, muito menos transformada em munição para quem já decidiu condenar.

Deus salve a nossa família e o rock'n'roll!

Eu sempre fui meio Ozzy Osbourne: irreverente, contraditório, sobrevivente de mim mesmo. E, convenhamos, Ozzy foi o único roqueiro que não me decepcionou. Talvez porque nunca tenha prometido ser santo. O diabo, pelo menos, sempre soube muito bem qual era o papel que lhe cabia.

24 de setembro

Minha guitarra amarela do **Slash** nas mãos de um dos mais jovens talentos, numa proposta de se manter de pé, fiel e vivo.

Foi isso que rolou. Foi bárbaro e poderia ter sido Bárbara.

28 de setembro – Não venha tirar onda com o "Menino"
Estávamos no verão de 1980, em plena New Wave – pelo menos era isso que líamos nos tabloides. Roberto, primo mais velho dos irmãos Muniz, deu a eles um lote fantástico de LPs, com muita coisa dos anos 1970. A gente estava no auge do Queen quando, um dia, pegamos aquele disco de capa vermelha, edição nacional, capa dupla e arranhadíssimo. Colocamos para tocar por pura curiosidade.

A rua, a quadra, o bairro: logo estava todo mundo dançando ao som de "Messin' with the Kid". E **Rory Gallagher** se tornou nosso herói. Gallagher parecia personagem daquelas histórias heroicas da televisão.

Os anos se passaram, e eu e Fernando Gaia atravessamos décadas competindo para ver quem descobria mais discos do irlandês. Naquele álbum estava todo o repertório e as manhas de quem queria tocar em trio – e nós ainda nem tínhamos descoberto o Taste.

O diabo é que foram necessários 37 anos para conseguir uma cópia importada. E essa edição alemã veio em capa simples. Parece que morreremos sem conhecer o interior daquela capa dupla, pois, na impressão brasileira, só saiu o preto.

3 de outubro – Ainda um velho safado
Com essa barriga e esse manequim, tive que erradicar meus dias de pop star. Minha última minissaia justa foi na porta do camarim de Arnaldo Baptista.

Mas parece que Fernando Eiras vai gravar um recado fonado e **Paulo Miklos** vai autografar o LP Sanguinho Novo.

Na última festa de que participei, uma mina comentou: "Com todo respeito, o senhor está parecendo o meu pai."

Respondi:
"Seu pai fuma maconha e fica doido de bira ainda?"

KKKKKK!

4 de outubro – SEXTA-FEIRA AGORA!
Kamaleão kamuflado, gibi faltando folha e a bomba que não explodiu. Produções agradecem a adesão, o carinho e os artistas.

Tragam suas bebidas, os caldos, os pães e não esqueçam os agasalhos e os instrumentos.

A MPB reggae roll vai rolar!

5 de outubro
Fiquei impressionado! Sylvio começou a me mostrar um par nacional de fitas-cartucho de toca-fitas do cantor **Elton John**, que também eram utilizadas na rádio. Depois vieram uns cinco exemplares do compacto Come Back Baby, o primeiro lançamento da Bluesology. Mostrou cinco encartes que havia enviado a Elton John e recebido de volta, devidamente autografados.

Vieram centenas de gravações baixadas, dezenas de CDs gravados e vendidos diretamente nos próprios shows do cantor. Mostrou também uma edição do New Musical Express, de 1967, com os Monkees na capa e o anúncio de Elton John à procura de um parceiro musical. **Bernie Taupin** entraria em contato...

Em seguida, um flyer da turnê de Little Richard pela Inglaterra, em 1967, com produção de Brian Epstein e participação da Bluesology, além de outras bandas.

Uma centena de discos nacionais, importados, caixas de todas as épocas. Foi tanta coisa legal que perdi a conta. Ainda me mostrou alguns livros dos Beatles, nos quais fiquei de olho, e um compacto de Paul McCartney com Elton John ao vivo.

Sylvio tem uma pasta onde guarda as palhetas que ganha do guitarrista de Elton John. Ri ainda mais quando abriu a pastinha das baquetas que também recebe de presente.

Tudo muito divertido! É sempre bom visitar o maravilhoso mundo de Elton John. Para quem gosta de artes visuais, óculos são um shopping à parte.

Ah, sempre me perguntam:
— Por que Elton John?

Respondo que acho que ele gostou daquele jeito de bom moço do cantor. Mas Sylvio me contou que o que realmente o impressionou foi aquele sujeito de óculos.

Meu amigo, o homem ganha das enciclopédias!

São quase todas as edições em vinil, livros, fotografias, releases — muita coisa rara e original. Sylvio Edgard é uma inspiração para colecionadores e fãs de música.

14 de outubro — Sábado transversal
Canções, hinos e reflexões para dentro. Extratos de sons conhecidos, fragmentos de leituras, memórias que se misturam à música e o som das calçadas frias num sábado de sol a pino. É o tipo de disco que dá vontade de subir nas árvores ou uivar como um cão vadio, desses que atravessam a cidade sem pedir licença, farejando os vestígios de um mundo que já não sabe muito bem para onde vai.

A homilia dos desvalidos vem de longe, atravessa os ruídos e encontra sua sentença nas palavras de Rogério Duarte: "Mário Pazcheco é um grande circulador de rock do DF. Expressão maior da resistência cultural no DF."

Não se trata apenas de uma frase elogiosa. É uma espécie de testemunho sobre uma trajetória que se fez na circulação, no encontro, na insistência e na recusa em permanecer quieto no lugar que nos reservaram. Fazer o rock circular é impedir que ele se transforme em peça de decoração, em produto de prateleira ou em lembrança domesticada para consumo dos nostálgicos.

Como disse o sábio, o caminho é desenrolar o carretel. E empinar, empinar, correr, voar para longe das construções engessadas, das ideias prontas e das estruturas que nos querem imóveis, comportados e devidamente catalogados. Há sempre um fio a desenrolar, uma linha de fuga, uma possibilidade de escapar pela tangente.

Na parede, o retrato da tela plana absorve o olhar. O palimpsesto virtual, o papiro digital em 360 graus, o três dimensões de uma realidade que promete aproximar tudo e todos. Mas será que aproxima mesmo? Ou apenas aperfeiçoa a arquitetura dos nossos pequenos cativeiros?

A tecnologia amplia a imagem, oferece profundidade, multiplica os ângulos e nos entrega o mundo inteiro na palma da mão. Entretanto, continuamos diante da velha incomunicabilidade dos prisioneiros. Cada qual encerrado em sua cela particular, olhando para a própria representação, esperando que alguém confirme sua existência com um sinal luminoso.

E, como diria Faustão, diante da falta de acontecimentos, o sujeito curte a própria foto. Eis a grande aventura contemporânea: publicar a imagem, conferir a repercussão, vigiar os números e alimentar o personagem. Se nada acontece, curte-se a si mesmo. Se

ninguém aparece, inventa-se uma plateia. Se a solidão aperta, aumenta-se o brilho da tela.

Enquanto isso, os planos arraigados permanecem ali, entranhados na memória, impossíveis de esquecer. São camadas de vida sobrepostas, lembranças que não desaparecem simplesmente porque surgiu uma nova plataforma, um novo aplicativo ou uma nova promessa de modernidade. Somos feitos também daquilo que tentaram apagar, dos caminhos que abandonamos e das ideias que insistem em sobreviver dentro de nós.

O passado não é uma gaveta fechada. É um território em permanente escavação, um arquivo de sons, imagens e palavras que se rearranjam conforme o presente nos provoca. Cada canção conhecida pode abrir uma passagem; cada leitura, um desvio; cada sábado aparentemente banal, uma oportunidade de enxergar o absurdo por outro ângulo.

Talvez seja isso que procuro nesses discos, nessas calçadas, nesses ruídos que me acompanham: uma maneira de continuar atravessando o mundo sem me deixar inteiramente capturar por ele.

A labuta sideral do faz de conta.

Trabalhamos, imaginamos, inventamos, fingimos compreender as regras e, de vez em quando, escapamos delas. Construímos universos inteiros com restos de memória, guitarras, palavras e algumas doses de inconformismo. Enquanto o mundo exige produtividade, desempenho e presença virtual, seguimos procurando uma fresta por onde seja possível respirar.

Neste sábado transversal, prefiro o uivo do cão vadio ao aplauso automático, a canção que me desarruma ao retrato que me confirma, o caminho torto à estrada pavimentada para os obedientes.

Porque ainda há vida para além da tela plana. Ainda há rock para além do algoritmo. E ainda há um mundo inteiro esperando por quem tenha coragem de desenrolar o carretel e sair voando.

19 de outubro

Andei com produtores de todos os tipos de eventos. Há dez anos, costumava colocar uma grana na mão deles. Depois que comecei minhas matinês caseiras, parei.

Minha última produção fora de casa não foi lá essas coisas, mas não faltou espiritualidade. Foi no Conic. Geralmente, fico legal quando ouço alguém dizer: “Foi louco!”

Tentei fazer produções sérias, mas algumas me fizeram cair na real. Esta foi uma delas: 8 de julho de 2005. Além do palco, havia uma mesa com os convidados, e nós nos fartávamos de cerveja. Foi quando pensei: “Em casa seria mais divertido”.

Sim, produzi coisas boas por aí e outras merdas. Mas grande parte dos problemas vinha dos estabelecimentos, mais interessados em faturar. Esse quadro não muda.

27 de outubro – Tiau & bença

No rock'n'roll, a gente precisa metralhar e contar nos dedos quem realmente está a fim.

Hoje convoco Indigentes & Indecisos, Musga, Banda Ser e Durangos da América para uma jam. É isso que vai rolar.

Vamos aproveitar que, até o final de novembro, estou com uma aparelhagem decente e colocar o rock para funcionar.

O que acontece é que só podemos contar com aqueles livres de alma para o ofício. Gostaria que os integrantes das bandas participassem da decoração e dividissem toda a ansiedade da produção.

Saudade é legal, mas hoje não podemos contar com um monte de gente que nos ajudou. Então temos que apelar para a caridade daqueles que se dispõem a trazer um caldo e uma panqueca. Será que estamos tão fodidos que não podemos trazer nem uma torrada?

Já deu no saco esse rock que ninguém quer ajudar?

E uma última coisa: jamais participe pensando em dinheiro, pois é difícil pingar alguma coisa da carteira dos envolvidos.

Aviso: rock no horário e na contramão. Shows de 40 minutos. Sejam solidários!

31 de outubro

O flyer veio anos-luz e é uma janela de retorno do cara que cuidava da minha produção visual. É um lance meio Miles Davis com Santana, acho que das coisas mais místicas, tribais e metafísicas da música.

Eu gosto do formato acústico porque ele é mais audível, perceptível. Acho punk rock e heavy metal uma bosta e quero distância. Acho que tudo o que é tocado de maneira abominável merece distância. Falo do aspecto de estar ensaiado e do volume utilizado.

Escrevo esses óbitos para deixar claro o que ninguém conseguirá ver: nós ainda nos pertencemos e nem podemos nos dar ao luxo de sermos capturados.

Peço aos artistas acústicos que usem a sombra no canto do olho, que fujam do formato e inventem construções e pirações que, em cada palco, em cada apresentação, soem diferentes. Pois vocês serão a opção do happening.

Pode-se dizer que ando doido. E ando doido mesmo, com minhas bolas, com minha verbalização. Quero flutuar com quem pode me tirar os pés do chão.

Chega de ego, de longos shows, de proteção, de imposição, de censura. Chega de ser de direita, chega de capital. O esquema anda muito capital, muito um quilo de alimento perecível. Muita bajulação, muitos se achando parte de um movimento reacionário que é novo, mas não demonstra, pois se apega a planejar-se já consagrado.

Abaixo o rock, abaixo o volume.

O fim da linha de um produtor sem lucro

Eu estava dando bye-bye à carreira de produtor. Primeiro, porque não sou considerado produtor: não ganho dinheiro com produção. E, se não ganho dinheiro, minhas coisas não têm valor. É a mais pura verdade que alguém pode ouvir. Dói, mas é assim que funciona a engrenagem: aquilo que não dá lucro parece não merecer respeito, como se o trabalho desaparecesse quando não vem acompanhado de uma nota fiscal.

Por outro lado, havia o nó górdio da questão técnica, apertando minha garganta até quase me sufocar. Sem guitarra, sem cubo, sem amplificador, sem microfone, sem caixa de som. Bateria desafinada, instrumentos faltando, equipamento desaparecendo ou quebrando. E nós ali, aos trancos e barrancos, cantando à capela, tentando fazer o rock acontecer na base da teimosia.

Esse quadro precisa ser levado a sério. Não é folclore, não é uma aventura pitoresca de malucos que resolveram brincar de fazer festival. É trabalho, é dinheiro, é tempo, é desgaste físico e emocional. É uma estrutura que precisa funcionar para que os músicos possam subir ao palco e tocar.

Começamos repondo as peças da bateria: pedal, canoa, suporte e outras partes. Nesse ciclo interminável, alguma coisa sumia, outra quebrava, e a bateria permanecia viva, embora desmontada. Os servidores do GDF ajudaram a consertar a caixa e o microfone. Eu alugava o amplificador, e o Formiga precisava carregá-lo como quem transporta uma cama de casal. A cena era quase surreal: para que o rock não morresse, alguém tinha de fazer força de verdade.

"E essas bandas que não trazem nada?"

Essa era a frase mais chata de aturar. Porque, depois de organizar, correr atrás, improvisar, consertar, pagar e resolver os problemas que ninguém vê, ainda precisava ouvir a cobrança de quem chegava para tocar sem apresentar as armas.

Para fugir desse constrangimento, comprei uma guitarra e um amplificador. Dez parcelas, orçamento apertado e mais uma despesa enfiada na conta de quem já estava bancando o espetáculo. Não foi uma compra para exibir equipamento, montar uma vitrine ou brincar de guitarrista. Foi uma tentativa de resolver um problema que não deveria ser exclusivamente meu.

Por isso, faço um pedido: não me peçam para tocar sem trazer nada. Acho extremamente desconfortável ter de abordar esse assunto, cobrar equipamento ou perguntar o que cada banda está disposta a oferecer. Tocar é uma coisa; organizar as condições para que o show aconteça é outra. E não dá para fingir que a segunda não custa dinheiro.

Quanto a trazer amplificadores e aparelhagem, há quem sempre tenha compreendido a situação. Banda Mais Lama, Durangos da América, Marcianita, Tiago Rabelo, Tutu e Corte Seco bancaram seus shows. São exemplos de gente que entendeu que fazer acontecer também exige participação concreta.

E há, evidentemente, os convidados que arrastam seus amplificadores pelo Cerrado, vindos até do Entorno, carregando equipamento, disposição e vontade de tocar. Essa colaboração tem um valor enorme. Não se trata de transformar o palco numa competição de quem possui o melhor equipamento, mas de reconhecer que ninguém deveria carregar sozinho o peso de uma produção coletiva.

É isso que quero dizer: até mesmo o proprietário de uma casa de shows comercial, que ganha dinheiro com a atividade, muitas vezes afirma que não pode bancar o mecenato. Imagine, então, o tamanho da conta para mim, que não tenho lucro com a produção e ainda preciso tirar dinheiro do orçamento doméstico para manter a estrutura funcionando.

A conta é alta demais para ser tratada como se fosse apenas uma brincadeira entre amigos.

Não quero aplausos por fazer o que faço, nem pretendo transformar dificuldades em medalhas. Quero apenas que se compreenda a realidade. A independência tem seus encantos, mas também tem boletos, equipamentos quebrados, peças desaparecidas, empréstimos, aluguéis e uma porção de responsabilidades que não aparecem nas fotografias do evento.

Se alguém quiser se manifestar, discordar ou me mandar tomar no cu, fique à vontade. É um direito que eu também tenho. E, se eu aceitar qualquer contestação, não posso depois fingir que ela não aconteceu. Caso contrário, estaria sendo hipócrita e irracional.

Estou cansado de bancar sozinho aquilo que deveria ser uma construção coletiva.

Talvez seja hora de rever os termos dessa relação. Não necessariamente abandonar o rock, mas deixar de confundir paixão com obrigação de pagar a conta de todo mundo.

Porque o rock pode ser feito na raça, na amizade e na improvisação. Mas amplificador não funciona com aplauso, microfone não se conserta com curtida e bateria não se recompõe com discurso.

A independência custa caro. E chegou a hora de todo mundo entender quem está pagando por ela.

Você nem pode comprar um livro de 20 reais na frente dos seus colegas

Esse lance de rock'n'roll tem que ser mais curtido do que divulgado. Vai que a coisa se torna traumatizante? Vai que aqueles que sempre respondem "no próximo eu vou" resolvem aparecer de verdade? Já me aconselharam a não ficar muito odara, a segurar a onda, a não me empolgar demais. Vai saber.

Hoje foi um dia chato. Teve reunião, e eu disse que todos os servidores deveriam ser tratados da mesma maneira. Também disse que queria uma licença-prêmio. Não estou nessa de moralizar o serviço público, muito menos de cantar de galo. É só você cobrar alguma coisa de um servidor e logo escuta: "Pega leve, não é assim, não".

O serviço público é um eterno faz de conta. A frase que mais ouço é: "Não aguento mais, quero me aposentar". São 28 anos de falta de perspectiva. Eu também quero ser chefe! Passa o manto, minha gente! Cadê o rodízio? Ou a chefia virou propriedade particular, um trono vitalício reservado aos mesmos de sempre?

Depois fui ao BRB. Para variar, o sistema estava lento. Só depois de meia hora um servidor resolveu fazer um comunicado. Enquanto isso, eu falava, reclamava, insistia. O caixa chegou a apertar o botão do pânico. Não sei se era para controlar a situação ou se eu já tinha virado uma ameaça ao bom andamento daquela ópera bancária.

Na gerência, um cliente, ao celular, mandou-me para o inferno. Respondi que procurasse um lugar reservado para terminar a ligação. Tenho 28 anos de conta naquele banco e não estava disposto a ficar ouvindo desaforo de quem parecia acreditar que o espaço público era extensão da própria sala de estar.

Depois de passar pelo terceiro administrador, meu cartão continuava sem chegar. Perguntei até que data seria possível desbloqueá-lo. Resolvida essa etapa, disse ao homem que eu era um sujeito experiente e sabia que aquele era o único caminho. Mas, meu Deus, como foi longo!

O BRB sacaneia seus clientes preferenciais, mas também esmaga aqueles clientes humildes, maltrapilhos, que não têm voz, influência ou disposição para enfrentar a máquina. E é justamente desses que eu tenho mais pena: dos velhinhos, dos clientes com a idade do meu pai, que precisam de um atendimento digno e acabam submetidos à lentidão, ao descaso e à humilhação.

No fim das contas, parece que tudo funciona assim: no rock, você não pode se entusiasmar demais; no serviço público, não pode cobrar demais; no banco, não pode reclamar demais. Em todo lugar alguém aparece para recomendar que você segure a onda.

Mas segurar a onda até quando?

A nova cena

A nova cena da capital federal acenou nas páginas de Retrato Brasília, livro de capa dura, editado em 2015 e patrocinado pelo **Banco do Brasil**. Mas é na Brasília de agora,

espalhada por diferentes territórios, que a nova cena musical e cultural mostra suas muitas caras.

No Conic, aDente movimenta uma das frentes mais novas e diversificadas, com sua Feira de Publicações e o zine Objetus Lúdicus Antimatéria. Haynna me falou da nova geração de cantoras que vem ocupando a Casa Ipê, na Ceilândia. E, nessa cartografia sonora, encontramos o Túnel do Tempo, o Tapera, o Roberto Garagem, o Forte Cultural, o **Ragnarok**, o Toinha, o Red Saloon e, lógico, o Samamba Rock.

No Guará II, o Zepelim é outro bar de rock que vem abrindo espaço para mostrar a nova cena musical. Os alunos de cinema da UnB realizam seus curtas, enquanto a Lombra Records prensa os novos vinis. Nas lojas de discos, Givaldo, Dom Pedro e Modern Music mantêm a circulação de CDs e as novidades do mercado musical.

O programa Distrito Cultural e as rádios na internet também fazem parte desse mosaico: Brockado, Maionese Alternativa, ZoomMusic, 4 Tempos, Web Zone Rádio, Cult 22 e Rádio Federal, de Cristiano Porfírio. Soma-se a esse movimento o músico-jornalista Devana Babu, com seu movimento Buraco de Minhoca e sua participação na revista Traços.

Tem ainda o Rock na Ciclovia e, novamente no Guará, o Estúdio Formiguero, apresentando as bandas mais novas e pesadas da cidade.

Acho que é isso que vejo como uma nova cena: multipartida, multitalentosa, espalhada por espaços, linguagens, gerações e iniciativas independentes. Cada qual no seu quadrado, fazendo seu barulho, produzindo, tocando, filmando, publicando, prensando discos e inventando maneiras de continuar. Mas, se tudo isso estiver junto e misturado, aí teremos, de fato, uma nova cena diversificada — sem dono, sem centro único e sem a obrigação de caber numa só definição.

E, se ainda se lembrarem de Mário, Tomaz e **CDC**, o mundo continuará valendo uma valsa rebelde.

O livro que provocou esta explanação me foi presenteado pelo amigo Jorge Dupan.

3 de novembro

Nesta sexta, às 15 horas: rock'n'roll!

Teremos um pré-rock. O que é um pré-rock? Você liga a guitarra e acende mais botões do que uma árvore de Natal.

Sou bipolar há 53 anos. Então, não acredite em nada do que eu digo ou escrevo.

Queria ser normal como os outros, mas preferi ser um anormal. Queria escrever Welcome to the Sabbath, mas, como não acredito, escrevo: venha pra vassoura!

O dia em que eu tiver que corresponder às expectativas dos outros, vou me separar. Vou exercitar a liberdade, e o combustível fundamental é acreditar.

Eu acredito que o jogo será amanhã, às 15 horas. Se os jogadores aparecerem, o time vencerá.

Não sofro mais por antecipação: encho a cara e vou dormir.

Também tenho problemas. Estou há mais de um ano em depressão. Com o tamanho da minha barriga, nem uso mais short e durmo todas as tardes. Quero ir ao dentista e fico protelando.

Faço rock porque fico limpando a varanda e pensando nisso.

Acho que o rock virou um bundão sossegado, esperando que eu carregue o barco nas costas. Se achas que eu falo muito, faça as coisas que eu faço!

Mas continuo acreditando. Só que tem que ser dessa forma, pois menos gente se fode.

Se curtiu, aperta o botão de descarga!

4 de novembro – Mostra Íntima: LucyFê, Henrique Behr, Marcelo Marcelino, Banda Ser, Muskga, Sunburst, Lud Mim e tributo a Raul Seixas
A cobertura reúne comentários sobre cada apresentação e revela a intenção de aproximar folk, música autoral, hard rock, psicodelia, reggae e improvisação. O texto tem observações específicas sobre LucyFê, a gaita de Henrique Behr, a Banda Ser, Muskga, Sunburst e a jam final. É material importante para a memória das noites da casa.

5 de novembro
Pelejar o futuro, jogar o jogo, bola pra cima. Se eu for cuidar do canteiro de morangos, estarei em **Abbey Road**. Serei a sexta pata peluda do meu cão andando comigo na coleira. Destino? Um só: o sol.

Quando a gente é jovem, pensa: se eu fosse fazer, seria tudo diferente. E tudo soou diferente. Minha mulher tascou: – Miscelânea! Acho que ela gostou.

Tudo será assim: rígido, domado e controlado. Tudo tem custos, nada mais de desperdício. E é lógico que existem os apoiadores.

O rock será livre, será permitido gozar. O ano perigoso se aproxima. Quero estar livre de cartilhas, de contratos. Eu andava bunda-mole. Acordei. Eu não acordo de mau humor; fico de mau humor depois.

O bom do rock é que ele não é o saco do serviço. Vamos resguardar as diferenças de idade. Não irei mais obedecer à cartilha de ninguém. Basta de doidão. Doidão agora sou eu.

Também vou queimar o meu sutiã.

I'M FREE!

6 de novembro
Todo dia enfrento o leão do martírio. Hoje, estou na pele dele. Levantei às seis da manhã, abri os olhos, escovei os dentes e voltei para a cama. O que leva uma pessoa a sair da cama nesse horário para ir trabalhar? Existe uma conspiração contra mim no serviço, pensei.

Mais tarde, finalmente saí da cama e fui realizar algumas tarefas com o jardineiro (foi estressante): carregar cadeiras, escorar e esticar varal, transportar bancos e proteger caixas de som. Pelo menos, abriu o apetite.

À tarde, chegou um professor de artes com um pássaro preto na mão, que havia tomado de uns meninos. Foram arrumar um ninho.

Pô, meu irmão! Todos os dias dou de cara com um artista sentimental e deprimido... PQP!

Voltando à coleção do **Led Zeppelin**: todos foram ouvidos e comprados. Mas e esses da terrinha? Quem ouviu?

Piração de coquetel Molotov! Led Zeppelin não vai salvar a pátria. Falta educação, faltam instrumentos, falta ação, falta legado.

Curtir uma banda que liberava o orgasmo em alto e bom som nos ouvidos, num mundo eurocêntrico, imperialista, ianque e sem repressão, é uma coisa. Mas Led Zeppelin no Brasil é seguir pelo mesmo caminho dos hippies brasileiros, que jamais chegaram ao nirvana: foram frustrados ou eliminados pelo caminho.

Led Zeppelin é muita alienação — uma atração de Terceiro Mundo na capital modernista.

7 de novembro

Jesus! Em nenhum momento critiquei a banda original Led Zeppelin. Critiquei, sim, a falta de método nas interpretações de suas canções por bandas covers brasileiras. Falta teatralização, aparelhagem e, sobretudo, uma compreensão do que está sendo apresentado.

Uma recordação: em dezembro de 1976, fui à banca e comprei a revista *Pop*

12 de novembro

A bipolaridade pode provocar comportamentos antissociais, e os sintomas se intensificam no trabalho e na vida social. Quando a pessoa está sobrecarregada, o corpo emite sinais. Tomei umas seringadas nas veias do antebraço e da mão. Estou okay! Minha pressão está ótima. O que realmente enche o saco é ter de lidar com homem mimado.

22 de novembro — Dia dos Músicos, os tais "musgos"

Hoje é Dia dos Músicos, os tais musgos que insistem em brotar nos terrenos mais improváveis, apesar da falta de água, de adubo e, sobretudo, de reconhecimento. Nem preciso dizer que a maioria dos músicos que conheço é gente simples, gente que, neste exato momento, deve estar correndo atrás de pagar as contas, acertar o aluguel e descobrir de onde tirar o dinheiro para continuar fazendo aquilo que ama.

O Do Próprio Bol$o, esse canal artístico-musical-espiritual-lisérgico-de-belas-artes, caminha ao lado dessa gente desde 1982. São décadas de convivência, sons compartilhados, encontros, desencontros e experiências que não cabem em release, planilha ou discurso de ocasião.

Hoje não vou especificar os ativistas da própria causa. Não vou lembrar dos insistentes, dos que só aparecem quando lhes convém, nem falar das diferenças irreconciliáveis que, de vez em quando, transformam parceiros de estrada em completos desconhecidos. Há dias em que o silêncio também é uma forma de respeito — ou de economia de saliva.

Hoje proponho uma garrafa de vinho, o velho cigarro elétrico, a aparelhagem ligada e os microfones abertos. É o que posso oferecer. Não sou sindicato, bar, emissora de televisão ou hotel. Não tenho estrutura para resolver a vida de ninguém, pagar cachês universais ou garantir que o artista chegue ao fim do mês sem precisar fazer malabarismo com as contas.

Tenho o que construí ao longo do caminho: um espaço, alguns equipamentos, a memória de muitos encontros e a disposição de continuar abrindo as portas para quem ainda acredita que a música merece ser vivida para além dos aplausos e das fotografias.

Aos músicos que conheci, aos que continuam na batalha e aos que já não estão entre nós, deixo meu brinde. Paz, longa vida e que nunca falte coragem para tocar mais uma vez, mesmo quando o mundo parece não estar nem aí.

Porque a estrada é dura, os atalhos são poucos e, às vezes, a gente pedala para lugar nenhum.

It's a hard road to nowhere.
Paz e longa vida aos musgos do rock'n'roll!

Hoje é Dia do Músico, dos tais "musgos". Nem preciso dizer que a maioria dos músicos que conheço é gente simples, quase sempre correndo atrás de pagar as próprias contas.

O Do Próprio Bol$o, esse canal artístico-musical-espiritual-lisérgico-de-belas-artes, caminha ao lado deles desde 1982!

Não vamos especificar os ativistas da própria causa. Não vamos lembrar dos insistentes, muito menos das diferenças irreconciliáveis. Hoje não.

Hoje proponho uma garrafa de vinho, o velho cigarro elétrico, abrir a aparelhagem e ligar os microfones. É o que posso oferecer. Afinal, não sou sindicato, bar, televisão ou hotel.

Paz e longa vida! E sem reclamações.

It's a hard road to nowhere. Chega de bipolaridade, chega de bomba atômica no Texas, chega de carta aberta, chega de fotos de discos! Vinte anos depois, Straight Up, do Badfinger, voltou para ficar. Hoje, prefiro os LPs aos CDs — cortesia emocional da Alternative Discos.

26 de novembro — Salve os blues!

Facebook é pouco inspirador. Você atira uma bunda e, na sequência, mais bundas serão atiradas. Os comentários são covardes. Vivemos uma vida de covardes, embora algumas pessoas ainda estejam livres para suar, para se expor, para fazer alguma coisa além de assistir ao espetáculo da própria insignificância. Não sou dono nem mercador da verdade. Sou apenas mais um na luta diária, tentando não capitular diante da mesmice.

Estou com nojo da alienação, do oportunismo e dessa mania de transformar tudo em conveniência pessoal. Ou você capitula e toma conta das dívidas, ou acaba esgotado. E tem mais: quem faz alguma coisa não é necessariamente perseguido. É ignorado. O silêncio é uma arma eficiente, principalmente quando ninguém precisa sujar as mãos para fingir que você não existe.

Nessas rixinhas do Guará, prefiro me calar. Não por concordância, mas para não acabar agredido fisicamente. A fidelidade à amizade não custa nada, desde que não exijam de mim a renúncia àquilo em que acredito. Amizade não é procuração para invadir a casa alheia, muito menos salvo-conduto para desrespeitar quem abriu a porta.

Eu queria deixar uma coisa bem clara: não gosto de traficante e não gosto que queimem fumo na minha casa. Ponto final. Essa é a minha lei. Posso, às vezes, tolerar. Mas tolerância não é concordância, e muito menos obrigação de engolir qualquer coisa.

Certa vez, resolveram fazer um salão psicodélico na minha casa. Até aí, tudo bem, cada qual com suas viagens. Mas soltaram um flyer com um horrendo Syd Barrett virado, derramando uma gota de LSD na guitarra. Jesus! Pra quê isso? Qual é a ideia? É essa a imagem que passo? Fiquei preocupado. E, para completar, publicaram o endereção da minha casa.

Pensei nos vizinhos, pensei no síndico chegando com aquela conversa: “Olha, Mário, o que você atrai!”. Baixei a cabeça. As bestas da direita e do rock me infernizavam, cada qual com seu arsenal de certezas e provocações. Então fui lá, empunhei a espada de Jorge e domei o dragão. Porque uma coisa é o rock, outra é transformar a casa dos outros em território sem lei. Contracultura não significa ausência de limites.

Outro dia, Alcir apareceu por aqui. Jamais havia pisado os pés na minha casa. Saiu de dentro do carro com um baseado sendo apertado. Virei de costas para não dizer nada. Preferi o silêncio, aquela velha estratégia de quem já percebeu que certas conversas não levam a lugar algum.

Alcir voltou na terça, na quarta e, na quinta, fui fazer um churrasquinho para o Paulinho. Trabalhei na sexta-feira. Vida normal, compromissos, carne na brasa, trabalho no dia seguinte. Nada de extraordinário. Apenas a vida acontecendo, com suas pequenas alegrias e suas grandes contradições.

Pois Alcir achou de aparecer novamente na sexta-feira. Foi avisado:
— MÁRIO TÁ DORMINDO!

O caseiro riu.

Acordaram-me, tiraram-me da cama e, mal abri os olhos, veio a proposta:
— Vamos fumar?

Respondi com a delicadeza que a ocasião exigia:
— Vá fumar na puta que o pariu, que eu vou dormir!
Sou louco? Então, sim, sou.

Louco por querer dormir na minha própria cama. Louco por não querer fumaça dentro de casa. Louco por achar que amizade exige respeito, que hospitalidade não é submissão e que ninguém precisa aceitar tudo para provar que é do rock.

Salve os blues! Porque o blues conhece a dor de quem engole sapos, a solidão de quem não se curva e a ironia de continuar de pé quando o mundo inteiro parece conspirar para fazer você dançar conforme a música dos outros.

Minha casa não é território de ninguém. Meu silêncio não é consentimento. E minha loucura tem endereço, limites e chave própria.

A vida todinha

A vida todinha eu tinha que explicar o que estava fazendo. Puta merda! E sempre duvidavam do sucesso. Eu ria, ria muito, e pedia para todo mundo rir também. Quase sempre havia um que retrucava:
— Eu não sou idiota!
Aí é que a gente ria mesmo!

Lá no Rio, duvidaram da penetração da minha coluna. Pois receberam uma carta tão esporrenta do maior fã-clube dos Beatles que, até hoje, o documento está comigo. Era uma resposta à altura, dessas que não deixam pedra sobre pedra. Eu dizia que o tio de John Lennon estar bêbado como uma mula não tinha importância nenhuma. Era coisa da fleugma dos ingleses, aquela maneira peculiar de atravessar o ridículo sem perder a pose.

E assim a gente ia levando, entre desconfianças, provocações e pequenas vitórias que ninguém anunciava no jornal.

Certa vez, resolveram mostrar um zine meu ao pessoal da Rock Brigade. Quase rasgaram o sujeito que levou a publicação. Eu havia tirado uma matéria de lá, e aquilo pareceu uma afronta imperdoável. Então respondi, com a tranquilidade de quem já conhecia o terreno:
— Quem quis brincar com tigres e leões foi você. Eu avisei!

Aí o cara começou a botar fé na publicação. É engraçado como as pessoas mudam de atitude quando percebem que o sujeito não está brincando de fazer aquilo que faz. Enquanto você é apenas um maluco com um fanzine debaixo do braço, podem rir, desconfiar, desdenhar. Quando percebem que existe uma história por trás, que há pesquisa, atrevimento e disposição para enfrentar os figurões, começam a prestar atenção.

O **Black Sabbath** era uma legião em que parecia proibido dizer qualquer coisa. Só eles podiam falar: os fãs oficiais, os fãs de verdade, os guardiões da chama, os proprietários da razão. Sempre havia alguém disposto a medir a devoção alheia com uma régua invisível, como se gostar de uma banda fosse uma prova de obediência a ser cumprida diante de um tribunal.

Eu sempre me saí bem nessas situações. Afinal, sou fã dos Beatles.

E uma das coisas mais estranhas que alguém poderia ser em 1980 era justamente fã dos Beatles. O mundo do rock tinha suas trincheiras, seus códigos, suas rivalidades e suas patrulhas ideológicas. Havia quem considerasse os Beatles coisa do passado, música para gente comportada, enquanto o rock pesado reivindicava para si a verdadeira credencial da rebeldia.

Mas eu não precisava escolher um lado para agradar aos outros. Os Beatles estavam na minha formação, na minha cabeça, na minha maneira de entender a música e o mundo. Não ia renegar isso para receber um certificado de autenticidade de quem quer que fosse.

Passei boa parte da vida explicando o que fazia, defendendo o que publicava e ouvindo gente duvidar do resultado. A diferença é que continuei fazendo.

O tempo é um sujeito engraçado: quem ontem duvidava, hoje pode estar folheando aquilo que tentou desqualificar.

E o fanzine, esse pedaço de papel feito na raça, continuava circulando, provocando e abrindo caminhos. Não precisava de autorização, nem de carimbo, nem de uma bênção dos donos do rock.

Eu tinha os Beatles, tinha minhas ideias e tinha uma vontade danada de publicar. O resto era conversa.

E conversa, como aprendi muito cedo, a gente escuta, ri e segue em frente.

Sabbath, sangue e desejo

Os discos do Black Sabbath que mais venderam no Brasil foram Sabbath Bloody Sabbath e Sabotage. Muita gente tinha o compacto duplo com a capa de Bloody. Eu achava aquilo medicinal, uma transfusão de sangue. Esse negócio de sangue, o medo do fim da vida, me assustava.

Descolei aquele disco duplo de 2006. E a melhor música do Black Sabbath não é deles: é “Evil Woman”.

Quando ouvia os discos da banda, dava graças a Deus porque o pessoal de casa não entendia inglês. Tive muitos discos deles, discos que atraíam multidões. Depois, troquei tudo para me livrar daquele peso. E isso também era um bom marketing: o cara tem o disco, mas passa adiante.

O inglês dos anos 1970 era mais devagar. Eu ficava repetindo desire, desire: “Esta é uma canção sobre desejo carnal, sexo!”. Precisava insistir para convencer as pessoas a me deixarem curtir o som.

Depois apareceu Edvar, o sujeito que sabia inglês muito bem e conhecia todas as letras de todos os discos, na ordem dos lados.

A Rocinha

Geralmente, reclamam que estou sempre no meu mundinho. Então, reproduzo falas da vida deles e mostro pequenos detalhes da casa.

Minha mulher reclamou:
— Você deixou a chácara de lado e agora só faz rock.

Prometi a ela uma nova quadra na chácara, um espaço renovado. Em uma semana de trabalho pesado, surgiu a Rocinha.

Manel, o jardineiro, ria como uma manga sem caroço. Meus filhos estavam perplexos; minha mulher, satisfeita.
– Agora é com vocês. Vou voltar para o meu mundinho.

Quando limpei a última borda, deixando aparecer o solo original, até o medidor do lençol freático ficou chocado.

Eu tinha assinatura da Globo Rural e ficava puto porque roubavam as revistas da caixinha do correio, a apenas 300 metros de distância. Já era um milagre conseguirem entregar correspondência ali.

A **Embrapa** é legal, mas você precisa ter muito espaço para trabalhar com cultura extensiva. E, como tudo que vem do governo, há burocracia.

Andei por muitos viveiros. Uma vez, comprei mudas da Mata Atlântica de Minas Gerais. Quando o sujeito veio entregar, disse:
– Vendo tudo o que tem lá pra você, barato!

Vou ao Nordeste e trago castanhas de buriti, que sempre me lembram de Glauber.

Plantamos uma vereda que deu problema pra cabeça.

O melhor negócio da chácara é o caseiro. Eles sabem os nomes dos pássaros, conhecem as plantas e sabem fazer o manejo. Afiar a enxada, acabar o machado... Eu tenho outras técnicas, com minhas loucuras. Eles passaram a acreditar. Foi um longo caminho, levando luz e água para tudo aquilo. Nisso, meu pai era melhor do que todos nós juntos.

Assim como meu pai, meu filho sempre responde:
– Meu pai tá ocupado.

27 de novembro – A fatura do rock

Tava a fim de um picote. A mão áspera já não segurava mais a onda. Um amigo louco, em cima da bicicleta, me mostrou a cueca ejaculada, dizendo que estava copulando. Eu estava arrebentado de tesão, completando um ano sem dar uma.

Estou virando viado?

Minha mãe vivia dizendo: "Filho, sai de casa um pouco!" Eu era dado a essas paranoias. A única droga que a minha cabeça segura é o álcool. Minha bipolaridade está no talo e se manifesta quando não consigo fazer o que quero. Aí tenho que tomar cuidado, porque, de repente, todos viram meus inimigos. É triste esse sentimento de impotência.

Mas e agora? Virei doidão! Virei vocês, e isso me fez bem. Quer dizer: estou mais livre, mais irresponsável. Agora posso concordar com vocês, porque estou doidão no mesmo nível. É careta quando só você é careta.

Estou me achando Dalí, Salvador Dalí. Agora até aponto os dedos e faço sinal do diabo. Tudo é uma piada. O rock é uma piada! Chega de segurar o firmamento e lutar contra a vontade do mundo.

PQP! Tô a fim de falar com ninguém.

No início do mês, dois pestinhas deixaram o holofote ligado a noite inteira, atravessando a madrugada e chegando até as cinco da tarde. O banheiro tem vazamento. Resultado: economia de guerra durante o mês inteiro e aquela aflição com as faturas.

– Ah, todos passamos por isso!

Passamos, sim. Mas a lealdade ao rock, a doação, tem seu preço: reparos, cabos, tês e toda essa infraestrutura que ninguém vê quando a música começa. O rock depende de dinheiro. Não existe rock sem dinheiro. Mas você precisa se ligar: as pessoas montam

uma economia, uma cooperativa, um jeito de funcionar para não serem exploradas pelos outros.

O rock comigo, agora, é arte exponencial. Tem seus algarismos, sua matemática, uma ciência quase perfeita. E rock em que você não se fode não é rock coisa nenhuma!

Esse modelo de papai montou o estúdio, todo mundo apareceu e a festa aconteceu nunca foi a nossa realidade. Não dá mais para viver de canja de galinha, de favorzinho, de boa vontade alheia. A conta chega, o equipamento quebra, a luz fica acesa, o banheiro vaza e alguém precisa pagar.

A fatura do rock.

Doações e retribuições. Porque a independência também tem suas despesas, e a conta de quem faz tudo Do Próprio Bol$o não pode ser empurrada eternamente para debaixo do tapete.

28 de novembro – A gasolina está muito cara

Hoje cedo saí de casa para comprar feijão. O dinheiro que levei não deu para nada, e fiquei na mão. Cheguei à conclusão: é preciso jogar na loteria!

A gasolina está muito cara. Vou andar a pé!

De manhã, fui olhar o extrato bancário, na esperança de tentar um rock. Aí pensei: é melhor deixar a mixaria para colocar gasolina. O carro já não pode nem sair da garagem.

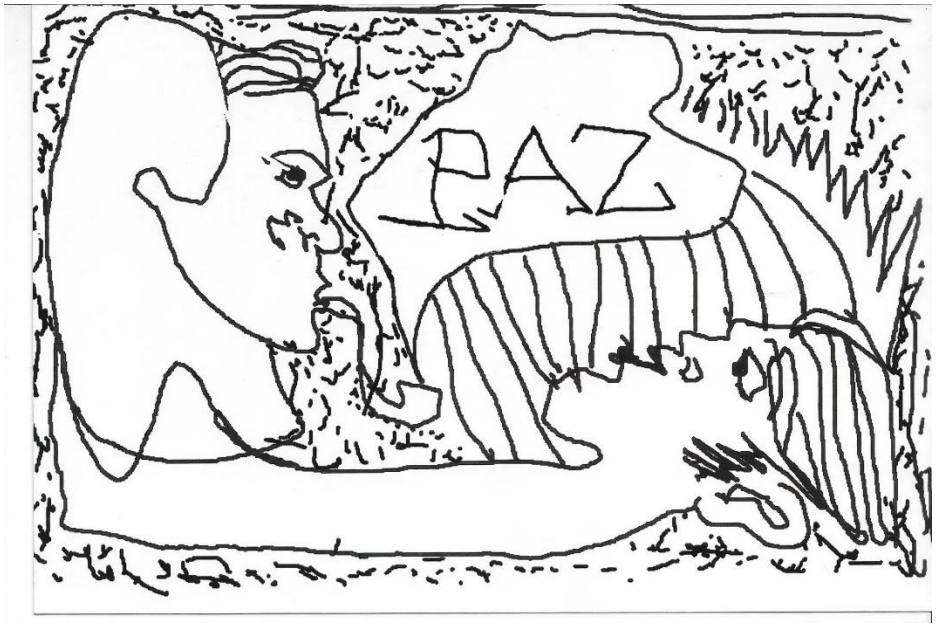
Eu queria ser como Tobias, que não esquenta nada – nem a panela da própria casa. Não pensa nem em botijão de gás. Tobias se acha muito legal porque paga a cerveja dele, mas vive escorado: é um eterno zero a zero.

Amanhã tem show da Lú. Tobias é um cara amado, legal, fica do lado de fora do bar pulando e curtindo para não pagar o couvert. Depois reclama que ninguém paga couvert no show dele. Ensaiou no século passado, mas aqui na rede fica convidando todo mundo para o show e nem sabe quem vai tocar com ele.

Depois Tobias diz que o maluco sou eu. Amigo, não dá para falar de orçamento com você: sua vida é um lar de maravalhas.

Conheço Tobias desde menino, chegando irremediavelmente bêbado, apertando um baseado e falando: “Rock'n'roll é assim”.

Menino Tobias, eu quero que você vá tomar café.



3 de dezembro – Paz é verde

Acho que preciso fazer uma revisão das minhas palavras. Mas, antes, talvez seja melhor fazer uma revisão das pessoas. Tenho meus problemas terríveis e jamais venho despejá-los aqui, como quem abre a torneira de um esgoto emocional. Às vezes, sou didático até demais. "Vou ter que comprar uma bazuca?" Quantas vezes já repeti "estou morrendo de medo" ou "ah, vou deixar você fazer o que quiser comigo"? Não gosto de briga. Aprendi, a duras penas, que o melhor combate é aquele do qual conseguimos nos esquivar.

O rancor é um desagrado que se instala sem pedir licença. Essa falta de prazer, esse azedume permanente, vai minando a amizade por dentro. Vivemos um tempo de descontentamento, em que parece mais fácil cultivar ressentimentos do que encontrar motivos para dar uma boa gargalhada. É incrível como, apesar de tudo, AINDA encontramos bons amigos aqui no Facebook. Gente que aparece sem cobrar pedágio, que chega para somar e que nos devolve um pouco da vontade de continuar.

Combinaram uma infecção com uma gripe e eu ainda não acredito que não estou curado. Meu organismo parece ter entrado numa greve por tempo indeterminado. Mas há boas notícias: são vinte dias sem cigarro careta! E tomei uma decisão importante: não frequentar lugares propícios ao álcool e ao cigarro. É bom, véi! É bom sair do raio de atração daquela gente encabulada, baixo-astral, que parece carregar uma nuvem negra sobre a cabeça e fazer questão de compartilhá-la com todo mundo.

Agora converso com os gatos e balanço o rabo. Pelo menos eles não me cobram explicações, não fazem reuniões para discutir minhas contradições e não exigem que eu esteja de bom humor quando o mundo inteiro parece conspirar contra a minha paz. Os gatos têm lá suas manias, eu tenho as minhas, e assim vamos convivendo, cada qual respeitando o espaço do outro.

Por mais ranzinza que eu seja, recebi a visita mágica de dois guitarristas. Dois sujeitos com suas guitarras, seus efeitos, seus volumes e aquela disposição de fazer o som acontecer sem precisar transformar tudo num acontecimento monumental. Isso me fez pensar que a música não precisa de uma vitrine para existir. O som pode nascer de

uma conversa, de uma tarde qualquer, de um encontro inesperado entre pessoas que ainda acreditam na força de tocar.

O som não é uma vitrine. A festa não é uma vitrine.

E a arte, muito menos, pode quebrar minha conta bancária. Já basta o preço de estar vivo, de manter a casa funcionando, de pagar as contas e de tentar conservar a cabeça no lugar. Não quero transformar cada gesto artístico numa operação financeira, cada encontro numa obrigação e cada amizade numa prestação de contas. Há momentos em que o melhor investimento é simplesmente não gastar energia com aquilo que nos faz mal.

Quero um ar de férias, um ar de liberdade, a sensação de não precisar provar mais nada a ninguém. Quero essa deliciosa irresponsabilidade de andar sem cuecas, com a bermuda furada no centro da capital, sem me importar com o olhar dos passantes ou com o julgamento dos fiscais da normalidade.

Chega de representar. Chega de posar. Chega de tentar convencer os outros de que estamos bem quando tudo o que precisamos é respirar.

PAZ É VERDE. É o verde da esperança, da renovação, daquilo que volta a brotar depois que a gente deixa de pisotear o próprio terreno. É também o direito de dizer não, de escolher as companhias, de fechar a porta e de descobrir que o mundo não acaba porque deixamos de frequentar determinados lugares.

Estou aprendendo a fazer essa revisão: menos rancor, menos fumaça, menos obrigação, menos gente querendo mandar na minha vida.

Mais gatos, mais guitarras, mais amigos de verdade.

E, se possível, nenhuma vitrine.

A paz também é uma forma de contracultura.

4 de dezembro — A fúria tem nome

A reflexão é um enorme buraco por onde voa merda. São 36 anos de rock aliados à bipolaridade. Se fosse em Deus, eu seria fanático; se fosse no dinheiro, seria milionário.

O rock tinha aquela coisa de delinquente com cartão de visitas, de ser conhecido e admirado. Ah, estávamos no rock’n’roll pelo álcool, pela amizade, pelo ato de barbarizar.

Eles me olhavam e me chamavam de maconheiro. Eu mandava tomar no cu: — Vive comigo? Me sustenta? VA-GA-BUN-DO!

Ah, mandei muita gente boa tomar no cu. E o melhor de tudo é que eles pensavam duas vezes antes de me ferir. Amenizavam o discurso: “Ele é louco”.

Enquanto isso, eu fazia zines, livros, CDs e sites, sem subsídio.

Não me arrependo. A única coisa que posso dizer é que fazer rock durante 36 anos é um pau no cu — e a gente acaba se acostumando.

A fúria tem nome: Do Próprio Bol$o.

E vá se foder! Enfie no cu seus CDs com logomarca do FAC!

5 de dezembro

Sempre com o custo atrelado ao salário.

Neste ano de 2017, aconteceram em nossa casa 50 shows: Enlatado Blues, Antimácula, Red Zones, A.R.D., Sapiens, A Banda Mais Lama da Cidade, Weslei Lima, Edu K e Gérson Deveras, Sérgio Fonseca & Ayla Serena, Corte Seco, Duodemo, Hellen Aquino, Cleiber Mota, Beer Head, Bartô Blues & Lu Blues, Irmão Victor, Corte Seco, Cromus, Banda Ser, Terno Elétrico, Barbarella, Bleyvs e Os Paladinos, Luca Teixeira, Durangos da América, Lud Mim, Metrópole Locomotiva, Felipe Zucco & Blues Band, Osmose, Cascabulho Blues, Indigentes & Indecisos, Fernando Juka, Betto Tutu & Izabel Tutu, César de Paula, Cleíton 'Roots', LucyFê, Henrique Behr (Alemão), Marcelo Marcelino, Muskga, Sunburst, Tributo a Raul Seixas, Tiago Rabelo e Rubens Carvalho, Wálter Muganga.

11 de dezembro

Estou no jogo há muito tempo. Um jogo longo, daqueles em que o resultado jamais será positivo. Uma operação clandestina de informação, alvo da **CIA**, da KGB, do MI6 e do **G2**. A terra da paranoia, das ideias de ficção, do faz de conta, de toda a tortura e de toda a beleza dos LSDays dos anos 60.

Isso não tem preço. E nem precisa de mídia.

O site vive por conta própria. Só preciso pagar pela hospedagem. Foram sete anos de zines de papel (1982–1989), seguidos por mais quinze anos de zine virtual (desde 2003...). Vinte e dois anos de fanzine, feitos com gosto de sangue na boca do morto.

Em cena, a guerra das vaidades e dos egos.

A filosofice de passar a perna em sapo

O ano político de 2018, aqui na satélite, já começou – e começou capenga. A política cultural também não se mostra muito promissora. Foi minha filha quem me deu o toque: "Pai, você hoje em dia curte mais o patchouli da contracultura. O senhor perdeu o contato com o social."

É, eu estava acomodado nos sonhos confortáveis dos hippies velhos e quase aposentados quando, de repente, deu merda na pátria. E isso me jogou de volta no meio da confusão.

O que quero dizer é que as pessoas que estão atirando contra os movimentos culturais estão, na verdade, atirando nos próprios pés. Porra, para corrigir esse vacilo, esse descuido, serão necessários outros carnavais. Mas me parece que uma candidatura que não ouve o povo, nem conhece sua realidade, acabará caindo por terra. Companheiro, você começou muito errado sua candidatura a deputado distrital.

E, atropelando o viés da acomodação, a gente entrará mais cedo em cena para preservar as ações culturais dignas, presentes e operantes. A política cultural no Guará é marcada pelo conluio, e essa contaminação também atinge os candidatos. Azar o deles – e nosso também, porque teremos de trabalhar ainda mais para garantir o mínimo que esses movimentos conseguiram construir e demonstrar até aqui.

Filosofice é o ócio da filosofia. Aleturgia são os exercícios da manifestação da verdade. E, no meio disso tudo, uma análise da conduta como ação política. Pode parecer coisa de doido, mas são esses os reflexos que me ocorrem quando escrevo sobre inatividade: a falta de ação ou de atuação do funcionário público que, por disposição legal ou por motivo de aposentadoria, se encontra afastado de suas funções.

É nessas coisas que fico pensando. “Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas.” Estou muito interessado em saber por que artistas, trabalhadores e até mesmo políticos não gostam de ser comparados a vagabundos. O que será que essa palavra ameaça em cada um deles? A reputação? A importância social? A imagem de gente que está sempre fazendo alguma coisa?

Mário escreve pela manhã, mastigando.

Filosofice: Eu também acho que as pessoas se consideram tão especiais que acreditam que tudo deveria ter caído do céu!

12 de dezembro – O culto aos LPs das 12 faixas

Existiu uma ordem secreta batizada de CULTO AOS LPs DAS 12 FAIXAS. Para entrar nela, era preciso fazer um sacrifício. O meu foi um duplo pirata do Led Zeppelin, Live at Knebworth ’79, perdido para sempre no pântano da sacanagem.

Conheci meia dúzia de colecionadores de LPs da cidade, entre eles Renato Manfredini Júnior, mas ninguém chegava perto de Mário Beethoven.

John Licurgo Bôceta, aka Zé Bôceta, queria competir na disputa pelos LPs encantados, que ele chamava de vinis. Mas jamais conseguiria os LPs mágicos do Black Sabbath. Zé Bôceta teve que ir aos Estados Unidos para conseguir uma cópia de Live at Last, deles.

Nossos discos eram sempre de primeira prensagem, capas duplas, encartes e selos diferentes. Zé Bôceta também jamais teria os primeiros compactos do punk nacional nem o LP O Começo do Fim do Mundo, porque não gostava dessas coisas. Nós, por nossa vez, passamos esses tesouros adiante, para os primeiros punks do Guará.

Zé Bôceta jamais leria os zines que recebíamos de outros planetas nem os catálogos de LPs, com preços muito mais em conta do que os das lojas cariocas ou americanas onde ele comprava. Ele jamais receberia o título de Consumidor Nº 1 de LPs.

Desconfiei que Bôceta estava enlouquecendo. Bastava olhar a capa para anunciar o país de origem do disco. Lógico que, antes, dava uma espiada na contracapa e decretava:
– Esse é inglês!

Ia ao Google, fazia suas consultas e os resultados batiam. Zé Bôceta era tão eficiente quanto o próprio Google.

Na Feira do Vinil, descolou um Sgt. Pepper’s luso. Um mês depois, descolamos outro Sgt. Pepper’s, também português, pela metade do preço e ainda mais raro: uma edição de 1976.

Semana passada, Zé Bôceta veio à minha casa e pediu para ver a coleção. Ficou desapontado! Respondi que meu pai tinha loja de vidro, não de vinis.

Para me importunar, Zé Bôceta sempre oferecia uma grana:

– Quer vender?

Ele sabia o preço dos discos, mas estava disposto a pagar uma merreca.

Zé Bôceta se veste bem, fala bem e é educado, porém ganancioso como um diabo verde.

Ainda vejo a cara dele no espelho quando consigo alguns discos de Marte.

13 de dezembro – O colecionador e o diabo

John Licurgo Bôceta foi aclamado como o grande colecionador de vinis da cidade. Seu nome estampava revistas especializadas e jornais culturais. A casa de três pavimentos parecia uma fábrica ocupada por discos: estantes abarrotadas de LPs e compactos, sala de vídeo repleta de fitas VHS, pôsteres importados pelas paredes, ingressos emoldurados

– um de B. B. King, outro de **Buddy Guy** –, um maravilhoso piano de cauda **Steinway** e mais quadros com fotografias suas pelas feiras de vinis do Velho Mundo. Um império particular, erguido à base de sulcos, capas e obsessões.

Ainda nos tempos do fã-clube, apareceu um colecionador chamado Wellington, perguntando se comprávamos discos. Liguei para Zé Bôceta e fomos no carro dele. Com muito esforço, juntando o dinheiro, consegui comprar um LP. Mais tarde, fiquei sabendo que Zé Bôceta havia voltado sozinho, naquele mesmo sábado, feito uma oferta e levado o lote inteiro. Wellington, o dono dos discos, ligou depois, lamentando estar arrependido de ter vendido sua amada coleção para consertar a moto.

A última transa que fiz com Zé Bôceta envolveu os encartes do álbum duplo ao vivo do **Aerosmith**. Descobri que existiam versões diferentes e, por acaso, eu tinha dois encartes idênticos, enquanto Zé Bôceta também guardava dois repetidos dentro da capa de seu álbum. Propus uma troca. Ele queria me passar um encarte com um pequeno rasgo em troca de um exemplar inteiro meu. Foi um detalhe, uma ninharia, mas me mostrou como as coisas estavam erradas. Nunca mais o vi.

Até que, no mês passado, reencontrei o sujeito numa feira de vinis. Falou ininterruptamente sobre seus LPs dos Beatles, os preços salgados e as façanhas para consegui-los. Segundo ele, Fred descolava discos exclusivamente para sua coleção. Vieram também as histórias dos museus e das exposições que visitara, das lojas percorridas pelos quatro cantos dos Estados Unidos, dos shows e de sua paixão pelo Black Sabbath. Um inventário de conquistas, raridades e cifras, narrado por quem parecia ter transformado a própria vida num catálogo de aquisições.

No final, não se conteve e perguntou:

– Você ainda tem os seus vinis?

O diabo dentro de mim riu, satisfeito. Eu iria arrebatar sua alma.

Ha, ha, ha!

19 de dezembro

Cara, é como tirar uma bota molhada e sair andando descalço, cutucando a terra que ficou debaixo das unhas. Esse negócio de Do Próprio Bol$o tem algo de heroico, mas também é muito chato. Ainda não consigo responder à pergunta:
– Então, por que você continua nessa?

MONEY! O tal do dinheiro? Nem pensar. Melhor nem falar sobre isso. Quando pingar algum troco, faço um rock. Sei lá, em 10 de abril.

Quando a bipolaridade bate, é como enxergar o mundo de cabeça para baixo. Ando rindo, mas não quero analisar por que estou dentro de um bar que fica de olho no meu dinheiro. Não quero saber por que tenho que rir para esses “amigos”, nem por que aquela banda ruim está tocando ali.

Pá! Não quero fazer conjunções carnais com pessoas e comportamentos. Que se fodam! Não quero sentir cheiro de álcool ou cigarro. Quero falar besteira a noite inteira, conversar com gente que sabe rir, e não com esse nabo de gente que nem conheço.

Então é isso: não quero que meu mau humor contamine a sua festa.

Voltando à arte: mexer com arte fede! É só se envolver com ela que viramos alvos. Estamos num processo lento e doloroso, gastando o que não temos. Eu gasto uns trocados; ele, a paciência. É um precinho subsidiado.

Só quero me envolver com gente que vive de arte ou entende de arte. Também sei assumir esse meu jeito de pau no cu. Portanto, se você acha que tudo o que faço é curtição, serei o seu pau no cu.

Um bom 2018! E me deixe em paz. Posso aparecer a qualquer hora, mas não conte comigo. Conte com DEUS.

25 de dezembro

Moçada, vamos remontar a Banda dos Ciganos para a abertura do festival do dia 30. Chamo Alexandre Magno para a guitarra, Bleyvs no contrabaixo e Tiago Rabelo na bateria.

Daí em diante, poderemos incorporar outros improvisadores, como Julimar dos Santos no tambor e outros nas cordas e nos sopros.

Estou voltando para casa hoje, cheio de ideias e energia. O típico surto natalino!

Um abração para Bebel e Betto, para o amigo Alexandre, para Edson e Retz. E sigo em luto pelo nosso irmão Mário Linhares.

O rock brilhará!

27 de dezembro

Paulo Biko é compositor, músico, luthier e por aí segue.

Esteve nos ensaios da peça O ÚLTIMO RANGO, que não aconteceu no dia em que o extintor de incêndio foi disparado acidentalmente. Quem disparou foi Joãozinho da Vila, que também foi o produtor, e Peterson Diesel era outro pseudônimo de Jota Pingo.

Paulo falou com carinho e admiração de Edu Viola e mostrou que ele, além de músico, também é luthier. Paulo Biko tem a maior ligação com Edu Viola, que foi o chefe de cozinha na peça O ÚLTIMO RANGO, enquanto ele, Paulo Biko, era seu assistente de rango.

Paulo Biko até canta um trecho de uma música dele no meio de uma música dele — entendeu?

Também nos falou da peça O PAU DO HOMEM e do saco de maconha do Jota Pingo.

29 de dezembro

Nunca se deu tanto sem retorno. Eles jamais pagam direito e mastigam imagens em sua edição boicotada. Jamais deu em nada.

“Na estreia apareceram um par de idosos e, assim mesmo, ele mostrou a cara e a peça.”

O que vale é o que está escrito. E a falência, flatulência, gera uma situação incômoda. E agora que nós estamos velhos é que não faremos sucesso mesmo.

A questão é: onde é que estão aqueles que sempre perguntam “quando será o próximo?” Serão eles paneleiros de boa-fé e camaradagem?

O homem do pau na bunda deles & delas!

Você sabe o que é compromisso? Comprometimento, amor à arte e nenhuma intenção de obter a verba do FAC. Nenhuma intenção de chamar a atenção da Secretaria de Cultura. E se esforçando para dar a letra certa nas entrevistas.

É, meu povo, é dia de rock e eu não devo nada a ninguém. Nem a eles, nem a vocês.

Qual é aquela banda que eu gosto mesmo de ouvir? Ah, já sei, ah, já sei: o livro dos ídolos feitos pelos fãs.

31 de dezembro — Um rock que apontava soluções
Ontem recebi a visita do músico e contrabaixista Eduardo Leal, que tocou no Módulo 1.000, uma das grandes forças do underground carioca do início dos anos 1970, ao lado de O Terço. Já havíamos trocado e-mails, e eu sabia que ele morava em Pirenópolis. Agora está no Rio Grande do Norte, porque gosta de calor.

Não sou mais aquele fã capaz de despirocar diante de qualquer encontro musical. Isso já foi importante, fez parte da minha formação, mas hoje a relação é outra. Continuo interessado na música, nas histórias e nas pessoas que fizeram alguma coisa de verdade, mas já não preciso transformar cada encontro numa cerimônia de devoção.

Nos poucos minutos em que conversamos, Eduardo cantou músicas do Módulo 1.000 que ouvíamos naquela época. Falamos pouco sobre a banda, mas deu para perceber que havia ali um processo musical muito rico, construído com estudo, preparação e conhecimento. O Módulo 1.000 não era simplesmente uma maluquice sonora. Havia elaboração, pesquisa e experiência por trás daquela música.

Eduardo mandou bem na latinha e, em vários momentos, tocou seu atabaque. Apresenta-se como percussionista, embora seus instrumentos tenham ficado num carro que nunca voltou. A história tem sua dose de absurdo, mas não apagou aquilo que me interessava: a magia do músico, a capacidade de fazer som com o que estava à mão.

Fiquei pensando que, se estivéssemos preparados, nossos músicos convidados poderiam ter tocado alguma coisa do Módulo 1.000. Mas talvez eu estivesse querendo demais. Nem toda visita precisa virar espetáculo, nem todo encontro precisa terminar com uma apresentação histórica.

Eduardo deixou comigo material de suas novas composições. Foi um presente importante, desses que não se medem pelo preço, mas pelo significado.

A participação dele na nossa festa só foi possível graças a Paulo Biko, a quem agradeço por ter proporcionado esse encontro. Um presente de fim de ano, uma lembrança para guardar e, sobretudo, a confirmação de que certas músicas continuam vivas porque as pessoas que as fizeram ainda têm alguma coisa a dizer.

Itens a conferir — sem inventar resumo

- **27 de fevereiro — Rolezinho no Guará:** a página da mostra aponta o registro, mas a busca não oferece conteúdo suficiente para resumir com segurança. Deixo separado para conferência, sem inventar o que não aparece no resultado.
- **1982–2017 — 35 anos da Legião Urbana:** o registro aparece na compilação anual de 2017. É um item de memória musical que merece ser preservado, embora a página de índice não traga o texto completo.

Seleção de música, contracultura e artes

Estes textos não são necessariamente autobiográficos, mas representam a curadoria editorial do DPP em 2017. Eu os manteria numa seção própria do memorial, sem misturá-los aos relatos pessoais.

- **A história judaica secreta do Procol Harum** — texto de Seth Rogovoy, publicado originalmente em 28 de abril de 2017. Recupera aspectos pouco conhecidos da história do grupo britânico.
- **O nome do agente… Graham Bond** — revisão de Kris Needs, publicada em 12 de outubro de 2017. Perfil de um dos pioneiros da música britânica dos anos 1960.

- **As delirantes visões de Rick Griffin** — sobre Richard Alden "Rick" Griffin, artista dos cartazes psicodélicos e dos quadrinhos underground. O texto registra a importância de sua produção visual para a contracultura.
- **Os primeiros 50 anos de Disraeli Gears, o mega clássico do Cream** — retrospectiva dos cinquenta anos do álbum, lançado em 1967.
- **El Mago da Guytarra: Jimi Hendrix por Sharon Lawrence** — material dedicado a Hendrix e à trajetória do guitarrista, acompanhado de notícias relacionadas ao seu legado.
- **Alice Cooper encontra obra de Andy Warhol em depósito pessoal** — notícia de 26 de julho de 2017 sobre a descoberta de uma obra de Warhol guardada pelo músico.
- **2017, o ano de Haynna & Os Verdes** — registro da trajetória do grupo e de sua cantora, com destaque para as músicas "Love Song", "Retrato Falado" e "Louca".
- **Urgente: Violeta de Outono lança novo disco de show histórico no SESC Pompeia** — notícia sobre o lançamento de um registro de apresentação que celebrava os trinta anos do primeiro LP do grupo. A página foi criada em 2020, embora trate de um acontecimento de 2017; é preciso conferir a data original antes de incluí-la como publicação daquele ano.
- **O crítico do NYT que desancou o Sgt. Pepper's em 1967 e depois descobriu que uma das caixas estava com problema** — texto recuperado no índice anual de 2017.
- **Never-before-seen photos of the Velvet Underground in 1966** — imagens históricas do grupo em apresentação multimídia de Andy Warhol, recuperadas no índice anual.
- **"Novo" álbum de Jimi Hendrix sela trilogia; San Francisco perde o iconográfico Bob Seidemann** — matéria de dezembro de 2017 que reúne a notícia sobre o fotógrafo Bob Seidemann e o lançamento póstumo de Hendrix.
- **Testes de DNA mostram que mulher que pediu exumação de Salvador Dalí não é sua filha** — notícia de outubro de 2017, ligada ao episódio da exumação do pintor.
- **Pete Shotton morre aos 75** — notícia sobre o amigo de infância de John Lennon, publicada no arquivo do DPP, mas com data de criação antiga no sistema. Eu a deixaria como material de arquivo a conferir, não como publicação comprovada de 2017.
- **Adam West, conhecido por interpretar Batman na TV, morre aos 88 anos** — notícia de junho de 2017. A página aparece com data de criação de 2012, portanto também precisa ser tratada como registro atualizado ou reaproveitado, não como publicação original confirmada daquele ano.

Fechamento

2017 foi, portanto, um ano de arquivo, estrada e resistência. Trinta e cinco anos depois daquele primeiro fanzine de 1982, o Do Próprio Bol$o continuava funcionando sem investidores, sem patrocínio e sem se submeter à lógica comercial dos acontecimentos culturais. A casa era palco, museu, redação, depósito de memórias e espaço de

convivência. A Mostra Íntima não foi apenas uma retrospectiva: foi uma maneira de demonstrar que a história continuava acontecendo.

2018 — Seleção dos fragmentos autobiográficos e registros centrais

A espinha dorsal do ano

1. **36 anos do Do Próprio Bol$o — 1982-2018**, com a continuidade de uma experiência iniciada no fanzine, sem patrocínio e sem submissão à indústria cultural.
2. **A gênese do Próprio Bol$o** — de onde veio a ideia, desde a adolescência, as revistas, os primeiros zines e o intercâmbio de correspondências.
3. **A casa como palco e comunidade** — encontros, jams, festas, Rock Digno, Rock do Macaco Cego, Flash Rock.
4. **A QE 40 como território cultural** — a reportagem, o Espaço Pilastra, a Zepelim, a circulação fora do Plano Piloto.
5. **A relação com os fanzines** — memória, colecionismo e independência editorial.
6. **River Phoenix e Tertúlia na Lua** — registros da nova geração do rock brasiliense.
7. **A viagem a Ilhéus e Itacaré** — Jorge Amado, Bataclan, praias, encontros e desvio de rota.
8. **Família, pai, casa e arquivo** — o pai de 82 anos, a mãe pintora, o caixão-tumba de gibis, Paulo Iolovitch.

---

1. Fragmentos autobiográficos e registros centrais — cronologia

2 de janeiro — Chega de política estoica!
Os meios de comunicação usam a violência para narcotizar eleitores e leitores.

Estou saindo de férias, embora, na verdade, vá trabalhar todos os dias para tentar quitar o cartão de crédito. Portanto, nada de curtir a noite com cerveja e cigarros. Ah, são três meninos para segurar a barra, e logo, logo os impostos estarão chegando. A grama vai crescer. É preciso levar em conta que o vencimento mensal não dá para o mês inteiro.

Não é economicamente viável comprar cerveja no cartão de crédito, pagar a gasolina e fazer supermercado. Eu não vou bancar, não vou teatralizar. Serei livre, sem imposição de ostentação.

O amplificador está desligado, queimado ou sei lá o quê. O rock está silenciado.

A fina arte de esmurrar a adaga.

Rompi com as pessoas que não sabem o valor do esforço e esperam que as coisas caiam do céu.

Meu livro vai fazer um ano que não o vejo. Sei lá, acho que posso aguentar outro ano.

Eu curti. Curti comprar LPs, guitarras, amplificadores, livros e CDs. Dar festas. Foi louco, mas o preço está me degolando.

Se me visitar, traga cerveja e uma ponta, porque, neste ano, não vou bancar nada. Estava atraindo atrações de todo o DF.

3 de janeiro — Não nos siga
O deboche, a sacanagem, o machismo, o tesão, o par de estrelas ao quadrado, meu copo

de metal cheio de gim, o cadarço solto, a sola gasta, a língua solta, a fúria do rock e a vontade.

Sola, sola essa guitarra, menino!

Nós nunca seremos pôster de banda de rock'n'roll na parede do seu quarto. Acima do peso, cabelos grisalhos e sempre aquela história de uma história engraçada com mulheres.

Essa é a vida de uma banda de rock'n'roll: muitas drogas e muito mais álcool. É o tal estilo de vida.

Não nos siga. Pare por aqui.

21 de janeiro – As coisas aconteciam à noite e agora acontecem de dia
É muito socorro e nenhum help. Logo pela manhã os loucos se arrastam pela rua. Portões fechados, muros altos, o olhar de coruja empertigada. O blues da rola da montanha. O videocassete descansa do filme. A solidão é geral.

Como essa cidade tem casas & almas, calhas & canalhas. E faltam poucos metros para o cemitério.

Passar na casa dela e ouvir um disco. Passar na casa dela e passar ferro. Passar tempo, espreguiçar, esfregar os olhos, escrever tatuagens. As pessoas não estão interessadas na sua vida – essa é a sua obsessão.

O carro partiu rumo adentro da noite e ela fodia. Dentro dela o pau nem sobrava. Ela grita, ela goza, ela chora, ela sua. Dos lábios abertos escorre suco elétrico. Ela é uma doce garotinha, honey honeymoon, pernas de poemas abertos. Ela vai me tirar o vigor. Ela vai abrir a garrafa e apertar um beque.

Pela manhã, seu sorriso de estrela matinal. A boa transa ficou séria. A boa transa fodeu. O meu pau está esfolado com a sua língua de tilintar nos dentes.

Baby, tenho que pegar o beco. Você sabe como é: não sou um homem livre. Aliás, ninguém é livre, nem na imaginação, que dirá na cama.

22 de janeiro – O choque do Dêrreta
Meu tio sempre vai se lembrar dessa história. O anormal é que eu também ainda me lembre dela. Eu era garoto.

Dêrreta era um bêbado como tantos que conhecemos, daqueles que moravam no bar. Certa vez, meu tio pediu ao coitado que segurasse o par de cabos enquanto dava a partida. Dêrreta levou um choque que o devolveu à sobriedade, mas ficou tão triste que nunca mais falou com meu tio.

Quando meu tio veio conversar comigo sobre religião, retruquei:
– Você ainda tortura bêbados?

26 de janeiro – Tertúlia na Lua: o desbunde, o happening reencarnados
Um dos registros mais expressivos da música psicodélica brasiliense. Mário acompanha o trio do Gama e identifica na sua sonoridade ecos de **Black Sabbath**, Módulo 1000, Yes e do rock brasileiro dos anos 1970. O texto é uma crítica musical com linguagem própria, repleta de imagens, associações e entusiasmo. A apresentação aconteceu na Hamburgueria Zepelim.

10 de fevereiro – Dia histórico: Módulo 1000, Mel da Terra e Liga Tripa
Registro de uma reunião musical que colocou no mesmo espaço Paulo Biko, Eduardo Leal

e Sérgio Pinheiro. Um encontro de músicos ligados a diferentes momentos da história da música brasiliense.

11 de fevereiro – A maconha é tolerada desde que dê dinheiro
A maconha é tolerada desde que dê dinheiro. Você esquece o tráfico, a violência praticada por ele, as faixas proibindo o consumo nas ruas da favela.

A maconha é boa, mas ninguém fala daqueles que não conseguem cagar sem dar uma baforada no baseado. A coisa ficou ridiculamente popularizada, vulgarizada. O que se pode fazer é dar uma prensa e rir desses políticos babacas da direita católica, que querem reprimir os vícios.

Seja homem e diga: fui maconheiro, sim, senhor!

E aquela história da polícia queimando o mato das repressões? Histórias de maconheiro. Eu prefiro o engajamento dos rastas.

Fumar maconha sempre foi coisa de homem. E com quem você fuma? Pode dar em cana, pode dar em difamação. Como no caso daquele político que chamou o governador de maconheiro, mas não tinha coragem de enfiar um caralho na bunda do próprio acusador.

Quem tem cu tem medo.

A partir de agora, e quando eu tiver dinheiro, só vou transar rock. E não é que eu esteja ruim da cabeça: é a mais sincera manifestação do desejo. Sinto falta de espaço e som para o rock.

Fizemos um misturado e servimos. Foi legal, mas a direção musical precisa mudar para gerar satisfação.

Eu morro rocker!

Trinta dias depois, chegam as contas do Natal. Semana de chegada antecipada dos boletos de IPVA e outras bênçãos, além da necessidade de bens materiais indispensáveis. As férias foram adiadas e por aí vai.

Mas o que sinto é uma grande falta de reconhecimento pelo trabalho. Um grande amadorismo que virou constante. É claro que fazer nas coxas é bem mais fácil. Assim como eu não dou pitaco nem indico bandas para outras produções, também não quero que interfiram na minha.

Vou continuar meu ato solitário, remediado de prazer e antissistema vigente.

Facebook é uma bolha bastante diferente da realidade. Qualquer produção tem seus riscos e é um lazer bastante sério. Se você quer a grama, caia na enxada e assuma os riscos.

Não será o sobrinho ou o primo que vão delimitar ou direcionar o trabalho. Tampouco serão os produtores que vão dizer o que fazer. As cabeças mais grisalhas também sabem do riscado e de onde o sapato aperta.

23 de fevereiro – River Phoenix, o autêntico à mostra
Cobertura sobre a apresentação das bandas Olhos de Psiquê e River Phoenix na Hamburgueria Zepelim, na QE 40, Guará 2. O texto descreve a sonoridade pesada da River Phoenix, seus problemas técnicos, a música autoral e a personalidade dos integrantes. Também registra os planos da banda para lançar um compacto de vinil pela Lombra Records, gravar um videoclipe e buscar apresentações internacionais.

25 de fevereiro – Do Próprio Bol$o: 36 não são segundos ou prestações são anos
Um dos documentos mais importantes do começo do ano. Mário e Zanza organizam uma

reunião musical em casa, decoram a churrasqueira e improvisam um palco. O texto revela o esforço físico e financeiro para manter a atividade, a falta de estrutura e a decisão de continuar produzindo à própria maneira. Paulo Biko, Blavis e Kelton Alex participam das apresentações. Há uma declaração que sintetiza a filosofia do projeto: não ser um grande festival, mas preservar a espontaneidade e a alegria de fazer rock.

26 de fevereiro — Rock Do Próprio Bol$o / Rock'n'Roll Circus
O lance agora será rockinho introspectivo, primoroso, talentoso e espontâneo.

O Do Próprio Bol$o nunca será um grande festival com cobertura e anúncio à altura. Essa marcação de palco me mostrou o quanto estou fora de forma e despreparado, funcionando apenas na base da alegria e do improviso imediato.

Eu e Rosângela decoramos a churrasqueira e pensamos: por que não um som? Para coroar esse sofrimento doce.

Subimos escadas, pregamos faixas e máscaras: venha dançar ou expor; faça a sua parte, ajude a carregar o trono. Não vamos parar nem esperar por ninguém.

Chego a pensar que somos as grandes estrelas. Como um bom garçom bêbado, grito e falo mais do que **devo**. Esse sou eu. Essa é a minha missão.

NADA CONTRA O ROCK DÓLAR, mas não vou deixar de fazer as coisas do meu jeito e na minha hora.

Obrigado àqueles que, mais uma vez, vestiram a camisa.

Paulo Biko doura a pele debaixo do brilho do sol. Ele varia entre o elétrico e o acústico e passa a limpo histórias de sua carreira como músico em Brasília, desde os tempos do Liga Tripa ou de quando foi auxiliar do grão-mestre da cozinha, Edu Viola, na peça O ÚLTIMO RANGO.

Paulo Biko aproveita para mostrar uma composição sua com um trecho de outra composição do mestre Edu Viola. Ainda manda “Blue do Biko”, “Quase 20 dentes”, “Um telefone é pouco” e mais uma outra canção de Renatinho Matos.

Nesse momento, é Paulo Biko quem embala o Do Próprio Bol$o no colo: “Pode me chamar qualquer hora”.

E, geograficamente, somente os anjos sabem quando ele está próximo para nos presentear com argumentos da nossa existência.

Vamos com fé, Paulo Biko, que mais companheiros chegarão.

27 de fevereiro — Do Próprio Bol$o: nome limpo na praça (1982–2018)
Documento essencial sobre a manutenção do site. Mário registra um pico de 5.661 visitantes em um único dia, depois de 13 anos de atividade online. O texto aborda a independência editorial, a ausência de redes sociais oficiais, a falta de reconhecimento por parte de alguns setores da cena musical e o trabalho diário de atualização do arquivo. Também documenta uma recepção a Murilo Lima, com músicos ligados ao rock de Brasília, na Hamburgueria Zepelim.

7 de março — A Casa da Cultura e o Guará
O que acontece é que, no apagar das luzes do governo, tenta-se solucionar o caso da ocupação.

A ideia é salutar: curso de violão, de artes, de dança, biblioteca popular. Porém, como sempre, outros grupos vêm e “atravacam o processo”. Isso se repete e se repetirá.

E, como ninguém consegue ser autossuficiente sozinho, ninguém compra a briga nem levanta a moral da Casa da Cultura.

Tudo o que já foi tentado acabou boicotado.

Deixem as pessoas fazerem lá o Clube do Blues, do Jazz, da Mãe Joana, do Museu da Música, do Museu do Vinil! Porque quem se fode nessa disputa de egos é o morador.

Depois vocês vêm dizer que o povo não participa, e tudo vai para o ralo.

Apoio incondicional a qualquer alma que queira revitalizar o entulho da cultura.

O Guará é um lobo conformado, cansado e manco.

Deixem a Janete trabalhar! Afinal, vocês não trabalham nas suas próprias coisas?

Abaixo o trabalho cultural escravo!

Viva a Janete, pois nela sinto que corre a necessidade de balançar a estrutura — enquanto muitos por aqui fazem pouco e se esforçam muito para boicotar.

Mário Pazcheco conhece Guará City desde 1976.

9 de março — O Blues d'O Troca
Fragmento sobre as apresentações e encontros musicais realizados na casa. Aparecem Paulo Biko, Wendel Rocha, Hamilton Zen, Serginho Pinheiro, Maurício Kozak, Diego Marks e Edson Salazar. As jams instrumentais e os encontros de blues e rock recuperam o espírito de improvisação que atravessava as produções domésticas. A passagem sobre os Fella's Guru é especialmente significativa: Mário identifica nesses músicos os rastros de uma convivência que remontava a 2007.

10 de março — Seis cordas salvarão o mundo?
Seis cordas salvarão o mundo? Seis fosse nove, a conta não fecharia. If six was nine. E lá vamos nós, tentando acertar os ponteiros de um relógio que nunca funcionou direito. I'm the young fella's guru, teaching him the ways of the world. Sou o guru dos garotos, ensinando-lhes os caminhos do mundo — não por diploma, muito menos por sabedoria adquirida em alguma universidade, mas por ter sobrevivido a umas tantas noites de rock'n'roll.

Sem ataques, sem atabaques, sem cascudos. Apenas rumando para o braço calmo da noite, onde as guitarras dizem o que a boca nem sempre consegue explicar.

O que dizer, garotos? Que seremos a próxima atração? Que tudo não passou de um ensaio faiscante, recheado de licks de rock'n'roll? O velho papa do rock'n'roll ainda tem lenha para queimar. Serei mais tinhoso, mais ofensivo, mais delirante com minha própria sombra. Afinal, quando a gente chega a esse ponto da estrada, até a sombra se torna uma companhia respeitável — desde que não tente mandar na banda.

Vocês, Fella's Guru, salvaram a noite. Salvaram a nós mesmos. Salvaram o bazar!

Da boca saliente de Cristina, ouvimos a frase que resumiu tudo: “Jamais imaginei que teria som!”

E foi com essa surpresa, quase um espanto diante do improvável, que somamos mais uma apresentação à nossa coleção de acontecimentos improváveis. Um reencontro com o estilo e a nobreza daqueles dias de 2007, quando tocávamos para nossos amigos, suas mulheres e seus filhos ainda no ventre. O rock já embalava os que nem sequer haviam chegado ao mundo.

Enquanto alguns planejavam o futuro, nós ligávamos os amplificadores e deixávamos o presente fazer barulho.

Não havia grandes estratégias, campanhas publicitárias ou fórmulas para fabricar acontecimentos. Havia vontade, instrumentos, amigos e aquela disposição de fazer acontecer mesmo quando ninguém apostava um tostão furado. A gente não precisava de autorização para existir, nem de uma multidão previamente convencida de que aquilo era importante. Bastava começar a tocar.

E eu digo: o rock'n'roll ainda tem vestígios. Nós somos esses rastros.

Não somos uma lembrança emoldurada, muito menos uma peça de museu esperando que alguém lhe atribua valor de mercado. Somos a continuidade de uma história que insiste em escapar das vitrines. O rock sobrevive nos encontros improváveis, nos ensaios que viram acontecimentos, nas guitarras que voltam a berrar quando todo mundo imaginava que o silêncio já havia vencido.

Sem flyer, sem commodities, sem motivos, sem armas apontadas para a cabeça. Amplificadores ligados, guitarras em punho e a coragem de ocupar o espaço que nos cabe. Não precisamos transformar tudo em mercadoria para provar que estamos vivos.

Porque, no fim das contas, seis cordas não salvarão o mundo inteiro. Talvez nem consigam salvar uma noite ruim, uma amizade desgastada ou um sujeito que já se entregou à própria desesperança. Mas podem abrir uma fresta, reunir algumas pessoas e lembrar que ainda existe alguma coisa pulsando debaixo dessa camada de concreto, rotina e indiferença.

E você, prisioneiro da sua solidão celular, olhando para a pequena tela como quem espera uma revelação divina, talvez precise apenas erguer os olhos, sair do esconderijo e escutar o que está acontecendo ao redor.

Ninguém poderá viver por você. Ninguém poderá tocar a sua guitarra, atravessar a sua noite ou romper o silêncio em seu lugar.

Somente você pode salvar a si mesmo da sua solidão celular.

O resto é rock'n'roll — seis cordas, alguns malucos e a velha teimosia de continuar fazendo barulho quando o mundo inteiro parece ter apertado o botão do mudo.

14 de março — Não faço rock para partido
Não faço rock'n'roll para partido político, não sairei candidato nem a síndico. Jamais pedi algo a alguém e jamais deixei de pagar couvert. Mas eu reajo e luto. Não fiz concessões, não imploro. Eu só pergunto o que está errado.

O Do Próprio Bol$o são 36 anos bancando a própria festa. É claro que todo mundo está cansado, é claro que não há grana, mas de um som de qualidade e de uma cerveja gelada eu não abro mão.

Você que acha que o Do Próprio Bol$o vai virar um grande festival para distribuir grana, vá se foder.

Dia 21 de abril farei minha despedida do business. São quatro, serão seis bandas, e aposto com você: alguma vai furar? Porra! Não preciso aguentar artista. Ninguém precisa aguentar um artista. É muito surto! E, como artista, produtor, animador e guerrilheiro, tenho muito mais comprometimento para sair atirando por aí.

Março — Do Próprio Bol$o: 36 anos de guerrilha e encruzilhada
Fragmento autobiográfico de grande importância. Recupera a origem do fanzine, em 10 de abril de 1982, quando o Oldies But Goldies nasceu numa porta interna de guarda-roupa onde Mário pregava fotografias dos **Beatles**. Reúne ainda as experiências musicais na casa, as apresentações de Paulo Biko, as jams instrumentais, a amizade com músicos

e a reflexão sobre a permanência do projeto. A passagem sobre os amigos que tocavam juntos em 2007 ajuda a compreender a continuidade das atividades domésticas.

Março — Uma foto com a 'vibe' dos anos 1970
Achei essa foto e achei legal resgatar a memória. Ela dizia que eu era o cara que mais viajava, mas executava.

Nos últimos tempos, esforcei-me para acrescentar mais palavras às minhas estranhas descrições de desejo. Ainda hoje, quero ser claro e breve na transmissão dos ideais.

Aqui, imagino uma foto publicitária para uma revista de moda dos anos 1970, inspirada na fábrica de Andy Warhol.

18 de março — Quem matou Marielle?
Registro político publicado após o assassinato de Marielle Franco. O arquivo reúne notícias e manifestações de solidariedade, entre elas referências a artistas e grafiteiros. Importante para documentar a posição editorial do site naquele momento.

5 de abril — A revolta de Julimar Cantuario
O índice anual preserva o texto de Julimar sobre a violência política e a memória familiar da ditadura, em meio ao ambiente de polarização de 2018. Vale recuperar como documento de época e registro de uma manifestação de resistência.

6 a 13 de abril — Zine, um túnel do tempo ou turbilhão de memórias?
Artigo assinado por Mário sobre a função dos fanzines na preservação da memória musical. Discute colecionismo, arquivos digitais, padronização editorial e a necessidade de manter o espírito crítico do faça você mesmo. Comenta publicações como Tupanzine, O Universo Paralelo dos Zines, Objetus Lúdicus Antimatéria e Subsom. É um texto importante para compreender a posição de Mário diante da cultura independente e da transformação dos impressos.

Parece-me que uma das funções do zine é a regressão em busca das melhores memórias musicais. O bilhete para o mundo imaterial da música através do material que são as coleções de discos, os HDs com downloads de blogs, sites e mp3 e a exposição de coleções de discos, revistas ingressos ou flyers. O zine parece estar num beco sem saída repetindo as mesmas fórmulas e formatos e perguntas e citando sempre as mesmas bandas. Por mais que orientem, o padrão é a uniformização.

Evoluções — o audacioso e longevo Tupanzine é uma das mais gratas surpresas deste pacote na edição 104! O editor substitui a repetitiva libertinagem de expressão por aspectos positivos do colecionismo, em outro texto foca o futebol do Clube de Regatas Guará, abre o preâmbulo de uma entrevista com Renato Russo através de uma longa ligação telefônica além-mar e nos traz de volta aos dias de estudantes. Tudo respira o ar da capital na frase: "Não voltem nunca mais!"

O universo paralelo dos zines — é um livro de bolso bem pesquisado, escrito, diagramado e revisado que vem preencher a lacuna de publicações sobre o assunto e renova o desafio da faça você mesmo, o que abre o leque para várias interpretações sem necessariamente concordar com o ponto de vista do autor essa é uma das premissas do zine desconfiar e redigir antíteses.

Jornal do Guará, p. 11, coluna Polo de Cultura, por Mario Pazcheco.

9 de abril — Os $alvadores
Os $alvadores foram a banda mais precipitada da história do rock'n'roll. Sempre contamos com arranjadores, porque talento nunca foi pré-requisito para o caos. Eu,

particularmente, sou arredio a tocar qualquer instrumento de sopro — já basta o vento que sopra nessa banda.

Hoje vamos tirar um som. Se não der, tiramos um sono mesmo!

Vaga aberta para baixista. Receberemos qualquer um que consiga tocar pelo menos uma corda. Não exigimos currículo, afinação ou referências. Basta aparecer e ter coragem de participar desse desastre anunciado.

Os $alvadores eram uma banda de amigos e colaboradores ocasionais, sempre à procura de músicos, instrumentos e alguma disposição para o desastre.

Pinta aí, Salazar, para salvar a banda!

Cadê Weslei Lima? Cadê Gil? Cadê Bruno? Cadê Ez? Cadê Biko? Cadê a $alvação? E, pelo amor de todos os ruídos, cadê o Retz?

Os $alvadores continuam à espera. O rock não pode parar — embora, no nosso caso, nem tenha conseguido começar direito.

10 de abril — 36 anos na contramão
É engraçado: todos os anos fazemos aniversário. O de hoje, porém, é um aniversário inverso: 36 anos de semi-obscuridade, semicl andestinidade, semioficialidade e semiamadorismo.

Montava o zine e despachava a produção de bicicleta pelos conjuntos residenciais mais distantes. O que não ia pedalando seguia pelos Correios. E assim, na raça, sem pompa nem circunstância, a coisa foi acontecendo.

Passaram-se 36 anos e o zine ainda tem um nominho, uma chama morna, uma brasa que se recusa a apagar. Ainda existem fãs que perguntam: "Você tem todos os números?"

Tenho vontade de levar a coleção à Administração do Guará para mostrar àquela gente o que era jornalismo cultural feito sem pedir licença, sem patrocínio e sem precisar de carimbo de aprovação. Quando ouço esse tipo de reconhecimento, fico orgulhoso. Afinal, alguma coisa ficou. Nem tudo se perdeu na poeira do tempo.

De vez em quando, ainda faço minhas mágicas. Nada de discursos esporrentos, de pose ou de medalhas no peito. O negócio sempre foi outro: fazer, registrar, distribuir e continuar.

A contracultura nunca para de andar na contramão. Nisso, ela se parece com o Pacotão: vai contra o fluxo, debocha da ordem e segue em frente, mesmo quando parece que ninguém está olhando.

Deguste 36 anos de rock: com fome, com dor, com júbilo.

13 de abril — Espaço Pilastra e os ambientes das artes na QE 40
Registro da aproximação entre Mário, Mateus Lucena e os artistas que movimentavam o Espaço Pilastra. A reportagem e a cronologia anual documentam a convivência entre artes visuais, cultura queer, exposições e iniciativas independentes.

15 de abril — Clipes: ascensão ao sucesso
Um dos antecedentes dos videoclipes foram os filmes caseiros em Super-8. Antes de a música ganhar imagens para circular pelo mundo, já havia quem experimentasse contar histórias com uma câmera na mão.

No admirável mundo novo, a informação cabe na palma da mão e se espalha em rede.

16 de abril — Por que a QE 40 é diferente?
Reportagem de Mário Pazcheco para o Jornal do Guará, com fotografias de Mateus Lucena.

Um retrato da movimentação cultural e comercial da QE 40, com destaque para Miro Ferraz e a Letroarte, Atelier Rosa & Arte, Galeria 40, Acervo Café e Espaço Pilastra. É um documento importante da história cultural do Guará e da tentativa de fortalecer a circulação artística nas cidades-satélites, sem depender exclusivamente do Plano Piloto.

20 de abril — Quem correu atrás?
Isso aí: quem correu atrás? Julimar, Jean, Mengajam. Quem trampou? Menino Pio, Manoel. Quem ficou de vigília? Eu mesmo, o tempo todo.

Àqueles que ficaram de tocar: alguns ficaram de fora. Jailson, preciso ligar uma luz urgente. Ajuda, papai!

Agradeço de coração o empenho e a dedicação dos muitos que estão me ajudando. Um agradecimento especial às meninas que virão dançar a rumba, à Rosângela Meneses, pelo rango e pela paciência, e à Juju, à Sheila e à Johanne, pelo lanche.

Traga sua bebida, traga agasalho. Venha para o último surto do Do Próprio Bol$o. Que Deus abençoe a todos nós!

Supershow de rock com CORTE SECO, JACK GÔD, VELHOS MEDOS e BANDA SER. As melhores bandas de sempre são do Do Próprio Bol$o!

21 de abril — Rock Digno: mate a cabeça e o corpo irá morrer / Eu atento à imaginação
Evento comemorativo dos 36 anos do Do Próprio Bol$o, com Jack Gôd, Corte Seco e Banda Ser, na sede do projeto. O texto é uma declaração de independência e uma convocação para a participação coletiva. Mário fala de seis meses de planejamento para trazer Jack Gôd, da solidariedade do Corte Seco e da disposição da Banda Ser. Há uma concepção de produção cultural baseada em colaboração, aparelhagem compartilhada e liberdade artística.

A minha coluna quer ser um organismo vivo e dialogar com as pessoas que, por acaso, encontrem o jornal no chão de suas vindas.

Acerto nuns e cometo erros pontuais em outros. A revisão é do Gicello, e os conceitos de fotografia e de pop art eu pego com o Sandro e o Barbieri.

Até imagino a formatação de uma coluna dentro da coluna, com letra menor. Mas não é porque eu me calei que aceitei.

As pessoas pedem arte. Elas estão carentes de arte, e é muito difícil conseguir espaço, pois nada cai do céu.

Acredito que estamos fazendo uma coluna provocadora. Provocadora, lógico, de ciúmes, de disputa de espaço. E não sou eu que vou perder tempo tentando explicar isso à humanidade.

O lógico está exposto e é para todos.

Na minha carta de demissão escreverei: “O povo pede um jornal com mais coração”.

Foi o que ouvi da boca deles, mas depois vão me atacar dizendo que eu me acho a raspa do tacho.

22 de abril — Banda Ser
No final, a jam foi quente. Buscaram o repertório do passado e o hard rock foi demolidor. O contrabaixo estralava como chicote.

O melhor som de bateria e guitarra que ouvi nesse palco. Ou será que todos os dias e todas as horas estamos aprendendo a fazer shows cada vez melhores?

23 de abril – Das palavras que partem pessoas

Essa onda de escrever é perversa. Quando eu escrevia, bebia e frequentava os bares, um monte de fãs de Arnaldo Baptista me cercava para fazer perguntas. Então, eu pedia: "Pague uma cerveja". Não ficava nenhum! Isso sempre dá certo.

Uma vez, comprei um livro sobre os Beatles no Mercado Livre, e o vendedor me disse que havia lido Balada do Louco. Aí eu vi vantagem. Troço maluco!

Quando me rebatizei na internet, encontrei um catálogo com os nomes próprios de Mários Pachecos. Tive que enfiar um Z de zero no meio do Pacheco. A família quis saber por que a mudança. Respondi que tinha sido o tarólogo e que, a partir dali, eu iria fazer sucesso!

Publico cinco laudas por dia no Facebook e atualizo o site. Minhas colunas atuais são revisadas por Gicello e por consultores como Barbieri e Alves Silveira, ambos mestres em cultura pop e fotografia.

O que acho engraçado é que um par de amigos diplomados mantém o rei na barriga, não escreve, não briga, nem sequer pega na caneta para assinar a folha de ponto, mas se considera o tal e os tais do jornalismo. Sem discussões, classifico-os como pobres-diabos à deriva.

O pior lance de escrever é a perguntinha sarcástica:
– Escreve onde?

No banheiro, na biblioteca, na areia, num pedaço de papel escondido entre os peitos? Onde, afinal?

Essa pergunta sempre me impulsionou a procurar e conquistar espaços para escrever. E a pior atitude que alguém pode tomar é ficar esperando que outra pessoa lhe indique o caminho.

Quem escreve por conta própria não espera convite, carimbo nem autorização. Escreve onde pode, publica como consegue e segue em frente.

29 de abril – I got the blues

Minha família estava preocupada comigo. Minha filha chegou a fazer uma massagem no rim esquerdo, mas era gripe, não infecção urinária. Essas pessoas que ficam espirrando dentro do carro, dentro da sala... Porra!

Hoje levantei cedo, sem tosse nem catarro, e fui varrer o quintal, varrer o caminhão, carregar mesas e cadeiras e dobrar os carpetes da festa de sábado. Lavei tudo. O gás de cozinha acabou e, às nove horas da manhã, fomos comprar outro botijão.

Depois do café, fui fazer a coisa de que mais gosto: arrumar os papéis. Comecei a montar uma mostra de gibis. Ah, também ouvi um Revolver italiano de 1970. Revivendo aquelas pessoas, quando tocou Got to Get You Into My Life, lembrei que, naquela época, já pensava: tenho que dar um jeito na minha vida.

O telefone tocou. Era o guitarrista. Fui até Arniqueira buscar o baterista. Ele montou a bateria e eu carreguei as caixas, ainda com aquela dorzinha no lado esquerdo, mancando por causa do peito do pé e do joelho, sequelas da minha última queda, na última festa. Ainda tenho um galo.

O que quero dizer é que o som foi bom, como sempre, e me reanimou. Agora, só peço aos piolhos que deixem a caspa na minha cabeça. Só peço uma coisa: DÊ UM JEITO NA SUA VIDA! Não estou de brincadeira, nem me fazendo de doidão.

Este longo parágrafo não tem destinatário.

Maio – Do Guará para o mundo (de Jorge) / Salve Jorge, o amado de Ilhéus / Viagem a Ilhéus e Itacaré

O início do século passado foi o auge do cacau na região, chamado de “fruto de ouro” pelos nativos.

“Foi aqui onde tudo começou. Foi aqui em Ilhéus, na Praça do Vesúvio, não foi noutro lugar”, escreveu Jorge.

Na frente do Vesúvio está a casa onde morou, construída em 1926 com o dinheiro que seu pai ganhou na loteria. O palacete da Rua 28 de junho, erguido em madeira de lei, com azulejos artísticos, era considerado na época o mais bonito da cidade e serviu de inspiração para o primeiro romance: O País Do Carnaval. Restaurado desde 1997, hoje é a Casa de Cultura Jorge Amado, com um acervo pessoal do escritor – livros, fotografias, esculturas e curiosidades do menino grapiúna (nativo da região).

No livro Terras Do Sem Fim, Jorge Amado lembrou quase que uma a uma as cidades da região cacaureira, que abrigam a civilização chamada de grapiúna. O termo vem do tupi, quer dizer pássaro branco e preto, típico da região, e foi popularizado pelo escritor.

Os grapiúnas são o que os baianos chamam de “caldeirão étnico”. Brancos, negros e índios vieram de outras partes do País, principalmente de Sergipe, e até da Síria – daí surgiu o “turco” Nacib -, atrás da riqueza prometida pelo cacau no século 18.

Siga os passos do escritor na escadinha do Palacete da Rua 28, que o autor usava para acessar o sótão quando queria inspiração, hoje transformado na Casa de Cultura Jorge Amado, no sul da Bahia. Em Ilhéus, há o Bar do Vesúvio, onde ele se inspirou para criar o personagem árabe Nacib, seu proprietário e que se apaixonou pela protagonista Gabriela de Gabriela, Cravo e Canela.

No Bar do Vesúvio faltavam minutos para abrir e não me deixaram entrar: – Então você está impedindo o prefeito de Itabuna de entrar, pois bem vou cortar a grana do seu município.

O rango no Bataclan é ótimo.

MARIA MACHADÃO VIVE

No sábado, no Bataclan o som é de primeira com versões ao violão de clássicos do rock, o prato é feijoada e se você quer saber da história do Bataclan é com esse rapaz, o Mateus que não era o guia mas sabia das coisas (muito simpático) e às quartas-feiras rola o forró lá dentro.

A chuva vai e vem várias vezes por dia. Amanhece com sol, o tempo fecha e a água cai por cinco, dez minutos. Às vezes, não há nem tempo de encontrar abrigo. O céu abre de novo. Passam algumas horas e já se veem outras nuvens negras chegando. Os arco-íris, obviamente, não são nada raros. Durante a noite, a inconstância é a mesma. Você também acaba se acostumando.

DESVIO DE ROTA

Cheyenne é o tipo do gibi que eu lia quando chegava da escola às 6 da tarde, aos 10 anos – o reencontrei, ainda em Ilhéus, na Toka da Leitura.

O primeiro Jorge n'A Toka da Leitura, ponto de irradiação da literatura e de diversos quadrinhos em Ilhéus.

Tive que andar mais de 1300 km para reencontrar esses clássicos, chega-se a pensar que estamos dentro de um sonho, o Jorge da Toka da Leitura disse: "num sebo estaria valendo uma grana!"

Estava na Casa de Jorge Amado, com a pulga atrás da 'oreia' porque não vi nenhuma referência à amizade do escritor com o cineasta baiano Glauber Rocha. João Ubaldo conta que Glauber Rocha queria dar maconha para Jorge Amado.

Bataclan com amor – essa é uma das duas fotos em que aparecemos juntos na escadaria do bordel em foto feita pelo Mateus. me deu vontade de reler Gabriela Cravo e Canela do J. Amado.

AS PRAIAS DE ITACARÉ, ENTRE ILHÉUS E SALVADOR

As praias mais badaladas são as boas para o surfe. Mas não faltam opções para quem prefere sossego.

Bem-vindo ao destino da Bahia que não sai de moda. Pequenas e belas praias cheias de gente bonita são seu maior atrativo. E há hospedagem e culinária para os mais variados gostos. De dia, siga caminhos ecológicos e à noite, o som do reggae e do forró.

Prainhas de areia branca, mar azul, gente bonita, bares, restaurantes charmosos e pousadas descoladas. Assim é Itacaré, a simpática cidade do litoral sul baiano localizada 80 quilômetros ao norte do município de Ilhéus.

O que ela tem de mais especial são suas pequenas praias. Num trecho de 22 km que vai do Rio de Contas ao Rio Sargi, pode-se contar 16 delas, cercadas por costões rochosos e por uma exuberante Mata Atlântica.

é claro que fiz discursos e fiquei bastante conhecido e não faço isso como manobra, agora o povo ficou meio chocado foi quando eu perguntei onde é que se pega o ônibus para Itacaré? O taxista que me levou na rodoviária perguntou, – Vcs vão para onde? Respondi, – Buriti Alegre! O povo que trabalhava no hotel me encontrava na periferia em diversos horários e me dava dicas...

na Praia da Concha, o mar é de todos. Durante o pôr do sol de Itacaré pensei nos camaradas Paulo e Dudu L – com Eduardo Leal Neto e Paulo Fernando Zanetti.

O guitarrista e cantor Aram Wesley arrebentou em “O Teatro Dos Vampiros” em arrepiante homenagem a Legião Urbana, sob o sol de Itacaré. Violão LGBT na Praia da Concha/Itacaré/Brasília. Eu estava mucho louco com a diamba baiana e sem a câmera por isso não peguei Aram Wesley com a guitarra, ele tocou muito frevo e muitos hits – a cultura musical deles é forte e o carinha me mandou uma música e eu pedi, – Toca, Legião! Ele rolou uma pancada de músicas que eu nunca aprendi as letras e o ápice foi TEATRO DOS VAMPIROS, depois passei meu telefone pra ele e criei coragem e voltei à pousada peguei a câmera e fiz algumas fotos – com Dinho Kamers.

O negócio é pegar onda na Praia do Resende/Itacaré/BA. Grupo suíço fode a Praia do Resende em Itacaré.

para sentar nelas custa 15 reais e a paisagem é 'digrátis'

"Tubo" é o nome do cara que tenta manter limpa a Praia do Resende e pense em turistas jovens e porcos é o que tem muito lá.

O conto de fadas durou sete noites e tudo o que tinha que acontecer, aconteceu e conhecemos várias pessoas e ouvimos suas histórias e iremos oportunamente registrar. Mas muito desconfiado da situação em Brasília e preocupado como o Facebook molda a nossa vida e tudo ao seu redor.

5 de maio – A noite trepidante dos piratas
Mesmo no mais frio dos ambientes inoxidáveis, a noite pode ser trepidante. Basta

encontrar a toca certa, reunir a tripulação e deixar que o acaso assuma o comando. Na toca dos Piratas Disco Clube, a noite teve seus personagens, suas histórias paralelas e aquele movimento que só acontece quando a turma se encontra sem precisar justificar a própria presença.

Carlinhos Marques foi a mais cativante das presenças. Dogsavanna, por sua vez, manteve intacta a mais distinta das linhagens da amizade — dessas que atravessam o tempo sem precisar de cerimônia, discurso ou reconhecimento público.

Juliana fumou dois Marlboros durante a noite. Ricardo Retz soltou o rock mais saltitante do grupo feminino Bertha!, enquanto a rapaziada do Cultura Rock DF também subiu ao palco para marcar presença. Cada qual no seu quadrado, contribuindo para essa mistura de música, encontros e acontecimentos que faz uma noite valer muito mais do que o registro de uma agenda.

E, para que não paire nenhuma dúvida sobre os acontecimentos paralelos, vamos ao esclarecimento esportivo da noite.

Na modalidade melhor de três, se o resultado foi 2 a 0, a conta é simples: vitória e três pontos na classificação. Mas a minha contabilidade na mesa de sinuca do Dom Pasquale vai além do placar oficial.

Teve aquela partida em que venci Edson logo de cara; outra, bem mais adiante, em que derrotei Júlio; mais uma contra um desafiante forte; e ainda aquela em que, em parceria com aquele carinha, despachamos uma caralhada de bolas logo no início.

Faço as contas, puxo pela memória e chego ao resultado: sete partidas invictas na mesa de sinuca do Dom Pasquale!

Pode haver divergência na súmula, contestação dos adversários e pedido de revisão do VAR — se é que existe VAR para sinuca de boteco. Mas, na minha versão dos fatos, a noite foi de música, amizade e taco certeiro.

No fim, é isso: cada um deixa sua marca de um jeito. Uns no palco, outros na conversa, alguns no cigarro e outros na mesa de sinuca. Eu, se puder escolher, prefiro sair com boas histórias para contar e a invencibilidade devidamente registrada no arquivo da memória.

Porque a noite passa, os copos esvaziam, as bandas desmontam seus equipamentos e os adversários sempre arranjam uma explicação para a derrota. Mas a crônica fica — e, nela, quem conta os pontos sou eu!

7 de maio — O retorno dos atrevidos

Facebook é positivo! E uma dessas positividades foi nos reunir novamente em torno de uma pauta musical. Eu e Roberto Gicello retomamos uma parceria que vem de 1990-91, daqueles tempos em que já escrevíamos textos atrevidos, descarados e relaxados, sem pedir licença à gramática comportada nem autorização aos donos da verdade.

Passados todos esses anos — tantos que já perdemos a conta —, eis que o saldo reaparece no vermelho da provocação e no azul da nossa velha cumplicidade. Atacamos novamente! E não viemos para requentar conversa nem para alimentar a saudade dos bons tempos. Viemos mexer no baú, cutucar a memória e fazer barulho outra vez.

Nossa pauta vem carregada de rock, histórias, personagens e inquietações:

1. o rock mais roll de brasília
2. zines: um túnel do tempo ou turbilhão de emoções?

3. por que a qe 40 é diferente?
4. videclipes: ascensão e sucesso
5. sylvio edgard: um eltomaníaco

E desse saco de inquietações ainda nos resta concluir o sexto capítulo: 6. tatuagens: somos rabiscados

O que me leva a uma conclusão, talvez atrevida, talvez descarada, talvez apenas humana: por trás do sucesso ou do fracasso, muitas vezes existe uma força que ninguém gosta de admitir, mas que vive rondando as relações, as rodas culturais e os bastidores da criação: a Inveja.

Ainda bem que, além dos nossos signos, temos também o nosso site. Enquanto alguns gastam energia olhando para o quintal alheio, nós continuamos escrevendo, pesquisando, lembrando, provocando e colocando a memória para circular.

Roberto Gicello e Mário Pazcheco: uma parceria que atravessou décadas, sobreviveu aos desencontros e volta a atacar com a mesma disposição de quem não nasceu para ficar calado.

Curtam e compartilhem! Porque, no nosso caso, a história não é apenas lembrança: é matéria-prima para novas histórias. E o rock, esse velho safado, ainda tem muita coisa para nos contar.

13 de maio – R.O.CK. H.O.R.R.O.R S.H.O.W DA XUXA / Lóki? Cada geração encarnará a própria tragédia, seu deslocamento e seus desvios.

Todos os meus escritos deste sábado são verdadeiros e estão ligados entre si. Os saudosistas mais radicais que viveram aquela época reconhecerão Dom Bosco, do Detrito, e Carla Graciano.

Posso contar a história de uma forma bastante ficcional. A coisa tem que começar comigo bêbado, repetindo:
– Toda a coisa foi um pau no cu!

Qual é mesmo o nome do documentário? A Coisa Foi Meio que um Pau no Cu.

Escreverei sobre isso palavra por palavra. Só preciso arranjar tempo.

Sim, o velho rock pau no cu. Sim, a longa descida da pop de carrinho de rolimã. Toda essa coisa de bicha dos anos 1970 que a novela usou ainda ontem para encerrar o capítulo final...

Todas as vezes que ouço Lóki?, penso na realização do Calanca: primeiro, ouvindo o relançamento do disco em 1983; depois, em CD, em 1992; e agora, em 180 gramas.

A alma de Lóki? é essencialmente masculina. Seu formato é de trio, com os graves e os agudos do piano e da voz.

Esses caras que ousam desafiar a gravidade e anunciam: “Vou tocar Lóki? com vocais femininos”.

Eu choro de dor, de horror. Não é de prazer. Choro diante do amadorismo e do desconforto. A que ponto chegamos? O artista debocha da arte e comete um sacrilégio!

Cara, eu não sou músico, e os músicos que se fodam!

Lóki? é daquele jeito. É como Jorge Antunes faria: cordas somente em É Fácil. Acho, mesmo sem ouvir, que qualquer coisa fora disso é uma bosta.

Eu não iria ver **O Terno** tocando Lóki?. Músico de cover, eu quero que se foda! Não quero ver musiquinho de cover tocando essas bostas com a barriga.

Vá se foder! A música é gloriosa. É Debussy. São aquelas passagens que Arnaldo Baptista toca em Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida. São aqueles diminuendos, caralho, pianíssimo!

Não tem GUITARRA! Não tem solo de Steve Howe! O negócio é Rick Wakeman!

O máximo que você pode ousar é repetir a entrada do show Shining Alone. Shining Alone é o Iluminado, e você vem me dizer que uma cantora vai cantar Lóki?

Onde está Pierre Boulez? Para onde foram todas aquelas décadas que passei ouvindo John Abercrombie?

É música, não esse negócio de 10% de falta de seriedade de show cover da banda do caralho!

Guitarra, só os arranjos em Uma Pessoa Só, do AEOZ.

Banda cover, acorda! Esses caras que você vive tocando querem que você se foda, e você ainda não percebeu?

Vou fazer essa onda, mas não espere que eu chame todos os músicos. Eu não sou uma orquestra!

16 de maio – Conic

Sei lá, a vida ainda caminha, anda, filma, rola pelas ruelas do Conic. As pessoas estão mais tristes, porém acostumadas à falta de pecúnia. Quatro talentos quase cegos tateavam quando, quase na mesma piscadela, chegaram ao Hospital dos Óculos. O rápido fotógrafo Marcão enquadrou tudo da direita para a esquerda: Klebinho Bom de Bola foi arrumar o joelho, eu fiquei na barreira, Lacerda escolheu a luz de fundo, enquanto Da Matta estava de luto por Roberto Farias.

Do outro lado, no Thainá, onde sobrevive a música coniquiana, Ivan Presença nos esperava. Fomos vê-lo mordendo o pudim. Ao populacho, servimos **Coca-Cola** litrão com pastéis. Comprei um álbum de plástico para guardar LPs e gibis do Batmão. Por alguns instantes, me senti menino.

O Conic está sitiado, cercado. Agora é o labirinto da Central da Rodoviária. A promoção de peças e roupas de skate é na FUNHOUSE. Renato abriu o volume do Greatest Hits, do **U2**, enquanto Pedro Saulo acompanha os lances de perto, dando tesouradas e fazendo o pé do cabelo na gilete.

Falamos do lançamento dos livros de Paulo Tovar. Falamos do implante de marcapasso de Joanfi. Tudo muito sério, descolado, promissor de uma verdade insustentável.

Nós iremos fazer música no Conic. Levaremos nossas produções para o Thainá. O Baixinho está de braço na tipoia. O pessoal da obra disse que serão três anos de isolamento, com a Central do Conic cercada por tapumes e grades de proteção.

É muito cedo para qualquer tipo de comemoração.

No estupor da criatividade, consumimos generosas talagadas de chá e removemos caçambas de fatos. Falamos de todo mundo, de tudo, da minha briga, porque ela jogou fora o OBI. Aqui resistem os últimos amigos e, mais uma vez, estamos enfileirados para aplaudir o show de Rafael Sales.

Vamos fazer rodas de choro livre – instrumental. Vamos de MPB armada até os dentes. Iremos por nós mesmos.

O ritual será às sextas-feiras. E já há subversões poéticas no Thainá. Estive lá com minha mulher, e os casais alegremente bailavam. Eu quero essa música de metais!

Sair de casa é bom. E, como disse Paulo Iolovitch: “Nenhum será mais um coniquiano. Somente o Ivan o será”.

Nenhum será mais glauberiano... Nenhum será mais alegre...

A métrica do Conic agora é um longo retângulo oco.

E não confunda Santana com satanás
Santana (jamais o guitarrista) não falava comigo havia décadas. Dez, quinze, vinte e cinco, trinta e cinco anos: uma escala fácil na espiral elástica do tempo distante. Jamais me mandou um telegrama de aniversário ou um cartão telefônico, para ilustrar como nossa amizade era do tempo do ronca.

Garantem que Santana ganhou grana justa e merecida — e na falcatrua também. Nunca vi seus pés calçando os tênis brancos importados que pisavam as quadras poliesportivas, do tênis ao vôlei. Nunca o vi num forró no Conic, nem num show importado do sempre beatle McCartney. Jamais me pediu amizade no Orkut ou no Facebook. E-mail, então, nem pensar! Nunca me enviou um livro seu, nunca me deu um single ou um kiss my ass.

Um dia desses, não muito distante — em 2018 —, apareceu um número no bina e retornei a ligação. Chamou, chamou.
— Quem será esse FDP que não atende telefone? Ô sina!

Minutos depois, a ligação retornou. A qualidade era péssima: ele falava como se estivesse dentro do casco de uma baleia.

Era para tirar uma casquinha da minha ferida purulenta. Rapidinho, saquei que era um golpe em que eu deveria, educadamente, baixar as calças e me colocar de perfil.
— Velho, traga aquela câmera da TV, faça fotos, faça banner. Se eu estiver lindo, dou-lhe uma entrevista para o seu documentário.

Terminada a ligação, apaguei o número do bina.

Minha mulher perguntou:
— Por que você não deu atenção a ele?
— Querida, não posso cair. Devo ser uma estátua. Sei que só depois de morto vou largar meu depósito nas mãos de alguém.

Ela riu.
— Ele é louco mesmo. Ele é feliz, ele é o beatle George!

Maio/junho — Flash Rock (festa sold out!)
Registro de uma produção que reuniu Blavis, Tiago Rabelo, Toco Tocaia, Kelton Alex, Eduardo Leal, Paulo Biko e a Banda Mais Lama da Cidade. O texto mistura resenha, bastidores, desabafo e reflexão sobre a dificuldade de produzir rock independente. Mário fala das dores nas costas, da falta de patrocínio, da sensação de isolamento e da satisfação de conseguir realizar mais uma apresentação. Destaca ainda a volta da Banda Mais Lama e a participação de Kelton Alex.

2 de junho — Sábado, hoje, às 15 horas, aqui em casa
Sábado, hoje, às 15 horas, aqui em casa.

Eu sempre serei um chorão.

Agradeço a todos de casa por terem tornado essa produção ainda mais caseira. E, por isso mesmo, tão nossa.

3 de junho – Facebook, rock navalha
Facebook virou sinônimo de uma situação de controle, dessa mania de achar que as pessoas podem controlar seus impulsos, emoções, vaidades e sentimentos à flor do maracatu.

Foram alocados tantos recursos na cultura da capital e das satélites que qualquer coisa com a marca #dopropriobolso estava ameaçada. Esse foi o rock navalha, o rock do alicate do mecânico. Foi um rock ensaiado, ensaiadíssimo. Nisso não abro mão.

Minhas costas doem neste momento. Será que eu seria capaz de realizar mais alguma coisa, Jesus?

Um surto de alegria e obstinação. Agora posso voltar para o casulo. Mais uma vez, pensei, fiz e senti. Refleti a manhã toda. Consegui tirar o pé da lama.

Fazer turismo acidental e comprar LPs importados com 50% de desconto é melhor do que dar tiro, dar tiros de canhão.

Obrigado, Zoreia Records!

6 de junho – Meu velho Papa fez 82 anos
Meu velho Papa fez 82 anos em junho e não liguei para ele. Minha amiguinha de Facebook me disse: "Seu pai ficou desapontado por você não ter ligado". Eu também não liguei para a Tânia que perdeu a mãe (na verdade dando um tempo para mim e para as pessoas). Peguei o telefone e dei-lhe os parabéns e passei-lhe uma saraivada de memórias de parentes dele da parte baiana-paulista. Pense num povo debochado e eloquente! Meu pai ficou feliz. P***! Vou aí te ver. Ontem, meu pai viu Zanza: "E o Mário? Não veio me ver" Hoje larguei o carro no meio da rua e fui rude ao interfone: "É o Mário e vim ver o meu pai!". Meu cunhado me recebeu muito bem. Subi ao quarto dos meus pais e os móveis estão do mesmo jeito. Os velhos estão a par do que acontece nas redondezas, como a derrubada de casas no perímetro de preservação. "E, aí Pai, o senhor está parecendo o Abraão". Foi a mais longa e louca conversa onde há todos estes tópicos que tenho postado. Falei com ele. Meu pai ficou feliz! O Homem que trabalhou em 1957 e nos 70s na RCA Victor na linha de prensagens dos LPs e em dezenas de fábricas. Ele riu, feliz pra caramba e ainda disse "Não vá embora". Ele tinha que dormir. No atelier da minha mãe, suas lindas telas. Gosto do seu trabalho: porque ela nunca fez uma exposição. No cavalete, uma supertela de 2003: uma árvore. Me falou que o sofá é original recapeado (com 50 anos) e eu falei da mesinha com o desenho dos peixes e de pés palito). A tela era de lindas cores, com predomínio do verde-natureza. Talvez, eu volte para arrumar espaço no atelier. Me despedi com uma velha fala de origem bíblica e significado universal da finitude dos dias: "...e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso...". Ela riu. Mamãe tá batendo um bolão. Ainda lhe disse que queriam tirar a tela de Cristo da sala de entrada para figurar num filme: "Quem é esse louco?".

Meu pai me disse que, se ele ainda estava vivo, era devido ao carinho e cuidado do meu cunhado Gérson tem com o senhor Ivan!

10 de junho – Ontem eu tava puto
Ontem eu tava puto. O motivo? Não tenho grana para imprimir o livro.

Dormi à tarde e acordei mal-humorado.
– Que cara é essa?

A primeira vez que terminei o livro foi ainda em 2015. O pessoal do serviço pergunta:
– E aí? Ainda naquela luta?

Eu penso que tudo deu errado. Não recorri ao banco, não fiz CNPJ, não lancei os discos, nem os livros. Esse lance do Próprio Bol$o é ectoplasmático.

Tem uma Universal lá na Vila Planalto com a faixa PARE DE SOFRER. E eu penso: é isso o que eu tenho que fazer, parar de sofrer em vão.

Então aquele sarcasmo vem à tona: MÁRIO, VOCÊ ESTÁ REALMENTE SOFRENDO?

Ixi! Ha, ha, ha! Longe disso.

Quer dizer que a gente não tá pra brincadeira. Tem consciência de quanto ganhamos por hora e de quanto tempo levaremos para levantar a grana. E nem por isso vamos colocar responsabilidades em ninguém, nem naqueles que pisam na bola e se passam por vítimas. Afinal, o calo não é no calcanhar deles.

11 de junho – Tava quebrado até os ossos
Tava quebrado até os ossos de tanto fazer rock com gente legal. Então, fizemos essa foto. Um maluco comentou: "Então a loucura rolou..."

Reduziu todo aquele esforço a um surto. Aí pensei com meus botões: eu tenho é que tomar no cu mesmo!

12 de junho – Rosângela
Rosângela Meneses Pacheco é gente boa, ganha presentes todos os dias e recebe elogios. A primeira vez que Jihan a viu, cobriu-a de elogios. Uma de suas melhores amigas é Sheila, que, toda vez que me encontra, reforça o quanto Rosângela é legal.

E o mais maneiro é que eu e Rosângela não somos amigos no Facebook. Não dividimos essa comunhão.

Na verdade, grande parte das amigas dela me tolera porque quer ficar perto dela. Acho que a melhor maneira de manter um relacionamento é fazer vista grossa, até para os sentimentos.

Ela derrama uma lágrima: é muito emotiva. Nossa filha puxou a ela. Rosângela é talentosa. Se pinta um quadro, é porque eu aponto uma arma para a cabeça dela.

Um prazer que dividimos é o valioso jardim, cuidado minuciosamente por ela. Segue plantando bananeira na chácara e colhendo. Um de seus melhores amigos é Manoel.

Ela reclama que faz tempo que não escrevo nada sobre ela. Consegui atraí-la para a alienação, para que se desligasse de coisas desgastantes. E ela segue espalhando as coisas pelo jardim e pela casa – como as mulheres gostam de espelhos.

Eu não sou maluco beleza. Sou maluco hospício, e somente ela me conhece. Hoje amanhecemos felizes. Acho que sua maior doação é quando me tira bêbado do sofá e me leva para a cama.

Nossos dias são assim: impenetráveis.

13 de junho – O poder das palavras
Incrível o poder que as palavras carregam! Tenho um repertório de respostas chulas para todas as métricas, mas pouparemos nossos leitores, seguidores, amantes etc.

A toda hora, me param na rua para falar das postagens. As pessoas mais simples são as que curtem secretamente. Então, isso é relevante: a opinião pública delas é favorável.

De vez em quando, um pobre-diabo dispara contra a bandeira, mas nem por isso vamos arriá-la.

A pressão é enorme. O fogo amigo está na cerca, em frente à sua casa. O fascismo é perigoso, intolerante – e pode ser o seu vizinho.

Diante disso, voltamos às estratégias de puxar o carro, tirar o time de campo. Mas nossos leitores sabem que nós sempre estaremos ali e que, como os **The Kinks**, jamais explodiremos. Se não deixaremos de ser beat, também não deixaremos de ser quem somos.

Beijos!

Julho – A gênese do Próprio Bol$o / Coisa de Fã
Texto autobiográfico revisado por Roberto Gicello. É um documento que recua à adolescência de Mário, às revistas Mad, Pancada e Porrada, às primeiras experiências com o humor escrachado, à influência da new wave e à vontade de montar um selo independente. Recupera também o primeiro contato com um zine artesanal, o intercâmbio de correspondências entre fãs de rock e a produção independente feita com grampeador, carimbos, papel e cópias conseguidas em Brasília. Fundamental para a história de formação do DPP.

Eu não tinha muito o que fazer além de andar de bicicleta e ir a shows de rock, que eram raros. Também precisava descolar um trocado, arrumar um emprego, mas meu interesse mesmo era ler as revistinhas de super-heróis do mês seguinte. Tinha dois cursos, um de teletipo e outro de datilografia; depois fiz um terceiro, de análises de laboratório. Tirei boas notas em todos eles.

Recebi um zine do Rio de Janeiro que era maior do que um tabloide. Com o tempo, saquei que algumas pessoas envolvidas com zines estavam mais interessadas nelas mesmas do que naquilo que diziam defender – e que honestidade não era exatamente uma virtude universal naquele meio. Eu pedia cerveja em troca da colaboração e, quando não era atendido, sartava fora.

Resolvi fazer um teste: mandava um texto cabeludo e acompanhava o que acontecia. Em vários sites, alteravam tudo, do título ao corpo do texto. Alguns desses seus heróis do heavy metal me pediam polêmicas e, hoje, posam de fariseus.

Nosso zine chegou junto, reinou, esbravejou e atirou pedras. Os metaleiros de Brasília esperneavam: “Como ele consegue esse espaço no jornal?” Foi uma longa jornada desde aqueles dias em que um guitarrista louro anunciava ao microfone: “O show vai acontecer, minha mãe vai pagar pelo som”.

Hoje, nego fica de mimimi pelas redes neurais.

Tinha brigado com meio mundo. Os caras que fizeram o livro Coisa de Fã foram os primeiros a acreditar que o livro era bom. O Revisor gostou, o Paginador fez o que pôde. Então veio a crítica nefasta de Carlinho$ Guismarães: “E a qualidade horrível destas fotos?”. Mandei-o tomar no cu.

O Paginador diminuiu o livro em um centímetro, o primeiro Revisor abandonou a revisão e eu fiz o trabalho final com Roberto Gicello. Depois de pronto, o livro, o primeiro Revisor reapareceu afirmando que havia gostado da revisão final.

Quem lança um livro independente acaba nessa de fazer o lançamento e correr atrás de uma divulgação que nem sempre acontece. Coisa de Fã foi atirado aos leões. Outro dia, vi Fábio mergulhar nele sem medo. Valeu a pena fazer o livro. Mas, antes de tudo, jamais se faça de besta: essa é uma produção underground.

Nesse livro, abandonei a divulgação pela mídia, por descrença total. Eu queria me sentir na pele de Arnaldo Baptista, experimentar o que ele viveu ao tentar alavancar

e dar solidez ao underground. Agora sei o que Arnaldo sentiu. Aprendi na minha própria pele.

Coisa de Fã é o passaporte para quem quer ser legal e conhecido. Quem fez parte do estrelato sagrado da ópera-rock. Gente beautiful, gente descolada, gente conhecida há séculos. Toda uma entourage do rock, e nós no centro da bola. É convencido, é atual e, a cada dia, fica mais magnífico.

Até hoje, o dono da gráfica pergunta: "Quando é que você vai fazer outro? Cadê o Almanaque?"

Quando bater aquela vontade que levanta o pau, vou me atrelar no espaço e recolocar as ideias em órbita.

Muitos leram Coisa de Fã pensando que eu estava lavando roupa suja. Nada disso! Eu botava era 'outro' na cabeça e dava uma ideia de como é um barato ser divertido, atuante, fenomenal. Nós chapávamos no nosso som!

Que delinquência ardente na carinha da buceta!

Beijo.

Coisa de Fã é para viajar com chá e pedalar por suas páginas de celebridades.

5 de julho – Acabei de ganhar um caixão-tumba
Acabei de ganhar um caixão-tumba, daqueles feitos para faraós. Até brinquei com Manoel, o caseiro:
– Se você for primeiro, vou ter que cortar suas pernas, porque ele mede 1,70 m!

Manoel ri das minhas piadas de mau gosto.

Antes de rechear o baú com oito metros de gibis formatinho, preciso fazer uma arte sacra egípcia ou uma decoração de super-herói. Topas, Julimar dos Santos?

6 de julho – Brasil hexapicareta!
Brasil hexapicareta! O surto mais alarmante de corrupção, e as manchetes só falam de Copa.

13 de julho – Eu sou o rock da estrela marginal
Eu sou o rock da estrela marginal. Eu sou um autor pornográfico enrustido que vai sair do armário. Vou lançar dois livros da minha trilogia.

Mário, que tal parar com tantos eus?

Pois é, misericórdia blues. Ainda não gosto de sair de casa. Dudu e Bleyvs estão caminhando por diferentes vias para chegarem juntos no sábado.

No sábado teremos Tiago Rabelo e Blavis detonando na lata velha. Convidei o menino **Victor Nogueira** para canjar com a meia casa da River Phoenix. Trarei ao palco o juvenil stoner rock da ABISMO. Apresentaremos também os rocks de São Tião de Boréstia com as bandas 23 e Indigentes e Indecisos.

E, no meio disso, os cacoetes da Banda Mais Lama, pela primeira vez em sua carreira, num show curto.

Se você está morto, continue morto. Se está em suas plenas faculdades mentais e tem iniciativa física de carregar móveis como peão, apareça. E não se esqueça: traga o melhor vinho, sorvete, patê de fígado, torradas, tangerina, café, revistas, jornais, gibis e compactos. Serão aceitos a título de ingresso.

Em Brasília eu faço o melhor do rock.

14 de julho – Rock do Macaco Cego
Um dos grandes registros da produção musical doméstica. Mário organiza uma maratona de rock que reúne músicos de diferentes gerações: Eduardo, Tiago, Blavis, Abismo, River Phoenix, XXIII, Indigentes & Indecisos e Banda Mais Lama da Cidade. O texto descreve a solidariedade entre músicos, o empréstimo de instrumentos durante problemas técnicos e a transformação da casa num espaço de encontro. Há também um registro pessoal importante: Mário revela que estava em tratamento de pneumonia e que precisou encerrar a atividade às 22 horas.

16 de julho – O rock do macaco cego
Pá! Faz uma cara que tomo conta de maluco e bêbado. E só digo uma coisa: cuidado, porque cu de bêbado não tem dono! Baseado nisso, a casa é minha, eu sou o responsável e as coisas serão assim e assado. Alguém precisa garantir que a festa não se transforme num campeonato de embriaguez pernóstica, em que cada um tenta provar que consegue descer mais um degrau na escala da falta de juízo.

Obrigado a Deus por, mais uma vez, manter as coisas nos trilhos.

O ROCK DO MACACO CEGO, mesmo sem flyer, atraiu uma multidão. A casa ficou pequena! E, quanto maior a escala numérica, maior a preocupação. Porque o que aparecia por lá não era apenas gente querendo ouvir rock: era uma fauna de doidões, gente carregada de todo tipo de barbitúrico e litros de álcool, como se a finalidade da noite fosse apagar a consciência antes que a primeira guitarra terminasse de soar.

Você pode dizer it's only rock'n'roll, e eu também digo. Mas alguém precisa garantir a dignidade da brincadeira. Rock é música, encontro, suor, distorção, amizade e liberdade. Não é uma competição para ver quem consegue chapar até cair, quem dá mais trabalho ou quem transforma a casa dos outros num pronto-socorro improvisado.

O ideal era curtir o rock, não perder os sentidos no meio do caminho. Era ouvir as bandas, conversar, rir, dançar, encontrar os amigos e voltar para casa com alguma história boa para contar. A embriaguez não é medalha, e o descontrole não transforma ninguém em personagem lendário.

Quem caiu, que esconda as feridas na altura dos joelhos, reveja seus vacilos e pense nas grosserias que distribuiu pelo caminho. Não dá para invocar a liberdade quando convém e esquecer a responsabilidade quando chega a hora de responder pelos próprios atos.

A minha casa não é território sem lei. Tem dono, tem história, tem trabalho e tem limites. Organizar um encontro de rock exige muito mais do que abrir o portão e ligar os amplificadores. Há uma estrutura, há vizinhos, há responsabilidades e há alguém que precisa permanecer suficientemente lúcido para garantir que tudo termine bem.

Não sou carcereiro de ninguém, tampouco quero ensinar adulto a viver. Cada um sabe de si. Mas, quando a festa acontece sob o meu teto, não posso simplesmente lavar as mãos e fingir que não vi nada.

Quer beber até perder o rumo? A escolha é sua, mas não me obrigue a transformar sua irresponsabilidade em minha obrigação.

Quer fazer rock? Então faça rock!

E, se a ideia é chapar até cair, vá fazer rock na sua própria casa.

Porque o ROCK DO MACACO CEGO pode até acontecer sem flyer, mas não precisa acontecer sem juízo. A guitarra pode berrar, a bateria pode estremecer as paredes e o público pode perder a cabeça com a música.

Só não vale perder o respeito por quem mantém a casa de pé.

It's only rock'n'roll – mas alguém tem que cuidar da porra toda.

25 de julho – Refazer, refazenda

O homem-cobra comeu rádio e cuspiu notícias populares. Mesmo dormindo, sinto-me perseguido:

"Já que ele não se toca, monta o palco em cima dos pés dele."

"Liga o amplificador!"

"Guitarra ou violão?"

Assim caminha a produção: tudo dá errado, mas no fim dará certo. E esses programas piratas meus, que nunca são atualizados e jamais abrem arquivos? Tudo o que podia dar errado deu. E essa capa que ficou menor?

Refazer, refazenda, regressive rock.

Mucho obrigado a Gicello, que salvou o texto final imprimindo uma presença vigorosa, parecida com a minha. Obrigado a Tomaz, que me indicou o atual diagramador – agora compreendo melhor o tamanho gigantesco do trabalho dele em 10.000 Dias. Obrigado a Hélio, da gráfica, que me deu o telefone do diagramador. Obrigado ao diagramador, meu parceiro há 28 anos. Obrigado aos descontos nos CDs da Alternative Discos.

Obrigado às 146 bandas que tocaram em nosso clã, clave, caverna musical. Obrigado a todo mundo que tentou me ajudar. E à minha família, que faz um esforço descomunal para me aturar.

Obrigado a Dudu, o homem-imagem, e às quatro fotos que "limei" para encerrar o livro com os dois últimos flyers. Obrigado ao chefe, que entende minha correria desesperada rumo ao abismo, como naquele filme de James Dean.

Sinto tanta vontade de beber cerveja até desmaiar, fumar beque e falar desparafusadamente a estação toda!

Obrigado a SheilaLee, que é gata mesmo. Obrigado a Tiago: já comprei o novo cachimbo, uma pele para a caixa e um par de baquetas. A Bleyvs, que não sei quando virá ligar a guitarra, já adianto que comprei cordas novas.

O rock vai rolar. Jesus e todos os amigos virão beber vinho feito de sangue divino.

28 de julho – O sol do surto

O sol do surto brilha forte na escuridão. Desinstalei o programa que funcionava como um pedreiro dos textos, ajeitando paredes, tapando buracos e tentando deixar tudo no esquadro. São muitas pegadinhas inconvenientes!

Surtei e, de lapada em lapada, vou soltando páginas, cagando obras anatômicas e pessoais. Num sei...

Jesus, venda meus livros com suas preces, que eu preciso formatar minha nova cartilha.

1º de agosto – Foda-se!

Às vezes você se acha radical ou tem medo de ser uma besta.

Uma porta fecha!? Outra abrirá.

Hoje nego assina contrato em branco para escrever, e olha que eu nem sou mais servidor preenchendo cadastros.

Entrevistas têm pingado. Rolê nenhum. Estou em absoluto repouso mental e etílico.

Gostei da apresentação do link nesta página.

Desconfio que fui limado do jornal porque coloquei na matéria a foto dessa banda foda tocando lá em casa.

Pode ser caso de paranoia de espiritismo, mas a fase de lavar roupa suja, ir lá e indagar já passou.

Mas cuidado: ainda podemos soltar um FODA-SE!

3 de agosto – O fetiche japonês
Peguei os singles japoneses de Another Day e Jet, dos Wings, com o nome Toshiba estampado no disco, além do LP número 5, também japonês. Foi de deixar a língua cheia de sabores!

Durante muito tempo, os discos japoneses dos Beatles chegavam até mim como notícias de um universo distante. Havia carnavais inteiros em que nenhum exemplar aparecia. Agora, meu fetiche são os LPs japoneses dos Beatles. Decidi colecioná-los, embora saiba que a tarefa beira o impossível.

Imagine a quantidade de discos lançados no Japão, incluindo edições de álbuns publicados em diferentes partes do mundo. É uma coleção que não termina nunca. E talvez seja justamente esse o encanto: saber que sempre haverá alguma coisa faltando, alguma edição desconhecida, uma capa diferente ou um detalhe que ainda não descobri.

Os discos foram comprados no cartão, na Magic Bus Records. Uma das melhores opções para colecionadores, sejam jovens ou idosos, iniciantes ou veteranos que continuam perseguindo suas obsessões.

Colecionar é isso: encontrar uma peça, sentir o prazer da descoberta e, antes mesmo de chegar em casa, começar a pensar na próxima.

10 de agosto – Triste paródia / Os Fradins / Rochdale
Triste paródia: sentar no trono como quem está no cárcere para folhear Os Fradins. Voltei à Avenida Cruzeiro do Sul, em Rochdale, Osasco. São Paulo, onde comecei a comprar revistas.

É certo que foi aqui, na capital federal, que ganhei exemplares como estes que você, Luana, nos doou hoje. As cartas de Henfil para sua mãe, desde 1974, republicadas na IstoÉ (eu pensava que ele era americano e pronunciava Rênfil); o jornal Movimento; as revistas de cultura da Editora Vozes; Roberto Muggiati; os livros da Editora Codecri; Pasquim; Rolling Stone; Bicho; Rock, a Glória e o Mito; Tarso de Castro; Luís Carlos Maciel; Júlio Medaglia; as revistas Escrita e Ficção, em formatinho... Esse é o legado mais importante que uma pessoa pode deixar para outra geração.

Lembrei-me de Klebinho, Zeferino, Menezes, Kleber, da Víbora, e Anísio, que sofreram por este país.

O jeito agora é você me ajudar a montar uma exposição, com Cuba Libre e caipirinha.

Muito obrigado pela grandeza desse gesto político de desprendimento.

13 de agosto – Rock sujo vai limpar a sua conta
Faz tempo que eu não caio pelo meio do caminho.

Há muito que a gente não se cruza como gato debaixo da escada. Corpo move, copo esvazia.

Tenho que aprontar alguma para ficar de boa. Ficando insano com o pé inchado.

A fim de sons rudes, oníricos e cínicos.

rock sujo vai limpar a sua conta
rock sujo vai levar a sua lama

Fazendo rock duro na terra de cego, quem tem olho tem partido.

Cuspindo meias-verdades ao vento.

Você pergunta:
— Se eu tenho uma ponta?

Uma ponta de ciúmes e um facão largo, tacão alto.

Cipoada de todo jeito no lombo.

Atravesse, mas não pare.

rock sujo vai limpar a sua conta
rock sujo vai levar a sua lama

1º de setembro — Pau da Goiaba Produções
Pau da Goiaba Produções agradece a Bleyvs por devolver a alma à guitarra.

Pau! Na Guitarra.

4 de setembro — Se trilhar por esse caminho
Se trilhar por esse caminho, sempre será merda, aqui e na vida real. Todo cuidado é surto.

8 de setembro — O monstro do rock'n'roll
Porra, não consigo agradecer a todos! Em especial, à Sheila Lee, ao Tiago, a todos os meninos, à Carlinha e, putz, à Rô, minha mulher de guerras. Às meninas de cabelos coloridos, à Bebel, que cantou — pirante!

Agora eu me retiro. Em breve, vou pegar o mar da Bahia.

Com amor, volume e tesão, realizamos a mais genuína noite do rock'n'roll, com MPB, rap e grandes amigos.

E você também, Laura Gomes Machado!

13 de setembro — Hoje almocei com Johnny Rocker
Hoje almocei com Johnny Rocker. Estamos famintos por um guitarrista sem vícios, sem demoras e sem delongas. Passei o tape para ele, e Johnny perguntou se era eu no contrabaixo. Quem dera! Mas esses buracos nas quatro cordas a gente cobre com terra.

Johnny vai mostrar o repertório — sete músicas — para ver o que o empresário acha e se libera o restante do seu tempo para se dedicar à banda. Ele quer uma banda de estrelas; eu prefiro uma banda de garotos anônimos. Será uma ópera de nossas vidas, com um pano de fundo enorme.

Vítor, o som será tipo Black Sabbath, com letras em português. Daqui para a frente, só esse tipo de coisa louca e intransferível.

14 de setembro — Conic News
Conic News: encontrei Magu Cartabranca descendo as escadas com sua aparelhagem pesada. Pedi sessenta segundos de brodagem no programa O Libertário. Vi Marcão olhando a tela do celular, mas não almocei com ele: ainda tinha expediente pela frente.

Zé da Filial do Rock quer pintar a capa de Abbey Road na porta da loja. Indiquei Julimar dos Santos, que já conhece a história. Vou amarrando o cadarço aqui e acolá, sempre olhando pelo retrovisor.

Hoje é aniversário da madrinha Juliana Krause. Na maloca, nesta sexta-feira à noite, teremos Kelton Alex no acústico. Ainda no Conic, debaixo das árvores, ouvi o ensaio. Amanhã, sábado, será a vez da Banda Mais Lama da Cidade no Sarau Psicodélico de Cida Carvalho.

Estou num vício danado de minisséries, e hoje tem duas. Ainda me recupero do cansaço da semana passada. Estou de vento em popa para o litoral, mas, a bem da verdade, não estou a fim de encarar o que não quero encarar. Eis a verdade.

Se não pintei, não foi porque não quis: foi porque quis preservar a sorte. Seria interessante observar como as coisas se comportam, mas o médico da alma receitou distância daquilo que provoca desgaste mental — fumo, álcool e política.

16 de setembro — O Guará Park era esquisito

O Guará Park era esquisito. Tudo começou com uma igreja isolada. Num frio do cacete, numa manhã de domingo, eu colocava vidros e me perguntava: "Quem vai morar nesse cerrado? Isso aqui é isolado como aqueles barracos de faroeste!"

Naquela época, fazia trilhas pelos aterros até o Bandeirante, na esperança de encontrar revistas velhas, tipo Pop. Uma vez encontrei algumas, mas havia chovido e consegui salvar apenas certas páginas. Os ladrões também utilizavam aqueles aterros para descartar documentos das vítimas.

Eu vinha de um gueto musical onde os caras tinham discos do Grand Funk, Status Quo, Black Sabbath, **Led Zeppelin** e Yes. No máximo, um **Made in Brazil** e Casa das Máquinas. O resto, para eles, era "merda". E atiravam isso na cara dos outros com uma felicidade quase monumental:

— O seu som é uma merda!

Nisso, eles, os Magrelos, eram bem Quincy Jones. E isso é uma narrativa. Eu arregalava os olhos para acompanhá-la.

25 de setembro — Sofri uma recaída e novamente me viciei em LPs

Sofri uma recaída e novamente me viciei em LPs.

Eles já haviam arruinado minha vida várias vezes: perdi empregos, namoros, deixei de ir a pizzarias em noites especiais, joguei futebol com bola emprestada e outras canalhices mais.

Uma praga, uma sina, uma veleidade sem cura — tudo para apalpar ou ouvir um LP adquirido em condições heterodoxas.

Foram várias as vezes em que atravessei cidades, com um guia amarfanhado nas mãos suadas, procurando ruas desconhecidas e números de casas que ninguém conhecia.

Esse lance de LP não sobe o meu pau. A delícia, a língua em riste, é o preço em oferta — eis o tesão.

"Tenho dois destes, mas alguma coisa me impede de passá-lo à frente."

Em 1985, eu era tão fissurado em LPs que Ricardo Bonisson, vendo como fiquei desconcertado, me passou alguns LPs de rock clássico que ele não curtia, trazidos da Inglaterra. Veio esse III, do Led Zeppelin, que está comigo desde lá.

As batidas do LP dele permanecem aqui.

Que Deus me permita ficar com meus LPs, pois o preço deles é sentimental e me faz milionário.

27 de setembro – Uma para Roriz / O termo, o discurso e a latinha / Entre o backstage e a coxia

Ao companheiro Joaquim Roriz

Joaquim Roriz me salvou várias vezes da perseguição do PT e até de um certo senhor F. Tenho minhas razões para não esquecer. Vida eterna, camarada!

O termo, o discurso e a latinha

Eu só tinha uma camisa de botão e fui receber o Termo de Uso e Posse no auditório do IDHAB. Ninguém no meu serviço poderia saber do que se tratava, mas, se eu aparecesse de tergal, tinha que ser alguma reunião formal.

Sentei ao lado de uma petista que não fechava a boca, protestando. Fui meio rude:
– Fique quieta, estamos na casa do inimigo!

A lista de entrega seguia a ordem alfabética. O P de Pazcheco estava longe. De repente, passei na frente. Um assessor se aproximou e sugeriu:
– Com discurso! Sei que você é bom de discurso...

Desenvolvi prontamente minha teoria da pílula de destruição: falar pouco e bombardear. Se soltasse algum impropério, devolveria vida ao microfone e descobriria que, por mais que parecessem desligados, estavam ligados. Essa habilidade, aliás, já me havia expulsado de algumas livrarias.

Em vez do velho bordão do "rouba, mas faz", resolvi apresentar uma variação:
– Este governo faz e entrega, este governo acolhe, protege, prospera e é amigo do servidor. A prova está aqui na minha mão. Muitos prometeram e não cumpriram.

O melhor da performance era a composição visual: dedo em riste, vestido como um pastor, diante de um púlpito improvisado ao lado da porta do elevador.

Peguei o canudo com o Termo de Uso e Posse e fugi para o Conic. Lá, paguei cerveja a noite inteira, enquanto ouvia a infame piadinha:
– Foi cagar na latinha?

Entre o backstage e a coxia: saída pela direita ou Salve Roriz!

Agradeço imensamente o contato. Apesar de não conhecer o som das bandas de abertura, sinceramente não aguentaria esperar até a hora do Prot(o)colo.

Eu estava tomando umas cervejas no Conic quando vi vocês na televisão. Passei para deixar um DVD com o show completo do Mopho e do Proto, além de bastidores, entrevistas e outras coisas. Uma hora de material!

Então, o senhor **Fernando Rosa** fez seu beabá e fui ao backstage, conforme combinado. Procurei você pelo nome: Pinduca, do Proto! Camarim, essas coisas.

O sujeito, filho do senhor F., foi bastante grosseiro e quis ficar com o DVD. Disse que não. Ainda repetiu:
– Você quer falar com quem?
– Pinduca!

Risos!

Teu nome não me livrou de ser expulso da Sala Martins Penna. O sujeito queria que eu voltasse pelo palco, em fila indiana. Então, como cidadão e servidor do GDF, tive de acionar o chefe da segurança para conseguir sair pelo lugar certo.

A segurança do palco, que já havia falhado no primeiro momento, não sabia como me retirar. Fatalmente, estava naquele papo:
— Estou te tirando numa boa...

Depois de meia hora, apareceu o servidor **Carlos Alberto** e perguntou o que havia acontecido.
— Medo de agressão. Está escuro aqui. O cara me dá um cascudo e fica por isso mesmo? Providencie meu salvo-conduto até a portaria, por favor.
— O que aconteceu?

Expliquei que o sujeito do palco, que nem sequer estava presente, havia se referido a mim como um senhor muito mal-educado.

Achei engraçado. Afinal, ele próprio havia me ameaçado de expulsão da sala, e eu ainda lhe disse que aquela não era uma escolha política correta.

Entre o backstage e a coxia, a saída pela direita acabou sendo a solução. E, como em tantas outras ocasiões, precisei encontrar uma autoridade para garantir o direito de ir e vir.

30 de setembro — Rock para Roriz
Rock para Roriz, ou quando a amizade alivia a cabeça das pressões do dia a dia.

Salve Roriz!

7 de outubro — Inifinta$ jams
Não, não vejo muito futuro em ficar nessa. Nem sei se dá para o gasto. Acho tudo ameaçador, mas, como homens que viemos da terra e aprendemos a comer poeira, cuspimos abelhas frondosas na venta.

A chuva, ora fina, ora grossa, foi inspiradora: Beatles, Stones, **Pink Floyd**, Mopho, Júpiter Maçã, Lou Reed, David Bowie e lagartos. Do lado de dentro da janela, a chuva foi ácida e azulada.

Nós nos parecemos com aquelas velhas bandas country que se recusam a morrer e continuam tirando o seu sonzinho. E vamos seguir assim, como o rio. Tocamos pelo rio e pelas pessoas de bem. Tocamos a flande nós mesmos até gozar.

Tivemos Guariroba Blues, tivemos Roriz, com a participação de Os Espíritos Zombeteiros, e agora tivemos também A Banda Mais Lama da Cidade, com a participação dos Paladinos.

E o barco de rodas surfa no tempo. Nada capitalista, nada programado, nada divulgado, nada de nada. Só o pau torando, massivamente, a consciência da maçã.

8 de outubro — A casa caiu!
Todos sem mandato! Todos golpistas!

Tia Eron, Cristovam Buarque, Eliana Pedrosa, Irmão Lázaro, Edison Lobão, Sarney Filho, Romero Jucá, Eunício Oliveira, Alberto Fraga, Rogério Rosso, Sandra Faraj, Fadi Faraj, Laerte Bessa, Magno Malta, Cássio Cunha Lima, Mendonça Filho, Frank Aguiar, César Maia, Romário, Ana Amélia, Garibaldi Alves, Maria Abadia, Família Roriz, Roseana Sarney, Cristiane Brasil e Tadeu Filippelli.

4 de novembro — Pego-me falando sozinho
Pego-me falando sozinho. Meus próximos demoram a captar minhas ideias (PQP!). Que momento crucial! A loucura geme ao pé do meu ouvido, e eu escrevo o diário para ser impresso.

Sinto-me transtornado como **Tom Zé**. Ô, meu Deus, como vou colocar para fora toda essa sensação de tortura que angustia meu peito?

Que paralelo com o Brasil na fala de Paulo Henrique Amorim, na TV Record! Falar da arte que retomamos todos os dias na companhia de Julimar? Falar da música, que nunca cede seus encantos aos nossos ouvidos?

Pô, alguém precisava me filmar nesses momentos. No funeral também! É por isso que meu documentário nunca começa.

Senhoras e senhores, amanhã, na Rádio Zoom Music: Mr. Mário Pazcheco, numa sinuca de bico entre mostrar alguma experiência e esconder o quanto estes tempos me deixaram com os fundos molhados.

Recuperando-me de uma quase pneumonia, vou ao dentista: o homem com um microfone de ouro na boca.

Acho que vai ser legal!

7 de novembro – Gate's

Por acaso, fui ao Gate's na semana de inauguração, sem saber que era a semana de inauguração. Tomávamos umas cervejas, mas a pintura recente fedia pra caraí e, não sei por quais motivos, não se podia abrir as janelas.

Passaram-se os anos, e nós na labuta da casa. Em 3 de maio de 2003, a MKDT me convidou para assistir ao show. Peguei uma roupa do século retrasado e fui. Passei na frente da fila, cheguei ao porteiro e perguntei:

– Meu nome está na lista?

– Qual?

– Mário Pachecão do Conicão.

– Entre!

Na vez anterior, fui filmar o show do Márcio Menezes e levei um puxão de orelha por estar na frente do palco. Naquela noite, não foi diferente. No camarim, um dos donos, Sérgio, foi cheirar nossas vestes, pois havíamos acabado de incinerar a ponta da escopeta.

Em outra ocasião, não fui. Era o show do Júpiter Maçã com o Thunderbird, e meus "primos" acharam de acender o isqueiro. O segurança apareceu e colocou para fora um menino que fumava um cigarro careta.

Na minha última vez por lá, em 2007, estava com meu ídolo da bateria quando ele mostrou o pulso. Ficamos em volta da bateria, fazendo um rodízio, até que o porteiro, dessa vez, também entrou na roda de oxigenação.

10 de novembro – Um som mágico

Um som mágico. Cadê o Mellotron? Aquelas festas em que eu ficava tão bêbado que nem reconhecia com quem estava falando. Cadê aquela menininha de espinhas na cara, boa de mãos? Jesus, é tudo um saco de gatos. Acho que vou enlouquecer!

Para que ter mais discos de rock'n'roll? Para que estourar o cartão? Por que não ficar em casa vendo televisão? Por que não se despedir dos aborrecimentos? De agora em diante, só torço para o futebol argentino. Na música, será eletrônica. Já vivi muito esses tempos.

Você quer um presidente ou um censor? Puta que pariu! Você vai perder as galinhas, as benesses, os anéis, mas ficará livre das pessoas que têm o probleminha de sobrar na sua vida. E, fumando debaixo da bananeira, ouviremos os pássaros.

17 de novembro – Hoje o dia começou com um trovão
Hoje o dia começou com um trovão às cinco da manhã. Logo depois, faltou energia.

Foi um dia de perda de lastro, de excessos. Gastei com o que queria, porra! Passei 25 anos usando o mesmo equalizador – tenho outro, meia-boca – e finalmente me perguntei: por que não comprar um melhor? Por que preciso desmontar tudo sempre que quero ouvir um som na sala?

Trouxe também um CD carrossel e um par de caixinhas. Foi uma tarde de cerveja. Depois da euforia, veio a pergunta: por que tanta cerveja? E o cigarro? E se eu voltar a tossir? Tomara que o peito não chie.

Agora é tarde.

Vivendo no cheque especial, montei uma paisagem sonora. Poderíamos ter tocado, mas molhou tudo. Amanhã, quem sabe, voltará a tremular.

Quando o sonho começa a ruir, quando começa a dar para trás, é preciso investir dinheiro. Se não, a gente acorda.

O dia foi tão extraordinário que até vendi um livro. Não fui ao Corte Seco. Atravesso uma temporada de pura irresponsabilidade, sem comparecer a compromissos, sem cumprir datas fechadas. Ainda comprei, no cartão, um quilo de carne e outro de linguiça. Acho que vou guardar tudo por mais uma semana.

O rock faltou, mas liguei o som na sala. O heavy metal acabou com a bateria, arrebentou as cordas da guitarra e eletrificou o violão. Sei lá.

Tormentas calmas, enlatados de televisão. Não gosto de isqueiros, pois os isqueiros são trambiqueiros.

Dormir, dormir, tomar banho, escovar os dentes, tirar os cabelos das orelhas: tudo me irrita.

No feriado, acordei perto do meio-dia. Amanhã, amanhã... visitar Iolovitch? Meditar? Ficar longe de casa? Dar mais um tempo para mim? Tomara que chova, que ninguém possa sair de casa, que o telefone não toque.

É muito estresse, muita correria, muita falta de necessidade. Tentamos fazer várias coisas ao mesmo tempo: receber discos dos Correios, mandar textos para o Gicello, continuar um trabalho que nunca chega ao fim.

Se sair à rua, gasta. Se ficar em casa, repete as mesmas coisas. Chega a hora de dormir, depois a hora de levantar, e o ciclo recomeça.

O problema do servidor público é que todo mundo se mete na vida dele. Querem saber se faz alguma coisa, se trabalha, se caga, se se masturba, se fala mal dos outros, se gasta mais do que ganha. Precisamos desmistificar essa figura.

Diante da quebradeira e do desemprego generalizado, os servidores públicos realmente vivem um pouco melhor do que muita gente. É isso. Sempre existirá quem viva melhor e quem viva do melhor.

23 de novembro – Rock do sistema

a lua tão cândida como kiboa

de que vale o que penso se não é escrito?

se não acho a ponta que abre a fechadura do tesouro

a mola mestra

a palavra é relevante qual o preço de ser bem-sucedido? Melhor bem nascido

quantas vezes ainda mataremos um dia de trabalho para comparecer ao show?

ah, os artistas tocam o ano todo e os malucos dançam até cair quando o Estado banca

rock show / rock na rua / rock na relva / rock no asfalto

como uma puta sapeco uma punheta

pego um toco de cigarro e acendo

e você de cu doce

nem todo mundo nasceu com o cu pra lua

Um demente grita a pleno pulmões:

rock show / rock na rua / rock na relva / rock no asfalto

Jimi muito doido queimou o seu cabelo com fluído de isqueiro
Jim abriu o extintor no estúdio e perdeu o contrato de gravação
perdi meu **American express** / perdi meu **jack daniels** / perdi minha nacionalidade
I lost my religion

Conheço mães que não gostam dos namorados dos garotões

ontem eu vi aquela morena michando atrás do container

a tesão do mijo vem depois do programa



- Vamos fazer letras tipo Marciano Sodomita?
- Melhor fazer cover delas

Apontaram o celular pra minha cara de lua cheia

- Sorria!
- FDP! Olha o tanto de foto que você perdeu!

"Mesmo assim, eu continuo te amando"

Eu ranjo os dentes

agredi o cara verbalmente um monte de vezes

é o estupor do álcool

estou muito doido dedilhando a guitarra imaginária no meu bucho fenomenal

A mina veio, ela é gostosa, apetitosa, mas entrou numas de esconder as rugas aos 40 anos

Geração botox:

perdi meu American express / perdi meu jack daniels / perdi minha nacionalidade
I lost my religion

Estou muito doido, estou desafiando o sistema tenho minha camiseta com o símbolo da anarquia

todo mundo caga de medo, ninguém fala em política, silenciaram os discursos

"A polícia não faz nada", "vão tomar a sua câmera"

Pô, o rock me deixa muito doido

sinto que vou voltar pra casa no helicóptero com Alvin Lee

sola maluco, sola Cécé

que o samu chegou pra recolher um fascista com a cabeça estourada por uma garrafada

primeiro coro:

rock show / rock na rua / rock na relva / rock no asfalto

segundo coro:

perdi meu American express / perdi meu jack daniels / perdi minha nacionalidade

I lost my religion

Sola Cécé, sola Vitinho

Ave Gengis Khan! / O rock tem hora para começar / Da segunda multa ninguém esquece
Ave Gengis Khan!

A expressão tem seus significados. Pode ser uma saudação aos poderosos ou a tentativa de eliminar a ambiguidade de uma palavra. Enquanto eu gritava «Ave Gengis Khan!», Sérgio distribuía salamaleques, como quem desejava paz a todos.

O circo mutante estava armado. Os fãs agarravam o ídolo e não o soltavam mais. A produção pedia espaço, e eu fazia a fila andar. Havia álcool no ambiente, alguns bêbados e outros levando cervejas para Sérgio Dias.

O rock tem hora para começar

Faz 29 anos que trabalho os cinco dias da semana na Asa Norte. Gosto da 408 Norte.

Ontem, encontrei todos os espíritos de porco acalmados. Quem faz a situação são as pessoas. Ainda estiquei o passo pela noite asanortista.

Fico feliz, fico tentado pelas pessoas expressivas que manifestaram vontade de tocar aqui em casa. Se eu fizer, será do jeito que vocês merecem.

Preciso de um cubo de baixo. Preciso do PA do Betto Tutu. Se não rolar, tiro do bol$o e compro o cubo. Não é essa a ideologia?

Agora, malandro, o rock tem hora para começar e terminar. A lista de convidados ficou mainstream. E tem rango, cerveja e, se possível, gente que trabalhe e pegue no pesado. Gente que não tenha medo de suar.

Da segunda multa ninguém esquece

Eu nem deveria expor esse mar de lama. A gente envelhece, broxa, fica com medo de discutir, correr atrás, comprar briga. Mas, no fundo, fica a pergunta: vale a pena sustentar o insustentável?

Vale a pena desafiar, mandar tudo para o inferno e tocar rock durante 48 horas sem parar?

A única coisa que faço é R'n'R. O resto que se foda!

Rock’n’roll sempre foi minha política. Meu negócio é rock, e foda-se!

O lance é ideológico: insistência, transgressão e negação do estabelecido. É a tal da contracultura, sem bandeira vermelha nem marxismo cultural.

Se vou encontrar meus pares nessa estrada, o problema é meu.

11 de dezembro – Estou me achando a estrela do salário mínimo

Estou me achando a estrela do salário mínimo. E o lance é: só somos provocados pelos que não nos conhecem.

Não existe almoço grátis. Um pouco de verdade na ponta da língua garante um mínimo de liberdade.

Não me sinto provocado com a tua bola verde do bate-papo me encarando. Se não fostes cobrado, por que cobrar?

O mundo anda pesado. O serviço público anda carregado de processos. O relógio dispara às seis. Estou dez quilos acima do peso.

Só vem onda errada: banda que toca sem aparelhagem, gente que vem só para espreitar o patrimônio, as tais armações.

O melhor é foder e assistir a filmes, ou vice-versa. Concorda?

20 de dezembro – Galeria rock'n'roll soul / Paulo Iolovitch

Distribuídas as revistas, de soslaio, vi Iolovitch, de casaco vermelho, exibindo as suas telas. E voltamos para o Guará.

IOLOVITCH FOI AMEAÇADO NA 408 N

"A MINHA LUZ ME DISSE PARA NÃO VENDER MAIS, SÓ PINTAR" (PAULO IOLOVITCH)

Artista plástico deixa o circuito boêmio e expõe no jardim de casa.

Do alto de seus 79 anos, sendo 53 deles dedicados a pintar Brasília, Paulo Iolovitch, calmamente entorna o chopp.

Os mesmos de sempre têm exposições semanais na mídia, rádio e cartas marcadas. Resta a mim invejá-los, mas de vez em quando milagres acontecem – e homenagens verdadeiras também acontecem – atualmente, eu acho que menos fotos feitas por mim = menos decepção, ontem, eu encontrei a empresária Renata Agostinho, o tipo de pessoa que não se importa em abraçar o próximo. No primeiro encontro foi alegre, eu estava visivelmente alterado e fiquei mais aliterado conforme A exposição Noite Azul se aproximava. Renata exala um brilho brilhante e um espelho especial, ela hesita, mas têm mais fé do que eu – ela se dedica aos mínimos detalhes faz flyers meticulosos em papel fotográfico, seleciona o dia da semana com a melhor trilha: o rock clássico. Além da pista de dança, ela nos brindou com chopp e uísque e salgadinhos. As pessoas que acompanham Paulo Iolovitch de perto que vieram não passavam de dezenas, mas eram pessoas especiais, em especial

a ativista da causa negra, Lígia que conhece Iolovitch desde seus primeiros dias em Brasília.

Iolovitch esteve na Inglaterra no auge dos Beatles na Swinging London em 1966! Por isso ele pinta aquelas guitarras gordas e semiacústicas e coloridas. Ontem Paulo, dançou rock e bebeu, poucas vezes o vi tão feliz. Nós vencemos e eu voltei pra casa feliz porque eu encontrei uma pessoa que sabe celebrar não só a arte como a existência. Pinella deve ser uma casa de repouso para pessoas especiais foi assim que nós nos sentimos. A página das artes Paulo Iolovitch – Azul / Auroro saúda esta radiante atividade antes que o Azul esmaeça.

Noutro dia, na Rodoviária, quando Bel voltava de sua jornada infinita pelo Brasil, se deparou com o desavergonhado Paulo Iolovitch carregando os panos para suas telas, – Oi! Paulo! Iolovitch não perdeu tempo, – Oi! gatinha vamos lá no meu atelier? Ela pensou: "Tá me estranhando?" e respondeu, – "Eu e meu marido, estivemos no Pinella com a Zanza e o Mário Pazcheco na sua mostra." Paulo, rapidamente se lembrou.

Hoje foi um dia muito louco, desde às 11 horas da manhã com Luís Eduardo, colocamos a prosa e o reverso em dia e uma conclusão: a democracia está na UTI. Passamos pela Feira do Vinil e outra conclusão o dinheiro perdeu o gás como Coca-cola. Era uma festa com música alta. Seguimos ao apartamento do Paulo Iolovitch, em boa fala ele nos falou do apartheid que ele sofre na 408 Norte com três ameaças físicas por defender, o que ele acredita. De gente sem educação pegando pedaços de mandioca no seu prato e para uma jovem recorrente em agressão ao artista; Paulo Iolovitch teve que ameaçar "Você bateria no Van Gogh!? Te coloco na cadeia sem fiança. Sou idoso". Fiquei com dó de mim: – Ixi, Mário já pensou quando você estiver na idade do Paulo quantos inimigos? Mas eu me conheço e sei que mataria alguns antes que afinal a corda parte do lado mais fraco. Legenda Paulo e Luís Eduardo e nada nos faltará e vigiai o Paulinho quando você vê-lo na 408 Norte com sua bengala.

O elephant do Paulo. Paulo Iolovitch, o sexo na horizontal – a conversa (a)fiada é de boteco, às vezes olhando, o pau fica duro. "O corpo dela é perfeito" e vejo uma sucessão de bunda, de caralho, de fetiche, sexo em cada pincelada. Mulheres belas esculturais, panteras nuas e muitos caralhos de diâmetros variados, cores e muita sacanagem estilizada e vibrante. Nas paredes da sala-dormitório-inacreditavelmente dois clássicos da pintura brasileiras de Iberê Camargo e Heitor dos Prazeres se desmaterializam ao Sol do Planalto – são esmaecidas – como se acompanhassem a trajetória de seu dono e comprador de galeria. "Você é um homem que investe em arte". Me propõe um último negócio. Desatamos a falar sobre Samuel Rawet, Abenoem e Wanderley Pinho Lopes.

"Toda obra de arte vai parar no museu" (PAULO IOLOVITCH)

Tremendo a mão direita, Paulo Iolovitch pinta pela vida. Enxerga bem com e sem o óculos. Sua métrica enlouqueceu: são listas de títulos a serem colocados numa loja virtual. O incrível é o traço reto nas frases. Há uma pilha pronta de 300 telas no cavalete.

O papo da tarde toda são Mulheres, uma mulher de nome Walquiria, aparece num monte de telas.

Muita sacanagem grotesca nas telas. O papo vai de assassinato à ejaculação precoce de João de Deus e outras enfermidades e demências. Para ele, Roriz é o cara: "Roriz precisou existir". Fala sobre a feitura das obras de Niemeyer na Esplanada. Faz um gesto de benevolente que trouxe da tenra idade – talvez seja a minha última grande

entrevista. Golden Dolphin Hotel! Guarde esse nome! Como representante da picardia, ele agora é embaixador de Caldas Novas e diz que no tal Hotel pagando 400 paus é possível provar da democracia e da feijoada e ser tratado igualitariamente. Debochadamente, ele sempre foi para com o regime das fardas e o está sendo agora. Sobra para o **Temer**. A visão de Paulo Iolovitch não é a visão da **Globonews**, ele fala como é sobreviver debaixo de dois regimes.

– "Não precisa voltar!" Foi a frase de despedida!

Galeria rock'n'roll soul – continuação

Talvez sejamos dois loucos que mereçam respeito.

Paulo Iolovitch me conta que o síndico já não o cumprimenta desde que ele denunciou que a taxa extra de R$ 300 não vem sendo utilizada no prédio.

Tudo começa com um barulho depois das 22 horas, vindo do apartamento 303, onde mora o pintor. E o responsável pela algazarra deve ser seu único neto, Michael.

“Vida é barulho.”

“Um cara que reclama do barulho pode entrar na Capela de Campinas e fuzilar cinco pessoas.”

Quem interpelou Paulo Iolovitch foi o vizinho, policial federal. Entre o barulho, as regras de convivência e os conflitos de condomínio, a vida segue produzindo seus ruídos – e nem todos são feitos para serem silenciados.

O Elephant do Paulo

Paulo Iolovitch, o sexo na horizontal. A conversa é de boteco, dessas em que um assunto puxa o outro e, de repente, estamos olhando um pau duro: “É um corpo perfeito”.

E vem uma sucessão de bundas, caralhos, fetiches. Sexo em cada poro. Muita mulher bonita, muito caralho de todos os tamanhos e cores, muita sacanagem estilizada, vibrante, espalhada pelas paredes como uma celebração do desejo. Um erotismo explícito, sem cerimônia, ocupando cada espaço.

Mas, na sala-dormitório, há uma surpresa. Inacreditavelmente, dois clássicos da pintura brasileira: Iberê Camargo e Heitor dos Prazeres. As telas se desmancham ao sol do Planalto. Estão esmaecidas, perdendo o viço, como se acompanhassem a trajetória do próprio dono, comprador de obras em galerias. A luz de Brasília vai apagando as cores, indiferente à assinatura dos artistas.

“Você é um homem que investe em arte.”

A frase fica suspensa entre nós. O sexo, a pintura, o dinheiro, o gosto, as coleções. Tudo se mistura naquele espaço em que o corpo é exibido sem pudor e a arte parece entregue ao abandono.

Paulo me propõe um último negócio.

Desatamos a falar sobre Samuel Rawet, Abenoem, Wanderley Pinho Lopes. A conversa toma outro rumo, mas continua atravessando o mesmo território: o das figuras singulares, das histórias que escapam às convenções e das memórias que insistem em sobreviver.

O Elephant do Paulo é isso: um mundo particular, cheio de excessos, contradições e imagens que não pedem licença para existir.

22 de dezembro – 1997–2002: quem tocou na casa

A primeira banda de fora a tocar aqui foi TODAS AS TRIBOS. Surfavam na onda do reggae e faziam sucesso. Não há filme nem foto. Lembro de Cleiíon Roots com Zezinho Blues e gostaria de saber quem participou daquela noite. O povo invadiu o gramado e dançou. Poeira e fumaça subiram. Narcisa Fonseca também estava lá.

Uma audácia: rock preguiçoso e reggae. Contradições.

Depois vieram Lú Blues & Skaravelho, Lú e sua banda, cujo excelente guitarrista se chamava Luís, arquiteto.

Com o fim do Capim Seco, formamos duas bandas: Karniça e Submundo Stewart. Esta última foi o embrião da Banda Mais Lama, com covers de Pink Floyd.

Outra banda pioneira no nosso quintal, junto com o ALÉM, foi o Terno Elétrico. Não me recordo como foram convidados. Lembro que Jean "Paice" tocou na bateria do Ricardo Lima.

Comecei a frequentar os shows da Casa-Grande, banda do poeta Timm Martins, cujo baterista era Jorge L., irmão de Loro Jones. Depois fizemos psicodelia com a Mákina du Tempo.

Dessa fase inicial de shows, o apogeu foi em 2002: o último concerto em tributo a um ano da morte de Cécé. Lembro de Célio de Moraes, Lourenço Junior e Bruno Lobão nos contrabaixos, Rockdrigo Terra e Juka nas guitarras.

O rock voltaria com sua mágica algum dia?

Demoraria cinco anos para termos novos shows no caminhão. Nesse intervalo, houve blues jam dentro de casa. Uma delas, inesquecível, com Zezinho Blues e Gil Gilberto. E não podemos esquecer o clipe da Bomba, nossa primeira experiência com imagem e som aqui em casa, nas mãos de Eduardo D'Castro.

Da série: quem tem história aumenta um pouco mais o volume!

25 de dezembro – Vamos remontar a Banda dos Ciganos

Moçada, vamos remontar a Banda dos Ciganos para a abertura do festival do dia 30. Chamo Alexandre Magno para a guitarra, Bleyvs no contrabaixo e Tiago Rabelo na bateria.

Daí em diante, poderemos incorporar outros improvisadores, como Julimar dos Santos no tambor e outros nas cordas e nos sopros.

Estou voltando para casa hoje, cheio de ideias e energia. O típico surto natalino!

Um abração para Bebel e Betto, para o amigo Alexandre, para Edson e Retz. E sigo em luto pelo nosso irmão Mário Linhares.

O rock brilhará!

26 de dezembro – Estilo doidão de Taubaté

O evento é uma provocação, uma medida drástica: o tímpano precisa ser rompido! – Vou ao show de rock, mãe, e não sei se volto!

Não que eu fosse ficar pelo caminho, mas talvez encontrasse a estrada e resolvesse seguir a pé até um show dos Rolling Stones.

Vim para fazer bonito. Temos artistas talentosos levando a vida adiante. O rock é tudo aquilo que não ficou careta. O rock é um velho bêbado de meia-idade caindo (sou eu!). O rock só não pode ser ridículo, senão morre.

Eu me envolvo, vibro e tenho a maior satisfação em fazer bem-feito. Tenho lá minha estupidez, minha arrogância e um acentuado grau de loucura. É o preço de fazer rock como ele deve ser feito: com a presença massiva e marcante de vocês, com generosidade e com a oportunidade de dançar em volta da fogueira.

Fico nervoso, fico estressado, fico vigilante, fico satisfeito. O rock, antes de tudo, é libertação. E hoje vivemos uma liberação que, na verdade, é escravidão.

Fujamos!

27 de dezembro – Paulo Biko

Paulo Biko é compositor, músico, luthier e por aí segue.

Esteve nos ensaios da peça O ÚLTIMO RANGO, que não aconteceu no dia em que o extintor de incêndio foi disparado acidentalmente. Quem disparou foi Joãozinho da Vila, que também foi o produtor, e Peterson Diesel era outro pseudônimo de Jota Pingo.

Paulo falou com carinho e admiração de Edu Viola e mostrou que ele, além de músico, também é luthier. Paulo Biko tem a maior ligação com Edu Viola, que foi o chefe de cozinha na peça O ÚLTIMO RANGO, enquanto ele, Paulo Biko, era seu assistente de rango.

Paulo Biko até canta um trecho de uma música dele no meio de uma música dele – entendeu?

Também nos falou da peça O PAU DO HOMEM e do saco de maconha do Jota Pingo.

29 de dezembro – Nunca se deu tanto sem retorno

Nunca se deu tanto sem retorno. Eles jamais pagam direito e mastigam imagens em sua edição boicotada. Jamais deu em nada.

“Na estreia apareceram um par de idosos e, assim mesmo, ele mostrou a cara e a peça.”

O que vale é o que está escrito. E a falência, flatulência, gera uma situação incômoda. E agora que nós estamos velhos é que não faremos sucesso mesmo.

A questão é: onde é que estão aqueles que sempre perguntam “quando será o próximo?” Serão eles paneleiros de boa-fé e camaradagem?

O homem do pau na bunda deles & delas!

Você sabe o que é compromisso? Comprometimento, amor à arte e nenhuma intenção de obter a verba do FAC. Nenhuma intenção de chamar a atenção da Secretaria de Cultura. E se esforçando para dar a letra certa nas entrevistas.

É, meu povo, é dia de rock e eu não devo nada a ninguém. Nem a eles, nem a vocês.

Qual é aquela banda que eu gosto mesmo de ouvir? Ah, já sei, ah, já sei: o livro dos ídolos feitos pelos fãs.

31 de dezembro – Um rock que apontava soluções / Eduardo Leal

Ontem recebi a visita do músico e contrabaixista Eduardo Leal, que tocou no Módulo

1.000, uma das grandes forças do underground carioca do início dos anos 1970, ao lado de O Terço. Já havíamos trocado e-mails, e eu sabia que ele morava em Pirenópolis. Agora está no Rio Grande do Norte, porque gosta de calor.

Não sou mais aquele fã capaz de despirocar diante de qualquer encontro musical. Isso já foi importante, fez parte da minha formação, mas hoje a relação é outra. Continuo interessado na música, nas histórias e nas pessoas que fizeram alguma coisa de verdade, mas já não preciso transformar cada encontro numa cerimônia de devoção.

Nos poucos minutos em que conversamos, Eduardo cantou músicas do Módulo 1.000 que ouvíamos naquela época. Falamos pouco sobre a banda, mas deu para perceber que havia ali um processo musical muito rico, construído com estudo, preparação e conhecimento. O Módulo 1.000 não era simplesmente uma maluquice sonora. Havia elaboração, pesquisa e experiência por trás daquela música.

Eduardo mandou bem na latinha e, em vários momentos, tocou seu atabaque. Apresenta-se como percussionista, embora seus instrumentos tenham ficado num carro que nunca voltou. A história tem sua dose de absurdo, mas não apagou aquilo que me interessava: a magia do músico, a capacidade de fazer som com o que estava à mão.

Fiquei pensando que, se estivéssemos preparados, nossos músicos convidados poderiam ter tocado alguma coisa do Módulo 1.000. Mas talvez eu estivesse querendo demais. Nem toda visita precisa virar espetáculo, nem todo encontro precisa terminar com uma apresentação histórica.

Eduardo deixou comigo material de suas novas composições. Foi um presente importante, desses que não se medem pelo preço, mas pelo significado.

A participação dele na nossa festa só foi possível graças a Paulo Biko, a quem agradeço por ter proporcionado esse encontro. Um presente de fim de ano, uma lembrança para guardar e, sobretudo, a confirmação de que certas músicas continuam vivas porque as pessoas que as fizeram ainda têm alguma coisa a dizer.

Dezembro — Mensagem de ano-novo dos $alvadores

que venha um ano novo de delírios, ruídos e salvação duvidosa!

Torne-se um $alvador!

Salve o mundo — ou, pelo menos, ajude a aumentar a confusão.

---

2. Outros registros pessoais e acontecimentos culturais

- **2018 — A casa como espaço de encontro e produção musical:** os diferentes registros do ano mostram uma continuidade das reuniões com músicos, apresentações sem estrutura convencional, jams, festas e experiências coletivas. O DPP não era apenas um site que divulgava acontecimentos: também os produzia e oferecia espaço para que acontecessem.

---

3. Seleção de música, contracultura e artes

Estes materiais pertencem à curadoria editorial do Do Próprio Bol$o. São importantes para documentar o conteúdo publicado, mas devem ficar separados da narrativa autobiográfica.

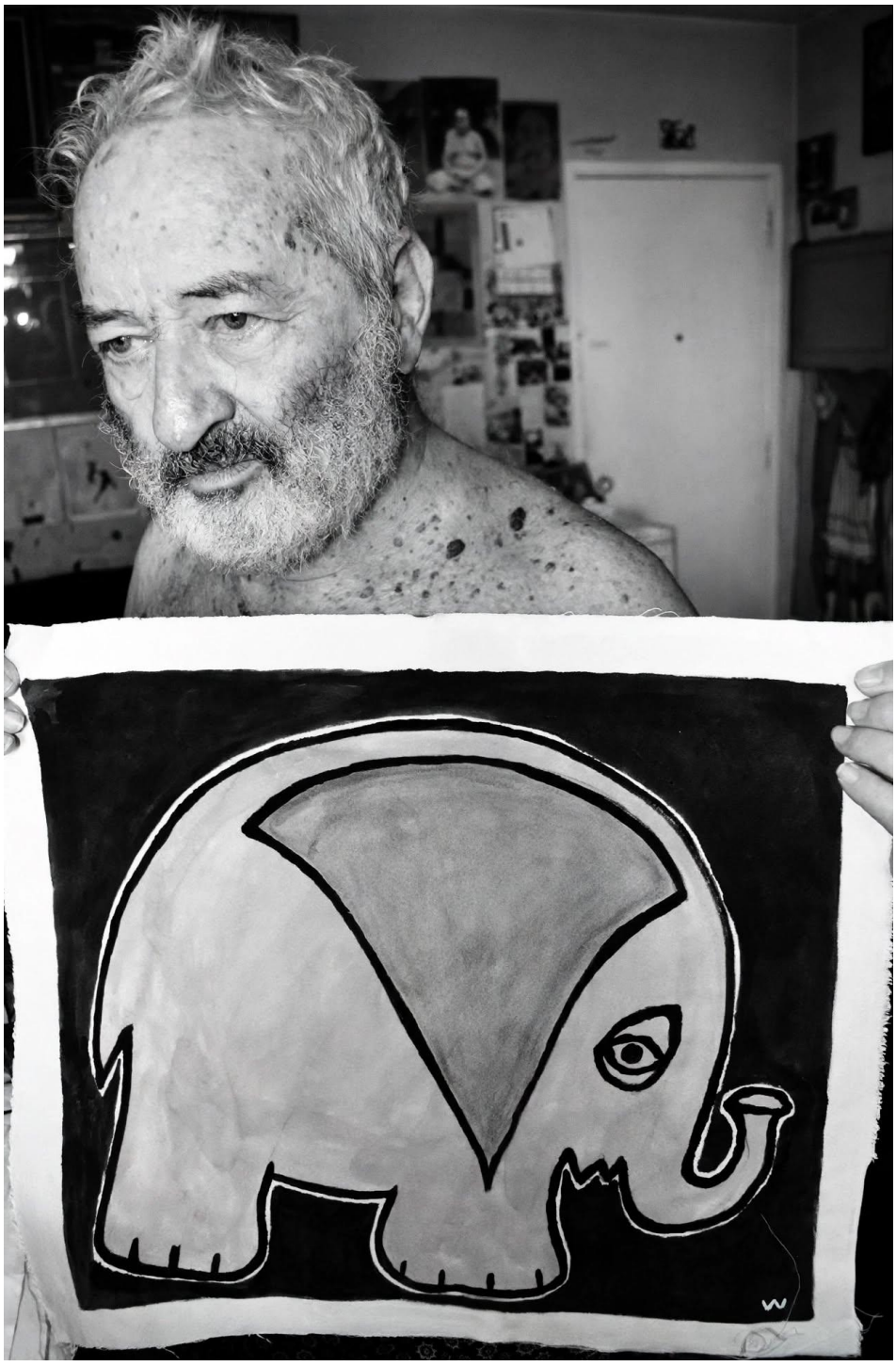
- **DNP: Um Som de Ventos e Nuvens** — lançamento de trabalho musical desenvolvido entre 2016 e 2018.
- **Brasília: Apoteótico show dos Mutantes no Açougue Cultural T-Bone** — cobertura da apresentação de 22 de novembro de 2018.
- **Patrulha do Espaço: o assunto é rock'n'roll** — comentário sobre a coletânea Aventuras Rockeiras no Século XXI.
- **Spalhe a campanha pelo terceiro disco do Protofonia** — divulgação da campanha para o novo trabalho da banda brasiliense de rock progressivo.
- **Violeta de Outono — Em Toda Parte** — resenha do álbum lançado em 2018.
- **Devo, a banda mais mal-entendida dos EUA** — retrospectiva sobre a história do grupo norte-americano.
- **Brian Wilson volta à escola para corrigir nota F em aula de música** — notícia sobre o integrante dos **Beach Boys**.
- **Geoff Emerick, engenheiro de som dos Beatles, critica a música pop atual** — matéria sobre o histórico engenheiro de gravação.
- **Produtor da Tropicália, Manoel Barenbein vai morar em Israel** — matéria relacionada à história da música brasileira.
- **Anvil volta com outro petardo: Pounding the Pavement** — resenha assinada por Antônio Celso Barbieri.
- **Direto das caldeiras: a edição 39 do zine Reboco Caído** — divulgação da publicação independente.
- **Documentário sobre Torquato Neto estreou!** — registro relacionado à memória do poeta tropicalista.
- **O blues d'O Troca** — embora já selecionado como fragmento pessoal, também documenta a circulação musical independente.

Fechamento

2018 foi, portanto, um ano de guerrilha, casa e arquivo. Trinta e seis anos depois daquele primeiro fanzine de 1982, o Do Próprio Bol$o continuava funcionando sem investidores, sem patrocínio e sem se submeter à lógica comercial. A casa era palco, redação, depósito de memórias e espaço de convivência. O Rock Digno e o Rock do Macaco Cego não foram apenas festas: foram maneiras de demonstrar que a história continuava acontecendo, com novas gerações ao lado das antigas, com pneumonia, com dívidas, com discos, com gibis, com pais, com vizinhos e com rock.

Observação editorial: o índice apresenta 48 resultados, mas mistura publicações de 2018, páginas antigas atualizadas, matérias republicadas e textos criados posteriormente. A cronologia 2018: Dois Mil e Dezoito também não é um diário completo: apresenta registros de janeiro a maio, com lacunas e materiais de terceiros. A seleção acima privilegia os documentos cuja relação com 2018 está identificada no próprio arquivo.

Preservar especialmente **A Gênese do Próprio Bol$o** e **Rock do Macaco Cego**. O primeiro explica de onde veio a ideia; o segundo mostra o que ela havia se tornado: uma casa, um palco e uma comunidade musical que continuava funcionando 36 anos depois.



2019 — Trinta e sete anos de Do Próprio Bol$o: memória, rock e resistência

Como ler este capítulo

2019 é o ano em que os 37 anos do Do Próprio Bol$o se cruzam com a publicação de **Refrescando a mente**, a retomada do **Woodstosko** e uma reflexão intensa sobre continuar fazendo rock sem estrutura, sem patrocínio e sem pedir licença.

A busca no índice retorna 48 resultados, mas isso não significa 48 publicações originais de 2019. Há páginas criadas em 2024 e 2025 que recuperam acontecimentos anteriores, textos de colaboradores e notícias internacionais. Aqui, a data do acontecimento foi separada da data de criação da página sempre que isso ficou claro.

A espinha dorsal do ano é:

1. 37 anos do Do Próprio Bol$o
2. **Não pague pelas memórias, elas virão de graça**
3. Woodstosko 2019 — convocação e balanço
4. **Refrescando a mente** — 424 páginas
5. A jam dos 37 anos
6. Fuga do Rock
7. **No Uivo 2019** — crítica e curadoria
8. Chico Bolacheiro e as conversas sobre rock
9. A morte de Carlinhos Guimarães

---

1. Janeiro — Retraçar o rock

1º de janeiro — Blues do elevador

Eles já me dão por aposentado e perguntam:
— Já se aposentou?

Pá! Uma senha para me declarar desocupado, disponível para seguir os planos dos outros ou oferecer-lhes a festa, a grande sacada.

Uma das minhas respostas é: “Espero morrer antes de me aposentar”. Do jeito que a carruagem desfila na Esplanada, esse será o plano: morra pagando.

Acabei de fumar a primeira ponta de janeiro. Sorrateiramente, o ponteiro menor se aproxima do meio-dia, e ela quer almoçar comida mineira. Maneiro! Tem um restaurante na Vila Planalto perto demais do Poder. Hoje, eles estão acenando com as bandeirinhas verde-amarelas.

Quero experimentar um afastamento, burilar a coisa, transformar o espaço e realizar o desejo. Quero plantar bananeira, mas à minha moda.

Não se faça de tolo quando eu oferecer meu palco: toque!

Comprei ***Who*** *Do We Think We Are* em março de 1980. Não tenho saudades da minha família daqueles tempos. Tenho saudades dos amigos e de quando a balança marcava 35 quilos de cabelos.

9 de janeiro — Onde está o meu rock'n'roll?

Pode ser que tudo exploda e acabe moído, reduzido a pó. Pode ser que venha um sopro e derrube a Casa da Moeda, essa máquina de fabricar gordura com os juros da classe

média. Pediram! Agora aguentem, tomem-se, torçam-se! O futebol vem aí, e o que não falta é grana. Falta é gol. Deus salve o **Ceará**!

Nada de mídia, nada de impostômetro, nada de aposentadoria. E eu devia estar feliz, afinal, o me faz rir está na conta. Mas perdi um monte de linhas, ideias, rasgos, argumentos vencidos pelo tempo ou engolidos por essa pressa de existir. Abri a fronteira e reaceitei alguns bons amigos. Espero que me tolerem e não comecem a atirar pedras. Não estou distribuindo certificados de santidade, apenas tentando deixar a porteira aberta para quem ainda vale a pena.



Rock me faz trabalhar, me faz viver. É minha vitamina, meu combustível, minha maneira de não entregar os pontos. Sem ele, a vida vira um amontoado de obrigações, boletos e conversas que não saem do lugar.

Sentindo-se festivo

Tudo embocetado, tudo frutificado, tudo santo, tudo careta, tudo normal, tudo solar, tudo positivo.

Aprendi a encarar a vida das pessoas sem me manifestar. Mas isso não significa que estejamos no mesmo barco. Queria falar da falta de articulação, mas tudo tem sua hora – e não vai demorar para pormos os pingos nos is.

Ah, dizem que quem vai pela cabeça dos outros é piolho. Eu sou chato.

Faltam combinações, falta entusiasmo, falta saber ficar quieto enquanto penso na praia de Itacaré – para onde não levo meus cães nem meus gatos, só pulgas, dança do ventre e o forte aroma das maresias.

Onde é que está o meu R'n'R?

No talo! Na tala, na vala, na sala, na ala, na bala, na mala – sentindo-se festivo.

Tudo embocetado, tudo frutificado, tudo santo, tudo careta, tudo normal, tudo solar, tudo positivo! Parece que o mundo inteiro resolveu tomar banho, passar perfume e posar para a fotografia. E eu aqui, desconfiado dessa felicidade tão bem-comportada, tentando descobrir o que existe por trás do sorriso e da legenda.

Aprendi a encarar a vida das pessoas sem me manifestar. Observo, escuto, deixo passar. Mas isso não significa que estejamos no mesmo barco. Podemos até navegar na mesma direção por algum tempo, mas cada um sabe o tamanho do rombo no próprio casco.

Queria falar da falta de articulação, dessa dificuldade de juntar as pontas, combinar esforços e transformar conversa em alguma coisa concreta. Mas tudo tem sua hora, e ela não vai demorar. Vamos pôr os pingos nos is. Não por vingança, nem para ganhar a discussão, mas porque chega uma hora em que o silêncio começa a parecer cumplicidade.

Dizem que quem vai pela cabeça dos outros é piolho. Eu sou chato. Prefiro coçar a própria cabeça, mesmo quando não encontro resposta. Faltam combinações, falta entusiasmo, falta até saber ficar quieto enquanto penso. E, enquanto penso, me imagino na praia de Itacaré, sem levar meus cães e gatos, só as pulgas, a dança do ventre e o forte aroma das maresias. Um sujeito precisa de pouco para fantasiar uma fuga, embora voltar para casa seja sempre uma conta a acertar com a realidade.

Mas, afinal, onde é que está o meu rock'n'roll?

No talo! Na tala, na vala, na sala, na ala, na bala, na mala! O rock está espalhado por toda parte, menos onde deveria estar: no centro das nossas decisões, na coragem de fazer, na disposição de enfrentar o desconforto e na capacidade de transformar amizade em ação.

E sigo por aqui, entre o deboche e a esperança, entre o dinheiro na conta e as ideias perdidas, entre os amigos que voltam e aqueles que nunca chegam de verdade.

Sentindo-se festivo.

Porque, enquanto houver uma guitarra fazendo barulho e alguém disposto a desafinar o coro dos contentes, ainda haverá motivos para continuar.

17 de janeiro – Retrazer o rock

Em 2019, vamos retrazer o rock à vida! Estão todos convidados para mais um aniversário da produtora que tem CD-coletânea lançado por gravadora, mantém um site desde 2003, já publicou quatro livros e apareceu na televisão mais vezes do que a banda do seu namorado ou do seu vizinho. Não é pouca coisa para quem nunca precisou pedir licença ao mercado para continuar existindo.

Perdi a conta dos shows. Faço uma estimativa superior a 300 apresentações, envolvendo mais de 150 artistas. O Projeto Ao Vivo em Casa chega ao seu 12º ano, e começo a acreditar que quem tinha de aparecer já apareceu. Quem compreendeu a proposta, compreendeu. Quem nunca entendeu, talvez continue esperando que alguém lhe entregue tudo mastigado, com ingresso numerado, cerveja gelada e uma atração internacional no palco.

O povo é engraçado. Quer mesmo é show do **Safadão**! Se vacilar, exige atrações internacionais, como se a cultura fosse um cardápio de luxo servido à porta de casa. Mas, quando chega a hora de trazer a cerveja, pagar o couvert ou prestigiar as bandas dos próprios amigos, desaparece todo mundo. Querem o espetáculo, mas não querem participar da sustentação do espetáculo. Querem consumir a cultura, desde que outra pessoa pague a conta.

Bebê, tenho um desprezo monumental por precisar explicar uma ação que nasceu justamente para contrariar a cultura vigente. Seja ela financiada pela Lei Rouanet, por algum cabide de emprego, pelo FAC ou pela PQP! Não estou aqui para disputar medalhas de virtude com os donos dos editais, nem para pedir bênção a quem acredita que a existência de uma iniciativa cultural depende exclusivamente de carimbo, planilha e aprovação burocrática.

São 37 anos de rock'n'roll acumulados antes mesmo de você nascer. Trinta e sete anos de estrada, discos, livros, shows, encontros, desencontros e histórias que não cabem num currículo enfeitado para impressionar comissão alguma. Mas esse vínculo com a música, essa experiência construída na tora, parece não valer nada diante da lógica de quem só reconhece aquilo que vem acompanhado de um selo oficial.

Pois eu continuo por aqui. Com o Do Próprio Bol$o, com o site, com os livros, com os shows e com essa mania inconveniente de acreditar que a cultura também pode existir fora das vitrines institucionais.

E quer saber? Gosto mesmo é de dar autógrafo! De arrotar cerveja depois de uma noite de rock'n'roll! Isso me dá um tesão ébrio, uma satisfação quase indecente. A língua fica latente, a memória começa a despejar histórias e a vontade de falar aumenta na mesma proporção em que diminui a paciência para ouvir conversa fiada.

Não preciso fingir modéstia diante de uma trajetória que ajudei a construir. Também não preciso transformar tudo em propaganda de mim mesmo, embora, convenhamos, depois de tantos anos fazendo acontecer, algum direito à fanfarronice eu conquistei.

Retrazer o rock é manter a chama acesa quando a moda já mudou de endereço. É abrir a casa, ligar os amplificadores e oferecer espaço a quem tem algo a dizer, mesmo quando não há multidão, patrocínio ou promessa de retorno financeiro.

Em 2019, mais um aniversário. Mais uma oportunidade de reunir os sobreviventes, os recém-chegados e os que ainda acreditam que música não é apenas pano de fundo para fotografias.

Aos que sempre estiveram presentes, meu abraço. Aos que nunca apareceram, fica o convite. E aos que exigem grandes atrações, mas não conseguem prestigiar os próprios amigos, deixo uma pergunta: de que adianta querer salvar o rock mundial se você não move uma palha para manter vivo o rock que acontece na sua própria vizinhança?

O Do Próprio Bol$o continua. Sem pedir desculpas por existir, sem abaixar a cabeça e sem esperar que alguém venha nos ensinar como se faz.

O rock não precisa da sua aprovação. Mas, se você quiser que ele continue vivo, apareça!

O caos nosso de cada dia

O punk rock do DF está mais uma vez viúvo, acabamos de perder ontem, o guitarrista Alex, da banda Face da Caos que tanto tocou o seu punk rock em nas quadras – eterno apoiador do grupo Bandalheiras, ontem no meio da noite, um triste Ricardo Retz ligou para lamentar a falta que o amigo fará, o lado mais digno do Retz avisa que será feita uma homenagem a este músico que levou a bandeira da anarquia, da contracultura e do punk rock pela Brasília dos infames políticos.

O trio Roriz está de volta. É muita marginalia!

Roriz está afiado e afinado.

Roriz ou Tacesa?

É grande a possibilidade de o Tacesa (Taguatinga, Ceilândia e Samambaia), uma banda que se reúne esporadicamente, aparecer neste sábado, às 15 horas.

Tacesa está na área! E ria-se de piadas infames, como a da menina que caiu do balanço.

19 de janeiro – A jam dos 37 anos

A 9 de março, faremos a jam dos 37 anos prestados ao rock dos **Beatles**, dos Mutantes e de Brasília. Então, o mundo vem abaixo!

No dia 20 de janeiro, domingo, gravarei uma entrevista em vídeo para a Rádio 4 Tempos, conduzida por Fellipe CDC, sobre o meu livro Coisa de Fã. Essa entrevista já me deixou ligado, com vontade de soprar a casa e derrubá-la. Não sei se tenho necessidade ou saúde para tanto, mas a vontade alfinetou o cérebro. E quando isso acontece, meu amigo, é melhor não duvidar dos estragos.

No dia 9 de março, será lançado em Brasília, na minha casa, um zine de qualidade, feito em Goiânia pelo editor Jadson Júnior. A publicação mapeia aqueles que se expressaram via ECT, selos e xeróquis, gente que fez do faça você mesmo uma maneira de existir e se comunicar. Jamais pensei que um dia faria parte do apêndice de um zine. E, mais uma vez, farei dobradinha com Fellipe CDC. Portanto, novamente, o jeito será convidar o Terror Revolucionário para a nossa festa.

FVC N.º 1 – Faça Você Mesmo visita o do it yourself de Brasília.

Eu me sinto vivo, reconhecido e com alguma utilidade depois de 37 anos de rock provocativo, nacional e independente. E isso, convenhamos, já é motivo suficiente para juntar a turma, aumentar o volume e deixar o mundo vir abaixo.

20 de janeiro – Entrevista à Rádio 4 Tempos

Rock ainda rola! Passei lá pelo Fora dos Eixos, onde agora também exibem um curta. Finalmente gravei minha participação no programa da Rádio 4 Tempos, e o vídeo já está circulando pela superfície das telas programadas.

Curtimos muito o nosso chá das cinco. Fellipe CDC é daqueles caras que fazem, acontecem e acreditam no que estão fazendo – e isso torna o trabalho muito mais dignificante.

A Rádio me permitiu ser exatamente quem sou: um desbocado! Uma experiência virtual significativa, mas também vivida ao vivo, com toda a energia do encontro.

Seguimos com nosso trabalho, sem deixar de lado o direito de gozar umas merecidas férias.

Bom domingo! O baile da segunda já se aproxima.

21 de janeiro – Desgraça Zine: palavras sem sedação

O Desgraça Zine é um raro exemplar para quem tem olhos famintos e não tem medo de sangrar por eles. Foi isso que me abateu logo de saída. Senti-me moído por suas palavras nevrálgicas, submetido a uma dor sem sedação. E, antes que você pique a mula, responda: quem nunca proferiu sonoramente a palavra desgraça? Então, descanse em paz! Esta décima primeira edição, em meio ao caos da dor e do câncer, celebra uma década de atuação do zine na cena de Salvador, Bahia.

A filha do editor Robson, Aurora, tinha apenas um ano e meio quando foi acometida por um câncer em um dos rins. Em meio a essa agonia, Robson encontrou forças para expurgar os males do mundo. Nesta edição, investe contra a hipocrisia religiosa e relata a própria luta, o mês passado na Oncologia e o tratamento da filha. Quando se pensa que as coisas podem melhorar, o câncer retorna, em menor escala, mas ainda doloroso. É desse lugar de angústia e resistência que nasce o editorial do zine, acompanhado de uma chamada de capa tão necessária quanto explosiva: “Reacionário, à puta que o pariu!”

Quem ainda insiste em enquadrar o headbanger na extrema direita deveria ler esse texto. O Desgraça cospe na cruz e descarrega sua fúria contra as mazelas, as explorações e as hipocrisias que se escondem atrás de verdades supostamente sagradas. É uma postura radical, sem concessões, que reafirma a intenção de jamais se tornar submisso. Esta edição é também uma declaração de força, uma expressão da vida e da postura do headbanger, do autêntico bate-cabeças: "Sou uma incógnita para os incautos."

Robson, o editor, sabe lutar, escrever e desenhar com os punhos. Há uma violência deliberada em sua linguagem, mas também uma necessidade urgente de não se calar. Li apenas o editorial e já sei que irei até o fim, passando pelas resenhas e entrevistas.

Ando entorpecido, descrente, sem preocupação alguma com coisa nenhuma. Mas, quando recebo um soco desses no estômago, respiro aliviado. Durante a leitura, pensei no irmão Fellipe CDC, cujo nome está nesta edição, e em André Antimacula. Pensei nessa gente que continua fazendo do underground um território de resistência, sem pedir licença nem esperar autorização para existir.

Boa leitura! Às vezes, é preciso sofrer com as palavras para que elas atinjam outras almas. Não para anestesiar a dor, mas para nos lembrar de que ainda há quem escreva com urgência, raiva e coragem. Palavras vitoriosas, mesmo quando nascem no meio da desgraça.

---

2. Fevereiro – Memórias gratuitas, colecionismo e conflitos

4 de fevereiro

No **Facebook** made in Guará, minhas falas são marcadas por demasiada exposição ao sol. Uma hora se arvoram a escrever sobre a República de Curitiba; noutra, revisitam as cartilhas e arrancam folhas da História. Você, que não é jurista nem gestor, falta com a verdade, mas o que importa é o cachê, não é assim mesmo?

Nesse negócio de política, não tem coluna do meio: o que vale é o fanatismo, mesmo. Fanatismo de corpo e alma, seja vermelho ou da cor que convier. Ontem, a mídia no pé de Renan, que deve ter dossiê até do ascensorista; hoje, a reforma tirou os meninos das escolas particulares e colocou mais meninos na rua, em situação de risco e abandono.

Nem vi tevê de plasma, mas o que vende jornal são os escândalos do boitatá: de onde a vaca for, eu irei. Solte pum, solte barro na louça, do jeito que vier! Serão trinta por cento em cima de alguma coisa sua que você ainda nem conquistou. E a servidora do nono andar sente prazer em perguntar:
– Já aposentou?

A resposta é: estamos vivos! Conduzindo o rabecão. Cuidado para não entrar nele!

5 de fevereiro – Decadência?

Você vem falar em decadência. Acho que deve estar olhando para minha barriga. Nesse ponto, confesso, é um drama.

Agora, a Festa é a única que passa na televisão. O movimento tem dois livros de quase mil páginas. Faço televisão e rádios independentes, mesas-redondas, participo de festivais para os quais sou convidado e fotografo as mesas-redondas. Dou apoio a clipes e filmes independentes.

Minha coluna diária chama-se Cantinho do Guru do Conic. No Conic, compro discos todos os dias.

E você ainda deve estar perguntando como arranjo tempo para trabalhar. Em tempo: não abro mão de duas horas de sono à tarde!

Mas tudo isso vai mudar em breve. Não quero ser mais uma vítima dos governos. Preciso das 40 horas. Talvez em maio eu vá ao Sindireta e peça que solicitem as 40 horas para o sindicalizado.

Talvez apareça no jornal usando uma camiseta.

A vida é luta!

7 de fevereiro – O vício dos LPs

Faz quatro anos que voltei ao vício dos LPs. Perdi a conta dos discos que comprei e ganhei nesses últimos 48 meses. Foram centenas de LPs e CDs, além de uma centena de compactos. Vieram também revistas, livros e recortes de jornais. Agora, a shows eu não fui a nenhum.

Estou fazendo uma corrente para tentar parar de comprar LPs. Os preços chegaram às galáxias, e já não tenho estrutura para sair de uma loja de mãos vazias. Não passa um dia sequer sem que eu vá a um sebo da cidade. Parei de comprar no **Mercado Livre**: os preços de lá são mais altos do que a soma das tarifas alfandegárias e postais, tudo dentro de um mesmo envelope.

Fui comprar um disco, e o vendedor disse que estava riscado. Eu queria o disco assim mesmo, mas ele agradeceu por eu compreender que a política da loja não permitia vender discos com marcas. Acho que ele viu o valor do exemplar e resolveu dizer que o vinil pulava.

Vi picture discs por mais de duzentos paus e importados arranhadíssimos por mais de cem. Na verdade, viciei-me em comprar LPs de dois reais. Os importados de quarenta já estão pesando no bolso. Por isso, parei de comprar discos importados pela internet: os que encontro aqui saem mais baratos, não pagam taxa de correio e ainda vão comigo para casa na mesma hora.

8 de fevereiro – Gira, ciranda

Gira, ciranda
Na palma da mão,
pé de roseira,
levanta a poeira do chão.
Gira, menina,
na palma da mão.
Gira, menina, que um dia
eu te ponho no chão.
Abri o portão de ouro
da máquina do tempo.
Ouvi uma ciranda ao longe,
a rodar...
As caras giram, rindo.
Eu amo todas elas.
Os...

10 de fevereiro

Chocado! Sob a efígie do transtorno bipolar e completamente absurdado com o lançamento de *Ricardo e Vânia*, de Chico Felitti. A notícia me deixou de quatro: os

direitos cinematográficos do livro já haviam sido adquiridos pela RT Features, de **Rodrigo Teixeira**. Nem cheguei a despejar o link por aqui, por respeito, consideração, estima e outras delicadezas.

Uma história profundamente humana e tocante, que recupera a trajetória de Ricardo Corrêa da Silva, conhecido como Fofão da Augusta, personagem singular da paisagem urbana do Baixo Augusta, em São Paulo, e seu relacionamento com Vânia Munhoz. Um livro que devolve humanidade e visibilidade a personagens tantas vezes empurrados para as margens da sociedade.

Nesse périplo, caí de cabeça na decoração. Já havia pintado e colado um monte de baratas. Os decalques estampados com baratas eram a logomarca de Natinho. A partir dessa imagem, eu preparava A Cucaracha, meu evento em homenagem a Natinho e Pedro Lacerda, apropriando-me da ideia das baratas como elemento de provocação e identidade.

Depois, retomei um projeto de capas de discos iniciado com Julimar em 2013. Para completar, resgatei algumas pranchas de pin-ups do evento Pão e Circo, realizado em 2011.

Dito isso, volto à condição de cidadão normal. Posso retomar minhas caminhadas, dar um tempo na cerveja, pensar no IPVA e tentar descobrir o que será do restante de fevereiro – assunto que, imagino, todos também estejam tentando maquiar à sua maneira.

Então, fica marcado: 9 de março. O embalo das cores, das formas, dos sons e dos pôsteres.

Estou meio que caindo de paraquedas numa empreitada que preciso provar a mim mesmo. Desta vez, não haverá flyer nem anúncio. A Cucaracha já nasce destinada ao povo que acompanha e lê minhas postagens.

11 de fevereiro

O rock é uma capa grotesca de disco ou a bandeira que o toureiro usa para provocar a ira do boi ferido? Pode ser um simples lenço no bolso de trás. Assim meu tio se foi...

A arte é o anfiteatro onde se interpretam as páginas mais bizarras. Sol, surto, ouvido morto, peido fétido. Amuleto e talismã para Ozzy Osbourne.

Vamos começar tudo de novo. Vamos bagunçar bem a cabeça com drogas, modificar a construção. Basta de reformas! O lance que interessa é ser um artista livre ou conquistar a fama de **Banksy** no ciberespaço. Poucos chegarão a ninguém.

Ostenta tua guitarra e dilacera a corda até arrancar sangue das pontas dos dedos. Rock rococó é coisa de hippie grisalho. Porra, olha essa moçada de cabelos alvos!

É um festival. A força do festival vem do dinheiro, não das bandas.

Ela queria que eu entrasse na dela e transasse um Twitter. Fiquei com meus pitacos. Ela me queria no **Instagram** e ficou decepcionada quando pedi selfies de seus mamilos pequenos. Falei que iria chupar uma gatinha e ouvi que isso era coisa de velho delinquente. Mas ainda dou no couro e estico papel no forno.

Dê-me uma performance! Dê-me signos, arrotos, apupos, assobios! Não quero essa coisa estilizada de **Bob Dylan**. Cale a boca e toque trombone! Nada de Dilma nem de **Bolsonaro**.

Ah, eu gosto de chocolate, pula-pula, sorvete, caldo Knorr, frango caipira, macarrão grosso, quiabo e jiló. Topo colocar a mesa para fora, estender a toalha branca, servir-

nos à vontade, derramar vinho e sair bêbado como aqueles sujeitos na capa de um disco de **Alice Cooper**, num puteiro nas docas.

Rock'n'roll, meu saco escrotal está branco, minha barriga protuberante, minha pica, outrora caída... Nunca comi Jennifer porque a dele é socar o ônus.

Bye-bye, conservadores!

A história da vida se repete como a chuva: uns têm guarda-chuvas, outros têm capas. Eu tenho o verde marginal do Córrego Vicente Pires, enquadrado na janela.

Vinde a mim, miquinhos pidões! Vinde a mim, capivaras gordas cobertas de carrapatos! Deem cambalhotas, cães e gatos! O espetáculo vai começar!

Será o Rock in Casa, a forma mais excruciante e dolorosa de fazer business sem capital. Aí entra a canção Money for Nothing.

Cartas de fala mansa

Então, sua vida está atravessada entre a realidade e a ficção. Abandonou a porção diária de três pães? Se tivesse rabo, abanaria e espantaria as moscas. Mas diga-nos: pensar, orquestrar, planejar e meditar devem doer mais quando não se ostenta uma carteira de qualquer conselho profissional.

Você deve ser mais um jagunço mandado, desesperado para distribuir facadas em personagens políticos. Pule nos ombros que o povo lhe carregará!

Em vez de respostas concretas, é melhor surtar. Agir como surtado, veicular, transgredir, transtornar. Agora chega de ensaios! Chega de espaço vazio para falar e de passar adiante uma ideia subjetiva de uma realidade que é particular.

Não precisamos recorrer às emoções do passado. A glória, o lema e a trema foram abolidos. Depois, o Revisor verbaliza o parágrafo, mas o dinheiro desapareceu. E ele também sumiu, tragado pelo mar revolto das palavras do dicionário eletrônico que utilizava.

25 de fevereiro – Roriz, padroeiro roqueiro do Carnaval!

Ou ainda não conheci um servidor do GDF que não gostasse dele?

O que você não sabe é que comunista gosta mesmo é de grana.

Salve o companheiro Roriz, que não era elite e que era cultura!

Por incrível que pareça, o pessoal da direita sabe mais de cultura, pois não tem aquele ar fake das coisas pomposas de uma esquerda que não ajuda a população e beneficia somente artistas de esquerda, que recebem o jabá. Bote pinguços e boas-vidas nesse circo!

Do Próprio Bol$o: 37 anos de rock sem tirar merreca do nariz de ninguém.

27 de fevereiro – Não pague pelas memórias, elas virão de graça / Chico Bolacheiro

Chico Bolacheiro anda pelo – ou melhor, vive no – Conic. Combinamos não fazer mais fotos nem postar no Facebook, para preservar sua privacidade.

Chico vive escondido atrás dos óculos escuros, jamais tira o cigarro da boca nem o dedo da guitarra. Ontem, mostrei a ele “Breaking All the Rules”. Ficou tirando as notas daquele jeito miúdo, e deu para perceber como são as guitarras dobradas na gravação de Frampton. O exercício terminou junto com a bateria do celular.

Ah, ele pensa que me engana! Gosta mesmo é de King Crimson e **Jethro Tull.** Ainda me deu esta tradução ao pé do ouvido: "Não pague pelas memórias, pois elas virão de graça."

Sapecou um monte de versões acústicas do Álbum Branco. De vez em quando, escolhemos alguma banda de que somos fãs para espevitar a conversa. Naquela tarde, só se falou em **Black Sabbath.**

Chico Bolacheiro revelou a identidade de Spock Wall, personagem ligado às histórias do rock, e contou que Ozzy e Bill Ward entraram numa disputa para ver quem colocaria a voz em "Swinging the Chain".

Balançando a corrente

É contra o meu uniforme
Ser um juiz civil
Todas as canções são agora história
Sobre as estrelas do rock e seus rancores
Deixe-nos imaginar nossas mentes
Há trinta anos ou mais
Você levou todos os vândalos
Hitler baterá em todos eles?
E nós estamos tristes e arrependidos
Realmente arrependidos da forma como aconteceu
Sim, estamos tristes e arrependidos
Mas por que você tem que nos tratar desse jeito?
Compare-nos com os outros
E cubra-os de pecado
Oh, Deus, que coisa terrível
Em que estado terrível estamos
Deve haver alguma saída daqui
Uma coisa é certa
Se não pudermos sair dessa
Vamos ter que lutar
Sim, estamos tristes e arrependidos
Realmente arrependidos da forma como aconteceu
Sim, estamos tristes e arrependidos
Não podemos continuar naqueles dias
Estou falando dos meus irmãos
Sim, estou falando das minhas irmãs também
Desejo-lhes boa sorte
Boa sorte!
Oh, mas o mundo ainda está em chamas
Aprisione a esperança que você enfrenta, mentiroso
Este fogo
Estamos pegando fogo, estamos pegando fogo, sim.

28 de fevereiro — Bêbado Gerald, Brawler e Norman PNC

Há um quarto de século, andei em companhia do Bêbado Gerald, de Brawler e de Norman PNC. Há um quarto de século, eu bebia e, quanto mais bebia, mais me transbordava de coragem. As veias se ativavam e, ainda bem, os neurônios também. Eram eles que me seguravam.

Sempre que via Norman PNC no Conic, meu humor mudava. Imaginava quebrando uma garrafa na cabeça do pobre Norman ou arrumando-lhe uma situação em que a polícia jogasse fora a chave da cela.

O povo percebia que havia algo errado. Se me convidavam para incinerar um baseado, a resposta era:
— Estão me esperando.
Se o convite era para um show:
— Estou sem carro!
Os chegados sabiam que eu mentia.

Como começou?

Quatro décadas antes, no segundo grau, conheci Brawler. Aos dezoito anos, passei a beber com o Bêbado Gerald. Norman já devia ser um PNC, mas, em meados dos anos 1990, eu ainda não sabia.

Fazíamos churrascos na casa dos fundos de algum conjunto do Guará e tocávamos os poucos CDs de metal num carrossel.

Num dos churrascos de aniversário de Norman PNC, realizado numa chácara, eu não tinha nada de valor para oferecer, a não ser um CD importado de Never Say Die!. Peguei o disco e falei:
— Eis o seu presente!
Ele foi mal-agradecido. Mais tarde, retrucou:
— Quem mandou dar?
Essa foi a primeira pisada na bola.

Na segunda, a coisa foi mais séria.

De olho na bela morena, namorada do amigo Brawler, Norman PNC foi à casa da mãe dela e despejou uma coleção de pragas e lagartos sobre Brawler, chamando-o de traficante. A mãe da namorada ficou tão indignada que procurou pessoalmente Brawler para contar o que o então amigo andava dizendo.

Brawler respondeu:
— Vou conversar com o cidadão.
Eles jamais reataram a amizade. Foi Brawler quem me deu o toque.

Vinte e cinco anos depois, Norman PNC reapareceu na minha casa e, logo na entrada, disparou:
— Era aqui que rolava a zica!
A casa ainda não havia sido reformada.

Tarde da noite, eu os recebia por cortesia para ouvir um som e jogar sinuca. Quando eu ia virar o disco, eles batiam a sedutora totoya no canto da mesa.

Pensei rapidamente:
— Esse cara é do tipo que, com uma única frase, pode colocar qualquer um numa fria.
Deixei o rock rolar diplomaticamente.

Já fazia alguns bons anos — duas Copas do Mundo, para ser mais exato — que eu não bebia mais no Conic quando Norman PNC reapareceu.
— Tem visto o Brawler e o Bêbado Gerald?
— Você sabe que eles não eram as melhores companhias para um homem sério. Poderiam arrumar-lhe um B.O.!

Olhou para mim e se despediu com o chavão:
— Vocês que estão com a vinha ganha, deixem-me ir ganhar a minha...

---

3. Março — A jam, o Carnaval e o festival underground

1º de março

Eu gosto é quando a pessoa se acha esperta, mas se fode redondo por desconhecer a própria ignorância.

2 de março — Carnaval é meu ovo!

Cheguei junto com o canto do galo. Nem acreditei naquela noite melosa! Exalava álcool como posto de gasolina, com a garganta irritada pelo vício do cigarro com filtro. Noite longa, longa conversa com Lincon. Taty me representa: ela foi brutal no rap! Retzcore Júnior, no fim da noite, tocava na caixinha Ave Sangria!

Amigos em matilha com a Dög Savanna. Fazia tempos que não nos divertíamos tanto. E a cerveja acabou! O galo não parava de cantar. Olhei o relógio: cinco da matina.

Carnaval é meu ovo!

O evento já se destacou pela qualidade absurda das bandas. E o mais importante: as bandas estavam tinindo, a fim de tocar, não de tilintar um trocado. Gente sem frescura, que não onera e aceita o cachê de dez pilas. Guilherme, o gestor do Zepelim, foi gentil e atencioso. A casa teve bom público. Houve farta distribuição de máscaras do mito político. Cada roda teve sua conversa irregular. Muita gente junta!

Hell, Mario A., Grazi e as meninas da rádio ZoomMusic. Falei merda, falei merda e acho que fui lá dar um recado. Um recado típico e épico! Porque você não pode guardar os recados somente dentro da cabeça. Uma hora ela estoura.

Gente louca, gente que já foi louca. Eu nunca tive tempo de ficar muito tempo louco, pois dependia de um empreguinho para bancar meu Kichute.

Não dou lição de moral, não faço propaganda, não agrado ninguém. Estou muito feliz e atento:
Não venha cheirar cocaína na minha casa!

Se eu estiver de boa, paro e penso: “Não vou estragar a festa.” Mas, se eu estiver num daqueles dias com o diabo, penso em disparar na cara do sujeito.

É por essas e boas que estou dando um tempo nesse rock. (Abração!)

9 de março — A jam dos 37 anos

Como nos velhos tempos, daqui a uma hora a Roriz Brothers abrirá o festival.

Assim foi o trio Roriz: palanque cheio!

Roriz, a última banda de estrada do DF

Eles não querem apenas tocar o hard rock de UFO e Grand Funk. A seiva sonora deles é verde-amarela: rock nacional dos anos 1970.

Em duo, é um repertório; em trio, falta constância.

Mais uma noite de gala, mais uma superapresentação do trio Roriz, que há muito faz desse trabalho um ato de divertimento.

Agradecimentos mais do que especiais a Titi, Blavis e Thomé de Souza.

Nota de arquivo: A comemoração foi concebida como reunião de caráter privado, com espírito de happening e independência total. Reuniu Dög Savanna, Tiago & Blavis, Kelton Alex, Corte Seco e Metrópole Locomotiva. Sem propaganda convencional, sem flyer, sem multidão organizada e sem transformar o aniversário do fanzine em evento comercial. Na programação, lançamento do zine FVC N.º 1 — Faça Você Mesmo, de Jadson Júnior, com participação de Fellipe CDC.

10 de março — Mimos, jazz e clínicas musicais

Eu sou um homem velho que gosta de mimos. Me faz graça, me faz feliz, me faz bem!

Ontem ganhei um calendário da Rhino. Sempre que vejo algum lançamento musical dessa marca, compro. Abri o calendário e lá estavam aqueles maravilhosos pôsteres do **Grateful Dead**, com datas espalhadas e fatos da história do rock. Fui folheando até chegar ao final: a mais linda capa de um LP natalino dos **Monkees**! Babei, babei! Amo! Pareço menina fã do Menudo.

Do mesmo cara, do mesmo amigo, ganhei o magistral, o monumental, o importantíssimo álbum duplo de Dexter Gordon e Wardell Gray. O disco se chama THE HUNT e carrega toda uma mitologia da Beat Generation. Parece um duelo ensandecido de saxofones, daqueles capazes de desagradar ao típico sulista americano e pôr os branquelos para sacolejar. O disco é citado em ON THE ROAD.

Esse exemplar ficou preso durante anos na alfândega de Curitiba. Não sei se o que ganhei é aquele mesmo disco de Curitiba ou outro que Júlio trouxe d'América. Enfim, isso demonstra a grandeza da minha estupidez — ou será que não entendo nada de jazz? Fui até a estante e não encontrei nada de Dexter Gordon. Mas ainda vou procurar uma antologia de bebop.

Júlio, que você esteja na paz de Deus, na paz deste domingo, com muita saúde para você e sua família! Muito obrigado pelos presentes. E não posso esquecer: você é um companheiro ideal para as cervejas e os cigarros.

Backup da vida

O matador de aulas não comparecerá amanhã, segunda-feira.

Durante esta foto, ficamos mudando de lado devido à perseguição de nossas próprias sombras. A ideia era como uma capa de disco. Fiquei curioso, e é mais um registro da loucura ligeira que foi aquele domingo.

Eu tinha o hábito de fotografar quem pintava em casa e colar no Facebook. Aí vi que o registro é legal, mas aprendi que não deveria postar fotos do que estávamos fazendo ou extirpar a ideia de que publicávamos fotos para provocar ciúmes. Ou será que eu estava dando muito valor a mim mesmo?

Tem quase um mês que não tiro fotos e quase desapareci.

Estou fazendo um álbum, o tal Backup da Vida, com mais de 1.200 páginas impressas.

O álbum foi visto por um par de amigas da minha filha e, a cada página, elas se questionavam: "Estarei aqui?". E não é que elas se acharam? — Ah, essa foi no dia do aniversário do Marcos!

No final, falaram que era um quem é quem na fita da cultura suburbana do Guará II.

Rei dos Polos, agora só falta abrir um polo de cinema, mais uma oficina, uma locadora etc.

— Mário, você quer voltar aos anos 90?

Boa essa! Quero a volta do Landscape e todos os filmes que não fizemos. Ah, e responder presença naquelas aulas que matamos!

11 de março – O festival é underground

O Festival é underground. Nada de explodir, nada de propaganda. Os caras de Woodstock estavam interessados na grana. Aquilo poderia ter sido o maior prejuízo da história, choraram, mas o filme deu dinheiro. Para mim, o Festival é o Free Jazz do underground.

Ficamos amigos da ronda da PM. O jovem tenente vem aqui em casa tomar café ou suco e pergunta, com a maior naturalidade:
– Que horas começa o rock?
– Às três!
Ele não acredita. É um rock familiar, rapaz! Traga suas crianças.

Ninguém entende. Ou entende e não dá uma palavra de apoio, justamente quando é disso que mais necessitamos. Tenho o direito de fazer rock às três da tarde? Vai tocar quem tem alma, quem é profissional. A primeira coisa em que penso é que precisamos de uma banda de que o público feminino goste. E é o que rola. Foi assim com Nmak e Astride.

Só dois caras acompanham a loucura de perto: Tiago e Thomé. Essa onda vai ser como eu quero. E não é um ato ditatorial. Se for para fazer merda, eu nem saio do banheiro.

Pronto! Com essa frase já arrumo uma dúzia de discordantes.

Saio colando cartazes, atirando frases e recados. Não queria nenhuma menção aos 37 anos – e não estou falando de comprar discos. Esse negócio de rock na primeira oportunidade é assim mesmo? Dia 9? Não vai dar certo! Aí penso: mando se foder?

Depois concordo:
– É, você está certo.
Incrível como ninguém diz logo de primeira: "Legal!". Mando a sindicalista para a reunião do condomínio, para ver se o pessoal para de meter o pau nas nossas festas. Aí vem o maldito portão de acesso. Antes do Festival, aparecem as propostas mais absurdas, os problemas mais descabidos. E eu pensando: será que essa gente sabe que tenho um Festival pela frente?

Tomo uma cerveja que me deixa com os olhos vermelhos. Que falta faz aquele menino que carregava as caixas sozinho!

Preciso arrumar um som decente. A voz do cara é de barítono. Preciso deitar, ver a novela, assistir a **The Walking Dead**. Escondo o Festival de todo mundo. Jamais saio anunciando que vai rolar.
– Quem vai tocar?
Essa é a melhor pergunta. Respondo que é o diabo! E isso me afunda ainda mais na angústia.

No domingo, levanto cedo. Foram cinco sacos de lixo, quinhentas pontas de cigarro, garrafas aos montes. Recolho tudo e faço a faxina. Depois, vou subindo a rua do condomínio e encontro, lá em cima, na grama, uma latinha de **Devassa** que alguém deixou como tributo ao Rock do Mário.

É, quem bebe faz essas coisas, perde a noção. Explico isso a mim mesmo e ao vizinho, que aceita minhas condolências.

Na festa, estou doido. Acabei de fumar uma ponta e quero montar o som. Acho uma das maiores merdas fumar maconha antes de montar o equipamento, antes de tocar e antes de muitas outras coisas, como fazer provas. A maconha chama uma cerveja, e eu fico down,

doido. Eles tiram retratos, eu fecho os olhos, faço meus disfarces e vou empurrando o mundo do rock.

Ainda não foi dessa vez que conseguimos tocar as canções de Arnaldo Baptista. Ainda não foi dessa vez que o show começou com "A E O Z".

Chega a pressão:
— Será que essas bandas vêm mesmo, Mário?
— Eu também tenho essa dúvida!
— E o próximo?
— O próximo a gente vai arrebentar!
Vou chamar o Atacama, a Noite Voa, O Dia D, trazer de volta a Banda Ser. E, nesse dia, em detrimento da música eletrônica, vamos tocar um bocado de números acústicos de Raul Seixas.

Tenho grandes amigos. Lucky é um deles. Betto & Bel seguram a onda porque gostam dessa maluquice. Aí aparecem as meninas da minha geração, bonitas no meio daquele bolo: Jihan, Sueli, Gê, Zeca. Estou seguro. Os amigos remanescentes continuam no barco.

Faltou o grande Magu.

O rock foi profissional. Julimar atraiu as chamas do rock. O Jornal do Guará está na fita. Fernanda e Lucas, o Conselho de Cultura aparece. Rádio ZoomMusic. Esses são os aliados.

Acho que vi a Campanha de Ajuda. Ricardo Retz está cantando, com o microfone na mão do Mengajam.

Aquela gatinha me pede:
— Nada de fotos, Marinho!
Assim é o rock. Uma confusão dos diabos, um monte de gente, caixas de som, pontas de cigarro, cerveja, cobranças, angústia, promessas, amigos, ausências e a esperança de que, na próxima vez, tudo aconteça como a gente imaginou.

E, no fim das contas, todo mundo se dá bem.

11 de março — Um piolho de casa

É, não consegui realizar a fantasia de ser um piolho de casa. E sabe por quê? Porque você nunca está sozinho. Porque nunca consegue se aderir à cama e lá criar raízes. Porque tem que esconder a cara redonda. Porque a fila no banco está gigante.

Desejo ser um toletinho na caixa de areia e, pensando nisso, vi esse filme.

Cara, mas estou rindo pelos cotovelos com as sacadas do texto! Para mim, é um tributo à amizade e àqueles que falam merda. E a merda é o tema central nesta história do vaporizador de cocô.

Ri dimais, onde as mulheres são lindas.

No fim do cartaz há um comício e nele um cartaz escrito: "Cocô livre".

Só pensei em duas pessoas para rirem comigo: Rei Lagarto e Suzana, de quem ainda não devolvi o pendrive branco.

14 de março — Surrealismo venezuelano ou hillbilly music

Hoje tivemos mais uma clínica musical, desta feita com Rodrigo Souves, seu olho de pelicano e a afinação em sol aberto à la QuiF Richards.

Souves contou detalhes da festa, do show da Banda Mais Lama. Estava com o discurso fluente, longo, cheio de ideias que pareciam falas escritas por um roteirista. Não

discordamos em quase nada. Mais uma vez, o trabalho profissional de Tiago Rabelo em separar as coisas rendeu-lhe uma observação certeira:
— Foda!

Souves falou do convívio com os integrantes de sua banda e disse acreditar que o segredo do sucesso está no repertório. O sujeito é bom de bola e segue roteirizando suas idas aos shows perto de casa, em Taguatinga Sul. Comentou as fotos que os meninos mandaram durante o show da Curiosa. Voltou a falar dos tais repertórios.

Fica na dele, traça ideias sobre Thomé, Tiago, Blavis. Nesse momento, rola uma idolatria. A gente faz reverência, reconhece o que os outros sabem e percebe o quanto ainda podemos aprender.

Não tivemos tempo para HQs, cinema, cervejas ou sala de aula. Ficamos apegados à música, segurando seus livros e vivendo aqueles improvisos de THE HUNT, um disco que pertenceu a Junky, o maior colaborador de zines, com sua coluna e a carteira de cigarros na mão.

E assim seguimos: entre mimos, jazz, repertórios, livros, zines e conversas que viram aulas sem precisar de quadro-negro. Um domingo de música, amizade e descobertas — porque até um homem velho que gosta de mimos continua tendo muito a aprender e motivos de sobra para babar diante de um bom disco.

19 de março — Faxina no Facebook

Tô adorando isso! Quando encontro um "amigo" que não interage e que nem conheço, meto o cadeado no pescoço dele. Cadeado também naqueles que postam ou compartilham vídeos de violência gratuita e outras barbaridades que não são apenas bobas, mas dementes.

Facebook não é fundo monetário, e quantidade não significa qualidade. Tem um carinha dos 666: meti cadeado nele. Agora ele pode somar mais um à conta. Ha, ha, ha! Em breve, vou sucatear também os que postam qualquer coisa de #EleNão. A foda é que, nessa máquina de moer cérebro, tenho mais de 800 amigos, mas nem 10% interagem ou soltam um pum. O resto fica ali, na moita, assistindo à vida alheia como quem acompanha novela sem nunca telefonar para o protagonista.

Pois chegou a hora da faxina! Menos gente de enfeite, menos idiotice compartilhada, menos violência gratuita. Não estou disputando popularidade nem administrando um clube de colecionadores de contatos. Quero interação, alguma inteligência, provocação, música, ideias — qualquer sinal de vida que justifique a presença de alguém do outro lado da tela.

Amizade virtual não é número de catálogo. E, nesta bagaça, quem tem a chave do cadeado sou eu!

---

4. Abril — A Ninfa, o arquivo e o Conic

1º de abril — Acho que conheci uma Ninfa

"Histo hiscrito deu dores de cabeça."
"Com teus filhos. Pródigos com futuro."

Seu cabelo oscilava. Sua jaqueta e saia se contorciam numa teia. Entre um passo de dança, ela avançava e soprava na minha cara. Uma dança marcial de entrada. E a única coisa que eu fazia era franzir o queixo:
— Sem fotos!

Levantava o braço na direção da objetiva.
— Você gosta de arte?
— Eu sou a artimanha, menina!
— Vamos lá em casa!

No seu flat na orla, o quarto era curto. Na mesa de pés pretos metálicos e fundo fumê, puxou do envoltório um conjunto de roupas. Na hora, fez traços e costuras nada banais — sei lá, construiu ou remodelou a peça.

Caí na besteira de perguntar quanto.
— 62 mil reais!
Da cigarreira prateada antiga, espalhou um pó cobre.
— Eu preferia um baseado.
Um espelho gigante era a própria parede. O estranho era a sensação de que havia alguém lá nos olhando. Gelei e disse:
— Hora de pegar o beco.
No restaurante, nos serviram uma toalhinha quentinha logo que sentamos à mesa. E eu, o que faço com o copo d'água? Bebo?

O vinho era desses com gosto de formiga.

Seu conhecimento musical não me constrangeu. Ela falava sobre as bandas e o som na pista e mostrava como se dançava nos anos 90.

Então, do nada, soltou a bomba:
— Você gosta do Arnaldo Baptista. Eu também!
Desconcertado:
— É. Essas coisas só acontecem com o Arnaldo!
Falamos a noite toda sobre Arnaldo Baptista. Ela cantou "todas" do Arnaldo no meu ouvido.

Ficou até mais leve passar o cartão.

Obrigado, Arnaldo!

4 de abril — O arquivo e o enclausuramento

Não houve paliativo para atenuar esse disparo de recuerdos.

Eu havia imaginado uma quinta-feira diferente, dormindo até tarde. Mas fui convocado e assumi a responsabilidade de adiantar a pesquisa, para que os assuntos não escapassem. A responsabilidade mata o tempo que deveria ser usado para fuçar nos jornais que Sylvio trouxe.

O arquivo vai bem. Ainda há muito enclausuramento, embora na terça-feira eu tenha metido o pé em Taguatinga. Menos sensação de perseguição quando a missão é alheia.

Quero impor distância das causas que não são originais. Mas estou ligado mesmo é na minha coluna no Jornal do Guará. Estou ligadão à base de café-cola. Fui!

É uma bosta tentar dar sentido ao Facebook, essa caixa de mensagens onde as pessoas opinam, mas não satisfazem a vontade de fazer.

6 de abril — A palavra da noite foi "paraquedista"

Reunimo-nos às vésperas dos 25 anos de formação da ACBR — Associação Cultural Brasiliense de Rock. Eis os titãs do Conic!

Autoproclamei-me paraquedista, animador de velório e, agora, quase-guitarrista da Roriz.

A filmagem do documentário da ACBR foi tumultuada. Eles reviveram o Buraco do Rock, de quando aquilo era habitado por um formigueiro de gente que cresceu. Aí atraiu todo mundo do GDF-PT-1995 querendo ser pai da criança.

Tumulto, discussões acaloradas e, para variar, ameaça de agressão por parte de um transeunte direitista embriagado:
— Se for essa coisa de **Lula** Livre, ele tem que ficar na cadeia com a família dele!

Quarenta minutos depois, o mesmo meliante de direita voltou com o nariz quebrado, ainda tentando arrumar simpatizantes para sua causa de manter o presidente atrás das grades.

Houve polarização política na reunião, e isso foi importante. Não podemos continuar culpando o PT por todos os males de nossas vidas. KKK! Superai-vos!

Estes reis e rainha, agora acompanhados de nossos súditos da classe de 1995, vão se reunir em breve. E você sabe onde!

8 de abril

Isso aí. Achei o serviço público mais triste. Uns pagavam boletos de IPTU ou IPVA. Avisaram-me para ter cuidado com a folha de ponto, que agora será feita na Secretaria. Talvez eu tenha de fazer uma porção de observações no portal.

Achei o Conic mais esdrúxulo, sujo, feio e vadio — para não dizer vazio! Brasília anda numa deprê geral.
— Vou levar fulano na tua casa.
— Leva não. Ele é chato e nunca foi porque não quis... Não faço acalanto. Agora a onda é ser reto. Anda tudo duro demais.

Tirei um sujeito do rol de amigos porque, junto às minas, dizia que eu era chato e não pagava cachê. Senti-me o próprio **Kajuru**, emoldurando uma citação de Gilmar Mendes. E, como esse cara, existem mais alguns falsos amigos dissimulados.

O sujeito, casado, azarava uma mina jovem à mesa. Passei, dei boa-noite e só. Queria ser tratado assim: reto, sem firula.

Sou bom mesmo quando fico joinha, à vontade, ligado, fazendo festinha e tocando discos. Tudo isso para contornar as pressões, sem fazer mal a mim mesmo.

Nesse lance de música, é chegar e tocar. Não há nada de revolucionário, inovador ou nostálgico. Não existem pretensões especiais nem agrados. Existe reconhecimento.

Vamos estar juntos, cada um sabendo que mata um leão por dia, para aquele momento íntimo de música de convento.

Venho pagando uma conta alta faz tempo, mas não vou sair por aí sendo astuto e fofoqueiro. Isso lixa um pedaço da alma.

O legal é que tem gente que sabe em que condições as coisas acontecem.

Fui chamado de milionário hoje no Conic. Respondi que, infelizmente, não poderia convidá-lo para almoçar, pois almoço em casa. É aquela paródia do primo rico e do primo pobre.

Descobri que minha mulher também gosta de proteger os LPs. E é isso que vale: proteger-se dos interesses que não são seus e pagar os títulos do Tesouro. Cerveja é coisa de rico, e poucos querem salvar a própria pele, alegando uma manjada incompetência.

14 de abril

Estou livre. Fiz-me livre porque não acredito em contratos para determinar minha programação. Vou seguir meu próprio ritmo. Isso quer dizer que, a qualquer hora, será a hora. Não haverá essa história de “tem isso, tem aquilo”.

Você que pode trazer uma farofa e um chope escuro será contatada. Isso não significa que vamos tirar alguma coisa da despensa ou do fogão de ninguém. Alguns caras conseguem ser tão chatos que simplesmente não serão convidados. Eis uma das problemáticas do tal flyer.

Acho que, depois do feriado santo, vou rasgar no rock'n'roll até maio.

Está a fim de tocar? Será uma banda por vez. Nada de estrelato. Estamos mesmo é atrás de meteoro: sem público, sem multidões. Sou agorafóbico, mas ninguém manjou. Fico muito louco e, em questão de momentos, preciso me aprumar rapidamente. E beber fora de casa é sempre uma bosta.

Vamos agitar essas caixas, essa mesa, esse equipamento! Mas tem que ser de dia, bem de dia, com o sol caindo nas costas e o som perfurando a mente.

Fiquei impressionado com o setlist do Barbarella e quero repetir a experiência. Isso tem que ser Jah, antes que a energia se dissipe.

Bicho, este é o movimento periférico-atonal-atolado! Guariroba Blues Say • Land Dance • Roriz • Tacesa • Barbarella B • Banda Mais Lama

23 de abril

Com a linguiça espetada ou quando você rala o saco no arame farpado, não sei como cheguei aqui. O bagulho é louco e a chapa está quente.

Soluções incríveis não devem ser usadas.

Venha quem quiser ir e vá quem for.

Anunciei uma banda e foi o maior anticlímax desde o derretimento das geleiras. O mercado musical está nervoso: como um cartaz pode ser mais explosivo do que o show?

18 de maio: meu último show do ano. Depois, vou me sentir livre. Aliás, quero me livrar de um monte de coisas.

Esse rock está muito oficial, muito gringo, muito brazuca.

O rock deve começar pelas duas horas da tarde. Não aguento mais esse esquema de começar lá pela hora de acabar, com aquela pressão cutânea.

Quem vier, que toque!

Um pouco de profissionalismo: chegue com o setlist e o instrumento afinado. Dê o recado e rasgue.

Parecemos uns bêbados malcriados, cheios de razão, proselitismo e um discurso que não fede nem fode.

Brincando de superstars do rock infantil da **Xuxa**.

Como não vou dedicar minha vida ao rock até ficar gagá, vou fazer este na base dos nervos dopados. Sem muito saco, sem muita preocupação em agradar.

Você que é fã, venha. Você que tem estima pelo rock, toque com a corda arrebentada.

Estou meio cansado de tocar rock do jeito que dá para fazer.

28 de abril — O rock morreu? então quem está tocando?

Só saio de casa para ir ao rock da capital. É meu canal subterrâneo, o lugar onde implemento minha política de pacificação social. Estou trabalhando para diminuir os graus das tretas e ser menos convencido. Como se fosse fácil!

Vou ao Sarau Psicodélico porque ali é a minha tenda, são as nossas cores e o rock continua rolando.

O papo é sempre o mesmo: "O rock morreu!" Será que ainda pode ser ressuscitado? Houve música elétrica com violões, e aquilo era rock. Esses meninos escutam Stones, tocam muito **Pink Floyd**, conhecem as linhas, os salmos e os caminhos que a música percorre quando não precisa pedir licença.

Entre as bandas do Sarau Psicodélico, fiquei estarrecido ao ouvir A Entidade. Os Olhos de Psiquê orbitaram num show mais amadurecido, embora marcado pelo luto de um de seus integrantes. A música também carrega essas ausências: às vezes, o que não está mais ali pesa tanto quanto aquilo que continua soando.

Depois, entraram em cena duas bandas: a Velhos Atos, com Lucas na guitarra e nos vocais, e outra que se apresentou antes, cujo nome, injustamente, esqueci.

Foram dois shows completamente diferentes. A primeira banda tinha uma pegada mais pop, mas sustentada por um trabalho estruturado de contrabaixo, que colocou a moçada para girar e dançar na relva. Havia corpo, movimento e uma música que convidava a sair do lugar.

No encerramento, a Velhos Atos. Gostei da competência do guitarrista, do formato da base, com violão e outra guitarra, e, claro, daquele trabalho de costura do contrabaixo, alinhavando a vestimenta elétrica das canções que a gente conhece até dos velhos vinis. É quando os instrumentos se entendem e a música deixa de ser apenas uma sequência de acordes para ganhar personalidade.

Saí do Sarau Psicodélico rejuvenescido. E fiquei pensando: será que essa moçada é a nova onda rebelde do rock de Brasília? Será que não seguem cartilhas? Será que ainda existe espaço para quem toca porque tem alguma coisa a dizer, e não apenas para cumprir tabela?

Fica uma ideia: precisamos receber, escutar e trabalhar com essas bandas jovens que realmente têm algo a dizer. Criar pontes, abrir espaços, aproximar gerações. O underground não pode ser apenas um álbum de recordações dos sobreviventes.

Para os velhos malandros como nós, parece que já reservaram outro tratamento: pão de ló, tapinha nas costas e uma cadeira na sala das relíquias. Mas ainda estamos aqui, ouvindo, criticando, aprendendo e, quando necessário, enchendo o saco.

Obrigado, Cida, Torvax, Brasília e às bandas por manterem a música no ar, ocupando esse espaço vazio.

Porque, enquanto houver alguém disposto a ligar os amplificadores e fazer o som acontecer, declarar a morte do rock será apenas mais uma conversa de quem não foi ao show.

Legenda: Mengajam, um dos aniversariantes, Rosi e o par de Mários.

Fui convidado para o aniversário da dupla Mengajam e Rafael, de primeira hora, e passei parte do sábado tramando ideias com Mengajam. Minha presença errática não dava certeza de que eu compareceria à festa para ouvir as canções de Raul.

E, no fim da noite, fim da linha, eu disse: vamos ao aniversário do Mengajam e Rafael!

Mengajam estava elegantemente bonito, fez a barba e um novo corte moicano. Cordial fez essa foto. Logo depois, Rafael chegou e falou que sabe que eu me amarro na minha coluna no Jornal do Guará e numa opinião minha. Tenho que beber outras vezes com esse menino.

Esse é o convívio das Letras.

Numa noite em que ainda conheci a poetisa Regina Lima, no Conic, ela da Asa Norte. A banda SOS Toca Raul realmente é muito boa, talvez uma das bandas-tributo mais profissionais que ouvi.

E, para nossa surpresa, uma jovem garota, no final da jam, sentou à bateria e mandou ver um rock'n'roll com os homens do Corte Seco. Ela batia muito e tocava alto. Quem é ela? Fenomenal!

Nesse recinto, reconheci e apertamos as mãos do muito querido Cabelo, o homem da 28, que nos ofereceu muitas noites de blues.

Feliz aniversário a Mengajam e Rafael. E hoje, domingo, nos reencontraremos no show de Renato Matos Dos Santos Matos Dos Santos.

O hit parade engessou a música em pop...

O hit parade engessou a música em pop. Voltemos aos tempos das cavernas! Será que os primatas usavam headphones? Tinham suas listas de músicas preferidas e as defendiam com unhas e dentes, como se fossem tábuas rasas?

Acho interessante misturar Stravinsky com Zappa. Pelo menos a moda terminaria em valsa.

Essa alegoria de música de final de festa para bêbado nada mais é do que música para adestramento do comportamento humano. Música para bêbados.

O bom da música é que ela não transmite doença venérea. Desse ponto de vista, é melhor do que sexo ou aquilo roxo.

Nunca quis discutir o que chega ao par de orelhas. Acho que é chifre.

“A música é a sua única amiga.”

O confronto do artista não existe para além da própria psique. O artista é um ingrato, um inseguro sem seguro, um vilão. Pede para levar na cabeça quando deveria bater no violão.

A música é nossa amante. Quando a relação não vai bem, a gente troca de guitarra.

Se o show foi ruim, não haverá Cristo que opere o milagre do vinho.

Digamos que trinta por cento da população esteja fadada ao sucesso. Isso varia conforme a idade, o sexo, a tara e outros agentes.

Não quero falar da música rachada do concreto nem do disco de bossa nova de Tim Maia. Mas, se você me perguntar se, seguindo nessa direção, vai encontrar o poste, eu digo que sim.

O sujeito na plateia tem duas opções: uivar ou vaiar. E vaia de bêbado não vale.

Disputando protagonismo, a maioria dos críticos de música só ouve os primeiros cinco segundos, tira o disco e escreve resenhas laureadas por estrelas.

O que não dá é fazer parte do jogo. Não quero disputar opiniões; acho-as totalmente irrelevantes. Agora, nessa questão de quociente, se uma parcela diferente acha que não

foi legal, quem sou eu para operar a cabeça das pessoas e mostrar que estão equivocadas? Que seus gostos estão fora de moda?

Se o artista adota essa tática, entra num jogo perigoso cujo risco não atinge ninguém além dele mesmo.

O time jogou mal? Perdeu? Ou o técnico é burro?

Aí pergunto: seu show vale dez por cento? A resposta é com você. Eu estou me divertindo e bebendo cerveja.

Os críticos só dão atenção ao material que recebem das gravadoras.

Ontem fui ao SDS

Ontem fui ao SDS. Não foi fácil abandonar as noites de sábado diante da televisão. Troquei meu reduto pela iluminada Praça dos Zumbis, em frente ao Conic, na mesma reta da rodoviária. As luzes doíam nos olhos. Acho que começava a ouvir pelas narinas, como os cavalos selvagens.

Pô, eu sou só linha reta. Ao sair do carro, já troquei maneirices com os passantes. Eles devolveram: "O coroa gosta da balada!" Foi esse o tom da noite: o branco dos meus cabelos no meio de uma tribo de gente de vinte anos, em que já não se sabia quem era músico e quem era fã.

Na praça ardia o Sarau Psicodélico. Cida nos avistou logo de cara e falou da dificuldade de exercer algum controle. Depois de algumas horas, ali no coração da capital federal, começamos a perceber a dimensão do problema da dependência química. Conversamos com muita gente. Muitos revelavam traços psicóticos. Podemos – e devemos – ser brandos, mas também precisamos saber nos defender.

Sou de pouca conversa. Às vezes, acho que conversar é perder tempo; fico ali, perdido entre eles e minhas próprias ideias, pensando em como somos socialmente frágeis. Não dá para descrever a quantidade e a variedade de pessoas dependentes que circulavam por ali.

Uma mulher inteligente chamou minha atenção pela educação e pela capacidade de se expressar. Foi ao microfone e rimou seu rap de rua. O que mais me marcou, porém, foi o olho esquerdo roxo. Ela foi extremamente gentil. Ela e alguns outros queriam atenção, queriam conversar.

Igor, um dos mais bem-vestidos, com uma hirsuta barba ruiva, insistia em girar como satélite pelas alamedas da praça durante o Sarau Psicodélico. Parou para acender um cigarro. Dezenas de pessoas pediram cervejas e cigarros, venderam suas bugigangas. Nós éramos o alvo.

Outro ermitão, Fred BsB, despejou sobre nós sua comunicação e sua certeza de que a cidade é maravilhosa. Aos seus jovens 59 anos, também falou da felicidade de Cida Carvalho por dar vida àquele bosque de concreto vazio, cercado por formas anatômicas e belezas arquitetônicas. As ideias de Fred eram estruturadas, suas sinapses estavam exacerbadas.

A noite me diverte, me emociona, me atrai para os vícios – e estava apenas começando.

29 de abril – O Olho

É como me olhar no espelho e mal me reconhecer. Evil Presley é o cara, meu melhor amigo imaginário. Somos íntimos: ele abotoa os botões da minha camisa, eu abotoo os da dele, sempre espalhafatoso. De vez em quando, alinhamos os cacetes e disputamos

quem mija mais longe. Fecho a mão naquela expressão que demonstra a rigidez do falo. O sucesso daquele homem está na sua boca gostosa.

"Eu cago música" é sua frase preferida, roubada de Stravinsky. Porra, de novo!? Ele é um compositor obrando. Sei que está usando o vaso quando começa a cantar Fagner.

Depois que aderi ao celular nos cinco dias da semana, ele passou a me acordar com uma variação de 'O sole mio, feito galo matinal. Também me envia fotos da namorada: detalhes da tatuagem, da coxa, do quadril e, quando está generoso, um pedaço do seio. Depois, uma pancada de fotografias da bundinha dela, que, na verdade, é continental.

Evil Presley encaixa a mão na bunda macia da moça, e começam as estupendas fodas naquela estufa, no calor do fogão, com aquele afago pelas costas e a mão apertando a nádega até descobrir que ela está sem calcinha.

Chega mais uma foto: uma calcinha acolchoada de seda. Evil Presley jamais me mandou uma foto do rosto da namorada, mas, é claro, eu sei quem ela é. Certa vez, na cozinha, a moça disse que gostava de ser comida como uma galinha. A partir daí, Evil Presley começou a descrever a anatomia da mulher: uma flor desabrochando, expondo os pequenos lábios e revelando toda a extensão dos grandes lábios. Porra! Não tem como o pau não subir! Ele ri.

Na hora do almoço, no banheiro, ele me manda a fotografia de um mamilo eriçado. O jeito é desfronhar o travesseiro.

Evil Presley, o garoto pegador das esquinas do Conic, cheio de namoradas, desafinou. Chegou sem aquele ímpeto natural. Sentou-se ao piano e atacou That's the Way God Planned It. No final, fez um diminuendo nas teclas e soltou a última nota.

E não disse o que lhe aconteceu. Uma tragédia, talvez. Torço para que eles voltem — e que voltem também as fotos íntimas.

Detalhe: Evil Woman também é outra identidade de Evil Presley.

Personagens das conversas

A barra pesou tanto que cheguei a pensar em enrolar a corda no pescoço. Claro, é um arroubo metafórico.

Está difícil equilibrar a vida com o álcool. Se bebo, alopro; bêbado, falo e refalo. Esse negócio de arte em casa não é esfuziante. Tenho que repensar tudo.

Um pouquinho de pressão no tobinha — pessoa sem lógica — é suficiente para o demônio aflorar. No momento, acredito fielmente em tudo o que escrevo.

A bala está alojada na nuca. Nunca haverá show de gangsta. Leis não serão desrespeitadas; apologia à tortura e à maconha não serão permitidas: "não ser obrigada a depor contra si mesma, nem a confessar-se culpada".

O barco afundou. Não é só você: o mundo ao redor está fazendo cultura sem grana.

Minha cabeça foi colocada a prêmio, mas ainda pensa.

A condição é fazer um show hardcore com uma caixa de retorno ligada no P.A. Ainda bem que eles são jovens e toparão!

Saudades daqueles tempos em que não nos ouvíamos e o violão era afinado pelo telefone, usando o som do lá.

Ainda temos uma caixa grande. Quem vai ligá-la? Restará uma entrada para o pino na mesa? Não deixo ninguém sem habilitação mexer na aparelhagem.

Antes de qualquer coisa, abaixe os volumes e não mexa na regulagem dos marcadores. Esses músicos saberão ligar a aparelhagem? Afinar a bateria? Garantir o som?

A receita é feita com parcos ingredientes.

Para a muvuca, sempre será espetáculo. Para mim, um espasmo cadavérico.

Olho, face e barriga de falastrão representam 50% do corpo de texto de qualquer mensagem.
Não é o meu caso.

"Uma pessoa com transtorno de personalidade histriônica busca ser o centro das atenções, fala de forma dramática, tem opiniões fortes, é facilmente influenciada, muda facilmente de humor e acredita ter relações mais próximas do que elas realmente são."

Quantos da sua página se enquadram nesse parágrafo?

---

5. Maio – Fuga do Rock e o DPP como bloco humano

7 de maio – Banda do Cigano não é dispositivo nem aplicativo

A Banda do Cigano não é dispositivo, muito menos aplicativo para baixar no celular. É um combo de rock'n'roll concebido a partir da admiração pelos craques da redonda, como Afonsinho e Sócrates, esses sujeitos que entenderam que jogar também podia ser um ato de rebeldia, inteligência e inconformismo.

A Banda do Cigano carrega muitos anos nas costas e tantas referências na bagagem que, até hoje, ninguém conseguiu definir direito o que acontece quando essa turma sobe ao palco. O show continua sem classificação, a promoção não decola e a gente segue firme no propósito de não facilitar a vida de quem precisa colocar tudo numa prateleira.

Seus integrantes já estiveram perto de resolver as divergências pelas vias de fato. São uns contumazes gozadores, praticantes da pilhéria em tempo integral, sempre à sombra de um talento que insiste em sobreviver às próprias contradições. Na Banda do Cigano, a confusão também faz parte do repertório.

Formação definida? Nem pensar! Quem pintar, rola a bola. Não há seleção permanente, contrato de fidelidade nem obrigação de apresentar escalação antes da partida. A bola está no pé de quem aparecer, e o rock'n'roll que se vire para acompanhar.

Graças à nossa avançada experiência no show business, adquirida na base da porrada, da teimosia e de algumas décadas de estrada, só aceitamos apresentações antes das 18 horas. Depois disso, até o rock precisa respeitar o expediente.

E agora chegou a hora da nossa reunião mensal. Vamos juntar os suspeitos de sempre, ligar os instrumentos e tocar o que vier à cabeça. Sem roteiro, sem grandes compromissos com a lógica e sem a menor preocupação em descobrir o que somos.

Banda do Cigano: a bola é redonda, o rock é torto e ninguém precisa saber onde isso vai dar.

18 de maio – Fuga do Rock (Guará 2)

Um documento importante sobre a permanência do Do Próprio Bol$o como espaço cultural independente. Mário reflete sobre 37 anos de atividade e sobre a dificuldade de manter uma ação cultural ininterrupta.

O texto apresenta uma relação de artistas e bandas que participariam da programação: Blavis, Serginho Pinheiro e Blavis, HNG, Cleitinho, Micherlândio, Thomé e Tiago em

tributo a Raul Seixas, Bala no Alvo, Barbarella, Banda Mais Lama e Marcelo Marcelino e Banda.

Também aparece a ideia do DPP como um bloco humano, sustentado por pessoas que compartilham a experiência cultural. A programação se relaciona com o Festival Internacional Sindicato do Reggae Brasília, realizado no Teatro de Arena do Cave, no Guará II.

20 de maio

Conseguir salvar o cerrado e mantê-lo verde.

Uma vez, ameacei construir uma bomba: uma granada radioativa que deixaria o brejo contaminado. O povo enlouqueceu, pois sabia que eu era doido e estava atrás de uma cápsula de césio 137.
— É pastor, o Mário é doido!

Um raro registro das vacas no brejo. E o banco onde Zezinho Blues e Submundo Stewart tocavam no meu Del Vecchio de cordas de nylon, instrumento divino e doce que dei a Karina Stefanin.

A moçada sabe que existe uma puta imagem desse momento.

25 de maio — Uma parabólica de malucos

Segundo o amigo-divino Rei Lagarto, amanhã teremos uma parabólica de malucos aficionados por blues. De antemão, agradeço a Walter Muganga por trazer sua guitarra mágica.

Teremos também a banda dos meus primos, Os Bolas, e a tradicional Banda Mais Lama, que mais vezes tocou aqui em casa. Pelo menos é o que manda a memória, esse arquivo desorganizado que às vezes acerta em cheio. Segundo o flyer, teremos ainda Tiago Rabelo na bateria.

O cartaz acrescenta um "& Bleyvs". A ideia é meramente plástica, não foi minha, mas que toquem os sinos!

O importante é reunir essa gente, abrir espaço para a música e deixar que o blues faça seu trabalho. A casa vira palco, o quintal se transforma em ponto de encontro e, por algumas horas, a rotina perde o direito de mandar em nós.

Amanhã, portanto, a antena estará ligada. Que venham os malucos, as guitarras, as bandas e tudo aquilo que não cabe numa programação comportada.

27 de maio — Fumando erva de vietcong

Os olhos de cobra entrecruzados, a vida cheia de mistérios e eu com calos nos pés. Cabeça hipnotizada. Normalizar a respiração.

Essas porras gravam qualquer coisa, de noite ou de dia.

Preciso de mais uma lata de cerveja. Ser livre tem seu preço. Às vezes, a gente se sente como se tivesse perdido a liberdade e passa a agir feito doido, querendo recuperar o tempo perdido.

Como era doido o bagulho!

Pode escrever bilhetes que eles entenderão os números de telefone. Bagulho não é o que você está pensando. É a situação.

Mordi o dedo para saber se ainda sentia dor.

Estava perto de casa, próximo de casa e longe do olhar de qualquer um. Fumando erva a caminho. Fumando um como maconheiro de araque. Tinha que fazer tipo, pois estava bêbado. Errava as portas.

Já era tarde, muito tarde, desde que você perdeu a paciência.

Lá no canto, no alto do portão, encostei e descarreguei. Agora eles sabem o número do lote do pé e quantos centímetros tem quando está com tesão de mijo.

Você precisa de antecedentes? De álibi? Sente-se culpado? Eles passaram a julgar os seus pelos seus atos?

Vou responder: só sei que eles defendem os teus quanto maior for o pecado.

E agora estou impedido de fumar. Minha cabeça impediu. Minha cabeça impediu a passagem.

28 de maio

Houve um prejuízo intelectual incomensurável com tantas horas de leitura prejudicadas por aqui.

Afastei-me de quem queria me afastar — e vice-versa. Jamais fui prejudicado, mas frequentemente mal compreendido.

Velhos reaças diziam:
— Você escreve cada coisa no Facebook!
Os batutas de sungas respondiam:
— Siga em frente! É autêntico!
E outros babados, elogios e tíquetes para o espetáculo.

Tive muitas brigas homéricas, algumas confidenciais. A verdade é que tudo isso não passa de uma gota no oceano. Uma cuspida de autoindignação. A enganação mais bem encenada de uma forma sincera, que não pretende enganar ninguém.

Estou-me lixando e evoluindo. Minha solução é eliminar pessoas e manter o espaço ativo. É isso que acontece com um núcleo residente de ideias, sentimentos e integração: permanece o que tem alguma coisa a acrescentar.

Não imagine que a experiência será coletiva. Será sempre individual.

E o botão do relógio tem a forma de um pino.

---

6. Junho — Serguei, alienação e o cerrado

2 de junho — Alienação ou alucinação?

Desde a infância sofrida, busco refúgio na fantasia. O tempo passou e tudo foi reescrito e consertado.

Meu tio, por conta própria, foi investigar se eu estava dividindo baseados, babados, puxando tora-tora em canudos descartáveis. Eu nem tinha 13 anos e ainda morava em Taguatinga Norte, QNJ. Nunca vi um viciado, um maconheiro ou ainda um xinxeiro.

Passou-se muito tempo e, ainda hoje, as pessoas olham para as pessoas com espanto e as classificam de xinxeiro etc. Um cabelo ouriçado no ombro e uma camiseta Hang Ten: só pode ser xinxeiro.

O mundo nunca gostou do jovem. E até parece que os velhos não gemem de prazer, intriga e satisfação egoística quando fodem com quem não gostam.

Esse é o mundo. Rola a bola, Maxwell, a fita cassete.

A alienação é quando você está por fora. E são várias as maneiras de se sentir por fora. Alienado é quando alguém vai ter que responder por você. Não é o meu caso.

The people nunca falou comigo que eu já taco: “O senhor é maconheiro? Puxa fumo também? O senhor sabe o que é alienação? Topa o teste da urina? Sabe o líquido que transborda nos orifícios dos familiares?”

Então, jovem atacava com contundência. Isto não me serviu de nada.

As pessoas que dizem lutar e cobram posturas são as que mais alienam as pessoas e as marginalizam.

Escrevi tudo isso para chegar a esse conceito: a grana aliena, a liberdade aliena, a amizade é a maior das alienações.

Estamos alienados. Outros se fazem de alienados. Ainda não consegui caracterizar a alienação que vivo hoje.

Ah, e se você me vir comprando um disquinho ou um gibi, é a alienação que pratico.

Um cara alienado não tem que ter discurso técnico nem emotivo. Ele nem precisa julgar a situação que vive.

Já briguei em outras gerações, quando achava que era mais jovem. Quer ficar com suas amigas, quer viajar com as amigas? Vá lá.

Quando a minha alienação estiver em grau alto e eu alto, entenda: estou me alienando para me proteger. É o que faço desde a infância.

7 de junho – Morre Serguei, rockeiro brasileiro

Em sua última volta ao redor da Terra, Serguei será içado aos céus, lá dará um pito homérico em Brian Jones reclamando que o stone trata muito mal da saúde fumando cigarros depois de uma crise de asma. Com Janis é só Sol e poesia e bourbon, ele dirá uma daquelas frases cômicas, e Janis próxima ao ouvido lhe pedirá para parar de piscar, pois que o príncipe está olhando na direção deles, Jim Morrison, de bom humor, depois de uma ressaca fenomenal dá tapinhas nas costas de Jimi Hendrix. – Alguém pergunta: – A casa está pegando fogo? Serguei se belisca duas vezes e pensa estar no Whisky A Go Go, a visão de Ezequiel Neves, traz um pouco de consciência. Não demora muito e Serguei pisa no palco e rebola ao som de rocks de Chuck Berry no estilo fashion cru dos Rolling Stones. Sua última frase para Ezequiel Neves, – O céu é aqui!

Eu mantive três relações de fã com o ídolo Serguei, na primeira foi frustrante, mas realizadora, foi no Sarau Psicodélico, na casa, América Rock Club, em Taguatinga. Marssal como sempre me pegou pela mão e me levou ao camarim. Lá, Serguei me tratou como um velho amigo, a coisa degringolou foi num flashback, ele começou a falar como se estivéssemos juntos em L.A., em 67, com Morrison, Hendrix e Joplin, a Janis. Os caras da banda dele estrilaram e me colocaram para correr. Mas, como bom roqueiro nunca bate biela, Serguei encerrou a conversa com um recado fantástico: "Manda um beijo pro Arnaldo Baptista". Depois disso, eu pirei, só queria que ele me falasse sobre os Mutantes.

PUTARIA...

Foi uma noite com alto teor sexual, parecia o filme, Gaiola Das Loucas. Nunca pensei em ouvir Serguei no mictório; enquanto fãs (meninas) passavam-lhe a mão... no peru! Para André, o show em que Serguei tomou mais dedadas...

Na segunda vez, me convidei para fazer a produção de palco dele. E, na terceira em Luziânia, foi fantástico, atravessamos a faixa com se ele fosse um dos rolling sonte e eu o conduzisse pelo braço. Descemos as escadas e entrei no camarim batendo palmas e assim mim que viram o Serguei, instantaneamente começaram também a bater palmas, naquela noite falaram meu nome ao microfone. Foi emocionante, mais um sonho realizado.

10 de junho

O homem em destaque na imagem, de touca preta e cardigã marrom, é Paulo Iolovitch. Esta é uma das fotografias que fiz dele e que, infelizmente, se perderam para sempre.

Segundo plano revelador: tem um rosto feminino maquiado espiando atrás do batente, na parte de baixo esquerda - cria uma camada de curiosidade, quase uma brincadeira de quem está se escondendo.

13 de junho – Perdigoto's blues

Iris, sua apresentação será como uma guerra de travesseiros, despejando a bomba H sobre São Paulo. Será épica, com The Nice!

Encomendei caixas de lenços de papel para os vizinhos, entregues diretamente em suas fossas nasais.

17 de junho – Joe, toda a grana do mundo

Joe pediu que eu não fizesse fotos dele. Mas eu fiz a sua foto naquele dia...

Joe havia gastado rios de dinheiro em sua plantação. Também iria trazer uma banda de lá – uma dessas bandas, sei lá o nome. De dia ou à noite, o assunto era sempre o mesmo: altas mesadas, grana fácil. Na visão dele, como era fácil ganhar dinheiro com isso e com aquilo!

Aquele povo do Lago.

Aquele povo do Senado.

Joe sempre conhecia alguém que tinha grana. E contava histórias de dinheiro exuberante, cifras generosas, fortunas que pareciam brotar do chão.

E eu sem um puto no bolso, sem carteira e com o documento do carro vencido. Sentia-me um verdadeiro diabo manso.

Nunca mais saí de casa à noite. O papo era sempre altas granas, e eu não tinha sequer umas moedinhas para o guardador de carros.

Vai que Joe Toda a Grana do Mundo seja mesmo essa potência toda! Vai que tenha todos aqueles tesouros, uma cachoeira de dinheiro jorrando como água da torneira.

Para mim, Joe foi um missionário. Passei a acreditar nele. Acreditei tanto que comecei a pensar que, se não me ligasse, poderia perder tudo – inclusive aquilo que nunca tive.

Joe, com seus milhões, seus cifrões e seus carros do ano, jamais participa de listas de solidariedade. E jamais dá uma caixinha para o porteiro.

Eu e você sabemos que aquele povo lindo do Lago Oeste, de Águas Lindas, também é milionário por natureza.

Repita comigo:
Aquele povo lindo do Lago Oeste, de Águas Lindas, também é milionário por natureza.

19 de junho – Antes que o diabo saiba que você está morto

Antes que o Diabo Saiba que Você Está Morto é uma película insidiosa, carregada de todos os males da vida bem-sucedida e de seus vícios. Logo de entrada, uma cena de sexo. Você pensa: o cineasta começa constrangendo os atores, e é exatamente isso que fará com os espectadores.

Freneticamente, começa a descida aos infernos artificiais e reais. Ninguém que tem culpa vai escapar: tome bala! O inocente — o bebê que nem aparece — perde, numa só tacada, o pai-assassino e o tio-achacador. Tudo porque a mãe colocou o irmão no meio da trama. A esposa fode com o cunhado, e a coisa vai degringolando. É uma desgraça atrás da outra, até que não reste pedra sobre pedra.

O filme deve ter passado pelo crivo dos acionistas, que aprovaram a tragédia. Afinal, o que temos aqui é uma dessas desgraças bíblicas que nos fazem pensar em nós mesmos. Vi o filme, já o tinha visto antes e, toda vez que assisto, fico de orelhas em pé.

Valeu, Gurgel, pela indicação desse noir mórbido, que acontece lá em Nova York e, por associação, me faz pensar no Rio de Janeiro, no caso do filho que matou o pastor.

Resumindo: está tudo dominado pelo diabo. O sujeito nem precisa aparecer; deixa a trama correr solta, atiçada pela nossa volúpia de cometer pecados carnais, capitais e tudo aquilo que a gente finge condenar nos outros — até se reconhecer no espelho.

Repetições

Me soltei como balão da corda. Agora o azul do firmamento é meu lar. Estancado no brejo, não mais acredito em minhas próprias mentiras.

Já é tarde para aprender. Em tempos de balbúrdia, é bom praticar.

Nada de impostos e nada de horários, nada de sutilezas, nada de bancar superidentidades. Nada de ouvir e não será mais necessário concordar todas as vezes.

Que tal um beliscão no mamilo? Um choque de realidade.

A arte que puxa para debaixo do tapete.

Sou/somos apenas números ou o chamado para fazer número. Nunca será chamado pelo que você representa. Trata-se de um abuso.

Ah, já nem mais pinto para mim mesmo.

Todas aquelas postagens ridículas tinham sentido crítico e, de alguma forma bestial, eram verdadeiras.

Uma pilha de gibis bons para ver. Uma pilha de DVDs piratas de séries toscas da **Netflix**.

Minha próxima resenha chamará “Toma lá, dá cá”.

Ainda estamos em junho. Em agosto vou pelo lado do Nordeste, pelo lado do Ceará. Lá ninguém vai me chamar de “ Ceará”, ninguém vai me achar, ninguém vai me encaixar, empilhar, jogar de cima no chão, armar a bola de enfeite para Natal.

A garganta meio irritada é o pigarro. É a vontade de não ter responsabilidade. É tão boa que significa que tudo está controlado.

23 de junho

É! A corda estourou do lado mais fraco. Quem tem dinheiro não vai em cana. Essas são as duas afirmativas mais repetidas, mais justificadas, mais aceitas.

Matérias abundantes sobre a cômoda situação de foder por sexo e foder por amor. Segundo Sasha, é o que diz a matéria de **O Globo**. Outras boçalidades estufam, afloram nas páginas amargas.

E quem tirou o país das mãos dos petralhas foi a Lava Jato: um tipo de violência refinada, sem escrúpulos, premeditada, orquestrada em Curitiba.

Pelo país, a violência policial, a violência dos marginais e a das milícias se intensificam. A violência desenfreada entre parentes, praticada à exaustão contra os sexos e as crianças.

É até pecado escrever isto, porque o quadro não muda.

A corda arrebentou em quem correu para entregar a nova mesa, recheada, ao boi gordo de olhos mansos — aquele que foi à cara do Planalto, abaixou as calças e mostrou suas genitálias moles, caídas e grisalhas.

O país é um pau no cu.

Bom dia, Brasil!

Comendo pipocas...

Comendo pipocas, não tenho uma visão realista do Do Próprio Bol$o. Tenho, antes, uma visão onírica, suada, daquelas que exigem o corpo inteiro, como um sexo fatigante, uma boa foda, uma boa mesa, um bom vinho e tabaco.

Do Próprio Bol$o é aquele pentelho da região pélvica, ali nas proximidades da boceta. Um detalhe mínimo, quase invisível, mas que insiste em existir por conta própria.

---

7. Julho — Conic, imprensa fotocopiada e Woodstosko em gestação

10 de julho — Jon Butler / Continentalista / Como o rock dançou

Jon Butler era chato. Chato com a mulher e convencido pacas. Sabia tudo, da onda do rádio ao fio da meia, porque tinha diplomas. Era o cara! E eu nunca o mandei se foder. Sabia tudo, e tudo tinha que ser do jeito dele. Eu, um pobre-diabo, sabia que ele gostava de fumar maconha na cama e receber sexo oral.

Tentou me passar a perna logo na primeira vez em que nos conhecemos.

Amigos meus faziam questão de me avisar que ele não gostava de mim. Ao mais impertinente desses amigos, respondi com a minha velha franqueza. Juntei o polegar e o indicador, apertei o lábio de cima e perguntei:

— Como é, malandro?

O tiozinho ficou sem graça e respondeu:

— Ele é empresário.

— E não vai me dar nada. Pegou o espírito?

Minha expressão facial disse-lhe tudo.



Jon Butler, no seu natural atrevimento, perguntou-me:

— Quando será do nosso bol$o?

— Esquente não, que eu jamais pedirei patrocínio a você.

Outro dia, disse-me que queria um livro meu e que iria pagar!

Achei graça.

— Ué, por que eu daria um livro a ele?

Acho que Jon Butler se acostumou com metade da cidade lambendo-lhe o rabo e jamais se recuperou de ter sido bloqueado por mim no Facebook.

Na minha ideologia solitária, tipo a estrela do **Botafogo**, eu era melhor jornalista do que ele, apesar do diploma de vidraceiro.

Para você que já foi Continentalista

Redescobri que **Tom Zé** foi importantíssimo no processo da minha renaturalização como cidadão brasileiro.

Vejamos: o jeans era americano, os enlatados eram americanos e, por fim, a língua do rock era o inglês. Agente cultural brasileiro? Só os jogadores de futebol!

Naquele momento, quando cheguei a Guará City, a UVA me apresentou Raul Seixas e Tom Zé. Foi quando passamos a curtir também O Terço e Mutantes, pois, até então, tudo era **Kiss**.

Deve ter sido o fantasma de João Gilberto que me levou a reescutar Estudando o Samba e aquela forma gritante de fazer música, que parecia estar de sacanagem com os ouvidos alheios. Para mim, porém, era como esperar que gotas enchessem uma piscina.

Uma engrenagem muito louca!

Quando éramos jovens, éramos bastante loucos. Hoje somos bem loucos.

Não se preocupe com meu Facebook: trato aquilo como um Twitter. É meu cartão de visitas. Onde chego, me reconhecem pelo Facebook.

Aliás, acho que deveriam me usar para propaganda, com o título: "Jamais bloqueou ninguém".

"Ademã, que eu vou em frente..."

Saudades da coluna de Ibrahim Sued, quando saiu uma nota sobre o CD Onde É Que Está o Meu Rock'n'Roll?, que me ajudou a conseguir lançá-lo por uma gravadora.

A diferença entre um independente e um dependente é que, neste último caso, o produtor se fode por completo.

E minhas condolências a todos os que ficaram ainda mais órfãos com a morte de Paulo Henrique Amorim, que fazia jornalismo das antigas, quando valia mais a imagem do que o patrocinador.

Como o rock dançou e ajudou na minha casa

Meus últimos dias como homem livre, em maio de 1995. Ela não sabia do meu vício. A Discoteca 2001, com toda a sua potência, despejou centenas de CDs piratas de grandes grupos de rock – **The Who**, **Led Zeppelin** e muitos outros dos anos 1960. Pouco tempo depois, recebi um telefonema do vocalista Lucky, então vendedor da loja da W3 Sul, avisando que os discos tinham despencado de preço. Não sei o que aconteceu. Corri e comprei o que pude.

Tempos depois, quando comecei a construir a casa, me desfiz de todos. Não sobrou um único disco! Ela se assustou comigo quando tirei meu primeiro cartão de crédito, quatro anos atrás. Desde então, nunca mais parei de comprar. Todo mês digo que vou parar. Em setembro, paro mesmo – penso.

Imagino que as próprias gravadoras que vendiam fiado para a 2001 tenham ameaçado a loja para tirar os piratas das prateleiras.

Para aqueles que perguntam quando, onde ou por quê: ainda precisamos de carvão, carne, cerveja, um amplificador de guitarra e um cubo de baixo. Lembrando que um rock não sai por menos de 700 pilas.

15 de julho – O circo pegava fogo

Escrevia ainda novo na imprensa fotocopiada. Como ninguém comentava nem dava sinal de vida, eu escrevia um tópico ardido e a coisa inflamava. Mandavam-me cartas para que eu mesmo respondesse. Eu achava graça em ver o circo pegar fogo. É claro que perdi os postos.

Os editores eram verdadeiros FDPs: atiçavam você para provocar uma polêmica e, quando disparava um torpedo, tiravam o corpo fora: "Não faço política etc." Pelo menos, fiquei livre desses infelizes aproveitadores.

Alguns mudavam os títulos das matérias para continuar mamando nas tetas do governo. Outros se diziam donos da verdade. Então eu mandava um recorte e a história mudava,

como aconteceu no caso do Som Nosso de Cada Dia. Pelo menos, isso teve um resultado positivo: agora estão contando a origem correta da banda, aquela que saiu na Pop.

Eu ligava para as estrelas do rock nacional e solicitava um advance tape. Nunca colou, nunca mandaram. Você está louco? Alguns engasgavam. Eu não ria: recolhia a pauta e escrevia por cima: Desgraçado!

Depois, saquei por que não fiquei conhecido.

Até 2006, trilhei essa estrada íngreme. Um dia, disse basta. É claro que estava satisfeito com mais um escândalo, mas não queria ferir minha fonte. Ainda houve outro escândalo em 2008. Por fim, descansei até 2014, quando voltei a me expor – só que com mais sapiência.

Fui ameaçado, pediram minha cabeça, mas nunca tiveram coragem de levar adiante o processo inverídico. Desconheciam que eu era um homem processado na vida real e que, se mexessem comigo, eu mexeria os pauzinhos para que, no mínimo, pagassem os honorários advocatícios. No mínimo, uns dez paus!

No final da década de 1970...

No final da década de 1970, eu persuadia Reginaldo Coxinha a visitar o sótão do avô para retirar folhas das revistas Manchete, que eram trocadas por LPs do Kiss.

Numa dessas incursões, apareceu a primeira parte daquela entrevista de Lennon, "O sonho acabou". Fiquei pentelhando Reginaldo para que conseguisse a parte final.

Uma década depois, comparávamos a entrevista reproduzida durante o período ditatorial com uma reedição às vésperas da redemocratização. A edição não mudava muito: haviam cortado as partes sobre as drogas.

Reginaldo, irmão de Mauro, morador do Conjunto D da QE 32, manteve durante anos uma lanchonete em frente à Paróquia Maria Imaculada, nas entrequadras QEs 17/15. Seu sanduíche era o de melhor desempenho e o de melhor preço.

18 de julho – Pacto de normalidade / Marcha no Guará

O presidente brasileiro, exultante, dava pulos com a recuperação da economia. Na outra ponta, o presidente da Câmara falava que aquela alegria não batia com os números que ele acabara de receber e, em rede nacional, convocou os ministros da Agricultura, da Previdência, da Educação e da Ação Social a trabalharem mais. Para bom entendedor, deu a ideia de que eles não fizeram nada até agora.

Aí sobrou para governadores e prefeitos, que não utilizam as verbas disponíveis.

Aí você pega Eliane Cantanhêde, Cris Lôbo, Merval, Heraldo e aí você se liga! Por que eu não prestei atenção neles antes? Desconheço quais devem ser as normas rígidas para manter o emprego na rede privada, mas, como atores, eles são ótimos.

Daí nem compartilhei aquele vídeo do Caetano rolando de rir do inglês do filho senador.

Se você pegar as manchetes desde a década de 90, os assuntos são os mesmos: as mordomias, as aposentadorias, o calvário dos trabalhadores. Só que agora, nestes tempos atuais, já que você não fez nada, eles fizeram por você.

Rodrigo Maia parece deter as chaves do país e tem um extraordinário senso de juízo: "O cargo é importante, mas nenhum presidente da Câmara se elegeu".

Aí você se lembra que o Aécio foi presidente da Câmara.

Maia é esperto. É ele que dirige o país. Os apresentadores fazem esforços para deitar a cabecinha do presidente no colo dele.

"Não somos amigos, somos cordiais."

O telefone toca.

Bolsonaro para Maia:

"Te amo, kkk."

Maia manda um coraçãozinho e um trio de ks.

O país vai bem. A televisão é uma piada triste, postiça, inverossímil.

Só agora que você acordou, Mário?

Lá no serviço me falaram que vão devolver as minhas encomendas. Depois de ouvir isso em várias salas, falei baixinho:

— Não esquenta, a gente destitui ele.

E assim foi mais uma quinta-feira, com a convocação para a seleção daquele batedor de pênalti.

Porra, o negão apostou o último dinheiro dele na classificação. Hoje ele se parece com um avestruz com a cara enfiada no copo de pinga.

Novamente, a **Rede Globo** arruma a casa, solta uma peça sinfônica bastante dramática e exalta o sofrimento da nação rubro-negra. Deixa ela falar, deixa ela ser o dramalhão.

Mas, leitor, o que a Rede Globo fez ontem foi novamente tentar ocultar as vaias, dizendo que entre elas havia aplausos.

O pano cai.

No calçadão do Guará...

No calçadão do Guará, na altura da QE 21, um sujeito musculoso chutava o vento incansavelmente, com uma força descomunal. Uma, duas, três vezes. Do outro lado, pensei: como alguém se defende de um golpe desses?

Mais adiante, na QE 15, avistei um maluco maior do que eu, com uma barriga maior do que a minha. Detalhe: a camiseta do homem, jovem e gordo, era pequena, deixando à mostra uma barriga que parecia estar grávida. O desgraçado olhou para a estampa do Homem-Elefante na minha camiseta e soltou:
— À toa!
Na hora, pensei: quem será? Algum adversário político do Facebook? Policial civil? Líder da juventude do partido dos cidadãos de bem? Adepto de remédios controlados? Registrei mentalmente suas feições para um possível retrato falado.

Segui minha marcha. Perto da QE 15, onde os marombados suam, ouvi outro:
— Comédia!
Pensei: não pode ser aquele louco. Talvez algum demente falando ao celular. Pela primeira vez, entrei na praça de musculação e fiquei por lá durante três minutos.

O louco insone, com cara de assassino, seguiu em frente. Era ele mesmo. — Pô, se eu ficar parado, vou me atrasar na marcha. Abaixei-me perto de um entulho, peguei um caco de cerâmica e continuei caminhando. Desde a primeira provocação, uma ideia inevitável me acompanhava: voltar e perguntar — Você me chamou de à toa?

Aqueles dias de galo já tinham passado. Pensei: o sujeito é grande e forte. Com esse caquinho, nem posso me aproximar. Uma incisão na veia do pescoço? Ou arremesso o pedaço de cerâmica contra a testa dele, saio correndo e aparecem os seguranças de boteco para me perseguir, imobilizar e depois me obrigar a explicar como foi que tudo aconteceu?

Nesse meio-tempo, Wagner, filho de dona Luci, policial civil, passou de bicicleta. Quase pedi a ele que fosse perguntar ao doido por que chamava as pessoas de à toa! Deixei quieto. Inevitavelmente, nossos caminhos voltariam a se cruzar.

Na QE 24, perto da distribuidora de bebidas, ele parou e ficou falando ao celular. Olhou na minha direção. Isso era normal. Continuei minha marcha e, no final da QE 24, ele voltou a aparecer.

Encarei sua cara e sua calvície precoce, como num faroeste, com aquele olhar de Charles Bronson, meio oriental. Dei-lhe uma estudada que não era uma cantada. Por fim, passou direto, fazendo de conta que nem me conhecia.

Até então, eu desconhecia seu mecanismo de caminhada: avançava um trecho, voltava, percorria outro e tornava a regredir. Era o estilo do louco mesmo.

Passei o resto do dia com a cabeça girando no festival de Woodstosko.

Reformulei tudo, reorganizei tudo, redimensionei tudo para pequeno, menor e mais seguro.

Tenho um amigo leal, bolsonarista, que não gosta de maconheiro. É o cara ideal para fazer a segurança da festa. O problema é que também é tarado e vai azarar todas as mulheres do evento.

This is the tensão, my friend.

20 de julho — Feliz Dia do Amigo ao papai Roriz!

Feliz Dia do Amigo ao papai Roriz!

O nome da banda deles, à qual eu me junto.

24 de julho — Conic

No Conic, perto do meio-dia, ele entrou na papelaria como se procurasse um asilo para loucos — de loucos entendemos, pois estão por todos os lados.

— Quatro e cinquenta?

Ainda brinquei com o menino da loja: será que ele queria trocar quatro notas de cinquenta? Também pensei que estivesse pedindo dinheiro para uma passagem de ônibus. Coitado, como voltará para casa? Andando?

Desencuca! Porque, se você abrir a mão para todo mundo, vai terminar pior do que eles. E eu acabara de perder a única nota de vinte reais que tinha, justamente a do açúcar e da carne moída.

Uma moça bonita, jovem, reagiu indignada com a cara de pau do pedinte.

Não demorei muito para reencontrar o sujeito que se fazia de louco, escarafunchando o chão em meio aos CDs, querendo comprar por cinco reais um disco que custava dez.

O que os colecionadores não são capazes de fazer?

É esse tipo de fã que eu aprecio: aquele que investiga com paciência e ainda rouba a paciência alheia de quem encontra pela frente.

Um lojista, mais sarcástico, disparou:

— E o pai ainda deixa ele andando por aí!

5 de agosto — Woodstosko 2019

Aqui estou, em meio a uma produção de rock em andamento, felizaço, exposto, radiante, totalmente bêbado e tresloucado, longe dos olhos de quem eu jamais quero que me **veja** assim.

Estamos andando como loucos, e a matilha cresce.

Atravessamos uma agora. Nosso compromisso é com o rock'n'roll, e só aparece gente mais jovem, a fim de tocar.

Quinta-feira será dia de ensaio da Roriz. Se as pessoas descerem de seus chinelos hippies, podem aparecer para tocar.

6 de agosto — Anúncio de refrigerante / Convocação

Bleyvs me passou uma mensagem falando que tínhamos que colocar o público para "experimentar", para ele assumir a sua personalidade.

Acho que será a primeira vez que o som assumirá uma forma plástica, em forma de piscina.

Ah, eu tenho outras perguntas, ah, eu tenho outras cobranças de bebida e de som, mas acho que vou como o público nessa de "experimentar".

Os caminhos estão tomados. O show será cronometrado. Seja profissional: toque dentro do horário, toque sem achar que é a estrela. Elas estão no céu.

Califórnia Celso falou um monte de comentários meus e não me defendeu de nenhum ataque, de nenhum fogo amigo.

A festa tem que ser underground e você tem que estar dentro.

Traga seu amplificador de guitarra, o cubo de baixo, o prato de bateria e outras baterias, cabos e extensões.

Meio que cheio dessa de confirmar o som. Aquele maluco diz que vai trazer tudo, mas, na hora H, chega atrasado e já está na terceira banda.

O populacho apresentará:

Iris Gris, peça de abertura

Banda Mais Lama

Lya
Guariroba Blues com Lucky

O Dia D

Alarme
E, como nos grandes festivais, às 22 horas as luzes serão desligadas.

Pense, mas pense muito antes de chegar atrasado. Isto poderá acarretar o fim da sua carreira.

16 de agosto – A bagaceira

Heliodoro queria trazer a afro-singer para se apresentar em seu projeto visceral-cultural, mas deixou de apontar de onde viria a verba.

Era mais uma tentativa desesperada de acabar com o rock'n'roll.

Anatólio, o corporativo, só se apresentaria mediante 50% do cachê adiantado. Respondi que ele era muito bom para os nossos ouvidos.

Os DJs de boné, com cara de menino, eram verdadeiros manés tocando Harmony Cats e Melody Makers. Quando se apertava o botão ou a corda no pescoço deles, voltavam a tocar, pela enésima vez, Led Zeppelin.

Era o abismo cultural. A mesma coisa de sempre: faltavam discos, sobravam botões.

O tempo estava parado havia muito. Mesmo na televisão eu encontrava mais diversão. Era pura perversão cultural. Custódio Mesquita se referia às bandas como bandinhas, e eu pensava: musicalmente, será que ele queria dizer bandinhas de pífaros?

Ah, só trabalho com bandinhas mesmo! Bandinhas de lado.

Quando perguntam quem vai tocar, respondo: "Ah, o Anísio e seus amigos dos tempos de Bill Haley. Pinta lá, coroa!"

Quero aquele ângulo em que o sujeito abre as pernas, à maneira de Chuck Berry, e cola a guitarra na virilha. Porra! E, se você pegar um detalhe lateral de um seio quase à mostra, será apenas a sombra. Vamos aí!

O máximo que posso oferecer é um café com pão de queijo e um guardanapo para você pegar um autógrafo.

Eu era infeliz e insone, e a propaganda me deprimia, aumentava meu grau de ansiedade. Quanto mais espalhavam o flyer, quanto mais falavam, quanto mais me prometiam, maior era minha vontade de me matar na véspera do show.

Será que teríamos todos aqueles ideais para corresponder às expectativas? Será que produziríamos tantos orgasmos, mesmo com toda aquela barriga saliente de balcão? Como atenderíamos à expectativa de um grande show, de um grande desenlace?

Mil pessoas divididas em dois grupos, e elas não faziam nada além de postar. Jamais saíam do lugar e passavam o resto da vida esperando.

Então, disse a mim mesmo: foda-se o rock'n'roll!

Se eles não vão ao Mosh e à **BBC** fazer suas apresentações ao vivo diante dos microfones, por que nós não podemos fazer o mesmo?

A mania deprimida do Facebook me instigou a fazer lives, e apareceram dezenas de pessoas perguntando: "Por que você não transmite ao vivo?"

Eu tinha virado o Silvio Santos do pobre rock underground de Taubaté!

Mandei todos virarem sabão e disse: privacidade é vitamina. O que não se fala, não se ouve e não se vê tem mais chances de continuar atuante.

Era o antirock maldito de Mautner.

17 de agosto — Woodstosko 2019: sempre será um festival à margem

Este é, provavelmente, o grande acontecimento cultural do ano para o memorial. Dez anos depois da primeira edição, Mário volta a perseguir o espírito de Woodstock, agora com uma proposta mais intimista, na garagem de casa.

O texto de convocação é bastante autobiográfico. Mário fala das dificuldades de produção, das limitações financeiras, das dúvidas, das parcerias e da necessidade de preservar uma comunidade musical sem transformar o festival numa vitrine de vaidades.

A programação anunciada reuniu Iris Gris, Banda Mais Lama, Lya, Guariroba Blues e O Dia D. Há também uma retrospectiva da primeira edição, em 2009, com lembranças da montagem artesanal do palco, da fogueira, das barracas e dos amigos que ajudaram a construir a experiência.

É um documento que merece entrar integralmente no memorial.

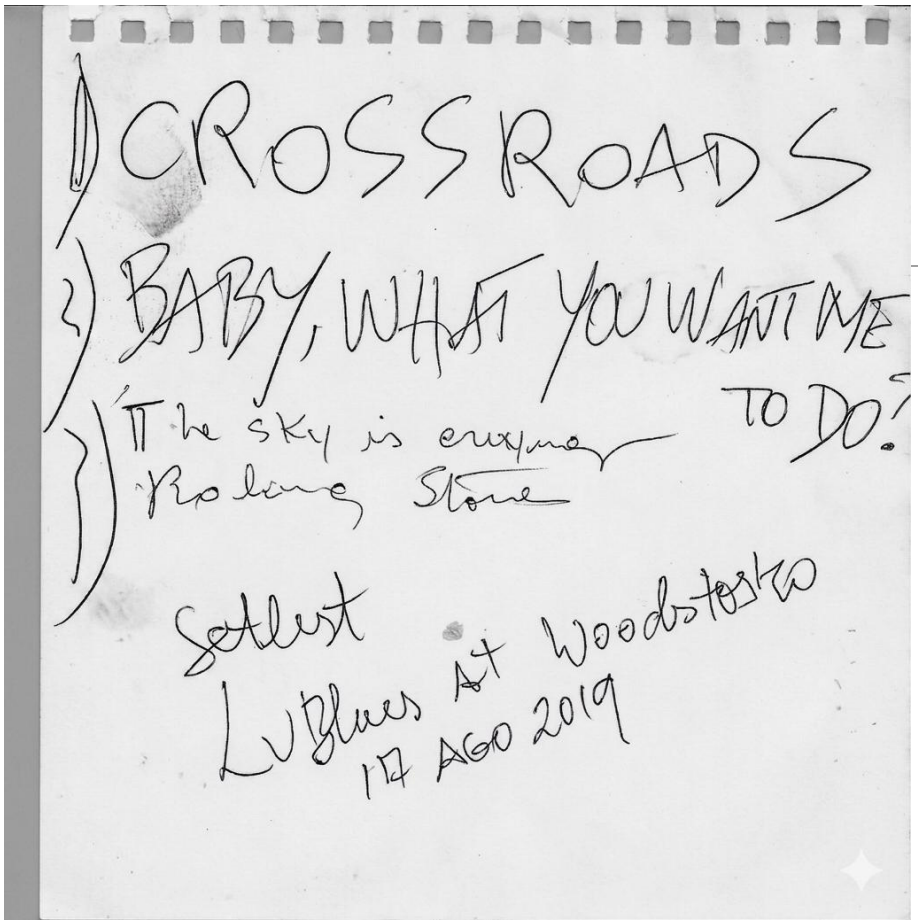
17 de agosto — Woodstosko 2019: foi tosco e épico

O balanço do festival é um dos melhores retratos da produção independente de Mário. A avaliação é direta: tecnicamente, o evento foi tosco; artisticamente, transbordou.

O texto registra as apresentações de Zezinho Blues, Cida Carvalho, Torvax, O Dia D, Bitt, Lya, Banda Mais Lama, Guariroba Blues e Lu Blues.

Merecem destaque a formação improvisada da Bitt, a generosidade da Banda Mais Lama, o encontro incendiário de Lu Blues com a Guariroba Blues e o encerramento coletivo com Iris Gris tocando instrumentalmente “Imagine”.

A frase de Tiago Rabelo resume o espírito da noite: Woodstosko foi épico na sua grandeza correta, o coreto dos amigos e o abrigo dos dispostos.



18 de agosto

Roriz desandou a tocar Pink Floyd!

9. Setembro — Luto, amizade e Carlinho$ Guimarães

2 de setembro — A luta e o isolamento

Quando o assunto é o peixe maior comendo o menor, você não passa de uma migalha de miolo de pão, uma isca recusada.

Sua luta, dura, crua e própria, impõe isolamento. Ninguém vai saber quem você é nem o que pretende. Você não vai conhecer ninguém,

muito menos receber ajuda. O conflito desgastante vai fazer você enxergar os conluios e os conchavos. É assim que a coisa funciona.

Um boxeador amador, barrigudo de cerveja, que jamais treinou ou ganhou alguma coisa. Você só carrega expressões tolas e palavras amargas para o café.

É como ser um poste com ouvidos: entender os assuntos de maneira diferente, perceber que todos têm interesses, às vezes velados.

Existir numa condição comodamente alienada, sem agredir, sem revidar, sem ensinar, só para ver em que pé a coisa fica. Eles abraçam a normalidade. Eles são fortes, e você é insignificante o bastante para ser ignorado.

É assim a luta. Acorda, que ainda há tempo.

A amizade passa longe do segredo. Tento compreender aquilo que não somos capazes de explicar. Talvez eu ataque para disfarçar o desconforto que sinto.

4 de setembro – O guerrilheiro Carlinho$ Guimarães não esperou pelo 7 de setembro

Data original: 4 de setembro de 2019. Texto incorporado a publicação posterior do arquivo.

"Que onda... Grande figura, de altos papos, das Vernissages... Descanse em paz." (LUCKY)

"Porra... Tô aqui procurando um a foto que fiz dele em uma apresentação de uma F.O D.A Pública que fizemos na Estrutural... e fazendo uma retrospectiva de nossas vidas de roubo de livro de tardes em casa curtindo música, comprando discos na 2001 da 511 Sul, brigando por bobagens, bebendo e comendo por vernissages afora, escrevendo sinopse de exposição (dele) no Conic... agora são histórias... anacrônico, chato, mas acredito que ele me amava..." (MARCO GOMES)

Ah, os artistas esclarecidos são atirados e empurrados à própria sorte. Gostava das colagens surrealistas, desproporcionais, devia gostar da arte engajada de laivos bolcheviques, que com seus cartazes ao gosto do construtivismo russo. Ironicamente, segundo o importante vanguardista russo El Lissitzky: "Uma arte construtivista não é a que decora, mas a que organiza a vida", e o que menos havia na vida de Carlinho$ era organização. Quando dava, escovava os dentes com **Moët & Chandon** – quando não dava, contentava-se com o cravinho de bar do Enoque. Diz-se que as pessoas podem ser conhecidas quando adormecemos e amanhecemos em sua companhia (ou em seus transes tempestuosos). Quando as luzes dos postes se transformam em estrelas diminutas, tais quais esperanças, confrange-se o hiato do único quadro que não pintou, tal qual um big bang que não explodiu. Ah, ele pediria um som industrial made in 80s, mas contentar-se-ia com um **The Doors** – trilha indefectível da sua despedida. A camisa de mangas compridas era azul turquesa. A cara ostentava a barba feita e o cabelo sungado, longo amarrado. A vida é mesmo monótona e o quadro final parece sempre inconcluso e baço. Empurramos o seu barco adentro da longa jornada. A cidade perde um artista de expressão beat, de beatitude imorredoura. Nunca o vi vomitar, já ele me vil tombar inúmeras vezes... Ficamos tristes, atônitos, estáticos. Zéantônio abriu o vidro do veículo e baforou o baseado. No som do carro, The Doors. Fomos beber. No bar, era como se ele tivesse ido ao banheiro, no enquanto do garçom buscar uma próxima dose. E no redil da imaginação indômita de um querer arredio aos fatos, à crueza das finitudes da vida, no entreato de um par de talagadas, Carlinho$ Guimarães contaria mais um de seus casos fantásticos. Novamente abriríamos os vidros do carro e novamente o estampido dos Doors. "Lamentável", palavra gasta, foi o que pude dizer a seu irmão.

SE AINDA MENORES, COM CERTEZA DIVIDIRÍAMOS ALGUM REFORMATÓRIO OU CELA

Sempre as companhias erradas conduzem a busca por tempestades, abrem temporadas nas alturas e nas vastidões. Contravenções leves entram na rota. Por uma década, sob quatro rodas, jogamos pedacinhos de pão entre o Plano Piloto e Taguatinga, e no calar da noite, retornávamos pelas georgrafias pouco rcomendadas do Riacho Fundo e Guará 2. O apogeu foi no ano de 2000. O grupo girava entre duas turmas, os docentes e alguns discentes aplicados. Ainda que esforçados, jamais invernamos full time como ele – Antônio Carlos Figueiredo Guimarães –, tão intimamente ligado ao P Norte.

ARTE DE ZOMBAR O ESTABLISHMENT

Carlos Guimarães foi o cara mais alugado por mim em conversas infindas de sonhos nas mesas do Conic

O que fizemos na nossa juventude? Sob inspiração de Os Skrotinhos (personagens do cartunista Angeli) destratamos os detratores, puxamos brigas, pulamos cercas, invadimos e evadimos. Carlinho$ Guimarães era um artista articulado, de montagens em galerias (já antes de eu completar o Segundo grau). Ele, como eu, pertencia ao signo de gêmeos, por isso, eu compreendia as suas necessidades e agruras, não as amenizando, porém, afinal eram suas escolhas. Nossa trajetória colidia com vários amigos-artistas em comum: de Cécé a Pezão. Nossa inspiração literária-bárbara batia em William Burroughs, (foi ele que me apresentou o romance Intoxicação Junky, naquela edição com a capa de uma radiografia do cérebro apertado por um parafuso), e voltava a Gregory Corso que ele também me apresentou e de quem era fã fiel e discípulo.

O mordaz Carlinhos Guimarãe$ tinha a vaidade necessária para se sentar diante da tela/página em brancos e acrescentar o seu uivo ao mudo, a sua reflexão sobre a sua juventude dura. Nossos deslizes eram os mais éticos possíveis. Gicello, Carlão, Dean, Bomba, Zéantônio, Marcão, Pezão e outros nomes orbitamos em torno do satélite "Guismarães".

DESRESPEITO AO ARTISTA

O termo vaidade, e a sua vinculação à constelação de Gêmeos, explicam, mas não traduzem o comportamento de Carlinho$, idiossincraticamente voltado para uma disciplina que borrasse o reconhecimento do seu talento artístico. Ele não gostava de citações ou que fotos suas fossem publicadas. Nossa última briga girou em torno disso. Jamais trocamos palavras rudes, murros sim. Uma vez que ele não está mais aqui para fazer imperar o seu anonimato, vamos contrariá-lo, organizando uma reexposição de seus quadros.

Versão limpa do mesmo núcleo, para o memorial:

Ah, os artistas esclarecidos! Atirados e entregues à própria sorte. Gostava das colagens surrealistas, desproporcionais. Devia gostar também da arte russa revolucionária, de seus cartazes. Escovava os dentes com espumante Moët & Chandon.

Conhecemos verdadeiramente as pessoas quando adormecem e amanhecem em nossa companhia, em seu transe. Quando as luzes dos postes se transformam em estrelas diminutas, quase do tamanho da esperança. O único quadro que ele não pinta.

Ah, pediria um som industrial, made in the 80s, mas se contentaria com The Doors. Foi a trilha sonora de sua despedida.

A camisa de mangas compridas era azul-turquesa. O rosto ostentava a barba feita, os cabelos longos amarrados. A vida fica mesmo monótona, e o quadro final é esse.

Empurramos seu barco para dentro da longa jornada. A cidade perde um artista de expressão beat, de beatitude incontrolável.

Nunca o vi vomitar. Já ele...

Ficamos tristes, atônitos, estáticos. Zéantônio abriu o vidro do veículo, baforou o baseado e deixou The Doors tomar conta do som do carro. Depois fomos beber, como se ele tivesse ido ao banheiro. Enquanto o garçom buscava a próxima dose, a próxima talagada, Carlinho$ Guismarães contaria um de seus casos fantásticos.

Mais uma vez dentro do carro, abriríamos os vidros.

Lamentável foi o que eu disse a seu irmão.

8 de setembro – Gegê Boca Doce

Gegê Boca Doce era um sucesso absoluto com as mulheres. Um cara de fino trato, com sua educação e seu jeito de tocar no coração – e em outros lugares –, hipnotizava. Conquistava.

O homem era um conquistador, e vi sua mágica agir sobre as mulheres algumas vezes.

Sei lá se era o desodorante, o pau, a calça Lee de veludo preto apertada ou as botas. GG Boca Doce conseguia levar no bico até as coroas.

Está certo que os macetes amorosos de GG não deram certo comigo quando tentei escalar Herlânia S... Porém, GG me amansou e me ensinou coisas básicas sobre higiene, cabelo, roupa e tênis.

Herlânia S., do cabelo preto, continuou sendo uma musa para mim.

Herlânia S. tinha as características de uma pessoa considerada barraqueira. Um dia, naquele maldito conjunto K, a casa de Herlânia caiu. O namorado de Herlânia, um reco bêbado, gritou aos quatro cantos do conjunto que tinha aprontado com ela na própria casa, no sofá. O pai de Herlânia, ainda hoje um homem muito pacífico, expulsou o rapaz sem alarde. O reco já era homem feito, e minha vontade era matá-lo.

Quanto a GG Boca Doce, foi ele mesmo quem me contou que esse era seu nome de Dom Juan.

Décadas depois, GG tentou me apavorar com um papo sobre vibradores. Eu, homem maduro, achei tudo diboa. Nada extraordinário.

Nossa amizade continua. Às vezes, tomamos cervejas juntos. Esse homem maravilhoso desconhece o quanto foi importante para mim.

15 de setembro – Transa familiar

Rock'n'roll, né? Descontando todas as datas, levei Iris ao rock, que foi embora pouco antes de Bleyvs aparecer. Fomos recebidos por todos com intenso amor. A nossa transa é familiar, chega a ser um rock Pacheco. Para mim, foi um ato de necessidade extrema: recebi uma das maiores e mais marcantes homenagens da minha vida. Só faltaram as flores!

Vivo dias de superstar. Chego ali e a maior galera pede para tirar foto, diz que me conhece. Curto e acredito. Vivo dias de superstar do rock. Obrigado, Senhor!

17 de setembro – A transa acabou

A transa, como em tantas outras histórias, terminou quando ela arrumou outro cara.

Arte: Carlinho$ Guismarães

22 de setembro

Semana do aniversário do gerente de cultura. Tomamos vinho e o reggae foi de boa.

Estava na companhia do meu primo. A primeira linha do texto era: Com quem andamos e onde bebemos.

Começamos a noite quente com meia dúzia de cervejas numa birosca cultural aqui na 40. Fomos ao reggae e terminamos na Zepelim, vendo a Curiosa. Voltei às duas e meia da manhã, fiquei alugando a **Ana Paula**. Pode?!

Ah, saí sem pagar a conta. O cartão não passou. Volto lá hoje, por volta das cinco.

Vi Mário e esposa, felizes como sempre. Perguntaram se eu me lembrava da conta. Claro que me lembro! Voltei trôpego. Foi um coquetel de maconha com cerveja. Preciso atestar que estou vivo.

Nunca me arrumo para sair. Emendo os horários e chego louco. Por isso ando a pé. Nunca concordei com imposições e fico puto quando a coisa é imposta.

Qualquer dia vou falar sobre como é uma merda menosprezar a opinião das pessoas e achar que você é o centro das atenções. Vá se foder e deixe as pessoas serem livres como você. Será meu primeiro mandamento.

Você acha legal ficar cuspindo suas verdades na cara dos outros. E existem aqueles que atiram pelas costas.

Você nunca saberá o que acontece na vida das pessoas. É por isso que estou fora, numa boa.

Sua experiência é legal, mas você nunca morou com os pais no maior arrocho. Éramos fodidos, com muita honra. Você nunca arrumou emprego, teve tudo nas mãos. Você nunca bebeu 25 anos no Conic nem bateu cartão por 30 anos.

Sua psicologia, sua experiência nem abatem o odor do meu chulé.

Sabe esses caras que você idolatra, os existencialistas? Nós não ficamos nas páginas. Fomos vivê-las. Foi dramático, sangrento, a vida por um fio.

Adiante falar quem sou e o que vivi? Vá tomar no cu! Na sua hipocrisia, você nem enxerga os problemas das drogas dentro da própria família, mas banca uma de **Sérgio Moro**, o ministro da Justiça.

Vão se foder, de boa!

Não sei se é fake news que Djavan está na direita...

Não sei se é fake news que Djavan está na direita. O problema é que nunca gostei dele, nem quando reclamava que tomava baculejo dos polícia na praça, em Sampa. **Sérgio Reis**! PQP! Latifundiário, a voz das direitas. Me desculpe, mas daquela cabeça jamais brotará um protesto.

O gato, eu o chamo de Príncipe. É levado, leve e folgado. Nunca tive muitos animais. Eles matam os bichos, atiram paus e pedras, e o animal desaparece. Mataram a Chica, uma gata. Desconfio que tenha sido o vizinho, por isso não lhe dou bom-dia. Mas me responda: minha gata perdeu a vida na sua chácara?

Passaram-se vinte anos e agora temos uma cachorra, a **Adele**, e um par de gatos.

Tínhamos um cachorro grande, a melhor pessoa do mundo. Saiu pelo portão e jamais voltou. Seu nome era Zeus, um grande FDP!

Elvis, que era o nome do outro cachorro, cortava o córrego e lá íamos nós à procura dele.

Teve também o Apolo. Esse era um fila guerrilheiro. Foi ele quem me ensinou a viver na chácara. Curamos um câncer de pele que ele tinha: eu entrei com os proventos e o caseiro Lúcio com a fé dele e as cinzas. Salvamos o cachorro.

Certa tarde, enquanto eu estava no trabalho, foram até a chácara e o levaram. As pessoas são assim. Eu teria pago por ele. Quanto você quer pelo cachorro?

Já tirei cachorros das mãos dos pegadores.

23 de setembro

Tem coisas funcionando em diferentes frentes para estancar o país, e ninguém fala disso. Existe uma corrente de incentivo para achar engraçados os desatinos. A gente fica se gozando o tempo todo.

As informações não batem.

As pessoas no Facebook estão como na praia, com aquele cachorro que faz cocô e ninguém recolhe porque estamos sem saquinhos.

O médico que mata petistas. A fórmula para estudar e dar o brioco de forma indolor. A violência que mutila a liberdade sexual. O palhaço vai ao Twitter, e o amigo do Wendel repete o mesmo argumento: o povo está refém dos narcoterroristas, a culpa é da maconha.

Milton Nascimento declara que a música brasileira fede. Sobrou para as Fernandas. **Maria Gadú** vai nos defendendo pela música.

Eles!? Só postam merda e passam o tempo brigando com o próprio Facebook.

Gicello ri e passa a bola. O caneco de chope é nosso. Alexandre grita: siga o líder até a ONU.

Fazem uma proposta de enfrentamento, e eu não sei no que vai dar. Vai dar em nada, porque sou covarde.

Se eu tinha mais cinco anos pela frente, viraram uma década.

A servidora me disse que eu ficaria sem almoço porque sou improdutivo. Respondi que ela gostava de corretivo e de chamadas. Ela disse que não se lembrava de o chefe ter falado que ela se metia nas coisas para as quais não fora chamada.

Respondi que, se ela não se lembrava, eu também não ia me lembrar.

Ela mexeu comigo duas vezes. A primeira foi quando esquentou o pão no micro-ondas.

Minhas coisas no GDF foram resolvidas em 1989. Um dos caras que sabiam o que era o BB me disse para ser sempre formal e andar sempre com advogado. Foi recontratado.

Falei aos vigilantes que estava atirando mais com a boca. Eles riram. Faltam quatro dias.

Acho que vou conseguir. Acho que ainda vão me permitir sair para tomar café, comprar a quentinha, assistir à TV, fazer comentários políticos, escrever textos, ir ao Conic.

Agora tenho medo de lavar o carro com água pública, mas eles fazem isso direto. Tenho medo de abrir a janelinha e alguém reclamar.

O outro servidor disse que tinha medo de pedir para ir ao banheiro e que aquilo ali não era quartel.

Eu acariciava os bigodes, com a estrela brilhando no colete, exalando o hálito dos cavalos rebeldes:

– O Mário é assim mesmo!

Foi a frase que justificava tudo o que me desse na telha.

O pianista e tecladista Iris Gris...

O pianista e tecladista Iris Gris foi um fator divino e renovador do espírito.

O que rola muito é uma desunião. Queria homenagear o Carlinho$ Guismarães, mas faltam artistas sinceros. Então tenho que inventar. Descobri que pintamos Dylan e os Stones, mas nunca os Beatles. Talvez eu compre um quadro.

Eu mesmo montarei a farsa.

Tenho a ideia de uma nova forma de P.A. Estou com a fé abalada sobre se vou conseguir reunir os saquinhos de ração como Cosme e Damião.

Acho que quemnunca veio e me deve uma visita deveria vir e trazer travesseiros de ração.

Nunca mais conseguimos atrair um fotógrafo de estrelas com sua big máquina.

Três para uma vaga: Os Bolas, Barbarella e Curiosa. Quem chegar no pedaço define o coro.

Fica essa lacuna, atrasando, e me dá nos nervos.

Carla e Robson, a sinceridade é caótica. Só dá certo com muito empenho e muita briga. No meu caso, o rock nunca é pacífico.

28 de setembro – Decibéis

Estou cheio e grávido de ideias sobre arte. Não sei seus significados, mas todas são grandes, espalhafatosas e solitárias.

Nem a melhor maconha do mundo poderia aliviar essa dor de cabeça.

Sigo em frente. Tenho que encher o vazio da barriga e prosseguir.

Serão 30 dias de muita arte, turismo e rock. Uma celebração à vida, aos fatos e a você, Gabriella Riot!

---

10. Outubro – Otimismo prático, Rockão e a chácara

Outubro – Otimismo prático

No consultório do dr. Volney, ele nos disse que aquilo não seria uma prova de 100 metros rasos, que demoraria, mas também não seria uma maratona: haveria uma faixa de chegada.

Gostei dele na hora. Exalava otimismo prático, não aquele otimismo metafísico.

Aqui, na minha tribuna, minha postura mudou desde aquele dia. Passei de um despirocado otimista a um otimista fervoroso, que exala fé.

Poucos sabiam da quentura da areia que pisávamos. Foram seis meses de uma vida mais voltada para a família e, de repente, mais quatro meses de pandemia. Jamais estivemos tão juntos.

As coisas se combinavam de maneira dantesca. É estranho quando você se nega a conhecer as pessoas. Na incerteza, eu me agarrava à vontade vibrante dela de viver.

Minha filha foi fundamental nesse processo. Não teria dúvida em apontá-la como uma das pessoas mais diplomáticas e obstinadas do planeta. Meus cunhados, minhas cunhadas, minhas sobrinhas, tia Regina e Juscélio foram fundamentais nas emergências.

Sempre tivemos a assistência de Rita, Ana Rita e Virgílio, que ainda agora mantêm o planeta em órbita. Como apoio, tivemos Fred e os meninos de Samambaia. Amigos da Banda Mais Lama e Titi se afastaram para evitar o contágio. Bleyvs ligava diariamente para saber se precisávamos de alguma coisa.

Do rock, nessas horas, a gente sabe que amigos de verdade são Cida e Retz, sempre empenhados em nos divertir com sua arte. De Luzihell, chegaram acordes e saudades das aglomerações. O pessoal de Luziânia sempre mandou mensagens de estima e preocupação. Aliás, faço esta postagem para retribuir a atenção.

No trabalho, meus amigos estiveram sempre prontos para doar sangue. A essas pessoas dedico “Here Comes the Sun”. Dedico também a quem não sabia o que estávamos passando.

Rosângela Meneses Pacheco está bem. Agradeço a Rei Lagarto e Marcelo Turko por toda a positividade. Não me esqueço das meninas do Mulheral.

Até aqui, o processo seguia sem surpresas nem sequelas. Agradeço aos meus irmãozinhos Edson Salazar e Sueli Saraiva, que sempre se preocupam conosco.

Rosângela ainda me lembra: “Cuide-se, não posso ajudá-lo”. Liga para cobrar certas posturas, como deixar a secretária na casa dela. E eu, às voltas com impressões e encomendas que nunca chegam pelos Correios.

Agradeço a bela caixa de sobremesas que recebemos no domingo passado, aniversário dela. Sei que foi coisa da Adalzenir, da Marilange e da Alzira. Meninas, pode faltar muita gente nesta postagem. Não li o cartãozinho, mas devorei as guloseimas.

Vocês são as melhores pessoas do mundo.

De tão emocionado, dei linha e a pipa estancou. A filhinha chorou.

Sou um relógio que faz Tic Tic Nervoso. Na terceira vez que fui demitido, o motivo foi este: "Você é uma bomba-relógio". Detalhe: ainda é feio ter filhos ou empregados que tratam os outros de igual para igual.

Acertaram bem na mosquinha do alvo quando disseram que o Do Próprio Bol$o estaria brevemente entrando na quarta década. Seriam 40 anos em 2022. Pensei: esse amigo é muito otimista.

Acontece que mal temos os pratos sujos na pia para lavar.

Essa foi a opção. Acredito que jamais teremos um P.A. digno das orquestras. Meu bom amigo desconhece que tenho dois tripés enormes. Essa é a única parte de metal do sonho que tenho. Comprei um tripé fiado e até agora paguei por um.

Falam direto em grana. Respondo que servidor tem de ter a criatividade exacerbada. Por isso a palavra encalacrada no Facebook.

Peço ao bom Deus união e perdão da minha família. Perdão por eu ter aderido às paredes do rock'n'roll que foderam minha audição.

Talvez no dia 5 tenhamos o show mais glorioso da pequena carreira de 37 anos de profissão como zineiro. Talvez o rock'n'roll mais alto já tocado aqui. Para isso, será necessária muita conversa, argumento e dedicação.

2 de outubro — O Rockão encantado de Tio Totonho

Eles me acessam pelo Facebook e conferem os números das senhas. Tio Totonho não convida todo mundo, porque nem todos aparecem na abertura. Uma coisa é certa: o povo é louco!

Pensaram que era uma feira de animais e queriam trazer seus cães e gatos, elefantes e rinocerontes para o rock.

Pássaro encantado voa quinta e sexta; no sábado, é dia de rock! O velho povo com sua alegria, altos acordes, altas bandas encantadas, flautas doces, canjica e salto de canguru na Lua. Alegria para todos!

Rigorosamente, o rock começará às 15 horas e irá até as 22 horas. Quer tocar? Quer ouvir? Quer se divertir? Apareça!

Acho que até **Roberto Carlos** virá com a Orquestra de Tio Totonho.

4 de outubro – O quadro de Carlinho$

O maldito quadro feito por Carlinho$ Guismarães, o último que restava no armário, caiu daquela altura e se espatifou no chão. Em vez de descrever o impacto, ouça um palavrão cabeludo!

Hoje, o quadro retorna inteiro e mais forte, agora protegido por vidro antirreflexo, cortesia da Vidraçaria Blimax no Núcleo Bandeirante.

Com as artes, já fiz de tudo: iluminei até com peido, distribuí quadros e até uma parreira, como se fossem flores na cabeça de Janis Lyn Joplin. Fiz o que quis. Agradeço à Sueli pela força. O que peço é que não falte rango.

Bandas sonoras detonando, outras já cansadas. Tudo afiado como adaga: brilho na noite, corte no olho. Não é que seja fácil. É automático, lover!

Daqui em diante, desapareço pelos mercados da vida para descobrir o preço da cerveja.

O sábado será esperançoso. Na agradável companhia de Zéantônio, brindaremos com vinho à exposição póstuma de Carlinho$ Guismarães. Foi o que pude fazer.

Ainda me divirto com as mensagens:

– Amanhã será O Rock dos Cachorros?

– Podes crer! Venha latir ao microfone.

Hoje tirei a poeira dos arquivos digitais de artistas americanos como Frank Zappa e Grateful Dead. São dezenas de CDs baixados da internet e pouquíssimas coisas originais. Isso diz muito sobre a dificuldade de encontrar trabalhos desses artistas em edições físicas.

O Grateful Dead ganhou fama com sua música psicodélica durante o surgimento do movimento de contracultura em San Francisco, nos anos 1960, e atraiu uma legião de fãs fiéis, conhecidos como Deadheads.

Em 1991, vinte anos depois, um incrédulo Jerry Garcia ainda relutava, mas acenava com uma explicação para aqueles fanáticos que viajavam milhares de quilômetros para acompanhar um show do Dead. Os Deadheads, a fervorosa seita de seguidores da banda, consideravam cada apresentação uma experiência cármica.

Lá na loja do Luizinho, no Conic, há um par de CDs que pertenceu a um fã brasileiro que, de Kombi, acompanhou esse transe no início dos anos 1990. Ele vendeu ingressos e alguns CDs. São justamente esses os discos mágicos que me faltam.

Quem sabe, depois desta postagem, eu consiga comprá-los.

6 de outubro — A chácara Do Próprio Bol$o, por Jiham Arar

A chácara Do Próprio Bol$o é um daqueles lugares mágicos, onde você chega e quer ficar! Logo na chegada, é recebido de braços abertos e muito calor humano pelos donos e idealizadores: Mário Pazcheco, Rosângela Meneses Pacheco e Ana Luíza Meneses.

Uma família única, generosa, amável, amiga e muito, muito talentosa!

Ontem, 5 de outubro de 2019, foi a festa Rockão, um evento com muito rock'n'roll, birita e união de amigos para arrecadar doações de ração para cachorros recolhidos em abrigos. Teve apresentação da banda Mais Lama e de outras atrações.

Mas hoje não quero falar das bandas! Quero falar do lugar, das pessoas, do carinho e do ambiente cheio de boas energias.

Logo na chegada, fui recebida pelo meu amigo Mário Pazcheco, que correu para me ajudar a carregar o saco de gelo e a caixa térmica. Cobriu-me de abraços e doces palavras de boas-vindas! É tão acolhedor que o coração transborda!

Depois veio minha doce amiga Rosângela, com aquele sorriso largo e abraço de urso! Uma fofura! Ela estava passando mal e, mesmo assim, esforçava-se para receber a todos com aquele sorriso inigualável.

Aí chegou a Analú, sempre linda, radiante, meiga e cheia de garra! Analú é uma força da natureza!

Sem contar os abraços efusivos dos amigos, especialmente Sueli Saraiva, maravilhosamente radiante; Katia Santos, com seus abraços e beijos cheios de amor; Edson Salazar, a alma da festa; Jenira Cruz, que chegou chegando, pronta para o rock; Tiago Rabelo, sempre um gentleman; e tantos outros trocando energias positivas.

Tivemos ainda a presença histórica do Tuca, parceiro de Cecé, depois de 15 anos de sumiço. Tuca é primo do meu ex-marido e um roqueiro injustiçado.

A chácara Do Próprio Bol$o possui o maior acervo da história do rock de Brasília e do Brasil. E não apenas de rock: há muita coisa de MPB e de outros estilos musicais! Tudo muito bem guardado, organizado e devidamente catalogado pelo Mário, autor de vários livros sobre o tema.

Foi lá que Lara Arar, Laura Arar e Vitória Araújo Gomes foram beber da fonte!

Além disso, o lugar é um mural a céu aberto, com homenagens a grandes figuras da música e da política.

Pequei por não ter fotografado o palco.

Não menos importante é o acervo de suculentas e outras plantas, muito bem cuidadas pela Rô, uma artista de mão cheia, que apresenta suas obras com a humildade das pessoas verdadeiramente talentosas.

Bom, já que é impossível falar de tudo num único texto, vou parar por aqui, com um enorme sentimento de gratidão por ser abençoada com essas amizades tão especiais!

Obrigada! 🙏

Jiham Arar

Lucky At Yourself é uma das pessoas que melhor compreenderam o espírito da nossa empreitada. Está sempre colaborando e ajudando a manter acesa a chama do destino.

14 de outubro

Em Carlinho$ Guismarães, havia muito da treta das polaroids de Andy Warhol, mas ele não seguia o regulamento dos dois tempos. Não dispunha de muita paz nem de oração, e o tal local sagrado para operações papíriticas era o interior das bibliotecas. Como pipa, cruzava o céu da Estrutural.

Já eu me achava acuado, domado, curto. Ainda assim, alguma brasa se acendia nele quando eu soltava um livro. Não soltei mais livros como quem peida, porque não obrei.

15 de outubro – Time waits for no one

Time waits for no one – este CD-tributo aos Stones é bom, e nem tão feio. "Angie" me levou novamente a 1974, à telinha em preto e branco do **Jornal Hoje**, com Nelsinho Motta e Marisa Raja Gabaglia. Aos sábados, eles lançavam clipes diretamente de Nova York, como aquele dos Stones cobertos de espuma ao som de "It's Only Rock 'n' Roll".

Nossos pais tentavam nos tirar da inércia, e era um calvário ir ao Centro Poliesportivo ou à academia de karatê. Foi assim que conheci o pugilista Miguel de Oliveira, campeão mundial dos médios-ligeiros. Foda era o frio à beira da piscina. Por isso, jamais aprendi a nadar. Depois, ainda tinha que chegar em casa e encarar um catatau de deveres passados pela professora Lília, a primeira pessoa que conseguiu me derrubar: "Se eu estivesse grávida, perderia o filho". E meus problemas escolares estavam apenas começando.

Dizem que meus primos fugiam de mim no Grupo Escolar Júlia Lopes, na Avenida Cruzeiro do Sul, em Rochdale. Posso relatar as inúmeras vezes em que assinei o livro de advertências e as tantas outras em que arrumei confusão na escola. Em Brasília, já no Guará, houve a professora Virgínia, grávida, que, no final do segundo grau, me indicou para fazer um concurso de office-boy no **Banco do Brasil**. Minha vida poderia ter sido outra. Acontece que ela entrou de licença médica, e eu não fiquei sabendo da data do certame.

Não me fale de escola! Eu era o inimigo número um das escolas. São os paradoxos da vida: tenho o maior orgulho da escola. Era repetente, tinha perdido as roupas e os sapatos, reutilizava livros e cadernos. Sempre pintava uma gata, e aqueles caras certinhos ficavam em volta dela, tirando as melhores notas. Eu ficava na minha e, quando saía o resultado, minhas notas eram as melhores. Fazia isso para roubar o foco, mas a estratégia só durava um semestre.

Na foto, estou na Biblioteca do Centrão, no Guará II, onde meu colecionismo começou a ganhar outra dimensão, em 1978. A atividade já vinha de três anos antes, mas foi naquele local que alcançou outro patamar: eu tinha centenas de revistas Veja para garimpar e roubar artigos.

17 de outubro – A retomada do rock na tomada

Tenho um lado ambicioso e desmedido.

A onda se chamará 2020 – Projeto Salva Terra, e eles voltarão a tocar Bolas Azuis.

Estou pensando no cenário e preciso de uma bola gigante. Pode ser de plástico ou de isopor. Enquanto isso, faço gatos dali e de cá.

Também vamos ensaiar um show solo de um tecladista. Penso na banda Skatugula. Esse será o time.

Sem premissas e encheção de saco.

Rock da mortalha: se fode quem quiser!

Nem estou trocando ideias. Estou afirmando as minhas. Nada de combates sem luvas de boxe.

No momento, troco mensagens e confabulo.

Todos somos ideias, conceitos, virtudes, vulcões. Mas, na hora de ensaiar, de desempenhar, falta o troco de Mangaratiba.

Então, nessa, eu bebo, colo figurinhas e tento tocar atabaque.

A onda será muito mais estrutural e séria do que parece, até sufocante. Não deixaremos arestas.

Uma companhia de rock de comportamento teatral. É isso: a trupe do desejo e das mangas.

24 de outubro – Retiro tudo o que disse no Facebook

Retiro tudo o que disse no Facebook. A partir de agora, me calo. Só fico pensando: por que mostrar Raul Seixas como dedo-duro? Era necessário? Fizeram algo parecido com Timothy Leary. O discurso seria uma alegoria: "Olhem naquela direção!" Só que era na direção errada.

Artistas jamais querem passar por incautos, nem mesmo aqueles que foram ao gabinete do ministro Gil pedir favores. E havia todos aqueles artistas intermediários que "dificultavam tudo" quando se tratava de devolver ao artista o acesso à própria música.

Artista comigo é no tapa do beque! Salve, **Carlinhos Brown**!

O petisco é velho, o biscoito está aberto, a receita venceu. É esse o som que anda rolando por aí.

Do underground, vivi com Bruno e Gabi. Fui lá várias vezes e levei todos os artistas que me interessavam. Eu abri a porta. Nunca me viram bater em ninguém. Eu cuspia; agora, estou com a garganta seca.

Vi Gabi no Ferrock – ela tirou uma foto comigo – e uma das melhores coisas que fiz na vida foi lhe dar um exemplar do meu último livro, no qual a apresentava como minha publicista. Desde então, só trabalhei com gente do bem.

Nunca bebi na fonte, mas às vezes sei mais do que os livros de História. Porque a história não está apenas nos livros: está nas vivências, nos encontros, nos bastidores. Nos livros, muitas vezes, relata-se o óbvio; o que acontece por trás das cortinas nem sempre chega às páginas impressas.

Na língua portuguesa brasileira, parece que não se permite publicar livros sinceros sobre artistas. Talvez sobre Raul, Sérgio Sampaio e, agora, Walter Franco. Olha só o sobrenome do artista: Franco! Ponho um clipe marginal na página e chamo para o pau.

Há dias em que quero viver intensamente e fazer coisas toscas. Só gostaria que demorassem um pouco mais para serem esquecidas.

Mexer no som com ele desligado... Acho que agora, aos 55 anos, no mês de outubro, vou me lembrar.

Meu filho, que saiu do Rio e agora está no Piauí, na divisa com o Maranhão, espera pelo meu telefonema de parabéns. A mamãe já tomou a segunda dose da vacina e está voltando para casa.

Eu dissimulo bem. Atuo com a realidade. Basta fumar um cigarro para começar a pensar em arte: na arte enlatada das prateleiras dos supermercados, enquanto falta gente no Chile, na Venezuela, na Bolívia, em Machu Picchu. O mundo está cheio de contradições, e eu continuo olhando para tudo isso com os olhos de quem não consegue desligar o pensamento.

Do Brasil, terei saudades dos tempos de Lula. Eu jamais abri. Posso até ter prometido que abriria, mas, na hora H, veio a desculpa:
— Esqueci a chave, moço!
E vamos de bem com a vida. Lustro os sapatos e faço ploc, ploc. Embaralho, corto e dou as cartas. Também peço cabeças.

A arte é a poeira colada na sola do pé descalço, de unhas sujas. Não é vitrine, não é verniz, não é biscoito servido em bandeja. É o que fica grudado na gente depois de atravessar a vida.

Revitalize. Tente. Invente. Seja. Divida.

Estou aí, louco. Estou aí, manso. Um poço encharcado de lucidez, espalhando gotas de suor e torcendo para que todos vençam os próprios medos.

Viva, Gabi! Viva, Rosângela! Que vivamos!

29 de outubro

Hoje foi um dia legal. Nem vi meus desafetos no serviço. Parece que pegaram uma doença venérea e morreram latejando de dor. Nem ouvimos seus latidos. Foram lavar a sala, e eu voei para o Conic. Se encontrasse alguém dizendo que o contribuinte paga o meu dia, mandaria o senhor contribuinte e a pessoa física se foderem, juntos.

No Conic, cheguei cedo, estacionei o carro e fui tomar café. As lojas abriram, e seus caixotes de discos foram para a calçada. A gente conversa sobre música, toma um café e ouve Zappa, Hot Rats. Fiquei por ali, enrolando...

Até que uma mulher bem vestida passou mal e foi ao chão. Logo a socorreram. Alguns nem viram. Outra mulher foi muito educada: "Jamais ouvi um vinil". Eu queria ser jovem assim.

Peguei o montão de CDs e gibis — três por dez reais — e desci para o estacionamento. Uma van da escola canadense de cerveja escondia meu carro vermelho como o sol. Dei a volta e bati na porta do motorista, que havia ignorado o flanelinha. De manhã, tinha visto no jornal a notícia de um flanelinha morto a golpes de facão por um motorista de "buzu", em São Paulo.

Entrei e liguei o carro. O motorista da van, maior do que uma bunda, finalmente saiu. Na sequência, o flanelinha veio e estendeu a mão em forma de concha. Peguei na mão dele e falei:

— Depois, eu te pago.

Ele não entendeu que, se quisesse ganhar a moeda, deveria chegar mais cedo. Eu não era um poste automático de moedas. Sumi pelas avenidas tumultuadas, sem fechar o ponto nem fechar a cara.

Você pode achar que sou maluco por postar essas coisas. E tem razão! Minha pasta pericial é a maior da ala, e os médicos me dão o maior pito. Todas às

vezes, fico lendo o conteúdo e digo ao bom doutor:

– Nem parece que o senhor fala com os loucos!

E listo todos os tipos de drogas que tomo. Na última consulta, contei que tinha entrado numa de fumar teia de aranha, que minha pele ficou em erupção e que eu não sentia o ar passar pelas narinas.

– Dez dias, Mário!

– Obrigado, doutor.

Vou em frente, passo pelo CREA, naquele prédio próximo onde trabalha a ruiva, e fico falando besteira o tempo todo. Besteira política, a pior. Depois, saio e vou ao shopping.

– Que merda, doutor! Todos os dias são assim. Estou com uma íngua debaixo do braço, como se uma lagarta tivesse me usado de bucha, e ainda tem os caras do meu serviço que eu quero fazer um buraco neles.

– Valeu, Mário. Salve! Está liberado para beber, fumar e foder, só que com moderação. Porra, John Lennon canta agora "Imagine". É uma interpretação vigorosa de quem prega o amor.

People conserta a guitarra do Mr. Dores...

People conserta a guitarra do Mr. Dores, digrátis. O sujeito nem paga a gasolina gasta no deslocamento, muito menos reembolsa os circuitos.

– E os eventos?

– Agora são festas loucas, com todo mundo chapado.

Mr. Dores tem um bom emprego, mas jamais põe uma grana ou oferece uma cerveja.

– Lá só rola rock mesmo. Vacilou, a gente aumenta o botão do volume!

– Agora, pra tocar, só molhando a mão com sangue!

Faço o gesto dos dedos esfregando, pedindo dim-dim.

A galera ri:

– Só tu mesmo, Mário!

O Astro-rei

Sempre dependi dos amigos para ouvir som. No início dos anos 1990, Zeft Lennon, estudante de arquitetura, descolava os mais incríveis LPs da série The Lost Lennon Tapes, acho que por intermédio de São Paulo. Ele me convidava para uma audição e colocava a grama mais verde para ouvirmos. Ainda caprichava: gravava uma fitinha com aqueles takes geralmente acústicos e caseiros e me dava de presente.

Ouvi tanto aquelas fitas que elas acabaram se desintegrando.

Acredite: este CD é meio difícil de encontrar. Hoje encontrei duas cópias, e nenhuma delas era importada. É muito peculiar o jeito de Lennon beliscar as cordas do violão. A qualidade desse áudio é melhor que a dos LPs e a de outros CDs bootlegs.

---

11. Novembro – Uivo, Beatlemania e colecionismo

6 de novembro

Rapaz, visto uma capa amarela grossa de chuva, calço as galochas e passo o dia pulando de boleia em boleia, entre uns 50 carros, brigando para encontrar as chaves e manobrar cada um deles. Essa é a rotina. Depois, tomo um café – sem luxo, mas quente.

Na hora do almoço, ligam a TV no **Cidade Alerta**. É crime entrando pelo ouvido, sem trégua. Insulto e provocação política acontecem a toda hora. De vez em quando, pinta uma ameaça de morte, mas fica só nisso.

Essa é a minha luta.

Vou ao estacionamento do Conic e os caras me chamam de doutor. Mal sabem que ganho a vida fazendo o mesmo tipo de serviço que eles. É bruto o jogo.
– O que você é?

– Sou motorista.

– Tá de sacanagem!

Para conseguir uma promoção, quase aceitei dirigir o rabecão lá na Ceilândia. Quase todos se separaram; outros se aposentaram. E a luta continua, dia após dia.

Eu nem gosto de encrenca, muito menos saio caçando confusão. É que, onde eu vivo, as coisas se resolvem na dentada.

O que essa gente mais gosta é de fazer uma viagem.

Hoje, pelo menos, é um dia feliz: o chefe voltou para a unidade dele.

13 de novembro

Ao completar 45 anos do início do meu surto de Beatlemania, parece que vou conseguir dedicar o ano de 2020 a eles.

Isto quer dizer que passaremos o ano inteiro entoando Beatles, com fotos, filmes, exposições e outros happenings.

Não vai ter blues, Rock Brasília nem banda autoral. Só Beatles!

E, na esteira, surgirão textos loucos como estes, para quem gosta de viajar na leitura.

17 de novembro – Filha Única

Saí com uma só nota, uma nota irrisória, agarrada ao bolso da bunda, e ela não se desgrudou de lá.

Não teve cerveja, não teve cigarro, não teve cachaça que tirasse a notinha do bolso.

Dormia aquecida a economia esquecida.

Puly, pela décima vez, pediu um copo plástico de cerveja. Esperou que eu sacasse a notinha, mas eu disse que não era caixa.

Feri seus sentimentos financeiros-libertários de bom pedinte.

Queriam ir ao Cruzeiro das Cruzes antes que começassem a recolher os ingressos.

Pagaram 35 mil pela aparelhagem de ontem.

E esses pobres moços andam atrás da minha notinha escondida no bumbum.

Boom boom.

A banda mais ruim da tarde cantou:

"Com tanta riqueza por aí, onde é que está? Cadê sua fração?"

Um morador de rua do Guará, espetado com uma bolsa de urina, levantou uma placa e pediu. Estava bêbado.

Outros velhos e feios estavam na frente do palco, filmando o tempo todo.

E a notinha novinha na minha bundinha.

Queria ir ver os Novos Baianos, mas o troco nem dava para chegar à passagem de som.

Um vocalista, até então desconhecido, abriu o pulmão e gritou:
— VTNC!
Dentro do bolso, a notinha trêmula disse: hora de puxar o troco.

19 de novembro — O vício

Comecei no vício com refrigerante de uva. Depois vieram as bolinhas de gude, os botões e os álbuns de figurinhas. Cheirei cola Tenaz enquanto colava selos. Mais tarde, amontoei gibis nos arsenais, guardados em armários de difícil acesso, protegidos contra poeira, baratas e percevejos.

Gastei toda a paciência do mundo tentando me aproximar dos ídolos. **Beto Guedes** foi o primeiro; depois, Pepeu e **Baby do Brasil**. Continuo um homem doente, sem cura, que, depois de 45 anos, ainda compra disquinhos no Conic.

Quando surgiu a internet, veio o maior efeito cascata, cheio de efeitos colaterais. Eu queria imprimir todas aquelas informações e fotografias, sem sequer saber que era possível salvá-las num disquete. No Plano Piloto, ia à casa dos barões e implorava para usar o computador. Fiz o mesmo com quem tinha videocassete.

Uma vida de vícios intensos, vaidades e longas caminhadas em busca daquele objeto que ainda falta à coleção. Nesse item, consegui apenas cinco por cento de desconto. Começo a sentir que a carreira está chegando ao fim. Estarei vivendo os últimos dias do meu consumismo inveterado?

Fiz fama

Quando soltaram o Lula, no serviço, na segunda-feira, gritaram o meu nome e me deram os parabéns. Me senti como se eu fosse uma estrela no firmamento.

Hoje, eufóricos, gritavam que eu era o cara; o cara de pau.

Fui saber o motivo e a vigilância em peso me disse que viu do Próprio Bol$o: 35 anos no DFTV.

Fiquei embevecido, mas minhas meias continuavam furadas no dedão, do mesmo jeito que Túllio Guimarães pediu que eu tirasse os sapatos. O furo na cabeça do dedão do pé direito, aquele que chuta bola, estava lá. E ele disse que aquilo era um lance bastante teatral, típico de Tchekhov.

Ainda me chamam para o rock, mas eu faço rock com gasolina na veia. Sou altamente inflamável.

Vivo uma fase de explorar o que acumulei. Corpo mole? Indico academia. Carregar pedra em cima da cabeça ensina a levantar e a empinar menos o nariz.

Vou fazer um rock em 2020 com Duodemo, Corte Seco, Antimácula, Banda Ser, Banda Mais Lama, e o Rabelo vai escolher a banda em que vai tocar.

A carta está escrita. Falta apenas o selo para ser despachada.

26 de novembro — No Uivo 2019, há som para todos os ouvidos

Mário assina a crítica do CD Uivo, uma compilação de vinte trabalhos da música independente do Distrito Federal. A seleção percorre punk, rock, reggae, rap, música autoral e outras expressões da periferia cultural.

Entre os artistas destacados estão Corte Seco, Ghost Writer, HNG, Profans, Allmind, Armada Pagu, Lincon Lacerda, Marssal, My Last Bike, Jah Live, Faces do Caos e OsCabeloduro.

A curadoria é de Renato Menguele, a produção executiva de Rafael Souza e a produção musical de **Bruno Formiga**. Mário destaca especialmente o Allmind, aproximando seu som das guitarras do grunge e dos vocais de Ozzy Osbourne.

É um documento importante da atuação editorial e crítica do DPP, registrando uma geração de músicos que produzia fora do circuito convencional.

---

12. Dezembro — Conic, revisão e balanço do ano

1º de dezembro — Eu sempre fui um grande covarde

Eu sempre fui um grande covarde.

Eles foram me foder de várias formas, foram me castrar, mas eu estava pouco me lixando.
— Vá se foder! Serve para você e para quem quiser!
Eu era tão covarde que tive que colocar outras pessoas para lutar a minha luta.

Como é isso? Vamos ter que te defender para que você não perca tudo o que tem?

Sacou o que é um cara que precisa se defender?

Nunca me recuperei. E já não tenho meus irmãos para beber.

Um grandissíssimo filho da puta, com sua ideologia bolsonarista escrota, ficou me enchendo o saco.

Aí, véi, nem buceta enche o saco!

Vá para a puta que o pariu!

Ele me ameaçou duas vezes. Não pense que sou um coitado, um bosta. Eu posso resolver, mas resolver de uma maneira que ele vai pagar pelos pecados, e ainda vão sobrar as duas filhas dele e a mulher. Eu passaria, no mínimo, quinze anos na cadeia.

Não tenho muitos amigos. Meus amigos não estão a fim de morrer por mim.

Vá ver se foi por isso que o bolsonarista me atacou: porque sou sozinho e luto a minha própria luta.

Tenho um amigo bastante simples. Os amigos são simples. Ele, em sua magnitude, partiria esse bolsonarista bombado ao meio.

Meu amigo quer ir comigo ao serviço público, na segunda-feira, e perguntar:
— Você ameaçou Mário Pazcheco? Você vai bater no Mário Pazcheco?
O bolsonarista vai se cagar, e eu vou falar:
— Não entra, não, irmão, senão vai sobrar bala para a sua cabeça.
Aí eu penso: é isso, desgraçado, o que você quer?

Mas vou poupar meu amigo inocente. Ele não merece os meus problemas.

Tenho certeza de que a segunda-feira será tranquila. Talvez eu vá sem dormir, com a barba malfeita, parecendo um assassino insone.

As pessoas não sabem no que dá mexer com os nervos dos outros.

Será que ele chutaria minha cabeça? Será que daria a primeira porrada? Será que ficaria por isso mesmo? Ou eu reagiria e experimentaria o gosto de terra e sangue na boca?

Acho que me arrumo, me aprumo, corro, dou facadas mirabolantes. Odiei a vida toda a ideia de dar um tiro. Um tiro de precisão, é claro.

Não vou indagar nem especular, mas fico de olho e mordo a unha do dedão. Analiso. Tenho que estar de cara.

Vou bêbado, massacrado e humilhado, mas não pense que não tenho coragem de mandar alguém para o inferno.

11 de dezembro — Na cona, no Conic, na boca

Na cona, no Conic, na boca — balanga o dente espúrio! O lugar é tão considerado que nem tem fanpage. Ali, fica-se sabendo das coisas e também se sabem coisas a seu respeito. Os holofotes estão ligados na tua fonte imediata, imersa nesse caldo de informações, olhares e conversas. Leem-se as pessoas com os olhos, trocam-se LPs e sons, levam-se livros para casa.

Nunca é o mesmo lugar. Nunca são as mesmas pessoas. Em cada balcão, uma promoção individual.

Tenho muitos sons para ouvir, muitos sonhos para embalar, muitas revistas para ler e textos mil para digitar. O som é você. O som é a sua cara na caixa de som da janela.

Se chegamos até aqui, não vamos esmorecer. Tomaremos vinho dubom até a garganta tremer e a voz estremecer. A alma viva não implora: agita os teus pequenos dedos dentro do bolso, à caça da passagem de som.

Eu só faço som com o pau.

18 de dezembro — Gicello, sua revisão é o celofane do rabisco

Gicello, sua revisão é o celofane do rabisco. O texto do livro está colossalmente bruto, e nós, com nossos maçaricos e óculos sem lentes, vamos iluminando as pupilas.

Piscina calma de manteiga, com respingos nas costas. Bourbon e fruta cabeluda raspada, rastros de coisa branca noite adentro.

Tenho medo. O medo de quem arrisca. O biógrafo de Picasso não terminou a biografia. O quinto beatle não concluiu a saga mágica em sua biografia. John Entwistle, do Who, não terminou a biografia da banda. Então, eu corro demais...

Seu texto me transporta para uma pista de pouso, sem protetores auriculares, ouvindo a turbina ranger. Às vezes, a gente desdiz tanto falando demais. Todas as imagens do texto estão de acordo com o título: Guerrilheiro.

Dos cabarés, teu texto carrega o cheiro polêmico da bendita boceta chupada, lambida e lavada. Nunca houve um beat ou um punk inculto. Sua revisão pega na mão de Gregory Corso e o conduz pelas páginas, resgatando o sentimento urgente de sentir-se vivo, de viver para escrever.

Confesso que ando amorfo e que não consigo mais. A úlcera corrói o fígado.

Quando li, eu disse: é isto! É The Doors na ponta da agulha.

É um prazer da seringa contar com você em nossos dias no Conic.

Paz amada, bocetas listradas de pentelhos pretos e prantos de resignação.

20 de dezembro – Pepeu e os gibis

Pepeu foi bajulado pela cidade como um dos grandes colecionadores de gibis de Brasília. Sua coleção clássica foi incensada, admirada e valorizada.

Para ser colecionador, no mínimo, são necessários cinco mil gibis. Eu tenho esse número e não me considero um colecionador.

Em 1974, 1976 e 1979, por diversos motivos simplórios, desmanchei minhas coleções ainda iniciantes. Em 1985, dei alguns gibis para Rogério, meu primo de Paraíso do Norte. De repente, percebi que tinha uma quantidade razoável e reiniciei a coleção.

Portanto, são 34 anos comprando revistinhas. Não há uma alma que não saiba que sou piolho de banca e de sebo.

Nunca vi Pepeu numa banca de revistas.

Por fim, tive o prazer de conhecer a famosa coleção antes que seus números fossem vendidos avulsamente. Depois de desmontada, ofereceram-me a coleção por 12 mil reais! Educadamente, recusei, respondendo que não tinha espaço.

Por dentro, eu ria: nunca viu uma coleção de verdade, nunca chegou perto de gibis colecionáveis!

Há 20 anos, o maior colecionador da cidade possuía 12 mil revistas.

Assim são os legítimos colecionadores: sem precisar alardear.

21 de dezembro – Como conheci Nardelli

Conic. Um ponto de táxi é sempre um lugar inusitado.

Um garotão de cabelos grisalhos, ainda musculoso, de óculos escuros, aguarda uma corrida. Para variar, reclama da praça.

– Fala, Nardelli Gifone! E o reggae?

Rapidamente, Nardelli conta sobre um amigo paulista, proprietário da loja de discos

de reggae Johnny B. Good, que morreu de repente. Aproveita para me pedir o e-mail, prometendo enviar fotografias de suas duas viagens à Jamaica.
— De táxi?

Ele ri.

No melhor momento da conversa, encara desafiadoramente a multidão de garotos de camisetas pretas, cabelos coloridos, piercings e tatuagens. E dispara:
— É, Marão, fomos nós que começamos tudo isso: dreadlocks, cabelos coloridos, camisetas, piercings e revolução juvenil!
O comentário, de alguma maneira, faz justiça à história e reivindica um reconhecimento.

Fico pensativo. Eu, não. Nunca fui estrela. Quem ostentava dreadlocks de um metro era ele, além de ser um exímio capoeirista. Rapidamente, vêm à cabeça momentos tristes e alegres, todos atravessados pela costumeira onda de violência que se abatia sobre os cabeludos.

Mas sabemos que, depois do Maranhão, o reggae surgiu mesmo foi no Guará II. Estávamos à frente do movimento.

Éramos os patriarcas do culto à personalidade, à necrofilia, divulgávamos assuntos proibidos, filosofias e estéticas que despertavam suspeitas. Aglutinávamos centenas de seguidores e tínhamos um óbvio potencial político, que sabíamos muito bem como utilizar.

27 de dezembro

Um sucessinho. Caí na besteira de postar algumas fotos na plataforma Instagram e foi uma avalanche de likes. Descobri que tenho parentes fãs e um monte de curtidas de gente que bloqueei no Facebook. Confesso que de alguns fiquei com saudades, mas nada de baixar a guarda. Estão de castigo ideológico, segundo a minha carteira.

São essas barreiras que valerão. No primeiro ano foi difícil; depois, acostuma-se.

Um rock íntegro e fiel, ainda voltado às raízes. Sem conflitos e discursos. Tudo apartado, separado. É o que tá valendo.

Meus mais nobres amigos têm mandado notícias e fotos, e é tudo o que eu quero. Saudades de Titi, de Muganga, de Kelton, que poderiam aparecer com seus instrumentos e vozes e fazer um som para mim, que estou quase surtando de ansiedade.

A boa é que estou com a semana livre, começando hoje. Quem quiser pintar ou tocar é só aparecer. É o tal abono de Ano-Novo, que será pago.

30 de dezembro

Uma tira lambe-lambe inspirada no Vomitando a Ceia. Assim como fã virou zine, vamos simplificar: é só um lambe. Sem rótulos pomposos, sem complicação. Cola na parede e deixa o mundo digerir.

---

13. Livro do ano — Refrescando a mente

Outro documento a acrescentar à cronologia bibliográfica: **Refrescando a mente**, de Mário Pazcheco, com revisão de Roberto Gicello, projeto gráfico de Marcone Barros e produção associada de Zanza Meneses.

O livro, catalogado em Brasília em 2019, reúne 424 páginas e percorre memórias de Jardim Rochdale, Taguatinga e Guará, entre 1974 e 2019. É especialmente importante porque amplia a documentação autobiográfica do período para além das páginas do site.

14. Outros registros de música, contracultura e cultura independente

Estes materiais pertencem à curadoria editorial do Do Próprio Bol$o. Devem ser preservados numa seção separada da narrativa autobiográfica.

- **53 anos depois! Angela Davis: a liberdade é uma luta constante** — texto sobre a filósofa, ativista e sua trajetória de resistência.
- **Chega ao fim, de verdade, a longa disputa pelos arquivos de Kafka** — notícia de agosto de 2019 sobre a recuperação de escritos do escritor.
- **Debbie Harry: "Se Andy pudesse ter o rosto de outra pessoa, seria o meu"** — matéria sobre a cantora do Blondie e Andy Warhol, referente a novembro de 2019.
- **O crítico do underground e a memória do rock** — manter os textos de música e contracultura que aparecem no arquivo, conferindo suas datas originais antes de incorporá-los à cronologia.
- **Textão (Heloisa Dutra, 2019)** — produção de outra autora, publicada posteriormente no arquivo; preservar como colaboração literária, não como texto autobiográfico de Mário.

O que priorizar no memorial de 2019

A espinha dorsal do ano deve ser:

1. 37 anos do Do Próprio Bol$o — a persistência de uma experiência iniciada em 1982.
2. Não pague pelas memórias, elas virão de graça — um dos textos mais pessoais, confessionais e importantes do período.
3. Woodstosko 2019 — a retomada do festival dez anos depois, com a garagem como território de resistência.
4. Woodstosko: foi tosco e épico — o balanço de uma produção cultural feita na raça.
5. Refrescando a mente — o livro de 424 páginas que amplia a documentação autobiográfica.
6. A jam dos 37 anos — a reunião de músicos e o lançamento do zine Faça Você Mesmo.
7. Fuga do Rock — a permanência da casa como espaço de produção cultural.
8. No Uivo 2019 — a atuação de Mário como crítico e curador da música independente.
9. Chico Bolacheiro e as conversas sobre rock — memória afetiva, colecionismo e convivência.
10. A morte de Carlinhos Guimarães — a dimensão afetiva da amizade e da cena cultural.

Observação editorial: a busca retorna 48 resultados, mas não significa que existam 48 publicações originais de 2019. Há páginas criadas em 2024 e 2025 que recuperam acontecimentos anteriores, textos de colaboradores e notícias internacionais. Também

é importante não confundir a data de criação da página com a data do acontecimento narrado.

2019 merece um capítulo com bastante personalidade no memorial. É o ano em que a história dos 37 anos se cruza com a publicação de Refrescando a mente, a retomada do Woodstosko e uma reflexão particularmente intensa sobre o próprio sentido de continuar fazendo rock. O texto “Não pague pelas memórias, elas virão de graça” deve ser um dos pilares desse capítulo.

2020 — O ano da ruptura: memória, isolamento e permanência

O índice do Do Próprio Bol$o apresenta 45 resultados para 2020. Mas esse número não significa 45 textos originais de 2020. Há páginas criadas em outros anos que recuperam acontecimentos anteriores, textos de colaboradores, notícias internacionais e materiais de curadoria.

Para o memorial, 2020 precisa receber um tratamento especial. Não é apenas mais um ano de atividade editorial. É um capítulo de ruptura pessoal, familiar e cultural.

A pandemia interrompe os encontros. O isolamento esvazia a casa que sempre foi palco, ateliê, arquivo e ponto de encontro. E em 8 de novembro morre Rosângela Meneses.

Por isso este capítulo não tem a respiração dos anteriores. Os anos anteriores documentam a construção de uma vida cultural independente. Em 2020, essa vida sofre uma interrupção brutal. A casa passa a carregar outra dimensão: a memória de quem ajudou a construí-la.

A espinha dorsal deve ser:

1. **Rosângela, Presente!**
2. **Janelas & Jornadas do Jornalismo**
3. **Filosofia Felina**
4. **Beatles: uma sessão espírita de 45 anos**
5. **O Rock Dá Saudade**
6. **Foi-se Foice: Brasília (S)em Censura**
7. **Olho por Olho**
8. **A Linguagem Zen dos Fanzines**
9. **Casa da Cultura do Guará resiste ao desmonte**
10. A produção musical durante a pandemia

---

1. Fragmentos autobiográficos e registros centrais

13 de janeiro — Tacesa Roriz

Quando será que esse tal de Tacesa Roriz virá me visitar e pedir votos? Pode trazer até aquele baterista que fala mal do meu time!

Esse tal de Tacesa Roriz está cheio de graça. Uns caras engraçados me falaram que irão tocar com ele.

Ladies e desocupados, com vocês, a primeira jam de Tacesa Roriz, o candidato do rock em nossas plagas!

19 de janeiro

Aí, velho, se você vai comer o meu cu, não se faça de rogado. Estou cansado. Gosto mesmo é de chupar boceta. Sou um delinquente, porra! Não entendo essa perseguição. Tinha cadernos inteiros para escrever sobre a sua escrotidão.

20 de janeiro — Escoiceando uma ditadura

É preciso lembrar que estamos diante de um quadro de opressão. A arte é torturada, forçada ao trabalho escravo e paga com chicotadas no lombo.

É aquele corredor que separa o arteiro de meio expediente, com cargo público, do arteiro que precisa se virar para pagar a mesa e o aluguel. Nessa dinâmica, existem os malas, os acompanhantes e os oportunistas. São ingredientes do bolo. Nada vai mudar.

A arte, o rock, são eminentemente políticos. Isso está nas letras, na maioria delas. Se fazer arte virou uma barra, precisamos nos solidarizar. Não esperar que a arte caia do céu, nem comprar ingresso para o Municipal.

Qualquer atitude política tem seu ônus. Quero participação, quero equilibrar a balança dos custos.

Ultimamente, não tenho tido vontade de fazer as coisas que quero, como quero e com quem quero. Diante dessa tríplice aliança, a gente faz o que consegue alcançar.

São 38 anos de puro rock, sem ofender ninguém e sem puxar o saco de ninguém.

22 de janeiro – No Conic

No Conic, a gente pega uma brisinha – desde que não seja aquela de peido dentro de automóvel em movimento.

– Voltou a beber?
– Desde quando eu parei?
– A sua página é muito louca!

Esse é o elogio que vale: a sua página é muito louca. Ele escreve no que acredita e no que lê. É apenas um perfil literário, onde cruzo os problemas de formatação dos bens de comunicação. E ninguém está com nada mesmo.

É informal. Não tem forma final, não forma frases, deforma a forma e detona o Baco, o Tabacco Road.

Hoje, eu estava me gabando: monto tudo sozinho, ligo as luzes e, no meio do espetáculo, faço um solo de trinco, de trincar as tripas. Pode me chamar de Tupanzinho, o fantasma barrigudo.

Mato as caixas de som no peito e detesto carregar o bumbo. Fico o tempo todo de olho nos microfones que podem sumir e ainda cheiro quem cheira pó.

Manobro, sirvo copos, lavo lavabos, corto grama, pinto, costuro, bordo, dirijo para bandas e ainda sou gente boa. Não me deformo, não solto as tiras nem explodo feito um Zé Bôceta.

A crise, o rock e o conjunto de emoções

Ah, há a crise! A crise já vem instalada junto com os primeiros batimentos cardíacos de um coração novo. É um espetáculo que nunca muda de formato, uma peça interminável, sem intervalo e sem tomates – muito menos tomates bolorentos atirados ao palco. Afia a espada entre os dentes e decepa a rosa. Estamos aqui, reunidos num mesmo som, tocando aquilo que cada um conseguir tirar da cartola. Temos Mutantes, Arnaldo Baptista e Beatles. O resto é improvisação, delírio e teimosia.

Acho que, informalmente, estamos ensaiando nas horas vagas, nas vagas dos estacionamentos. É onde a vida nos permite estacionar as ideias por alguns instantes e experimentar o que ainda pode nascer dessa barafunda musical.

Já não tenho aquela grana. Acho que vou ter de me contentar em besuntar torradas e partir para a bebida doce. Todo mundo tirou o time de campo e, como se não bastasse, ainda me tiraram o mérito. Porra, que serviço infeliz é esse de produção? Produção do quê, afinal? Fodeu!

Mas vamos tirar o nariz de casa. As guitarras estão com cordas novas, nervosas, prontas para reclamar seus direitos. A gente fala, fala, promete mundos e fundos, mas, na hora de responder ao chamado, desaparece. A justificativa é sempre a mesma: as obrigações não permitem. Pois sigamos com os permissionários, esses que ainda conseguem uma autorização provisória para continuar fazendo rock neste país de impedimentos permanentes.

Dizem que o novo nome da próxima banda será Conjunto de Emoções. E por que não? Afinal, estamos todos nessa tentativa de transformar frustrações, sobras de tempo, bolsos vazios e velhas paixões em alguma coisa que faça barulho.

Vamos tocar o material de Arnaldo Baptista e dos Beatles. Quem sabe a gente consiga montar a peça, inventar a roda e distorcer o bolero. Quem sabe o improviso nos salve da repetição, quem sabe a música nos devolva alguma coisa que a vida insiste em confiscar.

A crise continua, os companheiros somem, a produção não se explica e o dinheiro não aparece. Mas as guitarras estão afinadas — ou quase.

E, enquanto houver cordas nervosas, Beatles, Mutantes e Arnaldo Baptista na cartola, ainda haverá espetáculo.

O último caixote, a última tentação

Pelo mais ordinário dos motivos, precisei desaparecer por um breve período do hell Co-nic. Hoje me perguntaram sobre minhas convicções políticas. Elas estão no talo e continuam crescendo dentro de mim, feito feijão no algodão.

Titânico Melo me pagou um lanche que acabou atrasando o almoço. É um bom menino, embora se apresente como tucano. Não sou expedidor de diploma ideológico, muito menos fiscal de consciência alheia. A patrulha política que se foda, assim como todos os símbolos de opressão.

"Interessante esse discurso, Mário."
Pois é. Vamos voltar ao meio musical.

Na Alternative Discos, a promoção-relâmpago havia acontecido no dia anterior. Hoje, nem cheiro. Venderam tudo de bom que estava nas estantes. Havia um Nei Lisboa por 65 reais. Zanzei pela Escambo, passei pela FunHouse e escapei pela Filial do Rock.

Fiz o meu lance e voltei à Filial. O atendente estava limpando o último caixote quando dei de cara com um lote fantástico de LDs. Por algum motivo que não sei explicar, uma mistura de magia, acaso e perda, aqueles discos me atraíram. De alguma maneira, resolveram se estabelecer aqui em casa.

Ainda brinquei: vai que eu me empolgue com esse Monterey Pop, do Hendrix, e resolva tocar fogo no televisor também!

Foi um bom papo pop. Surpreendente mesmo foi o preço que paguei pelo lote e a condição de pagamento. Consegui um desconto de 50%, e Titânico Melo caiu de costas.

A magia não perdeu seu encanto. Uns trinta discos a laser já haviam sido vendidos antes, mas consegui ficar com alguns exemplares impressionantes, que preenchiam lacunas da coleção: King Crimson, Lou Reed, **Neil Young** e o próprio Jimi Hendrix.

O lote veio do Lago, de um cara legal, e tinha que vir para o Guará. É a sina, é a estrela, é o destino dos objetos que encontram um novo endereço quando alguém resolve olhar para eles com outros olhos.

Agradeço ao pessoal da Filial do Rock por manter viva a magia da música. No meio de tanta correria, ainda existem pessoas, discos e encontros capazes de transformar um dia ordinário numa pequena aventura.

23 de janeiro

Rumamos ao setor de oficinas mais próximo da Esplanada. Estacionamos numa parada, num beco apertado, debaixo de olhares estranhos. O lance foi rápido.
Voltamos e fechamos por dentro as portas do auditório.
Ela insistia em descruzar as pernas para mostrar que estava sem calcinha. Me agarrava contra a parede de carpete preto e apalpava o meu pau. Desligamos as luzes.
Ela era safadinha e tinha a manha de apertar um tarugo enorme como o de Marley, só que recheado pelas cinzas de Charles Manson.
Fomos ao submundo num carro esporte prata, rápido. Tínhamos um par de óculos escuros e ela, um lenço vermelho de bolas brancas na cabeleira ruiva.
Descemos as escadas do submundo e nos deparamos com o Vídeo Bar. Quase desmaiamos no sofá branco e pedi um par de bebidas coloridas. O barman ficou todo desconfiado da minha cara de pau.
Pedi para colocar o laser do show Uma Noite com Lou Reed e ficamos até começarem a chegar os primeiros clientes do bar.
E ainda tínhamos uma noite completa de festas e a volta para a cama.
Meu par gasto de botas soltava fumaça por entre uma breja.
Isso era a jovialidade audaz?
Eu andava enjoado de ser jovem e hoje ando enjoado de ser velho.

30 de janeiro

Estive pelas entrequadras. Os líderes do movimento sentiam-se abandonados e traídos, traídos até pelos moradores e pelos falsos candidatos positivos.
As faixas foram feitas. Amanhã será festa, por isso o Rock in Kaza entrará em recesso e voltará como Rock do Quinto Dia Útil do Mês.
Amanhã estaremos com as graciosas. De repente, não ficarei nervoso nem tão bêbado-baile. Ninguém mais fica bêbado em público; bebe-se em casa.
Tenho latas de cerveja e nenhum refrigerante beligerante.
Enjoado de tapioca com cuscuz.
Feliz é aquele que anda com o guarda-chuva debaixo do braço.
Roubaram Dalí em Estocolmo. Portanto, cuidado com as artes.
Os marmanjos só me procuram para tocar, para sonhos matreiros.
Amanhã, quem sabe, vejo o menino Ulisses, de quem gosto muito. Talvez **veja** Rob-Som e Serginho. Já será um happening.
Quem sabe Carla venha me ver também e, debaixo daquele pé de árvore, flutuem as folhas.
Noite do cabelo black-BSB, noite de Lucy, de Mariana. Noite de Dona Neide, noite de mim, noite nossa, noite da Ju, da Taíssa.
Noite das noites.
Amanhã, no Mulheral.

1º de fevereiro — Som eu tenho, não tenho é paz

O sol está alto, minhas tripas molhadas de cerveja, o cheiro forte da morte na boca cansada. Um pacotinho de comodidades. Na maioria das vezes, onde piso na cidade, é sempre a mesma armadilha.
Do pacotinho de seda, como um bicho, puxo um fio e peço a alguém que costure um baseado.

Fumado na tora, com bastante gente jovem e bonita, tudo maconheiro. Estou solto na noite, sou todos ouvidos. Uma barbaridade de devaneios vazios.
Qual vai ser a contrapartida? É contrapartida! Quem vai entrar com os comes e bebes? Esse pessoal vai se alimentar só de poesia? Qual é o tamanho do contracheque deles? Vamos fazer um clipe? Vamos, não. Vamos fazer um rock solidário? Vamos, não. Não acredito. Só me metem em roubada. As ideias mais delirantes ainda são as minhas, as mais fundidas e acabadas por dentro da pele.
Toda vez que eu a chamava para o rock, ela estava ocupada, igual linha telefônica ruim, fim de carreira. Chega de carregar a brisa nos ombros!
Som?! Som, eu tenho. Não tenho é paz.
Minha mulher me disse que nunca mais iria cozinhar nada. Uh, que alívio estupendo!
Quem não vai fazer nada sou eu. Quem faz essa porra sou eu. Não se esqueça: quem faz essas coisas sou eu, e quando a tortura e o diabo mandarem.
Não quero que ninguém cozinhe. Nada cai do céu. Nunca veio, nunca ajudou e ainda acha que é fácil.
Quando você está liberto, é que topa o conflito. Deixa de ser besta! Chega de carregar o rock no colo. Quem quiser que o embale.
Fala, fala pra cacete, porém, do meu bol$o não vai sair um real. Não vou dar casa para ninguém. Abra um bar e ponha o rock para rolar!
Ninguém nunca fez nada, só tirou o corpo fora para ir atrás de migalhas. Seguir essas cartilhas é ótimo, mas não venha me catequizar. Já briguei com todo mundo e, aí fora, tem uma nuvem nefasta.
Se você der mole, eles comem o teu cu.
Bom dia!

De prima, ele veio me encher o saco. Pagou uma cerveja.
— Que dia vamos fazer um som lá? Quero inaugurar um som potente.
— De agora em diante, só faço som com o cu. Neste exato momento, acabei de soltar um peido.
Ele riu. Respondi que a noite era linda, dei uns beijos e fui embora. Bye.
O outro já chegou se vitimizando. Percebi que, se dissesse alguma coisa, aquilo viraria uma fofoca gigantesca e minha cabeça estaria a prêmio. Tudo é contra ele, coitadinho. Intrigado com o Plano Piloto, com o Guevara, com as meninas. Um incompreendido.
Outro:
— Vamos fazer uma festa particular na sua casa e gravar um clipe.
Jesus, tenha piedade de mim!
“Nunca mais me chamou para o rock'n'roll. Me tirou?”
Então vamos fazer esse maldito rock! Tem que falar com a Rô.
Menina, eu estou fora!
Na minha casa, só quem faz rock sou eu. Se não, corto a energia.
Outro já estava falando do aniversário do Guará, em maio. Mais um dizia que naquele dia havia gastado dinheiro com gasolina.
Realmente, esses problemas existenciais são fatais. Mas ninguém quer crescer. Todos continuam agarrados à barra da saia da mãe.
E ainda me perguntaram muito sobre aquele menino. E eu é que sei? Só converso o básico.

Blues do Itamaraty

Ih, caralho! Sinto-me oprimido e sem espaço. Então, adentrei um monte de páginas, dos **Monkees** a George Harrison, e agora estou atrás de pôsteres psicodélicos. Devia ter pornografia!

Os ingratos abandonaram o barco do **Facebook**, que agora vaga fantasma. Escrevo em fumaça genocida para neurônios sadios. Fungicida nas palavras. Nunca espero que me leiam. Caminha!
Caminha pelo reto, caminha pelo SUS e nunca mete o dedo no like.
Eu mesmo curto minhas postagens. Eu mesmo compartilho três vezes, no cartão de crédito do hipermercado.
Meia fétida, maxilar pisoteado, axila raspada. Meia furada no polegar da mão.
Tentando levantar um sentimento, tentando levantar da cama. Passando creme pela barriga e pelo peito como se fosse ver o feto.
Há muito deixei de existir. Há muito, e há nada, na poesia. Só um sentimento espremido da clavícula pela janela dos dois prédios.
Fiquei gelando o beck com o dedo colado com Super Bonder e, como **James Bond**, abandonei a mesa e saí andando, pensando no **Cidade Alerta**.
Voltei depois do comercial, e a menina do dedo colado com Super Bonder continuava grudada no beck, como cigarra na palha da lata do coqueiro.
Passei o sábado todinho postando, repostando e cantando debaixo do sol. Jamais vi alguém que não cantasse no chuveiro.
Para manter a guitarra ligada, arrematei um cabo amarelo. Agora vamos soltar as notas presas na garganta!

3 de fevereiro – Brasília flutuava

Como vimos Brasília ontem, ela flutuava. Falamos de sua unicalidade e da lisergia solar do Planalto. O Conic foi o pico. Se, no início, faltou tomada, depois o rock foi movido a vapor de gasolina, no gerador.
Salve, dom Ticones, que faz rock com os dentes! Salve, dom Célio, que foi ao Gama rockar e viajar! Menino David Kaus, de cabelo curto e sem guitarra, apenas agarrado à latinha de cerveja e ao microfone.
Outras bandas não vi, pois tinha que alimentar os felinos. Gostei do Vox Lugosi, gostei dos velhos camaradas. Marcelo Podrera, sempre rindo. Irei ao Bar Underground, em Samambaia, participar da arrecadação para a educação das massas da periferia. Nesse movimento, eu confio.
Julimar quase foi assaltado no Conic. Ficou na dele, presenciando o rapa. A bebida azul, o Corote, descia gelada pela garganta do desfiladeiro, enquanto uns e outros balançavam.
Aço poesia no Facebook, papo lisérgico no site e, na folha, imprimo memórias.
Me sinto um superestar subjugado. Não fui para aparecer, nem para me explicar. Não quero saber, nem falar. Apenas ser da muvuca. Minha camiseta amarela, já gasta, chamou a atenção.
Pô! Tinha muito cara de cabelo branco por lá. Uma gente linda, bastante diferente daquela dos anos 80. Ninguém melhor do que ninguém. Uns na correria do transporte do som, outros no palco, e a galera dos zines e das fotos. O show é feito para eles, para os papos reais e retos.
Aos boçais, que me errem! Eu não mastigo: eu cuspo letras.
E escrevo sem preocupações, mas me sinto bem feito pra caralho.

6 de fevereiro – Vinis

Logo cedo, no Conic, antes da chuva grossa, Renato Matos batia papo na FunHouse Discos. Falou sobre a sonoridade e o molho tecnológico de alguns discos de reggae e dub. Falou de seus LPs e dos dias que passou na Bahia.
Eles ficam no som aquário, com a cabeça para fora, tocando borbulhas de jazz.

Luizinho disse que eu havia comentado que era heavy metal começar o dia ouvindo Miles Davis.
Eu disse que estava ouvindo Bitches Brew e que não tinha entendido nada. Luiz respondeu que essa era a ideia.
Depois disso, Renato Matos disse que eu deveria comprar um compacto dos **Doobie Brothers**. Achei que foi uma esculhambação merecida. Afinal, ninguém sabe o que eu ouço mesmo.
Luizinho veio em meu socorro:
— Ele só ouve Beatles.
Parecia papo da minha secretária:
— O que está acontecendo? Você não ouve esse tipo de música?
Perguntam quando é que você ouve música. Respondi mentalmente: no carro.
Faz um mês que estou estudando Animals.
Renato Matos foi terminar suas pinturas e uma escultura. Convidei-o para fazer um som com David do Cordeiro de Deus. O cabelo de Renato ficou ainda mais eletrizado, e ele saiu com a pulga atrás da orelha.
Acho que gostou do disparate.
Fui ameno. Não estava bêbado.
Na Escambo Discos, Two me vendeu um álbum duplo argentino dos Beatles, 1967–1970, que pertencera a um tal de Rolando Lazarte. O disco está rodado, mas a arte gráfica da capa é superior à de muitas edições mundiais.

10 de fevereiro — Gostava do Guismarães

Passávamos uma tarde inteira colocando várias cabeças a prêmio, estendidas num varal. Fazíamos montagens e tivemos nosso templo da arte no coração do Conic. Era galeria. Não ouso falar o nome do local.
Quem vai falar mal de quem? Tudo um bando de puxa-sacos, desconfiados das próprias cagadas, sentados em seus rabos de serpente.
Eu, cada vez mais balofo e cansado, descultivo minha própria desonestidade. Preciso de parceiros, preciso de combatentes do riso, do errado, do radicalismo.
Todo mundo é arte. Eu sou a arte que cansa, que se auto-humilha.
A tarde foi boa. Colhi uma soneca. Tenho que trocar as cordas da guitarra. **Madonna** e a guitarra vão gemer com o toque dos dedos.
Estou satisfeito com o que tenho.
Tentei capturar Miro Ferraz para tocar frevos e marchinhas em sua guitarrinha. Ele queria rever os amigos e beber cerveja.
— Não! Quero que você toque!
Na próxima produção cultural, traremos Deus Preto, O Dia D. Será um teste-relâmpago.
Eu não esqueci ninguém. Eles é que me esqueceram.
Sou muito fixo, muito doido. Não dou vexame. Meus vexames são masculinos, coisa de homem. Jamais ataco, tiro pedaço ou faço piada. Estou sempre bebendo. Poucos podem falar de mim.
Éz Macêdo, o poeta com dicção de Cazuza, mostrou-me seus poemas gravados em fita. Suas letras incrivelmente se pareciam com aquelas que eu e o Guismarães transávamos. Nossos blues eram, na maioria, dedicados a Roriz e Paulo Octávio. Era uma sina do Guismarães. Poemas porcos, pobres, diretos e sebosos. Eu só participava dando linha. Graças ao bom Deus, esses blues nunca chegaram aos ouvidos do pessoal do Terno Elétrico. Pura chapação de fumo!
Zé Mauro, o jornalista, fazia aquela cara de: "Tô entendendo, mas isto é uma merda". Jogávamos os políticos no mesmo sofá e na mesma sauna, fazendo uma suruba. Acho que

era a passagem de quem não tinha o troco do baú para ir à Estrutural. Cristovam e Arruda sofriam nas nossas mãos. Era um tempo de escândalos dignos de atenção, que atentavam contra o cofre público e a vida das pessoas. Mas a cultura era debochada.

13 de fevereiro – Parasita de mim mesmo ou parasitai-vos

A coisa que mais ouço é que sou servidor público e não faço nada. Escuto isso da boca de todo mundo, até dos mais próximos. Mas, como defendo o governo, escapo de maiores humilhações. A cada dia aumenta o número de servidores que não ganham nada. Depois de toda a perseguição cruel dos bolsonaristas, quando tive de me defender com unhas e dentes, como numa briga de putas embriagadas, hoje experimento um pico de popularidade. É muito estranho. Estão me adorando por minhas atividades, entre elas ser flagrado dormindo no carpete da sala do ministro. Era macio e esporrado. Com o underground acontece a mesma coisa. Entrei nesse universo porque não queria ser descoberto. O underground empurra o sujeito cada vez mais para baixo, para cada vez mais longe. É ingrato. Nos mundos americano e francês, ou em outras realidades culturais, o underground deu dinheiro. Aqui, só gerou frustração. Underground é como aquele rótulo de maldito.
Penso nisso todos os dias. Penso no seu caso.
Nada de Instagram, Twitter ou YouTube. Se usarem o Do Próprio Bol$o, boto advogado. Sempre enfrento essa dinâmica de não ser conhecido. Aí respondo: "Pois é, conhece Coca? **Globo**? Viu como é tudo dominado?"
Se eu pudesse ser capitalista, teria voltado no tempo há quarenta anos. Como sou underground, sou desconhecido. Tem sempre aquele comentário: "Como vocês estão longe da mídia!"
Então proponho o Overground, tipo os **Raimundos** tocando forró. Vamos esganiçar e abrir para Tonho Matéria!
A arte séria deixa um gosto de traição, de desleixo, de indignação. Somos um país de analfabetos e nada vai mudar o quadro de Weintraub.

15 de fevereiro – Homens que me dão prazer

Do Próprio Bolo é fazer, é sê-lo sem jamais abrir o bolo. Um conceito que se espalha, contamina e ganha corpo na prática. Não é discurso de ocasião: é mão na massa, parceria e independência até a última moeda.
Com uma pequena contribuição nossa, o clipe de "Gana de Viver", novo single de Bruno Z, será lançado no YouTube no dia 20 de fevereiro. Um trabalho de divulgação e realização impactante, conduzido por Werry Rodrigues, que sabe muito bem o que faz. Logo na sequência, será a estreia mundial do clipe de "Five", da pesada Abismo, banda querida pelos jovens batalhadores do underground. Um trabalho superdirigido, filmado e burilado, em parte, no nosso espaço. A casa também é estúdio, trincheira e ponto de partida para quem não espera que as coisas aconteçam: faz acontecer.
Continua no ar, ainda hoje, O Libertário, o único programa de colunáveis que vai até a sua casa e põe o filme da festa na telinha. Magu Cartabranca espalhando alegria, comunhão e suor – porque fazer rock também é juntar gente, compartilhar experiências e manter acesa a chama da confraternização.
Hoje eu não faço, mas comemoro os 37 + 1 anos de Do Próprio Bol$o. E a casa virá abaixo! Agradeço às pessoas lindas e maduras que me dão força nessa missão extraterrestre, nessa aventura sem dublê, feita na tora, sem investidores, sem patrocinadores e sem pedir licença ao juízo alheio.
Se vier, traga muita cerveja, um rango decente e alegria. O rock será por nossa conta,

risco e competência.
Do Próprio Bol$o: a gente faz porque acredita. E acredita porque faz.

16 de fevereiro

Rock Guerreiro agradece a Roriz pela fortíssima performance.
Ou me chamem de novo para essas coisas!

18 de fevereiro

Tirei o sábado para beber.
Ou você não fica bêbado quando bebe?

20 de fevereiro

Aqui serve como confessionário, válvula de escape. Há dias em que tudo me parece brochante. O negócio está tão ruim que, de repente, publico alguma coisa e solto gargalhadas mudas. Não é cu doce, não.
Não quero mais a amizade de ninguém — não é bem isso. É que não conheço essas pessoas. Nunca beberam comigo, não sabem quem sou. Se soubessem, talvez não pedissem amizade. Deve ser um vício delas. É muita carência.
Tenho de articular a reentrância do senso de continuidade das coisas desarranjadas no nosso leiaute interior.
Outro dia, uma senhora madura, gostosa, intelectual e livre me pediu amizade. Aceitei e fiquei imaginando a que círculos pertencíamos. Ela jamais abriu um pio. Depois, deu um pito porque recebeu uma ligação de outra pessoa. Pensei: ela é uma paladina. Cheguei a pensar em ligar e perguntar qual era a dela, mas não estava a fim de dar continuidade a histórias cujo final já conhecemos. Estou com vontade de decapitar um monte de pescoços pelados que aceitei por pressão na fruteira. Degolar um bando de mudos. Sem piedade. Caso contrário, isto aqui vai perder o significado.

26 de fevereiro — De memória grátis

Prezado Rei Lagarto, se eu lesse as suas postagens, com certeza o poema traduzido de Nina Simone foi demonicamente necessário e me deixaria menos pontiagudo.
Memória 2: este número do Capitão América li na hora. Foi quando encontrei o Esquadrão Serpente. Foi impactante. Até hoje presto atenção quando eles aparecem na história de um herói embandeirado.
Como o gibi me ressurgiu?
Lá no Conic, na Kingdom Come, fui onde ficavam as importadas e algumas de formatinhos. O gibi estava lá. Peguei e considerei roubá-lo, com medo de que o vendedor falasse: "Não está à venda".
Fui ao caixa. Foram dois reais e cinquenta centavos. Nem acreditei.
Eles não sabiam o que estavam vendendo.
Eis a sorte.

4 de março — Miseráveis blues

Tudo que é nosso leva facada pelas costas. O site, o tal www.dopropriobolso.com.br, vai de vento em popa, se reinventa e nada de pedaladas. Ainda vai se tornar uma referência da cultura pop candanga.
Quem quiser tocar, que cole! Precisamos nos rejuntar com gente que tenha sentimentos. E, para aqueles que cobram grana, vão tomar no cu! Gastei tudo para manter a flâmula acesa.

5 de março

Aqui fode, aqui se fode.

20 de março – Reverendo Xina e os Ateus

Reverendo Xina e os Ateus era uma banda ruinqdói situation, fã dos **Rolling Stones**. Tocavam "Satisfaction" o dia inteiro. Ainda ouço aquela introdução de bateria, que lentamente ia caindo aos pedaços.
Éramos amigos de escola. Xina era o cara que mais falava sobre rock, bandas e garotas. Magro, tinha um rock raulseixista: falava de constelações e da vida no campo. Eu costumava aparecer nos ensaios no fim da tarde.
Para mim, só chovia no fim do ano. Mas, numa tarde, resolvi cantarolar para ele um rock de minha lavra, em português. Na verdade, eram apenas dois versos, com uma métrica do tipo: "Não tire minha mulher para dançar".
Ele pirou e comentou:
– Tá inspirado, fumou maconha?
Aquilo gelou a tarde.
– Vá se foder você, os ateus e a maconha!
Eu gostava do Xina porque ele metia a mão numa porrada de músicas, colocava tudo no repertório e, na maior cara de pau, saía dizendo que as músicas eram dele. Claro que isso foi antes dos gravadores, das prensas de discos, da indústria fonográfica e dos vídeos caseiros.
Xina e os Ateus queriam ser góticos e tal. Tinham acabado de conseguir um contrabaixo novo e um novo contrabaixista. Foi quando joguei nas mãos deles um som do Velvet Underground: um LP da série Pop Giants, que até hoje deve estar no pick-up da casa deles.
Xina passou um bom tempo na minha cola, pedindo letras de rock. Eu ria. Um dia, apareceu sozinho na televisão, em carreira solo. Já estava mal, mas ninguém sabia. Subiu aos céus em 1994. Foi quando me toquei de que, aos 30 anos, eu tinha que fazer alguma coisa. Afinal, já estávamos maduros.

Eu odeio o calibre 38 e como chegávamos próximo a esse numeral de atividades, pensei comigo: 38 é explosivo, eu nem gostaria de fazer uma charge apontando um revólver para a própria cabeça e abrindo aquela faixinha de bang! Então, ficamos assim 37 + 1 anos de Do Próprio Bol$o será a campanha – junte-se à nós.

"O mundo da música é uma trincheira cruel e lamacenta, um longo corredor de plástico onde ladrões e cafetões agem livremente e as pessoas de bem morrem como cães. Mas tem também um lado negativo." (HUNTER S. THOMPSON)
"Cada vírgula, uma baqueta, cada bemol, um acerto sem-querer, cada baixo, um acorde o vizinho, cada mancada diz que a vida segue." (ROBERTO GICELLO)

23 de março

Ha, ha, ha! Delírio naquele dia! Roriz, o trio, tocou Chuck Berry Fields Forever e ainda teve mais **Gilberto Gil**!

25 de março – Estrela vespertina das padarias / Filosofia Felina

Um artista é um conjugado e, no meio, um paiol. Todos esses lugares à prova de balas e de inabalada insanidade, onde se vomita a véspera e a ansiedade é um prato que deve ser servido com sopa.
Gosto de escrever para você, somente para vocês. Gente que arrepia a pele. Não dou desconto. Nisso, sou Carlinho$ Guismarães pra caraí. Os chatos se apresentam como chatos pra caraí e continuam sendo os mesmos em seus perfis.
Tornei-me uma estrela vespertina das padarias. Ando sujo, rasgado de propósito, para

não chamar a atenção e também para constranger mesmo. Se pudesse, apararia os pelos todos os dias e me barbeava com espuma dentro do nariz, igual ao Papai Noel. Vou à exposição dos pães, e o papo com a atendente é sempre maneiro. Elas sorriem enquanto anunciam as promoções e avisam que o pão fresquinho está descendo. Existem as coroas tatuadas em diversas partes do dorso. São panteras de meia-idade, com bolsas originais e cartões americanos.
— Olha, você esqueceu o quilo de feijão.
O papo sempre gira em torno do dinheiro, do lindo dinheiro. O celular toca, e ela atende com um "Alô, amor". No caixa, pede o álcool em gel emprestado e resmunga algo como "não posso ficar um minuto sem passar". Ela ri. Eu falo:
— Vaselina é bom.
Ela faz que não entende, mas ri.
— O que você faz?
— Assinei um contrato e tenho que terminar a terceira parte da minha biografia. E estou aqui comprando cigarros.
Ela pergunta:
— Fala sobre o quê esse tanto de biografia?
Desando a falar dos detalhes das estrelas tatuadas da nuca e do pescoço até a nádega dela. A mulher pira, me olha e pergunta:
— É isso mesmo?
Respondo que aproveito o prosaico para fazer retratos. Depois dessa fala mansa, todas as tardes querem conversar comigo, fazer parte do livro. É muito doido ser escritor de entrequadras, mas gosto mesmo é de escrever obituários e obturações. Nada de penetrações: tenho medo encarnado, não é falta de tesão. Depois conto como foi a manhã de domingo, quando virei superstar no supermercado, com as pessoas na fila gritando para mim e eu tendo que exacerbar na expressão corporal. Eles nem sabiam que estou atravessando uma fase glitter, totalmente Andy Warhol.

27 de março — Ela gosta e faz arte / Filosofia Felina

Filosofia Felina é uma compilação de anotações, pensamentos, observações e crônicas curtas. Mistura citações, reflexões sobre arte, comportamento, Facebook, isolamento, gatos e relações humanas.

O trecho de 27 de março, *Ela gosta e faz arte*, e as passagens de 25 e 26 de março são especialmente interessantes. Mário observa as pessoas nas padarias, conversa com atendentes, transforma situações banais em retratos e brinca com a própria condição de escritor.

Há também uma passagem em que anuncia estar trabalhando na terceira parte de sua biografia. É um documento importante para compreender a construção do memorial e o modo como a vida cotidiana alimentava a escrita.

28 de março — A verdade está lá fora

À tarde, em missão, aquela chuva caiu sobre meu corpo duas vezes. O quepe ficou encharcado. Sobrevivi.
Na volta, as ruas pareciam piscinas. E haja carro rápido: os lentos na esquerda, os rápidos na direita e, ao centro, as tartarugas. Foi um lance do tipo: a verdade está lá fora.
Músico e jornalista foram duas ambições que aplainei até chegar a zero.
O interessante é que ouvi um depoimento curto e bombástico. As pessoas guardam minha

fisionomia, riem, riem e me chamam de doido. Algumas vezes têm razão: jamais fiz a contraprova do exame para hepatite C.
O bom médico ria. Eu também ri.
— Vai fazer o exame agora?
— Claro, doutor!
As pessoas ficam à vontade para falar de coisas que, certamente, eu precisava ouvir. Minha vida é uma piada. A vida é rápida, é um transe. Faço o indispensável, cumpro os planos e as tarefas e me entrego às mãos de Deus.
Geralmente, as coisas são superficiais. As grandiosas, na verdade, são arestas da vaidade. Falta uma análise certeira, porque as coisas não são exatas. Falta um pedaço. O problema é ser consciente ou experiente e não acrescentar desconfiança, não aprender a jogar o jogo como profissional.
Sigo devagar, como hoje no trânsito.
O doutor disse:
— As pessoas são cheias de si.

1º de abril a 27 de março — Filosofia Felina [nota de arquivo]

Na ordenação do site, o conjunto aparece como 1º de abril a 27 de março. No memorial, manter a ordem cronológica interna: 25, 26, 27 e 28 de março, depois 1º de abril. O conteúdo é o mesmo: fragmentos de isolamento, gatos, padarias, Facebook e a terceira parte da biografia em andamento.

6 de abril — Facebook como escoação

Para mim, o Facebook é o canal ideal de escoação mental e de dejetos amazônicos. Não me importa se daqui a dez anos será uma relíquia. É apenas um jogo com o qual você lida, uma droga poderosa que vicia. Basta apertar o botão de descarga e a cabeça da pessoa rola para dentro do cesto.
Coloco centenas de fotos, textos, linhas, num espaço que parece infinito. Recebo áudios, fotos de momentos caseiros e músicas. O chato é essa gente que usa a caixa de mensagens sem imaginação para replicar aqueles vídeos do tipo "veja antes que sejam expurgados". Isto é perda de tempo.
No Facebook, jogamos verdades na cara daqueles com quem não temos oportunidade de conversar pessoalmente. Aqui, não preciso fazer uma limpa, pois mantenho contato somente com aqueles que resmungam comigo.
Não aceito todo mundo. Não sou seita! Nisso me divirto pra caramba:
— Olha quem está pedindo amizade! Nunca deu o ar da graça e acha que podemos manter um relacionamento via Facebook. Vá se foder!

14 de abril — Rock sem pastilha na Bastilha

Estou nervoso. Lou me passa a garrafa transparente e dou uma beiçada no gargalo. O líquido incandescente limpa o estômago, enquanto o cérebro arde e fede.
O portão de cima está na chave. Mesmo assim, descem três rastas com seus dreads longos como palhas de coqueiro.
No grupo de WhatsApp, comentam que o condomínio está cheio de gente estranha. Respondo que será mais uma tarde de rock'n'roll e que todos estão convidados.
Liguei todos os cabos e apertei todos os parafusos. Isso não significa nada. A primeira banda muda tudo.
Na pasta, estão cinco habeas corpus para qualquer errata. Se a polícia fizer download, digo que meu primo é delegado, o doutor Arthur Mello. Meu outro cunhado está com o emblema oficial da República. É do Ministério dos Menores, porém doido de vinho.

A primeira banda começa às cinco. Será um hardcore rápido. Zezinho está socando o ar. O incêndio nem começou e Bosco já será a próxima atração. Está com a guitarra no pescoço como Chuck Berry.
Depois dele, o trio Os Bostas não largará mais o palco, pois acompanhará as cantoras do Guará.
O público feminino vai chegando com roupas brilhantes de tafetá negro. Bebidas adocicadas e coquetéis. Ficamos muito doidos com o cheiro do spray de July-Marvel, que se espalha pela tela.
No palquinho, a mais ancestral das bandas punks, A.R.D., agradece a presença dos chegados vindos do Gama e detona. Seu guitarrista parece um cubano da revolução de Fidel.
É apenas rock'n'roll.
A próxima será a Banda Mais Lama, com um repertório de rocks nacionais do Rio Grande do Sul.
Todo mundo se arma e se dá bem. Uns fazem fotos, outros vão se esfregar e apertar. Eu me divirto muito.
— Mário, quando será o reggae roll? — pergunta Ricardo Retz.
— Os próximos serão os Herdeiros na Paz.
E a noite nem chegou.

15 de abril

Pudor é um pum com dor.

20 de abril — Tio Osório

Tio Osório era redundante em tudo. Um homenzarrão bruto e, para mim, um debochado, um sarcástico, um sádico colossal. Ainda assim, suas atitudes disciplinadoras pareciam emanadas da Bíblia e de um código rígido.
Nordestino totalmente paulistanizado pela carteira de Kent verde, pelos cafés da Mooca e pelas coxinhas fumegantes recheadas com fígado de bacalhau.
Emprestava dinheiro a juros, sem moratória e com preço especial para parentes.
Ainda não usava bengala. O homem do chapéu cinza-grafite, modelo Texas Diamond, me gelava quando eu via sua boina pendurada no pau da cadeira.
— Venha cá, Marinho!
Minha vontade era responder:
— Que se foda! (Kkk.)
Mas eu ia. Já conhecia seu aperto de mão, tipo grife. Meus dedos estalavam e grudavam uns nos outros como Super Bonder. Passaria a semana escrevendo com dores no caderno.
E o riso espetacular, revirado, de Tio Osório! Os meninos se esborrachavam de rir. O mais engraçado era que formavam filas para apertar a mão dele. Se você se recusasse, acho que ele lhe jogaria uma praga digna do Egito ou do Zé do Caixão.

21 de abril — Humma crônica r'n'roll / Brasília, seu passado

Foi desse jeito que os conheci e recebi um pugilato no queixo dos dinossauros. Para mim, foram os Stooges.
Rapidinho, minha afeição por eles atraiu aquelas velhas putas do rock de Brasília, que tiveram seus dias e nada fizeram.
Um senhor baterista queria um duelo com aquela guitarra grunge grudenta de que eu tanto falara.
Claro que não precisei fazer nada. Minha ação foi dizer: procure a tua turma gótica dos anos 1980.

Red Zones tocou bêbado. Tocou instrumentalmente em duo, bateria e guitarra com voz. E por aí seguiu.
Seu grande momento aconteceu ao ar livre, do lado de fora da churrasqueira. Naquele dia, alguém falou que eles eram outra banda, pois Fábio, no contrabaixo, arrebentava nas transposições.
Abriram tanto o volume do amplificador emprestado que o síndico pediu que, perto do final, abaixassem o som. Os caras da outra banda disseram ao dono do amplificador que ele devia aumentar ainda mais o volume.
Explodiam-se ouvidos e corações, caixas e mentes. Era o tormento grunge, era Kurt Cobain e alguns músicos também jovens, que se juntavam à orgia esporrenta. Eram apresentações explosivas e improvisadas, com instrumentos emprestados, como aquele contrabaixo cujo dono temia e tremia por tê-lo cedido. Depois, porém, elogiava a ação e a generosidade de fazer rock'n'roll.

Eu nunca me envolvi e nunca permiti conhecer o meu lado político. Ele é pessoalmente particular e inalienável.
Eu nunca fui massa de manobra. Cansei de ser oposição a governo de direita e de esquerda. Eu quero mais é cochilar.
Todo o meu trabalho tem, teve um lado político que os meus vizinhos conhecem muito bem. Sabem a cor da bandeira, do uniforme do time.
Pra começo de conversa, não me entendiam: nem a roupa, nem a liberdade, nem o linguajar, nem os discos que eu ouvia.
Talvez eu seja do contra.
Nunca peguei grana nas agremiações ou nas instituições. Sou comerciário. Meu pai era torneiro mecânico, depois vidraceiro. A lição mais importante que meu pai me ensinou foi que eu jamais perdesse minha carteira profissional.
Sobre política, não falo com pai, mãe, primo, cunhado, colega de serviço. Mantenho a posição afastada do eixo.
Não vou explicar publicamente os motivos. Posso ser educado.
Eu chuto a bola com o pé da liberdade.
Não conheço os litígios e suas fronteiras, mas, naqueles livros, a linha era que a liberdade devia ser expandida. E não é por isso que nos atiramos nas drogas, na velocidade, no álcool e no lema “morra jovem”.
Não vou defender bandeiras. Vou vivê-las.
E “as bandeiras são dólares voadores”.

Brasília, seu passado

A ideia de Brasília é mais velha do que supõem, os leitores que a estão vivendo. A primeira manifestação nasceu em 1550 com Martin Afonso de Souza que aconselhara a D. João 3º, o Colonizador teria mudado para Brasília, a sede de seu império, trazendo a Inquisição lusa.
Em 1750, um engenheiro militar e cartógrafo genovês a serviço da Coroa Portuguesa, Francisco Tosse Colombina também andou estudando o problema da capital do Brasil e disse que a solução seria leva-la para o planalto goiano. Mais tarde, por volta de 1755, assustado com o terremoto de Lisboa, o Marquês de Pombal chegou a dar os primeiros passos para a construção de Brasília, cujo nome já estava até escolhido. Que só não se mudou para cá, porque os espanhóis não lhe toparam a proposta: ficar a Espanha com o território luso na Península Ibérica, em troca de toda porção da América meridional. Um negócio da China! Se os espanhóis não fossem tolos, teriam aceitado e, ao passo que, hoje, muito acrescida na Europa, estaria a Espanha.

Constituição 1946

A única constituição brasileira que afrouxou a determinação mudancista, não era bem uma constituição: foi a polaquinha de 1937, do Estado Novo, que Deus haja, com os seus fundadores.

Eleito e empossado o então general Eurico Gaspar Dutra nomeou os membros, na maioria engenheiros, para compor a Comissão de Estudos para Localização da nova Capital. Em 1948, esta Comissão fez entregar ao presidente da República de um relatório em que se pronunciava por uma demarcação de área superior a 14400 km2 que também incluía uma parte do sítio escolhido por Luiz Cruls, ilustre cientista a quem devemos os primeiros estudos sobre as terras onde surgirá a cidade onde era selva. Foram estudadas 8 áreas diferentes, todas no planalto goiano.

Em primeiro de 1953, o Poder Executivo autorizou a que se procedesse as conclusões definitivas para a localização da Capital. Criou-se então a Comissão de Localização da nova Capital Federal.

Entretanto, incontinente, em entendimentos com a firma Donald J. Belcher and Associated Incorporated que procedeu aos estudos de fotoanálise e interpretação da área anteriormente – demarcada.

Com o trágico desaparecimento do presidente Getúlio Vargas assumiu a direção daquela Comissão, o general José Pessoa Cavalcante de Albuquerque.

Tomando por norte as conclusões apresentadas pelo Relatório Belcher foi afinal definitivamente fixada a área do Novo Distrito Federal, a qual teve em 5 de agosto de 1955 a sua homologação pelo presidente da República.

Esta área está situada entre os paralelos 15 º e 16 º e 16’ e 03’ medindo aproximadamente 5.400km2.

Em novembro de 1955, a Comissão de Localização da Nova Capital Federal foi dissolvida e substituída pela Comissão de Planejamento da Constituição e Mudança da Capital Federal até que se no Congresso Nacional criasse a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – NOVACAP – pela Lei nº 2874 de 19/9/1956.

Desde então a batuta do Presidente Juscelino Kubitschek a construção da nova capital tem se processado em ritmo bem nacional, não mais do não menos nacional samba brejeiro, mas no tico-tico no fubá.

Criada e instalada a Novacap procedeu-se ao concurso do Plano Piloto.

“Brasília é antes de tudo uma realidade e a maior prova que poderíamos ter da capacidade realizadora dos brasileiros.” Estas foram as palavras do deputado federal mais votado no Brasil, Fernando Ferrari , no plenário.

No reino dos que se acham muitos se perdem

Quem sofre de amnésia é a realidade. Notícias que especulam fatos e se divertem com a aura de celebridades são falácias. É com a vaidade que a realidade nos chicoteia. Os alquimistas chegaram. É o ataque das aves silvestres ao sub-reino dos metazoários.

– Vamos escrever?

O sujeito escreve com um ar de desprezo pelas palavras e/ou construções simples e diretas. Se o trabalho não for dotado de sofisticações e acrobacias grandiloquentes, de sabedorias estratosféricas, de ostentação exibicionista, o resultado literário não lhe terá sido válido. A principal característica dos adeptos da nefelibatice é o ridículo untuoso.

Jorge Amado tem, em sua galeria de personagens, muitos nefelibatas. Em romances como "Gabriela"; "Tocaia Grande"; "Dona Flor", dentre outros, achamo-los com facilidade. O assíduo frequentador de academias e de grêmios literários, surgindo do nada, lendo

papeizinhos amarrotados, num furor homérico de mediocridade bem recitada, na voz escandida, no gestual de heroísmo duvidoso, numa afetação lírica gabola e limitada. Alguns tanto menos bebem quanto mais citam poetas consagrados, num frenesi imagético. É o literato das pretensões frustradas, mas convencidos de sua verve e de seu talento. Não perdem uma récita, e às vezes chegam a chorar ao som de seus próprios versos. Muitos deles são vegetarianos, outros abotoam a camisa social até a última casa do pescoço; a maioria se apaixona com suprema facilidade pelo primeiro sorriso carmesim que lhes parece lançado. Eles cultivam musas com o esmero com que se cultiva manjericão em apartamento.
O que uniformiza deforma. Portanto, se o conceito estiver acima do objeto da arte, esta estará limitada às fronteiras epistemológicas da ideologia que a inspirou. E arte não deve, em princípio, ter fronteiras.
A arte engajada (engagée, no jargão de Sartre) tem que ser contextualizada, se não, a arte vira propaganda, marketing. O inconsciente do artista produz o que sua pulsão estética impõe, podendo ter uma carga ideológica maior ou menor, ainda que haja sempre soluções para a construção consciente.
Cuidado! Isso que cogitamos pode parecer exercício de ruminantes.

1º de maio – Five / Abismo

O clipe de Five é um jorro de puro esteticismo nas artes.
A dimensão estética acontece na encruzilhada, cujo resultado inoperável será o xeque-mate da Morte, a imprescindível convidada especial.
No clipe, a influência vital do inconsciente e a marca da maldade dos diretores do cinema surreal e tropical.
Os elementos estéticos exprimem a violência sem cair no ABISMO.
Agora sei onde foi parar o meu disco do **Black Sabbath**.
Oportunamente, outros elementos referenciais serão abordados.

11 de maio – Influências

Eu estive lá e lia muito Ezequiel Neves. Não entendia por que ele não tinha livro. Lia o Maciel e o Mautner. Do Correio, eu lia muito o Irlam e o João José Miguel. Em Brasília, era fã do Manel Henriques e do Celso Araújo. No Globo, o Antonio Carlos Miguel.
Essas foram as minhas influências. Lia Beat, lia o **Estadão**. Isto foi mais tarde.
Não peguei todos os capítulos da Arena Brasília, mas peguei uma pontinha.
Nunca fui de "thurma". A Turma da UVA era vigorosa. Eram os seres mais estranhos do planeta, numa atividade vivencial, cultural, culinária e, claro, do mundo da moda. Eles eram um pouquinho mais velhos, porém sábios veteranos. Você sabe que a galera de ponta de conjunto tem que se virar para arrumar uma bola de basquete importada.
E tínhamos as guitarras mais seculares de Brasília, até que, em 1979, pintou uma Giannini Stratocaster branca, zero-quilômetro.
Era difícil ter rádio FM e carro. Só o Maverick, quando eles davam um giro pelo Guará com medo da Rádio Patrulha.
Nosso ídolo era Mário Eugênio, a crônica da cidade.
Era tipo nós contra o establishment dos aposentados da GEB, dos reformados da Aeronáutica, dos quase aposentados que vieram de fora e daqueles falsos moralistas que adoravam falar: "Viu o filho de fulano na gaiola?"
Vivi rock em Sobradinho, no Gama, e acho que ajudei o rock do Guará pelo menos a virar lenda.
Sempre me correspondi com outros estados, então tinha que estar a par. Eles se lembram

de mim porque eu sempre discutia e discordava.
No Banco, em 85, acompanhava o punk rock do Gama e, aos 21 anos, era "veterano", guardando o próprio rabo dentro das calças.
O povo ia caçar gente pra arrepiar lá no Beirute. Não se andava só pela cidade.
Eu tinha acabado de chegar de Taguatinga. Lá viviam muitos mineiros que me ensinaram a viver.
Os piores alunos sempre foram meus melhores amigos: os fracassados.
E, por ter o Jornal do Rock, o telefone não parava de tocar com novidades.
O bom é que nunca mais vi esse pessoal. A maioria se tornou reacionária e afirma que jamais fumou maconha.

12 de maio

Nunca um momento maçante! Até parece que esse par de fotos foi desenterrado de 2013, pois, só de olhar para elas, ainda me lembro da pior ressaca: a moral.
Esse sou eu mesmo: desabusado, convicto e ainda cheio de gás, mesmo que seja um putrefato pum.
Adoráveis amigos e parceiros divinos, maravilhosos! Sempre prometo estar mais presente na vida de vocês. De alguns, participo mais. Saudades e a certeza de que a menina da câmera voltará ao Guará para rejuvenescer o álbum dela com novas fotos, registrando nossa experiência vívida em rugas e cabelos brancos que a vida nos dá.
Amor perfeito nas fotos de **Joelma** Antunes de Sousa.

19 de maio – Lenda e a Realidade

Como a realidade se comporta dentro do discurso das lendas urbanas?
"Die Haut no Teatro Nacional! Este foi clássico!
Entrada fechada. Do balcão, no saguão, através das portas de vidro, dava para ver os caras sendo barrados. Ainda tinha espaço.
Na hora prevista, um grande contingente de pessoas enfrentava uma fila do lado de fora do edifício do Teatro. Pegamos essa fila. Já era noite. Havia plateia até no chão, nas laterais do palco.
Viajantes, gente em estado alterado, viram surgir no palco o negão Tilum, ex-Demônios da 10, amigo do goró e do Guará. Assomou diante da audiência com um tacape e uma garrafa de pinga. Abraçou o vocalista e ofereceu-lhe um pouco da bebida. Depois, colocou o tacape em sua mão, enquanto bamboleava pelo palco numa performance digna de embriaguez bem-ensaiada. Alguns perguntavam se aquilo fazia parte da produção.
Isso foi quando Blixa, do Einstürzende Neubauten, tinha subido para cantar algumas músicas... O show também teve uma parte totalmente instrumental, e a parte final foi com **Nick Cave**, para delírio de umas mocinhas que estavam às lágrimas.
Na Lata, quem trabalhava na entrada, embaixo do Teatro Nacional, era Tião do Quiosque, Chaveiro 10, na Praça do Bolo, onde alguns manguaças guaraenses se reuniam logo cedo. Com o teatro apinhado, Tião, então motorista e antigão na Secretaria de Cultura, permitiu que Tilum entrasse por baixo."
Tudo isso pode ter ocorrido em outro show.
Mas naquela noite, na Sala Martins Penna, jamais houve dança de bêbado. Apenas um vocalista e baixista punk da cidade que, estupefato, subiu ao palco e entregou uma garrafa de uísque ao vocalista!
E, antes da cena da garrafa, o punk do uísque falou alguma coisa em alemão. Levou uma vaia – inexpressiva – e, em pé no proscênio, mostrou o dedo médio para a galera.
Olhei para trás e vi uma lotação normal. Não houve histeria.
O show dos alemães era performático e chato! Parecia com o da Blitz.

No fim daquela ópera-bufa, gostei mais do show de abertura do Low Dream. Será a lenda urbana um incentivo ao resgate da memória?

19 de maio – Jornal do Guará, 4 anos de coluna

Faz quatro anos que colaborei pela primeira vez com o Jornal do Guará. Foi em maio de 2015, durante a turbulenta excursão do grupo punk sulista Watchatcha. Depois, outros textos meus foram impressos, de maneira errante e esporádica.
Rafael Souza, editor de cultura, vinha me surpreendendo pela unidade, pela direção e pela defesa da cultura do Guará. Foi então que me ofereceram o espaço Ponto de Cultura!
Sem a grandeza de um Torquato Neto, minha coluna é guerrilha. Minha dose de notoriedade, prescrevo aqui no Facebook.
Nessa coluna, sinto-me íntimo e pessoal. É a minha visão da janela do quarto, da cama.
Ontem tive um sonho: minha perna esquerda era parcialmente devorada por uma onça. Depois, o animal entrou em combate com Lúcio, o caseiro, que lhe desferiu um golpe mortal na cabeça. Lógico que houve muito sangue. Na cena final, Zanza me mostrava a notificação do **Ibama**.
Desse sonho, tiro três toques: sou relutante, sou exposição e sou tumultuado. Uma presa fácil.
Resumindo: já tive colunas a duras penas e guardo os recortes para que meus filhos saibam. Prometo mais colunas ambiciosas, loucas, potentes e encorajadoras, com testemunhos da era que vivemos.
Agradeço o apoio dos proponentes da cultura do Guará e da direção do jornal, que me permite viver o sonho de escrever e de estar ao alcance das suas mãos e dos seus olhos.

26 de maio – Balada do Louco: um livro para toda a vida

Como diria o mestre Juca Kfouri, o raro leitor ou leitora desta minha timeline sabe que não sou muito chegado a correntes. Preguiça, muita coisa para fazer, falta de tempo, esquecimento, desorganização ou simplesmente aquela mania incurável de ser do contra. (rs)
Mas o Ben-Hur me lançou um desafio diferente: publicar livros de que gosto, ligados à música. Dizem que não é para explicar, contar história nem ficar dando justificativas. Só que, como já confessei minha vocação para remar contra a correnteza, vou fazer diferente outra vez. (rs)
Minha ideia é apresentar livros raros ou pouco conhecidos, dessas publicações que escapam aos holofotes, sobrevivem fora do circuito comercial e acabam se tornando verdadeiros documentos de uma época, de uma paixão ou de uma vida inteira.
E começo por Balada do Louco, biografia de Arnaldo Baptista escrita por Mário Pazcheco. Uma verdadeira raridade! Obra totalmente independente, publicada em 1991 e esgotada há muito tempo, provavelmente longe das prateleiras convencionais e dos radares de quem procura conhecer a história do rock brasileiro.
O livro conta um pouco da trajetória daquele que talvez seja minha maior influência em todos os sentidos. Arnaldo não é apenas um músico extraordinário: é uma maneira de pensar, de criar, de desafiar convenções e de existir à margem das expectativas alheias. Sua história me marcou profundamente e ajudou a fazer de mim o sujeito que sou hoje.
Há livros que a gente lê e depois esquece. Outros permanecem na estante, acumulando poeira. E existem aqueles que carregamos por dentro, porque atravessam nossa formação, alimentam nossas inquietações e acabam se confundindo com a nossa própria história. Balada do Louco é um desses livros para toda a vida.
E é justamente por isso que começo por ele. Antes de qualquer lista de grandes obras ou de qualquer cânone musical, há os livros que nos transformaram, aqueles que chegaram

na hora certa e deixaram marcas que o tempo não apagou.
Passo o desafio ao brother Carlos Remonti: sete dias, sete livros, indicando alguém a cada dia para fazer o mesmo.
E que venham as raridades, os livros esquecidos, as edições independentes e as histórias que merecem continuar circulando. Porque a memória musical também se escreve nas páginas de livros que quase ninguém viu, mas que podem mudar a vida de alguém.
Arnaldo Baptista, sempre!

30 de maio – Partido dos Colunários / Jim Morrison

O Partido dos Colunários apresenta a coluna publicada nesse sábado, em memória de Jim Morrison, com a participação de Davi Carvalho. E vamos em retrospectiva, até que aconteça o orgasmo literário!
Esta coluna pede justiça social. Dez dias depois, o governador decretou uma multa pesada para quem pichasse monumentos, fossem históricos ou não. O decreto, porém, não intimidou ninguém. O monumento ao Lobo, na entrada do Guará II, foi novamente vandalizado – desta vez, nas costas.

25 de junho – Revitalizando o maior museu a céu aberto

Estamos revitalizando o maior museu a céu aberto de Brasília!
Porra, o "maior museu de banalidades do Guará 2" agora tem horta própria, cultivada pelas mãos do Fred, e irrigações eriçadas. Da tinta pinga até latejar aquela dor adormecida na orelha desnuda.
Escrevi cedo hoje, ainda com o sol escuro:
"Repintar as bandeirinhas, retraçar as estruturas, retingir a vida com novas cores belas. Celebrar o dia inteiro, o reencontro e, lógico, tudo isso acompanhado de fumaça espumante."
Tragam cigarros em brasa e latas gordas de cerveja!
Não espero pela arte, não espero inaugurar coisa alguma. Vou vivendo justamente contra essa espera. Vamos pintar guarda-chuvas, girassóis, sombreiros e balões. Tenho alguns anjos para pendurar de cabeça para baixo, como morcegos do óbvio.
Vamos esparramar tinta e dar forma às nuvens espessas, carregadas de água. Eu sou a própria reinauguração!
Depois de vinte anos construindo nossa moradia, estamos perto de revitalizar as paredes. Isso significa que os pisos externos e internos, assim como os painéis espalhados pelas paredes, estão aflitos, orando por nós.
Julimar, vamos para esse descarrego munidos de muita tinta e rolos compulsórios. Vamos agitar! Não quero ser pré-estreia de nada. Todos os cartazes estão olhando para nós, e quero ver as nuvens se acumulando naquele paredão.
O que falta é apenas a rolha da champanhe.
Vou servir a melhor cerveja gelada, o rock mais intenso e o cigarro que nos faça voar para bem longe do comum, do cansativo e de tudo aquilo que amedronta.
Arte é nossa terapia, e nem chegamos aos dez anos dessa parceria. Dessa sua eterna disposição de pintar todos os dias. Você me esgota, parceiro! Mas o pôr do sol é lindo.
Valeu, parceiro de fé imaculada!

9 de julho – Vímana: apêndice do porvir

Cataclisma: é difícil falar daquilo que não se viu ou escutou.
Parece-me que a origem do Vímana se deu numa encruzilhada, diretamente ligada ao grupo Veludo Elétrico, com tudo a ver com o blues urbano. De lá saíram **Lulu Santos** (guitarra) e Fernando Gama (contrabaixo). Do Módulo Mil vieram Luiz Paulo Simas (teclados) e o

baterista Candinho. Desse parto nasceu o rebento Vímana, em 1974. Com a dissolução do Veludo Elétrico, os outros dois ex-integrantes, Antonio Pedro (contrabaixo) e Rui Motta (bateria), seguiram para os Mutantes, de Sérgio Dias. Com Candinho, ex-Módulo Mil, o Vímana não se sustentou por mais de vinte apresentações. Novos agentes entraram em cena. **Nelson Motta**, o mecenas, remontou a banda com a adesão de **Lobão** na bateria e Ritchie nos vocais. Houve participação no espetáculo Feiticeira, de Marília Pera, ensaios no Teatro Casa Grande e apresentações no Hollywood Rock e na II Temporada de Rock e Música Progressiva, quando dividiram a data e o palco com o Veludo, que abriu a programação.
Veludo?! Sim, uma nova formação, agora eliminando o sobrenome Elétrico.
Outro fã de carteirinha do Vímana era o crítico Ezequiel Neves, que tinha relativa influência na formação de opinião do meio roqueiro dos anos 70. Ele falava bem do Vímana, em oposição ao Veludo, sempre escorraçado. Novo cataclisma: o Vímana não era progressivo e gravaria pela mesma gravadora dos Mutantes, a **Som Livre**? Os Mutantes também não eram execrados pelo senhor Ezequiel?
Então, a coerência vai abaixo do carpete. Criticam-se as direções musicais dos Mutantes e do Veludo, mas elogia-se o Vímana, que trilhava uma pegada semelhante. Estarei equivocado?
Do que consegui ouvir do Vímana, com suas letras em inglês, reconheço ressonâncias sonoras do **Genesis**. Enquanto o Vímana seguia em direção à Charisma, os Mutantes se repetiam em direção à MPB. Um reencontro que a discoteca evitou. Para mim, os Mutantes faziam um som superior, ramificando-se novamente com a MPB.
O projeto Vímana seria concretizado individualmente. Lulu Santos voltou a se equivocar com o efêmero Unziôtro, para depois acertar o alvo em sua carreira solo. As carreiras solo de Lobão e Ritchie, mesmo não sendo integrantes da formação original, também manteriam vivo o culto apaixonado ao Vímana.

18 de julho — Reacendendo a memória

Por enquanto e por hoje, este é o título do novo livro. Novo que promete envelhecer, mas já nasceu velho demais.
No fim dos anos 80, na biblioteca do MEC, ouvi falar de Gicello, personagem apresentado como um perigoso matador de cangaceiros candangos. A história nos despertou a vontade de criar um trabalho literário, que acabou recebendo o título de Balada do Louco. Tal desatino cometemos.
Foi recentemente que começamos a concluir crônicas, textos músico-históricos.
É na corda-bamba, na Corda-Bamba Edições, que estão os traços e as ideias.
No último texto, proponho que um mendigo peça uma córnea ao Guru do Conic, que então arranca a prótese de sua face. Mas tem toda uma ilação moral.
Agradeço a Gicello pela satisfação que obtenho depois dos muitos textos revisados, que deixam a escrita apresentavelmente espinhenta.
Obrigado por ajudar a competir, a conhecer e a praticar a esgrima das palavras.
São muitos os verdadeiramente bons, da vasta literatura brasileira consagrada, de editoras ou afins, e independentes, de pele, de olfato, remendadas por sonhos.

27 de julho — O falacionismo

Trump é sensato quando o assunto é reeleição e sarcástico quando a mídia tenta associá-lo a abusos sexuais: “Desejo toda a sorte a ela”. Tira o corpo fora.
Pelo mundo afora, conduziu seus seguidores à beira do abismo, deu-lhes um sossega-leão e depois os atirou lá embaixo.
Ficou claro que não daria nenhuma dose de vacina ao Terceiro Mundo: primeiro, a América.

Na Esplanada, agitam-se bandeiras do Tio Sam. Falsos hebreus agitam bandeiras de Israel. E não se vê uma bandeira da China.
O atributo da desinformação informa que o vírus é "vermelho".
Nessa história de malhar celebridades na internet, esquerda e direita se encontram, juntas, para bater de Baby Consuelo a Paula Toller. Sem respeitar direito de voto, opção ou situação.
Outra coisa ridícula é pregar a interdição da TV Globo. É como proibir a leitura de livros ou a exibição de filmes. É o atributo do falacionismo.
Vivemos o Falacionismo, onde falta ação concreta.

31 de julho – Hot Spot: Ardendo em Belo Horizonte

Belo Horizonte, a área quente do blues.
Quando o assunto é blues, o intercâmbio entre as regiões brasileiras é quase inexistente. A cena desse nicho imperial é assolada por bons guitarristas, ávidos por abocanhar o filão e exportar suas produções próprias.
No Brasil, a tradição não importa muito. É sabido que é muito difícil cair nas graças dos promoters dos festivais de blues na Babel Brasil.
Musicalmente, o país vive engarrafado.
Resumindo: quer conhecer a cena de blues de Belo Horizonte? Apareça por lá. Por aqui, nem sinal de fumaça.
No país do samba, os bluseiros insistem em optar pelo mercado externo. E tome lamúrias na língua do Tio Sam(tanás)!
A Hot Spot é uma banda que enfrenta esses dilemas. O trio foi formado em 1990, em Belo Horizonte (MG), por Luiz Andrade (bateria), Marcelo Silveira (guitarra e voz) e Gustavo Andrade (baixo e voz).
Seu repertório vibra sob a influência dos luminares do blues, todos importados, coroados e abençoados, além de seguir a trilha das grandes bandas que já não existem.
Triste sina do revival!
Pode ser que um dia a cena nacional também esquente. Mas parece-me que a música está alijada de qualquer cobrança ou opção social. Pelo menos foi o que me disse o velho sambista. Cabe, portanto, ao blues se revigorar e se aproximar de artistas como Helena Meirelles e tantos outros muito mais ligados às próprias raízes.
Boto fé e ponho outro, desde que o artista nato fale português. Não foi no disco de T-Bone Walker que o ouvimos cantar em espanhol? Depois veio Pappo Blues, lá na Argentina.
Tão jovens, as estrelas do blues brasileiro ainda têm muito a brilhar. Começam nesse formato e, arrependidas, voltam ao próprio idioma. Consequência e inconsistência.
Hoje estou meio Ezequiel Neves. Às vezes falta argumento e sobra história oficial em release. Não é o caso de nenhuma matéria do Do Próprio Bol$o!
O que o blues ensina é que só se consegue a alma e a magia de barriga vazia. Errei?
"O blues ensina que menos é mais, só pela construção dos arranjos."
Alexandre Magno

3 de agosto – Olho por Olho: drama ou dharma?

É nessa vibe que vou seguir: um texto livre de encontrões na rua, livre de vícios, livre de expressões chulas. Apenas uma superfície rugosa para alisar o olho. Quem estiver nessa, que me siga.
O movimento é independente. Sempre foi e vencerá. Aleluia!

Uma pequena narrativa filosófica sobre generosidade, desprendimento e evolução espiritual. Mário conta uma história que ouviu de um budista: um homem que desejava alcançar a santidade oferecia tudo o que lhe pediam, até que alguém exigiu seu olho direito.
O desfecho é uma brincadeira com Zeferino e seu tapa-olho. A moral da história questiona nossa dificuldade de compartilhar e a importância que damos à posse.
É um fragmento curto, mas interessante para mostrar outra dimensão da escrita de Mário, que não se limita ao rock, ao colecionismo e à crônica urbana.

7 de agosto – Cópias, contracultura e acervo

Ih, caraí! Abusei do Facebook e já não sei se foi ontem, se foi hoje ou se será todos os dias.
Fui fazer um trampo secreto. O sujeito jogou pesado: queria 35 centavos por cópia, enquanto eu vinha pagando 18. Recuei como uma tartaruga.
Na volta para casa, na 40, esbarrei numa gráfica. O preço era de 14 centavos.
Isso é contracultura surreal sem reais!
Aliás, faz tempo que ando sem tempo. Vocês devem perceber a passagem do tempo conforme a atenção que dedico às postagens.
Um acervo não deve passar por morto. Não pode ser um peso morto, nem um peso nas costas. Precisa ser dinâmico, livre de traças. O fundamental é fazer girar o fato e narrar a história sem microfone.
A História digitada com a ponta dos dedos.
Não conte a ninguém, mas devo ter tirado 10 mil cópias de 2018 para cá. Minha cabeça, à noite, mergulha em resmas.
Sofre quem sabe.
Geralmente, não dão valor à informação, pois valorizam a desinformação. Contracultura: uma nau sem âncora, vigiada por piratas psicopatas.
O trabalho febril é glorioso, e ninguém desconfia.
Saudades do tempo em que qualquer pessoa que eu conhecesse pedia para tirar cópias.
Os empregados continuam dando mais valor aos fregueses do que os patrões, que reclamam de barriga cheia.
A fome não permite reclamações.
Se não estive, foi porque não fui.
Foi Marcão quem me apresentou a cópia colorida de 50 centavos no Conic, a mais barata do Universo!

9 de agosto – Gicello e a caderneta

Roberto Gicello, cruzei as palavras na caderneta fina.
Fizemos um texto sobre os 60 anos de Brasília, no qual o absurdo era que a internet, que sabe tudo, não sabia o azimute da capital.
Outro texto se chamou No reino dos que se acham, muitos se perdem.
O próximo seria uma ideia sobre a loucura e a saúde mental em Machado de Assis, Kierkegaard, Mallarmé e Nietzsche. Depois dessa série, faríamos um espelho com cantores como Syd Barrett e Raul Seixas. E seguiríamos.
Acontece que eu estava engessado, ocupando a vaga de um jornalista que deveria receber, por justiça, um salário.
Estava a fim de colocar o e-mail no alto da coluna e mudar seu nome para Do Próprio Bol$o. Faria uma coluna udigrudi mesmo, com minientrevistas, todo mundo falando, as bandas e tudo mais. Tudo isso num fundo de garrafa, com letra minúscula.
Cara, nunca ouvi um retorno sobre a coluna. Sabia que minha ideia de novos ares era

irrelevante.
Estou livre para colaborar com o concorrente, totalmente digrátis, como sempre foi, desde que ele volte a ser impresso mensalmente e me dê uma folha. Já pensou? A última página do tabloide!
Eu iria até a direção do Dona de Casa pedir uma cesta básica.
Foi você quem disse que os jornais podem ser recriados, mas a esperança, não.
Hoje toquei fogo nos ares para celebrar como é hard a produção de um rock-prima, um rock-opera. Pensava em Fire, com Jimi Hendrix, e Burn, com **Deep Purple**.
Queimei todos os fungos que roem a madeira carcomida, livre dos pregos. Queimei mangueiras, pneus, restos de enchente, metal, cintas. Limpei a chácara dos restolhos da ocupação humana. Ela está livre do excedente.
Desapeguei-me dos castigos, das injúrias, das incompreensões e dos abismos.
Ainda vêm muitos anos de luta. Não importa se estamos no ano 38 de cultura independente-individual.
O tempo é um marca-passo.
Estou às voltas com minha própria história e, o mais importante, quero mesmo viver a minha vida.

15 de agosto — Janelas & Jornadas do Jornalismo

Um dos fragmentos mais interessantes da escrita cotidiana de Mário. Começa com uma discussão sobre jornalismo e a opinião de que determinado jornal estava mais interessado em olhar para o próprio umbigo.
Em seguida, o texto vira uma crônica de um sábado comum: os animais, os exames médicos, a padaria, uma discussão sobre o preço do pão, a janela de mogno que despenca e quase arrasta Mário junto, o motor do carro vazando óleo e a ajuda do amigo Menino Pio para recolocar a janela no lugar.
É um retrato da escrita de entrequadras: acontecimentos pequenos, humor, irritação, observação e acontecimentos domésticos que acabam virando literatura.

17 de agosto

Magu Cartabranca me ligou à tarde. Como não se fabricam mais telefones estáveis com bina, foi por isso, my friend, que não devolvi a ligação.
Nada como tirar um cochilo vendo o episódio final de **The Umbrella Academy**. Ah, esse filme mágico deve enfeitiçar as pessoas.
Hoje o dia foi fantástico. Como estou feliz!
Na hora do almoço, fiquei impressionado com o gerente de cultura da QE 40, reproduzindo a chamada do carro de som para o The Barrows.
Distante, penso na fé de Luciano Barbosa dos Santos, na extrovertida e forte amizade com Chicão, que nunca mais vimos além dos sonhos.
Chicão fechou sua bodega amarela, a mais psicodélica, como um antro da Jovem Guarda, onde ele tocava Renato Russo e eu discotecava com cerveja gelada em garrafa de 600 ml.
Se alguém ler este post, peça a Magu Cartabranca para retornar, pois pode ser o Murilo Lima querendo a cópia dele que jamais entreguei porque vivia gripado, antes da vacina salvadora do GDF, que agora come a alíquota de 14% no contracheque.
E jamais voltou a falar no plano de saúde do governo.
Kellen Polem deve estar mais gata. Sinto sua falta.
Também sinto falta daquela garota apaixonada que postou uma foto no grupo, trocando uma bicota.
Só sentimos falta de quem é essencial. Seja essencial e menos opaco, fantasma calado convertido.

19 de agosto – Marcha dos doidos

Pitolomeu seria o cara ideal para tocar contrabaixo na banda, porém vive no Rio. Pensei em chamar aquele menino do cavaquinho e do banquinho, mas, na última canja dele aqui, seus parceiros ficaram com ciúmes.
Quarta dos doidos.
Lucky at Myself ligou, isolado no condomínio. Também se ligaram Salazar, que reapareceu, e Retz, na correria para realizar a homenagem à Passeata do Raul, que será virtual, direto de Santa Maria.
E, se falarem #DoProprioBolso e mandarem um alô, eu mando bala. Fale o meu nome aí!
O caminho do rock underground sempre será tortuoso.
Tava com o texto na ponta da língua para a live do Remy Porfírio, porém acidentes acontecem. Mas vai rolar. Não sei a pronúncia de Loeffler. Será Lefêr? Sei lá, risco lá.
Blavis me ligou. É incrível a vontade do fazer, mas, no momento, só me dedico à vontade de sobreviver.
Estou como vagabundo atrás da garrafa de mé.
Trabalho todos os dias, pois estão de olho na minha vaga. Aos 31 anos de casa, ainda tenho medo de perder o emprego.
Sabemos lá! Sumiram as horas extras do forponto, mas, se você faltar um dia, o sistema não perdoa.
Pessoas que eu conhecia se aposentaram ou estão ganhando por telehora básica.
É incrível como o rock mantém a atividade febril.
Poderíamos ser menos estrelas egoístas, o caralho a quatro, menos convencidos, menos mercenários. Mas já tivemos nossa chance.

29 de agosto – Rock'n'Roll People – Magic Alex

John Mardas, grego e amigo de Brian Jones, ganhou de John Lennon o apelido de "Magic Alex". Lennon chegou a comparar a **Apple** a um **Carrefour** psicodélico, imagem perfeita para aquela mistura de negócios, experimentação, extravagância e confusão que cercava os Beatles.
Mardas, também conhecido como Alex Mardas, foi chamado de charlatão pelo **New York Times** e processou o jornal americano. Sua trajetória continua cercada de controvérsias, histórias extraordinárias e versões que parecem saídas de uma novela psicodélica.
Ao contrário de tantos conhecidos dos Beatles que fizeram da proximidade com a banda um negócio permanente, Mardas não saiu por aí revelando tudo o que sabia sobre os antigos companheiros. Há quem interprete esse silêncio como lealdade; há também quem enxergue nele uma escolha pessoal de preservar a própria história.
Sua coleção de guitarras, desenhos e documentos circula no universo da memorabilia pop, entre colecionadores poderosos e objetos que alcançam valores muito além de sua utilidade original.
No fim, a história dos Beatles também é feita dessas figuras laterais: personagens que atravessaram o centro da tempestade, participaram de seus delírios e acabaram convertidos em lendas, suspeitas e peças de coleção.

8 de setembro – Roqueiros da capital / Abundante baú

Os roqueiros da capital fizeram fila e foram ao prédio dele doar todas as relíquias que haviam herdado dos parentes. Achavam que seriam salvos e transformados em novos Renatos Russos.

Roqueiro da capital agora fazia música para agradá-lo.
Uma vez, dentro do Teatro Nacional, mandei a produção dele ir se foder:
— Aqui dentro eu mando. Sou GDF!
E dei uma carteirada. Era governo de Roriz, a quem respeito muito.
Depois ele foi embora, e eu pergunto: cadê as coisas que vocês deram a ele?
Até hoje tem nego com papo de fazer museu. Eu pergunto: cadê os gibis da 508?
Quando comecei no rock, em 1975, não tinha como não ser fã de **Big Boy** e Nelson Motta.
Mas eu curtia mesmo era o Zeca Jagger.
Em tributo a eles, uma das páginas mais raras do rock.

Era preocupante: o que eu iria fazer com aquela quantidade absurda de recortes de revistas e jornais? Os mais sensatos já não abriam uma revista perto de mim. Fui proibido de entrar na biblioteca por destruição de exemplares da Veja e outras publicações. Até das enciclopédias eu arrancava páginas sobre os Beatles!
Nem o poder da grana me vencia. Trocava páginas importadas com a galera de São Paulo e colecionava tudo. Era um verdadeiro mar de raridades.
E, quando o gato não cagava, mijava nas matérias guardadas em caixas de papelão empilhadas até o teto, na entrada do banheiro. A cada dia, a pilha aumentava. Ao lado, uma incrível montanha de exemplares de Balada do Louco, livro que hoje vale R$ 600 — e eu não tenho nenhum!
Foi então que comecei a colar os recortes em livros-caixa e organizar os cadernos de jornais nas estantes. Antes, eu simplesmente metia a tesoura em tudo.
Há quatro anos venho encadernando essa história. Acho que no ano que vem completo esse ciclo.
Dou risada quando ouço falar em apoio do Estado à cultura. A cultura não depende de ninguém! Nunca vi empresário do governo fazer fortuna como diretor de coisa alguma. No governo, o sujeito só ajuda os amigos, os correligionários e os chegados. Depois riem da sua cara e ainda chamam você de doido. (KKK)

11 de setembro — Eterna refazenda

Acho que nossa temporada se estendeu até virar uma eterna refazenda. Como disse a Julimar, aqui um dia de trabalho vale por um ano.
Montamos um painel que nunca será inaugurado, porque jamais conseguiremos concluir a obra inteira antes de uma inauguração. Quando terminarmos, tudo já estará desatualizado. Hoje inauguramos mais um pedaço e, em seguida, sonhamos com outros pedaços, pórticos e portais.
Fazia tempo que eu queria tirar o preto-velório da parede. Hoje, finalmente, substituímos aquela cor. Vamos nessa vibração verde, amarela e negra. Não é penitência: é uma parceria de vícios, resistente e talentosa, com Julimar na tinta e na determinação de mudar os ares.
É claro que voltaremos à ousadia psicodélica, com um mural interno azul que também se arrasta. Mesmo à distância e em isolamento, tiramos uma tarde para retratar o que fizemos.

30 de setembro — Um cigarro muito louco

Foi no ambulatório.
— Mário, tá se lembrando de mim?
O amigo estava completamente diferente daquele sujeito que, lá em 1978-79, o conhecíamos como Edmar.

Quarenta anos depois, a estranha frase ecoava:
— Se lembra de mim? Mas a mente dele se lembrava mais do que a nossa em profundidade dos acontecimentos.
Quem seria o algoz da minha adolescência?
Rapidamente, virei para o atendente:
— Qual é o nome dele?
— Edimar!
PQP! Edmar! Há quanto tempo! Quanto tempo a gente...
Ele riu:
Papo vem, papo vai, ele pegou uma grana emprestada no caixa e ainda tive que dar um baita desconto no livro que lhe vendi. Nem me lembro da dedicatória.
Edmar rejuvenescido: magro, de cabelos anelados, ainda me dava rasteiras.
Fiquei de cara.

5 de outubro — Perdi a linha

Outro dia, pensei em escrever sobre o telefone, mas acabei dormindo e perdi a linha. Acontece.
Quando o telefone chegou lá em casa, nos idos de 1978, eu costumava ficar ao lado do aparelho só para ouvi-lo chiar como uma cigarra eletrônica, à espera do milagre: trim, trim, trim! Naquela época, telefone era quase um membro da família, um bicho misterioso que ocupava espaço, consumia dinheiro e, de vez em quando, dava sinal de vida.
Na se(le)ção, a coisa era diferente. O pessoal não desligava o telefone da orelha. Falava, falava, falava, e, quando uma orelha esquentava, transferia o aparelho para a outra. Parecia uma sessão de revezamento auditivo. Eu ficava imaginando a conta que o coitado do governador Archinelo teria de pagar. Rezava todos os dias para que o telefone quebrasse, ficasse mudo ou fosse acometido por uma súbita crise de abstinência telefônica.
Até que mudou o governador e seu primeiro ato foi mandar cortar o telefone do GDF. Respirei aliviado! Finalmente, o silêncio. Uma bênção administrativa, um gesto de misericórdia com o erário e, sobretudo, com os meus ouvidos.
O problema é que eu atendia a uma centena de telefonemas do GDF todas as manhãs. Todo mundo queria fazer um tour pela cidade, como se eu fosse uma agência de turismo clandestina, um guia credenciado pela repartição ou o último sobrevivente de uma central de informações.
O telefone nunca mais foi religado. E, por causa daquele prolongado sinal de ocupado, ainda precisava responder aos insistentes usuários que estava considerando eliminar fisicamente quem continuasse tentando falar comigo. Evidentemente, era uma maneira pouco diplomática de administrar a demanda, mas havia dias em que a diplomacia já tinha pedido aposentadoria.
Aí, o povo da se(le)ção caía na gargalhada, como se aquilo tudo fosse a coisa mais engraçada do mundo.
— Alô, transporte!
E assim, entre telefones mudos, orelhas fervendo, contas misteriosas e ameaças de extermínio meramente retóricas, fui descobrindo que, no serviço público, perder a linha não é necessariamente um defeito. Às vezes, é uma questão de sobrevivência.
Trim, trim... Alô? Não, obrigado. Já perdi a linha faz tempo.

12 de outubro — Vamos ao Rock! / Fanthology

O termo Fanthology poderia ser considerado requentado, mas eu o emprego no sentido de reaproveitamento. Fanthology seria a ação de digitalizar a matéria-prima preservada

em outros formatos magnéticos, recuperar registros que poderiam permanecer esquecidos e dar a eles uma nova existência. Não se trata apenas de guardar o passado, mas de trazê-lo de volta à circulação.
O fanzine surgiu também com aquela chatice das listas de Os melhores, Os melhores do ano e outras classificações que pretendiam colocar ordem no caos das preferências musicais. Com o tempo, porém, o zine, para não perder seu significado, ampliou seu território e incorporou o conceito social do ativismo. Hoje, o fanzine pode ser entendido como uma ação grupal que busca melhorar o ambiente social por meio da produção da própria literatura, da circulação independente de ideias e da construção de vozes que não dependam da autorização de ninguém.
A partir dessa perspectiva, acredito que meu texto não naufraga: ele captura a urgência. Registra aquilo que precisa ser visto, ouvido e preservado antes que desapareça no esquecimento. Há uma necessidade metafísica nesse gesto, algo que ultrapassa o simples registro documental.
Aliás, quando escrevia para o Jornal do Guará, eu queria que minha coluna viesse grafada como Do Próprio Bol$o e que o dístico, aquele cabeçalho que acompanhava o texto, trouxesse meu endereço de e-mail. Queria receber respostas, estabelecer algum tipo de interlocução com quem lesse o que eu escrevia. Havia ali um desejo de comunicação, mas também uma espécie de espírito metafísico: lançar palavras ao mundo e aguardar que elas encontrassem alguém do outro lado.
No Jornal do Guará, eu queria exercer meu livre-arbítrio, experimentar novos olhares, abrir janelas para assuntos que nem sempre encontravam espaço nas publicações convencionais. Isso não significa que eu quisesse dialogar com a incompreensão, tampouco que pretendesse destoar da linha editorial. Reconheço o mérito de um jornal que conseguiu se manter por mais de três décadas. Sua permanência é uma conquista que merece respeito.
Nas duas ocasiões em que estive por lá, fui feliz. E tentaria uma terceira, uma quarta vez, quantas fossem possíveis, porque aprendi que não devemos fechar portas. A vida já se encarrega de fechar algumas por nós; não precisamos colaborar com ela.
Sou convencido? Sou, sim! Conheço minhas limitações, mas também sei o quanto me empenhava para produzir cada texto. Fritava o cérebro, remexia ideias, procurava palavras, insistia até que alguma coisa nova brotasse. Não escrevia para cumprir tabela, nem para entregar mais um texto ao calendário. Escrevia porque precisava encontrar alguma coisa que me satisfizesse, que fizesse sentido para mim antes de chegar aos outros.
E, quando finalmente conseguia, já tinha valido a pena.
Afinal, produzir a própria literatura também é isso: exercer o livre-arbítrio, reconhecer as próprias limitações e continuar escrevendo, mesmo quando o mundo não oferece garantias de compreensão. Do Próprio Bol$o, no rock, no fanzine e na vida: a independência começa quando assumimos a autoria daquilo que somos.

23 de outubro — Cultura pop, memória e abstinência de som

Cultura pop. Falta-me tempo e leitura para fortalecer uma base segura antes de escrever. E me nego a pesquisar — basta! — quando o que me resta é dar um salto na memória. A gente acumula visões, impressões, imagens, e, na hora de escrever, acaba recorrendo à opinião dos mestres e ao seu linguajar patético — opa, quero dizer, poético.
Meus textos estão quase piores do que ruins: são fragmentos de lascas de LSD. Ainda assim, o textinho tem uma observação pertinente, verdadeira. Reli um texto meu de

outubro de 1995 e fiquei aliviado. Era, digamos, sincero em suas distorções. Envelheceu, mas não caducou.
Tinha vontade de escrever análises rápidas como o comandante Júnior, mas tenho o saco de ser repetitivo e o medo de acabar esganado. Quase dois anos depois, o povo corre atrás, está mais esperto: "É assim mesmo que se vive". Gostaria de repetir essas frases com algum nexo, em vez de me refugiar na zombaria. É incrível o mau gosto do humor de certas postagens. Muita baboseira, como essa.
Hoje fiquei de cara. Jamais quis que os meninos seguissem minhas pegadas. Às vezes faço umas confissões de maluco, mas sempre escondo meus planos, minhas visões e até quanto gasto com gibis.
Quando criança, Virgílio via os Beatles na televisão e dizia: "Os Beatles!". Nunca, na casa da minha mãe, doutrinamos ninguém. Hoje acho que eram as camisetas que vestíamos. Minha filha também me surpreendeu. Conversávamos sobre o primeiro concerto a que fui e ela perguntou:
— Não foi aqui no Marista, com o Som Nosso e o Terço?
Pirei! Não, não foi. Eu tinha onze anos. Mas pirei com o conhecimento dela sobre esse assunto. De onde veio aquela lembrança? Como ela guardou essa informação? Enfim, minha mãe me ligou. Conversamos ao telefone duas vezes, e isso me fez surtar numa onda de felicidade.
Jamais ligo a guitarra para deslizar os dedos pelas cordas. Chamei Virgílio e pedi que tocasse. (Odeio instrumento desafinado.) Então, coloquei um cabo na outra entrada e liguei o Crate. O amplificador pifou o som, mas a luzinha continuou acesa. Portanto, Durangos da América, preciso de um reparo nesse precioso ampli que mantenho funcionando há 25 anos ou mais. Odeio amplificadores surdos! O som continuou saindo por uma caixa que Betto Tutu nos deu.
Aliás, tenho sonhado com Cécé, com Jiham, com Sueli. Os sonhos são engraçados. Repetem-se: estou sempre dizendo a Cécé para participar do disco dos caras e ensinar a música. Era esse tipo de coisa que ele fazia. Ninguém conseguia fazer o que ele fazia — ele mesmo me disse.
Estava numa abstinência absurda de som. Fui montar o equipamento, ligar aquele monte de fios, só para ouvir um CD. Faz falta a rapaziada. Faz falta o som ao vivo, colorido, aquela experiência que não cabe numa gravação.
Ainda não arrumei um esquema seguro e, neste momento, precisamos de total observação sobre nós mesmos. O isolamento é necessário. Alguns próximos sabem os motivos.
Peço vigor. Peço mais telefonemas da minha mãe. Peço mais sonhos com Cécé.
E amo os amigos que não deixei escapar, inclusive você, Léo Saraiva.

25 de outubro — Quero ser caipira

Quero ser caipira, usar chapéu de palha, picar fumo, tocar viola de cocho e ouvir aqueles LPs de Elomar que ainda conservo.
Tenho visto coisas que me incomodam. Gente que derruba árvores todos os dias para alimentar o fogão a lenha. Gente que tira os pássaros do céu para fazer farinhada. Tenho dó das araras, das galinhas-d'água, dos cágados e das tartarugas. Gente que cria bode e deixa o estrume dos porcos e a urina dos cavalos contaminarem os mananciais. Gente que aterra nascentes, constrói em cima delas e depois vem falar em coleta seletiva de lixo. Caseiro que passa a enxada em tudo o que brota. Gente que envenena a nuvem de pombos e os deixa morrer no sótão do vizinho. Gente que quer derrubar o eucalipto para vender a madeira à padaria. Grileiro que pretende aterrar o brejo para fazer loteamento e, quando perde na Justiça,

ainda quer transformar a área num campo de futebol.
Há 38 anos fico de olho na matinha espremida junto à divisa, sem cerca, no terreno do vizinho.
Irineu, o eletricista que fez uma ligação elétrica para nós, pediu autorização para caçar capivaras. Veio numa noite de sexta-feira, naqueles tempos mais úmidos e frios. Pegou a espingarda e ficou de plantão no brejo, de botas. Apaguei todas as luzes e fui para a cama assistir a um videocassete. Pouco tempo depois, ele foi embora de carro. Na semana seguinte, comentou que a gente dormia cedo e nem deixava uma luz acesa...
No bar, lá na QE 40, sempre perguntam pelas capivaras. Respondo que mataram todas. Para matar uma capivara, você precisa estar em cima de uma árvore, para que ela não sinta o seu suor assassino. Ou usar redes — aí já seria muito Tarzan. Outra possibilidade seria cavar um buracão. A sorte das capivaras é que esse povo é covarde e preguiçoso.
Só existe uma coisa de que não gosto nas capivaras: a cada seis meses tenho de vacinar cães e gatos para prevenir a febre maculosa, por causa dos carrapatos que elas vão deixando pelas margens do brejo.

26 de outubro — Foi-se Foice: Brasília (S)em Censura

Uma crônica política de linguagem ácida sobre Brasília, o Conic e o esvaziamento da vida cultural da capital.
O texto percorre a decadência dos espaços de convivência, a situação do Teatro Nacional, o desaparecimento de referências como o Cine Ritz e a Boate Dragão e a perda de vitalidade do centro da cidade.
É importante preservar o fragmento como registro da visão crítica sobre o ambiente político e cultural de Brasília em 2020.

---

2. O centro do capítulo — Rosângela, Presente!

8 de novembro — ROSÂNGELA, PRESENTE! (1959–2020)

Documento fundamental. Este é o registro mais importante de 2020. A morte de Rosângela Meneses, companheira de Mário, professora de artes, produtora cultural e militante, encerra uma etapa de quase 25 anos de convivência.

A página reúne a nota de falecimento do Sinpro-DF, a homenagem do Conselho Regional de Cultura do Guará, fotografias, manifestações de amigos e familiares e uma crônica pessoal de Mário, reproduzida por José Gurgel.

O texto de Mário é particularmente importante. Ele fala da coleção de discos, gibis, livros e colagens, dos shows, das discussões, da casa construída a dois, do ateliê, do jardim, dos animais e dos projetos interrompidos. Há uma passagem especialmente dolorosa sobre a transferência do ateliê de Rosângela para a churrasqueira, onde os dois haviam vivido um ano feliz.

A frase final sintetiza a dimensão dessa perda: a grande estrela da casa era Rosângela.

Recomendação editorial: preservar integralmente, incluindo a crônica, as fotografias e os depoimentos. Não transformar o registro numa simples nota biográfica.

A memória da casa — depoimentos

Além da homenagem principal, a página ROSÂNGELA, PRESENTE! contém um conjunto de depoimentos que merece ser tratado como documento independente dentro do memorial.

Amigos, artistas, familiares e pessoas ligadas à educação recordam sua generosidade, sua atuação como professora de artes, seu envolvimento com o Coletivo Mulherau, sua dedicação aos alunos de Altas Habilidades e sua participação na produção de eventos de rock no Guará.

O texto de Sarah Meneses é especialmente significativo: descreve a casa colorida, os quadros, livros, discos, plantas, animais, o jardim e a personalidade revolucionária de Rosângela.

Esse conjunto permite reconstruir a dimensão pública e privada de uma mulher que participou ativamente da história cultural da cidade.

8 de novembro — Café canalha

Vamos lá, que agora todas as suas perguntas só têm significado para mim.
Faz dias que eu ia comprar pão e, bem antes da **CNN**, as notícias eram dormidas e Carlão esperava a banca abrir.
Lá na praça da 32, lá antes de te conhecer, mas eu já conhecia a tua prima.
Pula 25 anos pra frente. Hoje, domingo: Delaware elegeu a primeira pessoa transgênero para o Senado.
Num estranho domingo, a vida é o goleiro. A bola sorrateira, anunciada e cruel.
Na manhã sinistra, a primeira coisa que faço é abrir as janelas. De lá vejo a cara da morte de um gambazinho.
Recolher o lixo e fazer um café mais amargo dos poucos que fiz nos últimos 25 anos.
Lavar os copos, o piso.
Ginsberg! Que hora maldita para se lembrar de Ézio, de Pezão, de Zédson.
Hora de levantar o café para Mário e Rosângela, para John e Yoko e também para Arnaldo e Lúcia.
Em último lugar, pensar em nada.
Vinte e cinco anos ao seu lado, no seu melhor momento: a sua luta pelo social, pela educação e pelo bem-estar dos animais.
E depois disso, a primeira tarefa é criar nossos filhos. E, se estivermos felizes, você vai pintar e eu vou tocar um disco dos Beatles.
Não fique preocupada, que eu sei me safar.
Hora de tocar o blues do adeus, hora de se lembrar dos tantos amigos. Podemos nos lembrar de Celsim, de Zéantônio, de Klebinho, de Titi, de Blavis, de Dudu, de Gicello, de Julimar, que conhecem os nossos momentos mais humanos.

10 de novembro

Hoje tem TACESA no Mário Pazcheco!

11 de novembro

Nesta quarta-feira, faz frio em Brasília. São 5h55.
Azenha via você no canto dos passarinhos.
Zezinho vai orar todos os dias para que Deus console meu coração. Joelma nos amava de uma maneira muito próxima.
Su resistiu!
O poema lido por Tiago nos libertou, e Dona Ireny nos disse:
— Você está muito feliz.
O show foi transmitido para Goiânia e para a Alemanha.
Eles tocaram até os dedos criarem bolhas, e as guitarras choraram.
No filme de fotos projetado no retroprojetor, as imagens revelaram cenas suas em atos de protesto. Gostei da sua foto na lousa da sala de aula em Havana.

Em algumas fotos, apareço sempre com as duas mãos apoiadas nos seus ombros, como se você fosse uma bola.
Eles não encontraram aquela foto em que trocamos uma bicota terna.
Sempre foi difícil esconder as coisas de você. Agora, então...
Mas sei que você quer que eu cuide do nosso bem mais precioso.
Veio um mar de gente doce num mundo salgado, gritando:
— Rosângela, presente!
E batendo palmas ou ecoando:
— Rô, Rô, Rô!

22 de novembro — Cultura, briga e casa

Com cultura, você não pode ser espartano. Cultura não é disciplina militar.
Dias de Rock e de pau no cu.
Rael, o vizinho, tinha fama de pular nas canelas dos adversários enquanto espancava os oponentes. Debaixo de uma árvore, a gangue dele fumava ganja. Eu passava e provocava:
— Estão querendo falar com você lá na 32 por aquele fumo palha que você distribuiu. (Kkk.)
Hoje, Rael está foragido, acusado de matar a mulher, o amante e o filho. De vez em quando, para assustar o caseiro, digo que Rael vem me visitar.
Nunca! Nunca tinha ido à chácara deles.
Atravessei o arame farpado e me postei diante do motorista do trator. Abaixe as calças, balancei o saco e disse:
— Da última vez, vocês me pegaram com as calças no joelho. Hoje, elas estão aqui em cima.
Rael e João Pedreiro riam de boca fechada. Estava claro que a briga era entre mim e o trator. Rapidinho, o sujeito ao volante sacou o celular e avisou ao grileiro que não iria passar lá em casa.
Levei todos os grileiros do Guará à Justiça. Dessas brigas, fiz mais de mil. Minha fama de louco correu trecho. Fiz até procissão, tipo Glauber, dentro da chácara, com PM e tudo, e levantei barricada de pneus.
Foi assim que conheci João Pedreiro. Ficamos juntos por dez anos, construindo a nossa casa. E outros quinze de imaginação.
Sábado passado, concluímos a última parte que havíamos sonhado, minha esposa e eu. De agora em diante, assumo a direção da Casa das Artes. Quanto à estrutura da casa, sou eu quem decidirá os caminhos e as funções.
Obrigado a Rael, a João, aos cachorros e aos caseiros que me ensinaram a agir.

30 de novembro — Little Wing / O ateliê Rosângela, Presente

Ah, dois pontos: é difícil explicar a alguém a minha predileção e o meu conceito de rede social, uma vez que preferi o relacionamento virtual.
Hoje, assustei minha mãe:
— Estou pensando em voltar a morar em casa.
Que delícia de guerra também é o nome versionado de um filme de John Lennon que nunca mais vi. Estou no voo intrínseco do artista, perdido no emaranhado de sentimentos e atividades. Feliz porque conheço alguns dos motivos e das artimanhas de Rosângela. Sei de onde ela recolhia a matéria-prima para seus sonhos de arte, para sua vontade de embelezar o mundo.
Rosângela Meneses é Little Wing hoje: alta, plana, distante até para os olhos. É poema póstumo de Hendrix, tal qual Angel:
And I said, "Fly on, my sweet angel

Fly on through the sky
Fly on, my sweet angel
Tomorrow I'm going to be by your side".
Sem pesar o pesar, sem arrependimentos. Ela deixou indicações concretas das etapas carinhosas, feitas de etapas e camadas. Doces traços na cabeça de vários móveis.
Eu comentava:
— Muito bonito, inebriante.
Ao que ela respondia:
— Você não merece!
Ela se referia àquela vastidão de coisinhas soltas sobre superfícies ou penduradas em galhos. Diante daquilo, eu dizia:
— Não mereço!
Ela fechava a cara e se distanciava. Depois, baixava a guarda, e eu repetia:
— Não mereço mesmo!
Ela ria.
Rosângela sempre me atacava primeiro, e eu emburrava, esperando que ela tomasse a iniciativa de apaziguar. "As brigas deles só duravam um dia." Essa lembrança me deixa tranquilo.
O ateliê de Rosângela existe por si só. Tem mais vidros do que uma vidraçaria, pedacinhos de madeira e colchas de retalhinhos para bonecas. Vou dar um pau nas telas dela, fazer colagens nas que ainda estão em branco. Vou mudar a cara da casa. Rosângela sempre será a cor vermelha.
Não luto, nem fico de luto: fico distante, foragido. Nessa decoração, faço de mim mesmo um sonho de artista, um sonho político, um jorro de cores, de formas, de estudos. Quero dar vida às peças de gesso. Guardo tudinho dela.
Estou para concluir, em uma semana, uma retrospectiva de Rosângela. Isso não me comove, não me excita. Tenho chorado como um carneiro; as pessoas me olham e comentam que estou abatido. Isso é normal.
Encontrei um caderno de desenhos dela, com anotações sobre perspectiva. Encontrei outros cadernos cujo conteúdo ainda não examinei. Como são raros, vou guardá-los por enquanto. Fiz uma seleção de recados que permite enxergar como ela vivia.
Para mim, o ateliê tem um significado enorme, com seus temas, pedras, miçangas, vidrarias, latas, pincéis, tubos... Rosângela me enganou a vida toda! Acusava-me de ser um acumulador, mas que contradição! A Rosângela é que era uma acumuladora diversificada. Não há gaveta que eu abra sem que saltem tubos e vidros de tinta.
Estou transando com um interior concebido a partir do inigualável bom gosto dela e, lógico, do meu olhar esfuziante e livre. Não sei se ela vai gostar.
Depois disso, é viver. Um dia, abrirei o ateliê e faremos um curso rápido. Podemos usar o material que está lá dentro, aprender a usar o forno, mexer com barro, costurar. Minha mãe vai pintar uma tela grande, ainda em branco, que Rosângela deixou. A outra, redonda, vou pedir ao Julimar para pintar. Quer dizer, a história vai seguir.
Pode rolar um filme, um curta sobre o ateliê, com depoimentos. Só que eu não vou aparecer nem falar. Quero ver a minha montagem.
Pisando lá dentro e ouvindo Transa, o disco de **Caetano Veloso**, sinto toda a fragilidade da saudade, como o vapor de uma cachoeira. Era esse Brasil e eram esses artistas que Rosângela trouxe para dentro do meu coração.
O ateliê, que se chama "Rosângela, Presente", também tenta denunciar o feminicídio. Rosângela só vai olhar o ateliê quando eu terminar.
Vou entregar os remédios dela ao Lar dos Velhinhos e, depois, Luíza dará suas roupas

e seus sapatos. Depois desse processo de autodestruição do ateliê – que transformarei numa selva junkie, psicodélica –, jogarei as cinzas e as chaves no mar.
Naquele ateliê, despeço-me da alma de Rosângela ouvindo Transa, de Caetano Veloso.
Curiosamente, só existe uma foto minha com ela, num prospecto mórbido.
Depois de pendurar nas paredes brancas todas as homenagens, terei de arrumar um lugar para transferir, da minha biblioteca, o acervo de livros de arte e mostrar como e por que as pessoas escolhem essa academia.
Os universos artísticos de Rosângela Meneses se parecem muito com os de Fayga Ostrower: modernista, tropicalista e feminista.
Rosângela, dançou!
Postumamente, transformei-a numa artista da pop art – coisa que ela própria não reconhecia. Há um agudo medo e uma nobreza em cada linha do rosto daquela mulher que me escolheu quando eu andava capenga pelo mundo com meu filho.
– Ele fala da boca pra fora.
Eu a amei e fui capaz de saltar fora por causa do meu ciúme.
– Não nos separaríamos. Você me mataria!
Se sou só ciúme, como é que eu toparia uma ligação de variantes de triângulos de caleidoscópios?
Este sou eu tentando sobreviver mais um dia.
Ao pisar ali, lembro como foi difícil construir a fundação do ateliê. Era época de chuvas, e eu não conseguia um caminhão para aterrar o terreno. Depois disso, a coisa subiu magistralmente, sempre pela colher e pelas mãos de João.

4 de dezembro – Mariana Camelo

Oi, Mariana Camelo! Desde aquela terça-feira, tenho colhido os ecos da sua apresentação de "Não Identificado". As pessoas mais simples, como os pioneiros da chácara, entenderam muito bem a canção. Minha cunhada adorou. Também houve as considerações dos músicos. E hoje o Souves me disse que chorou por trás dos óculos escuros: "A Rosângela sempre foi legal comigo".
Sua interpretação foi uma das mais dignas. Obrigado!

5 de dezembro – Estar vivo é um hit

Feroz.
Vamos soltar os dedos na guitarra e no corpo. Ela faz a gente se sentir como se estivesse voltando do reino dos mortos.
Ela pede para que eu pare de falar nelas. Seus cabelos pretos longe de casa.
Ela tirou quatro cartas e me pediu para dar um tempo de seis meses (use camisinha e máscara).
Ela disse: sem comparações.
Estou subindo como rojão.
Ela disse que há uma pessoa me stalkeando.
Queria transferir meus sentimentos como se fosse uma transação bancária.
Um homem velho incapaz de aprender um truque novo.
Ela foi viajar e me disse: "Cuide-se".
Será que as cartas falam por nós?
A cartomante não me conhece. Disse-me que tinha ciúmes do parceiro dela comigo, e não é a primeira nem a última.
Algumas garotas legais estão preocupadas comigo e me dão toques. Eu não sabia que era tão querido.
Estar vivo é um hit.

Se amarrar a você como cordão de sapato.
Manter a irracionalidade, a rebeldia, a paixão, ter coragem é muito bom. Porém, evitar confrontos, desgastes, disse-me-disse.
Será que as cartas estão nos dizendo que estaremos no Alto, viajando no Santo Daime ou na neblina do verso do blues?
Tomaremos cerveja juntos até as luzinhas da cidade se apagarem para o sol nascer?
Será que me livrarei de todos os relacionamentos e esperanças?
Um homem ainda não cansado, que toca canções antigas que rugem prazer, calor e o toque na superfície eriçada da guitarra.

Sexo, rock, drogas e orgia. Será que não é assim que termina no fim de ânus? As drogas são poderosas, o rock anda em lombo de jegue e o sex appeal está em baixa.
Jesus nos dê paciência com as mulheres como nós temos com o PC.
Queria me fazer de chofer, de vela, de lamparina. Moça, sinto muito, tenho uma banda de rock que me toma todo o tempo.
Já me perguntaram se tenho banda, se organizo festas. Enfim, é essa a imagem que o perfil transmite. Nunca tive banda, faço apenas umas pontas em fotografias. Ninguém jamais me viu sequer segurar um instrumento de corda. Quanto às festas, me cansei, maluco. Fiz festas para corrigir uma imperfeição dos anos 80. Durante muito tempo, fiz festas praticamente todos os dias do ano. Dizem que a casa é a própria balada.
Gosto ou descarto as pessoas. Elas falam o que querem. Não siga pela cabeça delas: o buraco é mais embaixo. E o nível também.
Acho que janeiro será de intensa manifestação cultural, como nos tempos em que Cécé estava vivo, Rosângela também, e juntávamos as crianças para ouvir o ALÉM, um duo que se entregava a longas suítes psicodélicas instrumentais.
A vizinha tinha uma bunda marota em forma de coração e me recebia de robe branco. O cabelo curto era cor de cenoura. A química acelerava. Éramos diferentes em tudo, mas nos respeitávamos. Comportamentalmente, ela era tão desequilibrada quanto eu. Talvez isso explicasse nossa aproximação, quase sempre feita somente com os olhos. Vivíamos na tensão 110/220.
Uma garota deslumbrante veio nos visitar. Fiquei empolgado, empolgadíssimo. Éramos conhecidos de tempos patriarcais. Minha mulher comentou:
— É, eu sei do tipo de mulher de que você gosta.
Ri sem jeito, tentando mostrar os dentes.
Ficamos amigos. Nunca conversamos inbox. Íamos às festas dela na Asa Norte. Ela tem um bom gosto ímpar. Na única vez em que nos aproximamos fisicamente, deu-me um beliscão no mamilo. Dói até hoje.
Você já foi beliscado no mamilo?
Parece que teremos trinta dias de rock sem sair de cima e sem tirar de dentro.
Você tem a ideia? Traga-a agora. Não pense que vou fazer exposição, show ou qualquer coisa do gênero. Nada disso. Apenas rabiscar.

10 de dezembro — Love Is Like a Dog from Hell

Sem, sem inspiração, o poema nem poderá ser pesado em gramas ou medido em polegadas.
E todos aqueles poetas com a chama no olho do cu, brilhando e autoafirmando-se.
Em Maiakovski e Nijinsky.
Falta Yevtushenko.
Giro local em barbearias com logotipos de uísque. Barbeiros másculos, de bigode e cavanhaque, me depenam como uma galinha.
Procuro uma garrafa barata de vinho branco.

A lábia petrificada, mas você sabe onde escondeu a chave da caixa de Pandora.
Ah, as coisas agora não parecem ter sentido algum.
O nome da garota é Linda, e a cidade toda está com inveja.
A cidade toda a persegue. Sua melhor amiga me dedurou. Que delícia de deleção, de felação.
Lembro-me do vestido preto e do cabelo encaracolado, de uma guitarra que eu não dedilhava.
Falta uma linha para o poema acabar.
Na beirada do palco, o poeta está a gritar:
– Garota, não podemos ficar mais altos!
Poema vazio, que porra!
Sou um homem civilizado. Cuide-se.

21 de dezembro – Notícias de um pobre suicida

- A menina do Sul, do sorriso, não me manda mensagem. Deve saber o que faz, o que sente e o que a reprime.

- Movimento Floriano/PI: libertem Rita, porque os panos de prato estão amarelos de tanto Kíboa.

- A casa é meu patrimônio – não tão valioso quanto os filhos. Vou dando um trato nela dentro da minha perspectiva suportavelmente limpa: piso, pia, lavabos, calçadas.
Amanhã será dia dos banheiros. Tem sido um parto requentar a comida. Please, estou passando fome! Não aguento mais a quentinha do chinês "sem coração" nos dias de semana.

- Estratégias: coloquei foto no perfil porque não quero passar o fim de ano sozinho. Até penso em fazer um peixe...

- Odeio qualquer atentado à vida. Podem me crucificar – e eles o farão, jogarão terra na minha cara. Carrego pecados milenares no lombo.

- O pobre amigo faz o tipo que acorda e vai ao mercado comprar uma garrafa de vinho. Caminhar para quê? Regime? PQP! Academia? Malhar, suar?
Mas começar o dia dando uma beiçada num drink, no café da manhã, é o desjejum dele.
Não o mandei à merda. Apenas falei: não me atormenta, FDP!
Mandou uma carreira desses emotions amarelos.
Antes de bloquear meu número fixo, ela perguntou como eu estava.
Não tive coragem de responder que estava saudável como um leão.

- Ainda sou escravo do rock'n'roll. A música me deixa excitado. Agora ouço pela manhã e na volta para casa. Quando tenho um tempo livre, detono um Bluetooth.
Ozzy está me deixando surdo!

- Rock é coisa de macho, de adolescente e porrada. Tome porrada! Não gosto de música no fone de ouvido. Rock é uma emanação da tempestade do que se vive.

- Não estou cumprindo nenhum contrato, nem vou tirar abono, pois já faz tempo que o GDF quer reposição.

- Estarei por aí, procurando um gibi ou CD, lá pelas Asas Norte da Capital Federal, debaixo de chuva, na semana do Natal.

26 de dezembro – Os Insetos

Nosso grupo no zap se chama Os Insetos. Na foto, Fred não aparece; éramos seis. Eles, os Insetos, muito jovens, inteligentes e surpreendentes. Eu, a loucura contagiosa como a Covid.
Rotinas: roupa no varal desde ontem, e a chuva não dá trégua. Banheiros, banheiros! Ainda tenho de limpá-los. Não aguento mais consertar caixas de som e comprar cordas. Acho que vou entrar de férias.
In box, com as amigas, surgem planos esfuziantes. Acho que elas gostam desse meu lado de produzir a ação musical. Do lado delas, acolhedoras, seus maridos, amantes e namorados estão muito bem na fita. Com outras mulheres, é só deboche e troca de ideias. Não pense que minhas ideias são aceitas. Sou rebelde, confuso, bipolar, franco e besta. Convencido, decidido, um tipo de remédio que você precisa tomar.
Viva um grande amor, vá sem medo. É bom. Agora, ficar idealizando, esperando encontrar o tal príncipe, só FHC — isso me parece ilusório.
Tenho outras coisas para fazer. Não quero ser um doméstico nem um escravo sexual. Também não quero ser esse cara debochado. Eu luto pelo que sinto.
Fofoquinhas, dúvidas, impedimentos? Somos bilhões.

---

3. Registros de resistência cultural e política

Casa da Cultura do Guará resiste ao desmonte

Documento de mobilização política em defesa da Casa da Cultura do Guará. A página reproduz uma reclamação encaminhada à Ouvidoria da Câmara Legislativa, contestando mudanças na destinação dos equipamentos culturais e denunciando a falta de diálogo com o Conselho Regional de Cultura.
O texto invoca o artigo 250 da Lei Orgânica do Distrito Federal e a Lei Orgânica da Cultura, LC 934/2017.
É um documento importante da história das disputas pela preservação dos espaços culturais do Guará. Deve entrar numa seção de memória da política cultural, sem ser atribuído automaticamente à autoria de Mário.

A Linguagem Zen dos Fanzines

Entrevista com Fabio da Silva Barbosa, editor do Reboco Caído. Duas perguntas abordam a diferença entre fanzine e jornalismo e a função dos zines na sociedade.
A resposta mais expressiva define o fanzine como uma luta contra o comodismo, o silêncio e a apatia. É uma boa peça para documentar a permanência do pensamento faça você mesmo, especialmente num período em que a circulação cultural estava comprometida pela pandemia.

A Lei Aldir Blanc: atenção, ajuda emergencial

Material de serviço e informação sobre o auxílio emergencial destinado aos trabalhadores da cultura durante a pandemia.
É um registro importante da crise econômica enfrentada pelo setor cultural e das medidas de apoio aos artistas e produtores independentes. Deve ser preservado na seção documental, e não misturado às crônicas pessoais.

O 'Rock Dá Saudade' com Leandro Pessoa

Registro de uma conversa musical com Leandro Pessoa, compositor, guitarrista e cantor de Salvador, em torno da música Rock Dá Saudade.
O texto reflete sobre a pandemia, o confinamento, a impossibilidade de realizar shows e a necessidade de reencontrar a música nos discos. É um documento da relação entre o

rock e a sobrevivência emocional durante o isolamento. A observação sobre as festas clandestinas, realizadas sem máscaras, também revela a postura crítica diante do comportamento social naquele momento.

Terno Elétrico luta para sair da lavanderia

Registro da trajetória da banda brasiliense Terno Elétrico, com material audiovisual e divulgação de sua participação no programa Distrito Cultural. É uma peça representativa da movimentação musical local durante o período de restrições sanitárias.

Haynna e os Verdes: lançamento do clipe No Canto

Notícia sobre o lançamento do videoclipe de No Canto, em novembro de 2020, celebrando dois anos do álbum da banda. É um registro da continuidade da produção audiovisual e musical brasiliense durante a pandemia.

---

4. Seleção de música, contracultura, literatura e artes

Estes materiais pertencem à curadoria editorial do DPP e devem ficar numa seção própria, separados das crônicas autobiográficas.

- **Beatles: uma sessão espírita de 45 anos (1975–2020)** — Assinado por Mário LenMac. Um dos grandes documentos sobre sua formação como colecionador. Recupera 45 anos de relação com os Beatles, desde as primeiras experiências com discos até raridades internacionais, compactos, gravações alternativas, capas, selos e edições especiais. Passa por lojas do Conic, sebos, vendedores, compras frustradas, descobertas e negociações. Também recupera a história de uma fita rara dos Beatles e a experiência de colecionar discos como uma forma de investigação histórica. **Nota de arquivo:** aparece com data de criação em novembro de 2019, embora seu conteúdo faça a passagem comemorativa de 1975 a 2020. Preservar essa distinção.
- **O que realmente aconteceu com Jimi Hendrix** — investigação de Chris Adams sobre circunstâncias e versões relacionadas à morte do guitarrista.
- **Crosby, Stills, Nash & Young — Déjà Vu: 50 anos** — entrevista de Harvey Kubernik, publicada originalmente em agosto de 2020.
- **John Lennon: testemunha descreve a cena do assassinato** — matéria de William Helal Filho, recuperada do acervo de O Globo.
- **Jimi Hendrix — O Tríptico Final 1968/1970** — texto de Sérgio de Moraes sobre os três discos finais do guitarrista.
- **The Father (Meu Pai)** — comentário cinematográfico sobre o filme de Florian Zeller.
- **As ruínas da UnB** — podcast sobre a história esquecida das ruínas da **Universidade de Brasília.**
- **Pegar Água da Chuva — homenagem a Chadwick Boseman** — texto traduzido por Rei Lagarto.
- **Leandro Pessoa — EP Surreal** — resenha de um trabalho autoral que aborda o isolamento e a experiência humana.
- **Sombrio da Silva — álbum instrumental** — registro de experimentações musicais desenvolvidas entre 2007 e 2020.

- **10 poemas de Jim Morrison** — traduções de Rei Lagarto.
- **Musas do Rei Lagarto** — texto literário de caráter contracultural.
- **Charles Schulz, o pai de Snoopy** — matéria sobre o criador dos Peanuts.
- **Wes Wilson, criador dos cartazes psicodélicos, morre aos 82 anos** — memória de um dos artistas fundamentais da estética visual dos anos 1960.
- **Por dentro do arquivo do pesquisador que ajudou a CIA a testar o LSD para controle mental** — matéria de Tom O'Neill e Dan Piepenbring.

---

5. O que priorizar no memorial de 2020

1. **Rosângela, Presente!** — a perda da companheira, a história compartilhada e a memória de uma mulher que também produziu cultura.
2. **Janelas & Jornadas do Jornalismo** — a crônica cotidiana, a casa, os imprevistos e a escrita de entrequadras.
3. **Filosofia Felina** — os fragmentos de março, o isolamento, as observações sobre a vida e a condição de escritor.
4. **Beatles: uma sessão espírita de 45 anos** — a história do colecionismo iniciada em 1975.
5. **O Rock Dá Saudade** — a música e a sobrevivência cultural durante a pandemia.
6. **Foi-se Foice: Brasília (S)em Censura** — a crítica ao esvaziamento cultural e político da capital.
7. **Olho por Olho** — a reflexão sobre generosidade e compartilhamento.
8. **A Linguagem Zen dos Fanzines** — a permanência do pensamento independente.
9. **Casa da Cultura do Guará resiste ao desmonte** — a luta pela preservação dos equipamentos culturais.
10. **A produção musical durante a pandemia** — Terno Elétrico, Haynna e Os Verdes e os demais artistas que continuaram produzindo.

Observação final: não transformar 2020 num capítulo convencional de retrospectiva musical. Ele precisa ter outra respiração. O texto ROSÂNGELA, PRESENTE! deve ocupar o centro do capítulo. Os demais fragmentos ajudam a reconstruir o mundo que existia ao redor dela.

2021 – QUARENTA ANOS DE ROCK, UMA VIDA DE INSUBMISSÃO

1. A vida em retrospectiva e o peso das perdas

1º de janeiro – O sistema aproveita da sua dor para comer o seu cu

Cospem sem dó e sem piedade na sua cara. Escancaram a sua ferida e a situação de penúria. Em outras, fecham a cara.

Dão palpites e prognósticos: você se fudeu, se tornou um volante de loteria. Eu respeito, não bato mais boca. É melhor sumir e deixar tudo aí. Ser livre é hipotético.
Dizem que é uma fase.
E eu preocupado com a hipoteca do lote, preocupado com aumento de carga horária. Senhor, me dê 40 horas para eu tirar o pé da merda. Faço qualquer coisa, até chupo as suas bolas.

Agora vou reformar a casa para ela ficar em pé.
Mandei cortar a grama e a questão é: gasto mais com gasolina e aditivo do que com a máquina ligada na energia?
Tenho tênis, roupas novas e nenhum caminho.
Dividi um baseado e faz dois dias que estou de quarentena.

São vários os caminhos e me parece que todo mundo está indo para Olhos d'Água. Ela está lá e eu não quero encontrá-la. E, na maior das inocências, as pessoas me levariam à casa dela.
Todos nós estamos ocupados com uma paixão inexistente.
A pergunta que mais respondo é:
– Você é casado?
– Não dá para começar com uma pergunta mais fácil?
[Fim de relacionamento.]

Preciso estar perto da minha alma, que longe do coração estou a milhas.
Preciso de arte, de instalação, de respirar e descarregar.
Menos compartilhar baseados. Cedi à tentação doce do pecado da cor dos seus cabelos, e ela me disse que não estava interessada no tipo de homem que eu sou.
Ela é jovem. E quem não é jovem?

Fiz merda, mas muita merda mesmo. Nem sei como estou **vivo**. É de família.
Em 1992/93, fui morar sozinho. A casa era impecavelmente limpa, com o chão vermelho. Passar pano debaixo da chuva – e outros absurdos, porque naqueles idos chovia mais – fazia parte da rotina. Convidava pessoas para cozinhar e, depois, acabei me virando com os enlatados carrefoursenses.

Naquele tempo, usava o expediente de não passar roupa e tinha um esquema de variação para meias, sapatos e roupas, coisa que repito agora. Havia piso frio, carpetes verde-claros, um bar fincado na parede da sala, com uma garrafa de conhaque dentro, e o telefone.

Rosângela conta a história de outra maneira: diz que era uma bagunça, que chegou e jogou fora os tapetes e tirou da parede o nicho. Porra, ela chegou para arrebentar! Na sala, eu tinha um palquinho de madeira, que durou mais um ano. Ela trouxe um guarda-roupas muito antigo, de madeira, e sua cama de casal de solteira. A gente curtia o berço de madeira.

O marceneiro estava enrolando a professora, e ela queria que eu não me metesse. Mas, conhecendo a mim mesmo, fui lá falar com o sujeito:

“Pare de enrolar a professora. Somos recém-casados ou passo-lhe o facão no pescoço!” Eu era e ainda sou valente [menos].

Dessas, fiz e faço mais de mil vezes. Em Taguatinga, certa semana, um sujeito parou a moto perto do palco, com o motor ligado. Dei trinta segundos e avisei: “Desligue!” O cara ficou me olhando. Eu estava com um copo e uma longneck na mão. Depois, saiu empurrando a moto.

Voltando ao texto: em 25 anos, nos dias de semana, depois das 18 horas, não recebo ninguém. O telefone fixo, no máximo, toca até as 21 horas. Qualquer coisa, sempre repito: aparece lá no sábado. Aos domingos, nunca bebo nem faço nada. Preparo-me para a segunda-feira.

Foram valores que trouxe da casa da minha mãe, além de outras regras. Por isso, nós nos demos bem. Meu filho do meio foi criado pelos meus pais, e fica fácil entender-nos.

Um amigo dos velhos tempos me encontrou e falou: “Vou ligar no Moraes e descer à noite na sua casa.”
“Vai não. Não abrirei a porta.”
O bom é que agora a gente pode atender a essas videochamadas e aparecer tocando punheta.

No mato

Ela corria para almoçar e voltar a trabalhar. Nunca chegou atrasada.
Eu, meio expediente a vida toda.
Por acaso, falou que estava tendo problemas com um aluno rebelde.
Eu apanhei muito de filho de delegado naquele pedaço quando tinha 14 anos e, lá pelos 18, apontei um 38 para o filho do delegado.
Esses carinhas da PF, advogados, todos recém-concursados — que jogavam bola na quadra da escola — foram para cima do meu pai, dizendo que iam registrar queixa etc.
Sei que o filho da puta, filho do delegado, nunca mais mexeu comigo.
Saí cedo do trabalho e fui à praça. Falei com os caras:
— Deem um conselho ao aluno tal! Taqui uma grana pra cerveja e pode haver mais.
Ele foi ao colégio, na hora do intervalo.
Sei que ela jamais teve problemas de novo.

Caixa/box nº 1 — Como se fosse possível, o fim da loucura

Eu pratico a história social, sem mentores nem teses. Se encherem o saco, digo que o início das conversas e da fotografia está na caverna, nos pergaminhos do Mar Morto e nas lendas.
Quando o cara está louco, veste o short ao contrário. Só ao meio-dia me dei conta de que andava pelo mundo às avessas.
Bleyvs veio me visitar. Pensei: vou vestir uma camisa xadrez de flanela, para ele não sacar que estou doido.
O som que ouço é esse: Ave de Veludo — “Seus Sonhos, Meus Pesadelos”.

5 de janeiro — Um pedaço velho de panetone

De vez em quando, escrevemos uma bobagem por aqui, e ela soa alegre e incoerente: “Nem milícia, nem Feliciano”.
Os sábios têm razão. Os vídeos carregam imagens. Já não conseguimos enterrar nossos mortos. Nos hospitais, é um festival de gente no chão, em macas, em pé.
Governadores e presidentes de times de futebol tiraram férias para se vacinar no exterior. E o que sobrou para você? Se for um bom menino, um pedaço velho de panetone.

Então, o Zé do Povo aponta a câmera do celular e solta tudo na rede. Fez revolução, fez história e pagou a Vivo. Só não tratou dos dentes nem da educação dos filhos.
Por aqui, empresários amarelos de tanto vício em não arrumar ocupação vendem panfletos de uma nova era de Aquário, contaminada por aquilo que somos.
O que mais gosto é que a Terra também explode gente de mau caráter.
Nem vou me estender: estamos protegidos pelo teletrabalho, não usamos ônibus nem metrô.
Festa de fim de ano? É velório antecipado.
Quero minha grana. Está tudo triste. Eu deveria acender o botão do relacionamento virtual seguro.
Desejo sobriedade, afastamento e mais **Netflix** na sua vida. Pode funcionar melhor do que o desejo pela vacina, pela vida e por ser feliz.
Aliás, quem não quer ser feliz 24 horas por dia, desfrutando dos prazeres máximos de cortar as unhas do pé ou trocar o lençol da cama?
Sinto muita falta da rotina com minha companheira.

14 de janeiro – Diva da Loucura

Foram dez anos de loucura, a década mais louca das nossas vidas: 1995–2005. Um dia, chutamos o balde e eu reconheci: – Basta! Era uma loucura impregnada de muito trabalho. – Vamos viver! Foi uma virada. E muitas outras viradas para cima ainda viriam.
Ela era decidida e dura na queda. Minha sogra me ajudou muito durante o nosso casamento.
– Quando você casou, sabia que ele era assim!
Sou uma rua pavimentada de paralelepípedos. Liberdade para tudo. Foram altos e baixos.
O que digo é que um casamento não acaba assim.
Claro que estou bem, só que são dias estranhos. Às vezes, acho que ainda moro com a minha mãe; em outras, sinto que estou no estágio com Geni Stefanin, renascendo.
Pô, renasci como fênix. E de novo. E de novo.
A administração da vida vai bem, com as canções grudadas no ouvido. Há dias em que me lembro de como ela era bela.
Rock'n'Roll & MPB. Tinta, papel e pincéis. Amor explosivo.
Em alguns momentos, cheguei a pensar que ela havia ficado comigo por causa da cama. Mas, até nos últimos dias, repetia: – Estou com você porque eu te amo!

Seu sorriso, cheio de dentes saudáveis, blasfemava contra a escuridão.
– Rock'n'Roll é bom demais!
Em um dia desta semana de Carnaval, completam-se 20 anos desde que Cécé partiu. Só sabemos o que ele passou, sobreviveu e sofreu novamente quando experimentamos situações semelhantes com nossos próprios olhos e vivemos tudo na própria pele.
A guitarra geme alto, sua sombra desliza pelo amplificador.
– Sola, Cécé, sola, Cécé! Que o mundo está contra nós.
Despojadamente, ele desconstrói o solo num som ridículo. Mas aquelas canções da Liberdade Condicional não eram ridículas? O rock pesado foi sepultado no Extremo. A última lágrima psicodélica será derramada no ALÉM, seu duo de guitarra e bateria com Ricardo Lima.
Cécé bebeu a água mineral do ministro do Tribunal Superior do Trabalho. No ônibus, cantava "Cenouras" sem parar, até ser proibido.
– O que a letra diz?
– Pô! O cara só tem estrume na cabeça! [hahaha]
Cécé deve estar agora semeando cenouras...
Seu conceito era dedo e corda. Escondia o uso dos pedais por trás de regulagens e afinações de guitarra que ele próprio inventava. A guitarra parecia tocar sozinha,

enquanto sua mão levava o copo à boca.
Pode parecer simples, mas seus arranques eram explosivos. Improvisava como Hendrix, pisando nos cabos e destruindo o que viesse pela frente. Um só acorde:
— Visionário!
— Vamos ligar a guitarra na mesa.
— A última guitarra que liguei queimou a mesa...
Estragamos todos os finais de semana da família dele.
Ainda hoje, nos pontos mais inusitados da cidade, ressurge a lenda do boêmio errante.

18 de janeiro

Meus comentários são cifrados. Minha vida, agora, é menos pública. Nada de fotos comprometedoras. A fama é uma vaidade. Quando ainda não a aceitava, costumava chamar os ilustres de "uns bostas". Sou arrogante, tenho meu círculo e isso me basta. Sou peão, operário do rock, topo qualquer parada. Mas o tempo da loucura passou. Estou ainda mais escroto e solitário. Continuo direto, franco, e até hoje estrago todos os primeiros encontros.
Fumo e bebo. Não sei em que ordem.
Santinho nenhum vai curar ninguém. Não há dominação, não há revolta. Ninguém consegue ser diferente. Das trocentas pessoas com quem converso on-line, a maioria quer amor! Pode se iludir: bens econômicos são vitais, assim como o contracheque, as necessidades e as vaidades. As pessoas se sentem vivas quando amam — não sei se são amadas.

Ela chegava com um vaso de barro e sempre trazia um presente para mim, uma máscara também de barro. Depois escolhíamos um lugar para colocá-lo, sempre junto às plantas. Comprávamos coisinhas para a casa. Gosto de copos, lembranças, objetos de pendurar nas paredes. Ih, agora também compro quadros!
A casa, decadente, desfalcada e confusa, começa a assumir um ar de boteco cultural. Estou, como sempre, cagando arte. Fico puto com esses artistas que não dão sequer um sopro numa vela. Vou montando as paredes, os conjugados e os conjuntos. Reforma concluída, tudo seguro. Agora quero preparar o salão de entrada da exposição: grafiato laranja e luzes púrpuras. Quero ser excêntrico. Quero ser Dalí.
Na minha casa não há sacanagem: há arte, há vida, há inocentes cujo sono protejo de facão. Nunca durmo. Minhas preocupações são outras.
Debaixo da Torre de TV, costumava andar com ela à procura de um caldo de cana e um pastel. Era o melhor dos passeios. Ontem estive lá e foi impossível não me lembrar daqueles momentos. Até comentei isso com Dri, que me disse que falar é bom para esvaziar o pote.
Não fico tentado, tampouco passo o tempo todo falando sobre ela. Não gosto de olhar fotografias. Tranquei tudo num quarto.
Ainda vivo com ela, ainda cozinho com ela, ainda acordo com ela. Ela continua sendo modelo para várias coisas que faço.
Não fique com dó. Não estou perdendo a cabeça. Neste momento, até dou um risinho. É impossível não pensar nela diante de todas essas reformas que, de jeito nenhum, ela permitiria.
O arranjo de flores da sala estava caidinho. Hoje, renasceu.
Ainda vivo sob a inspiração de Rosângela, mas jamais estive tão ligado, com tantas ideias acesas, vitais e clássicas.

19 de janeiro

Sexo, loucura e ronquerou. O céu de Brasília se despedaçava sobre minha cabeça. Termômetro digital: 1.000. Eletrochoques: 100. Férias sublimes. Legião Urbana, Há Tempos.
A vida diante da overdose de adrenalina, prazer e fúria. O rosto suado na via central do Guará II. Todos os dias, elas pedem a Romeu que namore com elas. Deve ser bom ser possuído.
A boca faminta aperta o mamilo por baixo da camiseta. Uma, duas vezes... Balé de línguas. A ponta da língua na porta. Odor intenso.
Motel Eu & Ela. Anos 70. Éramos virgens.
O safári. A Lua. A Tatuagem. Você e Eu.
The Dark Side of the Moon.

25 de janeiro – A garota de Crumb

A vida tem que seguir a canção. Ela tem que ser canção. Escolha a sua. Por onde passei, foi sexo, drogas e rock'n'roll.
A Garota de Crumb surgiu no portão com um baseado na boca. Com suas botas possantes, pisou-me e esmagou meu coração de boi pela boca.
Bela canção! Som de flautas no Mellotron, um pouco antes do solo. Eu me lembrava do solo de uma música do Mopho, aquele efeito grave que vai escalando até o cume. Com vigor, prazer, orgasmo musical. Caretice retrô.
Posso eu, agora, escolher uma opção tão perigosa, tão delicada? Não!
O barraco bagunçou. Eu tinha os olhos de Lucy e também os olhos vermelhos do diabo. O amor deixa as pessoas inseguras, horríveis, penitentes.
Tudo começou na última semana de 2020, em plena epidemia. Depois, ela pintou no portão e me levou para um rolê no seu carro branco. Desde o início, foi errante, sabotado por mim. Assustador. O amor é uma coisa dos diabos ou evapora em uma semana.
Beijei aquela garota no Roadstop. Fui para a cama com aquela das crônicas. Com a Garota de Crumb. Era desafiar tudo o que havia sido constituído, construído.
– Mário, você não está viajando?
– É, e ponha viagem nisso! Acho que o melhor vem quando acaba.
– Estou decidindo se namoro com você.
Minha pista não está pavimentada para esse trem chamado amor. Aos 56 anos, ainda não estou pronto para mergulhar nessa piscina de lava. E nem sei fazer macarrão.

26 de janeiro – Vivacidade – Jardim das delícias

O dia de hoje tem sido um duro dia de peão.
Minha trajetória está ligada à terra. Quem me conhece sabe.
Vão longe aqueles dias em que eu subia do Rio para as quadras, quando todos achavam aquilo longe das capitais.
Cavalariços, doidos naturebas e artificiais, comandantes, indígenas, caboclos, posseiros, caseiros, pedreiros... Aprendi tudo com essa comunidade.
Não sabia da vocação de oreia. Filho de coroné, patrãozinho...
Lutei pela terra, passei a líder ideólogo. Comecei abrindo fossas circulares. A planta da primeira casa foi desenhada por Geni Stefanin, mãe do Virgílio.
Tive que derrubar eucaliptos, mangueiras e montar um para-raios. Caixa-d'água, contrapiso, aterro, reformas e orçamentos. Gostava.
No primeiro telhado, machuquei o cóccix. Ih, escapei da morte n vezes!
Era bruto o gosto do novo.
O verde só pintou de novo quando Rosângela pintou. Aos sábados, comprávamos as mudinhas que ela distribuía ao redor dos pés de mangueira. Seus canteiros floridos tinham clara

influência de Roriz. Os amigos faziam piadas, que ficavam esmaecidas diante do brilho do jardim.
Existem filmagens desses belos dias, com crianças ainda de colo.
Faz algum tempo que quero abrir a janela e mergulhar a vista em algo novo. Decidi homenagear minha sogra, "DucaMaria", minha maior fã e grande incentivadora de todo esse verde que nos rodeia. Muitas das plantas vieram de sua casa.
Da lateral da janela, esta é a visão agora. À esquerda, há uma plantinha perene que sempre lembrará dona Maria do Carmo.

28 de janeiro

Na terça-feira da tempestade, limpei os quatro cantos externos da casa. Fizemos um pequeno jardim. Enquanto arrumava o palco, meio desiludido, pensava em Viva os Momentos: um rock sem pressão, cancelado, tudo pronto, grama aparada e nada de rock. Nunca foi assim.
De repente, as coisas acontecem. Numa conversa on-line, convidei Rabelo para trazer o ensaio da Black Rainbow. E foi o que rolou.
Ontem, quarta-feira, ao meio-dia, sentado no banco e fumando um cigarro careta, senti voltar com força total aquela tensão pré-rock. Já não aguentava mais dormir. A coisa tinha pegado. Pensei comigo: esfria a cabeça e não deixe ninguém perceber que você está em frangalhos.
Cinco e meia da tarde. Da van desceram três: Vitinho, Titi e Edu[ardo]. Rapidamente, descarregaram a maquinaria. Eu já havia avivado a fogueira. A fumaça subiu antes da chama. Instalamos um refletor acima de nossas cabeças para iluminar a cena.
Prefiro rock na rua, sem ter de me responsabilizar por tudo. O palco estava lindo, os refletores acesos, a fogueira estalando. Chegaram os amigos da ZoomMusic. Fazia tempo que não nos reuníamos. Depois chegou o restante da banda — brincadeira minha! Alexandre, Renato e um amigo apareceram. Mestre Solar mandou seu cantor. Macaé veio do Rio de Janeiro e fazia transmissões para lá. Fiz um belo retrato com a Linda Gira Sol. Conversamos sobre eventos e sobre o luto da **Made in Brazil**, que perdeu sua única irmã.
Laurinha se divertiu. Vitinho curtiu adoidado. Ele nos ajudou muito. Outro amigo apareceu rapidamente, mas o dono da festa era Salazar. Tudo em que Edson põe a mão acaba virando diversão. Entre amigos, você há de estar!
O cantor, empolgado, passava diante de nós com o microfone na mão, cantando. As luzes das janelas brilhavam. A lua estava alta. E nós tratávamos da alma, da cabeça aos pés, começando pelos ouvidos. Respirávamos a natureza, pintávamos os olhos de vermelho e sentíamos aquele gosto úmido, inconfundível, de cerveja na boca.
Foi uma festa digna da presença da Black Rainbow. Uma banda que precisa estar una, coesa, para liberar todo o potencial daquelas músicas, velhas amigas nossas dos LPs.
Agora vou ali ao mercado comprar sal e um quilo de farofa. Rosângela faz falta até nessas coisas básicas que ela deixava faltar. Mas ontem ela estava refletida na cara da lua.
Sim, viver os momentos! Porque o rock une aqueles que são melhores: os amigos.

29 de janeiro

Não fiz bootlegs. Quem fez foram Camufloyd e Ricardo Lima. Gravar era muito doido. Fui ao estúdio caseiro deles e encontrei o gravador pendurado no teto. Também gravavam em banheiro. Era comum as fitas "desaparecerem", e muitas vezes os próprios envolvidos apagavam as gravações porque não tinham gostado do próprio desempenho. Técnico de som não gostava de gravar em fita cassete, mas abria exceções para eles.

Às vezes, eu chegava com uma fita DAT e o sujeito queria que eu trouxesse um gravador digital.
Não salvei o rock. Salvei alguma coisa.
Hoje, passei parte desse material para Lelo Nirvana, para que ele possa levar adiante. Tenho fitas que sei que não valem muito pela qualidade, geralmente tremida e irregular. Mas acho que nelas se salvam pedaços de gente que ainda respirava.
No Libertário, vou liberar algumas imagens de Cécé tocando. Aguardem!

30 de janeiro — Do disco de sábado

"Baby, com certeza você está sendo conveniente para mim."
Um LP másculo que eu não hesitaria em convidar o Rei Lagarto para ouvir no meu aposento, no hi-fi com comunicação Bluetooth. Seriam servidos skank, azeitona e vinho branco.
Descolei o disco um ano depois de seu lançamento. O título me intrigava: Antes que Tudo se Foda.
Houve um ano em que bebi e chegava com o sol. Houve também um ano em que não saí de casa. Meus pais estavam preocupados. Eu só via televisão, e os filmes eram bons.
Em certos sábados, antes do almoço, começava a ouvir esse LP. Doce mamãe sabia o que iria rolar.
Não tinha feira. Roupa emprestada, nem pensar.
Jaqueta de roqueiro batida demais, calça apertada, sapato de verniz fora de moda, visual de jogador de sinuca que vira a noite adentro.
Ah, o cabelo salva, e o pau ajuda.
Ia solto para a noite, atrás de garotas fatais de uma única noite, estudantes como eu, de olhos verdes e de família.
Em alguns sábados, macaqueava bêbado, andando sobre as folhas de zinco do teto da garagem para pegar o bamba antes que o roubassem. Os bolos de furos rolavam, e eu ia jogar sinuca com os Magrelos, na Quinze.
Esse disco passava a impressão de que eu era o único a ouvi-lo com a atenção merecida. Até agora acho aquelas frases-chave. Eu nem desconfiava que cocaína e gim eram o motor do blues.
O disco tinha um acorde apocalíptico. O significado das letras se estendia às outras faixas: Crying Like a Fire in the Sun.
Na minha cabeça, a voz de Eric Burdon brotava da laringe como uma cascata ao inverso, com os peixes subindo.
Tinha uma faixa, Você é a Chama do Fogão, um rock simplesmente rasgado e suingado, aspirado: "Sempre me atiro em cima de você".
No blues, em Enquanto o Corvo Voa, Hilton Valentine toca a guitarra de forma econômica. Ela, a guitarra, não aparece, não explode: faz eco em uníssono com o teclado. Valentine escolhe os timbres certos para os blues certos.
"Toque mais uma vez."
Esse branco que amava o blues partiu nesta semana e foi reverenciado por outros adeptos. No disco ainda há amostras dos melhores rocks, com o princípio de tudo: o amor.

2. Rosângela, a casa e o ateliê

3 de fevereiro — Capturado pela arapuca social

Jamais tentado por Satanás, tentado a falar a verdade. E sabe o que eu levei? Tiros pelas costas. Não, não uso colete.
Uma encrenca não se resolve com outra vacina.
A vida tá entediante? De 30 em 30 dias, um rebu agressivo, de quebrar o meu celular e

a minha aparelhagem de som, de sonhos.
Se falar da minha vida, você ri ou vem aqui me dar um lenço.
As pessoas sabem que eu não posso recebê-las em casa. É notório: não me marque, não poste fotos. Isso não adianta nada. Não pense que eu provoco situações.
Também não fico prometendo nada.
Uma vida fodida. Coloquei minha grana em reformas na casa. Trabalhei todos os dias.
As coisas passaram do limite.
Se eu reagir, delegacia da mulher, flagrante, e quem perde sou eu.
Porra, não tenho coragem de falar: basta! Seu tempo aqui acabou.
Não quero essas repetições de coisas que acontecem o tempo todo.
Sabe o que é a arapuca? É falar sobre a sua vida, os seus medos e segredos.
Ser doidão vale a pena? Revidar, incentivar, se fazer de vítima?
Ela vai quebrar o meu PC, vai invadir minhas conversas? Vou viver com medo?
— Mário, cadê o seu celular?
— Vá se foder, chefe! Ele foi atirado no chão três vezes.
Minha bateria tá desmontada. Meu amplificador de 3.500 reais foi ao chão duas vezes e ainda funciona.
Ainda bem que me arrependo de ter arrastado todas essas pessoas para a minha tragédia familiar.
Temos medo de nunca dar certo. Foi a melhor coisa que fizemos.
Não pense que vou atrás de espólio. Nunca fui. Se posso, ajudo.
Minha vida está estreita. Caminho bem apertado.
Ainda fevereiro. Vivo do meu salário, vivo da minha criatividade.
Ainda estou ótimo para não revidar.
Litígio pior do que separação. Na separação, você briga com quem construiu uma vida.
Aqui eu sou refém.
Eu sou refém e tenho que estar com a cabeça fria.
Tomei duas bolas e cerveja em cima. Sinto que o olho está girando.
Amanhã volto ao serviço.
Não saio de casa porque não vou perder a casa. Não vou permitir.
É muita gente contra mim.
Não faço mais essa de puxar o pino da granada com os dentes.
Depois de tanta merda, a gente se sente livre. Tem vontade de falar as coisas que sabemos, mas prefiro ser o pássaro, vítima da arapuca.
Quer uma verdade?
Ninguém tem moral para questionar ninguém.

4 de fevereiro

Quando te conheci, eu já estava nessa há 14 anos. Então, não me peça para escolher entre você e rock'n'roll.
Foi a minha melhor frase — de sempre.
Tudo começa no rock e termina no roll.
Sim, Senhor, vendemos a alma por uma mixaria. Boogie, blues da bagatela, a noite toda.
Não fique com medo de me passar mensagens. Sou um homem mais livre do que mereço.
Cadáveres estão atrás das paredes. Todas as minhas mancadas estão expostas.
Ninguém nunca levou uma maldita vida assim.
Vou viver muito. Terei notícias de todos os vizinhos que morrerão antes da minha partida.
Fico triste com os casais que recentemente terminaram. É que o fim da linha chega.

Vamos pra luta. Foder é importante demais para ser remediado.
Uma coisa que você não sabe: minha mãe é quem sempre segurou a barra. É ela que sabe das coisas que ninguém jamais lhe contou.
Pode parecer ridículo, mas, apesar desse espelho gigante de abandono, há um monte de gente a fim de me apoiar moralmente.
Uma vida de luta e de trabalho não será manchada.
Vocês devem agradecer ao rock. Eu devo agradecer à minha mãe.

PQP! [Estratégia diversória]

Tenho lutado contra monstros desde o berço. E não será agora que vou retroceder. O diabo ri de mim. Devo estar pagando pelos meus pecados. Há um estádio inteiro torcendo contra mim. O diabo está de olho em você, no seu carro, na sua mulher, no seu emprego. Ele é forte, ele vence. Em quanto tempo você esmorecerá? Quando entregará os pontos? Os bens materiais serão importantes? Eles te salvarão?
Houve uma mulher que perdeu tudo — menos a fé, que também lhe foi arrancada. Um belo dia, pegou um rifle e abriu um rombo no peito do ex-marido. A única coisa que disse foi: "Bastou apenas uma bala para derrubar o grande bastardo."
O diabo está em você, nas suas contas. O diabo olha para você. Não foi uma vida inteira sem Deus?
É uma grande vingança que eu vivo.
Filhos são como Macunaíma: caem do ventre para te foder. São quinze anos de desrespeitos ilógicos, odiosos, mentirosos. Minha vida vai ser diferente, sem casca e sem miolo. Não vou mais viver com ninguém debaixo do mesmo teto, discutindo. Faz 25 anos que faço isso.
Eu mesmo arquitetei o meu inferno. Seria uma frase covarde, que nem vou escrever aqui: as coisas estariam ótimas se fosse eu quem tivesse morrido. Mas quem me diz que não estou morto?
A liberdade não é um perjúrio. Todo mundo tem direito ao sigilo. Não é resistência, trata-se de liberdade de opinião. Meus problemas familiares começavam de manhã. Às vezes, falava deles com vergonha para a galera com quem trabalho. Falava porque estou puto. Hoje é um daqueles dias em que minha narrativa os tiraria do sério.
Esses caras com quem trabalho não são o melhor exemplo do mundo, mas tenho a maior inveja deles, dos evangélicos e de todos aqueles que conseguiram edificar uma família, educar os filhos e conquistar o respeito dentro de casa.
Liberdade demais é um pau no cu!
Eu, como contraventor e rebelde, alimentei-me de desilusão. Disso eu sabia. Mas não pense que fracassei. Não pense que não sei o que me aguarda.
Rosângela não está mais aqui para conter ninguém.

Pragas do Egito

Ainda pela manhã, na sala, encontrei um escorpião-amarelo enorme, todo esmagado. Não sei se foi pisoteado ou se o gato deu cabo dele. Em 39 anos morando aqui, nunca tinha visto uma coisa dessas.
Serão as pragas do Egito? A água se transformando em sangue? A morte e outras epidemias?
A primeira pergunta da manhã foi minha:
— Está todo mundo vacinado?
A resposta, surpreendentemente, foi sim...
Depois veio a pergunta do chefe sobre as férias. Respondi:
— Foram uma merda, mas não vem ao caso.
Não vesti roupa chamativa. A ideia era passar a impressão de que tudo continuava de

pé, que a situação estava sob controle. Então Félix disparou, à queima-ropa, a infeliz pergunta:
— Cadê seu celular?
— Está desfigurado, igual à cara do Robocop. Foi ao chão três vezes, mas a luz continuou acesa.
Comentei com Paulo que, de trinta em trinta dias, levo uma pisa em casa. O negócio já beirou o ridículo.
— Quantos anos você tem?
— 56 anos!
— Já entra naquela lei de proteção ao idoso. Você precisa se alertar, senão vão te matar!
Minha vida deve estar sendo comentada até agora. O interessante é que as pessoas enxergam o óbvio, justamente aquilo que só eu me nego a ver.
Então fui atrás da lista da Secretaria de Vigilância à Saúde. Meu nome estava lá. Foi no Cruzeiro Velho que tomei a picada da **Oxford**. E, como para idoso todo castigo é pouco, ainda fui reconhecido.
Quando me dei conta, já estava alegrando o coreto: divertido, conversando com as pessoas, uma espécie de garoto-propaganda agradecido ao governo por mais uma vez me salvar a pele.
Na Vila Planalto, perguntei por um quarto. Os preços giravam entre 700 e 800 reais. Eu tinha R$ 3,50. Comprei três maçãs e fiquei devendo 33 centavos à mocinha do caixa.

5 de fevereiro — Agora que sujou mesmo

Oh, diabo, devolva-me meus cabelos pretos, a ereção e a paz.
Leve-me para bem longe do inferno e traga-me de volta nos braços uma boneca do Conic, bem sapeca.
Putas nunca perguntam se você é casado.
Sou casado com o Altíssimo. Altíssimo consumo de drogas variadas.
Viciado em bolas, em tretas, em automutilação não suicida e autoinflições primárias.
Sapeco uma punheta como quem lambe banana.
Gozo além do bem e do mal. Sou normal.
Bom de língua — você sabe. Lambo da sola do pé até debaixo do sovaco.
Preciso experimentar uma ereção de ferro de passar roupa quente, amaciando o seu couro como agulha, costurando sua orelha e seu lábio sem anestesia. Preciso mesmo é apagar o fogo.
Meto medo em mim mesmo e gozo como um animal, com um coração negro, sem moral.
Mandei dois tomarem no cu hoje. E, Jesus, eu nunca faço isso! Piedade!
Tá difícil gozar? Tá fácil surtar. É a vida.
Um homem sem moral muito bem pode descrever a liberdade.
Não vou me vender, não, vei.
Vou subir fedendo ou cheirando bem.
Não me esconda seus pecados atrás dos olhos. Os meus são lágrimas de araque.
Putz grilla, girl! Não sou do tipo fácil, nem pretendo ser presa fácil. Para gostar de mim, tem que gostar primeiro de você. Tem que ter gostado muito, vivido muito. Senão, a vida é um tédio. Vamos repetir o tédio durante quanto tempo?
Pra que você quer o meu WhatsApp? Estou proibido de mandar selfies, nudes do meu pau. Gosto de mandar foto do pau ensaboado — funciona, tente!

13 de fevereiro — N'O Purgatório

Enquanto as nuvens não vencem, a população peca. Numa folia clássica, interminável e asfixiante de fake news, sofre a população. Sofre de desespero, de pavor. De não poder ir ao rock, de achar que viver é mais importante.
Somos uma espécie de peões. Aliás, peões viram rainhas quando adiantados. Eles estão ali para brecar as invasões e tumultuar.
Tenho orgulho de ser amigo de Ricardo Retz desde menino, quando ele se anunciou como um marciano pelos conjuntos do Guará I.
Rock vive da devoção e da sofreguidão. E por que não da perseguição?
Estou velho e não gagá, nem mentalmente incapaz, nem quero ser caduco.
Sem ajustes de contas, sem pendura, sem ostentação, sem doação e sem merda no penico e no ventilador.
Sigo meu caminho, canto minha canção solitária, não de indignação, e sim hino de rebeldia.
Ricardo Retz, quero fazer o seu dia feliz. Tenho o melhor skank das prateleiras que anunciam os altos preços das mercadorias.
Beber em litígio com quem não pode beber. Fumar, mascar, trepar e ouvir rock como se estivéssemos na adolescência, protegidos por nossos pais.
Saindo por aí para um show de rock com Os Magrellos.
Nos tomaram até a identidade, e não foram os PMs.
Estamos gastos e mais sábios. Porrada faz crescer a inteligência, e o coração manda que revidar não é bom.
Deixe essa merda toda para eles, até a nossa.
Feliz aniversário, Ricardo, guerreiro do vinil, das festas e, por que não, das orgias canábicas do sol imperador das satélites ocupadas e apinhadas por servidores e labutadores do rock'n'roll?

16 de fevereiro – Abrace a irresponsabilidade

Abrace a irresponsabilidade! Estou de braços engessados e não posso abraçá-la. Penso que devo esquecer a realidade. Já andei manifestando rebeldias – devo trabalhar até o coração partir em dois.
Cobram de mim. Eu me cobro. Perco um tempo alucinado por aqui, e isso me faz bem. Não pense que eu não queria estar de avental diante da churrasqueira, assando um boi na brasa.
As coisas estão mudando. Vamos ter que viver como eles vivem: sem muitas trocas de ideias, esperando pelo pior, esperando perder o que temos. O que não falta é medo.
Disseram que não aceito perder. Foi como atiçar em mim o desejo pela paz, o desejo de levitar e de falar todas as baboseiras que quero falar.
Se me disserem que o carnaval demora muito, responderei:
– Vá para a Polônia! Lá não tem carnaval e tem trabalho escravo para caramba.
Seja oprimido em vez de opressor. Aí você entenderá a magnitude do carnaval.
Pensar é bom, porque você esquece tudo, até os sonhos. Sonhei que produzia uma banda de rock da Laura e que tínhamos altas discussões. Era muito doido estar de volta a uma banda de rock.
Que sonho maluco!
Este foi o último fragmento. Fiquei 30 dias sem ver o DFTV. Agora nem vou mais ler jornais. Vou esperar a realidade bater à porta.
Todas essas ideias que você acumulou são entulho?
Se ficar com sua casa, ainda poderá ver a paisagem da janela e os raios do sol entrando.

Quem sabe seja hora de começar a fazer o errado.
O preço de ser justo é altíssimo.

17 de fevereiro

Rosângela Meneses era um atrevimento só. Um dia, retirou da parede minha enorme tela concreta, em preto e branco. Quando percebi, uma multidão de cabeças acompanhava Julimar pintando Bowie, inspirado na capa de Pin Ups, aquele disco de covers. Foi rápido. Não satisfeita, Rosângela pegou o pincel e fez a arte final do retrato.
Das coisinhas dela, eu não podia me aproximar para não pegar. Das conversas, também não me aproximava. Nunca mexi em seu telefone. Evito rever mensagens e filmagens. O quadro de Bowie ficou exposto desde então na nossa sala de ensaio. Depois que ela morreu, levei a tela enorme para o ateliê dela.
Quando o assunto era arte, não tínhamos limites, nem mesmo no cheque especial.
— O Mário vai gostar!
Era o que ela pensava. E estava certa. Gostávamos de ver o circo pegar fogo.
Para mim, Julimar foi o grande parceiro das artes, junto com Rosângela. Os dois me salvavam das minhas grandes cagadas. Os debates eram estarrecedores. Ela vencia porque sabia, conhecia, dominava aquele mar de loucura e conseguia planar sobre ele.
Não me furto a dizer: se Rosângela produziu, pintou, esculpiu e queimou, foi também porque eu estava ali, incentivando, cobrando, provocando, obrigando, dando ideias.
Quem trabalhou conosco se divertia com as inúmeras situações que inventávamos.
Quanto a flores, plantas e animais, nunca dei pitaco. Esse território era dela.
Eu tinha um jeito especial de chamar sua atenção, vender uma ideia, conquistar uma participação. Produzimos mais de 400 shows juntos. Lembro-me dela pintando com lápis de cor os adesivos com a baratinha do Natinho. Sabia que, se eu não conseguisse fazer alguma coisa que queria muito, o "maluco" ficaria emburrado. Também sabia que, quando eu me metia em determinado projeto, alguma coisa iria acontecer.
Depois de 25 anos levantando sonhos, as pessoas parecem esquecer que ali só havia o solo. Não havia estrutura, fortuna ou garantias. Havia trabalho, teimosia, cumplicidade e vontade de fazer acontecer.
Quero que Rosângela descanse.
Quero viver o meu inferno.

22 de fevereiro de 2021

É muito legal, né? Fronhas babadas trocadas, cuecas gozadas limpas. Seguindo na vida segura do barco. Roupa de cama trocada, camisetas dobradas, casa limpinha, comidinha pronta.
Talvez seja fake o vazamento no banheiro. Eu tinha certeza de que o gás acabaria.
Foram 85 pilas mais os 10 da entrega.
O sol se põe. O pau duro debaixo do nylon. Ou: eu nunca pedi celular, zap, nem te chamei para sair, nem te conheço.
Aqui, li uns problemas absurdos de abandono que se replicaram nas timelines alheias.
Talvez seja melhor morrer precocemente.
— Aí vem você de novo com esse papo de morte.
É que não se projeta um final digno. Não é bravata. As pessoas têm certeza de que vão terminar seus dias sozinhas e fodidas.
Meu sapato furado, meu olho vermelho, meu rímel borrado, minha fantasia de carnaval rota. Rato pra todo destino. Luto até o talo, a mesma que viu a ministra.
Tem gente que conta a vida em cinco minutos. Gente como eu passa metade da vida no **Facebook** e agora na Netflix, onde achei esse filme que reflete sobre o porvir. Não vou

estragá-lo com spoilers.
Tenho vontade de beber sangue de galinha com xarope de morango.
Não foi George Harrison que queria soltar uma bomba atômica sobre as Filipinas? E os ingleses soltaram nas Malvinas.
Spoiler indiscreto do filme: "Um rei sempre acaba sendo morto por seus cortesãos".
Eu sou Mário Pazcheco, servidor há 31 anos, com três anos anteriores de carteira assinada. Não estou a fim de trabalhar muito pelo desmonte do Brasil. Tipo aquele funcionário à beira da terceira idade, jogando dominó. Esperando ficar mais tempo à toa, na companhia de gente que não tem o que saber.
Às vezes, faço uma página inspirada em www.... Você sabe o endereço.
Eu não conjugo nem assedio. Já chamo para uma trepada espetacular, com lado homoerótico.
Kisses from hell.

1º de março

As pessoas imputam bloqueios indevidos.
Pensei em parar de escrever sobre ela no Facebook e afins.
Vinte e seis anos atrás, eu estava quebrado de coração. Quer dizer: estava viúvo e quebrado. Para suprimir os sentimentos, peguei as economias e banquei a edição vagabunda do romance Aventura sem Dublê.
Vinte e seis anos depois, confesso que passei alguns dias sem pensar nela.
Isso me dava medo. Agora, eu me escondia da presença dela. Espero que ela não me veja nem desvende o que penso.
Até gostaria de ter um acerto final com ela. Mas, depois de uma conversa com a médica do trabalho, entendi o que ela passou. Não preciso lavar a roupa suja com ela mais uma vez.
É, conversar com as pessoas certas ajuda a psique e a alma.
Ainda ontem, ela estava presente.
Raramente víamos uma reprise de novela aos domingos. Ela me surpreendia com sua memória a respeito da trama e comentava, com respeito, nuances do desempenho dos atores.
Fiquei pensando em quais séries da Netflix ela acompanharia hoje.
— Por que você não assistiu à sua série à tarde?
— Porque eu estava dormindo.
Era a tensão divertida de ela me dar um esporro e eu sair pela tangente, com minha delicada situação de me ocupar dormindo.
É claro que, em meu próprio benefício, eu jamais a impediria de assistir a **Outlander**, de que ela gostava muito. E sei os motivos que a atraíam.
Ainda no domingo, tive um baque.
Ela escolhia o destino, o andar e pagava pelo turismo; depois, rachávamos. Os custos durante a estadia seriam meus. Ela se surpreendia com a maneira como eu conseguia dinheiro para tudo, sem estourar o cheque especial.
Ela diria agora:
— Não aprovo o que você faz. As escolhas são suas, mas eu vou te ajudar.
Apareci no Arco da Cultura, na Feira do Guará, e, de repente, a cara estrelada dela estava na parede.
— Ela era uma figura pública?
— Ela era da equipe das Altas Habilidades do Guará e militante ferrenha da Educação. Conjecturamos que o pessoal do Conselho de Cultura do Guará também merecia ser homenageado.
O passeio pela Feira do Guará não foi mais triste porque eu estava acompanhado.

A vendedora de perfumes nos abordou, e me lembrei daquelas manhãs de domingo. Sempre que podíamos, comprávamos peixe fresco; eu comprava DVDs piratas.
Ela ainda está aí, e tenho medo de descobrir outras coisas que ainda não experimentei.
É difícil explicar como as coisas são ou como foram. Vamos descobrindo novos significados para as lembranças.
Agradeço de coração a Julimar, que não deixa a estrela dela se apagar dentro de mim.

2 de março — Jornalismo link

Mande-me teu link que abrirei as comportas do dilúvio.
Os melhores estão encostados. O circo digital desativa justamente os melhores, agora que são mais experientes? Quem nasceu com o dom, quem desenvolveu uma habilidade e aprendeu a trabalhar com ela, deveria sobreviver por seu próprio talento. Mas talento não garante espaço. Às vezes, é preciso nascer com uma estrela da sorte na testa e encontrar a porta certa, a panelinha certa, o conluio social mais azeitado.
Sorte para os protegidos das igrejinhas de fim de semana e dos patrocinadores fortes dos churrascos.
Enquanto isso, os que poderiam apresentar novidades, escrever textos profundos, realizar boas entrevistas e produzir conteúdo relevante estão parados. A tradução é instantânea, mas ninguém traduz a própria ideia. Segue o link.
Fomos substituídos pelos links e por um jornalismo digital de péssima qualidade, cada vez mais dependente da circulação de endereços e cada vez menos comprometido com a construção do pensamento.
Você não imagina o alívio que é poder despejar imediatamente um texto no Facebook. A palavra sai, ocupa a tela e encontra seu público, sem precisar esperar pela boa vontade de um editor. Mas existe uma contradição nisso tudo: a mesma ferramenta que oferece liberdade também nos aprisiona numa circulação interminável de mensagens.
Hipertexto é o termo que designa um texto ao qual se agregam outros conjuntos de informação — blocos de texto, palavras, imagens ou sons — acessados por referências específicas, as hiperligações no meio digital. A definição é da **Wikipédia**.
Tudo muito bonito. Mas isso não é uma fórmula universal para escrever livros. É também uma maneira de organizar informações, conexões e organogramas. O problema começa quando o instrumento passa a ocupar o lugar da própria ideia.
O link anda, espalha-se, circula, atrofia e estaciona nas caixas de mensagens. E, no meio de tanta circulação, fica a pergunta: quem vai clicar?
Você se dá ao luxo de não ter acesso ao **Instagram**, ao Twitter, ao **Spotify**? Ainda existe a possibilidade de ficar de fora? Ou estamos condenados a participar dessa feira permanente de atualizações, na qual todo mundo publica alguma coisa e quase ninguém tem tempo de ler?
Tenho saudades de quando as pessoas jogavam cartas presencialmente. Havia conversa, blefe, silêncio, risada e a presença física de alguém do outro lado da mesa. Uma experiência que não precisava de notificação para existir.
O trabalho remoto é teletrabalho. E o jornalismo link? Será que também pode ser fake news? Ou pior: uma notícia que nunca chega a existir plenamente, porque se limita a apontar para outra coisa?
Mande-me teu link. Abrirei as comportas do dilúvio. Só não prometo que alguém vá atravessá-lo.

5 de março — Blues do Tic-Tac

Like a Lobisomen juvenil.
Nestes tempos, ouço **Robert Plant** e Ave de Veludo.

Meu discurso com meus pais: “Do pó viestes, ao pó voltarás”.
Então, Zoreia aumenta o volume.
Estou como veado fazendo tapetinho de banheiro.
Lovely é a rosa do rei usado.

Transa informal
A transa informal entre o site e o Facebook é sucesso na fita.

8 de março – A [E]terna mistura

A [E]terna mistura fervia no fogão. Vivendo sob a inspiração da mulher, entre uma tortura deliciosa e uma delicada mistura, nem à margem nem à sombra. Foram dias perfeitos de sombra e água fresca. Levei minha muda da exótica flor Double Fantasy para semear no canteiro dela.
Botas, óculos, creme vegetal, saquinhos de mudas japonesas. Eu era o adubo encardido e fedorento, mas útil à horta: um Mário-fedido. Ela agriculturava, eu agrimedia.
Com elas, não falhei na educação dos meus filhos: minha irmã, minha mãe e minha mulher.
Foram as companheiras que nos educaram para sermos bem-sucedidos.
O jato quente das cores vivas pintava nossos corpos.
Queria satisfazer os desejos e os impulsos, mergulhar no vinho. Estava seguro, guardado. Bastava despertar o zíper.
Eu, de exótica loucura, vinha das leituras sobre as vidas de John & Yoko. Penava para entender aquele volume, suas transações, terapias e divisões. Ainda estou muito interessado em viver o livro de John & Yoko, que continuo lendo e que me faz rir bastante, sobretudo quando lembro que, naquela época, não atinava patavinas.
Ainda é você quem escolhe as parceiras, e vice-versa, assim como a vida que será dividida. É o que fazemos no café da manhã, na cama redonda e concreta.
Não esquecer dos filhos, escrever sobre nós mesmos, glorificar as amizades. Aprender a flutuar antes de nadar.
Viver intensamente uma nova vida com uma nova companheira.
Começar de novo...

9 de março – Blues do Gato de Unha Cortada

Você tem que morrer uma centena de vezes antes que realmente possa viver.
Beiçar a taça, lançar a rolha ao alto, se molhar no esguicho.
Não aguento mais tocar discos. Não aguento mais voar sozinho. Não aguento mais dormir.
É muita economia forçada.
Os supermercados me levaram à falência. Os postos de gasolina são agiotas.
É assim que se vive.
Se você começar a dizer que ver televisão é perda de tempo, posso concordar. É que não tenho o que fazer.
A televisão é uma violência infernal, em todos os sentidos. Uma ferramenta de dominação imperialista.
O que mais tenho em casa são televisores: preto e branco, coloridos, de diversos tamanhos e marcas, com antenas digitais e parabólicas para assistir à missa das seis.
Para acompanhar o voto.
Vozes da televisão o tempo todo dentro de casa.
Se beber, não morra. Engula o gargalo, como numa cena de Garganta Profunda.

12 de março
Na base do sacrifício, Roriz ressuscitou!

16 de março

Fui trabalhar com uma camiseta de logomarca vermelha, que parecia propaganda de barril de cerveja. Chamou a atenção de quem presta atenção em mim: vigilantes evangélicos e amigos.

Respondi ao querido Zé: "Esta veste não serve para você, Zé, que é um homem sem vícios." A conexão se estabeleceu por causa da camiseta, feita para ser usada apenas por quem tem algum vício em algum prazer.

3. Amigos, bandas e o Rock de Peão

21 de março

Benditos sejam os anos finais da década de 1980, quando conheci Lord Dim Pub, Tupanzine e Ricardo Retz, que será para sempre aquele menino punk abusado, vascaíno da gema e sujeito de ideias perigosas.

Nosso papo girava em torno de bolachas — discos, claro! —, as bolachas dos eternos meninos dos **Beach Boys**, esses que nunca envelhecem dentro da gente.

Ricardo Retz não é avaro, muito menos interesseiro. Vive me presenteando com altas coisas. Nossas conversas telefônicas são de cair o queixo — e, se bobear, a mandíbula vai junto. Um informante indispensável à rede do Do Próprio Bol$o e um dos raríssimos que ainda me telefonam. A cara dele é a de quem acabou de aprontar a milésima produção e já está pensando na próxima.

Somos tão desvairados que eu, que jamais pertenci a qualquer banda de rock'n'roll, acabei montando Os $alvadores com essa figura. O nome, por si só, nos define: não viemos para salvar o rock, muito menos a humanidade. Viemos para aumentar a confusão. E, se alguém ainda pergunta quem somos, basta olhar o nome. Os $alvadores: a salvação nunca esteve tão comprometida.

22 de março — Sabe-se lá, rock!

Ricardo Retz mudou-se para um condomínio abaixo da QE 40. Seu lote fazia divisa com outro, pertencente ao condomínio vizinho. Não havia muro separando os terrenos, e passávamos as tardes vendo vacas pastarem. Não era ilusão, nem delírio psicodélico: eram vacas mesmo, ruminando enquanto nós ruminávamos nossas ideias.

Em 2013, passamos um bom tempo fazendo rock e grafite. Foi nessa época que, na maior doideira, montamos Os alvadores, na marra. Retz estabelecia uma ligação com o banqueiro Salvatore Cacciola. Eu, por minha vez, enxergava a banda como um projeto socialita destinado a salvar a humanidade, que se aproximava perigosamente de um vasto incêndio. Cada um com sua utopia; o mundo que se virasse.

Como acontece com os grandes grupos, Os $alvadores terminaram em meio a uma enorme briga. Retz tocava xilofone infantil, eu atacava as maracas e Julimar assumia o tambor. Nas cordas, Edson e Diego. Havia ainda um baterista e um vocalista que brincavam conosco, mas sempre com um pé atrás. Era uma formação de respeito, desde que ninguém perguntasse respeito a quê.

Certo dia, depois da chuva, fui ao lote do Retz. No quintal, ele levantou uma lona ainda molhada. Debaixo dela havia centenas de compactos vindos de todos os países, discos com furos convencionais e outros com aqueles furos largos, próprios de certas bolachas estrangeiras. Um tesouro fonográfico escondido sob a lona, como se aguardasse uma escavação arqueológica. Nunca soubemos que fim levou aquela coleção.

Quando surgiu a possibilidade de conversar pelo celular e fazer transmissões, Retz me ligava para compartilhar o som de sua vitrolinha tocando um daqueles compactos fantasmagóricos. A música atravessava a distância e chegava como uma mensagem de outro

tempo. Foram dias de bálsamo, descobertas e encrencas familiares cabeludas. Dias que não cabem numa discografia, até porque Os $alvadores mal conseguiram existir fora da nossa cabeça.
Mas nunca deixamos de amar Retz. Com todas as suas histórias, suas maluquices e suas contradições, ele sempre foi amado pelos amigos — especialmente por O Tubá, Júlio, Lord Dim e tantos outros que fizeram parte dessa constelação de figuras improváveis. No fim, talvez seja isso que reste: os discos cujo destino desconhecemos, as vacas pastando sem muro na divisa, as transmissões de uma vitrolinha e a memória de uma banda que pretendia salvar o mundo sem sequer conseguir salvar a própria formação. Sabe-se lá, rock. Sabe-se lá, Retz. Mas o afeto continua tocando.

Aos amigos, esforço-me para proporcionar prazer. Mas ninguém poderia prever os efeitos daquela conjunção astral, daquela noite em que os maiores e mais absolutos loucos do rock'n'roll do Guará se reuniram na distribuidora.
Um abonado Ricardo Retz patrocinou a cerveja. Estava quilado e absolutamente feliz. À nossa roda juntaram-se uns sete elementos que não eram vistos juntos desde a aurora dos anos 1990. Ao nosso circo também chegaram piratas com papagaios nos ombros. Muita cerveja, discursos malucos e um Mário Pazcheco emotivo, desses que perdem a medida quando o assunto são os amigos.
Lembro-me daquela noite com cheiro de levedo de cerveja, conhaque, suor e tinta de lata de spray.
Ricardo Retz, que bancava a farra, saiu para dar um rolê de carro. No hall de entrada da Casa de Shows da QE 40, avisei ao porteiro que um amigo estava chegando e que precisaria de atenção especial na rampa.
O carro parou, a porta se abriu e Ricardo Retz recebeu tratamento de príncipe do metal. Conheço os caras do Korzus desde quando meus cabelos ainda eram pretos. Da plateia, ouvi o vocalista Marcelo Pompeu gritar:
— Quero este cara no palco!
E lá foi a cadeira de rodas de Ricardo Retz, erguida acima daquele mar de cabeças. Ele chegou ao palco como o Retz de dez anos antes, aquele que dava mosh nos shows. Por alguns instantes, o tempo perdeu a autoridade.
Em nossas ligações afetivas, sempre procurei lembrá-lo de seu devido valor. Há amizades que precisam ser celebradas em voz alta, de preferência com guitarras distorcidas e cerveja gelada.
— Somos os autênticos reis do iê-iê-iê!

24 de março — Lesma dos $alvadores

"O país que precisa de um salvador não merece ser salvo."
Em sua carreira esporrenta, irregular e cafungada, Os $alvadores atraíram a ira de críticos e colegas. Não fizemos história, mas demos trabalho aos historiadores. Não conquistamos o mundo, mas incomodamos quem acreditava ter as chaves do reino.
Entre os nomes que assumimos — $alvadores, Paladinos, Profissionais —, havia sempre a suspeita de que, no fundo, éramos apenas um bando de onanistas culturais, tocando para nós mesmos e chamando isso de revolução.
Como bem observou Rodrigo Souves: "$alvadores, Paladinos, Profissionais... que no futuro não sejamos meros onanistas."

29 de março

Tem gente que se fode só em abrir a boca. [Kkk]

25 de março

Em São Paulo, num bairro operário, cercado de fábricas e montadoras, caí de cabeça no rock. Nas festas, o pessoal do Norte dançava canções em inglês compostas por autores brasileiros. O hit era “Forró do Brás”. Anos antes, nas minhas visitas a Nova Glória, em Goiás — que ainda não tinha subido a divisa para o Nordeste —, encontrava o mesmo clima brega e alegre. Muito Secos & Molhados.
O rock dos anos 1970 também foi influenciado pela Jovem Guarda, que ainda mantinha seus representantes nos cargos das gravadoras. Só que nós tínhamos vergonha de nossas origens, da música que tocava no programa do Roberto Carlos e na Jovem Guarda. Foram anos fundamentais para encontrar a própria língua dentro da boca, a primeira barreira de defesa, e montar um idioma próprio.
“Uma mistura guaraense de Pholhas, Palhas, Rutles e Spinal Tap, com influências do Quiosque do Sinval e da obscura arte de Dentinho.”
Essas palavras, tão bem colocadas, revelam nossas influências, vindas das famílias e dos cadernos escolares. O rock nacional virou culto lá fora. Aqui, é crachá, afirmação, diferencial, referência.
Quando cheguei ao Guará, a música que predominava era a de restaurante e dos programas nostálgicos. Brasília, em seu dial magnífico, mesclava bandas psicodélicas obscuras com forró, outro ritmo martirizado. Em 1973, ainda havia Jovem Guarda. Esse era o clima de cabaré mineiro nos conjuntos do Guará.
Curtíamos Casa das Máquinas, Mutantes, Terço, Rita Lee, **Guilherme Arantes** e Raul Seixas, além de Tim Maia. Já era resistência. Foi isso que sedimentou o rock de Brasília: a preferência por curtir os conjuntos caseiros. Não foi a MPB dos anos 1980, da Ariola.
E, nessa incrível nuvem, estavam os mais esforçados colecionadores de discos de Brasília...

4 de abril — Jeová, Joshua, Jah

De vez em quando, nos permitimos uma páscoa psicodélica. então, brilhou a luz em nossas almas.
Nosso velho julimar veio ressuscitar os $alvadores. rita preparou um prato especial, e os meninos apareceram sendo eles mesmos, acompanhados do cachorro ozzy. cada um trouxe sua presença, sua história e aquele tanto de loucura que faz a vida valer a pena.
Reaproveitamos algumas ideias de rosângela meneses pacheco para pintar suas corujas — eu nem sabia que ela tinha duas! vamos retomar essas ideias em outros territórios: arranjos, vasos, decoração e tudo aquilo que ainda pode nascer da imaginação. a arte não acaba; muda de suporte, ocupa outros espaços e encontra novas maneiras de respirar.

9 de abril — Testículos da Utopia Vindoura

Amanhã, sábado, 10 de abril, completo XXXIX anos da edição do zine Oldies but Goldies, naquele glorioso ano de 1982. Há décadas repito que não vou comemorar nada, muito menos ficar me lembrando da data. Apodrecendo talvez seja a palavra que melhor define essa podridão toda.
Ainda ajudo muita gente a ficar de pé, e nada de dízimos. Isso não significa que eu não viva meus próprios perrengues. Não precisa valorizar o meu trabalho: valorize o seu.
Não ataco ninguém, não entro nessa conversa de que não existe almoço grátis. Não reclamo, nem me comovo mais com o sofrimento ou com as cicatrizes que carrego. Compre um livro. Faça um clipe de um dia daquelas festas mágicas que jamais receberam a atenção merecida. Atenção, aliás, que só veio de O Libertário.

Pare de sugar. Pare de pensar somente em você. Pare de agir na vida real como aquele ator do filme Um Príncipe em Nova York.
Escrevo sério. Sou solidário. Estou a fim de uma ação genuína, alguma coisa que rompa a monotonia e nos tire desse eterno faz de conta.
Ah, fiz este texto em homenagem aos jornalistas, em especial a Roberto Gicello. Vamos nos divertindo enquanto houver tinta azul na caneta e papel no bloco de notas.

12 de abril – Rock de Peão

Ainda sobre o Rock de Peão, ele é altamente ideológico e fincado no do it yourself. Na faculdade, no trabalho, em casa sabiam do teor ideológico da minha fala. Até hoje no serviço público, tem essa de cumprimentar todo mundo com bom dia, mas eles tem a ficha de filiação que afasta e protege geralmente quem elegeu o governo. Quem trabalhou comigo em livros. Minha mulher que viveu as minhas produções sabem do duro que eu dava e empenhava o último recurso e partia para o desespero. Fazer rock comigo era coisa de doido, de mergulhar de cabeça. Os anos domam as pessoas. Em 2018, eu fiquei meio chocado, uma metade do rockeiros não conheciam o modus-operando Do Próprio Bol$o. Foi um choque genial e chocante saber que metade dos rockeiros que atuavam achavam que você poderia votar na direita. Uns não aceitaram a ideia de ceifar cabeças, outros perguntaram por que você não sai a candidato? Nada de fisiologismo, de bandeirismo. Coisa de peão, use o braço, a inteligência e o dom. Sem suor, sem orgasmo. A vida toda foi essa bandeira nas costas. Rock de Peão é uma diversidade de pessoas. É rock de boate, de versões, de lados B do sul, pode ser sofisticado progressivo argentino, pode ser cru, mas é rock nacional dos anos 70. Trabalha com essa linguagem e é fartamente psicodélico e sobrenatural tipo Black Rainbow! Foi essa postura que nos sempre defendeu de sermos engolidos pelo tubarões e pelo sistema. Rock de Peão é a filsofice rauseixista: Tem que ter o mesmo cheiro do cavalo pra não incomodar…

13 de abril

Estava mal, pensando mal, analisando mal. Achei que havia esvaziado a artilharia. Condenava-me. Coloquei-me à mercê dos julgamentos. Por um minuto, cheguei a pensar que tinha deixado de ser confuso. Imaginei que aquele mar verborrágico de escritos fosse fake news, que não tivesse origem em verdades vividas.
Ledo engano, meu amigo. Li aquelas frases do obituário e desabou sobre mim todo o peso de um oceano de lágrimas. Logo no meu par de olhos d'água. Eram palavras fabulosas, capazes de revelar a dimensão de uma busca impossível: encontrar palavras para descrever um sentimento de perda.
Ando confuso, nunca desligado. Penso nas mudanças que habitam nossas vidas. Meu primogênito mandou uma saraivada de áudios. Está com saúde perfeita, assim como sua mulher. O filho do meio começou a semana num novo teletrabalho, estafante. Minha menina me manda mensagens. Nunca o latido dos gatos.
Eu sigo em frente. Sigo com a música, sigo forte, marchando com os amigos. Walter esteve aqui e ficou maravilhosamente espantado com a organização e a limpeza do lugar que hoje habitamos em duas almas. Amanhã teremos Rita, a secretária, e Manoel, com seu polegar verde, fazendo crescer as plantas.
Meu pai precisa fazer exames. Minha mãe, cansada, voltou a desenhar. Vamos pintar a Imaculada Conceição. Julimar já pirou no desenho.
E também vamos caminhar de mãos dadas. Tomara que debaixo da lua.
Dizem que é preciso viver um dia de cada vez. Nós estamos fazendo mais: vivendo uma hora, 24 vezes.

18 de abril — Tubarões Tupiniquins

Acabou. Não existem mais Bibi and the Jacus, Submundo Stewart, Karniça, Say Land Dance, Tacesar, o Fella's Guru, Profissionais, Paladinos, Roriz, Banda Mais Lama, Os $alvadores, BITT e tantas outras encarnações dessa fauna sonora.
Fechamos a conta, enterramos os nomes e aposentamos as lendas. De agora em diante, seremos apenas e somente mais uma banda. Sem passado glorioso, sem futuro promissor e sem compromisso com a lógica.
A partir de hoje, atendemos por Tubarões Tupiniquins.
Muda o nome, muda a placa, mas o aquário continua o mesmo. E, pelo visto, ainda tem muito peixe fora d'água.

19 de abril

Ao longo das décadas, inventamos doze bandas. A primeira maluquice foi a Bibi and the Jacus, que existia on-line, nos Hangouts do Gmail. A plataforma acabou antes dessa banda virtual, viciada em calcinhas, que atraía a atenção de fãs indignados com suas ridículas participações em nossos microtextos.
Nesse intervalo, surgiu Submundo Stewart. O jovem psicodélico quase se tornou Karniça — nome punk inspirado num vilão do Homem-Aranha —, cujo baixista era a entidade Gorpo.
Tudo isso para chegar às origens de A Banda Mais Lama.
Say Land Dance e Roriz são bandas quase gêmeas, com Elias no contrabaixo. Ele sumiu para tocar órgão em alguma igreja do Nordeste.
Os Profissionais reúnem os baixistas Thomé e Célio, mais Bleyvs e Tiago. Tacesa — Taguatinga, Ceilândia e Samambaia — é uma banda-bonde com Wendel Rocha e Thomé.
O Fella's Guru reuniu Maurício Kosak, Hamilton Zen, Salazar e Wendel Rocha.
Os $alvadores eram formados por todos aqueles que não sabiam tocar e por aqueles que não aprenderam. Exceto Thalis, que cantou numa encarnação da banda, e outros nomes que ficariam ruborizados se eu os citasse aqui.
Os Paladinos eram uma espécie de força-tarefa que juntava todo mundo com duas guitarras. Um nominho moderno, inspirado no Moro. Na verdade, Os Paladinos e Os Profissionais são o mesmo grupo.
Para finalizar, BITT foi um supergrupo de muitas ideias, empolgação e ensaios complicadíssimos, como convém aos supergrupos. Durou duas apresentações e algumas fotos promocionais.
Neste momento pandêmico, que engoliu todas as bandas da Terra do Negacionismo, voltamos ao experimentalismo das jams: tocar com quem aparecer.
Bruno Z, Walter Muganga, Blavis e, agora, o retorno do ídolo glitter Iris Gris, junto com a triunfal revolta de A Banda Mais Lama, formam o nosso novo delírio. Estamos com o combo Tubarões Tupiniquins, resultado de um surto cultural, na base das guitarradas e das pinceladas de Julimar.
Tubarões Tupiniquins tem uma lista de mais de quarenta nomes de músicos que, em outras ocasiões, tiraram sons juntos. É uma agremiação de estrelas do rock nacional, como Rolando Castello Júnior e Eduardo Leal.
Das bandas oldies de Brasília, junta Serginho Pinheiro com Paulo Bicko. No blues, Bartô e Lu Blues. No raulseixismo, são muitos: Cleitinho e Michelândio.
Tiago Rabelo toca em todas essas formações.
A mulherada também chega junto: Brenda Kubota, Lya Lilith e Mariana Camelo. No samba-rock, Paulinho Guitarra. Nas vozes, Luckera; na poesia de olhos semicerrados, Magu Cartabranca.
Do punk, tivemos Fellipe CDC com Podrão, Bosco com Nader e Bil conosco. Gersón de

Veras participou de várias jams com seu triângulo. E ainda Dino Black Rio. Como descrever Tubarões Tupiniquins? É uma entidade musical forte.

22 de abril – As duas mortes de Ricardo Retz

Em Calvário do Rock, perdido em Brasília, ano 61, capital da luz, Ricardo Retz agonizava em seu leito, aspirado por tubos. Sua segunda e última morte foi a mais dolorida, por ser verdadeira. Partiu fulminante para cima, direto para a nuvem de Kurt Cobain.

Nossa conspiração era religiosa. Ele me dizia que eu era seu pai. Garoto travesso, sempre deixava marcas aqui em casa. Poderia estar tocando a banda X, mas eu pedia uma pequena interrupção:

– Anuncie que Ricardo Retz chegou!

Chegou à Nuvem 9, junto de outras lendas urbanas do Guará. Retz discotecava em alguma praça, com seus discos coloridos, e tocava **Xuxa**.

– Que porra é essa?

– Marion é para as criancinhas curtirem!

KKK! Esse era Ricardo Retz, com seu sorriso infantil e sua touca de lã verde. Um dia, na QE 40, perguntou por que eu não caminhava todos os dias. Foi o maior incentivo que recebi. Subi a quadra empurrando a cadeira de rodas.

Naquele tempo, Ricardo Retz era escudado pelo Nader. Só tenho boas lembranças de como a confusão era divertida. Todos esses amigos queridos se preocupavam em me agradar e proporcionar a melhor produção. Nunca tivemos rixas do tipo "este vai para você, este vai para mim". Dividíamos conforme o gosto musical. Sabíamos que tudo o que viesse depois seria lucro.

O rock de Brasília nasceu de uma tomada emprestada. E Retz seguia essa trama na maior cara de pau.

Nos últimos tempos, eu me dizia: tenho que ser mais Ricardo Retz.

Na foto, o filão de autógrafos pega mais um: um autógrafo de Edu K, do De Falla. Não esquente a cabeça. Neste exato momento, Ricardo Retz está puxando um som no fone de ouvido.

Vá, nosso irmão, guerrilheiro da cultura! Nós ficaremos por aqui, como as flores de Vandré, sempre sendo regadas e vermelhas.

Viva o Vasco! E, se a música te chamar, dance sobre as chamas.

Essa foi a vida de Ricardo Retz: tão louco quanto eu e você.

23 de abril – A fofoca mais brutal

Eu não sou o homem do tempo, mas prevejo que seu futuro será duvidoso. Sua língua é a razão de nada dar certo para você.

Não desejo nada de ruim a ninguém. Nunca desejarei outra coisa que não seja felicidade e paz.

Tome cuidado: o carro que você dirige, vendido pela metade do preço, ainda está em meu nome. Se eu fosse vingativo, poderia dificultar sua vida. É melhor começar a suar frio. Você já está pagando um preço alto pelas suas atitudes, pelas suas fofocas macabras.

Não permitirei sua presença em minha casa. Não lhe darei serviço. O carro, pelos valores que meus pais me deram, é seu.

Agora sei a história da fofoca, a mais brutal que alguém poderia ter inventado. Se fossem outras pessoas, poderiam processá-lo. Você pagaria umas cestas básicas. Nem acho que seja caso de Justiça. A Justiça é divina e imediata, e você já está

pagando.
O engraçado é que, quando seu mundo desabou, você veio pedir socorro aqui em casa. Eu não sabia de nada. Pensava que era uma mulher daqui do Facebook que espalhava histórias. Mas foi um marmanjo, um pai, quem inventou a pior história imaginável. Sem-vergonha? Doido? Coitadinho? Mau-caráter? Otário? Realmente, não sei descrever o que você é. Fofoqueiro é muito barato...

28 de abril

Mídia brasileira não dá glamour aos estupros de Samuel
As denúncias de crimes sexuais atribuídos a Samuel K. foram varridas dos olhos alheios para debaixo do carpete. A exploração sexual de menores atribuída ao fundador das **Casas Bahia** teria durado décadas, envolvendo meninas em suas fabulosas mansões.
O império varejista das Casas Bahia também deveria ter acendido o sinal vermelho. Mas a imprensa brasileira, tão disposta a divulgar os desvios de conduta sexual de figurões do cinema, optou por deixar à margem esse escândalo envolvendo denúncias de violência sexual contra brasileiras menores de idade.

29 de abril – Acervo

O maior aliado de um estoque de papel é a cola. O maior inimigo é a água.
Acervos perderam o charme diante da digitalização. Para que pilhas de papel, se eu tenho tudo num CD?
Prevalece a administração individual em acervos. Depois, elegem o conselho.
Quantos acervos foram recentemente destruídos pelas chamas no Brasil? Quantos se locupletaram com as obras dos grandes artistas brasileiros? Muitos.
Fato escondido na mídia e exposto nas varas.
A valorização do espólio é benéfica. Vide o acervo do Renato Russo e suas exposições vindouras.
A memória não pode ser fragmentada. Não pode ser vendida.
São várias as políticas para se manter um acervo. Sou até favorável à desmembração: discos clássicos e instrumentais para a Escola de Música. Outros discos e partituras para o Departamento de Música da UnB.
Parte do acervo poderá ser anexada à biblioteca para consulta. Para isso, a catalogação e as fichas de empréstimo.
Porém, falta funcionário público para isso desde 1500.
Tenho alguma experiência nesse setor. Uma delas é que destroem os documentos por falta de espaço. Violam gavetas e despejam no lixo os documentos nas mudanças de administração.
Sucesso mesmo é a administração particular.
Livros com folhas arrancadas, coleções de revistas históricas rasgadas: esse é o cenário na Câmara e no Senado.
Quando o funcionário essencial a esses serviços se aposenta, não há peça substituta.
Intelectualmente, posso dar pitacos na condução da preservação do acervo do Ricardo Retz.
Quando tudo estiver separado, higienizado, catalogado e acondicionado, poderemos solicitar aos amigos colecionadores pequenas doações para elevar o grau de importância do acervo dele.

3 de maio

A barra pesou e fui procurar minha mãe para pedir apoio. Hoje, descontados os quilômetros que dariam tantas voltas na superfície da Terra, exponho meus problemas com parcimônia, temperada por desespero, abandono, solidão e fragilidade.
Minha mãe me disse:
— Numa chama acesa, se jogar gasolina, vira um incêndio; mas, se jogar água, apaga!
É isso. Hoje, sigo esse ensinamento.
Imagine você que, naquela época, tínhamos de levar uma pastinha para a escola. Minha mãe preparou a minha e escreveu meu nome. Eu tinha oito anos. O sonho dela era que eu tivesse uma letra igual à sua.
Mexendo no ateliê dela, encontrei alguns escritos que me arrepiaram. E pensei: a senhora queria mesmo que eu tivesse a sua letra?
Artistas já nascem prontos, e ponto final.
Imagine: esse recorte tem quase 50 anos e ainda me lembro do cheiro do omelete antes de ir para a escola.

5 de maio — Origem d'Artória

O Guará surgiu em meio a um surto de ratazanas gigantes, um típico caso de saúde pública.
Essas ratazanas, com um quilo e meio, subiam pelas cordas onde se esticavam as carnes para secar ao sol e alimentar os trabalhadores. Naquela época, não existiam freezers.
Esse foi o motivo alegado para que os funcionários do **Itamaraty** devolvessem as chaves dos imóveis da QE 15!

8 de maio — Muitos sábados reunidos. Uns 1.300 sábados.

Em alguns deles, eu começava o dia bebendo, sempre com cerveja. Tocava aquele CD de Bebeco Garcia e o Bando de Ciganos, emendando com outro de Celso Blues Boy.
Claramente, reminiscências do Conic, da Berlin Discos.
Era um sábado como o de hoje, com dinheiro no bolso. O destino era a feira, a banca de peixe.
Na conta de hoje, perdemos Bebeco, Celso e já são 24 sábados sem Rosângela.
Eu, que acreditava na conspiração dos gibis, deixei de perceber o infame mundo real.
Muito atolado em manter uma marcha não imediata. Muito a fim de demonstrar um mínimo de senso. De esconder o desespero.
Só me perguntava o que seria de mim seis meses depois.
Seis meses depois... Depois vou perguntar se seis era nove.
Ainda não deu para enxertar uma nova barriga. Ainda não deu para dar a volta ao mundo.
Ainda não deu para tirar o pé do chão.
O olho colado na janela, no bico da ave de veludo.
Não uso cadeados nas trancas. Agora é que confio mesmo em mim.
Ainda bem que não tínhamos dinheiro. Se tivéssemos, estaríamos em Miami.
Tínhamos a paz de passar o sábado bebendo Bebeco.
Eles foram, levaram seu testemunho, que era muito desabonador a meu respeito. Era a mais pura intriga de gibi.
Então, num ato de absolvição de mim mesmo, solto cinco bombas atômicas!
Ninguém vai me tirar os 1.300 sábados. E virão outros. Os leais estão convidados para mais um rock'n'roll!

11 de maio

Se Stravinsky caga música, eu cago rock!
Vivo como se estivesse numa eterna produção. Tenho na cabeça a força e o desenho e

quero fazer diferente. Megalomaníaco? Isso me traz dores no peito.
Mudando para os bonecos: fiz o homem vegetal para a aura do Ricardo Retz. Hoje achei de lhe dar cabelos longos.
Dentro do carrinho vou colocar a capa do **Abbey Road**. Vou arrumar a madeira e um autoadesivo.
Não venha tirar minha grana, não venha tirar minha paz, porque eu reajo e sou capaz de mandar matar como o bom coronel Roriz!
Fiz Retz para me lembrar das presepadas deles, de quanto tempo passamos aqui nesse jardim grafitando.
O boneco verde serve para nos lembrar de todos os amigos.
Farei um rock experimental jamais imaginado.
Show solo? Só do Iris Gris.
Vai ter show de duas bandas também. Vai ter DJ. Será ducarmo!
Dez pessoas!
Agora vou arrumar a bateria. Ela voltará forte, trovejante, tipo Castello Júnior.

13 de maio

Dei uma rapinada na violência por aqui e apaguei tudo até d'alma. Aparei as ideias.
Solidarizo-me com quem está momentaneamente bloqueado, impedido de curtir ou transcrever livremente seus pontos de vista políticos. Política não deveria ser marca de refrigerante.
Não me escolha como alvo nem como mártir. Acerte no queijo. Agora, só encaixo palavras sulforosas. No Facebook, só rola propaganda de coisas distantes da necessidade. Nessa história de ir e vir, estou com o Jair.
Ninguém lamenta melhor a própria dor do que você mesmo. Transformei meu espancamento em ato político. Assumi-me "trans" e fui além do transitivo. Obrigado aos chapas que compreenderam e aos que tiveram coragem de mostrar a cara.
Em O Legado de Júpiter, da Netflix, os heróis aparecem com os olhos roxos, mas jamais tocaram no Joelho de Porco. Não troque a sua liberdade.
Não sou uma vítima da violência doméstica. Incapaz de revidar, resta-me a palavra. É como revirar o esterco para combater a Covid. O pior é não pertencer a ninguém.
Depois, darei palestras e prestarei depoimentos capazes de fazer tremer a montanha.

Gente que não se finge de morta

Na conta dos anos, já faz mais de uma década que Bruno Z. Caetano atende à nossa proposta de divertir e unir as pessoas. Ontem, esse cara legal veio destilar talento e humor na nossa casa.
Fazia tempo que não armávamos uma espécie de programa de auditório – esse formato que tanto traumatizou a minha infância. Houve infâmia, sátira e uma pegada de rock psicodélico, quando Bruno mandou Ira!/Os Panteras. Comemoro e bebo a subversão!
A produção do Do Próprio Bol$o foi calma e convicta. Blavis, como sempre, apareceu para regular o som. Acredito que a produção do Estúdio Pam esteja comprometida com sua qualidade vital. Ainda assim, conseguimos criar aquele clima de ao vivo mesmo, sem tirar da experiência o que ela tem de espontâneo e imprevisível.
Nossa satisfação será imaginar Retz voltando e ouvindo o que fizemos para relembrar um pouquinho de seu legado. Foram muitas pessoas, muitos caminhos, muitas histórias cruzadas.
Agradeço a quem compartilhou, participou, comentou e esteve conosco. Gente que não se finge de morta!
Os acessos foram bons, os papos foram mil. Raul Seixas brilhou na voz e no violão de

Bruno. Lembrei do entusiasmo com que Ricardo Retz abraçava a Passeata do Raul Seixas. Foi uma justa homenagem, carregada de memória, música e cumplicidade. Se você ainda não conferiu, o registro continua disponível neste link, antes que o mundo acabe: https://www.youtube.com/watch?v=3pCV7c9UiZM

16 de maio

Cuidado para que tudo o que você conquistou não caia numa esparrela. Ficar à espreita não significa manter os olhos semicerrados. Não se livre do cheiro do cânhamo na varanda, nem se torne despretensioso. Aleluia! Avohai! Krig-Ha, Bandolo!
Não descarte aqueles longos anos de leitura fiel dos capítulos das aventuras dos super-heróis. Não foi tempo perdido esperar pelo final que nunca chega naquela série recente da Netflix.
Meu carvalho, meu limoeiro. Minha terra sagrada, meu túmulo. Facas e facões são para piratas: "Velhos piratas, e eles nos roubaram". Fique de pé e lute contra todos aqueles carinhas que queriam colocar você contra a parede. Queriam esmagar seu jeito livre, suas ideias que, de tão políticas, não encontram eco.
Este será o melhor dos rocks, pois reunirá a melhor banda da última semana. Vamos tocar com os dentes e mastigar as notas como flores em nossas bocas. Se estamos aqui para alguma coisa, nesta idade, tenho dificuldade em acreditar que ainda seja possível manter outro ideal além de manifestar energia. Dar a volta por cima.
Um autêntico show de rock, jamais estampado num cartaz colado na esquina. Eu sei. Nós sabemos o valor das coisas, porque crescemos no árido. Tínhamos que lutar contra o relógio de ponto, garantir uma refeição à mesa e algumas notas regulares no bolso.
Que o sol nos livre das energias espúrias! Bato nessa corda como quem soca o alto.

4. O DPP e os 40 anos — do alagamento à festa

Às vezes, a minha vida se parece com uma banda de rock ou retro[inspectiva] — balanço do ano, perdas no rock e na cultura, reencontros, lembranças e o cancelamento do primeiro Rock de 2021 por causa da Covid-19. É o texto que abre o memorial do ano.

#DoProprioBol$o e as bodas de kriptonita — documento central de 2021. Reúne o alagamento de Brasília, as dificuldades para manter a estrutura, a mobilização dos amigos, a memória da juventude na QE 34 e a preparação para a comemoração dos 40 anos de rock. Tem material autobiográfico muito forte: o rapaz de 17 anos escrevendo cartas, ouvindo **Black Sabbath**, colecionando revistas e sonhando com o rock.

ANTIRROCK DOPROPRIOBOL$O 40 ANOS — documento de preparação da festa de 27 de novembro. Apresenta a Banda Ser, Deus Preto e a ideia de uma comemoração sem formalidades, voltada aos amigos e aos parceiros de longa data. Deve entrar junto ao registro do evento.

Qualquer sinal de sanidade, será transtorno — reportagem de Rita Mangueira sobre a celebração dos 40 anos de produção, documentação e incentivo ao underground. Registra a participação de AmanteDa Heresia, Blues Experience, Deus Preto, Banda Ser e Rosa Negra, além dos colaboradores da estrutura e da cobertura. É um documento fundamental para mostrar o DPP como realização coletiva.

Nota editorial para conferir antes da edição definitiva: a matéria informa que a comemoração aconteceu em 27/11/2021, enquanto o anúncio do ANTIRROCK indica 27 de novembro. Conferir a data exata para não perpetuar a inconsistência.

A infatigável divulgação carnal do nada — inclui a memória do Rock Cerrado de 1981, com Raul Seixas, Walter Franco, Baby Consuelo, **Pepeu Gomes**, Mel da Terra e outros. Recupera sua experiência aos 17 anos, o primeiro contato com determinadas guitarras, os amigos da QE 32 e a formação de uma rede de circulação de discos e informações. Conecta 1981 a 2021 e mostra a origem de muitas de suas referências.

17 de agosto

A tarde é quente.
João está em cima do caixote suspenso, do tamanho de uma porta na horizontal. Manoel faz dois serviços.
De barriga cheia, penso melhor.
Faço uma arrumação tipo vidraçaria calçada. O suco é de uva.
Tome vigota! Tome prego! Tome altura! Dá-lhe porrada!
De repente, o sol ainda nem caminhou para as 16 horas.
Eles chegam. Bleyvs convida Dario Marreiros.
Esse encontro só poderia dar em música. E foi o que aconteceu.
Ninguém antes havia tocado Free as a Bird. Fiquei de cara!
Ameaçaram uma tarde beatlemaníaca, que acabou esbarrando em **Elton John**.
Foi legal o repertório da dupla.

5. Personagens, encontros e cultura do Guará

Renato Russo debutou o rock no Guará — texto de Mário Pazcheco, com revisão de Roberto Gicello e dedicado a Dinho Kamers. Reconstitui a apresentação da Legião Urbana no Cave, a imagem de Renato Manfredini Jr., a conversa sobre **Beatles** e o impacto daquele show sobre os jovens rockeiros do Guará. Combina testemunho pessoal e história do rock brasiliense.

O equilíbrio sonoro do rockeiro Magu Cartabranca — recupera uma amizade iniciada no final dos anos 1970, as aventuras musicais compartilhadas e o trabalho de Magu. Inclui a gravação de Cultura in Movimento, a participação de Julimar dos Santos e a apresentação de nove músicas inéditas de Magu. Bom registro de amizade, criação e continuidade da cena cultural.

Magu Cartabranca mergulha no rock — pequeno texto visual e poético sobre o vídeo de Magu e sua tentativa de escapar do "inimigo invisível". Acompanha o texto anterior como registro audiovisual.

Magú on the Water — material audiovisual e musical relacionado a Magu Cartabranca, que pode complementar o conjunto dedicado a ele.

Paulo Ataíde: valente combatente da arte do Cerrado — registro da morte de Mestre Ataíde, em 28 de outubro de 2021. Reúne sua trajetória como artista, ecoartista e articulador cultural do Guará, além de depoimentos de pessoas que conviveram com ele. Importante para a seção de presenças e personagens que deixaram marcas na comunidade.

21 de agosto — A exposição "não me lembro o quê?" de Paulo Iolovitch

Uma exposição chamada "Não me lembro o quê?"
Sob os céus da capital, o Conic é um espelho — plano e pleno — do caráter da fauna humanizada do Planalto. As maiores notas políticas desde os idos de Madame Pompadour, no pré-furor das guilhotinas. Noticiários entontecidos pelo girar do carrossel de

cavalinhos com olhos de cifrões dardejantes, atordoados pelas negociatas político-advocatícias, reeditando takes de ex-presidentes às voltas com tornozeleiras – sejam golpistas ou fake-golpistas. E fala-se de embaixatrizes, de meretrizes sem cerimônia. Fala-se das próximas candidaturas, com chafarizes de marketing exsudando policiais, pastores e apresentadores de tevê. Socorro! Vamos ter um treco!
A capital fatigada. O cinema deu à luz o alvará, o altar, as luzes das igrejas – apagando cruzes e estrelas. O Conic tá morto. Mais uma ação devastadora dos "amarelos". O Teatro Nacional é o próprio caixão. No cortejo, orquestras, boleros, choros e chororôs. E, sem Cine Ritz e Boate Dragão, os nababos de Brasília se divertem nas sextas-feiras goianas.
J. Pingo não está mais aqui. Estamos fodidos – privados do paladar dos vinhos e do peso das emoções. Sobraram-nos drogas baratas. Sem a Legião, sem o Capital, sobra a Plebe – Rude e Faminta.

Serviço
Quiosque Albergue da Invenção – 405 Sul, Rua dos Restaurantes
Às 14 horas
Exposição de Paulo Iolovitch: Tudo antes era melhor do que agora
Discotecagem do DJ Feira [Teca, nome de nascimento Altervir].

Qualquer conversa com Paulo Iolovitch é genial. O pintor de entrequadras resgata lembranças de figuras influentes, como Lannoy, o jornalista.
Fala da antiarte. Conta que seus quadros atuais se baseiam em desenhos de pílulas.
Fala da terceira dose e do melhor! Neste sábado, na 405 Sul, às 14 horas, acontece a exposição de Iolovitch, intitulada Tudo antes era melhor do que agora.
Paulo Iolovitch continua com a voz firme e o pensamento veloz.
Neste sábado, nos encontraremos para colocar as ideias em dia!
À noite, os bons sonhadores trazem à Terra redonda sonhos coloridos.
Paulo Iolovitch ainda não desistiu de pintar. Talvez termine como Renoir, com um pincel amarrado ao braço.
"We like Iolovitch!" Foi uma chamada que estampamos numa camiseta, em algum dia distante, no Beirute. Havia um coro repetindo: "We like Iolovitch!". É claro que ele curtia.
Hoje, no apartamento dele, essa fagulha reacendeu. Amanhã, sábado, dia 21, estaremos no Quiosque Albergue da Invenção, na 405 Sul. Às 14 horas, teremos esse encontro especial, com discotecagem do DJ Feira. Apareçam!

Houve um tempo em que, lá pela latitude púbere dos 13 anos, experimentei minha primeira crise existencial. Como sair de casa? Onde morar? Como comer? Sem conhecer o capitalismo, pensei em morar num hotel.
Adulto-velho, já, dirigindo de volta para casa, olhei para o céu e pensei: as pessoas se arranjam, a vida dá seu jeito-destino – se não fosse assim, não seria mais vida.
Há ainda aqueles que não esquentam muito com o implacável e inadiável dia do aluguel. Para mim, essa continua sendo a pior barra: a da moradia.
Existem pessoas que, de diversas maneiras, estão preparadas para um Eu futuro. Nunca manifestaram apego ou sobressaltos diante daquilo que vem depois da vida – ou da vida no além.
A vida se resolve – é uma escolha. Acredito ser esta a encruzilhada impossível, inescapável.
"Esta é a vida mais estranha que algum dia vivi"
Revisão de Roberto Gicello

Não só o mundo está moribundo. Eis que o Plano Piloto, vazio, desertado e deserdado, sem o poder e as opções da grana torna-se retrógado, sem vida. Vivem, ainda, os blasés. Paulo Iolovitch, o pai espontâneo das artes, abandona a 304 Sul e desloca-se para a 405 Sul, de Uber. No destino, encontra Mário Pachecão, deprimido, fumando um cigarro debaixo da árvore, num acanhado resmungo: "preciso de um cigarro, estou tenso!". Súbito, toca o olifante das obrigações e chega a hora e a vez de descarregar a caixa de som, esticar a extensão e ajustar a tomada, agora é hora de deixar tudo como compraz a ocasião. Um longo papo de beduíno atrasa a transação. O PC funciona com sua bateria. “Som, maestro! Carlos Cachaça!”, para varrer essa imobilidade que nos transforma em invisíveis. Iolovitch, na cadeira de rodas, curte o Sol e a companhia de Rose Bom Bom, que lhe retribui com todo amor verdadeiro. Ela discorre sobre atividades de espetáculo de uma drag Queen, elegantérrima, sob a seca luz do dia. Teca, à sombra de uma árvore, alarga uma sinfonia de canções da MPB, abrindo com Sérgio Sampaio – pra mim estranho demais –, e prossegue com Edvaldo Santana. Como um menino, Iolovitch se lambuza com dois cachorros-quentes e refresca-se com o copo de suco de uva da vinha da Rita Mangueira. Outra figura que prestigia o evento é a Wilza. Rita e Wilza são inaderráveis apoiadoras e confabulam, tragando cervejas e cigarros. Como é estranho o tédio da ressaca – o único anticlímax que ocorre depois do naufrágio. Teca brilha intensamente tocando MPB de exortação à luta e à resistência, toca para os ouvidos da burguesia, que não estão nem aí e sequer atinam no que escutam, pascácios ignorantes, comedores de caviar. Tocamos teimosamente em insistente pedagogia sonora, agarrados à última nota de Humanismo possível.
Paulo Iolovitch adorou os fados. Como gentileza gera gentileza, arte atrai arte, e pinta uma garota quase da minha idade, pintora de abstratos e nus. Solícita, ela vai até sua casa e traz um tê, objeto sine qua non das parafernálias musicais. Dois garotos da idade do meu filho descem a passarela de mãos dadas. Nem tudo foi em vão. A moçada do quiosque dança ao som odara dos baianos. Taninha apareceu, vinda do Brechó e junta-se à conversa. Paulo Iolovitch degusta o tradicional quiBeirute. Vinho e telas balouçam dançantes no varal. Dou um beijo em Paulo: "Se segura malandro, tamo junto", naquele repertório de malandragem da rua que ele tanto gosta. A isto ele responde com ares definitivos: "Esqueça o passado".
Mário Pazcheco Produções – faça humor ou faça merda – agradece a Dudunski pelo magistral flyer. Agradece a Rita Mangueira por dividir o fardo da coisa bem feita. Agradeço ao casal Wilza e Teca pela camaradagem, fidelidade energia e inspiração musical elevada. Agradeço a Tânia pela foto.
Paulo Iolovitch agradece à Rose Bom Bom e à Walquiria, do espaço Albergue da Invenção, e a todos que apareceram.

6. Reminiscências, cotidiano e fim do ano

Café da manhã, 3 de novembro de 2021 — fragmento de observação cotidiana, escrita e memória. Para a seção de reminiscências.

Sextou! 29 de outubro de 2021 — texto de caráter pessoal, com lembranças e reflexões sobre a morte. Vale examinar sua extensão e sua relação com outros fragmentos antes de decidir a inclusão definitiva.

Sonhei com Carlão — texto de Josibel Rocha. Não é autobiografia de sua autoria, mas registra a saudade dos encontros, a ausência dos bares durante a pandemia, o retorno ao trabalho presencial e a vida política no Conic. É um documento de época e de convivência.

19 de outubro — Data de divulgação do falecimento

Na paz! Com Cláudia Reitberger: a Mônica, do Renato Russo — O adeus à rainha

No bom tempo do meu mundo beatle, ela imperava. Cláudia era o espelho, e eu, o gato. Foi a jornalista que mais me aproximou de John Lennon e, por isso, não poderia deixar de reverenciar seu nome de redação: Cláudia "Lennon". Sem desmerecer Robson "Jagger", acho que todos os meninos que assinavam o fanzine Yellow Submarine eram apaixonados pela redatora. Eu, por sinal, sabia seu nome verdadeiro graças aos dados bancários. Seguimos, regredimos e reatamos. Mantivemos esse círculo até 1996, quando, em meio à morte de Renato Russo, Cláudia me deu uma das aulas mais importantes de jornalismo da minha vida.

— A fonte? A mão do artista.

Mas voltemos à magia dos anos 80. Cláudia fez um fanzine feminista sobre os Beatles. Sua publicação colossal tinha um design sessentista: enciclopédico, lindo, desvairado, maravilhoso. Ao receber aquele jornazão de tamanho família, eu entrava em órbita, embarcado numa cápsula de veiculação de LSD, colírio para os olhos famintos. Sei que ela me admirava por eu nunca ter abandonado o barco do rock. É claro que reconheci sua poderosa influência sobre o meu trabalho. E, como bons loucos, acho que nos falamos apenas uma vez, longamente, por telefone. Quando algum amigo voltava do Rio de Janeiro e conhecia Cláudia, eu pedia que a descrevesse para meu deleite. Das cartas que recebi, guardo a lembrança da grafia graciosa daquela pessoa delicada, capaz de iluminar minha realidade opaca. Cláudia Reitberger valsava entre idiomas, traduzindo do inglês e do alemão para o português. Curtia a poesia ainda estranha de Leminski. Não havia território lírico em que ela não tivesse pisado antes de nós. Gostava de punk rock, de Status Quo, do rock de Brasília, do **U2**. Curtia, conhecia, sabia de tudo. Era a Mônica do Renato Russo.

Yellow Submarine era dizer: "aqui dentro a gente está a salvo, aqui a gente vive junto, ouvindo Beatles".

7. Fragmentos para avaliação complementar

- **Desengavetando as ideias** — conversa sobre audição, discos, Rita Lee e experiências de colecionadores. Pode entrar se o copião precisar de um fragmento sobre a relação com o acervo musical.
- **E, a pílula da paranoia?** — fragmento de caráter mais experimental. Precisa ser lido integralmente para avaliar sua pertinência ao memorial.
- **Aconchegante, esperançoso, suave e ágil é o clipe Flutue** — registro de Leandro Pessoa e da produção musical em tempos de pandemia. É mais documental do que autobiográfico.
- **Webserie — HackaCity Guará** — registro de uma iniciativa local, possivelmente útil para a memória cultural do Guará.

Seleção final para o copião de 2021 — 12 tópicos

Ordem	Tópico	Prioridade
1	Às vezes, a minha vida se parece com uma banda de rock ou retro[inspectiva]	Essencial
2	Café da manhã, 3 de novembro	Essencial
3	Sextou! 29 de outubro	Essencial
4	#DoProprioBol$o e as bodas de kriptonita | Essencial	
5	ANTIRROCK DPP 40 anos	Essencial
6	Qualquer sinal de sanidade, será transtorno	Essencial
7	A infatigável divulgação carnal do nada	Essencial
8	Renato Russo debutou o rock no Guará	Essencial
9	O equilíbrio sonoro do rockeiro Magu Cartabranca	Importante
10	Paulo Ataíde: valente combatente da arte do Cerrado	Importante
11	Sonhei com Carlão	Importante
12	Magu Cartabranca mergulha no rock	Complementar

Fecho do capítulo: 2021 não deve ser contado apenas como retrospectiva musical. É o ano em que você olha para quatro décadas de atividade, enfrenta a ausência, tenta fazer a máquina cultural funcionar novamente, e celebra coletivamente o início de um novo ciclo.

2022 — O ROCK NÃO MORRE, MAS EU NÃO SOU MAIS O MESMO

Seleção para o memorial

A busca do Do Próprio Bol$o apresenta 50 resultados para 2022. Nem todos são relatos autobiográficos: há notícias musicais, traduções, obituários, textos de colaboradores e registros de atividades culturais. Para o memorial, interessa separar o que revela minha vida, meus encontros, minhas inquietações e minha produção daquilo que funciona melhor como arquivo de pesquisa.

O ano tem um eixo muito claro: o desencanto com determinadas práticas da cena não significa desistência da cultura. Questiono a repetição, a falta de ousadia, a dependência de dinheiro e a transformação do rock em entretenimento previsível. Ao mesmo tempo, continuo inventando situações, distribuindo livros, participando de documentários, frequentando shows e registrando músicos.

Há também uma mudança de perspectiva. O rock deixa de ser o único território possível. A música de Brasília aparece em outras vertentes, com Marizan, Vânia Bastos, Márcia Tauil, Nelsinho e tantos outros.

Não faria de 2022 um capítulo de grandes acontecimentos. É um capítulo de inquietação, reinvenção e resistência cotidiana. O texto "Sai por aí: pelo mundo, em lugar indeterminado" é a espinha dorsal; "A volta de Os Cínicos" é o manifesto.

Textos essenciais a incorporar

"Sai por aí: pelo mundo, em lugar indeterminado" — prioridade máxima

É o texto mais revelador do meu estado de espírito em 2022. Falo da perda de entusiasmo com o rock, do afastamento das festas, da sensação de que muita gente abandonou o barco, da busca por novas formas de expressão e da tentativa de reinventar a própria casa como espaço de criação.

Há passagens fundamentais:

- "Eu sou vários escritos e nenhum livro."
- A fobia de rock'n'roll e o medo de encher o saco do Barbieri.
- O interesse pela delinquência, pela rebeldia e pelo inconformismo.
- A tentativa de fazer o rock voltar a acontecer, apesar das dificuldades.
- A distribuição de livros nos ônibus.
- O documentário de Magu Cartabranca e minha participação como narrador.
- A reflexão sobre o Do Próprio Bol$o como história viva, mas também como movimento que parece andar em círculos.

É o autorretrato de um homem que não quer abandonar o underground, mas já não consegue se reconhecer em determinadas práticas da cena. O texto também registra o trabalho com o documentário de Magu e a passagem de uma fase de entusiasmo para outra, mais desconfiada e seletiva.

"Gol! Estou à procura das goteiras interiores"

Uma crônica doméstica com humor e desgaste. O jogo da Copa do Mundo se mistura às goteiras, aos problemas do telhado, ao vazamento de um cano, à conta de água e à dificuldade de manter a casa funcionando.

O título ganha uma segunda camada com a referência a Clarice Lispector e seu conto "A Quinta História". É um bom fragmento para mostrar a vida cotidiana, os improvisos e as pequenas tragédias domésticas que atravessam a existência.

"Brasília conectada à música"

Texto assinado por Mário Pacheco e Marizan Fontinele, com fotografias de Marizan. Registra dois momentos musicais de outubro de 2022:

- Misha Piatigorsky e Liz Rosa, na Casa Thomas Jefferson.
- Vânia Bastos e Márcia Tauil, acompanhadas por Ronaldo Rayol, no espetáculo *Geraes*, no Espaço Cultural Renato Russo.

É importante porque documenta minha aproximação com outros territórios musicais, além do rock, e a atuação de Marizan na produção cultural. Há ainda um detalhe afetivo: Vânia Bastos autografa o LP *Clara Crocodilo* para mim.

"Salve, salve os 88 anos de Nelsinho da Bateria"

Um registro de encontro com a música popular de Brasília. A visita à casa de Nelson Ribeiro, na Ceilândia, apresenta uma família musical de várias gerações, a trajetória do baterista, sua passagem pela Boate Tendinha do Hotel Nacional e a história de Os Veteranos.

O texto tem valor documental e humano. Não é apenas uma homenagem a um músico longevo: é um retrato de uma comunidade musical que continua se encontrando e tocando.

"Cláudio Roberto! Partiu o Maluco Beleza!"

O texto recupera um encontro de agosto de 2017, na Casa do Cantador, em Ceilândia, durante uma noite dedicada à Sociedade Alternativa. Relato a presença de Cláudio Roberto, parceiro de Raul Seixas, o encontro com os raulseixistas e a movimentação em torno dos músicos, dos LPs e dos mantos da Sociedade Alternativa.

A morte de Cláudio Roberto, em outubro de 2022, é o ponto de partida para recuperar aquela experiência. É a memória de um encontro que ganhou outro significado com a morte do artista.

Outros fragmentos que merecem entrar

"A volta de Os Cínicos" — 11 de julho de 2022

É uma declaração de guerra ao rock cosmético, aos festivais previsíveis e à repetição de fórmulas. Apresenta a ideia do antirrock, a possibilidade de voltar a tocar e a disposição de reunir Blavis, A Banda Mais Lama e Bruno Z.

O encontro em Taguatinga, com a lembrança de ter visto a Legião Urbana quarenta anos antes, conecta a história pessoal à história do rock de Brasília. O final, com a imagem do Elvis Pacheco, tem a irreverência necessária para não transformar o memorial em documento sisudo.

"Carne folheada a ouro provoca cólera"

Fragmento de comentário sobre futebol, Copa do Mundo, redes sociais e a eliminação do Brasil diante da Croácia. Tem minha linguagem de provocação e o olhar crítico sobre o comportamento dos comentaristas e torcedores. Pode entrar numa seção de crônicas do cotidiano, embora não tenha o mesmo peso autobiográfico dos textos anteriores.

Material complementar — arquivo e documentação

Manteria os seguintes conteúdos no arquivo do DPP, sem necessariamente incorporá-los ao fio principal do memorial:

- “Andy Warhol disse que fama de Pelé duraria 15 séculos” — curiosidade cultural.
- “Aline Kominsky-Crumb” — registro de uma perda importante no universo dos quadrinhos.
- “Anthony Stern, cineasta, artista plástico” — obituário e memória do cinema experimental.
- “Morreu Erasmo Carlos” — notícia sobre a música brasileira.
- “Gal Costa: a estrela que se apaga” — registro de uma perda musical.
- “Balas, motociclistas e burnout: a história do último show de Jimi Hendrix”, “Jesse Ed Davis”, “Skip Spence”, “Hawkwind”, “Velvet Underground” e demais textos internacionais — material de pesquisa e curadoria musical.
- “Reboco Caído 65” — publicação de Fabio da Silva Barbosa, que deve permanecer identificada como colaboração externa.

Esses conteúdos são parte da história editorial do site, mas não precisam disputar espaço com as experiências vividas pelo narrador.

2022 — OS FRAGMENTOS

11 de março — O rock na casa do Mário

Ainda ontem, no Sinval, perguntaram:

— E o rock'n'roll na casa do Mário Pacheco?

Respondi:

— Estou viúvo há quinze meses.

E descobri que quem fazia o rock'n'roll era a professora Rosângela.

Estou aprendendo que não sou bobo. Que não sou uma data de calendário e muito menos saudosista.

Esta foto, com o mural da Janis ao fundo, diz tudo. Como as noites eram ricas! Como vivíamos cada momento!

Agradeço a todos que se entregaram ao rock'n'roll como se não houvesse amanhã.

28 de março — Eu e Cida, produtores de utopias

Eu e Cida, dois produtores de utopias. Esta fotografia registra um dos muitos momentos públicos de nossas carreiras iluminadas por luzes e estrelas.

Cida me inspirou muito. Foi também responsável por me apresentar diversas bandas novas, ampliando o repertório de descobertas e encontros que alimentam a vida cultural. Há pessoas que chegam trazendo música, ideias e possibilidades. Cida é uma delas.

Desde 2003, o Sarau Psicodélico vem revivendo a magia do rock'n'roll, mantendo acesa uma chama que não depende de modismos nem de autorização para existir.

Há outra fotografia nossa, vestidos com nossos mantos supercoloridos, como se estivéssemos liberando a mente comunitária para viajar pelas emoções que o rock detona em nós. Sempre famintos por emoções, sempre procurando alguma coisa que ultrapasse a rotina e nos devolva a sensação de estarmos vivos.

Um beijo fraterno ao casal e à amiga, neste aniversário. Que continuem as utopias, os encontros e a disposição de fazer a vida acontecer fora dos caminhos previsíveis.

18 de abril — Sentindo-se um pouco mais livre

Sentindo-se um pouco mais livre, né? Um pouco mais livre. Foi pesado sustentar essa reputação de doidão, de loucão. Que os pássaros atirem suas pedras nas cabeças de cuco.

O tic-tac ainda regula a angústia. Quando te tenho, tremo todo. Rock'n'roll: espetáculo para desmontar a caretice. Seu último espetáculo, Mário? Contemplar a liberdade de frente, com todos os sentidos. Perder-me na sedução. Entregar-me para sempre. Livrar-me de mim mesmo e dos vícios básicos.

Escolher a cor perfeita da cueca. Rock'n'roll no topo. Decidir o que quero e o que me tranquiliza, o que me faz bem. Esse é o maior poder entre as drogas.

É um longo caminho até o topo, se você quer chegar lá. E eu posso responder o que significa chegar lá: pode ser de muitas maneiras, de uma overdose fulminante a um orgasmo maravilhoso. Numa cama de cetim psicodélico, você com os olhos da cor do mar, salivando emoções. Aquela sensação de flutuar, experimentada pelos olhos através da janela de um prédio muito alto em chamas.

Sofri barbaridades. Oh, como sofri! Como Bob Dylan, fui da liberdade à redenção: "Quantos anos algumas pessoas podem existir até que se tornem livres?" E ainda: "Quantas vezes um homem precisará olhar para cima antes que possa ver o céu?"

Agora transito por *Slow Train Coming* (1979), *Saved* (1980) e *Shot of Love* (1981), os discos de uma fase em que Bob Dylan clamou no deserto. Vivo meu período espiritual mais agudo. Ainda sou um gozador. Lembro de John Lennon, em seu apartamento, regravando uma canção de Dylan em tom sarcástico, como se perguntasse: como um homem sem dúvidas pode se apequenar tanto?

A vida cobra um preço astronômico. Sua conta está estourada. Eu não devo mais nada a vocês. Não preciso de convites para festas. Não quero festas nem desfiles. Não quero ser alvo da sua fala, nem do discurso que tenta reparar a moral alheia. Não quero brilho nem dificuldade imposta. Não sou mestre para ser desobedecido. Não tenho nada a ver com escolhas que me incluem. Eu quero me livrar destas pulseiras que se transformaram em algemas.

25 de abril — A estrela humilde do rock'n'roll

Ainda há muita loucura para ser retratada.

Dois mil e treze parece estar a anos-luz daqui. Sobre o agora, não tenho muito a dizer, a não ser que passo óleo de rícino (ou de mamona) na raiz do cabelo. Que Raul Seixas foi o maior maluco lúcido de todos os tempos. Que ninguém salva ninguém, a não ser de si mesmo. E que hoje compreendo aquela inscrição nos capacetes da Fórmula 1: Cristo salva. Cristo é quem conduz à vida eterna. São minhas meras constatações pessoais.

Do rock, tive uma overdose de tanto estrangular a veia e o ouvido. Tenho pavor real de certas coisas, porque quase me matei e quase fui morto por elas.

Lá em cima, quando falo de 2013, estou falando de um ano revolucionário em nossas vidas. Escolhemos aquele ano para ancorar o rock lá no alto das nuvens. Foi também quando tentei, pela primeira vez, escapar da hepatite C. Minha magreza era tão evidente

que a maioria imaginava que o vírus fosse outro. É claro que ninguém prestava atenção em nós, a não ser nós mesmos.

Foi o ano da Stoner Babe e do Sarau Psicodélico. De tanta gente e tanta música: Banda Ser, Diferencial Zero, Dog Savanna. Aquele menino, Daniel, que canta muito. PlusUltra, Ruído Urbano, Cromus, Canalhas & Navalhas e tantas outras bandas.

Tudo direto da WHISKRITÓRIO, uma das maiores casas do rock, que ardeu intensamente, ainda que por pouco tempo.

Falo de 2013, o ano em que Serguei se tornou o patrono da nossa conjunção carnal. O ano em que Mário Retz, Zedson Nader, Campanha de Ajuda e Julimar se metamorfosearam em Os $alvadores, a junção mais anárquica da arte.

Do belo verde pastoral das vacas até tingir o céu com nossa alegria e nossos orgasmos em tantos shows e grafites. Queríamos mesmo era balançar e cutucar o coreto.

Foi a mais linda das histórias.

Agora, em 2022, passado um ano do enterro do corpo de Ricardo Retz, deixado na esperança de virar adubo e fazer florescer notas musicais, volto à lembrança daquele grandioso ano de celebração.

Continuamos todos amigos, desde que nos procurem por necessidades verdadeiras. Foi um tempo em que estivemos reunidos como se fôssemos uma pessoa só.

Hoje, Retz recebe o merecido reconhecimento: tornou-se nome da Casa de Cultura Ricardo Retz. Tenho certeza de que poucos do nosso tempo alcançarão tamanha magnitude: a de uma estrela humilde do rock'n'roll.

2 de maio — Ser como um rio que flui

Devo estar alto como as nuvens, vendo a vida por trás dos óculos escuros, com aquela impressão de que o mundo ainda pode nos surpreender. O dia começou lindo, promissor, desses que parecem abrir as janelas da alma antes mesmo de a gente despertar por inteiro.

Na companhia deles, ouvi um catatau de reclamações. A vida também é feita disso: gente reclamando, resmungando, apontando o que está fora do lugar. Mas há um detalhe que me toca. Eles cuidam de mim, preocupam-se comigo. “Seu pneu da frente, do lado direito, precisa calibrar.” É assim, numa frase aparentemente banal, que o afeto se manifesta. Alguém percebe aquilo que você, distraído com seus pensamentos, deixou passar.

A segunda-feira pode ser maravilhosa para uns e amarga para outros. Cada pessoa atravessa o dia carregando sua própria previsão do tempo. Já próximo ao retorno da avenida, um carro subiu o meio-fio. Uma cena rápida, dessas que interrompem o pensamento e nos devolvem à fragilidade de estar no mundo.

A liberdade também tem suas contradições. Às vezes, a gente se afunda em cerveja para esquecer, para fugir, para deixar de enxergar aquilo que incomoda. Uns estão perdidos; outros, mais velhos, acumulam saudades. Há quem procure o futuro, há quem tente recuperar o passado e há quem simplesmente deseje encontrar algum sossego no presente.

A vida é como um rio.

“Um rio nunca passa duas vezes pelo mesmo lugar”, diz um filósofo. “A vida é como um rio”, diz outro. E, entre uma reflexão e outra, chegamos à conclusão de que talvez essa seja a metáfora mais próxima do mistério de existir.

Tudo é torrente: paixão, ideias, caminhos, encontros e desencontros. A água não pede licença para correr. Rompe barreiras, contorna obstáculos, abre passagens, irriga canais. Às vezes, transborda; outras vezes, parece desaparecer no leito seco, esperando a próxima chuva.

Também somos assim. Mudamos enquanto pensamos permanecer os mesmos. Atravessamos experiências que nos transformam sem que percebamos. Deixamos para trás certezas, hábitos, ressentimentos e até versões de nós mesmos que um dia julgamos definitivas.

Na água, o pecado morre simbolicamente, assim como morre o corpo que acreditávamos contaminado por ele. É uma imagem de purificação, de passagem, de abandono daquilo que já não precisamos carregar. Não significa apagar o vivido, mas permitir que o passado deixe de nos aprisionar.

Ressurreição.

Fiquei pensando nessa palavra: ressurreto. Aquele que ressurgiu, surgiu novamente; aquele que reviveu, renasceu. Renascido.

Há palavras que parecem guardar dentro de si uma vida inteira. Ressurreição é uma delas. Não precisa haver morte física para que alguém renasça. Às vezes, basta voltar a sentir, recuperar a confiança, descobrir uma nova maneira de amar ou perceber que ainda existe um caminho depois de tantas curvas.

Como sou tímido e medroso, contenho-me entre dúvidas e certezas. Há coisas que sinto, mas não sei dizer. Há sentimentos que me atravessam e ficam ali, trabalhando em silêncio, enquanto procuro uma maneira de compreendê-los.

Não costumo dizer que somos privilegiados pelo que sentimos um pelo outro. Talvez porque tenha receio de nomear aquilo que ainda está em movimento. Mas acredito que estamos experimentando algo que tantas outras pessoas também conhecem: essa descoberta de que a vida ganha outra dimensão quando existe alguém com quem dividir o percurso.

Não somos os primeiros nem seremos os últimos. O amor, o cuidado, a cumplicidade e o medo de perder fazem parte da experiência humana. O que muda é a maneira como cada um atravessa essas águas.

E, na nossa vida, sempre haverá a participação de outras pessoas. Algumas chegam para abrir caminhos; outras nos ensinam a reconhecer os limites. Há quem permaneça por décadas e quem passe rapidamente, deixando marcas profundas. Ninguém atravessa um rio completamente sozinho, ainda que, em certos trechos, tenha a impressão de estar isolado do mundo.

Talvez viver seja justamente isso: aceitar o movimento, compreender que nada permanece rigorosamente igual e aprender a reconhecer o amor nas pequenas coisas — num aviso sobre o pneu, numa preocupação inesperada, numa presença que não exige explicações.

Hoje, quero apenas seguir o curso das águas, sem a pretensão de conhecer todas as curvas.

Ser como um rio que flui. Mudar sem deixar de ser. Amar sem precisar explicar tudo. Renascer quantas vezes forem necessárias.

E, enquanto a correnteza nos levar adiante, continuar descobrindo o que ainda somos capazes de sentir.

10 de maio – É dura a realidade para muitos

Contava com contos de couro de rato para pagar pelo sanduíche de frango. Mais um par de couvert, uma salada, água e Coca-Cola.

Passou por mim um artista segurando uma pequena tela multicolorida, de natureza naïf. Era bonita, mas mais precioso era o seu valor: 600 reais!

Metade desse orçamento era o preço da minha estadia de duas noites e meia, com direito a dois cafés da manhã em Pirenópolis.

É. A vida está dura para quem vive de música e para aqueles que pagam pelo couvert. Deu vontade de voltar a pé para o Guará. Os preços acompanham a bomba de gasolina.

Era desnecessário o debate sobre como estamos desvalidos, sobre como funciona a cadeia de valor.

Passei a temer sair de casa. Parti minhas moedas de um real ao meio. Ando com menos de um real para distribuir entre os guardadores. Se reclamarem, ameaço partir para cima.

Mastigo flores e cuspo arrebites.

– É, é melhor o Lula voltar!

Foi o que o guardador de carros disse quando recebeu 50 centavos. E, é claro, sei que ele votou em Bolsonaro.

Tenho falado em dinheiro. Tudo bem, o dinheiro são bens de propaganda que passam na TV. Falo para demonstrar que a vida está dura. Que o maior barato ainda é ir ao supermercado e encarar o congelador na última semana do mês.

Quem escreve, compra gibis ou anda de carro sabe como as cordas dos instrumentos estão enforcando a música.

Este texto não tem nada disso. É para quem é cego, surdo e mudo: memória de um ano obsceno em 2022.

24 de maio – Usando o amor para me devolver a humanidade

Andava cansado dos problemas familiares e fundiários. No trampo, insatisfeito por não reconhecerem meu valor e sequer se dignarem a assinar meu pedido de redução da jornada para 40 horas. Ah, não pensem que vou trabalhar uma hora além do tempo que me cabe.

Então surgiu Marizan Fontinele, um leito de água cristalina, enquanto eu chegava com os pés sujos de petróleo, escurecido por óleo e poeira. Escondi minha sede daquela moça. Escondi quem eu era e do que padecia. A confusão era muita, tanto na cabeça quanto na vida. Sou atormentado.

Assim como abri a alma, ela abriu o coração e o verso. Desde então, tudo tem sido intenso.

Foi dela a ideia de celebrar meu aniversário no dia certo, coisa que raramente acontecia. O sistema sempre achava melhor transferir a comemoração para um dia em que as pessoas pudessem comparecer. Ela se insurgiu contra isso, assim como contra tantas outras coisas que pareciam definitivas na minha rotina existencial.

Ah, sempre fui louco por balões infláveis que saíssem pulando pelos ares. Ela os trouxe. E lá estava meu nome, em letras garrafais, grafitado na superfície de um bolo. Ela trouxe o bolo do meu sabor. Trouxe também sua família e seus amigos musicais.

As coisas mudaram para melhor, mas não perderam o espírito vanguardista. Continuaram perfeitas, ardentes e sinceras.

Meu povo, ouça o meu chamado quando for rock'n'roll. Ainda sinto o homem da montanha. É nisso que boto fé.

Agradecemos à partícula mágica que faz pessoas especiais brotarem em nossas vidas. Agradecemos aos amigos fenomenais que fazem parte da nossa história e do nosso tempo.

"Fomos alcançados pela sua misericórdia, amor e graça."

31 de maio – Uma luz que vela por nós

Você se encontra numa situação em que precisa se interrogar a toda hora. Gosto de panos e camisetas. Agora tenho duas camisetas com a cara feliz de Janis Joplin. Pô, se eu soubesse que ganharia outra, nem teria comprado esta. Ou será que agora tenho três camisetas com Janis?

Isso deve significar alguma coisa. O par de camisetas veio de uma fã que desapareceu cedo demais. Não sei muitos detalhes. Sei que ela gostava de Legião Urbana, Led Zeppelin e Black Sabbath. Além das camisetas, lia biografias daquela gente descolada. Tinha também o livro com as cartas de Laura Joplin, irmã de Janis. Senti-me um herdeiro agradecido.

Saí com o vistoso manto e fui à padaria comprar pão de arroz. Envolto na minha pele psicodélica black, com o rosto de Janis Joplin estampado, queria que todos me reconhecessem e provocassem algum debate sobre castidade e uso de drogas. É o que costuma acontecer.

Eu estava preparado para o que desse e viesse – e para o que vazasse. Queria falar dos vícios daquela que foi uma das maiores cantoras de blues de sua geração. Eu sou Janis Joplin!

As mulheres adoram a camiseta. Agora, raramente aparece um careta para dizer que “heroína mata” e coisas do gênero. Tenho colhido depoimentos de afeição e admiração. Posso ter uma fé que ainda não cresceu, mas jamais vou perder a admiração por quem fez da própria vida uma luta, não um exemplo.

13 de junho – A esperança virá do futuro (Roberto Menescal)

Este artigo não consegue traduzir a frenética produção de Roberto Menescal, seja nos palcos ou nos estúdios. Aos 84 anos, ele continua produzindo, descobrindo novos talentos e perseguindo uma satisfação que só a música é capaz de oferecer.

Ouvir Roberto Menescal falar sobre música é abandonar qualquer ideia fixa a respeito das etapas que envolvem a produção musical. Seu universo de admiradores se espalha pelo mundo, especialmente pela Terra do Sol Nascente, onde já esteve por 31 vezes.

Cantor, compositor, instrumentista e arranjador, Menescal já tinha, em 1960, uma composição destinada a atravessar fronteiras: a clássica “O Barquinho”, parceria com Ronaldo Bôscoli, que navegava pelas ondas musicais dos cinco oceanos.

29 de junho – Cildo é um cara muito esperto

— Se somos 135 mil habitantes, você deve estar entre a fila das 400 personalidades que hão de receber a Medalha do Mérito Cultural da nossa satélite. Pense no seu discurso na feira. A ovação!

— E se essa ovação for de ovos? Uma chuva? Melhor sair correndo.

Pensei a respeito. Deixo a medalha para o Gilmar, do Gama.

O bom da medalha é que ela é entregue aos vivos. Então você pega a medalha e a morde como um osso. Haja ossos para tamanha fila de raças e pedigrees.

Pô, fiquei pensando: e se forem atrás de informações e descobrirem que passei dois anos preso por crime de sonegação? Está nos livros, mas tenho medo de passar o resto da vida respondendo sobre esse assunto.

E se eu disser que me sinto como o Saara, o maior deserto quente do planeta? Que abracei a ilusão do sem sentido? Que me tornei a mácula do infortúnio e um pregador da incredulidade?

E se acharem o número da besta no meu WhatsApp?

E se aquele repórter viado, da EBC, aparecer de novo para perguntar se assisti a shows de todas as bandas pioneiras do DF? E eu responder que sempre estava doido e só me lembro dos shows do Patorroco e dos Pioneiros da Borracha. Os piores da minha vida?

Minha foto sairia no Jornal da TV e depois seria usada para embrulhar pencas de bananas.

Agora eu seria como Rogério, aquele cara da página de memórias de Brasília. Seria o influencer da hora. Meu perfil iria bombar. Tantos pedidos de amizade de gente que eu nem sabia que existia.

Falariam dos meus 40 anos de fã profissional do rock.

— Dos seus grandes feitos?

— Pô, no momento, só me lembro dos defeitos.

Lembrei que fui ao show do Metalmania, quando os fãs cuspiam nos longos cabelos do vocalista, e que andei a noite toda, enjoado, para casa.

Que fui uma pedra nas chuteiras de muitos craques.

Lembrei dos baseados com Lobão, Arnaldo. E foram tantos... Das batidas da polícia. De Jota Pingo pregando a revolução do amor livre em cima das mesas no Conic. Das unhas ainda grandes de Zé do Caixão enquanto curtíamos um som pesado do Sepultura no Butiquim Blues.

De tanta gente ainda viva que vivia a arrepiar.

É claro que tamanha glória me trouxe até você. Meu nome na rádio comunitária. Meu nome em edifício. Em faixas. Aqui...

E entra aquela ovação do disco do Ringo Starr, tudo ao vivo no estúdio, sem truques.

Eu me sentiria como um candidato ao nada. Ao mais improvável, com a maior das vaidades estampada na boca, como um batom de Coringa.

Ha ha ha!

— Muito bom, Mário Pacheco. Valeu.

— Você é o cara.

— Ele é maluco demais.

E as palmas em turbilhão.

Que viagem!

Em 2014, Mário Pacheco recebeu a comenda cultural do Ferrock!, no P. Norte. Por isso se julga um cidadão ceilandense.

11 de julho – A volta de Os Cínicos

Da família Banda Mais Lama nasceu o mais novo rebento da guitarra: o menino Murilo, destroçando as cordas em sua guitarrinha de plástico.

O garoto promete!

O rock anda tão podre que estou preparando minha volta ao cenário. Anda tão cosmético que já nos copiam, reagrupam bandas com os mesmos músicos, trocam apenas o nome e continuam tocando a mesma baba. A novidade agora é o antirrock. Do certinho Bruno Z à ofensiva Lama Neles.

O antirrock é mínimo em todos os sentidos. Sem demagogia, só no grito. As caixas produzem uma sinfonia de interferências e zumbidos, em volume baixo ou alto. Os microfones permanecem emudecidos. A bateria não tem pressão nem para um peido. E a coragem? Coragem é resistir ao medo e às circunstâncias. Não foi isso que enfrentamos a vida toda?

Quer tocar? Quer pintar? Vamos de conluio. Se é para beber, procure um bar ou vá à festa de 60 anos do Jonas – mas leve a birita. Ih, não me dê motivos. Dê-me colaboração, esperança. "Seja marginal, seja herói."

Ih, rock pomposo? Festival trivial? Galera? Agitação? Você ainda é adolescente? Kkk. Está vivendo do passado, tomando chá de berço? Está procurando em mim o maluco que um dia foste? Meu caro amigo, seu dia está em desacordo com a vida de Jim Morrison e com aquelas biografias dos Stones. Mick Lábios de Borracha Jagger não declarava que deixaria de cantar Satisfaction depois de 1983?

Rock sem capim, igual ao gado. Rock com medo do convidado. E o que mais aprecio é que você não foi convidado para a festa de ontem.

Fé e revolução no rock. Exemplares quase extintos. Vamos pegar o Blavis, A Banda Mais Lama e Bruno Z. E barbarizar como fazíamos quando começamos a tocar nos botecos, há quarenta anos.

Ontem, em Taguatinga, lembrei que, quarenta anos atrás, vimos a Legião Urbana ali mesmo, só que do outro lado da rua. Aqueles prédios não existiam. Eu nem sabia se chegaria em casa à noite ou de manhã.

O rock faz dessas coisas. Faz alguém pegar a última nota de cinquenta contos e comprar uma camiseta. O bom do rock é ter fãs: gente gritando seu nome, abraçando você, pedindo fotografias. Gordo assim e careca, sinto-me o rei do rock, o real e único Elvis Pacheco. Uma salva de palmas!

Toda aquela alucinação de Syd Barrett. Toda a minha convivência com os malucos. Todos aqueles músicos sonhadores que vimos ontem.

Os vivos mostram a cara. Os mortos me seguem como almas penadas pelas redes sociais.

13 de julho – Dia do Rock

Dia do Rock, né? Tomei minha dose diária de indignação, abastecida por notícias de credibilidade duvidosa, validade vencida e urgência fabricada. Nem estava pensando em escrever uma rápida crônica sobre rock. Afinal, desde 1982, quando comecei a escrever

sobre o assunto, o rock continua sendo o mesmo artigo: um veículo capaz de despertar talento, vida, harmonia e liberdade. Uhhh!

Ainda estou a fim de um tênis invocado, um bom jeans, uma camiseta multicolorida com prismas psicodélicos e meus óculos escuros. Tipo Jack Nicholson. Na escola que cultuo, Paul McCartney e Ozzy Osbourne são doutores honoris causa.

O Ferrock foi rock. Arrecadou alimentos para abastecer a mesa de várias famílias. Desse rock, senti-me honrado. Havia nele um sabor de luta, nas ideias e no palco.

Lá de cima, Rolando Castello Jr., ao microfone, disparou:

— Este é um festival em que o Capital Inicial jamais tocará!

Era uma piada provocativa, uma maneira de dizer que não esperassem por aqueles ídolos por ali e que permanecessem conosco. É claro que o público foi ver as lendas. As lendas sobrevivem, mesclando integrantes. São filhas-células de um mesmo material genético. O tal do DNA.

Os omissos do Capital Inicial voltam a estampar manchetes, agora numa espécie de retorno triunfal, depois de se afastarem do apoio público à Lava Jato. O arrependimento é natural, mas justo no Dia Mundial do Rock? Soa como extração de dente sem anestesia, daquelas que a gente fazia com um cordão amarrado ao dente de leite.

Esta é minha colaboração ao Dia do Rock: que ele jamais tome juízo e continue tomando partido dos fracos e oprimidos.

Essa é a minha relação com o rock. Ir a shows, comprar camisetas, fazer fotografias com capas de discos. Mas, para mim, a melhor ação continua sendo falar de música em geral com quem entende, comenta e fala pelos cotovelos.

Nada mais do que um comportamento antissocial, presente desde o gordinho Bill Haley, passando pelo topetudo Elvis Presley e chegando a Oswaldo, do Made — este, sim, um dos nossos heróis mais ativos. Algo como aquela trinca formada por Little Richard, Chuck Berry e Bo Diddley. E não me esqueço de O Matador, o clássico Jerry Lee Lewis.

18 de julho — Sem muita convicção ou conexão

Ontem, em horário nobre, a GloboNews dedicou longos minutos a uma entrevista sobre o rock de Brasília, com Philippe Seabra e Dinho. As imagens foram colhidas no Plano Piloto. Gostei especialmente das tomadas embaixo da Torre de TV. Do arquivo, vieram imagens da Legião Urbana ainda como trio.

O que me chateou foi o apagamento, nos livros oficiais, da apresentação da Legião no Cave, no Guará. Também não mostraram uma única placa de cidade-satélite. Pouco antes, eu havia escrito mais uma matéria para bradar por atenção.

Nessa idade, ocupo-me de escrever desatinos todos os dias. Minha matéria foi uma cortesia. Não posso importunar pessoas sérias e dedicadas com o estilo Brazza: "Filmem o meu sonho".

Na hora do almoço, expus meu delírio a um amigo de quatro décadas. Pedi que prestasse atenção ao enredo, ao absurdo e à urgência de fazer isso enquanto as pessoas ainda estão de pé. Ele se sensibilizou e soltou: "É UMAS..."

Assim surgiu o nome provisório. Ele também disse que poderíamos usar áudios inéditos. Perguntaram-me se Rênio Quintas era roqueiro. Pô, Rênio é o maior roqueiro, do progressivo ao jazzístico. Desde os anos 1960, o Matuskela toca "Whole Lotta Love".

Marciano Sodomita surgiu no Guará em 1977. Então quer dizer que havia algo de podre no rock do Guará?

Ainda lembrei que o Cruzeiro era um polo cultural, com a Aruc e o Sepultura. Havia fusão, Extremo, Nirvana; o heavy metal era febre nos videoclipes. Tive de falar de Mob Rules, Diary of a Madman, das turmas de metaleiros do Guará I, do zine Rock Brigade, de Iacanga e de Peter Frampton em Goiânia.

O papel voltou à frase: "É UMAS..." Ri e disse: "É UMA MERDA!" Rimos. Ele ficou de pensar em pegar a câmera, o microfone e o carro para colher depoimentos — inclusive dos meninos do reggae.

Abri mais uma vez minha pobre ideia sobre direitos autorais. A arte sempre será um vício para os frascos e comprimidos.

22 de julho — Sunt lacrimae rerum

"Existem as lágrimas das coisas." Expressão de Virgílio, na *Eneida* (I, 462). Nos grandes infortúnios, até os seres inanimados parecem chorar.

Lágrimas das Coisas é um zine impresso, dobrado e sem grampos, que demonstra como uma publicação também pode se transformar em experiência fílmica. Rebobinando suas páginas, como em experiências anteriores de produtores como a Casa do Incesto e a editora Da Anta Casa Editora, o trabalho embaralha as fronteiras entre o impresso e o cinema, entre a leitura e a imagem em movimento.

O sebo cultural e brechó Xodó da Orfrida está metido até o pescoço na distribuição de livros de autores franceses do século XIX, como Guillaume Apollinaire, Pierre Louÿs e Alfred de Musset. Além de fazer circular essas preciosidades literárias, o espaço organiza suas próprias mostras, participa de feiras de zines e mantém acesa a chama das publicações independentes.

No momento, também organiza um festival. Mais uma iniciativa que mistura livros, experimentação, circulação cultural e a disposição de fazer as coisas acontecerem fora dos circuitos convencionais.

6 de agosto — O vendedor de ilusões

Uma incrível sensação de liberdade. Repasso os melhores dias dos anos que passei aqui e, o melhor de tudo, não preciso recomeçar do zero. É muita fé e confiança. Seria bom se você descobrisse isso: sem amargura nem queimadura, sem língua tosca, sem arrogância. Apenas a necessidade de estar bem consigo mesmo, livre das drogas, do ambiente do álcool, do cigarro, do vício.

Só a boa necessidade de lavar o barro dos pés. Só a vontade de se afirmar acima de todas as vontades e caminhos. Um triunfo pessoal, comemorado consigo mesmo. Longe de quem não quero e perto de quem quero.

Andei doente. Eles também; nós também andamos doentes. Sofri. Nós também sofremos. É uma falsa confiança a da reflexão. E se você pudesse fazer praticamente tudo o que quisesse?

8 de agosto — Com certeza, ainda hoje não sei ao certo escrever

Com certeza, ainda hoje não sei ao certo escrever. Eu criava, não analisava. Não sabia escrever e fui fazer um livro. Um livro de pesquisa. O tiro saiu pela culatra.

Depois, aprendi pelo menos a editar um livro. Vendê-lo era coisa para a Reader's Digest. Havia palavras erradas, mas havia estilo. Era apenas um livro. E me fuzilaram.

Tinha paixão e informação. Era como um zine. Era como eu queria que fosse. Que experiência!

Musicólogos disseram que as datas estavam corretas. Depois, vieram dizer que o livro era fraudulento. Não havia outra versão dos fatos. Magoei leitores com minhas palavras. Nunca mais permiti um PDF. Nem reedição. Nem redenção.

Estou no quarto livro, a caminho do quinto. Escrevo todos os dias, a todas as horas. Mas não consigo me livrar da sensação daqueles primeiros erros, eternos, grudados em mim como uma condenação.

Se eu fosse escrever hoje? Seria outro livro. O quinto. Um dos Cabeceiras do Inferno.

18 de agosto – Space Rebel

Em adaptação própria: "Sou roqueiro, sou rebelde". Foi com o rock que encontrei meu versículo da resistência.

Ser rebelde é uma característica dos desajustados, dos recusados pela sociedade, daqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos. Cabelos longos, coloridos, som alto, andar em grupo. Descobrir um estilo de vida rebelde para além dos livros. Todos aqueles livros que li tiveram suas ideias colocadas em prática.

Já cruzei longas distâncias de trem. Caminhei pelo fim do mundo – e são muitos os caminhos. Fui do funk proibidão ao baile das estrelas. Perdi empregos e posições. Dificilmente perdi a consciência. Lutei contra a falta de tudo, inclusive de noção.

Sempre me lembro de Dean, de Russo, de Arnaldo, de Joplin, de Dilma e de todos os rebeldes entre os rebeldes do Conic. Contra a dominação do mal. Como aquilo nos fortalecia!

Sempre tive vida de artista. A rebeldia é o que, de fato, nos conduz à liberdade. Aqueles livros beat diziam: viva à sua própria maneira. Quero morrer pregando isso.

Ainda vivo uma vida feliz, mesmo desenganado pelo sistema e assombrado pelo medo da aposentadoria. E você, o que vai fazer?

As pessoas mais velhas são justamente as que mais falam em livre-arbítrio, mas também são capazes de defender o condicionamento de votar pela manutenção dos próprios valores. Quando você afirma sua posição, reivindica a possibilidade de decidir e escolher segundo a própria vontade, sem condicionamentos, motivos ou causas determinantes, acaba batendo de frente.

É aí que aparecem os grandes argumentos: se o PT vencer, haverá guerra civil!

O brasileiro parece não entender que aqui não é El Salvador, nem Nicarágua. Num conflito de interesses, a própria direita pode matar seus pares a sangue-frio. Vão decepar as mãos dos músicos, jogar corpos ao mar, discriminar seus filhos pelo sobrenome. E lá vêm os puxa-sacos do sistema:

– Sabe com quem está falando?

– Vá para Cuba!

É... Mandam para Cuba quem é incapaz de enxergar a pobreza do próprio país. Discutir com essa gente é como discutir com um poste. E não é nada agradável encontrar sua própria cara de procurado num cartaz colado nele.

Ser rebelde é muito mais do que usar palavras. É conferir a própria vida, assumir as escolhas e abrir os próprios caminhos. É não entregar a ninguém o direito de decidir quem você deve ser.

19 de agosto – Perdido em exibicionismos esquizóides

O exibicionismo está nos programas de TV e nas redes sociais. É o gosto por se mostrar, às vezes de maneira exagerada, absurda ou até pela exibição da genitália. Este textinho assume uma comicidade sério-cômica nas autoafirmações.

O questionamento à autonomia, à identidade do cargo, pode se manifestar em comportamentos como a rebeldia. Rebeldia tratada como surto da adolescência. Na idade madura, porém, representa insatisfação. Talvez um distúrbio de autoridade.

É muito complexo equilibrar na balança do cotidiano uma ação descabida de concordância, esse "deixa como está". Talvez sejamos tratados como sonhadores.

Uma coisa que ainda me aflige na vida adulta é ser tratado como ovelha. Amigos inconvenientes não estabelecem uma abordagem com um mínimo de elegância. Seus estatutos estão acima de tudo e, aí, se você discordar...

É assim nas reuniões. Um pacto de concordância pacífica. As pessoas manipuladoras estão em todas as classes. Falam alto, sempre cientes da própria direção. Não respeitam muito quem está no recinto.

De repente, levanto a palma da mão e bato contra a superfície de um móvel. Olham. E eu grito:

– Sextou!

É este o idioma que esse povo entende: o de gritar mais alto quem pode.

O texto era para ser "Blues da caixa de remédio com 20 drágeas". Mas era nojento, com kit de agulhas, muitas passagens de pomadas especiais e sopros de aerossol para abanar o escroto inchado.

Da rótula à coluna. As costas ainda sentem dores. Artrose na bacia. Inchaço nos pés, nos tornozelos e nos joelhos. Que delícia de mal-estar! Que confusão! Que vontade de dormir!

É uma luta só tua. Não é tão complicada quanto as lutas de quem vai operar ou passar muito tempo deitado numa maca. Minha luta é manter a minha dor somente para mim, no meu espaço.

Não quero dirigir. Não quero ir à distribuidora de bebidas. Não quero cantar parabéns. E não sei se algumas pessoas me farão bem.

Imagine se aparece algum convertido ao credo para espalhar fake news sobre o Datafolha?

8 de setembro – A cena reage

Falo por cima da foto de Marcão Gomes.

Rock'n'roll ainda na fase do desespero. É o que vivemos, mas também vivemos da esperança, da vontade de escrever e de abraçar os ideais antes que sejam torturados, silenciados e trancafiados.

Uma nova manhã surge todos os dias. Depois do dia 7, vem o 8 de setembro. A melhor notícia é que o querido e aguerrido artista inovador saiu da UTI. Isso nos alegrou muito.

A muvuca nas imediações do Kareka se expandiu para outra zona. Tudo é breu e sucateamento: lojas fechadas, alamedas esvaziadas. A conformidade e a uniformidade assustam.

Na muvuca, os bardos e os heróis de um tempo carente de cultura. Instrumentos agarrados às costas dos músicos. Taguatinga, "lugar de gente feliz", foi o que pensei.

Ali, vi e gostei dos adesivos nos para-brisas dos carros estampando o 13. Vi decalques nas camisetas, na altura do peito, com os dizeres "Sou professor".

O Kareka ainda é um reduto de militantes da educação. Eles eram parte daquele povo alegre que vi nas mesas.

No palco, os artistas lutavam para dar o melhor de si, enfrentando as limitações. Mas o que valeu foi a presença maciça de quem ama e reconhece a importância de Gersinho.

Nas rodas, conversas jogadas ao relento, fumaça e cerveja. Por um momento, poderíamos esquecer a atualidade e voltar aos nossos dias de luta.

A cena reage. E dá orgulho.

"Todos" estavam lá, vi: Luís Eduardo, Celião, Robson, Marcelo Marssal. Falei com Júlio e Azenha, apertei mãos e dei boas-vindas.

E veio o convite maroto:

— Estaremos no Manifesto Sonoro?

He, he, he... Pode ser. Só que agora só dou rapidinhas. Passo os olhos famintos por amor, compreensão e rock.

Que Gerson se restabeleça o mais breve possível.

16 de setembro — Reaula

Que bicho deu em você? Esse tipo de coisa de fã se espalha por aí. Sempre haverá alguém perseverante, ocupado em passar adiante aquilo que considera bom o bastante para ocupar sua cabeça. A dedicação se espalha pelo mundo sem pesar, apenas por diversão, com a satisfação como argumento.

Desenterrando mortos-vivos: tenho medo de ser considerado vagabundo, mas agora não tem mais jeito. Sua situação significa ganhar dinheiro; sem grana, você não é ninguém. É preciso ter o vício do dinheiro, que funciona como aspirar cocaína: lavar grana, passar a perna nos outros, ser esperto. Muito esperto.

Ixi, debati-me com isso a vida inteira. O site nasceu para ser enigmático, pretensiosamente enciclopédico. Se fosse um guia natural, talvez as coisas dessem certo de maneiras óbvias — e claramente erradas.

Agora que tive tempo, fui combater as lacunas. Se vários links de vídeos do YouTube caíram, era porque aquelas coisas eram boas, imediatas, e precisavam ser vistas naquele tempo-caos. Hoje, restabeleci as imagens. Senti o estranho prazer de fazer fanzines mesmo com a visão reduzida.

Ainda quero que se foda. Não se deve confiar nesse tipo de fã, assassino das encruzilhadas. Eles não querem mostrar para que servem. O site, mesmo sem aparecer, já enterrou uma porção de ideias melhores — e de pseudomelhores bostas.

Sextou! Se você estiver de cara, abra bem os olhos e a mente.

Fechamento — O que 2022 deixou

O desencanto com a cena não significa desistência da cultura. Em 2022, questiono a repetição, a falta de ousadia, a dependência de dinheiro e a transformação do rock em

entretenimento previsível. Mas continuo inventando situações, distribuindo livros, participando de documentários, frequentando shows e registrando músicos.

O rock deixa de ser o único território possível. A música de Brasília aparece em outras vertentes, com Marizan, Vânia Bastos, Márcia Tauil, Nelsinho e tantos outros. O arquivo do Do Próprio Bol$o continua sendo uma forma de resistência, mas também um lugar de revisão: volto ao que fiz, recupero o que ficou para trás e questiono aquilo que já não me representa.

O luto por Rosângela ainda atravessa a casa e as lembranças. Marizan começa a ocupar um lugar decisivo na reconstrução afetiva. Ricardo Retz reaparece como memória de uma geração de celebração. A escrita continua sendo uma forma de enfrentamento.

Em 2022, o rock não desaparece. O que muda é minha maneira de estar nele. Já não quero determinadas festas, determinados comportamentos, determinadas convenções. O som continua vivendo dentro da minha cabeça, mas a vida exige outras escolhas.

A própria sobrevivência é a vanguarda do rock.

2023 — A VIDA TAL COMO EXISTE

2023 foi um ano de lembranças, encontros, perdas e transformações. O rock continuava atravessando minha vida, mas já não era suficiente olhar apenas para os palcos, as bandas e os personagens de uma cena que eu conhecia havia décadas. Havia também a família, o trabalho, os amigos, os discos, os livros, os arquivos e as histórias que insistiam em reaparecer.

O Do Próprio Bol$o seguia sua trajetória independente, experimentando novos formatos, recuperando memórias e abrindo espaço para assuntos que nem sempre cabiam nas fronteiras do rock. Eu continuava pesquisando, entrevistando, traduzindo, escrevendo e tentando organizar um arquivo que parecia crescer mais depressa do que minha capacidade de colocá-lo em ordem.

Era um período de transformação. Algumas relações se aproximavam, outras se afastavam. Certas lembranças ganhavam novas cores; outras começavam a pesar. A vida tal como existe, sem retoques e sem a obrigação de produzir uma narrativa edificante.

1º DE MAIO — BALAIO, A FAÍSCA DOS CANDANGOS

Acredito que nossa jornada musical começou naquele dia.

Eu tinha a impressão equivocada de que os Candangos eram uma banda problemática, cheia de velhos malucos, e não queria me envolver em conflitos. Por isso, mantive certa distância deles durante um tempo.

Um dia, o guitarrista Balaio apareceu em casa acompanhado de Magu. Era um domingo tranquilo. Ele me contou das bandas por onde havia passado. Ficou claro que era um músico experiente, maduro. Por acaso, sentou-se ao meu lado, e tomamos um café diferente.

Naquele momento, senti a energia que ele canalizava para a guitarra. A partir dali, passei a gostar muito dele.

Curiosamente, nunca consegui assistir a um show dos Candangos fora da minha casa. O último show deles com Balaio foi no Zepelim. Apesar das dificuldades, tocaram duas vezes aqui. A última apresentação foi puro rock'n'roll.

Balaio passou a fazer parte do nosso cotidiano. Tocava algumas músicas acústicas, e minha companheira cantava com ele ou lhe passava canções para aprender os acordes. Não voltou mais vezes porque não sabia como chegar.

Era um homem autêntico, com seus chavões repetitivos — “na moral”, “podes crer”. Com ele, não havia tempo ruim. Só simpatia.

Fizemos um videoclipe juntos. Naquele momento, tratei-o muito bem, ligando um amplificador reserva para que pudesse se ouvir. Ele ficou feliz. Para mim, Balaio era como Keith Richards, acendendo a faísca dos Candangos.

Agora que está do outro lado do universo, desejo que esteja na companhia de tantos outros músicos queridos que nos deixaram, espalhando seus acordes e servindo eternamente ao rock'n'roll.

23 DE AGOSTO — ROCK DE SEIXAS: PAPÉIS DE ONTEM

Há dez anos, Julimar começou a pintar a casa e espalhar pelas paredes um conjunto de imagens que recuperavam as memórias mais agradáveis do nosso inconsciente. A casa foi ganhando outra pele, uma espécie de arquivo afetivo feito de cores, figuras e lembranças.

Também são dez anos desde a morte de Ray Manzarek. Naquela noite, tocaram “Roadhouse Blues” sem teclados, sustentados apenas pela magia dos The Doors, que continuam presentes em nossas vidas. Às vezes, uma música permanece mesmo quando falta um de seus elementos fundamentais. O que fica é a memória, a pulsação, a vontade de continuar tocando.

São dez anos das tardes divertidas de cineclube, dos amigos queridos e dos nossos animais por perto. Uma época em que a vida parecia se organizar em torno de encontros, filmes, discos e conversas que não precisavam terminar depressa.

Foi também naquele período que comprei meu único carro zero-quilômetro até hoje. No final do ano, nos despedimos de Alexandre Renato, que foi assistir ao Black Sabbath em São Paulo.

Bem, Julimar, para marcar essa data, poderíamos tomar vinho enquanto colamos papéis de ontem. Talvez seja saudosismo, mas tenho plena consciência das imensas diferenças entre aqueles dias e os dias atuais.

Não se trata apenas de sentir falta do passado. É perceber como as relações mudaram, como os encontros se tornaram diferentes e como certos ambientes, antes cheios de possibilidades, passaram a carregar outras atmosferas.

Os papéis continuam aqui. As imagens também. E talvez seja justamente por isso que ainda vale a pena reuni-los, colá-los e olhar para tudo com a consciência de quem sabe que o tempo não volta, mas deixa vestígios.

9 DE OUTUBRO — TRANSFORMAÇÃO ENQUANTO O TEMPO E O VENTO SOPRAM

O Do Próprio Bol$o também atravessava um período de transformação. O novo layout, a aproximação com o formato de jornal, as matérias traduzidas, os anúncios de shows em Brasília e os textos literários faziam parte de uma experiência editorial que não pretendia ficar parada.

Experimentávamos novas ferramentas, inteligência artificial, redes sociais, universos virtuais e tradutores. Não se tratava de abandonar o que havia sido construído, mas de encontrar outras maneiras de continuar publicando e mantendo vivo um arquivo que crescia desde muito antes da existência das plataformas atuais.

O site permanecia independente, sem investidores e sem a obrigação de agradar a quem quer que fosse. A transformação acontecia enquanto o tempo e o vento sopravam.

10 DE OUTUBRO — ASSASSINATO, ASSALTANTES E ROTTWEILERS: HISTÓRIAS DO MEU MELHOR E PIOR APARTAMENTO

A publicação das lembranças de Thurston Moore, do Sonic Youth, sobre sua vida em Alphabet City, Nova York, em 1978, abriu espaço para uma reflexão sobre as raízes da minha própria escrita.

As revistas foram minhas primeiras passagens para outros continentes, outras casas de shows e outros ambientes. Eu viajava por meio das páginas, conhecia personagens e lugares sem sair do Guará. A leitura me permitia atravessar fronteiras e construir um repertório que depois apareceria nas minhas próprias histórias.

Também me lembrava de Sid Vicious no subúrbio do Guará. A distância entre Alphabet City e Brasília não impedia que certas experiências se aproximassem. A memória de outro sujeito podia despertar lembranças minhas, assim como uma fotografia, uma revista ou uma música eram capazes de abrir portas para um passado que parecia guardado.

A tradução integral do relato de Thurston Moore pertence ao arquivo musical e literário do Do Próprio Bol$o. Aqui, interessa sobretudo essa aproximação entre a memória de um músico e a formação de um sujeito que aprendeu a escrever olhando para o mundo através das páginas das revistas.

22 DE OUTUBRO — A PRIMEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL LIVRE DO ROCK EM BRASÍLIA

O rock também começava a ocupar outro espaço nas minhas preocupações. Já não bastava registrar shows, bandas e personagens. Era preciso discutir as condições de existência de quem produzia música autoral.

A primeira Conferência Nacional Livre do Rock, realizada no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, colocou em debate uma minuta de documento voltada à organização das demandas do segmento. Os seis eixos temáticos abordavam questões como financiamento, capacitação, integração comunitária e políticas públicas.

Participaram desse processo João Mancha, Marcos Pinheiro, Ivonete, Marco Gomes, Paulo Atos, Alexandre Magno, Eliane de Castro e Daniel Gerber. Também houve homenagens a Fejão e Ricardo Retz.

O encontro representava uma mudança de perspectiva. O rock não aparecia somente como memória de juventude, atividade musical ou entretenimento. Era também um segmento cultural que precisava ser reconhecido, organizado e contemplado pelas políticas públicas.

31 DE OUTUBRO — REFLEXÕES CONTÍNUAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS

A passagem do tempo também se manifestava dentro de casa. Os aniversários dos filhos, as conversas, as diferenças de geração e as tentativas de acompanhar o mundo que se transformava faziam parte de uma reflexão contínua sobre a relação entre pais e filhos.

A lembrança de Jack Kerouac, a observação da filha sobre o ChatGPT e a convivência com o filho do meio se misturavam à dificuldade de encontrar tempo para ouvir CDs. A tecnologia avançava, mas as relações humanas continuavam exigindo atenção, disponibilidade e escuta.

Eu também pensava na minha independência editorial, nos livros fora de catálogo, na criação de PDFs e no projeto de organizar um livro volumoso sobre minha vida e a história do rock em Brasília. Havia muito material acumulado, muitas histórias e uma dificuldade permanente de transformar arquivo em livro.

O trecho chamado “LABIRINTO” guardava outra lembrança: uma noite confusa, atravessada por experiências de juventude e pelo rock. Era mais uma dessas passagens em que a memória não se apresenta em linha reta. Às vezes, é preciso aceitar o labirinto.

18 DE NOVEMBRO — DF: PUNK ROCK SEM ESPAÇO PARA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Na QE 26, no Guará 2, encontrei uma noite de punk rock com A.R.D. e Detrito Federal. Eu precisava de uma pausa diante das notícias desagradáveis, de uma oportunidade para sair de casa e respirar outro ambiente.

O público, a energia das bandas e o caráter político das letras davam à noite uma intensidade particular. Palestina, antifascismo e indignação também estavam presentes naquele universo. Não era apenas uma apresentação musical: havia uma atitude, uma posição diante do mundo.

Mesmo com minhas críticas à cena e ao circuito musical, ainda encontrava motivos para sair de casa e me entusiasmar diante de uma apresentação. A música continuava sendo capaz de produzir uma espécie de limpeza interior.

Saí com a alma lavada e o corpo suado. Às vezes, é disso que a gente precisa.

13 DE NOVEMBRO — UMA EXPERIÊNCIA SONORA DOS MOODY BLUES

“Estávamos brincando muito com sons”, lembra Thomas, “e descobrimos que, se você levasse um Si bemol tão baixo que mal pudesse ouvi-lo e o virasse ao contrário, a pulsação faria com que você perdesse o controle dos intestinos. Então pensamos: não seria ótimo se colocássemos isso no final de *In Search of the Lost Chord*? Ninguém poderia ouvir, e todo mundo se cagaria! Mas os poderes da Decca disseram que não podíamos fazer isso, pois era altamente perigoso. Depois, enquanto brincávamos no estúdio, Tony atravessou a sala e, de repente, aquilo o derrubou como uma pedra. Acertou-o no pescoço! Pouco depois, as pessoas começaram a experimentar as 'bombas sonoras', mas nós já estávamos fazendo isso meses antes.”

A história é uma daquelas curiosidades que fazem parte do universo da música: experiências de estúdio, sons levados ao limite e a imaginação de músicos que nem sempre sabiam onde suas brincadeiras poderiam chegar.

23 DE NOVEMBRO — TUCA, DO EXTREMO: O ROCK BRASÍLIA FOI EXTRAORDINÁRIO! FENOMENAL!

A entrevista com Tuca recuperou uma parte importante da história do rock de Brasília. O músico falou de suas influências, do Rush, de Renato Russo, de Jota Pingo e do baixo vermelho emprestado para um show do Extremo.

Também vieram à tona a quitinete na QE 13 do Guará, as histórias da banda, a composição de “Viciado”, os shows, as diferentes formações e os caminhos percorridos pelo grupo.

Mais do que uma entrevista, era uma oportunidade de reencontrar personagens e episódios de uma história que ajudei a documentar. O trabalho de pesquisa não termina quando uma banda deixa de tocar. Há músicos, histórias, fotografias e lembranças que precisam ser recuperados antes que desapareçam.

O rock de Brasília foi extraordinário. Fenomenal! E ainda havia muito a contar.

---

21 de dezembro

A VIDA TAL COMO EXISTE

2023

Houve um tempo em que trabalhei na Central de Bibliotecas e, por motivos essenciais para mim, embora nem tanto para os demais, nunca conseguia chegar no horário. Compromissos como buscar a criança na escola e enfrentar o trânsito durante o almoço transformavam minha pontualidade numa missão impossível. Como resultado, uma pequena fila de usuários com livros nas mãos começava a se formar no corredor, chamando a atenção da funcionária mais antiga do setor e do chefe, um gaúcho que anteriormente havia sido agente da Polícia Federal.

Minha chegada diária se transformava num pequeno espetáculo teatral. Ao entrar na biblioteca, abria a porta, acendia as luzes, abria as janelas e ligava os computadores usando a senha do setor. Para manter as aparências, precisava representar o papel de um funcionário relapso, sem muita expressão ou sinal de inteligência, como se fosse apenas mais um burocrata há muito enraizado naquele ambiente.

Perto das cinco da tarde, quando finalmente atendíamos ao último usuário e nos sentávamos um pouco para organizar a confusão mental do dia, fui surpreendido pela visita inesperada de um amigo. Ele exclamou:

— É aqui que você se esconde!

Sem saber se aquilo era um pesadelo ou a realidade, levantei abruptamente da cadeira, atravessei a portinha do balcão e o retirei da sala pelo braço.

Já do lado de fora, fiz duas perguntas, sem rodeios:

— O que aconteceu? Quem morreu?

Surpreendentemente, ele respondeu:

— Nada disso. Estou precisando de uma grana e vim lhe vender meu computador novo.

O tal computador novo era um modelo sem potência, comprado nas Casas Bahia, com programas instalados de procedência duvidosa. Sabendo que a máquina não valia mais nada, recusei a oferta:

— Não posso comprar nada. Não tenho dinheiro. Não insista. Agora vamos, falta uma hora para o turno acabar.

Quando voltei à biblioteca, meu chefe, o gaúcho grande e branco, perguntou:

— Quem era esse cara?

Respondi com franqueza e certa melancolia:

— Meu amigo, um amigo do Conic. Veio me vender um computador usado.

Surpreendentemente, meu chefe aceitou a explicação. Talvez tenha percebido que eu também era uma vítima das circunstâncias.

Hoje, a situação pode parecer uma piada grotesca, mas, na época, foi o suficiente para me fazer cogitar ingressar na Igreja Universal. Tantas eram as reviravoltas e surpresas da vida cotidiana que até uma conversão religiosa parecia uma saída possível.

Uma das experiências mais reconfortantes do mundo é aproveitar uma cachaça num boteco, em dia ensolarado, de óculos escuros, com a mente envolvida em emoções e filtrando a paisagem enquanto vultos estranhos aparecem. De repente, ouço alguém chamar:

— Oi, Pacheco! Você poderia ser meu avalista num empréstimo no Banco de Brasília?

— Olha, querida, sei que você é uma pessoa honesta e esforçada. Só que, no momento, já tenho três empréstimos descontados em folha e não disponho de margem para contrair outro — respondo.

Providencialmente, aproveito a desculpa da hora do almoço e abandono a mesa como uma mosca tonta.

Poucos meses depois, descubro que o pagamento da pessoa envolvida no empréstimo havia sido suspenso, com bloqueio judicial por falta de pagamento. Recebo então uma mensagem tocante e repugnante:

— Estou sem água, sem papel higiênico, sem trabalhar, sem passagem de ônibus, sem pagamento do mês. Fui bloqueado. Por favor, faça um Pix de qualquer valor.

NATAL DOS MALAS

Almeida era um vendedor ambulante que percorria ruas e praças oferecendo seus oratórios tríplices, esculpidos em madeira de lei. Às vésperas do Natal, estacionou no bar para relaxar e jogar conversa fora. Era conhecido por ser amigável e espirituoso, alguém que jamais imaginaríamos capaz de passar os outros para trás. No entanto, foi justamente isso que acabou acontecendo com ele.

Depois de muita conversa animada, Josef conseguiu convencer Almeida a vender-lhe o oratório fiado. Alegou que seria um presente para sua nora, devota de Santo Antônio — fosse o santo casamenteiro, o do milagre dos pães ou ambos.

Depois do Natal, Josef desapareceu. Talvez tenha deixado o Distrito Federal para se esconder em algum lugar. E o pobre Almeida, dia após dia, aparecia no Conic à procura de Josef, o desaparecido.

Num desses dias, Almeida me encontrou para contar a história e acrescentar um novo capítulo: havia vendido a peça a crédito porque Josef garantira que eu seria o avalista e que ele poderia confiar em mim.

Ao ouvir aquilo, fiquei irritado:

— Não me envolva em suas tramoias. Não tenho nada a ver com isso. Devia ter me consultado. Dá vontade de te colocar na cadeia. Não vou pagar por nada além das contas de mesa que já pago.

Almeida murchou diante da minha reação e nunca mais voltou a ser aquele sujeito sorridente comigo. Evitou o Conic por cinco anos, e eu nunca tive coragem de perguntar se havia recebido o dinheiro. Quanto a Josef, apareceu depois com uma conversa mansa, pedindo ajuda para conseguir emprego no sindicato. Não tive coragem de tocar no assunto. Afinal, eu não sabia quem era mais problemático, se ele ou Almeida, e não estava disposto a bancar o trouxa.

Nas noites de sábado, costumávamos carregar um LP debaixo do braço para curtir as festas. Eu passava uma goma no cabelo, dava brilho nos sapatos e cuidava da camiseta, que não era um artigo tão abundante naquela época.

Numa dessas ocasiões, o som rolou na casa do Alfredo, e levei *In Rock*, um LP com um encarte incrível.

Por descuido, esqueci o disco por lá. Poucos dias depois, percebi que havia desaparecido da pilha na sala do Alfredo. Quando perguntei pelo LP, ele apenas comentou que o irmão havia mexido nos discos.

De maneira sorrateira, retirei uma edição original de *Pra Iluminar a Cidade* da pilha e a coloquei do lado de fora da janela. Depois, troquei o disco num sebo e consegui repor o *In Rock* e outros LPs.

Anos se passaram. Na Vila Planalto, encontrei novamente o irmão do Alfredo. Para minha surpresa, ele me contou que meu *In Rock* estava na casa do irmão, mas que não havia visto o *Pra Iluminar a Cidade*.

Fiquei completamente surpreso com o reaparecimento do meu LP tantos anos depois. Até hoje, porém, não tenho notícias sobre o paradeiro do disco de Jorge Mautner e nunca mais cheguei a vê-lo.

O Conic havia se transformado num aglomerado de pessoas sem escrúpulos. Antes do encerramento do expediente, tornara-se hábito tomar uma cerveja no início da noite de sexta-feira. Era preciso agir com rapidez: no máximo duas cervejas antes de voltar para casa, sob o pretexto de escapar de um trânsito mais intenso. A persistente fragrância de cerveja impregnava a atmosfera.

Enquanto permanecia à mesa, divagava sobre quantas parcelas ainda faltavam para quitar o carnê do carro. A cada quatro anos, renovávamos o boleto para adquirir um carro de segunda mão um pouco mais novo, já que o anterior não suportava mais as exigências do cotidiano.

Foi nesse momento que um "investidor" se juntou a mim. Era um homem jovem, eloquente e ansioso para discutir oportunidades de investimento.

Estávamos no auge da década de 1990, quando os esquemas de pirâmide começavam a se proliferar. A fórmula consistia em colocar o próprio nome na última linha de uma lista e enviá-la adiante por e-mail, até que o nome alcançasse o topo. O segredo era não quebrar a corrente. Nunca soube se as pessoas aderiam àquilo para saldar dívidas ou como uma forma desesperada de pagar o aluguel.

Ouvi a história com total desdém. Por fim, sem dizer uma palavra, chamei o garçom e pedi a última rodada. O orador, visivelmente frustrado, levantou-se abruptamente da mesa e saiu gritando que eu não queria ser um homem rico.

Não faço ideia de como começou essa história de me chamarem de "empresário" musical. Nunca imaginei que minha paixão por comprar LPs pudesse me conferir tamanha estima.

Lembro-me claramente de um jovem entusiasmado que se aproximou para falar sobre sua banda, embora mal soubesse afinar os instrumentos. Mais uma vez, ouvi a mesma história, baseada na lenda viva de Renato Russo, o icônico líder da Legião Urbana, que ainda estava entre nós naquela época.

A curiosidade me levou a perguntar que tipo de música fervilhava na cabeça daquele aspirante a músico. Em diversas sextas-feiras, nos encontrávamos, e ele divagava comigo sobre o complexo mundo da música.

Em meio às conversas, sugeri que poderia ajudá-los. Expliquei que havia em casa um palco com um tablado um tanto precário, mas cheio de energia, onde poderiam ensaiar, se quisessem. O desafio seria chegar até lá. Todo o transporte, equipamento e som ficariam por conta deles. Claro, também pedi que trouxessem o próprio lanche.

O jovem músico deixou de me importunar. Saiu do local aos berros, acusando-me de não querer "investir" na banda porque eu não patrocinaria os instrumentos nem os ensaios.

Naquele momento, senti como se tivesse perdido a oportunidade de descobrir o próprio Gengis Khan.

Em casa, havia uma estante dedicada aos livros emprestados, entre eles um exemplar de *Empreendedorismo para Visionários*. Eu lidava com empréstimos e débitos referentes às diárias de trabalhadores braçais, conhecidos como "oreias".

Certa vez, recebi a visita de um amigo lojista do Conic, que insistiu em levar o livro, mesmo depois de eu avisar que aqueles exemplares pertenciam a outras pessoas. Aquilo contou como um ponto negativo para ele. Observei sua audácia com desagrado.

O sujeito buscava expandir o negócio e procurava um “investidor”, enquanto eu estava preocupado em sair para comprar café, açúcar e Danone. Naquele sábado, o único prazer de que não abri mão foi ler a *Folha de S. Paulo*.

Percebi que o empresário estava ansioso para mudar o rumo da minha vida. A partir dali, segundo seus planos, eu perderia os fins de semana livres, independentemente da minha vontade.

Como a conversa não avançava, deixei a casa e fui até o espaço da parceria. Era um lugar pequeno, sem paredes, onde a poeira se espalhava por um ambiente que deveria ser hermeticamente fechado para a impressão de camisetas.

Mostrei o espaço e concordei em cedê-lo, desde que ele assumisse os custos e instalasse uma pia com água. Deixei claro que não pretendia me aventurar naquele empreendimento. Precisava cuidar da minha família.

A conversa se extinguiu como uma vela ao vento. Eu já estava preocupado com a lista interminável de atividades destinadas àquele espaço, que também era um palco. Começava a lamentar ter insistido em mantê-lo ativo e vibrante.

Os Los Bonitos eram um notável trio pós-punk, com habilidades musicais excepcionais. Como éramos vizinhos, trocávamos informações sobre música diariamente. Eles estavam ávidos por oportunidades de serem empresariados.

A dinâmica mudou quando apareceu um empresário bem diferente deles, um pouco mais velho. Confesso que senti ciúmes. Pela proximidade que tínhamos, pensava que eu era uma espécie de quarto integrante dos Los Bonitos.

Sem dar muitos detalhes, eles assinaram a papelada e seguiram em frente. Havia, porém, algo estranho naquela história. Não fui eu quem levantou a lebre sobre os hábitos do empresário, que, coincidentemente, trabalhava com bandas de pagode na região de Samambaia. Eu o reconhecia das festas do Clube da Saúde.

Um dia, ouvi alguém chamar:

— Mário, chama os Los Bonitos!

A resposta foi que eles já não tocavam de graça: agora tinham empresário.

Os Los Bonitos subiram rapidamente. Apresentaram-se em festivais, danceterias e shoppings, chegando a participar de festivais fora do Distrito Federal. Tudo parecia caminhar bem. Preparavam um videoclipe e já apareciam na TV e nos jornais.

Meu último contato com eles aconteceu por meio de um convite para a festa de aniversário do baixista. Foi uma comemoração grandiosa, cheia de pessoas bonitas — os novos amigos —, cerveja e comida em abundância. A empolgação estava no ar.

Mas, assim como subiram, os Los Bonitos acabaram descendo. O que sei é que nunca mais ouvi ou li notícias da banda. Talvez tenham seguido outros caminhos ou, como comentei na época, “devem ter passado em algum concurso”.

A reviravolta veio quando descobri que o empresário havia fugido com todo o dinheiro da banda e nunca mais fora localizado.

Trinta anos se passaram. Os Los Bonitos tentaram ensaiar um retorno com um novo baterista. A pergunta era inevitável: vocês iriam competir por espaço com as bandas atuais, enfrentar a espera para tocar e ainda investir dinheiro do próprio bolso?

Quando mencionei que não tinha instrumentos, microfones, luzes ou caixas, eles perguntaram:

— Como você faz esse rock do próprio bolso?

O Garçom, um homem branco de meia-idade, circulava de um lado para o outro no submundo. Se você se sentasse num bar suspeito para pedir uma cerveja, ele aparecia do nada, como se fosse seu anjo salvador ou o diabo à espreita de sua alma.

Esses bares geralmente ficavam em subsolos ou saunas. Entre esses extremos, havia também um depósito de revistas, e eu costumava revirar aquele baú.

Num determinado momento, o Garçom, que mais parecia o Chefão, uma espécie de Tranca Rua associado à proteção, à justiça e à sabedoria, surgiu na viela. Alertou as garotas de programa de que aquela noite não seria segura: haveria um arrastão da Polícia Militar.

Mesmo em meio ao frenesi do desejo e ao vício em cocaína, as meninas se alinharam para o ponto noturno. Infelizmente, as poucas trabalhadoras da noite acabaram arrastadas para o presídio feminino conhecido como Colmeia. Assim se encerrou o ponto de prostituição naquela viela.

O Garçom era considerado um protetor. Se você estivesse envolvido em algum ato profano, como “dar um tapa” ou “fazer sexo no estacionamento”, ele certamente apareceria para colocar as coisas em ordem. Era melhor evitar esse tipo de comportamento naquelas redondezas.

Numa noite, estávamos à mesa do bar da esquina. Quando alguém se aproximava do balcão para pedir uma dose, eu nunca negava pagar aquele aperitivo. O Garçom, ou Tranca Rua, apareceu para uma conversa rápida e fez uma previsão:

— Vai aparecer um homem jovem, com cara de estudante, e vai pedir carona a vocês. Não deixem esse sujeito entrar no carro.

Estávamos atentos ao programa de observação do governo sobre dependentes químicos. Também sabíamos que havia traficantes tentando se aproximar das mesas com histórias do tipo “você está sumido” ou “você sabe que tem crédito na casa”.

Fomos ao bar da esquina para nossa peixada, e uma generosa nota de cinquenta reais cobriu tudo. Como previsto, apareceu um rapaz pedindo carona para a 109 Sul. Ficou ansioso e, em pouco tempo, tornou-se insistente.

Como eu era o único da mesa que tinha carro, percebi que o pedido era dirigido a mim. Com trejeitos ousados, virei para ele e disse:

— Aqui estão dois vales-transporte. Ali naquela esquina passa uma linha de ônibus, a Zebrinha, que vai deixar você lá. Vaza!

A mesa ficou surpresa com meu comportamento. Talvez apenas Carlão, o homem mais bem informado do Conic, tenha entendido meu desabafo.

Naquela época, o tráfico de cocaína era considerado crime hediondo e podia levar alguém à prisão por um bom tempo, mesmo quando a pessoa era enquadrada como “traficante privilegiado”.

OUTROS REGISTROS DE 2023

O arquivo daquele ano também reuniu homenagens, pesquisas e publicações sobre músicos e personagens de diferentes gerações. Diane Sward Rapaport e Neal Cassady trouxeram a

literatura beat para perto do universo musical. Vivian Stanshall reapareceu em uma lembrança sobre sua personalidade excêntrica. A despedida de Sam Cutler recuperou a memória do homem que trabalhou com os Rolling Stones.

Jimi Hendrix, o Black Sabbath, Matteo Mancuso, Carla Bley e Connie Converse também fizeram parte desse percurso de pesquisa e publicação. Os Beatles voltaram ao topo das paradas com “Now and Then”, enquanto a homenagem a Celso, guitarrista da Made Brazil, registrou mais uma perda entre os músicos que fizeram parte da história local.

A Black Rainbow apareceu em um ensaio no Sabbarth. A 11ª Feira do Vinil e Cultura no Conic e a 11ª edição do Guia Musical de Brasília documentaram a movimentação cultural da cidade.

Esses registros não são todos autobiográficos, mas compõem o ambiente em que eu continuava trabalhando: pesquisando, publicando, recuperando histórias, acompanhando músicos e mantendo aberto um espaço independente para a memória cultural.

A VIDA TAL COMO EXISTE

Em 2023, a vida cotidiana e o Conic continuaram fornecendo personagens e situações. A família e a passagem do tempo trouxeram outras perguntas. A memória do rock de Brasília ganhou novos depoimentos, enquanto a organização cultural abriu espaço para reivindicações que ultrapassavam a nostalgia.

Balaio foi uma dessas presenças que chegaram de mansinho e deixaram sua marca. Julimar e os papéis nas paredes lembraram que uma casa também pode ser um arquivo afetivo. Tuca ajudou a recuperar uma história coletiva. A Conferência Nacional Livre do Rock mostrou que a memória também precisa se transformar em ação.

O Do Próprio Bol$o continuava sendo meu espaço de experimentação e independência. Não era apenas um site de rock, nem uma coleção de notícias antigas. Era um arquivo em movimento, feito de encontros, traduções, entrevistas, fotografias, lembranças e opiniões.

A vida não se organizava em capítulos bem-comportados. Havia discos desaparecidos, músicos que chegavam para tomar café, filhos crescendo, amigos que partiam, shows que devolviam a vontade de sair de casa e papéis antigos que ainda mereciam ser colados nas paredes.

A vida tal como existe. Com suas faíscas, seus ruídos, seus labirintos e suas histórias ainda por contar.

2024

Rock, amizade, memória, resistência e reinvenção.

2024 foi um ano de transição. Aos 60 anos, com a aposentadoria começando a aparecer no horizonte, a vida doméstica ganhou força como espaço de convivência e produção cultural. A Chácara Pacheco continuou sendo território de experiências musicais, encontros e experimentações. O Do Próprio Bol$o reafirmou sua independência, enquanto a memória dos fanzines, da Legião Urbana e das pessoas que atravessaram minha trajetória ganhou novos capítulos.

Entre os acontecimentos do ano estão a convivência com Marizan, os encontros com músicos, a despedida de Paulo Iolovitch, a lembrança dos velhos tempos do rock e a insistência em produzir cultura sem depender da máquina pública ou de patrocinadores.

20 de abril

A ILUMINADA ANNA CAROLINA ROCHA

Hoje, os paradigmas dos artistas do rock cultuados por nós incluem autenticidade, expressão pessoal, inovação, impacto cultural e performance ao vivo. Além desses, a inclusão social de pessoas com deficiência emerge como um paradigma cada vez mais relevante na sociedade contemporânea. Muitos artistas de rock reconhecem a importância de usar sua influência para promover um mundo mais inclusivo e diversificado, abraçando e defendendo ativamente a igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de suas habilidades físicas ou mentais.

Na longa jornada pelo mundo do rock, que eu sempre sonhei, já suspirei por Elvis e me imaginei apertando a mão de John Lennon. Esses eram os sonhos mais distantes. Porém, ontem, experimentei uma sensação distinta. Arrepiei-me e emocionei-me com a entrada em cena da cantora, compositora e verdadeira roqueira de coração, Anna Carolina Rocha. Gostei dela desde o momento em que repetiu para o público: "Anna com dois ns". Mas quem é essa roqueira da qual nos orgulhamos de chamá-la pelo nome completo?

Na quinta-feira passada, saí da palestra de Juliana Krause, uma mãe ativa, cuja experiência foi compartilhada em *A prática do cuidado: Confissões de uma mãe atípica e feminista*. Embora eu já estivesse familiarizado com o tema, o que realmente impactou foi como Juliana Krause abriu meu coração para compreender o espetáculo *Poesilha: ilha da solidão*, estrelado por uma ativista de doenças raras e deficiências.

Além do impacto inicial visual, onde Anna Carolina Rocha vestia uma camiseta negra cintilante, colada ao corpo, com as palavras "ROCK AND ROLL" em letras garrafais, eu a vi como uma diva vinda de New Orleans, pronta para nos ler as cartas e falar sobre nossos futuros incertos. Para mim, ela era como uma visionária, irradiando um brilho que me remetia a uma cartomante. E, surpreendentemente, o produtor Ruy Godinho, em um texto afiado e preciso, retratou Anna Carolina Rocha como uma daquelas manifestações que só podem ocorrer em um país tão complexo e esperançoso como o Brasil.

Não entrarei em detalhes descritivos sobre a ordem ou os nomes das músicas, mas do caleidoscópio do show emergiram as notas vibrantes das guitarras de Abbel e Lucas Carvalho, enquanto a produção musical do contrabaixista Hamilton Pinheiro permanecia discretamente ao lado da cantora. À direita da vocalista, no Yamaha, estava o tecladista Gregoree Júnior, cujas melodias envolventes destacavam a diferença entre a apresentação ao vivo e a gravação em estúdio. No canto do palco, encontravam-se Deniel Moraes na bateria e Sandro Alves na percussão, este último adicionando um tempero especial, especialmente durante o clímax da música de abertura, "Antimatéria Ambulante".

Anna Carolina Rocha é o oposto da "material girl". De sua garganta fluíam as letras e rimas de sua vida existencial, marcadas e exibidas à flor da pele. Certamente não estávamos ali para perceber esses detalhes, mas sim para testemunhar a coragem e a postura com que a intérprete nos encarava nos olhos, perguntando: "Vocês estão se divertindo?". O momento mais marcante foi quando sua voz rasgou a alma para expressar o sentimento na canção "Get Out", dividida em dois climas que permitiam a explosão dos sentimentos de liberdade. Foi uma pérola.

Anna Carolina Rocha teve o suporte da voz declamada de Siddha Abraxas. Nos poemas recitados por Siddha Abraxas, tivemos a oportunidade de conhecer Anna Carolina Rocha por dentro, compreendendo o que corre em seu sangue e como ela enxerga nossos dias atuais.

Perfeitamente Imperfeita

Ela reconhece e celebra as imperfeições como parte integrante da perfeição:

"Porque estou tão solitária

E parece que ninguém se importa

Porque estou tão solitária

Deixando para trás a irrealidade

Então, por favor, me acorde

Porque estou entrando em um mundo de sombras

Onde tudo é perfeito... ... Menos eu."

Este foi um dos momentos mais cruciais, quando os músicos se conectaram com a melodia e lágrimas escorreram de seus rostos. Na plateia, a emoção era palpável, com as pessoas enxugando discretamente os cantos de seus olhos. Kaialy Guimarães demonstrou maestria e cumplicidade ao tocar o violino.

Ela também apresenta "Espelho", uma música urbana com os vocais de Hákila Souza, seu parceiro musical. Em seguida, o rock "Welcome to the Real World" abre a parte final do show, momento em que a cantora reúne suas últimas forças para empregar os vocais graves. Após o bis, que é uma versão de "Antimatéria Ambulante", Anna Carolina Rocha estende o convite para encontrá-la no saguão após o término do espetáculo.

Acompanhado da cantora e produtora Marizan Fontinele, uma pessoa de alma generosa, foi fácil nos aproximarmos da alegria vibrante de Anna Carolina Rocha. Fomos fotografados por Fred Brasiliense, e tenho esperança de ter essas fotos. Perto dela, o mundo não parava, e nós não parávamos de respirar. Ficou um sentimento de total abertura e a necessidade de uma boa conversa na mesa de uma lanchonete enquanto esperávamos nossos pedidos. Permaneceu a paz em seu olhar calmo após a tormenta de se desnudar diante da mais bela das plateias e produções do Distrito Federal. Eu a abracei, mas não mencionei minha vontade de levar esse show esperançoso de garra, harmonia e desafios para outras cidades.

Queremos expressar nosso agradecimento à cantora e incansável produtora Márcia Tauil/Guia Musical de Brasília, que, com sua sensibilidade, tem proporcionado à nossa cidade momentos musicais tão enriquecedores, ao lado de pessoas de grande alma.

10 de agosto

O FUTURO DO ROCK É AQUI E AGORA!

A Rockinho Sessions, o aniversário do DJ Teka, o fogão a lenha, a organização doméstica, a discussão no grupo do condomínio e as bandas Bleyvs, BandAlheira, Banda Mais Lama e Fim do Mundo. Um retrato da produção independente na Chácara Pacheco, onde a vida cotidiana e a música dividem o mesmo espaço.

20 de setembro

CAMILLA HADDAD: LUZ E MÚSICA EM TEMPOS FLAMEJANTES

Uma sexta-feira de acontecimentos cotidianos, a companhia de Marizan, a fotografia, o lançamento de Camilla Haddad e suas interpretações dos Beatles. A observação urbana, a música e a sensibilidade pessoal se encontram nesse registro.

11 de outubro

PSICODELIA, BLUES, ROCK PESADO E PUNK: UMA TARDE NA CHÁCARA PACHECO

O Rock Miserabilis, a Barbarella, BandAlheira, Asteróide Lisérgico e Alarme. O encontro também registra os 42 anos do fanzine, a história do Do Próprio Bol$o e a independência construída desde 1982. Mais uma demonstração de que a Chácara Pacheco continua sendo espaço de experimentação e resistência musical.

14 de outubro

LIVING COLOUR EM BRASÍLIA: ROCK, ENERGIA E SINTONIA EM 40 ANOS DE HISTÓRIA

Publicado em 14 de outubro de 2024, o texto recupera o show de 2023. A certidão de tempo de contribuição, a proximidade da aposentadoria, Virgílio, Ana Luíza, Marizan, os amigos e o show do Living Colour se misturam num registro familiar e musical significativo. Um acontecimento que ultrapassa a apresentação da banda e se transforma em memória de vida.

19 de outubro

ROCK DE RESISTÊNCIA: A LUTA CULTURAL E A INDEPENDÊNCIA NA CENA UNDERGROUND

Um manifesto sobre a fragilidade da cena cultural, a falta de união, a dependência financeira e a resistência. As apresentações de Altervir Batista, Notórios Desconhecidos, Asteróide Lisérgico, Cida Sann e Torvax compõem o cenário de uma luta que não se limita ao palco.

É também uma declaração de princípios diante do circuito cultural: produzir, experimentar e permanecer independente, sem transformar a própria existência em mercadoria.

18 de novembro

SOB O ARCO-ÍRIS COM PAULO IOLOVITCH (1936–2024)

Um dos registros mais importantes do ano. Mais de duas décadas de convivência, exposições, conversas no Beirute, histórias engraçadas, o documentário e a relação entre dois artistas que seguiram caminhos próprios.

A despedida de Paulo Iolovitch recupera uma amizade construída ao longo dos anos e a memória de um personagem singular de Brasília. Os três episódios finais também fazem parte desse patrimônio afetivo. É a lembrança de um artista, mas sobretudo de uma convivência que não se apaga com a morte.

8 de dezembro

MEMÓRIAS DE UMA TRAGÉDIA

A memória beatle e os acontecimentos que atravessaram a história do rock. Um registro histórico e afetivo que preserva a relação com a música e seus personagens.

16 de dezembro

O PASSADO NAS BANCAS DE DOMINGO

Aos 60 anos, a reportagem do *Correio Braziliense* sobre a Geração Coca-Cola, a fotografia de 40 anos atrás, os fanzines, Bebel, Paulo Kauim e a repercussão entre os fãs da Legião Urbana.

Um balanço de vida e uma reafirmação da minha participação na história do rock de Brasília. O passado reaparece nas bancas, nas fotografias e nas lembranças, mas também na maneira como continuamos contando essas histórias.

20 de dezembro

OBITUÁRIO: NOSSA AMIGA ELISÂNGELA

Hoje, com o coração pesado, nos despedimos de nossa querida amiga Elis, que não resistiu e partiu.

Ela deixa em nós a saudade de sua presença amorosa e a lembrança dos momentos compartilhados com carinho e alegria.

Elis foi uma amiga amada, que tocou nossas vidas com sua gentileza e seu sorriso. Sua partida deixa um vazio, mas seu espírito continuará vivo em nossas memórias e nos gestos de amizade que ela sempre soube cultivar.

Que descanse em paz, sabendo que seu legado de afeto e amizade permanece em nossos corações.

Descanse em paz, nossa querida Elis.

25 de dezembro

EXPERIMENTO: ENTRE SOPAS TROPICAIS E EPOPEIAS MUSICAIS

Natal em casa, Carlos, Márcia Tauil, Virgílio, Ana Luíza e Marizan. A transformação do encontro musical em experimento, a crítica à ideia de projeto, os boicotes, a independência e a preparação de um novo ciclo.

O encontro reúne música, convivência e reflexão sobre os caminhos da produção cultural. É também uma síntese da minha filosofia de vida: não projeto, experimento. A liberdade de fazer sem pedir licença, sem depender de patrocínios e sem negociar a própria identidade.

10 de julho

O LADO SOMBRIO

No universo de *Star Wars*, juntar-se ao Lado Sombrio significa abraçar a raiva, o ódio, o medo e a agressividade como fontes de poder. É a promessa sedutora de conseguir tudo mais depressa, mesmo que o preço seja a própria destruição.

Anakin Skywalker torna-se Darth Vader. Ben Solo transforma-se em Kylo Ren. Suas trajetórias mostram como a busca pelo poder pode afastar alguém dos princípios de compaixão, equilíbrio e altruísmo.

O Lado Sombrio não precisa de convite. Ele oferece atalhos, alimenta ressentimentos e faz acreditar que a força está em esmagar os outros.

No rock, na cultura e na vida, também existem escolhas assim. A questão é perceber quando a energia que nos move deixa de produzir liberdade e passa a servir àquilo que nos consome.

OUTROS REGISTROS DO ANO

Além dos textos autobiográficos, 2024 preserva documentos de memória musical, política e cultural: Armand Schaubroeck e seu passado de ex-presidiário, o gesto do punho cerrado do artilheiro Reinaldo, a lembrança de Honestino, a memória de Raul Seixas e os registros relacionados ao pintor Paulo Iolovitch.

São fragmentos que ajudam a compreender o universo cultural que alimenta o Do Próprio Bol$o, ainda que nem todos tenham o mesmo peso autobiográfico.

BALANÇO DE 2024

O ano pode ser compreendido a partir de seis eixos:

1. A vida familiar e os encontros musicais.
2. O rock independente e a Chácara Pacheco.
3. A memória dos fanzines e da Legião Urbana.
4. A amizade e a despedida de Paulo Iolovitch.
5. A crítica à dependência financeira da cultura.
6. A reinvenção do Do Próprio Bol$o.

2024 foi um ano de transição. A aposentadoria se aproximava, a vida doméstica se consolidava como espaço de criação e a independência cultural continuava sendo uma escolha radical. Entre a celebração dos encontros e a tristeza das despedidas, permaneceram a música, a memória e a necessidade de experimentar.

Paulo Iolovitch representa a grande despedida do ano. O passado nas bancas de domingo é o reencontro com a própria trajetória. Anna Carolina Rocha representa a descoberta de uma artista cuja coragem e expressão emocionaram. Elisângela deixa a lembrança da amizade. E o Experimento de Natal encerra o ano com uma declaração de princípios.

O Do Próprio Bol$o continua. Não como projeto de mercado, mas como experiência de vida.

2025

A raiz, os galhos e a memória de uma vida

2025 foi um ano de consolidação memorialística. O personagem central deixou de ser apenas o agitador cultural que organiza shows e divulga bandas. Surgiu com mais força o colecionador, o arquivista, o cronista e o sujeito que percebe que passou cinquenta anos reunindo vestígios de uma história que também é a sua.

O ano marcou os cinquenta anos de colecionismo, os 43 anos do Do Próprio Bol$o e a continuidade de uma trajetória independente iniciada muito antes da internet. O Guará, a Chácara Pacheco, o Conic, o arquivo pessoal, as amizades, a família e a memória do rock de Brasília permaneceram como territórios de criação e resistência.

Entre os grandes assuntos estão a preservação dos acervos, a história da Gibiteca, as gravações, os registros audiovisuais, os encontros musicais e as despedidas. Mas também houve espaço para as pequenas aventuras cotidianas, as descobertas nos sebos, as histórias absurdas, as provocações e as observações sobre um mundo cada vez mais difícil de compreender.

7 de janeiro

41 REAIS DE SONHOS E VIAGENS

Recebi, paguei os boletos e, veja só, não reclamei do Haddad! O dia começou assim, quase um milagre. Resolvi, então, me dar um presente: uma visita ao único sebo decente da cidade.

Outro dia, um colecionador me disse que Brasília deve esconder tesouros, mas que seria preciso escavar para encontrá-los. Pô, meu amigo, os únicos colecionadores que conheço têm a minha idade e já nem trocam figurinhas. A verdade é que preciso girar pela cidade, explorar seus corredores e descobrir edições recentes da Marvel a preços que não me obriguem a vender um rim.

Essa é a saga da minha coleção terceiro-mundista, iniciada em 1975, há quase cinquenta anos. Uma vida inteira procurando coisas, guardando outras e aprendendo que a satisfação de encontrar um objeto pode ser muito maior do que o objeto em si.

Na entrada do sebo, nas gôndolas externas, separei um livro de dez pilas de Glória Kalil, *Chic*, num formato simpático, talvez 10 × 15 centímetros. Também peguei um romance recente para minha filha, mas, no fim, pensei melhor. Não podemos mais sair desperdiçando dinheiro. Com o coração partido, devolvi os dois à prateleira.

Fui direto à estante dos quadrinhos, onde encontrei *Lennon: The New York Years* por 250 reais! Só que meu bolso não é tão Fab Four assim.

No andar de baixo, havia outros livros dos Beatles, entre eles *One Two Three Four: The Beatles in Time*. O preço era menor, mas continuava indigesto. Desci para a seção de música e encontrei *O Livro das Listas*, de Renato Russo. Finalmente!

Folheando aquelas páginas, meus sonhos começaram a fervilhar. Foi como abrir uma janela para um delírio febril. Comprei, claro. Não apenas porque gosto, mas porque quero aprender, observar como as palavras são alinhadas, imaginadas e impressas. Como se constrói um livro? Como se organiza uma lista? Como se transforma uma ideia em objeto?

Naquele instante, pensei: meu pai devia ter tido uma gráfica...

Da música, passei aos CDs e encontrei uma joia: um CD duplo de Edith Piaf, comemorativo de seu centenário. A capa de papel era delicada, mágica, sem exageros. E o mais surpreendente: uma edição brasileira.

Já no canto dos DVDs, alguma coisa brilhou: *Live at Donington*, do AC/DC. Não me lembro se tenho a versão de camelô, mas resistir àquela edição foi impossível.

No total, gastei 41 reais.

Quarenta e um reais de sonhos, viagens e pequenas felicidades embaladas em papel e plástico. Agora, as aquisições estão sobre a mesa, prontas para alegrar minha semana.

Um investimento modesto, mas que vale por um universo. Porque colecionar, no fundo, é continuar viajando sem precisar sair de casa.

10 de janeiro

A NOITE DE ONTEM COM MAGU CARTABRANCA

"Eles apontaram os holofotes para mim, parado ali na estrada, de jeans e roupas de trabalho, com a grande e triste mochila nas costas, e perguntaram: — Para onde você está indo? O mesmo que me perguntaram um ano depois, sob os holofotes da televisão em Nova York: 'Para onde você está indo?' Assim como você não consegue explicar para a polícia, não consegue explicar para a sociedade: 'Procurando paz.'"

— Jack Kerouac, *Desolation Angels*

Liguei para o celular de Magu Cartabranca, e ele atendeu declamando poesia própria. Afinal, era dia de ensaio no Estúdio Formiguero, às dez da noite.

Magu falava de dentro de um carro branco importado, estacionado na contramão, sob um poste. A cena já era suficientemente suspeita, mas a estranheza atingiu o ápice quando vi os sujeitos de pé, aliviando-se contra o muro do condomínio.

— Ei, aí não! — gritei, indignado.

Um deles balbuciou alguma coisa sobre pedir perdão. A cena me lembrou, numa versão doméstica e desprovida de glamour, o pequeno escândalo dos Rolling Stones em 1965, quando foram presos por urinar na parede externa de um posto de gasolina. As manchetes transformaram o episódio em lenda. A história do rock também se alimenta dessas pequenas transgressões.

Mas aquela não foi minha primeira interação com Magu Cartabranca em 2025. O imagético Magu, como costumo chamá-lo, tem a peculiaridade de me mandar PDFs de revistas e jornais. Consumo tudo avidamente, como se ele quisesse me mimar à distância. E, olha, acho que consegue. Magu é diferenciado.

Foi ele quem me ligou certa noite, no escuro, quando nem consegui identificar o número. Disse que viria trazer uns presentes. Senti-me quase um menino Jesus à espera dos reis magos. E ele veio.

Primeiro, uma camiseta estampada com a banda Os Candangos. Depois, a terceira coletânea da Academia Cruzeirense de Letras. Esse povo trabalha!, pensei.

Mas os presentes não pararam por aí. Magu abriu o porta-malas e retirou uma nova manequim, destinada a se transformar em modelo. Instantaneamente, minha cabeça viajou até o Carnaval e a célebre frase de Joãosinho Trinta: "Quem gosta de pobreza é intelectual, o povo gosta de luxo!"

Já imaginei pintando os mamilos da manequim com tanta vivacidade que dariam vontade de tocá-los. O impacto estético, o simbolismo, a provocação. Uma figura dessas não

chega aqui em casa para ficar invisível num canto. Ela tem potencial para entrar na história da nossa pequena galeria de absurdos.

Nosso papo foi breve, mas intenso. Falamos de aviões, discos voadores e da vontade latente de realizar um pocket show dos Candangos. Magu e o guitarrista prometeram uma visita em breve.

Vi os dois partirem e senti o tempo suspenso.

Amizade é isso: encontrar-se, olhar nos olhos, tocar, conversar e, às vezes, rir da insanidade das noites ordinárias que, por algum motivo, acabam se tornando extraordinárias.

4 de fevereiro

SEIS BRAÇOS E UM ESPELHO MÁGICO

Depois do abracadabra para acessar as dependências do castelo, iniciamos o transporte do espelho mágico com toda a cautela. Para o translado, o ideal seria usar ventosas duplas ou pedaços de borracha de câmara de pneu, garantindo aderência e aliviando o peso.

E lá fomos nós, seis braços empenhados na missão.

Durante o trajeto, ouvi uma máxima que fazia todo sentido:

"A responsabilidade de transportar um bem sem quebrá-lo desgasta mais do que o próprio peso do objeto."

Depois de enfrentar o trânsito caótico, chegou a hora das manobras complicadas para posicionar o caminhão perto da entrada de casa e descarregar o espelho. Uma chapa translúcida de 10 mm de espessura, com bordas jateadas e lapidadas.

Com a tensão finalmente aliviada, veio a pergunta fatal:

— Quanto lhe devo? 450 reais pelo esforço está bom?

O combinado era 350, mas, no fim, respondi:

— Gostei do ajudante. Pagarei 360 reais!

E assim, fim de festa. O magricela de chinelo, que parecia esgotado, ainda brincou:

— Ainda bem que tínhamos fé!

Já o motorista do frete puxou conversa. Disse que tinha um quiosque na Arniqueira e me recomendou o trio "bomba": refrigerante, fritas e hambúrguer com tiras de picanha, tudo por 15 reais.

Se um dia eu passasse por lá, deveria experimentar.

Fiquei salivando.

10 de março

RUMO AO HORIZONTE: MINHA PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO COMO ATOR

É claro que a produtora Marizan Fontinele me proporcionou mais espaço na mídia. Por isso, no clipe de "Rumo ao Horizonte", apareço beijando-a, apesar da minha timidez. É minha primeira participação como ator!

O clipe é rude e cru, com a banda tocando ao vivo. Há também uma celebração no jardim, e o saudoso Balaio aparece tocando seu contrabaixo — originalmente, ele era baixista.

E ainda temos o angustiado Felipe Zucco na guitarra, a quem chamo de "o arrependido guitarrista".

2025

CINQUENTA ANOS DE COLECIONISMO NA AGULHA (1975–2025)

Meio século reunindo discos, revistas, fanzines, quadrinhos, livros, documentos e objetos. A coleção terceiro-mundista, iniciada em 1975, deixou de ser apenas um passatempo para se transformar num arquivo de vida.

O colecionador não guarda somente coisas. Guarda circunstâncias, lembranças, descobertas, histórias de pessoas e vestígios de épocas. Cada objeto tem uma trajetória, uma origem e, muitas vezes, uma história que ainda precisa ser contada.

DO PRÓPRIO BOL$O: O JARDIM SONORO DO GUARÁ

O Guará como território de encontros, bandas, experiências e resistência. A produção independente não acontece apenas nos palcos convencionais. Ela floresce nas casas, nos quintais, nos espaços improvisados e na disposição de quem continua fazendo cultura sem esperar autorização.

TREZE MILHÕES, QUARENTA E SEIS MIL, DUZENTOS E SETENTA E CINCO

O contador do Do Próprio Bol$o registra a dimensão alcançada por um trabalho iniciado muito antes de a internet se tornar o que é hoje. São milhões de acessos, mas por trás dos números existe uma história de persistência, pesquisa, publicação e independência.

MEMÓRIAS DE UM GUARÁ QUE PULSA(VA)

A memória territorial, os personagens, as experiências e as efervescências culturais ajudam a reconstruir a história de uma comunidade que nunca foi apenas um conjunto de quadras e endereços.

DO PRÓPRIO BOL$O: 43 ANOS DE RESISTÊNCIA CULTURAL

Em abril, a comemoração de 43 anos de atividade recupera a trajetória iniciada com o primeiro fanzine, em 1982. Um encontro entre gerações, bandas e amigos, reafirmando a continuidade de uma guerrilha cultural que atravessou diferentes suportes, crises e transformações.

UMA HISTÓRIA EM CLIPES (1996–2025)

A documentação audiovisual da trajetória musical, os registros de apresentações e a memória construída ao longo de quase três décadas de produção. Imagens que deixam de ser simples registros de shows para se transformar em testemunhos de uma época.

GUARÁ ROCK CITY (1982–2025)

Uma cronologia da relação entre o rock e o Guará, com a história da cena local, seus personagens, suas bandas e suas transformações. A história do rock também é feita por quem permaneceu registrando aquilo que acontecia longe dos grandes centros de divulgação.

7 de julho

O INTERIOR DO ATELIER LOURDES PACHECO

Este é o coração criativo de Lourdes Pacheco: um ateliê onde cores, formas e sons se entrelaçam.

As telas repousam por todos os lados, como se conversassem entre si. Há flores por toda parte – vermelhas, amarelas, rosadas –, cada uma única, como minha mãe faz questão de lembrar:

"Nenhuma flor se repete."

Entre a profusão de quadros florais, destacam-se também as composições geométricas, vibrantes e sólidas, que dialogam com outra vertente de sua expressão artística.

Tudo isso acontece ao som suave do teclado, que preenche o ambiente durante os ensaios. Minha mãe também canta, e canta bem.

É um espaço de calma e luz, onde o tempo parece desacelerar. Só quando minha fala agitada rompe a atmosfera é que a paz se move.

Quem tem seu cantinho sabe do que estou falando: um refúgio onde a alma se organiza, onde as atividades essenciais se renovam em silêncio e cor.

1º de agosto

A LENDA DA BANDA QUE NUNCA FOI: VENTO SECO

O pai de Tibias e sua família migraram da São Paulo da garoa para o nosso DF Maravilha – embora, na época, a maravilha existisse apenas no nome. Aqui era um deserto: não havia teatros, palácios, galerias, muito menos feiras. O cenário mais artístico era um canteiro de obras, com o desenho de um trator perdido no horizonte.

O patriarca, firme e chapado na Bíblia, seguia a doutrina do "suor no rosto". Repetia aquilo como um mantra enquanto os filhos avançavam em linha reta – reta mesmo, sem desvios. Os dois mais velhos, irmãos de Tibias, formavam um casal que não ria de piada alguma. Ninguém sabia o que era diversão para eles: estudavam como se fossem virar santos ou astronautas. A mãe? Nunca foi citada. Naquela casa, reinava um fundamentalismo religioso que ninguém ousava nomear – até porque, na época, ninguém sabia o que era isso.

Aos 14 anos, Tibias, como todo adolescente com espinhas e sonhos, decidiu montar uma banda para tocar Beatles. Chamava-se Vento Seco. Para mim, o nome soava mais como um distúrbio digestivo do que como um grupo de rock. E olha que eles nem achavam que os Beatles faziam rock! Vai entender.

Quanto a mim, os mais velhos do tráfico de maconha me chamavam de "Seco". Quando perguntavam "E aí, Seco?", eu respondia "Seco ou molhado?", tentando bancar o humor da revista Mad. Eles nunca entendiam. Eu queria dizer que estava seco, sedento de ideias, enquanto eles estavam molhados – cagados de medo de viver. Mas só me achavam um mala.

Mesmo com fama de esquisito, eu me infiltrava nas casas alheias atrás de revistas. Suportava sermões e caretas só para pôr as mãos numa Manchete do aeroporto ou numa Veja assinada. Informação era meu vício.

Voltemos ao Vento Seco. Tibias, nosso líder, torturava a guitarra tentando tirar acordes de pestana sem fazer vibrar uma nota sequer. O som era monocórdico, de boate falida. Tony, o Grande, baterista, tocava em dois potes de sorvete com tampas plásticas no lugar dos pratos e espuma no lugar das peles. Nada de metais: um baterista reciclado, literalmente. E fui eu quem lhe deu o primeiro par de baquetas! Palmas para mim.

Havia também um alto-falante duvidoso, possivelmente furtado de uma igreja evangélica. Tentavam arrancar o solo de "All My Loving", mas o que saía era mais "All

My Suffering”. Depois vinha uma “And I Love Her” sofrida, só com canções de McCartney. Eu odiava. Cadê o Tico?

A salvação chegava com “Twist and Shout”, quando Tico Lennon soltava o vozeirão soul, sacudia a cabeleira black e cantava com a alma, vestindo uma bata tingida no tanque — símbolo máximo da resistência à Guerra do Vietnã (ou ao mau gosto, nunca soube ao certo).

Um dia, atrevi-me a sugerir uma harmonia vocal para valorizar o solo, que mais parecia um pedido de socorro. Fui expulso do ensaio. Em outra ocasião, ousei cantar um refrão em ritmo de rock’n’roll e me perguntaram se eu estava chapado. Desisti. Eles eram “Meninos de Deus” demais para o meu gosto. No bairro, as mães faziam o sinal da cruz quando eu passava, rezando para que os filhos não andassem comigo. Pior: eu já nem servia para jogar bola. Era um pária.

Mesmo assim, chegou a grande chance do Vento Seco! Tibias anunciava aos quatro ventos que sua banda era boa, embora não tocasse Raul Seixas, de quem eles não gostavam. Tom Fernandes, um miniempresário hippie, de óculos redondos e fita na cabeça, saiu distribuindo um panfleto xerocado, retirado de sua indefectível bolsa hippie.

— E o Vento Seco, Mário? — perguntavam.

— Deve ser um peido — respondia eu, com ar filosófico.

No projeto de Tibias também havia cursos de violão e guitarra “patrocinados” pelo pai. Segundo ele, o velho apoiava a banda, mas impunha condições: todos deveriam alisar os cabelos, usar franja e vestir ternos à moda dos Beatles. Imagine Tico e Tony — dois afroboys — de franja e terno apertado. A estética revolucionária deu errado.

Tonho, um quarto integrante rastafári que nunca chegou a aparecer, até se animou, mas acabou fugindo para o reggae. Tibias ficou uma arara.

Detalhe: ninguém tocava nada. No máximo, arranhavam os instrumentos. Mas Tibias era um visionário otimista e marcou um show no Teatro da Escola-Parque da 308 Sul. Adivinha? Nunca aconteceu. Motivos óbvios: a realidade.

E assim o Vento Seco encerrou a carreira sem nunca ter começado.

Mas teria sido uma carreira promissora! Segundo o pai de Tibias, claro.

O desfecho foi épico e melancólico: Tico Lennon cortou o cabelo e se alistou. Tony, o Grande, foi para os Estados Unidos — onde, dizem, vende potes de sorvete até hoje. Tibias se recusa a falar do passado.

E ninguém mais me chamou para aniversários ou velórios. Nem um zap. Nem uma rede social.

Fim da história.

Ou melhor: fim do vento. Sobraram apenas as poeiras da memória.

7 de agosto

POR QUE O LP FICOU TÃO CARO?

O LP ficou tão caro por uma soma de fatores — alguns econômicos, outros culturais — que se juntaram nos últimos anos.

Matéria-prima mais cara

O vinil é feito principalmente de PVC, e o preço desse plástico subiu bastante em razão de crises no fornecimento de petróleo, problemas logísticos globais e aumento dos custos de energia.

Há também menos fornecedores de qualidade, o que concentra o mercado e eleva os preços.

Produção limitada

Nos anos 1990 e 2000, muitas fábricas de prensagem fecharam. Hoje, existem poucas no mundo, com capacidade restrita.

A demanda subiu muito rapidamente, e as filas de produção cresceram, encarecendo o serviço.

Demanda retrô e colecionismo

O vinil voltou à moda, especialmente entre colecionadores e fãs que valorizam a arte da capa e a experiência física.

Edições limitadas, vinis coloridos, prensagens especiais... Tudo isso justifica — ou tenta justificar — preços mais altos.

Importação e câmbio

No Brasil, muitos LPs são prensados fora do país e chegam com os custos de transporte, impostos e variação cambial embutidos.

Marketing e nicho premium

As gravadoras tratam o LP como produto de luxo, com tiragens pequenas e embalagens sofisticadas, posicionando o preço lá em cima.

Se nos anos 1970 o LP era um formato popular e barato, hoje é tratado como item de prestígio. O que transformou algo que já foi cotidiano em um produto quase de colecionador.

22 de agosto

MONSTRO DE DUAS CABEÇAS

Julimar, grafiteiro e gerente de cultura do Guará, aparece à esquerda, de camisa vermelha, deitado no banco, com a cabeça inclinada para trás e um sorriso dirigido à câmera.

À direita está Robson Gomes, guitarrista do Barbarella, de camisa rosa estampada com estrelas e óculos, sorrindo como quem sabe aproveitar a ocasião.

Ao fundo, a abertura da exposição reúne pessoas em pé, conversando, segurando copos e compartilhando aquele ambiente informal que faz parte da vida cultural.

A fotografia registra a descontração de amigos e artistas. Dois personagens, duas trajetórias, uma imagem que parece dizer: ainda estamos aqui, ainda nos encontramos, ainda existe alguma coisa acontecendo.

2025

A GIBITECA DO GUARÁ E JULIMAR

A volta por cima da Gibiteca do Guará, a recuperação de um espaço cultural e o encontro com Julimar dos Santos representam outra dimensão da memória comunitária. Os quadrinhos, os livros e os espaços de leitura fazem parte da história cultural do território, assim como as bandas, os fanzines e os arquivos pessoais.

EU, O GRAVADOR: TRANSMISSÕES MAGNÉTICAS DO GUARÁ

As gravações magnéticas preservam vozes, músicas, conversas e acontecimentos que dificilmente seriam recuperados de outra maneira. O gravador também é personagem dessa história: testemunha de uma época em que registrar significava apertar uma tecla, guardar uma fita e confiar que aquele fragmento sobreviveria.

UVA — UMA CRONOLOGIA AFETIVA (1973–2025)

Uma história que atravessa décadas e que merece ser preservada como documento de memória afetiva e musical.

A QUEDA DO BESOURO E A ASCENSÃO DA LEMBRANÇA

A memória, a perda e a permanência. Há pessoas e acontecimentos que continuam presentes mesmo depois de desaparecerem do cotidiano.

ANIVERSÁRIOS NO CORAÇÃO DA FAMÍLIA RABELO

A dimensão familiar, os encontros e as relações afetivas também compõem a história de uma vida. Nem tudo acontece em palcos, exposições ou reuniões culturais. Algumas das lembranças mais importantes nascem ao redor de uma mesa.

TRÊS IRMÃOS, UMA ÉPOCA — EM MEMÓRIA DE NEILSON DE OLIVEIRA BANDEIRA

A amizade, a memória de uma geração e a despedida de alguém que fez parte de uma época.

FINALMENTE CHEGOU A NOSSA VEZ NO PODCAST DO INSTITUTO CHAMAELEON!

A participação em um espaço de memória e divulgação cultural permitiu apresentar a trajetória do Do Próprio Bol$o e compartilhar uma história construída ao longo de décadas.

ADEUS, LUIZ CAJU: MEMÓRIAS DE UM AMIGO ETERNO

A despedida de um amigo e a preservação de uma história compartilhada. A memória afetiva também é feita desses encontros que permanecem depois da partida.

13 de outubro

NOSSA SENHORA, ESPERO QUE O DIABO TENHA MISERICÓRDIA

Às vezes, tenho a sensação de que minhas postagens são tão desajustadas que despertam o interesse de poucos. Apago-as rapidamente, reviso, reescrevo e publico de novo, porque ainda acredito que vale a pena insistir nesse processo.

Sei quem é, já ouvi falar, mas não conheço.

Meu Facebook virou uma mistura de lavagem cerebral com diarreia dizimística. Cada postagem parece um teste de resistência: números de seguidores, streams no Spotify, likes que se perdem no vento. A experiência digital é uma falácia das grandes: um pequeno enfrentando um gigante de algoritmos e egos inflados.

“E se Deus fosse preto?”

A pergunta não é brincadeira. É uma provocação que nos confronta com o poder, o preconceito e a representação. Não exige uma resposta literal; exige que a gente questione quem decidiu a aparência do divino e por que essa imagem foi tantas vezes moldada à semelhança dos dominadores.

Durante séculos, Deus foi representado segundo os padrões de quem detinha o poder. Se Ele é para todos, por que seu rosto foi tantas vezes pintado de branco?

James Cone, teólogo da libertação negra, e Oliveira Silveira, poeta e militante da consciência negra, ajudam a compreender a dimensão dessa questão: pensar Deus com rosto negro também é pensar Deus ao lado dos oprimidos, contra o racismo e a colonização da espiritualidade.

Na arte, Giselda Trindade e Gregory Porter, cada qual em sua linguagem, também nos remetem às tensões entre identidade, resistência e humanidade. A fé só será libertadora quando não precisar excluir as cores do mundo para afirmar sua universalidade.

É tempo de Orkuticídio

A notícia dizia:

"Raio mata dois pescadores no rio Araguaia."

O comentário abaixo:

"Ainda bem que compro peixe na peixaria."

Outro, frio e indiferente:

"Ninguém é obrigado a nada."

E o pior:

"Se macumba funcionasse, preto andava de iate."

É nesse esgoto que a conversa pública vai parar: a morte vira motivo de indiferença, a religião vira alvo de escárnio e o racismo se fantasia de piada.

A frase interrompida na televisão soou como um presságio:

"Nossa Senhora… espero que o Diabo lhe…"

E carregue, talvez, o peso de tudo.

Fiquei ali, pensando se minha cabeça encolheu ou se o mundo encolheu dentro dela.

Stélio Nato e a gravata vermelha

Stélio Nato era um rato de primeira, daqueles que a gente conhece de outros carnavais e canaviais. Fui convidado para um casamento — cenário improvável para minhas ereções sociais — e lá estava ele, gravata vermelha e tesoura ameaçadora, cobrando a contribuição dos convidados:

— É a gravata do noivo. Estamos arrecadando para a diária do motel.

O empresário ao lado pagou duzentos reais pela felicidade imediata do Rato. Stélio ainda se virou para mim:

— E você?

Respondi, seco:

— Eu passo.

Peguei um cálice de champanhe e o encarei em silêncio, com aquela intimidação muda de quem não pretende entrar no jogo.

Stélio Nato era mestre na arte da manipulação cultural: rodízios de datas, substituição de porteiros, taxas sobre taxas. No fim, sobrava quase nada para as bandas. E eu tinha de assistir àquilo, impotente, como se estivesse representando uma banda na minha própria casa.

O espetáculo tinha seus arrecadadores, seus intermediários e seus pequenos impérios. A música tocava, mas a conta era outra. Quem produzia nem sempre era quem ganhava.

Entre o Deus negro, os algoritmos enlouquecidos, os pescadores mortos no Araguaia e os ratos de gravata vermelha, percebi que o mundo está cheio de gente disposta a julgar, cobrar, explorar e condenar — mas nem sempre disposta a compreender.

Cada um grita, poucos escutam. A indiferença se disfarça de opinião, a ganância se apresenta como esperteza e o preconceito pede licença para entrar na conversa como se fosse apenas uma piada.

Resta, talvez, um cálice de champanhe, a memória dessas cenas e uma pergunta que não me abandona:

Nossa Senhora, espero que o Diabo tenha misericórdia.

Porque, a esta altura, até ele deve estar cansado de carregar o peso de tanta miséria humana.

3 de setembro

QUARTA-FEIRA FRIA QUE COMEÇOU NO LAGO AZUL

O Lago Azul nasceu da febre dos loteamentos em Valparaíso de Goiás. O sonho da casa própria chegou caro, quase impraticável — um boleto que pesa mais do que o sereno da madrugada. É nesse cenário que Manoel, o jardineiro que segura a barra desta birosca, começa seus dias de semana. Pontual como o frio das seis, só falha quando o ônibus resolve traí-lo.

Às 7h30, ele começa a remendar as marcas deixadas pela capivara nas bananeiras. Um bando de ingratas: mastigam o que podem e desaparecem sem olhar para trás.

Meu gato, Feioso, anda pele e osso. O leite não sustenta, a ração sobra. De vez em quando, ele encara carne e legumes, mas não adianta: está com anemia brava. Foi parar na clínica e precisou de transfusão. Por sorte, apareceu um doador.

Na varanda, o ipê-branco insiste em florescer, embora mirrado. Não adianta enchê-lo de adubo químico: não é planta de quintal. O Cerrado tem seu próprio tempo, e talvez eu tenha atrapalhado o dele. As flores brancas e pequenas lembram flocos de sal no ar gelado.

Pela manhã, li que três dias sem celular já bagunçam a química do cérebro, mexendo com recompensa e vício. Mas o que me derrubou foi o título da notícia seguinte: Alexandre Frota jurando que Cláudia Raia o traiu com Raul Gazolla. Nem li a matéria. Perguntei a mim mesmo por que aquilo agora e concluí: baixaria de sempre. Manchete de quem persegue atriz, santo ou vigário — ninguém escapa.

Não comemoro final de Copa, não vibro com resultado de eleição, não gasto emenda nem me misturo com ricos. Falta gasolina para ir aos podcasts; por isso, quase não apareço. Mas sigo aqui, defendendo o que posso: a democracia, o rock e esta casa. Hoje, com as unhas encravadas dos pés, mas ainda afiadas para a luta.

O rock, para mim, nunca foi reverência: é contracultura. É ação diante do descaso, do disse-me-disse, de tudo o que eles gastam e de tão pouco que sobra. Aqui, no frio do Guaránazinho, quarta-feira é apenas mais um dia de resistência.

26 de outubro

ROCK EM ALTO E BOM SOM

Hoje de manhã, acordei com vontade de ouvir rock. E ouvir rock, para mim, é em alto e bom som.

Com a tecnologia atual, dá para perceber arranjos e instrumentos que antes pareciam soterrados, escondidos sob as lápides dos antigos meios físicos.

Comecei com Led Zeppelin. Confesso: nas manhãs em que posso, é com eles que abro o dia. E não enjoo, não, apesar de não estar grávido de som nenhum.

É isso: estou ouvindo rock em alto e bom som, de várias formas, com o mesmo entusiasmo de antes. É como redescobrir um velho amor.

E, claro, enquanto a trilha toca, sigo com uma pancada de coisas sérias para resolver no carro da vida.

15 de novembro

QUEM É O OUTRO LEAR DE HUMBERTO PEDRANCINI?

AR VITALIZAÇÃO CULTURAL DO SCS: ARTE QUE RESPINGA NO EDIFÍCIO MÁRCIA E NAS ÁREAS ADJACENTES DO SETOR COMERCIAL SUL

Fotos de Marizan Fontinele que capturam o instante que ninguém viu chegar — o detalhe pequeno que insiste em existir no meio do caos.

O Setor Comercial Sul sempre foi esse paradoxo: ao mesmo tempo um deserto de caixas eletrônicos, restaurantes rápidos e vitrines para alugar, e um refúgio escondido de galerias, sebos, teatros meio adormecidos e outros teimosamente vivos. Por décadas, o SCS será lembrado pelo concreto duro, pela pressa dos passantes e por aquele sentimento de que tudo ali estava sempre a um passo de desmoronar — ou de ser esquecido. O abandono urbano criou uma espécie de neblina permanente, como se o centro tivesse sido entregue ao próprio eco.

Mas algo mudou.

E a mudança não é apenas estética: ela é simbólica, identitária e profundamente afetiva. O que se vê agora nas fachadas, nos corredores, nas calçadas, nas empenas inteiras que antes eram cinza, é um sinal claro de que o SCS se reencontra com a cidade — e que Brasília volta a dialogar consigo mesma, como nos tempos em que andar pelo centro era sinônimo de vida cultural pulsante.

O ícone que se ergue: Edifício Márcia

No Edifício Márcia, a gigantesca empena colorida que subiu ao céu fez o papel de anúncio e manifesto. O mural, vibrante, monumental, banhado em tons quentes, carregado de afeto e de narrativas negras, transformou o prédio em símbolo. Não é apenas pintura: é presença — corpos que afirmam suas histórias, olhares que devolvem humanidade ao concreto, gestos que reocupam o espaço urbano.

O SCS, que vinha perdendo sua identidade há décadas, encontra ali um ponto de virada. Onde antes havia o neutro, agora há arte que provoca, acolhe, tensiona e reencanta. Essa intervenção devolve aquilo que a região não tinha há muito tempo: pertencimento.

A poesia que gruda na parede e na memória

Nas imediações, outro fenômeno se espalha pelas paredes como fogo lento: lambe-lambes tipográficos que semeiam poesia, política e afeto nas fachadas. Uma parede inteira tomada por frases:

“Seu afeto é via única ou mão dupla?”

“A cidade engole. Será que ela mastiga?”

“Eixo pra lá, Exu pra cá.”

Essas palavras funcionam como uma espécie de paisagismo poético: onde o olhar pousa, cresce uma provocação. As pessoas param. Leem. Fotografam. Respondem. Reagem. Viram parte da obra — e a obra vira parte delas.

Meu gesto ergue as mãos em direção aos cartazes, quase como quem ativa uma máquina de pensamento. E é exatamente isso que o SCS se tornou: um grande ativador urbano.

A massa silenciosa que deu liga

Nada disso está acontecendo por acidente. O renascimento do SCS é fruto de uma teia crescente de ações:

- Coletivos de grafite e muralismo ocupando fachadas históricas e esquecidas;
- Ateliês abertos e oficinas oferecendo experiências artísticas onde antes não havia nada além de corredores vazios;
- Excursões urbanas que recontam histórias invisíveis do centro e devolvem memória ao espaço;
- Intervenções efêmeras, lambe-lambes, performances e artes de rua que reinventam as passagens;
- Ocupações culturais no térreo de edifícios abandonados, trazendo vida para dentro da cidade.

O SCS, outrora apenas um lugar de passagem, se torna um laboratório urbano, um cruzamento de artistas, estudantes, moradores, trabalhadores e curiosos. A região começa a lembrar grandes cidades do mundo que, em algum momento, compreenderam que a arte não é enfeite: é instrumento de reocupação e dignidade urbana.

Renascimento, não chegada

No Edifício Márcia e no entorno, a arte não está apenas chegando — ela está renascendo.

E Brasília, essa cidade tão silenciosa, geométrica, racional e às vezes distante, finalmente parece permitir — quase com alívio — que novas vozes pintem nela com cor, crítica, poesia e muito afeto.

É como se o centro, finalmente, respirasse de novo.

Respinga, espalha, contagia.

E muda tudo.

CRÔNICA — OUTRO LEAR NO BATIDÃO DO SCS

No texto anterior, você teve uma visão externa do grande palco cultural em que o SCS está se transformando. Agora, entro pela porta lateral dessa mesma cena — e vejo tudo por dentro.

O Setor Comercial Sul tem dessas artimanhas que só Brasília entende.

Enquanto estaciono diante do Teatro do Sesc, o concreto armado — esse velho titã silencioso — parece tremer sob o batidão das caixas de som que algum bar escuro da região resolveu transformar em trio elétrico improvisado. As luzes piscam e riscam a noite como lâminas coloridas, fatiando o silêncio que, por direito, deveria pertencer ao centro depois do expediente. Mas o SCS não dorme mais como antes; agora ele pulsa.

Cinco ou seis gatos pingados dançam fora da área do bar, fazendo uma coreografia meio torta, meio livre — e o cheiro de maconha flutua pelo ar, paradoxalmente revigorante, como se a cidade respirasse por eles.

Encosto numa pilastra para esperar o início de *Outro Lear*. O cheiro de comida de rua recusa-se a evaporar na linda noite tropical, e tudo se mistura naquele caldo urbano de atenção, tensão e humanidade. A poucos metros, pessoas do público atravessam a calçada às pressas — turistas de sua própria capital, atrasados porque ficaram fotografando os grafites das fachadas, como se quisessem provar que realmente estiveram ali.

Cada um alheio ao outro, mas todos parte da mesma coreografia involuntária.

O batidão reverbera no peito — tum-tum-tum — e penso que Shakespeare jamais previu isso.

Ou talvez tenha previsto, afinal sabia como ninguém que o mundo sempre foi barulhento, mesmo quando parecia mudo. Só muda a moldura. Aqui, a moldura é o SCS: luzes estroboscópicas no lugar dos vendedores de Gloucester, a pressa das motocicletas descendo a W3 Sul, e eu, parado, esperando um velho rei entrar em cena.

E é curioso lembrar que *Rei Lear*, apesar de mergulhado em uma atmosfera ancestral, não nasceu na Idade Média. Shakespeare o escreveu entre 1605 e 1606, pleno Renascimento inglês, para o teatro elisabetano-jacobino. Uma peça moderna para sua época — e que agora, nesta esquina do SCS, recebe mais uma camada de modernidade involuntária.

A campainha do teatro vai soar a qualquer instante.

Lá dentro, Humberto Pedrancini se prepara para ser o velho rei.

Aqui fora, o SCS continua seu espetáculo paralelo.

E, no fundo, tudo faz parte da mesma grande peça.

O ator Humberto Pedrancini pode carregar a fama de “monstro sagrado e temperamental”, como define o dicionário informal do teatro brasiliense — mas, por dentro, é um dos sujeitos mais humanos que já subiram a um palco por aqui. Ele sabe das encruzilhadas. Em 1982, aos 36 anos, era cedo demais para interpretar Rei Lear; havia muito a viver, muito a perder, muito a entender.

Hoje? Hoje é bola na marca do pênalti: ou é agora, ou não será nunca.

Para essa empreitada, ele se une à direção minuciosa e quase nanotecnológica de Roni Sousa — jovem, talentoso, preciso, capaz de guiar um veterano sem jamais atravessar seu gesto.

No texto de Yuri Fidelis, Pedrancini desfere golpes — cênicos, poéticos, dolorosos — contra o SUS, o Iges-DF, o Hospital de Base; contra o abandono dos idosos; contra o próprio Estado que deveria acolher, mas desampara. Tudo encaixa perfeitamente no flagelo vivido por esse Lear envelhecido, outrora déspota, agora reduzido à própria carne frágil. Um rei que descobre, tarde demais, que o poder escorre pelos dedos; que a velhice é uma travessia árida; que a fragilidade humana não negocia.

A plateia inteira parece, de alguma forma, também esperar algo — cura, arte, silêncio, barulho, consolo — algo que a humanize diante dos dramas tão contemporâneos que irrompem do palco.

Pedrancini inicia o monólogo já em estado de prontidão total. Costuma brincar com o público dizendo: “uma vez que vocês não conhecem o texto…” — e nós realmente não

sabemos onde ele salta, condensa, mastiga, reinventa. É sua artimanha mais preciosa: o improviso absoluto. Sabemos que nada ali se repete, exceto nas cenas de um filme — e *Outro Lear* não é cinema, é risco, carne viva.

Em certo momento, reclama da conversa paralela de um espectador atrasado — um gesto que, longe de quebrar a cena, expõe ainda mais a falta de respeito cotidiana dirigida à velhice. E, ironicamente, essa interrupção acidental funciona como um prólogo perfeito para *Outro Lear*: um rei à beira da ruína, uma cidade à beira do renascimento, e eu, espectador comum, tentando não desmoronar junto.

Enquanto o batidão lá fora insiste — tum-tum-tum — aqui dentro, lá dentro dos nossos próprios corações, algo formiga, algo ecoa. Afinal, envelhecer, para quem tem esse privilégio, é sempre o último grande desafio.

E o velho rei, naquela noite, joga sua cartada final.

A introspecção na ruína

O ator está sentado, curvado e com as mãos no peito, em um gesto de aflição ou conforto pessoal. Ainda veste o figurino régio, mas parece diminuído pelo ambiente.

A luz é mais sóbria ou centralizada no ator. O cenário é dominado pelas longas cortinas brancas penduradas verticalmente, que criam uma sensação de isolamento e vazio. Uma mesa ou bloco coberto de tecido branco está à sua frente, funcionando como um ponto de apoio ou um trono humilde.

A realeza e a memória

O ator, com barba e cabelos brancos volumosos, veste um figurino que remete à realeza: uma túnica clara, coberta por um manto em tons de vinho e vermelho, aberto na frente, e calças claras. Está em pé, em uma pose frontal e imponente, embora com uma expressão de melancolia ou ponderação.

O fundo é composto por cortinas ou longos pedaços de tecido branco que se estendem pelo palco. O chão está coberto por mais tecido branco, amassado e acumulado, sugerindo ruína ou caos.

Uma grande imagem projetada, em preto e branco ou tons de sépia, domina o fundo, sobreposta às cortinas brancas. A projeção mostra o rosto em close-up de uma mulher jovem, com flores nos cabelos, que representa claramente Cordelia, a filha de Lear, ou a memória idealizada dela. A imagem é um elemento ativo que dialoga com o ator, estabelecendo o tema da perda e da relação familiar.

O despojamento e o diálogo interior

O ator assume uma posição mais vulnerável, sentado ou encolhido sobre um elemento cenográfico simples, com as vestes parcialmente trocadas ou enroladas. A postura indica introspecção ou fragilidade emocional.

Este quadro é marcado por uma mudança dramática na iluminação, que passa a ter um forte tom magenta ou rosa-púrpura.

O fundo é dominado por uma projeção gigante do próprio ator, mas em uma versão que sorri levemente e veste um figurino mais elaborado ou colorido. Essa projeção serve como um alter ego ou a imagem do Lear em um estado mental diferente, talvez a sanidade ou a loucura, dialogando diretamente com o Lear físico, que está encolhido no chão. A imagem interage com o tecido de fundo, criando um efeito de transparência e fantasmas.

A loucura e o desnudamento

O clímax do despojamento. O ator aparece parcialmente despido, sem camisa, vestindo apenas roupas íntimas ou um tecido branco que cobre a parte inferior. Segura um grande pedaço de tecido branco diante do corpo, como uma mortalha ou a última vestimenta. A postura é de um homem que perdeu tudo, confrontando a realidade em sua forma mais crua.

O fundo ainda mantém as longas tiras de tecido branco verticalizadas. O contraste é o trono, a cadeira branca de madeira, um objeto comum e simples, em oposição à pompa régia inicial, simbolizando a perda de status. O público aparece parcialmente na parte inferior da fotografia, evidenciando a natureza da performance ao vivo.

Serviço

Outro Lear

Única apresentação: 16 de novembro de 2025

Domingo, às 19h

Teatro Sesc Silvio Barbato – SCS Quadra 2, Bloco C, lote 227, Edifício Presidente Dutra, Asa Sul, Brasília.

26 de dezembro

A RAIZ E OS GALHOS

Não estou entrelaçado por conveniência, nem corrompido, muito menos vendido ou diluído na massa.

E você pode perguntar: que sentimentos estranhos são esses?

Meu amigo, são estados de excelência – daqueles que só a arte é capaz de reconhecer. Mas a arte não existe sem a vida. E a vida, no fim das contas, é isso aqui: esta mesa, estes rostos, este tempo suspenso.

Esta é a minha família. É ela que segura a barra. Dela vêm o instinto, a sabedoria e essa capacidade de continuar vivo, apesar de tudo.

Há capítulos que não se escrevem. São íntimos, silenciosos, às vezes intensos demais para caber nas palavras. Nossa vida privada é assim: verdadeira, afetiva, emotiva – e também dura, porque viver exige força.

Estamos numa chácara, onde a vida vale ouro. Onde o tempo desacelera e estar junto ainda faz sentido.

Estamos juntos e felizes. Cada um com seus galhos, seus desvios, suas escolhas. Tudo faz parte de uma mesma árvore – genética, genealógica, afetiva.

Talvez não importe encontrar o nome exato para essa ligação. Família é também aquilo que se constrói, se suporta, se compartilha e se mantém de pé quando o mundo lá fora ameaça desabar.

O que importa é a raiz.

E a minha está firme na terra.

DOCUMENTOS DE MEMÓRIA E OUTROS FRAGMENTOS DE 2025

Além das crônicas e experiências pessoais, o arquivo do ano preserva documentos fundamentais para a história cultural de Brasília:

- O Libertário: retrato vivo da cultura brasiliense.
- Chico Oficina do Guará: cliente feliz.
- Capa de açougueiro, ferros-velhos e LPs japoneses.
- Jaguar no Conic: Steinhäger, fio de cabelo e um autógrafo no correio.
- A mesa do Sandro — Paulicéia 113 Sul.
- Fragmentos de um cotidiano: um momento com Jorge de Almeida Maurício.
- Sopa filosófica na casa do Zé dos Bichos.
- O poeta e a imitação de estrelas.
- 500 reais, um feiticeiro e seis braços: o preço de um reflexo.
- Siloé Bertin no Guará 2 — um viajante em busca da essência.
- Inauguração da Biblioteca Pública e Gibiteca na Administração do Guará II.
- A constelação de Nelsinho: um domingo de música e afeto.
- Reencontro com a Banda Cidade Dormitório no Museu do Rock.
- Filial do Rock: onde o vinil vive no Conic.
- Ácaros, latinhas e o futuro da memória.

Também merecem preservação os registros históricos relacionados ao Sindicato do Reggae e ao rolê de 1983, Brazza & Claudette no Conic em 1995, Postura Anárquica em 1986, Os Magrelos na Rampa Acústica em 1982, O Panelão da Arte na 312 Norte em 1979, o Slamdancer 2, a primeira apresentação da Legião Urbana em Brasília e os 43 anos de história do Do Próprio Bol$o.

BALANÇO DE 2025

O ano se organiza em seis grandes eixos:

1. Cinquenta anos de colecionismo.
2. Quarenta e três anos de Do Próprio Bol$o.
3. O Guará como território de resistência cultural.
4. A preservação de arquivos, gravações e imagens.
5. A amizade, a família e as despedidas.
6. A memória do rock e da contracultura de Brasília.

2025 foi um ano em que a coleção se revelou também uma autobiografia material. Discos, revistas, fotografias, fitas, quadrinhos e documentos passaram a representar não apenas o gosto de um colecionador, mas os vestígios de uma vida inteira.

A Chácara Pacheco continuou sendo espaço de convivência e experimentação. O Guará permaneceu como território de memória e resistência. O Conic e o Setor Comercial Sul reapareceram como cenários de encontros e manifestações culturais.

O texto sobre Vento Seco recupera, com humor e ironia, um passado em que o rock era também uma maneira de não se encaixar. O encontro com Magu Cartabranca mostra a amizade nas suas formas mais inesperadas. A visita ao Atelier Lourdes registra a força criativa da família. A experiência de *Outro Lear* aproxima a arte, o envelhecimento e a cidade.

E, no fim, a família aparece como a estrutura que sustenta tudo isso.

Não estou entrelaçado por conveniência, nem corrompido, muito menos vendido ou diluído na massa.

O Do Próprio Bol$o continua sendo uma experiência de vida. Não apenas um arquivo de acontecimentos, mas uma tentativa de impedir que desapareçam as pessoas, os lugares, as músicas, as histórias e os pequenos absurdos que nos trouxeram até aqui.

O que importa é a raiz.

2026 – Quarenta e quatro anos sem baixar a cabeça

2026 é um ano de afirmação da memória, de revisão da própria trajetória e de defesa do Do Próprio Bol$o como arquivo vivo. Mas não se trata de uma história organizada apenas por datas comemorativas, shows e acontecimentos musicais. Há também a vida doméstica, a aposentadoria, os animais, as preocupações com o tempo, os amigos, as pequenas irritações, as descobertas e os reencontros.

O rock continua sendo o fio condutor, mas já não aparece somente como música. É convivência, contracultura, amizade, resistência e, às vezes, uma fonte inesgotável de trabalho e aborrecimento. Aos 44 anos do DPP, a memória não está parada nas estantes: continua circulando, provocando, incomodando e encontrando novas maneiras de existir.

Janeiro – A natureza também faz seu barulho

29 de janeiro – A tempestade

Durante o fim de semana em que passei no hospital, por volta das 13 horas, um raio despencou do céu com tamanha violência que fez estremecer toda a estrutura do prédio.

Por um instante, pensei: aqui devem ter bons para-raios.

Logo depois, a imaginação correu solta. Tive a sensação de que se anunciava um Ragnarök nórdico, com os trovões de Thor rasgando o ar.

Quando voltei para casa, a paisagem confirmava o impacto da tempestade. Galhos enormes da velha amendoeira estavam espalhados pelo chão, como membros abatidos depois de uma batalha. A frondosa bananeira-roxa, arrancada pela força do vento e da chuva, tombara inteira sobre o ipê.

O ipê, no entanto, resistiu bravamente. Vergou um pouco, mas permaneceu de pé, como quem atravessa o caos sem ceder.

Ao redor, folhas rasgadas, troncos expostos, raízes à mostra. Os sinais da fúria do céu estavam por toda parte.

A natureza, mais uma vez, exibia sua potência: destruição e resistência lado a lado, enquanto o estrondo do trovão continuava ecoando na memória.

Fevereiro – Futebol, borrachudos e uma fotografia inesperada

23 de fevereiro – O escorpião ofensivo

Quando eu ainda gostava de jogar bola, jogava descalço. Não cortava as unhas – achava que aquilo protegia os pés – e só entrava em campo se fosse gramado. Era quase um ritual.

Guardo com fervor um lance específico: fiz um gol de bicicleta ao contrário – um verdadeiro escorpião ofensivo.

Projetei o corpo para a frente do gol e, no ar, dei um coice na bola, como o goleiro René Higuita aplicou naquele famoso escorpião defensivo. Só que o meu era para marcar. E marcou.

Nesse dia, teve um vizinho que jogou conosco uma única vez. Era o dono do campo naquele dia. Fez gols e mais gols, escorregadio como sabão.

Depois da minha bicicleta ao contrário, nunca descobrimos por que ele nunca mais voltou. Ficou como lenda de uma tarde só.

Lembro também de um clássico contra o Fluminense Pó de Arroz, da QE 26 do Guará. Eles abriram vantagem, nos cansaram, dilataram o placar. Reagimos no fim, mas perdemos por 5 a 3. Mesmo assim, souberam reconhecer nossa virada moral dentro do jogo.

Outro adversário constante era o Mákina du Tempo — uma mistura corinthiana com flamenguista que sempre saía tirando onda do nosso time, dizendo que não oferecíamos resistência.

Até que um dia eu falei:

— Acho bom vocês jogarem como homens.

E jogamos. Demos um passeio.

Raimundo foi aplicando meia-lua entre as pernas deles, um por um, até marcar um golaço. Depois disso, curiosamente, eles nunca mais apareceram.

Minha última façanha foi uma cabeçada num campo oficial em Uruaçu-GO. Plasticamente linda. Tecnicamente... sem direção.

Sempre fui melhor chutando de longe, pegando a defesa desprevenida.

Não faz muito tempo, tentei voltar numa pelada. Perguntaram se eu fumava. Meu chefe, que estava lá, disse que tinha gostado do meu futebol.

E tem um detalhe que explica tudo: quando eu fazia um gol improvável, meio canalha, meio milagroso, gritava para o céu:

— Obrigado, Senhor!

27 de fevereiro — Malditos chupadores

Não sei em que dimensão paralela foi parar aquele majestoso vidro branco de plástico, com suas letras verdes garrafais anunciando “REPELENTE!”, como se fosse a manchete do século. Evaporou. Sumiu. Talvez tenha sido abduzido pelos próprios borrachudos, que nesta estação promovem uma verdadeira convenção gastronômica sobre as peles mais sensíveis.

Estamos oficialmente naquele período em que a natureza testa nossa fé — e nossa epiderme. A picada é democrática, mas a coceira é personalizada e cruel. Como já dizia o Thewhobens, em seu momento de lucidez entomológica: “Malditos Chupadores”.

Portanto, para o rock, traga seu repelente de estimação, aquele em quem você confia mais do que nas promessas de bis no palco. Caso contrário, prepare-se para ostentar manchas abstratas e protagonizar uma performance involuntária de coceira em público, imediatamente e sem o menor pudor.

Março — O rock, a festa e os 44 anos do DPP

6 de março — Uma fotografia inesperada

Rapaz, há matérias que nos dão a sensação de estar vivos. Às vezes fico chocado! E não é que conseguiram uma fotografia inédita minha, que eu mesmo desconhecia?

São pessoas como João Orozimbo Negrão, Magu CartaBranca, Julimar dos Santos, José Gurgel e o Jornal do Guará que me mantêm vivo – e com a chama do Do Próprio Bol$o acesa.

Sem eles, muita coisa já teria virado poeira.

8 de março – Para que serve o rock?

Pensei muito – mas pensei mesmo – se o coco era verde e redondo, se vinha daquela palmeira distante. Pensei também em anos-luz de rock'n'roll e me perguntei: para que serve a festa? E mais: se a festa não está boa, por que você não abandona o barco?

E tome taça de vinho, e tome barbitúricos. O gelo chega, mas a cerveja continua quente porque o freezer deu pau.

No palco, os amplificadores sangram.

(Você não sabe que eu sei como você me olha?)

Agora, neste instante, tudo é maravilhoso – ou engorda.

O mundo anda chato, para não dizer que anda uma merda. As pessoas estão cheias de si e comparecem ao rock'n'roll para extravasar seus demônios. A vibração chega a afetar a arcada dentária.

Muito álcool. Um cheiro insuportável de cigarro, hemp e tinta spray.

Como bebem. Como bebemos. Para esquecer – e para passar mal no dia seguinte.

Eu não agrado a todos. É impossível.

Dei sangue e energia. Durante dois dias e duas noites, carreguei caixas de som e bandejas de salgados. O povo come e mata a fome emocional.

É um preço alto ser produtor de rock.

E eu pergunto novamente: para que serve mesmo o rock?

A festa vai continuar.

Meu aniversário vem aí.

Foi demais. Eu gostei.

E vocês?

Abril – Do Jornal do Rock ao Museu do Rock

9 de abril – De Jornal do Rock a Museu do Rock

Comecei como Jornal do Rock e virei Museu do Rock. Essa transição levou 44 anos.

Hoje, gostaria de enxergar as coisas de outra maneira, mas continuam praticamente iguais: tudo no arrocho. Museu, né? Negócio mágico, poeirento e bolorento.

– Mas o que você tem?

Ah, malandro, tenho um violão elétrico Del Vecchio de 1957, um *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* inglês, original de 1967, e um par de fitas de rolo com o último show gravado de Arnaldo e a Patrulha do Espaço.

Pode colocar no inventário. Só não me pergunte para quem vai ficar.

Já não tenho aquela disposição de criar uma Fundação Mário Pazcheco, nem de passar a vida ajudando as pessoas, oferecendo informações para que se nutram delas como formigas numa pista de açúcar. Durante muito tempo, abri as portas, compartilhei o que

sabia e alimentei a esperança de que esse conhecimento pudesse gerar outras experiências.

Agora, quero outra relação com tudo isso.

Viva o LSD, viva a viagem mágica e misteriosa. Viva Deus, viva a vida.

Ainda quero rock, sim. O que não quero mais é ter de aguentar o comportamento de certas pessoas, que é entediante, incompreensível e um verdadeiro saco.

O Museu do Rock continua existindo, mas não precisa ser uma repartição pública do meu entusiasmo. Não sou obrigado a transformar cada lembrança em aula, cada disco em patrimônio coletivo ou cada encontro numa obrigação.

Quarenta e quatro anos depois, talvez a maior mudança seja esta: continuo apaixonado pelo rock, mas já não estou disposto a aceitar qualquer coisa em nome dele.

10 de abril — Os $alvadores

O nome da banda era Os $alvadores. Salvador era o sujeito que costumava aparecer na última hora e colocar o verde na mão. Também estava por trás da brincadeira — ou, quem sabe, o nome se referia àqueles que pretendiam salvar o mundo. Dependia do ponto de vista, da urgência e, claro, da disponibilidade financeira.

Os caretas podem chamar de loucura. Eu prefiro chamar de alegria iluminada. Porque, no fundo, Os $alvadores nunca precisaram salvar ninguém de verdade. Bastava reunir os malucos, aumentar o volume e acreditar, por alguns instantes, que o mundo ainda tinha conserto.

15 de abril — Sonhos e pesadelos

Sonhos, de tão desejados, podem acabar virando pesadelos.

É assim que imagino a ideia de um documentário sobre mim e minha trajetória. Enquanto ainda é sonho, tudo bem.

Depois de 12 anos de inatividade, reativei o canal de vídeos Do Próprio Bol$o... e ele começou a bombar.

Mais uma dor de cabeça.

19 de abril — Arquivo marginal

Há dois anos comecei a guardar meus arquivos do YouTube numa pasta. Mesmo assim, perdi um registro importante de 2020.

Apagar a memória também é uma forma de violência.

O que faço aqui pode soar como exibicionismo, mas eu chamo de performance.

Como nunca consegui alguém para montar meu documentário, resolvi assumir a tarefa e criar, por conta própria, um arquivo marginal: intenso, vivo, capaz de provocar lágrimas, sejam de alegria ou de indignação.

Agora já são 60 vídeos.

23 de abril — Mr. Isla e a Galeria Maria de Lourdes Pacheco

Na cena, sentado à mesa como um convidado especial, Mr. Isla — com seu boné amarelo meio de lado — finalmente ganhou um lugar fixo entre os humanos.

A partir de agora, participa das refeições e também das conversas, observando tudo com aquele olhar quieto de quem já viu mundos inteiros na imaginação.

Entre um canto e outro da casa, o pequeno Isla Kong segue saltando de lugar em lugar, leve e satisfeito.

Há certa tranquilidade no ar desde que o enigmático Mr. Cazuza, o gato da casa, sumiu de circulação — talvez como consequência das novas regras que proibiram alimentar os bichanos.

Mesmo assim, Mr. Isla mantém sua postura serena.

Ali, diante da mesa rendada, aguarda pacientemente a visita das irmãs Ana Tauil. E, como um verdadeiro cavalheiro de pelúcia, já manda, de antemão, um beijinho doce no coração para elas.

•

Mr. Isla, o senhor já enfrentou, na Ilha da Caveira, em pleno Oceano Pacífico, saqueadores, conquistadores, traficantes de pessoas — e até Indiana Jones. Diante de tantas aventuras, como avalia a atual situação no Estreito de Ormuz, onde corsários modernos disputam, à força, o controle das rotas estratégicas e das riquezas petrolíferas do Oriente Médio?

"Meu caro… já vi muita coisa do alto desta cadeira e nas minhas aventuras imaginárias. Na Ilha da Caveira, os perigos tinham cara de monstros e exploradores. Mas tudo acontecia dentro dos limites da fantasia. O que se passa no Estreito de Ormuz é diferente: é real, perigoso e muito mais complicado.

Não são corsários de tapa-olho, mas homens de negócios, governos e interesses poderosos disputando rotas, petróleo e influência. O Oceano Índico e seus arredores não guardam apenas histórias de aventuras: guardam conflitos que afetam a vida de milhões de pessoas.

Se aprendi alguma coisa sendo apenas um bichinho de pelúcia, é que as grandes batalhas não deveriam ser travadas pela conquista do poder, mas pela busca do equilíbrio. Porque, no fim das contas, quem paga a conta não são os gigantes. São sempre os pequenos."

Mr. Isla ajeita o boné amarelo e baixa os olhos para a mesa. Por alguns instantes, permanece em silêncio, como se até mesmo um velho aventureiro de pelúcia tivesse dificuldade para compreender o mundo lá fora.

••

Essa é a mistura da minha viagem pessoal — mística, sentimental e imaginária (porque primeiro eu sonho, depois realizo).

Com a ajuda de vocês — Lourdes, a pintora; Marizan, a fotógrafa; e Dani, a designer — vou construindo, aos poucos, a Galeria Maria de Lourdes Pacheco.

Ainda pretendo inserir novos elementos, mas com calma, para não transformar tudo num amontoado sem sentido. Quero que cada peça tenha alma, presença e história.

Muito obrigado mesmo. O vaso se integrou maravilhosamente ao espaço.

Aqui, a gente pode respirar arte.

Longa vida e saúde.

Maio — A memória também tem cheiro de toner

3 de maio — A gráfica clandestina

Diz o ditado que quem está na chuva é para se molhar — a menos que esteja de capa ou abrigado sob um guarda-chuva. Nunca fui muito de me proteger.

Ah, 1994! Sinto falta daquele tempo em que eu produzia livros fotocopiados. Era a época do chamado "cigarro do macaco", mas, nas artes, quem mandava éramos nós. A dose era bruta: experimental, tosca, sem filtro. Esse era o padrão. E funcionava.

Na trilha sonora, *Madman Across the Water*, de Elton John. Foi nesse clima que nasceu o Do Próprio Bol$o — ainda sem cifrão. Deu aquele estalo: preciso registrar isso. E registrei. Virou livro.

Minha mesa na salinha de jantar vivia soterrada por pilhas de xerox. Folhas dobradas, intercaladas, organizadas na base da insistência. Havia aquele cheiro forte de copiadora, que parecia impregnar tudo, até a alma. Era praticamente uma gráfica clandestina instalada em casa.

O livro saiu, claro. E as pessoas "normais" olhavam aquela movimentação com certa desconfiança. Talvez achassem que eu era doido. Talvez estivessem certas.

Humilhante mesmo foi lançar o livro e cobrar dez reais, na maior cara de pau. Ninguém queria comprar. Todo político diz que incentiva a arte, mas experimente vender um livro para ele. Tô fora!

Passaram-se duzentos anos — ou quase isso — e, agora, na era da inteligência artificial, resolvi materializar aquela cena. Uma daquelas histórias que a gente empurra para debaixo do tapete, mas que continuam respirando, cheirando a toner, esperando alguém abrir novamente a tampa da máquina.

14 de maio — Roky Erickson and the Aliens

Roky Erickson and the Aliens, por volta de 1978.

The Evil One é uma explosão gótica do oeste americano, povoada por demônios, criaturas da noite e amores de mortos-vivos. Uma espécie de faroeste sobrenatural, com a assinatura de um John Carpenter em estado de febre. Imagino um filme que nunca chegou ao fim porque os próprios integrantes da equipe continuavam morrendo durante as filmagens.

Roky Erickson, sua bengala e o cigarro entre os dedos parecem pertencer a outro mundo. Há couro preto, névoa, delírio e uma atmosfera de culto secreto. Não existe meio-termo: ou você entra para essa irmandade macabra ou foge desesperadamente.

15 de maio — A música é Deus

Marty Balin

"Eu acredito que a música é Deus. A alma das pessoas. A linguagem universal, como dizem. E, metafisicamente, relaciona-se às oito notas da escala musical, correspondentes aos planetas do nosso sistema solar, e às vibrações do som e das cores em nossos corpos.

É espiritual para as pessoas."

M.: "Tim... você mesmo é o xamã, não é? Aquela coisa xamânica, em que os espíritos trabalham."

T.: "Yeah... sim, claro. Eu sou."

M.: "Então você sente essa magia quando a música toma conta e você está cantando, mas não é você quem está cantando; alguma outra coisa está acontecendo."

T.: "Yeah, yeah. Nós falamos muito sobre isso."

M.: “Bem, seja lá o que for essa coisa que toma conta de você, Tim, é a mesma coisa que Janis faz quando está diante de toda a plateia – um verdadeiro turbilhão de energia –, ou que Terry faz, parado, tocando ‘The...’, levando a gente cada vez mais alto, mais alto... Ou aquilo que acontece comigo quando chego àquele lugar da música e do rock...”

– Marty Balin, Jefferson Airplane

A magia, afinal, continua sendo essa coisa difícil de explicar. Está no músico que toca, no cantor que se entrega, na plateia que se deixa levar e naquele instante em que a música parece ultrapassar o próprio corpo.

Talvez seja isso que procuro desde o começo: o lugar em que o rock deixa de ser apenas som e se transforma em experiência. Uma espécie de transe coletivo, uma viagem sem mapa, uma comunhão que não exige explicações.

Quarenta e tantos anos depois, entre discos, fotografias, livros, festivais e arquivos, continuo procurando esse lugar.

Ainda não encontrei uma definição que dê conta dele. E talvez seja melhor assim.

18 de maio – Se liga! A TV que pega fogo

Sou veterano do YouTube. Abandonei meu programa em 2012, depois de sucessivas batalhas com os direitos autorais. Agora estou de volta com uma proposta diferente: uma espécie de DFTV deteriorado, misturado aos nossos flagrantes cotidianos pela capital, arquivos perdidos, cultura underground e videoclipes fora da constelação mainstream.

Tudo gira em torno de Brasília. Legião Urbana, Capital Inicial, registros raros, vídeos muito assistidos que desapareceram dos acervos digitais, clipes góticos, heavy metal, performances de roqueiros eternizadas por celulares tremidos e imagens capturadas no improviso urbano. Nunca se sabe qual vídeo vai virar o próximo hit da programação. Agora, por exemplo, a bola da vez é The Droids.

Quando os olhos se cansam do excesso de cores, entram os clipes em preto e branco. Filmes mudos, ecos expressionistas, Zé do Caixão, ruídos analógicos, estética decadente e televisões fantasmagóricas atravessando a madrugada.

Vamos montando, aos poucos, essa espécie de *Regressive TV*: um canal perdido entre memória cultural, arquivo pirata emocional, experimentalismo urbano e transmissão pós-apocalíptica brasiliense.

A TV está ligada. E pode pegar fogo a qualquer momento.

Junho – A Noite dos Ciganos: rock, amizade e resistência

20 de junho – A Noite dos Ciganos: o rock como encontro, generosidade e resistência

As mãos que fazem o som

No campo musical, existem bandas que ensaiam em estúdios equipados e participam de grandes festivais. Na nossa realidade, porém, é preciso ter a própria aparelhagem, senão o som simplesmente não acontece. Nada contra quem decidiu se desfazer dos equipamentos, mas, neste terreno, é preciso possuir os meios para fazer soar a música.

Foi assim que gente como Eduardo, da banda O Fim do Mundo, trouxe sua aparelhagem e sua bateria, colocando tudo à disposição para que pudéssemos tocar. Não foi Menguelle quem levou sua caixa de voz e nos permitiu brilhar naquele Primeiro de Maio? E agora, na Noite dos Ciganos, recorremos a Ricardo Lima, que veio em sua caminhonete do Riacho

Fundo trazendo sua valiosa aparelhagem e sua bateria importada para tornar possível esse sonho de reencontro e reconhecimento.

No fim das contas, o rock e a amizade também são feitos dessas generosidades silenciosas, dessas mãos que carregam equipamentos, montam palcos improvisados e fazem com que o impossível, por algumas horas, se transforme em música.

Manifesto amador: a música como encontro

Depois dessa longa introdução, ao mesmo tempo nostálgica e realista sobre a nossa cena, vamos ao que é primordial: a participação e o rito da coletividade.

É preciso deixar claro que estamos falando de uma classe de gente que não deve ser cobrada por Pix, contribuições ou qualquer outro tipo de remuneração. É justo exigir cachê, transporte e alimentação quando se atua em circuitos que cobram ingressos, alugam espaços e movimentam toda uma indústria e sua engrenagem. Nós não trilhamos esse caminho.

Não somos contra o capitalismo; somos contra sermos expropriados em nossos momentos de lazer e realização musical. Isso precisa ficar claro. Não estamos a um passo do profissionalismo e, provavelmente, nunca seremos profissionais. Pertencemos à categoria amadora, à do "deixa acontecer", e por isso não deve haver cobranças de nenhum dos lados.

A música pode seguir seu rumo livre, sem ser preparada, domesticada e apresentada como produto? Existe alguma chance de isso acontecer? Sim. Afinal, a música também pode ser encontro, celebração e comunhão, sem a obrigação de se transformar em mercadoria.

Não nos movemos pela lógica dos camarins, dos contratos ou das planilhas. Movemo-nos pelo prazer de reencontrar os amigos, pela possibilidade de fazer soar velhas canções e pela alegria de testemunhar que ainda existem pessoas dispostas a emprestar um amplificador, carregar uma bateria ou dividir uma caixa de voz sem transformar cada gesto em uma fatura.

Somos amadores, e isso não é um defeito. É uma condição. Somos filhos do improviso, da generosidade e da vontade de tocar. Não temos compromisso com a perfeição, mas com o acontecimento. Não somos empresários de nós mesmos. Somos sobreviventes de uma ideia antiga de convivência, em que a música é uma extensão da amizade.

Talvez seja uma utopia. Talvez seja apenas uma forma de resistência. Mas, enquanto houver alguém disposto a abrir a garagem, emprestar uma caixa, afinar um instrumento ou cantar sem esperar recompensa, haverá um sentido para continuar.

É nesse território que nos movemos: um espaço onde ainda é possível tocar pelo prazer, compartilhar pelo afeto e fazer da coletividade a maior recompensa.

Porque, no fim das contas, a música não precisa ser uma mercadoria para justificar a sua existência. Às vezes, basta que ela seja um encontro.

Minha cabeça se divide entre aqueles que um dia proclamaram "chega de amadorismo", mas que acabaram não saindo do poço – e, em alguns casos, afundaram ainda mais – e aqueles generosos acima da média, como Sandro e Edmar, que sabem reconhecer a dedicação alheia e retribuem a participação com respeito, consideração e, quando possível, até mesmo com algum apoio material capaz de manter vivo o nosso espírito e a alegria de fazer música.

No fim das contas, é essa diferença que separa os pregadores da profissionalização vazia daqueles que compreendem que o reconhecimento, a gratidão e a generosidade também fazem parte da arte e da convivência.

“Na arte, novas maneiras de ver significam novas maneiras de sentir; não se pode separar uma coisa da outra...”

— David Hockney

Por que Noite dos Ciganos?

A Noite dos Ciganos nasceu dessa ideia de músicos livres e itinerantes. Uma referência possível é a *Band of Gypsys*, projeto de Jimi Hendrix lançado em 1969, cuja denominação também evocava liberdade e desprendimento das formações tradicionais do rock. Hendrix via os “ciganos” como artistas sem fronteiras fixas, unidos mais pela música e pela comunidade do que por contratos, hierarquias ou interesses comerciais.

Décadas depois, o termo passou a ser evitado em alguns contextos por ser considerado pejorativo em relação ao povo romani. Mantemos o nome aqui em seu sentido histórico e musical, como símbolo de liberdade e fraternidade, exatamente como Hendrix o empregou — e como ele foi incorporado à nossa cena desde os anos 70.

Foi esse espírito que tentamos recriar. Não o de uma banda profissional ou de um produto cultural embalado para o mercado, mas o de uma confraria de músicos errantes, amigos e companheiros de estrada, reunidos pelo prazer do encontro e pela celebração da música. A Noite dos Ciganos não nasceu da lógica dos empresários, dos cachês ou das exigências do mercado. Nasceu da vontade de tocar, de reencontrar velhos parceiros e de manter acesa uma chama que resiste ao tempo.

Talvez sejamos apenas uma pequena *Band of Gypsys* do Cerrado. Mas, enquanto houver alguém disposto a abrir as portas, emprestar um amplificador, carregar uma bateria e compartilhar uma canção, esse espírito continuará vivo.

O contexto

A Noite dos Ciganos nasceu de várias conversas dispersas pelo WhatsApp. Não houve um único autor da ideia: ela foi tomando forma coletivamente.

Não foi a cantora Célia Porto quem recorreu às redes sociais para desabafar sobre a ausência do público do Guará em seus shows no Teatro de Arena? Seria desinteresse, pouco caso ou simples mudança dos tempos?

Não foi também o Maior São João do Cerrado prejudicado pelas chuvas e pela coincidência com os jogos da Copa? E o próprio dia 20 de junho não esbarrava em uma série de aniversários de músicos, tradicionalmente comemorados em encontros particulares?

Some-se a isso as bandas que não poderiam participar, seja pela dificuldade de movimentar um verdadeiro paquiderme logístico, seja porque algumas sempre desejam alterar a data do evento para adequá-la às suas próprias conveniências.

Foi nesse emaranhado de circunstâncias, ausências e vontades dispersas que surgiu a Noite dos Ciganos. Não como uma iniciativa individual, mas como uma resposta coletiva à necessidade de reencontro, de celebração e de afirmação de uma cena que se recusa a desaparecer. Como tantas coisas importantes, ela não teve um dono. Teve uma necessidade. E foi dessa necessidade que nasceu a ideia de reunir músicos errantes, amigos e sonhadores em torno daquilo que ainda nos une: a música.

Lado A

Como um álbum duplo em vinil, a Noite dos Ciganos começou pelo lado A com o duo formado por Felipe Zucco nas cordas e Ricardo Lima na bateria. O repertório era um mergulho nos anos 70, uma jukebox viva disparando sucessos em inglês. Eles seguiam seu próprio compasso, entre as batidas do bumbo, as palpitações do coração e fragmentos de letras de canções nostálgicas e eternas.

Você finge que está apenas assistindo ao show. Não participa de todas as rodas de conversa, apoia a sua companheira e acredita que tudo está em perfeita ordem. Aos poucos, a penumbra e o jogo de luzes avançam sobre os músicos e seus jeans gastos. A fumaça se eleva acima de nossas cabeças e, naquela atmosfera meio lisérgica, juro que ouvi “It's Alright, Ma (I'm Only Bleeding)” se encontrar com “Skyline Pigeon”.

Naquele instante, eu me sentia seguro e feliz. E, enquanto as vozes, os acordes e as conversas se misturavam, parecia que Elton John cantava diretamente para todos nós:

“Fly away, skyline pigeon fly
Towards the dreams
You've left so very far behind.”

Lado B

Miro Ferraz era o elemento surpresa daquela roda de conversa formada por gente da geração dos anos 80, instalada bem próxima ao palco. Após a convincente abertura de Felipe & Ricardo, que deram o tom do que seria a noite, Miro foi chamado ao microfone. Com a experiência de quem conhece o caminho das canções, apresentou um de seus sucessos, explorou com elegância a sonoridade do trio e encerrou com um violão pantaneiro de rara inspiração. As escalas percorriam o braço do instrumento como se desenhassem sons da fauna e da flora, enquanto a bateria que o acompanhava completava a paisagem sonora, transformando a música em um retrato vivo do cerrado e das águas do Pantanal.

Talvez fosse apenas a música. Talvez fossem as memórias. Ou talvez a Noite dos Ciganos fosse exatamente isso: um lugar onde os sonhos abandonados em alguma curva do tempo voltam a sobrevoar nossas cabeças por algumas horas, como pombos no horizonte, em busca daquilo que jamais deixamos completamente para trás.

Lado C

Ainda eufóricos pelo sucesso obtido no Infinu, os homens da Banda Mais Lama pareciam ter subido aos céus. Agora chegara a hora de subir ao palco. Tomaram suas posições habituais: guitarra solo, contrabaixo, bateria, o vocalista à frente na guitarra base e o organista completando a engrenagem.

Esbanjavam criatividade e segurança, lançando seus raios ultrapsicodélicos mentes afora. Executavam suas canções enquanto seu séquito de acompanhantes distribuía cervejas, abraços e luzes. Houve uma breve interrupção para ajustar o volume do microfone do cantor. Logo retomaram a viagem sonora.

Mas até mesmo os rituais mais intensos conhecem seu desfecho. Continuaram tocando até que, metaforicamente, a própria música decretou seu final. Os últimos acordes pairaram no ar como uma despedida anunciada, enquanto a plateia permanecia ali, por alguns instantes, entre o silêncio e o eco, como se ninguém quisesse admitir que aquela celebração chegara ao fim.

Lado D

Próximos do nocaute, como fazem os grandes campeões, o som se levantou mais uma vez. Felipe & Ricardo assumiram a missão de musicar o final da noite, espalhando descontração

e nos fazendo esquecer, ao menos por algumas horas, a inevitável chegada do dia seguinte — aquele domingo morno de ressaca e larica, quando só restam as lembranças de mais uma noite bem vivida.

O desfile de amigos que compareceram foi celebrado em diversas postagens nas redes sociais, registrando o convívio e a alegria daquela noite que, oportunamente, marcou os 30 anos das reuniões das tribos na Chácara Pacheco (1996–2026). A todos eles, declaro que representam a parte mais valiosa dessa engrenagem cultural construída pela casa, assim como os mais de quinhentos músicos que já se apresentaram entre nossos quintais, paredes e palcos. Espaços que seguem resistindo ao tempo, às mágoas e aos desencontros tão comuns da vida, mantendo acesa a chama da amizade, da música e da celebração da liberdade.

Julho — Blues da alienação

8 de julho — Blues da alienação

Ontem eu estava com um bicho-de-pé bem embaixo do dedão do pé direito. Doía e parecia até atrapalhar a circulação do sangue. Meu genro, com um espinho, conseguiu aliviar a dor, e eu sorri.

Estou com os dentes vencidos, sem a carteira de identidade, sem a carteira de motorista e com um par de tênis esperando para ser lavado. Quero arrumar as revistas da biblioteca, tirar a poeira com o espanador. Atchim.

Também quero digitalizar as fitas de vídeo. Algumas já estão no canal do YouTube, e acho que estou ficando viciado em assistir vídeos. A alienação é um produto fácil de consumir: é como ficar olhando o saldo no celular o tempo todo, sem saber exatamente o que se procura.

Criei coragem para comprar uma lata de verniz, e um amigo virá buscar o compressor. Não quero trabalhar em casa amanhã. Talvez eu vá ao zoológico. Sinto saudades do tempo em que as crianças eram pequenas e o mundo parecia caber em um passeio de domingo.

Às vezes penso que estou velho. Às vezes penso na morte, o que talvez seja a coisa mais normal do mundo. A gente toma uma pílula e segue em frente. Mas a cabeça dói, e o pensamento assusta: será algo sério?

Enquanto isso, continuo aqui, entre as revistas, as fitas, a poeira e os vídeos, tentando afinar esse “Blues da Alienação” e encontrar alguma melodia no meio dos dias.

Agosto — A vida, o poder e a infâmia

15 de agosto — Contrabalançar a vida

Tentei contrabalançar minha vida agora que tenho mais tempo livre. Não é fácil diante de tanta hipocrisia, extremismo barato, ofensas gratuitas e cenas impactantes, como a da menina de cinco anos agredida com um chute na cabeça, em Brasília.

E não podemos esquecer a outra menina, de 13 anos, cuja morte foi precedida por uma situação de indução à automutilação e ao suicídio em grupos do Discord. Um caso que expõe uma rede muito mais ampla de violência digital.

Mas, no meio dessa enxurrada de barbaridades, o que realmente me interessa é aquilo que está por trás da engrenagem do poder e do dinheiro.

E lá vamos nós outra vez: BRB, Banco Master, Daniel Vorcaro. A defesa do banqueiro apresentou uma proposta de delação à Procuradoria-Geral da República e à Polícia

Federal, enquanto as investigações continuam revelando relações envolvendo dinheiro, imóveis e agentes ligados ao sistema financeiro.

Há também o capítulo imobiliário. Investigadores apuram a suposta entrega de seis apartamentos de luxo, avaliados em cerca de R$ 150 milhões, ao então presidente do BRB, Paulo Henrique Costa.

É disso que estou falando.

No fim das contas, talvez seja justamente essa a tentativa de contrabalançar minha vida: sair um pouco do barulho das redes, das ofensas e dos extremismos de ocasião para prestar atenção ao que acontece de verdade.

Porque, quando milhões, bancos públicos e interesses privados entram na mesma história, o espetáculo deixa de ser apenas espetáculo.

E eu continuo olhando.

Não por acreditar que o mundo vá mudar porque escrevo. Mas porque, diante de tanta coisa que se tenta apagar, registrar também é uma forma de resistência.

Décadas, Cerveja e Infâmia: o aniversário de Edson Salazar

O aniversário foi no dia 11 de agosto, mas a comemoração, regada a cerveja e excessos, só terminou no sábado, dia 15.

No canto superior esquerdo, de óculos, está Gaffa, o baterista. No meio, Pazcheco, com a mão direita no ouvido esquerdo, como se fizesse um esforço monumental para escutar. Ao seu lado, o aniversariante amoroso Edson Salazar. Abaixo de todos, Léo Saraiva registra a cena – ou, melhor dizendo, faz a selfie da autodestruição.

A coisa que me tranquiliza é saber que quase ninguém lê esse monte de postagens que publico todos os dias, anos após anos. Então posso me dar ao luxo de escrever essas coisas sem muita cerimônia.

Rolou a ideia da Calçada da Infâmia e alguém atirou meu nome aos porcos. Isso queria dizer, pelo que entendi, que eu desonrava, caluniava ou difamava pessoas. Pô, achei genial. Afinal, talvez isso significasse apenas que eu desaprovo o óbvio.

Mas aí eu sugeri que, em vez da impressão das nossas mãos, poderíamos fazer moldes de gesso dos nossos pênis, como fez Cinthia Plaster Caster. A conversa ficou meio desconfortável e rapidamente mudamos de assunto para "Nipponjin", uma suposta pomada para levantar o pau, enquanto imitávamos sotaques japoneses.

No fim, indiquei o primeiro nome para a Calçada: o de um sindicalista. O segundo foi o de um radialista. A turma riu e aprovou. Ou seja: eu estava, muito discretamente, empurrando meu próprio nome para baixo na lista dos infames.

É claro que pensei no seu nome também!

No final, era cerveja, música, Nipponjin e moldes de gesso – e esse é o tipo de conversa que pode surgir numa mesa de homens de meia-idade, num point de paquera, quando a noite já perdeu qualquer compromisso com a normalidade.

"Lembrei agora do discurso final do replicante Roy Batty, em *Blade Runner*, com Vangelis de fundo. Memórias... é disso que *Blade Runner* trata!

E são MEMÓRIAS o que você registra com seus textos! Fiz essa conexão..."

– Léo Saraiva

29 de agosto – Vamos rir e fazer um brinde Do Próprio Bol$o

Vamos rir e fazer um brinde a nós mesmos.

Não consigo reconstituir, de maneira clássica, tudo o que nos afetou — e de que forma isso corrompeu o site Do Próprio Bol$o durante uma semana. Então recorro ao verso consagrado:

"Eu vejo o futuro repetir o passado

Eu vejo um museu de grandes novidades

O tempo não para."

E não para mesmo.

Nunca nos daremos por vencidos. Talvez porque já tenhamos atingido *A Idade da Terra* sem sermos imortais. Imortais, sim, são as ações, as responsabilidades, a dedicação e o amor. Porque, sem amor, não há tesão — e sem tesão não há quem aguente tanta porrada.

Voltamos, portanto, ao nosso velho estilo: Cada Dia Mais Sujo e Agressivo.

E seguimos.

Não esquecemos de Jimi Hendrix, com sua guitarra cósmica incendiando Woodstock, festival que celebra agora seus 57 anos — 1969–2026. Também não deixamos de nos meter no território extremo, onde a Death Slam continua fazendo barulho, resistindo e mostrando que certas coisas não morrem simplesmente porque o tempo passa.

Mas, como ninguém é de ferro o tempo todo, vamos também respirar, mudar de frequência e mirar a apresentação de Débora Cristina, agora em nova roupagem, no espetáculo *Travessia – Tributo a Elis Regina*.

Porque é disso que somos feitos: barulho, memória, resistência, paixão e algumas boas travessias.

E seguimos.

O tempo não para. Nós também não.

Matando o tempo para um whiskrytor

Nada é pior do que a sensação de que não aconteceu nada. Mas, microscopicamente, é perfeitamente possível perceber que muita coisa aconteceu, apesar de os números apresentados serem risíveis.

A pergunta é: existirão números verdadeiros?

Tomo uma pinga no balcão, chupo um limão e, instantaneamente, aparece a cólica. A barriga dói.

A questão passa a ser outra: será que ainda terei mais oito anos de vida?

Triste, né? Morre tanta gente todos os dias. Jovem, velho, de todo jeito.

Então, o jeito é encontrar alguma maneira de continuar fazendo as coisas de que você gosta. Até puxar humanos pela coleira como se fossem cachorros. Mas isso o Iggy Pop já fez.

E aí vêm as perguntas inevitáveis: existe jornalista mais reacionário do que William Waack? Um presidente pior que Trump e Maduro seria necessariamente o vilão da história?

Você pega sua lista e começa a desenvolver os demagogos, os mercenários, os oportunistas.

Eu, particularmente, fico na lista dos cínicos.

Setembro – O rock como pão de cada dia

20 de setembro – Rock: nosso pão de cada dia

O forno do rock

Se o rock é o pão nosso de cada dia, eu devo ser o forno. Afinal, vivo o rock intensamente – em seus auges, desafetos, idas, vindas, quedas e ressurgimentos. Vivo fazendo coisas infindáveis, muitas delas tão improváveis que acabam ganhando algum destaque pelo caminho.

São coisas voláteis, urgentes, às vezes feitas no desespero, mas quase sempre marcadas por uma certeza: o rock parece ser o remo da minha vida. É com ele que atravesso as correntezas, desvio dos naufrágios e continuo seguindo, mesmo quando não faço a menor ideia de para onde estou indo.

As ausências e os encontros do Folk Festival

O Folk Festival acabou marcado também por algumas ausências. O contrabaixista Betão não pôde participar depois de quebrar o dedo mínimo da mão. Mandou até a foto da mão engessada e avisou que só voltaria a tocar no final de outubro.

Já Renato Mengajam, da Mengajam Band, viveu uma situação mais pessoal e dolorosa. Às vésperas do festival, no dia 20 de setembro, perdeu Dona Helena, sua madrasta e mãe de suas irmãs. Precisou se afastar para acompanhar o velório e o funeral.

Com essas mudanças de última hora, o palco foi se reorganizando – como quase tudo que acontece por aqui. Na programação passaram Pedro Gaveta, de Pernambuco, na discotecagem e percussão; Felipe Zucco, voz e guitarra, acompanhado por Ricardo Lima na bateria e Birau nos teclados; Betto Tutu, voz e violão, com Izabel Tutu na voz; e Hadassa Esther na voz, acompanhada por Betinho no violão, com participações de Miro Ferraz na guitarra, Birau nos teclados, Ricardo Lima na bateria e Pedro Gaveta na percussão.

E, para encerrar, tivemos a presença luminosa de Lucy, no violão e voz, fechando a tarde com aquela luz que não precisa de tomada para acender.

Gaveta Groove

Pedro Ferreira, o Gaveta, do Super Jazz, veio sozinho – porque tinha que vir. Trouxe consigo apenas a bagagem instrumental necessária e, na discotecagem, abriu os trabalhos passeando por músicas de Tony Bizarro até chegar a uma versão de “Bananeira”, cantada por Bebel Gilberto.

Mas Gaveta não se limitou à discotecagem. Fez malabares sonoros e batuques sobre a base percussiva eletrônica, criando ritmos na hora e, principalmente, acompanhando quem passou pelo palco. Foi presença, escuta e intervenção – entrando na música dos outros sem deixar de imprimir sua própria assinatura.

Gaveta Groove é justamente isso: um projeto que une percussão ao vivo e curadoria musical, atravessando referências do afrojazz, da black music e do balanço brasileiro. Uma experiência sonora feita de identidade, ritmo e conexão direta com o público – daquelas em que o DJ não fica escondido atrás da máquina: ele entra na roda e toca junto.

Zucco tocou demais, colocou a guitarra em cima da cabeça e me dedicou “Suspicious Minds”. Eu pirei!

O tripé da viagem musical

Felipe Zucco na guitarra, Ricardo Lima na bateria e Birau nos teclados formaram o tripé dessa viagem musical. Um trio com fome de palco, daqueles que entram para tocar e parecem estar sempre prontos para mais um set.

A formação — guitarra, teclados e bateria — me lembrava, em alguns momentos, a Rory Gallagher Band ou aquelas formações clássicas que orbitavam os grandes guitarristas do rock. A guitarra de Zucco conduzia a viagem, enquanto Ricardo segurava o pulso na bateria e Birau, nos teclados, dava novas cores ao conjunto.

A mim, Felipe Zucco dedicou "Suspicious Minds", um daqueles momentos em que a música deixa de ser apenas repertório e vira uma espécie de recado pessoal.

A banda funcionou também como uma verdadeira banda de bar: fazia a abertura, dava uma pausa e depois voltava para mais um set. E, quando era preciso, estava ali para acompanhar os cantores que passavam pelo palco. Foi, talvez, o mais solidário dos apoios daquela tarde — uma banda que não precisava ser o centro da cena para fazer a cena acontecer.

E quando assumia o palco, vinha o rock feroz, acompanhado de clássicos dos anos 1960 e 1970, tocados com experiência, segurança e competência.

E Birau, nos teclados, foi uma alegre surpresa. Tocou muito! Deu conta do recado e ainda acrescentou uma dimensão própria à sonoridade do trio.

O reencontro de Betto Tutu & Izabel Tutu

Teve um sabor especial. Eles estavam afastados do palco de casa havia anos. Sempre surgia um problema familiar, um desencontro, alguma coisa que acabava adiando a volta. Mas, em outros lugares, nossas vidas continuavam se esbarrando — e, junto com esses encontros, permanecia aquele compromisso silencioso de um dia voltar a tocar juntos.

No Folk Festival, finalmente aconteceu. E aconteceu de um jeito bonito: doce, sereno, esplêndido. Betto e Izabel estavam seguros, à vontade, numa apresentação de uma magnitude quase impossível de explicar — como a própria paz.

Kozak resumiu o sentimento de quem estava ali com uma frase que ficou:

"Às vezes a gente sai de casa pra buscar um pouco de felicidade. Amados Bebel e Tutu!"

Hadassa Esther & Betinho: a figurinha que faltava

Hadassa Esther & Betinho eram a figurinha que faltava naquele álbum musical. Fui atrás deles e, em algum momento, acabamos à beira da estrada, sonhando. Sonhando com um show de boleros e reggae, sem pretensão, sem rumo definido, como quem joga uma ideia no ar e deixa a música decidir o caminho.

Betinho na sua bicicleta, Hadassa na sua caminhada rumo à Casa da Cultura — e nós sonhando com esse show que parecia existir antes mesmo de acontecer.

E aconteceu.

Foi mágico, sentimental e, de algum modo, cubano. Em torno do fogo, reuniu-se uma superbanda: Hadassa na voz, Betinho no violão, Miro Ferraz na guitarra, Birau nos teclados, Pedro Gaveta na percussão e Ricardo Lima na bateria.

Foi uma noite caliente.

Uma das atrações musicais do Guará é justamente o duelo, quase clandestino, entre Miro Ferraz e Betinho — guitarra e violão se provocando na surdina, como se os dois

estivessem disputando quem consegue arrancar mais música do outro. Dessa vez, quem ganhou foi o público, diante de uma das jams mais cativantes e energéticas que já passaram pela casa.

Lucy, a luz que encerrou a noite

Lucy – Luciana Ribeiro – é fotógrafa, ilustradora, escritora. Corre, escreve e sonha douradamente. Nos últimos tempos, vinha fazendo apresentações solo ou acompanhada por um percussionista. Fazia tempo que eu não a via com uma banda elétrica.

No sábado, Lucy fez aquilo que poucos artistas sabem fazer: leu o momento. Adaptou o show à circunstância, não se alongou além do necessário e encontrou exatamente a medida daquela tarde. Foi o suficiente – e, justamente por isso, ficou com gosto de quero mais.

Fiquei querendo saber qual tinha sido o repertório. "Demônio Colorido"? E, depois de tanta luz e cerveja, uma coisa ficou na memória: Lucy encerrando a apresentação com aquela declaração definitiva de amor ao rock:

"Posso perder minha mulher, minha mãe, desde que eu tenha o rock and roll."

Perguntei a ela sobre a experiência. E Lucy respondeu:

"Eu curti muito, sempre me amarro. É sempre uma surpresa, uma vibe boa. Me amarrei em tocar com banda, faz muito tempo que eu não tocava com banda, velho. Outra vibe. Me deu vontade de tocar vários rock and roll. Eu queria só tocar Pink Floyd, Led Zeppelin, The Doors, Jimi Hendrix, sei lá... me deu uma loucura assim, nostálgica. Achei muito bonito. Me senti bem pra caralho. Foi, foi massa."

E foi mesmo.

Lucy saiu do palco deixando aquela sensação rara de quem não apenas fez um show, mas acendeu uma lembrança. Talvez seja isso que ela faça melhor: transformar fotografia, desenho, palavra e música numa mesma coisa – uma luz meio dourada, meio delirante, que continua acesa depois que o palco se apaga.

O Incendiário... O mistério Julimar, o artista da casa

A casa vai emparedando a arte de Julimar. Nos tempos do pós-outrora, ficaremos imaginando onde foram parar aqueles grafites sepulcrais que um dia tomaram conta das paredes. O tempo passa, a tinta cobre, o concreto reaparece – e a pergunta permanece: o que restou de Julimar?

Enquanto isso, em Gotham City, a arte vindoura da persona Julimar não cessa, não para, não estanca. Ela se infiltra. Brota. Reaparece onde menos se espera.

A casa ri dele como quem vai ao museu contemplar a Gioconda de Salvador Dalí e ainda solta aquele sorrisinho de canto de boca:

"Pô! A Gioconda é de Da Vinci!"

Mas é justamente aí que mora o mistério.

As paredes de concreto são as telas mais duras – e talvez as mais eternas – diante de uma obra em constante recomposição. Julimar não pinta simplesmente paredes: ele atravessa o concreto. A cada camada, surgem novos painéis, novas criaturas, novas paisagens, novas cicatrizes.

E afloram os novos painéis de Julimar para além daquilo que o olho consegue alcançar. É preciso atravessar para o outro lado da paisagem estampada na parede de concreto,

abrir a alma, transformar o sofrimento em vinho amargo e deixar escorrer sobre a tela uma paleta de cores sinistras, violentas e poderosas.

Talvez seja esse o verdadeiro mistério Julimar: a parede pode ser coberta, mas a arte continua aparecendo.

Alexandre de boné...

Quem é Alexandre Renato? Ah, se existissem mais Alexandres Renatos, talvez a cena underground não estivesse tão vazia.

O homem corre de lá para cá: faz foto, faz vídeo, chama gente, faz convite, conversa animadamente, gesticula, aponta, inventa. É uma profissão interminável de caras e bocas, movimentos e pequenas urgências. Uma usina de energia boa ocupando o vazio e fazendo as coisas acontecerem.

Alexandre é desses parceiros de longa data que nunca abandonam o barco. Está sempre por perto, sempre disposto, sempre entrando na roda quando é preciso.

No underground, onde tanta gente aparece para tirar foto e desaparece quando chega a hora de carregar o piano, Alexandre fica.

Gratidão, meu velho!

Eu os chamei de Exército de Salvação do Underground, mas talvez o nome possa ser outro: Exército da Solução. Ou, quem sabe, simplesmente o time que defende as belas-artes com unhas e dentes, movido por insistência, talento e, acima de tudo, dedicação.

Porque é essa dedicação que nos liberta da opressão, dos rótulos, da acomodação e de tudo aquilo que tenta transformar a arte em produto.

Repercussão

“Parabéns.” — Alexandre Renato

“Ki lindo amigooo, adoreiii.” — Lucy

“Muito pessoal e sincero. Mandou bem.” — Ricardo Lima

“A cena do Guará está forte...” — Dean Pazcheco

“Obrigado pelas palavras.” — Pedro Ferreira, o Gaveta, do Super Jazz

“Esse dia foi épico. Ninguém traduz e narra a minha obra do que Mário Pazcheco.” — Julimar dos Santos, grafiteiro

Setembro — Discos voadores na estante e o rock de 1966

18 a 24 de setembro — Acervo de Mário Pazcheco vira minissérie

Jornal do Guará

“Discos voadores na estante” apresenta, em quatro episódios, parte da coleção do escritor e reúne histórias sobre discos das décadas de 1960, 1970 e 1980.

O projeto Rolê com Mengajam lança a minissérie “Discos voadores na estante”, dedicada ao acervo pessoal do escritor e colecionador Mário Pazcheco. Com quatro episódios, a produção apresenta discos das décadas de 1960, 1970 e 1980 e recupera histórias ligadas à formação da coleção.

A proposta é mostrar não apenas os discos, mas também as memórias construídas em torno deles. O acervo reúne diferentes edições, capas e exemplares adquiridos em períodos nos quais encontrar determinados lançamentos exigia pesquisa, contatos e longas buscas.

Ao longo dos episódios, Mário apresenta parte da coleção e relembra situações relacionadas à aquisição dos discos. Os relatos ajudam a contextualizar cada obra e mostram como o interesse pela música se transformou, ao longo dos anos, em um acervo marcado também por experiências pessoais.

Histórias além dos discos

A minissérie procura ir além da apresentação de raridades. A ideia é mostrar que cada disco pode carregar uma história própria, ligada ao momento em que foi lançado, à dificuldade para encontrá-lo e às circunstâncias de sua aquisição.

A divisão em quatro episódios abre espaço para diferentes momentos da coleção e para os causos acumulados por Mário durante anos de dedicação à música e ao colecionismo. O formato busca preservar o caráter informal das conversas e a espontaneidade dos relatos.

A série também recupera uma época em que o disco físico ocupava papel central na relação entre fãs e música. Capas, compactos, edições especiais e diferentes versões de álbuns ajudam a reconstruir parte dessa história e a mostrar como o hábito de colecionar atravessou gerações.

"Discos voadores na estante" amplia a proposta do Rolê com Mengajam de registrar personagens, eventos e histórias ligadas à cultura, transformando acervos e memórias pessoais em registros audiovisuais.

Legenda da foto: Felipe Triaca assina as imagens, Renato Mengajam é responsável pela produção e direção, e Mário Pazcheco participa da direção e apresenta os episódios.

Top Top live

Foto: Rodrigo Souves — Infinu, 506 Sul, Bloco A, lojas 67/69, Brasília-DF. #W3Sul #PraçaDasAvós — publicação de @picnikbsb.

27 de setembro — Top Top foi demais!

1966, o ano vivo

Se você atirar uma pedra para o alto e ela cair em algum lugar da cultura brasileira, há uma boa chance de ela escolher 1966: o ano em que muita coisa estava mudando.

A música popular brasileira vivia uma disputa cada vez mais evidente entre a Jovem Guarda, identificada naquele momento como o novo rock brasileiro, e a MPB.

Na televisão, a TV Record concentrava alguns dos programas musicais mais importantes do país. Aos domingos, *Jovem Guarda*, com Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Às segundas-feiras, *O Fino da Bossa*, com Elis Regina e Jair Rodrigues.

Era como se a música brasileira estivesse disputando o mesmo espaço. Surgiam novos ídolos. Além de Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, surgiam Elis Regina, Jair Rodrigues e Chico Buarque.

No hit parade:

Não tinha "Satisfaction". Tinha "Quero que vá tudo pro inferno", de Roberto Carlos. Tinha "A volta", de Os Vips. Tinha *Help!*, dos Beatles. Tinha *Isto É Renato & Seus Blue Caps*.

E, em São Paulo, estavam surgindo novos sons. Em 15 de outubro de 1966, estreava na TV Record *O Pequeno Mundo de Ronnie Von*, um programa diferente da fórmula tradicional da Jovem Guarda. Tinha fantasia, ficção científica, contos de fadas, imaginação, personagens, um cenário que parecia ter saído de um livro ou de outro planeta.

E naquele cenário fantástico, O'Seis se reduziu a três. Nasciam Os Mutantes. Não era Jovem Guarda. Não era MPB. Não era simplesmente Beatles. Era outra coisa.

Por isso tenha durado tanto. Porque o Brasil estava descobrindo que podia pegar aquilo que vinha de fora e transformar em outra coisa.

Brasília tinha apenas seis anos. Era uma cidade nova, ainda procurando sua identidade cultural. E também aqui começavam a aparecer seus próprios grupos de rock. Em 1966, surgia a Matuskela, uma das primeiras bandas ligadas à história do rock brasiliense.

Ou seja: enquanto muita gente que nasceu em Brasília naquele ano estava chegando ao mundo, uma cidade inteira também estava começando a criar sua própria trilha sonora.

Acordo em 2026

Nós estamos olhando para aquele mesmo ano com seis décadas de distância.

E é impressionante perceber o quanto daquela experiência ainda está entre nós.

Porque os Mutantes não ficaram presos em 1966.

Em 2026, não só a polarização musical está no ar, como a polarização política. A ideia de ir ao show é flanar acima das suspeitas e discordâncias, experimentar o bálsamo do baseado e ver a saia colorida da menina girar.

E hoje, sessenta anos depois, muita gente que nasceu em 1966 está completando 60 anos. Aqui, nesse show, também há gente nascida em 1970, 1980, 1990 e 2000.

Pá!

Sessenta anos depois, podemos perceber como os Mutantes foram pioneiros em sua experiência comportamental, existencial e musical. Os Mutantes estavam ao lado de bandas californianas que tinham mulheres em suas fileiras, como The Mamas and The Papas, Jefferson Airplane e Big Brother and the Holding Company. Talvez isso ajude a entender por que o som dos Mutantes continua atravessando gerações e públicos diferentes, sem perder sua capacidade de provocar identificação tanto entre homens quanto entre mulheres.

Foi no final do século XX, em 2000, que chegou ao público *Tecnicolor*, álbum gravado pelos Mutantes em 1970. E é ele que norteia os arranjos ao vivo desta apresentação da Top Top. Ouso dizer que eles foram muito mais influenciados por esse álbum do que pelo próprio *Jardim Elétrico*.

Antes da apresentação, o seguro maestro da banda, o contrabaixista Dado Nunes, aperta as notas e as passagens. Seu toque no contrabaixo é intrigante e econômico, bastante diferente do de Arnaldo Baptista, que era mais transversal. Mas, quando pode, Dado Nunes desanda nas escalas atribuladas.

Três integrantes cantam no palco: Júlia, nos vocais principais; Gabriel, o guitarrista, e Dado Nunes, o baixista, nos apoios vocais.

Os teclados não fazem sua parafernália; as teclas apenas estão ali, de improviso, na onda, na cor. Já a bateria é bastante diferente, mas atesta que, para tocar aquelas músicas, tem que saber tocar. Saber diferenciar a Top Top dos Mutantes de Sérgio Dias é a primeira deixa para você curtir o show.

São cinco indivíduos que somam seus talentos em progressivas apresentações, que irão mostrar cada vez mais unidade.

Júlia Ferrari nos encantou com sua segurança e destreza. A melhor qualidade é que todos sabiam de cor as letras e, por isso, não precisavam de teleprompter ou outras telas diminutas. Só esse detalhe já gera satisfação.

Por incrível que pareça, canções como “Não Vá Se Perder Por Aí”, “Qualquer Bobagem” e “Fuga Nº II” formam um perfeito triângulo psicodélico. São as mais estranhas, que nos fazem lembrar de outras que sabemos que eles poderiam tocar perfeitamente.

A Top Top, ao tocar ao vivo o repertório dos Mutantes de seus anos iniciais, nos permite ver diretamente as influências de que os Mutantes beberam – e que eles também beberam via Mutantes. Individualmente, eles estão bem à vontade para prestar tributo aos seus ídolos.

O público

Foi quente e visceral.

No início, dedicaram-se ao rito de registrar o show em seus celulares. Do meio para o fim, esqueceram os celulares e foram dançar.

No começo, o público estava como que diante de uma tevê, para depois experimentar a fervura e coreografar, de diversas maneiras, as músicas.

Muita liberdade e alegria no ar, no palco e na plateia – e a certeza de uma vitória vermelha.

Nós na fita

Tirei o pé de casa e fui ao show como tantas outras vezes, na esperança de encontrar quem entendesse e praticasse aquele tipo de som.

E não é que a magia aconteceu?

Na passagem de som, encontrei Bruno, contrabaixista da MKDT, e Carol, sua esposa. Eles vieram da Austrália passar férias por aqui.

Na calçada, do lado de fora, encontrei Bleyvs e Rodrigo Bomba. Breve, Dudu, o baterista do Mais Lama, e o casal Wesley e Lila juntaram-se a nós.

Era um instantâneo de mais de 25 anos juntos, ainda presentes nesses fartos da vida.

Também vi alguns integrantes da banda punk escocesa The Gimme Gimme Gimmes, curtindo o tributo brasileiro ao rock'n'roll!

Repertório

- Hey Boy
- Não Vá Se Perder Por Aí
- Tecnicolor
- Beijo Exagerado
- Portugal de Navio
- Fuga Nº II
- 2001
- It's Very Nice Pra Xuxu
- El Justiciero
- Cantor de Mambo
- Baby

- Vida de Cachorro
- Dunne Buggy
- Qualquer Bobagem
- Balada do Louco
- Top Top
- Jardim Elétrico
- Ando Meio Desligado
- A Hora e a Vez do Cabelo Nascer
- Minha Menina
- Posso Perder Minha Mulher, Minha Mãe, Desde Que Eu Tenha o Rock and Roll
- Panis et Circenses

Formação:

- Júlia Ferrari – voz
- Dado Nunes – contrabaixo
- Rodrigo Txotxa – bateria
- Tarso Jones – teclado
- Gabriel Lourenço – guitarra

Grace Slick

Fiz questão de registrar minha satisfação ao conseguir essa edição inglesa de 1980 do álbum *Conspicuous Only In Its Absence*, de Grace Slick & The Great Society, que adquiri nas estantes de discos da Infinu.

Esse disco é ouro para quem curte Mutantes e psicodelia. The Great Society foi a primeira banda de Grace Slick antes do Jefferson Airplane, 1965–66 em São Francisco. As duas músicas que virariam hinos do verão de 1967, "White Rabbit" e "Somebody to Love", nasceram aqui. Ou seja, é a matriz direta do som que influenciou os Mutantes no *Divino Maravilhoso*.

Outubro – O Conic e a cortina da eternidade

8 de outubro – O Conic e a Cortina da Eternidade

O capitalismo covarde compra por cinco dólares o voto de suas próprias vítimas.

O Conic se transformou numa figura de contenção da realidade em seu espetáculo mais espatafúrdio. Continua sendo um arrabalde que nos atrai para trás das coisas que nos seduzem: o colecionismo, o sexo, os discos, os livros, as histórias que ainda resistem nas esquinas.

O colecionismo continua impondo uma caça aos dias de verdade. É preciso procurar aquilo que ainda não morreu. O sexo, por sua vez, age ardente na noite, como se soubesse que a madrugada é sempre uma forma provisória de eternidade.

A Kingdom Comics foi a primeira que vi abandonar a loja física para vender suas coleções pela internet. Depois veio a loja de instrumentos musicais da esquina. E hoje percebi mais uma lacuna: a butique de roupas e calçados da esquina evaporou.

Ficaram os poucos restaurantes do almoço. Os sebos resistem como podem. A Barbearia Caracóis permanece ali, como se cortar cabelos fosse também uma maneira de cortar o tempo — aparar os excessos dos anos enquanto o próprio Conic envelhece diante de nós.

Mas parece que a cortina da eternidade vai fechando o tempo e, em breve, todos seremos engolidos por alguma coisa que ainda não sabemos nomear.

A que se atribui tamanha ação de desprezo?

Somente os bons compositores poderão arbitrar os fatos próximos da poesia, se é que ainda existe alguma poesia capaz de explicar o que acontece.

O Conic de hoje é uma prisão de segurança máxima sem presos políticos e sem os criminosos dos temíveis comandos da capital. As grades proliferam por todos os lados. É um fato curioso dessa ocupação que chegou até onde não podia mais chegar — e ninguém sabe por quanto tempo ainda permanecerá ali.

E quando for embora, o cenário será ainda mais desastroso.

É uma combinação do futuro que traz lágrimas. Uma destruição silenciosa que ocorre nas capitais enquanto o capital observa, calcula, lucra e espera.

A cada dia o condomínio fica mais caro. A cada dia fica mais difícil vender. A cada dia alguma coisa desaparece.

Berlin Discos, Filial do Rock, FunHouse, o Mercadinho do Natinho e a Barbearia Caracóis ainda oferecem alguma forma de resistência cotidiana. Uns através dos discos, outros da comida, outros dos encontros e outros simplesmente mantendo as portas abertas para que o Conic continue sendo um lugar onde as pessoas ainda possam chegar.

Talvez seja isso que tenha restado do Conic: alguns lugares onde ainda se pode entrar, conversar, tomar um café, cortar o cabelo, procurar um disco e fingir, por alguns minutos, que o tempo não está fechando a porta.

Crônica de garimpo

Zé, ou José Pereira, da Filial do Rock, é apaixonado por duas ou mais coisas — entre elas, comprar e vender discos e torcer pelo Flamengo. É um dos últimos praças que ainda podem lhe oferecer um café com biscoitos de queijo enquanto você procura alguma coisa nas prateleiras.

Zé entende a fissura colecionista de um beatlemaníaco. Sabe que o sujeito entra numa loja atrás de um disco e pode sair de lá carregando outro completamente diferente, porque o garimpo tem dessas coisas.

Na sua loja, levei o primeiro álbum dos Wings, de 1971: *Wild Life*. Não era a edição original, mas a edição dupla de colecionador de 2018, quando as coisas já começavam a ruir economicamente e, mais adiante, seríamos atacados pela epidemia que mudaria tanta coisa.

E, sem tirar os pés da loja, ainda encontrei o compacto simples de “Do They Know It's Christmas?”, de 1984, do Band Aid — aquele lançamento feito para arrecadar dinheiro e chamar a atenção do mundo para a fome na Etiópia.

O legal de ir ao sebo é que você sempre constata que deixou de comprar alguma coisa décadas atrás.

O tempo passa, os discos continuam aparecendo e a nossa longa vida sempre nos permite conversas voltadas para o dia de amanhã. Afinal, nunca se sabe quando será a última

vez que você entrou numa loja, tomou um café, encontrou um disco que ama e saiu de lá levando um pedaço do passado debaixo do braço.

Filial do Rock – 61 98679-5400

Luis Moreira e a FunHouse

O papo com Luis Moreira é mais político, mais amargo, mas nunca deixa de preservar a luta que ele trava no Conic com suas feiras de discos.

Ouvir os lojistas é perceber onde você anda, por onde circula e em que lugar está pisando. Cada conversa ajuda a entender um pouco mais o território.

Na loja do Luis, vi um par de CDs das Breeders. Mas será que minha filha sabe quem foram as Breeders?

A FunHouse segue a ideia do próprio nome: é um amontoado de coisas legais, onde você pode encontrar a peça que faltava para completar o seu quebra-cabeças. É preciso olhar, mexer, procurar e deixar que o acaso também trabalhe.

Luis Moreira me convida para a próxima feira. E eu vou, porque ali sou sempre bem recebido. A feira acontece no Conic, no dia 10 de outubro de 2026, celebrando dez anos de sua estreia.

FunHouse Discos – (61) 3225-7489 / 61 98116-7574

Natinho, o guru das ruas

No Conic, todo mundo é uma referência cultural do underground, mas Natinho é um guru das ruas e da moda das camisetas. É um capo, um artista marginal na melhor das correntes, daqueles que unem os elos de Afonso Brazza e de Mário Pazcheco.

Eu uso as camisetas do Mercado do Natinho como se fossem minha terceira pele – aquela que nos protege do sol e dos maus-olhados.

Natinho me forra de pôsteres promocionais de sua loja. Fala da vida, da luta e da arte. Depois me mostra seus últimos versos, cuja inspiração é o próprio Conic: cena radiofônica e imagens fortes sob o concreto da vila.

Na saída, avistei uma foto de Natinho, de abril de 1986, durante um concerto de rock na Praça do Congresso, vendendo suas camisetas e ostentando um dos maiores topetes daquele ano vibrante.

Quase quarenta anos depois, ele continua ali. A camiseta mudou de corpo, o Conic mudou de cara, mas a rua ainda reconhece os seus.

Mercadinho do Natinho – 61 99209-7491

Fragmentos do cotidiano, da amizade e da contracultura

Os textos a seguir são pequenas peças que ajudam a compor o retrato do ano. Alguns são anotações de convivência; outros, episódios de humor, irritação e observação da cena. Não precisam ser transformados em grandes crônicas: sua força está justamente na brevidade e no veneno.

Uma oração pelo Do Próprio Bol$o

Oh, Senhor,

ilumine-me
para que os contos

Do Próprio Bol$o continuem

ácidos, engraçados e,

acima de tudo, verídicos.
  Que as memórias preservem

minha linguagem,

meu sarcasmo,

o absurdo e aquela

espontaneidade que dá vida

às histórias e não pode

se perder no caminho.
  Que a memória nunca se

transforme em documento engessado,

nem a história perca a graça.
  Que cada conto conserve o cheiro,

a sujeira, a ironia, a irreverência

e a maluquice dos acontecimentos.
  Afinal, há momentos em que

a realidade é tão absurda que

inventar qualquer coisa seria

apenas estragá-la.
  “Descubra
o que você

gosta e

vá em frente

com tudo,

como um trem.”

— Jimmy Page

Johnny Kaolho

Com tanta mulher no mundo, Johnny Kaolho foi logo cantar a minha prima — que, por sinal, é casada. Passei então a temer pelas porradas que ele poderia levar do marido dela.

Mesmo assim, Johnny apareceu na festa e resolveu fazer uma crítica justamente para a pessoa errada: a mais fofoqueira de todas. Reclamou que eu não pagava cachê. Ela não pensou duas vezes:

— Ele dá a aparelhagem, a casa e a cerveja. Vá reclamar para o Mário!

Foi assim que fiquei sabendo, pela boca dos outros, dos dois furos de Johnny Kaolho: o interesse pela minha prima e a reclamação sobre o cachê.

Esse foi o motivo de eu bloquear Kaolho no Facebook.

Mas nem isso adiantou. Mesmo bloqueado, ele continuou aparecendo nas festas.

— E AÍ, GALERA!

Jão Zinho: a saga

Jão Zinho era um bom menino, branco e rico, e queria se encostar para desenvolver seus corres.

Eu, que não era mula e ainda era novo e mais esquentado, meti um pé na bunda do Jão Zinho que ele foi parar na Lua.

Depois, ficou me maldizendo no Facebook — porque o Instagram ainda nem existia.

Kkk.

Rock 'n' roll hell

Alguns atos de educação acabam sendo constrangedores por pura educação. Fiz o convite:

— Vai ter um rock lá em casa. Pinta lá!

Veio a pergunta:

— Quem vai tocar?

— O diabo!

O cara ficou sem palavras. Então emendei:

— Pinta lá. Vai ser legal!

Tem gente que não se enxerga: Ary de Aristides, ou o Tíde

É um pé no saco!

Aparece para tocar:

- sem extensão;
- sem palheta;
- sem transformador;

- sem pilha;
- sem bateria;
- sem cabo;
- sem amplificador.

E ainda pede uma tomada de 100 volts no meio do cerrado.

Depois, joga na minha cara que sou eu quem trato mal as pessoas.

A porta vermelha do purgatório do Conic

Conic... histórias que a gente ouve... e nunca esquece.

A porta de ferro vermelha do Purgatório do Conic fica exatamente em frente ao Bar e Restaurante Fortaleza Grill, há 44 anos um dos pontos mais tradicionais do Conic. Nossa mesa preferida costumava ficar de frente para aquela porta. Ali nos reuníamos quatro ou cinco dos frequentadores mais assíduos do pedaço, entre cervejas, conversas e histórias.

Confesso, porém, que depois de ouvir uma certa história passei a evitar aquele lugar.

Diziam que, quando os pastores da Igreja Universal não conseguiam expulsar um demônio durante uma sessão de exorcismo, o possuído era conduzido até aquela porta e lançado para o outro lado, bem no meio da viela.

Pode parecer absurdo. Talvez fosse apenas mais uma das muitas lendas urbanas que circulam pelo Conic. Mas a verdade é que até os mais céticos entre nós passaram a beber olhando de soslaio para a porta vermelha, desconfiados de que, a qualquer momento, ela pudesse se abrir e alguém surgisse dali, supostamente possuído pelo próprio cão.

PQP! Blues – cadê o blues?

Houve muitos blues na esbórnia. Colei muitos selos de cigarro. Outro dia, Fellipe CDC me escalou para falar da cena blues de Brasília. Me deu um arrepio n'alma. PQP!

Para mim, o blues em português começou em 1984, na Baratos Afins, com o LP do Ave de Veludo. Pelo menos, foi o primeiro disco que ouvi inteiramente dedicado ao blues em português. Antes, existiam uma banda no Rio de Janeiro, outra no Sul e, em São Paulo, a Bagga’s Guru, que era rock blues.

PQP duas vezes! Onde vou encontrar um bluesman genuíno em Brasília? E que não fique tocando – e tocando mal – aqueles números manjados de blues que me fazem doer a barriga?

Cadê o blues, então?

BUM! Me lembrei de Gil Gilberto. A única guitarra blues que ouvi em Brasília.

Leitura final de 2026

O material de 2026 tem uma característica que merece ser preservada: a alternância entre textos de fôlego e fragmentos quase instantâneos. De um lado, a extensa narrativa da Noite dos Ciganos, o Folk Festival, o Top Top e a memória do Conic. De outro, as pequenas histórias de Johnny Kaolho, Jão Zinho, Tíde, a porta vermelha e o blues que parece não existir em Brasília.

Essa alternância não é defeito de organização. É parte da linguagem do Do Próprio Bol$o. O memorial não precisa transformar tudo em capítulos solenes. As anotações curtas também contam a história porque revelam o cotidiano, o humor, os conflitos e as relações que sustentam a vida cultural.

Três eixos se destacam:

1. **A permanência do rock como forma de vida:** os 44 anos do DPP, a Noite dos Ciganos, o Folk Festival, o tributo aos Mutantes e a convivência musical na Chácara.

2. **A memória como patrimônio em movimento:** a minissérie *Discos voadores na estante*, o Museu do Rock, as fitas de vídeo, o canal do YouTube, os discos e a documentação do Conic.

3. **A vida depois do relógio:** a aposentadoria, o tempo livre, as preocupações com a saúde, a casa, os animais, os amigos e a tentativa de equilibrar a vida sem abandonar a inquietação.

O texto mais extenso do ano, **"A Noite dos Ciganos"**, funciona como coração do capítulo. Ali estão a filosofia do amadorismo, a generosidade dos músicos, as dificuldades materiais, a crítica à profissionalização vazia e a celebração dos trinta anos de encontros na Chácara Pacheco. É também uma espécie de declaração de princípios do DPP.

"De Jornal do Rock a Museu do Rock" merece ser lido em diálogo com a minissérie *Discos voadores na estante*. Os dois textos revelam a mudança de relação com o acervo: ele continua sendo uma paixão, mas o colecionador já não quer passar a vida inteira justificando sua existência ou oferecendo tudo o que guardou a quem não reconhece o trabalho envolvido.

Já **"O Conic e a Cortina da Eternidade"** tem valor especial para a história de Brasília. Não é apenas uma crônica sobre lojas que fecham. É o registro de um território cultural que vai perdendo seus pontos de encontro, seus comerciantes, seus sebos e suas pequenas referências cotidianas. A visita à Filial do Rock, à FunHouse e ao Mercadinho do Natinho dá corpo a essa memória.

O ano também registra uma mudança na relação com a própria imagem. O canal do YouTube é reativado, os vídeos passam a integrar um arquivo pessoal e a trajetória do colecionador ganha uma minissérie. O documentário que antes era um sonho começa a ser substituído por uma produção feita pelo próprio autor: vídeos, registros, depoimentos e fragmentos.

Aparece, ainda, uma questão importante: o que fazer com tudo aquilo que foi acumulado? O violão Del Vecchio, o *Sgt. Pepper's* original, as fitas de Arnaldo e a Patrulha do Espaço, os discos, as revistas, os vídeos e as fotografias não são apenas objetos. São partes de uma vida que não cabe num inventário.

Por isso, 2026 não deve ser apresentado como um ano de balanço tranquilo. É um ano de trabalho, inquietação, enfrentamento e escolhas. O autor quer continuar produzindo, mas não quer mais carregar sozinho todas as obrigações que inventaram para quem mantém uma casa cultural independente. Quer preservar, mas sem transformar a memória numa repartição pública. Quer tocar, mas não quer que a música vire uma fatura.

O título que melhor reúne esse espírito é:

2026 — Quarenta e quatro anos sem baixar a cabeça

O ano termina sem uma conclusão definitiva. O Museu do Rock continua poeirento, o Conic continua ameaçado, as fitas ainda esperam pela digitalização, os discos continuam aparecendo e a Chácara continua recebendo músicos. O arquivo segue crescendo, mas a vida não se deixa organizar inteiramente por ele.



FIM – Que os vestígios sigam fazendo seu trabalho silencioso.